ANUARIO
BRASILEIRO
DE LITERATURA
1943 194
FOGO MORTO
VAGA MÚSICA
O RESTO É SILÊNCIO
terras do SEM FIM
POESIAS
FORMAÇÃO DO BRASIL CONTEMPORÂNEO
CAIO PRADO JUNIOR
OBRAS COMPLETAS DE RUI BARBOSA
AUTOBIOGRAFIA
RONDINELLA
CASTRO ALVES
Um passeio pela Cidade do Rio de Janeiro

Anuario Brasileiro de Literatura

Fundado pelos IRMÃOS PONGETTI
Registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda

APRESENTA:

- Trabalhos Originais
- Crítica
- Artes Plásticas
- Resenha Internacional
- Informações Literárias
- Panorama Intelectual nos Estados
- Movimento Editorial
- Bibliografia

ORGANIZAÇÃO DE:

- Bandeira Duarte
- Claudio Ganns
- Francisco de Assis Barbosa
- Galeão Coutinho
- J. Gomes da Rocha
- Jacy Rego Barros
- Pedro Pinto de Souza
- Rubens Borba de Moraes
- Zelio Valvêrde

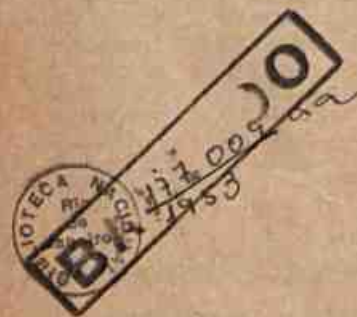
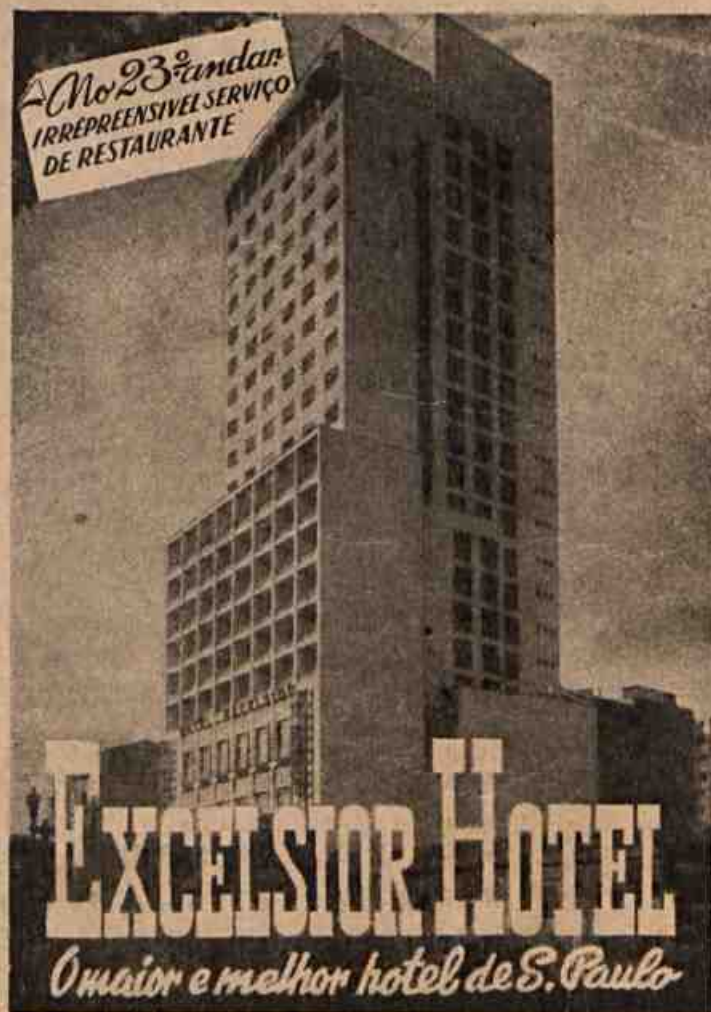
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DO LAVRADIO, 60
Rio de Janeiro — Brasil

PROPRIEDADE DA LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE

NOSSA CAPA

Assina a capa deste número o conhecido pintor e ilustrador Errico Bianco, figura das mais notáveis da nova geração de artistas.

Figurando um prelo, de onde sáem os principais livros publicados no biênio de 1942-1943, a nossa capa é uma homenagem ao progresso da indústria editorial brasileira.

A nova fase do "Anuário"

O ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA foi fundado em 1937 pelos Irmãos Pongetti. Publicação de carater cultural, visando focalizar o panorama intelectual brasileiro, não só das grandes capitais, mas de todo o Brasil, o ANUÁRIO logo se impôs no conceito do público. Em 1943 sua periodicidade foi entretanto interrompida, devido às dificuldades provenientes do conflito internacional, dentre as quais a maior de todas se liga, sem duvida, ao fenômeno do encarecimento do papel.

É êste o primeiro número que circula com a chancela do editor Zélio Valverde. Não será preciso repetir aqui as dificuldades sem conta que foram vencidas na sua confecção. Em primeiro lugar, quisemos apresentar aos leitores um resumo informativo, o mais completo possível, do nosso movimento cultural, sem esquecer evidentemente a vida intelectual da província. Parece que satisfizemos, de certo modo, o nosso objetivo. Com o intuito de não quebrar a continuidade do ANUÁRIO, decidimos reunir num só volume os anos de 1942 e 1943. Dentro de alguns meses, contamos publicar mais um volume, o referente ao ano de 1944.

Não quisemos de forma alguma ficar à margem dos acontecimentos políticos que abalaram os anos de 1942 e 1943. Foram anos decisivos para a humanidade, cuja impressão há de perdurar na vida dos povos, marcando o momento grandioso em que se decidiu a fase da transição da maior guerra do mundo: a guerra entre as forças do fascismo e as forças da democracia. Dois anos de guerra que mudaram a face do mundo, época de completa renovação nos valores mesmos da estratégia militar e política, de mudança nos aspectos da vida quotidiana e de integração de novas forças e novas experiências na ciência, na indústria, na diplomacia, no jornalismo e na literatura.

Esperamos receber do público o mesmo acolhimento dispensado aos Irmãos Pongetti. Com o apoio do público, o ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA continuará sendo o que sempre foi: uma publicação vitoriosa.

MARCOS LITERÁRIOS

que revelam o elevado critério editorial da

Livraria do Globo

A partir de 1930 - quando foi reorganizada em moldes modernos a Secção Editora - eis algumas Edições Globo que marcaram época na história do movimento editorial brasileiro:

1931 REGRESSANDO DA GUERRA, *de Erich Maria Remarque*. O grande sucesso da época. Um livro que foi o digno sucessor de "Nada de Novo no Front". Remarque é, ainda hoje, escritor de vasto público em nosso país. (Livro esgotado).

1932 NAPOLEÃO, *de Emil Ludwig*. A biografia clássica e definitiva de Napoleão. Obra premiada pela Academia Francesa e considerada o melhor trabalho do mestre dos biógrafos. Obra que despertou, no Brasil, o gôsto pela biografia. Atualmente em 7.ª edição.

1933 O FALECIDO MATIAS PASCAL, *de Luigi Pirandello*. Pirandello, Papini e outros grandes nomes da literatura italiana foram lançados pela Livraria do Globo. Pirandello, hoje universalmente célebre, conquistou em 1934 o Prêmio Nobel. Um dos marcos iniciais da Coleção Nobel.

1934 CONTRAPONTO, *de Aldous Huxley*. Um arrojado empreendimento editorial, que, na época, sensacionalizou nossos círculos literários. Dez anos depois, "Contraponto" continua sendo um dos grandes títulos do catálogo Globo.

1935 O LIVRO DE SAN MICHELE, *de Axel Munthe*. Eis um livro que foi um dos grandes sucessos do século — precursor de tôda a literatura romanceada em tôrno dos médicos e da medicina. Atualmente em 8.ª edição.

1936 OS SILÊNCIOS DO CORONEL BRAMBLE, *de André Maurois*. Na época, foi uma obra que despertou enorme curiosidade. E hoje, como em 1917, quando novamente os inglêses combatem em solo francês, êste livro oportuno está sendo relido com redobrado interêsse.

1937 CHINA, VELHA CHINA, *de Pearl S. Buck*. Quando o Japão lançou-se contra a China, êste livro foi publicado entre nós, contribuindo para despertar simpatias pela causa heróica de Chiang-Kai-Chek. Pearl Buck é o maior valor feminino da literatura moderna. Obteve os Prêmios Nobel e Pulitzer.

1938 OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO, *de Erico Verissimo*. Indiscutivelmente o aparecimento dêste livro constituiu um grande acontecimento literário nacional. O romance de Erico Verissimo que obteve o maior sucesso de crítica e de livraria: 11.ª edição, 47.º milheiro.

1939 SERVIDÃO HUMANA, *de W. Somerset Maugham*. Considerado um dos cinco maiores romances do século, verdadeiro clássico da literatura moderna. Obra grandiosa, de forte realismo e admirável expressão artística.

1940 ADEUS, MR. CHIPS, *de James Hilton*. Hilton, Steinbeck, Bromfield, Mansfield, Galsworthy — eis alguns grandes nomes lançados nesse ano. A novela de Hilton foi, talvez, a que mais emocionou o público, de norte a sul do país.

1941 JEAN CHRISTOPHE, *de Romain Rolland*. Uma obra-prima que figura entre as maiores obras de ficção de todos os tempos. Prêmio Nobel de literatura. Renovou, em nosso meio, o interêsse pela moderna literatura francesa.

1942 GUERRA E PAZ, *de Leon Tolstoi*. A epopéia de um povo e a sublimação artística de um escritor. Classificado por muitos críticos como "o maior romance jamais escrito". Um dos grandes marcos da Biblioteca dos Séculos.

1943 OS THIBAULT, *de Roger Martin du Gard*. Mais um Prêmio Nobel, verdadeiro monumento da moderna literatura francesa. A crítica apontou êste livro como a melhor tradução do ano — índice que revela o cuidado e o capricho das traduções que possuem o sêlo Globo.

1944 POESIA E PROSA, *de Edgar Allan Poe*. Poe, junto com Whitman, forma a maior dupla da poesia continental. Esta é, portanto, uma obra de cultura e erudição e, ao mesmo tempo, um dos mais sérios empreendimentos editoriais já levados a efeito em nosso país.

Pedidos às livrarias ou pelo Reembôlso Postal, sem aumento de despesa

EDIÇÕES DA LIVRARIA DO GLOBO - ANDRADAS, 1416

——— PÔRTO ALEGRE ———

AGENTES DEPOSITÁRIOS EM TODOS OS ESTADOS
DEPOSITO-FILIAL NO RIO DE JANEIRO: RUA DO COSTA, 127-B

RESENHA INTERNACIONAL

1942

JANEIRO — Continuam os reveses do Exército Alemão na frente oriental. O Fuehrer demite os generais Rundstedt, Leeb, Bock, von Keitel (dizem os jornais), em conseqüência do fracasso dos mesmos na direção da guerra nazista. — Os alemães destruiram grande parte de Iasnaia Poliana, a casa de Tolstoi, a santa residência, objeto de culto do povo soviético. Os "boches" violaram a casa, a escola, tudo fizeram para destruir o lugar onde Tolstoi escreveu "Guerra e Paz" e "Ana Karenina". A família do grande romancista ofereceu-se para restaurar Iasnaia Poliana ou substituir o que foi destruido e danificado, numa carta que comoveu o mundo inteiro. — Um acontecimento importantíssimo na história das Américas: inaugura-se no Rio de Janeiro a III Reunião de Consulta dos Chanceleres, fato de significação para a segurança continental e para a preparação das Américas perante a ameaça do nazismo. — O Rio presta muita atenção ao Burro Canário. — Os italianos livres, residentes no Brasil, lançam um manifesto contra o fascismo. — O Brasil rompe com os países do Eixo. E' o início da primeira fase de uma luta mais ampla contra o nazi-fascismo. — Lindberg, o isolacionista, que anunciara em 1940 a vitória da Alemanha e a fraqueza da arma aérea soviética, foi vaiado em Nova Yor . Mr. Ford lamenta o acontecido. E manda um bilhetinho de consolo ao ex-herói. Convida-o para visitar Detroit. — Outro convite: o de Hitler para Boris, rei da Bulgária, vir conferenciar no Q. G. do Fuehrer. — Mac-Arthur é condecorado pela resistência nas Filipinas. — Os alemães não estão muito satisfeitos na Russia e Hitler tenta esconder o tamanho do desastre. Continua demitindo generais. — Escritores alemães, residentes nos Estados Unidos, publicam um manifesto contra o nazismo. — Chega ao Rio de Janeiro a Companhia Louis Jouvet.

FEVEREIRO — Orson Welles está no Rio. — Suicida-se em Petrópolis o escritor Stefan Zweig. Seu corpo, como o de sua companheira, foi encontrado no quarto de dormir. Verifica-se depois um mal entendido. A carta, que deixou explicando a sua morte, aparece incompleta e adulterada na imprensa. O tradutor deu um sentido muito diverso do que pretendia dizer o suicida. Acusam o Sr. Claudio de Sousa, o tradutor. — Chiang-Kai-She visita Gandhi, na India. — No mar das Caraibas, são torpedeados dois navios brasileiros: o "Buarque" e o "Olinda". — Sensacionais declarações do chanceler Ezequiel Padilla sôbre o ataque dos submarinos germânicos ao "Aruba". — Discute-se ainda a respeito das "Cartas Chilenas".

MARÇO — Em Ankara, um atentado contra von Papen. Uma bomba. Cidadãos russos são acusados e presos. Suspeita-se que seja uma simples manobra alemã. — O cantor José Mojica toma o hábito de monge. — O deputado argentino Damonte Taborda faz importantes revelações sôbre as atividades da 5.ª coluna no seu país. — Falece em Miami o milionário Vanderbilt. — Morre, logo em seguida, o derrotado Duque de Aosta, ex-vice-rei da Etiópia, prisioneiro dos inglêses. — O processo de Riom chama a atenção do mundo. Hitler não parece satisfeito com o rumo que o processo vai tomando. — E' assassinado em Paris o líder trabalhista Gabriel Peri, que morreu cantando a Marselhesa. — Um acontecimento significativo na vida jornalística brasileira: realiza-se um grande banquete, no Automovel Clube, por ocasião do 5.º aniversário da revista democrática "Diretrizes". Compareceram cêrca de 500 comensais, entre escritores, jornalistas, professores, médicos, artistas, advogados, etc. O orador oficial foi José Lins do Rego. — Prisão de um dos chefes da espionagem alemã no Brasil, o nazista Koening. — Hitler faz anos, com o seu Exército atolado no inverno russo. — Em entrevista, o Sr. Antonio Carlos declara que o exemplo do Marechal Pétain não deve ser imitado. — Hitler fala. Seu discurso tenta justificar as derrotas na Russia; pede o consentimento do Reich para dispor livremente da vida dos cidadãos da "Grande Alemanha". Goering pede a resposta aos "deputados" que berram histericamente — Sim! Sim! — E foge da Alemanha o General Giraud. Fuga inexplicável!

ABRIL — Os professores, na fria e insubmissa Noruega, não comparecem mais às escolas. Greve contra os nazistas. — O velho político liberal J. J. Seabra concede a sua derradeira entrevista, considerada como o seu "testamento político". "O mundo não pode viver sem liberdade", proclama Seabra. — Pétain publica, em Vichy, um livro de discursos. — Na Itália, o Príncipe Umberto assume o comando das fôrças armadas do centro e do sul do desgraçado país que os fascistas dominam. — Laval toma conta dos "negócios públicos" de Vichy, segundo noticiam os jornais. O traidor chega a Vichy sob uma enorme escolta policial. O silêncio, a repugnância e o ódio com que é recebido mostram a "popularidade" do cínico colaboracionista. — Comemora-se o centenário de Antero de Quental.

MAIO — Em Salzburgo, um encontro entre Hitler e Mussolini. — A Hungria rompe com o Brasil. — Heidrich, o carrasco nazista, chega a Paris. — Os bacharéis brasileiros enviam ao presidente da República importante mensagem contra o fascismo. — Começa o levante dos guerrilheiros nos Balcãs. — Heidrich é assassinado na Tchecoeslováquia.

JUNHO — Os escritores brasileiros lançam ao país uma histórica Declaração de princípios contra o fascismo. — E' assinado um tratado de aliança entre a U.R.S.S. e a Inglaterra, acontecimento importantíssimo para o curso da guerra e para os destinos da democracia. — Queipo de Llano, o famigerado locutor franquista no tempo da Guerra Civil na Espanha, foi afastado de todos os seus cargos. Franco aborreceu-se com êle. — Continua a luta na África. Os alemães encontram-se na ofensiva no continente negro e na frente oriental. — Churchill viaja para os Estados Unidos. — Celebra-se um acôrdo soviético-norteamericano. Uma grande etapa para a decisão da guerra. — A arma aérea aliada começa a fazer bombardeios de grande envergadura sôbre a Alemanha. — Em virtude dos reveses britânicos na África, a posição de Churchill no govêrno sofre oscilações. — Queda de Tobruk. — O encontro Churchill-Roosevelt anuncia operações que aliviarão o pêso alemão na Russia. — Mais um navio brasileiro é torpedeado pelos alemães. E' este o décimo primeiro. — Prossegue a ofensiva alemã no Cáucaso. O mundo está suspenso diante do avanço. Resistirão os soviets? — Churchill vence a crise política na Inglaterra. — Aumenta com enorme vigor a campanha em prol da 2.ª frente. — Os ingleses reagem na África. Rommel sofre o primeiro recuo. — A batalha de El-Alamein decide a campanha da África. — A F.A.B. põe ao fundo um submarino alemão, nas costas brasileiras. — Um atentado em Buenos Aires contra o escritor Waldo Frank. Atentado fascista. — Os alemães caminham para Stalingrado. — Estável a batalha do Egito. Paira ainda a ameaça nazista sôbre Suez e Alexandria. — Em fase crítica a situação na Índia.

JULHO — Os acontecimentos da guerra pendem a favor da Alemanha. — A batalha do Cáucaso está no auge. — Gandhi e Nerhu foram presos na Índia.

AGÔSTO — Os norteamericanos em contra-ofensiva no Pacífico. — Churchill chega a Moscou. — Sete navios brasileiros foram torpedeados pelos corsários do Eixo, em águas brasileiras. O povo nas ruas pede a declaração de guerra. — O Brasil declara a guerra à Alemanha e à Itália. — Multidões nas cidades brasileiras enchem as ruas e as praças numa colossal desmonstração de repulsa ao fascismo. — O govêrno publica a nota de declaração de guerra. — A luta continua feroz na frente de Stalingrado. Resistirá a grande fortaleza do Volga? — O General Justo é recebido festivamente no Rio de Janeiro. — Presos os maiorais do Integralismo. Agita-se uma tremenda campanha contra os remanescentes do credo verde. — "Black-out" no Rio. — Wendell L. Wilkie chega a Moscou. As visitas de Churchill e Wilkie à U.R.S.S. são grandes acontecimentos.

SETEMBRO — A batalha de Stalingrado enche o mês. A guerra se decide na cidade do Volga. O Exército Alemão desencadeia o mais terrível ataque que jámais foi conhecido na história militar. O mundo suspenso.

OUTUBRO — Declarações de Wilkie sôbre a U.R.S.S. — Os alemães sentem que a batalha de Stalingrado está perdida.

NOVEMBRO — Graciliano Ramos completa 50 anos. Os intelectuais brasileiros oferecem um jantar ao grande romancista. Augusto Frederico Schmidt é o orador. — Falece D. Sebastião Leme. — Notícias tristes de Knut Hamsun. O povo mostra a sua repulsa a quem foi noutros tempos o grande escritor popular da Noruega. Por que? Porque o autor de "Pan" virou fascista e colabora com os inimigos do povo. — Por ocasião da entrega dos diplomas aos oficiais que concluiram o curso do Estado Maior do nosso Exército, o Cel. Estillac Leal profere um discurso de enorme repercussão em todo o país, pelo seu conteúdo patriótico e político. Afirma o orador a fé anti-fascista, pelo estudo dos problemas nacionais e pela forma como situa a posição do Brasil, do seu povo e do seu Exército em face do nazismo e do futuro do mundo. — Surge enfim no Rio o filme de Carlitos, "O Grande Ditador". — Glen M. Ruby, técnico em petróleo de fama universal, faz notáveis revelações acêrca da existência do petróleo no Brasil. Existe petróleo no Brasil, afirma êle. — Medidas do Cel. Etchegoyen, chefe de Polícia, contra o meretrício. — A R.A.F faz grandes estragos em Berlim. — A campanha da África vai indo bem. Tunis já está em poder dos aliados. — Vitória americana em Guadacanal. — Stalingrado vence o Exército Alemão. A ofensiva soviética de inverno tem início. — Morrem dois brasileiros de renome: Irineu Machado e Sampaio Corrêa.

DEZEMBRO — Incêndio da esquadra francesa em Toulon. Acontecimento que emocionou o mundo. — Eleições no Uruguai, para presidente da República. — Churchill fala e diz que a Itália vai sofrer horrores com os ataques aliados. Até render-se. — Falece J. J. Seabra. — Evacuação da Sicília. — A R.A.F bombardeia a Itália. — Os ministros do Exterior de Salazar e Franco encontram-se, trocam-se cumprimentos e impressões.

1943

JANEIRO — Prossegue a contra-ofensiva do Exército Vermelho. 200 mil soldados nazistas estão cercados em Stalingrado. — Na África, Rommel bate em retirada. — Falece o embaixador Afranio de Melo Franco. — Um curioso recenseamento de Minas Gerais, revela que só em Belo Horizonte existem 82 academias de letras, inclusive a academia dos defuntos. — O cêrco de Stalingrado atinge proporções cada vez mais trágicas. O mundo celebra a epopéia da cidade do Volga, como o maior feito militar da história. — Plinio Salgado tenta reaparecer, publicando uma "Vida de Cristo". — O Presidente Getulio Vargas encontra-se, na fronteira, com o Presidente Baldomir, do Uruguai. — Os Estados Unidos intervém na África. Desembarque de tropas norteamericanas em Mar-

rocos e Algéria. — A campanha da 2.ª frente cresce nos paises democráticos. — Inicia-se o grande bombardeio de Berlim. — Roosevelt e Churchill encontram-se em Casablanca. Churchill vai à Turquia. A conferência de Casablanca marca uma grande influência sôbre os rumos da guerra. — Termina a batalha de Stalingrado com a rendição de dezesseis generais alemães, inclusive o Mal. Von Paulus. Dezenas de milhares de soldados prisioneiros caminham, derrotados e tiritando, nas neves da invencivel Stalingrado, cujas ruinas mostram o que foi a imensa batalha de duas épocas, de duas correntes ideológicas, de dois regimes. A vitória de Stalingrado decidiu a sorte da guerra.

FEVEREIRO — O Exército Vermelho recaptura Rostov. — Mussolini faz radicais alterações no seu gabinete. Começa o declinio do Conde Ciano, que acaba de ser nomeado embaixador da Itália no Vaticano. — O Brasil adere à Carta do Atlântico. — Nova rede de espionagem nazista é descoberta no Rio. — Os alemães continuam em retirada na Russia. — Nova prisão de Gandhi na India. — Uma reportagem sensacional denuncia as criminosas atividades dos "gangsters" siderúrgicos, que exploravam a boa fé do povo.

MARÇO — Empossa-se a nova diretoria da Associação Brasileira de Escritores, presidida por Otavio Tarquinio de Sousa. — E' lançado no Brasil o livro do embaixador Davies, "Missão em Moscou". — Também circula em português "O Poder Soviético", da autoria do Deão de Canterbury. — Anthony Eden chega a Washington e Goering vai a Itália. — Discurso de Hitler, fraquinho. E Churchill fala sôbre as operações da guerra. — Na África, Montgomery rompe a Linha Mareth. — Sensacionalmente ganha a batalha da África pelos aliados. Rendição de generais italianos e germânicos. Rendição em massa de milhares de soldados e captura de copioso material de guerra.

ABRIL — O General Flores da Cunha é indultado. Na prisão, escreveu o conhecido politico as suas memórias, que ainda permanecem inéditas.

MAIO — Mussolini pede ajuda a Hitler. Aumenta a tragédia da Itália fascista. — O escritor Erico Verissimo move processo contra o Padre Fritzen por ter este sacerdote chamado imoral ao romance "O resto é silêncio", da autoria do criador de "Clarissa". — Sob a derrota esmagadora da África, Mussolini declara no Palácio Veneza que os italianos estão sofrendo do "mal da África". — Foi dissolvida a III Internacional, com a declaração de delegados dos paises comunistas. Tal fato constituiu uma sensação no mundo inteiro e abriu novas perspectivas no desenvolvimento da guerra e da união dos povos que lutam contra o nazi-fascismo. — Davies faz nova visita a Moscou e visita Stalingrado, a heróica. — De Gaulle e Giraud chegam a um aparente acôrdo sôbre questões da politica francesa. — Morre Lin-Sen, presidente da China. — São reveladas ao mundo as terriveis atrocidades nazis na Russia. — Movimento militar na Argentina: cai o govêrno Castillo; um grupo de militares assume o poder. — Milhares de operários em Roma vão ouvir o papa e pedem a paz. — De Gaulle e Giraud desentendem-se. — Caem as ilhas Pantelaria e Lampadosa, no Mditerrâneo.

JUNHO — O Papa dirigiu aos Bispos alemães uma mensagem sôbre a resistência contra as fôrças do mal. — Aderiu a De Gaulle a esquadra francesa de Alexandria. — O Egito reconhece o govêrno da U.R.S.S. — Assassinado na França o colaboracionista Boisson. — Com a união De Gaulle-Giraud ,em Argel, foram destituidos vários elementos considerados como antigos colaboracionistas. Peyrouton é o mais destado dêles. — O 1.º Regimento de Policia nazista praticou 44.330 assassinatos em território russo (afirmam as fontes oficiais de Moscou). — Volta o impasse entre Giraud e De Gaulle. — Os aliados ocupam duas ilhas no Mediterrâneo: Linosa e Lampeão. — Os estudantes brasileiros instalam o seu congresso nacional. Uma sessão de ampla significação democrática. Discutem teses e entre elas figura a questão da unidade para a luta contra o fascismo. — Os russos preparam-se para reiniciar a grande ofensiva de verão.

JULHO — Morre, num desastre de aviação, o chefe do govêrno polonês em Londres, General Sikorski. — Presos no Rio mais espiões alemães. — O General Giraud viaja para Washington. — O Conde Sforza concede uma entrevista à imprensa em tôrno da próxima invasão da Itália pelas fôrças aliadas. — Os russos marcham sôbre Kharkov. — Morreu Karl Landstein, o sábio que descobriu o método de classificação do sangue. Conquistou, por isso, o Prêmio Nobel em 1930. — Julgados e condenados os espiões nazistas no Brasil, inclusive alguns quintacolunistas de nacionalidade brasileira. — Desembarcam tropas aliadas na Sicilia. — Incêndio do Parc Royal, no Rio. — D. Jaime de Barros Camara é nomeado Arcebispo do Rio de Janeiro. — A ofensiva alemã na Russia, a grande esperança de Hitler, malogrou. A pesar das notaveis reservas de que dispõe, o Exército Nazista não pôde vencer a barreira de fogo que lhe frustra todos os objetivos. — A Sicilia nas mãos dos aliados. — O grande acontecimento: caiu Mussolini. Começa a desagregação politica do fascismo internacional. A queda de Mussolini significa a derrota da Itália fascista e o rompimento do Eixo Tóqui-Roma-Berlim. Badoglio forma o gabinete. — Deixa a chefatura de Policia do Rio o Coronel Alcides Etchegoyen, que é substituido pelo Tenente-Coronel Nelson de Melo.

AGÔSTO — O Marechal Stalin inicia as suas ordens do dia, que daqui por diante se tornarão famosas, significando as sucessivas vitórias do Exército Vermelho. "Morte ao invasor alemão!" — Kharkov está novamente em poder dos russos. — Encontro de Roosevelt e Churchill em Quebec. — Cêrco de Orel, pelos exércitos soviéticos. — Com a ocupação de Orel, dias depois, são reveladas terriveis atrocidades praticadas pelos nazis contra a população local. — Badoglio declara Roma cidade aberta.

SETEMBRO — A ofensiva soviética está em pleno desenvolvimento. Tangarong é evacuada e Poltava também. — Grandes agitações na Dinamarca contra o nazismo. O povo revolta-se contra as fôrças de ocupação. — Morreu o Rei Boris, da Bulgária. — A invasão da Itália, pelas fôrças aliadas, é um fato. Os soldados da democracia cruzaram o estreito de Messina e avançam agora sôbre a Calábria. — Prêso o Conde Ciano. — Incidente entre os Estados Unidos e a Argentina, em virtude da posição dêste país diante da guerra. — A situação dos nazis na frente oriental piora dia a dia. — Os alemães ocupam Roma e preparam-se para defender o território italiano. — A luta é terrível na Itália. Os aliados fincam pé em Nápoles. O general alemão Kesselring pede uma entrevista ao Papa, que recusa receber o comandante nazista. — Em menos de três dias, o Exército soviético libertou milhares de povoações russas. Dizem os jornais de Moscou que a rota de Napoleão está aberta às tropas nacionais. — Prestes a embarcar para a Europa o primeiro contingente do Corpo Expedicionário Brasileiro. — As tropas de Rokossovski libertam Smolenki.

OUTUBRO — A luta pela conquista de Nápoles está no auge. — Cresce no mundo democrático a campanha contra Badoglio. — O bombardeio sôbre Berlim assume proporções gigantescas. A arma aérea aliada não deixa em sossego um só instante as áreas industriais do Reich.

NOVEMBRO — Mihailovitch é acusado de estar ao lado dos nazistas. — Kiev reconquistada. São espantosas as destruições feitas pelos nazistas na histórica cidade. — A Conferência de Moscou, onde se reuniram Eden, Cordell Hull e Molotov, enche o noticiário dos jornais. — Posto em liberdade o casal Mosley. O marido era chefe fascista na Inglaterra. O povo faz demonstrações de desagrado contra a soltura daquêle que seria o Quisling inglês. — Avançam as tropas aliadas na Itália.

DEZEMBRO — Sensacional reportagem de Joel Silveira sôbre os gran-finos em São Paulo. — Em Teerã, o encontro de Roosevelt, Churchill e Stalin. — Acôrdo entre a Tchecoeslováquia e a U.R.S.S. O presidente Benes encontra-se em Moscou. — Cada vez mais em evidência os bravos guerrilheiros tchecos, sob o comando de Tito. — Movimento revolucionário na Bolívia; caiu o govêrno do general Peñaranda. — Após julgamento público, foram enforcados quatro assassinos nazistas, autores de milhares de mortes no território russo. O castigo se deu em Kharkov, de acôrdo com o que ficou estabelecido na Conferência de Moscou. — Natal. Fala o Papa. Roosevelt também discursa sôbre os resultados das conferências do Cairo e de Teerã. — Vatutin é o herói das últimas ofensivas soviéticas pela libertação completa de sua pátria. — Intensifica-se a preparação para a abertura da Segunda Frente.

Endereços de intelectuais

A lista de endereços de intelectuais do Rio de Janeiro e dos Estados não é certamente completa. Há muitas omissões, algumas possìvelmente imperdoáveis. No entanto, tal como vai, esta lista significa um esfôrço apreciável dos organizadores do ANUÁRIO, que tudo fizeram afim de fornecer os endereços, cuja consulta permanente se torna cada vez mais necessária. Pedimos aos nossos leitores do Rio e dos Estados que nos auxiliem para a atualização desta lista, fornecendo novos elementos informatíveis. Será êste um favor que muito agradeceríamos.

DISTRITO FEDERAL

— A —

A. Acioli Neto — "O Cruzeiro" — Rua do Livramento, 191.
Abgar Renault — Avenida Epitácio Pessoa, 744.
A. Carneiro Leão — Rua Prudente de Morais, 218 (Ipanema).
Adelmar Tavares — Rua Raimundo Correia, 70 (Copacabana).
Ademar Vidal — Rua Otaviano Hudson, 26 (Copacabana).
Adolfo Aizen — "Contos Magazine" — Rua Sacadura Cabral, 43.
Adonias Filho — Editora "Ocidente" — Rua Alvaro Alvim 33, 13.°, sala 1.326.
Afonso Arinos de Melo Franco — Rua Anita Garibaldi, 19 (Copacabana).
Afonso de Carvalho — "Nação Armada" — Rua Alvaro Alvim, 33.
Afonso Costa — Rua Correia Dutra, 24, apt.° 13.
Afonso Pena Júnior — Rua Pereira da Silva, 220 (Laranjeiras).
Afrânio Peixoto — Rua Paissandú, 149 (Flamengo).
Agrippino Grieco — Rua Aristides Caire, 86 (Meier).
Aidano do Couto Ferraz — Ministério da Educação e Saúde — Serviço de Rádio-Difusão.
Alceu Amoroso Lima — Rua D. Mariana, 149 (Botafogo)
Alceu Marinho Rêgo — Rua Barão de Ipanema, 43, apt.° 9 (Copacabana).
Alfredo Pessoa — Associação Brasileira de Imprensa
Almir de Andrade — Avenida Delfim Moreira, 1212, apt.° 5 (Leblon).
Aloisio de Castro — Rua D. Mariana, 18 (Botafogo)
Alvarus de Oliveira — Rua Senador Alencar, 194, casa IV.
Alvaro Bomilcar — Rua do Bispo, 232 (Rio Comprido).
Alvaro Lins — Rua Duvivier, 18, apt.° 502 (Copacabana).
Alvaro Moreyra — Rua Xavier da Silveira, 99 (Copacabana).
Amando Fontes — Rua Almirante Gomes Pereira, 142 (Urca).
Américo Facó — Rua Rumânia, 14 (Laranjeiras).
Américo Jacobina Lacombe — Rua 19 de Fevereiro, 105 (Botafogo).
Américo Palha — Rua São Francisco Xavier, 368, apt.° 2.
Amilcar Botelho de Magalhães —Rua Buarque de Macedo, 5, apt.° 92 (Flamengo).
Amilcar Dutra de Menezes — D. I. P.
Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça — Rua Marquês de Abrantes, 189 (Flamengo).
Andrade Murici — Rua Pires de Almeida 15, apt.° 94 (Laranjeiras).
André Carrazzoni — Rua Pires de Almeida, 8, apt.° 1 (Laranjeiras).
Angione Costa — Rua Rita Ludolf, 83 (Leblon).
Anibal Freire — Rua Laranjeiras, 744, apt.° 501.
Anibal M. Machado — Rua Visconde de Pirajá, 487 (Ipanema).
Antenor Nascentes — Rua Ernesto de Souza, 60-A (Grajaú).
Antonio Austregésilo — Rua Princesa Isabel, 10 (Leme).
Antonio Bento — Seção de Copyright do DIP — Palácio Tiradentes.
Antonio Caetano Dias — Instituto Nacional do Livro.
Antonio Carlos Machado — "A Noite" — Praça Mauá, 7, 3.° and.
Antonio Franca — Instituto Nacional do Livro.
Antonio Gontijo de Carvalho — Avenida N. S. de Copacabana, 256.
Antonio J. Chediak — A./c. da Livraria Zelio Valverde.
Antonio Rangel Bandeira — Rua Ibitara, 198, apt.° 201 (Cosme Velho).
Aparicio Toreli (Aporeli) — Estrada do Engenho, 368 (Bangú).
Aprigio dos Anjos — Rua Araújo Pôrto Alegre, 70, 3.°, sala 313.
Ari da Mata — A./c. da Civilização Brasileira Editora.
Ari Pavão — Ministério das Relações Exteriores.
Arnon de Melo — Rua Tonelero, 102 (Copacabana)
Artur Ramos — Avenida Atlântica, 212 (Leme).
Ascendino Leite — Rua João Lira, 157, apt.° 206 (Leblon).
A. Simões dos Reis — Rua Professor Valadares, 214 (Grajaú).
Assis Chateaubriand — "Diários Associados" — Avenida Venezuela, 43.
Astrojildo Pereira — Rua do Bispo, 151, casa IV, sob. (Rio Comprido).
Ataulfo de Paiva — Rua Valparaizo, 36 (Tijuca).

Atílio Milano — Rua Laranjeiras, 458.
Augusto de Lima Júnior — Avenida Portugal, 234 (Urca).
Augusto Magne (Pe.) — Colégio Santo Inácio — Rua São Clemente, 226 (Botafogo).
Augusto Meyer — Instituto Nacional do Livro.
Aurélio Buarque de Holanda — Avenida Atlântica, 320, apt.º 44.
Austregésilo de Ataíde — Rua Cosme Velho, 171.

— B —

Bandeira Duarte — Rua do Lavradio, 60.
Batista Pereira — Rua Marquês de S. Vicente, 476 (Gávea).
Barbosa Lima Sobrinho — Rua Assunção, 77 (Botafogo)
Barreto Filho — Rua Buenos Aires, 20-A.
Basílio de Magalhães — Rua Paulino Fernandes, 27 (Botafogo).
Bastos Tigre — Rua Senador Vergueiro, 192, apt.º 3 (Flamengo).
Beatriz Reynal — Avenida Vieira Souto, 706 (Ipanema).
Benjamin Lima — Rua Pompeu Loureiro, 41 (Copacabana).
Beni Carvalho — Rua Bulhões Carvalho, 155 (Copacabana).
Berilo Neves — Rua Otto Simon, 184 (Copacabana).
Bilac Pinto — Avenida Erasmo Braga, 12.
Branca Fialho — Associação Brasileira de Educação
Breno Acioli — A./c. da Livraria José Olímpio.
Brício de Abreu — "Dom Casmurro" — Praça Floriano, 55 — 2.º andar.
Brito Broca — Sucursal de "A Gazeta" — Praça Getulio Vargas, 2, 4.º.

— C —

Caio de Freitas — "Rio Magazine" — Rua Senador Dantas, 118, apt.º 612.
Cândido Jucá (filho) — Rua Teixeira Júnior, 48.
Carlos Cavalcanti — Seção de Copyright do DIP — Palácio Tiradentes.
Carlos Chagas Filho — Rua Professor Saldanha, 116 (Jardim Botânico).
Carlos de Assis Pereira — Rua Bento Lisboa, 83.
Carlos Devinelli — A./c. — da Livraria Zelio Valverde.
Carlos Domingues — Rua Alvaro Alvim, 27.
Carlos Drummond de Andrade — Rua Joaquim Nabuco, 81 (Copacabana)
Carlos Lacerda — Avenida N. S. de Copacabana, 785, apt.º 203.
Carlos Pontes — Rua Humaitá n.º 229.
Carlos Sussekind de Mendonça — Rua Domingos Ferreira, 214 (Copacabana).
Carolina Nabuco — Rua Barão do Flamengo, 32.
Cassiano Ricardo — Rua Fernando Mendes, 7 (Copacabana).
Castilhos Goycochéa — Avenida Vieira Souto, 258 (Ipanema).
Catulo da Paixão Cearense — Rua Francisca Meier, 78, casa II (Engenho de Dentro).
C. Delgado de Carvalho — Rua Siqueira Campos, 7 (Copacabana).
Celestino Silveira — "Revista da Semana" — Rua Visconde de Maranguape, 11.
Cecília Meireles — Rua Antonio Vieira, 5, apt.º 901 (Leme).
Celso Kelly — Rua Fonte da Saudade, 128 (Leblon).
Celso Vieira — Rua Gustavo Sampaio, 124, apt.º 903 (Leme).
Clado Ribeiro de Lessa — A./c. da Livraria Zelio Valverde.
Cláudio de Souza — Praia do Flamengo, 172, 10.º and.
Cláudio Ganns — Avenida Beira Mar, 226, apt.º 31 (Castelo).
Clementino Fraga — Rua Piratininga, 124 (Gávea).
Clóvis Barbosa — Praia de Botafogo, 290, apt.º 3.
Clóvis Monteiro — Rua General Glicério, 32 (Laranjeiras).
Clóvis Ramalhete — Rua Pires de Almeida, 57, apt.º 95 (Laranjeiras).
Cornélio Pena — Praia de Botafogo, 70.
Costa Neves — Rua Real Grandeza, 67.
Costa Rêgo — "Correio da Manhã" — Avenida Gomes Freire, 71.

— D —

Dalcídio Jurandir — Avenida Ataulfo de Paiva, 1098, apt.º 1 (Leblon).
Dante Costa — Rua Resedá, 27 (Lagoa Rodrigo de Freitas).
Dante Milano — Rua Pires de Almeida, 73, apt.º 141 (Laranjeiras).
Danton Jobim — "Diário Carioca" — Praça Tiradentes, 77.
Dias da Costa — Rua Frei Fabiano, 142 (Engenho de Dentro).
Dinah Silveira de Queirós — Rua Barão de Jaguaribe, 279 (Ipanema).
D. Martins de Oliveira — Travessa João Afonso, 60, casa XXII (Humaitá).

— E —

E. Castro Rebello — Rua Alvaro Borgerth, 22 (Botafogo).
Edgard Sussekind de Mendonça — Rua Santa Clara, 23, 8.º (Copacabana).
Edison Carneiro — Rua Almirante Pereira Guimarães, 11, apt.º 201 (Leblon).
Edmundo da Luz Pinto — Rua Ribeiro de Almeida, 36 (Laranjeiras).
Edmundo Lys — Rua Campos da Paz, 2-A (Bonsucesso).
Edmundo Moniz — Rua Toneleros, 171, casa IV (Copacabana).
Eloias Lopes — "Fon-Fon" — Rua Assembléia, 60.
Eliezer Burlá — Avenida Presidente Wilson, 118, 2.º and.
Elmano Cardim — Avenida Pasteur, 405 (Praia Vermelha).
Eloi Pontes — Rua Manuel Carneiro, 33 (Lapa).
Elsie Lessa — Rua Santa Clara, 36 (Copacabana)
Emil Farhat — Rua Tavares Bastos, 29, apt.º 14 (Catete).
Ernani Fornari — Rua Redentor 149. (Ipanema).
E. Roquette-Pinto — Avenida Beira Mar, 210, apt.º 504 (Castelo).
E. Simas Pereira — "Diários Associados" — Avenida Venezuela, 43.
Eugênio de Castro (comdte.) — Rua Pereira da Silva, 98 (Laranjeiras).
Eugênio Gomes — Rua Pinheiro Machado, 89, apt.º 32 (Laranjeiras).
Euríalo Canabrava — Avenida Rainha Elizabeth, 62 (Copacabana).
Evandro Pequeno — Instituto Nacional do Livro.

— F —

Feijó Bittencourt — Rua Otávio Correia, 84 (Urca).
Fernando Sabino — Avenida N. S. de Copacabana, 769, apt.º 601.
Fernando Tude de Souza — Rua Henrique Dumont, 71 (Ipanema).
Filinto de Almeida — Avenida Atlântica, 466.
Francisco de Assis Barbosa — Rua Ministro Viveiros de Castro, 79, apt.º 304 (Copacabana).
Francisco Karam — Rua Marquês de Abrantes, 144-A (Flamengo).
Francisco Marques dos Santos — Rua Chile 21.
Francisco Venâncio Filho — Rua Senador Vergueiro, 52 (Flamengo).
Frederico Barata — "Diários Associados" — Avenida Venezuela, 43.
Frota Pessoa — Rua Aprazível, 12 (Santa Tereza).

— G —

Garcia Júnior — "Correio da Noite" — Rua da Quitanda, n.º 55.
Gastão Cruls — Rua Laranjeiras, 577.
Gastão Pereira da Silva — A.B.I.
Genolino Amado — Praia de Botafogo, 22, apt.º 1204 (Morro da Viúva).
Getúlio Dornelles Vargas — Academia Brasileira de Letras.
Gilka Machado — Rua Ribeiro de Almeida, 10 (Laranjeiras).
Gondim da Fonseca — Rua Batista das Neves, 18 (Rio Comprido).
Graciliano Ramos — Rua Conde de Bonfim, 752, apt.º 101 (Tijuca).
Guilherme Figueiredo — Rua Martins Pena, 58 apt.º 402 (Tijuca).
Gustavo Barroso — Rua Sa Ferreira, 123 (Copacabana).

— H —

Hamilton Nogueira — Rua Coelho Neto, 49 (Laranjeiras).
Heitor Lima — Rua Ouvidor, 71.
Heitor Moniz — Seção de Divulgação do DIP — Palácio Tiradentes.
Helio Lobo — Praia do Russell, 158, apt.º 101.
Helio Viana — Rua Alexandre Ferreira, 55 (Jardim Botânico).
Heloisa Alberto Tôrres — Rua Real Grandeza, 283, casa V.
Henrique Boiteux (almte) — A./c. da Livraria Zélio Valverde.
Henrique Pongetti — Avenida Copacabana, 6 (Leme).
Herman Lima — Rua Peri, 48 (Jardim Botanico).
Hermes Lima — Avenida N. S. Copacabana, 1059.
Hildebrando de Lima — Rua Toneleros, 189 (Copacabana).
Homero Pires — Rua Prudente de Morais, 482 (Ipanema).
Homero Senna — Rua Visconde de Ouro Preto, 55, apt.º 56 (Botafogo).
Humberto Bastos — "Observador Econômico" — Avenida Graça Aranha, 182.

— I —

Ivan Lins — Rua das Acácias, 18 (Gávea).

— J —

Jaci Rego Barros — Praça Duque de Caxias, 21, apt. 411.
Jacques Raimundo — Avenida Princeza Isabel, 58 (Leme).
Jaime Adour da Camara — Rua Prudente de Moraes, 538 (Ipanema).
Jaime Coelho — Rua Ibituruna, 12, casa 14.
Jaime Cortesão — Rua Ibituruna, 72.
Jaime de Barros — Rua Miguel Lemos, 10, 10.º (Copacabana).
J. Fernando Carneiro — "Diário de Notícias" — Rua da Constituição, 11.
J. G. de Araujo Jorge — Rua Xavier da Silveira, 92 (Copacabana).
João Condé Filho — Rua Voluntários da Pátria, 381, apt. 102 (Botafogo).
João Lira Filho — Rua Jardim Botânico, 534.
João Luso — Rua Conde de Baependi, 70 (Flamengo).
João Mangabeira — Avenida Rui Barbosa, 598.
Joaquim Ribeiro — Praça Duque de Caxias, 21, apt. 508-A
Joaquim de Salles — Rua D. Mariana, 136 (Botafogo).
Joaquim Pimenta — Rua Santa Alexandrina, 142.
Joel Silveira — Rua Real Grandeza, 288.
Jonas Correia (Cel.) — Rua Derby Club, 139.
Joraci Camargo — Rua Domicio da Gama, 43 (Copacabana).
Jorge de Lima — Praça Floriano, 55, 11.º.
José Américo de Almeida — Rua Getulio das Neves, 25 (Jardim Botânico).
José Augusto — Rua Sá Ferreira, 30, 1.º (Copacabana).
José Augusto de Lima — Rua dos Oitis, 61 (Gávea).
José Carlos de Macedo Soares — Praia do Flamengo, 2, 8.º.
José Cesar Borba — FEB — Itália.
José Eduardo de Macedo Soares — Rua Buarque de Macedo, 5 (Flamengo).
José Honorio Rodrigues — Instituto Nacional do Livro.
José Lins do Rego — Rua General Garzon, 10 (Jardim Botânico).
José Maria Belo — Rua Miguel Pereira, 21.
José Mariano Filho — Solar do Monjope — Rua Jardim Botânico, 245.
José Oiticica — Rua Buenos Aires, 147-A, 3.º.
José Vieira — Rua Conde de Baependí, 32 (Flamengo).
Josué Montello — Rua Canavieiras, 286 (Grajaú).
Julio Cesar de Mello e Souza (*Malba Tahan*) — Rua Artur Araripe, 43 (Copacabana).

— L —

Laura Austregesilo — Rua da Passagem, 71 (Botafogo).
Lauro Escorel — Avenida Epitácio Pessôa, 122, apt.º 103.
Leda Maria de Albuquerque — Avenida N. S. Copacabana, n.º 1.110, apt.º 35.
Ledo Ivo — "A Manhã" — Praça Mauá, 7, 3.º and.
Lelio Landucci — Praça Floriano, 39, 2.º and.
Lemos Britto — Rua Prof. Valadares, 227 (Grajaú).
Leoncio Basbaum — Editorial "Vitória".
Leonel Franca (Pe.) — Colégio Santo Inácio — Rua São Clemente, 226 (Botafogo).
Levi Carneiro — Rua Gustavo Sampaio, 92 (Leme).

Lia Correia Dutra — Rua da Passagem ,71 (Botafogo).
Lourenço Filho — Rua Pedro Guedes, 56 (Praça da Bandeira).
Lucia Benedetti — Praia do Botafogo, 48, apt.º 15.
Lucia Miguel Pereira — Rua Inglês de Souza, 160 (Jardim Botânico).
Lucio Cardoso — Avenida Epitácio Pessôa, 658, apt.º 6.
Lucio Pinheiro dos Santos — Avenida Mem de Sá, 247, 10.º and.
Luis Anibal Falcão — Avenida Atlântica, n.º 924 (Copacabana).
Luis Augusto de Medeiros — Rua 7 de Setembro, 65, 6.º.
Luis Camilo de Oliveira Neto — Rua da Matriz, 22 (Botafogo).
Luis Edmundo — "Correio da Manhã" — Avenida Gomes Freire, 71.
Luis Jardim — Rua Ferreira Viana, 46 (Flamengo).

— M —

Manoel Cicero Peregrino — Rua das Palmeiras, 54 (Botafogo).
Manoel de Abreu — Rua Senador Dantas, 45-B.
Manuel Bandeira — Avenida Beira Mar, 210, apt.º 409 (Castelo).
Marcos Carneiro de Mendonça — Rua Marquês de Abrantes, 189 (Flamengo).
Maria Eugenia Celso — A/c. da Livraria Zélio Valverde.
Mario Filho — "O Globo" — Rua Bethencourt da Silva, n.º 9.
Mario Linhares — Rua Prudente de Moraes, 306 (Ipanema).
Mario Lopes de Castro — Rua São José, 85, 4.º, sala 404.
Marques Rebello — Praia de Botafogo, 48, apt.º 5.
Martins D'Alvarez — Rua Marqueza de Santos, n.º 5.
Martins de Almeida — Associação Brasileira de Escritores.
Mauricio de Medeiros — Avenida Epitacio Pessôa, 492.
Medeiros Lima — Casa do Estudante do Brasil — Largo da Carioca, 11.
Melo Lima — Rua Correia Dutra, 129.
Melo Nobrega — Rua São Clemente, 243 (Botafogo).
Michel Simon — Praia do Flamengo, 314, apt.º 20.
Miguel Osorio de Almeida — Estrada do Açude, 66 (Alto da Bôa Vista).
Miran de Barros Latif — Rua Voluntários da Pátria, n.º 1 (Botafogo).
M. L. Penido (Pe.) — Faculdade Nacional de Filosofia — Avenida Aparício Borges, 40.
Moacir Werneck de Castro — Avenida N. S. Copacabana, n.º 1.138, apt.º 26.
Modesto de Abreu — Rua Santo Amaro, 5, apt.º 306 (Glória).
M. Paulo Filho — "Correio da Manhã" — Avenida Gomes Freire, 71.
Mucio Leão — Rua Fernando Mendes, 2, apt.º 122 (Copacabana).
Murilo Araujo — Rua Barão de Jaguaribe, 56 (Ipanema).
Murilo Mendes — Rua Marquês de Abrantes, 64 (Flamengo).

— N —

Nelson Werneck Sodré — Rua D. Mariana, 118, apt.º 203 (Botafogo).
Nobrega da Cunha — Ministério da Educação e Saúde — Divisão do Ensino Primário.

— O —

Octavio de Faria — Rua Paissandú, 93, apt.º 28 (Flamengo).
Octavio Tarquinio de Souza — Rua Inglês de Souza, 160 (Jardim Botânico).
Odilo Costa (filho) — Rua Voluntários da Pátria, n.º 381, apt.º 703 (Botafogo).
Olegario Mariano — Rua Pompeu Loureiro, 36 (Copacabana).
Oliveira e Silva — Rua 1.º de Março, 6, 3.º and.
Onestaldo de Pennafort — Rua Ribeiro de Almeida, 23 (Laranjeiras).
Origenes Lessa — Rua Santa Clara, 36 (Copacabana).
Osorio Borba — Rua Santo Amaro, 5, apt.º 11 (Glória).
Osvaldo Alves — Rua Silveira Martins, 150, apt.º 1 (Catete).
Otto-Maria Carpeaux — Avenida N. S. Copacabana, n.º 9, apt.º 1 (Leme).
Otto Schneider — Rua Laranjeiras, 102, apt.º 310.

— P —

Paulino Jacques — A/c. da Livraria Zelio Valverde.
Paulo Pinheiro Chagas — A/c. da Livraria Zelio Valverde.
Pedro Calmon — Rua Santa Clara, 415 (Copacabana).
Peregrino Junior — Rua Barão de Jaguaribe, 55 (Ipanema).
Pompeu de Souza — Rua Senador Vergueiro, 128, apt.º 703 (Flamengo).
Povina Cavalcanti — Rua Itaipús, 20 (Gávea).

— R —

Rachel de Queiroz — Rua Barão da Torre, 230, apt.º 302 (Ipanema).
Raimundo de Souza Dantas — Rua Correia Dutra, 129.
Raul Lima — Avenida Epitácio Pessôa, 674, apt.º 3.
Raul Machado — Tribunal de Segurança Nacional.
Raul Pederneiras — Rua Progresso, 8 (Santa Tereza).
Renato Almeida — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Imprensa.
Roberto Alvim Corrêa — Rua Joaquim Caetano, 3 (Urca).
Roberto Lira — Rua da Glória, n.º 60, apt.º 901.
Roberto Seidl — Rua Sá Ferreira, 234, apt.º 72 (Copacabana).
Rodolfo Garcia — Biblioteca Nacional.
Rodrigo M. F. de Andrade — Rua Bulhões Carvalho, 181 (Copacabana).
Rodrigo Octavio Filho — Rua S. Clemente, 421.
Rosalina Coelho Lisbôa — "Diários Associados" — Avenida Venezuela, 43.
Rosario Fusco — Avenida Epitácio Pessôa, 658, apt.º 5.
Rubem Braga — FEB — Itália.
Rubens Borba de Moraes — Rua do Lavradio, 60.

— S —

Serafim Leite (Pe.) — Colégio Santo Inácio — Rua São Clemente, 226 (Botafogo).
Sergio Buarque de Holanda — Rua Ronald de Carvalho, n.º 5, apt.º 34 (Copacabana).
Sergio Correia da Costa — Rua Campo Belo, 199 (Laranjeiras).

Silvio Julio — Rua Grajaú, 202, apt.º 302.

Sobral Pinto — Rua Assembléia, n.º 70, 2.º and.

Souza Docca (Gal.) — Rua Ministro Viveiros de Castro, n.º 122 (Copacabana).

Souza da Silveira — Rua Cosme Velho, 3.

— T —

Tavares de Lyra — Rua Voluntários da Pátria, 435 (Botafogo).

Tasso Fragoso (Gal.) — Rua David Campista, 67 (Botafogo).

Tasso da Silveira — Rua Paissundú, 274 (Flamengo).

Tetrá de Teffé — Praia do Flamengo, 284.

— U —

Umberto Peregrino — Rua Constante Ramos, 56, 10.º (Copacabana).

Urbino Viana — Rua Moreira Sampaio, 12.

— V —

Valdemar Cavalcanti — Rua Nascimento Silva, 85, apt.º 101 (Ipanema).

Viana Moog — Rua Toneleros, n.º 200 (Copacabana).

Vieira de Mello — Rua Xavier da Silveira, n.º 72 (Copacabana).

Vinicius de Moraes — Rua Campos de Carvalho, 394 (Leblon).

Virgílio Corrêa Filho — Secretaria do Instituto Histórico.

Viriato Correia — Rua Clovis Bevilaqua, 96 (Tijuca).

Vitor do Espirito Santo — Rua Bela de São Luis, 22 (Andaraí).

Vivaldo Coaracy — Rua Honorio de Barros, 25 (Botafogo).

— W —

Wanderley do Pinho — Avenida Pasteur, 415 (Praia Vermelha).

Wilson Louzada — Rua Medeiros Pássaro, 10, apt.º 201 (Tijuca).

AMAZONAS

Adriano Jorge — Rua Fortaleza, 443 — Manaus.

Agnello Bittencourt — Rua Dr. Moreira, 88 — Manaus.

Alfredo da Matta — Academia Amazonense de Letras — Manaus.

Alvaro Maia — Palácio Rio Negro — Manaus.

André Vidal de Araujo — Rua Tapajós, 538 — Manaus.

Anisio Jobim — Tribunal de Apelação — Manaus.

Aristophano Antony — Redação de "A Tarde" — Manaus

Artur Virgilio do Carmo Ribeiro — Tribunal de Apelação — Manaus.

Carlos Mesquita — Redação da revista "Amazonida" — Manaus.

Cosme Ferreira Filho — Associação Comercial — Manaus.

Huascar de Figueiredo — Redação do "Diário da Tarde" — Manaus.

Leoncio Salignac e Sousa — Redação de "A Tarde" — Manaus.

Leopoldo Peres — Avenida Getulio Vargas, 142 — Manaus.

João Léda — Academia Amazonense de Letras — Manaus.

Jonas da Silva — Avenida Joaquim Nabuco, 711 — Manaus.

Josué Claudio de Souza — Redação do "Jornal do Comércio" — Manaus.

Mario Ypiranga — D.E.I.P. — Manaus.

Moacyr Paixão e Silva — Redação de "O Jornal" — Manaus.

Nunes Pereira — Palácio Rio Negro — Manaus.

Pericles de Moraes — Rua Bernardo Ramos, 153 — Manaus.

Violeta Branca — Avenida Getulio Vargas, 142 — Manaus.

Vivaldo de Lima — Rua Rui Barbosa, 166 — Manaus.

Waldemar Pedrosa — Avenida 7 de Setembro, 1251 — Manaus.

Washington Melo — Estrada Epaminondas, 284 — Manaus.

PARÁ

A. Correia Pinto — Redação da "Folha do Norte" — Belém.

Acilino Leão — Faculdade de Medicina — Belém.

Adalcina Camarão — Belém.

Arthur Cesar Ferreira Reis — S.P.H.A.N. — Belém.

Augusto Meira — Faculdade de Direito — Belém.

Bruno de Menezes — Belém.

Cecil Meira — Faculdade de Direito — Belém.

Cleo Bernardo — Belém.

Daniel Coelho de Souza — Faculdade de Direito — Belém.

De Campos Ribeiro — Redação de "O Estado do Pará" — Belém.

Edgard Porto — Colégio Progresso Paraense — Belém.

Edgard Proença — "Agência Nacional" — Belém.

Eduardo de Azevedo Ribeiro — Academia Paraense — Belém.

F. Paulo Mendes — Belém.

Flaviano Pereira — Redação de "A Vanguarda" — Belém.

Haroldo Maranhão — Redação da "Folha do Norte" — Belém.

Henrique Cals — Rua Rui Barbosa, 968 — Belém.

Julio Colares — Redação da "Folha do Norte" — Belém.

Leonidas Monte — Academia Paraense — Belém.

Levi de Moura — Território do Amapá — Macapá.

Lindolfo Mesquita — Biblioteca Pública — Belém.

Luis Estevão — Museu Goeldi — Belém.

Luis Gomes — Secretaria da Polícia Civil — Belém.

Machado Coelho — Biblioteca Pública — Belém.

Mario Couto — Redação de "A Vanguarda" — Belém.
Miriam Moraes — Belém.
Naide Vasconcelos — Escola Normal — Belém.
Oneide Lopes — Rua Ó de Almeida, 406 — Belém.
Onesina Bayme da Costa — Rua Magalhães Barata, 446 — Belém.
Osvaldo Viana — Belém.
Otavio Mendonça — Território do Amapá — Macapá.
Ozeias Martins — Diretoria de Saúde Pública — Belém.
Paulo Coelho Souza — Faculdade de Direito — Belém.
Paulo Maranhão — Redação da "Folha do Norte" — Belém.
Paulo Plinio Abreu — Redação de "A Vanguarda" — Belém.
Paulo de Oliveira — D.E.I.P. — Belém.
Rainero Maroja — Corte de Apelação — Belém.
Ribamar de Moura — Território do Amapá — Macapá.
Romeu Mariz — Academia Paraense — Belém.
Rui Coutinho — Redação de "A Vanguarda" — Belém.
Sandoval Lage — Redação de "O Estado do Pará" — Belém.
Santana Marques — Redação de "O Estado do Pará" — Belém.
Stelio Maroja — Escola de Marinha Mercante — Belém.
Venceslau Costa — Faculdade de Odontologia — Belém.

MARANHÃO

Afonso Cunha — Caxias.
Antonio Lopes — Presidente do Instituto Histórico — São Luis.
Assis Garrido — Alfândega — São Luis.
Correia de Araujo — Biblioteca Pública — São Luis.
Correia da Silva — D.E.I.P. — São Luis.
Durval Paraizo — Divisão de Rádio — D.E.I.P. — São Luis.
João Crisostomo de Sousa — Academia Maranhense de Letras — São Luis.
José Erasmo Dias — Divisão de Imprensa — D.E.I.P. — São Luis.
José Mata Roma — Liceu Maranhense — São Luis.
José Ribeiro de Sá Vale — Livraria Moderna — São Luis.
Luis Moraes Rego — Secretaria da Educação e Saúde — São Luis.
Luso Torres — Bairro do Anil — São Luis.
Manoel Sobrinho — Livraria Moderna — São Luis.
Nascimento Moraes — Presidente da Academia Maranhense — São Luis.
Paulo Travassos — Banco do Brasil — São Luis.
Ribamar Pereira — Redação de "O Impacial" — São Luis.
Ribamar Pinheiro — Diretor Geral do D.E.I.P. — São Luis.
Roberto Gonçalves — Redação de "O Imparcial" — São Luis.
Rosa Castro — Ginásio Rosa Castro — São Luis.
Rubem Almeida — Livraria Moderna — São Luis.

PIAUÍ

Alarico da Cunha — Parnaíba.
Alvaro Pereira — Terezina.
Anisio Brito — Biblioteca Pública — Terezina.
Arimateia Pinto — Terezina.
Artur Passos — D.E.I.P. — Terezina.
B. Lemos — Redação de "A Gazeta" — Terezina.
Celso Pinheiro — Liceu Piauiense — Terezina.
Cromwell de Carvalho — Tribunal de Apelação — Terezina.
Martins Napoleão — Departamento das Municipalidades — Terezina.
Martins Vieira — Liceu Piauiense — Terezina.
Matias Olimpio — Avenida Getulio Vargas — Terezina.
Moura Rego — Liceu de Artes e Ofícios — Terezina.
Nênê Vilhena — Escola Normal — Terezina.
Pedro Britto — Terezina.
Da Costa e Silva — Terezina.
Falcão Costa — Liceu Piauiense — Terezina.
Gonçalo Cavalcanti — Academia Piauiense de Letras — Terezina .
João Bastos — Departamento Estadual de Estatística — Terezina.
João Pinheiro — Rua Alvaro Mendes — Terezina.
Maria de Lourdes do Rego Monteiro — Escola Normal — Terezina.
Mario José Baptista — Imprensa Oficial — Terezina.

CEARÁ

Adonias Lima — Rua Padre Mororó — Fortaleza.
Alba Valdez — Instituto do Ceará — Fortaleza.
Alceu Aboim — Redação de "O Estado" — Fortaleza.
Aluizio Medeiros — Caixa Postal 248 — Fortaleza.
Alvaro Costa — Redação do "Correio do Ceará" — Fortaleza.
Andrade Furtado — Redação de "O Nordeste" — Fortaleza.
Anibal Bonavides — Redação de "O Povo" — Fortaleza.
Antonio Carlos — Redação do "Correio do Ceará" — Fortaleza.
Antonio Girão Barroso — Redação do "Correio do Ceará" — Fortaleza.
Artur Eduardo Bonavides — Redação do "Correio do Ceará" — Fortaleza.

Carlile Martins — Afonso Pena.

Carlos Cavalcante — Redação do "Correio do Ceará" — Fortaleza.

Cruz Filho — Travessa Clarindo de Queiroz — Fortaleza.

Eduardo Campos — Redação de "O Estado" — Fortaleza.

Eusebio de Souza — Rua 24 de Maio, 313 — Fortaleza.

Filgueiras Lima — Instituto Lourenço Filho — Fortaleza.

Fran Martins — Diretor Geral do D.E.I.P. — Fortaleza.

Gastão Justa — D.E.I.P. — Fortaleza.

Henriqueta Galeno — Casa Juvenal Galeno — Fortaleza.

Hermenegildo Firmeza — Redação do "Correio do Ceará" — Fortaleza.

Jader de Carvalho — Redação de "O Povo" — Fortaleza.

João Jacques Ferreira Lopes — Redação de "O Povo" — Fortaleza.

Joaquim Alves — Rua D. Manoel, 487 — Fortaleza.

Josafá Linhares — Departamento dos Correios e Telegrafos — Fortaleza.

José Diogo da Silveira — Departamento dos Correios e Telegrafos — Fortaleza.

Leonardo Mota — Redação do "Correio do Ceará" — Fortaleza.

Luis Maia — Crato.

Luis Sucupira — Redação de "O Nordeste" — Fortaleza.

Moacir Mota — Banco do Brasil — Fortaleza.

Murilo Mota — Redação do "Correio do Ceará" — Fortaleza.

Orlando Mota — Redação do "Correio do Ceará" — Fortaleza.

Osmundo Pontes — Fortaleza.

Octavio Lobo — Faculdade de Direito — Fortaleza.

Paulo Sarazati — Redação de "O Povo" — Fortaleza.

Perboyre e Silva — Rua Afonso Vizeu, 46 — Fortaleza.

Quixandá Felicio — Crato.

Raimundo Girão — Instituto do Ceará — Fortaleza.

Silveira Filho — Rua D. Izabel, 128 — Fortaleza.

RIO GRANDE DO NORTE

Aderbal de França — Redação de "A República" — Natal.

Aloizio Alves — Legião Brasileira de Assistência — Natal.

Amilcar Cardoni — Natal.

Dez. *Antonio Alves* — Tribunal de Apelação — Natal.

Djalma Maranhão — Natal.

Edgard Barbosa — Redação do "Diário de Noticias" — Natal.

Eloi de Souza — Redação de "A República" — Natal.

Esmeraldo Siqueira — Natal.

Henrique Castriciano — Natal.

Jorge Fernandes — Natal.

José Bezerra Gomes — Natal.

Juvenal Lamartine — Academia de Letras — Natal.

Luis da Camara Cascudo — Redação de "A República" — Natal.

Miguel Seabra Fagundes — Natal.

Nascimento Fernandes — Natal.

Nestor Lima — Instituto Histórico — Natal.

Othoniel Menezes — Natal.

Otto Guerra — Natal.

Palmira Wanderley — Natal.

Tulio Fernandes — Natal.

Verissimo de Melo — Natal.

PARAIBA

Abelardo Araujo Jurema — P. R. I. 4 — João Pessôa.

Adamar Soares — Redação de "A União" — João Pessôa.

Alvaro de Carvalho — Rua Artur Aquiles, 72 — João Pessôa.

Analice Caldas — Rua Direita, n.º 326 — João Pessôa.

Antonio da Rocha Barreto — Avenida Princeza Isabel, n.º 313 — João Pessôa.

Padre Carlos Coelho — Rua das Trincheiras — João Pessôa.

Celso Mariz — Rua Senador João Lira, 47 — João Pessôa.

Coriolano de Medeiros — Rua Direita, 225 — João Pessôa.

Durval de Albuquerque — Conselho Administrativo do Estado — João Pessôa.

Cônego *Florentino Barbosa* — Rua Rogger, 19 — João Pessôa.

Higino da Costa Brito — Rua 7 de Setembro, 314 — João Pessôa.

Horacio de Almeida — Conselho Administrativo do Estado — João Pessôa.

J. Veiga Junior — Avenida dos Estados, 293 — João Pessoa.

Padre João de Deus Mindela da Cruz — Rua Duque de Caxias, 300 — João Pessôa.

João Gonçalves de Medeiros — Rua Monsenhor Valfredo, n.º 502 — João Pessôa.

João Lelis — Secretaria do Interior e Segurança Pública — João Pessôa.

José Augusto Romero — Rua Nova, 110 — João Pessôa.

José Leal Ramos — Avenida João Machado, 1.052 — João Pessôa.

José Simeão Leal — Departamento do Serviço Público do Estado — João Pessôa.

Lopes de Andrade — Campina Grande.

Mardoqueu Nacre — Rua Santo Elias, 33 — João Pessôa.

Mauro Coelho — Rua das Trincheiras, 402 — João Pessôa.

Newton Lacerda — Beco Malagrida, 102 — João Pessôa.

Olivina da Cunha — Praça Venancio Neiva, 38 — João Pessôa.

Orris Barbosa — Rua 13 de Maio, 403 — João Pessôa.

Oscar de Oliveira Castro — Avenida Almte. Barroso, n.º 158 — João Pessôa.

Osias Gomes — Conselho Administrativo do Estado — João Pessôa.

Osorio Paes — Rua da Areia — João Pessôa.

Otacilio Dantas Cartaxo — Prefeitura Municipal — Antenor Navarro.

Otacilio Nobrega de Queiroz — Rua São José, 206 — João Pessôa.

Pedro Anisio Bezerra Dantas — Colégio Paraibano — João Pessôa.

Samuel Duarte — Praça Independência, 19 — João Pessôa.

Severino Alves Aires — Rua Direita, 321 — João Pessôa.

Silvino Lopes — Redação de "A União" — João Pessôa.

Wilson Madruga — Imprensa Oficial — João Pessôa.

PERNAMBUCO

Aderbal Jurema — Ginásio da Madalena — Recife.

Altamiro Cunha — Redação do "Diário da Manhã" — Recife.

Andrade Bezerra — Faculdade de Direito — Recife.

Anibal Fernandes — Redação do "Diário de Pernambuco" — Recife.

Antiogenes Chaves — Recife.

Araujo Filho — Academia Pernambucana de Letras — Recife.

Ascenso Ferreira — Tesouro do Estado — Recife.

Diogo de Mello Menezes — Recife.

Edison Nery da Fonseca — Faculdade de Direito — Recife.

Evaldo Coutinho — Recife.

Pe. Felix Barreto — Ginásio do Recife — Recife.

Gilberto Freyre — Rua 2 Irmãos, 320 (Apipucos) — Recife.

José Antonio Gonsalves de Melo Neto — Recife.

Julio Belo — Engenho Queimadas — Queimadas.

Lucilo Varejão — Repartição dos Correios & Telégrafos — Recife.

Luis Cedro — Recife.

Luis Delgado — Redação do "Jornal do Comércio" — Recife.

Luis Pandolfi — Rua Angustura, 220 — Recife.

Mario Melo — Repartição dos Correios & Telégrafos — Recife.

Mario Sette — Repartição dos Correios & Telégrafos — Recife.

Matheos de Lima — Rua Nova — Recife.

Nehemias Gueiros — Faculdade de Direito — Recife.

Odilon Nestor — Faculdade de Direito — Recife.

Otavio de Freitas Junior — Rua Dom Bosco — Recife.

Olivio Montenegro — Ginásio Pernambucano — Recife.

Silvio Rabelo — Escola Normal — Recife.

Valdemar de Oliveira — Redação do "Jornal do Comércio" — Recife.

Vicente do Rego Monteiro — Ginásio Pernambucano — Recife.

Cônego Xavier Pedrosa — Seminário — Olinda.

ALAGÔAS

Armando Wucheerer — Academia Alagoana de Letras — Maceió.

Dez. Augusto Galvão — Tribunal de Apelação — Maceió.

Dez. Carlos de Gusmão — Tribunal de Apelação — Maceió.

Eunice Lavenère — Academia Alagoana de Letras — Maceió.

Ezechias da Rocha — Colégio Estadual de Alagôas — Maceió.

Freitas Cavalcanti — D.E.I.P. — Maceió.

Guedes de Miranda — Maceió.

Jaime d'Altavilla — Escola Normal — Maceió.

José Aloisio Vilella — Viçosa.

José Lages Filho — Rua do Comércio — Maceió.

José Maria de Mello — Engenho Mata Verde — Viçosa.

José Moraes Rocha — Rua do Cravo (Pajuçara) — Maceió.

José Mota Maia — Maceió.

Julio de Albuquerque (padre) — S. Miguel de Campos.

Lima Junior — Rua Araçá (Pajuçara) — Maceió.

Lourival Melo Mota — Maceió.

Luis Silveira — Redação da "Gazeta de Alagôas" — Maceió.

Manoel Diégues Junior — Departamento Estadual de Estatística — Maceió.

Orlando Araujo — Maceió.

Paulino Santiago — Academia Alagoana de Letras — Maceió.

Pedro Barreto Falcão — Departamento das Municipalidades — Maceió.

Rodrigues de Melo — Maceió.

Rui Palmeira — Sindicato dos Banguezeiros — Maceió.

Théo Brandão — Instituto de Educação — Maceió.

Ulisses Braga Junior — Redação do "Jornal de Alagôas" — Maceió.

SERGIPE

Alfredo Pinto — Biblioteca Pública — Aracajú.
Ana Leonor Fontes — "Sergipe Jornal" — Aracajú.
Carlos Garcia — "Correio de Aracajú" — Aracajú.
Freire Sobrinho — "Correio de Aracajú" — Aracajú.
Garcia Moreno — "Sergipe Jornal" — Aracajú.
José Calazans — "Sergipe Jornal" — Aracajú.
José Sampaio — "Correio de Aracajú" — Aracajú.
Lindolfo Campos Sobrinho — Sul América Capitalização — Aracajú.
Mario Cabral — "Sergipe Jornal" — Aracajú.
Paulo Monte — Propriá.
Zizinha Guimarães — Laranjeiras.

BAHIA

D. Augusto Alvaro da Silva — Palácio Arquiepiscopal — Salvador.
Anisio Teixeira — Largo da Graça — Salvador.
Alves Ribeiro — Agência Nacional — Salvador.
Altamirando Requião — Livraria Souza — Salvador.
Aliomar Balieiro — Faculdade de Direito — Salvador.
Aloysio de Carvalho Filho — Faculdade de Direito — Salvador.
Alcides Soares — Redação de "A Tarde" — Salvador.
Arquimedes Guimarães — Instituto Histórico — Salvador.
Anfrisia Santiago — Instituto Histórico — Salvador.
Braz do Amaral — Instituto Histórico — Salvador.
Clovis Amorim — Feira de Sant'Ana.
Carlos Chiacchio — Redação de "A Tarde" — Salvador.
Edith Mendes da Gama e Abreu — Academia Bahiana de Letras — Salvador.
Epaminondas Berbert de Castro — Histituto Histórico — Salvador.
Epaminondas Torres — Instituto Histórico — Salvador.
Estacio de Lima — Faculdade de Medicina — Salvador.
Fausto Penalva — Ilhéus.
Giovanni Guimarães — Redação de "A Tarde" — Salvador.
Godofredo Filho — Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — Salvador.
Herberto Salles — Andaraí-Lavras.
Heitor Fróes — Academia Bahiana de Letras — Salvador.
Helio Simões — Rua da Graça — Salvador.
Isaias Alves — Secretaria da Educação e Saúde — Salvador.
Jaime Junqueira Aires — Rua da Graça, 27 — Salvador.
Jorge Amado — Redação de "O Imparcial" — Salvador.
Jorge Calmon — D.E.I.P. — Salvador.
José Sá — Redação do "Diário da Bahia" — Salvador.
José Valladares — Museu do Estado — Salvador.
Lafayette Spinola — Redação de "O Imparcial" — Salvador.
Leopoldo Braga — Faculdade de Direito — Salvador.
Luis Viana Filho — Associação Brasileira de Escritores — Salvador.
Mario Portugal — Redação de "O Estado da Bahia" — Salvador.
Manoel Barbosa (padre) — Academia Bahiana de Letras — Salvador.
Manoel Passos — Rua do Canela — Salvador.
Manoel Pimentel — Diretor do Arquivo do Estado — Salvador.
Nestor Duarte — Faculdade de Direito — Salvador.
Odorico Tavares — Rua Recife — Salvador.
Osvaldo Imbassahy — Biblioteca Pública — Salvador.
Osvaldo Valente — Prefeitura Municipal — Salvador.
Pinto de Aguiar — Banco de Administração — Salvador.
Pinto de Carvalho — Faculdade de Medicina — Salvador.
Ranulpho de Oliveira — Associação Bahiana de Imprensa — Salvador.
Rui Facó — Rua Portugal, 6 — Salvador.
Rui Santos — Redação de "O Estado da Bahia" — Salvador.
Sosigenes Costa — Associação Comercial — Ilhéus.
Wilson Lins — Redação de "O Impacial" — Salvador.

ESPÍRITO SANTO

Adelpho Monjardim — Redação de "Canaan" — Vitória.
Alcino Rosa — Rua Forte, 51 — Vitória.
Aliomar Silva — Redação de "A Gazeta" — Vitória.
Almeida Cousin — Academia Espiritosantense de Letras — Vitória.
Américo Monjardim — Vitória.
Carlos Madeira — Redação de "Canaan" — Vitória.
Ciro Vieira da Cunha — Vitória.
Francisco Ferreira Viana — Praça João Climaco, 44 — Vitória.
Guilherme Santos Neves — Escola Normal — Vitória.
Jair Pereira de Amorim — Rua Aristides Freire, 80 — Vitória.
Joaquim Ramos — Campinho.
Kociusco Barbosa Leão — Academia Espiritusantense de Letras — Vitória.
Newton Braga — Cachoeiro do Itapemerim.
Olegario Ramalhete — Redação de "A Tribuna" — Vitória.
Tulio Hostilio Montenegro — Palácio do Govêrno — Vitória.

Alberto Lamego — Solar dos Airizes — Campos.
Alberto Lamego Filho — Campos.
Alberto Paiva — Mendes.
Alberto Rangel — Friburgo.
Antonio Silva — Rua Conselheiro Josino — Niterói.
Armando Gonçalves — Rua Noronha Torrezão, 17 — Niterói.
Braga Melo — Redação do "Diário da Manhã" — Niterói.
Brigido Tinoco — Niterói.
Cardoso de Miranda — Petrópolis.
Carlos Brasil de Araujo — Niterói.
Carlos Maul — Academia Fluminense de Letras — Niterói.
Celso Peçanha — Redação do "Diário da Manhã" — Niterói.
Clovis Mendes — Redação do "Jornal de Niterói" — Niterói.
Francisco Neves — Redação do "Diário da Manhã" — Niterói.
Helio Peixoto — Banco do Brasil — Cabo Frio.
Jorge Azevedo — Rodeio.
José Candido de Carvalho — Rua Presidente Pedreira, 78 — Niterói.
José de Matos — Rua da Conceição — Niterói.
Julio Ribeiro — Associação Comercial — Barra do Piraí.
Luis Antonio Pimentel — Redação do "Diário da Manhã" — Niterói.
Macario Picanço — Rua Tiradentes — Niterói.
Magalhães Jorge — Piraí.
Marcos Almir Madeira — Niterói.
Maria Jacinta — Rua José Bonifácio, 194 — Niterói.
Murilo Marques — Redação do "Diário da Manhã" — Niterói.
Nabor Fernandes — Santa Rosa das Flores.
Nelson Rebel — Academia Campista de Letras — Campos.
Nilsa Martins — Rua Camara Coutinho, 28 — Niterói.
Nobrega da Siqueira — Rua Casimiro de Abreu, 22 — Niterói.
Oliveira Rodrigues — Edifício da Assembléia Legislativa — Niterói.
Oliveira Viana — Alameda São Boaventura, 21 — Niterói.
Pedro Guedes Alcoforado — Redação do "Arauto" — Niterói.
Roberto Silveira — Redação do "Diário da Manhã" — Niterói.
Rui Gonçalves — Redação do "Diário da Manhã" — Niterói.
Salomão Cruz — Rua Consul Francisco Cruz, 41, térreo — Niterói.
Salomão Jorge — Petrópolis.
Sebastião Lesnau — Barra do Piraí.
Tobias Monteiro — Petrópolis.
Vasconcelos Torres — Redação do "Diário da Manhã" — Niterói.
Xavier Placer — Travessa da Alameda, 43 — Niterói.

MINAS GERAIS

Aires da Mata Machado Filho — Rua Siderosa, 147 — Belo Horizonte.
Alberto Deodato — Rua Rio de Janeiro, 2162 — Belo Horizonte.
Alphonsus de Guimaraens Filho — Rua Tomé de Souza, 56 — Belo Horizonte.
Alysson Capanema — Rua Guaraní, 425 — Belo Horizonte.
Arduino Bolivar — Rua Augusto de Lima, 523 — Belo Horizonte.
Artur Velozo — Rua Aimorés, 1181 — Belo Horizonte.
Claudio Brandão — Colégio Estadual de Minas Gerais — Belo Horizonte.
Clemente Luz — Rua Rio de Janeiro, 877 — Belo Horizonte.
Cristiano Martins — D.E.I.P. — Belo Horizonte.
Cyro dos Anjos — Rua Tomás Gonzaga, 531 — Belo Horizonte.
Emilio Moura — Rua Curitiba, 1381 — Belo Horizonte.
Edgard da Mata Machado — Redação de "O Diário" — Belo Horizonte.
Eduardo Frieiro — Rua Serro, 368 — Belo Horizonte.
Francisco Inácio Peixoto — Cataguazes.
Francisco Magalhães Gomes — Rua Felipe dos Santos, 198 — Belo Horizonte.
Geraldo Dutra de Moraes — Rua Silva Jardim, 117 — Belo Horizonte.
Godofredo Rangel — Rua Bernardo Guimarães, 1738 — Belo Horizonte.
Heli Menegale — Avenida Amazonas, 1734 — Belo Horizonte.
Helio Pelegrino — Rua Bernardo Guimarães, 1764 — Belo Horizonte.
Henriqueta Lisbôa — Rua Bernardo Guimarães, 1327 — Belo Horizonte.
Jair Rebelo Horta — Redação da "Folha de Minas" — Belo Horizonte.
Jair Silva — Redação do "Estado de Minas" — Belo Horizonte.
J. Etienne Filho — Redação de "O Diário" — Belo Horizonte.
J. Guimarães Menegale — Rua Tomé de Souza, 538 — Belo Horizonte.
João Camilo de Oliveira Torres — Redação da "Folha de Minas" — Belo Horizonte.
João Dornas Filho — Rua Alagôas, 525 — Belo Horizonte.
Lindolfo Gomes — Rua Floriano Peixoto, 823 — Juiz de Fora.
Lucia Machado de Almeida — Rua Tomé de Souza, 429 — Belo Horizonte.
Orlando M. Carvalho — Rua do Chumbo, 313 — Belo Horizonte.
Oscar Mendes — Rua Santa Catarina, 1455 — Belo Horizonte .
Otto Lara Rezende — Rua Alagôas, 474 — Belo Horizonte.
Paulo Mendes Campos — Avenida Getulio Vargas, 1671 — Belo Horizonte.

Paulo Saraiva — Rua Tupis, 634 — Belo Horizonte.

Magalhães Drummond — Faculdade de Direito — Belo Horizonte.

Mario Casassanta — Avenida do Contorno, 535 — Belo Horizonte.

Mario Matos — Rua Bernardo Guimarães, 1891 — Belo Horizonte.

Milton Campos — Rua Tomás Gonzaga, 271 — Belo Horizonte.

Moacir Andrade — Redação do "Minas Gerais" — Belo Horizonte.

Murilo Rubião — Rádio Inconfidência — Belo Horizonte.

Salomão Vasconcelos — Rua Rio Grande do Norte, 1542 — Belo Horizonte.

Soares de Faria — Nova Ponte.

Vitorio Bergo — Rua do Sampaio, 155 — Juiz de Fora.

Vulmar Coelho — Rua Barão de Cataguazes, 304 — Juiz de Fora.

Wellington Brandão — Passos.

Wilson Castelo Branco — Rua Guajajaras, 919 — Belo Horizonte.

Zoroastro Passos — Rua Tomé de Souza, 1442 — Belo Horizonte.

SÃO PAULO

— A —

Abelardo Vergueiro Cesar — Avenida Pacaembú, 904 — São Paulo.

Abguar Bastos — Rua dos Andradas, 344, apt.º 15 — São Paulo.

Abner Mourão — Rua Bôa Vista, 186 — São Paulo.

Abraão Blay — Rua 24 de Maio, 105, apt.º 64 — São Paulo.

A. C. Salles Junior — Instituto de Previdência — São Paulo.

Affonso de E. Taunay — Rua Nestor Pestana, 48 — São Paulo.

Affonso Schmidt — Rua Bôa Vista, 186 — São Paulo.

Alberto Constantino de Azevedo — R. 15 de Novembro, 244, 9.º, sala 6 — São Paulo.

Alfredo Mesquita — Rua Marconi, 54 — São Paulo.

Alfred Paul Bonzon — Rua Pernambuco, 65 — São Paulo.

Almiro Rolmes Barbosa — Rua Bôa Vista, 186 — São Paulo.

Altino Arantes — Banco do Estado — São Paulo.

Amadeu de Queiroz — Drogaria Baruel — Rua Direita, n.º 11 — São Paulo.

Amador Florence — Rua Florencio de Abreu, 427 — São Paulo.

Américo Braziliense de Moura — Rua Augusta, 90 — São Paulo.

Antonio Augusto Posada — Rua Vitorino Carmilo, 1.028 — São Paulo.

Antonio Candido — Rua Goiás, n.º 89 — São Paulo.

Antonio Correia Leite — Rua Cel. Spindola, 1.162 — Rio Preto.

Antonio D'Elia — Rua Libero Badaró, 377, 2.º — São Paulo.

Antonio Miguel Leão Bruno — Rua Loureiro da Cruz, 241 — São Paulo.

Antonio Moniz de Oliveira — Rua Xavier de Toledo, 23 — São Paulo.

Aristeu Seixas — Rua Teodoro Sampaio, 363 — São Paulo.

Aristides de Basile — Rua 7 de Abril, 381 — São Paulo.

Aristides da Silveira Lobo — Rua Benjamin Constant, 152 — São Paulo.

Arlindo Veiga dos Santos — Rua dos Capitães Generais, n.º 121 — São Paulo.

Arnaldo Pedroso d'Horta — Rua Xavier de Toledo, 140, sala 5 — São Paulo.

Arnaldo Serroni — Largo Padre Pericles, 74 — São Paulo.

Artur Neves — Rua D. José de Barros, 163 — São Paulo.

Artur Pacheco — Rua 7 de Abril, 381 — São Paulo.

Aureliano Leite — Praça da Sé, n.º 43, 3.º — São Paulo.

— B —

Benedito Antonio Trama — Rua Padre João, 470 — São Paulo.

Bernardo Meinkee — Rua São Bento, 100, 1.º, sala 22 — São Paulo.

— C —

Caio Prado Junior — Rua Maranhão, 132 — São Paulo.

Carlos Burlamaqui Kopke — Rua São Bento, 68 — São Paulo.

Carmen de Almeida — Rua Bôa Vista, 186 — São Paulo.

Celestino Fazzio — Praça da Sé, n.º 371, 1.º, sala 107 — São Paulo.

Cid Franco — Rua Topazio, 122 — São Paulo.

Ciro Mendes — Rua Cantareira, n.º 216 — São Paulo.

Ciro T. de Pauda — Rua Brigadeiro Luis Antonio, 1415 — São Paulo.

Constantino de Carvalho Negrais — Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo.

Consuelo Pimentel Marques — Rua Oscar Freire, 1.119 — São Paulo.

Corifeu de Azevedo Marques — Rua Antonio de Godoy, n.º 122-C — São Paulo.

— D —

Dacio Aranha de Arruda Campos — Rua Fernão Cardim, n.º 388 — São Paulo.

Dalmo Belfort de Matos — Avenida Pompéia, 765 — São Paulo.

Decio de Almeida Prado — Rua Itambé, 505 — São Paulo.

Domingos Carvalho da Silva — Rua Marconi, 131, sala 102 — São Paulo.

Domingos D'Angelo Neto — Rua 7 de Abril, 381 — São Paulo.

Donald Pierson — Rua Estados Unidos, 166 — São Paulo.

— E —

Edgard Cavalheiro — Rua Xavier de Toledo, 114, 4.º — São Paulo.

Edgard Portes — Rua Riachuelo, 73, 2.º — São Paulo.

Eduardo Hoehne — Rua Florencio de Abreu, 510 — São Paulo.

Emiliano Di Cavalcanti — Avenida Ipiranga, 480, 9.º — São Paulo.

Enzo Luis Nico — Ladeira Dr. Falcão, 56 — São Paulo.

Ernani da Silva Bruno — Rua 7 de Abril, 381 — São Paulo.

Eugenio Monteiro — Rua Amaro Cavalheiro, 89 — São Paulo.
Evangelina Maldonado Espirito Santo — Avenida Ipiranga n.º 668 — São Paulo.

— F —

Fernando Azevedo — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
Fernando Góes — Rua D. José de Barros, 163 — São Paulo.
Fernando Leviski — Rua Barão de Itapetininga, 93, 6.º — São Paulo.
Flavio de Carvalho — Praça Osvaldo Cruz, 138 — São Paulo.
F. M. Grohmann — Praia Grande — São Sebastião.
Francisco de Melo Cabral — Avenida Brigadeiro Luis Antonio, 1.305 — São Paulo.
Francisco Luis de Almeida Salles — Avenida Ipiranga, 596 — São Paulo.
Francisco Patti — Rua Conceição, 88 — São Paulo.
Francisco Rodrigues Leite — Rua Frei Caneca, 1.432 — São Paulo.

— G —

Galeão Coutinho — Redação da "Folha da Manhã" — São Paulo.
Gastão Ferreira de Almeida — Avenida Brigadeiro Luis Antonio, 1.249 — São Paulo.
Gentil de Azevedo — Rua Episcopal, 106 — São Carlos.
Gilda de Moraes Rocha — Rua Lopes Chaves, 546 — São Paulo.
Giulio David Leoni — Rua Conceição, 134, 6.º, apt.º 615 — São Paulo.
Goel Rudge Ramos Freitas — Rua do Carmo, 374, 1.º, sala 12 — São Paulo.
Guilherme de Almeida — Rua do Carmo, 39 — São Paulo.
Gumercindo Fleury — Rua Conceição, 88 — São Paulo.
Gustavo Leon Zalechi — Rua Maria Antonia, 294 — São Paulo.

— H —

Helio Damante — Rua Bôa Vista, 186 — São Paulo.
Heraldo Barbuy — Rua Santo Amaro, 563 — São Paulo.
Herbert Baldus — Rua Benedito Calixto, 79 — São Paulo.
Herculano Torres Cruz — Rua do Carmo, 39 — São Paulo.
Herminio Sacchetta — Rua do Carmo, 39 — São Paulo.
Hildebrando Siqueira — Redação do "Correio Popular" — Campinas.
Hovanir Alcantara Silveira — Avenida Ipiranga, 586 — São Paulo.

— I —

Inacio José Verissimo (Cel.) — Sede da 2.ª Região Militar — São Paulo.

— J —

James Amado — Avenida São João, 593 — São Paulo.
Jamil Almansur Haddad — Rua Nicolau de Sousa Queiroz, 322 — São Paulo.
João Acioli — Rua Felipe de Oliveira, 21, 9.º, sala 6 — São Paulo.
João Carr Ribeiro Penna — Rua do Carmo, 39 — São Paulo.
João Cruz Costa — Rua João Pinheiro, 120 — São Paulo.
João da Cunha Caldeira Filho — Rua Bôa Vista, 186 — São Paulo.
João de Araujo Nabuco — Secretaria da Fazenda — São Paulo.
João Pacheco — Rua Morás, 547 — São Paulo.
Joaquim Correia Leite — Rua Cel. Spindola, 1.162 — Rio Preto.
Joaquim Eugenio de Lima Neto — Praça da República, 303, 5.º — São Paulo.
Jorge Americano — Reitoria da Universidade de São Paulo — São Paulo.
José Aparecido Caruso Neto — Rua Anchieta, 40, 3.º — São Paulo.
José Augusto de Magalhães — Rua Apeninos, 747 — São Paulo.
José Bueno de Oliveira Filho — Praça João Mendes, 154, 3.º — São Paulo.
José de Castro Nery (Pe.) — Rua Guadalupe, 534 — São Paulo.
José de Oliveira Orlandi — Rua Bôa Vista, 186 — São Paulo.
José Freitas Valle — Rua Domingos de Moraes, 300 — São Paulo.
José Geraldo Vieira — Marília.
José Guedes de Azevedo — Rua Veneza, 869 — São Paulo.
José Hervelha — Rua Duque de Caxias, 49 — Santos.
José Martins — Rua Vieira de Carvalho, 52 — São Paulo.
José Popolo — Rua Rui Barbosa, 165 — São Paulo.
José Pereira — Rua João Bricola, 63 — São Paulo.
José Ribeiro de Sá Carvalho — Rua Loureiro Baptista, 34 — São Paulo.
José Vizioli — Rua Safira, 467 — São Paulo .
Joy Arruda — Rua Marconi, 84, 5.º — São Paulo.
J. Papaterra Limongi — Rua Rua Batatais, 586 — São Paulo.

— L —

Leão Machado — Rua Rodrigues Alves, 1.254 — São Paulo.
Lellis Vieira — Arquivo Público do Estado — São Paulo.
Leonardo Pinto — Rua Caconde, 437 — São Paulo.
Ligia Fagundes — Secretaria da Agricultura, 7.º andar — São Paulo.
Lino Guedes — Rua 7 de Abril, n.º 230 — São Paulo.
Lourival Gomes Machado — Rua —Marconi, 54 — São Paulo.
Luciano Gualberto — Rua Marconi, 94, 1.º — São Paulo.
Luciano Roberto — Rua Xavier de Toledo, 140, 5.º, sala 1 — São Paulo.
Luis Amaral — Largo da Misericórdia, 23 — São Paulo.
Luis Lawrie Reid — Rua Alvares Penteado, 203 — São Paulo.
Luis Martins — Rua Caiubí, 666 — São Paulo.
Luis Pessanha Camargo Branco — R. Motuca, 110 - S. Paulo.
Luis Saia — Avenida São Dias, n.º 256 — São Paulo.
Luis Washington — Rua da Consolação, 90 — São Paulo.

— M —

Manoel Cerqueira Leite — Rua Siqueira Campos, 133 — São Paulo.
Maria Eugenia Franco — Rua da Consolação, 90 — São Paulo.
Maria José Dupré — Rua Cuba, n.º 290 — São Paulo.

Mario da Silva Brito — Rua São Francisco, 81, 6.º andar — São Paulo.

Mario de Andrade — Rua Lopes Chaves, 546 — São Paulo.

Mario D'Ecourt Homem de Melo — Rua Anchieta, 15, 2.º — São Paulo.

Mario de Oliveira Malta — Rua Xavier de Toledo, 23, 6.º — São Paulo.

Mario Donato — Rua Bôa Vista, 182 — São Paulo.

Mario Graciotti — Praça Ramos de Azevedo, 209 — São Paulo.

Mario Guastini — Largo do Tesouro, 40, 8.º — São Paulo.

Mario Neme — Rua Bôa Vista, n.º 186 — São Paulo.

Mario Schenberg — Avenida Brigadeiro Luis Antonio, n.º 784 — São Paulo.

Mauricio Loureiro Gama — Rua 7 de Abril, 241 — São Paulo.

Menotti Del Picchia — Avenida Brasil, 2173 — São Paulo.

Miguel A. Barros Ferreira — Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo.

Moacir Vasconcelos — Largo de São Francisco, 181, sala 8 — São Paulo.

Monteiro Lobato — Rua Alabastro, 296 — São Paulo.

Mussa Kuraiem — Rua São Bento, 405 — São Paulo.

— N —

Natalino Menin — Rua Conde de São Joaquim, 211, 2.º — São Paulo.

Nelson Marcondes do Amaral — Rua Antonio de Godoi, 122 — São Paulo.

Nicanor Miranda — Rua Florencio de Abreu, 427, 2.º — São Paulo.

Noemia Cobra Leite — Rua Cel. Spindola, 1.162 — Rio Preto.

Nuto Sant'Ana — Rua Cantareira, 216 — São Paulo.

— O —

Octacilio Gomes — Rua do Carmo, 39 — São Paulo.

Odilon Negrão — Rua da Glória, 364 — São Paulo.

Oneida Alvarenga — Discoteca da Prefeitura Municipal — São Paulo.

Orli Ferreira Andrezzo — Rua Cunha Horta, 81 — São Paulo.

Oscar Egidio de Araujo — Rua da Cantareira, 216 — São Paulo.

Osmar Pimentel — D.E.I.P. — São Paulo.

Osorio Cesar — Avenida São João ,563 — São Paulo.

Osvaldo Costa — Redação do "Correio Paulistano" — São Paulo.

Osvaldo da Sylveyra — Rua Robertson, 517 — São Paulo.

Oswald de Andrade — Rua Aurora, 579, apt.º 23 — São Paulo.

— P —

Patricia Leite Rangel — Rua General Osorio, 413, apt.º 3 — São Paulo.

Paulo de Campos Moura — Avenida Ipiranga, 313, 4.º — São Paulo.

Paulo Emilio Salles Gomes — Rua Veiga Filho, 223 — São Paulo.

Paulo Henrique da Rocha Correia — Rua Xavier de Toledo, 140, 6.º — São Paulo.

Paulo Marques Simões — Rua Vergueiros, 205 — São Paulo.

Paulo Mendes de Almeida — Rua José Bonifácio, 278 — São Paulo.

Paulo R. de Magalhães — Livraria Jaraguá — Rua Marconi, 54 — São Paulo.

Paulo Zingg — Rua Xavier de Toledo, 144, 1.º — São Paulo.

Pedro Martins de Souza e Silva — Rua do Arouche, 60, 1.º — São Paulo.

Pedro Santiago Chocair — Santo Antonio da Alegria.

Pelagio Lobo — Rua Bôa Vista, n.º 182 — São Paulo.

Pericles da Silva Pinheiro — Rua do Carmo, 39 — São Paulo.

Pericles Eugenio da Silva Ramos — Rua Libero Badaró, n.º 661 — São Paulo.

Pierre Monbeig — Avenida Europa, 580 — São Paulo.

Plinio Barreto — Redação do "Diário de São Paulo" — São Paulo.

Plinio Cavalcanti — Praça Alvares Penteado, 184, 10.º, sala 1.007 — São Paulo.

Plinio Gomes de Melo — Rua João Bricola, 47, sala 1.017 — São Paulo.

— R —

Racine Guimarães — Rua dos Andradas, 362, apt.º 22 — São Paulo.

Raimundo Alvaro de Menezes — Hotel São Bento — São Paulo.

Randolfo Marcondes Homem de Melo — Rua Rutilia, 15 — São Paulo.

Raul Briquet — Rua dos Franceses, 359 — São Paulo.

Raul de Polillo — Rua Conceição, 134, apt.º 507 — São Paulo.

René Thiollier — Rua 15 de Novembro, 40 — São Paulo.

Roberto Pinto de Souza — Rua Itália, 491 — São Paulo.

Roberto Waismann — Avenida São João, 51 — São Paulo.

Rogerio Prado Sampaio — Rua Bôa Vista, 186 — São Paulo.

Rossine Camargo Guarnieri — D.E.I.P. — São Paulo.

Rubem Ferreira Rocha — Rua Napoleão de Barros, 274 — São Paulo.

Rubens do Amaral — Rua Braulio Gomes, 25 — São Paulo.

Rui Miller Paiva — Rua Anchieta, 15, 2.º — São Paulo.

Ruy Bloem — Rua Bôa Vista, n.º 67, 11.º — São Paulo.

Ruy Coelho — Rua General Mena Barreto, 503 — São Paulo.

Ryro José Monteiro Brisolla — Rua Baturité, 209 — São Paulo.

— S —

Salvador de Moya — Rua Voluntários da Pátria, 2.912 — São Paulo.

Sebastião Almeida de Oliveira — Rua Carlos de Campos, 508 — Tanabi.

Sergio Milliet — Biblioteca Pública Municipal — São Paulo.

Silvio Portugal — Rua Direita, n.º 49, 3.º — São Paulo.

Silvio Rodrigues — Largo de São Francisco, 187 — São Paulo.

Sud Mennucci — Rua da Glória, 364 — São Paulo.

— T —

Tarciso Leonce Pinheiro Cintra — Rua Marconi, 34, 1.º, sala 12 — São Paulo.

Tito Batini — Rua Conceição, n.º 515 — São Paulo.

Tito Livio Ferreira — Rua Bernardino de Campos, 212 — São Paulo.

— V —

Viegas Neto — Rua 7 de Abril, n.º 381 — São Paulo.
Virginia Leon Bicudo — Rua Guarará, 90 — São Paulo.
Vitor Azevedo — Rua Libero Badaró, 661 — São Paulo.
Victor Caruso — Rua Loefgren, n.º 1.081 — São Paulo.
Vitorino Prata Castelo Branco — Rua Bartira, 69 — São Paulo.

— W —

Wilson Veloso — Rua Braulio Gomes, 25, 7.º, sala 715 — São Paulo.

— Y —

Yan de Almeida Prado — Avenida Brigadeiro Luis Antonio, 154 (antigo) — São Paulo.

MATO-GROSSO

Alirio de Figueiredo — Rosário.
Amarilio Novis — Avenida Getulio Vargas — Cuiabá.
Antonio Cesario de Figueiredo Neto — Palácio do Govêrno — Cuiabá.
Antonio Fernandes de Souza — Tesouro do Estado — Cuiabá.
D. Aquino Correia — Palácio Arquiepiscopal — Cuiabá.
Arlindo de Andrade — Campo Grande.
Arquimedes Pereira Lima — D.E.I.P. — Cuiabá.
Benjamin Duarte Monteiro — Rua Barão de Melgaço — Cuiabá.
Carlos de Castro Brasil — Corumbá.
Cecilio Rocha — Correios & Telégrafos — Campo Grande.
Estevão de Mendonça — Rua Barão de Melgaço — Cuiabá.
Filogônio de Paula Corrêa — Coxipó — Cuiabá.
Gabriel Vandoni de Barros — Corumbá.
Gervasio Leite — Rua Galdino Pimentel — Cuiabá.
Isaac Povoas — Rua Barão de Melgaço — Cuiabá.
José Jaime Ferreira Vasconcelos — Avenida Afonso Pena — Campo Grande.
José de Mesquita — Rua 13 de Junho — Cuiabá.
José Raul Vilá — Rua 13 de Junho — Cuiabá.
Luis Feitosa Rodrigues — Corumbá.
Luis Filipe Pereira Leite — Rua Primeiro de Março — Cuiabá.
Maria de Arruda Muller — Residência dos Governadores — Cuiabá.
Miguel Carmo de Oliveira Melo — Rua 15 de Novembro — Cuiabá.
Nicolau Fragelli — Campo Grande.
Olegario de Barros — Rua 7 de Setembro — Cuiabá.
Oscarino Ramos — Rua 7 de Setembro — Cuiabá.
Octavio Cunha Cavalcanti — Coxipó da Ponte — Cuiabá.
Paulo Porto — Redação de "O Progressista" — Campo Grande.
Raimundo Maranhão — Guiratinga.
Rubens de Mendonça — Rua Barão de Melgaço, 167 — Cuiabá.
Ulisses Cuiabano — Travessa Voluntários da Pátria — Cuiabá.
Virgilio Corrêa Filho — Praça André Rebouças, n.º 17 — Cuiabá.

GOIAZ

Arlindo Cardoso — Redação de "O Anápolis" — Anápolis.
Augusto Rios — Jaraguá.
Colemar Natal — Goiania.
Bernardo Elis — Goiânia.
Colemar Natal — Goiânia.
Cristiano Cordeiro — Faculdade d Deireito — Goiânia.
Cileneu de Araujo (Leo Lynce) — Goiânia.
Gelmires Reis — Santa Luzia.
Gerson Costa — Diretor do D. E. I. P. — Goiânia.
Jarbas Jaime — Mataúna.
Joaquim Ferreira — Redação de O Popular" — Goiânia.
Luis do Couto — Goiás.
Pedro Gomes — Goiânia.
Veiga Neto — Goiânia.
Xavier Júnior — Anápolis.

PARANÁ

Acir Guimarães — Redação da "Gazeta do Povo" — Curitiba.
Aguilar Moraes — Morretes.
Alberto Figueira — Diretoria Geral de Educação — Curitiba.
Alberto Gonçalves (Bispo) — Rua Marechal Deodoro, 237 — Curitiba.
Alceu Chichorro — Redação do "O Dia" — Curitiba.
Alcindo Lima — Rua Nunes Machado, 254 — Curitiba.
Aluizio de Abreu — Redação de "Marinha" — Paranaguá.
Aluizio França — Rua Dr. Muricí, 820 — Curitiba.
Angelo Guarinelo — Avenida Vicente Machado, 147 — Curitiba.

Anita Philiporosky — Ponta Grossa.

Antenor Luz — Rua Brigadeiro Francisco, 1.325 — Curitiba.

Antonio Dantas — Redação do "Correio dos Ferroviários" — Curitiba.

Arthur Martins Franco — Avenida Duque de Caxias, s/n. — Curitiba.

Augusto Faria Rocha — Rua Wenceslau Braz — Curitiba.

Azevedo Macedo — Rua 24 de Maio, 88 — Curitiba.

Benedito Nicolau dos Santos — Rua Pedro Ivo, 522 — Curitiba.

Brasil Pinheiro Machado — Rua Carlos de Carvalho, 874 — Curitiba.

Breno Arruda — Rua Dezembargador Motta, 1.369 — Curitiba.

Cid Cercal — Alameda Pedro II, 317 — Curitiba.

Ciro Silva — Rua Visconde de Nacar, 1.499 — Curitiba.

Dalton Trevisan — Rua Emiliano Perneta, 466 — Curitiba.

David Carneiro — Avenida João Pessôa, 40 — Curitiba.

De Placido e Silva — Editora Guaira — Curitiba.

Dicesar Plaisant — Praça Zacarias, 78 — Curitiba.

Durval Borges — Rua Marechal Deodoro, 714 — Curitiba.

Edgard Chalbaud Sampaio — Rua 15 de Novembro, 64 — Curitiba.

Emanuel Coelho — Rua Comendador Araujo, 283 — Curitiba.

Enéas Marques — Rua São Francisco, 308 — Curitiba.

Erasmo Piloto — Rua Visconde do Rio Branco, 1.302 — Curitiba.

Ernani Cartaxo — Curitiba.

Euclides Bandeira — Rua 13 de Maio, 777 — Curitiba.

Flavio Guimarães — Avenida Iguaçú, 1.090 — Curitiba.

Francisco Raitani — Rua Candido Lopes, 236 — Curitiba.

Francisco Scheleder Negrão — Colégio Novo Ateneu — Curitiba.

Gabriel Fontoura — Rua Senador Xavier da Silva, 454 — Curitiba.

Gilberto Beltrão — Ponta Grossa.

Heitor Stockler — Rua Marechal Floriano Peixoto, 446 — Curiitba.

Helena Kolody — Colégio Estadual Rui Barbosa — Jacarezinho.

Hellê Veloso — Rua Aimorés, 19 Portão — Curitiba.

Hugo A. Barros — Rua Buenos Aires, 87 (Batel) — Curitiba.

Ilnah Secundino — Rua Dr. Pedrosa, 65 — Curitiba.

Inaura Carneiro Leão — Rua Ébano Pereira, 356 — Curitiba.

Jade S. Magalhães — Praça Carlos Gomes, 1 — Curitiba.

Jaime Balão Junior — Rua Voluntários da Pátria, 548 — Curitiba.

J. Loureiro Fernandes — Rua José Loureiro, 320 — Curitiba.

João Candido — Rua André de Barros, 808 — Curitiba.

José Gelbecke — Avenida Ivaí, n.º 750 — Curitiba.

Laertes Munhoz — Avenida 7 de Setembro, 3.757 — Curitiba.

Laura Santos — Departamento de Saúde Pública — Curitiba.

Leocadio Corrêa — Rua Visconde de Nacar, 1.538 — Curitiba.

Leonor Castellano — Avenida 7 de Setembro, 1.834 — Curitiba.

Luiz Satendel — Rua Buenos Aires, 781 — Curitiba.

Lupion Quadros — Biblioteca Municipal — Curitiba.

Manoel Lacerda Pinto — Rua Buenos Aires, 97 (Batel) — Curitiba.

Maria Cândida de Jesús Camargo — Jaguaraiva.

Maria Nicolas — Rua Comendador Macedo, 154-A — Curitiba.

Mariana Coelho — Rua Carlos tiba.
de Carvalho, 515 — Curitiba.

Mary Camargo — Jaguaraiva.

Mercedes Dantas — Escola de Professores — Ponta Grossa.

Milton Carneiro — Avenida Iguaçú, 2320 — Curitiba.

Nascimento Júnior — Prefeitura Municipal — Paranaguá.

Otávio de Sá Barreto — Apucarana.

Otávio Secundino — Rua Dr. Pedrosa, 66 — Curitiba.

Oscar Martins Gomes — Rua 15 de Novembro, 64 — Curitiba.

Osvaldo Nascimento — Rua Senador Xavier da Silva, 454 — Curitiba.

Osvaldo Piloto — Rua Desembargador Westphalen, 1189 — Curitiba.

Pamphilo de Assunção — Praça Tiradentes, 460 — Curitiba.

Porthos Veloso — Retiro Saudoso (Portão) — Curitiba.

Pereira de Macedo — Rua Conselheiro Laurindo, 348 — Curitiba.

Raul Gomes — Centro de Letras do Paraná — Rua Colombo, 244 — Curitiba.

Raul Taborda — Rua Dr. Muricí, 645 — Curitiba.

Reinaldo Ribas Silveira — Rua 7 de Setembro 1482 — Curitiba.

Reinaldo Stendel — Rua Buenos Aires, 781 (Baatel) — Curitiba.

Risário Farani Mansur Guérios — Alameda D. Isabel, 228.

Rodrigo Júnior — Rua Marechal Deodoro, 37 — Curitiba.

Romário Martins — Rua Cruz Machado, 253 — Curitiba.

Serafim França — Rua Ébano Pereira, 334 — Curitiba.

Temistocles Linhares — Rua Emiliano Perneta s/n. — Curitiba.

Vasco José Taborda Ribas — Rua Cândido Lopes, 34 — Curitiba.

Veríssimo de Souza — Rua Ébano Pereira, 163 — Curitiba.

Virgílio Moreira — Caixa Postal 43 — Iratí.

Walfrido Piloto — Rua José Loureiro, 247 — Curitiba.

Wilson Martins — Redação de "O Dia" — Curitiba.

Altino Flores — Redação de "O Estado" — Florianópolis.
Henrique Fontes — Tribunal de Apelação — Florianópolis.
Ildefonso Juvenal — Florianópolis.
Ivo d'Aquino — Secretaria do Interoir — Florianópolis.
Mâncio Costa — Escola Normal — Florianópolis.
Marcos Konder — Centro Cultural de Itajaí — Itajaí.
Osvaldo Cabrla — Florianópolis.
Otton Dessa — Delegacia — Florianópolis.

RIO GRANDE DO SUL

Abdon de Melo — Tribunal de Apelação — Pôrto Alegre.
Abeillard Barreto — Biblioteca Pública — Rio Grande.
Acúrcio Benigno — Redação do "Correio d oPovo" — Pôrto Alegre.
A. Guerreiro Lima — Instituto de Educação — Pôrto Alegre.
Alberto Pasqualini — Redação da "Fôlha da Tarde" — Pôrto Alegre.
Cap. Alfredo Jacques — Brigada Militar — Pôrto Alegre.
Álvaro Delfino — Rio Grande.
Álvaro Magalhães — Livraria do Globo — Pôrto Alegre.
Ângelo Guido — D.E.I.P. — Pôrto Alegre.
Antônio Barata — Livraria do Globo — Pôrto Alegre.
Arquimedes Fortini — Rerdação do "Correio do Povo" — Pôrto Alegre.
Armando Câmara — Faculdade de Direito — Pôrto Alegre.
Athos Damasceno Ferreira — D.E.I.P. — Pôrto Alegre.
Carlos de Azevedo Légori — Pôrto Alegre.
Carlos Dante de Morais — Palácio do Govêrno — Pôrto Alegre.
Carlos Reverbel — Redação do "Correio do Povo" — Pôrto Alegre.
Clóvis Assunção — Pôrto Alegre.
Coelho de Souza — Secretaria da Educação e Saúde — Pôrto Alegre.
Ciro Martins — Hospital São Pedro — Pôrto Alegre.
Damasco Rocha — Pôrto Alegre.
Dante de Laytano — Faculdade de Filosofia — Pôrto Alegre.
Darcy Azambuja — Faculdade de Direito — Pôrto Alegre.
Diocólmata Yaleme Barlese — Pôrto Alegre.
Dionélio Machado — Hospital S. Pedro — Pôrto Alegre.
Edgard Schneider — Faculdade de Direito — Pôrto Alegre.
Eliezer de Menezes — Pôrto Alegre.
Emílio Kemp — Museu do Estado — Pôrto Alegre.
Érico Veríssimo — Rua Felipe de Oliveira 1115 — Pôrto Alegre.
Ernani Correia — Pôrto Alegre.
Ernesto Vinhais — Consulado dos Estados Unidos — Pôrto Alegre.
Ênio de Freitas e Castro — Pôrto Alegre.
Fábio Barros — Redação do "Correio do Povo" — Pôrto Alegre.
Fernando Corona — Instituto de Belas Artes — Pôrto Alegre.
Florinda Tubino Sampaio — Instituto de Educação — Pôrto Alegre.
Gilda Marinho — Livraria do Globo — Pôrto Alegre.
Guilhermino Cesar — Palácoi do Govêrno — Pôrto Alegre.
Hamilcar de Garcia — Livraria do Globo — Pôrto Alegre.
Homero Prates —
Joaquim Luís Osório — Pelotas.
Josino Campos — Redação da "Fôlha da Tarde" — Pôrto Alegre.
Justino Martins — Redação da "Revista do Globo" — Pôrto Alegre.
Juvenal Jacinto — Livraria do Globo — Pôrto Alegre.
Leonel Valandro — Livraria do Globo — Pôrto Alegre.
Lila Ripoll — Secretaria da Educação e Saúde — Pôrto Alegre.
Luís Carlos de Morais — Insi-ttuto de Carnes — Pôrto Alegre.
Manoelito de Ornelas — D.E.I.P. — Pôrto Alegre.
Mansueto Bernardi —
Mário QQuQintana — Livraria do Globo — Porto Alegre.
Moisés Velinho — Departamento das Municipalidades — Pôrto Alegre.
Nei Messias — Uruguaiana.
Nilo Ruschel — Prefeitura Municipal — Pôrto Alegre.
Nilton Bertolini — Pôrto Alegre.
Olinto Snamartin — Instituto Histórico — Pôrto Algere.
Olmiro de Azevedo — Pôrto Alegre.
Otelo Rosa — Pôrto Alegre.
Ovídio Chaves — Secretaria da Educação e Saúde — Pôrto Alegre.
Paulo Correia Lopes — Secretaria da Educação e Saúde — Pôrto Alegre.
Paulo de Gouveia — Pôrto Alegre.
Pedro Wayne — Bagé.
Renato Costa — Banco do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.
Reinaldo Moura — Biblioteca Pública — Pôrto Alegre.
Roy Nash — Consulado dos Estados Unidos — Pôrto Alegre.
Rui Cirne Lima — Companhia de Segurança Previdência do Sul — Pôrto Alegre.
Sérgio de Gouveia — Pôrto Alegre.
Tasso Correia — Instiutto de Belsa Artes — Pôrto Alegre.
Telmo Vergara — Rua Venâncio Aires, 622 — Pôrto Alegre.
Waldemar do Couto e Silva — Avenida 13 de Maio — Pôrto Alegre.
Walter Spalding — Instituto Histórico — Pôrto Algere.
Yolanda Trebi — Pôrto Alegre

O ROMANCE em 1942-43

Valdemar Cavalcanti

EM literatura também se pode falar em anos de vacas magras e anos de vacas gordas, tirado da expressão todo o sumo pejorativo. E' que se verificam às vêzes oscilações sensíveis na balança das letras — períodos de riqueza, com produção fácil e abundante, sucedendo a períodos de quase penúria, com colheita rala e difícil. Disso encontraremos exemplos eloqüentes se corrermos os olhos pelo campo da ficção — e particularmente do romance — nos anos de 1942 e 1943. O primeiro, um ano de vacas magras: pequeno conjunto de obras que não chegaram a obter maior repercussão, uma ou outra se destacando do cinzento geral, e isso mesmo discretamente. O outro, o 1943, um ano de experiências e realizações literárias surpreendentes, cuja avaliação e julgamento, pela variedade, perturbam o crítico menos prevenido.

EM 1942

Terá sido talvez a contribuição mais importante da produção de 1942 o romance *O Lodo das Ruas*, de Octavio de Faria — terceira parte do romance cíclico a que o autor deu o título afoito de "Tragédia Burguesa". Octavio de Faria iniciou um capítulo novo de sua vasta obra: *Os Paivas*. São mil páginas, distribuidas em dois sólidos volumes, pelas quais se esparrama uma longa história. Falta certamente à obra de ficção de Octavio de Faria qualquer coisa de essencial — certo frescor de imaginação, certo calor humano, certo instinto de vida, nem sei bem que é. Não há dúvida, porém, que êle vem levantando um edifício, pedra sôbre pedra, com uma fôrça, uma gravidade, uma persistência merecedoras de tôda a atenção de nossa parte.

De um nome ilustre é que muito se esperava — de Gilberto Amado. Publicara o agudo ensaista, no ano anterior, o seu primeiro romance — *Inocentes e Culpados* —, em tôrno do qual se desencadeou uma onda de publicidade. Depois de longo período de silêncio, de rigoroso jejum literário, Gilberto Amado anunciara estar preocupado com o preparo de uma série de romances. Com *Os Interesses da Companhia*, entretanto, Gilberto Amado não conseguiu definir perfeitamente os seus poderes de criação. Utilizando um material humano de primeira qualidade, não pôde êle transmitir-lhe um sôpro de vida autêntica. Daí parecer o seu romance como que sem nervos: só mesmo carne fofa cobrindo os ossos. O que corre nas veias dos seus personagens não é sangue vivo, mas tinta de escrever. Contudo, sempre se descobre em cada página o profuso talento literário de Gilberto Amado.

A dois estreantes iríamos dever valiosa contribuição para as letras de ficção em 1942 — Cecílio J. Carneiro e Lúcia Benedetti. Com *A Fogueira*, Cecílio J. Carneiro concorreu a um concurso de romances latino-americanos, merecendo menção honrosa. Em vista disso, teve a sua obra traduzida para o inglês, por Dudley Poore — tradução recentemente lançada nos Estados Unidos, sob o título *The Bonfire*. Nêsse autor, o que impressiona, ao primeiro contacto, é a sobriedade do estilo e a firmeza de construção do romance, apreciáveis num autor novo. Também apreciáveis são as qualidades com que se revelou Lúcia Benedetti, em seu *Entrada de Serviço*. Jovem ainda, com a só experiência dos contos, crônicas e artigos de jornal, Lúcia Benedetti deu-nos um romance de típico sabor carioca, a cujas páginas não falta um toque feminino.

Do Rio Grande do Sul nos veio o segundo romance de Dionélio Machado — *O Louco de Cati*. Não foi êste ainda o romance que estamos a esperar do autor de *Os Ratos*.

Completaram o rol, entre outros, de menor significação, *Estrela do Pastor*, de Fran Martins, *A Vocação de Vitorino Lapa*, de Galeão Coutinho, e *A Represa*, de Océlio de Medeiros.

EM 1943

Diferente o panorama do romance em 1943. Autores que se haviam, durante anos, conservado distante do público, reapareceram com livros novos. Outros, de produção regular, deram-nos obras de valor inconfundível. E outros ainda estreiaram auspiciosamente no gênero. Foi um ano, como se vê, de safra excelente.

Entre *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, *A Quadragésima Porta*, de José Geraldo Vieira, *Éramos Seis*, da Sra. Leandro Dupré, e *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, dividiram-se as atenções dos críticos e comentaristas literários. Além dêstes, ainda lhes disputaram o interêsse pelo menos três romances: *Marco Zero*, de Oswald de Andrade, *Dias Perdidos*, de Lucio Cardoso, e *O Resto é Silêncio*, de Erico Veríssimo.

José Lins do Rego retomou o fio do Ciclo da Cana de Açúcar e realizou uma de suas obras mais possantes. Por pouco *Fogo Morto* não se constituiu o ponto alto da carreira do romancista paraibano. Voltando ao nordeste canavieiro, onde colheu sempre os melhores elementos para a conformação dos seus romances, o autor mostrou-se na posse de todos os seus recursos de criação: deu vida a alguns tipos admiráveis, contou uma história de densa substância dramática, reconstituiu — e desta vez com maior segurança e equilíbrio — a atmosfera da vida rural naquela região do país. Dêsse romance, quase unânimemente louvado, disse Gilberto Freyre ser mais uma afirmação definitiva: "a da sua plena fôrça poética de narrador a serviço de um poder de observação, de recordação e de evocação que está longe de significar ausência ou fraqueza de criatividade". Ao contrário, julga Gilberto Freyre, e com razão: "é uma das expressões mais altas e raras da criatividade nas letras brasileiras".

Também o *Terras do Sem-Fim*, de Jorge Amado, representa o retôrno a um tema predileto, que o autor já aproveitara em têrmos de romance. Foi para a área cacaueira da Baía que Jorge Amado se voltou, para rever e recompor a paisagem esboçada anos antes, em *Cacau*. Os traços ainda imprecisos, mas já audaciosos, do romance de 1933 foram como que cobertos a nanquim; o esmaecimento dos lapis de cor recebeu tintas mais nítidas e duradouras. Reapareceu Jorge Amado com um romance de melhor factura técnica, de construção segura e estilo menos escorrido — tudo isso representativo de um perfeito amadurecimento do romancista. A "história de espantar" que êle nos conta é de uma crua realidade humana, em que aponta, aqui e ali, alguma tonalidade trágica despida de qualquer rendado sentimental — recurso fácil a que Jorge Amado se deixara arrastar, aliás, em outros romances. Das páginas de *Terras do Sem-Fim* se desprende um forte hálito de poesia — a poesia que vem da vida e não das palavras.

Romance que não teve a justa acolhida, por parte do público, foi *A Quadragésima Porta*, de José Geraldo Vieira. E trata-se, no entanto, de uma obra de larga envergadura, maciça na sua composição, construída, por assim dizer, como se constrói uma casa. Será talvez um romance em moldes antigos, realizado num estilo gordo e brilhante demais. A verdade, porém, é que êsses moldes e êsse estilo são o que há de mais autênticamente José Geraldo Vieira. De um escritor que nos deu *A Mulher que fugiu de Sodoma* era justo esperar-se, ao fim de dez longos anos de silêncio, um romance de contextura rica, como *A Quadragésima Porta*. O autor fixou um quadro exaustivo da vida burguesa na Europa de entre as duas grandes guerras — plano ambicioso, que êle executou com poderes excepcionais de criador.

Da pequena burguesia — e não européia, mas brasileira — serviu-se a Senhora Leandro Dupré, para retirar o conteúdo de drama do seu romance *Éramos Seis!* Sòzinha no mundo, uma viuva-náufraga nos oferece as suas reminiscências — é tôda a história dêsse livro, que nada apresenta de grandioso na sua estrutura, nada de enfático na narrativa, nada de excepcional na fisionomia das personagens. Seis figuras humanas, recortadas pacientemente por mão feminina e com feminina ternura, transitam pelo romance, vivem as suas íntimas tragédias sem desespêro e perdem-se a distância sem rumor. Foi para uma realidade miúda e fatigantemente quotidiana, para coisas na aparência insignificantes ou demasiado banais da vida doméstica, que se voltou o olhar minucioso da nova romancista brasi-

leira. Saiu-lhe o romance, por isso mesmo, de uma flagrante autenticidade humana e social.

Diferente dos demais foi o romance de estréia de Clarice Lispector — *Perto do Coração Salvagem*. Terá sido esta, possivelmente, uma das maiores surpresas do ano. Nome ainda quase desconhecido, Clarice Lispector provocou certa agitação nos círculos intelectuais: constituia o seu romance alguma coisa de novo. Trouxe-nos a jovem escritora um documento humano impressionante, vasado num estilo maleável e audacioso. Seria fácil descobrir-se no talhe da letra de Clarice Lispector a influência da caligrafia inconfundível de um Joyce e de um Proust. Tanto mais fácil quanto é de Joyce mesmo que ela tirou o próprio título do romance; de uma frase que a autora colocou cuidadosamente no pórtico, para abrir os olhos dos críticos. O certo, porém, é que Clarice Lispector nos revelou uma admirável natureza de romancista, dotada de grande riqueza psicológica.

O *Marco Zero* — ou seja, *A Revolução Melancólica*, título da primeira parte do romance cíclico há muitos anos anunciado por Oswald de Andrade — assinalou o retôrno ao romance de uma das personalidades mais complexas com que contam as letras brasileiras. Queria o autor que essa obra fôsse um "romance mural", em cujas páginas se estampassem, em traços fundos, realidades inconfundíveis da vida brasileira. Abundante foi o material recolhido, incontáveis os fatos, inumeráveis os tipos. Tudo isso Oswald de Andrade manejou com objetividade e senso de sátira — qualidades ambas, entretanto, que lhe prejudicaram a pintura, em vários trechos do quadro projetado. Para melhor julgar o *Marco Zero* será necessário aguardar os afluentes seguintes dêsse romance-rio.

De outra categoria, bem distinta, é o romance de Lúcio Cardoso — *Dias Perdidos*. Não é a abundância de material humano, nem a variedade de fatos e tipos que preocupam o escritor mineiro. Prefere êle o material reduzido, e que seja pequeno o número de fatos e tipos, contando que o material seja excepcional, e os fatos e os tipos singulares. Numa linguagem densa, salpicada de têrmos de mistério e que se repetem a cada instante, êle conduz a sua narrativa por sombrios caminhos, atento aos menores movimentos psicológicos das suas personagens, que às vêzes, aliás, parecem soltas no ar, sem carnação humana. Não se negará, porém, a Lúcio Cardoso uma imaginação viva, nem o senso do trágico.

Não obteve grande repercussão *O Resto é Silêncio*, de Erico Veríssimo. Em geral, os livros do escritor gaúcho encontram público numeroso e provocam debates entre os comentaristas literários. O seu último romance, original como concepção e realizado com aquêle virtuosismo técnico que carecteriza a ficção de Erico Veríssimo, coloca-se na esteira de *Um Lugar ao Sol* e *Olhai os Lírios do Campo*, em perfeito pé de igualdade, nada havendo sido acrescentado, com isso, à obra do apreciado romancista.

O elenco bibliográfico de 1943 apresentou ainda alguns outros romances, menos significativos. Êsses, o tempo os julgou, inflexível como sempre.

Dois anos de POESIA

JOSÉ CESAR BORBA

QUANDO lançamos um olhar sôbre a produção poética publicada em 1942 e 1943, descobrimos nela a presença de alguns nomes dos mais representativos da poesia brasileira contemporânea: Augusto Frederico Schmidt (**Mar Desconhecido**); Carlos Drummond de Andrade (**Poesias**); Cecília Meirelles (**Vaga Música**); Vinicius de Moraes (**Cinco Elegias**); Afonso Arinos (**Dirceu e Marília**); Adalgisa Nery (**Ar do Deserto**); Ione Stamato (**A imagem afogada**); Ribeiro Couto (**Cancioneiro do Ausente**); Yolanda Jordão Breves (**Campos Cercados**). Tivessem os senhores Manuel Bandeira e Jorge de Lima aparecido nesses dois anos com algum livro, e então se teria completado, de maneira perfeita, o ciclo dos nossos grandes poetas. Só ficaram faltando, realmente, os autores de **Libertinagem** e de **A Túnica Inconsútil**. Em lugar de Jorge, porém, tivemos Matheus de Lima, o raro e misterioso Matheus, com os seus densos, originais e rítmicos **Poemas da Hora Melhor**, publicados no Recife, em 1943.

E não só os nossos grandes vivos, também os nossos grandes mortos foram reeditados em 1942 e 1943: Tomás Antonio Gonzaga (**Obras Completas**); Castro Alves (**Obras Completas**); **Augusto dos Anjos** (a décima edição do **Eu e outras poesias**); Alvares de Azevedo (**Obras Completas**); Olavo Bilac (a décima nona edição das **Poesias**); Vicente de Carvalho (a décima primeira edição dos (**Poemas e canções**); Fagundes Varela (**Obras completas em três volumes**); Moacir de Almeida (**Poesias completas**).

Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu e Raymundo Correia: parece-me (no que pese minha péssima memória bibliográfica) que faltaram edições dêsses poetas nos dois anos em estudo para fechar, também na parte dos mortos, o ciclo dos grandes poetas brasileiros. Quanto a Gonçalves Dias, é certo que, em 1943, recebeu uma homenagem maior do que uma reedição das suas obras: a excelente e documentada biografia que lhe dedicou a escritora Lúcia Miguel-Pereira. Estudo idêntico alguem precisa fazer da obra e da vida de Raymundo Correia.

Junte-se a êstes alguns estreantes como José Miranda, com **Alambôa**, em começos de 1942, Haydée Nicolussi com **Festa na Sombra**, em fins de 1943, João Cabral de Melo Neto, de Pernambuco, com o livro **Pedra do Sono**; e a notável Maria Isabel com **Dardo de Vidro**. E ainda os **Poemas Inglêses de guerra**, traduzidos por Abgar Renault, e o livro de Henriqueta Lisboa: **O menino poeta**. Não é possível enumerar todos, e as omissões, sôbre serem numerosas, surgirão sempre lamentáveis de cada vez que o autor, tàrdiamente, vier a se lembrar de muitos autores ausentes desta crônica. Não é possível, também, falar longamente dos lembrados e presentes. É possível somente dar uma notícia, lançar um olhar, fazer uma saudação distante.

As casas comerciais costumam fechar as suas escritas no dia 31 de dezembro de cada ano: não sei se é possível fazer o mesmo, com o mesmo rigor, na vida literária. Quando os livros aparecem nos últimos dias de um determinado ano, só começam realmente a viver e a repercutir nos primeiros dias do ano seguinte. Os livros de escrituração se fecham com o ano, os de poesia se abrem para o ano novo. Tal coisa aconteceu com **O Visionário**, de Murilo Mendes, onde, aliás, os poemas que o formavam, recuavam para uma data muito mais remota do que o fim do ano de 1941. Eram poemas antigos, velhas produções, algo esquemáticas, às vezes, sem parentesco ou proximidade com **A Poesia em Pânico**. A reação da crítica e dos admiradores de Murilo Mendes, os admiradores menos ortodoxos, está claro, não lhe dispensou a mesma importância dos poemas posteriores à conversão do poeta.

O livro, porém, acrescenta de muito seu poderoso talento, como uma marca a mais da fecundidade criadora dêsse poeta de grande próle, que diariamente germina um ou mais poemas e cuja vida extraordinária é o seu melhor e mais simbólico trabalho. **O Visionário** será, talvez, um Murilo Mendes em tom menor, nem por isso menos fiel ao poeta, menos original e menos surpreendente como no poema da mulher em tôdas as idades, ou no poema do mundo começando nos seios de Jandira.

Augusto Frederico Schmidt, cujas obras imediatamente anteriores evocavam a noite e as estrêlas (**Canto da Noite** e **Estrêla Solitária**), procurou para título do seu último livro um arranjo em que a palavra mar pudesse figurar, completando, dêste modo, aquela seqüência romântica tão empregada mas sempre tão fresca e tão fascinante: noite, estrêla e mar... O título do livro — **Mar Desconhecido** — conquanto coincida com o nome de um poema de Rodrigues de Abreu é, apesar disso, expressivo para o caso de Augusto Frederico Schmidt, que o soube colocar admiravelmente no soneto de abertura: **"Sinto viver em mim um mar ignoto"**.

Alvaro Lins saudou êste livro como uma obra de maturidade. Nêle o poeta, conservando embora a sua generosa inspiração ro-

mântica, busca se prender e se limitar na disciplina clássica, numa desesperada oposição a si mesmo, nadando contra as correntes mais fortes do seu temperamento e da sua sensibilidade. No **Mar Desconhecido**, por isso mesmo, contamos os momentos de mais pura poesia schmidtiana naquelas composições em que o esfôrço do poeta para disciplinar-se acabou impotente para resistir à sua onda interior e desordenada de ritmos, de formas, de palavras e de imagens, como no "Poema do pescador", no "Canto do Mistério do Natal", no "Canto para os adolescentes", todos de uma categoria mais peculiar e mais bela do que o "Soneto a Camões", que mesmo como soneto, tem poderosos concorrentes no "Soneto do Patriarca" e na maior parte do "Ciclo de Josefina".

A publicação das **Poesias** de Carlos Drummond de Andrade, reunindo seus três primeiros livros — **Alguma Poesia, Brejo das Almas e Sentimento do Mundo,** — e uma parte posterior a êste último livro, **José**, foi, sem dúvida, o maior acontecimento poético de 1942. O nosso poeta teve, pela primeira vez, sua obra lançada com grande tiragem, abrindo caminho, desta maneira, para muitos leitores que o conheciam de referência, pois aos mesmos sempre foram inacessíveis as edições limitadas dos seus cadernos de poesia. Muito discutido, Carlos Drummond de Andrade passou a ser também muito lido.

A reedição em conjunto parece ter sido feita com a maior fidelidade aos textos originais, sem exclusão de nenhum poema, ou talvez apenas do "Hino Nacional", que integrava a primitiva **Alguma poesia,** e um dos mais frescos daquele livro.

Através das **Poesias,** onde se encontram mais de quinze anos de atividades poéticas de Carlos de Andrade, pode-se partilhar dos seus caminhos, seguir-lhe os altos e baixos, as súbitas mudanças de paisagem, até os primeiros sinais de uma estância definitiva. Do senso de "humour" ao senso de responsabilidade social, da confissão de seus sentimentos à percepção dos sentimentos do mundo, da semelhança com Emile Verhaeren à identidade com Frederico Garcia Lorca, podemos marcar nestes aspectos a evolução drummondiana de **Alguma Poesia a José.**

Ao meu ver entre essas duas obras, colocadas nas extremidades da sua produção conhecida, está o núcleo mais característico e mais bem realizado poeticamente: **Brejo das Almas e Sentimento do Mundo.** Os que são partidários de que Carlos Drummond de Andrade se ultrapassa em cada novo poema que escreve, discordarão violentamente desta idéia, mas eu, ao contrário, sinto-a confirmada cada dia.

Ao falar em núcleo, me refiro ao centro mais importante da poesia de Carlos Drummond de Andrade, ao bloco mais considerável da sua obra, sem desconhecer que, fora dêsse núcleo, há poemas como "Poema de sete faces", como "Cantiga de viuvo", "Viagem na Familia", "Os rostos imóveis", "Edificio Esplendor" que, isoladamente, valem por um bom livro de poesias.

Tão significativo como o acontecimento da publicação das **Poesias** de Carlos Drummond de Andrade, foi a edição de um novo livro de Cecília Meirelles — **Vaga música**. A nossa maior poetisa, que é a figura feminina mais importante da literatura brasileira moderna, tal como no seu admirável **Viagem** realizou com **Vaga música** um novo, complexo e prodigioso milagre poético de inspiração e de técnica, percorrendo tôdas as formas, se utilizando de todos os ritmos. Cecília Meirelles reuniu em quase todos os poemas dêsse seu livro a delicadeza à variedade, desdobrando e desenvolvendo com um rara maestria, e com uma segura consciência da arte poética, as possibilidades dos seus temas. Quanto a êstes, quer na forma, quer na inspiração, procedem bem sensivelmente da tradição poética portuguêsa, naquela cambiante entre a simples cantiga para o povo e certos depoimentos e confissões pessoais arrastados até o público por fôrça do sortilégio dêsses ritmos simples e envolventes. A humildade e a ternura, o sofrimento velado, a sensibilidade para as pequenas coisas incógnitas, enriquecem a sua musa. "Epitáfio da navegadora", "Canção da tarde no campo", ou o pequeno poema dedicado a uma pequena cidade mexicana — Soledad ("ai, quem te pôs êsse nome, Soledad !, sabia o que são palavras") — ficará para sempre na lingua portuguêsa.

Três outras poetisas — Yolanda Jordão Breves, Yone Stamato e Maria Isabel — publicaram cadernos de poesia em 1942, respectivamente **Campos cercados, A imagem afogada** e **Dardo de Vidro.** As duas primeiras não são estreantes. Seus trabalhos de agora representam obras mais completas e mais densas. A terceira, Maria Isabel, dela o que sugere o livro de estréia, é uma forte personalidade sob três influências fortes: Manuel Bandeira, Cecília Meirelles e Vinicius de Moraes.

Afonso Arinos de Melo Franco, em quem o ensaista, o historiador e o crítico literário pareciam haver absorvido o poeta, publicou em 1942 um drama lírico, **Dirceu e Marilia,** levado à cena no ano seguinte pelo Teatro dos Estudantes. A composição em alexandrinos fez reviver uma velha forma poética, ao menos com a categoria de uma simples experiência.

João Cabral de Melo Neto, de Pernambuco, estreou-se com **Pedra do Sono,** um admirável caderno de poemas que traz a invocação dos versos de Mallarmé: **"Solitude, récif, étoille".** Sob o signo de Mallarmé e Valery, o jovem poeta escreveu alguns versos onde as palavras, cuidadosamente escolhidas, ganham valores próprios no mecanismo de uma lingüagem poética original.

Não é nunca possivel esquecer que 1942 foi um ano culminante na evolução da segunda guerra mundial; o heroismo do povo inglês, que vertia o sangue,, o suor e as lágrimas preconizadas pelo seu primeiro ministro, em meio a incertezas e perigos indisfarçáveis, foi pela primeira vez representado e condensado

no Brasil através de uma bela e impressionante antologia de seus poetas-soldados: **Poemas Inglêses de guerra.** Abgar Renault, um grande poeta sem livro (como Dante Milano), se encarregou de traduzir êstes versos, imprimindo-lhes, numa obra de autêntica recriação, o rigor dos seus conhecimentos da língua inglêsa, a sua sensibilidade artística e a sua própria emoção humana.

Poude Abgar Renault transmitir-nos nas suas traduções aquela mescla de lirismo e de pudor que está no fundo destas composições, como uma marca substancialmente inglêsa. Pudor do próprio heroismo, o que há de mais puro nos verdadeiros heróis, o que há de mais tocante neste poema "O soldado", de Rupert Brooke :

"Si eu acaso morrer, de mim pensai somente:
há um recanto, lá numa terra estrangeira,
que há de ser a Inglaterra, eterna, eterna-
[mente.
Nessa terra tão rica, — escondida, uma poeira
mais rica existirá, que a Inglaterra fez,
e modelou, e a que deu alma, e a que, uma vez,
deu flores para amar, caminhos onde errar,
— um corpo da Inglaterra, aspirando o ar
[inglês,
que os rios banham e abençoa a luz solar.
De todo mal despido, eis que êste coração,
que no espírito eterno agora é pulsação,
restitue à Inglaterra, enfim, os pensamentos
que ela lhe deu: suas paisagens e seus sons;
sonhos felizes como o esplendor do seu dia;
e o riso que a amizade ensina, e a placidez,
nos corações em paz, por sob um céu inglês".

Das edições publicadas em 1942 das obras completas de Tomás Antonio Gonzaga, Castro Alves e de Alvares de Azevedo, das **Poesias** de Bilac, do **Eu** de Augusto dos Anjos e dos **Poemas e Canções** de Vicente de Carvalho, destacam-se as **Obras completas** de Alvares de Azevedo e de Gonzaga. A de Gonzaga anotada e prefaciada pelo erudito português M. Rodrigues Lyra. A de Alvares de Azevedo, em dois volumes, anotada e prefaciada por Homero Pires.

No ano de 1943, os dois livros de poemas mais importantes foram o **Cancioneiro do Ausente**, de Ribeiro Couto, longamente anunciado, e as **Cinco Elegias** de Vinicius de Moraes, onde êste jovem poeta realizou uma experiência lírica altamente significativa para si e para a poesia brasileira.

A ausência a que Ribeiro Couto faz menção no título do seu caderno de poemas, é a dos cinco anos passados na Holanda, dos começos de 1935 a 1940. Dêste período da sua vida já nos dera alguns poemas excelentes, numa pequena "plaquette": **Cancioneiro de Dom Afonso**, editada em Portugal. Tudo indicava que uma parte do **Cancioneiro do Ausente** viesse a ser formada pelo **Cancioneiro de Dom Afonso**, mas o autor preferiu conservá-lo autônomo naquela "plaquette". Em compensação, muitos poemas do **Cancioneiro do Ausente** foram escritos no Rio, depois de 1940, e uma boa parte pertence a outra "ausência" do poeta: os meses passados nos Estados Unidos entre fins de 1941 e começos de 1942, enquanto **Cancioneiro de Dom Afonso** traz uma nostalgia do Brasil e é uma reconstituição lírica, pela memória, das suas formas populares, festas, aspectos, gíria, tudo escorrendo pelos canais da amizade. **Cancioneiro do Ausente,** menos do que um livro de nostalgia, é um livro do mar, e a memória do poeta o inspira quase que exclusivamente para recordar viagens, aspectos, emoções e sentimentos ocorridos em terra estrangeira ou em face do oceano. Cabiúna, personagem de um dos melhores poemas do livro, é a imagem do próprio poeta, em menino, querendo ir para a Europa :

"— Minha mãe, eu cresço logo,
Fico grande e vou na Europa.
Deixa eu ir, minha mãezinha ?"

E depois de grande, chorando "junto de um cáis estrangeiro" porque

"Alguem, passando, assobiava
Uma canção parecida
Com as que a mãe dêle cantava".

Tanto quanto devam e possam vigorar as leis de precedência cronológica no aparecimento dos livros, ao volume de Ribeiro Couto seguiu-se o terceiro livro de poesias de Adalgisa Nery, entregue às livrarias exatamente nas vésperas da partida daquela poetisa para o Canadá. **De Ar do Deserto** — título tão expressivo e tão próprio para quem, como Adalgisa Nery, canta no mais alto grau o vasio da vida e a amargura dos sêres, o desamparo da alma inquieta dentro da matéria limitada e efêmera, pode-se dizer que acompanha o ritmo formal e a inspiração poética anunciados tão vivamente em **Poemas** e confirmados em **A mulher ausente**. Muitos dêsses seus novos poemas já estavam distribuidos e divulgados na imprensa diária ou nas nossas revistas literárias: o livro os unificou, para benefício da sua obra e alegria dos seus admiradores.

As **Cinco Elegias** de Vinicius de Moraes intitulam-se sucessivamente: "Elegia quase uma ode", "Elegia lírica", "Elegia desesperada", "Elegia ao primeiro amigo" e "A última elegia", da qual afirma o poeta ser a maior aventura lírica da sua vida, e cuja lingüagem é uma "mistura de português e inglês, com vocábulos muitas vezes inventados e sem chave morfológica possível". Das quatro primeiras, sem dúvida a mais impressionante é a "Elegia desesperada", onde sentimos retornar, em tôda a sua grandeza, o poeta de **Forma e Exegese**, e neste, principalmente, o autor da "Legião dos Úrias". Das cinco elegias esta é aquela em que os problemas pessoais do poeta menos o preocupam e menor matéria oferecem para a sua poesia, ao contrário da primeira, "Elegia quase uma ode". Carrega um sentido por assim dizer, cósmico, e contém um panorama quase de epopéia: a epopéia do mundo moderno. No "homem vasio que se atira para o esfôrço desconhecido" estará, talvez, um símbolo de Hitler :

"Seu nome é terrível. Se êle o grita silenciosa-
[mente
Deus se perde de horror e se destrói no céu.
Desespêro! Desespêro! Porta fechada ao mal
Loucura do bem, desespêro, criador de anjos!"

Na "Elegia quase uma ode" experimenta-se uma como contrafacção entre o homem e o poeta, uma luta surda, vivida, presente, inesgotavel. Sentir-se apenas homem e não poeta, "ser apenas Moraes sem ser Vinicius", são duas confissões formando dois versos. Quanto à "Elegia ao primeiro amigo", não sei explicar bem porque, mas ela me acordou lembranças de um poema de Vinicius de Moraes, que é da minha especial predileção: "Ilha do Governador", que está no **Forma e Exegese.**

Um acontecimento ao mesmo tempo poético e bibliográfico foi a edição do livro **Glaura,** de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, na Biblioteca Popular Brasileira do Instituto Nacional do Livro. Afonso Arinos de Melo Franco, êle próprio poeta e estudioso dos poetas da fase da Inconfidência, dedicou ao volume um prefácio de grande valor informativo, com uma biografia de Silva Alvarenga e uma relação das suas obras, findando com algumas observações à margem de **Glaura,** cuja edição primitiva apareceu em 1799, em Lisbôa. É uma coleção de rondós e madrigais, com o subtítulo de "Poemas eróticos".

Também em 1943 é justo assinalar o aparecimento das **Poesias Completas de Moacir de Almeida,** devido a um grupo de amigos do poeta, os mesmos que anteriormente haviam publicado **Gritos Bárbaros,** o livro inédito que nos deixara êsse adolescente, morto quase na mesma idade de Castro Alves, que parece ter sido o seu ídolo e o seu modêlo.

Ainda em 1943 publicou-se uma edição das **Obras Completas** de Fagundes Varela, em três volumes, com estudos de Edgard Cavalheiro, Atilio Milano, Adelmar Tavares e Murilo Araujo.

No capítulo dos estreantes, aqui e nos Estados, surgiram alguns novos poetas, e entre êstes devem ser assinalados: Ruy Barata, do Pará, com **Anjo dos abismos,** e Haydée Nicolussi, com **Festa na Sombra.** Ruy Barata ingressa entre os muitos discípulos de Augusto Frederico Schmidt, de quem absorveu qualidades, recursos formais, imaginação. Um discípulo confessado e orgulhoso do seu mestre, de cujo nome se serve para batisar uma das suas produções: "Poema schmidtiano". Haydée Nicolussi não ingressa em nenhuma escola, sob nenhuma influência: se ingressa em alguma coisa será, com certeza, no rol dos nos os bons poetas. O seu livro é belo, humano, eloqüente. Algumas das suas imagens ficam para sempre no coração do leitor, ressoando "como numa concha fica a voz do mar".

Henriqueta Lisboa, cuja bagagem poética conta cinco livros, publicou **O menino poeta,** que sem dúvida não é a sua melhor obra, faltando-lhe muito da densidade, do vigor e da beleza verbal de **Prisioneira da noite,** publicado em 1941.

O ENSAIO no BIENIO 1942-43

NELSON WERNECK SODRÉ

POUCA gente ha de ter notado, mas o fato é que, em 1942, foi lançada a 16.ª edição de **Os Sertões**. Atingindo uma difusão dessa ordem, que, em nosso país, e para um livro desse tipo, é qualquer cousa de notavel, a obra de Euclydes parece estar em vésperas de despertar uma nova fase de estudos, fase que podemos assinalar como iniciada com o lançamento das edições em espanhol e em inglês desse livro capital da cultura brasileira. Não será demais, entretanto, lembrando um acontecimento dessa importância, e que passou quasi desapercebido, frizar que **Os Sertões** é um livro típico por vários títulos; tem, em suas páginas, onde Enclydes lançou os sinais mais vivos de sua personalidade curiosa e cheia de arestas, o mistério, a grandeza e a amargura do Brasil. E que poderia ser, em verdade, um grande livro brasileiro, senão isso, quando marcasse, como **Os Sertões**, a heterocronia cultural entre a orla oceânica e o interior bravio? Parece que teremos, de agora por diante, uma fase ativa de estudos enclydeanos, de comentários e de anotações às obras do engenheiro que foi, ao mesmo tempo, um geógrafo ousado e um sociólogo destemeroso. Quando o público souber, em detalhes, os índices de cultura de Enclydes, entre a sua volta dos sertões baianos e a estada em S. José do Rio Pardo, periodo de longa preparação, verdadeira etapa de leituras como não houve outra na agitada e tormentosa existencia do escritor, muito do que parece filiado à pura intuição, nessa obra famosa, ha de ser rastreada cuidadosamente, de sorte a possibilitar o levantamento das linhas mestras da personalidade intelectual de Enclydes. Veremos, então, como, nesse narrador de primeira ordem, houve muito mais intenção do que parece, como, na sua interpretação prodigiosa, em que se quer ver, por vezes, lampejos curiosos de profeta, houve apenas um estilo peculiar e inimitavável ao serviço de uma paixão alimentada, de um lado, no amor da terra, de outro no desespero pelos seus males, sentimentos de que a invectiva exasperada da última página não é mais do que um sinal vivíssimo.

Quasi quarenta anos depois do lançamento de **Os Sertões**, o país assistiu, em 1942, ao aparecimento de outra obra, em que não ha, certamente, indícios da influência euclydeana mas onde um pesquisador atento encontrará a exploração do mesmo filão, levada a efeito com outra soma de recursos, com outro instrumento de análise, êste já polido por tôda a sorte de elementos que a pesquisa histórica póde hoje oferecer. **Formação do Brasil Contemporâneo**, realmente, não indica paixão, em nenhuma de suas páginas, e a tragédia da estrutura social e política brasileira aí aparece surgindo da própria realidade, exposta por um estudioso sereno e exato, cuidadoso dos detalhes, capaz de usar, sem indecisões, aquêles instrumentos de crítica, sem se deixar conduzir por aprioríslicas razões, indagando, sem descanso, os motivos das cousas, e buscando assentar em terreno firme as suas conclusões. Não tivemos, desde que Euclydes, em Lorena, aguardava o lançamento de **Os Sertões**, e desde que Gilberto Freyre, depois da aventura do exílio, nos deu **Casa Grande & Senzala**, uma estréia tão viva e tão auspiciosa como a de Caio Prado Júnior nos estudos fundamentais da vida brasileira. **Evolução política do Brasil**, realmente, obra lançada nove anos antes, passara quasi desapercebida, salvo entre os especialistas, e denunciara mesmo, da parte do autor, ao lado de diretrizes interessantíssimas, a tendência fundamental, a que subordinara o seu espírito, mais do que orientações capazes de fixar a obra como básica e valiosa para os estudos históricos. Êsse livro, prometendo muito e já contendo cousas de valor indiscutível, não era, ainda,

a obra que deveria situar Caio Prado Júnior entre os mestres nacionais no plano dos estudos políticos, sociais e históricos.

O ano de 1942 não indicava apenas com o aparecimento de uma obra dêsse porte, entretanto, a intensidade e a generalidade dos estudos e pesquisas que indiciam a curiosidade no nosso passado e o lançamento das bases de seu estudo. Reunindo em livro trabalhos esparsos, Artur Ramos lançava **A aculturação negra no Brasil**, continuando um labor incansável a que devemos, em grande parte, a alteração sensível dos vulgares estereotipos antigos, que punham o problema racial, de que o nosso país é exemplo típico, no plano da falsidade e da exploração política. O problema da aculturação, num país de formação basilarmente mixta, que se processou, entre nós, desde a primeira fase de existência, devia merecer mesmo atenção especial, donde se verificaria, como comprova Artur Ramos, a contribuição formidável do elemento africano de origem, no largo contato de quatro séculos, num meio onde ingressou para fornecer o braço escravo. A obra de Artur Ramos, como aquelas que lançara antes, traçava novos rumos a tais estudos, situando, com precisão e rigor, o problema sociológico da aculturação, como situara já outros aspectos da contribuição negra, estabelecendo as verdadeiras linhas dos estudos antropológicos e de antropologia social, no Brasil.

Lidia Besouchet nos mandava, em 1942 ainda, o seu esplêndido estudo **Mauá e seu tempo**, contribuição das mais interessantes para o esclarecimento da ação pública de um homem que simbolizou tôda uma época econômica, ou melhor financeira, do Brasil e cuja figura tão adulterada tem ficado através do panegírico cego, capaz até de esconder as inegáveis qualidades pessoais do grande banqueiro que alimentou alguns dos empreendimentos públicos mais sérios do império de D. Pedro II. Mauá, como outros vultos da história brasileira, estava merecendo, realmente, uma análise segura, como a que vem empreendendo a ensaista, para que a sua personalidade se enquadre precisamente nas condições de sua época, fóra das quais não poderia viver senão pelo milagre quotidiano das biografias romanceadas e semelhantes.

Gilberto Freyre apareceu, nesse ano, com a nova edição do seu **Guia do Recife** e com os trabalhos enfeixados em **Inglêses**, cuja dedicatória a Stafford Cripps tem uma significação especial, trabalhos que abordam alguns aspectos de um grande tema, infelizmente pouco explorado, entre nós: e das influências e contribuições britânicas às nossas cousas, vida e costumes. Gilberto, aliás, foi um dos primeiros escritores brasileiros a sentir, neutralizando o primado francês, as influências literárias inglêsas, tão sensíveis na sua maneira de escrever, como as influências norte-americanas são sensíveis nos seus trabalhos sociológicos, cousa, aliás, muito natural. Um francês radicado no Brasil, também, Georges Bernanos, entregava ao público a sua flamejante **Lettre aux anglais**, logo no ano seguinte.

A evolução da posição brasileira ante o conflito mundial possibilitava o aparecimento, nesse fecundo ano de 1942, de depoimento como o de Lindolfo Collor, **Sinais dos tempos**, e de Miguel Ozorio de Almeida, **Ambiente de guerra na Europa**, logo no ano de 1943, abrindo uma série de obras no gênero, quasi tôdas de importância relativa, literáriamente falando, mas de importância maior si compreendermos o desenvolvimento dos fatos que, no momento atual, já nos parecem um distante passado.

A guerra, felizmente, não perturbava demasiado a atividade intelectual brasileira, pois, quando, em 1942, tantos dos seus principais episódios se desenvolviam, nos quatro cantos do mundo, Afonso Arinos de Melo Franco lançava a sua biografia do Marechal Calado, O. M. Carpeaux os trabalhos de **A cinza do purgatório**, Isaias Alves o estudo sôbre o barão de Macaúbas, Mario Travassos a **Introdução à geografia das comunicações brasileiras**, Afonso Schmidt as páginas de **A sombra de Julio Franck**, e a influência norte-americana já despertava curiosidade capaz de possibilitar a divulgação de uma reportagem como a de Érico Veríssimo, em **Gato preto em campo de neve**, ou ensaios bem feitos como os de A. Rolmes Barbosa, enfeixados nos **Escritores norte-americanos**.

Mas foi, sem dúvida, a biografia que mereceu, em 1942, a atenção melhor dos escritores nacionais. Clovis de Gusmão escreveu sôbre **Rondon**, Vitor de Azevedo sôbre **Feijó**, Luiz Viana Filho lançou o seu esplêndido e discutido trabalho **A vida de Rui Barbosa**, escrito com uma clareza, uma simplicidade de narração, uma capacidade de evocação muito raros, entre nós, Afonso Taunay nos deu um trabalho sôbre **Bartolomeu de Gusmão**, e Plinio Salgado escolheu nada menos do que Jesus para objeto de sua atenção. Si nos recordarmos de que 1942 assistiu, ainda, ao aparecimento dos ensaios curiosos de José Lins do Rego, **Gordos e magros**, e as pensadas e repousadas páginas de Sergio Milliet, em **Fera de forma**, além de que Gonçalves Dias devia merecer, nesse ano, a homenagem de duas contribuições interessantes e fundamentais, a de Josué Montello e a de M. Nogueira da Silva, verificaremos como foi esse um ano fecundo, na etapa de recuperação que vamos atravessando.

Quando chegou 1943, Gonçalves Dias não foi esquecido: teve um pedestal magnífico com a obra de Lucia Miguel Pereira. Assim como, em 1942, Otavio Tarquínio de Sousa lançara um **Feijó** esplêndido, equilibrado, documentado, situado na verdadeira escala de seu valor, mas sem amesquinhar a sua época e aquêles que viveram ao seu lado, biografia feita por mão de mestre, esse ano de 1943 encontrava no estudo de Lucia Miguel Pereira uma dessas obras exatas, elaboradas com paciência, cuidado e extremo carinho, onde a personalidade do poeta adquiriu tôdas as suas linhas, aparecendo num retrato de corpo inteiro, porque alia a escritora de **Amanhecer** a segurança crítica, das maiores que possuimos, à capacidade para fazer viver as suas figuras.

Os ensaios históricos encontraram na contribuição de Aurelio Porto, **História das missões orientais do Uruguai**, um livro de valor. Os de crítica literária tiveram numerosos trabalhos dignos de menção, os de Alvaro Lins, o **Jornal de crítica**, em segunda série, e o primeiro volume das **Notas de um diário de crítica**, os de Mario de Andrade, enfeixados nos **Aspectos da literatura brasileira**, onde se encontram algumas das páginas melhores, no plano literário, do talento do grande estudioso da música e do folclore nacional; os de Augusto Meyer, reunidos em **Prosa dos pagos**, onde se encontra a acuidade de julgamento que nos faz esperar ansiosamente o estudo sôbre Machado de Assis, certamente vindo em linha direta daquêle ensaio antigo que ainda é uma das cousas melhores que o romancista, já mereceu; os de O. M. Carpeaux, **Origens e fins**; o pequeno volume de Edgard Cavalheiro sôbre a biografia, em que o autor de **Fagundes Varela** se revelou, tão cedo, um verdadeiro mestre. Sem falar nos ensaios ecléticos, do tipo dos de Tristão de Ataíde, sôbre **Os mitos do nosso tempo**, de Aires da Mata Machado sôbre **O negro e o garimpo em Minas Gerais**, onde ha cousas verdadeiramente interessantes, o de Otavio de Freitas Júnior, **Ensaios do nosso tempo**, o de Hermes Lima, servindo de introdução a uma antologia de Tobias Barreto, na coleção **Pensamento Vivo**, e escrito com o vigor e a segurança do mestre bahiano.

Alberto Lamego nos deu mais um volume dos esplendidos estudos que vem realizando, em torno da **Terra goitacá**, verdadeiramente indispensável ao conhecimento do nsoso passado; De Paranhos Antunes escreveu **O pintor do romantismo**; e Odilon Nestor lançou **Atenas, Roma e Jesus** que provocou um artigo interessante de Gilberto Freyre, em torno do qual se levantou uma celeuma desusada e até mesmo equívoca.

O ano se aproximava do fim quando as atenções se voltaram para o aparecimento de uma obra na qual João Mangabeira reunia as conferências que pronunciara, em tôrno de Rui Barbosa, acrescentando mais palavras e polindo alguns trechos. O interêsse ia da figura do autor à do biografado, o primeiro discípulo do segundo. Conquanto se temesse bastante de uma obra organizada na base de conferências, e conferências ditas sem preparação, não escritas, depois reconstituidas, para publicação em jornal, posteriormente apuradas para a elaboração do livro, houve mais do que surpresa em verificar que a obra estava bem à altura das duas figuras humanas tão interessantes, a que fornecera o assunto, com a sua existência atribulada, num meio tão pouco propício à sua pregação, e a do autor, digna de especial apreço, por muitos títulos. A biografia de Rui,

entretanto, não causou decepção O propagandista, o político, o homem de ação e de pensamento, o destemeroso lutador pelas liberdades publicas, o defensor de idéias, o propugnador de reformas, o estudioso, o diplomata, aquêle que não capitulou jámais e que amou, acima de tudo, a atmosfera de debate e de especulação, saíu maior dessas páginas, algumas escritas com verdadeiro carinho de discípulo, mas tôdas escritas com exatidão, com equilibrio superior e com senso apurado dos valores, valores humanos, que mereceram julgamentos sensatos, e valores morais e gerais, que foram situados com precisão e apreciados com serenidade.

O acontecimento máximo de 1943, entretanto, foi o aparecimento da quarta edição, definitiva, de **Casa Grande & Senzala**, obra clássica dos estudos do Brasil, escrita num estilo que foi uma surpresa e que, revelando um homem de pensamento, ao grande público, confirmava o escritor àqueles que já o vinham admirando, desde os ensaios em **A Província**. Sôbre **Casa Grande & Senzala** não ha julgamentos a acrescentar, porque êles estão feitos. O que se pretende assinalar aquí, frisantemente, é o fato do lançamento da quarta edição, de larga tiragem, de uma obra destinada aos estudiosos, verdadeiro levantamento do Brasil antigo, revisão de julgamentos e de conceitos, marco de iniciação donde já se originaram tantos rumos, conceituando a capacidade brasileira para receber um livro desse porte, e para aplaudí-lo como merece. Si 1942 marcou a 16.ª edição de **Os Sertões**, 1943 marcou, com idêntica significação, a 4.ª edição dessa obra de base, sôbre a qual o autor ergueu uma crítica exata e um debate fecundo, e sôbre a qual, no Brasil, se processou uma verdadeira renovação de processos de interpretação e de análise, capaz de estabelecer um novo sentido à pesquisa do nosso passado.

LIVROS DE MEDICINA EM 1942-43

PEREGRINO JÚNIOR

QUANDO se faz o inventário dos livros de medicina publicados nos dois últimos anos entre nós, não se pode conter um natural movimento de admiração diante do progresso incontestável do nosso mercado editorial. Realmente é já considerável a massa de livros técnicos que o Brasil produz, e embora a mór parte sejam traduções, não se pode negar que muito livro original de significação indiscutível tem aparecido nos últimos tempos. Em todo o caso, diga-se a verdade, a produção brasileira de livros de medicina é muito mais importante do ponto de vista quantitativo (mais de 100 livros por ano, em 1942 e 1943!) do que do ponto de vista qualitativo. Quanto à apresentação material, também, não obstante o seu alto preço, as edições brasileiras, quer as traduções, quer os livros originais, deixam muito a desejar, não se comparando ainda, nem de longe, já não dizemos com o que se faz nos Estados Unidos, mas com o que se publica na Espanha e na Argentina. Ressentem-se, ainda, os nossos livros de medicina, da ausência de um plano geral de trabalho, que lhes pudesse dar maior homogeneidade, mais sòlida unidade, mais vivo interêsse prático e mais sério sentido científico. As editoras nacionais, por economia ou por incompreensão, ao que parece não dispõem de conselhos técnicos adequados, para a escolha e planificação das edições, de sorte que estas se fazem de modo arbitrário, ao sabor das preferências pessoais de meros diretores comerciais ou de empenhos camarários de amigos, o que resulta, em última análise, num grave prejuizo para o prestígio do nome científico do Brasil e da nossa literatura médica. Nenhuma editora brasileira possue coleções sistemáticas, publicadas de acôrdo com planos previa e judiciosamente organizados, segundo a orientação de comissões ou de técnicos idôneos. Daí não termos ainda, no setor da Medicina, bibliotecas de Semiologia, nem de Clínica, nem tampouco de Patologia ou de Laboratório, como não temos livros de orientação doutrinária nem de instrução prática. O que caracteriza a nossa indústria de livros cientificos é, além da pobreza, timidez e falta de gôsto, uma completa ausência de orientação teórica, doutrinária e pragmática. Isso não impede, todavia, que vez por outra, como ainda em 1942 e 1943 sucedeu, sejam publicados alguns livros nacionais e estrangeiros de alto valor.

Das publicações nacionais de 1942, que atingiram a cifra respeitável de 104 volumes, quero destacar alguns livros particularmente significativos: a monografia de Floriano de Almeida e Carlos da Silva Lacaz sôbre "Micoses bronco-pulmonares"; o "Tratado de Higiêne" (1.º volume), de João de Barros Barreto; o estudo sôbre "Obesidade" do dr. José E. Teixeira de Camargo; a tese do dr. Luís Capriglione sôbre "Tesaurismoses lipídicas"; o livro do dr. Messias do Carmo sôbre "Nutrição"; a 8.ª série das "Lições de Clínica Médica" do saudoso professor Annes Dias; o volume de vulgarização do dr. Otávio Domingues sôbre "Eugenia"; as dez conferências do dr. M. M. Fabião sôbre "Endocrinologia sexual feminina"; as admiráveis lições de fisiologia normal e patológica do professor Carlo Foá sôbre "Aparelhos cardio-vascular e linfático"; os três volumes do professor Clementino Fraga, tão úteis e claros, sôbre "Doenças do Fígado", "Ensino médico e medicina social", e "Medicina e Humanismo"; a monografia do professor Otílio Machado sôbre "A

pesquisa no diagnóstico parasitológico"; o livro extraordinário de Silva Melo "Alimentação — Instinto — Cultura"; o sensacional e oportuno estudo do dr. José Palmerio sôbre "O custo dos remédios e a economia médico-farmacêutica"; o belo volume organizado por Helion Povoa sôbre "Alergia". Foram publicadas, também, algumas traduções dignas de nota, como a da "Patologia Funcional" de Lichwitz, feita pela dra. Jessy Duarte Vieira e a das "Bases fisiológicas da prática médica" de Best e Taylor, que se deve ao esfôrço do dr. Silvio Alvim de Lima.

Embora menos rica que a de 1942, e menos interessante, a bibliografia médica de 1943 comporta cêrca de 100 volumes, alguns dêles inegavelmente bem interessantes: na coleção das "Obras completas" do professor Austregésilo, tivemos a reedição da "Cura dos nervosos"; o dr. Joubert T. Barbosa publicou uma semiologia psiquiátrica com prefácio de Heitor Carrilho — "Exame das funções mentais"; o dr. Murilo de Campos deu-nos um excelente volume de "Elementos de Higiene Militar", com prefácio de Afrânio Peixoto; tivemos mais uma série, que é a terceira, das admiráveis "Notas e observações clinicas" do professor Aloysio de Castro; o dr. Oscar Clark imprimiu um livro sôbre "Jardins de infância e Escolas hospitais"; o dr. J. V. Colares deu a lume a clara e interessante monografia, com que entrou para a Academia Nacional de Medicina, sôbre "Coréas"; o professor Olímpio da Fonseca Filho iniciou, como o tomo I a publicação da sua "Parasitologia Médica"; o dr. Ermiro Lima deu à estampa uma monografia sôbre "A via transmaxiliar na cirurgia dos seios da face"; o dr. Mota Maia publicou um livro sôbre "Queimaduras"; o dr. José Bandeira de Melo deu-nos sua tése sôbre "Atmosfera do interior dos edifícios e locais de trabalho"; do infatigavel trabalhador que é o professor Alfredo Monteiro tivemos o 3.º volume, tomos I e II do "Tratado de Técnica Cirúrgica"; deu-nos o professor Arnaldo de Morais mais uma edição da "Sã maternidade", repositório tão útil de conselhos e sugestões; o professor Pedro A. Pinto publicou "Noções rudimentares de farmácia galênica" e "Têrmos médicos populares"; o dr. Vespasiano Ramos deu-nos em livro sua

tese de docência sôbre "Novo método de diagnóstico precoce do cancer uterino"; do professor Vieira Romeiro, cuja atividade não conhece pausa, tivemos três livros: "Formulário clínico do médico prático"; "Semiologia médica" (nova edição) e "Terapêutica clínica"; do dr. Geraldo Siffert de Paula e Silva tivemos uma "Gastroenterologia clínica"; o dr. Godoy Tavares deu a publicidade o 2.° fascículo da "Clínica e terapêutica" e o dr. Cleto Seabra Veloso publicou mais um trabalho sôbre "A alimentação da criança escolar".

Quanto às traduções, se é verdade que tivemos algumas pouco felizes, como a da "Patologia constitucional" de Bauer, apesar do prefácio do professor Austregésilo, tivemos outras duas, pelo menos, oportunas e excelentes: a da "Dispepsia nervosa" de Alvarez, por J. Romeu Cançado; a da "Endocrinologia prática" de Goldzieher, por Germano Thomsen, com anotações de Capriglione; e a das "Doenças tropicais" de Manson-Bahr, por Lincoln de Freitas. Isso para citar só o que nos parece mais importante e significativo.

Mas do balanço do que se publicou, entre nós, no campo da Medicina, no biênio 1942-43, recolhe-se, em última análise, uma impressão melancólica. Constatamos, com pesar, que são ainda raros, no Brasil, livros sólidos e ilustres como aquela grande "Semiótica nervosa" de Aloysio de Castro ou o extenso e compacto "Tratado de Técnica Operatória" de Alfredo Monteiro, e ainda mais excepcionais livros graves de meditação e idéias gerais, como o "Alimentação-Instinto-Cultura" de Silva Melo. Embora um ou outro autor, como Clementino Fraga, A. Austregésilo, Vitor Rodrigues, Vespasiano Ramos, J. V. Colares, Nobre de Melo, tenham enriquecido as nossas letras médicas com livros claros, dignos e úteis, a grande maioria do que se publica entre nós revela ainda ausência de cultura geral, de maturidade científica, de experiência técnica. Falta-nos evidentemente um clima cultural adequado: nossos hospitais são pobres, nossas bibliotecas miseráveis, nossos centros de estudos e de pesquisas deficientes. Como é baixo o nosso padrão econômico de vida e precário o nosso estilo de trabalho científico, não encontramos estímulo para a pesquisa, nem tempo para a meditação. Daí a ausência de interêsse pelas idéias gerais, pelo exame dos grandes problemas humanos, pelos largos e claros panoramas da cultura e da ciência. Vivemos entregues, sem apêlo e sem remédio, ao mais frenético e esterilizante clinicismo — sem equipes organizadas, sem laboratórios adequados, sem serviços hospitalares devidamente equipados, sem livros e sem instrumentos de experimentação e pesquisa. O nosso esfôrço, dest'arte, se encaminha quasi sempre num sentido prático e imediatista, que suprime tôda preocupação de ordem mais alta, quer no plano da atividade clínica, quer no da investigação experimental.

Em conseqüência disso, os nossos livros são, na sua grande maioria, de índole utilitária, de simples sentido pragmático ou de pura vulgarização, poucos dêles representando soma apreciável de observação pessoal, menos ainda de pesquisas originais, e só muito raros condensando idéias novas, sugestões interessantes, síntese de conhecimentos, resultado da meditação e experiência.

Na hora mesmo em que a British Association publica em livro os resultados da Conferência sôbre a Ciência e a Ordem Mundial, realizada em Londres há 3 anos, os nossos médicos se mantem numa atitude neutra e desinteressada, como se nada de importante estivesse acontecendo em torno de nós... Quando os homens de ciência em Londres proclamam, resoluta e corajosamente, que a liberdade intelectual é a condição mais essencial ao desenvolvimento humano, e que o direito de aprender, a oportunidade de ensinar e o espírito de compreensão são absolutamente necessários à expansão dos conhecimentos e não podem ser preteridas sem que a vida humana se degrade — nenhum livro surgiu no Brasil para situar a nossa posição em face do mundo, para dizer qual e a atitude da ciência brasileira na defesa da liberdade e da cultura.

Gostaríamos que muitos dos melhores valores da nossa jovem medicina, que não são indiferentes a êsses temas e a êsses problemas, inaugurassem entre nós um corajoso movimento de renovação cultural, no sentido de dar à nossa formação médica uma fisionomia adequada ao espírito do nosso tempo.

LIVROS DE DIREITO em 1942-43

Alceu Marinho Rego

DESDE os primeiros tempos do nosso comércio livreiro, quando ainda as impressões de maior importância eram confiadas a estabelecimentos gráficos no estrangeiro, foi apreciável a safra de obras jurídicas no Brasil. Eram, sobretudo, de caráter didático ou prático, podendo-se identificar, nos seus autores, professores dos nossos cursos jurídicos ou advogados militantes de longo tirocínio e já adquirida reputação. Sem aludirmos a diferentes obras avulsas de menor merecimento, aparecidas desde que se inauguram os cursos de S. Paulo e Olinda, devemos indicar as duas primeiras que desfrutaram de largo prestígio nacional na sua época, aparecidas no terceiro quartel do século passado e que foram "Instituições de Direito Civil Brasileiro", do conselheiro Lourenço Trigo de Loureiro e "Compêndio de Teoria e Prática do Processo Civil Comparado com o Comercial" e "Compêndio de Hermenêutica Jurídica", pelo conselheiro Francisco de Paula Batista, reunidos estes dois em um só volume. Adotados oficialmente nas academias do Império, atingiram ambos a pelo menos quatro edições, prestando serviços úteis a várias gerações de estudantes.

A multiplicação, daí por diante, das Faculdades de Direito no país, a influência do bacharel na administração e na política, a ampliação da esfera de interêsses que necessitava do conselho do homem de leis, pela aplicação maior do capital estrangeiro em obras ferroviárias, portuárias e indústrias urbanas, explicavam o desenvolvimento que assumia, paralelamente, a publicação de tratados, monografias e manuais versando assuntos de direito brasileiro.

Pode-se assinalar, de passagem, que não tinham voga as traduções, num tempo em que o bacharel revelava familiaridade com idiomas europeus, especialmente o francês. Através do francês lhe era possível acompanhar todo o movimento intelectual no campo do direito, pelas traduções que encontrava, nessa lingua, dos melhores autores alemães e italianos. Tobias Barreto inauguraria, no Norte, o hábito de ler as principais obras dos juristas alemães na sua própria língua, resultando que os seguidores da chamada Escola do Recife, o último dos quais foi Clovis Bevilaqua, incorporavam com isso um novo instrumento de captação das modernas idéias jurídicas ao seu patrimônio cultural.

A República, reformando pela raiz tôda a legislação da monarquia e estabelecendo, com a federação, duas competências para legislar sôbre matéria constitucional, processo civil, minas, terras devolutas, etc., multiplicava as possibilidades dos que escreviam sôbre assuntos jurídicos e dos que editavam as suas obras. A circunstância apontada justifica o incremento que nos últimos cinquenta anos tomou a bibliografia jurídica, a que se juntaram dois novos fatores, mais recentes: a frequência das traduções e a expansão da administração pública, resultando desta última, nos mais próximos quinze anos, a proliferação de organismos, estatais e paraestatais, que solicitavam o exame e a apreciação dos especialistas. Não podem ser esquecidos, pela importância que apresentam e vai se refletir no campo editorial jurídico, a cres-

cente diferenciação do direito fiscal no quadro das disciplinas do direito administrativo e a emancipação do direito industrial, hoje conhecido por direito social ou do trabalho. A criação de uma justiça especial do Trabalho, fàcilmente se observa como fêz avolumar a relação bibliográfica das publicações jurídicas no último decênio editorial.

As nossas grandes editoras não têm poupado esforços, aliás, na organização de uma biblioteca especializada de conhecida compensação financeira. Rara é aquela que não inclue no seu programa anuo uma extensa lista de volumes jurídicos, sobretudo destinados à consulta e orientação prática. Ao lado dessas, não poucas operam exclusivamente no ramo, como três ou quatro no Rio de Janeiro, de conhecida tradição.

Os anos de 1942 e 1943, de que nos devemos ocupar neste artigo, acusaram apreciável movimento editorial de obras de direito, não obstante as notórias dificuldades decorrentes da guerra. Si começarmos pelas traduções, devemos desde logo mencionar a que pela primeira vez surgiu em português da obra clássica de von Jhering, "O Espírito do Direito Romano", com prefácio de Clovis Beviláqua (2 tomos, ed. Alba). Ainda do mesmo autor foi mais uma vez publicada "A Luta pelo Direito", em ed. Vecchi.

A Livraria do Globo, de Porto Alegre, deu-nos a conhecida obra de Gide, "Compêndio de Economia Política". Sempre no campo dos grandes nomes da ciência do direito, ainda encontramos Chiovenda, "Instituições do Direito Processual Civil" (ed. Saraiva).

As seguintes obras devem ser destacadas dentre as melhores aparecidas, em primeira ou subsequentes edições: Aquiles Bevilaqua, "Código Civil Brasileiro anotado", 7.ª ed., Freitas Bastos — Clovis Bevilaqua, "Código Civil comentado", vol. 3.°, 6.ª ed., Liv. Alves — id., "Direito das Coisas", 2.° vol., F. Bastos — Américo Mendes de Oliveira e outros, "Código Civil aplicado pelo Supremo Tribunal Federal e pelos Tribunais do D. Federal, São Paulo e Minas", "J. do Comércio" — Viveiros de Castro, "Dos Delitos contra a honra da mulher", 4.ª ed., F. Bastos — Temistocles Cavalcanti, "Tratado de Direito Ad-

ministrativo", 3 vols., F. Bastos — Sampaio Dória, "Os Direitos do Homem", Edit. Nacional — Waldemar Ferreira, "Compêndio de Sociedades Mercantis", 3 vols., F. Bastos — Carlos Maximiliano, "Direito das Sucessões", vol. 3.º, F. Bastos — Rodrigo Otavio, "Direito Internacional Privado", parte geral, F. Bastos — Raul Pederneiras, "Direito Internacional Compendiado", 7.ª ed., Coelho Branco — Gudesteu Pires, "Manual das Sociedades Anônimas", F. Bastos — Carvalho Santos, "Prática do Processo Civil" (formulários), 2.º vol., F. Bastos — Oscar Tenório, "Direito Internacional Privado", Edit. Nacional — Atilio Vivaqua, "A Nova Política do sub-solo e o regimen legal das minas", Pan-Americana — J. M. Whitaker, "Letra de Câmbio", Saraiva. — Antonio Pereira Braga, "Exegese do Código de Processo Civil", 3 vols., Max. L. — Levi Carneiro, "O Livro de um Advogado", Coelho Branco — Temistocles Cavalcanti, "Tratado de Direito Administrativo", vols. IV e V, F. Bastos — Eduardo Espinola e Espinola F.º, "A Lei de Introdução ao Código Civil Brasileiro", vols. I, II e III, F. Bastos — Afonso Dionisio da Gama, "Teoria e Prática dos Contratos por instrumento particular", 7.ª ed., revista e atualizada por Aquiles Bevilaqua, F. Bastos — Euzebio de Queiroz Lima, "Teoria do Estado", F. Bastos — Carlos Maximiliano, "Direito das Sucessões", F. Bastos — Matos Peixoto, "Curso de Direito Romano", Edit. Peixoto — Lafayette Rodrigues Pereira, "Direito das Coisas", adaptação ao Cod. Civil por J. B. de Andrada e Silva, vols. I e II, F. Bastos — Carvalho Santos, "Código Civil Bras. Interpretado", vol. VIII — Magarinos Torres, "Nota Promissória", Saraiva.

Matéria penal:

Cardoso de Castro, "A Nova Legislação Penal Brasileira", C. Branco — Espinola Filho, "Código de Processo Penal Brasileiro Anotado", vol. V, F. Bastos — Bento de Faria, "Código Penal Brasileiro", vols. III, IV e V, Jacinto — Jorge Severiano Ribeiro, "Tratado de Direito Penal Brasileiro", dirigido por Oscar Tenório, vol. II, Jacinto — Dezdor. Inocêncio Borges da Rosa, "Processo Penal Brasileiro", 4 vols., Liv. do Globo — "Comentários ao Código Penal", vol. I (Roberto Lira), vol. II (Nelson Hungria), vol. III (Magalhães Drummond), ed. Revista Forense.

Matéria trabalhista:

Ribeiro de Castro Filho, "Direito Judiciário do Trabalho", 1.º vol., Coelho Branco — Cesarino Jr., "Direito Processual do Trabalho", F. Bastos — Arnaldo Sussekind, "Manual da Justiça do Trabalho", Rev. do Trabalho — Cesarino Jr., "Direito Social Brasileiro", 2 vols., Martins.

Já indicámos a tendência manifesta para o aumento, que apresenta a bibliografia trabalhista. Poucas são as obras de doutrina que nela figuram, sendo sem conta, no entretanto, as de natureza prática, que procuram facilitar o conhecimento do processo e da jurisprudência. A fase de crescimento que caracteriza até agora a nossa legislação social deixa prever a permanência daquela tendência ainda por algum tempo e a escolha de volumes da especialidade pelas editoras que mantêm coleções jurídicas.

Outro fator, consistente na atividade legislativa que vem substituindo os nossos códigos do (processo civil, processo militar, penal, etc.) contribue para entreter o alto nivel quantitativo da publicações do ramo. Será para desejar, apenas, que as editoras substituam as peneiras grossas das suas comissões técnicas por outras que, limitando a produção, lhe possam assegurar melhor qualidade, livrando o público dos manuais mal organizados e das méras coletâneas de julgados em que nem o índice alfabético se salva. As próprias obras práticas, de inegável utilidade, requerem determinadas virtudes, pouco atendidas frequentemente na sua confecção.

O PARAISO DA TERRA

Grande Hotel de Campos do Jordão

Na Suiça — fica muito bem iniciar o assunto pela Suiça, quando se vai tratar de Campos do Jordão — é engano imaginar-se que só existem sanatórios: e que só enfêrmos procurem as altitudes. Clima bom e situações pitorescas não poderiam constituir privilégio de doentes. Para êstes, são a última e confortadora esperança. Para os mais, valem como prazer, tônico e reconforto. Aliás, hoje todos somos enfêrmos. A radiografia autorizará magníficos atestados à maioria dos pulmões. Mas, e o sistema nervoso? No "fervet opus" nada vergiliano, que caracteriza a vida de hoje, quem não necessitará recompôr os nervos, com iterativas fugas do brouhaha das grandes cidades? E quem não ama o prazer pelo prazer? O belo pelo belo? O pitoresco pelo pitoresco?

Na Suiça, os hotéis das estações de repouso não descansam: sempre cheios, de população multifária, acorrida de todos os ângulos do mundo. Vale mesmo a pena atravessar oceanos e continentes, a passar uns dias ou umas semanas em hotel bom, de estado sanitário garantido, em região de clima tonificante, dominando cenário de encantos. De Paris e de Bruxelas, de Londres e de Berlim, de Háia e de Milão, chegam à Suiça milhares dêsses homens afobados, que não podem ter férias nunca, mas que, de avião, rebuscam os salutares pontos de repouso para os "week-ends", tonificadores dos nervos. Dizem que voltam como se de um mês de descanso (não sabem que um mês de descanso seria insuportável a homens afobados como êles). Os que podem gozar férias regulares acorrem também, de qualquer país, de todos os países europeus. E aparecem gentes de terras mais distantes, ultramarinas. Certa vez, apareceu em Davos Plat tôda uma família brasileira. O diretor do sanatório perguntou:

— Quem é o doente da família?

— Ninguém — respondeu o chefe. Simples estação de repouso, retempêro de organismos e encanto dos olhos.

— E para isso vêm de tão longe? — retorquiu o diretor. Campos do Jordão, "là bas", não tem tudo quanto encontrarão aqui?

***

Campos do Jordão não tinha tudo quanto encontrar se pode em Davos Plat. Entendido em climas, o diretor do sanatório suiço estava seguramente informado de que o daquela altitude paulista é igual aos melhores da Helvécia: um agradável frio sêco, que faz bem e predispõe. Sabia que daquela culminância se descortina um mundo encantador — mais montanhas, cidades, rios, belezas. E que Campos do Jordão é em si mesmo um pedaço da Suiça, um Tercino, onde o pessegueiro exageradamente florido substitue com vantagem a cerejeira que enche de encantos os fundos de lagos helvéticos; onde não se veem camurças sacrificadas, mas onde "rebanhos calmos, evocações da Hélade, ar transparente e límpido como cristal", animam as encostas, "onde se diria vibrarem os acentos das fláutas e das siringes dos pastores clássicos".

***

Hoje, aquela família não irromperia em Davos Plat, pois lhe bastaria chegar até Campos do Jordão. O govêrno atual, do senhor Fernando Costa, continuou a meritória obra do antecessor e concluiu o "Grande Hotel Campos do Jordão", em tipo o mais apropriado aos fins em vista: repouso tranquilo, a seguro de contágios. E teve a boa idéia de dá-lo em concessão a uma emprêsa arrendatária ,entre cujos componentes há pessoas possuidoras das mais perfeita técnica hoteleira e turística, bem cientes do modo como se dirige hotel de tal natureza, destinado a hóspedes animados de tôdas as disposições de passar alguns dias ou algumas semanas redentas das caceteações da vida e do ramerrão quotidiano.

CAMPOS DO JORDÃO, ponto de turismo e de repouso

SOBRE LITERATURA INFANTIL

ODILO COSTA, filho

MAIS uma vez, em 1942, os meninos brasileiros escutaram a voz do velho feiticeiro, do tremendo contador de histórias, do criador de mitos, assombrações, aventuras, vida, a quem se deve a renovação da literatura infantil no Brasil. Ouviram, também, nesse ano e no ano seguinte, outras vozes, umas novas, outras já conhecidas, e algumas de suas histórias não esquecerão mais nunca.

"Porque escrevo para crianças?" se repetia, recentemente, Monteiro Lobato, respondendo a uma pergunta do sr. Edgard Cavalheiro. Dá-me prazer e traz-me compensações maiores que o escrever para marmanjos..." E contou como era feliz no "Sítio do Picapau Amarelo": "No Sítio do Picapau Amarelo não bate geada, não há fogo de mato, nem broca de café, nem exploração do caboclo. Lá tudo corre como no melhor dos mundos possíveis. Tia Nastacia "rebenta" pipoca e faz excelentes bolinhos de fubá enquanto Dona Benta conta histórias aos netos. E eu me divirto um pedaço com as asneirinhas da Emília. Sou um fazendeiro feliz. O próprio Pangloss teria inveja da sitioca que dirijo."

Ora se deu que, em 1942, nesse lugar abençoado de Deus, dos homens e das crianças também, a bonequinha Emília tomou uns grãos de um novo pó, um super-pó inventado pelo Visconde de Sabugosa (preciso explicar que se trata de um grande sábio incarnado na figura desgraciosa de um sabugo de milho?) e foi parar na Casa das Chaves, onde se dirigem os destinos do mundo. Queria puxar a chave das Guerras: puxou a Chave do Tamanho. Todos os humanos — Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho, a população de Itaoca, os ditadores e seus exércitos, as democracias e seus chefes, — todos se viram de repente reduzidos a minhocas descascadas, de varia côr, excelente comida de aves e bichos, inclusive Rabicó, êsse desastrado e ignorante canibal. Imaginai que aventuras resultam daí e ainda não imaginareis tudo. Êste velho contador de histórias sempre descansou a imaginação com muito gôsto nas catástrofes, nos acontecimentos de natureza cósmica, que se refletem sôbre tôda a humanidade. Não nos esqueçamos de que êle foi o autor d'"O Choque das Raças". E neste mesmo ano de 1942 já oferecera a seus jovens (e velhos) leitores duas pequenas novelas: "O espanto das gentes" e "A Reforma da Natureza", em que se esboçam transformações formidáveis, ideadas pela Emília... Pois nas páginas da "Chave do Tamanho" encontrareis o velho Lobato, o melhor de todos, o das "Reinações de Narizinho" e da "Viagem à Lua", o que não quer ensinar nada sistematizadamente — mas apenas se entregar à gostosíssima vadiação do espírito e sair pelo mundo... E fareis novos conhecimentos: os órfãos da Emília (os filhos do major Apolinário, de Itaoca, devorado por seu gato de estimação); o próprio Coronel Teodorico, vizinho de Dona Benta, dono da Fazenda do Barro Branco; e na viagem através do mundo Churchill, Hitler, Hirohito, Roosevelt, o Marechal Budieni; e simplesmente o dr. Barnes, professor de Antropologia na Universidade de Princeton, e criador, num balde velho na beira de uma calçada, da primeira cidade dos homens-mirins. O dr. Barnes é a inteligência humana...

Como se vê, o Sítio do Picapau Amarelo, por mais quieto e sossegado que seja, não está fora do mundo. Está encravado no mundo e a chuva que cai sôbre êle é a mesma que nos molha a todos, aqui no planeta. Não é uma cidade nas nuvens, um refúgio utópico, uma ilha encantada. Sêres humanos vivem alí — a poesia que os rodeia é a mesma que nos cerca e tantas vêzes, descuidados ou indiferentes, não vemos. Há entre nós burros falantes, anjos de asa quebrada, rinocerontes sábios. Tia Nastácia faz bolos como as velhas cozinheiras da nossa infância. O barro que Pedrinho pisa é o mesmo barro terrestre. E a filosofia humanista da Emília é o sonho melhor e mais puro do coração humano. Qualquer de nós gostaria de ter à mão o Grande Ditador da Alemanha para dizer-lhe aquelas duras verdades. E que destino delicioso Lobato reservou a Mussolini: melhor que qualquer dos palpites que as reportagens de jornais e revistas andaram coligindo. Comido num papo de galinha...

Sou insuspeito para louvar o sr. Marques Rebelo por sua "Pequena história de amor", escrita em colaboração com Arnaldo Tabaiá, doce criatura sensível que nunca sufocou a sua ternura, e por isso mesmo estava destinado a criar, para os meninos dêste país, contos simples e trêmulos de vida — como uma gota dágua, uma lágrima ou uma canção de berço. Nesta fábula de infinito sacrifício, até onde terá ido a parte de cada um dos autores? Nada mais linear do que o enrêdo do conto: o João de Barro doente, a Joaninha que dá a luz dos olhos à coruja para salvá-lo. Mas não creio que menino nenhum acabe esta história sem um nó na garganta, uma raiva surda dos autores que não redimiram o sacrifício pelo milagre, não trouxeram a coruja amarrada e castigada por êsse crime atroz, não fizeram o anjo — o anjo das consolações, aquêle que "pensou as feridas do anjo batalhador", — descer à terra para restabelecer o equilíbrio do mundo, partido por êsse pecado. Talvez esteja errado; mas não creio que o meu saudoso Tabaiá tivesse aceito êsse fim sem relutância. Parece antes coisa da amarga ironia, do cepticismo aparentemente risonho (mas no fundo triste como todo cepticismo) do sr. Marques Rebelo.

Também o perfume do sacrifício povoa as páginas d'"O veneno do Dragão Marinho", a mais

bonita das histórias que compõem "O Mistério do Polo" e "No fundo do Mar", os dois livros de estréia da sra. Lúcia Machado de Almeida. Não é o sacrifício do amor, mas o devotamento da gratidão. A Piabinha (aquêle peixinho que é o mais humilde das nove mil espécies de peixes do mar) já não é apenas o ai-Jesus dos peixes, uma espécie de Padre Brown ictiológico que descobre os crimes mais complicados, derrota os criminosos peiores: é agora a Rainha, uma Rainha democrática e simples, cuja misteriosa doença o Dr. Golfinho estabelece que só se cura com um sôro preparado com o veneno do Dragão Marinho. E o Espadarte não tem dúvida: se sacrifica, desce ao fundo dos mares, luta com um mixto de coragem e de astúcia, próprias de quem descobriu, num navio abandonado, essa arma sutil que é o clorofórmio. E eis que vem um peixe no mar. Vem cansado e fraco, mas são gloriosas suas feridas. Êle as adquiriu na luta com fôrças adversas para salvar o mais miúdo dos peixes e entretanto o de mais largo sentimento; o mais delicado e entretanto o mais generoso; o mais humilde e entretanto aquêle que está rodeado de grandes peixes aflitos, na agonia de uma doença mortal: a Piabinha. O Espadarte é o cavalheiro andante, o D. Quixote ou, melhor, o Parsifal dessa epopéia; e êle pode inscrever na sua serra (como fazem os humanos nas suas espadas e qualquer peixe poderá verificar nos navios afundados) legendas heróicas: "Por Minha Dama" ou "Pela Rainha". E incontestavelmente a Rainha merece tanto devotamento: ainda menininha, salvou a Sereia de morrer morte horrível em poder de um Polvo, e a Sereia e o Cavalo Marinho criaram como filha essa orfãzinha delicada. E quando cresceu (mas só um pouquinho e sempre ficou de vozinha sumida) desvendou o mistério dos peixes de rabo cortado; prisioneira do sapo, dirigiu da prisão a guerra dos peixes e bichos do mar contra os invasores fortemente militarizados do rio, mas estabeleceu depois um regime de sólida paz permanente, alicerçada em banquetes, embaixadas, alianças matrimoniais, um infinito rasga-sêda reciprovo... Nessa era de ouro, não havia mais peixes magros. Quase todos tinham os dentes lindos, à custa de cuidados constantes e leite de baleia. Todos estudavam — havia muitas escolas. Todos trabalhavam. "E nunca o mar esteve tão lindo e nunca os peixes tão felizes..." Restavam casos isolados de crimes: o mistério do polo, o dragão misterioso, o rapto de peixinhos, e ali estava a Piabinha para decifrá-los. Maldades como a do usurário Bernardo Ermitão, o caranguejo, mas essas a providência se encarregava de castigá-las. Epidemias, mas o Dr. Golfinho as combatia — e vencia. E sábios de língua inaccessível como o Dr. Atum (tão parecido com muito sabichão aqui da terra, meu Deus!), mas os peixes, com enormes dicionários, procuravam traduzir em língua vulgar tanta sabença... E dêsse paraiso surgiu, naturalmente, a singular monarquia sem corôa que a Piabinha construiu sôbre as bases da tolerância e da bondade... (Nota para os leitores curiosos da vida literária: a sra. Lucia Machado de Almeida é irmã de Anibal Machado. Seus primeiros livros publicados são estas histórias que — conta o sr. Guilherme de Almeida — escreveu para seus filhos.)

O que explica a enorme carga poética de seus livros é que a sra. Lucia Machado de Almeida não só conhece os peixes, e como os conhece, vê-se que também os ama. Seu mundo é o mundo do mar. Uma bomba de profundidade rebentando um submarino dói-lhe como a um lavrador um cataclisma que estraga terra. A essa sensibilidade por assim dizer marítima vamos opor uma alma terrestre: a sra. Lucia Miguel Pereira. Das suas três histórias, publicadas separadamente, "A filha do Rio Verde", "Na floresta mágica" e "Maria e seus bonecos", sobe o cheiro da paisagem terrestre: rios, árvores, pássaros, bichos mansos, casas, soldados de polícia, e mesmo o adorável detalhe: galinhas no quintal, cachorrinhos fiéis, vestidinhos bordados, velhinhas pobres que carregam latas de comida para os netos... Deixem-me sobretudo falar-lhes de "A filha do Rio Verde". Chamava-se Esmeralda. Era amiga de todos os sêres que encontrava, até das baratas e môscas tinha pena. Tinha pena, só; não gostava, não. Nesta menina identificada com a natureza, que entende a voz dos rios, dos passarinhos, nessa menina cuja boneca o Rio Verde empurra para a margem e que antes de podar as árvores as acaricia, pedindo desculpas, o sentimentalismo católico tem um dos seus símbolos mais suaves. Ela é uma réplica infantil de São Francisco de Assis, até mesmo nessa mistura com os elementos. Anda sempre com os pés no chão, é o que qualquer um pode ver nas ilustrações de Augusto Rodrigues; e isso é para estar mais perto da Terra. E tôda a poesia da Terra lhe pertence. O Rio Verde lhe traz um saco de diamantes. Pouco importa que lá embaixo, na cidade, encontre apenas alguma bondade e muita incompreensão. Sua visão otimista da vida prevalecerá sôbre as injustiças para terminar no idílio eterno com o Rio, com o Rio que sendo uma fada se sacrifica e permanece correndo — numa última devoção terrestre...

Em "Chico-Vira-Bicho e outras histórias" de R. Magalhães Junior e Lucia Benedetti, é o velho ritmo dos contos de fada que o leitor vai encontrar. Num mundo em que a monarquia está se acabando, seu último abrigo não é a Canção, é a história de fadas. Chico-Vira-Bicho é príncipe; essa mesma profissão exerce o Príncipe Sabereta; e o Príncipe João estava tão viciado no ofício que, descendo aos mares para acompanhar a sereia Crisbela, continua a ser príncipe submarino... Aqui estão madrastas perversas, irmãos invejosos, feiticeiros das nuvens, princesinhas de sapatos de ouro, concursos encrencados, lenhadores em casas pobres na floresta. E' a mais velha poesia do mundo. A eterna poesia do mundo. Poesia das lendas que o povo transmite de geração em geração. E eis que surge o circo, um circo bem nosso, o palhaço montado de costas no jumentinho paciente, tôda a molecada atrás, no diálogo imortal que declara qual a verdadeira profissão do palhaço... Poetas e crianças do mundo inteiro, se tiverdes os ouvidos maguados de choros, lamentações, miséria, espantosas guerras, vinde ouvir estas histórias mansas. Armai a rede nas mangueiras do quintal ou deitai-vos no terraço do apartamento. E quase em silêncio os autores vos dirão como o menino Bepo ficou com os cabelos de ouro e como estourou de raiva a princesa Rosa Flor, tão feia que as flores murchavam só de vê-la, os passarinhos emude-

ciam e fugiam os animais dos campos, apesar de tratar-se da alta e poderosa filha do Rei Manja-Couve...

O Prêmio Antônio de Alcântara Machado, de 1942, foi conferido pela Academia Paulista de Letras a um livro do sr. Miroel Silveira, "O mistério do Anel". Creio que dificilmente uma criança pode viver drama mais angustioso. Trata-se de Pixoxó, cujo pai se casa pela segunda vez e que se convence de que na aliança da madrasta há um encantamento, uma feitiçaria, um mistério que prendeu seu pai. E' um menino de dez anos quase, criado no interior, e tão ignorante que não sabe o que é uma aliança... Sua raiva da madrasta, só encontra compensação na amisade que o vai ligar, em Santos (porque o livro começa com a vinda para Santos) a um filhinho de D. Lula-feiticeira, a quem êle dará o apelido carinhoso de Maninho. Maninho chama-se Manuelito, tem oito anos, cabelos louros, bem louros. E é sabidíssimo.

Pois com tôda sabença, Maninho se deixa enevoar pela complicada história de Pixoxó a ponto de consentir, sem protesto, que o adventício chame a mãe de D. Lula-feiticeira. Ingenuidade, pureza dalma. Maninho é uma alma tão pura que para êle seu padrasto não é problema...

Outra coisa que explica sua atitude de inteira adesão à hipótese de Pixoxó é que os dois se irmanam logo no contacto com o mar e nos castigos pesados. Surra de couro, de deixar o corpo moido e vermelhos vergões nas pernas. Não tenho dúvida, eu pessoalmente, de considerar um monstro odiento e odioso o pai de Pixoxó, aliás sujeito tão sem personalidade que nem o nome dêle se fica sabendo. Essa verdade aliás é entrevista por Maninho na página 30, mas êle erra o alvo e atribue a considerável peiora da mãe à vinda de Pixoxó. Pixoxó, habilmente, desvia o assunto, puxa a história do anel misterioso, e Maninho pergunta sôbre filhos:

"— Diga uma coisa, Pixoxó, você vai ter filhos?

— Eu quero ter muitos filhos, uns dezoito, mais ou menos. Dez homens e oito mulheres. No mais velho eu ponho o nome do Vovô.. Noutro, Hermengardo, noutro...

— Eu, não. O nome que eu gosto é Cid."

Outras reflexões muito curiosas são as do Pedro pescador sôbre urubus:

"De longe, parecia que as pedras eram pretas. Quando êles iam chegando perto, os urubus fugiam com seus vôos surdos e pesados. E depois que êles saiam, as rochas ficavam como se tivessem sido caiadas. Pixoxó ficou intrigado e perguntou:

— Que é isso? Parece cal!

— Qual nada! E' apenas a porcaria do urubu. Um bicho tão preto, que suja tão branco!"

Não quero fazer estas observações sem, entretanto, acrescentar algumas palavras de sincero louvor ao sr. Miroel Silveira. Para decidir êsse mistério (que ameaça tornar seu livro uma espécie de "Rebeca" para crianças) Pixoxó se entrega a uma vida sadia de pesca e de praia; confraterniza com a pobreza do Pedro pescador; e sonha com ipupáras, nhanderus, tartarugas gigantescas e velhíssimas. Os acontecimentos do seu sonho contêm coisas muito boas: lutas de tubarão com baleia, de polvo com tartaruga; e coisas primorosas: a visita à região das algas, com seu côro das lamentações que é uma descoberta estupenda, e a conversa com o boto, outra invenção excelente: o boto para conversar tem de dar uma volta sôbre si mesmo e o livro regista graficamente essas voltas e reviravoltas, enquanto o peixe conta sua história. Com dotes tão poderosos de imaginação, um sabor evocativo da realidade que nos restitue o ambiente, a côr, as vozes do ajuntamento das pretas velhas para fazer goiabada, os grandes tachos vermelhos fervendo no enorme quintal sombrio, o que seria de desejar no sr. Miroel Silveira, seria apenas isto: simplicidade. Êle não precisa ir longe: Um paulista de sessenta anos lhe dará a lição diária: Monteiro Lobato, que escrevendo para adultos não resiste, às vêzes, à tentação do difícil, quando escreve para crianças é sempre natural...

"Sê natural, meu amigo", dizia o Cesario Verde ao Silva Pinto. E o meu querido Ribeiro Couto me deu certa vez esta regra deliciosa de estilo: "Quando vires um gato, deves dizer: Vi um gato. Assim é que se chega à essência das coisas, e ao focinho dos gatos.". Pois verifico com prazer que a maior parte dos autores que estou recenseando resistiu à tentação de escrever bonito. Aqui e ali, um escorregão ligeiro; mas em geral a criança não precisará traduzir (como acontecia às falações do sábio Atum no mundo dos peixes, segundo o depoimento da sra. Lucia Machado de Almeida); nem precisará traduzir quem estiver lendo para crianças. Creio que êsse perigo do falar difícil ainda é o pior obstáculo no caminho da liberdade de imaginação que é o destino do escritor para crianças. Mesmo porque não é fácil escrever fácil, principalmente para crianças, neste país. O que se escreve para a cidade, não serve para o campo. O livro do Rio Grande do Sul não serve para a Amazônia. Nuns lugares se diz mexerica, noutros tangerina. Foi por isso que escritores como o velho Coelho Netto e o próprio Bilac — que foi um dos autores do inesquecível "Através do Brasil" — recorreram a uma lingua abstrata, bela mas distante do vocabulário cotidiano.

Falei em liberdade de imaginação. Creio que cada vez mais é necessário separar da ficção a intenção de ensino direto — embora o contrário não seja certo: é preciso, ao mesmo tempo, levar a ficção até o ensino, porque essa é uma das formas de ampliá-lo, de libertá-lo da grosseira acumulação de datas históricas, nomenclatura gramatical, cálculos primários e mnemonização de fatos geográficos que faz da escola primária, ainda em tantos casos, uma dolorosa casa de tortura em que se recorre mais à memória do que à inteligência e mais ao castigo (moral ou fisico, talvez o fisico fôsse preferivel) do que ao instinto sadio, a livre curiosidade infantil. Quanta coisa se ensina nestes livros sem envenená-los de didatismo: as histórias da sra. Lucia Machado de Almeida são um verdadeiro curso de oceanografia, diz o sr. Guilherme de Almeida; o Principe Sabereta, de R. Magalhães Junior e Lucia Benedetti, instaura em seu país o combate aos vermes, dá uma orientação prática à assistência social, elucida seu velho pai sôbre êstes três poderosissimos animais: a môsca "tse-tsé", a "stegomia faciata" e a "pulex cheopis", orientando o saneamento público contra ratos e mosquitos,

e importa, como a maior das riquezas, as primeiras sementes de trigo do seu reino... E o espírito mais impermeável às ciências da natureza ficará sabendo com exatidão o que é o mimetismo se seu professor for a bonequinha Emília, que é muito menos asneirenta do que diz o próprio Lobato... Numa terra em que a principal história ainda é a história natural (a história que rodeia o homem e não a história feita pelo homem) não é latim, não, graças ao Bom Jesus de Pastos Bons. Basta que depois tenham êles cinco, sete anos de latim. São os acontecimentos do mundo natural, inspiração para futuros marinheiros, poetas, devassadores de matos e mistérios...

Quando se chega, porém, ao terreno da política, as contradições se acentuam. A história infantil clássica (da mesma maneira que os contos e lendas populares, e isso pela razão de que o povo "via" melhor que a sua, a vida dos reis, que era uma vida à parte, nimbada pelo Poder) se passa em regimes monárquicos e hereditários. A essa tradição são fiéis, como acentuei, R. Magalhães Junior e Lucia Benedetti. Mas o Sítio do Picapau Amarelo fica nesta nossa República Brasileira; e tudo indica que são terras brasileiras as banhadas pelo Rio Verde, em cuja corrente desceu um dia o corpinho de Esmeralda... O oceano da sra. Lucia Machado de Almeida era uma república, mas nessa república havia uma rainha sem coroa: a Piabinha. Era natural que a coroassem. Porém tudo indica que o Rio Vermelho manteve sua forma de govêrno. E a terra sem nome quase no fim do mundo, onde só habitavam pássaros (terra feliz em que havia muitos poetas e poucos críticos) era evidentemente uma República, todavia sem grandes progressos científicos porque feiticeiras como a Coruja ainda exercem suas malvadas artes... Mas não só na forma de govêrno são diversos os panoramas apresentados: a opinião dos autores quanto aos métodos políticos apresenta, às vêzes, divergências radicais. O sr. Vicente Guimarães, por exemplo, não acredita em eleições: uma das histórias do "Frangote desobediente" é justamente a sátira do govêrno popular. Enquanto a família do Galo discute e vota onde deve dar seu passeio, o dia se passa e adeus, festa! Já o velho Lobato, homem que viu diversos povos, leu muitos livros, conheceu regimes diversos, detesta os ditadores, ama Lincoln e é francamente pelo plebiscito. Se na sua "Viagem à Lua", criticou a mania eleitoral dos homens, para que a humanidade volte ao tamanho normal é pelo plebiscito que se resolve. E louvado seja por isso, porque se a coisa dependesse da ditadura emiliana estavamos desgraçados...

Cada um de nós tem sua visão da vida. A Sra. Lucia Machado de Almeida acredita nos médicos, tem mesmo seu médico de família, o dr. Golfinho, que não erra nunca. O sr. Marques Rebelo é um incréu da ciência. Êle acredita é em feitiçaria... Dois médicos — o dr. Tico-tico, jovem adiantadíssimo, com cursos especiais no estrangeiro, e o Professor Tucano, membro da Academia de Ciências e Letras, grande notabilidade conservadora, divergem no diagnóstico e não conseguem salvar o João de Barro (ainda o operam, coitado...) E quero aqui agradecer ao sr. Marques Rebelo e ao meu velho Tabaiá por êste detalhe na sua descrição satírica da terra dos pássaros: "os funcionários públicos tinham relógio de ponto, prática que um técnico de administração trouxera de uma viagem de aperfeiçoamento na República das Preguiças, onde havia a maior fábrica de relógios automáticos do mundo."

Acima, porém, dêsses contrastes curiosos, a poderosa marca que trazem os livros que apanhei como um "côrte" na literatura infantil de 1942 e 1943, é o sentimento de solidariedade, eu ia dizer humana mas prefiro escrever: biológica. Um humanismo prático renova o ideal de paz entre os homens, na delirante atividade da Emília contra as guerras. A uma luta atroz a Piabinha faz suceder uma era de concórdia, alicerçada na visão das dores e das desgraças do mundo dos Peixes. A bondade humana toma côres e gestos infantis na pequenina Esmeralda para descer a todos os sêres, extasiar-se diante da vida, amar os que os cercam. O Príncipe Sabereta resplandece de amor da cultura e desejo de ação pública. E a Joaninha de Barro acende aquela chama trêmula que o meu saudoso Marcello Rizzi chamava "il segno nel fango", o sinal na lama, a impressão do dedo divino nas criaturas humanas, o Sacrifício...

Dêstes livros não surgirão nazistas, mas cristãos. Pouco importa que não aprendam o nome do Cristo. Se os homens de amanhã forem fiéis ao sentimento que lhes está acalentando a infância, o Cristo estará entre êles.

Registro Filológico

(ANOS DE 1942 E 1943)

Carlos de Assis Pereira

A palavra filologia emprega-se aquí num sentido amplo, visto que se trata de filologia portuguêsa e de filologia clássica.

Apenas uma observação ligeira sôbre a língua do aborígene brasileiro: apesar de não termos ainda uma lingüística tupi-guaraní, isto é, uma ciência que coordene êste grupo importante das línguas ameríndias e estabeleça para êle princípios de ordem geral, a língua tupi-guaraní sempre foi objeto de estudos, desde os antigos trabalhos obrigatórios nas provas escritas dos concursos de língua portuguêsa, no Colégio Pedro II, até aos mais recentes e cientìficamente mais rigorosos estudos dos Professores José Oiticica e Plínio Ayrosa. Dêste último professor publicou-se a obra **Apontamentos para a bibliografia da língua tupi-guaraní** (São Paulo, 1943, 303 págs.), que há de prestar utilíssimos serviços ao estudioso, como repositório do que tem aparecido de mais importante, sôbre o tupi-guaraní. Basta dizer que nada menos de 585 espécies lá estão inventariadas. Tamanha tem sido a importância dada a essa língua, que ela já faz parte do curso de Geografia e História, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de São Paulo. Já ouvi dizer que a Faculdade Nacional de Filosofia terá também, logo que vier a reforma do ensino superior, uma cadeira de língua tupi-guaraní.

Inúmeros artigos sôbre filologia, nos seus diversos aspectos foram publicados em revistas e jornais. O leitor poderá tomar conhecimento dêles, socorrendo-se da **Bibliografia Nacional (1942-1943)**, que já alcançou 15 pequenos volumes e é devida à paciência do sr. Antônio Simões dos Reis, autor da **Bibliografia das bibliografias brasileiras.**

Falando de revistas e jornais, não posso deixar de fazer uma referência honrosa à venerável **Revista de Cultura** do Cônego Tomás Fontes, que já vai caminhando para o seu 20.° aniversário. Nela se escontrarão artigos dos Professores Said Ali, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Matoso Câmara e Serafim Silva Neto, entre outros **Autores e Livros** — o suplemento literário de "A Manhã" — inteligentemente dirigido pelo Acadêmico Múcio Leão, tem publicado também alguns artigos de filologia, se bem que o seu preponderante papel tenha sido o de chamar a atenção para os nossos valores literários, estéticos ou culturais.

O inventário das nossas publicações filológicas devia ser feito por um Instituto especializado. Daquí para o futuro, pode e deve tomar a si êsse trabalho (que há de ser realizado com rigor crítico e seletivo para merecer confiança e respeito) a novel Academia Brasileira de Filologia, que está dando os seus primeiros passos, sob o patrocínio do sr. Coronel Altamirano Nunes Pereira e sob a presidência do eminente filólogo — o querido Mestre Prof. Sousa da Silveira.

•

1942 foi o ano da reforma do ensino secundário, a qual, apesar dos pesares, representa um progresso na nossa legislação educativa, progresso êsse que a meu ver repousa sobretudo na "articulação de cursos", que dá horizontes novos à orgânica social.

A reforma Capanema veio dar lugar de proeminência às duas línguas — o grego e o latim. O grego estava afastado há já muitos anos e hoje entrou como matéria facultativa. O latim, estudado até àquela data, sob a vigência da reforma Francisco Campos, durante dois anos, passa agora a ser estudado durante sete.

Eis a razão por que, nos anos de 1942 e 1943, apareceu uma vasta bibliografia didática de grego e de latim. E' claro que as Faculdades de Letras que se fundaram (e ainda se hão de fundar) são responsá-

veis diretos pelo alto nível que estão atingindo os estudos clássicos entre nós.

Lembremo-nos de que foi em 1941, que apareceu, pela primeira vez, no Brasil, um dicionário grego-português. E essa obra do Prof. Rudolf Bölting, sem dúvida, foi publicada para servir aos estudantes das nossas Faculdades de Letras.

O **Dicionário grego-português** é publicação do Instituto Nacional do Livro, que se tem, imposto à admiração dos estudiosos como verdadeiro órgão propulsor do trabalho intelectual. Agora mesmo, neste ano de 1914, e sob a responsabilidade editorial dêsse nobre Instituto, acaba de sair à luz **A Demanda do Santo Graal**, pela primeira vez publicado na íntegra pelo ilustre filólogo e romanista Rev. Pe Augusto Magne.

No que respeita à lingua latina, não deixou de vir à baila o problema da pronúncia restituída a que se seguiu um cortejo de publicações e polêmicas.

Apareceram também inúmeros compêndios didáticos de português; antologias, novas edições e adaptações dos autores para pôrem os seus livros de acôrdo com o novo programa de língua portuguêsa.

Em virtude dos concursos do Dasp, apareceram os indefectíveis textos errados, com correções ou sem elas, e os nem sempre seguros consultores de gramática e de estilo.

O problema ortográfico entrou também na tela da discussão, salientando-se o generoso esfôrço da Academia Brasileira de Letras, que com o **Pequeno Vocabulário Ortográfico** procurou solucionar tão momentosa questão.

A' semelhança do que já houvera sido feito ao egrégio Mestre Said Ali, em 193[illegible], os amigos, admiradores e discípulos do Prof. Antenor Nascentes prestaram-lhe homenagem, publicando em sua honra uma **Miscelânea de estudos**, na qual colaboraram, entre vários, os Professores Matoso Câmara, Manuel Bandeira, Sílvio Elia, Ernesto Faria, Ismael de Lima Coutinho, Celso Cunha, Clovis Monteiro e Serafim Silva Neto.

No terreno pròpriamente da ciência da linguagem, tivemos os **Princípios de lingüística geral**, do Prof. Matoso Câmara. O livro do antigo professor de lingüística da extinta (mas de venerável memória!) Universidade do Distrito Federal, representa uma valiosa e honesta contribuição para os estudos superiores da língua portuguêsa.

Fôra Júlio Ribeiro, grande romancista e superior gramático, quem introduzira, no Brasil, os métodos da ciência da lingüagem, segundo os princípios que nos chegavam da Alemanha. Sua atuação aquí assemelha-se à de Adolfo Coelho, em Portugal. Diga-se de passagem, porém, que Adolfo Coelho ficando apenas no terreno lingüístico-filológico e etnográfico, exerceu maior influência em Portugal do que Júlio Ribeiro, no Brasil. Mas no romance não é êle um grande nome do movimento realista, em nossa terra?

O livro do Prof. Matoso Câmara acompanha as aquisições novas dessa ciência, que já vai tendo um lugar à parte nas classificações do saber. (Por isso ela deve estar na mente do legislador ou dos legisladores, como matéria obrigatória nos cursos de letras, ao elaborarem a reforma do ensino superior).

O trabalho **A língua portuguêsa no Brasil**, do Prof. Jacques Raimundo, ventilou novamente êsse problema que está longe de manifestar exaustão, por isso que continua a ser um tema sempre aliciante. Sem ter tido muita repercussão, nos nossos meios, é um estudo de real mérito pelos problemas que se debatem.

As Faculdades de Letras são órgãos em tôrno dos quais se congregam os estudiosos e se debatem problemas de filologia (portuguêsa e clássica) e de lingüística. Ainda no ano passado o Prof. Sousa da Silveira — inimitável na penetração filológica do texto literário — estudou, em aulas públicas, na Faculdade Nacional de Filosofia, o formoso "Auto da Mofina Mendes", de Gil Vicente. E' pena que a Faculdade Nacional não tenha publicado até agora um número sequer da sua Revista ou dos seus Anais. (Sairam apenas alguns números de F. N. E. — revista dos estudantes, do seu Diretório Acadêmico).

E foi êste o nosso panorama filológico, nos anos de 1942 e 1943.

Pondo de parte as estéreis polêmicas, que não promovem em nada o progresso da ciência nota-se que houve atividades fecundas das quais se poderão colhêr frutos promissores.

Miseria e grandeza da Literatura

TRISTÃO DE ATHAYDE

A Verdade é, ao mesmo tempo, extremamente simples e extremamente paradoxal. Tão simples, que temos sempre receio de a exprimir, ao menos em seus últimos limites. Pois aí cessa tôda distinção entre cultura e incultura, entre infância e maturidade, entre início e plenitude. E as afirmações mais definitivas se traduzem por palavras comuns ao sábio e ao rústico. "No princípio Deus criou o céu e a terra" (Gen. 1,1). E' o início de tôda sabedoria. E' o fim de tôda cultura. Ouvimo-lo em têrmos idênticos da bôca do analfabeto, da bôca da criança, da bôca do homem de ciência, da bôca do teólogo. A mais alta pesquisa metafísica não vai além dêsse truismo. Como a mais alta pesquisa anti-metafísica não vai tampouco além do anti-truismo oposto: "no princípio (ou no fim) o céu e a terra criaram o Homem e o Homem criou os deuses". O Êrro, imagem negativa da Verdade, também é, simultâneamente, simples e paradoxal.

Não é privilégio de nossos tempos, como quer um cientificismo barato, essa inversão da verdade. Nos textos mais remotos já lemos: "Dixit insipiens in corde suo: non est Deus" ("Ps. 13, 1). A vida humana, uma vez revôlto em seu equilíbrio imanente, foi logo aos polos extremos. O espírito de Negação é contemporâneo das mais remotas origens da humanidade. E a palavra divina nos diz ser ela anterior ao próprio homem, pois surgiu com a revolta dos Anjos.

A terrível simplicidade do Êrro, que explica a sua incrível capacidade de propagação (pois só as coisas simples se espalham fàcilmente entre os homens) é apenas, por conseguinte, uma imagem invertida da Verdade. Daí a inverossimilhança do mito do Progresso contínuo, que leva alguns ao otimismo e outros ao pessimismo. São ambas atitudes superficiais e insubsistentes, à luz de uma meditação um pouco menos sumária das coisas. Não há nunca motivo para sermos ou pessimistas ou otimistas. Não há nunca justificação profunda de vermos as coisas por um só prisma. A Verdade e o Êrro serão sempre coexistentes no mundo, pois êste é o avêsso daquela. E terão sempre adeptos e inimigos, pois o homem procura sempre, em última análise, as coisas simples, e sua liberdade nem sempre lhe permite vencer a inata perplexidade. A história é, pois, antes de tudo, um palco imenso em que se desenrola a pugna dramática entre a Verdade e o Êrro. As épocas de maior crise, aliás, são justamente aquelas em que se obscurecem os campos e os homens duvidam da própria existência dessa terrível dicotomia. Estamos vivendo uma dessas épocas. Não é a luta da Verdade contra o Êrro que caracteriza os nossos dias. E sim o esquecimento ou mesmo a negação da existência de uma e de outro. Pirandelo cujo destino ignoro, continua a ser, a despeito do ostracismo, a que por 20 anos o condenou o fascismo, e das delinqüescências efêmeras da sua arte — uma das figuras mais representativas do espírito moderno, pois traduziu em literatura o que desde Kant os filósofos e os homens da rua murmuram no fundo de seus corações ou proclamam aos quatro ventos: "a cada um sua verdade". As escolas literárias mais modernas — supra-realismo, post-supra-realismo ou ultra-realismo soviético —, por meios por vêzes aparentemente contraditórios, pecam tôdas por essa indistinção fundamental, que já estava contida, aliás, na doutrina do grande percursor do espírito moderno — Nietzsche. O *amor fati*, parecendo uma submissão à realidade, não é mais do que sua radical negação, pela aceitação indistinta de tudo, como sendo a trama inexorável daquela Maya que Zaratustra via desenrolar-se a seus olhos maravilhados. Verdade e Êrro perdem todo sentido nessa concepção budista do Cosmos. E à grande distinção apocalíptica dos "signati" — uns com o signo da Besta, outros com o signo do Cordeiro, — sucede o reino das massas indistintas em que o *sêlo* perde o carater de *sigilo*

misetrioso, para ser apenas a expressão postal de uma taxa...

A primeira grande paixão da literatura moderna, como de todo espírito moderno, é a negação da Verdade e do Êrro.

A outra grande paixão da literatura moderna, como de todo espírito moderno, é a incompreensão do segundo grande dualismo humano — a Vida e a Morte.

Em conseqüência daquela primeira indistinção, passou essa segunda dualidade a ser encarada apenas como uma oposição entre o ser e o nada, entre a consciência dos sentidos e da inteligência e a dissolução nos processos químicos da natureza. Daí a exaltação em face de Vida e o horror em face da Morte. Ou então, nos espíritos mais nobres, desde os estóicos, — a indiferença em face de uma e de outra, como afirmação da soberania da Vontade e do Poder do homem sôbre as coisas.

Quando vemos o desprêzo total dos japoneses pela vida e pela morte, encontramo-nos perante uma expressão vivíssima dêsse paganismo substancial, em suas formas superiores, seja na doutrina de um Marco Aurélio, seja no código de Bushido. E' em face dêsse problema da Vida e da Morte, que mais de perto tocamos a repaganização dos nossos tempos. Seja o panteismo, onde tudo é *vida*, seja o materialismo, onde tudo é *morte* — as conseqüências são sempre as mesmas. Nos espíritos mais vulgares — na grande massa portanto, quando não considerada por um Mito — vemos a divinização da Vida, seu aproveitamento pela sêde de viver, de gozar da existência a todo transe, pelo Confôrto, pelo Sexo, pela Aposentadoria, e vemos o horror da Morte, o seu aspecto lúgubre, tétrico, negativo. Nos espíritos mais nobres vemos o desdém por uma e por outra, traduzido então na divinização da Fôrça, do Império, do Heroismo, do Estado, da Classe, da Raça, como novos mitos que estão para lá da vida e da morte e aos quais devemos, alegremente, sacrificar tanto uma como outra. A fôrça dos totalitarismos está nesta forma de paganismo moderno. A ameaça à Democracia está naquela outra forma do paganismo moderno. Pois desgraçadamente o veneno neo-pagão invadiu a humanidade inteira (ora, deixando-a ficar pagã, como no caso do Oriente, ora fazendo-a voltar ao paganismo sub-latente, como no caso de muitas regiões do Ocidente) e a grande cruzada da Vitória terá de ser dupla, — vitória das Democracias descristianizadas contra os totalitarismos anti-cristãos e vitória das Democracias regeneradas sôbre si mesmas. Utopia? Não, um roteiro, de qualquer modo. Não basta uma vitória, pois o êrro é mais vasto e mais profundo do que faz crer uma observação superficial das coisas Não basta gritar — liberdade, liberdade, para ser realmente livre, como não basta gritar — "Senhor, Senhor" (Mat. 7, 21), para ser realmente cristão e ganhar o Céu.

Só o Cristianismo autêntico pode resolver o problema eterno da oposição entre a Morte e a Vida. Resolve-o, não pela simplicidade com que o solucionam as atitudes unilaterais e burguesas — *Morte igual a cessação da Vida*. Resolve-o pelo paradoxo essencial de tôda Revelação cristã — *Morte igual a cessação da Graça*.

Êsse é o grande paradoxo cristão, com que se explica luminosamente o mistério da iniqüidade. A natureza nos ensina que a morte é a cessação da vida. E' a lição dos nossos sentidos. E' o que vemos em tôrno de nós, nos caminhos das florestas. Como o vemos, também, nas ausências dolorosas com que se vão assinalando, no passado, as etapas de nossa existência. A morte é, realmente, a cessação da vida, diz-nos a simplicidade das experiências superficiais e da memória.

O autor da Natureza, porém, nos reserva uma lição mais alta. Aliás, no fundo de nossos corações já qualquer coisa se subleva contra essa simplificação exagerada. E a sêde de imortalidade, de que fala tão dramàticamente Unamuno em todos os recantos de sua obra, é uma inclinação natural de nossa própria humanidade. A palavra de Deus não vem contradizer a natureza. Vem ao encontro de suas mais íntimas ou inconcientes tendências. Tertuliano o viu, na aurora do cristianismo. As definições teológicas mais recentes o confirmam. Não impede que S. Paulo, o Doutor "da graça e da liberdade", como o definiu o grande Maritain, nas suas inexcedíveis caminhadas pelos mistérios da Vida e da Morte, e acima dêle que a Palavra e o Exemplo do Cristo, — tivessem sacudido definitivamente as pseudo-evidências da Natureza e mostrado para sempre que *a Vida é a plenitude da Morte, como a Morte pode ser a negação da Vida.*

Ambas as verdades são autênticas, exatamente porque a morte não é apenas a cessação da vida e sim a cessação da graça. Morrer, no sentido cristão do têrmo, não é deixar de existir para o mundo e sim deixar de existir para Deus. Por isso, a Moléstia é o grande inimigo do homem burguês, mas o Pecado é o grande inimigo do homem cristão. Por isso, a Morte é um espetáculo abominável para o ímpio, mas é um espetáculo grandioso para o crente. Por isso, a Morte é uma Vitória para S. Paulo, mas uma derrota para Juliano. "O' Morte, tu és a porta da Vida", murmurava S. Francisco de Assis, moribundo. E S. Paulo desafiava a Morte, exclamando: "Ubi est Mors, victoria tua?" (I Cor., 15, 55). A morte é impotente contra a vida quando o homem vence a morte do pecado porque êste é o grande agente da corrupção humana: "Stimulus autem mortis peccatum est" (I Cor., 15,56).

E o Cristo das profecias podia exclamar à Morte: "O' Morte, serei a tua Morte" (Oséas, 13,14), porque Êle é a Ressurreição e a Vida! E a Vida eterna é a morte da Morte, isto é, o aniquilamento sobrenatural do aniquilamento natural e portanto a Imortalidade. Ou, como diz o Hino da Seqüência Pascoal que a Igreja canta durante essa época do ano: "A Morte e a Vida travaram um estupendo duelo; o Autor da vida depois de morto vive e reina". *Dux vitae Mortuus regnat vivus!*

Perder a vida, portanto, não é morrer e sim afastar-se de Deus. Morrer, ao contrário, é ganhar a vida, quando vivemos pela Graça e não apenas pela Natureza. Eis porque, vendendo saúde, como se diz, somos tantas vêzes mortos ambulantes. — *simulacres de vivants*, como diz Bossuet. Ao passo que os mortos, por nós chorados ou os vivos que desdenhamos — por serem humildes, mendigos, perseguidos, ignorantes, doentes, marcados por um sêlo estranho às vitórias do mundo — são tantas vêzes os únicos realmente vivos!

Êsse grande mistério da Vida e da Morte, essência de todo cristianismo e supremo paradoxo, pois a Verdade se fêz Morte para nos dar a Vida eterna — mistério que vivemos na Quaresma e continuamos a viver pela Páscoa — êsse é o outro grande escândalo do mundo moderno. Escândalo de tal ordem que muitos cristãos não ousam encará-lo de frente ou procuram atenuá-lo para ser tolerável ao paladar efeminado do homem de hoje.

Esta é outra das nossas cruzadas. A Cruzada a que pode tão pouco escapar a Literatura, como a Política, a Igreja como o Estado, a Civilização como a Barbaria.

Se o século XX pode ser um grande século é que nele os grandes problemas da vida e da morte, da verdade e do êrro, se apresentam a todos os homens e impregnam a atmosfera quotidiana. E' inútil tentar contorná-los. Êles aí estão, cada manhã nas páginas dos jornais, nas ondas dos rádios. E' inútil querer fechar as portas da tôrre de marfim. E' inútil tentar isolar cada sector da atividade humana, como se o homem fôsse feito como uma colmeia de abelhas.

A literatura, mais do que nunca, tem hoje suas janelas e portas abertas para a vida e para a morte, para a verdade e para o êrro. Querer reduzí-la a um mero jôgo de palavras mais ou menos bonitas ou a problemas mesquinhos de escolas, de vernaculidade, de regionalismos, academismos, ou fúteis vaidades, é negá-la em sua natureza mais profunda. Se ela fôsse apenas isto, o dever dos escritores de bem seria imediatamente deixá-la para cuidarem de coisas sérias, como erradamente o quis Spengler. Não se trata de confundir literatura com política, com filosofia ou com religião, (depois de a separarmos da filologia ou do arrivismo). E muito menos de colocá-la a serviço de qualquer delas.

Trata-se, ao contrário, de *defender a sua independência e a sua liberdade, mas dentro de sua natureza*. Uma não contradiz a outra. Longe disso. Tôda grande literatura, em todos os tempos, teve sempre suas grandes janelas abertas para a morte e a vida, para a verdade e o êrro, isto é, para os problemas supremos do homem sôbre a face da terra. Desde Homero que assim é. Desde Virgílio. Desde Dante. Desde Shakespeare ou Camões. Dante, o poeta supremo, é nesse sentido o exemplo dos exemplos. Foi êle que,

por assim dizer, iniciou, nos tempos modernos, a concepção da literatura como fim de si mesma. E, no entanto, foi êle entre todos os grandes criadores literários o que colocou no centro de sua grande obra, marcando por assim dizer os quadrantes do seu orbe literário, o Norte e o Sul, o Este e o Oeste, do homem, isto é, a Verdade e o Êrro, a Vida e a Morte.

Se a literatura se justifica hoje em dia é que não deixou de ser a mesma desde as mais remotas origens. Podem os espíritos mesquinhos, os cabotinos, os imbecís, os aproveitadores, reduzí-la a uma atividade mèramente acidental, a serviço da Gramática ou da Política, dos efeitos de palco, ou de boas nomeações. Os verdadeiros criadores se movem em outro plano. E surgem de outros recantos do horizonte.

São êles que justificam a profissão nesta hora de vitória e alegria, mais difícil de viver dignamente que as horas de sombra e de agonia. São êles que carregam o facho, no meio dos "ventos uivantes".

O ambiente em que vivemos é propício a tôdas as deformações, mas também às grandes criações do Espírito. Queira Deus não nos faltem almas trágicas e graves que saibam colocar o ouvido ao solo e transmitir, em seus poemas e seus romances, a grande paixão ardente do mundo e do tempo em que vivemos. Paixão que terá de manifestar-se, tantas vêzes, contra o mundo e contra o tempo, que são realmente contraditórios e dilacerantes.

O escritor que ama a Verdade e conhece o Êrro, que procura traduzir a Vida pelo sofrimento, pela renúncia, pela Morte, que são os verdadeiros valores vitais, e não pelo sibaritismo, pelo sorriso ou pela polêmica barata, está no extremo oposto dêsse símbolo eterno de tudo o que há de detestável em todos os tempos e particularmente nas "falsas virtudes" de todos os tempos e que se chamou Pôncio Pilatos.

Enquanto êste se envolve sorridente em sua toga (ou em seu paletó saco...) e murmura displicentemente: "Quid est Veritas?", os homens verdadeiros continuam a lutar pela Verdade, a despeito de todos os erros, pela Liberdade a despeito de tôdas as opressões, e a encontra a Vida através do sofrimento e da mortificação.

E entre êsses é que encontramos realmente a verdadeira e eterna beleza.

AUGUSTO DOS ANJOS

MANUEL BANDEIRA

SUPERADOS os processos do parnasianismo e do simbolismo, cristalizou-se por algum tempo a nossa poesia naquêle mesmo sincretismo de uma e outra escola, gerador do modernismo de Rubén Darío no mundo hispânico. Nesse ambiente de elegante suavidade estourou como um grito bárbaro a estranha voz de Augusto dos Anjos. Era, de certo modo, uma volta a Cruz e Sousa: a mesma inadaptabilidade ao quotidiano, a mesma "nevrose do Infinito", a mesma expressão paroxística. Até o mesmo vezo de encher o verso com dois multissílabos, como quebrando o quadro do metro para lhe dar maior ressonância:

Profundissimamente hipocondríaco...
Panteisticamente dissolvido...
Extraordinariamente atroadora...
No rudimentarismo do Desejo...
Nas transubstanciações da Natureza...
O amarelecimento do papirus...

Versos de Augusto dos Anjos, cuja estrutura é igual à de tantos outros de Cruz e Sousa, como êstes:

Aterradoramente indefinidos...
Pulverulentamente nebulosa...
Nos apodrecimentos da matéria...

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884-1914) nasceu e criou-se num engenho da Paraíba. Aos dezesseis anos veio para a capital do seu Estado afim de completar os estudos secundários. Orris Soares, que o conheceu então, descreve-o como "um pássaro molhado, todo encolhido nas asas, com mêdo da chuva". Feitos os exames preparatórios, seguiu para o Recife, em cuja Faculdade de Direito se bacharelou. Dedicou-se, porém, ao magistério, ali e depois no Rio. Atacado de tuberculose, procurou os bons ares de Minas, fixando residência na cidade de Leopoldina, onde exercia as funções de diretor de um grupo escolar. A moléstia progrediu sempre, e em Leopoldina morreu e ficou sepultado. Poeta desde menino, pois os seus primeiros versos datam dos sete anos, só publicou o seu livro em 1912. Muita gente houve a quem repugnava a terminologia científica abundante naqueles poemas de mistura com acentos pungentes de amarga tristeza. Mas foi certamente êsse último elemento que tornou apreciada a poesia de Augusto dos Anjos. E é curioso constatar que enquanto outros poetas de expressão mais accessível vão deixando de ser lidos, as edições do *Eu* se sucedem (já apareceram onze, donde se pode concluir que o público integrou o nome do grande poeta paraibano no patrimônio definitivo da lírica brasileira, e um crítico como Otto-Maria Carpeaux, tão versado na poesia de todos os tempos e de todos os países, não hesita em colocá-lo, ao lado de Cruz e Sousa, acima de todos os poetas mortos do Brasil).

Os primeiros críticos de Augusto dos Anjos notaram logo a completa ausência de poemas de amor em tôda a sua obra. Entenda-se o amor carnal, que para êle era uma mentira, não era amor, não passava de "comércio físico nefando":

Certo, êste o amor não é que em ansias amo,
Mas certo o egoista amor êste é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte
Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Assim é que devemos entender os versos de "Queixas noturnas":

Não sou capaz de amar mulher alguma
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.

Para êle o amor

É espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e cuida
Cuida entretanto não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!

Êste amor, "amizade verdadeira", encontrou-o o Poeta no casamento e não deu mais atenção ao outro senão para estigmatizá-lo. Dêste amor amava os seus — os pais, a espôsa, os filhos, e em relação a êstes sofria de lhes deixar a herança horrenda da carne, só consolado com pensar que em épocas futuras haveriam de ser "no mundo subjetivo minha continuidade emocional". Amor de tôdas as criaturas sofredoras — dos doentes, das prostitutas, do pobre Tôca, "que carregava canas para o engenho", da sua ama de leite; dos animais — do corrupião, prêso em sua gaiola como a alma do homem na podridão da carne, do cão "latindo a exquisitíssima prosódia da angústia hereditária dos seus pais!", do carneiro abatido para satisfazer a fome necrófila dos homens (a fome, "o barulho de mandíbulas e abdomens", enchia-o de desprêzo por tudo isso, dava-lhe "uma vontade absurda de ser Cristo para sacrificar-se pelos homens!"); o amor das árvores da serra, do tamarindo do engenho, a que se refere em vários poemas; o amor até das coisas materiais, detidas "no rudimentarismo do Desejo", gemendo "no solução da forma ainda imprecisa... da transcendência que se não realiza... da luz que não chegou a ser lampejo..."; e acima de tudo o amor das "claridades absolutas", da Verdade, da Soberana Idéia imanente, da Arte, única cidadela contra a Morte, contra "as fôrças más da Natureza".

Acreditava em Deus? Acreditava e rezava as preces católicas. Mas na sua poesia a concepção do Universo não é ortodoxa, tem algo de maniqueista, opondo ao mundo do espírito, ao mundo de Deus, o mundo da matéria, evoluido segundo a teoria darwinista, o mundo da "fôrça cósmica furiosa". A consciência poética dêsse duelo terrível é que alimentava a angústia metafísica de Augusto dos Anjos e o fazia delirar em "cismas patológicas insanas". A sua aspiração suprema seria dominar todos os contrastes, resolvê-los na unidade do Grande Todo, que sonhou culminar com a onipotência da Divindade.

Tudo isso está dito numa forma duríssima, onde as sinéreses parecem acumuladas propositadamente para pintar o esfôrço das palavras esbarrando no "mulambo da língua paralítica". E' uma expressão por estampidos. De ordinário só há calma nos primeiros versos do poema. Assim em "As cismas do destino":

Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha própria sombra,
Pensava no Destino e tinha mêdo!

Logo na segunda estrofe eriça-se a forma em excessos bem característicos do Poeta:

Na austera abóbada alta o fósforo alvo
Das estrêlas luzia... O calçamento
Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento,
Copiava a polidez de um crâneo calvo.

Augusto dos Anjos morreu aos trinta anos. Não creio, porém, que, se vivesse mais, atenuasse as arestas de sua expressão formal. Esta lhe era congênita e persistiria sem dúvida, como persistiu na maturidade de Euclides da Cunha, em cuja prosa deparamos com o mesmo ímpeto explosivo e indomável.

Vida íntima e social do RIO DE JANEIRO *durante a* REGENCIA

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

O PERÍODO REGENCIAL — 7 de abril de 1831 a 23 de julho de 1840 — não é apenas interessante pelos seus aspectos políticos, nem seria possível apreciá-lo de maneira completa, deixando na sombra os seus aspectos sociais e as repercussões de uns sôbre outros.

Do fato político da abdicação, com os múltiplos efeitos da mesma natureza, resultaram outras tantas conseqüências de ordem social, afetando a fisionômia geral da sociedade, os seus costumes, os seus estilos de vida. A revolução de 7 de abril, afastando do trono Pedro I e substituindo-o pelo filho, já nascido no Brasil, teve um cunho ao mesmo tempo político e social, de nacionalização da nossa Independência, com o acesso ao poder e a possibilidade de ação dos elementos mais caracteristicamente brasileiros, em detrimento do prestígio do antigo elemento colonizador.

Se o movimento que determinou a retirada do primeiro Imperador teve a marca de influências exóticas — a queda de Carlos X em França, por exemplo — e assinala talvez entre nós o início ou recrudescimento de uma fase de europeização, ou de re-europeização intensa, assume por outro lado feição de uma nítida reação nativista e anti-lusitana.

Tôda a vida do país, em suas diferentes faces, toma um colorido mais brasileiro, mais da terra, mais nacional. Brasileiro nato é agora o Imperador, o monarca-menino cujo trono se esforçam por preservar os espíritos mais lúcidos e realistas; brasileiros, muitos até bons caboclos ou mulatos, são os políticos mais em vista, os jornalistas, os deputados, os senadores, postas à margem, salvo raras exceções, as figuras do Primeiro Reinado, suspeitas não só de ranço absolutista como de simpatia ou aproximação com os portuguêses.

Parece que agora o Brasil se crê realmente emancipado, livre, senhor do seu destino, e cuida chegado o momento de tôdas as experiências, numa esplêndida orgia de liberdade, a manifestar-se nos excessos da imprensa, na exacerbação dos ódios partidários, na mais infrene demagogia.

Com a Regência, a rua domina por vezes o país, intimida, constrange, humilha o Poder, tenta dar ordens ao Govêrno; é o espetáculo do Rio de Janeiro em abril, em julho, em outubro de 1831, o Rio dos motins, das "rusgas", das desordens, dos assassínios, das vaias.

Nesse momento, tão vivas eram as paixões políticas, tão marcadas as atitudes partidárias, que os adeptos desta ou daquela corrente se diferenciam até pela indumentária, como se houvesse entre uns e outros abismos de classe, senão de casta. Não basta, para separar brasileiros e portuguêses, o laço nacional do tempo da Independência, que Evaristo da Veiga faz voltar à moda. Outros emblemas e outros distintivos surgem e são para logo adotados.

Um dêles é apenas uma flor, a sempre-viva. Quem passa na rua, entra num café, ou está nas galerias da Câmara de sempre-viva à lapela, já se sabe que é republicano e federalista. Sentido político tem também o chapéu: é divisa partidária. Quem usa chapéu de palha é logo reconhecido como "exaltado", pessoa simpática à república e querendo à federação. Mais do que isso, é patriota de verdade, brasileiro genuino, nacionalista. Sim, porque o chapéu de palha é feito no Brasil, é indústria nacional, tecido de fibra de taquarussu. Usá-lo é proteger o que é nosso. E' mostrar-se amigo do povo, é colocar-se ao nível das pessoas mais pobres, porque custa apenas três patacas, ou sejam 960 réis, quando o chapéu redondo, que o jornalista e deputado Evaristo da Veiga traz à cabeça, custa a exorbitância de 8$000, e

vem da Europa, vem de França ou de Inglaterra.

E' certo que muitos dos rapazes que usam chapéu de taquarussu e se apelidam de "farroupilhas", são de famílias ricas, de gente abastada, verdadeiros "petits-maitres" de bom tom, que se penteiam à francesa e se vestem à inglêsa, como diz dêles o jornalista da "Aurora Fluminense", acentuando o contraste burlesco que há em sua indumentária requintada, entre os chapéus plebeus e os "sapatinhos lustrosos, a calça fina e o casaco de pano de 12$000 o côvado".

Evaristo, mal dissimulando preocupação de elegância, não suporta o chapéu de palha, já porque o acha feio e vulgar, já porque o monopolizam os "exaltados"; e atravessa inverno e verão com o seu chapéu redondo, importado da Europa. E "chapéu redondo" passa a ser símbolo de adepto do partido "moderado", alcunha dos membros da Sociedade Defensora. Ninguém, por exemplo, vê de chapéu de palha Odorico Mendes, Limpo de Abreu, Honório Hermeto, Paula Sousa. De chapéu redondo já estão os deputados e senadores antes das dez horas da manhã, quando se dirigem para as sessões de suas Câmaras. De chapéu redondo de copa alta e de casaca.

Só se sai à rua de casaca. As repartições públicas, os empregados comparecem diàriamente de casaca. As casacas são de várias côres: pretas, verdes, azues, côr de rapé. Para os atos mais solenes é de rigor a casaca preta. A verde tem de ordinário botões amarelos. A's sessões do Senado e da Câmara vai-se de casaca preta, com a grande gravata de volta.

Às nove horas da manhã todo o mundo está almoçando. Janta-se às três horas da tarde; às duas terminam as sessões parlamentares. A vida quotidiana começa e acaba cedo. As ruas mal iluminadas e pouco policiadas não convidam, não são propícias a excessos noturnos; às nove horas da noite a cidade inteira está dormindo.

Não há grandes requintes, nem siquer confôrto nas casas. Tudo em regra muito simples. Mas já há interiores domésticos bem mobiliados, com móveis, louças, espelhos, ornamentações de origem inglêsa e francesa. Tudo o que é bom ou belo vem da Inglaterra, vem da França.

As modas chegam também da Europa — modas dos homens e modas femininas. As mulheres usam vestidos de cintura alta, sapatinhos rasos.

Não faltam livrarias. Na rua dos Pescadores, Evaristo mantém a sua aberta, vende livros no balcão depois da sessão da Câmara, embora seja o guia, o condutor da política, o homem que faz ministros e não quer ser ministro.

Dos teatros o mais importante é o S. Pedro de Alcântara, antes S. João e por algum tempo crismado de Constitucional Fluminense. Nêle, em ocasiões de maior efervescência política, há distúrbios, o espetáculo é interrompido pelos rapazes de chapéu de palha, entre os quais se encontram às vezes alguns oficiais do exército, filiados ao partido exaltado, como o Major Miguel de Frias e o Major Rangel.

Ninguém se sente tranqüilo. Os boatos fervem. A cada momento é esperado um motim, um novo levante. A tropa vive em estado de indisciplina permanente, e os soldados são os maiores desordeiros.

Êsse ambiente de perpétua inquietação é alimentado e mantido pelos jornais, pelos numerosíssimos jornais que pululam. Os seus nomes são por vezes os mais estranhos. Ao lado de uma "Aurora Fluminense", um "Independente", um "Jornal do Comércio", um "Templo", um "Diário do Rio de Janeiro", um "7 de abril", enxameiam a "Matraca dos Farroupilhas", o "Jurujuba os Farroupilhas", "A Lima Surda", "O Esbarra", "A Babosa", "O Caolho", o "Papeleta", o "Fado dos Chimangos", o "Caramurú", o "Tamoio", a "Torre de Babel", "O Pão de Açucar", o "O Filho da Terra", "A Motuca Picante", "O Exaltado", jornais que mal surgem e logo desaparecem, quase todos explorando o anonimato, a serviço de paixões pessoais e ódios partidários. Pasquins de agitadores e politiqueiros como João Batista de Queiroz, David da Fonseca Pinto, padre Marcelino Pinto Ribeiro Duarte, e também de gente mais qualificada, como o Cônego Januário da Cunha Barbosa, os irmãos Andrada, Bernardo de Vasconcelos, Rodrigues Torres.

Ainda se anda de cadeirinha ou de rêde, mas já há linhas de ônibus, de gôndolas, de diligências.

Não é difícil encontrar cerveja para matar a sêde em dias de maior calor, e al-

FORMAÇÃO DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

RUBEM BRAGA

Si me perguntassem qual o livro mais importante para quem deseja entender o Brasil, eu apontaria, sem hesitar, "Formação do Brasil Contemporâneo", cuja primeira parte, referente à Colônia, Caio Prado Junior publicou em 1942. Embora muito bem recebido pela crítica mais autorisada, não teve êsse livro, nem mesmo em nossas rodas intelectuais, um sucesso tão grande quanto merece. Esperamos que o autor lance o segundo volume, referente ao Império (ou vindo, talvez, até mais perto de nossos dias); si ele puder, como é de esperar, seguir a mesma linha rigorosa, teremos uma obra de importância que não tenho nenhuma dúvida em classificar de incomparável do ponto de vista do entendimento de nosso país. No segundo volume êle abordará, certamente, fenômenos mais complexos da evolução nacional e jogará com as vantagens e desvantagens de um material muito maior e muito complicado.

O que sobretudo nos inspira confiança é estarmos em face de um estudioso que tem um método firme de estudo. Êsse método lhe permite destacar o que é importante, o que é básico em nossa formação histórica, em meio ao amontoado de fatos. Eu por mim faço, sem nenhum constrangimento, uma confissão, tenho lido muito mais sôbre história e sociologia do Brasil do que seria de esperar em um sujeito por temperamento sempre mais interessado nos dia-a-dias da vida que na sabedoria depositada em livros. E quanto mais lia coisas sôbre o período colonial mais se amontoavam em mim dúvidas e perguntas, dificuldades de explicação disso e daquilo. O livro de Caio Prado Junior me trouxe esclarecimentos preciosos. Senti-me quasi como quem assiste a um longo filme falado em chinês, sem legendas, e depois acha no programa, em resumo, o sentido do enredo.

Não estou em condições, porisso mesmo, de fazer a crítica dêsse livro; para isso seria necessário fazer um longo exame de documentos (alguns dos quais, e preciosos, vejo pela primeira vez citados na obra) e depois um esfôrço de interpretação histórica muito sério. Algumas teses e afirmações do autor poderão, talvez, ser discutidas, mas a sua tese fundamental é traçada com tanta clareza e evidência e com um apôio tão maciço de fatos que não se pode fazer outra coisa senão aceitá-la.

Si a grande maioria de suas observações é encontrada em estudiosos anteriores, Caio Prado Junior pode se gabar, entretanto, de nos dar uma interpretação geral da formação brasileira tão ampla, sólida e harmoniosa como nunca se viu antes.

E é extraordinário como êsse livro sôbre o Brasil-Colônia nos faz pensar no Brasil de hoje. Para êle o sentido da colonização — quasi poderíamos dizer — do descobrimento — é o de uma emprêsa comercial portuguêsa. Para poder traficar foi preciso, aqui, organizar a produção, e ela foi organizada com o trabalho escravo, e a exploração agrícola em grande escala para o mercado exterior. Assim foi organizada a economia brasileira: economia de um território destinado a fornecer certos produtos, sempre sujeita, portanto, e de maneira dolorosa, às contingências e caprichos dos

---

guns mais requintados tomam o seu cognac depois do jantar. Pelos paquetes da Europa chega regularmente o gêlo, e o sorvete faz a sua entrada triunfal. Cabe a Aureliano Coutinho a glória de ter proporcionado pela primeira vez êsse regalo aos elegantes do Rio, numa festa em sua casa.

Enquanto isso, os negros continuam chegando também da África. E' em vão que a lei de 7 de novembro de 1831 proíbe o tráfico. A escravidão aproxima-se do seu apogeu e, a despeito do ardente liberalismo da "república provisória" da Regência, a sociedade brasileira tôda se impregna das influências e das taras do regime de trabalho servil.

mercados do exterior, e sem um mercado interno amplo e sólido. Sim, passamos a maior parte dêstes 4 séculos e meio trabalhando para fornecer certas sobremesas ao mundo — e à custa disso sub-alimentando o nosso povo. E' bem certo que já não estamos na época da colônia, mas Caio Prado Junior diz, com tôda a razão, que "não completamos ainda hoje a nossa evolução da economia colonial para a nacional".

Escreve o autor a certa altura:

"Si vamos à essência de nossa formação, veremos que na realidade nos constituimos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde, ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. E' com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção e considerações que não fôssem o interêsse daquele comércio, que se organizam a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquêle sentido; a estrutura bem como as atividades do país. Virá o branco europeu para especular, realizar um negócio; inverterá seus cabedais e recrutará a mão de obra que precisa; indígenas ou negros importados. Com tais elementos, articulados numa organização puramente produtora, industrial, se constituirá a colônia brasileira. Êste início, cujo caráter se manterá dominante através dos três séculos que vão até o momento em que ora abordamos a história brasileira (1800) se gravará profunda e totalmente nas feições e na vida do país. Haverá resultantes secundárias que tendem para algo de mais elevado; mas elas ainda (em 1800) mal se fazem notar. O "sentido" da evolução brasileira, que é o que estamos aqui indagando, ainda se afirma por aquêle caráter inicial da colonização."

Por mais triste que pareça, quem examinar, hoje em dia (1944) os fatos mais importantes da economia brasileira notará ainda, com impressionante clareza, o mesmo "sentido".

Um trecho do livro que impressiona ao observador das coisas de hoje é aquêle em que o autor mostra como a evolução da economia colonial se processou aos arrancos e crises:

"Uma conjuntura internacional favorável a um produto qualquer que é capaz de fornecer impulsiona o seu funcionamento e dá a impressão puramente ilusória de riqueza e prosperidade. Mas basta que aquela conjuntura se desloque, ou que se esgotem os recursos naturais disponíveis, para

que aquela produção decline e pereça, tornando impossível manter a vida que ela alimentava. Em cada um dos casos em que se organizou um ramo da produção brasileira, não se teve em vista outra coisa que a oportunidade momentânea que se apresentava. Para isto, imediatamente, se mobilizam os elementos necessários: povoa-se uma certa área do território mais conveniente com empresários e dirigentes brancos, e trabalhadores escravos — verdadeira turma de trabalho —; desbrava-se o solo e instala-se nêle o aparelhamento material necessário; e com isto se organiza a produção. Não se sairá disto, nem as condições em que se dispôs tal organização o permitem; continuar-se-á até o esgotamento final ou dos recursos naturais disponíveis, ou da conjuntura econômica favorável.

Depois abandona-se tudo em demanda de outras emprêsas, outras terras, novas perspectivas. O que fica atrás são restos, farrapos de uma pequena parcela de humanidade em decomposição."

Hoje mesmo estamos a vêr massas de população afluindo para certas zonas de nosso território onde o capital estrangeiro se lançou para organizar a produção exigida com mais veemência pela guerra; vemos não sòmente alguns produtos (como o cristal de rocha e a mica) surgirem quasi do nada ou ressurgirem (caso da borracha) como também outros (é o caso da castanha do Pará) desaparecerem, porque o mercado externo não precisa dêle no momento. Vamos as nossas maiores jazidas de ferro (e as maiores do mundo) atraindo capital com aparelhamento para levar o produto ao estrangeiro; e por outro lado, esperança a encher os peitos patriotas, mas caso ainda tão a examinar em seu verdadeiro sentido, a Volta Redonda. Hoje, enfim — e porisso já não somos uma simples colônia — podemos, dentro de um certo limite, e graças sobretudo à concorrência dos imperialismos, cobrar isto ou aquilo pelas facilidades que oferecemos para o fornecimento de tal ou qual produto que interessa a determinado mercado externo. Podemos "negociar": não temos a Metrópole soberana a mandar diretamente aqui dentro. Um govêrno avisado, que tenha sempre em vista o interêsse nacional e saiba olhar o futuro, pode, sem dúvida, tirar partido de certas conjunturas, construindo aos poucos a independência econômica do país. Não creio que seja impossível. Mas estamos de tal maneira e por tantos laços — uns evidentes e escandalosos, outros indiretos e sutis — nas mãos dos grupos imperialistas estrangeiros — que essa tarefa me parece enorme. E emancipação nacional do Brasil está ligada à emancipação social de nosso povo. Uma verdadeira únidade nacional de interêsses, quebrando as contradições tão marcantes de nossa estrutura social poderia libertar o país. Temos na América mesmo o exemplo do México, onde, sem ter havido uma revolução social, bastou uma predominância, na vida política do país, dos interêsses populares sôbre os interêsses de grupos, para realizar, em condições particularmente difíceis, importantes progressos no caminho da libertação nacional do imperialismo.

Êsses palpites me afastam do assunto, que é o livro de Caio Prado Junior; mas êsse afastamento é bem um elogio a um livro que, tratando de coisas da Colônia, nos obriga a pensar nas coisas de hoje. Não foi senão para entender — e servir, portanto — o Brasil atual, que o Autor se lançou ao estudo da História. Êle mesmo confessa com uma bela clareza que "a interpretação do Brasil de hoje é o que realmente interessa".

Para isso "Formação do Brasil Contemporâneo" é uma obra preciosa, que devia ser adotada nas escolas e que eu aconselho com o maior empenho aos nossos moços — e velhos.

POESIA DO OUTRO MUNDO

OSORIO BORBA

NA parte final do artigo, o possivel leitor compreenderá porque amanheci crítico de poesia, aventurando-me por um gênero em que gostaria mais de ouvir mestre Bandeira, ou Mario de Andrade, Sergio Buarque de Holanda, ou Alvaro Lins, Antonio Cândido ou Valdemar Cavalcanti, ou êsse caminheiro fatigado dos caminhos perigosos da politica que a literatura reconquistou faz pouco tempo: Astrojildo Pereira.

Vamos falar dum caderno de sonetos. O primeiro dêles intitula-se "Jesus ou Barrabás" e começa assim:

"Sôbre a fronte da turba, há um sussurro [abafado.
A multidão inteira, ansiosa, se congrega,
Surda à lição do amor, implacavel e cega,
Para a consumação dos festins do pecado.

"Crucificai-o" exclama... um lamento lhe [chega
Da terra que soluça e do céu desprezado.
"Jesus ou Barrabás", pergunta, inquire o [brado
Da justiça sem Deus, que trêmula se entrega."

Mofinos versos, não? Começa por aquêle "sussurro sôbre a fronte" (A fronte da turba?) O poeta é, sem dúvida, um principiante incerto e timido que ainda está longe de dominar a lingua e a técnica do verso. Além dessas impropriedades e daquela redundancia escusada e inutil de "pergunta, inquire", não consegue dar ao velhissimo tema nenhum novo vigor nem colorido, e o ritmo se arrasta, frouxo, no carroção dos alexandrinos claudicantes. Fôrça a linguagem a cada momento para preencher o número de silabas e atender às exigências tirânicas da rima.

Nos tercetos aparece um imprevisto anjo da paz que não amaldiçoa nem geme, e Jesus "toma da cruz da dor para que dor fique (**fique** não; **ficasse**, que é preciso rimar) como a glória da vida", etc.:

"Jesus! Jesus! Jesus!... e a resposta perpassa
Como um sopro cruel do Aquilão da desgraça
Sem que o Anjo da Paz amaldiçoe ou gema.

E debaixo do apodo e ensanguentada a face,
Toma da cruz da dor para que a dor ficasse
Como a glória da vida e a vitória suprema."

Noutro alexandrino:

"Jesus fitando os céus em prece
Vê descer da amplidão o Arcanjo da Agonia
Cuja mão luminosa e terna lhe trazia
Como a glória da vida e a vitória suprema".

"Refece"... Palavrinha dificil. Apelamos para um dicionário e êle nos ensina que "refece" (ou refez) significa "infame, vil, que tem maus sentimentos, etc. Figurado, fácil"

No segundo quarteto:

"Se puderdes, meu Pai, afastai-me, dizia.
Mas eis que todo o azul divino se estremece."

O poeta apresenta-nos, portanto, um Jesus que não crê muito na onipotência do Pai "Se puderdes"...

Em seguida "cai do céu uma doirada messe de bençãos aurorais". A adjetivação, quando sai do preciosismo de "refeces" e "aurorais", é para cair no logar-comum, na mais opaca vulgaridade: "E sublime na fé mais vivida, murmura".

Outro soneto, "O beijo de Judas". Começa pela voz do Mestre "ungida de ternura":

"Amados, eu vos dou meus últimos ensinos".

Mais uma vez o poeta, vitima imbele do despotismo da rima, é levado por ela até a empregar a palavra ensino nessa imprevista acepção.

Prossegue o soneto com uma "vida imaculada e pura", uma "estrada de aflição, de dor e desventura", um "raio de eterno sol na senda dos destinos", e termina assim:

"E Jesus abençoando aquelas almas cegas
Exclama humildemente: — "E' assim que tu [me entregas?"
Vendo as coortes do céu nas fimbrias do ho- [rizonte".

Em "A Crucificação", o quadro supremo da tragédia de Cristo é sintetizado nesta frase de reportagem policial: "Gritos e altercações!" Em seguida alude-se ao "olhar clarividente" do Mestre, aos "gladios da dor", às "lágrimas de fel do pranto mais ardente", aos "marcos de luz na noite primitiva", à "Voz tristonha e compassiva", e outros caprichos de

estilo. E termina com a palavra de Jesus assim:

— "Perdoai-lhes meu Pai, não sabem o que fazem".

O ciclo encerra-se naturalmente com a "Ressurreição".

Reproduzo:

"Extinga-se o calor do fóco aurifulgente.
Do sol que vivifica o mundo e a natureza
Apague-se o fulgor de tudo que a alma, presa
Às grilhetas do corpo, adora, anhela e sente".

Em seguida, encontramos uma "túrgida surpresa". Uma surpresa túrgida!

E os tercetos são estes:

"Estertore e soluce exhausto e moribundo,
Debilmente pulsando, o coração do mundo,
Morto à mingua de luz, ambicionando a gló-
[ria

O espírito imortal, depois das derrocadas,
Numa ressurreição de eternas alvoradas,
Subirá para Deus num canto de vitória".

Para completar a idéia que pretendo transmtiir da inspiração e da fórma desses sonetos transcreverei ainda este decassilabo:

"Ideal
Na terra um sonho eterno de beleza
Palpita em todo espírito que, ancioso,
Espera a luz explêndida do gozo
Das sinteses de amor da natureza;

E ansiedade perpetuamente acesa
No turbilhão medonho e tenebroso
Da carne, onde a esperança sem repouso
Luta, sofre e soluça e sonha presa.

Aspirações do mundo miserando,
Guardadas com ternuras, com desvelos
Entre os peitos exânimes e aflitos! ..

Mas que o homem realiza apenas, quando
Rotas as carnes, brancos os cabelos,
Busca o beijo de luz dos infinitos!"

Que diria qualquer crítico de gosto razoavel e medianamente entendido em poesia e em técnica poética, diante dessa coleção de sonetos? Parece que qualquer controlador de colaborações jornalisticas, depois de examinar os originais do poeta e a cartinha humilde pedindo publicação dos sonetos, dar-lhe-ia este conselho paternal. "— O amigo deve ser ainda muito jovem. Não desanime. Estude leia os mestres, procure penetrar melhor os segredos da lingua e aperfeiçoar-se na técnica poética. Não lhe falta inclinação, mas seus versos estão ainda cheios de imperfeições, de impropriedades vocabulares, de defeitos de métrica. Volte quando se sentir mais seguro, mais senhor de si. Por enquanto, lamento muito, mas... cesta!"

E que diriam os críticos se vissem sob esses sonetos a assinatura de um dos nossos mais famosos poetas, e, mais, do que é geralmente considerado nosso maior parnasiano? Requeririam, sem dúvida, no minimo, uma investigação de paternidade literaria, não é verdade?

Pois é essa coleção de sonetos que apareceu já há alguns anos e está aí circulando em sucessivas edições, como sendo de Olavo Bilac. E' um dos capitulos do "Parnaso de Além Tumulo", enorme antologia contendo poemas que o medium Xavier e o seu editor atribuem a vários grandes poetas brasileiros e portugueses (Alphonsus de Guimaraens, Antero, Castro Alves, Gonçalves Dias, Antonio Nobre, Raimundo Corrêa, Augusto dos Anjos, Raul de Leoni, Hermes Fontes, Junqueiro, João de Deus, Cruz e Souza). Bilac é um autor daqueles a cuja maneira estamos todos nós mais habituados e que, tendo sido um expoente do parnasianismo, oferecia elementos particularmente propícios a um fácil cotejo entre sua obra conhecida e essa que aparece como postuma ou, mais precisamente, como "mediúnica".

Assim, se em relação a Humberto de Campos poucas são as restrições a fazer à verossimilhança (à verossimilhança apenas, fique claro) dos seus comunicados, estamos muito longe de poder dizer o mesmo quanto a outros autores. Aquí temos mais um soneto mediúnico de Bilac. Não convence. Como os outros, frouxo, mediocre, descolorido, com um injustificavel misero e precito e uma absurda exclamação — reticências no fim do primeiro terceto, sem nada da riqueza verbal e do virtuosismo parnasiano de Bilac, dando a perfeita impressão dum "pastiche" inhabil:

S O N E T O

O homem da terra misero e precito,
No máximo de dor de que há memória,
Vai penetrar a noite merencórea
Do seu caminho desvairado e aflito.

No mundo, em tôda a parte, ouve-se o grito
Da mentira em seus dias de vitória!
Ostentação, miséria, falsa glória
Afrontando as verdades do infinito!

Mas ao côro sinistro das batalhas
Hão de cair as rigidas muralhas
Que guardam a ilusão do mundo velho!...

E após a dor, a treva e a derrocada,
O homem renascerá para a alvorada
Da luz Divina e Eterna do Evangelho.

Olavo Bilac

Em 6-8-1939 — Belo Horizonte.

Vimos, pelas amostras, que o Bilac desencarnado, como o apresenta o alto-falante dos mortos, é um misero poetastro, de inspiração rasteira, forma desleixada e ritmo frouxo, cambaleando em versos mancos e balbuciando pensamentos duma banalidade integral, numa completa indigência de linguagem.

•

A gente lê, relê, soletra, decompõe cada um desses sonetos, e não encontra nenhum sinal, por mais diluido e vago, da maneira do mestre parnasiano. Por maiores que sejam as restrições a fazer a Bilac quanto à essencia de sua poesia, um fato, objetivo e inegavel, é o seu virtuosismo técnico de "ourives do verso", de "joalheiro da rima". A forma, num ortodoxo do parnasianismo, é o mais importante, o fundamental, como o era realmente na poética do "Principe". Versos como os acima citados e, em geral, todos os da coleção "mediúnica", não poderiam ser assinados, em vida, pelo homem da "Profissão de fé".

Em nenhum verso da obra de Bilac se encontrará uma frouxidão métrica como a deste alexandrino: "E alça aos céus a voz tristonha e compassiva", contadas como duas silabas "e" e "al"..., defeito anti-parnasianissimo que se repete em forma ainda mais chocante e absolutamente indefensavel para um "té[illegible]co" como Bilac neste outro verso: "Do Amor, e o Mestre a sêde que o devora", que redunda em um decassilabo metido num soneto alexandrino.

Já em outro soneto, e este decassilabo, incoerentemente, o autor exagera, ao contrário, a contração de sons. "E' ansiedade perpetuamente acesa" (E' an... constituindo uma só silaba métrica).

Miudezas... Mas miudezas que têm muita importância para um parnasiano que telegrafava de Paris ao editor determinando-lhe a substituição de um monossilabo numa poesia. E ninharias que colaboram com as observações sôbre o pensamento e a linguagem daqueles sonetos para que impugnemos a autoria atribuida a Bilac.

•

Quanto a outros autores, não são mais convincentes as copias "psicográficas". A Antonio Nobre, Raimundo Corrêa, Quental e outros, atribue o "Parnaso" coisas absurdissimas. Augusto dos Anjos aparece na "Antologia" como autor de longos "béstias", capazes de enfurecer o tão plácido Orris Soares, exegêta arguto e poderoso estro augustiano. Aí a imitação parece-me clarissima: uma "giria" cientifica, procurando dar aspecto de profundeza a coisas sem nexo; as palavras "dificeis" colhidas ao acaso no "Eu", quebrando os versos das paródias, compostas sem nada do pensamento, da lingua segura e da rigorosa técnica do poeta paraibano.

INTELECTUAIS e ARTISTAS BRASILEIROS contra o FASCISMO

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

Em maio de 1942, foi publicada na imprensa carioca a "Declaração de princípios", assinada por mais de cem escritores e artistas, que ficou logo conhecida pelo nome de "Manifesto dos intelectuais". Posteriormente, a "declaração" foi publicada nos Estados, cada vez com novas assinaturas. Trata-se de um documento da maior importância na nossa vida cultural, tal o amplo sentido político de que se reveste.

O "Anuário Brasileiro de Literatura", registrando os principais acontecimentos verificados no país, em 1942 e 1943, sob o ponto de vista literário e artístico, não poderia deixar de republicar, em suas páginas, o "manifesto dos intelectuais", que teve repercussão não apenas nacional como internacional.

DEANTE da atual confusão de idéias e doutrinas e em face de uma possível hesitação dos espíritos em contraste com a posição já definida do Brasil no conflito internacional, aquêles que defendem as conquistas da inteligência e a dignidade do espírito julgam oportuno reafirmar certos princípios que vêm sustentando, afim de evitar uma desorientação de consciências e uma dispersão de esforços que seriam funestas ao destino da cultura mais do que nunca ameaçada hoje pela brutalidade dos acontecimentos.

A guerra atual nada mais é que o choque histórico decisivo entre as fôrças progressistas que visam a ampliar e consolidar as liberdades democráticas, e as fôrças retrógradas empenhadas em manter e alargar no mundo inteiro os regimes de escravidão e opressão. Nela se decide a liberdade dos indivíduos, das nações e dos povos, pela qual lutam as Nações Unidas, contra a escravisação dos indivíduos, das nações e dos Povos em que estão empenhados os dirigentes do Eixo.

Êste o sentido fundamental da luta entre a Democracia e o Fascismo.

A tradição invariável da política externa do Brasil tem sido no sentido da solidariedade e apôio aos países que lutam pela sua liberdade e independência. Dentro mesmo de nossas fronteiras lutamos sempre pelas liberdades democráticas. Assim foi nos tempos coloniais, no período da independência, na Regência, no Segundo Reinado e na República. Nossa posição atual de unidade pan-americana na repulsa ao fascismo obedece, por isso mesmo, aos imperativos de nossa tradição histórica, da qual não é possível fugir sem contrariar o próprio sentido de nossa formação.

A Nação Brasileira assumiu em face da guerra a posição reclamada pela quase totalidade dos seus filhos. Desmascarado como vem sendo o plano de assalto contra a nossa soberania, plano há longo tempo e meticulosamente preparado pelos países do Eixo, evidenciou-se de modo concreto o perigo iminente que nos ameaça. A serviço desta sinistra empreitada colocaram-se, para vergonha nossa, alguns maus brasileiros que nos pretendiam entregar ao jugo totalitário, procurando arrastar à criminosa aventura certos homens de boa fé. E' preciso prevenirmo-nos contra todos os que, persistindo ainda em seus desígnios monstruosos, continuam agindo como traidores da Pátria, em conivência com os que a querem ocupar e destruir, valendo-se para isso das manobras mais insidiosas, entre as quais cumpre destacar a de interpretar como tentativa de submissão aos Estados Unidos qualquer atividade em que os nossos esforços apareçam conjugados aos da grande Democracia Americana na repulsa continental aos invasores e aos seus regimes de opressão.

Tal é o quadro de ameaças e incertezas que defrontamos. Diante dêle não cabem nem a inércia nem a dispersão. E' o próprio carater total da guerra que exige a mobilização de tôdas as inteligências e a coordenação de tôdas as energias sinceramente empenhadas no combate ao fascismo.

Aqueles que se ocupam das coisas do espírito — escritores, publicistas, jornalistas, artistas, homens de pensamento e de ciência — reclamam para si os mesmos deveres de qualquer cidadão e colocam-se decididamente nas fileiras dos que lutam pela liberdade, certos de que ela é a condição essencial a tôda e qualquer atividade intelectual. Nessa luta contra o fascismo, reconhecem que pensamento e ação devem, unidos, constituir uma só fôrça — fôrça que será igualmente imprescindível ao após-guerra, para a qual a Carta do Atlântico oferece a todos os povos e homens livres os elementos básicos de reconstrução.

Mais do que nunca o momento exige unidade de pensamento e de ação.

Pensamento contra o fascismo. Ação contra o fascismo.

(aa.) — Abelardo da Fonseca, Abelardo Romero, Abgar Renault, Afonso Arinos de Melo Franco, Afonso Varzea, Alceu Marinho Rêgo, Álvaro Lins, Álvaro Moreyra, Alvarus, Angione Costa, Anibal M. Machado, Aparício Torelly, Arquimedes de Melo Neto, Aristeu Aquiles, Artur Ramos, Astrojildo Pereira, Augusto Meyer, Augusto Rodrigues, Aurélio Buarque de Holanda, Austregesilo de Ataide ,Aidano do Couto Ferraz, Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Eiras, Carlos Lacerda, Carlos Pontes, Cesar Leitão, Clovis de Gusmão, Clovis Ramalhete, Costa Rêgo, Dalcidio Jurandir, Dante Costa, Dante Milano, Dias da Costa, Edison Carneiro, Emil Farhat, Esmaragdo de Freitas, Evaristo de Morais Filho, Francisco de Assis Barbosa, Francisco Karam, Francisco Venâncio Filho, Frederico Barata, Gastão Cruls, Genolino Amado, Graciliano Ramos, Guilherme Figueiredo, Hermes Lima, Homero Pires, Ivan Lins, Jaime Adour da Câmara, Jaime de Barros, Joaquim Cardoso, Joaquim Ferreira, Joel Silveira, Jocelyn Santos, José Augusto, José Cândido de Carvalho, J. Fernando Carneiro, José Cesar Borba, José Honorio Rodrigues, José Lins do Rêgo, Josué de Castro, Julieta Bárbara, Julio Paternostro, Leonidas Cheretine, Lindolfo Color, Lúcia Miguel Pereira, Luiz Jardim, Manuel Bandeira, Maurício Goulart, Miguel Osório de Almeida, Melo Lima, Moacir Abreu, Moacir Werneck, Modestino Kanto, Moesia Rolim, Múcio Leão, Murilo Mendes, Odilo Costa Filho, Orlando Dantas, Orris Soares, Oscar Niemayer, Osório Borba, Osvaldo Alves, Otávio Tarquinio de Sousa. Paulo Medeiros e Albuquerque, Paulo Werneck, Pedro Nava, Peregrino Junior, Procópio Ferreira, Prudente de Morais Neto, Rachel de Queiroz, Renato Soldon, Rodrigo M. F. de Andrade, Rodrigo Otavio Filho, Rodolfo P. da Mota Lima, Roquette Pinto, Rubem Braga, Samuel Wainer, Santa Rosa, Sérgio Buarque de Holanda, Teófilo de Andrade, Vianna Moog, Valdemar Cavalcanti, Virgilio de Melo Franco, Vitor do Espírito Santo e Vivaldo Coaracy.

A LUTA CONTRA AS TRÊVAS

EMIL FARHAT

ANDRÉ MALRAUX sai da luta contra o dúplice Chiang-Kai-Shek na China, pula para as batalhas cambiais da política na França, salta para a Espanha, comanda por uns tempos tôda a aviação republicana, é dado como morto, enterrado e esfolado pelos nazistas, e surge-nos, porém, bem vivo, o mesmo homem impetuoso, com seus erros mas com tôdas renúncias de lutador anti-fascista, à frente de grupos de "maquis".

Ilya Ehremburgo fura por atalhos através das linhas inimigas, mistura-se aos guerrilheiros, entocaia-se nas suas cavernas, cheira a fumaça de sua pólvora, volta ao front do grosso Exército Vermelho, azucrina-se com o trovejante canhoneio das batalhas decisivas, rasteja de abrigo em abrigo por locais cujos nomes e cujo heroismo êle transformaria em legendas para a história contemporânea: Stalingrado, Karkow, Orel, Sebastopol.

Erskine Caldwell, autor de uma peça que ficou oito anos num teatro da Broadway, larga os ainda então cômodos afazeres da vida norte-americana, e erra pelas estepes russas, na companhia dos guerrilheiros que enchiam de fantasmas reais a noite e o próprio dia dos soldados alemães.

John Steinbeck, que não engordou mentalmente depois dos três milhões de exemplares de "Vinhas da Ira", sacode-se pelo oceano no rasto dos soldados das Américas e vai contando para o seu povo como é que aqueles jovens seguiam para lutar pela liberdade. Já antes dele, o discutido Hemingway dera seu amplo mergulho na guerra civil espanhola e de lá trouxera, fresco de paixão e sangue como tudo que vem de Espanha, aquele tão direto, tão duro e, às vêzes, tão romântico "Por quem os sinos dobram", seu depoimento de um drama do qual participou diretamente.

Êles não são os únicos — felizmente estão longe de o ser — e representam o tipo, talvez não o mais comum, porém, o mais decisivo entre os escritores de nosso tempo.

Nessa atitude, não vai a pôse de um poeta ou um literato roido dessa coisa assexuada que alguns chamam de *spleen*. Nem vai mesmo nenhuma tendência simplesmente animalesca de quem fareja uma aventura a mais para enriquecer com suas tintas o quadro de uma vida insípida e sem perigos. Êsses escritores não estavam buscando a luta pelas suas emoções, ou para com ela dar remédio ou fim a vagas inquietações de nobres citadinos neuróticos.

Cada um dêles enfiou no bolso o roteiro de marcha, com rumo definido. Não iam por si, para satisfazer os impulsos da sua coragem pessoal, ou para a vaidade infantil de contar depois quantas zuniram por seus ouvidos, vaidade tão do gosto de certos herois de heroismo sem finalidade.

Êles seguiram para os fronts e isso apenas lhes era mais um gesto na luta incessante pelo bem da humanidade, pela vigência da liberdade e da dignidade na vida seja de que povo for. Muito antes da guerra, êsses escritores e todos os escritores conscientes do mundo já se achavam em guerra contra as fôrças que armaram o braço da Gestapo, da Ovra e das sucursais.

Não se trata de herdeiros mentais de Byron, lutando na Grécia sob o aventureiro impulso de um vago helenismo. Êles estão ainda mais adiante do próprio Jack London, o grande campeador da aventura e da fraternidade. Êles estão com Barbusse, o febril Barbusse, de peito cavernoso, de testa suarenta, rouco e tossindo, caminhando e caminhando ,ruas e ruas, avenidas, bairros inteiros, à frente de meio milhão de homens e mulheres na Paris ameaçada pela imundicie fascista dos *cagoulards* de Weygand, Laval e Petain.

O francês Barbusse, que mereceu um túmulo ao lado do maior gênio político dêste século, Barbusse é o símbolo dos escritores de nosso tempo. Barbusse e o seu irmão de espírito e de doença, Máximo Gorki. Êles representam o idealismo feito ação. E até mesmo só compreendiam essa forma viva do idealismo.

Devemos respeitar os direitos e as atitudes daqueles às vêzes ricos de espírito, mas fracos de vontade, para quem ser escritor não implica em ser homem do povo e soldado do povo, mas a avis-rara sob a proteção da redoma da neutralidade. A mesma "neutralidade" a que se referia Rui em 1917. Neutralidade em face do crime, neutralidade em face do assalto, neutralidade em face do banditismo, neutralidade em face das injustiças dentro da sociedade ou entre as nações, neutralidade em face das "gangs" políticas ou financeiras, neutralidade em face dos coolies e dos pés-descalços de todo o mundo, neutralidade em face de Fritz Von Thyssen, de Laval e de Lady Astor. Neutralidade em face do fascismo, dos fascismos agressivos ou acomodados.

Sim, devemos respeitar a neutralidade dêsses irmãos em letras. Mas seguir a luta. Deixá-los viver, pois cabe-lhes, sem nenhum favor nosso, viver em tranquilidade com aquilo que consideram paz de consciência, que levantem as suas torres, e façam de mármore branco de Carrara as suas ameias, e as adornem com coisinhas de Sévres, com "bibelots" da dinastia Min, e escrevam em papiro, e bebam absinto, e façam epigramas, e ignorem êste triste mundo onde ainda há tantos tumores fascistas pedindo o bisturi da liberdade de pensamento.

E' um absurdo querer impor as armas de lutador a quem só deseja um leque bonito, em rendas e madrepérola, para se abanar das galerias. E' absurdo desejar arrastar para a arena quem não tem vocação para pegar à unha os chifres da alimaria fascista. Ninguém tem o direito de pretender forçar êste ou aquele grupo de escritores a se mostrarem decentes em face dos quadros de uma sociedade em decomposição. Por que pedir-lhes que tapem as narinas se êste gesto significa hostilidade, agressividade e luta, quando luta, agressividade e hostilidade é justamente o que não querem mostrar para com os deuses do mundo, distribuidores de lugares nos banquetes da terra?

Estas palavras certamente não os alcançarão. Êles se colocam tão alto que é difícil que um rumor partido de quem se mistura com o povo os alcance. Também seria inútil tentar alcançá-los, inútil por dispersivo. O útil é pedir aos escritores do Brasil, aos homens do jornal e do livro, que se mantenham dignos daquele histórico manifesto assinado em 1942, quando a esperança da vitória se perdia nas nuvens com que os aviões nazistas escureciam o céu, e nos "simouns de areia e pó que as "panzer-divizionen" e os flexas-negras levantavam nos areais da África e nas planuras da Ucrania. Aqueles que o assinaram tinham uma confiança, mas não tinham a certeza de que os fascistas em armas voltariam de rastros para a luta final na sua toca.

O manifesto anti-fascista de 1942, assinado em ordem alfabética para evitar certas interpretações casuísticas, pode não ter impressionado o espírito do povo, pode mesmo não ter chegado até êle... Mas representa um ponto alto na história da intelectualidade brasileira alí reunida em grande parte — fôsse qual fôsse a meta final dos seus ideais políticos — por amor da liberdade de pensamento, e pela esperança do estabelecimento do governo do povo sôbre a terra.

Quando ainda estavam empinadas no mais alto dos seus mastros as bandeiras com que a tirania mundial organizada pretendia amortalhar a humanidade, foi profundo e foi belo o gesto daqueles que teimavam em acreditar numa luz que parecia sair em crepúsculo nos campos de batalha do universo. Que nunca falte aos escritores do Brasil essa capacidade de ver claro entre as trevas. E a decisão de lutar contra as trevas.

PANORAMA da LITERATURA CONTEMPORÂNEA NORTE-AMERICANA

WILLIAM REX CRAWFORD

Os Estados Unidos são particularmente conhecidos no exterior pelo desenvolvimento fantástico de sua indústria e de suas fôrças armadas; pelo progresso magnífico feito por sua ciência e medicina, bem como pela fama merecida de suas paisagens, tão belas e variadas. Mas, com respeito ao aspecto artístico, quero dizer, à riqueza de sua expressão literária, musical e plástica — os Estados Unidos são no Brasil, bem como em tôda a parte, muito menos conhecidos.

Sempre houve uma marcada tendência no velho mundo para negar a importância, a possível superioridade dos valores intelectuais das " colônias". Só os espíritos superiores e amplos de critério estão dispostos a admitir devidamente a contribuição artística norte-americana. Essa atitude, que poderíamos denominar hostil, se deve, antes de tudo, ao desconhecimento que existe na Europa do enorme desenvolvimento logrado nestes últimos tempos, e que tem revolucionado, seria justificável dizer, os velhos moldes dessa cultura que foi descrita, há vinte anos, pelo romancista satírico Sinclair Lewis em seus romances de costumes, ou que se nos apresenta com documentário estatístico no estudo sociológico de "Middletown", pesquisa feita pelo casal Lynd numa cidadezinha do "Middle West".

Lewis, bem como muitos literatos e artistas daquela época, foi censor e crítico severo de seu país. Tinha, como muitos outros, uma visão clara e precisa das possibilidades infinitas que se abriam para os Estados Unidos e do pouco que, com relação à sua visão, se tinha conseguido realizar, por causa dum ambiente de incompreensão e hostilidade para com tudo que se relaciona com a arte. Lewis, portanto, pintou tudo em tons negros.

A arte e a literatura dos Estados Unidos neste momento demonstram uma atitude muito mais positiva com respeito à cultura patrícia; o artista norte-americano sente agora menos inferioridade em face da Europa, menos necessidade de atacar um ambiente desfavorável. A escravidão cultural, que persiste muito mais do que a política, já acabou. Inegavelmente, porém, somos europeus transplantados; a cultura que criamos no Novo Mundo é uma cultura européia modificada pelo novo ambiente e pela mistura de raças.

Durante muito tempo vivemos absorvidos pelas preocupações de ordem material. Isso é de conhecimento de todos. O que não sabem é que a arte americana, em certa época posta em segundo plano por causa da predominância de problemas materiais e, muitas vêzes, francamente imitativa da francêsa ou inglêsa, nos anos recentes se emancipou e se robusteceu.

Hoje, o artista norte-americano não é rebelde contra a sua sociedade, a sua tradição. Sente-se nos Estados Unidos como na sua própria casa. Não procura inspirar-se em moldes antigos, nem nas tendências atuais do velho mundo. Gosa da liberdade tão completa que lhe oferece seu país para criar sua visão individual do mundo.

O artista americano segue sendo europeu enquanto reconhece como o faz a grande tradição da arte européia que, só pela criação artística pode o indivíduo realizar-se, só pela arte sobrevivem os países na história; é americano, porém, enquanto percebe que a arte verdadeira não admite imitação.

Tenho a impressão — apoiada por quantos têm estudado demoradamente e com imparcialidade o movimento artístico atual — de que os Estados Unidos conseguiram aproveitar-se dos recursos técnicos do mundo antigo para expressar com êles a realidade do passado e do presente na vida norte-americana.

Pode-se afirmar que a produção científica e artística, bem como industrial dos Estados Unidos, é genuína, bem sua e de igual importância, quem sabe se não de maior importância que qualquer outra. Esta afirmação ou simples opinião é suscetível de ser refutada. Por isso, o leitor benévolo queira desculpar o recorrer várias vêzes neste ensaio ao fastidioso costume, que temos os sociólogos, de dar cifras. Mas as cifras não são mera opinião. Embora contenham por vêzes erros de interpretação, são fatos indiscutíveis.

No meio século passado os Estados Unidos não produziram nenhum Beethoven, Ibsen, ou Goethe. A crítica é acertada, mas não é razão para que o norte-americano deva desanimar. A Europa também não deu vultos tão grandes nesse período.

O crítico Fadiman visou certa falta de cultura no povo americano quando perguntou: "Que lê a América do Norte?" e deu logo a resposta: "Decerto não lê livros". As cifras indicariam que dos 9.000 livros que aparecem cada ano, o norte-americano, têrmo médio, compra dois, e, duma maneira ou outra, consegue ler mais cinco. O público do livro americano pelo menos orça em quinhentas mil pessoas, porque o "Clube do Livro do Mês" conta com tantos sócios, e lhes vende anualmente milhões de livros. O crítico que conclue ser meio milhão poucos leitores num país tão grande ,poderia fazer a comparação com os livros de maior tiragem em seu próprio país.

Inegàvelmente "l'ami des lettres" opina que não lemos bastante e lamenta que a leitura de preferência seja o jornal e a revista antes que o livro. Dir-se-á, também, e justificàvelmente, que falta a nossos jornais distinção literária, e que as revistas que o grande público consome em quantidade surpreendente — existem vinte e seis que tiram mais dum milhão de exemplares — não são as melhores. A excelente "Yale Review", a "Atlantic Monthly", de larga história, a "Harpers", "Survey" e "New Republic", tôdas de grande interêsse social, têm um público relativamente reduzido. As revistas, porém, que correspondem ao nível intelectual das massas, que satisfazem seus anelos e, digamos francamente, confirmam seus preconceitos, são de uma pobreza intelectual que dá a razão ao crítico. E não é só isso. Leiamos os autores norte-americanos, e que veremos? Quase todos os escritores de ontem exprimiram, cada um de maneira diferente, um descontentamento, uma atitude crítica em face das possibilidades ainda não realizadas da cultura norte-americana. Sendo expressados pelos próprios autores norte-americanos, essa visão tem sido naturalmente aceita como a verdade completa. Quem ama sua pátria, castiga-a com suas censuras; o estrangeiro muitas vêzes repara com agrado essas censuras, e esquece o amor, a esperança que a inspiram. O mundo afora segue crendo que o *Main Street* de Sinclair Lewis seja o retrato autêntico e atual da cultura norte-americana, quanto tão simples seria demonstrar que êsse conhecido romance não corresponde à verdade presente.

Pertenço à geração dos críticos; minha leitura de muitos anos tem sido os romances, as peças teatrais, a poesia, a ideologia, severa para com os Estados Unidos; aliás, meu dever profissional como sociólogo tem sido o de estudar e ensinar os problemas persistentes da república do norte. Por isso sou incapaz de proferir meros discursos patrióticos ou de glorificar a produção patrícia com ingênuo etnocentrismo, e estou disposto só a procurar dar um panorama sincero da vida intelectual de meu país, não ocultando nada dos defeitos que tem, nem atribuindo méritos que não possue.

Talvez não tenha a literatura norte-americana contemporânea nenhum vulto individual do tamanho de Proust, de Joyce, de Mann, de Jules Romains. Creio, porém, não exprimir mais do que a verdade quando afirmo que nossa literatura em conjunto é a mais vital, a mais rica, a mais importante do mundo de hoje. Só com folhear a bibliografia dessa literatura o leitor perceberá que não consiste em delicados tomos de poesias juvenis; é, pelo menos, uma literatura volumosa. Além disso, é uma literatura de verdadeiro mérito artístico e social. Realiza com arte a finalidade estética de tôda literatura de ser a expressão da cultura e, ao mesmo tempo, de enriquecer a cultura na qual se vem desenvolvendo; de ser, em certo sentido mais quintessencialmente, a cultura que a cultura é em si; de oferecer-nos a discussão dos problemas eternos da vida humana na forma em que se apresentam às pessoas mais sensíveis de hoje, de dar ao leitor uma idéia da sociedade norte-americana em seu conjunto e em seus detalhes.

Se não vamos sòmente generalizar, temos de voltar nossa atenção para os diversos gêneros da literatura, e comentar, embora brevemente, alguns dos autores que se destacam. Comecemos com a poesia.

Os historiadores da literatura concordam em reconhecer um renascimento da poesia em nosso país entre 1912 e 1918. Reconhecem também a influência decisiva de duas senhoras cultíssimas, Amy Lowell, poetisa, escritora que deu a conhecer a poesia moderna da França, e que influia poderosamente no pequeno grupo de amigos; e Harriet Monroe, redatora da extraordinária revista, *Poetry*, tão acolhedora das tendências novas. Ambas morreram já há vários anos, mas nem por isso deixou a poesia norte-americana de ser coisa complexa, rica e interessante, capaz de ultrapassar os perigos da estagnação.

Quando a poesia lírica, tradicional, se via ameaçada de decadência, sobreveio o movimento perturbador da obra vigorosa, nova, renovadora, dos poetas do oeste-central, Masters, Lindsay e Sandburg, e o movimento de vanguarda de Pound e Eliot, que influiu de modo tão profundo em tôda a geração jovem. Contribuiu nòtàvelmente também para o interêsse político-social que acrescenta um elemento de fôrça e madureza ao lirismo de Millay e à doçura do grande discípulo de Pound e Eliot, que é Archibald MacLeish, agora bibliotecário do Congresso.

Dentro dos limites de uma conferência, me vejo forçado a mencionar muito poucos poetas do dia, e em primeiro lugar, os tradicionalistas. Entre êsses figuram William Ellery Leonard, Lizette Woodworth Reese, e o filósofo Santayana; o mais importante, porém, seria Edward Arlington Robinson, e a mais popular, Edna St. Vincent Millay.

Por ocasião do segundo centenário da universidade de Pennsylvânia, o professor da Sorbona, Charles Cestre passou em revista meio século da poesia norte-americana para chegar à figura, para êle culminante, de Robinson, a cujo gênio tributou um elogio cálido e entusiasta. E' verdade que nenhum escritor da época — Robinson faleceu em 1935 — produziu uma obra poética mais interessante ou definitiva. A sua é uma poesia sutil, recarregada de idéias e pensamentos até o incompreensível, que lembra por vêzes Thomas Hardy, e também, pelos elementos dramáticos, Robert Browning. Como muitos de nossos poetas Robinson tem alguma coisa de sua região, que é o Estado de Maine, com sua vida estreita ,remota. Fale Robinson da terra natal, da cidadezinha de Gardiner, ou dos temas tradicionais, de Tristão, Lancelot e Merlim, há sempre em sua poesia sinais duma personalidade enormemente culta, uma mentalidade infinitamente complicada e uma sensibilidade que imprime à sua obra notável fôrça emotiva e riqueza sensual. Se bem que seja tradicionalista, está longe de repetir apapagaioadamente as chapas poéticas do passado, tem uma mensagem bem dêle. As realizações de Robinson oferecem certa dificuldade filosófica e psicológica, mas quase sempre vêm em uma linguagem perto da de uso comum e familiar. Se existe o que costumamos denominar uma alma latina, Robinson deve muitas vêzes parecer bastante alheio a ela. Não obstante, não hesito em recomendá-lo aos aficionados da poesia, com uma completa confiança de que o considerarão um dos melhores mestres da poesia moderna.

A escola tradicional é representada numa forma mais pessoal, mais romântica pela poetisa Edna St. Vincent Millay. Seus logrados intentos de expressar direta e subjetivamente as emoções nascidas das experiências da vida, da desilusão da morte, e de expressá-lo tudo em uma beleza ideal, têm feito dela o poeta favorito da mocidade. O adôrno é escasso em seus versos; a sensibilidade, porém, nunca.

Felizmente, as recentes publicações de Edna Millay demonstram um progresso que impede a simples repetição dos mesmos temas. Em *Conversation at Midnight* a encontramos escrevendo, com dramática emoção e energia, sôbre os distintos pontos de vista que oferecem os problemas hodiernos; e em *Flight of Arrows*, a poetisa fala francamente em seu próprio nome e situa-se nitidamente no partido democratico e liberal em face do problema mundial dos momentos atuais.

O elemento regional sobressái no caso de vários poetas norte-americanos, sejam tradicionais, sejam modernistas.

E' notável, por exemplo, em Robert Frost, talvez o maior poeta norte-americano vivo. Devemos considerá-lo genuino representante da Nova Inglaterra. Um volume de seus versos intitula-se *North of Boston* e outro *New Hampshire*. Todo o ritmo lento da fala da Nova Inglaterra está em suas rimas; Frost ama ternamente tôdas as coisas de sua terra, homens e paisagens, mas sem cegueira para com seus defeitos. A luz bem como a sombra da vida dos "farmers" da Nova Inglaterra aparece, por exemplo, na nova antologia de suas poesias, *Come In*. Frost é um poeta tímido, sincero, simples, crítico, muito exigente de sua própria obra, poeta que tira da vida que conhece intimamente, dos caminhos e árvores, dos dramazinhos da vida cotidiana, uma poesia finamente sentida, apresentada em um estilo fino, delicado, despido de todo adôrno falso. Lentamente tem conquistado para si uma posição segura na história da literatura de meu país.

Muito maior o choque com o passado, muito mais crú o realismo, mais forte a ênfase sôbre o social, no historiador, cantante de canções populares, jornalista, trabalhador e poeta Carl Sandburg. Seria tarefa difícil explicar essa poesia aos aficionados de Mallarmé; quase não parece poético. Como um músico que tem de procurar as dissonâncias, o poeta em Sandburg não se satisfaz senão com o antipoético. Êsse requinte da vida que costumamos chamar a poesia, a êle, tão poeta, não lhe satisfaz. Sandburg conhece e exprime tôda a vida da América; em *The People Yes*, obra tão curiosa e pessoal expressa a alma do povo, até com sua falta de cultura, de certeza filosófica, bem como suas aspirações. Sandburg abrange todo o povo com a emoção de um Whitman; querendo a êsse povo, aceita tudo nele, e só culpa ferozmente os que têm pecado contra o povo.

O amor à humanidade de Sandburg, de Whitman, substitui-se em Robinson Jeffers por uma atitude negativa. O homem, todo o humano é para Jeffers abominável, e a história um pesadêlo que há felizmente de terminar com outra conquista lenta e iniludível da terra pelo gêlo, que com sua pureza e tranqüilidade porá fim a todo o impuro dos seres humanos, a todo o barulho insuportável que faz essa criatura odiosa, o homem. Os temas de Jeffers, sejam lendas gregas ou dramas de Califórnia, pertencem à psicologia anormal: o incesto, segundo Jeffers, seria um exemplo do mal que resulta quando o pensamento do homem se retrái para si. O nihilismo não tem recebido expressão mais poderosa que a poesia dêste solitário de Carmel-by-the-Sea. Se bem que seja neurótico, sua técnica só seria o bastante para assegurar-lhe um pôsto entre os poetas de primeira ordem do mundo atual.

Com Ezra Pound e T. S. Eliot chegamos a escritores nos quais o elemento inovação se nota muito mais do que o elemento tradição. Sua obra experimental, surpreendente em tema e maneira, bem como seus grandes conhecimentos dos movimentos literários da Europa, onde ambos vivem há muitos anos, tem servido como intermédio da influência francesa e dos poetas metafísicos. Unidades não têm, senão a de ser o resultado de terem passado por uma mente todo o conhecimento do mundo antigo, todos os problemas do mundo moderno. Suas poesias exigem freqüentemente um ensaio ou um livro de comentário. Tão exotéricos são, que apesar de seu inegável brilho, apesar de terem pensado muito no processo de comunicação entre poeta e leitor, me parece que têm feito mau uso de seus grandes talentos. Os Picassos da literatura são lideres estimulantes e influem fortemente nos demais poetas, mas perdem contacto com o público.

A influência de Pound e Eliot, porém, revela-se de forma sedutora no vulto notável de Archibald MacLeish. MacLeish formou-se na faculdade de direito de Harvard, esteve na Europa, associou-se à revista de luxo, *Fortune*. No momento atual é bibliotecário da maior bilioteca do Novo Mundo, onde fundou uma cadeira de poesia, cujo titular é o poeta-crítico Allen Tate, e onde inaugurou a Fundação Hispânica, presidida por êsse grande amigo do Brasil, Lewis Han' e, e adornada por obras notáveis de Portinari. MacLeish tem escrito dramas poéticos para o rádio, como *Air Raid* e *The Fall of the City;* experimentou também um livro de fotografias acompanhadas de versos. Êste poeta, tão amigo da América Latina, tão fervente partidário da democracia, tem contrabalançado os elementos extranhos e contraditórios de Pound e Eliot, tem acrescentado um elemento ético, um elemento de crítica social, uma insistência na responsabilidade pública do literato que tem feito dêle quiçá o representante mais adequado da geração do após-guerra. Seu papel é, então, semelhante ao de Hemingway e de Dos Passos no romance, e sua filosofia é mais clara que a dos novelistas.

Consideremos agora brevemente a prosa, e em primeiro lugar a que narra ou comenta a vida real, a literatura que tenta compreender ou dirigir a sociedade, a prosa do pensamento antes que da sensibilidade.

A América do Norte não tem tido grande reputação filosófica. Não obstante, seria um êrro não reconhecer a importância do Realismo Crítico, do Novo Realismo. Aliás, a filosofia norte-americana tem o mérito de chamar a atenção dos filósofos para os fatos, para a ciência; igual "rapprochement" entre a filosofia e as ciências sociais tarda em chegar, por falta de conhecimentos mútuos; Soro in, porém, do lado da ciência, e Dewey e Cohen do ponto de

vista filosófico, já começam o trabalho, e a hostilidade entre filosofia e ciência social diminui cada vez mais.

Sendo nosso ponto de vista no momento só literário, não é possível analizar tôdas as tendências filosóficas nos Estados Unidos. Há um escritor de grande mérito literário que se pode mencionar: George Santayana. Santayana, nascido em Madrid, mudou-se com sua família para Boston aos nove anos de idade. Mais tarde ensinou filosofia durante vinte e três anos na Universidade de Harvard, escrevendo naquela época os cinco volumes da *Life of Reason*. Críticos há que afirmam ser esta obra a prosa mais maravilhosa que já foi escrita nos Estados Unidos. Justificável ou não, tão alto elogio, não cabe dúvida de que seja, como aliás tôda sua obra literária, cheia de beleza e sabedoria, dum estilo tão sedutor que o leitor aceita mau grado seu, e só depois começa a perguntar-se se concorda com tôdas as opiniões do autor. O estilo, mais belo e cuidado que costumamos encontrar entre os filósofos, e o fato de ser êle poeta, e pelo menos uma vez romancista, prejudica-o e os professores por vêzes dizem: "Sim, os estudantes leem Santayna com delícia". Recentemente Santayana terminou, depois de quatorze anos de trabalho, *The Realms of Being*, e começou uma autobiografia interessante. Nos quatro volumes da obra filosófica o leitor encontrará coisa das mais sábias que têm sido ditas sôbre o mundo do espírito.

Apesar da importância de Santayana e vários autores mais, temos de confessar que não somos um povo verdadeiramente filósofo. Os fatos, a história são que nos mais interessam. Não é, então, méro acidente que quando Dic inson examinou mais de cem fontes de informações, listas dos melhores livros contemporâneos, etc. êsse biliotecário concluiu pondo James Truslow Adams, historiador, à cabeça dos vinte e cinco autores mais admirados do período. O senhor Adams renunciou muito jovem aos negócios para dedicar-se à história, e ganhou, quase imediatamente, o prêmio Pulitzer. Suas histórias são populares e animadas. *The Epic of America*, por exemplo, é uma seleção natural para ser traduzida ao português, como já o foi, sendo um dos livros que dá melhor as grandes linhas da história dos Estados Unidos.

Mr. Adams, aliás, interessa-se pela história que se faz hoje, pelos acontecimentos contemporâneos. Quando escreve nesse sentido é, como resultado natural de sua educação e família, conservador. Sem dúvida alguma, é um conservador dos mais inteligentes. Larga residência na Inglaterra, fêz dêle grande amigo da pátria-mãe e dá-lhe uma perspectiva da América muito melhor da que possue a maior parte dos escritores.

Se bem que a crítica literária não seja o rumo mais desenvolvido em nosso país, o leitor que procura livros dessa índole não deveria deixar de conhecer os críticos Van Wyck Brooks e Edmund Wilson.

Nos ambientes literários, Van Wyck Brooks tem influido sempre muito. Apesar de suas simpatias européias, o que mais o interessa é o nacional. Felizmente, insiste sempre na necessidade de manter os padrões na arte americana. Em sua primeira fase manifestou um grande descontentamento com a atmosfera cultural do país, intentando demonstrar que tinha afogado seus escritores geniais, tais como Mark Twain e Henry James. Mais recentemente encarregou-se do que havia de ser a grande tarefa de sua vida, uma obra parecida à de Silvio Romero, uma história do pensamento e da literatura norte-americanos em cinco volumes. A publicação do primeiro pô-lo imediatamente à frente dos autores contemporâneos em 1936. Nos dois volumes já publicados, bem como no pessoal *The Opinions of Oliver Allston*, deixa a análise cáustica do jovem Brooks e quase olha para nosso passado com nostalgia.

Edmund Wilson, jornalista, crítico e poeta, demonstra que uma crítica bem pensada, bem definida, é possível sem ser partidário nem dum conservadorismo exagerado nem dum radicalismo extremo. E' escritor de ampla cultura e mordaz estilo.

A análise dêsses críticos literários já nos prepara para enfrentar um fenômeno muito norte-americano, que é a morte do ensaio tipo Charles Lamb. O ensaio de hoje geralmente expõe um tema de atualidade, analisa um problema econômico ou social, comenta os acontecimentos políticos e as tendências intelectuais. Os escritores mais representativos nesse sentido são Stuart Chase, Walter Lippman e Lewis Mumford.

Chase foi no comêço contador, e creio que sua preocupação constante é a de ser contador da nação. Sua tarefa é a de analizar a prosperidade do povo no mais amplo e belo sentido do têrmo. Não endeosa o programa, mas procura em todos seus livros descobrir e fazer compreender a natureza das dificuldades que impedem nosso desenvolvimento, nosso bem-estar. Se bem que pareça materialista, é dêsses materialistas idealistas animados por uma paixão social. Interessa-lhe de perto como come o homem, e que todos comam o bastante, e em paz. Alguém dirá que os livros de Chase são simplesmente jornalismo;

se êsses livros são jornalismo, o mundo precisa de mais jornalismo.

Lippmann, assistente um ano de Santayana, fundador da *New Republic* em 1914, redator do *New York World*, interpretador dos quatorze pontos do Presidente Wilson, e agora um dos publicistas mais conhecidos e cujos leitores contam-se por milhões. O eixo de seu interêsse tem sido sempre a política, e sobretudo o aspecto internacional. O estudo de sua reputação é curiosíssimo. Continua escrevendo parágrafos perfeitos e frases espirituais, mas seu conservadorismo e pessimismo lhe custam a amizade de seus discípulos de ontem. Sua tentativa para captar o público, descrevendo sua atitude como o conservadismo radical de um reformador liberal parece a muitos um simples jôgo de palavras. As obras dêle sôbre a imprensa, a opinião pública e a moral sobrevivem em parte, graças a um estilo brilhante, em parte pelo conteúdo substancial.

Para o terceiro do grupo, Lewis Mumford, o mais interessante seria a arquitetura, a literatura, e a sociologia. O elemento estético predomina, como o econômico, em Chase, em Lippmann o político. Isso se vê nos sub-títulos de seus livros: um é estudo da arquitetura e da civilização norte-americana, outro da cultura e da experiência americana, outro das artes na América. Alguns críticos lhe fazem objeção de ser seu estilo agitado, que grita demais, de que as conclusões pecam por dogmatismo, que insiste demais em seus "hobbies" ou manias, como o regionalismo. Temos de concordar, não obstante, que Mumford tem o costume, mais do que Chase ou Lippmann, de documentar sua obra, que tem lido e pesquisado tanto como os professores universitários, e que seus escritos são também produto de grande imaginação. Sua obra de mais envergadura está ainda incompleta, interrompida por suas preocupações políticas.

Dessa obra temos dois volumes, *Technics and Civilization* (1934), a melhor discussão do papel e importância revolucionária da máquina na civilização moderna, e *The Culture of Cities* (1938), tão superior a todos os manuais de urbanismo e possìvelmente o livro mais importante do ano em que veio à luz.

No livro recente, *Faith for Living*, Mumford advoga por uma piedade nacional, por uma base segura das instituições sociais. Esta obra, curta mas de uma importância fundamental insiste em serem as bases morais igualmente essenciais como as bases navais. Não creio cair no ridículo se afirmo que a sua voz é uma das mais proféticas de hoje, que Mumford é o crítico social mais importante do mundo anglo-saxônico.

As formas literárias, porém, mais características da América do Norte, são o romance e o conto. Não acho possível fazer a lista dos escritores importantes nesse sentido com menos de cinqüenta e cinco nomes. Essa lista talvez demonstre o preconceito do sociólogo, porque inclui os nomes de alguns literatos de segunda ordem e deixa de mencionar alguns modernistas. Isso justifica-se, sendo a finalidade dar a conhecer o país, Estados Unidos; dêsse ponto de vista os romances de Margaret Barnes, Josephine Lawrence e Hellen Hull valem talvez mais do que a obra dos escritores "d'avant-garde".

A enorme riqueza dessa literatura de ficção permitiria conhecer pelos romances tôdas as regiões dos Estados Unidos, sua história, suas raças, suas camadas sociais, suas instituições. Em geral, tudo vem apresentado sem sentimentalismo, sem idealização; ao contrário, os autores procuram o dramático até ao ponto que alguns acharam excessivo o elemento de conflito, de baixeza em sua obra. O Brasil, porém, tem também essa tendência em Jorge Amado ou José Lins do Rêgo. Em todo caso, é recomendável suplementar o conhecimento da América que o leitor tira dos romances pela leitura de obras de outra índole, por viagens, por conhecimentos pessoais.

Vem a propósito aqui advertir que as traduções nem sempre são boas. Com mais forte razão insisto em que o aficionado do cinema de Hollywood não deveria considerar-se por isso conhecedor da literatura norte-americana. Os romances que passam como película aqui são uma parte ínfima da produção total, nem sempre a melhor parte.

Entre os romancistas limito-me a mencionar os nomes indispensáveis. Dos literatos já idosos, convém ler alguma coisa de Theodore Dreiser, notável por sua visão da vida, sua inexgotável simpatia pela "condition humaine", se bem que lhe faltam lamentàvelmente imaginação e estilo. Entre os escritores já bem estabelecidos são recomendáveis as senhoras Willa Cather e Ellen Glasgow, cujas obras dum realismo amável e fino, são de alto valor do ponto de vista histórico, social e humano.

Os dois premiados "Nobel", Sinclair Lewis e Pearl Buck já são bem conhecidos. O primeiro, grande "reporter", oferece uma obra muito desigual e raras vêzes bem escrita; a segunda escreve com maior autoridade sôbre temas da China, e já fêz a obra mais notável para o conhecimento de outra cultura que é possível apontar.

Mas é só com os nomes de Dos Passos, Farrell, Faulkner, Hemingway, Marquand, Nathan, Caldwell, Saroyan, Steinbeck e Wolfe que chegamos aos escritores jovens.

John Dos Passos, de ascendência portuguesa, notável pela técnica, que deve alguma coisa ao cinema, e pela ambição que abrange tôda a vida norte-americana nos três volumes da *U.S.A.* O labor incansável de Farrell é menos brilhante, mas não menos ambicioso, nem menos desagradável, porque êle também pinta um mundo sórdido e violento. Os caracteres de Faulkner, na cidadezinha do Estado de Mississippi que criou, são psicopatas, mas sua tecnico indireta, hermética, é sempre interessante. Êle descreve os detalhes físicos com precisão. Isso seria também o caso de Hemingway, artista consciencioso que tem influído muito nos mais moços. Um aspecto interessante de seu romance *For Whom the Bell Tolls* é o "tour de force" de traduzir diretamente, palavra por palavra, os processos mentais dos hespanhóis para o inglês. Com respeito ao conteúdo de sua obra, forçoso é confessar que sua visão não vai além do físico, da valentia física, e da obcessão da morte.

Para quem compreenda bem o que é a sociologia, não há autor mais sociológico que John Marquand, autor, na sua fase séria, de *The Late George Apley*, *H. M. Pulham, Esq.* e *So Little Time*. Isso não digo no sentido dos chamados problemas sociais, como o ordenado, a prostituição, a favela, senão no sentido da pressão do grupo no indivíduo, da formação do indivíduo pela coletividade,

da impossibilidade de fugir à influência do grupo em tôda a vida. Êsse filho da Nova Inglaterra tradicional e conservadora é nosso mais notável escritor satírico.

Um escritor que dá a seus leitores muito deleite literário é Robert Nathan. Muito embora sejam as comparações perigosas, se tivesse de procurar analogia com algum escritor brasileiro não seria com vulto menor que Machado de Assis. Os dois são grandes escritores antes que grandes romancistas; seus assuntos são precários, mas o estilo e o pensamento finíssimo. A realidade bruta penetra rara vez nos livros de Nathan, embora os efeitos terríveis da guerra apareçam em *They Went on Together*, os da miséria em várias novelas também. Em sua maneira, muito própria dêle, trata dos problemas do mundo atual. Até quando fala dos animais, dos meninos, ou dos que são crianças eternas, dá-nos sua solução dos problemas humanos, que não é outra coisa que o amor ao próximo. A sátira, em Nathan, não exclui a ternura, nem a filosofia o amor. Êsse artista fino, ao contrário de figuras como Wolfe ou Vardis Fisher, esconde suas próprias emoções, reveste a verdadeira fôrça de seus sentimentos num estilo delicadíssimo.

A originalidade de William Saroyan é tão indiscutível como o desconcertante de sua obra. Tudo no mundo diverte Saroyan; êle ama tudo, e predica que todos devemos nos amar. E' isso a mensagem sentimental de *The Human Comedy*, bem como das peças anteriores.

Depois da morte, na idade de trinta e oito anos, do gigante físico Thomas Wolfe, que escrevia em torrentes de palavras, com violência rapsódica e inaudita, indisciplinada, diz-se comumente que John Steinbeck é o novelista que mais promete para o futuro. Justifica isso os progressos que tem feito de romance em romance. E' um escritor que se recusa a limitar-se a um assunto, a uma técnica, a repetir-se, enfim. Depois de dar-nos os deleites amorais e risíveis de *Tortilla Flat*, passou a um estudo detido de conflito obreiro, *In Dubious Battle*, então ao melodrama vigoroso, com elementos de protesto social, *Mice and Men*, tratou dos sofrimentos infindáveis das famílias expulsas de suas terras pelas máquinas, e que mudaram-se, sem melhorar sua condição, para o Estado de Califórnia, *The Grapes of Wrath*, e dum tema da atualidade, a ocupação dum país pelos alemães, *The Monn is Down*.

Êsses são alguns dos escritores cujos livros queria pôr nas mãos de meus amigos brasileiros. Apesar do superficial da exposição da literatura norte-americana, espero ter deixado a impressão de que vale a pena aprender o inglês por mais razões que as puramente comerciais, porque abre caminho para conhecer uma literatura das mais interessantes do momento em que vivemos. Pelo menos, é essa a minha convicção.

BRASIL e PORTUGAL descobrem-se

JAIME CORTESÃO

DUAS razões fundamentais concorrem para que as relações culturais entre o Brasil e Portugal tenham entrado numa fase de franco entendimento e colaboração. Podemos enunciá-las da seguinte forma: o Brasil atingiu largamente a sua Independência literária; Portugal reconheceu, sem restrição, essa Independência.

Êstes dois fatos, que levaram quase um século a consumar-se, permitem pela primeira vez que o intercurso cultural luso-brasileiro se faça entre duas entidades livres e criadoras, que não desconhecem mutuamente seus valores próprios, fontes de inspiração diversa e até zonas de influência recíproca. Só assim, e dora em diante, se torna possível estudar com objetividade científica. isenta das deformações passionais dos nacionalismos exacerbados ou dos ideários políticos opostos, o fundo do patrimônio comum às duas nações, e beneficiar em cada uma dos estudos e das criações culturais da outra.

As relações literárias ou mais amplamente culturais entre os dois povos haviam chegado a um ponto morto. No Brasil lia-se o Eça, um pouco de Camilo, e admirava-se de longe, quase supersticiosamente, Herculano. Em Portugal líamos Euclides e Bilac, conhecíamos vagamente o autor do "Dom Casmurro" e alguns discursos de Rui Barbosa. E até dos modernos, um Afrânio Peixoto era mais conhecido pelos seus estudos camoneanos, que pela obra de criação artística.

Sou dêsse tempo. E creio não errar supondo que tenha sido justamente o nacionalismo literário da época do *saudosismo* e o universalismo das gerações seguintes que dirigiram a atenção dos escritores portugueses para as letras brasileiras contemporâneas. As duas tendências, a contrípeta e a centrífuga, concorreram, neste caso, para enriquecer a visão nacional, ao contacto do Brasil, quer pelas afinidades quer pelos contrastes. Dessa viagem os escritores do meu pais vieram com a nova alvoroçada do Descobrimento dum Mundo Novo no romance, na poesia, na história, na sociologia. E hoje alguns romancistas contemporâneos, como Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, poetas, como Cecilia Meireles, Manuel Bandeira, ou Jorge de Lima e historiadores-sociólogos como Gilberto Freyre, são tão familiares ao público português que estuda e lê, como os próprios escritores nacionais. Começam até a sentir-se nas letras portuguesas algumas influências brasileiras. Podemos apontar o caso típico dum dos novos escritores portugueses, de mais poderosa personalidade literária — Miguel Torga — que nos seus contos não hesita em empregar, com freqüência, muitos modismos de linguagem, especificadamente brasileiros. E' lícito, aliás, afirmar que o contacto com o Brasil teve em Miguel Torga influência decisiva na evolução do homem e, por conseqüência, do escritor.

Por sua vez, os escritores e o público brasileiro começam, após um longo alheamento, a tomar contacto com a literatura portuguesa contemporânea. Estamos igualmente em condições de testemunhar que essa experiência se realiza com o alvoroço entutiasta dum Dsecobrimento.

A que se deve êste fato? Repetimos: à plena independência da literatura brasileira, hoje plenamente reconhecida na antiga Métrópole. Realizaram-se as condições essenciais de dignidade para um amplo movimento de intercultura no Brasil e em Portugal.

Sem esta profunda transformação dos espíritos ,de nada valeriam a ação oficial e os acordos culturais. E estamos em tanto melhor situação para afirmá-lo, quanto, em 1922 partilhamos, no Rio de Janeiro, das negociações do primeiro acôrdo literário entre Portugal e Brasil, do qual fomos então, em nome do govêrno português, um dos signatários.

Não há acôrdo oficial que vingue sem a adesão e o apôio incondicionais da opinião pública nos dois países. Mais do que isso, sem que a iniciativa particular preste continuidade e profundeza aos atos, mais ou me-

O Teatro nos ESTADOS UNIDOS

LEO KIRSCHENBAUM

NESTES dias da guerra, o teatro americano está atravessando um período de grande êxito financeiro, mas de uma pobreza artística lastimável — bem pouco séria é a maior parte das peças novas que se representam. Tôda a gente trabalha, ganha bem, corre ao teatro para divertir-se. A obra que consegue ficar no cartaz durante as primeiras semanas críticas terá garantida uma temporada lotada de seis meses pelo menos. Sabendo isto os empresários não se dão ao trabalho de procurar peças de importância literária. Acham mais fácil, e lucrativo, lançar qualquer coisa que possa fazer rir o público. Por isso, viu-se, no último inverno em Nova York uma série vertiginosa de estréias, chegando a ponto de estarem muitas peças prontas para representar e não haver nenhum teatro desocupado. As mais delas fracassaram, mas continuava sem desânimo a parada de asneiras.

Existe também uma falta grave de autores e atores, devido à guerra. Muitos talentos jovens, como o prestigioso intérprete shakespeariano, Maurice Evans, encontram-se no exército enquanto dramaturgos de reputação como Robert Sherwood fazem uso da sua pena agora nos serviços de divulgação e propaganda do govêrno. Outros, já há vários anos, como os consideráveis escritores de temas sociais da época da crise econômica, Clifford Odets e Irwin Shaw sucumbiram aos fabulosos ordenados de Hollywood e estão atarefados com o diálogo dos filmes, sem tempo nem vontade para dedicar-se às sérias obras teatrais. Quase a única figura de grande valor que resta é Lillian Hellman, autora de **Hora das crianças**, **As raposinhas** e **Vigia no Reno**, que vão ser monumentos duradouros do teatro americano.

Vamos examinar a natureza das peças que atualmente estão em cena. Dividem-se em três grupos: peças musicais, comédias leves de enrêdos amorosos, policiais, ou de costumes antigos, e obras já consagradas como clássicos mundiais.

A primeira categoria tem a máxima popularidade. E' natural, porque os que se interessam pelo teatro como recrêio, acham que a música facilita da maneira mais deleitosa o entorpecimento dos processos cerebrais. As revistas, no mau gôsto dos gracejos e na mínima roupa das **girls**, é uma instituição conhecida em todos os países, sòmente que são levadas à cena em Nova York com mais luxo. A opereta, **Oklahoma**, tem certo valor folclórico do Far-West, canções agradáveis e um ballet original e moderníssimo, executado pela coreógrafia Agnes de Mille. **Oklahoma** é o espetáculo mais procurado de todos; é necessário comprar os bilhetes com dois ou três meses de antecipação — querendo vê-lo mais cedo, com sorte consegue-se dum revendedor um bilhete por vinte e cinco dólares.

Carmen Jones, adaptação da ópera de Bizet, com um elenco composto inteiramente de negros, é outro grande sucesso

---

nos transitórios ou esporádicos, dos governos. Sob êsse ponto de vista, posso ainda testemunhar que a ação de *Dois Mundos Editora*, iniciando a publicação no Brasil dos autores clássicos e contemporâneos portugueses, assim como da sociedade dupla *Livros de Portugal*, no Rio de Janeiro, e *Livros do Brasil*, em Lisboa, que permite a difusão recíproca das letras dos dois países, está contribuindo por forma prática e intensa para aquele movimento intercultural.

Como diretor literário daquela Editora, honro-me de inspirar, de acôrdo com os seus gerentes, o seu movimento editorial na base duma estreita colaboração entre as culturas dos dois povos e dentro do reconhecimente da independência de caráter, interesses e tendencias de cada um.

do momento. A fábrica de cigarros na Espanha torna-se fábrica de paraquedas nos Estados Unidos. Carmen, agora com um sobrenome comum americano, é operária de guerra. Escamillo, o toureiro, chama-se Husky Miller, campeão do box. As canções, em inglês, são bem chistosas e relacionam-se com os amôres e a vida social do novo ambiente. A música do compositor francês fica ilesa. E' interessante lembrar-se de que esta classe de parodia já se fez no Brasil no século passado, principalmente com as operetas cômicas de Offenbach, sendo as mais notáveis talvez **O Orfeu na roça**, obra do ator-autor Francisco Vasques Corrêa, adaptação de **Orfeu nos infernos**, e **Abel, Helena**, de Artur Azevedo, adaptação da **Bella Helena**.

Na América, há atores e atrizes de tanta habilidade, que fazem o êxito de qualquer peça que escolham, bôa ou má, porque têm admiradores em números crescidos. Como exemplo, duas comédias sem nenhuma importância — a não ser certa viveza de diálogo e as complicações amorosas — **Amantes e amigos**, com Katharine Cornell e Raymond Massey, nos protagonistas, e **A voz da Pomba**, com Margaret Sullavan. O elenco total desta última obra consiste de três pessoas.

Falta mencionar duas comédias que, por causas difíceis de compreender, ficam no cartaz depois de três e quatro anos respectivamente — **Arsênico**, história de uma família simpática e maluca que mantém entre si a concorrência de ver quantos assassinatos cada um membro pode cometer, e **Vida com papai**, relato de pequenos contratempos domésticos que acontecem na época saudosa, para os americanos, dos últimos dez anos do século dezenove. E não me refiro só à temporada em Nova York; às vezes houve o caso de quatro companhias diferentes representando estas obras em muitas cidades do país. E tal êxito é devido à trama, não aos atores.

De alguns anos para cá, tem havido um grande entusiasmo pelos dramas de Shakespeare — especialmente o **Hamlet**. Vimos o **Hamlet** de Maurice Evans, de John Carradine e dos atores inglêses Leslie Howard e John Gielgud. Nesta temporada, tivemos o privilégio de assistir uma magnífica produção do **Otelo**, com Paul Robeson, o ilustre cantor-ator no papel principal, e a encenação nas mãos capazes de Margaret Webster. Em louvor do bom êxito manifestado por uma parte do público americano, seja dito que **Otelo** tem o teatro cheio todas as noites e parece que vai durar um ano pelo menos. Tchekov, outro dramaturgo clássico, está gozando de grande favor. Na temporada passada, Katharine Cornell, Ruth Gordon e Judith Anderson representaram **As três irmãs**. Nesta, dá-se **O cerejal**, com Eva Le Galliene e Joseph Schildkraut.

Referente às estréias de comédias insipidas, ha uma anedota exquisita para contar. Apareceu uma obra intitulada **O gênio nu**, de uma vulgaridade deslumbrante. Os autores possívelmente para pôr à prova a ingenuidade do grosso público, tiveram a desfaçatez de publicar na imprensa que iam continuar dando a peça, mas que era tão má que aconselhavam as pessoas a não assistirem. Apesar disso não deixavam de ir muitas por um par de semanas, mas depois reagiu violenta e inesperadamente a coletiva inteligência insultada e fracassou a peça.

E' pena que não estejam em evidência no palco americano obras novas de mais seriedade e vulto porque existem as condições para bem realizá-las. Os empresários geralmente fazem ensaiar os atores, meses antes de representar. Escolhem os melhores comediantes disponíveis, mesmo para as personagens secundárias. Não há mais do que oito representações por semana, o que lhes dá oportunidade de descanso. Também podem aperfeiçoar-se nos seus papéis porque não têm numa temporada mais do que uma obra. Compare-se isto com o teatro brasileiro, onde há quinze representações e não infreqüentemente podem levar três comédias em tantas semanas.

A estagnação do teatro nos Estados Unidos há de continuar sem dúvida, até o fim da guerra, que atualmente precisa dos esforços físicos e mentais de todos os que se preocupam por um mundo de paz e de superiores condições sociais e econômicas. Só depois voltarão a tranqüilidade e reflexão necessárias para estimular os escritores sérios a darem outro passo de avanço no caminho das produções dramáticas caracterizadas por um estudo profundo, filosófico e humano da vida, psicologia e estado espiritual do povo americano.

LIVROS BRASILEIROS EM INGLÊS

CARLETON SPRAGUE SMITH

MUITO se tem falado ùltimamente sôbre os livros brasileiros traduzidos para o inglês. Criticam-se os editores americanos e ingleses por não traduzirem maior número de autores brasileiros e a êsse respeito têm sido publicados artigos violentos e até sarcásticos. Como admirador da literatura brasileira e crente de seu sucesso no estrangeiro, penso que não serão inoportunas algumas observações sôbre os livros já existentes em língua inglesa e os problemas que deverão ser considerados no futuro.

Essa questão de traduções é muito delicada, pois é quase sempre difícil crear um mercado para os livros estrangeiros. A tarefa principal reside em despertar o interêsse do público pela literatura de outros países, o que se consegue por meios artificiais ou através de um imprevisto qualquer. Agora, por exemplo, em virtude da guerra, tôda gente se interessa pela Rússia ou pela China e traduzem-se, em grande quantidade, livros sôbre êsses países. Ao mesmo tempo, é preciso existir um certo grau de cultura e curiosidade para que o público sinta vontade de conhecer as produções literárias de outras nações. O mercado só se formará aos poucos, por um interêsse espontâneo ou mesmo por subvenção. Mas o processo é idêntico ao de pôr em movimento um gasogênio: uma vez que "pegue", continúa por si só.

Muito pouca gente faz idéia da quantidade de obras brasileiras já traduzidas para o inglês; há, de fato, bem mais do que se imagina.

Um dos primeiros livros de autor brasileiro publicados em inglês foi *A Narrative of the Persecution of Hyppolito Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça* (2 vols. Londres, 1811). O famoso jornalista, que se tornara maçon nos Estados Unidos em 1799, viveu como exilado na Inglaterra por muitos anos, dedicando-se à publicação de um periódico em defesa do liberalismo — o *Correio Brasiliense* ou *Armazem Literário*. Advogava a autonomia brasileira e sua influência nêsse sentido foi poderosa. Traduziu também um trabalho do famoso botânico da Universidade de Pennsylvania, Benjamin Smith Barton: *Memória sôbre o bronchocele ou papo da América Setentrional* (1801).

Embora não se enquadre no assunto que estamos discutindo, estritamente falando, por não se tratar de tradução, desejo, ainda assim mencionar um curioso volume brasileiro (de autor anônimo) que apareceu em Philadelphia, em português, em 1831, sob o título: *O Brasil Império e o Brasil República — Reflexões Políticas Oferecidas aos Brasileiros Amantes de sua Pátria.*

O autor é até hoje desconhecido, mas é possível que tenha sido Alexandre Luiz da Cunha que, em 1832, publicou no Rio de Janeiro *Os Estados Unidos da América Setentrional em* 1830 e 1831. De qualquer maneira, a edição de Philadelphia, que chegou ao meu conhecimento através da gentileza de Yan Almeida Prado, não deixa de ser interessante: defende a monarquia contra a república. Declara o autor: "A mesma legislação, a mesma lei fundamental, não pode servir sem mudança para dois povos, por mais estreitas que sejão as relações entre elles. A bondade, pois, das instituições he meramente relativa; compará-las abstractamente umas com outras he um acto de van ostentação, que não pode dar de si resultado nenhum aproveitavel". E, mais adiante, continúa ridicularizando a idéia: "Os Estados são huma aggregação de Republicas: logo o Brasil deve ser huma aggregação de Republicas". O Capítulo VI tem como título o seguinte: "Quem dezeja a destruição do Imperio ou não ama a patria ou he crassamente ignorante". E mais: "Se ha defeito nas actuais instituições, provêm antes da mais que da menos liberdade... O mais nocivo instrumento que os revolucionarios do Brasil empregão para a destruição do Governo Imperial he a liberdade de imprensa, de que fazem ja impune, e manifesto abuso: corrija-se o abuso, tire-se o punhal das mãos do assassino." O que me parece mais irônico é que tais observações tenham sido publicadas na "Cidade do Amor Fraterno", na cidade de Franklin, o tipógrafo liberal.

Mas, voltando ao nosso tema: o interêsse pelo Brasil era evidente, desde o tempo de Jefferson. Matthew Carey, por exemplo, incluiu em sua *American Geography*, publicada em 1822, um capítulo sôbre êste país. E, fora dos Estados Unidos, as *Histórias do Brasil* de Southey e Armitage contribuiram para tornar mais conhecida a nação brasileira do público de língua inglesa.

Durante o século XIX é possível que tenham sido vertidos para o inglês alguns tratados, leis, proclamações e artigos brasileiros. Os livros de Kidder, Fletcher, Ewbank, Dunn, Gaston, Agassiz, Codman e Scully, por exemplo, contêm citações dêsse teôr, mas só de vez em quando.

Por outro lado, na mesma época, os livros norte-americanos traduzidos para o português foram relativamente poucos e êsses poucos eram geralmente traduzidos das edições francesas. O elemento indígena utilizado por Cooper, Longfellow e outros agradava aos românticos e, assim sendo, tudo o que dizia respeito ao "nobre selvagem" tinha muita procura. Entretanto, nenhuma das obras de Hawthrone, Irving ou William Dean Howells, para mencionar apenas alguns, interessou bastante aos brasileiros para ser traduzida.

Que eu sabia, foram os esposos Burton os primeiros a traduzir obras brasileiras pròpriamente

literárias, lá por 1880. Mrs. Richard Burton produziu uma versão inglêsa do clássico de Alencar, sob o título: *Iracema, The Honey Lips — A Legend of Brazil*, Londres, 1886.

A tradução é feita em estilo vitoriano e é obvio que o espirito dominante na época — Longfellow e as lendas heróicas — influiu em parte para despertar o interêsse pela mesma. Não tendo o livro comigo no momento, não me é possível citar aqui passagens paralelas; entretanto, alguns anos mais tarde, um certo N. Biddell tornou a traduzir a mesma obra. Essa versão também não deixa de ser interessante, e damos a seguir um exemplo:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.	*Far beyond that range of mountains which still shows blue on the horizon, Iracema was born.*
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que o seu talhe de palmeira.	*Iracema, the girl of the honey lips, whose hair was blacker than the raven's wing and longer than her slender form.*
O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha rescendia no bosque como seu hálito perfumado.	*The honeycomb was not sweeter than her smile, nor heliotrope than her perfumed breath.*
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipú, onde campeava sua guerreira tribu, da grande nação Tabajara. O pé grácil e nú mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.	*Swifter than the wild emu, the brown girl used to run through the wild forests of Ipú where dwelt the warlike thibe of the great Tabajara nation. Her graceful bare foot lightly brushing the ground left no imprint on the green sward which carpeted the earth after the first rains.*

Nesse mesmo ano (1886), os Burtons traduziram o livro de Pereira da Silva, sob o título: *Story of Manuel de Moraes — A Chronicle of the XVII Century*, em que se relata a curiosa história do sacerdote apóstata da época colonial.

Outro poema de Alencar — *Ubirajara* — foi posto em inglês, em 1928, por J. T. W. Sadler, em ritmo semelhante ao *Hiawatha*, e dando excelente idéia do original em português: (*)

"Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, o jovem caçador.	*"Jaguarê, the Running Leopard, Walken along the river's margin, Slowly walked, and from his shoulder*
O arco pende-lhe ao ombro, esquecido e inútil. As flechas dormem no coldre da uiraçaba.	*Idly hung his bow and arrows, Harmless in their polished quiver.*

O interêsse pelo Brasil continuava a aumentar e, por volta de 1889; apareceu uma tradução de *Inocência* de Taunay, feita por James Welles.(**) A história, como era de esperar, agradou ao público — o mesmo público que já se havia comovido com *A Cabana do Pai Tomáz*, de Harriet Beecher Stowe.

Entre os primeiros admiradores da poesia brasileira nos Estados Unidos parece ter sido Agnes Blake Poore que, há meio século, verteu para o inglês diversos poemas. Entre êles, *Marabá*, de Gonçalves Dias, que foi publicado no "Poet Lore", em 1899. Eis aqui um trecho:

(*) E' interessante notar que a prosa poética de Alencar foi metrificada em ritmo de tetrâmetros trocaicos sem rima, pelo sr. Sadler — a mesma cadência usada em Evangelina, por Longfellow e no poema épico finlandês *Kalevala*. E o resultado é felicíssimo.

(**) Existe tambem uma versão de M. B. Jones, para uso de estudantes, editada por D. C. Heath & Co., de Nova York, 1923.

Eu amo a estatura flexível, ligeira,
Qual duma palmeira,
Então me respondem: 'tú és Marabá:
Quero antes o colo da ema orgulhosa,
Que pisa vaidosa,
Que as flores campinas governa, onde está.'

Meus loiros cabelos em ondas se anelam,
O ouro mais puro não têm seu fulgôr;
As brisas nos bosques de os ver se enamoram,
De os ver tão formosos como um beija-flor!

Mas êles respondem: 'Teus longos cabelos,
São loiros, são belos,
Mas são anelados; tú és Marabá:
Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,
Cabelos compridos,
Não côr d'ouro fino, nem côr d'anajá!

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem n'as direi?
O ramo d'acácia na fronte de um homem
Jamais cingirei

Jamais um guerreiro da minha arasoia
Me desprenderá;
Eu vivo sózinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!

But I love a form like a palm-tree ascending,
A proud head undending
They say as they pass, not like thine, Marabá!
A head held aloft like the palm's crested splendor,
A form straight and slender,
To reign o'er our flowery forests afar!

My long waving tresses float wide on the breezes,
Or fall on my neck in a rippling gold shower,
And each sunny lock that the wooing wind seizes
Seems a bright petal shed from some amber-hued [flower.

But they murmur sadly: Thy locks bright and [shining,
Thy long tresses twining
In lustrous profusion, are still Marabá;
To me and to mine, shining hair deeply shaded,
Dark tresses closes braided,
Ebon locks far more precious than golden ones are!

And these sweet words my longing heart has spoken,
To whom are they addresed?
No warrior wreathes his helmet with my token,
My colors on his breast!

Across the open door of my lone dwelling,
Stretches an unseen bar;
And an unspoken curse is ever telling
'Tis Marabá!

Como se vê, tanto ritmo como a tradução são bastante livres, mas nem porisso o trabalho deixa de ter valor.

Entre os autores brasileiros mais apreciados no fim do século pelo público de língua inglêsa devem-se mencionar Rui Barbosa, Oliveira Lima e Joaquim Nabuco. Alguns dos trabalhos importantes do primeiro foram traduzidos diretamente, como por exemplo: *Martial Law: Its Constitution, Limits and Effects. Application made to the Supreme Court for Habeas-Corpus on behalf of the Persons Arrested in Virtue of Decrees of April 10 and 12, 1892.* (Rio de Janeiro, Tipogr. Aldina, 1892) e *Statement of Facts and Opinion of Dr. Rui Barbosa* (The Rio de Janeiro Harbour & Dock Co. Ltd. — 1903). Mais tarde, os discursos de Rui Barbosa em Haia tornaram-se conhecidos através do livro de W. T. Stead *Brazil at the Hague*, através dos trabalhos de James Brown Scott, etc. O estadista brasileiro foi convidado a realizar conferências em Yale, em 1907, sôbre *The Citizen's part in Government*, mas infelizmente não pôde aceitar, tendo Elihu Root falado em seu lugar (*). Aliás, devemos lembrar que as observações de Rui por ocasião da visita de Root ao Rio de Janeiro, no ano anterior, já tinham sido publicadas em inglês, sob o título: *Speeches incident to the visit of Secretary Root to South America* (1906).

Finalmente, vamos mencionar o *Brazil in the Hour of Victory, by Rui Barbosa* (Discurso pronunciado no Senado Federal, em Novembro de 1918, por ocasião do armistício da Grande Guerra e publicado em inglês em "The South American", n.º 5, Março, 1919) e a "Saudação a Charles Evans Hughes" (pronunciada em inglês, no leito onde Rui se achava enfêrmo) em 1922.

As conferencias de Oliveira Lima, na Leland, em Stanford e em outras universidades americanas, foram feitas, já, em inglês, e, mais tarde, traduzidas para o português, sob o título *América Latina e América Inglêsa*.

O escritor pernambucano é, certamente, um dos brasileiros mais lembrados, nos Estados Unidos, pois não só escreveu um livro extremamente perspicaz, — *Nos Estados Unidos*, dado à publicidade em 1899, — como, também, a sua magnífica coleção histórica foi para a Universidade Católica, de Washington, após a sua morte, em 1928. O senso histórico de Oliveira Lima, de tão apurada qualidade, fará com que a sua obra perdure.

Entretanto, o brasileiro mais conhecido, nos Estados Unidos, foi Joaquim Nabuco, também pernambucano, que falor em diversas universidades americanas, em inglês, tendo as suas palestras, depois sido publicadas em português, como, por exemplo, *Camões e Cousas Americanas*. Alguns tópicos dêsse livro são muito interessantes e oportunos, como a *Parte da América na Civilização, A Aproximação Entre as Duas Américas*, e *O Sentimento de Nocionalidade na História do Brasil*. A vida de Nabuco, descrita por sua filha Carolina, está sendo vertida para o inglês, pelo professor F. W. Ganzert.

O grande amigo de Nabuco, o Barão do Rio Branco, sentindo crescer a oposição à Doutrina de Monroe e aos Estados Unidos, em 1908, publicou um artigo, sob o pseudônimo de J. Penn, artigo êsse que apareceu no *Jornal do Comércio*, em 20 de Janeiro daquele ano, e que foi publicado, em inglês, sob o

(*) As conferências de Root foram publicadas em português, em 1909, pela Casa Vanorden, sob o título: "A Ingerência do cidadão no Govêrno".

título de *Brazil, the United States and the Monroe Doctrine*.

Passando a um campo completamente diverso, é curioso notar que as *Tábuas* do Capitão Francisco Radler de Aquino já haviam sido adotadas, em versão inglêsa, pela Marinha americana, muito antes delas serem usadas pela frota brasileira.

Foram usadas, por exemplo, durante a Primeira Guerra Mundial, e edições com as de *The "Newest" Navigation and Aviation Altitude Tables* (3.ª edição, Londres, 1924) e *Aquino's "Newest" Sea and Air Navigation Tables for Solving All Problems by Inspection, The Simplest and Readiest in Solution, the Safest and the Most Exact* (Instituto Naval dos Estados Unidos, Annapolis, Maryland, 1927) mostram a estima em que são tidas pelas marinhas britânica e norte-americana.

Depois da Primeira Guerra Mundial, a atenção dos norte-americanos novamente se voltou para o Brasil e, em 1919, Guillermo Ferrero lançou uma excelente tradução de *Chanaan*, de Graça Aranha, que foi publicada em Boston, em tradução de Mariano Joaquim Losante. O povo dos E. Unidos estava, nessa época, animado da esperança de ver o mundo libertado para a democracia e Wilson era o homem do momento. Um livro sôbre a terra prometida estava destinado a falar ao povo, mesmo que aquele estudo, tão rico em reflexões filosóficas e análises psicológicas, fôsse um pouco pessimista. O crítico literário do *Bookman* achou, no volume, "Um sabor caracteristicamente nobre e, certamente, um largo espírito humanitário, que o distingue como alguma coisa mais do que exclusivamente brasileira em sua significação". O livro atingiu três edições em pouco tempo e, depois, de maneira curiosa, se exgotou e não foi mais reimpresso.

* * *

Isaac Goldberg, que realizou, certa vez, uma série de palestras, na Universidade de Harvard, sôbre literatura latino-americana, foi o primeiro a fazer um estudo geral das letras brasileiras, publicando, em 1922, a sua *História da Literatura Brasileira*. Essa obra trata da literatura do Brasil dêsde os tempos coloniais até os nossos dias, e embora deva muito a Silvio Romero e Ronald de Carvalho, encerra algumas opiniões originais. Muitos poemas e trechos de autores brasileiros são traduzidos, senão poèticamente, pelo menos com razoável exatidão. Êsse volume, sobretudo, permitiu aos americanos o conhecimento dos escritores brasileiros, dando-lhes um livro de referência a que recorrer. A sua história constitue um trabalho honesto, e Goldberg merece um voto de louvor de todos nós que nos interessamos pelo assunto. Êle não se cinge, porém, a livros e artigos sôbre literatura, tendo traduzido, ademais, quase ao mesmo tempo, três contos de Machado de Assis, *The Attendant's Confession*, *The Fortune Teller* e *Life*, um de Medeiros e Albuquerque, *The Vengeance of Felix*, outro de Coelho Neto, *The Pigeons*, e, finalmente, um de Carmen Dolores, *Aunt Zeze's Tears*, que foram publicados em volume sob o título de *Brazilian Tales* (The Four Seas Co. Boston, G. Allen & Unwin, London).

A escolha foi, talvez, um tanto austera e pessimista, mas perfeitamente compreensível, num país que alimentou Edgar Allan Poe. Se não inspiradas, são, pelo menos, traduções legíveis, e feitas *con amore*. Goldberg também publicou, em 1925, três contos de Monteiro Lobato: *Modern Torture*, *The Penitent Wag* e *Plantation Buyer*. Foram dados à publicidade pelo editor Girard, em Kansas. Isso constituiu um gesto isolado, embora o autor de *Urupês* tivesse sido comparado, por certos críticos, a Chekhov e Mark Twain. Creio que outros contos de Monteiro Lobato também apareceram em inglês; de qualquer modo, alguns tradutores me disseram que possuem uma vintena de trabalhos de Lobato prontos para publicação.

A nota principal da década de 1920 era a do realismo social e, em 1926, embora já muito atrazado, apareceu, em Nova York, uma tradução do *O Cortiço*, de Aluízio Azevedo, vertido para o inglês por Harry W. Brow, e editada por R. M. Mc Bride, sob o título de *A Brazilian Tenement*. Os problemas raciais focalizados despertaram o interêsse dos críticos, mas a obra não se tornou um *best-seller*, pois talvez a psicologia de 1890 estivesse muito áparte da de 1926.

Foi durante êsse período que Gilberto Freyre, então estudante em Columbia, publicou *Social Life in the Middle of the 19th Century*, desenvolvimento da sua tese de formatura (*). O treino que recebeu, nos Estados Unidos, como êle próprio o afirma, fêz com que escrevesse, mais tarde, *Casa Grande & Senzala*. Essa obra, que já se tornou clássica, há muito vem sendo prometida em inglês e terá, certamente, a calorosa recepção que merece. E' difícil dizer-se por que outros trabalhos do sociólogo pernambucano ainda não foram traduzidos. Artur Ramos já é conhecido pelo seu grande trabalho *The Negro in Brazil*, traduzido por Richard Pattee, de Washington, em 1939, mas estamos ainda aguardando *Sobrados e Mucambos*, etc. Devemos dizer, de passagem, que o estudo do Dr. Ramos é um modêlo do gênero de estudo social que o norte-americano aprecia.

Mário de Andrade, um dos escritores de maior individualidade do movimento moderno brasileiro, escreveu, em 1927, uma história intitulada *Amar, Verbo Intransitivo*. Não é dos seus melhores trabalhos, mas nos faz lembrar um pouco *Man and Superman*, de Bernard Shaw. Nela, o autor discute soluções para problemas sexuais. E' uma narração divertida, engraçada e, às vêzes, profunda. No original, o autor projeta-se através da obra em solilóquios e apartes pessoais. Êstes foram postos de lado, na edição americana. O estudo tem algo de *best-seller* e, talvez por isso, tenha sido escolhido para a tradução inglêsa de Margaret Richardson, tradução, aliás, bem feita, a versão inglêsa cnama-se *Fraulein*, New York, Macaulay Co., 1932. O livro tem sabor caracteristicamente paulista. Não constituiu, grande êxito, nos Estados Unidos, embora já se ache exgotado.

Outro livro de autor brasileiro, publicado em inglês foi *Brazil and the League of Nations — O Brasil e a Eociedade das Nações*, do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, aparecido, em 1928, com uma introdução de Lord Phillimore .O culto

(*) American Historical Review, 1922.

diplomata escreveu o estudo para explicar o afastamento do Brasil da Sociedade das Nações, esperando, no entanto, que o país reconsiderasse a sua atitude e se tornasse, novamente, membro dessa côrte internacional. Transcrevemos textualmente, dêsse trabalho, o trecho seguinte: "Voltaremos forçosamente à Sociedade Internacional de Genebra", pois "é inútil perdermos pé nas realidades políticas das atuais relações internacionais".

Olhando para trás, sôbre êsses anos trágicos, percebemos que os países do Novo Mundo, — tanto os Estados Unidos como o Brasil, — recusando assumir responsabilidades, contribuiram para a segunda grande crise mundial. Como bem o afirmou o ilustre brasileiro, "sentimento de responsabilidade, ação efetivamente realizadora, fórmulas refinadas de grande cultura, polidez, civilização", eis o que precisamos para o futuro, quando não sirvamos inconscientemente ao furor de falso prestígio, à vaidade, à fatuidade de governos que passam ràpidamente para um esquecimento irreparavel".

* * *

Em 1930, apareceu, nos Estados Unidos, a *Marquesa de Santos*, lançado, por Haward McCann, em Nova York, e que recebeu, em inglês, o título de *Domitila*. O original português é um tanto sensacional e vivo. Isso foi conservado em inglês. O romance histórico constitue terreno pouco seguro, e Paulo Setubal foi exageradamente emocional. Um certo tipo de magazine norte-americano aprecia muito êsse gênero, que não é, verdadeiramente, nem bom como história, nem como romance. A versão inglêsa sofreu cortes; o tradutor, além disso, não procurou traduzir moleque, violão, etc. (Violão aparece, em inglês, como *violon*, que é como uma forma de contrabaixo). Finalmente, o título dos capítulos foram omitidos: *7 de Setembro, O Homem do Dia, A Senhora Viscondessa*, etc.

Como podemos vêr, os elementos sensacionais da literatura brasileira agradam tanto os editores americanos, como as histórias de detetives e os *best-sellers* os daqui.

O interêsse pela história do Brasil foi mais justamente despertado pela tradução, por Dorothea Momsen, do livro de Luis Edmundo, *Rio in the Time of the Viceroys*, dado à publicidade, em 1936, com um prefácio do Embaixador Hugh Gibson. As gravuras em madeira da edição portuguêsa foram conservadas em inglês, tornando o livro bastante atraente. Para estrangeiros a caminho do Brasil, êsse volume é verdadeiramente aconselhável.

Devemos mencionar aqui, também, o livro *A Selva*, do escritor português José Maria Ferreira de Castro, que viveu muitos anos no Brasil, e cujos direitos de tradução foram adquiridos pela casa editora americana Viking Press, em 1934. O seu tradutor, Charles Duff, realizou um belo trabalho, e essa narração dos seringueiros do Amazonas é ainda atual. Talvez um maior número de empregados e funcionários da U. S. Rubber Commission devesse lê-lo, antes de realizar o seu trabalho. Os críticos norte-americanos receberam *A Selva* muito bem, e o livro continua ainda a ser vendido.

Com o desenvolvimento da política de boa vizinhança, o interêsse pela história e literatura brasileiras tomou novo impulso. A *História do Brasil*, de Pedro de Magalhães Gandavo já tinha sido traduzida por J. B. Stetson Jr. e publicada em Nova York em 1928, mas foi só em 1939 que a obra de Pandiá Calogeras (*) foi vertida por Percy Alvin Martin e editada pela University of North Carolina Press. Surgiu assim, um livro modêlo que poderia ser utilizado como compêndio escolar e com os trabalhos de autores norte-americanos como: *Brazil, its conditions and prospects*, de C. C. Andrews (1887); *The Conquest of Brazil*, de Roy Nah (1926**)); *Diplomatic Relations between the United States and Brazil*, de Lawrence F. Hill (Durham, N. C., 1932); *Brazil, a Study of Economic Types*, de J. F. Normano (Chapel Hill, N. C., 1935***); *Latin America* (que contém um trecho esplendido e bastante extenso sôbre o Brasil), de Preston James (1942); e finalmente, *Brazil Under Vargas*, de Karl Loewenstein (MacMillan, N. Y., 1942) os sobrinhos de Tio Sam não têm mais desculpas de desconhecerem as coisas do Brasil. No campo da literatura, algumas firmas americanas, recentemente ofereceram prêmios pelas melhores traduções de obras latino-americanas e outras negociavam diretamente com o autor a tradução e publicação de seus livros. Infelizmente, êsses métodos não tiveram o resultado que se esperava. *Usina*, de José Lins do Rêgo, se não me falha a memória, deveria aparecer em versão inglêsa em 1942 mas, diz-se que no último momento, foi suspensa, em virtude de o autor ter-se oposto à mudança de certos têrmos e à eliminação de alguns trechos. Outros livros de Lins do Rêgo que já foram traduzidos mas ainda não publicados são: *Pureza* (trad. de M. L. Carr) e *Banguê* (trad. de J. M. W. Sadler). Esperamos que logo sejam editados.

O problema de encontrar um editor, entretanto, faz-no refletir sôbre as dificuldades que surgem a respeito. A adaptação — ou, como Vila Lobos chamaria em música, "ambientação" — é bastante delicada. Não há dúvida de que certos trabalhos exigem notas elucidativas, apêndices, etc. Por exemplo, os apartes de Mário de Andrade em *Amar, Verbo Intransitivo*, seriam ininteligíveis para o público americano. E' verdade que as suas referências e assuntos musicais foram cortados demais; porém, ao que parece, o editor americano achou que seriam muito eruditos ou elevados para o seu público. Êsses casos são uma questão de critério e são necessários compromissos de ambos os lados. Tratando-se de compêndios, os livros norte-americanos necessitam de grandes mudanças para poderem ser inteiramente compreensíveis aqui. Mesmo os livros como *Por quem os Sinos Dobram*, de Hemingway, têm de ser "podados" em certas

---

(*) A pequena História do Brasil, de Pedro Calmon foi especialmente traduzida para a Feira de Nova York, em 1938.

(**) Foi traduzido para o português em 1939 como "A Conquista do Brasil" — tradução de Moacyr N. Vasconcelos. Vol. 150. Da Brasiliana.

(***) Edição portuguêsa em 1943: "Evolução Econômica do Brasil. Tradução de T. Quartim Barbosa, R. Paeke Rodrigues e L. Brandão Teixeira. Vol 152. Da Brasiliana.

passagens; na tradução dessa obra, Monteiro Lobato eliminou alguns trêchos e expressões que, a seu ver, não iriam agradar ao leitor.

Talvez seja interessante mencionar ainda outros livros já traduzidos e que aguardam apenas a publicação. Conhecemos cêrca de uma duzia, mas haverá mais, provàvelmente. O de Tito Batini *E Agora, que Fazer?*, que será intitulado *And Now What to Do; A Fogueira*, de Cecílio Carneiro, que se chamará *The Bonfire*. Lucie Marion Carr traduziu "*As Maluquices do Imperador (A Madcap Emperor)*; de Paulo Setubal; *As Reinações de Narizinho (Stubnose and Her Fancies)*; de Monteiro Lobato; *Cummunka*, de Menotti del Picchia e histórias seletas de Antonio de Alcântara Machado, sob o título de *Brazil Nuts (O Patriota Washington* e *Apólogo Brasileiro sem véo de Alegoria*, que fazem parte dêste último livro, já foram publicados por revistas inglêsas). A Sra. Carr está agora trabalhando na tradução de *O Rio Imita o Reno*, de Viana Moog; *O Ateneu*, de Raul Pompeia e *A Marcha*, de Affonso Schmidt. Ela é uma tradutora de experiência e, assim como J. T. W. Sadler, deveria ser mais conhecida dos editores norte-americanos.

Sadler, que vive no Brasil há mais de quarenta anos, principiou com traduções de sonetos brasileiros de Martins Fontes, Coelho Neto, Guilherme de Almeida e Machado de Assis para os jornais anglo-brasileiros. A propósito, grande quantidade de trabalhos deve ter sido traduzida nos últimos 90 anos em diários e semanários dessa natureza, trabalhos êsses que bem poderiam ser colecionados e publicados novamente. Não se trata só de poesia: deve haver contos, cartas e discursos históricos também; o material deve ser extenso. Além de *Ubirajara*, Sadler traduziu *Mau Olhado*, de Veiga Miranda, *Padre Belchior de Pontes*, novela histórica do tempo dos Bandeirantes, de autoria de Julio Ribeiro; o popular *Éramos Seis*, da Sra. Leandro Dupré e vários contos de Monteiro Lobato. Ainda êste mês foi publicada por Valverde a sua versão inglêsa da *Amazônia Misteriosa*, de Gastão Cruls (*The Mysterious Amazonia*), que, aliás, é muito bem beita, apesar de eu não concordar com a tradução de "Violão" por "Viola", (parece que essa palavra me persegue...). Ainda assim, isso são méros detalhes, e, no todo a obra é excelente, e deveria ser adquirdia por todos os americanos que tenham qualquer relação com a terra dos seringueiros. Essa edição em língua inglêsa, da obra de Cruls, é um dos grandes acontecimentos de 1944.

Alguns dos autores contemporâneos brasileiros, como Jorge Amado, talvez vejam diversos tarbalhos seus publicados simultaneamente em inglês; de qualquer maneira, já foram anunciadas as traduções de *Jubiabá, Mar Morto* (por Thomas Dwyer Jr.) *Suor* (por Ann Morton) e *Terras do Sem Fim* (não conheço o nome do tradutor). O livro de Marques Rebelo *A Estrêla Sobe*, também deverá aparecer logo em inglês, em tradução de Ralph Dimmik. Parece que a casa editora "Leitura" tem um projeto de tradução de diversos livros e não há dúvida de que os tradutores que trabalham juntamente com os autores obterão provàvelmente melhores resultados que aqueles que residem nos Estados Unidos. (*).

As duas traduções de maior projeção ùltimamente foram as de *Caminhos Cruzados*, de Erico Veríssimo (*Crossroads*), vertido por L. C. Kaplan; e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, por Samuel Putnam, sob o título *Rebellion in the Backlands*.

O primeiro já foi editado três vêzes e o segundo duas. O romance de Pôrto Alegre, que foi comparado com as obras de Theodore Dreiser, tem muita atualidade — deixa transpirar a tendência do século XX, e tem muita argúcia. A idéia dos cinco dias sucessivos, do professor "inocente", a vitalidade crua — e o tipo Huxleyano de história — tem muita atração. Além disso, a tradução de L. C. Kaplan é agradável.

A tradução de Samuel Putnam, *Rebellion in the Backlands*, que apareceu no comêço de 1944 é, no todo, bem feita e não posso concordar com Claude Lévi Strauss que a chama de "insípida e pouco fiel". O próprio Erico Veríssimo declarou sôbre a mesma: "E' fiel, bela e cheia de notas elucidativas. A introdução é bem feita, o índice é muito bom e o glossário valiosíssimo para o leitor estrangeiro." E' verdade que, aqui e ali, as palavras "mato" e "mata" são confundidas e que "banjo" não é a tradução ideal para "machete". Admito ainda que o Sr. Putnam teria feito bem em estudar o livro de Pedro Pinto, "*O Vocabulário e Notas Lexicológicas*, sôbre a obra mestra de Euclides. Mas desde que o volume já foi editado pela segunda vez, é provável que êsses erros sejam corrigidos na próxima edição. Há ainda um outro engano, no prefácio, onde o tradutor declara que a morte de Euclides foi devida ao fato de o exército não apreciar as suas invetivas. Apesar de tudo, contribuiu para tornar mais conhecida a grande obra épica brasileira e, mesmo que não seja tão brilhante e inspirada como seria de desejar, não se pode negar que constituiu um grande sucesso. A seu respeito assim se exprimiram alguns dos críticos americanos: "... é verdadeiramente uma das maiores obras da literatura universal". "O acontecimento que o livro regista é descrito com uma fôrça que é não só estimulante, como fisicamente *sentida* pelo leitor. E' um panorama de sensações que penetram a gente".

Uma das publicações mais interessantes e atraentes dos últimos anos é a *Anthology of Contemporary Latin American Poetry*, editada pela "New Directions", em 1942. Essa editora costuma incluir o texto original com a tradução americana. Assim o livro de Rilke *Book of Hours*, o *Illumination*, de Rimbaud, o *Selected Poems*, de Rafael Alberti, a edição de C. H. Ford do *Mirror of Baudelaire* e os *Selected Poems of Holderlin*, de Frederck Prokosch, entram nessa categoria. O mesmo método é usado na antologia acima referida, onde os poemas brasileiros foram vertidos para o inglês, por Dudley Poore e incluem poetas como Manuel Bandeira, Ronald de

---

(*) Esta lista de obras em preparo, naturalmente, não está completa. Gostariamos, mesmo, de receber mais informações a respeito. Sabemos, por exemplo, que alguns dos trabalhos de Danton Jobim já foram traduzidos, mas deve haver muitos outros.

Carvalho, Menotti del Picchia, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima e Murilo Mendes. E' de estranhar a omissão de certos nomes, como Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Guilherme de Almeida e outros, mas talvez devemos sentir-nos satisfeitos em ter uma obra tão bem feita como essa. E' verdade que, aqui e ali, os têrmos regionais não foram traduzidos como deviam; por exemplo, na "Evolução do Recife", de Manuel Bandeira, onde os "Mascates", são chamados "Levantine peddlars". Em geral, porém, o nível é alto e há pouco exagêro na liberdade poética. Como exemplo do trabalho, daremos aqui a tradução de Mr. Poore para a "Infância", de Carlos Drumond de Andrade:

I N F Â N C I A

Meu pai montava a cavalo,
ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada
cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sózinho menino entre
manqueiras
lia a história do Robinson
Crusoé,
comprida história que não
acaba mais

No meio dia branco de luz uma
voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala
— e nunca se esqueceu —
chamava para o café.
Café preto que nem a preta
velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada
cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino! —
para o berço onde pousou um mosquito,
e dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a do Robinson
Crusoé.

C H I L D H O O D

My father mounted his horse and rode
away into the country.
My mother stayed behind, sewing in
her chair.
My little brother lay asleep.
I, a lonely child under the mango
trees,
read the story of Robinson Crusoe,
a long story that never came to
an end.

In the white sunlight of noontime a
voice that had learned
to sing us to sleep long ago in the
slave quarters — and had never forgotten
called us to coffee.
Coffee black as the old negress
herself
savoury coffee,
good coffee.

My mother sat sewing,
looking at me:
— Hush... Don't wake the baby! —
at the cradle on which a mosquito
had lit,
and sighed from the depths of her being.

Somewhere far off my father was exploring
the endless woods of the plantation.

And I never knew that my own story
was more beautiful than Robinson
Crusoe's.

Êsse livro, que tem igualmente o título espanhol de *Antologia de la poesia Americana Contemporânea*, não é um compêndio escolar, embora diversos livros brasileiros tenham sido postos à venda ùltimamente, para uso de estudantes. Falando nesse assunto, H. H. Carter publicou um volume intitulado *Contos e Anedotas Brasileiros*, que contém obras de Machado de Assis, Coelho Neto, Ribeiro Couto, Humberto de Campos, Cornélio Pires e outros, enquanto que o livro escolar *Artigos e Contos Portuguêses*, de G. I. Dale, inclue uma história de Leo Vaz. O número de livros editados especialmente para os estudantes norte-americanos irá aumentando, sem dúvida alguma. Constituem êles grande auxílio para o aprendizado da língua e, como atualmente se ensina português em várias escolas estadunidenses, a procura de livros dessa espécie só pode ser ampliada.

Voltemos à questão da estética, porém. Alguns anos atrás a Casa Knopf, de Nova York, editou *A Relíquia*, o fino e irônico livro de Eça de Queiroz. O editor gostou imensamente da obra do autor português mas, apesar de ter sido tradução fiel e bem feita, fracassou comercialmente. Talvez precisemos de uma campanha nos Estados Unidos em prol dos livros luso-brasileiros; e é bem possível que uma casa editora especializada no ramo realize com mais êxito o lançamento de obras de tal natureza.

Qual será a aceitação do escritor brasileiro atual na república do norte?

Erico Veríssimo, que possue um estilo mais ou menos internacional, e tem já reputação nos Estados Unidos, achará, certamente, fácil, ter um público norte-americano no futuro. Certos escritores regionalistas e cultores de outros gêneros literá-

rios terão, mais dificuldades, para fazer renome. A variedade da vida brasileira não é muito conhecida no estrangeiro e, por essa razão, há uma idéia artificial quanto ao que é a literatura do Brasil.

A meu ver, porém, enquanto não forem publicados mais uns 50 ou 60 livros brasileiros em inglês, representando várias escolas literárias, o público de língua, provàvelmente, não poderá desenvolver muito gôsto pelos escritores daqui.

Nós, pessoalmente, gostaríamos de recomendar certas obras, para futuras considerações por parte dos editores americanos, como, por exemplo, *Quincas Borba, Memórias Póstumas de Braz Cubas* e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *O Lobo das Ruas*, de Otávio de Faria; *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos, uma tradução da *História Geral*, de Varnhagen, de *Capítulos da História Colonial*, de Capistrano de Abreu, e *A Elaboração da Independência*, de Tobias Monteiro. Quanto a livros mais recentes, seria bom têrmos *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *A Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado. Estamos persuadidos de que as *Cartas de Inglaterra*, de Rui Barbosa, e a *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco, fariam excelente companhia à *The Education of Henry Adms*. Uma boa história literária seria bem recebida. Não sabemos se a nova edição da *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, poderia ser indicada, a não ser que fôsse, novamente, resumida. A história de Ronald de Carvalho ou as *Noções de História da Literatura Brasileira*, de Afrânio Peixoto, seriam de utilidade mais imediata. *Os Africanos no Brasil*, de Nina Rodrigues, e *Rondonia*, de Roquette Pinto, teriam, naturalmente, amável recepção, pelos cientistas.

* * *

Referimo-nos à dificuldade da tradução de livros e da sua adaptação às condições locais. Para sermos francos, mais da metade das traduções de livros norte-americanos encontrados em português deixam muito a desejar, e dezenas dêlas deveriam ser retiradas da circulação. Se quizérmos nos respeitar mùtuamente, deveremos evitar, doravante, os trabalhos descuidados e desalinhavados feitos no passado. Compreendemos que os *standards* nunca chegarão a ser perfeitos, mas, apesar de tudo, nestes tempos de produção em massa, a qualidade deve ser o alvo máximo. Talvez comissões, constituidas de intelectuais responsáveis, devessem ser creadas, para opinar sôbre êsses assuntos. Poder-se-ia, também, estudar a sugestão de traduzir-se, para o inglês, certos autores clássicos brasileiros, e vice-versa.

O American Council of Learned Societies, e a American Library Association, têm auxiliado os editores e lançarem, em português, alguns dos melhores livros norte-americanos, adquirindo 500 exemplares, ou mais, das suas respectivas edições portuguesas. Recentemente, uma organização chamada Science Service, Inc concedeu verbas aos editores, para que auxiliem a publicação de trabalhos científicos latino-americanos nos Estados Unidos, e vice-versa. Embora não se trate de *belles lettres*, achamos que alguns trabalhos desta categoria devem ser considerados para tradução. Se alguma instituição, ou algum departamento do Govêrno brasileiro fizesse o mesmo nos Estados Unidos, isso, constantemente, faria com que a cultura brasileira se tornasse familiar entre o povo norte-americano. O aspecto intelectual do Brasil é um dos seus mais importantes ativos, e dever-se-ia fazer todo o possível para estender o seu prestígio.

Terminando êste artigo, que já está demasiado longo, lembremo-nos ainda uma vez, que as traduções constituem assunto delicado. Penso que não precisamos ser tão pessimistas como São Jeronimo, que disse, das primeiras traduções latinas da Bíblia, *non versiones, sed eversiones*, nem repetir a cínica frase italiana, *traduttore, traditore*. Já que fômos tão desdenhosos, talvez devessemos nos lembrar do dito de Emerson: "Não hesito em lêr bons livros em traduções. O que é realmente bom em qualquer livro, é traduzível: qualquer discernimento verdadeiro ou largo sentimento humano".

ATUALIDADE do LIVRO FRANCÊS na AMÉRICA

PAULO ZINGG

ESCREVER sôbre o livro francês na América é quasi escrever sôbre um problema de caráter local. As obras francesas estão nas origens da nossa emancipação intelectual. Os libertadores do continente inspiraram-se nas doutrinas francesas de liberdade, igualdade e fraternidade. Jefferson, Bolivar, San Martin, Miranda, eram homens de cultura francesa, filhos espirituais dos enciclopedistas e dos revolucionários de 89. O inspirador da Inconfidência Mineira, o cônego Luiz Vieira, possuia uma vasta biblioteca francesa. O doutor Sabino, lider da revolução baiana de 1837, teve sua magnifica coleção de livros gauleses apreendida pela polícia imperial. Quer no Brasil, quer nos outros países americanos, o livro francês esteve presente e contribuiu para a formação da geração que conquistou a independência e fundou às repúblicas do Novo Mundo.

•

O século XIX foi o século da influência cultural francesa na América Latina. A literatura, a política, o comércio, tudo se organiza sob a influência francesa. Mauá torna-se um pioneiro do progresso nacional inspirado nas doutrinas de Saint-Simon. José de Alencar imita os românticos franceses. Em 1830, a notícia da revolução de Paris exalta os ânimos ao ponto de provocar alguns meses depois a abdicação do primeiro imperador. A moda francesa domina nos salões da nossa aristocracia. Na Argentina, no Chile, na Colombia, o domínio cultural francês parece ser o meio de enfrentar a influência retrógrada da Espanha. A imagem de uma França liberal é bem o oposto de u'a monarquia espanhola desejosa de reconquistar suas ex-colonias emancipadas.

Nessa época, o livro ainda não foi industrializado completamente. Os países americanos já importam apreciável quantidade de livros franceses mas estes não são vendidos dirétamente ao público. Destinam-se aos que possuem correspondentes em París, encarregados de enviar-lhes as últimas novidades literárias, políticas e comerciais. Entretanto, o livreiro Evaristo da Veiga anunciava, pelo "Diário do Rio de Janeiro", de 11 de outubro de 1823, ter recebido, entre outros livros franceses, o "Cours de politique constitutionelle", em oito volumes, de Benjamin Constant, e a "Tactique des assemblées", de Benthan, em tradução francesa. No primeiro reinado, uma das lojas de livros mais prosperas do Rio de Janeiro era a de João Batista Bompard, cidadão francês, mais tarde adquirida por Evaristo da Veiga (Otávio Tarquinio de Souza — "Evaristo da Veiga" — São Paulo, 1939).

Na regência e no segundo reinado, a importação de livros franceses foi aumentando de ano para ano. A "Revue de Deux Mondes", era o grande veículo de propaganda das novidades francesas e todos os nossos intelectuais viviam à espera dos navios que traziam livros e idéias de París. O extraordinário surto do positivismo no Brasil, no Chile e no México revela a que ponto as teorias francesas, embora muitas vezes confusas, fascinavam a inteligência americana e conquistavam as consciências.

Finalmente, no fim do Império e no começo da República, o comércio do livro aperfeiçoou-se extraordinàriamente. O mercado brasileiro aumentou, ampliou-se, tornou-se mais exigente. O desenvolvimento da navegação e dos transportes em geral permite a satisfação rápida das encomendas feitas em París. E nessa época, a França está no seu apogeu intelectual. Anatole France e Emile Zola são os ídolos do dia e a América procura estar em dia com o pensamento francês. Algumas editoras francesas compreendem então a importância econômica do mercado sulamericano e estabelecem filiais no Brasil e na Argentina. Entre nós, tornaram-se conhecidas as livrarias Garnier e Briguiet, do Rio de Janeiro, Garraux e Hildebrand, de São Paulo. Muitas obras de escritores brasileiros são impressas na França e remetidas para o nosso país. O domínio francês no mercado editorial e no setor intelectual é absoluto.

•

Nas duas primeiras décadas dêste século, o mercado sul-americano, especialmente o brasileiro, consome quantidades esormes de livros franceses. A livraria Hachette, de París, estabelece em Buenos Aires um centro distribuidor para o continente. Muitos livros são reimpressos imediatamente na Argentina por conta das casas editoras, poupando, dessa forma, os gastos de importação e transporte. O livro francês chega mesmo a competir com o espanhol no mercado de língua castelhana e vence em tôda a linha.

No periodo que vai de 1900 a 1920 e em menor escala até 1930, a preocupação das elítes brasileiras e sul-americanas em geral é estar em dia com o pensamento e a literatura francesas. Mesmo no setor cientifico, o predomínio gaulês é absoluto. As faculdades de medicina e farmácia adotam livros de autores franceses. E' a época da "Anatomia" de Rouvier; das experiências de madame Curie; das obras de Peguy, de Proust e de Anatole e assim por diante. Sòmente depois de revolução de outubro é que as escolas superiores brasileiras começam a receber e a encontrar obras científicas na Itália, na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos. A penetração dos livros alemães, traduzidos para o espanhol, é efetuada em grande escala e conquista ràpidamente os meios que desconhecem a língua francesa e que julgam mais fácil estudar em textos castelhanos.

A influência francesa teria entrado em decadência no Brasil? "Não ha pròpriamente diminuição da influência francesa, e sim engrandecimento do Brasil", escreveu Mario de Andrade, na Revista Academica, em 1934. O pensamento brasileiro universalizou-se depois de 1930. Aprendemos a conhecer a literatura e a ciência russa, alemã, inglesa, espanhola e norte-americana. "A própria França, em grande parte, é a originadora das nossas curiosidades", acentua ainda o autor de "Clã do Jabotí.". A literatura russa, alemã e escandinava penetra no Brasil em traduções francesas. A França encarrega-se de nos manter em dia com o que se publica no

mundo inteiro, quer em matéria política, quer em literatura.

O Brasil continuou sendo um grande mercado para os livros franceses até 1940, quando a derrocada da França cortou as importações e criou uma situação nova para o livro francês na América e especialmente no nosso país.

Alguns meses depois da ocupação militar da França pelos soldados de Hitler, os livros franceses começaram a desaparecer das nossas livrarias. Os leitores continuaram comprando e passados poucos meses os estoques de obras interessantes tinham desaparecido. Então os livreiros perceberam que tinham que procurar livros estrangeiros em outros países e começaram a importar grandes quantidades de edições argentinas, chilenas, mexicanas e norte-americanas. O livro espanhol substituiu, em parte, o francês, quer pelas afinidades espirituais, quer pela facilidade de compreensão da língua de Cervantes. O grande surto das edições em idioma espanhol deve-se em parte à ausência da França no mercado editorial. Os livros importados dos Estados Unidos, superiores do ponto de vista gráfico, esbarraram nos obstáculos naturais da língua e de uma sensibilidade diferente. Penetraram em certos meios, hoje inteiramente dominados pelo gôsto ianque, mas não conseguiram dominar a nossa intelectualidade como os franceses o conseguiram durante uma determinada época.

A consequência imediata da falta de livros franceses foi a alta dos preços Nas livrarias, o franco continuou sendo cotado acima de um cruzeiro, enquanto nos "sebos", obras de 15 a 20 francos e já usadas são hoje vendidas a 25 e 30 cruzeiros. Essa rápida valorização do livro gaulês não passou despercebida e provocou várias iniciativas no terreno editorial.

•

Com a queda da França, numerosos escritores e editores foram obrigados a abandonar o país. A inteligência francesa não se mostrava disposta a colaborar com Hitler, exceção feita de um grupo de membros da Academia Francesa e de intelectuais conhecidos por suas tendências nazistas. Na América, existia um refugio natural para esses franceses. No Canadá, uma rica província habitada por uma população francesa, parecia ser o campo de ação à espera dêsses trabalhadores intelectuais. Jornalistas, editores e escritores chegaram a Quebec e Montreal. Imediatamente, surgiram várias editoras francesas — L'Arbre, Variétés, Valiquetes — e numerosas outras voltaram a reaparecer nos mercados, embora a preços elevadíssimos. Nos Estados Unidos surgiu a Maison des Editions Françaises. No México, em torno de um grupo de intelectuais encabeçados por Jules Romains e Jacques Soustelle, surgiu a casa de edições Quetzal. Em Cuba, já há sinais evidentes de uma intensa atividade cultural francesa. Na Argentina, a livraria Hachette acelerou o seu ritmo de trabalho. Finalmente, no Brasil, surgiram várias editoras francesas.

La moderna novela brasileña en la Argentina

RAUL NAVARRO

SOMOS los americanos, los latinoamericanos o, por mejor decir, los hispanoamericanos, pueblos vueltos continentalmente hacia afuera. Un proceso innegable y exclusivo europeo generó nuestra cultura. El genio hispánico de España y Portugal. Luego, identificados con los ideales de Francia, seguimos su trayectoria cultural, con algunas escapadas a la filosofía alemana y a las literaturas inglesa e italiana. La profundidad humana de los escritores rusos contemporáneos nos atrajo. No es posible negar el fondo positivo de enseñanzas que este disímil y variado aprendizaje nos lejó.

Pero, pueblos nuevos e inmaduros, sin una tradición hecha, no pudieron librarse de la imitación. Un reflejo pasivo de Europa. Se olvidó lo propio. Se llegó a negar lo propio. Divorciada de su tierra, América no podía tener una literatura.

El Brasil, en razón de diferencia de acontecimientos metropolitanos, sufrió un proceso político distinto al de los otros pueblos hispanoamericanos. No tuvo ese período de agitación interna que ocupó y agotó las energías, dando a la literatura una posición de lucha y de utilidad circunstancial. Por esto, creo que el Brasil pudo, precozmente, intentar el surgimiento del genio nacional. Del genio americano.

El mero indianismo lírico de Gonçalves Dias es inconsistente. Es Alencar quien tiene la indiscutible primacía. Si al tiempo, la obra de Alencar ha quedado en un romanticismo convencional de indios estilizados, está bien firme su actitud de iniciador del movimiento de regreso a la tierra, que su visión profunda supo encontrar y pulsar a través de páginas cuyo teatralismo ingenuo, para nuestros ojos de hombres de esta época, cubre un propósito formalmente revolucionario. "O livro é cearense.", dice de "Iracema". Es el grito emancipador de la literatura americana.

A continuación de Alencar comienzan a marcarse hitos que estructuran una verdadera literatura, que rastrea las auténticas fuentes de inspiración vernácula. Son "Os Sertões", de Euclides da Cunha, "Chanaan" de Graça Aranha, "Pelo Sertão" de Arinos, "Luzia-Homem" de Domingos Olympio, "Urupês" de Monteiro Lobato. Es Machado de Assis, que ajeno a todo lo circundante, modela en su propia psicología un tipo brasileño. Son los escritores del movimiento Modernista de São Paulo, que, con distintas palabras, repiten mucho de lo que proclamara Alencar.

Pero, a pesar de todo esto, el Brasil permanecía ignorado para el resto de ispanoamérica. Se lo encontraba en la sensualidad tropical, en la lujuria de las danzas africanas. El Brasil-negro, ese despreocupado desconocimiento que hizo también la España de la pandereta y la Argentina-gaucha, de las "boîtes" de París y de los estudios cinematográficos de Hollywood. De su

literatura vagas referencias, sin ubicación, muchas veces considerada una escuela de la portuguesa. Esta falta de previa valoración produjo al iniciarse, hace unos años, la publicación de obras brasileñas vertidas al español, una confusión de jerarquías y de épocas, más, si se tiene en cuenta, que los gestores de estas publicaciones las hacían sin un plan determinado y obedeciendo, en la mayoría de los casos, a preferencias personales.

Sin embargo, hoy puede decirse que la literatura brasileña ha empezado a despertar una justa curiosidad y un gran interés en los países de habla española. Dos libros abrieron el camino: "Os Sertões" de Euclides da Cunha y "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freire. Revelaron un Brasil rico en problemas y con un capital enorme histórico y social.

Pero la verdadera conquista la ha hecho la moderna novela brasileña, integrada a una tierra con tantas posibilidades temáticas. Varias editoriales argentinas de prestigio se aprestan a lanzar traducidos al castellano una serie de modernos novelistas brasileños: "Emecé", cuy asesoría está confiada al conocido escritor Eduardo Mallea, "Losada", "Futuro", "Nova", "Claridad". Y la "Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano" que dirige el doctor Ricardo Levene, donde ya aparecieron obras básicas.

Ahora bien, la literatura brasileña para alcanzar el contacto con el público lo será únicamente en traducciones. Al portugués, idioma de limitadas posibilidades de aplicación, poco son los que se ponen en la tarea de aprenderlo. Además conspira para su estudio el concepto de su facilidad. Los argentinos decimos que "es un español mal hablado". Los brasileños contestan que "es un portugués mal hablado", nuestro español. Lenguas hermanas, aparentan una sorprendente semejanza. Pero no es más que una apariencia. Es imposible leer el portugués sin aprenderlo. Y menos leer una novela moderna brasileña, preponderantemente regionalista, que requiere un largo aprendizaje del léxico tan particular de las distintas áreas lingüísticas del Brasil. De esto se infiere que el traductor es elemento indispensable. Y caemos en el tema tan debatido. ¿Puede conocerse el verdadero valor de una literatura a través de una traducción? Creo que cuando se pone cariño, trabajo y responsabilidad, se puede llegar a mucho. El mayor escollo está en conservar el matiz, su sabor vernáculo, sin recaer en el error de trasladarlo a otro localismo sin sentido universalizado. El libro argentino tiene un mercado interamericano y se desvirtuaría una traducción si se adaptara el regionalismo original a cualquier otro regionalismo. Esto, es claro, se refiere a la novela brasileña regionalista.

Además, para una comprensión, es necesario el acercamiento. Hace muy poco José Lins do Rego, con su simpatía y su talento, dejó un saldo efectivo de vinculación literaria. No hace muchos años, la "Exposición del Libro Brasileño", en Montevideo, por iniciativa del dinámico embajador, Dr. Baptista Luzardo, puso ante nosotros, ante nuestro asombro, — por qué no decirlo? — la potencia cultural del Brasil.

Hace falta mucho todavía, pero el camino está abierto.

Inmensidad humana en la literatura brasileña

CAMPIO CARPIO

NINGUNA literatura se desenvuelve independiente de su medio físico. Actuando dentro de un plano esencialmente espiritual y étnico, ofrece, en todas sus manifestaciones, su potencia como agente creador, con su pujanza de humanidad. Es una fuerza nueva que arrastra consigo todo el haber civilizador de una colectividad determinada, y desde un punto de vista somático, plasma las inquietudes del presente; evoca la epopeya de un pasado y enciende el fuego del poder y del querer que deposita en el futuro, la gran esperanza del mundo. De su pueblo, arranca las energías más íntimas, en sus contrastes y en sus victorias; otórgales una fisionomía propia y fija las peculiaridades que caracterizan un arte determinado, conforme con las condiciones de su suelo.

De tal modo, al ser historia de ficción en cierto modo, se convierte en elemento de su propia naturaleza porque ninguna literatura trata de someterse a los hechos reales de ningún sector, sino que su objeto está en crear. Y la creación artística, cuyo império no tiene límites, se convierte en alma, entraña de un pueblo. Más fiel que la história, se eterniza en el tiempo, en cuyas alas pasea sus grandezas, sus raptos de agonía y sus esperanzas. Cada conglomerado humano encuentra en sus relatos, en sus cantos y en sus rasgos étnicos unificados, su propia expresión. Alrededor de este estado de emotividad desenvuelve su vida, la modela de acuerdo con su estado espiritual y le imprime el sello de grandeza que todo arte, para ser imperecedero, imprescindiblemente ha de acusar.

La literaura brasileña no podía escapar a esta función. Formado el país por agentes de aluvión que entrechócanse con afluentes portugueses y españoles primeramente, toma de estas dos nacionalidades todo aquello que necesita para la formación de su propia conciencia, que le sirve de alimento para construir su espiritualidad. De unos recibe el dulce lirismo de una lengua enciclopédica y la bravura de una impetuosidad temeraria. De otros, la grandeza humana que caracteriza su civilización desparramada a través del universo, forjada en una lucha milenaria. Y con estos dos elementos el pueblo brasileño construye sus pilares literarios.

Sacudido el país por tremendas luchas que habrán de definir una nacionalidad con rasgos típicos, al choque de tales fuerzas, comienza formándose a sí mismo, cantando las proezas de una nueva tierra conquistada para el acervo humano, que hacen de su historia una de las más bellas con que el mundo cuenta. Si país maravilloso, cuyo suelo virgen rechaza la intromissión de hombres que en otros hemisferios disfrutaban de una vida distinta, se dirá que la lucha bravia entablada con todos sus contrastes es común a todos los pueblos. Pero aquí tienen un doble valor y adquieren caracteres de heroismo singulares porque en este escenario actuan tres razas diversas, con particularidades propias, que se funden en pocos años, formando el gran milagro del intelecto, por el profundo sentimiento que impregnan a una obra de arte que con el correr de los años será creación auténticamente nacional.

El pueblo, en sus lágrimas calientes, indaga y discurre. Trabaja, lucha y muere. Sucumbe, pero deja tras sí la obra de creación que el futuro sabrá reconocer. Nuevas generaciones aprenderán de sus antepasados aquellos de más puro en su alma. Forja ilusiones y cuando por raciocinio lo logra su objeto, indaga e interroga. Si la razón no satisface, inventa y sueña cual puede ser el remedio a sus males o la perspectiva de sus grandezas. Deposita en estos pensamientos sus esperanzas que convierte en escudo. Y así una generación tras otra va agregando su caudal de emociones al gran edifício espiritual que convierte en obra de arte con su parte de humanidad, entre ritos y leyendas. Se llena así el ansia popular, modelada conforme con el mundo de las cosas con que convive, con sus virtudes y sus defectos, grandezas y miserias, maravilla de la humana inteligencia.

Origenes

Los primeros cultores que contribuyeron con tales aportes a la formación de la literatura brasileña, al valor y calor de esta lucha tremenda, volcaron su inspiración. Portugueses y españoles, identificados en al alma africana fueron los intérpretes de esta maravilla de la tierra que seria más tarde asombro de los demás pueblos del mundo con los que crearon contacto. Anchieta y después Gregorio de Mattos, despiertan la alborada de un sentimiento nuevo. Cual aludes de la tierra, plasman en su obra los dolores y fatigas en acción conjunta que funden como eslabón en la cadena de la gran queja humana. Dos reformadores, concebidos en el más amplio sentido de la palabra, que revientan en arranques por la liberación del suelo nacional y a cuya finalidad arde con fuego voraz la emoción, fruto de sus mejores energías.

La influencia que Gregorio de Mattos dejó en la literatura nacional, llena todo un siglo de historia. Había nacido como un genio deslumbrante y en sus múltiples facetas dejó huellas profundas, cuyo estudio muchas generaciones habían de seguir como fuente de inspiración. Anchieta volcó su humildad franciscana en versos de corte español, llenos de dulce sabor melancólico, y las ideas que estos dos poetas cultivaron, fueron la cuna de una literatura que abrió las puertas a una civilización nacional. A pocos años de historia, que en el tiempo pasan imperceptibles, observamos el prodigio, descubrimiento de un mundo con peculiaridades perfectamente definidas, semejando para un modesto conocedor, el hallazgo de un milagro — hecho carne y espíritu.

Las bandeiras y los concilios literarios formados posteriormente sólo lograron seguir las huellas de aquellos dos cultores. No podía ser por menos, ya que encarnan la esperanza de su pueblo. Pequeñas alternativas se presentan, aun en plena

época de formación y trasformación que encabeza la escuela mineira. Si bien abrigaba esta confradía poetas menores y prosadores que acusan méritos estimables en su tiempo, porque aparece la épica con frescura y fuerza pujante, prometedora de valores que habían de manifestarse después, todo se reducen, en síntesis, a recoger los frutos de la semilla que Anchieta y Gregorio de Mattos habían sembrado tiempos antes. Sin embargo, aun cuando empleaban estos cofrades un estilo arcaico, ajeno al medio social y por consiguiente no alcanzaban a desentrañar el gran secreto del alma nacional, en cambio acusan dotes espirituales hasta entonces no conocidos.

La época de formación se alarga porque el país trata de construirse a sí mismo. Las luchas se suceden y los rumbos políticos cambian, absorbiendo las mejores energías populares que giran en torno de las contiendas civiles. Pero hay gente que trabaja, que pelea por ensanchar el horizonte de su espiritualidad. Y al unísono del choque de lanzas y muslos la inteligencia aparece, remozada. Del otro lado del mar llegan modalidades nuevas que llenan también necesidades estéticas más precisas. Europa sacude su modorra monárquica y se encarrila por derroteros revolucionarios. La república tórnase un imperativo político y la literatura no puede ser ajena, sino beligerante en estas lides. Y este combate habría de terminar con e' romanticismo que significa la victoria individual sobre la colectiva. Su influencia tan grande en todos los pueblos civilizados, tenía que pesar en el curso de la literatura brasileña, dando entrada a la gran masa humana, el dolor antiguo, de todos los tiempos, en las páginas más profundas de su literatura. Dos grandes figuras de la poesia nacional aparecen en el escenario de la poesía brasileña, Castro Alves y Gonçalves cortarían las ligaduras que les ataban al pasado, abriendo así las puertas de su inspiración a nuevas manifestaciones.

Período heroico

A borbotones, estos dos genios derramaron sobre el alma popular la iracundia de su emoción. Los hombres que padecían, que habían luchado por la conquista del suelo, encontraron en estos bardos la interpretación más cabal de sus inquietudes. La esclavitud recibió los más duros azotes. Dotados de un innegable don poético, contribuyeron a imprimir un impulso sorprendente a la evolución de la literatura nacional, De esta influencia, en sus dos períodos constructivos, Anchieta y Gregorio de Mattos, Gonçalves Dias y Castro Alves, todavía la poesía brasileña moderna no ha habido expurgarse. Sus acentos son puramente románticos; sus notas tienen la música de tiempos pasados, pero sin que ello constituya un defecto, posee también singularidades típicas y sentimientos de lirismo emotivo.

Se trata de una expresión simplesmente o más bien, de una modalidad; un sentimiento vivo que arranca del fondo de las almas con todo su vigor, chorreando sangre. En esto descansa lo popular de una literatura, al indentificarse con el dolor colectivo y convertirlo en cuerpo viviente. Desde el punto de vista estético, se trata sólo de una modalidad de formas que está a tono con el pensamiento emotivo. La realidad, bajo este aspecto, es que las influencias de Castro Alves no pierden terreno de reciedumbre, porque es veraz, seguro y amplio de imaginación.

En contraposición a Castro Alves, Gonçalves Dias es un poeta espiritual poco común. Admirador del paisaje, extiende su mirada a la inmensidad; absorbe el perfume de las flores, el canto de los pájaros, las canciones del viento y el rumor de las hojas. El contraste de Castro Alves que se complementa. Este, la fogosidad desencadenada como alud. Aquél la dulce candencia de la naturaleza que en caricias suaves deslízase placentera. Dos espiritualidades que se unifican y disputan la supremacia de una época que habrá de definir el curso de la literatura nacional. Gonçalves Dias se detiene; su poesia no vive con los gemidos y llantos del hombre dolorido, ni exalta el fragor de la lucha en la conquista de la libertad, que es el bien más preciado para el género humano. Su poesía entraña momentos de paz, de dulce melancolía en tiempos de guerra sin cuartel. Fagundes Varela, Alvares de Azevedo y Tobías Barreto recogen el pendón que Castro Alves abandonó y cada cual, con modalidades propias, continúa la trayectoria iniciada, si bien con acentos líricos más universales en su inteligencia, con menos potencialidad y empuje humano. No podía ser por menos: Castro Alves es el poeta nacional, título que nadie discute.

La poesía brasileña ha experimentado un gran avance. No así, con tanta rapidez la novela pudo encontrar cultores tan ricos. Sin embargo, tres figuras interesantísimas fijan la floración novelesca brasileña. La trayectoria desde entonces a nuestros tiempos es tan rápida que puede resumirse en el curso de cien años. La literatura moderna, tan rica y excepcionalmente interesante desde el punto de vista estético y por sus sentimientos universales, tiene un pasado muy cercano. José de Alencar, Manoel de Macedo, Aluizio de Azevedo y Euclydes da Cunha, tocan todos los géneros. El gran Euclydes nos descubre el sertao y su paisaje. Sus luchas son el propio llanto de la tierra. Allí, en el agreste sabor de la floresta, viven y se desenvuelven sus relatos que son toda una revelación para el mundo exterior. Su obra maestra es un prodigio de arquitectura literaria y seguramente continuará siéndole por muchos años. Macedo y Azevedo son hombres de la ciudad, cuyos enredos giran entre los problemas de la clase media que de la ciudad hicieron templo y fortaleza y en ella se desarrollan las pasiones de los hombres. Por el contrario, los otros se debaten entre la civilización y la barbarie, a ratos pintorescamente descritas sus escenas, a veces real, con rasgos épicos; sus pinturas son siempre agradables. "O Guarany", "Iracema" y "Os Sertões" son ejemplos típicos de la evolución de la novelística brasileña, ciertamente importante, que la colocan al lado de las obras más características de la literatura universal.

El modernismo

El movimiento modernista, en contraposición con el arcaísmo y el clasicismo, ha tenido también en el Brasil sus continuadores, algunos de ellos de tan legítimos quilates como Machado de

Assis, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac y Luiz Delfino. La nueva modalidad ha iluminado la ilusión intelectualista, trasformando la creación literaria en un conjunto de formas que culminaría, en la literatura moderna con seguras características. Rebasando la pobreza y trivialidad que entrañó la literatura del siglo pasado, el arte vino a culminar en la representación de todos los agentes de la humanidad. El hombre ya no es un producto de la fatalidad, a cuyas fuerzas ajenas e inviolables tendrá que estar sometido, sino el resultado liso y llano de principios intelectuales que responden a una disciplina, amoldables a un ambiente determinado. Y se ha concebido así porque la vida es todo el problema del ser viviente. Vivir para llenar la gran función de la naturaleza que es crear, crear siempre, sin detenimiento. Exaltar a la plenitud todos los elementos que sirven al hombre para su existencia, trasformarlos de acuerdo con sus necesidades estéticas o sociales y obtener de ellos el mayor fruto y rendimiento para el disfrute. El hombre es el rey de la creación, de cuyos agentes se sirve en todos los grados de la escala social. Por eso el modernismo, cuyos resultados conducen a la exaltación de la personalidad humana, va al encuentro de su destino, en procura de nuevas reivindicaciones.

La belleza se manifiesta en el modernismo como una necesidad lógica, que la literatura brasileña cultiva con rigurosa meticulosidad. Es cierto que en ningún terreno se ha logrado la perfección, término que en todas las lenguas tiene aplicaciones relativas, pero lo grande aquí es que se desenvuelve en función creadora. Aun perdiendo en parte el vigor de Castro Alves, fascina por su lirismo en una creación sistemáticamente libertaria, como bien lo ha reconocido Ronald de Carvalho. No encontrará la cuerda emotiva en el acento cívico, ni los arranques eloquentes en su inmutable expresión. Pero desentraña, frente al espectáculo de la naturaleza, los símbolos vitales del espíritu que contempla y manifesta por via del raciocinio, con su capacidad de visión, sentir y pensar. Sean cuales fueran los defectos que este movimiento naturalista posea, cábele la suerte de trasformar reglas y normas, que llevó al grado de equivalencia perfecta del verso, ligando ideas con estas normas estéticas.

Tal vez se arguya que este movimento es puro cerebralismo y por consiguiente, en ciertos casos raya en el absurdo. Como ensayo, y es bajo este aspecto como hay que concebir toda innovación, adolece de todos los defectos experimentales. Sin embargo no hay que olvidar que cada época deposita en un poeta las inquietudes de los demás. De ahí que, en el fondo, la discusión fúndase en lo que queda y sirve de guía a las generaciones posteriores. Observemos al respecto los escarceos de todos los géneros y gamas intentados hasta encontrar un Jorge de Lima que concentra todos aquellos entusiasmos.

Una gran inquietud optimista prima en toda la literatura brasileña de un siglo a esta parte. Fiel con su naturaleza, trata de concretar una sensibilidad acorde con su estado emotivo. Abundantemente rica en matices y sorprendente en arrestos líricos, ensancha el horizonte literario, por las sugestiones que aporta, el grado de ternura que efluye de su pensamiento y su fondo humanista, que puede concebirse como don poético. Alberto de Oliveira y, en menor grado, Olavo Bilac, dos rigurosos ejemplos de perfección cuyo ritmo y sensibilidad enternecen, cierran este ciclo creador. En la contemplación de lo eterno y con gran opulencia de inmensidad, ponen en la creación poética toda la belleza, a través de la cual hablan sus corazones.

Alberto de Oliveira y Olavo Bilac, tanto por su cultura como por la amplitud de su arte, son dos poetas universales. Caprichosos en ritmo y métrica, acércanse cada vez más a nuestros tiempos y, lo más interessante, al barro humano del que arrancan sus más bellos motivos que tienen verdaderos acentos de eternidad.

La literatura actual

Derroche de emotividad, de lirismo y, en suma, de pasiones es la literatura brasileña. Tierra de poetas, hace poesia hasta de los motivos más comunes y en todos ellos pone su ternura, sentimiento y apasionamiento. Un profundo sentimiento humano surge de toda esta labor, símbolo con que corona la obra de arte. Aquí reside lo grande de esta literatura. La humildad la llevó de progreso en progreso. La queja humana le abrió las puertas del mundo como se refleja en la producción actual que marcha al ritmo de las más grandes de la literatura contemporánea.

Mario de Andrade, Jorge de Lima, Antonio Alcántara Machado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos y Jorge Amado, expresión de lo moderno en literatura, son ejemplos evidentes de lo grande que todos conocemos. América, continente hasta hace poco desconocido, demuestra que sabe ver, pensar y obrar. Hemisferio surgido al calor del trabajo, que del sudor y lágrimas hizo escudo y grandeza, crea en la lucha por la vida y aporta al concierto universal lo más caro de sus emociones. En todos los géneros la literatura brasileña aparece como expresión del sufrimiento. Desde Curvelo de Mendonça, Wanderley, Fabio Luz y Affonso Schmidt en una modalidad; a José Geraldo Vieira, Jorge de Lima, Humberto de Campos, Eduardo Frieiro y Amando Fontes, en otra, todos han seguido las huellas, profundamente sensibles e inmensamente humanos, de las generaciones anteriores. La nueva poesía también veríase arrastrada a este cometido. Guilherme de Almeida, Olegario Marianno, Martins Fontes, Jorge de Lima, Almeida Cousin y tantos otros, cada cual mejor, exaltan la personalidad del hombre y creen en el futuro, que redimirá las personas y las palabras. Grandes poetas todos ellos y como tales no menos idealistas, de su arte hacen un sacerdocio, como diría Alvarus de Oliveira. Cassiano Ricardo, Ribeiro Couto y Alvaro Moreyra, situados dentro de la misma generación, son portavoces de la fuerza humana que esta nueva poesía interpreta.

Jorge de Lima, Mario de Andrade y Manuel Bandeira, los tres poetas contemporáneos más discutidos del Brasil, son la representación auténtica de las inquietudes manifestadas por un pueblo vigoroso, seguro de su porvenir, profundamente humano.

Adelaide

GRACILIANO RAMOS

A sociedade comercial Ramos & Costa, explorando o negócio de fazenda, miudeza, ferragem e perfumaria, estabeleceu-se numa esquina do largo principal da cidade: prédio vistoso, com diversas portas, um letreiro vermelho e negro feito por Joaquim Correntão, que pintava índios empenachados e falava muito em chimpanzés e orangotangos Na loja havia dois caixeiros e um guarda-livros.

A família se instalou na rua do Juázeiro, numa casa próximo à cadeia, e dissabores aí nos surgiram. Certamente meu pai se esforçava de mais por aguentar-se e trepar. Começou a ter vertigens e síncopes, desacordava minutos compridos, e nós nos alarmávamos, órfãos, chorávamos olhando o corpo morto. Levantava-se e revivia, continuava na faina terrível de subir, nivelar-se aos parentes enraizados na lavoura. Alguns iam visitar-nos, duros, tesos. Findas essas cerimônias, meu pai caía num abatimento profundo. Às vêzes se deitava, enrolava-se nos cobertores, anunciava aos gritos que ia morrer. Desalentava-se, em tremuras. Vinha o dr. Mota Lima, davalhe um vomitório de substância, encorajava-o pregando-lhe os óculos grossos de míope. O doente se envergonhava daquêle barulho — e horas depois lisonjeava os proprietários, colaborava na política.

A terra era um lamaçal cheio de ladeiras. Em tempo de inverno a gente andava com dificuldade no calçamento de pedras sôltas, entremeadas de barrocas.

Matricularam-me na escola pública da professora Maria do O, mulata fôsca, robusta em demasia, uma das criaturas mais vigorosas que já vi. Êsse vigor se manifestava em repelões, em berros, aos setenta ou oitenta alunos arrumados por todos os cantos.

Localizaram-me no corredor estreito — e, pouco fiscalizado, quasi despercebido, reabri desgostoso o terceiro livro do barão de Macaúbas, tornei a encalhar nas regras de pontuação. As minhas deficiências ocultaram-se alguns dias: Dondom, mocinha pálida e misericordiosa, tomou-me as lições, protegeu-me, corrigiu-me a pronúncia, inutilmente, e fez por mim na ardósia as contas enigmáticas.

D. Maria do O surpreendeu um corpo de delito — e foi um desastre. Mandavam-me rabiscar algumas linhas pela manhã. Logo no início dêsse terrível dever, o pior de todos, surgiu uma novidade que me levou a desconfiar da instrução de Alagoas: no interior de Pernambuco havia 1899 depois dos nomes da terra e do mês; escrevíamos agora 1900, e isto me embrulhou o espírito. Faltou-me a explicação necessária. Como a doce mestra sertaneja, clara, de belos caracóis imaculados, superava a outra, escura, agreste, de músculos rijos, nos olhos raivosos estrias amarelas, considerei a nova data um êrro. Com certeza não foi esta reflexão que me endureceu a munheca e povoou de borrões o traslado, mas pode ter tido influência: realmente não caprichei na fatura de sinais duvidosos.

Uma vez, notando-me o desânimo diante da fôlha machucada, Dondom tomou a pena, traçou vários caracteres em caligrafia direita, emagrecendo-os, engordando-os convenientemente, e induziu-me a prosseguir daquela maneira. Conselho perdido: as garatujas de 190 eram iguais às de 1899. E quando a professora foi julgar as escritas e viu o dolo, chamou-me, exigiu esclarecimento. Desejei mentir, responsabilizar-me. Impossível Olhei desesperado a minha cúmplice. D. Maria do O envolveu a mão nos cabelos da menina, deixando livres o indicador e o polegar, com que me agarrou uma orelha. E, tendo-nos seguros, agitou o braço violentamente: rodopiámos como dois bonecos e aluímos sôbre os bancos.

Voltei ao anonimato e à sombra, contundido. Mas a benévola imprudência da

moça e a raiva da enorme bruta falharam: permaneci obtuso, odiando as vírgulas e o catecismo, só abrindo os volumes sujos à hora da lição. Felizmente escapava entre dezenas de garotos rudes. Se não fôsse a recordação de uns dedos que me apertavam as orelhas, conseguiria achar paz e segurança. Na sala, vendo a mulata ou cafusa brandir a palmatória e a majestade, precisaria comportar-me bem, fingir atenção, molhar de saliva as páginas detestáveis. Alí, no encolhimento e na insignificância, os livros fechados, embrutecia-me em leves cochilos, quasi só. Desperto, bocejava, examinava o quintal estreito, que subia o morro do cemitério, argiloso e resvaladiço.

Perto, na cozinha, três velhas, tias da professora, miúdas e côr de piche, torravam milho no caco, pisavam milho no pilão, enchiam de fubá caixinhas coloridas e franjadas. Os alunos astutos compravam aquilo, massa pegajosa, amarga, nauseabunda — e os ganhos da indústria caseira excediam talvez o vencimento que o tesouro pingava.

Constrangida no espartilho, branqueada a pó de arroz, d. Maria do O fingia humanizar-se lá fora, gozava consideração. A voz amansava, a carne se reprimia, doméstica, os bugalhos amarelentos se ocultavam sob as pálpebras roxas — e a fera metia as garras nos cabelos das crianças, adulando.

Entre as vítimas dêsse diabo a mais infeliz era minha prima Adelaide, um diminuto anjo de quem nunca me aproximei e que revejo em horas de tristeza. Os pais não queriam separar-se dela. E, ricos, podendo confiá-la a estabelecimento que ensinasse línguas difíceis, tinham resolvido instruí-la sem perdê-la de vista. Os colégios mais ou menos europeus ficavam longe. Haviam de soltá-la por êste mundo, sujeita a inconveniências? Não. Conservaria, perto de casa, tôdas as virtudes: bordaria fronhas; ligar-se-ia no altar, sem namôro, a um rapaz de juízo e fortuna, bem apessoado. E diferençar-se-ia das mulheres que fumavam cachimbo de barro. Uma Adelaide letrada, não muito letrada, com as inovações e as letras necessárias. Uma Adelaide que se banhasse no riacho e falasse francês.

Ora, João Leite, dono do Cavalo-Escuro, não conhecia os degraus da ciência. Acreditara num diploma da escola normal, entregara a filha a d. Maria do O. E, em consequência, uma vez por semana carros de bois e cargueiros traziam fôrmas de açúcar, melado, sacos de grão, farinha, legumes. A princípio êsse exagêro fôra recebido com alvorôço, mas habituaram-se a êle, esqueceram agradecimentos, enfim aboliram as gatimônias dispensadas ao portador risonho, o crioulo José Luís. Adelaide se rebaixara. Estava alí quasi órfã — e a horrenda mulata inchava e se envaidecia, publicando por meios indiretos que fazia caridade a uma intrusa. Insensível ao pagamento largo, torturava-a.

Certamente, não começara impondo-lhe maus tratos: a pequena, afeita à liberdade, ao mando, às correrias, às injúrias a caboclos na bagaceira, revoltar-se-ia contra a nova autoridade, aparentemente igual às figuras que serviam na casa-grande. Indispensáveis meses e anos para dominar a criaturinha, submetê-la à obediência, degradá-la, enquanto o algoz se acomodava também à situação, experimentava as fôrças, apurava a maldade. No comêço o jeito servil, o sorriso convencional; em seguida um olhar frio, gesto de enfado, palavra dura, a lisonja recomposta, novamente a acrimônia e a aspereza. Idas e vindas, intermitências. Um castigo — e logo o afã de obliterá-lo, explicá-lo como trabalho de educação. A covardia manhosa adoçava umas tréguas curtas. Não fôsse a garota badalar, pedir aos pais que a retirassem daquêle inferno. Não pedia. Talvez até ignorasse que estava nêle. Tinham-na vencido, tinham-lhe gasto o fio em pedra de Hamolar. Afinal desapareceram tôdas as precauções. E a me-

nina olhava a rua, triste, os montes verdes. Silenciosa, descia, cada vez mais descia, esgueirava-se, tentava ocultar a magreza, na aula muito povoada. Tentativa inútil. D. Maria do O atravessava as pessoas com os olhos, achava num canto da sala o corpinho fugidio, imputava-lhe qualquer falta. Às vêzes a casa não estava bem varrida. Marcas de poeira, invisíveis entre os bancos, avultavam apontadas pelo grosso dedo severo, comentadas pelo voz estridente. E a infeliz, vergando sob a cólera despropositada, ia buscar a vassoura, limpar o tijolo. Havia-se reduzido à condição de criada. Na labuta doméstica, sofria a birra das três velhas miúdas e côr de piche. Essas fúrias boçais vinham de classe muito baixa, tinham decerto adquirido em senzalas o veneno que distilavam. Da subserviência antiga passavam às ordens brutais, vingavam-se numa possível descendente de senhores remotos. Adelaide curvava o espinhaço, calejava na obediência, esmorecia nos trabalhos mais humildes.

A estranha inversão de papéis me surpreendia e revoltava, mas a surprêsa e a revolta nunca se manifestaram. Longe da escola, em arrancos de coragem, afrontei as megeras.

— Ah! negras!

Ali no corredor, o livro esquecido nos joelhos, vendo o quintal, o morro, ouvindo as lições cantadas e a arrelia da mestra, anulava-me, colava-me à parede, pusilânime e esquivo. Não ousaria revelar afeição a minha prima, não me arriscaria sequer a observar o martírio dela. Nas horas de aflição, multiplicadas, baixava a cabeça, fingia não perceber os braços finos, o rosto murcho e pálido, a bôca torcida, os grandes olhos assustados, sem lágrimas. Receava, mostrando qualquer sinal de interêsse, magoar a pobre, humilhá-la ainda mais. Talvez isso fôsse hipocrisia: o que eu receava intimamente era comprometer-me associando-me àquela franqueza, receber cachações destinados a ela. Não me parecia que Adelaide pudesse reabilitar-se, recuperar a alma de proprietária, dominar os cambembes esvaídos no eito. O engenho perdera a grandeza, era uma sombra do engenho, e a sinhá moça arrastaria anos de vexame, até o fim da vida.

Tinham-me chegado vagas notícias da escravidão, sem relho e sem tronco, aceitável, quasi desejável. Maria Moleca e Vitória, livres, viviam sossegadas em casa de meu avô. Não me vinha a idéia de que se conservassem ali por hábito ou por não terem para onde ir. Estavam bem, sempre tinham estado bem. As tias da professora haviam sido mucamas de luxo, sem dúvida, antes da maluqueira de uma princesa odiosa. Ingratas. Não me ocorria que alguém manejara a enxada, suara no cultivo do algodão e da cana. Isso nascia espontâneamente. E não pensava no sacrifício necessário às três mulheres para levantar a sobrinha fusca, desbastá-la, vestí-la, escová-la, impingí-la na sociedade. Essa metamorfose era casual. E arrepiava-me.

Coitada de minha prima, tão boa, tão débil, suportando as enxaquecas da canalha horrorosa. Lugar de negro era a cozinha. Porque haviam saído de lá, vindo para a sala, puxar as orelhas de Adelaide? Não me conformava. Que tal lhes tinha feito Adelaide? Porque procediam daquêle modo? Porquê?

PÁGINAS de um DIÁRIO

MARQUES REBELO

SOLTO meu pássaro. Canto, pássaro, liberdade! Meu secreto desespêro, minha aflição de todos os minutos — quando serei liberto dos teus grilhões?

*
*   *

Repouso a cabeça no teu peito, descem as nuvens do céu para me cobrir. Nem um sofrimento mais! Um sono calmo fecha-me as pálpebras, como se borboleta fôsse, que dormisse.

*
*   *

Caneta pingando fel — que ganhas com isso?

*
*   *

A alma misteriosa bate na minha porta e não me assusta. Vejo-a que chega, senta-se a meu lado, põe-se a sofrer comigo — rapaz, rapaz...

As lágrimas rolam materiais. Ninguém pressente nada. Só eu a sei perto de mim, com as mãos tão frias como um raio de lua.

*
*   *

Sensação de esquecimento, de ausência — o bonde corre. De repente, volto ao mundo sem que nenhum movimento do mundo me tivesse solicitado — sol brilhante, céu azul, tantos homens. O mesmo cansaço. Sinto que fiz uma pequena experiência de morrer.

*
*   *

E' no cinema que isso acontece: é preciso desabotoar o colarinho para aliviar.

Como se fôsse o último instante, ou o penoso começo do último instante. O frio escorre nas têmporas.

Humildes acontecimentos da máquina humana, das trepidações da máquina humana, que afinal não sei se fica bem a um artista relatar.

*
*   *

A queda de um anjo — estou ficando político, meus caros amigos!

*
*   *

Não um caminho que ninguém tenha trilhado, mas sempre um outro, um caminho que não seja moda trilhar, um caminho que não leve direto ao aprêço dos coevos, num caminho escolhido por bem raros, silenciosos viajantes, um caminho que não atrapalhe ninguém.

*
* *

Pereira adora Puccini, mas é tão delicado, tão prestimoso, tão ingênuo, que é impossível lhe querer mal.

*
* *

Lí no jornal a notícia da morte de Alcino, que há quatro anos estava morto para mim.

*
* *

De um amigo: quando êles não querem, dizem que não podem.

*
* *

Foi com secura que cheguei à casa de meu pai morto. Estava ainda na cama, o queixo amarrado, o rosto sereno, ainda quente, mas já vestido com uma roupa azul. Beijei-lhe a testa morna, peguei nas suas mãos cabeludas e macias e sofrí as últimas palavras que me dissera uma semana antes: "agora, que tudo vai bem, que eu começo a viver..." Os estranhos esperavam de mim as providências necessárias. Muitos estranhos. Porque não vestiram a casaca? Ficara pequena. Êle engordara muito nos derradeiros meses, me informaram. Peguei no atestado de óbito e fui descendo para a sala para tratar do entêrro. Sujeitos que eu não conhecia me abraçaram na escada. Não houve nenhuma luta para o homem me convencer que um caixão de primeira com coche de segunda ficava irrepreensível. Com um gesto profissional o homem pediu licença para chegar-se ao defunto. Com respeito mirou-o num relance e disse: "trinta e nove". Tamanho trinta e nove. E com alças prateadas.

*
* *

Debussy derrama-se na sala como um véu de luar. Os corpos se diluem, meu corpo deixa de existir, é impalpável, torna-se poeira de amor e compreensão das coisas impalpáveis e eternas.

*
* *

Dor física fulgurando o coração, pondo um vácuo no peito. Vontade de desaparecer como um líquido — morte, aniquilamento, nunca mais!

Sofrimento inútil pelas quedas alheias, por outras almas que pareciam tão radiosas e são tão escuras, tão sem ar, tão cegas para as flôres do amor, tão sem grandeza!

O HOMEM NA TORRE

Conto de JOEL SILVEIRA

Os bandidos já haviam se apoderado da prefeitura e da cadeia, desarmado a guarda, e Godofredo ainda atirava da tôrre da igreja. As balas cortavam o silêncio de morte que chegara para a cidade, e estalavam sonoras quando batiam, uma ou outra, na caldeira enferrujada que fôra esquecida, há anos, sôbre a grama. O chefe do bando indagou do prefeito, seu Hipólito, gordo e arfante, agora pálido e nervoso:

— Quem é aquele sujeito maluco?

— E' Godofredo.

Volta Sêca veiu em passo de marcha, fêz posição de sentido diante do chefe:

— Capitão, o senhor querendo vou buscar o infeliz.

O chefe não respondeu. Tinha um ôlho cego, usava óculos escuros e redondos, vinha dêle um cheiro de brilhantina barata de mistura com suor. O corpo estava todo atravessado de talabartes brilhantes, e havia uma couraça de medalhas sôbre o peito. Sacudiu o chapéu de couro, enorme, para trás, e os cabelos grossos e grandes, endurecidos de sol, ficaram imóveis como numa escultura.

— Êle tem munição?

Seu Hipólito não sabia, não tinha visto Godofredo subir para a tôrre. Mas não devia ter muita.

Volta Sêca insistiu:

— Posso dar conta do desgraçado, capitão?

O chefe enxugou o suor da testa. O bando todo tinha os olhos nele.

— Não vale a pena. Deixe o pinima se exgotar.

Levou seu Hipólito pelo braço, foram os dois para a sala dos fundos.

— Estejam preparados para dar o fora a qualquer instante. Vou tratar de negócios com seu Hipólito. Podem se espalhar pela cidade, mas cinco ficam aqui me guardando.

Seu Hipólito estava branco, como a cal. Abriu o pesado cofre da prefeitura, uma montanha de ferro, remexeu nuns papéis. O Chefe preveniu-o:

— Preciso sòmente de cinco contos, seu Hipólito. Deixou um recibo.

O prefeito fêz um gesto indeciso diante do cofre, soltou os papéis:

— Acho que não tem tanto, capitão...

— Tem que ter, intendente. Senão a gente é obrigada a inteirar no comércio.

As balas de Godofredo, como no fim de uma revolta, rebentavam em intervalos longos. O chefe olhou a tôrre da igreja pela janela aberta, ao lado:

— Aquele camarada é doido?

Seu Hipólito voltou-se: dentro do cofre era uma confusão de papéis coloridos, vidros de tinta, livros pesados e negros, um crucifixo de metal no fundo.

— Godofredo sempre foi valente. E' aleijado.

— Que é que êle faz aqui? E' praça?

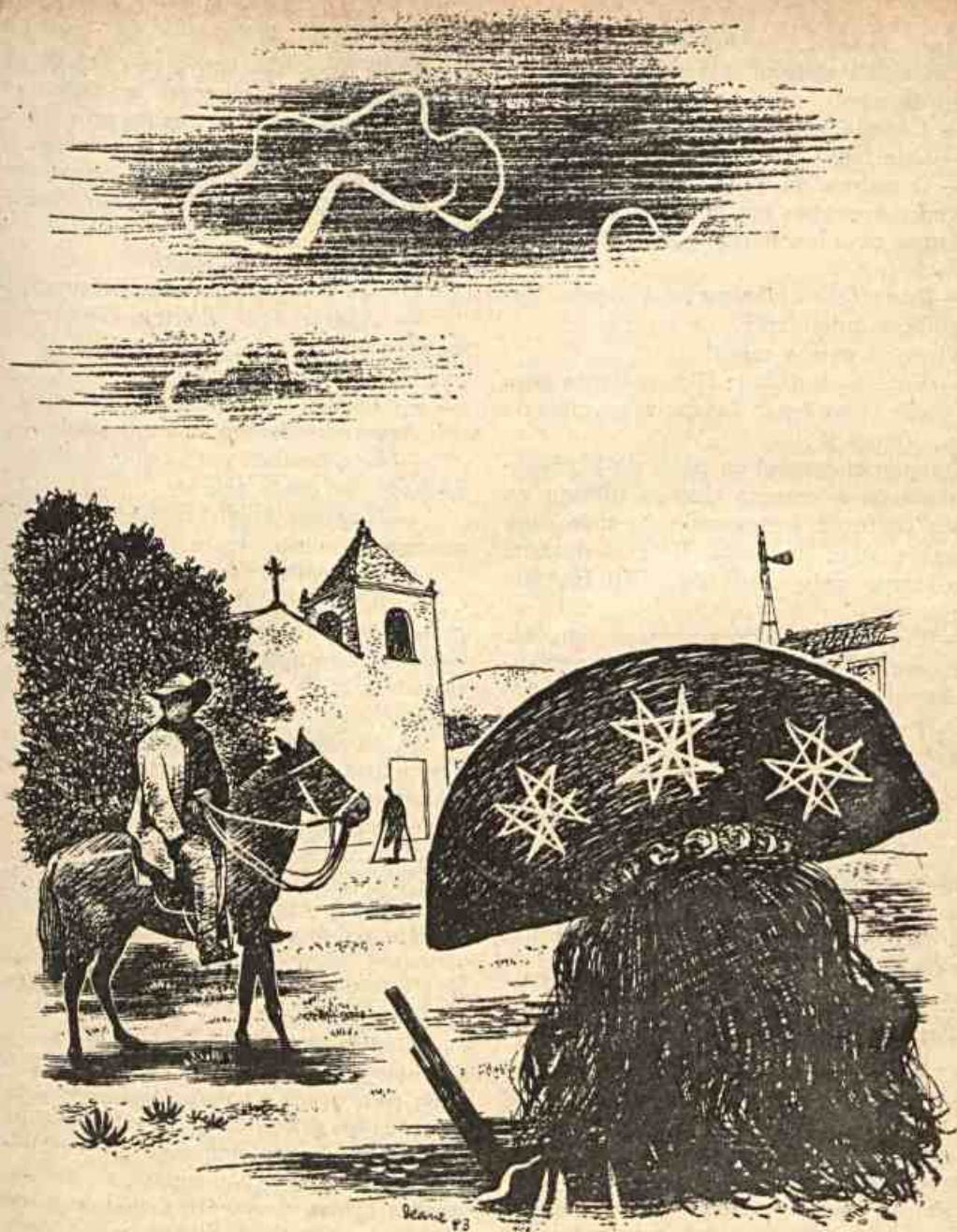
— Trabalha de advogado, mas nunca se formou. Aprendeu por êle mesmo, fala muito bem.

De repente o vidro da claraboia, lá em cima, estalou num barulho de guiso .Os estilhaços caíram sôbre a cabeça do chefe e sôbre o cofre. O bandido deu um salto para o lado, tirou o revólver, escondeu-se atrás da janela semi-aberta.

— Vou ver se acerto daqui.

Seu Hipólito estava sem ação. O capitão demorou na pontaria, atirou. Na tôrre, o vulto de Godofredo, rápido, abaixou-se. A resposta veio depois: a bala entrou pela janela, encrustou-se no cofre, no lugar da fechadura. O chefe caiu de bruços.

— Miserável!

Seu Hipólito, uma raiva cega contra Godofredo — "Êle só faz é complicar a situação" —, ficou olhando para o bandido estirado

no chão. O capitão levantou-se, as medalhas tilintaram.

— Vamos logo acabar nosso negócio, intendente. Aquele desgraçado acaba fazendo uma besteira.

Seu Hipólito remexeu no cofre novamente, durante alguns segundos. Demorava, como se esperasse qualquer salvação. Voltou com um maço de notas na mão.

— Aqui só tem três, capitão. Tenho que passar lá em casa para inteirar do meu.

O chefe sacudiu o dinheiro dentro do bornal de couro.

— Por que não toma no comércio, intendente?

— E' a mesma coisa, capitão. Dou do meu. Prefiro que o senhor não bula no co-

mércio. Os negócios aqui estão muito ruins por causa da sêca, o senhor sabe.

Um cabra entrou correndo na sala, o chapéu na mão.

— Capitão, com sua licença.

— Que foi?

— O maluco da igreja acertou no pé de Arvoredo. Arrancou um dedo, parece.

Rugas cavadas vieram para a testa larga do chefe.

— Êste infeliz acaba me provocando. Vamos embora, intendente.

Virou-se para o cabra:

— Você pode voltar. Diga a Bento para fazer o curativo e botar Arvoredo em cima do cavalo. Vamos já.

Quando chegaram na porta da Prefeitura, uma bala desceu da tôrre e tilintou na caldeira defronte, arrancando do chão uma pequena nuvem de areia. Depois, durante muito tempo, veio o silêncio. Seu Hipólito disse:

— Parece que Godô acabou a munição.

Passaram mais alguns minutos, e os tiros não voltaram. O prefeito perguntou:

— Posso ir buscar o resto do dinheiro, capitão?

O chefe consentiu:

— Zezinho, acompanhe o intendente. Peço a vossa senhoria para não demorar.

Mas, de súbito, Godofredo apareceu na porta da igreja, no oitão. Volta Sêca apontou a carabina. O capitão bateu com a mão na arma, disse:

— Ninguém bole com o homem.

Tirou os óculos, aprumou a vista.

— Está desarmado. Deixem êle se chegar.

Godofredo derramava o corpo sôbre as duas muletas. Estava em mangas de camisa, uma camisa listrada aberta na frente. Os cabelos eram vermelhos e soltos. Os tamancos bateram na calçada cimentada da igreja, se enterraram depois na grama e na areia. Vinha sorrindo. Mais perto, gritou:

— Pode mandar atirar, capitão. Não tenho mais bala.

Volta Sêca não tirava os olhos do chefe. Godofredo parara, acendera um cigarro, continuou. Estava cada vez mais próximo. Seu Hipólito não dizia nada, o suor alagando a testa. Os bandidos fizeram um grupo em tôrno do capitão. Godofredo parou diante do bando:

— Estou à sua disposição.

O capitão aproximou-se, estirou a mão:

— Aperte aqui, doutor. Gosto de homem valente.

Godofredo recuou:

— Prefiro não apertar, capitão.

Arvoredo chegou, manquejando:

— Êste bandido me aleijou, capitão. Deixe eu tomar conta dêle.

— Ninguém bole com o homem. Zezinho acompanhe o intendente.

Seu Hipólito saiu, no seu passo miudo e ligeiro, Zezinho atrás. Voltou minutos depois, entregou o resto do dinheiro ao chefe. Godofredo largara as muletas, sentou-se na calçada alta da Prefeitura. Fumava calado, muito tranqüilo, o olhar distante.

A cidade estava morta, as casas fechades, a rua principal deserta como um rio. Os corvos eram altíssimos, e o sol faiscava na tôrre da igreja pintada de novo. Os bandidos já estavam montados, o capitão conversava com seu Hipólito. Godofredo era como se estivesse noutro mundo. O capitão aproximou-se dêle, no seu cavalo:

— Doutor, quando eu fôr prêso quero que o senhor me defenda no tribunal. Diz que o senhor fala bem.

Godofredo não respondeu. Então o chefe fêz um gesto com a mão, e saiu numa disparada pela praça. O resto do bando acompanhou-o, aos gritos. Volta Sêca atirava para o ar. Godofredo não se mexeu. Depois, quando se voltou, não viu mais ninguém: apenas uma nuvem grossa de poeira fechando a rua do Comércio. Os tiros rebentavam, agora, na estrada da Murta.

QUARENTA E OITO HORAS

CONTO DE LIA CORRÊA DUTRA

EDMUNDO reparou que a sombra já não estava tão densa. Até há pouco era grossa e compacta, uma coisa consistente, que êle poderia pegar, empurrar para trás, talvez mesmo cortar pelo meio; mas, nessa última meia hora fôra se adelgaçando, se dividindo, se recolhendo, em massas pesadas, para os cantos do aposento, para os pés da mobília. Já, perto da janela, as trevas iam ficando ralas. Que horas seriam? Edmundo acendeu a lâmpada da cabeceira, para examinar o relógio. Quinze para as cinco. Ainda. Ainda. A que horas poderia, decentemente, sem despertar suspeitas, perguntar a Adélia pelos jornais? Aliás, a que horas costumavam chegar os jornais? Não sabia. Sempre, ao acordar, depois das nove, já os encontrava dobrados, ao lado de sua xícara, na sala de jantar: tão bem dobrados, tão lisos, que ninguém diria que sua mãe já os tinha lido, da primeira à última linha — e Edmundo desconfiava que D. Mirtes não dispensava nem siquer a página dos anúncios. Talvez chegassem às sete. Que tormento, ter de esperar mais de duas horas ainda, para saber... Para saber... Não. Não queria pensar nisso. Para que se torturar, antes de ter uma certeza? Talvez nem fôsse nada. Talvez sua imaginação tivesse ampliado o caso, dando-lhe essas côres de tragédia. No entanto, quando se lembrava... Mas não queria, não havia de lembrar... Sugestionava-se: — "Quieto, quieto; tranquilo, tranquilo, tranquilo... Como se a coisa não tivesse acontecido... Como se não tivesse acontecido comigo... Só depois de saber é que posso fazer alguma coisa. Não devo, não quero, não posso pensar..." — Mas agora, depois da noite de insônia, percebia que talvez fôsse preferível ter pensado muito no caso, ter relembrado tudo, momento por momento, ter esgotado sua angústia. Quem sabe se, assim, não poderia finalmente adormecer? Dormir, nem que fôsse meia hora, nem que fôssem quinze minutos. Dormir... Dormir... Dormir... Mas não podia; não pudera dormir a noite inteira. Sem um segundo de sôno, lutando contra aquêle pensamento, contra a escuridão, contra o pressentimento de que tinha acontecido o pior, o pior, o irremediável... E aquela tentativa estúpida de sugestionar-se, aquelas palavras que, no decorrer da noite, haviam perdido tôda a significação, e que êle repetia maquinalmente, palavras esvaziadas, simples reunião de sons, lenga-lenga monótona e, por isso mesmo, calmante, como as palavras de um Padre-Nosso ou de uma Ave-Maria que se enfileiram uma às outras, no rezar sonolento de um têrço: — "Quieto, quieto; tranquilo, tranquilo, tranquilo... Como se a coisa não tivesse acontecido, como se não tivesse acontecido comigo". — Tolice. Se a coisa não tivesse acontecido — acontecido com êle — não precisaria pronunciá-las. Eram a prova mais evidente de que acontecera, e, na estúpida tentativa de rejeitá-la de sua consciência, tinha ao contrário, enfiado mais para o fundo, mais para o íntimo, a certeza do acontecimento.

Edmundo levantou-se, acendeu um cigarro, tirou uma baforada, jogou-o longe. A pequenina brasa acesa ficou brilhando um minuto no canto mais sombrio do quarto, e depois se apagou. Abriu a janela, mergulhou o rosto quente no ar fresco da madrugada. O céu estava de um azul turquesa, alto, ainda opaco, ainda contendo no bôjo tôda a luz, que não tardaria a vazar; mais distante de Edmundo do que o céu claro das horas do dia.

Sentiu frio; debaixo da fazenda fina de seu pijama, a pele se arrepiava, reagia à frescura de fora. Fechou novamente a janela, voltou à cama, e deitou-se de bruços, emborcado, com o rosto metido no travesseiro: — "Quieto, quieto... Não quero pensar. Aquilo não aconteceu... Não foi comigo". — Sossobrou de repente no sono, ali jogado na cama, na mesma posição, largado e imóvel feito um morto. Acordou de repente, como se alguém o tivesse chamado, como se tivessem gritado junto ao seu ouvido: "Edmundo!" — Num susto, com os olhos arregalados, virou-se bruscamente, sentou-se na cama, chegou a responder: "Hein?"

Já o sol tinha nascido. Não fechara os postigos de pau, e a parte superior das venezianas, envidraçada, deixava entrar a claridade. Ninguém no quarto. Edmundo esfregou o rosto, apertou os olhos com os punhos, depois afundou a cara nas mãos espalmadas. Seus dedos entreabertos subiram pela testa, enfiaram-se nos cabelos: — "Meus Deus, meu Deus..." balbuciou, com desespêro. Teve um lampêjo de esperança: — "Não houve nada... Foi um sonho... Um pesadêlo horrível... Agora acordei, e acabou..." Mas sabia que não, que não fôra um sonho, e que a realidade estava ali, fora do quarto, no jornal — e estava também dentro dêle, dentro de seu pensamento — à sua espera.

Levantou-se, foi ao banheiro. Enfiou a cabeça, e, logo a seguir, todo o corpo, debaixo do chuveiro. Tiritava sob a ducha. — "Que água fria..." Não era a água, porém, que o fazia tremer assim. Era a ansiedade, era o medo terrível que lhe comprimia o coração.

Vestido, penteado, olhou-se ao espêlho. Estava abatido, com as pálpebras pisadas, os olhos vermelhos e um pouco inchados. D. Mirtes, de certo, iria reparar; nada escapava ao olhar da velha, tão agudo atrás dos vidros de seus óculos. Impacientou-se, como se impacientaria, fatalmente, ao ouvir a observação da mãe, como o impacientavam, sempre, seus cuidados excessivos, e o seu domínio sôbre êle, o conhecimento de tôdas as suas rea-

ções, de suas fraquezas, de seus defeitos, e até mesmo de muitos de seus pensamentos mais secretos.

Eram sete horas da manhã. Estaria a mãe levantada? Saiu do quarto sem fazer barulho, pisando nas pontas dos pés, mas não conseguiu enganar o ouvido fino de D. Mirtes. Parecia que, com a idade, ao contrário do que acontece às outras pessoas, os sentidos de D. Mirtes se iam apurando, chegando à perfeição. Os sentidos e a sensibilidade; principalmente no que tocava o filho. Sabia quando Edmundo tinha mudado de loção: — "Que perfume novo é êsse seu, meu filho?" — Sabia quando êle estava cansado, quando os negócios não iam bem, quando se sentia triste, mal humorado, desanimado, embora Edmundo tudo fizesse para aparentar bem-estar, alegria, indiferença ou coragem, e lograsse iludir todos os demais — mesmo Jurema. Vigilante, vivia curvada sôbre o filho, interpretando seus gestos, adivinhando suas intenções. E aquela atitude da mãe irritava-o, fazia-o conhecer momentos de ódio frio e momentos de triunfo cruel — quando, por acaso, conseguia enganá-la.

— "Já está de pé, Edmundo?" — perguntou a velha quando Edmundo passou diante da porta fechada de seu quarto, pisando leve, sem o menor rumor. — "E' impossível — pensou Edmundo com raiva — é impossível que ela tenha ouvido. Estava me espionando; já sabe de tudo: que eu não dormi, que passei a noite numa angústia horrível; sabe a que horas abri minha janela, acendi meu cigarro; só não sabe o que aconteceu; e isto — pensou, vingativo — não saberá nunca, não há de saber". — Como não respondesse, a velha repetiu o chamado: "E' você, Edmundo? Porque se levantou tão cedo?" — "Estava sem sôno" — respondeu, e desceu as escadas.

A criada estava abrindo as janelas da sala. Olhou-o espantada.

— "Já chegaram os jornais, Adélia?"

— "Ainda não, seu doutor".

Acendeu um cigarro e foi para o jardim, esperar o jornaleiro. Lá fora, a manhã habitual, bondes cheios passando, ônibus lotados, mulheres carregando sacos de compras. Edmundo, com sua angústia, olhava para a rua tranquila, para as pessoas atarefadas e indiferentes que desfilavam; não via nas coisas nem na gente a menor solidariedade para com seu sofrimento, e, durante um segundo, desceu vertiginosamente até o fundo de sua solidão. Murmurou: — "Como se é sòzinho! Como a gente é sòzinha!" — Agora, à sua ansiedade pelos jornais, misturava-se o desejo de ler a notícia antes da chegada de sua mãe, que devia estar lá em cima, à pressa, lavando-se, vestindo-se, correndo para descer logo, e ir surpreendê-lo. — "De tocáia, de tocáia". Mas a voz do jornaleiro desviou-lhe o pensamento. Correu para o portão, ficou à espera. Irritou-se com a calma do italiano, parando para conversar com uma preta, demorando-se alguns minutos, logo adiante, no portão do vizinho. Finalmente, aproximou-se: — "O giornale, dotôre?" e estendeu-lhe a fôlha, querendo detê-lo, pretextar uma conversa, começando a falar-lhe da beleza da manhã. Edmundo deu-lhe as costas, levou o jornal para os fundos do terreno, abriu-o com mãos trêmulas, ávido. Nada... Seria possível? Não tinham descoberto ainda? Ou nada de grave acontecera ao homem, simples susto, do outro e dêle... Não. Ficou muito pálido, as pernas amoleceram. Ali estava a notícia. Cinco linhas, numa beirada de página: — Atropelamento — Foi atropelado, ontem, na rua Gomes, na estação do Rocha, por um automóvel particular, preto, cujo número não foi possível registar, um desconhecido, de côr branca, de quarenta anos presumíveis, modestamente vestido. Socorrido por populares, a vítima logo a seguir falecia, antes mesmo da chegada da ambulância. Sua identidade não foi estabelecida, pois em seus bolsos só havia a quantia de oito cruzeiros e o retrato de uma criança."

Mais nada.

Edmundo estava lívido. Assim, o homem tinha morrido: Tivera êsse pressentimento, desde a véspera, desde o momento em que seu automóvel o colhera.

E a cena se reconstituiu em sua memória. Vinha da casa de Jurema, longe, no subúrbio em que a escondera, como se, com a distância entre as duas, conseguisse fazer com que D. Mirtes lhe esquecesse a existência e Jurema sentisse menos ciúme da velha. A tarde começava bem: Jurema terna, amorosa, e tão bonita no roupão novo de setim azul. Depois — cena costumeira — tinham brigado. A moça irritara-o, rindo-se dêle, de seu apêgo pela velha, de sua incapacidade de sair de casa, deixar a mãe e ir viver com ela: — "Você não gosta de mim, Edmundo, não gosta... E que ridículo, um homenzarrão dêsse tamanho, um homem de quarenta anos, prêso às saias de Mamãe... Mamãe para cá, Mamãe para lá... Até dá nojo, Edmundo; nojo, nojo, nojo... Juro, Edmundo, às vêzes é isso o que sinto de você: nojo, nojo, nojo, e nojo de mim também, por continuar a seu lado, por aguentar a tôda hora: "Mamãe... Mamãe disse... Não posso abandonar Mamãe... Coitadinha de Mamãe! Não posso passar a noite fora de casa, Mamãe fica esperando, Mamãe morre de susto se eu não aparecer." Porque é que ela não morre de uma vez, Edmundo? Porque é que essa velha não morre? Que morra, Edmundo, que morra, talvez assim você deixe de ser um menino velho, um meninão de quarenta anos, talvez você vire homem se ela morrer."

A cena atrasara-o. Fôra rude, sacudira brutalmente Jurema pelos pulsos, jogara-a em cima da cama, ameaçara partir para nunca mais voltar. Ela, então, caíra numa crise histérica de chôro, e, arrependido, Edmundo sentara-se a seu lado na cama, acariciando-lhe o rosto molhado. Tinham feito as pazes, e ela já ria, com os olhos ainda muito lustrosos de lágrimas, o rosto úmido, naquêle riso trêmulo, com um soluço no fundo, de quem mal acabou de chorar. Passara-lhe os braços pelo pescoço, encostara a cabeça em seu ombro... e surpreendera-o consultando, disfarçadamente, o relógio. Quase sete horas... Iria chegar atrasado... Nova cena com D. Mirtes. Não era o que a mãe pudesse dizer que o preocupava, era o temor de que ela adivinhasse sua tarde com Jurema, que, mais uma vez, pudesse ler dentro dêle, apossar-se de seus pensamentos mais íntimos, restaurar todos os minutos de seu dia, absorvê-lo pouco a pouco, como uma cobra que engole a prêsa. Jurema em-

purrou-o com fúria: — "Vai de uma vez, Edmundo... Vai... Seu pensamento não está mais aqui... "Mamãe" pode zangar-se... Vai, Edmundo..." — E, gritando, empurrou-o para fora: — "Vai, vai de uma vez... E não volte mais, ouviu? Não volte nunca mais... Não quero nunca mais ver essa cara... Vai, vai, vai de uma vez, idiota!"

Edmundo partira a tôda a velocidade de seu carro. Tão longe ainda de casa! E dirigia, com o pensamento afastado do que ia fazendo, doido, repuxado entre aquelas duas mulheres que o disputavam. Não tinha reparado no homem que atravessava a rua. Ouviu-lhe o grito de espanto, de repente, viu-o, durante um curto instante, dansar diante do carro, em avanços e recuos, em passinhos desencontrados de bailarino grotesco, depois crescer diante dêle, como se não fôsse o carro, desgovernado, que avançasse para o homem, mas o homem que investisse contra o carro — enorme, gigantesco, descomunal. No feixe de luz dos faróis, viralhe o rosto deformado pelo pavor, a boca aberta para o grito que o choque cortara pelo meio, no momento exato em que o automóvel o pegava, o suspendia e jogava longe, desmantelado, feito um judas de pano. Edmundo tinha gritado ao mesmo tempo que o homem, e perdido completamente a cabeça. Poderia ter freiado — percebera depois — e evitado o desastre. E, no entanto... havia ainda o resto. Numa crise de nervos, vendo o homem caído, dera uma absurda guinada na direção, e o carro, novamente, fôra sôbre o desconhecido, tombado no chão, e passara, em cheio, com as duas rodas de esquerda, pelo seu corpo inerte. Sentira aquela resistência macia em baixo das rodas — o corpo do homem, sua carne que cedia — e os dois pequenos solavancos sucessivos do carro. Agora, analisando suas impressões daquêle momento, Edmundo compreendia que agira como se houvesse duas pessoas dentro dêle: uma muito lógica, fria, calculadora, que apagara imediatamente a luz do carro, protegendo-lhe o número da licença, e lhe acelerara a velocidade: — "Fugir, fugir, evitar o flagrante" — e outra, alheia à sua vontade, que se lembrara inesperadamente, no momento em que as rodas atravessavam o homem, do sapo de sua infância. Vinha correndo pelo quintal, à noitinha, e seus sapatões de colegial tinham primeiro chutado, depois esmagado um sapo. Não fizera de propósito... Ou tinha feito? Disso não conseguia lembrar-se. Lembrava-se da sensação de asco, quando pisara o bicho e sentira, sob sua sola, o corpo molengo resistir, depois encolher-se, estourar com um ruído frouxo, um estalo surdo e borbulhante. Olhara, pálido, e vira o sapo achatado no chão, a boca escorrendo baba, a barriga sanguinolenta. Espremera-lhe a vida do corpo, com a sola de seu sapato, como, com as rodas do carro, tinha feito ao desconhecido. Espremera-lhes a vida do corpo...

Na fuga, ainda olhara para trás, e vira o homem no chão, raso, murcho, braços e pernas abertas, igual ao sapo de sua infância, e, correndo para o atropelado, um sujeito de pijama, um garoto numa bicicleta, e uma negra soltando gritos. O sujeito de pijama investiu contra o carro, berrando qualquer coisa. Edmundo não poderia ter ouvido, mas estava certo de que o sujeito ordenara: — "Pára, miserável, pára!" — Dera tôda a velocidade ao automóvel. Ingênuo, o garoto tentara segui-lo na bicicleta, mas logo ficara para trás, muito longe. Edmundo dobrou a primeira esquina, dobrou novamente, e foi desembocar na rua principal onde se confundiu, já então em marcha moderada e lanternas acesas, com os outros veículos.

Suas mãos tremiam no volante. Viu-se no espelho do carro, lívido, os lábios porejados de suor, a pele repuxada. Devia ter parado, acudido ao homem. Se o levantasse do chão, se o levasse a um hospital, poderia sem dúvida salvá-lo. Sim... Mas seria prêso, Jurema saberia, D. Mirtes saberia. Iriam torturar-se. Havia Jurema, e havia D. Mirtes... E o homem? Havia também o homem, que vinha seguindo o seu caminho, que ia para casa, depois de um dia inteiro de trabalho, que tinha talvez mulher e filhos, uma outra Jurema, uma outra D. Mirtes à sua espera... havia o homem... E havia êle, Edmundo, que não o atropelara de propósito, que era, afinal, uma vítima das circunstâncias.

Não tivera coragem de jantar em casa. Telefonara para a mãe, inventando uma desculpa — o convite de um colega... Que colega? Ela não o conhecia... José... José Peixoto... Da Politécnica... — Sòzinho, fôra a um cinema, tendo sempre, entre os olhos e a tela, o rosto espavorido do homem, seu corpo esparramado no chão. Só muito tarde, depois de ter vagado sem rumo, primeiro a pé, depois no carro, pelas ruas vazias da cidade, é que tinha chegado em casa. De seu quarto, D. Mirtes censurara: — "Tão tarde, meu filho..."

E agora, depois da noite terrível, da interminável noite de insônia, ali estava, com os jornais na mão, e a confirmação da desgraça pressentida.

Da sala, D. Mirtes o chamou: — "O café, Edmundo". — Molhou o rosto na água do tanque, enxugou-o no lenço, dobrou o jornal cuidadosamente. Entrou. Já sentada, a mãe tinha o rosto baixo sôbre a xícara, que ia enchendo vagarosamente, segurando o bule na mão firme. Edmundo beijou-lhe os cabelos, sentou-se. Então, bruscamente, a velha ergueu a cabeça, olhou fixa para êle. Os olhos pequeninos, pardacentos, muito agudos, examinavam Edmundo. Dominou-se, não disse nada, serviu-o como de costume, e principiou a comer em silêncio. De repente, não se conteve mais, e perguntou: — "Que foi que aconteceu?" — "Nada, Mamãe. Que é que a senhora queria que acontecesse? Que mania..." — respondeu Edmundo, com mau modo. A velha encolheu-se um pouco, depois continuou: — "Não quer dizer, não diga. Nem para isso sirvo mais; você não me conta as coisas... Mas não precisa ser tão grosseiro". — "Ora, Mamãe!" — D. Mirtes sentiu-lhe a impaciência, e, cautelosa, não insistiu. Bebeu mais uns goles do café, e começou a resmungar: — "Você está abatido, Edmundo... Não dormiu... Ouvi você andando de noite... Deitou tarde; é isso... Você não tem mais idade nem nunca teve saúde para essas coisas, essas noitadas. Vai ver que comeu comidas pesadas nesses restaurantes... E bebeu... E Deus sabe o que fez mais! Com o tal amigo..." — E, resoluta, em voz mais alta: — "Você não tem mais idade para essas coisas não, meu filho. Já devia ter desistido de farras, já está em tempo de assentar essa cabeça..." — Edmundo empurrou a xícara, levantou-se da mesa, irritado, jogando a

cadeira, e subiu para o quarto: — "Esta casa é um inferno!..."

Trancou a porta por dentro. Que necessidade repentina de Jurema, de seus carinhos, de sua mão macia e morna passando pelo seu rosto... Era sempre assim; junto da outra, também, lembrava-se de repente da mãe, tinha desejo de sua companhia. Jurema... Jurema... Mas logo seu pensamento voltou ao homem da véspera. Tinha matado um homem. Matara um homem. Um homem que não odiava, que nada lhe fizera, que nem conhecia. Um homem a quem tinha dado a morte, a quem espremera a vida do corpo, e de quem não sabia o nome, a residência, a profissão... "Um desconhecido, um homem branco, de quarenta anos presumíveis, de identidade ignorada, que só tinha, no bolso, alguns níqueis e um retrato de criança..." Como uma pancada na nuca, como um choque elétrico, aquêle final de fase, em que não se detivera até aquêle momento, atordoou Edmundo, percorreu-lhe a espinha, fê-lo estremecer todo: "um retrato de criança". Uma criança, um filho, uma criança que ficava órfã... "Oh, Meu Deus..." murmurou Edmundo, apertando as têmporas entre os dedos. "Oh, meu Deus..."

O homem tinha a sua idade. Quarenta anos presumíveis. Tinham sido meninos na mesma época. Enquanto êle, Edmundo, brincava na calçada de sua rua, em Laranjeiras, o outro, nos terrenos baldios de seu subúrbio, jogava o "pique", o "tempo será", pulava a "amarelinha", lançava para o ar "as três Marias", rodava arco, com um ferro de barrica, conhecia tôdas as brincadeiras daquêle tempo, perdidas agora para as crianças desta geração. Tinham sido meninos ao mesmo tempo, talvez, na mesma cidade... Isso, para Edmundo, criava como uma espécie de laço entre ambos. E tinham crescido, para que um matasse o outro, sem razão alguma, por um estúpido descuido, por uma imprudência infeliz.

Vestido mesmo, Edmundo jogou-se na cama desarrumada, rebolou entre as cobertas, afundou o rosto nos travesseiros: — "Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh meu Deus" — dizia êle, e a repetição da frase, murmurada baixinho, teve um efeito calmante. Serenou, ficou imóvel, quieto; e, dentro em pouco, lembrava-se da hora. Nove e meia. Hora de sair para o trabalho; daqui até que o "gasogênio" esquentasse, que estivesse pronto para partir, seriam dez horas quase. Era só o tempo de atravessar a distância até a cidade, de entrar no escritório. Nunca chegava atrasado; estava no seu temperamento essa dedicação às coisas pequenas, êsse amor pelo método, pela exatidão. Levantou-se, escovou a roupa, desceu. D. Mirtes, na sala, lia os jornais. Tinha o seu ar distante, ofendido, que, dava a Edmundo, desde pequeno, uma insuportável sensação de mal-estar, de culpabilidade. Como se não tivesse mais com que se aborrecer... Fingiu não reparar na expressão da mãe, beijou-a e saiu.

O dia inteiro, no escritório, trancado em sua sala — pretextara um trabalho urgente, uma planta que começara a traçar — debateu-se contra a lembrança da cena da véspera. À tarde, mandou comprar os vespertinos. E lá estava, de novo, a notícia, — algumas linhas ainda, como de manhã — porém mais completa. Edmundo espantou-se de que um desastre como aquêle, a morte de um homem — a morte do homem que êle matara — não valesse mais do que aquelas notas rápidas, indiferentes, perdidas entre o noticiário social e anúncios de medicamentos. Leu novamente: — "Ontem pouco depois das sete horas, foi colhido por um automóvel particular, de número ignorado, na rua Gomes, o operário João Custódio Silveira, serralheiro, branco, de quarenta e três anos de idade, casado, morador à rua Albina n.º 37, na estação de Mangueira. O morto, que foi identificado por um dos serventes do Instituto Médico Legal, seu compadre, deixa viuva e uma filha de dez anos. Será enterrado hoje, às quatro horas da tarde, às expensas de sua família".

João Custódio Silveira. Com um nome, o morto parecia ter adquirido realidade maior. Era impossível pensar nêle como no "desconhecido", no morto anônimo, na vítima acidental de seu carro, no sapo de sua infância. João Custódio Silveira, serralheiro, morador na rua Albina n.º 37, em Mangueira, um operário que tinha deixado viuva e órfão. Nome, residência, profissão, família. Alguém que na véspera existia, e hoje não vivia mais. Um indivíduo, com laços, registo civil, deveres, direitos, obrigações... Um homem... Um lugar na mesa, em frente à família, um lugar na cama junto à mulher, uma tarefa começada na oficina, um chapéu pendurado no cabide, um casaco nas costas de uma cadeira, um par de chinelos velhos perto da cabeceira, um guarda-chuva de algodão pingando água atrás da porta; dedos amarelecidos pelo cigarro, uma voz chamando, pedindo, prometendo, negando, mentindo, ordenando, e até mesmo cantando às vêzes; risos, discussões, barulho de passos, cumprimentos aos vizinhos, passeios de domingos, um pigarro, beijos nuns cabelos de criança, uma presença dentro de casa. Retrato de 1.ª comunhão, retrato do dia do casamento, retrato da caderneta de reservista e da carteira profissional. Um homem. Um homem como os outros, mas diferente dos outros, porque era um homem chamado João Custódio Silveira, morador na rua Albina, e não havia outro homem, com êsse nome, residindo nêsse enderêço. Como se o nome o tornasse agora, já enterrado, mais vivo do que quando, na véspera, saltitava aflito diante do carro; como se o nome lhe dêsse um rosto.

Edmundo viu a hora. Três e vinte. O entêrro seria às quatro. Movido por um impulso a que não soube resistir, levantou-se e saiu do escritório: — "Não volto hoje" — disse ao empregado e desceu o elevador. "Não vou no carro — pensou — pode chamar a atenção", e, metendo-se num taxi, deu o enderêço. Na esquina da rua Albina — uma rua estreita, sem calçamento, rua de casas pobres, que ia perder-se no mato — apeou, despediu o chauffeur, e aproximou-se da casa. Uma casinha muito velha, de paredes esburacadas — porta e janela — Lá dentro, o brilho das velas, barulho de chôro e gritos de mulher. Diante da porta, o carro de entêrro, de última classe. Frio, suando, Edmundo afastou-se um pouco, atravessou a rua, entrou no botequim. Pediu uma cerveja, e, de sua mesa, observou a casa em frente. O caixão estava colocado diante da janela; Edmundo viu os dois pés do morto, abertos em V, muito duros, calçados em

sapatos novos de verniz. O caixeiro do botequim, mulato sujo e desdentado, veiu puxar conversa, falou-lhe no atropelamento, e Edmundo lhe disse que entrara ali, com sêde, pois estivera muito tempo ao sol, medindo uns terrenos para comprar. "Agora o sr. espera um pouco, e vê o enterro sair. E' coisa que eu gosto de vêr, saida de enterro." — espanou a mesa, enxotando a smôscas com o guardanapo, e arriscou a frase filosófica, de circunstância: — "Qual, a gente mesmo não vale nada. Êsse homem aí, ontem estava forte e sadio, e dáqui a pouco está metido dentro da terra..."

Pouco depois das quatro, o entêrro saia. O caixão pobre, carregado a mão, depois içado, com dificuldade, no carro; duas coroas pequenas; atrás, em três carros de praça, empilharam-se algumas pessoas: a viuva chorando, com o rosto enfiado no lenço, algumas crianças, mulheres, meia dúzia de operários endomingados. Vizinhos, que não acompanhariam o entêrro, voltaram para suas casas, e ficaram nos portões, debruçados, espiando. Das crianças do carro, uma era loura; Edmundo teve o pressentimento de que era a filha do morto. Muito loura, de cabelos finos, longos, ondulados; não lhe via o rosto, só os cabelos esvoaçando, entre as cabeleiras escuras das outras meninas. O cortêjo afastou-se, vagarosamente. Edmundo pagou a bebida e foi embora.

Tomou um ônibus, tencionando visitar Jurema. Mas, no caminho, recordando o entêrro, a mulher em prantos, os cabelos da criança esvoaçando, sentiu-se tomado de uma tremenda sensação de culpa, e desembarcou. Não poderia beijar Jurema enquanto não se redimisse, pela expiação, pelo pagamento de sua dívida à viuva e à filhinha de João Custódio. Devia, de qualquer forma, compensá-las. Como o faria? Pagando-lhes aninimamente o aluguel, enviando-lhes uma pensão? Isso não lhe pareceu suficiente. Ocorreu-lhe de repente a idéia de adotar a menina. Era isso. Adotaria a menina, pagar-lhe-ia um colégio bom, o melhor colégio da cidade, dar-lhe-ia um confôrto que nunca o próprio pai lhe proporcionaria. Deteve-se com alívio naquêle projeto. Adotaria a criança. Seria bom ver uma criança correndo no jardim das Laranjeiras, seria bom conhecer o carinho de uma criança, repousar junto dela do amor desregrado e ciumento das duas mulheres que o disputavam.

Foi tarde para casa, deitou-se, e dentro em pouco adormeceu.

No dia seguinte, ao acordar, depois de uma noite inquieta, cheia de pesadelos, mergulhou de cabeça no seu drama. "Matei um homem" — disse em voz alta. — "Matei um homem — repetiu — um serralheiro chamado João Custódio Silveira". E, como na véspera, murmurou muitas vêzes seguidas, até esgotar seu desespêro: — "Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus..."

Não pôde suportar a idéia de olhar para D. Mirtes, de perceber-lhe a expressão astuciosa com que o examinava, sorrateiramente, adivinhando-lhe os pensamentos. Saiu de casa antes das sete, deixando o recado com a criadinha espantada: — "Diz a Mamãe que não me espere... Preciso sair para fiscalizar umas obras."

Quando deu por si, já seu carro estava próximo da rua Albina. Feia rua de subúrbio, com mulheres rôtas estendendo roupa, crianças sujas brincando em tôda parte. Passou devagarinho pelo número 37. E, encostada ao portão, viu uma menina, não a lourinha da véspera, mas uma garota magricela, de cara chata e pálida, nariz largo, beiços grossos e tristes, uma fitinha preta, enxovalhada, nos cabelos duros de mestiça. Parou o carro, olhou para a menina: — "Ouça aqui, minha filha, onde vai dar esta rua?" — A menina fitava-o séria, em silêncio, com a cabeça inclinada sôbre um ombro. Repetiu a pergunta. A menina abriu o portão, saiu de casa, aproximou-se do automóvel. Em pé, junto a êle, continuava a contemplá-lo; disse, afinal, que a rua desembocava no mato. — "O senhor tem que voltar pelo mesmo lado por onde veiu. Não dá saida para carro não. Tem muito buraco". — "Como é que você sabe? Mora aqui?" — A garota estendeu a mão, apontou para o número 37. — "Moro nessa casa desde que nasci". — E logo, informativa, acrescentou muito grave: — "Meu pai morreu ontem. Atropelado. Eu fui no entêrro".

As mãos de Edmundo tremeram no volante. Abaixou o rosto, depois olhou novamente para a menina. Tão feia, diferente da garota loura que vira na véspera. Teve a vontade absurda de perguntar quem era a outra, a lourinha, mas se conteve. Levantou a mão, acariciou os cabelos da menina. Espessos, sêcos, mal tratados. — "Como é o seu nome?" — "Sebastiana". — Reparava bem nela; os maxilares superiores salientes, mongolóides, os olhos repuxados, a boca muito grande, o nariz chato; ombros estreitos, joelhos grossos de raquítica, pés esparramados, sem arco. O pai era branco; tinha-o visto, e o jornal dera a informação; na sua perturbação da véspera, não reparara na viuva. Devia ser mulata escura. A menina tão feia, e com um nome tão feio: "Sebastiana". Já se via levando a menina para casa, e D. Mirtes, escandalizada: — "Que loucura é essa, Edmundo? Para que vai tomar conta dessa mulatinha?" — E Jurema, quando soubesse, faria uma cena, diria que a menina era sua filha natural, havida de alguma negra. Edmundo sorriu um pouco, seguindo seus pensamentos, enquanto alisava os cabelos da menina. A garota abaixava a cabeça, como um bicho acariciado, e recebia passivamente a festa de Edmundo. Depois levantou o rosto, e sorriu-lhe com timidez. Tinha os dentes fronteiros cariados. A mancha amarela e feia se metera entre êles, abrindo uma pequena meia lua de cada lado. Era meigo e bom o sorriso da garota; mas havia aquela cárie já grande nos dentes da frente. Edmundo tirou a mão, deu saída ao carro: — "Obrigado, Sebastiana". Fez a volta, parou novamente com o motor trabalhando. E a pequena, como se sentisse na obrigação de dizer alguma coisa ao moço que a agradara, em despedida chegou pertinho do paralama, pôs em Edmundo os olhos sérios, e pensou um pouquinho, procurando a frase certa. Afinal, não encontrando nada de mais atual, de mais presente dentro dela, repetiu baixinho, com os olhos descidos, olhando para o chão, para os pés descalços: — "Meu pai morreu ontem..."

Edmundo arrancou bruscamente. Da esquina, ainda viu a garota, imóvel na calçada, contemplando a ponta dos pés.

Voltou ao escritório. Não, não poderia adotar aquela menina. Ninguém compreenderia o seu gesto. Se fôsse bonita, loura como a outra pequena... No entanto, fôra o pai dessa e não da outra que matára na véspera. Aquela é que ficara órfã por sua culpa, aquela mesma, Sebastiana Silveira, magricela, escura, de cabelos duros e dentes cariados.

Haveria outro meio de ampará-la. Mandaria dez mil cruzeiros para a mãe. Dez mil cruzeiros pela vida de um homem não seriam de certo quantia compensadora, porém se a mulher tivesse juízo, poderia empregá-los, começar um negócio ou comprar a casinha em que morava ou outra casinhola nos subúrbios. De vez em quando, mandaria algum dinheiro para ajudá-las a viver. Essa gente vive de pouco. A mulher era moça ainda; poderia trabalhar. Por que não? Outras mulheres trabalhavam. E até a menina... Era pequena. Mas numa casa particular; sempre há quem queira dessas meninas, para servicinhos leves, para brincar com as crianças... Que idéia, a sua, de adotar a menina, botá-la no colégio mais caro do Rio! Faria dela uma desenraizada, uma evadida de sua classe, uma intrusa na classe superior; sujeitá-la-ia a humilhações. Agora, que estava mais calmo, que caía em si, é que estava vendo melhor as coisas. Matara o homem, não havia dúvida. Mas tinha feito de propósito? Não tinha. Era uma vítima como o outro — duas vítimas do mesmo acaso estúpido, do mesmo descuido de um momento. Até um assassino frio, intencional, conseguia muitas vêzes absolvição; só êle, então, é que teria de pagar, durante anos e anos, a falta de uma freiada, uma guinada brusca na direção?

O dia inteiro, no escritório, no restaurante onde fôra almoçar, nas ruas por onde passava, remexia essas idéias na cabeça. A sensação de culpa ia se dissipando aos poucos; tornava ao seu equilíbrio.

No escritório, trabalhou quase com a mesma serenidade anterior; terminou a planta começada, conferiu umas contas, assinou uns papéis. No intervalo das ocupações, tornava a pensar na menina. Coitadinha da menina. Devia fazer qualquer coisa por ela. Se o ano tivesse corrido melhor — mas não fôra um ano bom; não tivera o lucro esperado com a construção do prédio de apartamentos na Tijuca, e perdera a concorrência para as reformas da Prefeitura; afinal, bem feitas as contas, um ano fraco — mandaria para a viuva e a órfã dez mil cruzeiros. Mas êsse dinheiro — que pouco serviria às duas (que iriam fazer com dez mil cruzeiros!) — lhe faria muita falta. Que casa poderiam comprar com essa quantia? Já se fôra o tempo em que uma casinha no subúrbio era acessível até à bolsa de um operário. Sim, êsse dinheiro lhe faria falta. Jurema sempre exigente, querendo vestidos, chapéus e joias, e D. Mirtes gastadeira, deixando as empregadas cortarem à larga, com a casa sempre cheia de visitas. Não; dez mil cruzeiros não. A mulher nunca tinha visto, na certa, tanto dinheiro, e daria para fazer tolices, pensando que nunca mais se acabasse. Cinco mil bastariam. Seriam uma reserva para o primeiro ano, até aparecer emprêgo. Cinco mil cruzeiros. Nem mais nem menos um centavo.

E não iria a mulher desconfiar que aquela quantia era o preço da vida de seu marido? Talvez nem quizesse aceitar o dinheiro. E se fizesse investigações, e descobrisse que Edmundo fôra o doador? Poderia ameaçá-lo com chantages, quando não com a polícia.

Mas, afinal, precisava fazer qualquer coisa, tranquilizar a consciência... Dois mil cruzeiros, mil que fôssem, algum dinheirinho para os primeiros meses. Deviam estar endividadas. O entêrro... o luto... O aluguel e a comida...

O empregado entrou, com outras contas para Edmundo examinar. Espantou-se com os novos preços do material. Como tudo ia subindo! O cimento, a madeira, o ferro... Somou tudo várias vêzes; não podia acreditar que atingisse aquêle resultado maluco. No entanto, as contas estavam certas.

Ficou de mau humor. E ainda pensando em mandar tanto dinheiro àquelas desconhecidas!...

Às quatro horas, lembrou-se de Jurema. Há dois dias que não estava com ela. Resolveu visitá-la. Antes de sair, porém, teve uma visão rápida da cena do atropelamento, o homem esborrachado no chão, como o sapo de sua infância, e, encadeada a êsse pensamento, a recordação da menina feia, com seus dentinhos cariados. Não podia deixar de fazer alguma coisa pela criança... Alguma coisa...

Sentou-se novamente à escrivaninha, tomou um envelope grande na gaveta, escreveu o endereço em letras de imprensa: — "Sebastiana Silveira — Rua Albina, 37 — Mangueira — Distrito Federal". — Foi ao cofre, abriu-o, e teve um gesto de mau humor. Esquecera de que, dois dias antes, mandara recolher o dinheiro ao banco. Vazio. Teria de sacar, esperar o dia seguinte — o banco estava fechado, àquela hora — preencher uma série de formalidades cacetes. Voltou à cadeira, pensou um momento, indeciso; então, numa resolução brusca, meteu a mão no bolso, tirou a carteira, examinou-lhe o conteúdo, tomou uma nota de quinhentos, acariciou-a entre os dedos, deixou-a de lado, escolheu no maço de duzentos, desistiu, pegou uma nota de cem cruzeiros, e, num gesto rápido, quase sem olhar, meteu-a no envelope, passou a língua para umedecer a cola, fechou-o, secando-o depois com o mata-borrão. Chamou o menino do escritório: — "Matoso, me põe esta carta no correio, Registada".

Saiu, tomou o automóvel, foi para casa de Jurema, onde fizeram as pazes e passaram uma tarde esplêndida.

Eram sete e um quarto quando entrou em casa. Deu um beijo em D. Mirtes, desculpou-se do atraso: — "Muito trabalho, Mamãe... E dificuldades de trânsito. Pode mandar tirar o jantar, que eu desço já. E' só o tempo de mudar os sapatos."

D. Mirtes olhava para êle, enquanto subia as escadas apressado. Ia mudar de sapatos... passaria a noite em casa. Os olhos da velha serenaram, sua expressão inquieta tornou-se plácida e satisfeita. Era o seu Edmundo de todos os dias aquêle que subiu as escadas naquêle momento. Fôsse o que fosse que lhe acontecera, a crise estava vencida. Deviam ser artes daquela mulher, daquela

A VISITA

DALCIDIO JURANDYR

D. Ermelinda, calada. A doente falinda — "aquilo" foi apenas o pretexto para a revelação dêsse ódio. Antes a tivesse espancado, contado ao marido. Seria por ciúme do tio, "o cunhado Leopoldo", como a mãe chamava?

A mãe era orgulhosa de um passado de que as próprias filhas não tinham bem noção. Mantinha-se sempre fechada. viu-a uma vez queimar velhos papéis no fundo do quintal, outra vez sorrindo, com um ar estático, e qualquer coisa na mão. Falava pouco, sêca de carinho. As duas filhas mais velhas mereciam dela mais pena do que simpatia. Pouco falava no marido, um marítimo, morto em viagem. Era pobre, com uma soturna e formal dignidade. Ermelinda odiou-a e êsse ódio a levou a procurar mais uma vez o oficial de polícia, o tio Leopoldo, "titio dengoso e cínico", como o chamava, um homem, afinal, maduro mas bonitão. Sua indiferença pelo marido — aquêle Josias que lhe veio de Abaeté cheirando a paneiro de farinha e a carne salgada, com quem casou por circunstâncias tão alheias à sua vontade — crescia diante daquela maldosa compaixão com que a mãe o tratava. Quando sua mãe adoeceu, quando o médico avisou que era o fim, quando as irmãs começaram a chorar e a rezar pelos cantos, mais sêcas e mais amarelas, Ermelinda como que sentiu alívio. Um instante só de alívio, porque remexeu no fundo alguns restos de remorso ou amor, mêdo ou ternura — alívio não era mais. E ia ver a mãe. Sentia-lhe a hostilidade dos agonizantes que não perdoam. Com o mêdo crescente, teve impulsos de gritar e de a estrangular, ou, com uma sêde infinita de piedade e perdão, ajoelhar-se diante daquele frio embrulho de carnes e cabelos imóveis, denegridos pela sombra e mais. Era ódio antigo, pensava Ermelára: — Ela me deu um. A mamona. — E que rêde tão suja e tão remendada, pobre comadre. Não, não dava para visitar doentes, sobretudo naquêle calor e doente daquela pobreza, embrulhada naquela rêde. Lembrava-se de suas irmãs, feias e para sempre solteironas, de sua mãe, quando adoeciam. Quanto aborrecimento. Quanta impaciência por estar ali à cabeceira, e dando um chá e mudando um pano, tolerando gemidos e queixas.

A visita a um doente fazia-a reavivar aquêles dias cruéis em que sua mãe adoeceu, depois do que se passou entre as duas, de maneira tão imprevista. Já no fim, os olhos de sua mãe, na agonia, fixaram-se nela numa desesperada acusação. Sua boca parecia afundar se, escura e inerme, no esfôrço vão de exprimir aquêle ódio, aquela maldição, como compreendeu a filha.

Aquêles olhos faziam sombriamente recordar a noite em que sua mãe a surpreendeu, então recém-casada, nos braços do tio, um oficial de Polícia. Não esquecerá aquela súbita expressão de espanto, náusea e rancor e logo se voltando tão ràpidamente como se fôsse apanhada por um redemoinho. Depois foi o silêncio em que permaneceu, tão inexplicável, que parecia cumplicidade, uma cumplicidade tão hostil que a humilhava continuamente. Isso as separava cada vez mais. Guardavam entre ambas uma reserva que ninguem compreendia e por isso Ermelinda era mais odiada pelas irmãs magras e cheias de iterícia. Muitas vezes, em casa de sua família, ao lado do marido, sentia até os ossos o olhar pérfido de sua cúmplice, aquela demorada contemplação tão meticulosa e odiosa que não só a despia tôda, como a envelhecia e prostituía ainda

---

Jurema. Sentiu um ódio frio pela mulher que amava seu filho. Entretanto, a crise tinha passado e Edmundo agora estava bem. "Graças a Deus", murmurou D. Mirtes. E gritou para a criada que servisse o jantar.

... Fazia exatamente quarenta e oito horas que um automóvel escuro, de número ignorado, tinha atropelado numa rua de subúrbio um serralheiro chamado João Custódio Silveira, que ia para casa jantar, depois do trabalho do dia.

pelo aniquilamento. Desejos de cair sôbre o peito sôbre aquêle estertor, aquela voz sem palavras... Os soluços sufocavam-na. Pôde afastar-se e procurou a paz que havia lá fora, morna e indiferente. Dominou-se com intenso esfôrço e voltou porque a agonisante a fascinava. E dura, tensa, acompanhou aquela morte, surda ao pranto das irmãs e cega à luz da vela que ardia sôbre a face da mãe. Foi talvez o instante mais alto da vida de Ermelinda. Aquêles dias a esvaziaram e a morte de sua mãe a restituíra ao mundo.

Olhando a comadre, d. Ermelinda quer dar um consôlo qualquer, lembrar um remédio, prometer uma rêde. Não quer dizer nada, não sabe, sòmente a irritação que lhe dá uma certa agonia, pois necessita varrer a lembrança da mãe. Lembra-se da cena que fez ao agarrar-se no caixão, o ataque, a repulsa ao tio Leopoldo quando lhe sentiu os braços na cintura na tentativa de ampará-la. Estava agora no mundo para esquecer as pobres irmãs, o tenente, a morte da mãe. De nada mais queria saber, procurara o sossêgo e aquêle Paricatuba era o sossêgo. Estava no mundo para se estirar numa rêde e ficar se embalando, se embalando, as carnes soltas no roupão cheiroso, sentindo-se nua contra o mormaço e as más lembranças na varanda do casarão. Sua comadre, entretanto, lhe merecia alguma estima. Torrava bem um café, passava bem uma roupa, moqueava que era um gosto um peixe e lhe contava histórias do Coronel com as mulheres do Marajoassu, o que não lhe dava ciúme mas fazia conhecer melhor o fazendeiro.

— Bem, minha comadre... O que precisar...

Aquela visita trouxera-lhe apenas aquêle pesadêlo, a lembrança de sua casa em Jurunas, velha, caíndo aos pedaços, com duas solteironas amargas, esperando. Não voltará mais. E a rêde da comadre, como era possivel dormir naquilo, estar doente naquele trapo. Não há dúvida nenhuma que morrer era mil vezes melhor.

Anastácio rema e a montaria vai em cima da maré. Sob o toldo de panacarica, d. Ermelinda fechava os olhos. Como queria sossêgo como queria chegar depressa. Ver doentes! Preferia preparar um defunto, enfeitar um caixão, gostava de acender as velas, substituí-las à cabeceira do cadáver, a sensação de extrema impotência que o crucifixo lhe transmitia, a indiferença quase deliciosa ao ouvir o pranto e os gritos dos parentes, e o prazer de acompanhar com os amigos, os curiosos e as flôres, um entêrro concorrido. Como se podia viver naquele quarto abafado, fedorento; escuro, e falando em mamona? No entanto queria ter outros pensamentos, lembrar sua mãe apenas num ou noutro vestígio de ternura que vinha de muito longe, da infância, talvez. Um impulso de voltar à velha casa e abraçada às irmãs chorar muito, falar depois alegremente com elas, levá-las à rua, conversar com elas sôbre figurinos, doces... Não, elas não a receberiam mais. Conhece muito bem aquelas feras.

Quando chegasse à Paricatuba — rema, rema, Anastácio — tomaría um demorado banho, se esfregaria com sabonete e oriza, porque a rêde a esperava, branca, rendada, macía. Na escada, esperando-a, Coronel Coutinho assoava-se.

O ROSTO

Conto de *Fernando Sabino*

Olhou casualmente para a janela, e de súbito estremeceu da cabeça ao pés, sob as cobertas. Através da vidraça um rosto espiava, impassível, para dentro do quarto. O pensamento já frouxo, prestes a desaparecer... Veio-lhe repentinamente a sensação inquietante de estar correndo um perigo qualquer. O rosto lá fora, calmo, sereno, olhos fixos nêle sem o menor movimento. O contôrno da cabeça muito destacado no fundo branco da parede fronteira. O mêdo em grandes ondas lhe esfriava o corpo, paralisava-lhe o movimento, vontade de fugir. Desviou o olhar, foi-se acalmando aos poucos. — Um ladrão, um ladrão com certeza — pensava, mortificado, tentando vencer a resistência obstinada. O seu quarto era ao nível do chão lá fora, a janela se abrindo para um dos lados da casa. Um ladrão. Tudo às escuras, bem mais de meia noite. Os reflexos do vidro se prolongavam, finíssimos, penetravam-lhe na carne como alfinetes. Era intolerável a certeza de que o rosto existia, lá estava, imóvel, real, por detrás da vidraça... Olhou-o de novo: o rosto havia desaparecido.

Levantou-se, foi até a janela, cauteloso, o corpo frio se recusando. Faltou coragem para suspender a vidraça. Espiou através dela, detidamente. Ninguém. A parede branca, um grito de luz nas trevas lá fora. Branco impiedoso, longa tela imaculada — forçoso é confessar que já pensara em enchê-la de garatujas, riscá-la a carvão com violência em tôdas as direções, quebrar a rigidez do branco implacável.

De novo deitado — o sono não vinha. Aquele rosto sereno, impressionante, olhos fixos nele sem um movimento, era qualquer coisa mais que um simples ladrão! — a consciência gritava. Era qualquer coisa, menos que sua imaginação excitada. Um ladrão caminhava — a conclusão se evolou lentamente de uma série de circunvoluções bem mais lentas, já indistintas. As palavras escapavam uma a uma, transparência, vozes, ladrão não era, para sempre, evidente... Adormeceu.

No dia seguinte não pensou mais no rosto. O rosto! O rosto! — gritava-lhe uma voz na lembrança, vagamente, sem que êle conseguisse localizá-lo. Não falou nada. Num movimento brusco se encerrou mais ainda dentro de si mesmo. Não tinha amigos, vivia intensamente, fragmentado em todos os caminhos. Por vêzes o cérebro se rebelava, voltava sôbre o tempo gasto, estéril, vazio, e nêsses momentos a infância boiava plácida, escorria suave se perdendo de novo no fundo da memória. Um tímido. Passeava sua tristeza por entre os jardins, espargindo borrifos sôbre as flores, se havia flores. Se não, limitava-se a pensar numa vida anterior e sutilmente as emoções acumuladas se alongavam, macias, voluptuosas. Seus olhos se movimentavam, ganhavam novas formas, fugiam do rosto se expandindo, vibráteis. Mas de repente o muro branco doloroso, martirizante, lhe devolvia a realidade inútil das coisas e tudo desandava, o cérebro caia sôbre si mesmo verticalmente. Às vêzes tinha pensamentos bem simples.

•

De noite, contudo, já na cama, se lembrou do rosto. Inconscientemente seus olhos se voltaram para a janela, hesitantes, querendo não ver... Lá estava! Lá estava o rosto, como na noite anterior, impassivel, por trás da vidraça, olhos fixos nele. O corpo estremeceu, sem que o cérebro participasse, estagnado, imóvel. Se surpreendeu à procura de uma sensação já sentida, quando? quando? que a dor era quase fixa e a existência parecia não conter limites. Atrás do rosto, o muro branco era um gesto largo, recortando horizontes, rasgando distâncias, atrás do rosto. Estudou-lhe a fisionomia detidamente. Sobrancelhas cerradas, olhos brilhando, a bôca imobilizada num momento de vida, riso estancado, emotiva, humana.

sação infinitamente cristalizada, teve nítida a consciência de que nunca mais se libertaria.

O rosto implacável, olhando, olhando. Por noites e noites. Já não se perdia em análises, deixava-se olhar sem opôr resistência. De certo modo aquela pontualidade do rosto fielmente atrás da vidraça tôdas as noites lhe trazia imperceptível serenidade, em traços finos, AMEAÇANDO TORNAR-SE EM HÁBITO!

Certa noite não dormiu, porque o pensamento obsedante lhe voltava. Era um ladrão. Por que não? como um éco. Lembrou-se do relógio, as horas corriam, que seria do rosto? Sorriu disfarçadamente esperando, até que o sorriso morreu brusco num esgar de surpresa e espanto — dessa vez se espantou. E' que um segundo antes o muro branco vazio e agora lá estava o rosto, olhos à procura dos seus, mais do que nunca brilhantes. Doeu-lhe a sensibilidade como uma ferida antiga e os lábios pronunciaram palavras que não trouxeram a recompensa esperada. Levantou-se tremendo, a vontade permaneceu horizontal. Já se caminhava automàticamente para a janela, que iria fazer? que iria fazer? o rosto insensível acompanhando os seus passos. Deteve-se diante do vidro, bem em frente ao rosto, distinguiu nitidamente suas feições. Fitaram-se longamente, teve a impressão de que a noite se extinguia, o dia passava vertiginoso como uma mancha branca apenas pressentida e nascia outra noite maior, outra noite. Eis que a vontade rompe os limites, jorra por todos os lados encharcando o corpo em sucessões bruscas, sua bôca se abre em palavras sólidas como pedradas de encontro ao vidro:

— Quem é você? O que quer de mim?

O rosto não se moveu. As palavras passavam através do vidro e se grudavam línguas de fogo no muro branco. Era demais para sua emoção distendida até o máximo. precipitou-se para a cama sem ver nada e caiu assim mesmo de bruços num sono profundo.

•

Agora, o pavor lhe eletrizava o corpo, e fugia espavorido do quarto como se o remorso estivesse à espreita. Passou noites e noites caminhando pelas ruas, triste e abandonado. Só vinha ao quarto de dia, não pensava em dormir nesses momentos, pois temia as sombras.

Todavia era um homem.

Desviou o olhar. O mêdo criou coragem e avançou, se apossando do corpo em grandes golpes. Agora a consciência gritava, frenética, vontade de reagir. O quarto se enchia de sons débeis, longínquos. De súbito tudo se calou, os móveis vieram descendo do teto, mansamente, oscilando. Tudo nos seus lugares, o corpo de novo liberto, a serenidade baixava de sua testa num longo véu.

Não foi preciso olhar de novo para se certificar de que o rosto na janela havia desaparecido.

•

Contudo, existia. Lá estava a marca dos pés, inegàvelmente pés. Marcas de barro, sob a janela do lado de fora, existiam as marcas, existiriam os pés? Mas à luz do dia, a realidade era simples, se amesquinhava no pensamento de que "eram ùnicamente marcas de pés de alguém que ali estivera parado defronte à janela". A lembrança do rosto permanecia intocada. Que existia. O rosto existia.

•

Tudo se repetiu, mas lentamente, é verdade, mais sereno, o rosto mais nítido, havia luar. Um ladrão com certeza. Com certeza um ladrão. A inversão não lhes trouxe nenhum consôlo. Se apavorou sem que lograsse nenhum resultado. Percorreu com volúpia a escala das emoções uma a uma sem se convencer. Então resolveu dormir.

E dormiu.

•

Sem que o dia, monótono, incolor, trouxesse alguma modificação. Sua excitação sempre renovada permaneceu fiel ao pensamento essencial. Se esbanjou pelas ruas em discussões acaloradas, absurdas para o seu temperamento de comum tão submisso. Sem poder fugir à presença da noite que baixava mais noite ainda, se entregou à larga a um chôro convulso que lhe trazia em grandes coágulos pedaços de sua meninice. Ao apagar a luz sentiu de repente vontade de dias outros, vontade apenas, sem nenhuma esperança.

Sempre o rosto, sempre lá estava, e ao olhá-lo pela primeira vez naquela noite, com cuidado para que não se fragmentasse a sen-

bras que trazia dentro de si e que podiam brotar de seu sono se convertendo na grande noite.

Entregou-se de novo, vêzes seguidas, ao pranto de sempre, mas agora a infância se recusava a nascer dos olhos, afogada para sempre num engasgo.

Exgotado, experimentou certa noite a submissão das quatro paredes, como um hábito insuspeitado, uma realidade de todos os dias. Em vão. O rosto não se deixou enganar. Lá estava, atrás da vidraça, a mesma expressão de sempre, nem trágica nem triste, despida de cores, implacàvelmente rosto. E' certo que o sono veio, o cansaço era muito. Mas o rosto assistiu a consciência em seus últimos estertores.

•

Urgia uma providência -- pensava às vêzes revoltado. Aquela certeza de que êle viria, tôdas as noites sempre, era-lhe insuportável. Esperava, esperava, como se não pudesse viver sem êle, *como se não pudesse viver!* Não podia. O corpo deliciado estremecia na certeza de sua presença. Se escravizava, haveria agora de se desenvolver em planos superpostos, se acumulando, definitivos. E os sentidos se recolhiam e se alongavam como grandes tentáculos, os nervos se embaralhavam, o corpo jazia prostrado mesmo depois que êle partia. Era preciso reagir, era preciso.

Por mais estranho que pareça, temia profundamente que a janela se enlanguescesse, findasse, e o rosto restasse do lado de fora no muro branco para sempre intensamente.

•

Uma noite não suportou mais. Destruiria-o, num gesto largo, como a uma lembrança para sempre banida. Aqueles olhos já não brilhariam, para onde se voltasse. A ameaça daquelas longas noites, que durante tanto tempo o curvara como a um cego na rua à procura dos gestos mais simples. Restaria apenas a certeza de estar vivendo sem que pudesse fazer nada.

Espera. Sensação de paz tombando do teto em longos flocos. Onde a angústia de outras noites? Onde o seu desejo de se vingar, de se perder em tôdas as direções? Ah, que êle agora sentia vontade de chorar. Aquela voz apagada, antiga, lembrança morta que renascia para o amor e para a vida, onde estavam os seus vinte anos fugazes, sangrando, entrecortado de fulgores súbitos, de repente a morte tombando sobretudo pesadamente, onde estavam, onde?

Dos móveis submissos na penumbra emanava uma lúcida ternura, a mente se perdia embalada por vibrações harmoniosas cruzando o ar, como serpente. (A afirmação de sua própria realidade, teria de buscá-la longe de si, longe, numa região acima de tôdas as fôrças).

Silêncio. Apaziguado, o coração se detem no último cântico entoado, suavemente escorre cristalino num fio dágua. Tudo paralisado, imóvel.

De repente a percepção cem vêzes do rosto.

Voltou-se lentamente e o encarou. O rosto o olhava como a noite lá fora ia triste. Uma chuva gelada caindo para sempre na memória. A água escorria pela vidraça, através dela o rosto, como que se desfazendo, viscoso, cadáver. Ergueu lentamente o braço, apontou a arma com precisão, sem que o rosto esboçasse o menor movimento. Seu braço estremeceu com o disparo, um clarão repentino iluminou o quarto. Vidros partindo, estilhaços saltando para todos os lados, sangue correndo pelo rosto contorcido, pode ver ainda. Lá fora um trovão ribombou como um eco.

Acendeu a luz. A arma tombou ao chão, quando pulou da cama. O lençol chamuscado pelo tiro, ao redor o espanto dos móveis na claridade. Correu à janela. O vidro quebrado, estilhaços pelo chão. A chuva respingava o soalho. Não abriu a janela, não olhou para fora. Mas sabia, tinha certeza de que êle tombara para sempre, como um fardo! Lá fora caía a chuva impiedosa. Voltou para a cama, livre, livre, infinitamnete.

•

Dorme, agora. Não vê o rosto na janela atrás dos vidros quebrados, não vê, matéria profundamente. Destacado no fundo branco, como um grito, o rosto espia, olhos fixos nêle, brilhantes. Um pouco mais tristes.

TRECHO DE ROMANCE

OSWALDO ALVES

FALTAVAM apenas dez minutos para a nossa hora de liberdade. Os empregados trabalhavam com mais lentidão, retardando os últimos arranjos, para evitar que se iniciasse outra embalagem de fardos. Eu aguardava simplesmente que o ponteiro do grande relógio atingisse o alto. Perto de mim um empregado passava a última fita de aço num fardo — e os seus gestos eram tardos, medidos. Terminado aquêle trabalho, voltou-se, deu com os olhos em mim. Esteve alguns segundos parado, depois andou para o meu lado, os olhos perscrutadores, uma certa desconfiança na expressão ingênua do rosto cansado. Olhou em seguida para todos os lados, como se tivesse receio de que o patrão o visse quieto, antes de dar as seis horas. Depois encostou-se no pequeno balcão, perto de mim, olhou-me tranqüilamente e disse: "Olá". Respondi ao cumprimento, perguntei se também êle saía às seis horas.

— Você acha pouco? — Respondeu.

E acrescentou noutro tom de voz, como se quizesse fazer-me sentir completamente o sacrifício:

— Das nove às seis, com hora e meia para almôço. E raramente posso almoçar.

Sua voz era baixa e grave, mais mágua do que revolta. Havia ainda o receio de que o patrão chegasse de surpresa e o ouvisse. Continuou:

— Moro em Ramos, sabe? Depois que deixo isto aqui, ainda tenho que ir de bonde para a Estação — e lá pegar um trem. Chego em casa tarde da noite. Compreendeu? Você é novo aqui, mas com o tempo entenderá tudo.

A princípio falava por falar, com aquela vaga expressão de ingenuidade no rosto cansado. Parecia apenas satisfeito de poder dizer alguma coisa a alguém que o ouvia com paciência, após um dia de trabalho estafante e um pesado silêncio obrigatório. Mas entusiasmou-se, disse-me coisas confidenciais. Ganhava pouco, tinha a mãe doente, não sabia o que fazer para comprar remédios, e tudo lhe parecia difícil. Tôdas essas "pequenas" amarguras que enchem o coração de milhares de pessoas numa grande cidade.

Mas era outra a expressão do seu rosto. Escondia agora o desespêro com um sorriso forçado — e eu sabia que êle tinha vontade de gritar, dizer ao mundo que a mãe estava doente e que a situação era penosa. E enquanto a alma se enchia de ódio e os olhos vermelhos se abriam numa terrível expressão de revolta, inútil, êle sustentava o sorriso frio — aquêle doloroso sorriso apenas esboçado — atenuando o ridículo da sua própria emoção, esbravejando contra uma situação inevitável.

Parou de falar e estendeu o braço para o grande compartimento onde os fardos se amontoavam.

— Olha!

Naquele instante êle me parecia mau, de uma perversidade capaz de tudo. Seu braço ainda estendido, indicava os fardos, os olhos brilhantes fixaram-se em mim. Eu não sabia o que êle queria dizer, mas tinha a certeza de que um pensamento ruim passara pela sua cabeça.

— Olha! — Repetiu.

Segui o movimento nervoso do seu braço longo, a curiosidade estampada no meu rosto.

— Você não acha que *tudo isso* pega fôgo com muita facilidade?

Riu alto, quase uma gargalhada, um comêço de explosão de ódio acumulado.

— Não sei! — Respondi desorientado.

Agora era eu quem tinha mêdo. Não sabia exatamente onde queria êle chegar, mas estremeci. Não sei por que, a idéia de um crime passou pela minha cabeça. Desenvolveu-se ràpidamente o pensamento que me ocorrera — e fiquei a refletir por um segundo. "Mas seria, realmente, um crime?" Aquela idéia, que a princípio me parecia horrível, tornou-se natural. Cabia agora, perfeitamente, dentro do meu espírito — e se estabeleceu como se fôsse uma "lógica". Cheguei a esquecê-lo enquanto pensava.

Êle estava de pé, olhando-me ainda fixamente, como se esperasse outra resposta mais adequada para a estranha pergunta que fizera. Então, segurei a sua mão, num gesto instintivo de camaradagem e sorri também:

— Talvez seja muito fácil pegar fôgo *nisso tudo!*

O relógio batia as seis horas, todos se dirigiram para o cubículo onde estavam os palitós. Êle apertou minha mão de novo — agora com mais fôrça:

— Como é mesmo o seu nome?

— Hermes; — respondi — e o seu?

Disse-me o nome, fêz um gesto brusco, lembrou que precisava andar depressa, o sorriso mau aflorou de novo aos seus lábios. Os dedos se contraíram, respirou com dificuldade.

— Até amanhã, Hermes.

Vi-o afastar-se, a figura alta e magra, confundindo-se entre os fardos, perdendo-se na obscuridade.

Dirigi-me para o cubiculo onde estava meu palitó, olhando para Ariosto, que fechava o livro de contas e dispunha-se a sair. Lá estava "seu" Barreto, debruçado sôbre as suas contas. Não se voltou quando Ariosto deixou o pequeno escritório e veio para o meu lado vestindo o palitó. Peguei-o pelo braço, ainda impressionado com os modos de Manuel, pensando em pedir explicações ao amigo sôbre a conduta do outro. Mas lembrei-me de Isabel — eu sentia uma grande saüdade de Isabel, e agora ia vê-la. Esta idéia acalmava os meus nervos, mudava o rumo dos meus pensamentos, fazia-me esquecer a casa de "seu" Barreto, a estranha figura de Manuel e até a presença de Ariosto. Eu era outro homem, voltava a ser uma criatura como as outras, com uma vida e uma personalidade. Certamente Isabel esperava por mim no alpendre da casa de Angelina. Apressei o passo, aflito para atingir a Avenida e pegar o bonde. Ariosto deteve-me, segurando o ombro.

— Que pressa é esta? Eu também vou — não há necessidade de correr.

Sorri desorientado, olhei para êle. Encontrei os seus olhos calmos e quase insondáveis — não falamos mais nada. Eu sabia que precisavamos dizer muita coisa um ao outro, mas não tinha importância. Adiaríamos. Um dia explicaríamos tudo que sentíamos em silêncio. Um dia Ariosto me dirá todo o tormento da sua alma silenciosa — e deixará cair deante dos meus olhos aquela máscara de passividade que esconde a sua angústia, o seu ódio, a sua revolta.

Tôda a cidade se iluminara, milhares de pessoas se acotovelavam pelas ruas, apressadamente. Nós dois eramos duas sombras aflitas entre aquela onda. Mas nossa fôrça de sofrimento se projetava ganhando uma proporção jamais imaginada no meio da massa. Nossa fôrça e nosso sofrimento se confundiam com todos os outros, transformando as nossas almas numa grande massa líquida, represada sob um mesmo dique de formas gigantescas. E eu tinha a certeza de que um dia êle haveria de explodir.

O Soldado

Conto de XAVIER PLACER

ERA mais alto que baixo, tinha o rosto comprido sombreado por uma barba azulada, e nos olhos, que eram acinzentados, havia uma fria expressão de audácia subjugada.

Vi-o pela primeira vez no dia em que me apresentei ao quartel; encontrava-se de serviço na Casa das Ordens e foi êle que me levou à presença do comandante da companhia em que devia servir.

Como o brigada o chamasse, ordenando-lhe que "conduzisse aquele paisano à 4.ª", êle perfilou-se com presteza, tomou o papel que lhe era estendido, e voltando-se vivamente para mim: — "Vamos!"

Saimos, êle a largos passos nervosos, eu esforçando-me por acompanhá-lo lado a lado, observando-o de soslaio. Porque tanta pressa, meu Deus? Mas não ousei advertí-lo, nem êle parecia disposto a dar comigo outra palavra além daquele lacônico: "Vamos!"

Nem por isso o achei menos simpático; ao contrário, aqueles modos, sua reserva, a consciência de sua superioridade ou o que quer que fôsse, sôbre o meio, que êle sem afetação, mas também sem timidez, deixava transparecer, pareceram-me (e com o tempo pude ver que o era) uma exceção, e disse comigo: "Está aqui um sujeito que é preciso não perder de vista".

Atravessamos agora o pátio do regimento; à esquerda, entre touceiras de bambu — era após o rancho — soldados conversavam na sombra. Ao verem-nos, chamando-me desdenhosamente de recruta, um dêles gritou-me se eu não tinha um cigarro. Voltei-me; todavia antes que pudesse responder qualquer coisa, ouvi-o observar-me com aspereza: — Deixe lá, êsse tipo não merece senão um olhar de desprêzo!"

Sem dúvida que em outra pessoa esta frase me teria surpreendido, deixado uma péssima idéia de quem a pronunciasse; nele, porém, achei-a natural: dir-se-ia, tal a sua maneira de ser, que tinha o direito de falar assim...

Então prevendo que não me ia sair muito bem, contudo animado por suas palavras, indaguei-lhe:

— "Você também é da 4.ª Companhia?"

Êle não olhou para mim:

— "Não, da Cia Extra".

— "Ah! E é daqui?" "De Macaé". Está terminando o tempo, vai ser licenciado agora, não?".

Êle me fixou ràpidamente, mas não sem uma dura expressão de desagrado:

— "Mas é um interrogatório?"

Não trocamos mais palavra — e tive, no primeiro instante, o sentimento de lhe haver dado a impressão de um ingênuo impertinente, de uma lamentável criatura como o outro do cigarro, "que não merecia senão um olhar de desprêzo".

Digo: no primeiro instante, porque depois que me apresentou ao capitão, passou-se entre nós um pequeno incidente que me levou a mudar de idéia. Com efeito, não podia ser apenas curiosidade; ou ainda que sim, já era uma denúncia involuntária, significativa.

Foi simples. Mal se afastou, voltei-me para observá-lo pelas costas. Um movimento cem vezes ensaiado não teria sido tão perfeito! Pois no mesmo momento êle teve igual gesto, e foi-nos impossível disfarçar; encaramo-nos com espanto, um sorriso desconcertante de parte a parte. Tempos depois, quando a vida em comum nos aproximou, nunca tocamos nesse pequeno incidente, como se tal coisa não houvesse acontecido, porém mais de uma vez estive a ponto de recordá-lo, perguntando-lhe o que havia pensado naquela ocasião, (e por duas vêzes em nossas conversas notei que êle se referia indiretamente àquilo, esperando ver o que eu diria) mas talvez porque no fundo as relações entre nós eram penosas, não chegando jamais à verdadeira intimidade, silenciávamos.

Mas não antecipemos. Iniciei-me na vida de caserna com seus toques de corneta nas madrugadas frias, as últimas estrêlas brilhando ainda no retângulo das janelas, como um convite mais ao aconchego da manta que ao calção de física; depois as infindas instruções de ordem unida sob o sol implacável e as torturantes botas de tachas, e mais os combates simulados, e as marchas noturnas e as longas horas de plantão... Já ia em três meses. E à medida que o tempo passava, vim a saber o que me interessava a seu respeito. Seu número de praça era 715 (exatamente como o tratavam), chamava-se Dilermando Corrêa e era Voluntário, devendo por isso tirar ainda um ano de serviço. Mais: com dois meses de praça havia desertado, num dia de formatura geral, depois de atirar ao mato o fusil, que um oficial achou e recolheu com solicitude ao Regimento. Como se nada houvesse feito, oito dias depois apresentou-se no quartel à hora comum do expediente. Admiração dos companheiros, perguntas, curiosidade. — "O 715 está aí! O 715 está aí!" A frase, transmitida de bôca em bôca, chegou aos ouvidos do sargenteante que se apressou a levá-lo ao comandante da companhia. O capitão, homem impulsivo, pôs tudo a perder. Estava examinando o programa de instrução do dia; ao vê-lo, suspendeu prontamente o trabalho, e pondo-se aos gritos, perguntou-lhe "se era capaz de compreender a extensão do crime que cometera", onde andara, porque fisera aquilo? Ameaçou-o com conselho de guerra. Dilermando não deu palavra. Então, dominando-se a custo, o capitão mandou recolhê-lo imediatamente ao xadrez. E como

era homem criterioso nas suas horas de reflexão, achou de melhor aviso não levar adiante o incidente: puniu-o sòmente com quarenta e cinco dias de reclusão em sela separada. Porque havia desertado? Porque se apresentara? Mas Dilermando nunca se explicara, e a maioria tomou-o dali em diante em conta de doido; alguns achavam-no um sujeito perigoso, outros eram de opinião que não passava de um "boa vida"...

Ora, um domingo em que estava de serviço, meti-me na cabeça tentar uma aproximação com Dilermando e desvendar de uma vez o seu mistério. Encaminhei-me para a Extra; o alojamento estava vazio, apenas um cabo se barbeava num espêlho à parede, enquanto êle, (haviam-me informado de que só às noites saía à rua), recostado numa cama ao fundo, segurava diante dos olhos uma brochura. Procurei chamar para mim a atenção, pisando forte, porém, êle não deu a menor demonstração de haver notado minha chegada. Que leria? Passei junto a sua cama: "MORRO".... Tornei a voltar, e pude ver claramente: "MORRO DOS VENTOS UIVANTES", Emily Brontë.

O meu interêsse tornou-se ainda mais forte, pois não me haviam dito que êle tinha o hábito de ler, e ainda que fôsse natural tê-lo previsto, eu não pensara nisso, surpreendendo-me sobretudo a qualidade de suas leituras. Curioso. Quem sabe se também não escrevia? Nesse caso, que coisas singulares havia de fazer! Julgo ocioso dizer que não foi desta vez ainda que nos aproximamos...

Estávamos nisto, ou melhor, estava eu nisto, pois de sua parte não havia nada, quando uma tarde o boletim deu a transferência dêle para a minha Companhia. E' que tinha o curso de transmissão — depois confessou-me que o haviam matriculado nele contra sua vontade — e os *especialistas* da Extra haviam sido todos requisitados pelos batalhões, agora que ia começar o período de acampamentos.

Veio o primeiro, de uma semana, e foi aí que um simples acaso nos aproximou. Exausto da marcha, o batalhão acabava de chegar, espraiando-se pelo terreno em que devia acampar. Era à tarde, a fôrça do sol ia diminuindo; os mais ativos deram-se pressa em pôr mãos à obra, aos poucos a atividade fêz-se geral. Nas barracas, nós nos alojávamos dois a dois; como eu estivesse só e o reparasse sentado na mochila a observar aquela azáfama com indiferença, convidei-o para companheiro.

Aceitou com um gesto de cabeça. E em silêncio passamos o primeiro e o segundo dia. À noite, enquanto no acampamento os soldados organizavam cantorias em tôrno de fogueiras, eu, na barraca, acendia uma vela e abria o meu compêndio de Direito (cursava nesse tempo a Faculdade), ao passo que êle, estirado na sua cama de sapé, imóvel, deixava-se estar pensativo e distante...

Uma tarde, como eu deixasse à vista, de propósito, o meu compêndio de Direito, surpreendi-o a folheá-lo. Desculpou-se, murmurando que estava vendo apenas uma coisa, e largou-o. Ofereci-lh'o. — "Obrigado, êsse gênero não me interessa", fêz êle, não sem uma ponta de ironia.

Mas daí em diante estabeleceu-se maior contacto entre nós, uma certa intimidade, ainda que de superfície, foi-se criando à fôrça das circunstâncias. Conversando sôbre livros, pude ver que era mais informado ainda do que eu supusera, apenas os seus conhecimentos literários eram feitos exclusivamente no sentido de seu temperamento. Quero dizer, eram deformados por êle, ignorando e fazendo questão de ignorar os autores que não tinham afinidade com seu espírito. Com que profundo desdém se referiu a "tôda essa enxurrada de modernos romances populistas"! Em contraste, o seu entusiasmo a propósito de Dostoiewsky e Poë! Chegou a sentar-se, voltando-se para mim, numa fala nervosa e incontida.

Aproveitei a ocasião para perguntar-lhe se não escrevia. Diminuindo de tom, respondeu-me que de fato há muito pensava nisso, porém que jamais o fizera. Adivinhei-lhe uma

evasiva na resposta, e disse-lhe francamente que sentia que não falava verdade. Temi que se susceptibilizasse, mas não, sorria com bonhomia. Realmente, confessou-me, tinha muita coisa na cabeça que em tempos tentara levar ao papel, contudo não conseguira nada, pelo menos, que o satisfizesse. Aliás, para que escrever? Interessante era forjar os enredos, perder-se sem outras preocupações pelos caminhos da imaginação, muitas vêzes até tocar os limites extremos da alucinação e da loucura. Não julgasse por isso que era um demente; (e fitou-me desconfiado) a loucura a que se referia não era a que leva aos hospícios, mas "o desregramento *consciente* de todos os sentidos," como dissera certo grande poeta.

Tudo aquilo era para mim uma verdadeira revelação. Não mais abri meu compêndio de Direito, estimulava-o sem cessar com sugestões, e quantas noites, horas e horas depois de haver tocado o silêncio geral, não ficamos conversando em voz baixa, à frouxa claridade de um coto de vela. Ah, as suas histórias de destinos falhados, feroz ou melancòlicamente solitários; fantásticos noivados; mortes de mulheres belíssimas e amadas; vidas destruidas pelo orgulho de uma palavra; vinganças; ódios recalcados entre parentes, esposos! Com que inplacável lógica no entanto conduzia os seus enredos, nunca sentimentais, estranha mistura de observação, poesia e verdade!

. . . .

Voltamos para o quartel; os meses foram-se passando, por duas vêzes estivemos separados, doentes no hospital em épocas diferentes, — chegou afinal o dia do licenciamento. E despedimo-nos, não digo amigos, pois *era próprio de sua natureza não se ligar às pessoas*, porém com mútua simpatia. Fui levá-lo à estação na madrugada de seu embarque para Macaé, e conversando pela última vez, prometemos que nos corresponderíamos. Mas ainda que eu o fizesse, não obtive resposta, nunca mais o vi nem tive notícias suas.

Todavia, evocando meu tempo de quartel, vejo que não é senão em tôrno dêle que ficaram em mim as superficiais e frágeis impressões daquele meio — foi a única impressão realmente viva, profunda, indelével.

TRÊS POEMAS NEGROS

DE JORGE DE LIMA

Benedito Calunga

Benedito Calunga
    calunga-ê
não pertence ao papa-fumo,
nem ao quibungo,
nem ao pé de garrafa,
nem ao minhocão.

Benedito Calunga
    calunga-ê
não pertence a nenhuma ocáia nem a nenhum tati,
nem mesmo a Yemanjá,
nem mesmo a Yemanjá.

Benedito Calunga
    calunga-ê
não pertence ao seu Senhor
que o lanhou de surra
e o marcou com ferro de gado
e o prendeu com lubambo nos pés.

Benedito Calunga
pertence ao banzo
que o libertou,
pertence ao banzo
que o amuxilou,
que o alforriou
para sempre
em Xangô.

Hum-Hum.

Passarinho cantando

Congos, cabindos, angolas,
também de Cacheo e de Bissao,
Maranhão, Pernambuco, Pará,
Fernando Pó, São Tomé, Ano Bom,
Serra Leôa, Serra Leôa, Serra Leôa!
Cabo Verde, Moçambique,
Duas cosinheiras, três belas mucamas, óleo de côco,
(O boto também gosta de teu sangue Sudão).
Senhor Manuel Teixeira dos Santos
vem de redingote, suiças e procuração.
Ana Maria doceira de meu pai
amancebou-se com o alferes;
na segunda geração:
nem culatronas, nem pés apalhetados,
nem panos da Costa, nem figas, nem aluá.
Na terceira nasceu Maricota, filha de santo,
checheré, rainha, suicidou-se com fogo.
Deixou uma filha sagrada com água benta,
fechada com mandinga, branca, casada, com chácara.
Há na sua pele três estrelas marinhas, duas estrelas d'Alva,
a Lua, a Água Viva, a Fome de abraços.
Há no seu sangue:
três moças fugidas, dois cangaceiros,
um pai de terreiro, dois malandros, um maquinista,
dois estourados.

Nasceu uma índia,
uma brasileira,
uma de olhos azúis,
uma primeira comunhão,
uma que deu seus cachos ao Senhor da Paixão,
uma que tinha ataques,
uma que foi ser freira,
uma que nasceu em Londres e é parenta do Rei.
O passarinho ficou órfão
cantando, cantando apenas só.

Ladeira da Gamboa

Há uma rua que eu conheço
Rua Barão da Gamboa
tem uma ladeira de lado
com o mesmo nome da rua
nenhum barão mora lá
mas porém gente que sua
gente que sobe gente que desce
gente que vai para a vida
gente que dela vem
não há meio de dizer-se
na ladeira ninguém vem
você mesmo não se aguenta
pois a ladeira é um vai-vem
parece mesmo com a vida
tem subida tem descida
    Barão não
Poesia mesmo à toa.
Tem lama poeira buracos
tudo o que a vida possúe
mas polícia não tem não
polícia lá não inflúe
que a vida não tem polícia
a vida é mesmo um vai-vem
igualmente esta ladeira
dá na gente uma canseira
tem subida tem descida
tem mais que tudo canseira
gente que sobe que desce
você mesmo não se aguenta
a vida é mesmo canseira
igualmente esta ladeira
da Rua Barão da Gamboa
    Que boa
Ladeira. Vida. Canseira. Gamboa.

IDADE MADURA

Carlos Drummond de Andrade

As lições da infância
desaprendidas na idade madura.
Já não quero palavras
nem delas careço.
Tenho todos os elementos
ao alcance do braço.
Tôdas as frutas
e consentimentos.
Nenhum desejo débil.
Nem mesmo sinto falta
do que me completa e é quase sempre amargoso.

Estou solto no mundo largo.
Lúcido cavalo
com substância de anjo
circula através de mim.
Sou varado pela noite, atravesso os lagos frios,
absorvo epopéia e carne,
bebo tudo,
desfaço tudo,
torno a criar, a esquecer-me:
durmo agora, recomeço ontem.

De longe vieram chamar-me.
Havia fogo na mata.
Nada pude fazer,
nem tinha vontade.
Tôda a água que possuía
irrigava jardins particulares
de atletas retirados, freiras surdas, funcionários demitidos.
Nisto vieram os pássaros,
rubros, sufocados, sem canto
vieram e pousaram a esmo.
Todos se transformaram em pedras.
Já não sinto piedade.

Antes de mim outros poetas,
depois de mim outros e outros
estão cantando a morte e a prisão.
Moças fatigadas se entregam, soldados se matam
no centro da cidade vencida.
Resisto e penso
numa terra enfim despojada de plantas inúteis,
num país extraordinário, nú e terno,
em qualquer coisa de melodioso,
não obstante mudo,
além dos desertos onde passam tropas, dos morros
onde alguém colocou bandeiras com enigmas,
e resolvo embriagar-me.

Já não dirão que estou resignado
e perdi os melhores dias.
Dentro de mim, bem no fundo,

há reservas colossais de tempo,
futuro, post-futuro, pretérito,
há domingos, regatas, procissões,
há mitos proletários, condutos subterrâneos,
janelas em febre, massas de água salgada, meditação e sarcasmo.

Ninguém me fará calar, gritarei sempre
que isso me dê prazer, apontarei os desanimados,
negociarei em voz baixa com os conspiradores,
transmitirei os recados que não se ousa dar nem receber,
serei, no circo, o palhaço,
serei médico, faca de pão, remédio, toalha,
serei bonde, barco, loja de calçados, igreja, enxovia,
serei as coisas mais ordinárias e humanas, e também as excepcionais:
tudo depende da hora
e da certa inclinação feérica,
viva em mim como um inseto.

Idade madura em olhos, receitas e pés, ela me invade
com sua maré de ciências afinal superadas.
Posso desprezar ou querer os institutos, as lendas,
descobri na pele certos sinais que aos vinte anos não via.
Êles dizem o caminho,
embora também se acovardem
em face a tanta claridade roubada ao tempo.
Mas eu sigo, cada vez menos solitário,
em ruas extremamente dispersas,
transito no canto do homem ou da máquina, que roda,
aborreço-me de tanta riqueza, jogo-a tôda por um número de casa
e ganho.

BALADA da TRISTE PROVINCIA

MARIO QUINTANA

Pingam os dias, rolam as semanas,
E como um lento, silencioso rio,
Vão deslizando as horas provincianas,
As longas horas de tristeza e frio.
Envez do claro sol, o sol do Rio,
Paisagens sem paisagem, meu irmão...
Sombras doentes, sem nome, que eu envio
Nesta pobre balada sem refrão.

Tristes figuras sem relevo, planas,
Recortam em detalhes o vazio.
Convalescente cheia de tissanas,
A tarde mostra um tímido arrepio.
Nem o canto de um pássaro vadio...
Nem um resto perdido de canção...
— Receita para o tédio que eu avio
Nesta pobre balada sem refrão.

E anda a vida, por trás das venezianas,
Lamentando destinos em ciclo...
Falta êsse vago além das Taprobanas,
Que o vento, a nau e o mar, um velho trio,
Lamentando destinos em cicio...
Falta sabôr e gesto e expressão...
O que falta, meu Deus!, nem descrevi-o
Nesta pobre balada sem refrão.

Oferenda

Irmão que em terras bem melhores flanas,
Perdôa a oferta humilde, o cantochão,
Fui enganando as máguas cotidianas
Nesta pobre balada sem refrão.

H. J. KOELLREUTTER

CONSIDERO a fundação do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, a 26 de novembro de 1942, o acontecimento mais importante na vida cultural do Brasil, nêstes dois últimos anos.

A grande transformação que atualmente se processa no mundo, em a consequência da atitude espiritual do século XX, — atitude coletivista, decididamente anti-individualista — influiu grandemente sôbre a música. Hoje, o fenômeno musical não é mais apenas a expressão de sentimentos individuais, como em fins do século passado, mas sim a expressão de uma coletividade, de um povo, ou melhor, da humanidade.

Neste momento — e principalmente num país jovem como o Brasil — não deve constituir problema fundamental a formação de virtuoses, malabaristas de instrumentos musicais, mas a formação de artistas com verdadeira cultura, homens de caráter e de personalidade que, integrados no ritmo da época, possam ser úteis à coletividade.

O músico de nossa época já não pode viver afastado da vida coletiva e deve participar, ativamente, dos grandes problemas da humanidade.

Villa-Lobos, artista moderno e representante inegável da música brasileira, compreendeu bem êsse aspecto do problema, e desde muitos anos vem trabalhando pela nacionalização da arte e pela educação cívico-artística do povo.

Já em 1937, no introdução da sua brochura "O Ensino Popular da Música no Brasil", Villa-Lobos escreve, traçando as diretrizes de um trabalho que tornar-se-á decisivo para a evolução cultural do Brasil: "Há muitos anos que a humanidade vem se desagregando, num desinterêsse estranho, pelos fatos reais e ações decisivas que emanam da coletividade.

O personalismo supera na inconsciência de cada um, predominando num grau de convicção bem mascarada, nas reuniões sociais ou em outras de quaisquer naturezas.

Ninguém é capaz de, num verdadeiro estado consciente, num perfeito equilíbrio de seus julgamentos, se amoldar às idéias e às nações de outras personalidades, cuja fôrça de vontade e orgulho se comparem, apesar de reconhecer que, para formação e realização de um todo, é necessário que existam fôrças, correntes, parcelas de pensamentos, que marchem, paralelamente, umas às outras."

Com essa palavra Villa-Lobos iniciou, em 1937, um gigantesco trabalho, implantando no Brasil o ensino do canto orfeônico, — disciplina coletiva, cívica e cultural, — da qual a mocidade brasileira possa tirar proveitosos resultados e as melhores esperanças para a formação de um caráter cívico-artístico das gerações futuras.

A música é um elemento fundamental para a formação espiritual de uma nação e não apenas para a formação estética. A função da música na formação cultural de um povo é eminentemente socializadora. Nenhuma disciplina é capaz de cumprir esta tarefa de um modo tão completo como o ensino do canto orfeônico, que imprime ao ambiente escolar uma impressão de civismo, coesão, solidariedade e disciplina; e serve de verdadeira iniciação à arte musical e de elemento criador de um gosto desenvolvido pela cultura artística.

Reconhecendo o grande mérito do movimento orfeônico, pelo desenvolvimento cívico-artístico do país, o Ministro da Educação criou, em 1942, o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, entregue à extraordinária capacidade de organização de Villa-Lobos e dotado com um excelente corpo docente.

E assim, Villa-Lobos viu coroado o seu trabalho em prol da cultura brasileira, en-

sinando à mocidade cantar, isto é, sentir e trabalhar com alegria.

O

Outro fator de importância cultural é a atuação da pianista Magdalena Tagliaferro entre nós. Tagliaferro, virtuose e professora, está criando no Brasil tôda uma escola de piano. Mas, o que de essencial ela trouxe é um entusiasmo pelo estudo, até então pouco conhecido. O seu prestígio e a sua personalidade deram novo impulso à arte pianística brasileira. Os cursos de interpretação para piano e canto, porém, demonstram muitas vêzes uma personalidade de virtuose, à qual é sacrificada a vontade criadora do autor. Análises e interpretações por meio de associações desvirtuam o verdadeiro sentido da música, tornando o trabalho superficial e quasi espetacular.

O

Os anos de 1942 e 1943 marcaram mais dois belos tentos no caminho da Orquestra Sinfônica Brasileira, a mais importante organização musical no Rio de Janeiro, sob o ponto de vista cultural. A Orquestra Sinfônica Brasileira, hoje um organismo de 104 professores, é o mais completo corpo orquestral neste país e uma das mais importantes orquestras da América do Sul. Atuam, na Orquestra Sinfônica Brasileira, os melhores elementos de orquestra do Brasil, sob a condução conscienciosa do maestro Eugen Szenkar.

Vencendo inúmeras dificuldades e sòmente por meio de trabalho construtivo e tenaz, o maestro Szenkar e os diretores da orquestra conseguiram aumentar o interêsse pela música sinfônica e pela música em geral. Foram apresentados, em 1942 e 1943, além de obras conhecidas do repertório clássico, além do "Requiem" de Verdi e de um ciclo de cinco concertos dedicados exclusivamente às sinfonias de Beethoven, a rapsódia sinfônica "La Rue" de Arthur Bosmans, "Fuga" (Conversa n. IV da Bachiana n. 7) de Villa-Lobos, a suite "Hary Janos" de Zoltan Kodaly e "Polka e Fuga de Svanda" e Variações e Fuga sôbre "Under the spreading chestnut tree" de Jarimir Weinberger.

Reconhecendo a responsabilidade da Orquestra Sinfônica Brasileira, como entidade artística dedicada à educação cultural do povo e capaz de traduzir a verdadeira fisionomia cultural do país, não se compreende que em seu programa não figurem as obras-primas da criação musical contemporânea e, principalmente, da literatura musical brasileira, tais sejam, por exemplo, a Sinfonia do jovem mestre paulista Camargo Guarnieri, os bailados "Amazonas" e "Uirapuru" e os Choros para orquestra de Villa-Lobos.

Seria perfeita e decisiva sua ação, se a orquestra se integrasse mais ativamente na evolução cultural do continente e, em especial, do Brasil.

O

Em princípios de 1943, Camargo Guarnieri, líder da jovem geração de compositores brasileiros, realizou uma viagem de projeção artística pelos Estados Unidos e atuou com intensidade e relêvo na vida musical norte-americana, quer realizando recitais de suas composições — na "National

Broadcasting Company" e no "Museu de Arte Moderna" em Nova York — quer regendo orquestra de fama internacional como a "Boston Symphony Orquestra".

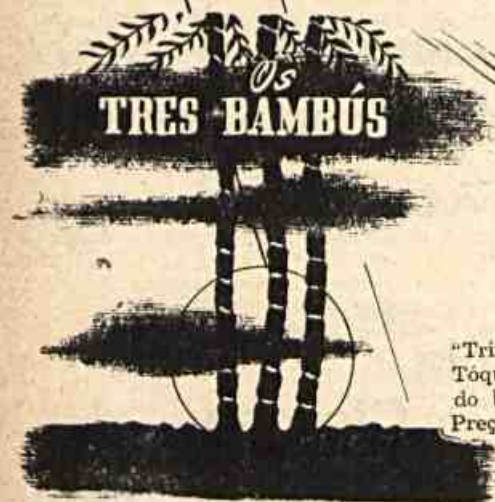
Camargo Guarnieri representa, dentro da jovem geração de compositores brasileiros, um temperamento que não tem semelhança com os demais compositores de seu tempo.

De grande capacidade de trabalho, encerra nas suas obras um vigor inusitado, unido a uma sensibilidade extrema, cheia de poesia e humor. A música de Camargo Guarnieri é essencialmente brasileira. Tôda a sua criação está impregnada de um intenso brasileirismo; não dêsse "pseudo-brasileirismo" que ostenta uma grande parte dos autores brasileiros, dos chamados "folcloristas", e sim de um brasileirismo radicado no mais íntimo da alma. A sua obra não significa uma resolução definitiva, mas sim um grande passo à frente no problema estilístico da música brasileira.

Durante a sua estadia nos Estados Unidos, Camargo Guarnieri dirigiu a primeira audição do seu *Concerto para violino e orquestra*, obra premiada em concurso internacional.

O grande compositor norte-americano Aaron Copland escreve a respeito do jovem músico brasileiro: "Camargo Guarnieri é na minha opinião o mais sensacional dos talentos "desconhecidos" da América do Sul. Suas composições já bem numerosas deveriam ser muito mais conhecidas do que o são. Guarnieri é um compositor de verdade. Tem tudo o que é preciso — personalidade própria, uma técnica acabada e imaginação fecunda. O que atrai na música de Guarnieri é o seu calor e a imaginação que vibra com uma sensibilidade profundamente brasileira. É, na sua expressão mais apurada, a música de um continente "novo", cheia de sabor e de frescura".

A vitoriosa "tournée" artística de Guarnieri evidenciou mais uma vez a importância do intercâmbio cultural entre as nações americanas, intercâmbio êsse que torna realizável o ideal de compreensão mútua dos povos.

4 LIVROS DO ORIENTE EM GUERRA!
Amplie a sua biblioteca com mais êsses quatro volumes e ajude com a sua leitura a vitória do povo para um mundo melhor!
A SERPENTE INDOMAVEL
A ESTRADA DE CHIANG
"A Serpente Indomável" e a "Estrada de Chiang" esclarecem como um povo sem armas sabe defender seus país contra as hordas sanguinárias do fascismo militarista nipônico .... Preço: Cr$ 20,00
TRINTA SEGUNDOS SOBRE TOQUIO
Os TRES BAMBÚS
"Trinta Segundos Sôbre Tóquio" é uma narrativa do bombardeio do Jopão. Preço .... Cr$ 25,00
Os "Três Bambus" é um romance impressionante sôbre os esforços nipônicos para a implantação de seu domínio na Ásia e depois no mundo. Livro sincero e áspero, não esconde os erros das democracias e não foge à verdade dos fatos ... Preço Cr$ 20,00
EDIÇÕES "O Cruzeiro"

CINEMA

DOIS ANOS de CINEMATOGRAFIA

R. MAGALHÃES JUNIOR

Melhorou ou piorou a cinematografia, nos anos de 1942 e 1943? Eis a primeira questão que temos de enfrentar, no momento em que damos o balanço nas atividades dêsse biênio para o "Anuário Brasileiro de Literatura". A minha impressão é a de que houve algum progresso do ponto de vista técnico, mas nenhum do ponto de vista artístico. Explico: melhor som, melhor colorido, mas ausência de novas descobertas artísticas, de novos efeitos, de ângulos novos. Faltou a êsse periodo um filme sensacional, provocativo, susceptivel de ser longamente discutido, como o foi, por exemplo, o magistral "Cidadão Kane", de Orson Welles, que tanto agitou o ambiente cinematográfico em 1941. O cinema nos anos de 1942 e 1943 foi um cinema burguêsmente tranqüilo, repousado, mediocremente liberto de agitações e debates apaixonados. A guerra, criando obstáculos à importação dos filmes, embaraçando os transportes marítimos, veio valorizar dentro do mercado brasileiro películas de categoria secundária, que em muitos casos amareleciam, enlatadas, nos cofres dos importadores e que, em razão disso, tiveram curso imediato em todo o território nacional. As restrições aos gastos de filme virgem, nos Estados Unidos, — e isto porque as películas são fabricadas com material de larga aplicação nas indústrias de guerra, inclusive a glicerina e a cânfora, — determinou a reedição de um vasto número de produções antigas, que assim voltaram a correr o mercado e em alguns casos foram manhosamente apresentadas pela publicidade cinematográfica como se fôssem coisa inteiramente nova. Tivemos uma verdadeira praga de "reprises", — e por outro lado foram muitas, também, as refilmagens de velhos temas, alguns já vistos na tela por mais de uma vez. Uma dessas refilmagens foi a nova versão de "O médico e o monstro", a famosa história de horror de Robert Louis Stevenson, preparada nos estúdios da Metro com Ingrid Bergman e Spencer Tracy. Duas vezes já haviamos visto o ousado clínico fazer as experiências químicas que convertiam o simpático Dr. Jekyll no horrendo Mr. Hyde, — uma com John Barrymore e outra com Frederic March. A fotografia melhor do que das outras vezes, mas o agrado da película não superou a das versões anteriores, nem mesmo com a beleza serena de Ingrid Bergman e as formas roliças de Lana Turner a servirem de engodo aos "fans".

Outra dessas refilmagens de antigos êxitos, — e refilmagem bastante feliz, — foi a que a Paramount apresentou sob o título de "Cinco covas no Egito". Êsse filme, que restituiu ao cinema norte-americano a figura de Eric von Stroheim, não era senão uma nova versão de um pelicula em que haviam aparecido, anteriormente, as duplas Pola Negri-James Hall e Isa Miranda-Ray Millan, — "Hotel Imperial". Peça dramática de Lajos Biro, que alcançou grande êxito em tôdas as capitais européias, "Hotel Imperial" foi um sucesso com Pola Negri e James Hall e um fracasso com Isa Miranda e Ray Milland. Os habilíssimos cenaristas Billy Wilde e Charles Hackett, — talvez as maiores inteligências do Departamento de Argumentos da Paramount, — resolveram transferir a ação da peça da Europa Central para a África, atualizando admiravelmente o argumento e levando a sua "showmanship" ao ponto de modelar a personalidade de um dos personagens como o famigerado feld-marechal Rommel. Do ponto de vista da habilidade dos adaptadores no sentido de renovar um material já excessivamente gasto na sua forma original, essa película da Paramount deve ser arrolada como um legítimo triunfo. Foi êsse, também, o segundo filme em que Billy Wilde se apresentou como diretor. Êle e seu velho colaborador Charles Hackett conseguiram fazer com que a Paramount lhes desse as mesmas oportunidades que concedeu ao originalíssimo escritor Preston Sturges: isto é, a prerrogativa de escreverem, produzirem e dirigirem os seus próprios filmes.

"A incrível Suzana" (The major and the minor) — comédia frívola mas de excepcional agrado, em que Ginger Rogers teve uma das suas maiores oportunidades como intérprete, — provou que êles estavam certos, reclamando maiores responsabilidades na companhia em que há longo tempo desenvolvem sua atividade. E em "Sete covas no Egito" reafirmaram as qualidades que já eram patentes naquele primeiro ensaio, com a vantagem de terem oferecido, ainda, à causa aliada, uma boa dose de propaganda política. No domínio das películas de propaganda, não é possível esquecer-se três trabalhos que sofreram certo retardamento na sua exibição no Brasil, devido às cautelas da censura cinematográfica da época em não ferir os melindres alemães, no período da neutralidade brasileira: "Tempestades dalma" (Mortal Storm), da Metro; "Confissões de um espião nazista", da Warner Brothers, e "O homem que quis matar Hitler" (Man Hunt), da Twentieth Century Fox. "Tempestades dalma", bela obra dramática,

que representou um grito de protesto contra a brutalidade totalitária, contra a bestialidade do nazismo, contra a corrupção e a violência dos regimes de fôrça, foi esplendidamente interpretada por James Stewart, Margaret Sullavan, Robert Young, Frank Morgan e Maria Ouspenskaia. "Confissões de um espião nazista" foi um golpe vibrado a descoberto nas organizações de espionagem do Eixo, que procuravam solapar o nosso continente. "O homem que quis matar Hitler", com tôdas as suas inverossimilhanças, com todos os seus "impossíveis", foi uma experiência interessante como combinação de propaganda política, "suspense", emoção e mistério, valorizado especialmente pela interpretação valiosa de Walter Pidgeon e de Georges Sanders. Nesse domínio, não se pode deixar de citar também uma contribuição de primeira ordem do cinema inglês, "Mr. V", que foi a primeira película produzida, escrita e dirigida pelo malogrado Leslie Howard. Como propaganda anti-japonesa, surgiram também nesses dois anos várias películas, uma das quais "Nossos mortos serão vingados" (Wake Island), produzida pela Paramount, foi talvez a que deixou mais forte impressão no público durante o biênio.

O esfôrço individual de algumas figuras do mundo cinematográfico merece ser apreciado de modo particular. Charles Chaplin, nesses dois anos, nada realizou, — a não ser socialmente, divorciando-se e casando outra vez. Dêle vimos, contudo, a comédia satírica "O grande ditador", aguda "charge" política anti-fascista, cujo lançamento fôra retardado por motivos iguais aos que ditaram o retardamento da estréia de "Tempestades dalma" e de "Confissões de um espião nazista". Orson Welles, que havia tido uma estréia mais do que promissora, decaiu muito no conceito público com duas películas bastante abaixo do nível de "Cidadão Kane", — "The Magnificent Amberson" e "Journey into fear". Seu filme sôbre o Brasil, em tecnicolor, constitue um dos "casos" mais intrincados de Hollywood e sua vinda ao Rio de Janeiro deu aso à liquidação e ao despejo das Mercury Productions do estúdio da RKO Radio, em Hollywood.

René Clair, depois de haver dirigido aquêle filme encantador com Marlene Dietrich, para a Universal, entrou em férias para só voltar ao trabalho neste ano de 1944, em "It Happened Tomorrow". Preston Sturges foi das poucas revelações que se mantiveram em contacto com o nosso público durante o biênio 1942-1943. Deu-nos êle uma autêntica obra-prima, "Contrastes Humanos" (Sullivan's Travels), com Joel McCrea e Veronica Lake, ao lado de uma comedieta simplesmente passável, "Mulher de verdade" (Palm Beach Story), com Claudette Colbert e Rudy Vallee.

Alfred Hitchcock realizou um filme passável, "Sabotador", com Robert Cummings e Norman Lloyd, e uma autêntica obra-prima de emoção e "suspense", o vigoroso filme intitulado "Sombra de uma dúvida", notavelmente interpretado por Joseph Cotten e Thereza Wright. Do mesmo diretor, foi ainda exibido o filme "Suspeita", com Joan Fontaine e Cary Grant, mas sem as mesmas qualidades artísticas e sem a mesma intensidade de "A sombra de uma dúvida". Julien Duvivier, depois de algumas hesitações em Hollywood, alcançou um triunfo bastante significativo com "Seis destinos", o originalíssimo filme da Fox, interpretado por um "cast" de notabilidades, entre as quais Charles Boyer, Rita Hayworth, Ginger Rogers, Henry Fonda, Cesar Romero, Edward G. Robinson, Elsa Lanchester, Charles Laughton, Victor Francen, Paul Robeson, Rochester e Ethel Waters. Êsse êxito situou Julien Duvivier em posição de alto destaque em Hollywood, abrindo caminho para a realização de "Os mistérios da vida" (Flesh and Fantasy) e "O impostor" (The impostor), de que não nos cabe falar aqui, devido ao fato de só haver sido feito o lançamento dessas películas no Brasil no ano de 1944. Frank Capra, o grande realizador de "O galante Mr. Deeds" (Mr. Deeds goes to town) e de "Cavaleiro sem espada" (Mr. Smth goes to Washington), abandonou o cinema depois de haver terminado a filmagem de "Arsenic and old lace", para ingressar no Exército Norteamericano, detendo hoje o posto de tenente-coronel do Corpo de Sinaleiros.

"Arsenic and old lace", embora tivesse sua filmagem terminada em 1941, com o concurso de Cary Grant e de Raymond Massey, ainda não teve o seu lançamento nos cinemas da Broadway e do exterior porque esperará a saída da peça dos teatros de Nova York. No biênio 1943-1944 houve um êxito inesperado, o de "Sangue de pantera", da RKO Radio, filmezinho barato e sem maiores pretensões. Esse filme, de enredo misterioso, baseado nas velhas lendas sôbre a licantropia, foi dirigido por uma figura quase inteiramente apagada, como Jacques Tourneur, e interpretada por artistas de diminuto prestígio, como Simone Simon, Kent Smit e James Russell. Outros dos êxitos significativos da RKO Radio foi conseguido pelo veterano diretor William Dieterle, que foi o principal responsável pela maioria dos êxitos conquistados por Paul Muni na Warner Brothers. A película a que aludimos foi "O homem que vendeu a alma", interpretada por Walter Huston, Edward Arnold, Anne Shirley, Jane Darwell e James Craig. Em inglês essa película foi intitulada sucessivamente "All that money can buy" e "The Devil and Daniel Webster". E' a velha história do homem que vendeu sua alma ao demônio em troca de um punhado de dinheiro e que, uma vez rico, se sente menos feliz do que na primitiva pobreza.

Dentre os atores e atrizes, poucos foram os que conquistaram um lugar de excepcional destaque durante o biênio. Humphrey Bogart distinguiu-se devido ao agrado de seu filme recente, "Casablanca", lançado em Nova York dias antes da sensacional conferência realizada nessa cidade colonial francesa pelo presidente Franklin D. Roosevelt e o primeiro ministro Winston Churchill. Juntamente com "O falcão maltês", "Casablanca", que teve ainda Paul Hernreid, Claude Rains e Peter Lorre entre os seus intérpretes centrais, elevou Humphrey Bogart à situação de "star" absoluto, — graças à qual lhe deram os produtores de Hollywood os papéis máximos de "Sahara" e de "Passage to Marseilles".

Gary Cooper continuou a manter o seu renome como comediante e ator dramático, em "Adorável Vagabundo" (Meet John Doe), "Bola de Fogo" (Ball of Fire) e "Ídolo, amante e herói" (The pride of the yankees). Bette Davis, nesses

dois anos, apareceu em seis filmes. O melhor dêles "A grande mentira" (The great lie), foi talvez mais um filme de Mary Astor do que dela própria. Mary Astor, no papel da grande pianista que odeia a idéia de se tornar mãe, mas é obrigada a ter um filho, elevou bastante a sua situação como atriz dramática. Em outro dos seus filmes, a comédia "Satan janta conosco" (The man who came to dinner), o papel de Bette Davis foi muito inferior aos seus méritos, pertencendo a película, por inteiro, a êsse demônio de barbas brancas que é Monty Wolley. "Nascida para o mal" (In this our life), — em que também apareceram Olivia de Havilland e George Brent, teve Bette Davis uma boa criação dramática, assim como em "A estranha passageira" (And now, voyager), com Paul Henreid, e em "Perfida", com Herbert Marshall, deu-nos a grande atriz dramática novas provas do seu excepcional talento, — que a converteu numa autêntica Sarah Bernhardt do écran. O sexto filme de Bette Davis foi "A noiva caiu do céu" (The Bride came C.O.D.), comedieta sem maior importância, em que a atiraram ao lado de James Cagney. Ginger Rogers foi outra artista que continuou em ascensão ininterrupta. Na Twentieth Century Fox, apareceu ela em uma das mais deliciosas películas satíricas que o cinema norteamericano já produziu, — "Pernas provocantes" (Roxie Hart), acerada crítica aos juris sensacionais, à imprensa de escândalos, aos juízes e advogados cabotinos e à pieguice romântica do público. As caracterizações de Ginger Rogers, Adolphe Menjou e George Montgomery nesse filme merecem destaque entre os melhores de 1942. A heroína de "Kitty Foyle" e "Caminho da Perdição" (Primrose Path) apareceu ainda, durante o biênio 1942-1943, em "A incrivel Suzana" (The major and the minor), com Ray Milland e Diana Lynn; "Seis destinos", com Charles Boyer, Henry Fonda e outros; e "Era uma lua de mel" (Once upon a honeymoon), com Cary Grant e Walter Slezak.

Entre as revelações sensacionais dêsses dois anos — merece ser citada em primeiro lugar a de Thereza Wright, na verdade uma excelente artista dramática, em filmes como "A sombra de uma dúvida", "Ídolo, amante e herói" e "Rosa de Esperança" (Mrs. Miniver). Outras revelações expressivas foram as de Margaret O'Brien, a menina de "Sublime Alvorada" (Journey for Margaret), com Robert Young e a de Roddy MacDowall, o garoto de "Como era verde o meu vale", o admirável filme dramático em que a Fox nô-lo apresentou, ao lado de Walter Pidgeon, um veterano cujo prestígio aumentou bastante ultimamente. Das figuras antigas, que vinham lutando para recobrar o prestígio de outróra, merece ser citada Simone Simon, pelos seus trabalhos em "O homem que vendeu a alma" (All that money can buy) e em "Sangue de Pantera", cujo grande êxito foi, em grande parte, devido à sua interpretação eminentemente felina.

Dentre os artistas novos, que ainda não haviam conquistado um sucesso realmente marcante, os que mais se distinguiram, sem dúvida, foram Ronald Reagan, hoje capitão do Exército Norte-Americano, e Ann Sheridan, que ao seu lado apareceu na película dramática "Em cada coração, um pecado", pungente história que se converteu numa espécie de "Honrarás tua mãe" dos tempos modernos.

Tal foi o movimento cinematográfico do biênio 1942-1943. Não convem alongar êste balanço, citando o título de películas secundárias, ou fazendo considerações supérfluas. Resumamos a nossa impressão sôbre as películas lançadas nesses dois anos apontando, em grupos, as que nos pareceram na verdade dignas de serem lembradas. (*)

DRAMAS — "A grande mentira" — "Em cada coração, um pecado" — "Perfida" — "Tempestades dalma" — "Rosa de Esperança" — "Contrastes Humanos" — "Seis destinos" — "Como era verde o meu vale" — "Nossos mortos serão vingados" — "O homem que vendeu a alma".

COMÉDIAS — "Pernas provocantes" — "Adorável vagabundo" — "A incrivel Suzana" — "Satan janta conosco" — "Bola de Fogo" — "Boêmios Errantes" — "O grande ditador".

FILMES DE EMOÇÃO E "SUSPENSE" — "Sombra de uma dúvida" — "Sangue de pantera" — "Falcão Maltês" — "Mr. V" — "O homem que quis matar Hitler".

FILMES MUSICAIS — "A canção da vitória" (Yankee Doodle Dandy) — "Coquetel de estrêlas" (Star Spangled Rhythm) — "Tudo por um beijo" (The fleet is in) — "Sete noivas" — "Uma cabana no céu".

Êsse cotejo encerra o nosso balanço e deixa bem clara a nossa opinião sôbre os valores mais expressivos da produção apresentada nas duas últimas temporadas.

Uma palavra, agora, sôbre o cinema nacional. Evidentemente, o acontecimento mais significativo do biênio 1942-1943, foi a fundação de um novo estúdio, o da Atlantida Filme, que tem como principais animadores Paulo Burle, José Carlos Burle e Moacyr Fenelon, além de contar, ainda, com a colaboração de Edgard Brasil. A Atlantida parece realmente disposta a trabalhar e tem elevado bastante o "standard" da nossa produção cinematográfica. A produção nacional de longa metragem, em 1942, foi quase nula: uma película apenas. Mas em 1943 já tivemos cinco películas. Eis o que foi produzido no biênio:

1 9 4 2

"Argila" — Da Brasil Vita Filme, com 2.600 metros.

1 9 4 3

"Samba em Berlim" — Da Cinédia S. A., com 2.308 metros.

"Caminho do céu" — Da Cinédia S. A., com 2.308 metros.

"Moleque Tião" — Da Atlantida, com 2.250 metros.

"O Brasileiro João de Sousa" — Da Cinex, com 2.143 metros.

"E' proibido sonhar" — Da Atlantida, com 2.130 metros.

Enquanto isso, a Brasil Vita Filme continuou a filmar "A Inconfidência Mineira" e a "Cinédia" a filmar "Romance Proibido".... Ambos já têm mais de cinco anos de filmagem.

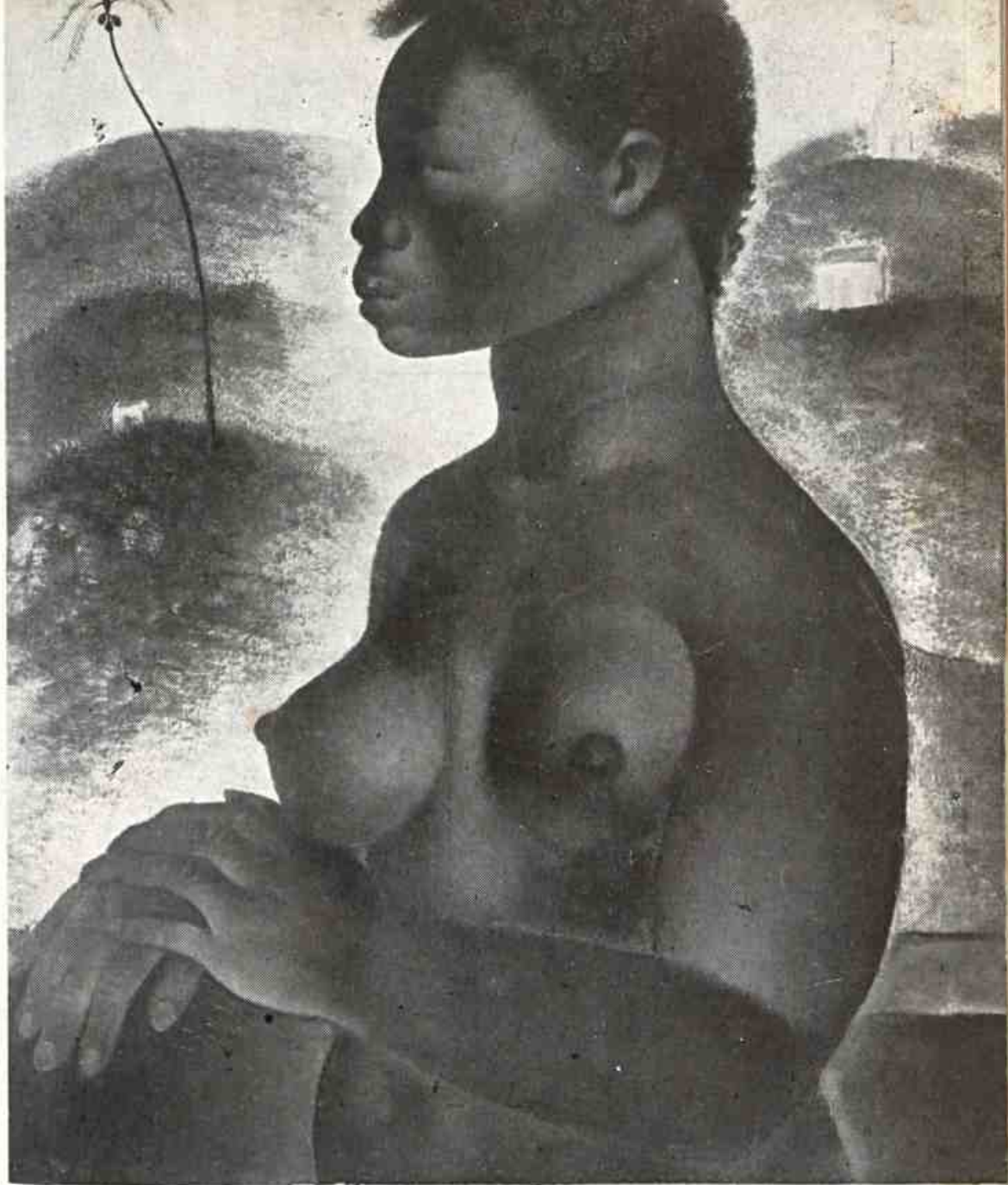
(*) A ordem da colocação dos títulos não indica a intenção de estabelecer uma gradação numérica entre os mesmos.

Premios de Viagem

Torres cariocas, óleo de L. F. Almeida Junior (Prêmio de viagem ao Brasil, pela Divisão Geral, em 1942).

Repouso, óleo de Aldo Malagoli (Prêmio de Viagem ao Estrangeiro de 1942).

Joana D'Arc, de Pedro Américo. É dos quadros mais característicos do pintor paraibano, cujo centenário de nascimento foi comemorado em 1943.

Agua-Ceará, óleo de João José Rescala (Prêmio de Viagem ao Estrangeiro de 1943).

Negra, óleo de Orlando Teruz (Prêmio de Viagem ao Brasil de 1942, pela Divisão de Arte Moderna).

Dansarinas, desenho de Percy Deane (Prêmio de Viagem ao Brasil de 1943, pela Divisão de Arte Moderna).

Retrato do pintor Jeronimo Ribeiro, óleo de Armando Pacheco (Prêmio de Viagem ao Brasil de 1943, pela Divisão de Arte Moderna).

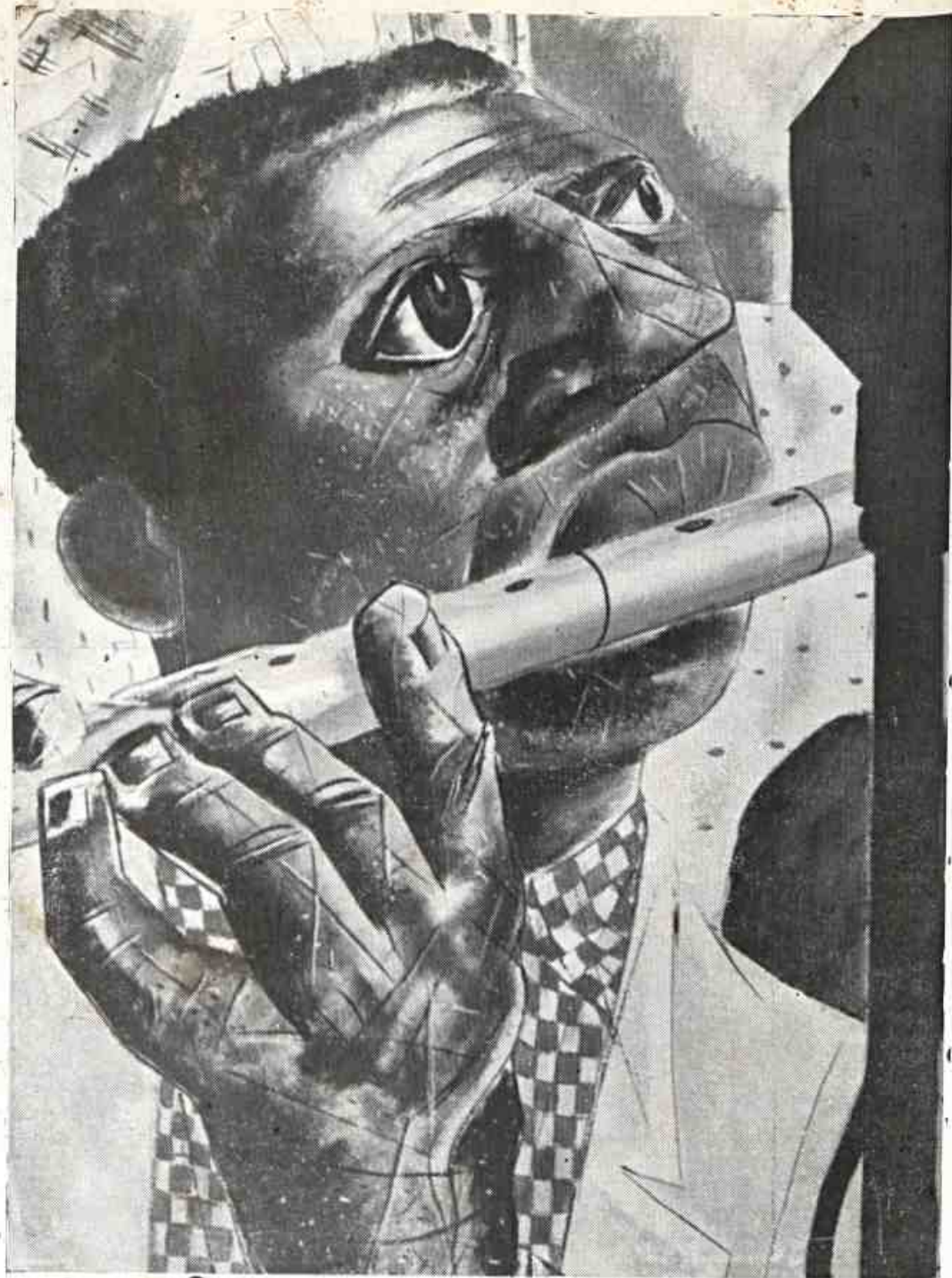
Galeria Irmãos Bernardelli

Um dos acontecimentos mais importantes do biênio 1942-1943, no terreno das artes plásticas, foi certamente a inauguração da Galeria Irmãos Bernardelli, no Museu Nacional de Belas Artes. Os admiradores da obra deixada pelos célebres artistas poderão, assim, estudar os quadros e as esculturas deixadas pelos Irmãos Bernardelli, legado dos mais ricos do nosso passado.

CANDIDO PORTINARI, o grande pintor brasileiro, expôs em 1943. Foi sem dúvida o maior acontecimento artístico do ano, um dos maiores acontecimentos artísticos jamais realizados em nosso país.

A obra de Portinari, louvada no país e no estrangeiro, constitue uma das glórias da geração atual.

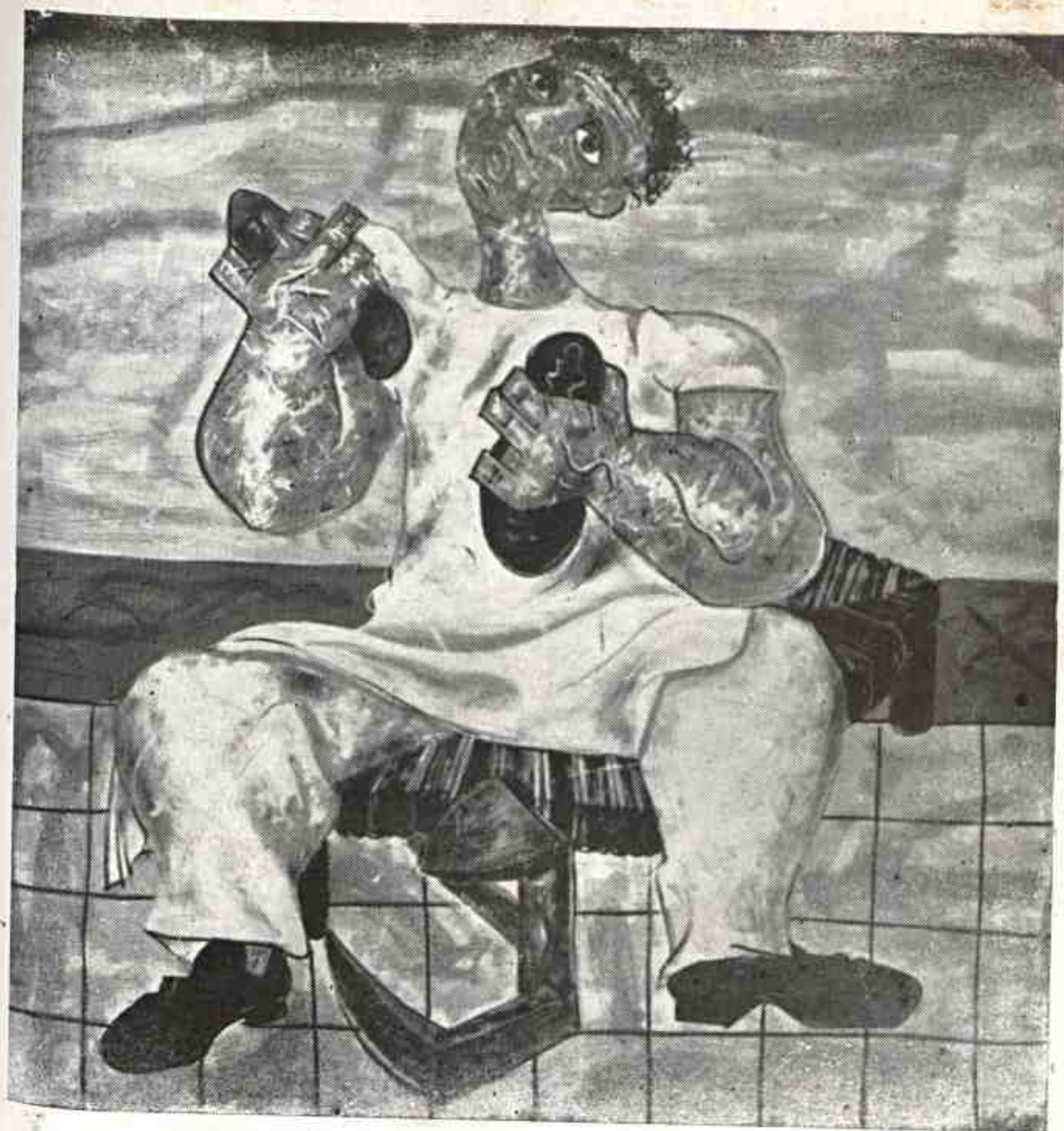
O mestre admirável de Brodowski é hoje um nome universal.

O nome de Portinari já passou à história da pintura, como um dos seus cumes mais altos.

Detalhe de um mural da Rádio Tupí, do Rio de Janeiro, por Candido Portinari.

Retrato do poeta Manuel Bandeira, óleo de Candido Portinari.

São Pedro, óleo de Candido Portinari.

Nossa Senhora, painel de uma igreja na Tijuca (Rio de Janeiro), por Candido Portinari.

Retrato do escritor Octavio Tarquinio de Sousa, óleo de Candido Portinari.

O sapateiro, óleo de Candido Portinari.

Retrato de João Candido, óleo de Candido Portinari.

APONTAMENTOS DE UM RADIO-OUVINTE

MARTINS CASTELLO

NÃO basta que os programas de auditório, adotados por quase tôdas as emissoras brasileiras nos últimos dois anos, agradem aos espectadores-ouvintes.—E' preciso levar-se em conta os semfilistas, presumivelmente muito mais numerosos que acompanham de longe as transmissões. Nessa orientação unilateral, reside, mesmo, um dos mais sérios equívoco do rádio, já assinalado por Alfred Porter (1). O cronista norteamericano partiu do princípio de que o "broadcasting", dentro do sistema do "sponsored program", procura servir ao público e não ao povo. E, fixando as fronteiras entre os dois grupos sociais, mostrou que o povo torna-se público à medida que se despoja dos seus mais nobres atributos, até transformar-se em um aglomerado de "fans".

O assunto merece, sem dúvida, reparos, à margem das lições dos sociólogos. A multidão e o público são grupos indeterminados, que, formando-se e dissolvendo-se, não têm tradições e consciência nítida de si mesmos, nem se recrutam segundo regras e conceitos estabelecidos (2). E possuindo um caráter efêmero, apresentam um grau extremamente baixo de consistência, sem estrutura própria. Mas, ao lado dêsses pontos de contacto, existem diferenças que devem ser assinaladas, para uma perfeita compreensão do problema. A razão ainda se encontra, neste particular, com E. Bogardus (3).

Sim, a multidão é, como o público, um agregado social. Acha-se, porém, ao contrário daquele agrupamento, constituida de relações marcadas pelo contacto imediato dos indivíduos que aparecem como seus componentes. Se é uma sociedade efêmera, pois se encontra em estado nascente, não deixa de ser intensa e fecunda, por causa do intercâmbio de idéias (4). A fusão, que, em um grupo, se processa apenas no plano das classes, no outro chega aos espíritos e às consciências, em uma interpretação que unifica elementos mais ou menos heterogêneos. O pensamento é o grande fator de coesão.

Torna-se, dêsse modo, interessante e util vermos o reverso da medalha atirada ao ar por Alfred Porter. A técnica suscitou, não só formas novas, mas também novos meios de agirmos sôbre o público. Valha, como exemplo, o caso mesmo do rádio, que, com o seu dinamismo, diminuiu a dependência do homem em relação ao meio físico, tornando mais próxima a sua posição no ambiente social (5). A descoberta de Marconi desconhece as distâncias. E permite uma acão contínua e intensa sôbre os indivíduos, as classes, os grupos de que se compõe uma sociedade, em tôda a extensão do seu território.

Não sabemos se o comentarista de "The New York Times" conhece os resultados da pesquisa levada a efeito, no seu país, pelo professor Paul F. Lazarsfeld (6). Mas, nas conclusões dêsse inquérito, podem ser achadas as respostas para a maio-

(1) ALFRED PORTER — "The New Structure of American Broadcasting" — Nova York, 1941.

(2) E. R PARK — "Collective Behaviour" — Estudo publicado no volume III da "Encyclopedia Of The Social Sciense" — Nova York, 1930.

(3) E. BOGARDUS — "Fundamentals Of Social Psychology" — Nova York, 1941.

(4) G. L. COYLE — "Social Process In Organized Groups" — Nova York, 1941.

(5) WILLIAM S. PALEY — "Radio As A Culturat Force" — Nova York, 1940.

(6) PAUL F. LAZARSFELD — "Broadcasting Fox You" — Fidelfia, 1941.

ria das suas dúvidas. O "broadcasting" não é tanto assim como muita gente pensa, um instrumento anulador da personalidade do ouvinte. Estamos até, para repetirmos a frase de C. L. Menser, diante de "um comércio de idéias" (7). Tudo depende de sabermos aproveitar o tempo, fugindo dos maus programas, ou, em outras palavras, sintonizando os cartazes que instruem e educam.

•

Nunca é demais insistirmos na análise do problema do rádio em face do público. A civilização atual tem a garantia da sua estabilidade, como observou Herbert Hoover, menos no produto das nossas horas de trabalho do que no emprego que sabemos dar aos momentos de recreio (8). E aí está uma advertência, aguda e oportuna, aos sintonizadores dos quatro cantos do Brasil. Os sem-filistas patrícios devem deixar um pouco de lado os sambas de breque e as novelas cheias de suspiros, afim de seguir, com carinho, os programas colocados a serviço da defesa nacional. Trata-se de uma imposição patriótica, que, reclamando o concurso dos diretores de estações e dos anunciantes, exige igualmente a cooperação de todos os ouvintes (9).

A guerra moderna não começa nos campos de batalha. Vem, antes da luta, a "barragem" de ondas curtas, a propaganda pelo éter, com o objetivo de quebrar o moral do inimigo. Depois é ainda o "broadcasting" que serve à matança sangrenta, orientando os "tanks" e os aviões. Os menores movimentos dessas armas de destruição acham-se ao alcance de aparelhos rádio-telemecânicos. E, com a utilização dessa "nova arte radiotécnica", tão bem estudada por Hugo Gernsback, os combatentes dirigem a sua ação devastadora, vencendo linhas de defesa e aniquilando cidades (10).

Encontramos, entretanto, no próprio rádio, o remédio para a sua desfiguração pela brutalidade e pelo espírito de conquista. As ondas hertzianas podem servir, com extraordinário alcance, à causa da paz e da liberdade. E cumpre aos nossos "broadcasters", apoiados pelo "sponsor" e pelo público pôr em ação fôrça miraculosa. Nunca serão demasiados os programas de sentido construtivo, que informem e orientem a coletividade, difundindo conselhos em tôrno dos perigos que nos ameaçam (11). A palavra de ordem, no instante que atravessamos, é a luta contra a intriga, o derrotismo e a espionagem, desenvolvidos pela "quinta coluna".

Vale a pena, aliás, atentarmos um pouco na origem dessas duas palavras, que andam agora em tôdas as bocas. Quando o general Emilio Mola fêz o cêrco de Madrid, com quatro colunas, confessou aos jornalistas que a chave do seu triunfo não estava no preparo e no entusiasmo daquelas tropas. A sua confiança na vitória repousava em uma "quinta coluna", isto é, nas informações radiofônicas recebidas da capital espanhola. Era o império da espionagem. As emissoras clandestinas e ambulantes iam fornecendo aos rebeldes, com a máxima presteza, os detalhes das providências tomadas pelo govêrno de Manuel Azaña (12).

Felizmente, temos aproveitado, vigilantes e serenos, a experiência de outros povos. O rádio brasileiro vive, hoje mais do que nunca, a serviço da nossa integridade. Os dedos das mãos não chegam para a contagem dos cartazes de finalidade patriótica, que, nas "pêerres" do Rio e dos Estados expõem as nossas obrigações históricas e mostram o acerto da política do presidente Getulio Vargas. Na luta contra o despotismo, que ordena a cooperação geral, o silêncio das nossas estações seria um crime. E o momento não perdoa as deserções e as covardias.

•

Temos diante dos olhos uma estatística sôbre a renda publicitária das três maio-

---

(7) C. L. MENSER — "Broadcasting In The United States" — Nova York, 1940.

(8) ERBERT HOOVER — "The Future Of The Democracy" — Estudo publicado no número 27, volume XXXVIII de "The Time" — Nova York, 1941.

(9) EDMUNDO LYS — "O Radio E A Guerra" — Estudo publicado no número 4.920 de "O Globo" — Rio, 1942.

(10) HUGO GERNSBACK — "The Destintive Power Of Short Waves" — Estudo publicado no número 851 de "Radio And Television" — Nova York, 1941.

(11) MARTINS CASTELLO — "Contra A Quinta Coluna" — Estudo publicado no número 303 de "Vamos Ler!" — Rio, 1942.

(12) JEAN PAUL FERTIN — "Hitler Et La Guerre en Espagne" — Paris, 1939.

les cadeias radiofusoras dos Estados Unidos (13). A National Broadcasting Company conseguiu de anúncios, em 1942, cinquenta e um milhões de dólares. Vêm, em seguida, a Columbia Broadcasting System, com trinta e nove milhões, e a Mutual Broadcasting System, que levou aos seus cofres mais de sete milhões. A cifra total, transformada em moeda brasileira, ultrapassa a casa de um bilhão e novecentos milhões de cruzeiros. Estamos, portanto, em face de algarismos astronômicos, que evidenciam a prosperidade das emissoras norteamericanas.

A propaganda comercial ao microfone, no Brasil, está longe de admitir comparações com a situação que soube conquistar no grande país amigo. A receita anual das nossas estações vai pouco além de trinta milhões de cruzeiros, e, de acôrdo com as publicações oficiais, oitenta por cento cabem às emprêsas do Rio e de São Paulo. Apenas seis milhões de cruzeiros são distribuidos entre as sessenta "pêerres" dos outros Estados, onde ainda predomina o texto avulso, muitas vezes dado aos corretores como um simples favor (14). Os anunciantes continuam encarando o "sponsored program" como um desperdício de dinheiro. E, colocados nêsse ponto de vista, não procuram medir a distância que separa o "broadcast" patrocinado da reclame que enche os intervalos musicais.

Não é difícil, porém, apontarmos a diferença entre o programa e o texto — os técnicos de publicidade já estão mesmo cansados de insistir nessa tecla. O comerciante deve saber "quanto" vai gastar, "onde" vai gastar e, principalmente, "como" vai gastar a sua verba de propaganda (15). Há, no caso, um fator psicológico, que é o ponto nevrálgico do problema. Enquanto o anúncio isolado se limita a roubar o tempo ao ouvinte, fora de qualquer compensação, o cartaz sob patrocínio, oferece entretenimento em troca da atenção dispensada à reclame. E, temos, de outra parte, a vantagem na escolha do momento propício à publicidade, pois nenhuma mensagem de vendas póde deixar de levar em consideração a finalidade do produto e o público a que se destina (16).

Parece-nos oportuno, a propósito do horário mais adequado à propaganda ao microfône, lembrarmos o inquérito realizado, em 1940, pela National Broadcasting Company e pela Columbia Broadcasting System. As duas poderosas organizações procuraram conhecer, dentro de períodos de meia hora, a ocupação de todos os indivíduos que, nos Estados Unidos, possuiam aparelhos receptores. Sessenta e três encarregados de levantar a estatística trabalharam, ativamente, durante quase cinco meses (17). E verificou-se que o melhor momento para a publicidade radiofônica acha-se compreendido entre vinte e uma horas e trinta minutos e vinte e duas horas, quando as estações, em geral, contam com o maior número de sintonizadores. Os programas são ouvidos, durante êsse espaço de tempo, tanto pela dona de casa da classe média como pelo banqueiro multimilionário.

O pior período para a reclame no "broadcasting" estende-se conforme o depoimento dos algarismos, de dez horas às dez horas e trinta minutos. Muito poucos rem-filistas norteamericanos costumam acompanhar, nessa meia hora, os cartazes postos no éter. E, como as mulheres são justamente consideradas as melhores freguesas, a National Broadcasting Company e a Columbia Broadcasting System desejaram saber a ocupação das donas de casa das mais diversas categorias, durante os referidos trinta minutos. Foram interrogadas oito milhões trezentas e oitenta e seis mil senhoras, das quais sete milhões duzestas e cinqüenta e oito mil, estando às voltas com os bebês, as máquinas de costura ou as caçarolas, não podem escutar os programa de rádio. O anúncio, que o locutor repete com voz pausada, chega ao conhecimento sòmente de um milhão cento e vinte oito mil sintonizadoras.

A lingüagem é o retrato do homem, que não fala porque pensa, mas raciocina

---

(13) R. C. BALMERTH — "Applyng The Singularities Of Radio" — Nova York, 1943.

(14) MARTINS CASTELLO — "O Anúncio No Radio" — Estudo publicado no nKmero 249 de "Vamos Ler" — Rio, 1941.

(15) F. A. ARNOLD — "Planning A Campaign Of Broadcast Advertising" — Chicago, 1940.

(16) M. H. AYLESWORTH — "What Broadcasting Means To Business" — Nova York, 1911.

(17) JACK P NESBITH — "Popular Reactions To Radio Broadcasting" — Filadelfia, 1941.

porque possúi o dom da palavra. E, dentro dêste princípio, estamos com Alfredo Niceforo, quando mostra que ocupar-se diferentemente equivale a falar diferentemente (18). O vocabulário técnico das profissões constitúi uma "lingüagem particular", que deve sua razão de ser, antes de tudo, às necessidades de exprimir, com a ajuda de têrmos especiais às sutilezas de cada gênero de trabalho. Não se trata, como no "argot", da intenção de esconder o pensamento. Achamo-nos ao contrário, diante do propósito de facilitar a idéia da coisa ou do fato às pessoas que empregam a sua atividade em outra ocupação.

Cada época, com as suas descobertas e invenções, tende a pôr em circulação, na lingüaguem comum, a expressão verbal de fatos novos. Há mais de trinta anos, Le Dantec já propunha, como providência inadiável, "uma nova maneira de falar dos fenômenos que continuam" (19). Na mesma ocasião, o professor W. Borgius lançava a sugestão de um vocabulário especial para os fatos sociais e econômicos, notadamente no domínio da estatística e da demografia. E a Academia Francesa, a partir da segunda metade do século XVIII, começou a fornecer "patente de noblesse" às palavras que surgiam com as conquistas da ciência (20). Tudo deve ter, nos diversos idiomas, a sua designação apropriada.

As atividades novas, que implicam em técnicos especiais e em funções desconhecidas, têm forçosamente que trazer uma contribuição de neologismos ao nosso vocabulário (21). Foi assim, há três ou quatro décadas, com o automobilismo e com a aviação. E, mais perto de nós, o cinema e o rádio aumentaram o número de vocábulos de uso corrente, impostos ao apreço das autoridades filológicas (22). Todos os anos, nos Estados Unidos os estudiosos recolhem os neologismos do "broacasting", que, em 1941, chegaram a mais de cinquenta. Encontramos dêsde o termo "boogie-woogie", que significa um estilo pianístico e "jazz", à palavra "video" exprimindo imagem televisada (23).

O problema no rádio assume, sem dúvida, um aspecto interessantíssimo, conhecendo-se o seu poder de penetração, baseado justamente na lingüagem oral. E não devemos esquecer, de outro lado, que o "broadcasting" utiliza elementos de várias origens, cada um com o seu léxico. Julgamos mesmo de bom aviso registrarmos a influência da gíria dos compositores populares (24). O "argot" dos sambistas, tão vivo e colorido, costuma vir em muitas produções, espalhadas pelo éter aos quatro cantos do país. Até que, um dia, um cavalheiro respeitável se surpreende, não encontrando, para definir a sua emoção, outro termo mais adequado do que o vocábulo nascido no Salgueiro ou na Favela.

Vimos sendo, de há muito, tentados a recolher, entre os músicos, os intérpretes, os compositores e os "speakers", as palavras mais expressivas da nossa gíria radiofônica. Mas, infelizmente, não podemos até hoje concluir essa pesquisa útil e sedutora, que mostraria a materialização das idéias e a degradação das sílabas na lingüagem dos sambistas. Temos muito a aprender no exame dêsse "argot", que amputa e deforma as palavras, ao mesmo tempo que deprecia os fatos e critica os acontecimentos. A teoria de C. Schutte já explicou a importância da "baixa lingüagem", cheia de sabor, de ironia e de pitoresco (25). E, no Carnaval, então, êsse "instinto de sátira" encontra o seu clima próprio, trazendo para o comentário das ruas as pequenas tragédias domésticas.

•

A idéia de trabalho andou, durante muito tempo, associada à imagem do sofrimento e do castigo. Basta examinarmos a origem do verbo "trabalhar". Em latim, pelo menos no século VI, chamava-se "trepalium" a um instrumento de tortura, feito com três paus e ao qual eram submetidos os condenados, os escravos, os gladia-

---

(18) ALFREDO NICEFORO — "Le Génie De L'Argot" — Paris, 1927.

(19) LE DANTEC — "La Stabilité De La Vie" — Paris, 1941.

(20) ALBERT DAUZAT — "La Langne Française D'Aujourd'hui" — Paris, 1938.

(21) ALFREDO PANZINI — "Dizionario Moderno" — Milão, 1936.

(22) ROBERT FLEMING — "Short Wave And Television" — Nova York, 1941.

(23) MARTINS CASTELLO — "A Gíria No Radio" — Estudo publicado no número 277 de "Vamos Ler!" — Rio, 1941.

(24) SIDNEY HARRIS — "Music For The Multitude" — Nova York, 1940.

(25) G. SCHUTTE — "Ueber Die Alte Politische Geographie Der Nicht — Klassisches Vogiker Europas" — Berlim, 1929.

dores. Formou-se, então do substantivo, o verbo "trigaliare", com o sentido de atormentar. E vêm daí o nosso "trabalhar" o francês "travailles", o italiano "travagliare" e o espanhol "trabajar".

Não era, entretanto, exclusiva do latim essa falta de carinho pelas realizações materiais. A voz grega "ponos", que significa o trabalho, está ligada ao termo latino "poena", num perfeito sinônimo de punição. O velho Hesíodo conta que Zeus, irritado com a façanha de Prometeu, conseguiu que os deuses escondessem dos homens o sustento fácil. Aliás, o mesmo conceito de expiação se encontra na história de Adão e Eva, que, depois do episódio da serpente, foram obrigados a ganhar o pão de cada dia com o suor do seu rosto. E os vocábulos hebreus que exprimem a atividade humana, como "yegi'a", "amal" e "eseb", indicam igualmente o sofrimento (26).

Estamos relembrando êsses fatos ao ouvir, através do receptor do vizinho, uma sambista lamentar a vida apertadíssima de certa mulata do morro. Os nossos "hits", populares têm feito, na verdade, com excesso, a exaltação do vagabundo de camisa listada. Quem não se recorda daquela crítica ao honesto Claudionor, que, para manter a família, foi suar na estiva, carregando fardos de sessenta quilos? E há muitos outros exemplos, merecendo mesmo ser registada, como uma boa "blague", a desculpa daquele sujeito que dizia que seu pai trabalhara tanto, que êle já nascera cansado. A figura de "seu" Oscar só apareceu mais tarde, com as leis sociais que reconhecem e amparam os direitos do operariado, bem como com a derrubada das favelas.

Êsses dois acontecimentos assinalam, sem dúvida, uma nova etapa na evolução do samba, que veio respirar um ar diferente da atmosfera dos barracões de zinco (27). Os versos das favelas significam um estado de espírito que exprime a origem histórico-social dessas coletividades. O capadócio, o capoeira e o malandro, três gerações de desajustados, são o enquistamento das senzalas, no período imediatamente posterior à emancipação dos escravos. Nesses grupos humanos torna-se, portanto, natural o repúdio ao trabalho exigido em norma social — contra a árdua labuta quotidiana, mostram-se, ainda, em oposição ao eito. E, por inércia social, os versos das canções dos netos de cativos continuaram distilando a amargura das existências sem liberdade.

Hoje, porém, não existe mais motivo para os maestros de caixa de fósforos ficarem batendo na fanhosa tecla. E' mesmo pelo seu esfôrço, pela obra que realiza, pelo seu sentido de cooperação, que o indivíduo se faz digno de viver em sociedade. O trabalho aparece, atualmente mais do que nunca, como a primeira condição humana. E esta convicção já chegou às mesas dos cafés, onde se reunem os sambistas, descidos do morro para o asfalto das avenidas. Os personagens das melodias populares deixaram a vadiagem — trabalham o dia inteiro, e sòmente à noite, de regresso ao lar, pegam a cuíca, juntam a turma no terreiro e principiam o batuque.

---

(26) ANDRÉS RÉVESZ — "La Grécia De Ayer" — Madrid, 1930.

(27) MARTINS CASTELLO — "O Samba e o Trabalho" — Estudo publicado no número 9 de "Vitrina" — Rio, 1943.

VINTE E CINCO ANOS DEPOIS

GILBERTO FREYRE

O nome de Monteiro Lobato está este ano em foco: é que faz um quarto de século que o grande paulista publicou "Urupês". E quem diz "Urupês" diz uma revolução nas letras brasileiras.

Para a vitória do livro concorreu poderosamente o velho Rui, quando, em discurso célebre, destacou a significação social do Jéca Tatú. Mas não nos esqueçamos de que, a essa altura, Lobato conseguira o milagre de despertar o velho Rui da indiferença tão dos nossos doutores e bacharéis de quasi todos os tempos, pelos problemas brasileiros de solução mais difícil que a jurídica ou a política. Indiferença em que se extremou uma geração inteira de intelectuais brasileiros: a dos primeiros decênios da República.

Sabe-se que os problemas telúricamente brasileiros quasi não existiram para o erudito Rui; e alguém que foi íntimo do seu gabinete, de sua biblioteca e da sua própria sala de jantar, já me falou do pouco interêsse do sábio da rua São Clemente pelos livros que se ocupassem do Brasil cruamente brasileiro, desvirginado, como assunto sociológico, pela impetuosidade romântica de Euclides da Cunha. Do Euclides de quem Rui, ainda com mais razão do que Nabuco, poderia ter dito que não era escritor muito do seu agrado, tal a impressão que causava aos intelectuais só de gabinete, de "escrever com um cipó".

Ter feito Rui Barbosa, já velho, voltar-se do alto do seu gabinete, com olhos espantados e quasi de menino (menino doente, criado o tempo tôdo dentro de casa) para aquêle Brasil áspero que os brasileiros de hoje estudam com um amôr que os seus avós bacharéis e doutores quasi desconheceram, me parece um dos milagres realizados pelo escritor Monteiro Lobato. Foi por obra e graça de "Urupês" que o maior campeão sul-americano da inocência de Dreyfus verdadeiramente descobriu que a poucas léguas da rua de São Clemente havia quem sofresse mais do que o remoto mártir do antissemitismo europeu; sofresse de dores que o "habeas-corpus" não cura; não alivia sequer. Nem o "habeas-corpus", nem a anistia; nem o "sursis". Nenhuma solução simplesmente jurídica.

Antes de Monteiro Lobato, grandes vozes como a de Euclides, a de Teixeira Mendes, a de Eduardo Prado, a de Aluizio de Azevedo, a de Gilberto Amado, levantaram-se contra o farisaismo jurídico entre nós. Mas foi a voz de Monteiro Lobato que conseguiu esta vitória inesperada: fazer que Rui Barbosa enxergasse problemas extrajurídicos como o de Jeca Tatú. Nem de questão de limites interestaduais, nem de anistia, nem de abuso do poder executivo, por caudilhos de casaca ou de farda, mas o problema crú de miséria, de degradação humana, de deterioração social em suas formas extremas. E essa miséria, essa degradação, essa deterioração nas próprias fontes da vida, da economia e do caráter brasileiro.

A figura de Monteiro Lobato há de guardá-la não apenas a história literária do Brasil mas a própria história do povo e da nacionalidade brasileira; aquela história que às vezes é escrita com sangue. Êle foi um dos iniciadores mais vigorosos da fase atual de literatura em nosso país. Mario e Oswald de Andrade, José Américo, Amando Fontes, Lucio Cardoso, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Luis Jardim e vários outros, ao aparecerem, encontraram o sulco de Lobato.

E a preocupação atual de nos voltarmos para os nossos problemas mais com os olhos de estudantes da natureza humana e da condição brasileira de que com o "pince-nez" de juristas, de gramáticos, e de políticos, é preocupação que anima as melhores páginas de Lobato de 1918. Do Lobato que apareceu há vinte e cinco anos com seu "Urupês" revolucionário, escandalizando patriotas, gramáticos e acadêmicos.

VIDA E MORTE de Graciliano Ramos

MELO LIMA

A verdadeira personalidade do romancista é a que êle manifesta nos seus romances e não a que apresenta todos os dias, quando sai do seu mundo próprio. Essa é a sua máscara, ou talvez melhor, a sua morte. Para êle possivelmente significará **auto-defesa;** para os outros, **atitude,** e isso indica, logo à primeira vista, que a máscara — hoje alegre, amanhã triste — é a sua própria perdição, isto é, a perdição da pessoa criadora, da personalidade do romancista.

Fora do seu estado de criação, o romancista é, visivelmente, um homem perdido, tanto para si como para os outros, porém muito mais para si mesmo. Ninguém melhor do que êle conhece os caminhos do seu sofrimento, que são os caminhos da alegria e dos prazeres dos simples. Para criar o seu mundo, onde se sente completo e dignificado, destrói o outro mundo, o mundo dos demais, que viveu até o momento em que principia a escrever.

No ato da criação, esquece-se; o homem que foi desaparece, e ao esquecer-se muita vez esquece o mundo que o alimenta material e espiritualmente. Voltando à realidade, ao tempo "intolerável" marcado não só de dias como de horas, de minutos e segundos em que se vê mais uma vez voltando à sua morte diária, já é o homem perdido nas preocupações exteriores que tanto abomina. Mas, esconde a sua morte no sorriso que mais parece acentuá-la nas rugas que se refazem ou na roupa que acompanha os rigores da moda, enfeitando um homem já desprovido de todo o interesse romanesco ou mesmo humano, e quase sempre pior do que o último dos homens, porque não é êle próprio.

Quando escreve, vive: pelos outros, pelo que gostaria de ser e, sobretudo, por si mesmo; quando vive, morre.

Nesse vai-e-vem de morte e criação, do que foi e do que será, êle acaba descobrindo que o que lhe é mais significativo é justamente o que vai contra si próprio, contra o homem que é: a sua destruição. Está claro que essa morte do romancista não é a da pessôa que desaparece debaixo da terra; também a dor que sente por ela não se assemelha à da certeza da morte comum. Situação de velório sem defunto: apenas ausência de si mesmo .

Se não morre para si, isto é, dentro de si, morre para os outros, mas o resultado é sempre penoso tanto para quem o foi conhecer, na esperança de encontrá-lo íntegro, como também para êle próprio que, **falando, silencia** as verdades ou as grandes realidades que poderia revelar. Eis porque o romancista que **conhecíamos** através dos seus romances se torna inteiramente **desconhecido** para nós (refiro-me aos que se iniciam na vida literária, procurando os grandes na esperança de encontrá-los) quando o vemos fora da sua casca, do mundo que lhe restitue a personalidade perdida.

Naquele apêrto de mão, ansiosamente esperado, e naquela troca de sorrisos e palavras convencionais que tanto nos desiludem, já não se percebe a **presença do romancista,** que conhecíamos em tôda a pureza da sua intimidade mais profunda, porém **precisamente a sua ausência.**

A presença do homem endomingado ou de chinelos e pijama indicou-nos um desgraçado que aparenta a mais torpe das felicidades ou o mais desprezível dos cinismos; **da sua personalidade de escritor só se vislumbram os conflitos provocados justamente pela ausência que os ambientes e as pessoas provocam, em menor ou maior escala, transformando-a num vazio que parece abismo, onde a pessoa espiritual despencou.** Nesse vazio ou nesse abismo que se formou de súbito diante daquêle que nos proporcionou a grande e inefável sensação de nos esquecermos completamente no seu romance, de nos perdermos naquela personagem que queremos com afinco como a nós mesmos, percebe-se o drama da vocação, o transe de suicídio, a situação de velório. Algo que não podemos definir (em nossa situação de despeito e desencanto) cria logo uma separação irremediável, uma desilusão que só terminará na volta à intimidade do romance, através de leituras mais difíceis agora.

●

Estas considerações, e algumas das que se seguem, condensadas com esfôrço do livro, "A Biografia de um Homem Vivo", que, faz três anos, venho tentando concluir sôbre o autor de "Angústia", aparecem aqui simplesmente para apoiar a afirmação de que **o romancista Graciliano Ramos não se diferencia do homem que é,** nem decepciona, mas assombra, faz medo e confunde.

Em seus romances, quando nêles nos vamos perder para alcançar a graça de que no "tempo não havia horas", ainda nos podemos defender da dor de nossas próprias ruínas de homens confusos e desamparados que o romancista aclarou com a fôrça do seu estilo: fecha-se o livro, deixando-se a leitura para o dia seguinte. Mas, pensando bem, nem assim.

A morte não faz medo, é dor apenas. O que faz medo é a experiência que representa para nós, a morte vivida diante do morto. A trágica solidão das personagens de **Cahetés, S. Bernardo, Vidas Sêcas, Angústia, Memórias de Infância** (Inédito) e de seus contos **O Relógio do Hospital, Insônia** vem aumentar a nossa solidão e cortar a necessidade de dormir, que se transforma, tal como em **Insônia,** no julgamento inconsciente de nós mesmos, porque as nossas ruínas interiores estiveram aclaradas, e como nos apavoram! Não é a "dor de morto", destruição da carne, apenas situação de velório em frente ao que já estava exterminado dentro de nós sem que o soubessemos.

Na sua presença real sente-se o romancista e o homem, ambos de tal maneira ligados entre si que nos afastam definitivamente para nunca mais procurá-los ou nos atraem com uma fôrça tão poderosa que nunca mais nos distanciaremos da sua influência e dos grandes mergulhos forçados — como os da sua personagem de "Angústia" — que nos obriga a dar no poço escuro e sem reflexos de estrêlas que aparentamos.

Ao contrário dos outros, Graciliano Ramos falando **não silencia** as suas verdades; ao contrário, revela-as, afirma e reafirma-as, o que é um desastre, porque sofre pelo que diz sem poder conter, porque é réu e acusador, mas sobretudo réu de si mesmo e de todos os outros, até mesmo dos que só merecem o ódio puro da inimizade sertaneja. E quem não tem capacidade semelhante de sentir os mesmos conflitos provocados conscientemente, a mesma impiedade de maltratar e maltratar-se, de condenar quando chora pelo que condena, de descompor quando desejaria acariciar, de morrer quando nas raízes do seu próprio abandono permanente deseja viver e viver a vida dos mais brutos, porque viver a vida dos mais brutos seria encontrar nova forma de angústia, como aconteceu ao personificar-se em Paulo Honório de **S. Bernardo,** invariàvelmente se afasta do seu convívio real, mas não se desilude. Ficará admirando-o de longe, perdendo-se nos seus romances e contos, sòzinho, com a ilusão de liberdade. A impressão que tinha da sua personalidade verdadeira de romancista cresceu, porque o homem que é Graciliano Ramos não era a ausência de si mesmo, nem a negação do que foi.

●

Faz seis anos completos que participo da amizade do homem que revela o romancista que é, tanto êle como eu desconfiando de semelhante amizade, e sem lhe pedir o menor auxílio do seu grande prestígio junto aos que me poderiam auxiliar nos momentos em que me vi num abandono de bicho, na tenebrosa solidão que criava julgando que o fazia para viver a minha vida própria. Não queria perder o convívio do romancista. Proporcionava-me ensinamentos permanentes e reveladores que nem os livros de filósofos ou de ficcionistas, nem a minha solidão artificial, nem as insatisfações físicas, econômicas e nem as insatisfações intelectuais que uma imaginação sem limites e sem escapatória viviam a criar a cada instante, me poderiam proporcionar e satisfazer nessa época.

Há uma idade determinante para o seu futuro na vida do moço que escreve que é apenas de espera, de confusão, angústia interior e desamparo. Uma idade tão pessoal que só interessa mesmo às pessoas da nossa casa, porque essas pobres vítimas se sentem na obrigação de nos tolerar. Graciliano Ramos forçou-me, nessa idade pessoal, a uma compreensão penosa sôbre os meus erros, fazendo-me acreditar que, no homem, o que mais interessa (ao romancista) são os seus erros, os defeitos conscientes e inconscientes. Os erros são mais dignos de consideração da parte de quem escreve do que as virtudes; os pais preferem o filho pródigo ao caseiro, e o próprio Cristo a ovelha negra, o pecador, ao que é brancura evangélica.

Para compreender os outros, compreender-se primeiro, e para compreender a si próprio — o caminho mais difícil e penoso, onde o poeta encontra a sua pedra e o filósofo as suas "pedrinhas brancas", e onde o romancista se atola como Luiz da Silva em **Angústia** ou a personagem de Tchekov naquêle conto da menina Varka que matou o bebê que acalentava para poder viver. Caminho de deserto, arenoso e áspero, de irremediável destruição de tudo o que a natureza lhe deu de bom: a vida. Não a destruição vulgar, — a do prédio pelas pancadas do ferro ou a da pessoa pela decomposição das suas carnes — mas, por exemplo, a do problema de aritmética: encontra-se a solução mas perde-se o problema. Quando supôs ter-se esgotado, chega o momento de projetar-se então no mundo dos outros. Projetando-se no mundo dos outros não significa que deve destruir o seu mundo, mas enchê-lo de imagens vivas, porque êle próprio, o romancista, já não pode viver sinão através delas, modificando-as segundo a fôrça do seu espírito criador a que finalmente chegou depois da caminhada para

atingir os homens na terra, pois o que "interessa mesmo ao homem é o próprio homem", bom e mau ao mesmo tempo.

●

Seis anos completos, e em todo o tempo em que a guerra nos obrigou a definições violentas, tanto aos moços como aos velhos, num ambiente contrário à qualquer definição, confesso que não percebi em Graciliano Ramos nenhuma traição a si mesmo.

Em outubro de 1942 comemoraram o seu Cinqüentenário com um banquete a cinqüenta cruzeiros por cabeça (um cruzeiro por ano de vida de Graciliano Ramos) e a Sociedade Felipe de Oliveira deu-lhe um prêmio de cinco mil cruzeiros pela excelência da sua obra. Augusto Frederico Schmidt, foi o autor do discurso, importante literária e politicamente, que os demais admiradores do homenageado pediram que fizesse. Graciliano Ramos escreveu uma resposta de "agradecimento" que é, mau grado a impiedade com que mais uma vez se maltratou, síntese total de si mesmo. Sentia-se irritado com a homenagem, muito embora fizesse tudo para exprimir o contrário. Comoveram-no as palavras marcantes e sentidas do poeta, tão compreensíveis e corajosas, mas não lh'as agradeceu, porque mais uma vez êle se mantinha integro e verdadeiro, incapaz de desiludir.

Não fui ao banquete, e por isso não posso descrever a seriedade que o presidiu por fôrça da **seriedade** de Graciliano Ramos e pelo fato de se homenagear um escritor que já esteve prêso. Mas aqui fica dito que em 1942 se comemorou o Cinqüentenário de Graciliano Ramos, homem fiel, romancista sem máscara, presente em si mesmo e não ausência de si mesmo.

●

Em seu caminho de areia não encontrou as pedrinhas brancas de Landsberg, nem aquela estupenda pedra do poeta Carlos Drummond de Andrade. Caminho de areia quente que lhe prendia as pernas e a palavra incontida que os seus lábios (de Luiz da Silva) pronunciavam com o desespero total do remorso do homem perdido no romance e na realidade. Contra o que mais amava (Marina), contra o motivo do seu sofrimento infundado, o amor do seu coração, a sêde do seu sexo — a palavra última, a que nenhum outro no romance nacional pronunciou, porque teve receio de destruir destruindo-se, mas que êle pronunciou simplesmente porque procurava a sua perdição.

Na vida real é também o homem que se perde pela palavra falada: diz sempre o que desagrada, tal como as suas personagens, desde **Cahetés** às **Memórias de Infância**, ainda inédito. Tem a consciência de que essa sua perdição constante é um sinal de vida eterna.

●

Levei à sua casa os meus melhores amigos, aquêles cuja vocação os fêz assim com êsse desejo de perdição, para que eu não obtivesse, sòzinho, a sabedoria das suas experiências, da sua palavra brutal, dos gestos de desagrado e amargura da vida que êle torna mais difícil, verdadeiramente labirintica como diria qualquer ensaista espanhol, para dominar cada vez mais.

Muitos sucumbiram, entalados diante das palavras que lhes destruiram a esperança de elogios fáceis, do falso estimulo de sorrisos amáveis e pancadinhas nos ombros. Nunca mais apareceram. Encontrei-os depois na rua e provoquei discussão afim de saber se estavam desiludidos como eu estivera diante de tantos romancistas fora do seu mundo próprio. Nenhum me demonstrava isso, mas também não revelava que não resistira à presença viva de João Valério, Paulo Honório, Fabiano, Luiz da Silva, reunidos na figura de Graciliano Ramos, o homem.

●

Certo romancista, quando Graciliano Ramos se encontrava na cadeia, teve a lembrança de enviar-lhe dois dos seus livros, devidamente autografados, sem supôr que um dia êsse mesmo homem dissesse bem alto, na frente de várias pessôas, que a sua literatura não passava do resultado de vicios noturnos. "Porcaria".

Mau grado a terrível palavra incontida, que lhe é sempre prejudicial na vida diária, é bem sincero e agradecido. Ainda hoje fala com simpatia da atitude daquêle pobre romancista em enviar-lhe os seus livros num momento tão perigoso, mas o que pensava dêle como romancista era aquilo mesmo que dissera na frente de tantas pessoas.

●

Fez-me rasgar todos os trabalhos que lhe mostrei em três anos. "Não prestam". Creio que não eram inteiramente desprovidos de interesse, e, para mim mesmo, naquêles dias, constituiam as melhores coisas que poderia escrever. No entanto, rasgava-os quase chorando até, mas com uma raiva tão grande da minha incapacidade, da aspereza de Graciliano Ramos que a pior das solidões me perseguia dias seguidos, engrossando-se com a presença ou com a alegria de tôda a gente. Mas aquela aspereza marcava para mim um horizonte de esperanças. E um dia, quando

lhe mostrei um conto que, por culpa de um silêncio da sua parte que eu supunha não fosse de condenação, desenvolvi num romance malogrado depois de feito, êle se virou para a mulher e pediu-lhe que me repetisse a confissão que fizera quando, há quatro anos passados, eu lhe havia mostrado o que considerava o "meu primeiro trabalho digno de ser publicado". Que era tão fraco, tão vazio, disse D. Heloísa, que possìvelmente jamais eu escreveria alguma coisa digna de proveito. Aconteceu porém que, naqueles meses, eu não tivera pena de mim mesmo, seguindo à risca a impiedade de Graciliano para com os que se aproximavam de mim. E também não lhe disse mais nada sôbre o "meu" romance, que escrevi como se estivesse em transe de suicídio, tal como a minha personagem também semelhante ao Luiz da Silva de **Angústia**, embora não tivesse nada o que contar e ainda caísse no êrro comum dos moços de confundir o seu vazio de experiências exteriores e literárias, com os pseudos mistérios que a escuridão de um poço sem água torna aparentemente mais profundos.

•

Luiz da Silva mata Julião Tavares com uma corda. Até aí nada demais, nenhuma situação despropositada, fora do comum e das atitudes sempre periclitantes de tôdas as personagens de Graciliano Ramos, porque uma personagem desse romancista sem grande público (assim o quer) é capaz de matar com qualquer coisa, de qualquer maneira e até mesmo sem motivo aparente. Mas, acontece que Luiz da Silva mata Julião Tavares justamente com uma corda que lhe deram de presente. Morando em casa nordestina, onde corda é imprescindível às nossas redes, Luiz da Silva escolheu **aquela corda** porque, sòmente por ela, **se daria** o enforcamento de Julião Tavares. ("A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me.") Poderia ter comprado uma corda grosseira de fibra ou uma bem macia de cabelos de cavalo, mas, **aquela corda**, que o vinha perseguindo há tanto tempo, **já era a morte da vítima**, não fôra trazida por Luiz da Silva. Fazia dias que moravam juntos; ela, devidamente enrolada como convém a uma corda; êle, desenrolando-a através da imaginação por tôda a casa, como se quisesse ligar os dias e as noites de Luiz da Silva num laço mortal que, em conclusão, era do próprio dono, do próprio Julião Tavares.

A lembrança de seu Ivo — o que lhe presenteara a corda — no momento supremo em que finalmente Luiz da Silva devolve a Julião Tavares a sua morte, incomoda mais que o próprio enforcado. Por quê? Porque o seu Ivo é que é o criminoso...

Êle não temia a corda: no fundo da sua consciência torturada já sabia que era a morte de Julião Tavares, que absolutamente não lhe fazia medo, mas, sim, a pessoa viva a que ela estava destinada. Por isso, para se libertar da situação de velório, levou-a novamente ao seu destino próprio, tal como viera, isto é, em forma de presente.

O tribunal que Luiz da Silva imaginou depois para si mesmo não poderia julgá-lo simplesmente, porque o auto-julgamento, a autocondenação já fôra feita no instante mesmo em que nascera a idéia do tribunal.

Em tôdas as cenas de perdição dos seus romances, quando Fabiano mata o que mais amava: a cachorra Baleia; quando Paulo Honório mata devagarinho a sua mulher e a todos os que poderiam ser seus amigos; quando Luiz da Silva destrói com a palavra incontida e brutal a mulher que realmente queria, nasce e se desenvolve a impiedosa condenação de si mesmo, acrescida de uma consciência tão profunda dos seus erros que ela mesma já é a sua condenação e o pior dos tribunais que podia imaginar.

•

Ama com uma sinceridade tão grande que a sinceridade do seu amor, ao sair da pena para o papel ou da boca para a pessoa que a espera, se manifesta de maneira inversa à do amor e da sinceridade. Tanto na vida real como na vida de seus romances está constantemente a destruir o nosso amor por êle e o dêle por nós.

•

Dois dias antes de escrever estas notas meio desconjuntadas para o Anuário Brasileiro de Literatura, que apenas me pedira uma notícia sôbre a comemoração do Cinqüentenário de Graciliano Ramos, eu lhe havia mostrado o último capitulo que fizera dum romance de bichos, parado fazia ano e meio. Nêsse capitulo havia trechos que eu temia. Alguns escritores experientes e amigos já o tinham lido, mas não me indicaram o que temia sem saber o que era. Então, levei-o a Graciliano Ramos.

Os trechos, permitam-me transcrevê-los, eram os seguintes: — "A hora em que se dirigiu para o açude, a claridade do dia penetrava o que seria noite escura em tempos de inverno, com barulho de córregos pelas encostas e coaxar de sapos-cururús pelos brejos. A serra de Ibiapaba mostrava-se ao longe. Atrás dela, alongavam-se as sonhadas fazendas e matas do Piauí, para onde os bichos se dirigiam numa corrida que há cinco anos de sêca não parava. O sol era chama, ou talvez sangue, mas naquêles segundos, quando a terra apresentava côr indefinida e as sombras ainda não tinham poder suficiente para esconder os seus mistérios, também fazia parte das grandes esperanças alimentadas pela presença da velha Ibiapaba. Perdera a fôrça mortal do seu calor. Agora, era simplesmente a luz que projetava o corpo da serra vários minutos após o instante em que a caatinga se obscurecia num cansaço de morte. Era portanto a hora em que os escritores dos Homens tecem e entretecem loas ao crepúsculo, como se o crepúsculo de sêca merecesse loas. A solidão que desfere no espaço é tão pesada e dolorosa que não vale a pena descrevê-la, nem lhe oferecer versos, porque seria aumentar a tristeza do mundo."

"— Estás ouvindo direitinho, Lua? Abandonei minha mãe entrevada, e agora só me resta uma esperança: tu. Sòmente tu, minha prata, pratinha que escorres pela terra e pelo coração dos Cachorros, dos desesperados de amor e até mesmo pelo coração pequenino de um Gambá..."

— "Quem deseja casar-se não deve ouvir conselhos de casados, porque não casa mesmo, nem deve aproveitar a imagem de sonho que faz da amada para objeto de análises, desconfianças e ciúmes. Mas eu o fiz, Lua, e lá se foi a minha felicidade como a flor que, talvez por ser bela e frágil, é a primeira a desprender-se da árvore. A Girita fugiu... Oh, Lua prata, pratinha, mamãezinha, ela fugiu, ela fugiu!..."

Terminada a leitura, sem ouvir uma só palavra de Graciliano Ramos e sem perceber um olhar dirigido para mim, eis o que êle me disse:

— Tire esta comparação com a rosa. Está besta.

— E o resto, Graça?

— O resto... Só lendo outra vez.

E era justamente isso o que eu temia e procurava sem saber onde encontrar: a rosa! A rosa, a coisa frágil, ao alcance de qualquer um.

•

A mulher perdida que se despe na sua frente (de Luiz da Silva, personagem de **Angústia**) recebe em troca uma ternura sem limites que vai no dinheiro que lhe dá sem utilizá-la. Luiz da Silva não a amava, porque ela era perdição em pessoa. Era a palavra que não foi pronunciada sinão mais tarde às faces trêmulas de Marina, a que êle amava e que não estava perdida.

•

Não desilude porque se mostra sempre o homem que é e o romancista, que queremos que seja. Mostra-se inteiro, único, completo, porque, assim, se perde. E Graciliano Ramos sabe conscientemente que êle próprio é a sua perdição e não a cadeia que lhe deram, por causa dum "elogio" público dum romancista conhecido de nós todos numa época em que afirmar e provar que um romancista (o autor de "Vidas Sêcas") era verdadeiramente revolucionário significava prisão na certa, como o foi.

Não decepciona a quem o vai procurar já com a certeza instintiva e de que o encontrará, e encontrou-o de fato, embora não pudesse suportá-lo, porque êle estava presente com todas as suas personagens, provocando medo, assombro e confusão.

Por isso, é um homem sòzinho que não tem receio de se destruir naquilo que escreve: — "Cinqüenta anos perdidos, cinqüenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada." (**S. Bernardo**, 8.ª edição, pág. 248).

TRISTÃO DE ATAÍDE, APÓSTOLO E PROFETA

MIGUEL TRIGUEIROS

As obras que têm as suas raízes firmemente mergulhadas no terreno fecundo da inteligência, resistem melhor à fôrça destrutiva do tempo. A inteligência é a distância em potência. De onde, um ato de inteligência torna-se muitas vezes, num ato de profecia. Quando se afirma com os sentidos, afirma-se para o instante; quando se afirma com a inteligência, afirma-se para a eternidade.

Tristão de Ataíde sempre afirmou com a inteligência. E, por isso, a sua obra de apóstolo é, também, a obra dum profeta.

A claridade do seu pensamento ilumina o presente e o futuro, sem dúvida por ser o reflexo duma outra claridade mais forte porque mais alta: a do pensamento da Igreja. Tristão de Ataíde é um professor de catolicismo, no verdadeiro sentido da palavra — com tôdas as suas alturas de fé e todos os seus abismos de ansiedade humana, todos os seus cambiantes de alegria e dor, todos os seus imperativos de nacionalidade e universalidade. Talvez por essa razão, por servir uma concepção integral da existência, pela vocação totalista que o anima, a personalidade de Tristão de Ataíde se desdobra em múltiplas facetas literárias, como que procurando tudo aprofundar e tudo explicar, tudo unir com um só abraço do espírito. Conscio da sua dupla missão de ator e crítico no mesmo drama — o da nossa época — Alceu Amoroso Lima sabe corresponder a essa responsabilidade, oferecendo-nos, simultâneamente, o exemplo da sua vida e a mensagem das suas meditações, frutos duma serena e larga observação dos fatos.

O valor formativo da obra doutrinária de Tristão de Ataíde revela-se na influência poderosa que exerceu e continua a exercer na juventude portuguesa e brasileira, que nela admira um dos mais completos mestres do pensamento latino, seguindo com entusiasmo os seus postulados ideológicos e dando-lhe primazia na clarificação de inquietações e dúvidas.

O autor de "Problema da Burguesia" é justamente considerado um luzeiro da cristandade moderna. As suas palavras de doutrinador, hoje como ontem, atingem especiais ressonâncias de oportunidade. Frente ao desvario do mundo, devemos repetir, com Tristão de Ataíde, que só a Igreja dá perfeita resposta às perguntas da angústia universal, pois só ela transcende a tôdas as culturas, como a tôdas as classes humanas.

"Ela já viu o naufrágio da civilização romana, a ascensão e a queda da civilização bisantina, a formação e o declínio das civilizações bárbaras, a elevação e o desaparecimento da civilização feudal, a constituição e a dissolução humanista, e está vendo hoje a decadência da civilização burguesa, a cuja elaboração assistiu processar-se com a vitória do naturalismo, em parte contra o cristianismo e na esperança de o substituir, assim como a formação de uma civilização proletária. A civilização burguesa e a civilização proletária podem desaparecer radicalmente, como Cartago ou Creta, parcialmente como Atenas ou Roma, sem que isso em nada afete a existência eterna da Igreja, Corpo Místico de Cristo e única realidade absoluta na arena das sociedades humanas".

Está o Brasil culto a homenagear, durante o corrente mês, o talento excepcionalíssimo e a superior mentalidade de Tristão de Ataíde.

Bem andou o Secretariado da Propaganda Nacional em associar o nosso país a essa homenagem, assegurando-lhe a colaboração de alguns dos mais representativos escritores portugüeses. A obra de Alceu Amoroso Lima, pelas suas vozes ancestrais, é um grande monumento de lusitanidade.

Mario de Andrade

GUILHERME FIGUEIREDO

QUANDO o meu parnasianismo adolescente começou a desmoronar, então encontrei Mario de Andrade. Êste "Anuário de Literatura" não quererá um artigo a meu respeito, já que o pediu sôbre Mário de Andrade; mas ainda assim considero importante me colocar como uma espécie de personagem neste breve estudo, justamente porque a influência multiforme do escritor se fêz sentir de modo mais violento entre os moços de minha geração. Bem me lembro de quando, recem bacharelizado, discursado, paraninfado, comecei a tentar os mistérios do Foro e das escrituras de tabeilão. Eu tinha vindo do desapontamento de 1930 em que assistí à segregação voluntária de meu pai e à recusa de pactuar com os homens do momento. Aluno militar, a disciplina me dera uma noção de que a violência contra a ordem era um grave pecado — e isto me distanciava do revolucionarismo ods moços tanto quanto as aulas intransigentemente gramaticais de Mário Barreto me distanciavam do modernismo literário. Na Faculdade, se consegui um consôlo jurídico para as minhas inquietações, o programa literário que eu sonhava realizar permanecera o mesmo; vagamente bilaqueano, vagamente desconhecedor da batalha que, de 1922 para cá, distinguia cada vez mais dois campos de criação artística, e os tornava um dêles cada vez mais conservador, outro cada vez mais politicamente avançado.

Foi quando meu primeiro livro de poesias provocou um recado de Mario de Andrade, então Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo. Até então eu conhecera dêle alguns poemas da "Paulicéia Desvairada" e o "Macunaíma". Mas o movimento de 1932 fôra outra evidência da minha impossibilidade de permanecer num plano sem inquietações que não fôssem a procura da rima e o sofrimento lírico da puberdade. Ainda se passariam uns quatro anos, ainda eu cometeria um livro de poemas, antes de me assustar definitivamente. As minhas tentativas políticas, a minha insatisfação quando muito se manifestavam em prosa... e que prosa! A arte válida para mim, o "ballet" de Lifar, os concertos de Weingartner, os sonetos, estava ainda residindo num país sereno, sem reformas e sem culpas, um país de refúgio para o "week-end" dos meus desalentos. "Um violino na sombra" significou bem isto, e provocou de Mário de Andrade os mais nobres comentários que um moço poderia ouvir. Só então, graças a essa amizade que se fêz dentro da mais segura crítica que poderiam ter tido os meus versos, começaram a se confundir os dois planos de meu mundo, o plano da inquietação revolucionária, vinda da minha solidariedade de filho, da minha maior compreensão da vida brasileira, e o da literatura que, perdendo as impurezas da arte pura, começou a adquirir funcionalidade dentro do meu espírito.

Não creio que qualquer outro dos meus amigos mais velhos, e dedicados ao estudo, pudesse ter obtido o mesmo resultado. Um dêles, Palimércio de Resende, uma das figuras mais lúcidas que o exército já produziu até hoje, me daria conselhos estilísticos, me revelaria autores, e me ensinaria a ouvir música. Mas a sua inteligência não tinha contacto com inteligências desejosas de criar. Era apenas um ponto culminante na platéia. E em tôda a minha vida, sempre hei de julgar um fenômeno êsse delicioso epistológrafo e palestrador inesgotável, que entretanto se recusava a escrever e a divulgar as crônicas lucidíssimas que fazia em suas cartas. Transformado em revolucionário, êle foi bem um "revolucionário legalista", e representou, numa outra geração, aquilo que eu ensaiara inconscientemente ser na minha: um homem para quem a arte resultava num campo neutro e dominical entre os dias uteis da vida.

Mario de Andrade, sòmente, estaria em condições de eliminar a gratuidade da minha concepção mal-formada de arte. Seria inexato que eu me considerasse discípulo dêle em grau maior do que o foram todos quantos, da Semana de Arte Moderna aos nossos dias, repeliram o conservantismo lítero-político, desdenharam das fórmulas do purismo lusogramatical, ampliaram as possibilidades criadoras para as regiões meta-psicologicas do inconsciente e para a realidade lingüistico-popular do Brasil. Êsse modernista foi quem mais nitidamente adivinhou-a é bem o têrmo çara o caos da Hora Zero do Modernismo — o que estava por fazer. A ninguém mais se poderá apontar com tanta veemência a autoria da destruição dos moldes clásicos do parnasianismo entre nós. A ninguém mais se poderá conferir o título "sui-generis" de crítico de si mesmo. O prefácio de "Paulicéia Desvairada", que data de 1922, é a primeira tese crítica, e acompanha o primeiro gesto da poesia indignada, das "Juvenilidades Auriverdes" contra os "Orientalismos convencionais" e as "Senectudes Tremulinas". Desde então, em música como em pintura e literatura, o combate de Mario de Andrade vem sendo sempre dirigido contra êsses orientalismos e essas senectudes, proliferantes ainda vinte e dois anos após o embate inicial.

Mas desde aquele distante momento o modernismo se ressentia de falta de um material sôbre o qual assentasse as suas bases. Na Itália ou em França as premissas de todos os movimentos estão estabelecidas pelo próprio "substractum" cultural; entre nós, e

sobretudo em 1922, a adivinhação era tudo quanto se poderia desejar. Não seria sem razão que pela mesma época Roquette-Pinto enunciaria a proposição de que "o Brasil é um assunto virgem". Para uma revolução da arte também. O material folclórico ainda jazia quase que totalmente insuspeitado, apenas sumàriamente revelado através de esforços inauditos de um Couto de Magalhães, de um Melo Morais Filho, de um Barbosa Rodrigues, de um Silvio Romero, de um João Ribeiro e poucos mais. As formas populares da língua não sòmente eram repudiadas violentamente pelos filólogos e gramáticos, como até mesmo sistemàticamente desconhecidas. Os mais comesinhos problemas sociais quando muito serviam de tropos nos discursos. O liberalismo generoso de Rui Barbosa não lobrigara aspectos das nossas injustiças sociais, mas se limitara ao trabalho, já em si estupendo, de estabelecer princípios de ordem até mesmo moral para a nossa estrutura política. Um falso orgulho governamental e administrativo, hoje ainda tão observado, revelava parnasianamente o Brasil às gerações *Porque-me-ufanismo* de cartão postal. Na arte, os esforços abrasileirantes do romantismo foram expulsos impiedosamente das antologias, onde se instalou o culto da forma que era quando muito o culto da fôrma. Pelo nosso trópico ensolarado, pelas nossas noites misteriosas de sacis e de florestas calorentas. Coelho Neto espalhara ninfas áticas e deuses helenos que já tinham sido aposentados desde depois da Escola Mineira. A tradição dos mestres franceses importados por Dom João VI ainda perambulava suas sombras frias nos corredores da Escola de Belas Artes. Bem pouco profícuas tinham sido as experiências do canto brasileiro feitas por um Alberto Nepomuceno, cujas "Uiaras" desertaram das bocas das nossas sopranos, sempre mais bem-comportadas na Traviata. Schoenberg e Stravinsky já haviam composto o "Pierrot Lunaire" e o "Sacre du Printemps"; Picasso era aceito na Europa; André Bréton revelara as possibilidades do surrealismo. Nós, porém, não contavamos nem mesmo com essa ínfima parte do público que, em todos os movimentos, pressente que algo vai surgir e por isso não dá de ombros. A crítica oficial atrasada e conservadora, não estava à altura dos problemas que a Semana de Arte Moderna e seus adeptos iriam propor através de uma série de loucuras. Aí está por que Mario de Andrade se tornou professor de estética, musicólogo, crítico, folclorista, tudo quanto era necessário existir para que o artista Mario de Andrade subsistisse.

Nunca, em tôda a nossa história literária, um escritor teve tanta necessidade de se explicar. Quando as primeiras manifestações de rebeldia aos cânones gramaticais lusitanos da língua apareceram, o prefácio de "Paulicéia Desvairada" veio procurar iluminar a confusão. Ao redor dos modernistas espoucavam os mais trêfegos cabotinos, que procuravam rimar as suas macaquices pelo diapasão com que o modernismo procedia a sua crítica delirante e desdenhosa. O modernismo, em seus verdes anos, permitiu essa farândula de temperamentais, e por ela foi tomado em bloco pelas platéias desnorteadas. A poesia acadêmica achou aí logo o motivo para igualar uns e outros, e fornecer à compreensão digestiva do burguês um julgamento de bom-senso e autoridade ilustre. A inquietação revolucionária que o Brasil atravessava representou uma esperança

para os jovens da nova literatura — e isto foi mais um motivo para que a placidez das classes conservadoras (digamos assim) se mostrasse perturbada com a invasão popularesca, irreverente, que dava foros de arte nobre às manifestações de um povo demasiadamente possuidor de reivindicações. Poucas vêzes chegaram a ver, tanto os modernistas quanto seus opositores, que êsse povo ainda não tivera a revelação de tais reivindicações... E por isso o processo ainda seria lento, até a afirmação revolucionária das aspirações modernistas, pressentida com a fermentação que levou a 1930. Mas então foi a vitoria de Pirro; saímos de uma organização em que as questões sociais eram "um caso de polícia" para entrarmos num "deserto de homens e de idéias", para usar as frases da legalidade estabelecida e do revolucionarismo triunfante. E por que foi assim? Porque os novos quadros eram idênticos aos anteriores. A revolução mudou de conservantismo. No início, ainda estava Mario de Andrade explicando e se explicando. Ainda sonhou uma reforma do nosso ensino musical, uma reforma que abolisse o individualismo granfinamente pianístico dos nossos estudantes de música, e o substituisse por uma coletivização da música em nossas escolas. Essa transformação do aproveitamento da genialidade vocacional no nosso ensino da música por uma orientação socializante e geral, através de conjuntos, orfeões, congregação da massa popular em tôrno da música, representou, bem se pode dizer, usando uma expressão em moda na época, uma "reivindicação mínima". Falhou. 1932 tentaria reunir os desalentos. Também falhou. Mas o crítico de si mesmo continuou a tentar explicar o caos, para onde já tinham entrado, com sabor demagógico, muitas expressões reivindicatórias, já então perfeitamente domesticadas. O problema da devolução da arte ao povo acompanharia Mario de Andrade, desde "As enfibraturas do Ipiranga" até esta magnífica "Lira Paulistana", que data de 1944. Quando no Departamento de Cultura de São Paulo, êle transformou aquele órgão municipal num centro de interêsse mundial para a pesquisa folclórica. Data de então a Discoteca Pública, a única discoteca onde realmente não é um castigo ir ouvir música, em todo o Brasil. Da mesma época é ainda o Congresso de Língua Nacional Cantada, cujas sugestões são uma sistematização admirável do sonho esquecido de Nepomuceno, mas que, por um dêsses mistérios que sobrepairam tôdas as inteligências e dominam tôdas as estultícies, ainda não penetraram pela magra porta do teatro nacional. Continuamos no mais absoluto caos da prosódia, porque foi muito mais fácil criticar o Congresso sem procurar entender às suas aspirações, do que aplicar as soluções por êle lembradas.

Esta ação social da arte encontra Mario de Andrade presente, nos últimos trinta anos da vida brasileira. A constante necessidade de recapitular, de voltar a dizer, e de prolongar através do tempo as suas idéias que vão sempre mais além dêste tempo, é que tornam o autor de "Macunaíma" um contemporâneo das gerações posteriores. Naquela rapsódia em forma de fabulário se verifica o impulso constante de Mario de Andrade para explicar o que faz. E em cada novo livro, seja na didática "História da Música", seja nos "Aspectos da Literatura Brasileira", seja nos artigos que a pretexto de música escreve sôbre todos os assuntos na "Fôlha da Manhã", êle não consente que a sua voz deixe de ser esperança. Muitos de seus companheiros se resignaram. Não lhes fai difícil a glória das academias e das antologias. Não lhes custou muito o pacto com Mefistófeles, com o qual, se não podiam rejuvenescer, pelo menos anseiam a não morrer. Conservando-se, conservam o que quando moços pretenderam abolir. Muito cedo acharem que chegava a hora de parar o combate e virar estátua, enquanto a luta continua ao redor. Os fascismos de tôdas as camisas; a literatura purista e recreativa; o "dopolavoro" da arte inofensiva; a nossa vida de lucros e misérias extraordinárias ainda estão aí. Situar a arte num plano constante de conquistas sociais é o problema inquietante para nós. Mario de Andrade participa dêle, e justamente por isso, à medida que outros escritores lograram alguma posição individual e desapareceram após a última *deixa* que o talento lhes deu, as gerações posteriores à Semana de Arte Moderna vão encontrando o seu co-autor sempre contemporâneo delas. As aspirações de muitos dos nossos romancistas são sonhos circunscritos a uma pequena ilha de pensamento, pequenos Paquetás que trazem consigo. Os desejos de muitos dos nossos sociólogos assumem um aspecto polêmico encantadoramente municipal. Os vôos de muitos poetas lembram os de pobres canários belgas acostumados à gaiola. Por isso, quando essas personagens alteiam as vozes, os seus pensamentos e suas emoções em nada importam. Aí está por que tenho medo de chamar de jovem o Mario de Andrade dos cinqüenta anos. E' que os literatos de vôo rasteiro inutilizaram a palavra, à fôrça de usá-la injustamente, tôda vez que desejam agradar as "senectudes tremulinas". Não ouso chamá-lo de jovem, nem de mestre. Mas compreendo-o como um companheiro de geração.

PINHEIRO GUIMARÃES

Pinheiro Guimarães foi uma das exponenciais da sua geração. Militar, escritor e político, sua personalidade se projeta no cenário da vida brasileira como um dêsses espíritos privilegiados, que só aparecem de raro em raro na história dos povos. Daí o interêsse que se apossa do leitor que tem diante de si êsse repositório de informações sôbre a vida e a obra do grande homem, intitulado "Pinheiro Guimarães na esfera do pensamento brasileiro". E' uma obra de amor e de compreensão que não traça apenas a figura de um homem, pois sintetiza todo um período da nossa vida política e cultural, que medeia entre os anos 1832 e 1877, isto é, desde a data do nascimento até a morte de Pinheiro Guimarães.

NOTAS DE UM ARQUIVISTA SENTIMENTAL

JOÃO CONDÉ FILHO

O nome de João Condé está se tornando célebre. E' o homem dos "arquivos implacáveis", o colecionador de originais de romances, de cartas e retratos dos escritores contemporâneos. Já conseguiu formar um acêrvo respeitável, que o tempo certamente valorizará. João Condé possúe uma enormidade de livros inteiros em manuscritos, de livros de gente como Augusto Frederico Schmidt, Tristão de Ataíde, Álvaro Lins, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Otávio de Faria e tantos outros.

Sem ser pròpriamente o que se chama um escritor profissional (pois João Condé vive dos proventos do seu cargo de consultor jurídico de uma das nossas instituições de previdência social), escreveu o "arquivista sentimental" uma série de perfis para o ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA, focalizando as figuras de Álvaro Lins, José Lins do Rêgo e Otávio de Faria, dando de cada uma um aspecto inteiramente inédito.

AS TRAVESSURAS DO GAROTO ÁLVARO LINS

FECHO os olhos e um mundo de recordações povoa a minha imaginação. Vejo-me, menino de calças curtas numa rua poeirenta de cidade do interior pernambucano. A velha D. Chiquinha Veloso era protestante, comprava jornal velho, vendia sabão feito em casa e detestava de todo o coração o menino Álvaro Lins. Menino danado que só endireitaria se fôsse para a Marinha. Sim, a Marinha era a ameaça diária que nossos pais faziam, a cada travessura nossa. E constantemente a ameaça era relembrada, porque cada santo dia apareciam reclamações de mães com os filhos de cabeça quebrada; vizinhos raivosos protestando contra as vidraças de suas casas arrebentadas. Éramos tão moleques que as vizinhas e conhecidas diziam que não daríamos para gente e vaticinavam o futuro mais negro e pessimista que poderiam imaginar. E mais ainda — quando aparecíamos, fechavam as portas e não deixavam que os filhos saíssem para a rua. Brincadeira em que Álvaro Lins tomasse parte dava em encrenca feia. Não que fôsse o mais forte, mas às suas ordens, feito capanga, estava, junto do senhor, o moleque Cosme, cria da casa e desordeiro atrevido. Confiado na autoridade do delegado, que era o avô de Álvaro, o moleque Cosme tinha carta branca para tôdas as provocações e estrepolias que imaginasse. Ora, diante de tal situação nós tínhamos que obedecer e acatar tôdas as decisões, por mais perigosas que se apresentassem.

Certa vez Álvaro Lins resolveu mandar fazer num marceneiro, com três caixões de querosene, um bilhar, tendo como tabelas ponteiras esticadas e prêsas nos ângulos da mesa. Tôdas as tardes, às vêzes deixando de ir a escola, ficávamos por várias horas jogando bilhar.

As partidas de vinte e cinco pontos custavam 200 réis e tôdas as ocasiões em que Álvaro jogava, o que sempre sucedia, ninguém ganhava. Se estivéssemos na frente, em maior número de pontos ganhos, surgia inexplicàvelmente uma desinteligência e o moleque Cosme com tôda a sua autoridade ia distribuindo murros e safanões e outras ameaças mais terríveis:

— Quem não estiver satisfeito dê o fora logo e depois lá na rua ajustaremos contas.

De certo achávamos que não tínhamos razão e pedíamos ainda mil desculpas. Em meio de tanto desgôsto, descrédito dos vizinhos e estrepolias, havia uma pessoa que confiava no futuro de Álvaro Lins. Era a professora Maria Celestina. E confiava porque na sua escola nenhum outro aluno lhe dava maior orgulho e alegria. Sobrepujava a todos os seus colegas. Lição de história do Brasil ninguém dizia melhor. Apesar dessa ilha de prestígio escolar o menino não tomava jeito. Seu esporte predileto era de bodoque em punho andar arrasando os globos de iluminação pública e números das casas, provocar arruaças e infernizar a vida de D. Chiquinha Veloso, impedindo que ela comprasse os seus jornais velhos e vendesse o seu sabão. Um dia o conselho de família reuniu-se e decidiu dar um jeito à vida do menino danado. Uns opinaram que fôsse trabalhar no comércio com um primo, outros achavam que só a Marinha era a solução. Por fim, resolveram dar-lhe uma última oportunidade para tomar juízo. Iria para um internato no Recife. Se dentro de um ano, não se modificasse, a Marinha seria o seu destino. E meses depois, numa madrugada fria, metido num terno novo de brim cáqui, Álvaro Lins dava adeus aos seus colegas de aventuras que foram à estação despedir-se do companheiro que partia desolado. Voltamos tristes. Na tarde daquele dia ficamos perambulando pelas ruas da cidade sem ter o que fazer.

Voltou, desde então, a tranqüilidade das ruas, os meninos bem educados puderam sair à vontade e os vizinhos, alegres, descansaram. Os globos de iluminação da via pública brilhariam dali por diante sem os intervalos de escuridão, proporcionados pelas pedras atiradas por Álvaro Lins. D. Chiquinha Veloso poderia andar descansada e vender sem susto

o seu sabão e comprar jornal velho sem mêdo do menino danado que tanto atrapalhava o seu negócio.

Passaram-se meses de completa tranqüilidade e num dia de dezembro a notícia se espalhou pela cidade. Álvaro Lins chegara para passar as férias de fim de ano. Fomos ao seu encontro. Seria o reinício de novas travessuras. E nada melhor do que as festas do Natal, para pôr em execução tudo o que as nossas cabeças vinham arquitetando durante tanto tempo. Haveria o carroussel de seu Zézinho; as matutas com os seus vestidos novos de chita para prendermos, por ocasião da missa do galo, com alfinetes; os bolos de goma, os alfenins e cocada que poderíamos furtar nos tabuleiros iluminados por candieiros de querosene; as provocações que iríamos fazer aos meninos educados que levassem lanternas de papel de sêda na procissão.

Nosso encontro, no entanto, foi uma desilusão. Ali em nossa frente estava Álvaro Lins. Mas um Álvaro Lins frio, indiferente e reservado, com uma tal importância que não conhecíamos.

Outras férias de dezembro se sucederam. Agora, Álvaro Lins já usava cabeleira grande, gravata de pintor, publicara um poema numa revista de Recife e fazia discursos nos grêmios literários. As moças nos campos de futebol, nos cinemas e nos salões de dansas do Cassino já olhavam o poeta com outros olhos e suspiravam todos os domingos ao ler os seus versos publicados no jornal "Cinco de Novembro".

Agora, ao relembrar essa infância, fico pensando na velha D. Chiquinha Veloso, que não confiava em Álvaro Lins. E se ela fôsse viva ainda hoje, aposto como não acreditaria que aquele menino danado dera para gente. E diria com tôda a certeza:

— Não está vendo que êsse moço não é o filho de seu Pedro Alexandrino! Não estou caducando não, ora essa...

A LETRA INFERNAL DE JOSE' LINS DO RÊGO

José Lins do Rêgo havia-me prometido que o seu próximo romance seria datilografado por mim, já que eu fazia questão de possuir os originais. E numa tarde na livraria José Olímpio me avisou: esta semana começarei a escrever o romance. Nesse mesmo dia comprei umas 200 folhas de papel especial e passei a noite colocando margem nas páginas. No dia seguinte entreguei o papel e fiquei esperando o início do livro. Três dias depois começo a receber as primeiras páginas e durante dois meses e meio trabalhei diàriamente passando a limpo os originais, que hoje fazem parte de minha coleção. Tôdas as tardes nos encontrávamos, eu e José Lins, na livraria José Olímpio e folhas datilografadas eram trocadas por outras manuscritas. Foi um trabalho esfalfante, antes de tudo, devido à letra miserável do romancista. Letra capaz de deixar completamente maluco qualquer paleógrafo. Quantas vêzes, ao querer decifrar uma página, procurava-o e ficava êle próprio sem saber que palavra seria aquela. Outras ocasiões encontrava palavras que nunca existiram na língua. Por exemplo, nos originais existe janela com três *l*, carga, Salvador, marido, aquilo, cara, escritas assim: *garga, Savaldor, marrido, aquilito, carra*, etc.

A pontuação, então, nem se fala. Nenhuma correção existe nos originais.

Tôdas as frases feitas de um fôlego só. José Lins nunca chegou a ler pela segunda vez um livro seu. A não ser a última página de *Moleque Ricardo*, porque Otto Maria Carpeaux, numa crítica, referiu-se ao trecho como sendo uma das obras primas da literatura brasileira.

Às vêzes, altas horas da noite acontecia um chamado telefônico. Já sabia. Era o Zé Lins que ia me ler trechos novos do livro, diálogos, discussões e brigas de Vitorino Carneiro da Cunha. Certa ocasião ao relatar-me a surra que o mestre José Amaro dera na filha maluca, acrescentou: "Veja que bicho miserável é êste Zé Amaro. Então isto lá é direito um pai bater na filha doente? E' um desalmado, seu Condé! Depois, quando a tropa do tenente Maurício pegara o mascate italiano Paschoal, saiu-se com esta: — Deram a valer no italiano. Também italiano mofino como êste estou prá vêr. E' na chibata, sabe? Outra vez, ao falar longamente de Vitorino, me disse: — "E' no duro sabe? Papa Rabo é homem até debaixo dagua. Não enjeita parada. E' o defensor dos oprimidos, com êle ninguém brinca, meu caro.

No fim da leitura e como remate aos trechos lidos lá vinha a sua gargalhada espalhafatosa. O mais curioso era que se tinha a impressão de um leitor estranho que estivesse lendo um romance pela primeira vez, sem nem ao menos conhecer o autor. Nestes momentos era completa a sua identificação com o leitor. A conversa ia longe, para no dia seguinte, ao primeiro encontro, novas peripécias de Papa Rabo serem contadas e novas gargalhadas escandalizarem os que passassem pela rua do Ouvidor. Inumeras foram as vêzes que no lugar do encontro marcado, sem nenhum respeito pelos transeuntes, gritava:

— Olá Papa Rabo, escuta em que encrenca danada se meteu o Vitorino. Imagine... e começava a contar as situações complicadíssimas que o seu próprio criador ficava em situação difícil de resolver.

E isso era narrado quase aos gritos. Eram momentos difíceis para mim e por mais que quisesse fugir, era segurado pelo braço, e ali mesmo tinha que ouvir as suas palavras livres, suas pilherias e gargalhadas. Tomei-me de interêsse pela personagem Papa Rabo e procurava nas nossas longas conversas exaltar Vitorino, sugerir situações. O escritor não se deixava influenciar. Mas o certo era que via crescer a sua simpatia pelo Vitorino que aparecia mais vêzes no corpo do livro. Houve uma personagem, Alípio, que, páginas adiante, estava com o nome trocado para Elpídio. Quando eu as vêzes perguntava se tal personagem existia o escritor ia logo me dizendo:

— Seu Lula era até meu parente, o Negro Floripes era um cabra safado ou essa negra Margarida era de uma bondade de santa. José Lins toma, enquanto escreve o romance, um interêsse profundo pelas suas personagens. Vive, sofre e sorri pela sorte de suas figuras. Não posso me esquecer da noite em que me leu o final do 4.º capítulo da primeira parte do livro. Sua voz cheia do sotaque nordestino ia dando vida, vibração, calor e beleza à narração. Às vêzes eram palavras líricas, românticas, alegres e tristes.

Ou então era a voz do bêbado Passarinho, cheia de doçura e noltalgia cantando na beira do rio:

Quem matou meu passarinho
E' judeu, não é cristão,
Meu passarinho tão manso
Que comia em minha mão.

Quando eu vim da minha terra
Muita gente melhorou
E a danada de uma velha
Muita praga me rogou.

Nessas ocasiões, José Lins se transformava. O trecho dava-lhe um entusiasmo e um ar de adolescência que estava vivendo alí naquele momento, outros momentos seus, passados na sua infância, no seu engenho de seu avô.

Era um menino grande, menino de engenho. Sim, menino de engenho como fôra há anos atrás.

Hoje, nos nossos encontros diários não falamos mais em Papa Rabo. Mas ainda, por mais que queira, não pude libertar-me da idéia de que ali na minha frente, em carne e osso, está encarnado, na figura do romancista, o Papa Rabo, vivo, cheio de saúde, com as suas bravatas, seus desafios, seu quixotismo, sem mêdo de falar de ninguém e sobretudo com a sua grande ternura humana.

CONFISSÕES DE OCTÁVIO DE FARIA

Tenho a mania de pedir aos autores que expliquem nas dedicatórias o verdadeiro sentido de suas obras. E' uma mania como outra qualquer mas que me tem trazido, muitas vêzes, satisfações enormes. A Otávio de Faria solicitei uma dessas dedicatórias. E o grande romancista escreveu-me as interessantíssimas confissões, que publico a seguir, pois devem interessar ao público:

"Meu caso João Condé,

Aí vai, de acôrdo com seu desejo e sob a antipática forma de uma dedicatória atrazada de sete anos, uma espécie de "justificação" dêste livro. Não é o que você quer? Desculpe as franquezas, desculpe a possível aparente pretenção de tantas e tantas declarações pessoais. Mas aqui tudo seria inútil e falso, se não fôsse total, absurda, doentiamente pessoal e sincero.

O que êste romance representou para mim foi mesmo muito mais do que eu poderia dizer aqui, no limitado de umas poucas páginas. Porque não foi só um momento de vida, básico, fundamental. E sim um dêsses instantes únicos na existência de cada pessoa, em que se sente que se está vivendo o que se tem de mais pessoal, de mais profundo. Tudo se acumula de repente, tudo converge misteriòsamente para os pontos centrais, para êsses núcleos que só então se percebe que são os únicos de real importância na natureza que se recebeu de Deus. E' como se estivessemos perdidos sem o saber e, de repente, nos encontrassemos, nos redescobríssemos. Tudo é vertigem então na revelação que temos de nós mesmos. Tudo entusiasma, tudo entontece, embriaguês e euforia se sucedem, os "achados" revestem a forma de "reconhecimentos" e palavras novas, jamais ouvidas por nós em nós mesmos, jorram com a abundância das grandes e irrefreadas libertações. Voltamos à infância, à pureza dos jardins encantados e o próprio passado, por mais carregado que tenha se tornado, passa a ser um escravo fiel, dócil à evocação, rico de sugestões criadoras, talvez mesmo leve de carregar...

"Mundos Mortos" (1936-1937...) significou de fato para mim essa volta à infância, êsse redescobrimento inesperado. A primeira mocidade e a sedução da aventura literária, logo em seguida a paixão ardente e infeliz do rapazola de boa fé e de boa carnadura por êsse nosso pobre país e por uma série de problemas que dizem respeito ao desgraçado destino do mundo, depois ainda a experiência religiosa com tôdas as agruras decorrentes da crise do nascimento do Cristo numa alma que se sentia ferida de morte no seu indiferentismo burguês, tudo isso me afastara, se não no fundo do coração, pelo menos no terreno das atividades diárias, daquilo que em mim era o fundamental, o que havia de mais profundo na minha natureza — sonho de uma infância, preocupação essencial de uma adolescência diferente de outras, passada quase tôda ela na secreta elaboração de fabulações e mais fábulo fabulações: o *romance*, ou seja, como você sabe, e para não ter de ir mais longe: "Tragédia Burguêsa"...

Um dia, com mais calma e se isso lhe interessar então, ainda lhe contarei tôdas as transformações que a atual "Tragédia Burguesa" sofreu, desde a longínqua e paradisíaca época dos nomes ingênuos e gritantes como "Estudo sôbre o Homem" e "Precocidades Monstruosas" até hoje. Aqui fica apenas a indicação de que foi a volta integral a êsse mundo mais profundo, mais visce-

ralmente "eu-mesmo", o que "Mundos Mortos" representou. 1936, 1937... Para mim porém era como se eu estivesse nas imediações de 1920, uns dezoito ou vinte anos antes — e exatamente como se, de volta de uma longa e violenta paixão de mocidade — tão mal sucedida quanto costumam ser essas paixões — uma espécie de filho pródigo, recebendo o prato de lentilhas, sentisse os olhos úmidos das lágrimas do reconhecimento e da ação de graças. Bom ou ruim, bem ou mal escrito (e você compreende bem o que me podiam interessar, *então*, os juizos críticos dos que não sabiam, dos que não compreendiam ou não queriam compreender a importância do livro para mim...) aquilo era eu mesmo, era o que eu tinha para dizer ou, pelo menos, a letra *a* de um abecedário meu, ainda que sem màiores pretensões. Para mim, era tudo — ao mesmo tempo meu destino pessoal e a salvação de minha alma. Naturalmente, os outros ideais não ficavam renegados, as paixões políticas ou literárias não desapareciam. O que era porém essencial em mim não podia ficar deixado de lado, esquecido ou nivelado com o resto.

Ora, o tempo era pouco, muito o trabalho a desenvolver, imensas, descomunais as dificuldades a vencer por parte de alguém que tinha plena consciência de não ter sido dotado por Deus de nenhuma qualidade literária que lhe facilitasse o pesado empreendimento tomado sôbre os ombros. À medida que as páginas de "Mundos Mortos" iam se enchendo de frases mal construidas e enormes, (um dia eu ainda as retomarei...) talvez cheias de pequenos erros de gramática, eu ia sentindo que não podia mais voltar atrás, refazer velhos caminhos, (a não ser episòdicamente: obrigações iniludíveis ou descanso intencional), porque seria fugir de mim mesmo, seria trair, seria renegar em mim o que havia de mais pessoal, de mais "insilenciável", de mais inegociável com o mundo, com a tentação do sucesso. O abismo estava cavado, o hiato vencido: eu voltara plenamente a mim mesmo e só por leviandade ou covardia poderia fugir dêsse único caminho "vocacional", chegasse ao resultado que chegasse, pesassem sôbre mim, em conseqüência, as acusações de leviandade de espírito e "fuga" que a má vontade de certos críticos e a incompreensão de determinados amigos quisessem formular. "Julgassem" os que o ousassem. Mais uma vez eu ficava comigo mesmo, com a minha infância, com a confiança no futuro, com a justificação a ser apresentada um dia diante do Único Juiz. "Mundos Mortos" podia não ser nada para muitos — para mim tinha sido o marco inicial da jornada.

Como você bem pode avaliar, nada pode, nada poderia ter maior importância na minha pobre e apagadíssima existência. O livro é "capenga" como "Dois Poetas" ou como "Machiavel e o Brasil", mas, como não o seria, composto como foi, significando para mim tanto quanto significou, provindo como proveio de uma ebulição interior ainda em plena fase ascendente? O livro é "capenga", sim, mas já agora creio não ser necessário dizer a você que nenhum outro *vale* mais para mim ou que êle ainda é o que "eu preferia ter escrito". Ou talvez o diga, para terminar essa série de considerações por demais longas, confessando que, hoje, nesse "Anjo de Pedra" que vai sair, o que realmente me agrada é a sua semelhança íntima, orgânica, com "Mundos Mortos" de que possue tantos e tantos defeitos que me são muito caros: dificuldade de leitura, — talvez por falta de concessões ao público — reacionarismo, selvageria, arcaismo de conceitos morais e religiosos, enfim, tudo o que havia de menos ruim em "Mundos Mortos" e no seu intratável estreante...

E, com sinceros agradecimentos pela idéia generosa e amável dessa dedicatória, aceite um grande abraço, cheio de admiração e de estima do

OCTAVIO DE FARIA".

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

JOSUÉ MONTELLO

AO prefaciar a sua "Antologia da Academia Brasileira de Letras", Humberto de Campos assinalou, diante da evidência dos fatos, que "a fundação da Academia correspondeu, no Brasil, a uma época de florescimesto literário como se não assinalava outra deste 1860". Talvez fôsse melhor dizer, em vez de florescimento, — fastigio. Em verdade, a nossa literatura atingira um clima de ascenção. E ia entrar numa fase de declínio, conforme assinalou o próprio Humberto de Campos, ao observar que, à proporção que fossem lidas as páginas de sua antologia, se iria verificando a decadencia do bom gôsto na "Casa de Machado de Assis". Por ocasião da fundação dessa instituição literária, as escolas de arte não viviam um instante de alvorôço. O naturalismo deixara de ser escândalo. O parnasianismo, pelos seus valores clássicos, não chegara a constituir uma rebelião. O simbolismo ainda não desfraldara, aqui no Rio, a sua bandeira vermelha. O soneto constituia a mais admirada aventura dos poetas do tempo. O teatro não parecia apresentar muitas exigências, satisfazendo-se com as companhias estrangeiras e aplaudindo nas interpretações nacionais as espirituosas revistas de ano. O romance e o conto caminhavam através de velhos modelos considerados imutáveis. E Machado de Assis, o mais original dos nossos escritores, dava a impressão de ser dos mais antigos, pelo cuidado de sua prosa, pela sua intima veneração dos valores tradicionais da arte. Até mesmo Silvio Romero, que o combatera, reconhecia-lhe méritos assinalados. Quando surge nesse ambiente, prestigiada por Machado, a idéia da criação da Academia, a instituição desponta num clima propício, e vai viver, depois de algumas batalhas burocráticas, uma idade de ouro, com o cultivo do maneirismo importado de França por intermédio da Casa de Richelieu.

Através do tempo, com o declínio da geração que a criara, a Academia assistiria a momentos dramáticos em sua existência de cenáculo aristocrático. Em alguns instantes, esteve ameaçada de desaparecer, pelo descaso de alguns confrades. Faltava-lhe, porém, uma fôrça que a amparasse, dentro das energias da sociedade conservadora em que florescera. Essa fôrça apareceu um dia com um fabuloso legado do livreiro Francisco Alves, em virtude do qual, pela presença mantenedora do capital, a Academia punha-se ao abrigo do descaso de seus membros, deixando de ser uma instituição mantida pelos sócios para converter-se numa casa abençoada que oferecia a seus pares algumas compensações pecuniárias. Invertida a ordem das coisas, a Academia transformara-se numa instituição capitalista. E assim, numa sociedade burguêsa passou a ser uma fundação de existência normal, ao mesmo tempo cortejada, com as excepções da praxe, por pobres de espírito e por escritores pobres. A tradição acadêmica encarregou-se, por outro lado, de aumentarlhe o prestígio. E a Academia, hoje, vive uma fase tranqüila — a fase dos que estão ao abrigo das necessidades e dos contratempos ocasionais. O tempo e o ridículo, embora conjugados, não conseguem abalar-lhe a fôrça e o prestígio.

•

Para conhecimento da história da Academia, há um livro precioso assinado por Fernão Neves. Fernão Neves — diga-se de passagem — é pseudônimo de Fernando Nery, escritor que exerce, na Casa de Machado de Assis, as funções de secretário. Como não participa do número dos quarenta imortais, póde falar com isenção de ânimo e contar episódios que um acadêmico, para não ferir a si mesmo

nem bolir com um confrade, propositadamente omitiria. Daí a importância do livro que escreveu e no qual se acham relatados alguns fatos que não agradaram a vários imortais. Em conseqüência de tais aborrecimentos, o trabalho de Fernão Neves saiu de certa forma da circulação. E tornou-se ainda mais precioso, porque virou raridade. Temos aqui à mão, ao redigir estas notas, êsse livro condenado. E êle vai ser, no correr deste artigo, um excelente guia pelas informações que nos está prestando.

A Medeiros e Albuquerque se deve, na República, a idéia de criação, sob o amparo oficial, de uma Academia de Letras, que tivesse, em verdade, uma expressão nacional. No Império, o mesmo pensamento aparecera, mas não vingara. Isto se dera por inspiração de alguns sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pelas alturas de 1847. Sôbre o assunto há um depoimento de Afonso Celso: "O Imperador mostrava-se partidário da idéia, em prol da qual se manifestaram, entre outros, o Barão de Paranapiacaba e o Conselheiro J. M. Pereira da Silva. Nas palestras literárias que, sob a presidência do Imperador, se realizavam em São Cristovão, mais de uma vez se tratou do assunto." E acrescenta, numa informação mais precisa: "O Conselheiro Francisco Otaviano chegou a reunir no Liceu de Artes e Ofícios alguns homens de letras para estabelecer a associação." A Associação de fato se fez. Mas morreu pouco depois. E levou para o túmulo o generoso propósito de publicar as obras dos associados, além de fazer editar uma revista.

Na República, logo nos primeiros dias do novo regime, Medeiros lembrou-se de sugerir a Aristides Lobo, então Ministro do Interior, a inclusão, no orçamento, de uma verba para uma Academia de Letras. Mas a lembrança foi apagada, logo em seguida, por contratempos políticos. Mais tarde, Lucio de Mendonça apossou-se da idéia, e a Academia, em parte, nasceu de sua obstinação. De começo pensou-se em fazer o Cenáculo com trinta membros efetivos e dez correspondentes. Depois, ampliaram-se aquêles trinta para quarenta. E os dez correspondentes passaram a vinte. Os primeiros quarenta sócios efetivos foram: Afonso Celso, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Araripe Junior, Artur Azevedo, Carlos de Laet, Coelho Neto, Filinto de Almeida, Garcia Redondo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglez de Souza, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Luiz Murat, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Pereira da Silva, Rodrigo Otavio, Rui Barbosa, Silva Ramos, Silvio Romero, Teixeira de Melo, Urbano Duarte, Valentim Magalhães, Visconde de Taunay, Magalhães de Azeredo, Raimundo Correia, Aluizio Adevedo, Salvador de Mendonça, Domício da Gama, Luis Guimarães Junior, Eduardo Prado, Franklin Dória, Clovis Bevilaqua e Oliveira Lima. Os trinta primeiros haviam sido convocados e tinham aderido à idéia da criação da Academia. Os outros dez foram escolhidos por eleição. E o pitoresco, nessa primeira eleição, é que nomes como o de Clovis Bevilaqua, Eduardo Prado e Oliveira Lima sofreram restrições de votos por alguns dos primeiros trinta do núcleo inicial da Academia. Dos fundadores da Academia sòmente dois existem ainda: Filinto de Almeida e Magalhães de Azeredo. De Magalhães de Azeredo que vive na Europa, não se tem notícia certa. De Filinto de Almeida sabe-se que ainda está rijo e saudável e que, às vezes, sem dar por isso, fornece ao público o melhor dos comentários aos discursos de recepção, quando, em presença do novo confrade e indeferente à cerimonia da assistência, tira sorrateiramente os seus cochilos, ao embalo da prosa uniforme das orações de légua e meia...

•

Já é tempo de entrarmos na apreciação da situação atual da Academia. Quem, há uns dois anos, compulsasse um catálogo de telefones, encontraria, entre uma Academia de Bilhares, e uma Academia de Beleza Feminina, o nome da Academia Brasileira de Letras. No catálogo para o ano de 1943, desapareceu a Academia de Bilhares. Permanecem outras Academias porém. E isto, no seu mutismo e na sua arrumação, nos adverte de que a palavra "academia" não tem tôda a importância

que à primeira vista se lhe dá. Ainda o catálogo de telefones nos auxilia a compreender a situação atual da Academia. Sua organização não é das mais complicadas. Pelo contrário: é das mais fáceis. Basta que se verifique que apenas de dois telefones se utilisa a Casa de Machado de Assis: um, na Secretaria; outro, na Biblioteca. Quando se trata de uma organização complexa, o Catálogo de Telefones o indica de modo indireto: ou pela numerosidade de telefones ou por um telefone único com um asterisco ao lado. Esse asterisco significa que a instituição possue uma rêde de telefones internos. E basta para que se conclua da complexidade de serviços a que êsse telefone atende. Dos dois telefones da Academia nenhum traz asteriscos. Se o leitor não sabia disso, guarde a observação com o lembrete shakespeareano de que há coisas no céu e na terra que escapam à nossa vã filosofia.

•

A séde da Academia é, hoje, um prédio antiquado, de frontaria elegante, cheio de colunas e de flores. Há uma estátua de Machado de Assis junto à fachada e em cujo pedestal se lê: "Esta a glória que eleva, honra e consola". Não sabemos se a legenda foi escolhida com algum sentido irônico. Mas o certo é que não deixa de nos provocar um sorriso piedoso o fato de estar Machado de Assis na calçada da Academia, a dizer aos que passam que a glória que eleva, honra e consola é essa de não estar lá dentro...

O prédio, que funciona como a séde da Academia, pertenceu à França e serviu como seu Pavilhão durante a Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Graças a Afranio Peixoto, que agiu como intermediário entre a Academia e o Embaixador da França no Brasil recebeu êsse cenáculo de letras a doação do prédio, feita pelo Govêrno francês ao Govêrno brasileiro, com a condição de que no edifício passasse a funcionar a Academia.

O casarão têm dois pavimentos. Lá no alto reunem-se os imortais, funciona a Biblioteca e há uma mesa de chá para distrair os estômagos dos acadêmicos antes ou depois das sessões. Aqui em baixo, está a Secretaria num lado; do outro lado, é o salão das conferências. Agrippino Grieco visitou êsse salão em companhia de Fernando Nery. E o secretário da Academia disse nessa ocasião ao panfletário da crítica:

— O salão é pequeno mas cabem muitos lugares.

E Grieco lhe resposdeu, com a mordacidade afiada:

— Sem falar nos lugares comuns.

•

Foi a 20 de Julho de 1897 que a Academia Brasileira realizou a sua sessão inaugural. Está a Academia, assim, nas proximidades de completar meio século de existência. Por ocasião da recepção de Luís Edmundo, realizada a 4 de agosto de 1944, um jornalista escreveu um comentário para declarar que era essa a milésima octocentésima reunião da Casa de Machado de Assis. E' justo que, a esta altura, seja formulada a pergunta sôbre se a Academia valeu a pena ser criada.

Joaquim Nabuco, ao inaugurar os trabalhos academicos, declarou: "A principal questão ao fundar-se uma Academia de Letras brasileira é saber se vamos tender à unidade literária com Portugal". Depois de outros comentários Nabuco concluiu: "A formação da Academia de Letras é a afirmação de que literária, como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caráter distinto e só pode ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos próprios, só querendo, só aspirando a glória que possa vir do seu gênio". Ao findar o ano de 1897, Machado de Assis, encerrando o ano acadêmico, disse estas palavras, que valem como um conceito da Academia: "Nascida entre graves cuidados de ordem pública, a Academia Brasileira de Letras tem de ser o que são as associações análogas: uma tôrre de marfim, onde se acolham espíritos literários, com a única preocupação literária, e de onde, estendendo os olhos para todos os lados, vejam claro e quieto". E acrescentava, tornando mais claro o seu pensamenno: "Homens daqui podem escrever

páginas de história, mas a história faz-se lá fóra".

Ao entrar no seu quadragésimo oitavo ano de silenciosa peleja literária, a Academia ainda mantém, na sua pureza, a direção sonhada por Machado de Assis. E' aquí fora que se faz a história. La dentro da Academia estão os homens que a escrevem. Graça Aranha, a serviço de um temperamento rebelde, quís impôr à Academia a rebelião modernista. E a Academia mostrou-se digna de si mesma e coerente com o seu passado, ao reagir com desassombro à plataforma do espírito moderno. Os modernistas fizeram, aquí fora, longe da Academia, a sua revolução estética. Agora, passados mais de vinte anos, já se vão chegando para os umbrais acadêmicos os revolucionários de ontem. Alguns como Manuel Bandeira e Tristão de Athayde, já se acham lá dentro, metidos nos dourados de seus fardões. E este último, obedecendo ao pensamento machadeano, já começou a escrever, depois que chegou à Academia, a história do modernismo...

Há não sei quantos anos a Academia discute sôbre as fôlhas em branco de seu dicionário. E há não sei quanto tempo procura resolver a maneira definitiva da exata redação das palavras da língua que recebemos de Portugal. Um dia, o dicionário e o vocabulário sairão como um modêlo. Esse é o seu objetivo. Esse é o seu programa. Pode-se discutir longe da Academia sôbre os mais importantes problemas pertinentes às disciplinas do espírito e aos novos rumos da inteligência. A Academia está surda às rebeliões da hora que passa. Amanhã, serenado o tumulto, estabelecido o novo código de valores, ela procurará informar-se do que houve e abrirá os seus portões para receber os antigos revolucionários devidamente pacificados. Vestir-lhes-á um fardão, dar-lhes-á um chapéu de dois bicos, pendurar-lhes-á à cintura um espadim de luxo. E ouvir-lhes-á o discurso, com respeito, com solenidade e admiração. Esse é o seu papel na história literária. Os exaltados não pertencem a seu número. Porque a Academia, nesse ponto, se parece com o Reino dos Céus, no qual, segundo a palavra dos Evangelhos, os exaltados, são humilhados e os humilhados são exaltados. A humildade está nas inscrições e no pedido dos votos. A exaltação existe na eleição e na solenidade do discurso de posse. Todos passam exatamente pelo mesmo suplício. E depois esquecem, porque o esquecimento é uma bondade de Deus em favor da tranqüilidade das consciências.

Há uma idade para falar mal da Academia. Há uma outra para cortejá-la. A Academia sabe disso. E é essa a razão por que, desde sua origem, nunca respondeu aos desaforos que lhe mandam. A Casa de Machado de Assis tem quase meio século de vida. Já lhe sobra experiência para saber que os mais iracundos irreverentes são, na maioria dos casos, os mais pacíficos acadêmicos. Creio que não preciso acabar este artigo com a indiscreta revelação de alguns exemplos ilustres. No anuário da Academia, o leitor interessado poderá encontrá-los sem dificuldade E a Academia possúe uma biblioteca na qual essas suposições podem ser documentadas...

BIBLIOTECAS DO RIO DE JANEIRO

ANTONIO CAETANO DIAS

A cidade do Rio de Janeiro, com seus 2.000.000 de habitantes e com um ritmo de progresso sempre crescente, não é bem servida de bibliotecas públicas. O encarecimento do papel e, conseqüentemente, o encarecimento do livro, impedindo que a média da população possa adquirir os livros essenciais para seu uso, redundou no aparecimento de várias *bibliotecas de aluguel*. Mediante um pequeno depósito e o pagamento de mensalidade, o leitor pode retirar livros por determinado prazo. Êsse tipo de *livrarias de aluguel* (pois de biblioteca só tem o nome) evidencia a falta de uma biblioteca pública que funcione eficientemente. E' o nosso caso. Com uma Biblioteca Nacional, riquíssima, (típica de cultura e servindo como popular), tentando, na medida do possível, suprir a falta de boas bibliotecas universitárias e escolares e sobrecarregada pela deficiência da Pública Municipal, anseia a nossa população por um movimento reformador que, felizmente, acaba de se verificar, em parte, com o decreto n. 6.732, de 24-7-1944, que dispõe sôbre o funcionamento da B.N. Êste decreto constitue a reforma daquela importante repartição e lhe fornece os meios necessários para que o seu valiosíssimo acêrvo esteja ao alcance mais direto do público. O D.A.S.P., com sua biblioteca confortàvelmente instalada no 6.º andar do Palácio da Fazenda, merece, pelas suas iniciativas e a compreensão do problema, as honras de precursor, no Rio de Janeiro, do movimento técnico reformador, baseado na experiência americana, que ora se processa. O Instituto Nacional do Livro vem acompanhando e se esforçando para prover as bibliotecas por êle criadas e mantidas em todo território nacional com os meios necessários ao melhor aproveitamento de seus acervos.

Para o Distrito Federal, o Guia das Bibliotecas Brasileiras, Instituto Nacional do Livro, 1941, regista 17 bibliotecas públicas federais, 2 bibliotecas públicas municipais, 15 bibliotecas públicas não oficiais, 4 semi-públicas federais, 7 semi-públicas não oficiais, 17 privadas federais, 8 privadas municipais e 57 bibliotecas privadas não oficiais, das quais destacamos e damos as características gerais das seguintes:

BIBLIOTECA NACIONAL: Ministério da Educação e Saúde — Av. Rio Branco, 219/39 — Telefone: 22-6199. Acervo: 1.000.000 volumes e folhetos, 600.000 manuscritos, 250.000 peças (estampas, mapas e ilustrações), cêrca de 300.000 volumes entre jornais e revistas. Caráter: pública. Finalidade: geral. Funciona em edifício próprio. Aberta ao público, nos dias úteis, das 10 às 22 horas e aos domingos de 11 às 15 horas. Encarregada, por convênio, da Permuta Internacional. Mantém os cursos oficiais de biblioteconomia, divididos por recente reforma em Curso Fundamental, Curso Superior e cursos avulsos. Publicações: a) *Anais da Biblioteca Nacional* (periódico indispensável, pelo seu valor, ao estudo da História do Brasil e de nossa bibliografia). Iniciado em 1876 e atualmente com 65 volumes; b) *Documentos Históricos*, iniciada em 1928, 64 volumes; c) *Boletim Bibliográfico* (atualmente a bibliografia corrente brasileira é atribuição do Instituto do Livro que já publicou os anos de 1938-39, em forma de catálogo-dicionário); d) *Avulsos*: "Autos da Devassa da Inconfidência Mineira" em 7 vols. "Cartas Chilenas", "Gramática da Língua Geral do Brasil" do Padre Anchieta, "Catecismo Kiriri" do Padre Vincencio Mamiani. A Biblioteca Nacional é dirigida desde 1932 pelo Sr. Rodolfo Garcia.

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO (DASP): Palácio da Fazenda, 6.º andar. Fundação: 30-7-938. Acêrvo: 2.780 livros, 1764 folhetos e 1.662 periódicos. Fun-

cionamento: das 9 às 19 horas e aos sábados de 9 às 13 horas. Especializada em administração pública, legislação e direito administrativo. Mantém o empréstimo domiciliário. Pessoal técnico admitido por concurso em quadro especial. Condições de leitura excelentes, instalada confortàvelmente, livre acesso às estantes. Bibliotecária-chefe: Lídia de Queiroz Sambaquí.

BIBLIOTECA MUNICIPAL: (Da Diretoria de Educação de Adultos e Difusão Cultural — Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal) Av. Presidente Vargas 1261. Telefone: 43-6684. Acêrvo: 40.000 volumes. Finalidade: geral. Instalada em prédio pequeno. Salão de leitura com capacidade para 50 leitores. Pessoal: funcionários municipais. Secção de empréstimo domiciliário (as pessoas estranhas ao funcionalismo devem pagar mensalidade pequena e prestar fiança (?). Bibliotecário: Edgar James Filho.

BIBLIOTECA CENTRAL DE EDUCAÇÃO: (Do Departamento de Educação de Adultos e Difusão Cultural — Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo — Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal) — Telefone: 43-7702. Acêrvo: 15.621 obras em 28.442 volumes. Cêrca de 200 mapas, grande acêrvo de documentos iconográficos. Finalidade: educação. Instalação: a) Av. Venezuela esquina de Edgar Gordilho. b) Sala e 3 dependências na Escola Normal, Largo do Estácio. c) Rua S. Cristovão, 18. d) 6 salas no Edifício Carioca, 8.º andar. Funcionamento: dias úteis, das 12 às 19 horas. Domingos e feriados: das 8,30 às 20,30 horas, Pessoal: Diretor, um organizador e funcionários designados. Chefe da divisão e diretor da biblioteca: Dr. Gastão Luiz Cruls.

BIBLIOTECA DO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA: Rua Luiz de Camões, 30. Telefone: 43:1265. Acêrvo: 50.104 obras em 74.817 vols. Finalidade: geral. Instalação: salão e dependências no edifício próprio especial. Funcionamento: dias úteis, das 9 às 18 horas. Movimento: em média mensal 850 leitores. Empréstimo domiciliário: 50 consultas por mês. Assuntos preferidos: literatura, história, geografia e sociologia. Pessoal: 1 bibliotecário, 2 escriturários e mais 3 funcionários. Manutenção: quotas dos associados. Por lei portuguesa, a biblioteca recebe um exemplar de cada obra registada na B. N. de Lisboa. Catálogo impresso em 2 volumes, pelo Dr. Ramiz Galvão em sistema Dewey. Secretário do Gabinete: A. Vieira de Castro.

BIBLIOTECA DA CASA DE RUI BARBOSA: (Ministério da Educação e Saúde) Rua S. Clemente, 134. Telefone: 26-2548. Acervo: 39.729 vols. do acervo inicial e 474 aquisições posteriores. Finalidade: geral, facilitando de preferência conhecimentos de literatura e direito. Instalação: estantes fechadas espalhadas em diversos salões. Funcionamento: das 11 às 17 horas, exceto segundas-feira. Aos sábados até 14 horas e aos domingos das 8 às 12 horas. Diretor da Casa de Rui Barbosa: Dr. Américo Lacombe.

BIBLIOTECA CENTRAL DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: (Presidência da República) — Praça Mauá, 7 — Edifício de "A Noite" 8.º andar, sala 807 — D. F. Acervo: 7.079 volumes. Finalidade: estatística e assuntos correlatos. Funcionamento: dias úteis, das 12 às 17 horas. Obras preferidas: anuários estatísticos estrangeiros. Pessoal: um bibliotecário e dois auxiliares. Bibliotecário: M. A. Torres.

BIBLIOTECA DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES: (Ministério da Educação e Saúde) — Av. Rio Branco 199 — Telefone: 42-4355. Acervo: 4.000 obras em 7.000 volumes. Finalidade: especializada em artes. Funcionamento: diàriamente das 11 às 17 horas. Assuntos preferidos: arquitetura e pintura. Pessoal: um bibliotecário e dois auxiliares contratados. Diretor: Osvaldo Teixeira. (A coleção de obras raras desta biblioteca é valiosíssima, sòmente comparada e suplantada pela Secção de Estampas e Cartas Geográficas da Biblioteca Nacional).

BIBLIOTECA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO: Edifício do Silogeu Brasileiro — Av. Augusto Severo 4, 1.º — Telefone: 22-5266. Acêrvo: 80.000 volumes. Finalidade: geografia, história e política. Assuntos preferidos: história, política, geografia, viagens e documentos históricos. Pessoal: técnicos especializados para catalogação e classificação. Importantes doadores: D. Pedro II, Afonso Celso, Conde D'Eu, Barão do Rio Branco, Epitácio Pessoa, Baronesa de Loreto e outros.

BIBLIOTECA MILITAR: (Ministério da Guerra) — Edifício do Ministério da

Guerra, 4.º andar — Telefone: 23-5223. Acêrvo: 10.000 volumes. Finalidade: geral, principalmente histórica e militar. Funcionamento: dias úteis das 11 às 17 horas. Bibliotecário: Abdon de Carvalho Lima.

BIBLIOTECA DA ESCOLA NACIONAL DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL: (Ministério da Educação e Saúde) — Av. Pasteur, 458 — Praia Vermelha. Telefone: 26-2824. Acervo: 38.792 obras. Finalidade: especializada em ciências médicas. Funcionamento: dias úteis das 10 às 19 horas. Empréstimo domiciliário aos professores catedráticos. Bibliotecário: Dr. Abel Guimarães Porto.

BIBLIOTECA DA ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL: (Ministério da Educação e Saúde) — Rua do Passeio, 98 — 4.º andar. — Telefone: 42-4589. Acêrvo: 17.308 músicas, 1.815 livros, 89 peças autografas, 84 peças iconográficas. Finalidade: especializada em música. Funcionamento: dias úteis, das 13 às 17 horas. Assuntos preferidos: instrumentação e orquestração. Empréstimo domiciliário, mediante depósito em dinheiro para as pessoas estranhas ao estabelecimento. Bibliotecário: Mary Braga.

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE SAÚDE: (Ministério da Educação e Saúde) — Rua do Rezende, 128 — D. F. — Acêrvo: 8.000 obras. Finalidade: especializada em medicina. Funcionamento: diário, das 11 às 17 horas e, aos sábados, das 11 às 14 horas. Bibliotecário: José Barbosa.

BIBLIOTECA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL: Largo da Carioca, 11 — 2.º andar. — Telefone: 42-8135. Acêrvo: 2.952 obras em 4.719 volumes. Finalidade: geral. Funcionamento: dias úteis, das 9 às 12 horas e das 14 às 18 horas. Aos sábados das 9 às 12 horas. Pessoal: Bibliotecário e Diretor.

BIBLIOTECA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA: Av. Passos, 30 — 2.º andar. Telefone: 43-1594. Acêrvo: 6.300 volumes e 22 obras (Braille). Finalidade: geral, principalmente espiritismo e ocultismo. Bibliotecário auxiliar: Zilio Machado Tosta.

BIBLIOTECA DO INSTITUTO DA ORDEM DOS ADVOGADOS BRASILEIROS: Edifício do Silogeu Brasileiro. — Av. Augusto Severo 4 — 1.º — Telefone. 22-8344. Acervo: 14.000 volumes. Finalidade: direito e ciências correlatas. Possue o que há de mais raro em direito clássico e fundamental. Bibliotecário: Dr. Arnaldo de Farias.

BIBLIOTECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO: Praça da República, 54 — 1.º andar. — Telefone: 42-4357. — Acêrvo: 26.000 volumes. Finalidade: geografia. Funcionamento: dias úteis, das 13 às 18 horas. Bibliotecário: A. S. Sommier.

BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO: (Do Serviço de Estatística da Previdência do Trabalho) — Av. Aparício Borges, s/n. — 3.º andar. — Telefone: 42-8080. — Acervo: 30.000 volumes. Finalidade: Tecnico - especializada. Funcionamento: dias úteis, das 11 às 17 horas. Pessoal: direção técnica, funcionários especializados. (Biblioteca em organização, tendo sido convidado para reformá-la o Dr. Rubens Borba de Morais, ex-diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo).

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO: (Do Ministério da Educação e Saúde) — Palácio da Educação, 3.º andar (provisòriamente) — Telefone: 42-4290. — Acêrvo: 6.342 obras em 12.323 volumes. Finalidade: especializada (administração pública, educação e saúde). Funcionamento: dias úteis, das 11 às 17 horas e aos sábados, das 9 às 12 horas. Empréstimo domiciliário. Pessoal: oito funcionários remunerados. Bibliotecária: Emy do Amaral Pamplona (classe I).

BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES: (Do Arquivo, Biblioteca e Mapoteca do M.R.E.) — Av. Marechal Floriano — Palácio do Itamaratí. — Telefone: 43-2820. Acêrvo: 29.901 obras em 50.885 volumes. Finalidade: especializada em direito, política, comércio e relações internacionais, história, geografia, economia, estatística, sociologia, especialmente dos países da América. Pessoal: dez funcionários. Chefe do Serviço de Documentação: Dr. Jorge Latour.

BIBLIOTECA DO INSTITUTO OSVALDO CRUZ: (Ministério da Educação e Saúde) — Estação Carlos Chagas, E. F. Leopoldina — Estrada Manguinhos — Telefone: 30-1232 — Acervo: 76.303 volumes. Finalidade: especializada em ciências naturais e medicina. Funcionamento: dias úteis, das 9

às 18 horas. Pessoal: dois funcionários. Permitem-se consultas com apresentação da diretoria. Secretário do Instituto: Leocádio R. Chaves. (A Biblioteca possue as melhores coleções de revistas científicas estrangeiras).

BIBLIOTECA DA MARINHA: (Da Divisão de História Marítima do Brasil — 4.ª Divisão do Estado Maior da Armada) — Edifício do Ministério da Marinha, 3.º andar — Rio de Janeiro — Distrito Federal. Acêrvo: 60:000 volumes. Finalidade: difusão de instrução entre o pessoal da armada e guarda de documentos e livros úteis à marinha. Funcionamento: dias úteis, das 11,15 às 16.30 horas, aos sábados das 12 às 14 horas. Pessoal: diretor, bibliotecário, dois auxiliares civis e serventes. Diretor e chefe da EM 4: Capitão de Fragata Didio Iratim da Costa.

BIBLIOTECA DO MUSEU NACIONAL: (Do Ministério da Educação e Saúde — Universidade do Brasil) — Quinta da Boa Vista — Rio de Janeiro — Telefone: 28-7010. Acêrvo: 53.936 obras. Finalidade: história natural, sendo a mais rica do Brasil na especialização. Pessoal: um bibliotecário com prática de biblioteconomia, quatro funcionários. Organizadores técnicos. Diretora do Museu: H. Alberto Torres. Bibliotecário: Dr. Adolfo Ribeiro Catalão.

BIBLIOTECA DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA: (Ministério da Educação e Saúde) — Av. Aparício Borges, 40 — Telefone: 42-9099. Acêrvo: 2.256 obras em 6.829 volumes. Finalidade: geral. Funcionamento: dias úteis, das 11 às 17 horas. Empréstimo domiciliário. Pessoal: sete funcionários (remunerados). Há pessoal tecnico (o bibliotecário). Bibliotecário: Adolfo Jácome Martins Pereira Filho (bibliotecário K).

BIBLIOTECA DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL: (Ministério da Educação e Saúde) — Palácio da Educação, 8.º andar, sala 815. Telefone: 42-1083. Acêrvo: 938 obras em 2.018 volumes. Finalidade: especializada em belas artes e história e geografia do Brasil. Bibliotecária: Helcia Dias (perita em Belas Artes) — Diretor: Dr. Rodrigo M. F. de Andrade.

BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DA FAZENDA: Palácio da Fazenda, 12.º andar. Luxuosamente instalada. Mobiliário confeccionado especialmente pelos modelos americanos. Acêrvo: 50.000 volumes aproximadamente. Especializada em Economia, Finanças, Estatística e Direito. Empréstimo domiciliário para os funcionários do Ministério. Consulta pública. Livre acesso às estantes. Pessoal: Técnico especializado. Bibliotecária-chefe: Helena Soares Brandão.

BIBLIOTECA DO INSTITUTO NACIONAL DO CINEMA EDUCATIVO: (Do Ministério da Educação e Saúde) — Praça da República 141-A — Telefone: 43-9772. Acêrvo: 397 obras em 556 volumes. Finalidade: geral, principalmente cinema e educação. Funcionamento: dias úteis, horário do funcionalismo (de 11 às 5 horas e aos sábados de 9 às 12 horas). Empréstimo domiciliário aos funcionários do Instituto. Diretor do I.N.C.E.: Dr. Roquete Pinto. Bibliotecária: Hilda Smith de Vasconcelos.

BIBLIOTECA DO CLUBE DE ENGENHARIA: — Av. Rio Branco, 124 — 3.º andar. Telefone: 22-0051 — Acêrvo: 18.000 volumes. Finalidade: Ciências fisico-matemáticas e engenharia. Parte da biblioteca é constituída pela Biblioteca Lima Campos, doação do Sr. Antônio Lima Campos.

BIBLIOTECA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: — Av. Presidente Wilson 203 — Telefone: 42-8297. Acêrvo: 17.725 obras em 21.000 volumes. Especializada em literatura luso-brasileira. Funcionamento: das 13 às 17 horas. Empréstimo domiciliário aos acadêmicos. Bibliotecário: Osvaldo Melo Braga de Oliveira.

BIBLIOTECA DA ESCOLA NACIONAL DE AGRONOMIA: (Ministério da Agricultura — Centro Nacional de Pesquisas Agronômicas) — Av. Pasteur 404 — Praia Vermelha — Telefone: 26:0727. Acêrvo: 3.500 obras em 4.500 volumes. Finalidade: especializada em agricultura. Observação: a biblioteca que era da extinta Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, é pública aos interessados e se acha em reorganização. Funcionamento: dias úteis das 8 às 17 horas. Bibliotecária: Maria Leonora Assunção de Araujo.

Cumpre ainda assinalar a iniciativa do Serviço de Recreação Operária, do Ministério do Trabalho, de instalar em bairros da cidade, bibliotecas para operários, uma das quais, no Jardim Botanico (Centro n.º 1) cujo acêrvo foi doado pelo Instituto Nacional do Livro.

a PUBLICAÇÃO das OBRAS COMPLETAS de RUY BARBOSA

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

HÁ dois anos que começaram a aparecer os primeiros volumes das *Obras Completas de Rui Barbosa*. Por uma questão momentânea relativa à falta de papel, não têm aparecido os volumes seguintes. Já foram porém tomadas providências pela direção da Imprensa Nacional. Creio que em breve retomaremos o nosso ritmo de impressão. Digo simplesmente *impressão*, porque o trabalho de preparação dos volumes não sofreu a menor solução de continuidade. Temos vários volumes prontos a serem impressos logo que chegue o material em falta. Entre êles o de *Discursos Parlamentares* de 1880, o *Parecer* sôbre a *Emancipação dos Escravos* de 1884, e os *Discursos no Senado* de 1891. O primeiro e o terceiro foram organizados por Fernando Neri, o segundo por Astrojildo Pereira. E' provável, portanto, que possamos até o fim do ano dar cumprimento ao nosso programa de publicações.

Até agora, pelas consultas e pedidos que recebemos, verificamos que o plano adotado pelo Govêrno para a publicação das obras de Rui ainda não foi devidamente compreendido. O sistema cronológico tem sido adotado em várias publicações de obras completas. Algumas vêzes mesmo o sistema cronológico *absoluto*. Assim é que nas obras de Carl Shurtz, os discursos, as cartas, os pareceres e os opúsculos se sucedem rigorosamente pelas datas. Não seria concebível tal sistema relativamente à obra de Rui, pela sua vastidão, pela sua variedade e pela sua diversidade de assuntos, espalhados por obras em vários volumes e opúsculos de todos os formatos. O sistema adotado é misto: cronológico para a organização dos volumes correspondentes aos anos. Dentre de cada volume, porém, os assuntos se distribuirão em tomos, tanto quanto possível homogêneos.

Êste sistema tem falhas, como qualquer dêles certamente apresentará, mas possue uma vantagem que para nós é sobremodo importante. É que permite a organização e publicação imediata de volumes sem aguardar a terminação das pesquisas relativas a um volume anterior, pesquisas essas que podem consumir esforços e tempo imprevisíveis. Assim é que já temos em provas, em composição ou em preparo, cerca de quarenta volumes, a cargo de nomes tirados das várias correntes contemporâneas, de modo a dar à publicação o caráter de uma legítima consagração nacional, de um monumento erigido em memória do patrono dessa casa. Estão organizando tomos das *Obras Completas* os seguintes srs.: Pe. Augusto Magne, Homero Pires, Lourenço Filho, San Tiago Dantas, Hermes Lima, Levi Carneiro, Costa Manso, Ernesto Leme, Sampaio Dória, Milton Campos, José Carlos e José Eduardo de Macedo Soares, Madureira de Pinho, Lúcia Miguel Pereira, Otávio Tarquínio de Sousa, Pedro Calmon, Castro Rebelo, Austregésilo de Ataíde e Wanderley Pinho.

Cada tomo, ou série de tomos, quando a matéria fôr conexa, fica entregue a um especialista, responsável pela pesquisa do material e autenticidade do texto. Deverá haver também; quando fôr julgado necessário, um prefácio de caráter o mais possível objetivo e que se destina a orientar o leitor com relação à importância da obra, as condições em que foi elaborada, indicações bibliográficas, etc.

Como se vê, é quase certo que a nossa produção virá aparecendo num ritmo crescente, pois que a parte de imprensa, por exemplo, uma vez preparados os primeiros volumes, se processará com uma relativa facilidade.

Sôbre a parte material de nossas publicações parece fora de dúvida que tem sido bem recebida. A capa foi ideada por Luiz Jardim. É sóbria e elegante. O papel, os tipos, as margens, os espaços, tudo foi objeto de minucioso exame e de comparação com obras congêneres, bem como com a *Queda do Império*, livro que Rui fêz imprimir tendo em vista uma publicação de suas obras completas.

Ao mesmo tempo procediam-se a vários estudos e tentativas para conseguir o padrão de impressão afinal adotado, que é uma média excelente de comodidade, de beleza, de nitidez e mesmo de custo. A crítica tem feito justiça ao esfôrço empregado neste sentido. Além disso foram tomadas sérias medidas com relação à escolha e à revisão dos originais, visto como se trata de uma edição nacional, cujo texto precisa ser absolutamente fidedigno. Espero que o público não seja logrado quanto a êste aspecto fundamental da publicação de uma obra como esta. Êste esfôrço é tanto mais custoso quanto o nosso meio é de uma displicência inacreditável com relação a estas coisas que considera secundárias. Contudo, mesmo com prejuizo da rapidez, temos feito timbre em que as nossas publicações sejam conformes aos originais (se os conhecemos) ou a edições revistas. Se houve modificações, feitas pelo autor, do original para a publicação, ou de uma edição para outra, sempre as assinalamos. Isto às vêzes representa um elemento de grande interêsse para o filólogo.

A rapidez com que se esgotaram os volumes anteriores obriga-nos a aumentar a tiragem dos vindouros. Pensamos, porém, em, conservando os padrões até agora observados, fazer o acréscimo em papel mais barato de modo a facilitar a venda dos volumes.

Entrementes, vamos preparando material para os volumes que deverão ser programados em anos próximos. Ninguém pode imaginar o que há de inédito ou de esparso na produção de Rui. Quando um comentarista, há algum tempo, declarou que não compreendia porque se demorava na publicação da

obra de Rui porque era questão sòmente de tirar os livros da estante e mandar para a tipografia, estava revelando como se está longe de compreender o que representa o nosso esfôrço silencioso.

Nos catálogos já existentes da obra de Rui (de Mário de Lima Barbosa, Batista Pereira e Fernando Neri) figuram várias peças inteiramente inexistentes em qualquer biblioteca pública e muitas particulares a que temos recorrido. No volume relativo aos trabalhos parlamentares de 1884, por exemplo, já pronto, e prestes a sair, como dissemos, figura uma exposição ao Imperador sôbre a dissolução da Câmara dos Deputados. Esta exposição é dada nos catálogos como impressa na Imprensa Nacional, naquele ano, em avulso. Não encontramos sinal daquela publicação em qualquer biblioteca. Tivemos de recorrer à gentileza do diretor do Arquivo Nacional, Dr. Vilhena de Morais, que nos obteve cópias autênticas e fotostáticas do próprio livro de atas do Conselho de Estado, perante o qual foi lida, pelo Conselheiro Dantas, a dita exposição. E assim podemos completar o nosso volume com uma peça pràticamente desconhecida.

Outro exemplo: o ano de 1883 é também o ano do parecer sôbre o ensino primário, que já está composto, em três tomos. Além dessa obra, os catálogos só mencionam os discursos no parlamento.

Pesquisando os livros de apontamentos diários de Rui, existentes em nosso arquivo, (infelizmente incompletos) e ainda a sua correspondência inédita, que estamos classificando e fichando, viemos a obter referência a mais de uma dezena de pareceres, artigos, memoriais e apelações que correm com seu nome, com pseudônimos ou anônimos em jornais, folhetos e mesmo processos judiciais no fôro do Rio e da Bahia. Alguns dêsses processos estão extraviados, muitos dos jornais não figuram nas coleções do Rio e dos folhetos não conseguimos encontrar notícia de muitos. Êste volume, pois, exige um esfôrço que os que detestam a pesquisa no ambiente poeirento dos arquivos e as buscas em velhos alfarrábios não podem realmente compreender.

Como se vê, trata-se de uma obra sòmente de grandes proporções, mas ainda de significação transcendental. É o verdadeiro monumento erguido à glória de Rui Barbosa. Nele devem colaborar não sòmente os nomes que ficaram apontados acima, mas ainda dezenas de outros que serão oportunamente convidados pela comissão incumbida de superintender à publicação. Serão homens de tôdas as correntes, de tôdas as regiões, do Brasil, que virão demonstrar a perenidade e a universalidade do pensamento de Rui, na geração que o seguiu.

Mas além dêstes que colaborarão diretamente, o govêrno espera ainda que todos os brasileiros colaborem indiretamente nesta glorificação. E há um meio muito prático e muito eficiente de colaborar: é fornecer à Casa de Rui Barbosa os originais de Rui Barbosa que se encontram dispersos pelo Brasil inteiro, muitos ainda inéditos. Apelamos para os que não se quiserem desfazer dos originais do grande mestre por motivos sentimentais, tantas vêzes respeitáveis (pois trata-se, muitas vêzes, de cartas referentes a assuntos pessoais) afim de que ao menos nos permitam tirar cópias fotostáticas. A *Casa* está aparelhada para devolver, em alguns dias, os originais que lhe forem emprestados. A simples indicação do local onde se encontram os originais poderá ser de grande importância para os nossos trabalhos.

E assim nossa geração terá resgatado, em parte, a grande dívida para com uma das maiores e legítimas glórias da nossa cultura.

a CASA do ESTUDANTE do BRASIL e sua HISTORIA

UMA FEIRA DE LIVROS E ORPHEU NO FLUMINENSE — O OURO DA REVOLUÇÃO DE 1930 — PATRIMÔNIO QUE SE MULTIPLICA — DEPOIMENTO DE ANNA AMELIA

Reportagem de MEDEIROS LIMA

UMA idéia que empolga e triunfa. Era esta uma das manchetes de "O Globo", naquele ano de 1929, agitado pela campanha presidencial, noticiando a fundação da CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL. O mesmo jornal dizia que o sr. Washington Luiz, então presidente da República, recebendo os moços que o foram convidar para assistir a posse do "Comité Nacional Pró Casa do Estudante", declarara: — Podeis me considerar um dos vossos.

O Conde Afonso Celso dizia à imprensa: — "A Casa do Estudante deve ser a casa máxima do país"; e o senador Paulo de Frontin achava que a Casa do Estudante seria "um elemento de vitória da inteligência e do estudo na luta pela vida e núcleo gerador do ideal da mocidade brasileira."

Sra. Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça, presidente da "Casa do Estudante do Brasil"

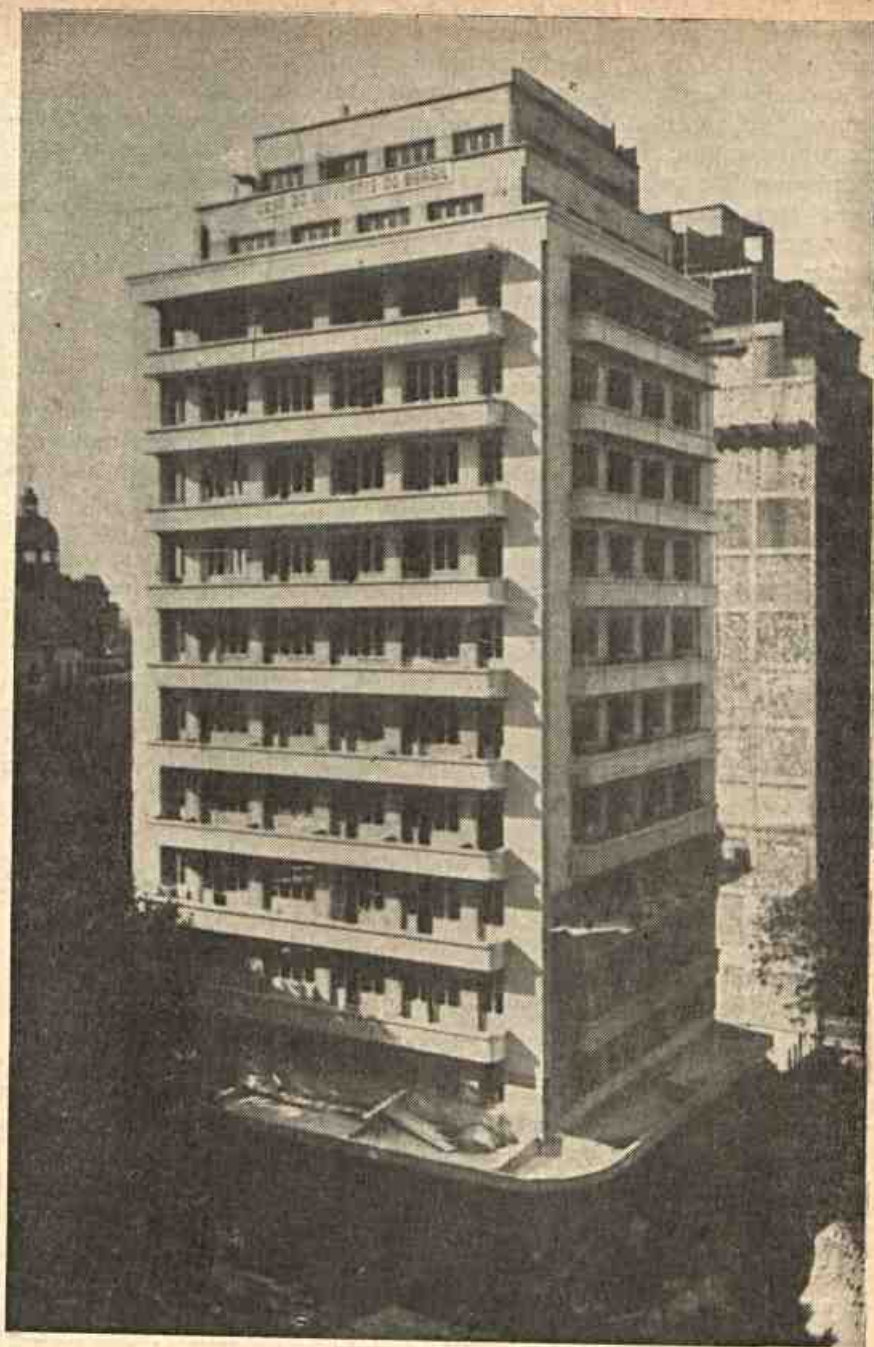
A atriz portuguêsa Amélia Rei Colaço abria um dos espetáculos de sua companhia, no Teatro Lírico, com "estas lindas palavras" no dizer de um jornal da época: "Em louvor à mocidade do Brasil e os seus ideais, é com orgulho que a Companhia Amélia Rei Colaço-Robles Monteiro, abrindo a "Semana da Casa do Estudante", desfralda a grande flâmula, cujos dizeres apontam ao nobre povo do Brasil o amparo que lhe merece a geração de amanhã".

Nessa época a sra. Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça era a "Rainha dos Estudantes" e tôda a sociedade carioca agitava-se em tôrno da iniciativa que lhe coubera, com tanto êxito, juntamente com um grupo de moços das nossas escolas superiores, como Paschoal Carlos Magno, Paulo Celso, Narcelio de Queiroz, Letelba Rodrigues de Brito, Hyder Correia Lima, Magdala da Gama Oliveira, Maria Luiza Dória Bittencourt, Rocha Santos, Ademar Portugal, Henrique de Macedo Soares, Crisanto Moreira da Rocha e tantos outros.

NA PRIMAVERA DE 1929

A "Semana da Casa do Estudante", realizada na primavera de 1929, foi um acontecimento social. A imprensa daquele ano está cheia de artigos, notícias e manchetes que falam do êxito da realização. Escritores, artistas, senhoras da sociedade, todos emprestavam sua colaboração.

Assim é que a imprensa registra uma "Feira de Livros" em benefício da "Casa do Estudante", como "uma obra de aproximação intelectual em favor de uma iniciativa feliz". Em seguida lêm-se títulos e sub-títulos que dizem: "A Feira está realizando a confraternização acadêmica"; "O deputado Clodomiro Cardoso oferece livros"; "O dr. Clovis Bevilaqua visita a "Feira"; "A sra. Stela

O novo edifício da **CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL**, na Esplanada do Castelo

Guerra Duval põe à venda autógrafos de Coquelin, Rostand, Sarah Bernhardt e Bilac"; "O poeta Belmiro Braga, de arte sempre nova e sempre bela, ofereceu autógrafos preciosíssimos de Machado de Assis, Silvio Romero, Alphonsus de Guimarães e Artur de Azevedo"; "A irmã de Castro Alves visita a "Feira"; "O prefeito comparece"; "A Companhia portuguêsa venderá livros"; Adelina Fernandes, convidada a prestar sua colaboração na brilhante iniciativa dos moços, diz que "A guitarra e os estudantes andam sempre juntos".

Outras iniciativas eram levadas a efeito. E a sra. Gabriela Bezanzoni Lage realizava no estádio do Fluminense um espetáculo em benefício da Casa do Estudante, cantando "Orpheu", de Gluk ao ar livre, com a cola-

boração do Corpo Coral do Conservatório de São Paulo. "O Globo", que foi escolhido para patrono do movimento, esclarecia que "as alunas do Conservatório, moças de família, vieram acompanhadas do prof. Samuel Archanjo dos Santos". Acrescentava que "Orpheu" teria uma orquestra de 200 professores e seria cantado por 700 vozes. Os estudantes faziam comícios na Avenida, na rua do Ouvidor, para a venda dos ingressos e as fôlhas diziam: "Para o mais belo espetáculo, a mais bela voz".

O poeta Paschoal Carlos Magno agitava-se, fazia excursões ao norte, pronunciava conferências, e a sra. Anna Amélia dava entrevistas dizendo: "Cada estudante deve ser um operário dessa obra, cada brasileiro um entusiasta dessa idéia".

O sr. Antônio Carlos, que era governador de Minas, recebeu os universitários no Hotel Glória, e "apresentou o deputado Virgílio de Melo Franco, afim de que êste encaminhasse, com a maior urgência, um projeto no Congresso Mineiro, abrindo crédito para a Casa do Estudante".

O poeta Luiz Carlos sugeriu que a Academia Brasileira de Letras auxiliasse financeiramente a iniciativa de construção da Casa do Estudante.

Outras sugestões eram feitas por políticos, senhoras da sociedade, jornalistas, poetas. E o movimento foi durante algum tempo uma espécie de passa-tempo curioso, servindo de motivo para festas, bailes, chás, etc.

O OURO DA REVOLUÇÃO

Depois veio a revolução de 1930, e o entusiasmo continuou por mais algum tempo. O presidente Getulio Vargas baixou um decreto concedendo o ouro arrecadado para o pagamento da dívida externa do Brasil à Casa do Estudante. Eram 800 contos, que mais tarde foram transformados em apólices da Dívida Pública. Estava então creado o Patrimônio da instituição, que passada a febre dos primeiros anos, iria seguir uma vida tranqüila, com menos publicidade e mais realizações.

15 ANOS DEPOIS

Agora, a Casa do Estudante do Brasil comemora o seu 15.° aniversário. Muitos dos jovens que sonharam com sua realização, são hoje magistrados, médicos, banqueiros, industriais, diplomatas. Anna Amélia continua. E' ainda hoje a presidente. No Largo da Carioca está uma taboleta que diz: CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL. E' um velho casarão. No primeiro andar está o Restaurante, onde centenas de estudantes fazem as suas refeições diárias; no segundo estão instalados os serviços da instituição. Mas a nova sede já está quase concluida. Esta será um edifício moderno, com 13 andares, na Esplanada do Castelo.

— Estamos satisfeitos, pois dentro de mais alguns meses teremos realizado uma das nossas maiores aspirações — a sede própria da Fundação. E isto depois de quinze anos de luta. Nunca perdemos o entusiasmo".

E' Anna Amélia quem fala. A sua disposição, o seu gôsto pelo trabalho, a que tem dedicado quase tôda sua vida, é o mesmo de sempre. Ela acrescenta: — "Não tem sido em vão o nosso esforço. Hoje já podemos nos orgulhar de haver cumprido o que prometemos. A Casa do Estudante do Brasil é uma realidade, não só pela sua expressão material como também pelas suas realizações. Êste ano comemoramos o 15.° aniversário da Casa. No início tudo era muito vago. Agora já podemos mostrar o que foi feito no decorrer dêsses quinze anos de trabalho e experiências".

Deante de nós está a maquete do novo edifício, quase concluido. A sra. Anna Amélia esclarece:

— Em dezembro estaremos instalados na nova sede. São treze andares que serão ocupados quase que integralmente pelos serviços da Fundacão, os quaes se subdividem em assistência, intercâmbio e cultura. Muito já se fêz nesses três setores de atividades.

Mostra-nos então o relatório de 1943, e declara:

— No ano passado, por exemplo, foram distribuidos pelo serviço alimentar da C. E.

B. 20.775 refeições inteiramente gratuitas, no valor de Cr$ 41.550,00, a estudantes comprovadamente necessitados, enquanto o serviço médico atendeu a mais de duas mil consultas e o odontológico gastou em material Cr$ 28.230,00. Ainda na parte de assistência a Fundação mantém um Bureau de Empregos, destinados a colocar estudantes que necessitam trabalhar para manter seus estudos. Êste serviço conseguiu em 1943 empregar 86 estudantes. Houve, no entanto, 338 inscrições e 261 pedidos de emprêgo.

Êste é o trabalho que realizamos no terreno da assistência, que futuramente será ampliado com a criação da resistência para estudantes, pois o problema de amparo social ao estudante brasileiro é complexo. Êste assunto já tem sido objeto de estudos e comentários, não raro por parte de pessoas animadas do espírito de investigação e pesquisa. E é lamentável assinalar que quase sempre os resultados dêsses trabalhos revelam índices bastante desfavoráveis no tocante às condições de vida. Em 1938, por exemplo, o sr. Fernando Tude de Souza publicou no "Observador Econômico e Financeiro" os resultados de um inquérito intitulado *Economia do Estudante*. Êsse inquérito abrangia as várias atividades a que se entrega o jovem estudante brasileiro, incluindo suas exigências e necessidades. Não se pode dizer, evidentemente, que os resultados obtidos foram perfeitos, mas de um modo geral exprimiam uma realidade, ou melhor, um dos aspectos mais graves do problema. E, como conclusão, o sr. Fernando Tude de Souza afirmava: "A nosso ver, a economia do estudante brasileiro é de tal forma precária que é exagêro dizer-se — "é um estudante que trabalha." O certo, o real, é asseverar-se: — "é um trabalhador que estuda".

Tal conclusão, aparentemente tão pessimista, revelava apenas o resultado de um trabalho consciencioso, visando fornecer aos poderes públicos a impressão colhida, através de perguntas e respostas, sôbre um problema que se acha ligado indissoluvelmente à vida da nação — o problema da juventude que estuda. E' êsse problema que, em quinze anos de experiências, vamos tentando solucionar.

Posteriormente, a Casa do Estudante do Brasil, através de seu "Boletim", realizou duas reportagens sôbre o mesmo assunto, destacando as más habitações em que vivem os estudantes e o elevado custo dos livros e matrículas. Ainda recentemente, o prof. Piragibe da Fonseca abordou o assunto em trabalho publicado em "Cultura Política", orgão editado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, e cujas conclusões foram motivo de um especial comentário do sr. Gilberto Freyre. Tanto um como outro assinalaram a importância de um fato que merece grande atenção por parte dos poderes competentes. Êste fato é tanto mais importante quanto as universidades do país não contam com residências para estudantes. O relatório apresentado pela Comissão do Congresso Universitário, reunida em Varsóvia, em 1930, dizia: "Uma universidade sem residência poderá fazer de um jovem um sábio ou um bom profissional, mas não lhe dá *chance* de ser um *gentleman*". O problema da residência é tanto maior num país como o nosso onde grande parte dos estudantes procedem do interior, ficando nos grandes centros quase sempre mal alojados e sujeitos a uma série de dificuldades que implicam em graves sacrifícios para as suas atividades universitárias. E o que acontece na maioria das vêzes é que estas atividades ficam relegadas a segundo plano, dadas as exigências maiores, como a necessidade de trabalhar, sem o conforto que lhe assegure a calma necessária aos estudos. O problema assume, em relação às condições econômicas, um aspecto ainda mais complexo, uma vez que a maioria dos estudantes procede de grupos sociais que não são evidentemente os mais abastados. Daí a necessidade de se multiplicarem as casas de estudantes, as quais devem merecer decidido apôio por parte do govêrno. Uma casa de estudantes, no entanto, não deve ser apenas uma moradia; ela deve implicar em objetivos ainda maiores, abrangendo de certo modo todas as atividades extra-escolares, como inter-

câmbio e cultura, fornecendo, assim, condições especiais aos estudantes para seu desenvolvimento dentro da sociedade.

EDIÇÕES

— "Nos últimos anos multiplicamos as nossas iniciativas culturais. O Departamento Cultural da Fundação subdividiu-se em vários setores. Criamos uma Livraria-Editora, que conta com a publicação de obras da importância de "Introdução à Antropologia Brasileira", de Artur Ramos, "Problemas Brasileiros de Antropologia", de Gilberto Freyre. "Origens e Fins" de Otto Maria Carpeaux, e tantas outras, destinadas ao desenvolvimento da cultura universitária. Entre as próximas edições, por exemplo, estão *Monções*" de Sérgio Buarque de Holanda. "*Interpretações*", de Astrojildo Pereira, "*História Antiga do Oriente Próximo*", de Hall, "*Sociologia da Vida Rural*", de Lynn Smith, "*Uma História da Literatura do Ocidente*", em três volumes, de Otto Maria Carpeaux e "*Construção de Estradas de Ferro*", de Loring Webb.

UMA ESCOLA DE ESTUDOS SUPERIORES

— Recentemente criamos uma Escola Livre de Estudos Superiores, entregue à direção do dr. Rubens Borba de Morais e secretariada pelo sr. Francisco de Assis Barbosa. Esta Escola conta desde já com a colaboração de Afonso Arinos de Melo Franco, Artur Ramos, Austregésilo de Ataíde, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Marcos Carneiro de Mendonça, Otávio Tarquínio de Souza, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Morais Neto.

A Escola Livre surgiu do êxito dos chamados Cursos de Inverno, que vinham sendo promovidos anualmente pela Casa do Estudante do Brasil, e o seu atual diretor a definiu "como fruto da necessidade de uma organização que dê instrução superior a quem não fêz um curso universitário regular e aos estudantes das diferentes faculdades que desejam aprofundar seus conhecimentos em determinados pontos. O que se visa é estudar os problemas sem preocupações utilitárias imediatas, ao contrário das Faculdades, cujo objetivo é a formação de profissionais". E aí está definida esta nova realização da Casa do Estudante do Brasil.

EXPRESSÃO CULTURAL E HUMANA

— O novo edifício permitirá à Casa do Estudante do Brasil desenvolver um programa maior de intercâmbio, coisa que não temos feito até agora com êxito que desejávamos. Intercâmbio não só de estudantes como também de professores, professores nacionais e estrangeiros, que virão ao Rio dar cursos e conferências. Para estudantes pretendemos criar bolsas de estudo, e muitas delas para o exterior. Agora mesmo a Federação das Associações Portuguesas do Brasil está organizando um grande movimento destinado a criar um fundo econômico, que será administrado pela C. E. B., com o objetivo de enviar a Portugal estudantes e estudiosos. E' esta uma grande iniciativa, pois temos vivido afastados do conhecimento e do estudo de nossas raízes históricas.

Dentro dêste largo programa de intercâmbio com todas as nações cremos desenvolver cada vez mais o espírito de confraternização e compreensão universal, sem o qual não se justifica nenhuma obra de valor cultural e humano. E a Casa do Estudante do Brasil deve ser acima de tudo uma expressão dêsses valores.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA de ESCRITORES

EM 1942-1943

EM novembro de 1942, realizou-se no Rio de Janeiro, na Sala Varnhagen do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a primeira reunião do Conselho Federal da Sociedade Brasileira de Escritores, fundada em São Paulo, naquele ano, por um grupo de intelectuais liderado por Sérgio Milliet. Êsse conselho recebera a delegação de fundar e organizar com bases federais uma associação que tivesse por finalidade congregar o maior número possível de profissionais das letras, para a defesa dos interêsses da classe, principalmente discalização e cobrança dos direitos autorais. Presidido por Manuel Bandeira, o conselho se compunha dos seguintes membros: Aníbal M. Machado, Astrojildo Pereira, Álvaro Lins, Afonso Arinos de Melo Franco, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Francisco de Assis Barbosa, José Lins do Rêgo, Levi Carneiro, Múcio Leão, Ribeiro Couto, Peregrino Júnior, Prudente de Morais Neto, Odilo Costa Filho, Osório Borba e Viana Moog.

O conselho federal desincumbiu-se cabalmente da sua missão, elaborando os estatutos da nova sociedade, que passou a chamar-se Associação Brasileira de Escritores, A. B. D. E., pois, conforme lembrara o Sr. Levi Carneiro, de acôrdo com as normas do direito brasileiro, a palavra *sociedade* é empregada geralmente para designar organizações de fins comerciais, ao passo que a palavra *associação* se emprega para associações de natureza e fins civis. E tal era o caso da A. B. D. E. Os estatutos foram aprovados pela assembléia geral, reunida em 12 de fevereiro de 1943, numa das salas do edifício da Associação Brasileira de Imprensa. Nessa reunião, renunciou o conselho federal o seu mandato, sendo procedida, pelos sócios presentes, a eleição da nova diretoria, para o ano 1943-1944, que ficou assim constituída: presidente, Otávio Tarquínio de Sousa; vice-presidente, Carlos Drummond de Andrade; 1.º secretário, Álvaro Lins; 2.º secretário, Dante Costa; tesoureiro, Marques Rebelo; conselheiros, Manuel Bandeira, Dinah Silveira de Queiroz, Rodrigo M. F. de Andrade, José Lins do Rêgo e Astrojildo Pereira.

Das atividades da Associação Brasileira de Escritores, no ano 1943-1944, nada dirá melhor que o relatório apresentado, em assembléia geral, pelo seu presidente, Otávio Tarquínio de Sousa, que transcrevemos a seguir:

"Nos têrmos do artigo 8.º dos Estatutos, combinado com o artigo 11, letra "h", do Regimento Interno, apresento à Assembléia Geral da Associação Brasileira de Escritores (Seção Central do Distrito Federal) o relatório da gestão administrativa e financeira referente ao exercício de 1943-1944.

FUNDAÇÃO DA A.B.D.E.

A existência de um órgão destinado a defender os interêsses dos escritores do Brasil, sob todos os seus aspectos, é tão necessária que custa a crer esteja ainda em fase por assim dizer embrionária a associação que visa a tais fins. Mas são do conhecimento geral os motivos que retardaram a sua fundação e continuam a dificultar-lhe o pleno desenvolvimento.

Já não falando de causas mais profundas, ligadas à própria formação social brasileira desde o período colonial, várias outras, perceptíveis a um ligeiro exame, tornam difícil a atividade intelectual no Brasil e fazem muitas vêzes do escritor uma espécie de maníaco, de indivíduo desajustado e em conflito com o meio.

Não será temerário afirmar-se que ainda não chegamos à situação dos países em que se tem na devida conta a dignidade do trabalho intelectual (aliás de todo e qualquer trabalho) e em que a profissão de escritor é considerada em tôda a sua importância. Com as nossas pouco desenvolvidas faculdades de descriminação, vivemos incertos e confusos no que diz respeito às características, à função, aos deveres e aos direitos do verdadeiro escritor.

DIREITOS AUTORAIS

Para tratar de preferência dêstes, é preciso salientar logo um dos pontos em que até hoje existe entre nós uma deplorável incompreensão: o problema dos direitos autorais, da justa remuneração devida ao escritor pelo seu trabalho. Uma questão como essa, tão primária, tão elementar, que não deveria envolver nenhuma dúvida, ao menos no tocante ao seu fundamento, está ainda, para os escritores brasileiros, mal orientada, mal definida e mal entendida.

Em certos meios — e não só onde reina uma mentalidade de colegiais enamorados das letras ou de amadores que se sentem pagos pela simples publicação de seus escritos, — persiste a concepção de que ao escritor não cabe necessàriamente a retribuição econômica, material, pecuniária do seu trabalho, de que a atividade literária não é de natureza a exigir obrigatòriamente pagamento, porque não corresponde ao exercício de um ofício ou profissão que imponha sempre e sempre remuneração pecuniária.

Não seria uma sociedade de escritores que perpetraria a enormidade de obscurecer o que há de mais alto e mais nobre na atividade intelectual. Mas essa atividade, para os que a exercem, só pode ser resguardada e plenamente desenvolvida, se se lhes assegurar, com o justo prêmio do que produzem, uma vida tranqüila, num nível econômico, não de luxo ou opulência, mas de satisfação de tôdas as suas necessidades de homens e de escritores.

Foi para realizar êsses objetivos que se fundou a A.B.D.E. A iniciativa, partindo de um grupo entusiasta, mal vence a primeira etapa, seguramente a mais dura, a mais difícil. Os obstáculos não têm faltado. Se entre os que começaram houve animo-

sos, pacientes, perseverantes, que confiam no futuro e sabem que nada de grande e sólido se faz de improviso, outros de pressa se desinteressaram do empreendimento, sem falar dos cépticos, dos que zombam de tudo e nada esperam.

O QUE SE CONSEGUIU REALIZAR

Sem apelar para milagres, a Diretoria da A.B.D.E., auxiliada sempre pelo Conselho Fiscal, pôs uma grande diligência em cumprir a missão que lhe fôra confiada.

A primeira providência a tomar dizia respeito à constituição legal da nova sociedade. E isto logo se fêz. Observadas as formalidades prescritas em lei, foram os Estatutos da Associação Brasileira de Escritores registrados a 19 de abril do ano passado, no cartório do 3.° Ofício de Registro de Títulos e Documentos (livro próprio do Registro Civil de Pessoas Jurídicas).

Em seguida, como medida indispensável ao funcionamento da sociedade, cabia à Diretoria, em reünião conjunta com o Conselho Fiscal, elaborar o regimento que discriminasse as atribuições de cada diretor e do Conselho Fiscal, regulasse as suas substituições, as reüniões, os casos de perda de mandato, a convocação e o funcionamento da Assembléia Geral, e consignasse, em seu conjunto, as normas reguladoras da vida interna da A.B.D.E.

Várias foram as reüniões levadas a efeito para êsse fim, chegando-se, depois de meticuloso estudo, à elaboração de um formulário que, fiel ao espírito e à letra dos Estatutos, permite a adequada execução dêstes.

Outra tarefa imposta à Diretoria, com a ajuda do Conselho Fiscal, consistia na fixação das contribuições dos sócios. Fo iadotada, como a mais aconselhável, a quota mensal de Cr$ 10,00 independente de joia.

TABELA DE DIREITOS AUTORAIS

Mais complexa, mais delicada era, entretanto, a incumbência de organizar a tabela de direitos autorais, dada pelo artigo 11, letra "c" *in-fine*, dos Estatutos. A êsse respeito, longas e repetidas foram as reüniões, já da Diretoria e do Conselho Fiscal juntos, já separados, no intuito de chegar a uma solução satisfatória.

Cumpre em primeiro lugar ter em vista que nada havia feito em nosso país, no tocante ao assunto, a não ser quanto ao teatro e à música, que encontraram na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (S.B.A.T.) um órgão apto a defender cabalmente os autores dêsses gêneros.

E' evidente que a tabela de direitos autorais não poderia ser estabelecida arbitràriamente, sem o conhecimento direto de todos os fatores que devem condicionar a elaboração de um ato dessa natureza, em que se somam interêsses de escritores, editores, empresas jornalísticas, estações de rádio, cinemas e do público em geral. Era necessário proceder a um verdadeiro inquérito acêrca das condições do mercado literário, seus usos e tradições, ouvir a autores e editores, procurar levantar dados em que se pudesse firmar uma orientação segura.

Ora, tudo isso demanda tempo, pertinácia, observação. E o que se conseguiu representa antes bases para estudos mais ponderados do que pròpriamente conclusões definitivas. No curto espaço de meses em que puderam agir a Diretoria e o Conselho Fiscal da A.B.D.E., com tôdas as dificuldades próprias do nosso meio, mais não seria possível, sem o risco de obra precipitada ou leviana.

Não obstante, aos ilustres consócios que vão receber o encargo de conduzir os destinos da A.B.D.E., a Diretoria e o Conselho Fiscal que ora terminam o seu mandato podem oferecer algumas sugestões apreciáveis. Eis algumas delas.

SUGESTÕES

A quota mais comum de direitos autorais é entre nós de 10% sôbre o preço de capa. E' o que pagam as principais casas editoras brasileiras. Com várias destas houve entendimentos sôbre a possibilidade da elevação da referida quota, tendo em vista a necessidade de criar uma fonte de receita para a A.B.D.E., sem prejuizo dos escritores seus associados. Concordaram desde logo em majorá-la para 11%, destinado o aumento de 1% ao patrimônio da A.B.D.E., as emprêsas editoras José Olympio, Martins, Zelio Valverde e Alba. E há fundadas esperanças de que os próprios autores venham a ser beneficiados proximamente com direitos mais vantajosos, visto que já se celebraram diversos contratos na base de 15% sôbre o preço de capa.

Outro caso mereceu a atenção da Diretoria e do Conselho Fiscal da A.B.D.E.: o das traduções. Não se poderia reivindicar para o tradutor a quota de 10% sôbre o preço de capa, porque é preciso não esquecer — o editor paga direitos de tradução ao próprio autor ou ao seu editor de origem. Mas parece fora de dúvida que se deve estabelecer um estipêndio mínimo por página traduzida, variável, já se vê, segundo a matéria do livro, e assegurar ao tradutor brasileiro uma participação em tôdas as edições que se fizerem da obra que traduziu.

A tabela de direitos autorais deverá abranger também: a) os artigos, ensaios, poesias, contos, no-

velas, e quaisquer outros trabalhos publicados em jornais e revistas, reservada a quota de 1% da A.B.D.E.; b) as transcrições ou reproduções dos trabalhos acima mencionados, que deverão ser pagas à razão de 50% do preço recebido pelo autor na primeira publicação; c) os resumos ou condensações de quaisquer obras, inclusive as adaptações de contos, novelas e romances feitas para o teatro; d) as obras escritas diretamente, ou adaptadas, para o cinema e para o rádio.

No intúito de resguardar os interêsses dos escritores da A.B.D.E., torna-se indispensavel que à mesma Associação sejam outorgados, por uma lei especial, os direitos e as garantias já conferidos a sociedades congêneres pelos decretos n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920, n. 5.492, de 16 de julho de 1928 (art. 28) e 18.527, de 10 de dezembro de 1928 (art. 52 a 55), podendo a A.B.D.E. representar não só seus associados como os respectivos sucessores, para o fim de receber as quotas correspondentes a edição, publicação, divulgação, ou adaptação de obras literárias, em qualquer atividade comercial, teatral, cinematográfica ou radiofônica, de acôrdo com as tabelas que forem adotadas.

Aí estão os principais pontos abordados nos estudos feitos pela Diretoria e pelo Conselho Fiscal da A.B.D.E., sem que, entretanto, se pudesse chegar a soluções práticas que o tempo e um mais profundo exame hão de forçosamente sugerir.

CARÁTER NACIONAL DA A.B.D.E.

A A.B.D.E., que teve sua origem na Sociedade dos Escritores Brasileiros, fundada em São Paulo, foi constituida com caráter nacional, no sentido de zelar pelos interêsses de todos os escritores, de qualquer Estado ou região. À Seção Central, com sede no Distrito Federal, deverão corresponder, autônomas mas articuladas, Seções nas capitais dos Estados e Territórios, coordenadas por um Conselho Nacional.

Não se descurou da criação sem demora das Seções estaduais. Em tal sentido trabalhou a A.B.D.E. (Seção Central do Distrito Federal), dirigindo a escritores de quase todos os Estados apelos para a fundação dos órgãos regionais. Infelizmente, porém poucas foram as respostas. Assim é que, além de São Paulo, que tivera a primazia na criação da sociedade incumbida da defesa dos escritores, só em Minas Gerais se verificou até agora a instalação da seção estadual da A.B.D.E., embora se possa esperar para breve que o mesmo aconteça no Ceará e no Amazonas.

GESTÃO FINANCEIRA

As contas do exercício de 1943-1944 da A.B.D.E., que acompanham êste relatório, expressas no balanço da receita e despesa levantado pelo tesoureiro e sôbre o qual se manifestou, em obediência à determinação do Regulamento Interno, o Conselho Fiscal, dão testemunho de como é ainda precária a existência da Associação Brasileira de Escritores. Tão pequenos são os seus recursos, que não lhe foi possível sequer até agora ter uma sede alugada, e as reüniões se realizaram graças à amável hospitalidade, a princípio da Associação Brasileira de Imprensa, depois do Instituto de Economia da Associação Comercial do Rio de Janeiro, e agora da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, que tão solícita se mostra.

Chegará o dia, entretanto, em que a A.B.D.E. pelo só trabalho dos seus sócios, e por fôrça de uma compreensão mais justa do que representa a atividade de romancistas, poetas, ensaistas, críticos, sociólogos, historiadores, e de todos os intelectuais que ainda hoje se veem relegados ao abandono e à indiferença, será o que sonharam os seus fundadores — um instrumento poderoso de defesa dos direitos fundamentais e dos interêsses dos escritores brasileiros".

(a.) *Otávio Tarquinio de Sousa* — Presidente.

SUGESTÃO PARA UM ANTE-PROJETO DE LEI

Art. 1.º — Ficam assegurados à Associação Brasileira de Escritores (A.B.D.E.) os direitos e as garantias outorgadas e sociedades congêneres, pelos decs. ns. 4.092, de 4 de agôsto de 1920, 5.492, de 16 de julho de 1928, art. 28, e 18.527, de 10 de dezembro de 1928, arts. 52 a 55, e regulamentos sôbre diversões públicas, podendo a referida Associação representar não só seus associados, como os respectivos sucessores, enquanto os direitos autorais não tiverem caído no domínio público.

Parágrafo único — Diretamente ou por intermédio de pessoas físicas ou jurídicas por ela encarregadas, recolherá a A.B.D.E. as quotas correspondentes a edição, publicação, divulgação ou adaptação de obras literárias, em qualquer atividade comercial, teatral, cinematográfica ou radiofônica, de acôrdo com as tabelas que forem adotadas, ressalvados quaisquer contratos concluídos diretamente entre os interessados.

Art. 2.º — Poderá também a A.B.D.E. intervir diretamente para fazer cumprir o disposto nos arts. 4.º e 5.º do decreto n. 4.790, de 2 de janeiro de 1924.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

A Biblioteca Popular Brasileira

WILSON LOUZADA

A "Biblioteca Popular Brasileira", realização utilíssima do Instituto Nacional do Livro, ao lado da "Coleção de Obras Raras", do mesmo orgão cultural, veio preencher uma sensivel lacuna no quadro das atividades editoriais em nosso país. Propondo-se a fornecer a um público numeroso "um verdadeiro instrumento de cultura", a "Biblioteca Popular Brasileira" nem por isso pretende ser privilégio de raros eruditos e pesquizadores. Não obstante essa ausência de erudição e de crítica direta, os textos que nela se publicam são de natureza documental. Tanto quanto possivel levando-se em consideração as contingências naturais em trabalhos dessa ordem, esses textos, adaptados à moderna ortografia, são organizados de acôrdo com as melhores edições conhecidas, em sua reprodução respeitam-se fielmente os originais.

Nessa coleção, aliás, já se publicaram a "Vida do venerável Padre José de Anchieta", de Simão de Vasconcelos; "Glaura", de Silva Alvarenga; "Diários de viagem", de Lacerda e Almeida e "A viola de Lereno", de Caldas Barbosa. A diversidade de obras, como se vê, logo indica a adoção de um critério cultural o mais amplo possivel. Ao lado dos textos prgpriamente literários, no terreno da poesia, do romance, do teatro e da biografia, outros são colocados no sentido de se alargar o mais possivel a expressão "literatura brasileira", não excluindo mesmo as obras de autores estrangeiros sôbre o Brasil, tanto no periodo colonial como após a independência. Desse critério adotado na coleção, decorre uma conseqüência lógica: qual seja a de se informar o leitor sôbre a totalidade da cultura brasileira, apoiando-se sos textos de viagens, explorações naturalistas, história militar e geral, geografia, política, crítica, filosofia, filologia, estudos sociais, etc. Partindo desse ecletismo tão útil e tão necessário a um melhor conhecimento do nosso passado — cultural e histórico — nem por isso a "Biblioteca Popular Brasileira" excluiu a indispensável seleção de textos, visando a fornecer ao público leitor, embora ampla, uma visão eminentemente crítica da nossa literatura.

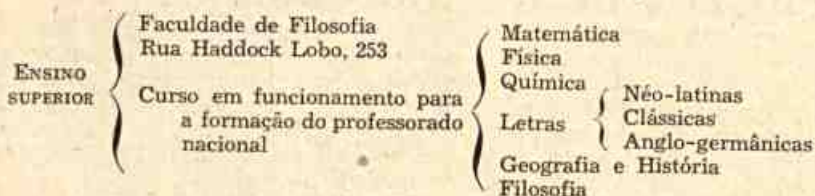
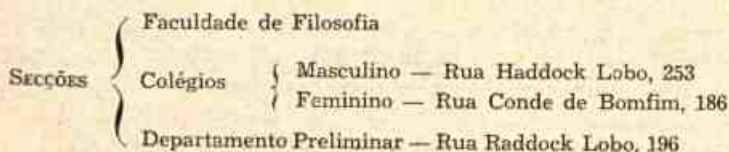
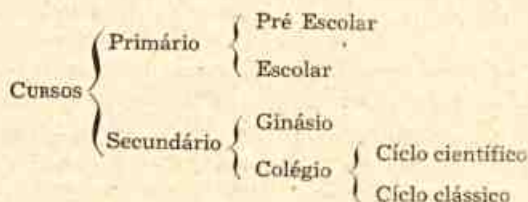
Essa crítica, entretanto, pelo modo como se apresenta, é de natureza indireta. Salienta-se por uma escolha prévia de obras e de autores, e por uma tentativa de fixação de certos textos julgados indispensáveis à compreensão de nosso passado cultural. Tal escolha, necessàriamente, implica um critério de história literária adaptado às nossas condições particulares de povo sem uma literatura primitiva, sem um período medieval, sem uma fase na verdade clássica. Entretanto, dessa base selecionadora inicial, poderemos partir para uma futura biblioteca da literatura brasileira, na totalidade dos seus textos conhecidos, conforme sugeria, para a literatura portuguesa, o historiador e crítico Mendes dos Remédios.

Na verdade, porém, um plano de trabalho dessa natureza exigiria longos anos de esforço e pesquisas, embora se trate de

uma obra a ser compensada pelo levantamento definitivo de tôda a produção literária nacional.

Contudo, além desses aspectos culturais mais restritos, que estamos focalizando a propósito da "Biblioteca Popular Brasileira", outros podem e devem ser examinados para que o panorama se torne mais amplo, embora ainda no mesmo sentido. A "Biblioteca Popular Brasileira", sendo um instrumento de cultura, pela natureza das suas publicações, cuidadosamente selecionadas e fiéis às edições originais, é do mesmo modo um instrumento de democratização dessa mesma cultura a que pretende servir, levando-se em consideração os preços a que são vendidos os seus livros.

No Brasil, pelo que se sabe, nunca certas obras consideradas raras e valiosas foram divulgadas como agora o serão por intermédio do Instituto Nacional do Livro. Não só pela questão dos preços excepcionais a que atingiam e atingem como também pelo desprezo a que eram relegadas pelas casas editoras do país, mais interessadas em lucros fáceis e rápidos obtidos através de uma literatura bastante duvidosa. Os dois aspectos do problema, portanto, ficarão perfeitamente compreendidos na orientação seguida pelo Instituto Nacional do Livro, e amplamente resolvidos quando o desenvolvimento futuro da "Biblioteca Popular Brasileira" alcançar um nivel mais alto em número de livros publicados. Seria conveniente, porém, que determinados autores incluidos na coleção tivessem suas obras totalmente editadas, incluindo-se as partes inéditas ou pouco conhecidas, e não publicadas sob a forma de excertos ou obras escolhidas.

Entre as obras dêsses autores, muitas já se tornaram pouco acessíveis ao leitor comum e até mesmo ao leitor especializado. Argumente-se, ainda, que para o caso de uma futura e possivel Biblioteca da Literatura Brasileira, seria êsse o critério ideal a seguir-se desde já, mesmo sob a forma atual da "Biblioteca Popular Brasileira". No caso, aliás, seria suficiente ampliar-se a atual coleção, até serem atingidos os limites necessários aos objetivos em vista.

A Biblioteca Militar

Uma organização que honra sobremaneira o Exército Brasileiro

MENSALMENTE duas toneladas de livros são entregues pela Biblioteca Militar à agência do Correio no Ministério da Guerra. São cêrca de 9.000 volumes expedidos, dando aos funcionários tanto da Biblioteca como da referida repartição um constante e exaustivo trabalho.

Os assinantes da Biblioteca Militar que se contam entre militares e civis, em número de 8.700, recebem nas Unidades do Exército em que servem e em suas residências um livro mensal pelo preço de Cr$ 5,00, que, na realidade, não é caro em face do custo sempre crescente da impressão atualmente.

E' digno de menção salientar que até o fim do ano de 1943, a Biblioteca Militar editou 661.350 volumes, isto em 6 anos de existência.

As suas publicações, quase tôdas sôbre assuntos militares e, de preferência, de escritores militares brasileiros, têm merecido as melhores referências elogiosas.

A Biblioteca Militar possue uma sala de leitura à disposição não só dos oficiais das fôrças armadas como também dos civis. Cêrca de 20.000 volumes já estão fichados e catalogados e, anualmente, o Exmo. Sr. Gen. Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, a quem a Biblioteca deve em grande parte o seu florescimento e seu notável desenvolvimento, dá uma verba especial para aquisição de livros e auxílio à impressão e encadernação.

Todos os assuntos são entrozados nas suas publicações. Organizações culturais, nacionais e estrangeiras, recebem os livros editados pela Biblioteca Militar e são inscritas as solicitações de particulares e de pequenas bibliotecas escolares feitas à Biblioteca Militar.

A Biblioteca Militar foi organizada em 26 de Junho de 1938 pelo Exmo. Sr. Gen. Valentim Benício da Silva que, numa nítida e apreciável compreensão do valor cultural do Exército, bem de pressa tornou real a idéia dos que queriam colaborar no desenvolvimento intelectual das nossas fôrças armadas.

Foi o renascimento da antiga Biblioteca do Exército, fundada pelo Conselheiro Franklin Américo de Menezes Dória a 4 de Janeiro de 1882, a qual foi extinta em 1925.

Os livros da antiga Biblioteca do Exército foram quase todos recuperados.

O mais interessante da nova e florescente fase em que vive a Biblioteca é justamente a Seção de Publicações de livros.

Sòmente no decorrer do ano de 1943 foram apresentados para julgamento pela Comissão Diretora 42 trabalhos. Isto prova flagrantemente e de maneira insofismável o interêsse dos nossos escritores militares pelas edições da Biblioteca e, muito especialmente, pelo prestígio que a Biblioteca empresta às suas publicações que têm merecido, é bom frizar, o mais franco dos acolhimentos tanto no meio do Exército como no mundo civil.

De acôrdo com o que estabelece o seu regulamento, podem ser assinantes da Biblioteca não só os miliatres como também civis, desde que êstes contribuam com a importância de Cr$ 30,00 que corresponde a um semestre pago adiantadamente. Acresce que o número de civis subscritores já é apreciável, sendo, muitos dêles, oficiais da reserva com o curso do C.P.O.R., que se interessam grandemente pelas publicações da Biblioteca Militar afim de estarem em contacto permanente com os assuntos militares.

Outra coisa se apresenta interessante na Biblioteca Militar: — A Galeria dos Colaboradores. Nela salientam-se os retratos de Eusébio de Sousa, Carlos Maul, Castilhos Goycochea, Otávio Murgel de Rezende, Daltro Santos, Afonso Arinos de Melo Franco, Angione Costa, Astolfo Serra, Jerônimo de Viveiros, José Mesquita, Ivan Lins, Alexandre Marcondes Filho, todos figuras de nomeada e de real projeção nos meios intelectuais do país, e que muito honram com seus livros a Biblioteca Militar.

Quanto aos escritores militares ressaltam os nomes ilustres dos Generais Tasso Fragoso, Valentim Benício da Silva Sousa Docca, Paula Cidade, Bertoldo Klinger, Borges Fortes, Lobo Viana, Pedro Cavalcante de Albuquerque, Silo Portela, Almirante Henrique Boiteux, Cmt. Frederico Vilar, Coroneis Lima Figueiredo, Afonso de Carvalho, Inácio José Veríssimo, Genserico de Vasconcelos, Lira Tavares, Laurênio Lago, Luiz Lobo e muitos outros de verdadeira expressão no mundo militar.

Presentemente a Comissão Diretora da Biblioteca Militar está assim constituida:

Organizador:
Gen. Valentim Benício da Silva.

Presidente:
Gen. Emílio Fernandes de Sousa Docca.

Membros Efetivos:
Gen. Francisco de Paula Cidade.
Cel Rafael Danton Larrastazu Teixeira.
Ten.-Cel. José de Lima Figueiredo.
Major Severino Sombra de Albuquerque.
Dr. Luiz Edmundo.
Dr. Carlos Maul.

Membros Suplementares:
Ten.-Cel. Francisco Afonso de Carvalho.
Cap. Luís Flamarion Barreto.
Dr. Luís Felipe Castilhos Goycochea.

Administração:
Major Valmir de Araripe Ramos — Secretário.
1.º Ten. Felisberto N. Vilhena F.º — Tesoureiro.

BIBLIOTECAS e MUSEUS para as CIDADES do INTERIOR

O GOVÊRNO E O PROBLEMA DA CULTURA — Em novembro de 1942, constituiu-se nesta capital uma comissão incumbida de organizar um estudo sôbre as bibliotecas públicas existentes no Estado. Essa tarefa, entregue ao então Secretário da Justiça, Dr. Abelardo Vergueiro Cesar, era mais uma iniciativa do Interventor Fernando Costa no terreno cultural. Ousada, na opinião de alguns, para os quais a descrença é a norma crítica diante das tentativas de desenvolvimento da inteligência e do gôsto, em períodos anormais, como é o que atravessamos. Ousada, mas de realização possível, não obstante a preocupação generalizada de apreciar a vida pelo lado econômico exclusivamente, em detrimento de outros valores, estáveis e indestrutíveis que são os culturais. Em plena guerra, pois, e paralelamente ao esfôrço produtor, o Govêrno de São Paulo não descurava dos problemas culturais na certeza de que apesar de todos os sacrifícios, o trabalho por setores devia prosseguir, como de fato tem prosseguido, numa demonstração de vitalidade de tôdas as classes que compõem o organismo político-social de São Paulo. O esfôrço bélico, que nos países pobres é um sorvedouro de energias, incompatível com outras preocupações humanas, em nosso meio distribui-se por uma série de atividades. Umas de aplicação imediata, outras visando objetivos mais remotos. Mas, o essencial é não interromper a expansão cultural, apesar da guerra. E o Sr. Interventor Fernando Costa tem sabido conduzir a vida do Estado em correspondência com as necessidades nacionais, sem sacrificar os valores culturais, em auspiciosa expansão no momento. Êsse fato é comprovado pela atuação que passou a ter o Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus, ora em pleno funcionamento, instalado à rua da Liberdade n.° 32, 10.° andar.

Em fevereiro de 1943, três meses após a nomeação daquela comissão, era entregue ao Govêrno do Estado o ante-projeto de criação do Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus, encaminhado a seguir ao Conselho Administrativo, que se manifestou com entusiasmo sôbre a feliz iniciativa do Sr. Fernando Costa. Foi relator do projeto o então Conselheiro Marrey Júnior, posteriormente chamado para ocupar a Pasta da Justiça. S. S., entre outras considerações, expendeu as se-

guintes: "Ao Conselho Administrativo apresenta-se a feliz oportunidade de manifestar-se sôbre interessante iniciativa do Sr. Interventor Federal, reveladora do alto aprêço em que S. Excia. tem os problemas atinentes à educação da mocidade e do povo em geral. Trata-se do projeto de decreto-lei que cria o Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus, a S. Excia. diretamente subordinado, e com a finalidade de organizar e orientar as bibliotecas existentes, promover a fundação de outras, estabelecer bases para a unificação e padronização dos serviços técnicos nas bibliotecas estaduais e municipais, adquirir livros, fazer a propaganda do livro, etc. A medida consubstanciada no projeto é das mais úteis. Com a constituição de um Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus, à semelhança dos "State Library Comissions", existentes nos Estados Unidos, e do Instituto Nacional do Livro, criação do Estado Nacional, pelo Decreto-lei n.º 93 de 1937, o Sr. Interventor deseja satisfazer o programa de desenvolvimento do serviço de biblioteca em todo o Estado, programa que ficará a cargo do Conselho aludido".

Também o Conselheiro Antônio Feliciano teve oportunidade de manifestar-se sôbre a iniciativa. S. S. teceu várias considerações sôbre a idéia governamental, dizendo que afortunadamente já nos afastamos da época em que o livro era tido como objeto de adôrno, como as alfaias e pratarias derramadas sôbre as consolas e sôbre o piano, destinados a serem mostrados e não lidos, tendo importância suas dimensões físicas e a riqueza da encadernação, nada significando o nome do autor e o valor das idéis. "O livro hoje não é mais um luxo, mas uma necessidade; deixou de ser companheiro folgazão das horas de lazer, para converter-se em ferramenta de labuta. Assim também uma biblioteca moderna, muito mais acima de ser sala de recreação é oficina de trabalho. No que concerne aos museus, é obra meritória criá-los e difundi-los, porquanto nas telas célebres de suas pinacotecas, em suas coleções numismáticas, em seus acervos filatélicos, nas relíquias que pertenceram aos grandes homens — em tudo isso assistimos o passado assumir aspecto corpóreo, contemplamos o pretérito tomar feição ótica e as tradições resurgem das coisas com uma fôrça de presença espantosa e inesquecível. Se a biblioteca é a casa do livro, o museu é a morada da história". Após outros comentários, o Conselheiro Antônio Feliciano teve as seguintes palavras para exprimir a importância da nova realização: "Eis por que o Govêrno do Dr. Fernando Costa deu cristalina nota de sabedoria política ao criar o Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus e nós nos sentimos jubilosos de haver-lhe assegurado nosso assentimento legislativo. S. Excia. revelou agora mais uma faceta do equilíbrio e da capacidade de acertar dos homens que amadurecem no contacto fecundo com a terra: — preocupou-se com êsse solo agreste e feracíssimo que é a inteligência de seus patrícios, principalmente os do interior, procurando fecundá-la com livros para as abençoadas messes da instrução. E aqui tocamos num ponto que arvoro em cardial: é com o maior desvêlo para o interior que o Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus deverá volver suas vistas, para as nossas cidades laboriosas e longínquas, onde a cultura muitas vêzes está à mercê das incertezas e dificuldades de um autodidatismo doloro-

so e onde o patrimônio espiritual da Pátria poderá perder talentos e vocações admiráveis".

●

À CIRCULAÇÃO DA PRODUÇÃO INTELECTUAL — De fato, objetivando servir as populações do interior, afastadas de certos aspectos da vida cultural por fôrça de várias circunstâncias, é que se cristalizou a idéia da criação do Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus. A fundação de Museus, Bibliotecas e Pinacotecas nas localidades do Estado é de certo modo uma retribuição da capital de S. Paulo às populações que, pelo seu trabalho, mantém em ritmo ascendente a vida da capital. Dos diversos pontos do interior, zonas novas e velhas, vem-nos o fruto do sacrifício, que é o nosso alimento vital. Mercê dêle, desenvolvemos a vida cultural em todos os seus aspectos. São benefícios civilizadores, criados à sombra dos braços do interior, que na paz e na guerra labutam de sol a sol, para abastecer a capital e outros pontos do território brasileiro. E' justo, pois, que as conquistas culturais do centro se espalhem pela periferia, levando novos alentos, despertando novas energias, justificando o trabalho e aumentando o patrimônio comum, pois que a literatura e a arte são expressões da capacidade de produção de todo o Estado, expressões que aumentam com o crescimento da produção da lavoura, da pecuária e da indústria. A literatura e a arte constituem, por isso, um fenômeno social, nascido no grupo e dêle dependendo como expressão de um todo, que a êle deve ser dividido como também acontece com a produção de outra ordem, que serve para alimentar os organismos humanos ou as máquinas da indústria. Para essa função, de distribuir ao todo o que a êle pertence, foi criado o Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus.

●

OS PRIMEIROS TRABALHOS — O Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus instalou-se solenemente nos Campos Elíseos, em 7 de julho de 1943. Dêle fazem parte os Srs. Abelardo Vergueiro Cesar, Presidente; Afonso D'Escragnole Taunay, representante da Secretaria da Educação; Prof. Basileu Garcia, representante da Reitoria da Universidade de São Paulo; Sérgio Milliet, indicado pela Prefeitura Municipal; Menotti Del Picchia, representante da Academia Paulista de Letras; Eurico Franco Caiubi, representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura.

Constituído assim por representantes das diversas entidades culturais de São Paulo, o Conselho vem-se reunindo regularmente, tendo já realizado a parte inicial de seu programa, consubstanciado no decreto-lei n. 13.411, de 10 de junho de 1943. São suas atribuições: servir de órgão consultivo do Govêrno em matéria de Bibliotecas e Museus, organizar e orientar as Bibliotecas do Estado, incentivar o seu desenvolvimento e prestar tôda assistência técnica e cultural às instituições públi-

cas ou particulares, que o solicitarem; estabelecer as bases para a unificação e padronização dos serviços técnicos das Bibliotecas do Estado e dos Municípios, solicitando às autoridades competentes as medidas necessárias para regularizar o respectivo trabalho, quando em desacôrdo com a orientação geral restabelecida; promover, nos Municípios, a criação de Bibliotecas, Discotecas e Museus locais, onde se conservem documentos de qualquer natureza relacionados com a história local e suas personalidades eminentes; manter o intercâmbio e articulação com instituições congêneres; do país e do estrangeiro, especialmente o Instituto Nacional do Livro; adquirir livros e distribuí-los às Bibliotecas; fazer propaganda do livro através dos diversos meios de publicidade e promover reuniões e Congressos Bibliotecários; orientar, de acôrdo com as Prefeituras, as atividades das comissões municipais de Bibliotecas.

Com êsse programa extenso, já na primeira sessão realizada em junho de 1943, o Conselho tomava as medidas iniciais para a concretização de algumas providências visando entrosar o novel organismo com outros órgãos da administração pública. Assim, recomendou o envio de uma circular do Sr. Diretor do Departamento das Municipalidades às Prefeituras, para os estudos iniciais da instalação de Bibliotecas, Museus e Pinacotecas pelo Interior. Em 7 de agôsto daquêle ano, o Dr. Gabriel Monteiro da Silva, apoiando a iniciativa, expedia a circular n.º 823, e um mês depois, o Dr. Abelardo Vergueiro Cesar, por determinação do Sr. Interventor Fernando Costa, recomendava a execução do decreto-lei n.º 13.441, a fim de que as Prefeituras promovessem a fundação de Bibliotecas e Museus, caso não houvesse, nas respectivas cidades, instituições dessa espécie de iniciativa e propriedade particulares, que então deveriam ser apoiadas, de preferência a fundar outras.

Anteriormente, porém, a Prefeitura Municipal de Pinhal havia instalado a sua biblioteca e museu, denominados "Vergueiro Cesar" e cujos trabalhos já estão produzindo resultados dignos de admiração, como por exemplo, a publicação do "Arquivo Pinhalense", uma revista da cidade, já em seu segundo número. Também em Jundiaí, o Conselho, com a aprovação do Govêrno do Estado, tornara oficiosa a Biblioteca e o Museu instituídos pelo Gabinete de Leitura "Rui Barbosa". Além da biblioteca e museu dessas cidades, em Presidente Prudente também foram criadas instituições congêneres, com apôio do Dr. Domingos Ceravolo, Prefeito Municipal.

O Conselho está em entendimento com a "Legião Brasileira" de Ribeirão Preto, e com o Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, para que essas antigas e tradicionais instituições se entrosem no seu organismo, através das comissões municipais. De outra parte, o Dr. Sebastião Nogueira de Lima, Secretário de Educação e Presidente do Conselho de Orientação Artística, em entendimentos mantidos com o Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus, tem revelado a máxima boa vontade e simpatia na execução do decreto-lei n.º 13.845, de 16-2-1944, na parte que se refere à criação das pinacotecas municipais e à organização de pinacotecas pelo interior do Estado. A êsse respeito pode dizer-se que a exposição francesa, realizada há alguns anos nesta capital, e em outras partes do continente, serviu de inspiração ao Conselho Estadual de

Bibliotecas e Museus, que pretende levar pinturas pelo interior a fim de que as populações mais longínquas entrem em contacto com grandes obras nacionais e estrangeiros.

Outro aspecto dos trabalhos que estão sendo realizados por membros do Conselho, a fim de executar o decreto-lei n.º 13.411, é o que se refere à tarefa de diversas comissões. Assim, os Srs. Afonso Taunay e Luiz S. Tiago estão elaborando um estudo sôbre o plano de organização de bibliotecas para cegos. Os Srs. Basileu Garcia e Sérgio Milliet cuidam de pôr em execução o artigo 14, do referido decreto-lei, organizando o serviço de catálogo geral das bibliotecas existentes no Estado, estaduais, municipais e dos particulares, que desejarem submeter-se ao regulamento do Conselho. Os Srs. Menotti Del Picchia e Eurico Franco Caiubi incumbiram-se de estudar o problema das pinacotecas municipais e circulantes.

Além disso, cuida o Conselho de instituir uma secção de "ex-libris", a fim de elaborar e fornecer material aos interessados, bem como ter uma coleção dos "ex-libris" existentes em todo o Brasil. Em São José do Rio Pardo, serão criados o museu e a biblioteca "Euclides da Cunha". Itapira também terá instituições congêneres. Em S. João da Boa Vista, a Sociedade de Cultura Artistica possui uma biblioteca que, com o apôio do Sr. Prefeito J. Oliveira Neto, se tornará uma instituição da cidade. O museu dessa cidade também está em organização, com o apôio de D. Tita de Oliveira.

O Conselho encontra-se ainda em entendimento com o Sr. Prefeito de Baurú, Dr. Ernesto Monte, e o Juiz de Direito, Dr. Ulisses Doria, para a organização da biblioteca e museu locais. Em Piracicaba já existe uma biblioteca, mas cogita-se de criar também o museu, que será instalado na antiga residência de Prudente de Morais. Finalmente, em Valparaiso já se criou a biblioteca da cidade, a qual recebeu o nome do Sr. Interventor Federal.

SÃO PAULO, 1942/43

MARIO DA SILVA BRITO

PEDEM-ME um retrospecto das atividades intelectuais e artísticas de São Paulo nos anos de 1942-43, para o "Anuário Brasileiro de Literatura". Avisam-me que pode ser "coisa curta, contando só os acontecimentos principais". Aceito com prazer a incumbência. Mas peço para não dividir o assunto numa cronologia muito rígida, pois quero não me submeter a limitações didáticas para traçar melhor o quadro mental de S. Paulo, ùltimamente tão confuso e inquieto por causa mesmo das complicações e intranquilidades do mundo.

Nesta cidade de Anchieta e nesta terra dos bandeirantes, de gente de variadas latitudes brasileiras e estrangeiras, os fatos internacionais repercutem e ecoam ne modo realmente extraordinário. Desde a guerra — antes e depois de participarmos dela — São Paulo vem vivendo agitado, cada vez mais necessitado de se integrar no clima democrático que nos chega da América do Norte e da Europa guerreiras, através dos telegramas e das rádios.

Faz tempo já que um poeta paulista, hoje reduzido a jornalista burocrático, querendo definir a feição especial desta *gens* anchietana, afirmou ser nossa poesia e compreensão da vida bem diferentes das dos outros Estados. Disse que a poesia de S. Paulo tinha suas raízes fincadas na operosidade, no suor, na construção apressada de prédios e arranha-céus, nos milhões de sacas de café por ano, no algodão, na laranja e, enfim, em inúmeros outros elementos estatísticos que dão ritmo à nossa vida de canseiras. Nunca acreditei muito nesse esquema meio histérico. Porque a gente pode encontrar um lado humano muito mais ponderável na vida paulista e disso é prova forte a liberdade que os outros encontram aqui para realizar sonhos suspirados e ideais planificados. Muito mais importante que as cifras e as estatísticas é o capital humano que se agita em S. Paulo, nos seus bairros, nos seus subúrbios, no seu interior, cortando voltas com os problemas econômicos (que engrandecem sempre e mais os senhores feudais do industrialismo) e agora gemendo grosso com as dificuldades da carestia da vida, das filas, dos zebús e quejandos acontecimentos...

Dizer que o paulista trabalha é lugar comum. Mas dizer que êsse faz política, com a energia do colono a cultivar o solo, é novidade. Pouco divulgado êsse aspecto da vida bandeirante. Pois é o que tem acontecido mais freqüentemente aqui. O paulista topou a política com uma bravura bandeirante de verdade. Mas uma política generosa, fraterna, universalista. Quebrou os preconceitos regionais para se alimentar fecundamente de aspirações ampla e esclarecidamente democráticas. Estudantes, escritores, jornalistas, operários e homens do trabalho, de qualquer trabalho decente, pensam hoje em termos políticos e cada um objetiva essa missão conforme os meios de expressão que possue e de que se pode utilizar. Exemplo bonito da vocação anti-racista de São Paulo foi a atitude de artistas e intelectuais no sentido de que não fossem privados os negros da paulicéia de seus passeios dominicais e noturnos pela rua Direita e adjacências. E o debate dos postulados democráticos, que nos inspiram neste momento de grande luta, é também outro ato positivo a ser creditado em favor do povo paulista e dos escritores que podem orientar a opinião pública. Agripino Grieco tem feito aqui algumas conferências concorridíssimas às quais o povo comparece ansioso para ouvir os epigramas terríveis dêsse vergastador impiedoso dos falsos valores. A formatura dos bacharelandos de 1943 da Faculdade de Direito foi uma espetacular homenagem à democracia. O povo, tomado de delírio, aplaudiu frenético o prof. Mario Mazagão ao ouvir sua oração de paraninfo e a enumeração que êle fêz dos direitos do homem.

O paulista almoça, janta, bebe e transpira política. Quer debate. Compra jornais e mais jornais para se inteirar do que se passa nas frentes de batalha. Sabe exatamente em que ponto estão os russos e, nos mapas domésticos, alfinetes de cabeça colorida assinalam a marcha das tropas americanas, canadenses, australianas, inglesas e, agora, as brasileiras. Na Faculdade de Direito os estudantes despedem-se das vetustas Arcadas para ingressar nos corpos de tropas. "As Arcadas são velhas, mas por elas perpassa uma brisa vivificante de primavera e de luta. Inspiram um individualismo sadío e benéfico; incutem a beleza da ação; respiram o heroismo do dever, que é áspero, mas floresce em alegrias duradouras". Alguns moços já são expedicionários e, dos que me lembro, quero citar Naldo Caparica, José Vasques Bernandes, Rui Pereira de Queiroz e Geraldo Camargo Vidigal. Êste é um poeta moço, um poeta valorizado pela compreensão perfeita dos problemas da vida. Geraldo está na Italia e de lá, dum ponto qualquer, nos veio uma carta sua, comovidamente lida na sala Barão de Ramalho, numa sessão pública. Sua mensagem, vigorosamente afirmativa, viril e cheia de esperanças, arrastou a multidão ao frenesi das palmas. Provocou a eclosão dos entusiasmos paulistas — êsse entusiasmo que o planaltino sabe guardar para o momento "hábil e oportuno".

Por outro lado, o povo quer ler, saber do que se passa, aqui e lá fora. Busca nos jornais não apenas o noticiário de sensação, procura também o tópico esclarecedor. E' fan de V. Cy. e do "Ponto de Vistas", do "Diário da Noite". O povo compra livros. "Livros a mão-cheias". Novas editoras aparecem e, dentre elas, quero destacar "A Brasiliense" e a "Flama".

Nesse ambiente aconteceram os fatos literários e artísticos que agora recapitulo. Devo ter esquecido muita coisa. Pois a memória às vêzes "trabalha de bandida". Aos que não foram citados ou lembrados, as escusas do reporter. Não estou dando satisfações a ninguém. Estou apenas avisando que não houve neste trabalho esquecimento de caso pensado.

Em 1941, Rubem Braga queixava-se de que o ano fôra uma decepção do ponto de vista literário. A ficção não dera nada. E os outros gêneros igualmente. Dêsse ano para o de 42, arrasta-se nas colunas de "O Estado de São Paulo", o "Testamento de uma Geração", organizado por Edgard Cavalheiro. Mario de Andrade publica um volume de poesias. Cassiano Ricardo reedita sua "Marcha para Oeste", sôbre o qual Sérgio Milliet escreve: "Tão rico de informações, de documentos, de interpretações e de estilo é o livro de Cassiano Ricardo que eu poderia comentá-lo indefinidamente". Luís Martins, um carioca que topou S. Paulo e se faz dia a dia mais paulista, compreendendo nosso estilo de vida, coisa que êle realiza no plano das artes plásticas, publicou "Arte e Polêmica". Elsie Lessa estréia no conto com "Enfermaria de 3.ª". O grande livro de 42 é sem dúvida "Formação do Brasil Contemporâneo", de Caio Prado Júnior ,obra que transcende as fronteiras nacionais. Alguns espíritos mais ou menos futebolísticos, querem logo transformar o aparecimento dêsse ensaio sociológico em motivo de disputa, e começaram a clamar: Maior que o "Casa Grande & Senzala". Livro de uma evidente seriedade científica — e muitas vêzes propondo sugestões novas em tôrno de problemas ainda obscuros ou controvertidos de nossa formação histórica — o ensaio de Caio Prado Júnior representa, sob certo aspecto, um ponto de partida e uma renovação para os estudos históricos, realizados, entre nós, as mais das vêzes, com intuitos entre acadêmicos e pitorescos, de apenas reviver datas e compilar anedotas, nem sempre dignas de ocupar a atenção do leitor de boa fé.

A revista "Planalto", lançada e dirigida por Orígenes Lessa, publicação que conseguiu romper as fronteiras nacionais e interessar vários centros cultos do estrangeiro, definha, agoniza e morre nas mãos de Menotti del Picchia.

E, muito embora eu exprema doidamente a memória, não consigo lembrar de mais nada acontecido em 1942 e que tenha alguma importância. A sra. Leandro Dupré — pergunto a mim mesmo — data

daqui? "Eramos Seis" é de 42? Não sei, não me lembro. Perdão, senhora Leandro Dupré!

O ano seguinte, bem mais agitado, apresenta produção literária variada e ocorrências interessantes. Os "novos" iniciam o seu pronunciamento. Mário Neme, autor de "Donana Sofredora", livrinho de contos que fêz um barulhão quando apareceu, promove em "O Estado de S. Paulo", o "Depoimento da Nova Geração". E surgem então perante o público os rapazes que Oswald de Andrade, êsse guarda-civil literário, chama de "chato-boys". Oswald também recebe suas chicotadinhas. E alguém — quem foi mesmo? — apelida-o de "chato-senior". Dêsses rapazes, os mais firmes são de "Clima", grupo formado pela revista que tem aquele nome. São jovens muito sabidos que frequentam os chás da Livraria Jaraguá — instituição granfina que Joel Silveira gozou suficientemente numa reportagem sensacional para "Diretrizes". Do grupo fizeram "cartaz" Rui Coelho, jovem estendido em Proust e em cinema; Lourival Gomes Machado, "dr." em artes plásticas, concorrente de Luís Martins e Antônio Cândido, crítico que logo foi arrastado à responsabilidade do "rodapé" da "Fôlha da Manhã". E' o mais sério e afirmativo do grupo. Alguns o colocam nas nuvens, mas há também quem o considere, pérfida e maldosamente, "uma aflita vocação para o medalhionato". Injustiça esquecer Paulo Emílio de Sales Gomes e Décio de Almeida Prado, aquele, entre outras coisas, cineasta, e êste crítico de teatro.

Os "novos" causam barulho. Leo Vaz encafifa com êles, topa uma polemiquinha na qual interfere também Sérgio Milliet — "cabeça de ponte entre os jovens de 22 e os do modêlo 1943". E tudo acaba em paz. Luís Martins espalha que a nova geração é muito compenetrada, seriona, crítica e incapaz de tomar um... pifão dos fortes. Acontece também o Teatro Universitário em S. Paulo. Na capital e pelo interior, a "troupe" dá espetáculos: um auto de Gil Vicente, uma peça de Martins Pena e "Pequenos Serviços em casa de Casal", de Mário Neme, estréia do contista no teatro. Acontece também o Teatro Experimental com peças de Shaw, Lenormand e, agora, em 1944,ensaiando uma tentativa cênica de Carlos Lacerda. Sérgio Milliet está nos Estados Unidos. E de lá escreve artigos contando sua viagem. Orígenes Lessa e Elsie Lessa também andam por lá. Do autor de "Feijão e o Sonho" os jornais

publicam às vêzes alguns artigos curiosos. Morre Elsie Houston nos Estados Unidos e sôbre essa mestiça, que não transigia com o público fácil dos shows. Mario de Andrade, feito cronista musical da "Folha da Manhã", escreve um admirável artigo. Morre Paulo Prado. Escrevendo sôbre a sua morte, um jornalista mineiro saúda no autor de "Paulística" "a coragem e a firmeza das convicções democráticas", as quais, "tão úteis para as gerações passadas continuarão, através dos tempos, esclarecendo e orientando as gerações futuras". O romance de Oswald de Andrade, "A Revolução Melancólica", primeiro volume de "Marco Zero", é escolhido pelo júri brasileiro para concorrer ao prêmio inter-americano de literatura. "Terras do Sem Fim", de Jorge Amado, é também apresentado. Dois paulistas publicam livros de contos: Guilherme Figueiredo ("Rondinela") e Lígia Fagundes ("Praia Viva"). De Mário de Andrade aparece um livro de crônicas: "Os Filhos da Candinha". Domingos Carvalho da Silva estréia com "Bem Amada Ifigênia". E' um poeta que merecia ter chamado bem mais a atenção da crítica. Ribeiro Couto soluça seco um "Cancioneiro do Ausente". Cassiano Ricardo retorna à poesia com "Sangue das Horas". Reedita-se a "Poesia e o Teatro", de Paulo Gonçalves — êsse santista de sorte ingrata. Tavares de Miranda, recifense que estudou aqui e faz jornalismo, entre nós, edita "Alambôa", versos. Jamil Almansur Haddad exibe mais um livro de "Poemas".

Heraldo Barbuí pesquisa as "Origens da Crise Contemporânea". De Ribeirão Preto chega um estudo das formações sociais regionais: "Oeste Paulista". Nome do autor: Tavares de Almeida. Roger Bastide — até onde se poderá considerá-lo apenas francês? — estuda a "Poesia Afro Brasileira". Carlos Burlamaqui Kopke, um moço terrivelmente estudioso, e muito generoso, dedica um livro para policiar "Os Caminhos Poéticos de Jamil Almansur Haddad". O ensaio consegue chamar a atenção da crítica, inclusive de Álvaro Lins. Ciro Tassara de Pádua, que em 1941 dera caneladas em Spengler e Ortega y Gasset, através das páginas de "O Homem e a Técnica", distribue a separata do ensaio publicado na Revista do Arquivo Municipal: "O Negro no Planalto". Mário Neme — piracicabano apaixonado escreve uma história de sua terra. Mário Donato estréia na literatura para crianças.

Tito Batini tem seu romance "Entre o Chão e as Estrelas" posto na berlinda da crítica. Discutido também é o "Marco Zero", de Oswald de Andrade, e êste se defende em artigos e entrevistas, de tôdas as críticas. De Marília, o médico José Geraldo Vieira, manda-nos, via Rio Grande do Sul, por intermédio da Livraria do Globo, o romance "Quadragésima Porta". Menotti del Picchia — enfim, meu Deus! — entra para a Academia Brasileira de Letras, Guilherme de Almeida fala no "Petit Trianon" sôbre Gonçalves Dias. E, numa conferência muito bordadinha, descobriu no maranhense a "língua branca" "a branca língua portuguesa", e, em tôrno dessa tetéia de achado, realizou aplaudidos números acrobáticos. O poeta pronominal ("Meu", "Você", etc.) divertiu-se muito na defesa dessa tese racista. Numa festa dedicada a Vicente de Carvalho, realizada naquele cenáculo, o poeta Pedro de Oliveira Ribeiro Neto, da Academia Paulista de Letras, pronunciou uma caprichada conferência, em que muito se destacaram os versos do cantor do "Velho Tema" O pintor Carlos Prado exibe seus quadros. São inaugurados na Radio Tupi os paineis bíblicos de Portinari. Miguel Reale diz pelos jornais que não é integralista. Segall expõe no Rio. E nós, que o temos aqui, ficamos chuchando no dedo.

Mario de Andrade faz cinqüenta anos. Escreveram-se vários artigos a propósito. Houve quem considerasse melancólica e efeméride. Mas não importa o que se tenha dito. O que interessa é Mario afirmativo, corajoso, desassombrado, revisando suas idéias, confirmando-as em muitos pontos, debatendo assuntos, atuando enfim.

Monteiro Lobato festejou suas bodas de prata literárias. "Urupês" completou 25 anos de idade. Numa entrevista concedida à imprensa, Lobato fêz declarações pessimistas. Achou a vida "um pau de sebo com uma nota falsa na ponta". Disse que não tem mais ilusões e que é "um homem que não faz caso do seu talento. Considerou-se um "homem desempregado e sem função".

E assim passou o ano de 1943. Agitado. Inquieto. A gente pensando em outras coisas. Os escritores também. Todos discutindo e sofrendo. Muitos se amargurando. E chega 1944 igualmente tenso e sem muitas promessas dadivosas. Mas apesar das preocupação com os destinos do mundo, ainda é possível cogitar de literatura.

Um biênio de letras mineiras

HELI MENEGALE

O MINEIRO calado, como explicação para a escassez de publicações de Minas na literatura nacional, é hoje simples lenda que se desmoraliza. Enquanto o mineiro lê, anota, acumula erudição, ou escreve e timidamente guarda, os outros, no litoral, mal pensam, e logo redigem, afoitos, as suas produções, nem sempre tão substanciosas como as que o homem da montanha criaria — essa a velha convicção. No entanto, quando se põe em contacto com o Rio, onde há facilidade de editar-se, o mineiro é tão comunicativo como os demais.

Daí a conclusão de que a falta de editores impede o mineiro de dirigir-se ao público e manifestar-se como quem realmente tem alguma cousa que dizer. Vaticina-se que uma era revolucionária da indústria nos dará, depois da guerra, a facilidade de editoras e, com estas, o livro mineiro.

Lê-se muito e lê-se bem, hoje, em Minas. E' admirável — e os forasteiros melhor o verificam — o número de boas livrarias, ativas, na Capital do Estado. Tudo o que o Brasil produz e tudo o que o Brasil pode importar, em livros, é procurado e encontrado nas estantes apinhadas dêsses estabelecimentos. Ora, se não quisermos destruir um sólido aforismo pedagógico, afirmando que a leitura é uma atividade inócua, temos de aceitar que Minas se encontra às vésperas de extraordinário florescimento das letras.

Enquanto se aguarda essa renascença, examinemos o que se vai fazendo aqui nestes últimos tempos.

1942 e 1943 constituem um biênio tranquilo — que, se não se pode tachar de estéril, também não foi muito fecundo ou brilhante. As épocas assinalantes são as que apresentam estréias invulgares, consideradas revelações mais ou menos surpreendentes nas letras. E dêsse fenômeno não se ouviu falar. Há muita gente nova, talentosa e inquieta, nessa fase, indefinível e tantas vêzes insubsistente, das tendências que surgem. Como ainda não se sentem capazes ou, talvez, mesmo, pela sua insofreguidão, não se dão a trabalhos demorados — vão-se revelando pelas colunas dos jornais e das efêmeras revistas. Nem percebem a falta do livro, o jornal os satisfaz. Assim, a imprensa belorizontina, desde que inaugurou o suplemento dominical, se transformou no veículo das atividades literárias locais.

Mas o jornalismo pròpriamente já formou entre nós expressões que nada ficam a dever aos velhos profissionais do Rio ou de São Paulo — Moacir Andrade é o decano e o mestre, conhece a fundo a entrosagem do jornal e o segrêdo de interessar o público, redige os editoriais que vão do tema político, dos ideais universitários, até às questões do zebu e da metalurgia, mas a sua popularidade parte das crônicas assinadas, as crônicas do humorista, a sua verdadeira e insuperável inclinação; e assim Newton Prates, outro jornalista experimentado e brilhante; Geraldo Teixeira da Costa, em que sobressai a bela linguagem; Gualter Gontijo Maciel, senhor já de lugar definitivo na imprensa política; Edgar de Godói da Mata Machado, moço ainda, mas admiràvelmente servido por uma esplêndida cultura; além dêsses e de outros igualmente valiosos, numeroso grupo de novos auspiciosamente se anunciava no biênio de que tratamos.

Nesse período teria sido a imprensa o setor vitorioso na literatura mineira.

Na poesia, Alphonsus de Guimaraens Filho fôra, pouco antes, uma dessas estréias

de que falávamos, mas ficou no insistente promessa de um novo livro, que não veio — e a expectativa impacienta, pois Alphonsus é herdeiro universal do gênio poético do pai, são os seus versos de uma beleza comovente. Clemente Luz reuniu os seus primeiros poemas, tocados de amargo desalento, em um caderno — "Ombros caídos", poesia de verdade, que se vem confirmando em composições mais recentes. Henriqueta Lisboa, a grande voz lírica, deu-nos em 1943 um livro originalíssimo — "O menino poeta". Sua infância? a infância de todos nós? Poemas para encantar as crianças e sensibilizar a velhice...

No gênero infantil, aliás, não nos falta o especialista, o nosso pediatra da literatura — é Vicente Guimarães, que sabe conversar com as crianças e contar-lhes saborosas histórias. Da fecundidade de sua imaginação, tiveram-lhe os pequenos leitores quatro livros em dois anos — "Histórias divertidas", "A princesinha do castelo vermelho", "O frangote desobediente" e "João Bolinha virou gente". A maior surpresa, no entanto, foi Lúcia Machado de Almeida com as suas maravilhosas histórias de peixes. Narrando com muita graça e facilidade, criou um mundo turbilhonante no coração do oceano, onde os animais vivem como os homens. Dessa confusão nascem episódios disparatados, ditos como se fôssem a cousa mais natural do mundo. "O Mistério do Polo" e "No fundo do mar", os seus livros, situaram-na entre os melhores ficcionistas para crianças, no Brasil.

Abílio Barreto, historiador, cansou-se de contar verdades, e publicou um romance, "A noiva do tropeiro", ràpidamente esgotado nas livrarias, ante a avidez dos leitores do bom e velho romance de costumes. Mas os seus hábitos de historiador honesto não lhe deram muita fantasia à imaginação: o romance é fiel, a Diamantina tradicional está integralmente reproduzida ali, e muitos personagens são a cópia exata das figuras reais. Ainda na ficção, uma estréia bem sucedida — Sérvulo de Melo, autor de "Um anjo desceu a montanha", em que a crítica entreviu acima de tudo o ensaista. Além dêsses, nenhum outro romance, porque os que o prometiam, animados com o êxito anterior no gênero — Ciro dos Anjos, Guilhermino César — vão adiando a sua publicação.

A morte interrompeu o animoso e fecundo trabalho de João Alphonsus, inutilizou-lhe os projetos de arte, privou-nos de seus livros iniciados ou em imaginação; mas não veio a tempo, felizmente, de impedir-lhe a consagração definitiva, nos triunfos que conseguiu, na obra que nos deixou. Sua última coleção de contos é de 1943 — "Eis a noite!", a mesma ironia sôbre as cousas dolorosas, e aquela linguagem a um tempo abandonada e precisa...

Uma obra de crítica literária — "Raimundo Correia", do Cônego Bueno de Sequeira, homem erudito e de bom gôsto. O oráculo de nossa crítica, porém, dessa que se faz semanalmente nos jornais, é Oscar Mendes, que sabe ver, julgar e escrever. Emílio Moura, o poeta, experimentou o gênero, e é pena, pois lhe sobram atributos, que cedo o abandonasse.

Aires da Mata Machado Filho, filólogo estimado em todo o país, vai publicando periòdicamente, em volumes, as respostas, sempre claras, fundamentadas, convincentes, às consultas sôbre problemas da língua a êle dirigidas através dos jornais em que mantém seções próprias; além disso e do exce-

lente estudo "Vocabulário oficial", deu a público "O negro e o garimpo em Minas Gerais", fonte inevitável para os que daí por diante procurarem estudar a dialetologia e a etnografia brasileira. João Dornas Filho trilha êsses mesmos caminhos e é do ano passado o seu volume "A influência social do negro brasileiro", em que procura evidenciar e prodominância da raça negra na formação do nosso tipo étnico, e aponta neste os característicos físicos, psíquicos, de costumes e tendências provindos daquela.

J. Guimarães Menegale dá-nos um trabalho diverso das suas obras de jurista — "Explicação de Portugal".

Godofredo Rangel, o delicioso romancista de "Vida ociosa", continua, porém, nas traduções. Sentimos falta de sua prosa, como da prosa de Eduardo Frieiro, o príncipe de nossos estilistas, e de Mário Matos, que também nos deve poesia...

Pelo interior do Estado há homens trabalhando, mas as suas vozes ficam abafadas pela distância. Raros os que, como Lindolfo Gomes, no folclore, Martins de Oliveira, na poesia, conseguem atravessar a espessura.

Minas tem esperança, há prenúncios no ar — promessas de nomes feitos, que operam na seiva de sua experiência, e primícias que vêm aí, de uma geração nova, borbulhante e numerosa. Nesta, há Murilo Rubião, contista ágil e original, J. Etienne Filho ,cronista e poeta, Wilson Castelo Branco, moço que pensa maduramente como crítico.

Até a velha Academia Mineira de Letras, com Mário Casasanta na presidência, desentorpece as juntas reumáticas, arrebanha gente moça, mexe-se, torna-se útil, promove concursos. O seu prêmio de erudição de 1943 coube ao livro de João Camilo de Oliveira Tôrres — "O homem e a montanha".

Mas o resto da história, que é mais bonito, ficará para quem a escrever no próximo ano...

PERNAMBUCO, 1942-43

LUIZ DELGADO

NÃO há revistas. A colaboração literária nos jornais é feita esporàdicamente, a título de favores que a redação presta a um candidato ao vício de escrever ou a um antigo viciado, e que os escritores prestam a uma gerência atarefada com os anúncios de alguma edição especial. E' verdade que existem as páginas de literatura dos suplementos de domingo dos dois diários mais importantes; mas o *Diário de Pernambuco*, do grupo dos "Associados", tem a colaboração organizada, quase tôda, no sul; a do *Jornal do Comércio* é que possui um aspecto e um espírito mais locais. E casas editoras, por motivos muito mais evidentes, não existem; quando virem na capa de um livro qualquer indicação em contrário, não pensem que estou mentindo: o escritor paga a impressão e o papel, pelo menos, e a pseudo-editora não faz mais do que distribuir o volume com uma comissão mercantil um pouco minorada; ou, então, o escritor nada paga mas também nada ganha, senão alguns exemplares para dar de presente aos conhecidos.

São essa as condições exteriores de publicidade — empregada a palavra na sua acepção primitiva, não na moderna, de reclame, — em que se faz vida intelectual no Recife.

As instituições culturais que funcionam — e algumas são respeitáveis pelo seu passado ou pela sua atuação — lutam com as dificuldades decorrentes dêsse estado material de coisas e com o desânimo e o indiferentismo que daí partem para se insinuar nas almas. Às vêzes, tem-se vontade de perguntar se não é a curiosidade intelectual o que está morrendo nestes climas, nestas terras; sobretudo, a curiosidade com relação ao que dentro delas e com os seus recursos naturais se poderia e se pode produzir. Poucas pátrias terão sido tão ingratas para os seus profetas... Embora seja verdade que esta ainda lhes faz um benefício: desenganaos desde cedo da vocação e êles podem, querendo, acabar tranqüilos e até prósperos, no comércio, na indústria, na advocacia ou na clínica. Mas quando chega a tentação de pensar assim, alguns sentimentos bastante recomendáveis, como o amor da gleba e a teimosia da esperança, advertem que talvez se trate de pessimismo ou de azedume.

O fato é que, nos últimos anos, os livros mais representativos da promoção intelectual pernambucana publicam-se fora daqui.

Assim ocorreu com os livros dos srs. Sílvio Rabelo e José Mariz de Morais, sôbre Farias Brito e Nóbrega, respectivamente, o de contos do sr. José Carlos Cavalcanti Borges e o romance do sr. Valença Leal. Também dois ensaístas de gerações diferentes — os srs. Odilon Nestor e Otávio de Freitas Júnior, um despedindo-se da Faculdade de Direito ao ser aposentado como professor e o outro lançando os seus escritos quando não terminara o seu curso médico (*Atenas, Roma e Jesus* e *Ensaios do Nôsso Tempo*), — editaram-se no Rio. Mais naturalmente ainda, o mesmo acontece com um nome nacional como o sr. Gilberto Freyre, com um velho trabalhador possuindo as qualidades do sr. Mário Sette ou com os que vão morar fora como o sr. Álvaro Lins e a sra. Clarice Lispector.

As primeiras indicações de uma resenha da vida das letras entre nós têm de partir dessas referências para que não se ajuize mal da pequena produção verificada em ano como o de 1942 quando uma entidade, funcionando sob os auspícios das organizações oficiais de cooperativismo, deixava os vivos em silêncio e arrancava da tranqüilidade de seu túmulo de três séculos Frei Manoel Calado para lhe reeditar o livro em dois grossos volumes.

Com o tamanho dêles contrastava o que os autores vivos conseguiram tirar de suas cabeças e de seus bolsos. 1942 foi um ano de folhetos.

Quem mais o movimentou foi o sr. Manoel Anselmo, criando à sombra de sua posição de cônsul português uma espécie de curso de conferências que se chamava Ciclo Cultural Luso-Brasileiro. Estava o curso dominado, a princípio, pela idéia de aproximação entre as duas nações — o que se vê dos livros publicados: *O Sentido da Colonização Portuguêsa no Brasil*, do sr. Aderbal Jurema, *A Dupla Nacionalidade de Portuguêses e Brasileiros*, do prof. Barreto Campelo, e *O Humanismo Financeiro de Salazar*, de Manoel Lubambo, pouco tempo depois falecido. O próprio Manoel Anselmo, que mantinha uma crônica de crítica no *Diário de Pernambuco* e publicou um livro no sul, figura no catálogo do seu Ciclo. E o Ciclo concorreu também para divulgar um estudo que o sr. Gilberto Osório de Andrade apresentou simultâneamente como tese de candidatura ao professorado da Faculdade de Direito; é um trabalho mais jurídico do que literário mas a sua citação serve para completar o esquema do movimento que aquêle cônsul promoveu no Recife com a sua atividade efusiva.

Dois jovens poetas editaram-se, então, um dêles escrevendo em prosa a sua *Meditação sôbre o Sentido Metafísico da História*; é um título expressivo, como logo se vê, das intenções severas do autor, o sr. Antônio Rangel Bandeira, emigrado posteriormente. O sr. João Cabral de Melo Neto, seu colega de geração e de grupo, fazia circular um livro de poemas cujo nome — *Pedra do Sono* — tinha uma origem semelhante à do *Brejo das Almas*, do sr. Carlos Drummond de Andrade; num prefácio, o sr. Willy Lewin que é um magnífico poeta, provàvelmente o maior poeta que o modernismo tenha produzido intramuros em Pernambuco, pintava-nos o sr. João Cabral de Melo Neto como "preocupado com o valor extra-racional dos vocábulos em poesia" e pensando "muito também na escuridão e na ausência de formas do sono" — e isto explica um bocado o hermetismo freqüente do poeta.

Concluiu-se o ano com a publicação, pelo missionário capuchinho fr. Félix de Olivola, das Cartas Pastorais e outros documentos da autoria de Dom Vital; era o terceiro volume de uma série destinada ao estudo da personalidade daquele Bispo e dos incidentes da Questão Religiosa que encheu certa fase da vida do Império. Os trabalhos de índole histórica haviam sido predominantes em nossa atividade literária do ano anterior, com as crônicas do sr. Leduar de Assis Rocha, as investigações eruditas do sr. João Piretti e as publicações de dois padres carmelitas, fr. Romeu Peréa e fr. André Prat; o esfôrço de fr. Félix vinha reconduzí-los com relêvo ao primeiro plano, nesse ano de 1942 cujo acervo de obras não era grande.

Mas, é coisa semelhante o que se há de dizer do ano seguinte... Um poeta, um ensaísta e um historiador, apenas, os srs. Mateus de Lima, Fernando Mota e Olívio Montenegro.

O primeiro é dono de uma sensibilidade muito intensa, utilizando-se de processos poéticos meio cerrados. Sua poesia avança de limbos quase impenetráveis para umas fundas revelações de tristeza e mistério. Parece que anda em tudo quanto êle escreve uma dolorosa certeza de que dentro de cada um de nós a vida vai muito longe do que poderíamos imaginar. E é como se o oceano tivesse consciência de quanto são superficiais as suas ondas e sofresse de não representar nelas os seus abismos recônditos.

Quanto ao sr. Fernando Mota que é uma inteligência muito viva, ardendo em curiosidades e realizações, deu-nos apenas a primeira parte de seu estudo sôbre Farias Brito, traçando o roteiro das indagações filosóficas do pensador cearense. Talvez, já se encontre pronto o segundo volume dêsse trabalho que terá, na bibliografia nacional suscitada em tôrno de Farias Brito, um lugar de relêvo.

Por encargo do Govêrno do Estado, o sr. Olívio Montenegro escreveu a história do Ginásio Pernambucano de cujo corpo docente faz parte, e pôs no livro aquelas qualidades literárias que lhe são unanimemente reconhecidas.

E foram os livros principais do ano, convindo apenas recordar, mais, que assistimos então ao prosseguimento do esfôrço moralista do sr. Isaac Gondim, autor de uma série de livros de "pensamentos" que assim se chamam: *Reeduquemo-nos* (1938), *Aperfeiçoemo-nos* (1940) e *Purifiquemo-nos* (1941); o de 1943 chama-se *Problemas d'Alma* e todo se explica e retrata na legenda que, na página de rosto, lhe acompanha o título: "é um prazer do espírito investigar a verdade".

Também o Ciclo Cultural Luso-Brasileiro deu-nos o seu derradeiro volume: uma

O PARAÍBA, 1942-43

ASCENDINO LEITE

O movimento modernista deve muito da sua repercussão no nordeste aos intelectuais da Paraíba. Lembro-me bem da influência da revista "Era Nova" que circulou ininterruptamente por espaço de cinco anos (1922-1927) justamente na fase mais aguda do movimento e se tornou alí o porta-voz das idéias e dos sentimentos da geração que preparou a bela realidade literária do Brasil de hoje.

Em alguns números dessa revista que tenho em mãos leio artigos de crítica de José Lins do Rego (era o crítico literário de "Era Nova"); a crônica habitual de José Américo de Almeida sob o título "Sem me rir, sem chorar", poemas de Raul Machado, de Silvino Olavo, de Eudes Barros, de Perilo Doliveira, êste um dos nossos maiores poetas em ritmos novos, pobre e mulato, muito cedo desaparecido, depois de haver publicado três delicados volumes de poemas ,tocados de uma forte inquietação diante dos mistérios da vida e da morte. Um deles — "Canções que a vida me ensinou" — foi traduzido na Argentina e lançado pela Editorial Claridad numa edição de dois mil exemplares ràpidamente esgotada..

Não me é poss'vel nesta nota referir à cada um dos poetas e escritores da Paraíba que colaboraram em "Era Nova" sem o perigo de me tornar por demais enfadonho; seria fazer um recenseamento, incluindo muitos, talvez a maioria, arrastados hoje para preocupações mais ou menos utilitárias. Entretanto, cito, de relance, os Srs. João de Lourenço, Ademar Vidal, Olivio Montenegro, Osias Gomes, Paulo de Magalhães, Joaquim Inojosa, Matias Freire, Orris Barbosa, Severino Alves Aires, Raul de Góes, José Euclides. Um espírito agudíssimo, atraido posteriormente para a vida política e para a profissão de advogado, o sr. Samuel Duarte, reeditava, em experiências de novela, as graças de um Eça de Queiroz, e assinava comentários literários animados de amável ironia.

— Um nome vinculado à bôa crítica de arte, o do malogrado Antenor Navarro.

Além dêsse grupo — que a revolução de 30 dispersou atirando os seus elementos para os mais diversos setores da vida prática — atuava a geração de que era, por títulos excepcionais de talento e cultura, chefe incontestável o saudoso Carlos Dias Fernandes. A bem dizer representava o fulgurante romancista de "A Renegada" uma espécie de ponte ligando os dois grupos. A primeira geração, que vira e propagara a República, (com exceção de alguns intelectuais que apareceram depois) era constituída do quase genial Castro Pinto, orador, parlamentar e pensador político, de Flávio Maroja, Alvaro de Carvalho, Orris Soares, Coriolano de Medeiros, Celso Mariz — (êsse mesmo Celso Mariz que ainda hoje, física e espiritualmente parece mais jovem do que há vinte cinco asos atrás) —

---

conferência do sr. Guilherme Auler sôbre o escritor português Antônio Sardinha.

O que não deve ser esquecido numa resenha da natureza desta é a iniciativa do sr. Vicente do Rêgo Monteiro, montando em casa as oficinas de uma pequena revista que redige, ilustra, imprime e... distribui com os amigos. Trouxe de Paris, onde viveu muitos anos, o hábito de estar sempre cuidando de artes e letras. E nem por não encontrar estímulos, desiste. Agora, a sua revista cabe num bolso. Êle inventa traduções para poetas franceses desde Villon a Mallarmé e, sobretudo, faz boas ilustrações; enche as páginas e deixa para alguns poetas de seu grupo o espaço restante. É uma coisa meio maluca (e é isso mesmo que êles querem) mas não deixa de ser curiosa.

E parece que aí fica tudo quanto era recenseável nêsses dois anos nem mais fecundos nem mais estéreis do que os outros, na média geral dêstes rincões.

de Elizeu Cezar, Augusto, Artur e Aprigio dos Anjos, Américo Falcão. Rodrigues de Carvalho e José Vieira, o romancista feliz de "Vida e Aventura de Pedro Malasarte". E a segunda, a gente nova, que se articulava, através do bem feito magazine paraibano, com a vanguarda modernista do Rio e São Paulo.

A irradiação de "Era Nova" foi tão marcante que intelectuais de outros Estados alí colaboraram com assiduidade, refletindo as idéias e as tendências do movimento. Lí, em outros números, se bem me recordo, o manifesto antropofágico de Osvald de Andrade, algumas criticas e artigos sôbre a Semana da Arte Moderna, poemas do Jorge de Lima ainda parnasiano, de Mário de Andrade, de Raul Bopp e vários outros trabalhos dos mais diversos representantes modernistas. Do meio de tão dispersiva labuta intelectual, surge "A Bagaceira"; antes, aparecera o ainda notável ensaio de antropologia regional: "A Paraíba e os seus Problemas". A capital do pequeno Estado — acrescente-se essa circunstância especial — foi também o primeiro auditório do professor Gilberto Freyre que ali pronunciou a palestra "Apologia pro generatione sua" iniciando a série ininterrupta de suas substanciosas conferências sôbre a sociologia brasileira. Por último, para acentuar com maior nitidez a contribuição da Paraíba às letras do pais, basta mencionar que três dos nossos mais vigorosos escritores de ficção são paraibanos — os três Josés — isto é, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e José Vieira.

Esta notícia, entretanto, não pretende ser completa Muitos nomes foram omitidos e o breve retrospecto feito serve apenas para ilustrar o pálido noticiário que se segue relativo ao movimento cultural da Paraíba no biênio 1942-43.

* * *

Neste particular, o esfôrço literário dos intelectuais paraibanos foi bastante apreciável, sendo que em 1942 registou-se um surto animador das atividades publicitárias naquele Estado.

Assim é que A União Editora, sob os auspícios do atual Govêrno, que tem criado ali um clima de liberdade propício ao debate das idéias e favorecido grandemente o desenvolvimento das letras, lançou, em maio, um livro de crítica literária — **Notas Provincianas** — de autoria do signatário destas linhas.

* * *

Seguiu-se, em junho, a publicação de novo trabalho do historiador Celso Mariz, — **Ibiapina, um apóstolo do Nordeste**, um importante estudo biográfico do notável sacerdote, cuja obra religiosa e social nos sertões ainda hoje se faz notar pelo seu alto espírito humanitário e suas intenções reformadoras. O livro de Celso Mariz foi, aliás, recebido elogiosamente pela crítica do país, destacando-se entre os que, a respeito, se manifestaram, o sociólogo Gilberto Freyre, em dois artigos, um dos quais, pela objetividade com que examinou o problema atual das atividades religiosas no Brasil, em confronto com a obra social eminentemente cristã e nacionalista realizada pelo padre Ibiapina, motivou as deprimentes violências policiais dirigidas, em Pernambuco, pelo estreito jesuitismo oficial, contra o eminente autor de "Casa Grande & Senzala".

— A União Editora publicou igualmente, no mesmo ano, dois outros pequenos volumes: **Epitácio Pessôa**, de autoria do sr. Miguel Falcão de Alves, contendo uma conferência sôbre o ex-presidente da República e grande paraibano, havia pouco falecido; e **Mortalidade Infantil**, interessante estudo do sr. Janduhy Carneiro abordando aspectos do problema naquele Estado.

— O ano de 1942 assinalou, por outro lado, a fundação da **Academia Paraibana de Letras**, recebida hostilmente por diversos intelectuais de projeção local e acatada por outros. Presidida pelo historiador Coriolano de Medeiros, a Academia iniciou a sua existência com dez membros, — os srs. Matias Freire, Horacio de Almeida, Alvaro de Carvalho, Celso Mariz, Hortensio Ribeiro, Veiga Junior, Rocha Barreto, Durval de Albuquerque e Luiz da S. Pinto os quais, excetuados dois ou três, continuam levando a idéia muito a sério.

— Em dezembro, ocorreu aquí no Rio o falecimento de Carlos Dias Fernandes e, na Paraíba, promoveram-lhe justas homenagens. O escritor Celso Mariz, em palestra na **Associação Paraibana de Imprensa**, traçou um excelente perfil do poeta de "Myriam", que A União Editora publicou numa elegante brochura. Também, no mesmo ano, faleceu alí o poeta Americo Falcão, autor de inúmeros e inspirados livros de versos.

* * *

Os acontecimentos mais importantes de 1943 na vida intelectual da Paraíba podem ser resumidos nos centenários de Pedro Americo e Irineu Jofili. Precedendo as comemorações do primeiro, apareceu o livro do sr. Horacio de Almeida, sob o título **Pedro Americo**, uma breve biografia do pintor da "Batalha de Avaí". Areia, a cidade natal do grande artista, por sua vez, rendeu-lhe o culto que lhe era devido, erigindo-lhe um monumento em praça pública e um mausoléu, além de transformar em museu a casa de seu nascimento. Na capital paraibana o Govêrno promoveu uma exposição de reproduções dos principais quadros de Pedro Americo e inaugurou um grupo escolar com o seu nome.

— Autor de um livro fundamental sôbre a história paraibana que chegou a merecer a atenção de Euclides da Cunha (aparece citado nos "Sertões"), Irineu Ceciliano Pereira Jofili teve o seu centenário de nascimento comemorado com expressivas homenagens. O Govêrno, atendendo à solicitação de um grupo de intelectuais paraibanos, autorizou a reedição da obra do velho historiador e jornalista da província, confiando-se ao escritor Hortensio Ribeiro a tarefa de anotar e dirigir os trabalhos da nova edição.

— A preocupação pela investigação histórica levou o sr. José Leal, brilhante jornalista que a província absorveu a escrever um sugestivo trabalho divulgado pela A União Editora sob o título de **Êste pedaço do nordeste.** Num estilo agradável e fluente o autor traçou uma série de crônicas sôbre episódios da vida social e política da Paraiba, desde os seus primórdios.

— Rivalizando com a capital, a cidade de Campina Grande ostenta um movimento literário digno de nota. Além de uma academia que se convencionou chamar de "Os simples", existe ali o **Centro Campinense de Cultura,** associação que reúne um grupo de estudiosos dos assuntos de história e sociologia regional. A ela pertence, além do sr. Hortensio Ribeiro, filósofo, imbuído das doutrinas positivistas, o jovem e brilhante pesquisador Lopes de Andrade que está escrevendo uma **História Sociológica das Sêcas.** O professor Gilberto Freyre, sem mencionar o nome do autor, apenas se referindo a "um jovem amigo campinense" aludiu, em dois capítulos dos seus "Problemas de Antropologia Brasileira", ao estudo do sr. Lopes de Andrade salientando a importância dessa contribuição às nossas ciências sociais.

— Médico no alto sertão paraibano, o sr. Diocleciano Pereira Lima escreve artigos de combate ao fascismo na imprensa do Recife e de João Pessoa. Parte dêsses artigos foi reunida no volume **Coisas do nosso tempo e da nossa terra (?).**

— Merece referência especial o **Ciclo de Estudos Regionais** fundado em João Pessoa pelo sr. Horacio de Almeida e outros intelectuais com o objetivo de reunir a maior documentação possível sôbre a sociologia paraibana e do nordeste. Dentro do programa estabelecido, o C. E. R. promoveu durante o ano cêrca de dez conferências a cargo de diversos escritores e jornalistas.

— A poesia também foi cultivada na Paraíba ao lado de outras manifestações na prosa largamente estimuladas pelo bem feito suplemento literário do diário A União, atualmente dirigido pelo jornalista Severino Alves Aires. O jovem e já conhecido poeta Eduardo Martins publicou, em edição privada, **Lua de Outono,** caderno de "haikais" e o **Canto da Amada Ausente,** emotiva evocação da espôsa morta.

— A atuação do teatrólogo Silvino Lopes, escrevendo artigos e ensaiando amadores, possibilitou a criação do **Teatro dos Estudantes** e do **Teatro Infantil,** que deram vários espetáculos em João Pessoa

Dois anos na Bahia

EVALDO SIMAS PEREIRA

HÁ influências constantes sutilmente agindo na espiritualidade bahiana. Porque Presciliano Silva, retornando de França, pintou a "Oração da Tarde" e a "Última Porta" com os motivos admiráveis do Convento de São Francisco, acentuando um rumo de pintura humano-religiosa, digamos assim, rumo tão frenèticamente seguido até no Salão dêste ano?

O exemplo tomado a esmo — podia ser também o verso libertário de Castro Alves ou a eloqüência democrática de Rui — pretende insinuar o espectador à compreensão das tendências humanísticas da inteligência bahiana na base de uma sugestão local permanente. Então teremos o lirismo panorâmico da poética. O misticismo na arte originando uma crôsta conservadora de forte resistência (os últimos Salões promovidos pela Ala das Letras e das Artes foram verdaderias exposições clássicas). A História — a gente vivendo no ambiente dos personagens de ontem — como fonte de ciência e arte em grau elevado. O gôsto pelo alto estudo. Como pela forma literária. E uma formação social com vivas expressões de desconcêrto nas cidades e nos campos, uma curiosa pequena burguesia, uma sociedade negra, o mesmo drama no cacau do sul, no fumo do recôncavo, nas lavras do interior profundo, as diferenças originárias do cangaceirismo sertanejo, insegurança, ignorância, abandono; formação social fertilizando o campo de onde brota, de repente, um Jorge Amado, e que através dos tempos tem mantido o poder de man atraindo irremissivelmente os espíritos esclarecidos. De tal maneira que a extrema receptividade intelectual bahiana e o seu próprio poder criador, nesta hora de sugestões sociais tão intensas, se inteira de que "o tempo é dos que repelem o intelectualismo puro, o cientificismo puro, o esteticismo puro, o historicismo puro, para impor aos que estudam problemas sociais e questões humanas o dever de exprimir em voz alta e clara..."

Tôda a atividade se processa neste âmbito. Gilberto Freyre dirá "que vale a pena alguém enfrentar nazistas ou paranazistas, em luta desigual, quando no meio da luta áspera tem o consôlo de ser docemente chamado à cidade do Salvador..."

Propositada, a citação. Gilberto Freyre veiu insultado pelo oficialismo recifense para provocar, nas homenagens que recebeu e que estruturaram o maior acontecimento dos dois últimos anos, o tipo de homem "ativamente cívico" que "não se desfaz nunca do seu direito de ser civil e politicamente brasileiro" — as palavras são dêle próprio — tipo de homem que o desagravou nas ruas, nos salões, nos centros de cultura, de tal maneira que o agradecimento quase tocou a lisonja no dizer — "conquistei a cidadania bahiana lutando pela liberdade civil e pela dignidade humana, ainda tão sufocadas e ultrajadas em certos trechos do Brasil." E que de lá voltou "reanimado para a resistência às fúrias do nazijesuitismo".

---

e Campina Grande, sob os auspícios da Secretaria do Interior. Neste aspecto, iniciativa digna de todo aplauso foi a providência do Govêrno mandando restaurar o tradicional **Teatro Santa Rosa** que, graças ao sr. Samuel Duarte, que foi quem primeiro alimentou essa idéia, e ao espírito esclarecido e orientação pessoal do sr. Semeão Leal, está sendo transformado num modêlo de teatro para província não só quanto ao ponto de vista técnico como quanto a arquitetura. O Serviço Nacional de Teatro deveria tomar conhecimento dessa realização.

— A propósito do sr. Semeão Leal, trata-se de uma das mais interessantes figuras de estudiosos de assuntos sociais no Brasil. Suas pesquisas do folclore nordestino, baseadas num excelente critério de interpretação e organizadas cientificamente, são completas, especialmente a parte referente ao folclore infantil. Organizou ainda um inquérito de grande amplitude sôbre alimestação na Paraíba. Em sua casa, além de uma escolhida biblioteca sôbre arte, sociologia e etnografia, podemos ver esculturas e quadros originais de Portinari, Santa Rosa e outros artistas modernos do Brasil.

— Um jornalista ágil, crítico, literário e combatente anti-fascista, o sr. Abelardo Jurema, cujas crônicas são diàriamente irradiadas pela P.R.I.-4, a emissora local.

— Encerrando o ano de 1943, apareceram os livros do sr. Leonel Coelho: **Poema épico de 30;** e o **Guia da Paraíba** do sr. Ademar Vidal.

Eis o ponto mais alto do espírito bahiano, avassalado pela sócio-política. O combate de rua. Nem por isso os demais são menos nítidos. Na eloqüência como no estro. Na pesquiza histórica. No romance, nas redações. Não raro rebentando — exemplos ainda esparsos — numa Faculdade de Filosofia, num Centro de Estudos Bahianos, em outros centros de atividade vária, numa definida e vigorosa associação de escritores.

E até, como supremo atestado, na terra do bacharel diluindo o academicismo em insôssos chás literários, quase afogando em ridículo as recepções dos ocupantes das cadeiras sem "jeton" da Academia Bahiana de Letras e desconhecendo os "encontros" de Ala das Letras e das Artes — Ala una, Ala par, Ala mil! — possivelmente a sociedade literária mais curiosa do vasto fornecimento da província.

* * *

Na Bahia há surtos de atividade literária seguidos de marasmos desalentadores. Estamos num período que recorda o tempo de "Arco e Flexa" (bahiana), os jornais literários universitários e as organizações culturais.

Os contôrnos, no entanto, são mais fixos, melhor percebidos na função social da poesia e do romance. Ambos, contudo, cedendo lugar ao estudo histórico que ensaia influências na pintura, na literatura e se revela no gôsto pelos museus; à investigação econômica, desvendando mazelas, e a uma investida fulminante do humanismo.

* * *

Por onde andou a poesia bahiana nos dois últimos anos?

Quase não a podemos encontrar além dos poemas jogosos das folhas universitárias ou dos sonetos dos eternos versejadores.

Carlos Chiacchio — dono do único rodapé de crítica que se publica na Bahia à exceção do lugar especial do sr. Álvaro Lins cujos escritos do "Correio da Manhã" vinham sendo religiosamente transcritos no "Diário de Notícias" — publicou os seus versos de 1910, dando a conhecer que há muito os faz tão maus. O seu "Homens & Obras" semanal, resumindo todo o movimento literário nos volumes que lhe são enviados, ainda não foram reunidos em livro. Pena. O estilo faria sucesso semelhante ao da O. S. B. do general Klinger.

Helio Simões deve ser citado como lírico, paisagista, contemplativo, em versos modernos. Tomou o mar como motivo dêles, os últimos, do título ao derradeiro. Mas a sua exaltação sentimental não alcança o timbre de outras vozes, apesar do seu real valor intelectual.

Em plano quase antagônico — porque o lirismo real ou pretenso, aqui é raro — estão Jacinta Passos e Manuel Passos, dois irmãos que versejam em união fraternal, vendo a vida mais no homem que na natureza. São poetas moços, autores de um volume despretensioso, mas recebido pela crítica com regosijo depois de uma seqüência langorosa, onde além de Helio Simões se destaca Leopoldo Braga. Isto para não falar nos "Cânticos de Fé", de autoria do mais alto vigário da vasta e piedosa paróquia bahiana, editados num programa de absoluta garantia — vendidos para o fundo de construção do novo Seminário — e com o autor velado pelo pseudônimo de Carlos Neto.

Os "Nossos Poemas" dos irmãos Passos são plasmados em versos fortes, que surgem de reações a tôdas as espécies de restrições. Fogem à velha regra clássica. Esta tem, entretanto, um remanescente respeitável na figura do magistrado Adalício Nogueira, hoje com a toga de Desembargador mas, segundo dizem, ainda fiel às tocatas de violão que o tornaram famoso no interior, no interior onde possivelmente adquiriu o vício dos decasílabos épicos. Êste singular boêmio é contudo, poeta fino e de viva sensibilidade, que ao lado das sentenças e artigos sôbre a Família no Direito Civil, e as odes com que se regala "A Tarde" nos dias 2 de Julho, tem publicado uma série de emotivos sonetos muito próprios da poética bahiana. Adalício Nogueira não ficaria mal colocado como figura principal da poesia vetusta da Bahia.

Há um fato auspicioso que merece citado em se tratando de recapitular a atividade intelectual bahiana nos últimos dois anos. E' a chegada, pela porta da imprensa, do poeta pernambucano Odorico Tavares, para uma rápida ambientação. O autor de "A Sombra do Mundo" e dos poemas em conjunto com Aderbal Jurema é hoje um poeta bahiano, um intelectual bahiano, tanto adquiriu cidadania lutando pela liberdade civil e pela dignidade humana a exemplo do seu queridíssimo mestre Gilberto Freyre, como encontrou na nova terra os mais notáveis motivos para sua lira sentimental. Raro poeta, Odorico Tavares inaugurou uma nova maneira de interpretação das expansões místicas bahianas. As suas descrições da Lavagem do Bonfim e Festa de Iemanjá, a Rainha das Águas, são páginas maravilhosas de poesia e colorido que esperamos ver editadas em breve no livro que sucederá ao volume de versos em preparo.

O relato impõe, por outro lado, recordações tristes. Desapareceram Deraldo Dias, tradutor de Virgilio e autor das mais ferinas sátiras bahianas do seu tempo, prematuramente desaparecido após dolorosas decepções da vida burocrática-política; e Aloísio de Carvalho, outro inteligente cultor do verso mordaz glosou a vida bahiana por mais de duas dezenas de anos através o seu famosíssimo "Cantando e Rindo", canto diário de jornal que começou no finado "Jornal de Notícias" e terminou na "A Tarde". Duas inteligências abertas para a vida que a província estiolou.

* * *

Sátira e mordacidade são aspectos expressivos do carater bahiano — vale aqui uma curiosa classificação de Gilberto Freyre: fidalgo, inteligente e moleque — aspectos que nos levam à lembrança, num breve e embaralhado capítulo, de homens altamente providos de inteligência e espírito. Como o popular João Bom Senso (Jaime Junqueira Aires), um moderno Pero Vaz Caminha (Aliomar Baleeiro), e mais Felipe Néri, Osvaldo Imbassaí (autor de obra relevante na Biblioteca Pública, que dirige) e muitos outros, sendo que o último membro de tão singular comunidade, Silvio Valente, fêz violenta entrada em tão manso recinto com

versos de despedida da vida acadêmica, versos que por muito tempo empolgaram a Bahia.

Há uma figura que vou citar aqui, não sei se bem. Em outros capítulos, no da poesia, no das ciências sociais, no da prática intelectual constante da imprensa, estaria, seguramente, em primeiro plano. Mas a feição atual dêste escritor que é hoje um dos líderes de sua geração, leva-nos a recordá-lo entre os ironistas. Trata-se de Alves Ribeiro, admirado agora pela sátira do comentário como foi antes pela flama política, sempre, entretanto, refletindo a boa forma literária e a cultura excepcional com que orna as manifestações do seu espírito privilegiado.

* * *

Com escassas exceções, os nomes aqui citados jamais apareceram antes, mesmo no noticiário comum do movimento editorial; fora da Bahia, os leitores do Anuário identificarão pouquíssimos. Mais provàvelmente, um ou dois. Os que surgirão a seguir são mais conhecidos, notadamente em suas especialidades.

A que se atribuir tal isolamento do espírito bahiano, se êle atravessa um período sem dúvida fecundo? E' verdade que a Bahia tem registrado presenças notáveis, surgem cada dia valores novos e a geração atual, bem formada, não desmerece a velha reputação provinciana. Porque então o silêncio que encontro no Rio, em São Paulo e muitos Estados?

Persegue os escritores bahianos um mal que necessita remédio urgente. E' a alarmante falta de casa editora. A última tentativa, cercada, aliás, da maior simpatia, vem de desaparecer inteiramente com a compra, pela Editora Nacional, da Livraria Editora Bahiana, fundada pelo falecido Pedro Ghinone. Uma das suas publicações mais interessantes foi o livro de Sodré Viana, "Caderno de Xangô". Outra tentativa, ligeiramente mais antiga, foi a de um grupo capitaneado por Jorge Calmon e Pinto de Aguiar, da qual restam raros exemplares de uma única edição, a do trabalho gigantesco de Teodoro Sampaio sôbre o Rio São Francisco. A farta literatura dos embargos e apelações ocupa as tipografias. Tal crise é, felizmente restritiva da sub-literatura, mas de efeitos maléficos à divulgação da boa obra. O sr. Heitor Fróis, por exemplo, consegue imprimir suas versões para o inglês dos versos de Castro Alves, como Ala divulga sua coleção biográfica. Mas muito dificilmente surgem livros como "Nossos Poemas" e o admirável ensaio de Nelson Sampaio, "As idéias fôrças da Democracia".

Por isso é que escritores nitidamente bahianos, tocados pelo regionalismo de que nos fala Melo Franco, se exprimem intelectualmente por veículos extra-Estado.

Tomemos o exemplo do romance bahiano. Nos últimos dois anos não há caso apreciável além de "Terras do Sem Fim" e "São Jorge dos Ilhéus", ambos de Jorge Amado. Escritos na Bahia, de motivos bahianos e por escritor genuinamente bahiano, egresso pressuroso de um exílio forçado, os seus livros foram editados muito longe dela. Verdadeiros romances bahianos, no entretanto.

Jorge Amado, aliás, vivendo últimamente na Bahia, é responsável por boa parte da atividade intelectual bahiana de agora, tanto a anima. Em companhia de Wilson Lins acalenta o projeto de uma casa editora. Diàriamente, na imprensa, e em muitos discursos e conferências, segue a tendência já referida do intelectualismo político.

Altamirando Requião é polo oposto. O provecto professor que em rápida passagem pela secretaria do govêrno estadual ia contagiando a burocracia dos decretos de linguagem mais que empolada, é autor de um romance seiscentista, "O Baluarte". Nos primeiros dias de venda desta famosa apesar de quase nada conhecida obra, êle esteve presente nas livrarias para autografar os volumes adquiridos. Altamirando Requião, de passagem mais feliz pela imprensa, é da escassa fauna bahiana de romancistas e dos ainda mais raros especimens a editar em sua terra. Positivamente, o romance bahiano atravessa fase pobre.

Exatamente o contrário dá-se com a investigação e divulgação históricas. Assunto sempre muito do gôsto da gente bahiana, a História tem agora um período áureo, se o têrmo sediço não é exagero. Formam-se centros especializados de estudos, surgem publicações, o poder público anima os estudiosos, há um crescente interêsse em tôrno das coisas históricas.

Sintoma evidente está nos museus.

Possuidora das mais expressivas e valiosas peças nem sempre se cuidou os Bitz de coletá-las devidamente. Jamais seus museus exerceram a função dinâmica de educar, instruir, esclarecer. Os arquivos, se não relegados ao abandono, viveram quase em completo esquecimento, com o que muito se perdeu. Quadro diverso, o de hoje. O Museu do Estado surgiu da confusa Pinacoteca depois de entregue a José Valadares e vem encontrando bom caminho. E' notável a publicação dos trabalhos históricos de Silva Campos, humilde pesquizador que não conseguiu levar nunca seus achados preciosos — veja-se o que escreveu sôbre as antigas procissões — além das fôlhas provincianas, a maioria dêles inéditos. Fato destacável a aquisição, pelo Estado, do Museu Góis Calmon, possivelmente uma das coleções particulares de móveis e cerâmica mais ricas do país.

Renovação de igual porte se processa no Arquivo Municipal. Homem voltado ao estudo histórico, o prefeito Elísio Lisboa — colecionador de comendas — não tem poupado esforços neste sentido. A Prefeitura editará, como parte dos festejos comemorativos do 4.º Centenário da Cidade do Salvador uma História da Bahia de grande porte, em muitos volumes, iniciados já os estudos que se dividem em várias partes entregues a Afrânio Peixoto, Pedro Calmon, Frederico Edelweiss, Wanderley Pinho e outros.

Guarda o Arquivo Municipal de Salvador documentos valiosíssimos, gorda maioria dêles de existência até agora desconhecida. Osvaldo Valente, de ilustre família bahiana, tomou a si o encargo de trazê-los à luz. Várias divulgações importantes já foram feitas e as edições de "Documentos Históricos" e "Revista do Arquivo" são qualquer coisa de extraordinário.

Não menor é a atividade do Arquivo do Estado, para o qual foi recentemente erigido prédio apropriado. Dirige-o o Prof. Manuel Pimentel.

O Centro de Estudos Bahianos, reunindo muitos elementos de real destaque, à frente Jorge Cal-

mon, é outra viva expressão da louvável paixão pelo estudo histórico. Aliás, o nome de Jorge Calmon está ligado a interessantes empreendimentos neste campo, inclusive o de reavivamento de solenidades e velhos usos que se iam tornando esquecidos. Dirigindo inteligentemente um órgão estadual, tem sabido conduzi-lo a pesquizas valiosas e realizações de destaque no campo histórico.

A apreciação da moderna tendência ao estudo histórico na Bahia, a qual chega a transpirar no movimento normal da imprensa — o número de reportagens históricas na imprensa diária é notável — seria motivo para mais largas explanações, aqui descabidas. Principalmente se fôssemos falar em outros aspectos, como o do Trabalho do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico através a realçante atividade do seu delegado, o escritor Godofredo Filho. Entretanto, cumpre ressaltar o trabalho particular de um Afonso Rui, por exemplo, com a publicação, na Brasiliana, do volume "A Primeira Revolução Social no Brasil". E do velho Xavier Marques, veterano estudioso que acaba de divulgar "Fatos da Independência". São dois nomes muito conhecidos, íntimos da História, citados agora com suas últimas obras em virtude do tempo que limita êste relato.

* * *

Não falseamos a verdade afirmando que o primeiro plano das atividades intelectuais bahianas está no trato das ciências sociais. Elas têm arrastado a seu campo poetas, romancistas, historiadores, escritores, financistas, homens de vários setores espirituais. Acentuado no nordeste o fenômeno regional, onde os problemas de sociologia rural são mais intensos que os de sociologia urbana, como especificou Melo Franco e repetiu nas suas conferências para os argentinos, há uma sugestão permanente que se estende, necessàriamente para o nacional e o internacional.

Que outro sentido têm os romances de Jorge Amado, a biografia de Rui Barbosa por Luiz Viana Filho, que agora completou um notável estudo sôbre o negro, e se tem afirmado como um dos maiores valores bahianos de hoje; os ensaios de Nestor Duarte (recorde-se seu romance "Gado Humano"), a forte personalidade de Aliomar Baleeiro, afirmada primeiro na imprensa, depois na tribuna parlamentar e agora na cátedra; para onde se dirigem as inteligências privilegiadas de Nelson Sampaio (já citamos o seu "Idéias Fôrças da Democracia"), de Edson Carneiro, de Antonio Osmar Gomes, de Jaime Junqueira Aires? No mesmo rumo estão os ardores universitários como as redações, onde uma infinidade de nomes pode ser relacionada. Rui Santos, Giovani Guimarães, Rui Facó, Wilson Lins, Mario Alves, Fernando Santana, etc.

A criação de uma Faculdade de Filosofia e o ingresso na cátedra de figuras notáveis, a renovação de velhos institutos científicos e o agrupamento dos homens de profissões liberais, são fatores ponderosos que concorreram e concorrem para a magnífica posição que hoje desfruta a Bahia no cenário nacional.

Feliz circunstância favorece a terra de Castro Alves neste ciclo tão fervoroso do seu espírito. E' a presença renovada de valores nacionais e estrangeiros. Presença até de filhos caríssimos como êste inconfundível Anísio Teixiera, e de outros que ela nunca esquece, como Hermes Lima.

Primeiro vieram antropólogos estrangeiros. Donald Pierson e Prof. Herkowitz pesquisaram a sociedade negra, a história, os costumes, as influências sociais.

Depois um sociólogo francês percorreu o norte, em caminhos de democracia, e demorou na Bahia. Roger Bastide sentiu a Bahia. Viveu grandes momentos emotivos entre seu povo e a retratou.

Seguiu-lhe Nelson Werneck Sodré. A presença dêste vigoroso ensaísta e profundo sociólogo nas terras bahianas, presença demorada e acolhida com demonstrações carinhosas além da gentil norma de hospitalidade da terra, se transformou em acontecimento intelectual de notável relêvo. O ilustre visitante apresentou-se diàriamente na imprensa, vivendo o momento atual numa popularíssima "Esquina", enquanto recolhia a substância de pesquisas essenciais para novas interpretações da terra e da gente brasileira. Nelson Werneck Sodré, que nos dá tanto prazer em elogiar, foi ainda o participante de admiráveis tertúlias, de saborosos serões provincianos nos quais se integrou perfeitamente no caráter bahiano.

Finalmente, chegou à Bahia o escritor e sociólogo Gilberto Freyre. Vista de muitos aspectos, a presença do mestre brasileiro e a expressiva solidariedade à sua energia moral, à corajosa atitude, ao seu espírito e à sua fibra, constitue o mais importante fato, mais importante e mais expressivo entre todos os que assinalam o calendário intelectual do ano passado.

Chegou em Novembro de 43, convidado dos estudantes para uma visita de cinco dias. Mas, por muito que se esforçassem os estudantes, não foram êles os únicos nem tampouco os mais ardorosos nas manifestações de rua, nos aplausos dos recintos e na simpatia dos salões. A imprensa sagrou-o "um mestre da sociologia. Um mestre de caráter. Um mestre de dignidade humana".

Justamente êstes três aspectos moveram os bahianos para a maior manifestação de aprêço jamais prestada a um escritor não bahiano na Bahia. Vindo de Recife, perseguido, injuriado, agredido até pelos esbirros policiais a serviço de idéias nitidamente fascistas, compressoras da livre expressão e desejoso de impedir a cultura pelo temor do esclarecimento popular, trazia Gilberto Freyre a auréola de lutador desassombrado. Jamais recuara ante os arreganhos da fôrça desvairada. Pelo contrário. Perfeitamente compenetrado da missão do intelectual na hora presente, havia aceito a luta em qualquer terreno e ainda prossegue na missão de esclarecer, de distinguir, de causticar os inimigos da liberdade.

Na amena conferência da Faculdade de Medicina, no estudo grave da Faculdade de Filosofia, no arrebatado discurso do banquete da Associação Atlética, Gilberto Freyre sentiu sempre o calor da solidariedade bahiana nas palavras de Fernando Santana, de Milton Tavares, de Nelson Sampaio e de Luiz Viana Filho. Em tôda parte, entretanto, estava o público, o povo, o elemento popular que prestigia o intelectual neste seu papel de batalhador, prestígio que é um dos fatores da posição atual da inteligência bahiana.

A propósito de ARTES PLASTICAS

LELIO LANDUCCI e
ALCIDES DA ROCHA MIRANDA

1942-1943. Anos trágicos. Seu clima não convidou a preocupações de ordem estética, nem foi propício a exposições de artes plásticas. E, desde então, todos os esforços multiplicados das atividades humanas têm sido consumidos, quase inteiramente, no imenso conflito. A violência dos acontecimentos chega a perturbar até os mais firmes sistemas estabelecidos para servir de quadro aos agrupamentos sociais. Se bem já seja possível agora prever o fim da luta com a vitória longamente esperada, ainda hoje novas feridas se abrem, muitos sofrimentos deprimem grandes massas de povos, e a morte incansável prossegue sua tarefa.

Apesar de condições tão pouco favoráveis à exteriorização objetiva de certos lados da vida interior, tem-se organizado continuamente exposições de arte, cada dia mais numerosas, e cada vez mais visitadas. Nelas alguns procuram refúgio, outros encontram a evasão, e, manifestando-se como reação tácita da sensibilidade contra a incerteza opressiva do momento, essas exposições lembram a todos, constantemente, que há alguma coisa que não deve perecer. E' quase indiferente, sob êsse aspecto, que tenham sido importantes ou medíocres, insignificantes belas, porque solicitando a atenção do público, conservaram vivo o interêsse para tudo o que diz respeito à arte, conferindo ao artista valor social inegável.

Para dar uma idéia conveniente dessas exposições, em vez de discriminá-las em sêca nomenclatura, seria preciso pelo menos referir os assuntos e temas que os artistas escolheram ou interpretaram, descrever as técnicas de que se utilizaram afim de alcançar a expressão, e indicar as tendências estéticas a que se prende cada um dêles. Êste primeiro contacto permitiria mais claramente compreender, e melhor penetrar, o caráter intrínseco das obras apresentadas. Assim ter-se-ia reunido todos os elementos necessários ao estudo das personalidades consagradas ou estreantes, e a vantagem de ver o relêvo das que se sobressairam no conjunto. Um sóbrio comentário crítico dos erros e defeitos bastaria então para precisar as razões de todo mau êxito. Poder-se-ia, por fim, sob forma de conclusão, resumir o significado geral de tôdas essas contribuições da sensibilidade, da inteligência e da vontade artística.

Mas, para uma análise retrospectiva mais ou menos séria de tantas exposições dispersas, o crítico iria encontrar inúmeras dificuldades materiais, porém, sem esta operação prévia, seria vão imaginar qualquer condensação definitiva que representasse uma espécie de síntese ideal. Há pois que recorrer a notas antigas, a impressões conservadas, a lembranças persistentes, sem esquecer também a transcrição de trechos informativos de crônicas referentes a essas exposições, bem como partes interessantes dos prefácios dos catálogos. Entretanto eis aqui algumas reflexões:

Se atualmente duas estrêlas de primeira grandeza — Portinari e Villa-Lobos — brilham no empireo da arte internacional, e se na arte brasileira hodierna se encontram afirmações incontestáveis de originalidade, é ainda certo que boa parte dos nossos artistas plásticos está no período de preparação e desenvolvimento. Cabe talvez acrescentar que uma alimentação espiritual assaz heterogênea prejudica um tanto a formação da personalidade artística. Como informações que se adquirem superficialmente desobrigam de conhecimentos mais aprofundados e seguros, disso resulta um afrouxamento das disposições interiores, que já não podem submeter nem reduzir as "revelações" recebidas ou tomadas de empréstimo. Na falta de exercício, as qualidades pessoais não conseguem superar as influências exteriores que as dominam, ou delas tirar proveito, e por isto nem sempre se imprime nas obras uma acentuação autêntica direta e firme. O feitio, o caráter, o estilo vêm do exterior, à última hora, e devem pouco ao meio; mas como são apenas condições transitórias de um problema estético em via de solução, não há, nisso tudo, em suma, nada de singular, de alarmante, ou ainda de especificamente local. Aliás esta situação se justifica com fortes razões que convém dizer.

Se bem que outras influências comecem a manifestar-se e a exercer atração não sòmente econômica, mas também intelectual e estética, o mundo continua mais ou menos tributário de tudo o que o pensamento francês lhe tem transmitido. O prestígio e ascendência dêsse pensamento, durante longo tempo tem assegurado a tôda a cultura do ocidente e extremo-ocidente uma relativa unidade espiritual. Todos encontravam proveito nesse jôgo fácil das faculdades intelectuais, jôgo generalizado pela sua persuasiva e harmoniosa orquestração. União espontânea formada pelo agrupamento voluntário de afinidades, ideológicas, e muito mais sólida do que podia parecer, ela fomentou a grande resistência não-conformista contra a uniformização totalitária dos movimentos do espírito, que a política das concentrações nacionalistas sonhava impôr a todos. Na parte que lhes toca, os artistas continuam medusados pelos encantos sutís e graves que a "Escola de Paris" soube multiplicar nas suas creações plásticas. Transplantados ou adaptados a esta boa terra tropical, os Picassos, os Maillols, os Le Corbusiers, ainda não florecem muito diferentes nem bem aclimados, mas a riqueza do solo, o ardor do sol e o decorrer do tempo farão o resto.

Quando o tremendo cataclismo da guerra, que veio subverter o curso normal dos acontecimentos, é aceito com coragem ou suportado com paciência, o que importa é a ação, e a obrigação de agir vem dar sentido novo até às especulações mais desinteressadas. Se há transtôrno circunstancial dos métodos e costumes, nada, entretanto, vem exigir alteração daquilo que cada um, intimamente, considera essencial, nem pedir renúncias absolutas. Por que não ouvir pois uma lição que toma o seu valor diretamente nos fatos? Não há limitar o horizonte com fronteiras arbitrárias, nem restringí-lo a meros fins imediatos, mas querer com animoso discernimento redescobrir o objeto, e recobrar impulso na realidade ambiente. A volta ao quotidiano, ao comum, ao simples contém sem dúvida uma "chance" incalculável. A imaginação não se pode isolar, ficar reduzida a si própria, sem ponto de apôio natural ou estudado, correr atrás de miragens ou exgotar-se em divagações. Se a ausência de informações da última maneira dos "mestres" é uma lástima, se o não conhecimento da quintessência lírica do novíssimo "slogan" plástcio é uma desolação, e ainda quando boas tradições didáticas — de "atelier" ou de escola — faltam na prática das belas artes, tanto mais se torna indispensável ser possuido de intensa vontade de fortalecer, em trabalho contínuo e vigilante, hábitos de reflexão e de auto-crítica. Preservando dos extravios involuntários e das derivações inconscientes, êsses hábitos acostumam a distinguir entre os múltiplos elementos que a vida propõe, os que podem ser fecundos, separando os duvidosos, e rejeitando os inúteis. Intuição clara, instinto avisado não são dádivas para todos, eis porque qualquer descuido no adestramento das aptidões normais dificulta a correição dos defeitos. Ora os defeitos quase sempre provém de erros iniciais que se vão agravando; considerados às vêzes como sinal de certa originalidade, são cultivados, em estado de graça ou de transe, religiosamente. A verdade é que sòmente se adquirem os meios legítimos de pressão pelo conhecimento positivo do que é básico em qualquer arte: taécnica, "de métier". E' claro que o "métier" deve permanecer em si mesmo um meio, e nunca transformar-se num fim, mas também não há razões para desprezá-lo como "cozinha" prosáica, ademais ninguém pode contestar que "cozinha" bem feita previne as dispepsias e guarda dos envenenamentos.

Certamente as perturbações materiais e a instabilidade espiritual geradas pela guerra, e que tem desequilibrado o mundo, acarretaram maior desordem dos esforços realizadores dos artistas. Êstes ás vêzes, desconfiados, desdenhosos, extenuam-se no isolamento, ou ainda recolhem-se em "capelinhas" onde cada um se admira a si próprio antes de tudo, embora chegue a demonstrar cordialidade a uns poucos felizes iniciados. Nenhum grande ritmo, mantido pelo conjunto, vem coordenar as energias dispersas, e que variado e vivo, acima das diferenças superficiais, permita encontrar uma desejável unidade. Já há indícios, porém, que precedem e anunciam a formação de amplas correntes animadoras e renovadoras das idéias. No momento, a "Revolução Plástica" no Brasil ainda se processa verdadeiramente nas profundidades, está na fase dos movimentos subterrâneos. O resto é amável literatura.

Exposições no Rio

1942

Exposições organizadas pelo Museu Nacional de Belas Artes:

QUADROS ANTIGOS — Em Março e Abril. Foram reunidas, nesta exposição, as principais telas doadas à Pinacoteca por D. João VI, quando de seu regresso a Portugal, em 1821, além das telas adquiridas na Europa pelo Chefe da Missão Artística Francesa, J. Lebreton, que nos visitou em 1816. Essas telas são em número de 27: incluem originais de Canaleto, Salvador Rosa, Jouvenet, Franck, Albani, Rafael, Charles Le Brun, cópias de Poussin e outros quadros atribuidos a Van Kessel, Daniel Seghers, Veroneso e Tintoreto.

JOÃO BATISTA DA COSTA — De 19 de Abril a 31 de Maio. Exposição retrospectiva do grande paisagista brasileiro; teve a contribuição de obras pertencentes ao Museu, à família do artista e a vários colecionadores.

1.ª EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE EX-LIBRIS — De 16 de Maio a 1 dı Junho. Foram expostos ex-libris da coleção da Biblioteca Nacional e de diversos particulares. O catálogo é precedido de um substancial estudo do historiador Clado Ribeiro de Lessa.

GALERIAS IRMÃOS BERNARDELLI — Foram inauguradas no dia 23 de Maio. Desde esta data estão em exposição permanente, no Museu, as obras dos Irmãos Bernardelli: Rodolfo (escultor), Henrique e Felix (pintores). Há catálogo próprio.

EXPOSIÇÃO ANIMALISTA — De 27 de Junho a 19 de Julho. Feita com a colaboração do Museu e de colecionadores particulares, constituiu uma mostra interessante, dada a variedade de animais reproduzidos em telas, gravuras e esculturas.

Exposições organizadas com a participação do Museu:

GRAVURAS BRITÂNICAS — De 26 de Maio a 9 de Junho. "O conjunto de gravuras contemporâneas exibidas" — diz o catálogo — "é fruto duma seleção cuidadosa de obras, representando não só gravadores de fama notória, mas também dos que pertencem à jovem geração e cujo valor ainda não foi devidamente apreciado pelo público, mal iniciado no que se refere à arte da gravura a buril, água-tinta, litografia, xilogravura e diversos processos para impressão a cor".

MORALES DE LOS RIOS — De 3 a 7 de Junho. Exposição de projetos e vários documentos de estudos do professor brasileiro.

BRUNO LECHOWSKSI — De 20 de Junho a 4 de Julho. Exposição póstuma do artista polonês, que aqui viveu muitos anos e formou inúmeros discípulos, entre os quais José Pancetti, sem dúvida o mais notável de todos.

FRANS POST — De 11 a 23 de Julho. Por iniciativa do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dirigido por Rodrigo M. F. de Andrade, realizou-se esta notável exposição de trabalhos do grande artista que esteve no Brasil no período da dominação holandesa. As telas expostas pertencem ao Palácio Guanabara, Ministério das Relações Exteriores, Palácio do Govêrno de Pernambuco, Instituto Histórico, Museu de Belas Artes, Biblioteca Municipal de S. Paulo, e aos Srs. Sir Henry J. Lynch, J. de Sousa Leão filho, Caio de Lima Cavalcanti, Afranio de Melo Franco Filho e Paulo Plinio Prado. O S. P. H. A. N. mandou imprimir um belo catálogo, com prefácio do escritor Ribeiro Couto.

XLVIII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES — De 1 de Setembro a 7 de Outubro. Como nos anos anteriores, o Salão apresentou trabalhos vários de autores contemporâneos (pintura, escultura, desenho, gravura, etc.), abrangendo duas grandes Divisões: a Geral e a Moderna. As principais premiações concedidas foram as seguintes: Prêmio de Viagem ao Estrangeiro — Aldo Malagoli, com o quadro "Repouso"; Prêmio de Viagem ao País — Almeida Jr., pela Divisão Geral, com o quadro "Terras Cariocas"; e Orlando Teruz, pela Divisão Moderna, com o quadro "Negra".

Exposições particulares:

AUGUSTO RODRIGUES — De 24 de Janeiro a 15 de Fevereiro. Destacaram-se, especialmente, a série de desenhos sôbre o "frevo", dansa típica pernambucana e as ilustrações de livros infantis. A exposição provocou uma polêmica entre o pintor Santa Rosa e o bailarino Gert Malmgren. A propósito do artista, escreveu o escritor Anibal M. Machado, abrindo o catálogo: "Aqui está o grande reporter visual da vida da cidade, o que reti-

rou de alguns de seus costumes típicos os elementos com que concebeu e organizou êsses "ballets" surpreendentes de colorido, de grotesco humano, de pungente poesia. Heróis anônimos da rua, dramas da rua elevados ao plano mímico do bailado".

EDUARDO STUCKERT — De 3 a 20 de Fevereiro — Desenhos a bico de pena e aquarelas de cenários do artista austríaco.

PEREZ RUBIO — De 18 de Abril a 13 de Maio. Retratos, paisagens, interiores, etc. Foi a primeira exposição que o artista espanhol realizou entre nós.

STEPHANE AUDEL — De 3 a 21 de Junho. Pintor amador e ator da Companhia Louis Jouvet, fixou alguns aspectos curiosos da paisagem brasileira.

EMERIC MARCIER — De 6 a 17 de Junho. Criticando a terceira exposição do artista belga no Brasil, escreveu o jornalista Rubem Navarra: "Marcier já se pode considerar um mestre dos tons baixos, de adágios e surdinas em pintura. Suas cores são as próprias imagens do silêncio e da meditação".

EDUARDO BEVILAQUA — De 24 de Junho a 8 de Julho. Exposição póstuma dêsse paisagista brasileiro.

CARLOS GOMES — De 11 de Julho a 8 de Agôsto. Exposição retrospectiva dos objetos que pertenceram a êsse compositor e maestro brasileiro.

M. H. VIEIRA DA SILVA — De 7 a 21 de Julho. Murilo Mendes, na notícia que publica no catálogo desta exposição, escreveu: "A influência dos azulejos portugueses faz-se sentir, não pela apresentação bruta do objeto em si, mas por uma sutil distribuição de formas e valores que atingem a verdade plástica dentro do conjunto do quadro. Embora a envergadura do espírito de Maria Helena seja possante, manifestando-se às vêzes em "grandes máquinas" — por exemplo, no quadro "Guerra" — ela prefere realizar-se com outros meios mais simples e humildes, chegando a uma depuração, uma filtragem incomparáveis, como nessa obra-prima denominada "Harpa-sofá". O drama do nosso tempo, tempo de massacre e injustiça social, está fixado na obra de Maria Helena sem nenhum aspecto de sensacionalismo: com a tristeza e a gravidade exigidas por êsse cruel "ballet" de linhas, cores e volumes".

ANITA ORIENTAR — De 7 a 21 de Junho. Desenhos, aquarelas, retratos, etc., da artista patrícia.

DOROTHY CARNINE SCOTT — De 14 a 28 de Julho. Paisagens. A autora é de nacionalidade norteamericana.

URBANISMO — De 8 a 15 de Agôsto. Exposição de Urbanismo do Estado do Rio, organizada sob o patrocínio do interventor Ernani do Amaral Peixoto.

OSVALDO TEIXEIRA — De 24 de Agôsto a 17 de Setembro. Exposição do conhecido artista brasileiro, um dos corifeus da corrente acadêmica.

JURANDIR PAES LEME — De 19 a 30 de Setembro. Pintura de fachadas de igrejas, interiores de conventos, portais coloniais dêsse artista brasileiro.

J. J. FERREIRA — De 24 de Outubro a 3 de Novembro. Exposição dos últimos trabalhos dêsse pintor de S. Paulo.

ZAMOISKI — De 24 de Outubro a 3 de Novembro. Exposição dos trabalhos dêsse escultor polonês, radicado entre nós, e de seus alunos do "Curso Livre de Escultura do Ministério da Educação e Saúde".

GEORGE WAMBACH — De 19 de Dezembro a 8 de Janeiro de 1943. Parte dos trabalhos dêsse artista belga, ora no Brasil, foi executada na Europa.

1943

Exposições organizadas pelo Museu:

SALA DA MULHER BRASILEIRA — Durante os meses de Fevereiro e Março, estiveram expostas, numa das salas do Museu, telas que retratam senhoras da sociedade brasileira, em várias épocas.

PEDRO AMÉRICO — De 29 de Abril a 30 de Maio. Exposição comemorativa do centenário do nascimento do grande artista brasileiro.

PINTURAS RELIGIOSAS — De 15 de Outubro a 15 de Novembro. Exposição realizada com contribuição do Museu e irmandades, igrejas, conventos e colecionadores particulares. Foram realizadas, durante o período da exposição, as seguintes conferências: "O Cristo na arte", por Regina M. Real, conservadora do Museu Nacional de Belas Artes; "Les grands thèmes de la vie religieuse du XV au XVIII siècles", por Marcêlle Proux; "Les sentiments du divin dans l'art", por Anne Marie Bon.

LOUÇA BRAZONADA — De 1 a 31 de Dezembro. Foi esta a 1.ª Exposição de Louça Brazonada realizada entre nós.

Exposições particulares:

THEA HABERFELD — De 19 a 31 de Janeiro. Exposição dos últimos trabalhos da jovem

pintora brasileira, aluna da Escola Nacional de Belas Artes.

GOTLIB — De 28 de Março a 12 de Abril. Exposição dêsse artista polonês.

BANCO DE SANGUE — De 30 de Março a 9 de Abril. Exposição de cartazes de propaganda dos Bancos de Sangue.

MANOEL TEIXEIRA DA ROCHA — De 15 a 29 de Abril. Exposição retrospectiva dos principais trabalhos do saudoso artista patrício.

MARQUES JUNIOR — De 31 de Abril a de Maio. Exposição dos últimos trabalhos dêsse artista brasileiro. Tema predominante: flores.

HELIOS SEELINGER — De 1 a 26 de Abril. Exposição do jubileu artístico do querido artista. Além de quadros, autógrafos, fotografias, estudos, desenhos, etc.

LAZAR SEGALL — De 15 de Maio a 6 de Junho. Foi um notável acontecimento artístico. Mario de Andrade escreveu a respeito do artista: "Segall sofre. Segall ama. Segall adverte e condena. Mas sempre como artista, e especialmente como artista-filósofo, dando a cada quadro, a cada assunto, a cada sentimento ou idéia, um valor de transcendência. Esta a sua particularidade específica — a sua diferença — a sua contribuição ao mundo da pintura contemporânea. Não mais admirável que algumas outras contribuições. Mas igualmente admirável".

ADOLFO SOARES — De 20 de Maio a 6 de Junho. A especialidade dêsse artista é a cerâmica. Na sua exposição, expôs vasos de várias formas, desenhos, etc.

EUCLIDES FONSECA — De 10 a 26 de Junho. Artista brasileiro já falecido. Sua especialidade foi a paisagem. Fixou aspectos principalmente de Teresópolis, onde esteve bastante tempo.

CANDIDO PORTINARI — 19 de Junho a 11 de Julho. Foi sem dúvida o acontecimento máximo do biênio, sob o ponto de vista artístico. E sob êste mesmo ponto de vista um dos maiores acontecimentos jâmais realizados em nosso país. A respeito de Portinari, escreveu Manuel Bandeira: "A abundância, a variedade de temas e de técnica da atual exposição representa mais um índice da genialidade de Portinari, porque é uma abundância sem nenhuma facilidade, uma abundância que deriva da prodigiosa generosidade de inspiração, ao mesmo tempo que de dedicação completa à sua arte. Portinari quase não sai de casa e está sempre trabalhando. Desta circunstância poderia resultar que a sua obra se confinasse a formas abstratas, desligadas do mundo exterior. Nada disso. A verdade é que a voluntária clausura do pintor como que lhe refaz a virgindade da visão diante da vida. Aos seus olhos, tudo que é quotidiano para nós — um galo, um baú de lata, um espantalho, uma perna de pau, o entregador de tinturaria que passa de bicicleta — assume logo a importância de um símbolo rico de significados, e o artista explora cada um dêsses temas até as últimas possibilidades plásticas."

ROSSI OSIR — De 13 de Julho a 1 de Agôsto. Exposição de trabalhos em cerâmica, não só dêsse artista italiano como de alguns de seus auxiliares. Foi êle o executor dos azulejos tirados de desenhos de Portinari, que decoram a parte inferior do edifício do Ministério da Educação.

JOÃO BAPTISTA FERRI — De 15 de Julho a 19 de Agôsto. Escultor brasileiro, nascido em São Paulo. Expôs seus mais recentes trabalhos.

NINA TOYE — De 3 a 15 de Agôsto. Pintora e desenhista inglesa, expôs uma série de trabalhos, em que mostra o seu espírito crítico, cheio de "verve", na observação dos costumes mundanos. Seus quadros foram vendidos em benefício da Cruz Vermelha Brasileira e Inglesa.

ANITA ORIENTAR — De 17 de Agôsto a 1 de Setembro. Mais uma exposição da artista patrícia.

GUILLERMO HEGUIGORRI — De 21 de Agôsto a 1 de Setembro. Êsse artista expôs quadros que mostram aspectos de usos e costumes de seu país natal, a Bolívia.

SERGIO ROBERTS — De 27 de Agôsto a 28 de Setembro. Exposição de fotografias dêsse artista chileno.

OSVALDO TEIXEIRA — De 4 a 18 de Setembro. Como no ano anterior, o diretor do Museu Nacional de Belas Artes, expôs os seus últimos trabalhos de pintura.

MARIO AGOSTINELLI — De 9 de Setembro a 3 de Outubro. Artista laureado peruano. Sua exposição foi muito visitada.

REGINA VEIGA — De 21 de Setembro a 5 de Outubro. Óleo e desenho. A pintora é de nacionalidade brasileira.

VAN ROGGER — De 15 a 29 de Outubro. Exposição do artista belga.

SANTOS DUMONT — De 19 a 31 de Outubro. Exposição comemorativa do "Pai da Aviação", organizada pelo Sr. A. Brigole e pela pintora francesa France Dupaty, que nessa mesma ocasião teve oportunidade de expôr, pela primeira vez, no Brasil, alguns de seus trabalhos.

MARIO TULIO — De 3 de Novembro a 31 de Dezembro. Exposição dêsse aquarelista brasileiro.

JAN ZACH — De 12 a 30 de Novembro. Exposição dos quadros dêsse artista tcheco, ora radicado entre nós. Predomina a paisagem. A guer-

A PINTURA PAULISTA em 1942-43

LUIS MARTINS

QUANDO o parque industrial de São Paulo, o mais importante da América do Sul, chegou ao "climax" de sua vida anterior à guerra de 1939, isto é, aos anos de paroxismo econômico que prenunciariam a debacle, o grande movimento modernista que o convulsionou então deu, à metrópole do planalto, o direito de se considerar a "capital artística do Brasil". De fato, durante muito tempo, São Paulo honrou o seu título. As mais turbulentas demonstrações de vitalidade aqui se manifestaram, convulsionando o país inteiro com o seu éco. E São Paulo era seguramente a Méca dos artistas modernos, dos incompreendidos, dos revoltados, dos inadaptados, dos fracassados, dos originais, dos inquietos.

Mas êsse período brilhante, de um certo modo, passou. Se hoje continua a ser um fóco inteligente de produção e de trabalho, a verdade é que a "Chicago sul-americana" perdeu a supremacia que tanto a envaidecia, no panorama das letras e das artes brasileiras. Acredito que isto seja uma conseqüência da centralização política que fez convergir para a capital da República quasi todos os fios controladores das fôrças econômicas do país. De qualquer forma, houve um deslocamento de eixo. E hoje São Paulo não tem a mesma importância vital que tinha há quinze ou vinte anos, quando o café, na alta, ditava o rumo de nossa política, de nossa estética e de nossa moral.

Isto não quer dizer, entretanto, que se tenha extinto, na terra dos bandeirantes, o estímulo criador. O seu movimento artístico é considerável, e julgo mesmo que a pintura paulista ainda constitua o núcleo mais importante do país. O que não há mais é aquela repercussão espetacular de 22, que emocionava e interessava o Brasil inteiro, de norte a sul, ditando a moda. Não há mais as lutas e as vaias do Municipal, a Antropofagia, os quadros de Tarsila dando desmaios às senhoras de quatrocentos anos, Mario de Andrade lançando a bomba da "Paulicéia desvairada" na desvairada Paulicéia, Oswald de Andrade convulsionando tudo, Flavio de Carvalho fazendo experiên-

---

ra imprimiu marcada influência na arte dêsse jovem pintor.

TOLEDO PIZA — De 1 a 15 de Dezembro. Exposição dêsse artista de São Paulo, que durante muitos anos viveu em Paris.

VITÓRIAS RÉGIAS — De 1 a 31 de Dezembro. O tema escolhido para a exposição dêsse clube gastronômico e recreativo de algumas senhoras brasileiras foi: "as flores".

Exposições oficiais:

D.A.S.P. — De 31 de Julho a 25 de Agôsto. O Departamento Administrativo de Serviço Público (D.A.S.P.) promoveu uma exposição sôbre: "O problema do material no serviço público".

SALÃO — De 11 de Setembro a 11 de Outubro. Realizou-se o XLIX Salão Nacional de Belas Artes, despertando o mesmo interêsse que das outras vêzes. As principais premiações concedidas foram as seguintes: Prêmio de viagem ao estrangeiro — J. J. Rescala, com o quadro "Agua-Ceará"; Prêmio de viagem ao país — Armando Pacheco, pela Divisão Geral, com o quadro "Retrato de Jeronimo Ribeiro" e Percy Deane, pela Divisão Moderna, com o quadro "Dansarinas".

RESCALA, PACHECO, DEANE E SETH — De 10 a 28 de Novembro. Exposição organizada pelo D.I.P., reunindo os artistas premiados no Salão de 1943.

Exposição organizada com a cooperação do Museu:

PINTURA INGLESA CONTEMPORÂNEA — De 19 de Outubro a 7 de Novembro. Exposição organizada pelo British Council. Veio especialmente da Inglaterra uma bela coleção de quadros de artistas inglêses. Foi esta a terceira mensagem de arte que a Grã-Bretanha nos enviou, no período da guerra: a Exposição dos Desenhos das crianças inglêsas, dos gravadores e finalmente, a terceira, dos seus pintores.

cias numeradas, o Clube dos Artistas Modernos, as exposições fechadas pela polícia, o escândalo, a discussão, a publicidade, a fermentação de idéias, os excessos fecundos, o pasmo do Brasil inteiro diante da cidade tresloucada e irreverente. Hélas! Tudo isso passou... E hoje os moços de vinte anos discutem gravemente sociologia, tomam com honesta compostura o seu chá elegante na "Jaraguá", e resolvem ser a "geração crítica" que nos faltava...

E' claro que não pretendo, com todo êste léro-léro inicial, mascarar uma certa parcimônia de fatos, na resenha que, por encomenda do "Anuário Brasileiro de Literatura", passo a fazer das exposições de pintura, realizadas em São Paulo em 1942 e 1943. Aliás: esta resenha é incompleta. Logo de início deve-se lamentar a falta, entre nós, de um órgão consultivo, capaz de nos fornecer uma estatística segura do movimento artístico entre nós. São dessas coisas que se lamentam em vão. O que aqui se acha registado está longe de constituir uma síntese perfeita das artes plásticas paulistas em 1942 e 1943. Contudo, os acontecimentos mais importantes serão fixados, graças sobretudo ao auxílio eficiente que me prestou Clovis Graciano, fornecendo-me os catálogos que constam de seu arquivo particular, referente àqueles dois anos.

Em 1942 ocorreram, em São Paulo, dois fatos de grande relêvo: as exposições de Desenhos Escolares da Grã-Bretanha e a de Pintura Contemporânea Norte-Americana. A primeira constituiu um acontecimento altamente significativo. Era a mais comovedora embaixada de arte que nos poderia enviar a Inglaterra, ainda sob o fôgo da "blitz" aérea. Os desenhos britânicos sugeriam, além disso, uma acertada diretriz para a psicologia infantil, como método pedagógico do desenho. Sua espontaneidade estava em absoluta contradição com o que, em geral, costumamos fazer aqui, isto é, com a monstruosa deturpação acadêmica com que nos empenhamos em despersonalizar o talento das crianças.

Quanto à Exposição de Pintura Contemporânea Norte-Americana, pouco posso dizer, porque me achava então ausente de São Paulo. Contando com a participação de artistas de outros países americanos, ela não era apenas uma exibição coletiva de quadros, mas simbolizava também o espírito de solidariedade continental, então alertado pela agressão nazista. Êsse aspecto moral sobrepujava, talvez, o seu aspecto artístico.

Odette de Freitas realizou, de 9 de Maio a 9 de Junho, uma exposição de aquarelas na Galeria "Casa e Jardim". A querida artista é uma das nossas melhores paisagistas e seus quadros, sobretudo os de Campos de Jordão, conservam uma fidelidade que não exclue a interpretação lírica.

Não me lembro exatamente do mês em que Augusto Rodrigues mostrou aos amigos, no antigo atelier de Clovis Graciano, seus desenhos, monotipias e gouaches. Não foi pròpriamente uma exposição, dado o tom íntimo em que tudo transcorreu. A agilidade, a irreverência, o movimento, o senso caricatural do brilhante artista, cujo nome é conhecido em todo o país, puzeram uma nota diferente na monotonia das nossas mostras de arte, onde a timidez paulista se refugia nos oásis sossegados da técnica.

Houve também a exposição retrospectiva e póstuma das obras de Lucilio de Albuquerque, organizada sob os auspícios da Prefeitura de São Paulo, na Galeria Prestes Maia. Repito o que escrevi então para o catálogo:

"Foi nas paisagens que Lucilio de Albuquerque atingiu o seu "climax" estético. Ensolaradas e vigorosas, creio que elas poderão caracterizar, de maneira admirável, um padrão magnífico de pintura, representativo de uma época a cavaleiro entre duas concepções radicais da arte nacional. Agrada-me, principalmente, aquela firmeza impressionista de tratar os efeitos luminosos, aquela coragem de enfrentar o sol, de iluminar o quadro com as côres tôdas do prisma. Neste particular, sobretudo ainda hoje, Lucilio de Albuquerque é uma lição para muito moderno. Uma lição e um exemplo, que deveriam ser estudados e meditados com carinho e desejo de compreensão sincera".

Também na Galeria Prestes Maia o Sindicato dos Artistas Plásticos realizou o seu VII Salão, apresentando, êsse ano, uma novidade interessante, que foi a participação dos intelectuais, que têm na pintura e no desenho o seu "violon d'Ingres". Em muito maior número do que imagina a vos-

sa vã filosofia. Entre outros, expuzeram Mario de Andrade, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Sergio Milliet, Menotti del Picchia, Mario Neme, Luis Sáia, Jorge de Lima, Jenny Klabin Segall, Rolmes Barbosa, Paulo Mendes de Almeida, Sangirardi Junior, Nicanor Miranda, Mozart Firmeza, Giuliana Giorgi. Até eu expuz, nessa orgia de literatura plástica. Quanto ao salão pròpriamente dito, esteve no mesmo nível dos demais anos, isto é, bastante elevado, pois em geral suas exposições são as melhores mostras coletivas aqui organizadas.

E, por falar em mostra coletiva, não quero deixar de me referir ao 8.º Salão Paulista de Belas Artes, realizado na Galeria Prestes Maia. De boa fé, seria impossível deixar de se reconhecer os esforços da comissão organizadora, para apresentar uma certa eqüidade, aceitando também a participação dos modernos. Mas a falta de uma comissão de seleção e de um juri autônomos para êsses últimos, determinou a abstenção dos nossos artistas mais significativos. Quanto ao Salão Paulista, em si, constituiu, como sempre, as delícias dos amadores de metais pedro-alexandrínicos e de caipiras almeida-juniores...

Em 1943 (de 1 a 15 de Junho) tivemos, no Salão Itá, a exposição conjunta de Clovis Graciano, Nelson Nóbrega e Rebollo Gonçalves, que alcançou vasta repercussão, pois os três artistas representam valores indiscutíveis da chamada "escola paulista" e são, de um modo geral, muito queridos dos intelectuais e do público. Apesar de se aproximarem ou de já terem ultrapassado os quarenta anos, são êles, ainda, na pintura local, os que costumamos chamar de "nova geração", o que demonstra uma certa paralização nos quadros de produção dos valores paulistas, em contradição com que se verifica no Rio, onde de seis em seis meses aparece uma geração nova. Graciano com suas bailarinas, Rebollo com suas paisagens e Nóbrega com sua inquietação versátil, não podem esconder de todo um certo ar de família, uma espécie de denominador comum (como diria Sergio Milliet) que lhes trai a origem, o campo de inspiração, o meio social. Que põe logo a gente em face das qualidades e dos defeitos da "escola paulista": seriedade, honestidade, preocupações técnicas, timidez, uma certa melancolia, visível mesmo nos momentos mais brilhantes, e incapacidade malabarística. Note-se que digo incapacidade. Porque, às vêzes, bem que êles querem ser malabaristas. Mas não conseguem.

A Exposição Coletiva da Associação Paulista de Belas Artes, realizada na Galeria Prestes Maia, em junho-julho, foi uma espécie de adendo ao salão oficial, talvez um pouco mais livre, menos acadêmico. Mas a maioria de seus componentes constitue o núcleo conservador das artes paulistas, que já expuzera no 8.º Salão e que iria, no fim do ano, tornar a expôr no 9.º.

A 5 de agôsto de 1943 inaugurou-se, no salão nobre do Esplanada Hotel, a "Exposition de Peinture Française, sous le patronage de S. Ex. l'Interventor Fernando Costa". Foi o maior escândalo do ano e, como no escândalo, fui eu qu tive a felicidade de desempenhar o "beau rôle", sinto-me um tanto constrangido em rememorá-lo. O catálogo anunciava quadros originais de dez pintores, dos quais julgo que pelo menos seis jámais existiram. A maioria dos trabalhos expostos não passava de descaradas cópias de reproduções coloridas, e os nomes de seus signatários eram todos inventados, apesar dos "títulos" com que generosamente os adornava o catálogo. No "Diário de São Paulo" denunciei a maroteira. O efeito foi sensacional e em vinte e quatro horas a exposição estava fechada. De todos os lados me chegavam cartas, telefonemas, telegramas, abraços de felicitações. Entretanto, a verdade é que, sem a participação de Nick Carnicelli, que possuia as reproduções coloridas e que foi, de fato, o descobridor da pirataria, e sem a de Clovis Graciano, que me comunicou tudo, eu nada teria feito. O mais engraçado em tudo isso é que muitos dos quadros falsificados tinham já sido adquiridos por conhecidos colecionadores, que não hesitaram em deixar seus cartões de visita pregados às molduras...

Até hoje não sei se lhes restituiram o dinheiro das compras, porque todos êles se mantiveram prudentemente num silêncio digno, talvez até no fundo ressentidos com quem desmascarara o "bluff" de que iam sendo vítimas... Aliás, a inauguração da mos-

tra fôra brilhantemente concorrida pela nossa melhor sociedade, que não se cansava de se extasiar diante daquêles "belos produtos da arte francesa", com exclamações de admiração incontida e fervorosa...

A 22 de agôsto, a Galeria Prestes Maia se abre mais uma vez para abrigar a Exposição Anti-Eixista, organizada pela Liga de Defesa Nacional, a que concorrem inúmeros artistas de várias tendências. O que se deve enaltecer aqui, é mais o valor moral da iniciativa do que mesmo o seu aspecto artístico. Essa exposição deve ser mais ou menos classificada nos limites do nosso esfôrço de guerra.

Em Setembro, Carlos da Silva Prado inaugura um salão, o Jaraguá (não se trata da livraria), que depois dêle, não serviu para ninguém mais. O brilhante pintor paulista, que há muito não expunha, teve um salão concorridíssimo e cheio de admiração pelos seus progressos evidentes.

Nêsse mesmo Setembro a Sra. France Dupaty chega do Rio e mostra seus trabalhos no Prédio Itá.

Ainda em Setembro (mas que mês pródigo!) dá-se a sensacional inauguração dos painéis de Portinari na Rádio Tupy. A "série bíblica" tem uma instalação de grande relêvo, com discursos irradiados de Assis Chateaubriand, Sergio Milliet, Menotti Del Picchia, Tarsila do Amaral e Luis Martins e com a presença de um público numeroso, ávido de conhecer os últimos trabalhos do grande pintor.

Em Outubro é Cesar Lacanna quem expõe no Prédio Itá, para enfim ceder lugar, já em Dezembro, a Ismailovith e Maria Margarida, que expõem juntamente com a Sra. Francisca Azevedo Leão, exímia aquarelista.

E, para fechar o ano, o 9.° Salão Paulista de Belas Artes. Veja-se, a propósito, o que escrevi sôbre o 8.°. Não há necessidade da gente se repetir.

E, salvo êrro ou omissão, creio que aqui está condensado tudo de mais importante que a pintura paulista apresentou ao público em 1942 e 1943. Pouca coisa, sem dúvida. E essa pouca coisa quasi tôda promovida pelos mais jovens. Nem Segall, nem Di Cavalcanti, nem Tarsila, nem Flavio de Carvalho, nem Anitta Malfatti, têm se apresentado ùltimamente ao público. Porque? Falta de salões convenientes? E' possível. E' possível também que essa abstenção provenha de uma noção exagerada de suas responsabilidades.

Mas o fato é que êsses grandes nomes, incorporados definitivamente à história da pintura moderna, estão cedendo gentilmente aos que chegaram depois o lugar de contacto permanente com o público, o público que faz a popularidade, que estimula as artes e que... compra os quadros.

P. S. — A deficiência dos meios de informação, de arquivos organizados, etc. torna quasi impossível uma estatística perfeita da pintura paulista. E' quasi certo que muita coisa importante tenha faltado a esta resenha, pelo que, desde já, peço desculpa aos interessados. Já depois de ter remetido ao "Anuário Brasileiro de Literatura" êste artigo, eu próprio descobri duas falhas consideráveis: a exposição de Noemia, em Abril de 1943, no Prédio Itá, e a Exposição de Arte Inglesa Contemporânea, em Novembro do mesmo ano, na Galeria Prestes Maia. A propósito desta última, transcrevo o final de uma crônica que então escrevi, no "Diário de São Paulo":

"Soube, pela entrevista do sr. Herbert Maxwell, diretor do "Bristol Museum and Art Gallery", concedida a êste jornal, que meu nome fôra incluído entre os da comissão de honra patrocinadora da grande mostra de arte. Essa distinção me honra sobremaneira e me enche de uma satisfação autêntica. Nela não vejo um simples gesto de delicadeza mundana, porém um reconhecimento tácito à convicção dos homens que, entre nós, procuram divulgar a mensagem de Roosevelt: uma arte livre para um povo livre.

A primeira novela brasileira "à clef"

HELIO VIANA

NA história da literatura brasileira muitos são os nomes ainda insuficientemente conhecidos, diversas as obras significativas que entretanto jazem esquecidas nas bibliotecas oficiais e particulares. Será êste o caso do escritor mineiro Lucas José de Alvarenga e de sua novela *Statira e Zoroastes*, aqui publicada em 1826, dedicada à Imperatriz Leopoldina, no mesmo ano falecida.

Em 1830, sentindo aproximar-se a morte e considerando encerradas as esperanças de qualquer participação na vida pública brasileira, redigiu Lucas José de Alvarenga curiosas *Observações* autobiográficas, singularmente ilustrativas para o conhecimento de uma original carreira de bacharel, militar, administrador e literato.

Nascera à 19 de fevereiro de 1768, na Fidelíssima Vila do Sabará, Província de Minas Gerais — "nome que me é tão caro" — diz êle, como bom montanhês. Batisado a 5 de março seguinte, na matriz de que ainda é padroeira Nossa Senhora da Conceição, era filho *legítimo* de João da Cunha Peixoto (filho de Porutgal e da Casa dos Peixotos, de Amarante) e de D. Jacinta Maria de Alvarenga, esta filha *legítima* de Caetano dos Santos Rebelo, português da freguesia de Fonte Arcada, bispado de Lamego, e de D. Quitéria Maria de Alvarenga, descendente *legítima* (a insistência é dêle) do capitão Estevão Ribeiro de Alvarenga, natural da freguesia de S. Antônio da Casa Branca, comarca de Sabará, "fidalgos de geração", conforme diploma firmado pelo Príncipe-Regente D. Pedro, depois D. Pedro II de Portugal, a 22 de junho de 1681, devidamente registrado nos livros das Câmaras da Vila Nova da Rainha de Caeté e Ouro Preto, bem como na Secretaria de Estado da Índia (1), originais em seu poder.

Sua mãe — acrescenta Lucas — nascera na fazenda do Engenho d'Agua, pertencente a seu tio Luiz José Souto, coronel do 1.º Regimento de Cavalaria de Milícias, da Comarca do Sabará ou do Rio das Velhas, distante de sua sede quatro léguas e meia, grande propriedade aparelhada com engenho de cana, situada na freguesia de Santo Antônio do Rio Acima, de que foi vigário o padre Manuel Antônio de Caldas e Alvarenga, tio do nosso autor (2).

Bem nascido, orgulhava-se Lucas da circunstância, não aceitando idéias igualitárias sustentadas, por exemplo, pelo *arrivista* Fouché, que cita, como a Salomão, embora manifestando-se contrário aos excessos comuns aos genealogistas.

Sôbre os Alvarengas, portugueses de Lamego que no século XVI se estabeleceram em São Vicente, são omissos os grandes linhagistas de São Paulo, Pedro Taques de Almeida Pais Leme e Luiz Gonzaga da Silva Leme, quanto aos que se passaram às Minas Gerais, talvez no início do século XVIII. Mas não há dúvida de que sejam os mesmos, pelas afirmações de Lucas José de Alvarenga, coincidência de sobrenomes, documentos citados, brazão de armas, etc.

---

(1) Também foi registrado na Câmara da vila de São Paulo, desde 1683, e brazão de armas dos Alvarengas. (Cf. Pedro Taques de Almeida Pais Leme — *Nobiliarquia Paulistana — História e Genealógica*, 2.ª ed., vol. II, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. XXXIX, de 1940, págs. 100/103. E Luiz Gonzaga da Silva Leme — *Genealogia Paulistana*, São Paulo, 1904, V-214/217, tít. Alvarengas, nota). — E' o mesmo brazão que Lucas José de Alvarenga reproduziu de seu sinete, autenticando-o com sua assinatura, na última página do exemplar de *Statira e Zoroastes*, pertencente ao Sr. Francisco Marques dos Santos, de que nos servimos "um escudo direito com suas orlas e folhagem com elmo em cima, e sôbre o dito elmo um leão rampante com uma espada dourada na mão direita, e na outra mão esquerda uma estrêla de prata, e o dito escudo orlado com filetes dourados, e terá no meio cinco estrêlas prateadas em campo azul, e as pontas da folhagem serão também douradas". Algumas informações sôbre os avós de Lucas foram colhidas no manuscrito de seu primo e afilhado de igual nome — "A vida do major Lucas José de Alvarenga ou a sua Biografia" (sic) nascido e falecido em Campos (1805-1879), existente na Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. (N.º 15.358 do *Catálogo da Exposição de História do Brasil*).

(2) *Observações à Memória de Lucas José de Alvarenga*, adiante citadas, págs. 34/36.

"FAC-SIMILE" DO FRONTESPÍCIO DA PRIMEIRA NOVELA BRASILEIRA "À CLEF"

STATIRA, E ZOROASTES

NOVELLA DEDICADA

A'

S. M. A IMPERATRIZ

DO BRASIL.

Não importa, quando deva florecer,
ou fructificar a verdade.
O que importa, he semear, e plantar.
Hum dia, ou outro alguem aproveitará.

RIO DE JANEIRO,

NA IMPERIAL TYPOGRAPHIA DE PLANCHER,
IMPRESSOR-LIVREIRO DE S. M. O IMPERADOR.

1826.

QUINTO DA INDEPENDENCIA, E DO IMPERIO.

Note de l'Auteur.

A fin de prevenir toute surprise, ou contrefaçon, et pour assurer la propriete de son Ouvrage, chaque exemplaire sera revetu de sa signature.

Lucas Joze d' Alvarenga

REPRODUÇÃO DA "NOTA DO AUTOR", NO FINAL DO VOLUME

Em Minas, vários foram os representantes da família que podem ser considerados notáveis, além do nosso autobiografado. Cláudio Manuel da Costa, um dos mais credenciados poetas da chamada Escola Mineira, era filho de D. Teresa Ribeiro de Alvarenga, "brasileira, filha de paulista" (3). E no mesmo município de Sabará, em que nasceu Lucas, floresceu a descendência dos irmãos capitães-mores José de Araujo da Cunha Alvarenga, cavaleiro de Cristo, e Manuel de Araújo da Cunha Alvarenga, êste pai do poeta das "Violetas", Cândido José de Araújo Viana, Visconde e Marquês de Sapucaí, do afamado médico Francisco de Paula Alvarenga e de Silvério Augusto de Araújo Viana, também médico e deputado provincial (4).

Prosseguindo em suas notas autobiográficas, assinalou Lucas José d'Alvarenga (como se assinava) tudo dever à sua mãe, quanto à educação recebida na terra natal. A êle competia corrigí-lo quando estudava demais, nunca tendo sido castigado pelo pai, de que era filho único, mas cujo sobrenome rejeitou.

Desde os seis anos, quando foi à primeira escola pública (certamente às aulas régias criadas pelo Marquês de Pombal) teve para lições particulares em casa dois mestres de música vocal e instrumental, e dois de dansa. Teve ainda vários mestres de "belas-artes e belas-letras", muito se beneficiando da respectiva variedade de métodos e sistemas.

Entre dezesseis e dezessete anos estava "pronto" em gramática portuguêsa, latina e francesa; em lógica, metafísica e ética; em retórica, poética e geometria. "Mas, tudo isto, sabe Deus como!" — declara num grito de consciência, que mostra muito bem os excessos e as restrições merecidas pela educação dos ricos filhos-família de Minas setecentista.

Todavia, foi aprovado em Coimbra, em 1794, nos exames preparatórios, que aliás foram sòmente quatro, porque não era exigido o de Catecismo de Montpellier (reflexo, decerto, da célebre reforma pombalina), que também já havia estudado em Minas, bem como a cronologia e geografia, que começou pelo bisecular *Tratado da Esfera*.

A êsse tempo já versejava, principalmente em improvisos, o moço mineiro, aluno dos cursos de Direito e Matemática da Universidade dêsde aquele ano, de Filosofia a partir de 1797 (5).

Vaidoso do que sabia, começou a verificar, em Coimbra, que ainda lhe faltava muito, para justificar suas pretensões. Manteve-se, entretanto, por ver que nele "se remarcava a educação que já se dava no Brasil, e muito particularmente em Minas, donde até o dialeto (diziam todos) se equivocava bem com o da Côrte".

Na aula de gramática latina havia colhido noções de história, aprendendo a amar Cornélio Nepos. Suetônio, Tácito, Plutarco e La Bruyère vieram depois, mas Cornélio foi sempre o preferido. Estudou ainda a história sagrada, eclesiástica e profana, política, história natural, "história das causas primeiras", direito natural e direito pátrio — êste com Pascoal José de Melo — o "Heinécio Lusitano".

"Passei, enfim, ao *mare magnum* de livros dos principais publicistas e filósofos da França e da Inglaterra que floresceram no século passado" (o XVIII). Não só nos livros, mas também em raros manuscritos teve ocasião de estudar, como mais tarde também fêz na China e Inglaterra.

Encerrando os comentários relativos à permanência em Portugal, onde sua "educação apurada e conduta regular" fizeram-no bem recebido dos professores e famílias de Coimbra, Pôrto e Lisboa — Lucas José de Alvarenga dá a entender em suas *Observações* que se tenha iniciado na maçonaria, pois sintomàticamente ataca a superstição, o fanatismo e a "escuridão", citando Erasmo e o "Patriarca dos Filósofos" (Voltaire).

Em Coimbra disse Lucas ter deixado suas "prendas de improvisar, tocar e cantar". É de seu tempo de estudante o improvisado soneto dirigido a outro repentista patrício, Domingos Caldas Barbosa, que o respondeu com outro das mesmas consoantes, citados ambos, por Sacramento Blake, no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (6).

Formado em direito a 27 de julho de 1799, regressou a Minas e, apesar daquela declaração, continuou a ser conhecido pela facilidade de poeta repentista, como contou, referindo-se à glosa que fêz de uma para a época muito significativa colcheia, numa "companhia" em que estavam os principais da terra, entre êles o ouvidor de Sabará José Caetano Cesar Manitti, "que queria rivalizar (debalde) com

---

(3) Sílvio Romero — *História da Literatura Brasileira*, 3.ª ed. (Rio, 1943), II-115.

(4) Cf. Zoroastro Viana Passos — *Em Tôrno da História do Sabará* (Belo Horizonte, 1942), 2.º vol.

(5) Cf. "Estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872)", nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXII, de 1940 (Rio de Janeiro, 1942), pág. 199, e, na respectiva separata, de 1943, pág. 63. — "Durante as férias, ia o jovem à capital do Reino e aí se lhe abriram as relações de amizade íntima e fraternal com muitos e distintos poetas brasileiros, e tomou vulto a fama de ser um dos melhores poetas repentistas, que improvisava cantando ao som de um bandolim". Cf. J. M. P. de Vasconcelos — *Seleta Brasiliense*, 2.ª série (Rio, 1870), pág. 218.

(6) A. V. Sacramento Blake — *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (Rio de Janeiro, 1899), V-330.

o infeliz ouvidor Gonzaga (autor da *Marília de Dirceu*)". Apesar de interpretada também por poetas mais velhos e de bom gôsto, inclusive pelo antipático Manitti, escrivão da devassa aberta contra os inconfidentes de 1789, — foi a sua glosa a única de que se pediu repetição e que fôsse escrita, como vaidosamente registrou:

MOTE

Sou filho da Natureza,
Tenho por Mestre a Razão.

GLOSA

Não tenho excelsa Grandeza
Nem me aparento co'os Nunes:
São meus Avós meus Costumes:
Sou filho da Natureza.

A candidez, a franqueza
Meus altos títulos são;
A virtude é meu Brazão;
Meu sentimento a verdade;
Na Escola da Humanidade
Tenho por mestre a Razão (7).

Em Minas obteria Lucas José de Alvarenga um amigo constante e protetor, na pessoa do governador e capitão-general Bernardo José de Lorena, futuro Conde de Sarzedas e vice-rei da India. Com êle travou conhecimento desde 1800, quando recebeu a patente de capitão, passando a servir sob suas ordens.

Retirando-se o governador da capitania em 1803, resolveu Lucas pedir diretamente ao Príncipe-Regente D. João a sua nomeação para a Asia, em 1805. Por não ser êste o caminho usual, foi contra a pretensão o ministro da Marinha e Ultramar, Visconde de Anadia. Conseguiu, entretanto, ir para a India em 1806, partindo de Lisboa em novembro, sendo hospedado no Rio pelo vice-rei Conde dos Arcos em janeiro de 1807, parando oito dias em Moçambique e chegando a Goa em maio Como ajudante de ordens de Sarzedas, prestou-lhe serviços de modo a poder candidatar-se ao cargo de Secretário do Estado, pouco depois.

Ocorreu no Oriente o acontecimento decisivo da vida do poeta e bacharel mineiro. Bernardo Aleixo de Lemos e Faria, governador e capitão-general de Macau, escreveu ao vice-rei da India pedindo a designação de um sucessor. Sarzedas lembrou-se imediatamente do amigo brasileiro, que disse ter querido excusar-se à vista das difíceis circunstâncias então apresentadas pela velha praça portuguêsa da China. Diante da insistência do ex-governador de São Paulo e Minas Gerais, foi forçado a aceitar a incumbência, passando a estudar ativamente quanto lhe fôsse útil em suas novas funções, inclusive tática militar.

Em junho de 1808, promovido a sargento-mor pelo vice-rei, partiu por terra de Goa a Bombaim. Embarcando nêsse pôrto, chegou a Macau em setembro, quatro dias depois da ocupação de seus fortes pelos inglêses. Visitado imediatamente pelo almirante Drury, comandante da expedição invasora, com êle entrou em negociações, conseguindo a evacuação da praça pouco depois.

Resolvido êste grave problema, outro incidente teve de enfrentar o eventual governador e capitão-general de Macáu: havia sido prêso por um mandarim, por ordem do Suntó, vice-rei de Cantão, certo padre Rodrigo, sob a acusação de ter sido intérprete dos inglêses. Não podendo obter pacificamente a sua libertação, Lucas usou a fôrça: fêz cercar a residência do mandarim, que assim conveio em restituir o prisioneiro.

Assunto ainda mais grave tornou-se o maior motivo de glória da curta carreira administrativa do poeta mineiro. Assoladas as vizinhanças da região de seu govêrno pela ação dos piratas chineses, em setembro de 1809, depois dos necessários preparativos, deu ordem para que fôssem enérgicamente combatidos. Para isto dispôs apenas de cinco navios portuguêses armados em guerra e de fôrças militares nunca superiores a 800 homens. Obteve também uma subvenção do govêrno da China, em benefício da esquadrilha que organizou.

Os resultados da campanha foram extraordinários, a julgar pelos algarismos apresentados pelo próprio Lucas, na *Memória* que publicou em 1828, em resposta a um folheto aparecido em Lisboa, em 1824, no qual haviam sido omitidos os seus serviços em Macau. De acôrdo com aqueles dados, depois de sucessivos combates contra os piratas, entregaram-se 25 a 30.000 homens de guerra, excluídos meninos e mulheres, foram-lhes tomadas 2.000 peças de artilharia (!) e 280 embarcações (certamente simples *juncos*, na maior parte).

Tão grande foi a vitória alcançada, que no Senado de Macau propôs Lucas que nessa cidade fôsse levantado um padrão comemorativo. Ao Conde das Galveias, então ministro da Marinha e Ultramar, comunicou o brilhantíssimo feito o vice-rei Sarzedas, em 1811. Viu-o com satisfação o próprio Príncipe-Regente, em 1813.

Não transcorria, entretanto, com facilidade, o govêrno interno de Macau, por sua natureza difícil. Desde 1783 havia sido reformado em sua de-

(7) *Observações* cits. adiante, pág. 41.

licada estrutura, pois até então era exercido, na parte civil, pelo Senado, aos governadores competindo apenas o comando das armas e fortalezas, a parte militar, enfim. A partir daquele ano, passaram êles a presidir o Senado nos negócios da Fazenda Real e nas relações políticas com o govêrno chinês. Desde 1803 começaram a ser, também, presidentes ordinários da Junta de Justiça.

Sendo, porém, composto o Senado, de acôrdo com a acusação de Lucas, principalmente de degredados e refugiados, e estando êsse órgão saudoso das antigas prerrogativas e encontrando apôio nas intrigas do ouvidor Miguel de Arriaga Brum da Silveira, com o qual entrara em conflito o governador — tôda uma série de dificuldades ocorreu.

De tudo isto procurou defender-se o poeta e bacharel, sobretudo por terem sido propositalmente esquecidos os seus "feitos d'Asia", no tal folheto de Lisboa, de que entregou um exemplar à Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro.

Entre outras acusações aí feitas, está a de que era muito "desconfiado", realmente adequada a um bom mineiro, como Lucas se gabava de ser. Respondendo-a, embora negasse ser desconfiado em suas relações particulares, declarou aceitá-la quanto às políticas, pois então o defeito se transformaria em louvável prudência...

Curta foi, porém, a passagem de Lucas José de Alvarenga, pelo govêrno de Macau. Seu antecessor obteve a recondução no cargo, recebendo êle ordens de voltar à India, onde ficou agregado à Legião dos Voluntários Reais de Pondá e mais uma vez como auxiliar de Sarzedas. Quis êste conseguir a sua volta ao antigo pôsto, mas o orgulhoso mineiro preferiu retirar-se para a Europa, o que fêz em fins de 1815.

Como se antevisse estar encerrada a sua carreira na administração pública, antes de regressar gravou numa árvore situada defronte de um pagode a desalentadora quadra:

O que eu sou, e o que eu não sou,
Quem quiser, julgue de mim.
Eu sou tudo, e não sou nada.
O meu gôsto é ser assim (8).

Em viagem, ao passar pelo Cabo da Boa Esperança, disseram-lhe não ser possível tocar o navio em Santa Helena, já então a mais célebre das prisões especiais.

Chegando à Inglaterra, visitou-o o condiscípulo e amigo de Coimbra Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, inclusive fazendo-o em nome do Príncipe Augusto, Duque de Sussex — o que mais uma vez favorece a hipótese de seu maçonismo.

Foi também a Paris, sempre à sua custa. Apresentado a Luiz XVIII pelo embaixador Marquês de Marialva, com o soberano francês conversou sôbre a China. Incumbido pelo ministro Francisco José Maria de Brito de levar papéis oficiais ao Conde de Palmela, representante português em Londres, regressou a esta cidade, onde foi maior sua permanência.

De volta ao Brasil, teve ocasião, em Lisboa, de visitar a Marquesa de Pombal, irmã de seu protetor Conde de Sarzedas, recebendo atenções do então Conde de Oeiras e do Morgado de Oliveira, procurando ainda os governadores do Reino, D. Miguel Pereira Forjaz e marechal Beresford, Marquês de Campo Maior. Prosseguindo viagem, esteve na ilha da Madeira com o brigadeiro Jorge Frederico Lecór, comandante de suas tropas.

No Rio de Janeiro, afinal, em 1817, apressou-se em procurar El-Rei, ousadamente tomando a defesa do Marquês de Loulé, anos antes comprometido pela ligação com os invasores franceses, motivo pelo qual fôra privado de todos os títulos e cargos. Ouviu-o D. João com a habitual benignidade, mas o mesmo não parece ter acontecido com o Conde da Barca, então ministro de tôdas ou quase tôdas as pastas.

Não recebeu Lucas nenhuma comissão, apesar de ter voltado sempre ao Paço, inclusive assistindo às festas da Aclamação do soberano, tendo tido a honra de receber convite para permanecer na Sala do Dossel em dia de cortêjo. Nada pedia, escreveu êle, e então eram muitos os pretendentes, e por isto ou por outro motivo (talvez o provável maçonismo, supomos nós) não lhe foi dada nenhuma função.

Orgulhoso, sempre, não aceitaria, conforme relatou mais tarde, "favores subalternos", julgando-se merecedor de uma "comissão brilhante". Requereu, apenas, que lhe pagassem os soldos devidos, o que obteve do ministro Tomás Antônio de Vilanova Portugal. E assim permaneceu até que El-Rei se foi, em 1821.

Com a regência de D. Pedro e a proclamação da Independência, não se modificou a situação de Lucas José de Alvarenga. O futuro do Brasil havia sido o tema de suas conversas com o "patriota" Hipólito José da Costa, em Londres. Em 1822, convidado para assistir à entrega ao Príncipe do título de Defensor Perpétuo do Brasil, teve incidente com um representante estrangeiro, que infeliz-

(8) *Observações* adiante citadas, pág. 52.

mente não explicou nas *Observações à Memória* que vimos acompanhando. Seus condiscípulos de Coimbra eram muitos dos mais notáveis vultos do novo Império, entre êles os irmãos Antônio Carlos e Martim Francisco Ribeiro de Andrada, os marqueses de Queluz e Paranaguá, além de outros. Residindo à rua do Alecrim, como tenente-coronel do Estado-Maior, frequentava a sociedade, convivia com diplomatas, aparecia na Côrte nos dias de gala — mas não foi aproveitado em qualquer cargo público.

Apenas em fevereiro de 1825 designou-o D. Pedro I para tomar parte em um Conselho de Investigação, reunido na Fortaleza de Santa Cruz, para o exame da fuga do famoso ex-deputado padre José Antônio Caldas, então prêso político. Sèriamente doente de tifo, no mesmo ano, salvou-o o Dr. Vicente Navarro de Andrade, depois Barão de Inhomirim. Em novembro, ainda de 1825, chamaram-no os marqueses de Santo Amaro e Barbacena, insistindo para que ingressasse na diplomacia, quando já não o podia Lucas, tendo em vista seu precário estado de saúde.

Profundamente abatido com a sua situação, vivendo apenas do soldo de tenente-coronel, desenganado com o esquecimento ou desprêzo de que se julgava vítima, sòmente na leitura dos autores prediletos encontrou Lucas alguma compensação à tristeza de seus últimos anos de vida. Lendo Platão, Sócrates, Xenofonte, Horácio, Vergílio, Sêneca, Cícero, Erasmo, Montaigne, Bossuet, Pascal, Fenelon, La Bruyère, lembrava-se dos exemplos de Voltaire em Fernay, Rousseau herborizando, Washington depois de seus trabalhos gloriosos — sem esquecer Cipião, o Africano, e a vida de Epaminondas, divertindo-se como Demócrito e como Diógenes estando sempre "em sua pobre habitação".

Por tudo isto, ao rememorar os seus "Feitos n'Asia", os seus "extraordinários serviços ao Reino Unido, China e Inglaterra", enquanto ia-se-lhe gastando cada dia o episódio da vida", à vista da "indiferença" com que fôra tratado, consolava-se em traduzir e aplicar ao próprio caso expressiva quadra encontrada na *Memórias* do Conde de Ségur:

> *A memória, dom celeste,*
> *(Sombra dos bens, que perdemos),*
> *E' um prazer, que nos resta*
> *De todo o bem, que fizemos* (9).

A 7 de junho de 1831 faleceu Lucas José de Alvarenga no Rio de Janeiro, sendo enterrado nas catacumbas da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (10).

(9) *Observações* adiante citadas, pág. 70.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

A primeira notícia bibliográfica sôbre Lucas José de Alvarenga encontra-se no *Bosquejo da História da Poesia Brasileira*, de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, de 1841. Repetiram-na, três anos depois, o mesmo autor e Emílio Adet, no *Mosáico Poético*, coleção de "Poesias Brasileiras, Antigas e Modernas, raras e Inéditas", entre as quais figuram duas sextilhas e uma oitava de certo "Alvarenga", que não é Alvarenga Peixoto nem Silva Alvarenga, aquêle carioca residente em Minas, êste mineiro morador no Rio.

Seu pequeno volume de *Poesias*, publicado no Rio de Janeiro em 1830, in 8.º, foi mencionado por Inocêncio Francisco da Silva no quinto tomo de seu *Dicionário Bibliográfico Português*, de 1860, poucos acréscimos recebendo a referência no décimo-terceiro, de 1885, organizado por Brito Aranha.

Menos incompleto em suas informações foi, naturalmente, Sacramento Blake, no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, volume V, de 1899.

Do exposto pelos bibliógrafos do século passado e do que pessoalmente verificamos, resulta ser a seguinte a bibliografia de Lucas José de Alvarenga, em geral ignorada dos historiadores de nossa literatura:

— *Statira e Zoroastes* — Novela dedicada a Sua Magestade a Imperatriz do Brasil. Na Imperial Tipografia de Plancher. Rio de Janeiro, 1826. 58 págs., in 8.º — Objeto do presente trabalho.

— *Memória sôbre a expedição do govêrno de Macau em 1809 e 1810 em socorro do Império da China contra os insurgentes piratas chineses, principiada e concluida em seis meses pelo governador é capitão-general daquela Cidade, Lucas José d'Alvarenga.* "Autenticada com documentos justificativos. — Escrita pelo mesmo L. J. A. em dezembro de 1827. Tipografia Imperial e Nacional no princípio de 1828". Rio de Janeiro; XIV-66 págs., in 4.º — Destinava-se êste trabalho a dar resposta a um ataque contido em folheto publicado em Lisboa, em 1824, no qual foram voluntàriamente omitidos os serviços prestados por Lucas em Macáu.

— *Artigo Adicional à Memória.* Ou — *Artigo Adicional sôbre o ócio do Autor e a sua Censura.* Na Tipografia do Dáirio (*do Rio de Janeiro*). Rio de Janeiro, 1828, 36 págs. e errata, in 4.º. — Nêsse *Artigo Adicional* à *Memória* anterior, revidou o autor a uma alusão aparecida na imprensa carioca e

(10) Cf. Melo Morais — *Brasil Histórico*, Rio de Janeiro, 1867, II-177.

relativa à inatividade em que involuntária e justificadamente se mantinha sob o Primeiro Reinado.

— *Observações à Memória de Lucas José d'Alvarenga, com as suas notas e um resumo da sua vida.* "Escrito pelo mesmo L.J.A." "Na Tipografia do *Diário*, no princípio de 1830". Rio de Janeiro, 117 págs. in 4.º.

— *Poesias.* Rio de Janeiro, 1830, in 8.º.

No *Correio Brasiliense*, de fevereiro de 1817, como no *Investigador Português*, de maio do mesmo ano, periódicos de Londres, foram publicados vários documentos relativos à ação de Lucas em Macau, por êle fornecidos aos respectivos redatores, seu amigo e antigo colega em Coimbra Hipólito José da Costa e Dr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha, a êste por insinuação do Conde de Palmela, então ministro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, na Inglaterra.

De acôrdo com declarações do próprio Lucas José de Alvarenga, pouco depois de sua volta ao Brasil, em 1817, chegou a escrever também uma peça teatral — *O Cônsul de Calígula*, a propósito do Conde da Barca, então ministro de tôdas as pastas e que parece não tê-lo atendido em suas pretensões de emprêgo. Por ser provàvelmente satírica, inspirada no que ouvira contra o precioso auxiliar de D. João VI e, portanto, impublicável, decorou-a e queimou-a (11).

Também uma das suas glosas, improvisada já em tempos de D. Pedro I, foi impressa em Paris por gentileza de seu amigo D. Luiz de Saldanha da Gama, Marquês de Taubaté. E' a que se acha incluída nas *Observações à Memória* supracitadas, tendo por mote esta quadra do Marquês de Paranaguá, precursora do velho tema "A Europa curvou-se ante o Brasil":

O mundo há-de ver um dia
Nêste céu sereno e azul
Prostar-se a Ursa do Norte
Ante o Cruzeiro do Sul (12).

A PRIMEIRA NOVELA BRASILEIRA "À CLEF"

Escrevendo em 1830 as *Observações* citadas, relatou Lucas José de Alvarenga a elaboração, em 1822, ainda antes da Independência do Brasil, de uma outra peça intitulada *A Revolução*, da qual foi extraída, quatro anos depois, a novela *Statira e Zoroastes.*

Foram estas as suas elucidativas palavras de explicação, nas quais fácil será perceber sobretudo nos trechos agora grifados, as segundas intenções emprestadas a êsse trabalho do quase desconhecido escritor mineiro.

---

(11) *Artigo Adicional*, cit., pág. 17.
(12) *Observações* cits., págs. 15-17.

..."principiei em junho de 1822 e pude concluir logo fàcilmente uma bem extensa peça intitulada — *A Revolução...* — que mutilada depois talvez em mais de três partes (e bem interessantes) vim por motivos imperiosos (ou *imperiais*) a dá-la em 1826 ao prelo, redigida e já debaixo da forma de novela com o título de — *Statira e Zoroastes*; *e enchendo assim a outros fins mais, a êsse tempo também eu tinha em vista*. Obra aquela que tinha sido empreendida por ocasião do decreto de 3 de junho (de 1822), que convocava a Assembléia Nacional para fazer a Constituição do Brasil; e em que eu já expunha certos inconvenientes, que o tempo desenvolveu e demonstrou; e que eu por isso já dava juntamente com exemplos bem claros e expressos, as idéias gerais do que era essencialmente preciso fazer-se logo e sem mais perda de tempo, para prevenir-se o mal que veio a suceder em novembro de 1823 (a dissolução da Constituinte), e os outros muitos males transcendentes, que êste acarretou consigo. Leia-se com atenção a novela, *na parte política*, ou (para melhor dizer) o Episódio; êsse fragmento da peça, que eu tinha escrito com tanto gosto *e cuidado e que tanto se recomendava à penetração e sagacidade dos leitores*. A sua Introdução foi obra muito posterior e de dois dias incompletos (o 1.º e 2.º de agôsto de 1826, quando ia já a dá-la ao impressor *e foi feita por motivos tão particulares como provocadores, que sofri em silêncio e que calo por honra minha e fôrça do meu caráter*, na forma do meu costume. O meu gênio, pois, a minha inclinação, o meu espírito ativo me obrigaram então (junho de 1823) a fazer logo alguma coisa própria daquela ocasião e circunstâncias".

"Ora, não devendo intrometer-me a falar nem direta nem indiretamente em coisas de governo (uma das minhas Máximas); nem sendo do meu caráter concorrer com Censuras (ou tarde) para algumas luzes dos meus concidadãos, como fazem muitos, *desabafei prevenida e oportunamente algumas das minhas principais idéias* (as mais convenientes no momento), naquela obra tôda inteira, que só devia ser lida então, como foi, particularmente entre os meus amigos (alguns da primeira gerarquia do Império); *apesar do que ainda assim por algum modo fui comprometido*. Eu a tinha feito com a maior facilidade nessa data de 1822; tal era ainda a minha disposição! E tais eram então as circunstâncias em que a fiz. Já não me sucedeu assim em 1826, em que tanto me custou a mutilar e resumí-la em têrmos, *para dá-la então ao prelo debaixo da outra forma e título sem comprometimento algum* e com aquela decência e dignidade que convinha: — reunindo-lhe mais não só a Moral com idéias agradáveis, sentimentos dignos da delicadeza e *melindre* da tão Alta Personagem a quem a dedicava (*por isso que era a Causa Imperiosa da Redução e Impressão*); como também uma resumida coleção das minhas próprias Máximas, que só aprendi no Livro Mestre do tempo à minha custa; e que são filhas genuínas das minhas continuadas reflexões; bem como outras que reservei e que devem ficar para sempre no meu peito" (13).

STATIRA E ZOROASTES

Examinando-se, página e página, o conteúdo de *Statira e Zoroastes*, desperta logo a atenção do leitor a tendenciosidade manifesta da respectiva dedicatória à Imperatriz D. Maria Leopoldina Josefa Carolina, na qual se diz ter sido ela originada na "analogia" que tem como as de V. M. as sublimes virtudes da Princesa Heroína". E não foi, certamente, sem intenção, que o autor declarou, *in fine* : "Tão Alta Proteção fará florescer e frutificar os meus princípios; e o meu nome, debaixo de Tão Alto, Majestoso Tronco, ficará abrigado à sombra Dêle".

Passando à Introdução, o primeiro fato a ser notado é a proposital justificativa da participação das mulheres na política.

Depois do auto-elogio em que lembrou os próprios serviços e a permanência em Paris e Londres (sempre tida em alta conta, entre nós), diz Lucas José de Alvarenga que é uso tratar-se das causas das revoluções, da elevação e ruína dos Impérios, ora em estilo didático, em máximas e axiomas, ora em romances e alegorias. E "não me convindo o método sentencioso por muitas razões", *escolheu o alegórico* "porque achava-me empenhado pela minha palavra em fazer uma Novela para certa Senhora, filha de uma das mais ilustres famílias de Portugal, em cuja casa fui esmpre tratado como filho, desde o meu delicioso tempo de Coimbra, minha idade d'oiro; e também porque *não sendo a Novela senão um discurso inventado para instrução dos homens debaixo da alegoria de uma ação*, pareceu-me êste meio o mais conveniente para aproveitar a oportunidade de dar algumas idéias de Moral e de Política, misturando agradàvelmente o *utile dulci* que recomenda Horácio; e finalmente por isso mesmo, que a experiência me tem desenganado, que *a vaidade dos homens desde a mais humilde condição até a maior das dignidades repele com indignação qualquer instrução que se*

(13) *Observações cits.*, págs. 62-63.

lhes dê diretamente; e que ouvem com gôsto e se aproveitam daquela que aparece como dirigida a outros fins".

Vestindo assim a Verdade, para que parecesse bela e se tornasse amável, exemplifica com o caso de Luiz XIV dizendo ao pregador indiscreto: "*Monsieur, je veux bien prendre ma part d'un sermon, mais je n'aime pas qu'on me la fasse*".

Na transposição da peça escrita em 1822 para a novela de 1826, o autor declara ter suprimido "talvez mais de três partes dela, que continham alguns debates na Assembléia Geral Constituinte e Legislativa, com a dilucidação de princípios e objeções; supri as falas de algumas deputadas; a Constituição tôda inteira; várias Proclamações e decretos; suprimi, enfim, os prospectos de dois códigos, Civil e Criminal, e o Plano de Legislação que devia servir-lhes de base; e entreguei com prazer tudo isto às chamas".

Justificando, porém, a sua publicação, alude às "circunstâncias *imperiosas*" que a determinaram, remetendo o leitor às supracitadas palavras da dedicatória. Confessa, portanto, que a novela, apesar de pequena, contém "*muito mais do que parece*". Conheceu e combate os sultões da política, isto é, "homens que queriam, despótica e tirânicamente, que as suas opiniões passassem por dogmas, e que fôssem, por conseqüência, a norma das opiniões dos outros, aliás tão livres como êles e pode ser que alguns até de melhor senso e de mais apurada instrução; e isto então sob pena atróz e cruel de serem tratados indignamente por ignorantes, destituídos do senso comum e até faltos de lógica". Combate Maquiável, pois quer a Política fundada em boa Moral. Termina manifestando a "consoladora esperança "de que a sua" falta de perspicuidade (*algumas vêzes voluntária*) *será suprida pela penetração e sagacidade dos leitores*".

Iniciando, afinal, o enrêdo da novela, conta o autor a história de uma princesa da Pérsia, cheia de qualidades e beleza, casada aos dezessete anos com um jovem príncipe, com o qual foi visitar uma famosa Escola de Filósofos ou Magos, fundada à margem do Golfo Pérsico.

Recebidos por Zoroastes, um dêsses sábios, percorreram aprazíveis passeios da Quinta e de um Jardim Filosófico (Botânico)" — notem-se as localizações cariocas — sendo conduzidos, enfim, a um ameno sítio, ornado de bela estátua feminina, onde êle lhes pudesse narrar sua história-lição.

Era Zoroastes um príncipe tibetano e indo um dia à caça, perdeu-se na floresta. Aí encontrou, afinal, uma linda moça, Statíra, filha de um velho brahmane, vestal consagrada ao culto do Fogo e, como tal, impedida de casar-se. Apaixonado por ela, resolveu vestir-se de mulher e ingressar no templo, adotando o nome de Amana, sem que a própria Statíra descobrisse o artifício. Unidos por intensa amizade, um dia, quando visitavam o cimo de certa montanha, foi a vestal roubada, em companhia de seu pai, o sacerdote, por misteriosos cavalheiros, *armados de arco e flexa*.

Desaparecido o motivo da permanência de Zoroastes-Amara, entre as vestais, abandonou-as o príncipe, retomando costumes masculinos e pondo-se a vigiar à procura da amada.

Julgou encontrá-la entre os lícios, curioso povo governado pelas mulheres, cuja soberana acabava justamente de convocar "uma Assembléia Geral Constituinte e Legislativa, para estabelecer legal e deliberadamente uma nova forma de govêrno, que julgava indispensável para legitimar a sua Aclamação e para a estabilidade, garantia e tranqüilidade da Nação". Com a convocação foi lançada uma Proclamação, na qual foram expostos os motivos daquela resolução, dentro das melhores normas possíveis, não em um hipotético reino da Lícia, mas no Brasil de 1822. Quando já se cuidava, porém, da eleição das deputadas à Assembléia, começaram a conspirar os homens do país, antes tão vardes que haviam sido despostos de suas posições pelas mulheres. Lembrou-se então a esclarecida rainha (que era também mãe de Statíra), de recorrer ao Conselho de Estado e, diante dos perigos que ameaçavam o reino, resolveu criar "uma nova magistratura com certas atribuições debaixo da proteção imediata da Deusa Polícia, por quem ela tinha sido inspirada; que o seu grande Sacerdote (14) se denominasse desde já o Magistrado d'Alta Polícia; e cuja deusa deveria ser d'ora em diante a precursora de outra denominada Justiça deusa antiga, mas sem templo, sem altares, sem ministros".

Continuando, entretanto, a agitação política, "até por via da imprensa e por meio de alguns periodistas comprados, e que nunca faltam para servir de testa de ferro, como é do costume", houve por bem a soberana (que, como aqui, também era Defensora Perpétua do país) determinar a suspensão da liberdade individual, mantendo, porém, a liberdade de imprensa, "com a única restrição de responsabilidade pelos excessos, especificando casos e declarando o juizo competente, que criou de propósito, para se verificar ali o crime e impor-se a pena", exatamente como se fêz no Brasil de então.

---

(14) Possível alusão a José Bonifácio, grão-mestre da maçonaria e criador do carbonário Apostolado.

Enquanto isto se passava, iam chegando as deputadas. "A rainha, vendo por uma parte a necessidade urgente que havia da Constituição, para estabelecer e consolidar, quanto antes, a nova forma de govêrno que projetava, e para em conseqüência dela se tratar da formação das leis que deviam formar o código da nação e tudo o mais que estava dependente dêste primeiro passo, em que se não devia perder tempo; e prevendo por outra que as deputadas, apesar da sua boa fé, consumiriam nêste primeiro importante objeto muitos meses, e talvez anos, em questões frívolas e debates de ostentação, que nada adiantam para o caso, e de cujas matérias mal concebidas, mal enunciadas e mal entendidas, podia resultar uma aluvião de opiniões diferentes, e, por conseqüência, diferentes partidos e mil outros inconvenientes, — tinha por isso arranjado uma Constituição excelente, muito livre, ao nível das idéias do século e todavia digno do Trono" — precisamente como fêz D. Pedro I em 1824.

Instalada a Assembléia, perante ela pronunciou a soberana uma sensata e brilhante Fala, apresentando-lhe o referido projeto. Lido imediatamente, e unanimemente aprovado, passou desde logo a ser a Constituição do Estado — como aqui também se pensou fazer, em 1823.

Conhecida por Zoroastes a situação da Lícia, foi também esclarecido quanto a outros fatos passados. Soube, assim, que dificuldades políticas anteriores haviam feito com que Statira fôsse levada às Indias por um tio, que ali passou por seu pai, disfarçados, ambos, êle em brahmane, ela em vestal. Voltando, os dois, ao país natal, e subindo Statira ao trono materno, manifestava, naquela ocasião, estranha aversão ao casamento — o que encheu de esperanças o apaixonado Zoroastes. Desejoso de reaproximar-se da amada, ingressou no exército, no qual teve oportunidade de prestar grandes serviços ao país, de modo a tornar-se seu comandante supremo e, conseqüentemente, íntimo da nova soberana.

Mais uma vez ligados pela amizade, muito difícil foi ao disfarçado príncipe conduzí-la ao desejado matrimônio, visto que as leis da Lícia proibiam a união da rainha com um estrangeiro. Conseguida a sua revogação e anunciado o noivado de Statira e Zoroastes, revelou êste a sua condição principesca, renunciando aos seus direitos ao trono do Tibet.

Tudo acabaria, portanto, muito bem, se a amada afinal não falecesse pouco depois dos esponsais. Entregue à sua dor, devotou-se Zoroastes ao "estudo da sabedoria", elaborando tôda uma filosofia da vida, na qual a amizade e o amor, que tanto havia conhecido, ocupavam os principais lugares. Expondo-a diante do casal de príncipes que o visitava e junto à estátua que representava Statira, estabeleceu, todavia, uma distinção entre aquêles dois sentimentos, expressando-a nesta ingênua quadrinha, que encerra a primeira novela brasileira *à clef*.

Filha do Céu, Amizade,
Tu mereces meus louvores;
Tu és bela, és doce, és terna;
Mas não és como os Amores.

EXITOS DE LIVRARIA, EM 1944

SALVADOR DE MADARIAGA

CRISTOVÃO COLOMBO

A admirável e mais documentada biografia do Descobridor. Trad. de Godofredo Rangel. Um grosso e luxuoso volume .... Cr$ 50,00

FIODOR DOSTOIEVSKI

OS IRMÃOS KARAMAZOV

Pela primeira vez traduzido dirétamente do russo este famoso romance, na absoluta integridade, sem cortes nem alterações, por Boris Solomonov. Dois elegantes volumes de copiosa leitura. Cada volume .... Cr$ 15,00

OS MAIS BELOS CONTOS RUSSOS

Por Pushkin, Gogol, Korolenko, Andreiev, Dostoievski, Chekhov, Turgueniev, Avertchenko, Tolstoi, Gorki, Merejkovski, Eherenburg, etc. Um elegante volume de copiosa leitura .... Cr$ 20,00

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR

PRIMEIRA SÉRIE

3.ª edição. Por Anatole France, Machado de Assiz, Blasco Ibáñez, Zola, D'Annunzio, Maupassant, Daudet, Kipling, Pitigrilli, Gorki, Bunin, Heltai, etc. Um luxuoso volume .... Cr$ 20,00

SEGUNDA SÉRIE

2.ª edição. Por Alexandre Dumas Filho, Selma Lageriof, Coelho Netto, Rachilde, Verga, Morand, Zangwill, Musset, Petronio, Villiers de L'Isle Adam, Varaldo, Jokai, Pardo Bazán, Rubén Dario, Bourget, Vigny, etc. Um luxuoso volume .... Cr$ 20,00

TERCEIRA SÉRIE:

2.ª edição. Por Dostoievski, Proust, Alencar, Benavente, Wells, Zweig, Sudermann, Vargas Vila, Zamacois, Barrês, Huxley, Tristan Bernard, Cami, Guglielminetti, Molnar, Wilde, Jaloux, Duvernois, Anderson, Colette Yver, etc. Um luxuoso volume .... Cr$ 20,00

QUARTA SÉRIE:

Por Maeterlinck, Judith Gautier, Deledda, Barbusse, Serao, Unamuno, Bontempelli, Ola Hanson, Mauriac, Valle-Inclán, Bailly, Frondaie, Mazeline, Péretz, Arène, Casou, Carco, Zozaya, Lichtenberger, Villetard, etc. Um luxuoso volume .... Cr$ 20,00

OS MAIS BELOS CONTOS FRANCESES

Por Fénelon, Voltaire, Diderot, Maistre, Balzac, Saint-Pierre, Nodier, Baudelaire, George Sand, Victor Hugo, Musset, Dumas, Anatole France, Daudet, Merimée, Flaubert, Zola, Maupassant, Loti, Barbusse, Louys, Maurois, etc. Um elegante volume de mais de 400 páginas .... Cr$ 22,00

OS MAIS BELOS CONTOS GALANTES

Por Cervantes, Bocaccio, Balzac, Brantome, Mirabeau, Maupassant, Colette, Remy de Gourmont, Duvernois, Lorrain, Valera, Verga, Blasco Ibáñez, André Birabeau, Valdagne, Champsaur, Farrère, Silvestre, Cami, etc. Um luxuoso volume .... Cr$ 20,00

CONDE LEÃO TOLSTOI E CONDESSA SOFIA TOLSTOI

DIÁRIOS ÍNTIMOS

O intenso drama conjugal do gênio. Trad. de F. dos Reys Coutinho. Um elegante volume de copiosa leitura .... Cr$ 25,00

ALDOUS HUXLEY

A FEIRA DE CROME

Romance. Trad. de Edison Carneiro .... Cr$ 18,00

ILYA EHRENBURG

O BECO DE MOSCOU

Romance. Trad. de Alfredo Ferreira .... Cr$ 12,00

Nas livrarias. Atendemos pedidos pelo serviço de reembolso postal sem aumento de preço e livre de porte.

CASA EDITORA VECCHI LTDA.

RUA DO REZENDE, 144 — RIO DE JANEIRO

O livro do PADRE PERERECA

HONÓRIO SILVESTRE

FLUIRA outrora à feição de moeda de bom quilate e de fóros de verdade axiomática a noção errada de que o povo brasileiro não possuía pendores de freqüente leitura, asserção em parte justificada pela notória escassez das nossas livrarias quasi tôdas estrangeiras e do minguado movimento das obras entregues ao comércio.

Apenas logravam saída e curso forçado os livros didáticos de aspecto pesado e antipedagógico, além de uns tantos romances de condenáveis traduções e de sentimentalismo escusável.

Se o assunto fôr submetido à analise retrospectiva, é fácil verificar que em parte é razoável a afirmação acima esboçada em linhas gerais. Sòmente medrava nos campos de seleção dos leitores a turbamulta dos romances de más e equívocas traduções. Os romances nacionais e as obras dos nossos historiadores eram postergados e colocados em segundo plano como cousas massantes e de pesada e indigesta leitura.

As edições das poucas obras sôbre conhecimentos artísticos e científicos se esgotavam pela ação do tempo e da carência de tiragens volumosas. Estas obras de real valor não avançavam além das primeiras edições. Apenas os livros didáticos conseguiam edições múltiplas, embora nem sempre fôssem anunciadas pela solércia dos livreiros aconluidos em dar prejuizos aos autores e professores pobres.

A classe alta que houvera passado pelos colégios estrangeiros ou se gabava de façanha **que não obrara** só lia autores franceses. Alguns de mais cultura arriscavam passeios fugazes pela nevoenta literatura inglêsa, enquanto outros pelos efeitos da gabolice mestiça se afoitavam em folhear livros alemães nos balcões da livraria Laemmert.

Mas apesar do desinterêsse dos leitores nacionais, algumas obras da nossa episódica histórica e geografia incipiente se exgotaram por completo. Passaram ao rol dos livros raros e mercados a preços altos, nem sempre acessíveis aos recursos comuns dos leitores.

Se em decênios d'antanho assinalavam-se poucos leitores das nossas cousas mais pela escassez dos livros do que pela carência de instrução média, no entanto nos nossos dias é inegável que ha franco e sincero pendor pela leitura dos bons trabalhos, mormente os de história e de reconstituição pol'tica, social e econômica do nosso país.

Neste particular, estamos felizmente em face de salutar renovação literária e cientifica aguçada pela vontade de adquirir noções novas, não só consultando as éras pretéritas como ampliando os conhecimentos necessários aos homens dos nossos dias.

Fizeram-se novas e cuidadas edições dos nossos principais romancistas. Anotaram-se obras históricas que já não podiam correr sem os comentários marginais esclarecedores dos fatos sumariados. Cuidado e esmêro tiveram as traduções das obras relativas ao nosso país que, pela inacessibilidade dos idiomas e preços exagerados, eram em geral conhecidas apenas pelos nomes dos seus autores em citações nem sempre adequadas.

Por isso mui bem andaram os livreiros esclarecidos do nosso país, mormente os do Rio e S. Paulo, em ir ao encontro das nossas necessidades culturais, editando aproveitáveis obras de história e geografia, cujos autores acompanharam e deram conta da evolução política, da eclosão dos usos e costumes e da formação da nacionalidade desde que, pela agricultura e defesa territorial, se instalaram abusos nes-

ta parte do continente sul americano. Releva notar que êste sadío movimento de publicações de obras novas e de edições comentadas de livros escassos e necessários aos estudos de renovação cultural ha sido de ordem geral, procurando todos, escritores e livreiros, colaborar nesta tarefa de salutar patriotismo.

Entre as obras raras e de iniludivel valor histórico que exigiam novas edições, colocava-se em plano superior o erudito livro do padre Luiz Gonçalves dos Santos, intitulado **Memórias para servir a História do Reino do Brasil**, o qual enfeixou em sintese compreensivel os valiosos conhecimentos sôbre os homens e cousas e os acontecimentos do governo de d. João VI, nestas partes do império colonial lusitano.

Ninguem melhor do que o famoso **Padre Perereca** poderia escrever fiéis narrações sôbre êste período da história pátria. Fôra testemunha ocular de todos os acontecimentos de uma éra agitada em que o Brasil poderia ser considerado país soberano, desde que de Portugal se transmigrára a côrte lusitana acompanhada pelo corpo diplomático estrangeiro.

Mas não bastava a publicação de tão excelente livro em que a boa e sã lingüagem de quem versára as letras greco-latinas dava encantos à prosa apropriada à majestade do assunto. Havia necessidade de ser anotada por quem a pudesse fazer pelo concurso de comprovada capacidade mental e de vastos conhecimentos sôbre a história dêste periodo de transição político-econômica do país.

De tão nobre e elevada tarefa que exuberou e modernizou o trabalho do **Padre Perereca** em face das exigências culturais do momento, teve incumbência o Sr **Noronha Santos** que, em outros livros anteriormente publicados, patenteou e revelou aos leitores ávidos de conhecimentos seguros dos nossos fastos e cousas larga soma de noções hauridas nos nossos arquivos e nas leituras de vasta e escolhida literatura especializada.

Ao anotar o livro, **Noronha Santos** aclarou as áreas escuras das suas páginas. Mostrou o que foi o Rio de Janeiro d'antanho, a metrópole elegante dos nossos dias, apesar da sanha destruidora e inestética de alguns espíritos iconoclásticos, sedentos de escusáveis pelintragens arquitetônicas.

A história da cidade e a crônica substancial dos rocios e ruas públicas, dos monumentos, das igrejas e conventos, se acham esboçadas em sínteses admiráveis, consultando a curiosidade dos estudiosos que se interessam pelas nossas tradições numa época de desrespeito truculento ao passado.

Em face da história do nosso pequeno acervo de monumentos de pedra e cal, embora respeitáveis e dignos de conservação. **Noronha Santos** adicionou as resenhas dos acontecimentos em que o homem se tornou o principal fator.

Desta maneira podemos nos nossos dias ter idéia bastante perfeita a respeito dos homens e dos acontecimentos que se entrelaçaram nos primeiros decênios do século 19. Basta cuidadosa leitura.

Ao leitor atual foi facilitada a tarefa de bem compreender a história e a crônica de um passado que não é longínquo, mas

que nas suas linhas gerais chegou aos nossos dias com algumas obliterações, falhas e incertezas.

Mas além de anotar e comentar o livro do **Padre Perereca, Noronha Santos** foi mais adiante no empenho de evidenciar a personalidade enérgica do famoso presbítero, que ao primeiro exame se nos apresenta à maneira de um padre pacato e sem maiores preocupações do que as relativas aos seus mistéres eclesiásticos. Estava sempre nas linhas de frente.

No entanto, o **Padre Perereca** de pena em riste ao serviço de sublimes ideais enfrentou figuras de relêvo político e tratou de assuntos de importância e responsabilidade. Jamais desanimou em frente dos poderosos momentâneos.

Logrou merecido destaque entre os publicistas desta quadra de constituição plasmática da nossa pátria, notadamente quando à ribalta das discussões doutrinárias chegaram os assuntos pertinentes às regalias políticas da igreja dominante. Era radical nas suas afirmações.

Investiu contra o padre Diogo Antonio Feijó, político eminente, personalidade corajosa e de atitudes francas, embora nem sempre justificáveis.

Defendeu as prerrogativas seculares da igreja católica, evitando assim o regalismo de que se achavam eivados muitos políticos dos primeiros lustros do império.

Atacou de frente a propaganda protestante que, com o advento da nossa independência e o reajustamento das novas instituições sociopolíticas, houvera arribado nas náus ronceiras procedentes dos portos norteamericanos. Viera envolta nas páginas das bíblias e panfletos de más traduções. Antevira o futuro da solerte propaganda em dividir a família brasileira.

Além do mais mui concorreu, graças aos seus copiosos artigos no jornal **Reverbéro** para que se transformasse em realidade a Independência do Brasil, o sonho, glorioso dos nossos maiores em pugnas anteriores.

Foi um erudito de são equilíbrio, que se abeberando nas fontes luminosas do saber clássico versara as letras greco-latinas e conhecimentos profanos e religiosos, tornando-se esclarecido humanista deslocado da atividade mental dos séculos de Espinosa, de Martim Luthero, de Leibnitz, de Grotius, Voltaire e tantos outros.

Pois bem, **Noronha Santos**, em rápido e preciso bosquejo de mestre sabedor das cousas e amante carinhoso da sua querida terra natal, não só transportou nos comentários, nas notas e nos apêndices às **Memórias** a feição passada da urbe carioca, como evidenciou a função social e política do **Padre Perereca** numa quadra de montagem e de reajustamento das nossas instituições.

Ninguém, a não ser **Noronha Santos**, poderia ter tido tão complexa e difícil tarefa. Para compreender a obra do ilustre sacerdote, sòmente quem durante anos tratou os nossos arquívos o poderia fazer.

Sem que haja de nossa parte o propósito de arranjar serviços, pedimos e imperamos a todos os deuses que ao empreender a casa Valverde a republicação dos trabalhos raros de **Silva Lisbôa** e **Pizarro** não sejam jámais esquecidas as anotações que nelas **Noronha Santos** poderá fazer, esclarecendo e enobrecendo o assunto, tornando-os compreensíveis e proveitosos aos leitores dos nossos dias.

Cremos nada exagerar. Fazemos justiça a quem muito ha feito pela divulgação dos fatos pertinentes à história particular da cidade do Rio de Janeiro, além do que outróra escrevêra sôbre a localisação e aldeamentos dos índios nas terras da província fluminense.

Prestamos-lhe as nossas sinceras homenagens e agradecimentos, porque soube dignificar o trabalho honesto, são e de elevado alcance cultural.

Manuel Antonio de Almeida

HERBERTO SALES

COM o desenvolvimento dos métodos de análise psicológica, a ânsia de observação, o desejo de constatar e descrever a realidade empolgariam os romancistas e poetas, de Stendhal a Gautier, e mesmo políticos, como Constant, todos tocados da paixão de tudo desvendar no homem, de percorrer, com a minuciosa curiosidade de egiptólogos ingleses, os escusos subterrâneos da alma humana. Foi um período, podemos dizer, que se caracterisou por uma espécie de auto-vandalismo, o homem se insurgindo contra as clausulas do templo psíquico para erguer véus de mistério até então pesadamente descidos sôbre as coisas. Um Stendhal terá sido um desapiedado iconoclasta do coração feminino, virando de pernas para o ar o santuário do amôr que uma atmosfera de doçura e paz aparentes envolvia.

Reveste-se todavia dum caráter de transição, a despeito do que de violento e renovador possa encerrar, essa fáse do romance psicológico ou de caracteres, que nos deu, fóra do gênero romance, o famoso tratado **Do Amor.**

Stendhal, sempre à procura do "fáto verdadeiro" foi, ainda que se lhe deva — como observa Manuel Bandeira, "um grande desenvolvimento na análise psicológica dos móveis das ações humanas, do trabalho mental que as prepara, do esfôrço da vontade que as realisa", — um **romântico,** sinão pelo processo, ao menos no gôsto e por temperamento.

Aliás Bourget nos diz que Stendhal, dos mais imbuidos da idéia nova a qual Taine daria a fórmula nítida e precisa, quando definisse a literatura como sendo uma "psicologia viva", seria, apesar de todo o seu desejo de renovação,—o primeiro a entrever a possibilidade do "casamento da imaginação com a pesquisa científica" (tal era o trabalho de investigação em que se fundavam os métodos de análise psicológica no romance).

A ruptura não se efetuaria totalmente pois, uma vez defendendo êsse principio, Stendhal não fazia outra coisa sinão conciliar o romance de caracteres com o gênero de seus antecessores, os **românticos.**

O **romantismo** dera lugar a uma literatura imaginativa por excelência, onde a emoção e a sensibilidade efusivas contrafaziam a realidade com evidente prejuizo para o elemento **humano.**

Stendhal, que morreu em 1842, nos fins do **romantismo,** portanto, erguer-se-ia contra o ambiente circunstante para preconisar justamente aquilo que os **românticos** mais desdenhosamente tinham desprezado. Contudo, movido por ideais de reajustamento **humano** na arte, encabeçando uma reação contra o que de falso poderia encerrar a literatura de Dumas, Stendhal acomodaria investigação psicológica às dóceis fórmas **românticas.** Fazendo concessões aos processos **românticos,** Stendhal ficaria não como um renovador propriamente dito, antes como um intermediário entre os dois movimentos cujos expoentes serão certamente Hugo e Flaubert. A ruptura com os métodos **românticos,** essa só se realizaria, e de fórma admirável, algum tempo depois, com o **Madame Bovary.**

Êsse período, em que se agitou Stendhal com o romance de caracteres (só compreendido e conseqüentemente valorizado muito tempo depois), terá sido não um período de renovação, mas, com mais propriedade, a fáse preparatória do movimento **realista,** de métodos flagrantemente antagônicos aos do **romântico,** e cuja eclosão se daria com o aparecimento da história de Emma.

Balzac terá ido além do grande Stendhal, ainda que **romântico** como êste último, na feição por vezes melodramática e na exuberância da composição, no "aparato lírico".

Porque soube, ou tentou — como queria Bourget — fundir o romance de caracteres (do qual Beyle foi um autêntico mestre) com o romance de costumes. Reproduzir "ao mesmo tempo os costumes e os caracteres" — eis tudo para Bourget.

Ora, na literatura brasileira verificou-se um caso verdadeiramente espantoso. Sem fáse preparatória alguma e, o que é excepcional, sem que Flaubert tivesse publicado ainda o seu **Madame Bovary**, antes do advento do **realismo**, portanto, aparecem as desnorteantes **Memórias de um Sargento de Milícias**, de Manuel Antônio de Almeida, um rapaz "fluminense" que se aventurava a fazer jornalismo, e foi assim uma espécie de avatar do **realismo**...

Seu romance, vasto panorama dos costumes do "tempo do rei", não se ressentiria da falta daquêle traço primordial dos livros da escola que se contrapôs ao **romantismo**. O autor como diz Ronald de Carvalho, "não evitava as dificuldades com meia dúzia de lugares comuns dessaboridos, ia ao encontro delas, atacava-as de frente, como o fariam mais tarde os **naturalistas**, sem rodeios, nem rebuços".

Com o aparecimento das **Memórias de um Sargento de Milícias**, o **realismo** coexistiria entre nós com o **romantismo**, sem conhecer o processamento da transição que houve na literatura francesa, com Stendhal e Balzac. Manuel Antônio entraria para a literatura brasileira com a violência das coisas imprevistas. Seu livro foi qualquer coisa como um grito de protesto contra o beletrismo de calças curtas do **romantismo** nosso grito que se perderia no ambiente entorpecido de então para só ecoar muito mais tarde.

Em conferência divulgada por certa revista da Bahia — **Alguns Problemas da Literatura Hispano-Americano** — Jorge Amado teve oportunidade de salientar êsse fáto: "Quando lemos hoje as **Memórias de um Sargento de Milícias**, temos a impressão de ler um livro dos dias de agora, tal seu avanço de técnica ao contácto com um assunto popular. Êste livro sái dos limites do **realismo** de então, o seu conteúdo populista levando o autor à sua concepção técnica **que não encontra similar em nenhum dos seus contemporâneos brasileiros**".

Em trabalho recentemente publicado (**Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida** — Edição do Instituto Nacional do Livro, do Ministério da Educação e Saúde — Col. B 3, Biografia — 1), Marques Rebêlo transcreve a carta de 1858, a Augusto Emílio Zaluar, da qual ressumbra um entusiasmo muito vivo de alguém a quem repugna o comodismo de repetir, de recriar com material alheio. "Extasia-me a fecundidade da poesia, da história e da literatura modernas que excederam de uma imensa superioridade tudo quanto produziu o mundo antigo" — escreveria Manuel Antônio a Emílio Zaluar.

E a circunstância de haverem aparecido as **Memórias**, na sua primeira publicação em livro, assinadas por "Um brasileiro", denota bem o seu desdém pela infrene literatura importada na qual um Alencar, com as suas florestas de montagem teatral, anteciparia os "trader-horns" de Holywood. Marques Rebêlo, anota êsse detalhe no seu trabalho, quando diz que o fáto dessa primeira edição (em dois volumes) trazer a assinatura de "Um brasileiro" "não deixava de ser uma concessão ao espírito de brasileirismo então imperante".

As **Memórias** surgiram quando a literatura brasileira mal acabava de chegar o bonde atrasado do **romantismo** (atraso — diga-se de passagem — que foi característica nossa em todos os setores), com Alencar, o simpático Macêdo, etc

Alencar, embora penetrado das melhores intenções nacionalistas, mais penetrado estava de idéias de urbanização e, de poção em punho, despersonalizaria as florestas brasileiras transformando-as em românticos parques a que só faltavam mesmo as fontes luminosas de hoje. Nas suas florestas, os lamaçais palúdicos cederiam lugar a lamaçais de tintas.

As **Memórias**—livro avançado no tempo — não mereceriam a atenção dos leitores embevecidos do ameno Macêdo. E a primeira edição não chegaria a exgotar-se. Contudo outras edições se fariam, mas tôdas elas sem êxito; o ambiente era dum indiferentismo álgido. E quanta incompreensão! Quando as **Memórias** sairam em fo-

lhetins no "Correio Mercantil" Macêdo as chamou de artigos. Ninguem entendia Manuel Antônio. Dir-se-ia que seu grande romance tinha sido escrito em chinês ou árabe. Até mesmo seu maior amigo, Bethencourt da Silva, — como observa Marques Rebêlo, — mostraria "que era mais amigo do autor que admirador do romance", no qual acreditava ter "o talento de Manuel Antônio de Almeida apenas de leve se estampado". E achava mesmo, um tanto superiormente, que o livro era "obra de poucas páginas"...

Êsse ambiente carrancudo de injustiça não lograria porém modificação muito sensível depois que Machado, Pompéia e Aluízio imprimissem um novo rumo à nossa literatura. A incompreensão da obra de Manuel Antônio, vemo-la prolongar-se — o que é atordoante — até os nossos dias. As **Memórias** foram incompreendidas e injustiçadas quando o indiferentismo não subsistia, e até mesmo um Machado de Assis (ao menos por gratidão ao que fizera por si Manuel Antônio) não escaparia e olharia por cima dos ombros para as **Memórias**.

E hoje, quando o livro de Manéco é situado no seu lugar devido, que tôda uma geração se movimenta para reparar a falta das anteriores e coloca o grande romancista brasileiro ao lado dos maiores — onde êle sempre devêra estar — ainda aparecem páginas, verdadeiramente anacrônicas, sôbre as **Memórias**, como se viessem duma Bahia onde existisse ainda um Muniz Barreto. Quero me referir ao crítico Olívio Montenegro. No seu **O Romance Brasileiro** (livro que eu conservo com muito carinho e releio sempre pelo interêsse e excelência de outros ensaios nêle contidos) há um estudo, repleto das mais brilhantes incompreensões ,acêrca das **Memórias**. E o que eu quero ressaltar principalmente (já não falo das injustiças) é a sensação física de avressão que sentimos ao lêr o ensaio do crítico pernambucano. E tal é o caráter violento, duro, ríspido, do estudo de Olívio Montenegro que, não há dúvidas sôbre isso, sobrevivesse Manuel Antônio ao naufrágio do "Hermes", não escaparia certamente da fôice do crítico do Recife. Respeito e costumo acatar as opiniões de Olívio Montenegro. Mas o que êle escreveu sôbre as **Memórias** é o que há-de mais absurdo e desnorteante. E se se salva algum trecho onde a justeza e acuidade dum conceito possa compensar a inutilidade de períodos inteiros, será precisamente quando êle, discorrendo sôbre o romance de costumes e o romance psicológico, resume Bourget sem lhe citar o nome.

O estudo de Marques Rebêlo é obra oportuníssima e seu conhecimento se faz necessário uma vez que se trata de importante contribuição à bibliografia de Manuel Antônio.

Ninguém melhor que Marques Rebêlo para falar da vida de Manuel Antônio: porque falar do romancista das **Memórias** é falar do Rio, dêsse Rio que o lírico de **Stela me Abriu a Porta** conhece tão bem e ama tanto, com aquêle mesmo enternecido amôr dum Lima Barreto, dum Machado, dum Manuel Antônio.

Marques Rebêlo é carioca, patrício de Manuel Antônio (naquêle tempo dizia-se "fluminense"). Leva a vantagem de, ao amôr da paisagem e da vida de sua terra aliar uma séria e antiga admiração pelo romancista das **Memórias**. E' com a fascinação de quem descobre uma maravilha que Marques confessa no prefácio que as **Memórias** foram um "achado deslumbrante dos seus dezesete ânos no deserto nacional dos livros". (Que dolorosa verdade encerra essa metáfora saariana!). Noutra passagem exclama, com comovida alegria (alegria de quem ama sua terra e se interessa pelo passado dela): "Quanta coisa êle nos conta do tempo do rei!" Sim, do Rio colonial, escrevemos nós. Do Rio que um século depois teria como o do "tempo do rei", seu enternecido romancista na pessôa de quem viria escrever, tôda uma série de livros onde as crianças, os funcionários públicos, as criaturas humildes dos subúrbios cariocas apareceriam com suas desgraças e alegrias

Marques Rebêlo é o irmão mais novo do grupo ilustre de escritores cariocas. E com o carinho, a simpatia, a veneração de membro mais novo fala sôbre o mais antigo de todos êles — Manuel Antônio de Almeida.

O livro de Marques Rebêlo é de fato a vida que teve o autor das **Memórias**. O livro nada tem daquêle ar sizudo e artificial peculiar às dissertações de estranhos. O livro é como um retrato de família. Traz um certo conchego, uma doçura de intimi-

Clima da Poesia: LIBERDADE

DUVITILIANO RAMOS

MOACYR DE ALMEIDA foi o nosso poeta do nihilismo. Sem ter feito, pròpriamente, poesia social, sem haver registado os quadros angustiosos da vida das massas, todo o seu processo individual, seus ritmos ásperos e originais e a sonoridade verbal com que ressalta o sentido enérgico e diferente de sua poética, imprimindo-lhe não raro um dinamismo avassalante, exprime, na exaltação de sua "arte divina e resplendente" erguida como um desafio à paisagem angustiosa da época, os anseios, as revoltas, os protestos e as descrenças que nortearam, neste Rio "internacional e folclórico", as camadas populares nas lutas operárias de 17-18, no ano indeciso de 19 e nos anos seguintes de repressão violenta da agitação social. Porque só um idealista combativo podia rimar, à maneira de Castro Alves, as estrofes incandescentes e desesperadas de **Gritos bárbaros**.

Aliás, êsse lado interiorista do poeta foi, há uns vinte anos, denunciado pelo crítico Osório Duque Estrada, num dos seus "registros" no **Jornal do Brasil**, no qual estampou dois ou três sonetos, e, referindo-se a um encontro que tivera com o autor, classificara-o de "tímido". Uma grande fôrça de revelação tolhida pelas inibições de experiências amargas e torturantes e em atritos com o meio ambiente — tal foi a tragédia dêsse poeta de vinte e três anos, um subjetivista sensível aos apêlos de sua geração.

Sente-se no livro a ânsia do infinito, do ilimitado, por meio da qual o poeta afirma o seu não-conformismo com os preconceitos vigentes. O que implica, para muitos, numa fuga. Não importa: a metafísica desculpa... O próprio elemento ígneo: turbilhões de chamas, crepitações de crateras, "sol que ensangüenta o céu e cresta as matas bravas", incêndios de florestas — bem como outras expressões características, — é bem elucidativo quanto à formação libertária do poeta. Como uma transposição, para a poesia, do sentimento geral, absorvente, naqueles agitados dias de greves gerais e combates de ruas. A identidade de época impõe o confronto: um folheto operário, daqueles dias de luta, traz uma **Marselhesa de fogo**, cujo primeiro verso é: "A chama a crepitar em círculos, dansai — dansai..." E uma modinha: "Salve, sol, teu nome auricrinito, invicto arrebol..." E os versos incandescentes da **Ode ao sol**, de José Oiticica. Significativos daquele momento histórico: era preciso destruir, fazer arder tôdas as velhas formas de opressão. Na Rússia pre-revolucionária, o grande elemento poetizado foi a água: "Volga, Volga, matronae..." Entre nós, preferiu-se o fogo. Questão de clima. Somos do trópico. Sol e chamas crepitam e ardem nos **Gritos bárbaros**. Florestas e paisagens são calcinadas numa orgia de labaredas, como em "Incêndio na floresta":

"O luar, fugindo através das alturas,
Sente as chamas uivar pelas furnas escuras,
Como bárbaros cães de língua rubra e informe,
Torvos, de escantilhão, pela floresta enorme!
O incêndio! Ei-lo a rugir, agitando entre ventos
A nervosa evulsão dos cabelos nevoentos,
Nos túrbidos desvãos dos rochedos selvagens."

Em "Desesperação de cinzas", o poeta inicia o depoimento sôbre a sua tragédia íntima. E regista o protesto com a peculiar riqueza de imagens:

"No martírio das minhas esperanças,
Tive raivas, blasfêmias, desvarios...
E ergui meus braços, hirtos como lanças,
Contra os astros sonâmbulos e frios.

---

dade só encontrada nas velhas cartas dos parentes muito amados.

Quero chamar a atenção principalmente para a bibliografia apensa à obra, trabalho duma paciência e dum cuidado comovedores. E dum valor eminente para os estudiosos da literatura brasileira. E, diante dos atentados de que tem sido vítima a obra de Manuel Antônio, através das várias edições que dela foram tiradas, só nos resta encarecer, com Marques Rebêlo, a conveniência duma èdição fotografada da primeira para que em seu texto integral se faça conhecer o grande romance daquêle rapaz que se chamou Manuel Antônio de Almeida.

Porque jamais os sóis, em noites mansas,
Rasgassem luz nos meus fatais transvios,
Abri-me em ódios e desesperanças,
Como um vulcão se abre em clarões bravios."

Em "Avatares", há uma quase revelação. Porque permanece nas meias tintas, tolhida por qualquer motivo, imprecisa ainda. O poema é tôda uma rajada de revulsões cósmicas contra as limitações que o feriam. Destaco um trecho:

"Ainda guardo a impressão dos tormentos sofridos,
Quando, soldado à pedra, prisioneiro,
Senti a febre do universo inteiro,
No meu sonho de auroras e rugidos.
E eu,
Negro, vermelho, trágico, medonho,
Via, nas sombras do despenhadeiro,
A Humanidade, sôbre o Cáucaso do Sonho,
Soluçar, entre raios e bolidos:
Prometeu!
Prometeu!

Emotivo como poucos e com uma rara potencialidade poética, Moacyr de Almeida não chegou a compreender inteiramente — pelo menos, não enunciou claramente nos seus versos tão cheios de alvoradas, — o sentido histórico do momento em que viveu. O meio e a época — período de ruptura com o parnasianismo, Graça Aranha escandalizando a Academia com o "Espírito moderno", o movimento paulista de arte moderna em concomitância com as agitações sociais e políticas, a oposição a Tio Pita, a Reação Republicana, a epopéia dos Dezoito do Forte, a comemoração do Centenário — teriam encaminhado sua arte livre e poderosa para refletir as angústias da plebe, não fôra a reação feroz então desencadeada, ferindo tão duramente sua sensibilidade aguçada. Contudo, além do tom, da forma e da própria terminologia libertária que emprestam aos seus poemas êsse som onomatopaico de notas musicais, estridentes e selvagens — clarinadas de um revoltado, — há o poema "Os subterrâneos", bem expressivo:

"Há um surdo marulhar de almas escravizadas...
Ouve essa voz que sobe das entranhas
Do mundo! Escuta as multidões
Desvairadas,
Caóticas, estranhas,
Rolando em sonhos no trevor profundo
Dos subterrâneos trágicos do mundo!

Oh! Como ruge o mar das almas em tortura!
Que horrivel soluçar, que ondas enormes,
Desconformes,
Tempestuando de amargura,
E encachoeirando em lágrimas raivosas,
E estrondando em mares de queixas dolorosas,
E espedaçando em vendavais de dores,
Espumejando fel, relampejando horrores!

Tu que vives à luz da vida,
Entre o fulgor de rosas e de espelhos,
Escuta êsse fluir de Amazonas vermelhos,
Oceano de almas, torrentes de agonias!
Escuta as almas sombrias!
Escuta! São os réprobos da Vida,
Nos subterrâneos da Vida,
Nos sete circulos da Vida!

Fui onda desse mar... Queimam-me os olhos
Visões amargas... Ainda a espuma
Das vagas me enche as pálpebras em pranto...
Vim dessa treva, dêsse cáos de bruma,
Dêsse Hades
De escravos, dêsses báratros de escolhos,
Dessa geena de espanto,
Dêsse braseiro de tempestades!

Homem! Sob os teus pés, ha Titãs algemados,
Espectros encadeados,
Chorando enquanto rís, sangrando enquanto gosas...
Mártires cujo pranto cristalizas
Em diamantes,
Mártires cujo sangue extrais em rosas,
— Diamantes e rosas com que tapizas
O leito de tuas amantes...

Sangue e pranto das multidões escravas
Nos infernos sociais!
As rosas desabrocham como lavas...
Os diamantes teem gumes de punhais..."

Com êsse poema, Moacyr de Almeida fixou, nos idos de vinte, para as novas gerações, o caminho a percorrer pela poesia proletária. Foi um precursor. Porque sentiu de perto — "Fui onda dêsse mar... Queimam-me os olhos visões amargas..." — a dor e as torturas, o sofrimento e os desenganos que imprimem, na fisionomia das massas populares, êsse tom parado e caracteristico de pobres-felizes...

BASES PARA A LITERATURA INFANTIL

MURILLO ARAUJO

1 — O reino da infância é o da imaginação pura. A manhã da consciência é um estado poético e seu mundo é a poesia.

2 — A criança ainda não apreende as realidades da vida. Ela é um ser maravilhado em frente ao pórtico da vida. Sua hora é hora de milagres.

3 — Na puerícia a emoção vence a razão. Para ela acontece **o que devia** e não o que podia acontecer...

4 — Quanto mais um livro convém a um homem menos convirá a uma criança... porque em suas páginas quanto mais verdade houver, menos haverá de maravilhas.

5 — Tôda a criação folclórica não obscena convém aos pequeninos... Porque a alma da meninice é irmã de outra alma primitiva — a do povo.

6 — O conto para as primeiras idades se inclúi no ciclo do mistério. E' a época do prodígio fácil, dos magos e fadas, da mitologia.

7 — A novela do adolescente pertence em geral ao ciclo do poder. E' a idade do sobrehumano heroísmo, da aventura incomum, da vitória incrivel.

8 — Não convém à criança a criação própria do ciclo da vida. O romance do real é uma ficção para adultos.

9 — A moralidade na literatura infantil não deverá ser direta. A criança é menos sensivel ao conselho que ao exemplo. Move-se muito menos pela lógica do que pelo sentimento.

10 — A poesia e a prosa cantável são formas realmente adequadas à infância. Para a gente miúda, saltitante e alada a linguágem natural é o gorgêio...

11 — E' imenso absurdo proscrever o inverosimil dos livros para meninos. Convem-lhes mesmo o fabuloso, o fantástico. Primeiro porque essas côres vagas são as côres do seu domínio; e segundo porque o imaginário nada mais é do que o projeto do real.

12 — A ficção mais estranha é apenas a visão de uma verdade diversa ou a

antecipação de uma verdade futura. Quantos assombros dos contos mágicos a ciência não mudou em realidades comuns!

13 — A literatura infantil é infantil pela idéia; deslumbrada, ingênua, emotiva, irreal, inquieta, cheia de surpresa... A literatura infantil é infantil pela forma: direta, recreativa, imaginosa, melódica, cheia de refrões insistentes, bastante alegre e musical.

14 — Se "a arte é um jôgo", a arte da criança deve ser um jôgo totalmente ingênuo. A literatura infantil deve ser curiosa para ser fácil.

15 — O estilo dessa arte deve ter o movimento da vida. Deve ser ágil, versátil, colorido, como o espírito nas primeiras idades.

16 — E' um êrro por na bôca infantil poemas ou prosas que divirtam os adultos. São monstruosas as anedotas irônicas, as histórias jocosas que as criancinhas murmuram, sem entender, para que os adultos riam...

17 — Os garotos detestam o estilo bom-senso. Nada mais tedioso para os pequenos que o texto gênero guia de conversação: "Paulo é um menino estudioso e educado... Êle escova os dentes... Nunca falta à escola..."

18 — Os garotos se aturdem com a frase incisiva. Como surdos que berram com a impressão de que os outros não os ouvem, ha autores que, falando às crianças, esquecem quanto elas têem os ouvidos tênues e delicados...

19 — Os garotos se enfadam com o jargão dos técnicos. Um burrico para elas deve ser um bichinho esperto, caprichoso e arteiro... e nunca um grave animal da classe zoológica dos vertebrados...

20 — A arte da criança é um brinquedo encantado. Sim, deve ser lindo, maravilhoso, ligeiro — um tapete voador para levá-las às estrêlas...

OLAVO FREIRE E OS ESTUDOS GEOGRAFICOS

NORONHA SANTOS

OLAVO FREIRE DA SILVA — ou simplesmente o professor OLAVO FREIRE — cuja existência se encerrou a 22 de março de 1941 em sua residência à rua André Cavalcanti (antiga Silva Manuel) n. 126 foi uma das mais fulgurantes figuras das letras didáticas brasileiras.

Filho de Feliciano da Silva e de D. Julia Malheiros Freire da Silva, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 10 de maio de 1869 numa modesta habitação do morro do Castelo, transcorrendo-lhe os dias da infância na histórica colina tão repleta de evocações do velho Rio de Janeiro.

Orfão de pai, ainda muito moço, matriculou-se no afamado Colégio Meneses Vieira, encontrando carinhosa proteção do provecto educador Joaquim José de Meneses Vieira e de sua espôsa, D. Carlota — a bondade personificada e anjo tutelar dos desprotegidos da sorte.

Naquele modelar estabelecimento de ensino, sito à rua dos Inválidos n. 26, completou OLAVO FREIRE o curso de humanidades, e aprendeu, sob os salutares exemplos de Meneses Vieira a considerar o magistério como sacerdócio, não o admitindo como meio de vida mercantilizado — êle bem o disse em artigo publicado no *Jornal do Comércio*, de 23 de agôsto de 1938, dando-nos excelente biografia do notável professor.

Aplicadíssimo aos estudos, o discípulo amado do Colégio Meneses Vieira, decorridos alguns anos, entregou-se à tarefa de compor livros destinados à mocidade — escritos com método e clareza, de fórma a conquistar em pouco tempo o aprêço e a estima de todos os círculos culturais.

Mestre e autor acatado, redobrou de esforços na organização dos gabinetes do Pedagogium e na antiga Escola Normal, nos primeiros anos da República.

Em 1894 ultimou os católicos do museu pedagógico e da sua biblioteca — serviços que executou sob imediata orientação de Meneses Vieira, diretor do instituto de ensino fundado por Benjamin Constant, quando Ministro da Instrução Pública, do Govêrno Provisório de 1889.

Medeiros e Albuquerque, que o tinha em alto aprêço, nomeou-o membro do Conselho Superior de Ensino, função que exerceu com raro devotamento durante a administração do brilhante e dispersivo polígrafo na Diretoria de Instrução Pública Municipal.

Andam em mãos de estudantes e enriquecem a bibliografia didática preciosos livros da lavra de OLAVO FREIRE — compêndios de desenho elementar e geométrico, aritmética e geografia, mapas, plantas e

Olavo Freire

atlas, trabalhos manuais e cartográficos, traçados com proficiência e de acôrdo com os programas de ensino.

Em tudo que fez, se revelou autor minucioso e competente, de forma a satisfazer os espíritos mais exigentes e os críticos mais severos. Todo êsse esfôrço, que seria suficiente para absorver inteiramente a capacidade produtiva de um escritor, se afigurou, entretanto, ainda deficiente à inteligência investigadora do saudoso mestre. Durante dez anos de labor — dez anos de meditações e exaustivas pesquisas, vímo-lo arredio dos amigos e do convívio social, sem descanso, no preparo do grande *Atlas do Brasil* — que deveria ser ultimado em Paris, quando deflagrou a tormenta sangrenta de 1914.

A *Geografia Geral*, editada após a primeira conflagração mundial, constituiu uma novidade nas rodas livrescas e nos colégios, pela série de informações, as mais recentes e exatas, acêrca das novas fronteiras européias, retificadas, em consequência do tratado de Versalhes, além de inserir em suas páginas subsídios concernentes à situação política e econômica do Velho Mundo, como dos demais continentes atingidos pela catástrofe de 1914-918.

A sua *Corografia do Brasil*, editada pela Companhia Gráfica Monteiro Lobato, de S. Paulo, obedeceu a um plano jámais observado em trabalhos didáticos no Brasil. Vasto repositório de dados relativos ao território nacional e aos opulentos recursos naturais, industriais e comerciais das cidades e dos campos, oferece a obra subsídios históricos e estatísticos, inclusive dos apurados nos últimos recenseamentos e os mais completos informes atinentes à balança econômica do país.

Estas páginas, elaboradas sob semelhante critério pedagógico, deveriam servir como fonte auxiliar do *Grande Atlas do Brasil*, que a êsse tempo estava sendo impresso em Paris. A guerra européia, com seu cortejo de infortúnios, impediu que se ultimasse a gravação de parte dos *folios* do atlas e muitos dos *clichés*, salvaguardados da destruição nos subterrâneos da capital francêsa, ficaram estragados.

Para elaborar e traçar êsse *Atlas do Brasil*, recorreu o autor a uma infinidade de fontes que lhe pareceram aproveitáveis, mas nem sempre foi bem sucedido. Faltou-lhe, em muitos casos, nas repetidas solicitações feitas às autoridades estaduais, a cooperação que desejava e esperava para levar a têrmo a sua grande obra de brasilidade.

"Quem nunca se dedicou a um trabalho nestes moldes — escreveu OLAVO FREIRE em sua *Corografia do Brasil* — compêndio destinado a todos que amam êste opulento país e se interessam pelo seu progresso — jámais poderá avaliar a enorme soma de energia que se dispende para chegar à coordenação dos informes relativos à parte política, pela contínua versatilidade de nossas leis."

Para o utilíssimo atlas organizou o autor um índice analítico, que mereceu honrosas referências do erudito e sempre lembrado filólogo e historiador Barão de Ramiz Galvão, expressas nestas palavras da introdução do *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, de iniciativa do Instituto Histórico:

"Quanto aos nomes geográficos brasileiros, sôbre cujo grafar também discordam os autores, foi tomado como norma o copioso índice onomástico do esplêndido *Atlas do Brasil*, que o professor OLAVO FREIRE tem pronto para dar à publicação e pôs à nossa disposição.

Pareceu-nos o mais seguro guia para solver a dificuldade, e foi êsse um grande auxílio prestado à presente obra pelo refe-

rido cultor da geografia brasileira — a quem tributo sinceros agradecimentos."

Desde a elaboração do catálogo da biblioteca do Pedagogium, abandonado durante muitos anos no casarão da rua do Passeio e destruído, afinal, pela traça, devido ao descaso dos homens, o mestre incansável que foi OLAVO FREIRE se subdividiu num labor beneditino.

Justo, probo e severo no cumprimento do dever, como professor, quanto simples, acolhedor e prestativo no convívio dos amigos, o ilustre mestre da nossa geografia era uma das almas mais curiosas e norteadas pelo patriotismo, para a análise serena e quase sempre otimista a respeito das cousas da nossa terra.

Nas multíplices facetas dessa operosidade, encontraremos traços expressivos do seu caráter adamantino e da probidade com que procedia em todos os trabalhos saídos de sua pena.

Para a elaboração de uma antologia geografia do Brasil e de um quadro sinóptico, com o registro de fatos históricos, geográficos, sociais e econômicos, o pesquisador paciente descia aos mínimos pormenores, depois de haver recorrido às anotações constantes de vários fichários.

A Amazônia e Mato Grosso se afiguraram desde logo ao espírito arguto e prático de OLAVO FREIRE um mundo de atrações, por já serem melhor conhecidos e estudados, graças às explorações procedidas pela patriótica Missão Rondon, que abriram novos horizontes aos estudos brasileiros.

Num estilo claro e com segurança de raciocínio, vemos o discernimento com que se houve no julgar os elementos que se ajustaram para o progresso nacional: — a mineração, os produtos agrícolas e industrializados, o açúcar, o café, o algodão e, ao mesmo tempo, a descrição colorida dos campos, das praias, das montanhas, dos rios, da flora e da fauna.

Todos os aspectos da fisiografia brasileira, todos os passos da nossa vida de povo, — ocupando vastíssimo território, um dos maiores do mundo — são vivamente sentidos nas obras de OLAVO FREIRE — revelando-se-nos o escritor inexcedível pela abundância de informações e, sobretudo, pelo apuro na seleção.

Quer na colaboração que manteve para o *Atlas* do Barão Homem de Melo, quer escrevendo o capítulo destinado ao *Dicionário* do Instituto Histórico, comemorativo do centenário da Independência (não publicado até agora) e relativo ao Distrito Federal; quer, ainda, ampliando e atualizando ao novo programa de ensino, o compêndio de desenho do professor Melo e Cunha — se revelou o grande mestre esforçado trabalhador, exato, meticuloso e honesto.

Uma estrada de rodagem que, em Mato Grosso, ou no Maranhão, em Minas Gerais, ou no Rio Grande do Sul, fôsse servir à expansão do comércio e ao intercâmbio das nossas produções, dava-lhe ensêjo a proceder a freqüentes indagações através da correspondência epistolar ou a rebuscar plantas e mapas na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico, para identificar com segurança o trecho do território brasileiro beneficiado pela nova via de comunicação.

Extensa colaboração em jornais e revistas ainda exemplifica a capacidade produtiva de OLAVO FREIRE.

Discriminemos dentre os estudos e crônicas: — *A geografia na escola primária*. *A costa do Brasil*, *Cimélios*, *Estatística Municipal*, *Exames e Concursos*, *Exposições Escolares*, *Inspeção Escolar*, *Jacarépaguá*, *Limites Interestaduais*, *Mazaganópolis* (assunto sôbre a região amazônica), *Mercados* *Nomenclatura geográfica do Brasil*, *Papéis Velhos, Tesouros!* (sôbre a Revista do Instituto Histórico), *Tijuca*, *Torres Cotrim* e *Trabalho manual*.

De sua viagem à Europa, coligiu inúmeras notas, publicadas sob os títulos: — *Antuérpia*, *Berlim*, *Bordéus*, *Boulogne sur mer*, *Bruxelas*, *Calais*, *Dover*, *Dusseldorf*, *Evian*, *Genébra*, *Grenoble*. *Lausane*. *Londres*, *Lyon*, *Paris*, *Pôrto*, *Potsdam*, *Uriage* e *Versalhes*.

Alguns dêstes trabalhos foram publicados no hebdomadário — *A Cidade*, em 1918 e 1919, sendo dos mais minudentes os que se referem a sua estada em França, que sempre lhe mereceu carinhoso afeto, e cujo infortúnio diante da brutalidade alemã, em 1941, encheu-lhe a alma das derradeiras impressões, as mais dolorosas para todos quantos acompanham com o coração amargurado o sofrimento daquela gloriosa terra.

OLAVO FREIRE, por seu labor e por seu saber — fortalecidas estas duas virtudes pela educação da vontade — que é apanágio dos abnegados, contribuiu muito e muito para lançar os mais sólidos alicerces à geografia brasileira.

O ROMANCE e a HISTÓRIA

GALEÃO COUTINHO

ATE' que ponto o romance pode ser um complemento da História, ou mesmo substituí-la, quando se quer ter uma idéia mais humana da própria evolução social? Esta pergunta ha de escandalizar aos cronologistas, aos que se ocupam da História como resenha minudenciosa dos fatos, onde por vezes passam para segundo plano os homens que os promovem. Não há aí agitação, vida, colorido, sangue, alma; ha, isto sim, rígida à força de ser exata, a exposiqão impassivel dos episódios de uma dada época; e, como tudo se situa num passado longínquo, sendo que os personagens já se esfarelam no fundo das catacumbas, dôles nos chega a sombra tênue, algo de impalpavel a que a imaginação mais viva não póde dar corpo.

Tal é a razão por que a História, em si mesma, tornou-se uma disciplina aborrecida, por ela se interessando apenas os que dela vivem. E não poucos historiadores recorrem aos efeitos de estilo para torná-la atraente. A propósito nos ocorre o que aconteceu em França, quando certo ministro da Instrução Pública resolveu suprimir a Egitologia do programa de ensino secundário. Logo que foi divulgada a notícia, houve grande agitação; e, no dia seguinte, à porta do Ministério, viam-se centenas de pobres velhos. O ministro chega à janela e interroga o secretário:

— Que é isso?

— São os professores de Egitologia que vão ficar sem o seu ganha-pão, Excelência.

Ao que o ministro teria respondido, coçando o queixo, já arrependido do ato e disposto a dar marcha à ré:

— Jamais me passou pela cabeça que havia em França tanta gente vivendo à custa das múmias...

Ora, a concepção do romance como elemento histórico, (não confundir o romance em sua função de reportagem, escrito na própria época dos acontecimentos que lhe servem de substância, com os romances de evocação histórica) foi Paul-Louis quem nô-la apresentou ao estudar o extraordinário papel de Balzac e Zola no século XIX, quando surgia vitoriosamente aquilo que hoje chariamos romance de massas. Em verdade, antes desses dois gigantes da ficção, o romance restringia-se a um campo mais limitado, quando muito punha em cêna uma família, ou duas; não havia ainda o propósito de abranger tôda uma época, criando uma sociedade inteira, com o objetivo premeditado de fazer o seu processo total. O próprio "Dom Quixote" não excede os limites de um quadro, apenas, do fim da Edade Médio, para nos dar a síntese de um louco de gênio, ao lado do qual, Sancho, com o seu sólido bom senso, assume estupendo relêvo pelo contraste. Mesmo assim, "Dom Quixote" já se enquadra entre os romances que ajudam ou antecipam a História. O fim da Cavalaria está alí mais sugestivamente pintado do que em quanto compêndio se escreveu a respeito, porque o Cavaleiro da Triste Figura agita-se, vive o próprio drama de tôda uma época, espécie de intérprete representativo da Edade Heroica que se encerrava.

Mas, com Balzac e Zola, o romance conhece, enfim, uma função inteiramente nova, incorpora-se aos documentos oficiais, deixa de ser méra recreação literária para convert-se numa espécie de curso de História sôbre o advento da burguesia. Sem a Revolução Francesa, Balzac e Zola não teriam nenhum papel importante na literatura do século XIX. A máquina a vapor, o dinheiro, a formação dos grandes bancos, a maré-montante do proletariado com os seus trágicos problemas,

uma nova concepção da vida e da moral, a liquidação dos preconceitos feudais, tudo isso constitúe o complexo material utilizado pelos dois romancistas. Paul-Louis não se limita a estudá-los na função de historiadores da sociedade capitalista em seu preâmbulo espetacular; vai um pouco mais longe: mostra como Zola continuou a "Comédia Humana", interrompida em 1850, pois Balzac expirou nesse ano, precisamente na metade do século XIX. E é bem de ver que se a comparsaria da "Comédia Humana", sob muitos aspectos, difere da que vive nos "Rougon-Macquart", é porque as possibilidades econômicas, em seu desenvolvimento incessante, já na segunda metade do século XIX deixavam a perder de vista a fase preparatória terminada na revolução de 1848, isto é, dois anos antes da morte de Balzac.

Se ao romance falta, como queiram os historiadores ortodoxos, o elemento cronológico, é bem de ver que êsse elemento póde ser lucidamente deduzido, está implícito na obra de Balzac e Zola, refletindo-se aí a cada passo, pois ambos vibraram ao influxo da sua época e das profundas transformações sociais que ela comportou. Zola, continuador de Balzac, tinha apenas que registrar essas transformações, num sentido mais amplo e bem mais complexo. Assim, qualquer romancista nosso que houvesse fixado o Primeiro e o Segundo Reinado, não podia ser seguido, ao pé da letra, por aquêle que se dispusesse a retratar a República, do Ensilhamento aos nossos dias. Mesmo porque o homem de negócios do Império, um Mauá, para citar o mais representativo, não é um homem de negócios da República, um Matarazzo, por exemplo.

Do que aí fica dito se conclúe a importância do romance como documento da guerra atual, superando tudo quanto se fez na Conflagração de 1914-918. O livro de Barbusse, "Le Feu", assim como outros do gênero, culminando na obra de Remarque, não passam de tímidos ensaios deante de um romance como este "Reféns" (Livraria Valverde), de Stefan Heym, flagrante dramático da ocupação alemã na Tchecoslovaquia. Compreende-se. Na guerra passada, o romance ainda se intimidava deante da História; e, admitido como instrumento de divulgação daquilo que a História não pudesse flagrantear em sua feição dinâmica, era aceito como impressão auto-biográfica pelos escritores e pelo público em geral. Nem Remarque, Barbusse, ou d'Orgelès, nenhum dos ficcionistas que fizeram da guerra um têma para as suas criações, acreditava, de certo, no extraordinário alcance do seu testemunho pessoal. Vale notar que muitos dos romances então inspirados pelo drama das trincheiras, não estavam isentos da preocupação individualista, o que não sucede em "Reféns", onde o próprio autor como que se ausenta para que os personagens se movimentem à vontade. Quer isto dizer que fica suprimido o drama individual? A ser assim, o romance deixaria de ser romance, para converter-se numa resenha sêca, numa espécie de monografia romanceada. Por isto mesmo que o autor de "Reféns" se oculta atrás dos personagens, estes adquirem um relêvo impressionante. Janoshik, a encantadora Milada, o dr. Wallerstein, Breda, Lobkowitz, assim como os membros da Gestapo, estão recortados ao vivo, palpitam de uma empolgante existência objetiva. Janoshik, o faxineiro do café Mánes, avulta em nossa imaginação, ao cabo da leitura deste romance, como um titã da Epopéia Homérica. E Preissinger, o ricaço do carvão, que aconselhara a entrega da Tchecoslovaquia a Hitler, certo de que assim poderia salvar a sua fortuna? Metido, afinal, no calabouço da Gestapo, só ao ser fuzilado verifica que a Novaa Ordem, de que os nazistas se dizem os realizadores na Europa, nada mais é do que a rapina pura e

A NOVELÍSTICA GAUCHÊSCA

ANTÔNIO CARLOS MACHADO

HÁ todo um estudo por fazer em tôrno da novelística gauchesca. Um estudo que tenha a História como ponto de partida e a crítica qualitativa como epílogo. Tão patentes são os nexos entre os processos históricos e as atividades espirituais que não é temerário afirmar: o florescimento das artes e das letras é apenas um fenômeno de antropologia cultural.

O Rio Grande do Sul amanheceu para a História na terceira década do século XVIII. Até então nada mais foi do que uma terra de aventuras, fora de todo e qualquer domínio oficialmente reconhecido.

A vida rio-grandense, pois, começa quando a América portuguesa, de Cananéia para cima, já possuia numerosos núcleos de povoamento em franca desenvolução. Êsse retardo cronológico, que não pode ser atribuído senão em conjunto bastante complexo de circunstâncias, não afetou o ritmo da colonização nas amplas lhanuras estremenhas.

Por mais que isso pareça estranho. E por mais, também, que alguns sociologistas pouco avisados perseverem em querer demonstrar o contrário.

O extremo-sul, apesar do atraso com que começou a ser povoado e apesar, ainda, do encerro em que permaneceu até o ocaso de Setecentismo, não tardou a assumir o seu lugar entre as mais prósperas divisões político-administrativas do Brasil-Império.

É óbvio que a conquista luso-brasileira, talvez mais brasileira do que lusa, do pampa impôs freqüentes lutas armadas, nada propícias ao trabalho produtivo.

Essas lutas, entretanto, serviram apenas para requintar os sentimentos cívicos da gente gaúcha, sem arrefecer-lhe o ânimo realizador.

E os fatos aí estão para dissipar qualquer dúvida a respeito. Em 1801, num golpe de audácia inaudito, que surpreendeu a própria Metrópole, um punhado de rio-grandenses desabusados reivindica o território das Missões, completando, assim, a configuração geográfica da terra natalícia, conhecida pelo nome de Continente de São Pedro, desde as primeiras "razzias" vicentistas e platinas.

Daí em diante a vida continentina adquiriu novo impulso, a criação de gado se dilatou no sentido do oeste, as sesmarias começaram a ser demarcadas e surgiu uma como que nova etapa para os destinos da coletividade pampeana.

Em 1827, ocorre um acontecimento de suma relevância, fadado a ditar novos rumos ao progresso da ex-Capitania.

Queremos nos referir à chegada de um prélo, que serviria para a publicação dos boletins e ordens militares.

Êsse prelo foi a origem do periodismo no Rio Grande do Sul. A partir de 1830 os jornais se multiplicam, disputando a preferência do público legente, que, embora não muito numeroso ainda, há muito reclamava os benefícios da imprensa. Quando irrompe a revolução farroupilha, nada menos de vinte diários circulavam regularmente em tôda a Provincia, veiculando as notícias de mais palpitante atuali-

---

simples de todos os bens particulares nos países ocupados.

Não; nenhum compêndio de História poderá sugerir, como êste romance de Heym, aos leitores do futuro, como aos leitores de outros países, contemporâneamente, o sofrimento do povo da Tchecoslovaquia submetida aos "gangsters" da cruz gamada. Nada do que está escrito nestas páginas foi imaginado, mas extraído da realidade medonha; se a ficção pode ser impugnada pelos artífices da História, é que, como a própria História, se mostra por vezes impotente para nos dar a impressão absoluta da realidade em sua hediondez inconcebivel. O livro de Stefan Heym, que me conste, não foi ainda ultrapassado por qualquer obra do gênero escrita para espelhar o martírio descomunal desta guerra. Tenha-se idéia do crescendo de horrores que, nestas páginas, fascinam o leitor, ao mesmo tempo que nele acendem, até o desespêro, a revolta contra o nazismo, no seguinte fato. Um médico, no Rio de Janeiro, ao iniciar a leitura de "Reféns", no próprio consultório, via-se obrigado a interrompê-la a todo momento, para atender aos clientes. De tal sorte ficou escravisado ao livro, na ancia de absorver tudo quanto aí vem narrado com uma técnica fascinante, que mandou afixar o seguinte cartaz na sala de espera: "O dr. X... não dará consultas enquanto não concluir a leitura de "Reféns".

Esse episódio vale todos os elogios que a crítica possa fazer ao livro de Stefan Heym.

dade e difundindo, doutrinàriamente, os princípios sócio-politicos mais avançados. Com o aparecimento das tipografias inicia-se para a inteligência rio-grandense uma época de brilhantes e fecundas realizações e pode-se assegurar sem temor que muitas das gazetas, surgidas no decênio de 1830, influiram poderosamente no surto das primeiras manifestações concretas das letras gaúchas.

Quando Adolfo Caminha escreveu, no último quartel do século XIX, que o Rio Grande do Sul nada tinha produzido no domínio da literatura afirmaitva no sua exdrúxula afirmativa no pressuposto de uma formação exclusivamente guerreira e pastoril, estava longe, muito longe mesmo, da verdade. É inegável que até a República, o Rio Grande viveu demasiadamente voltado para si mesmo, num egoismo regionalista, que tinha muito de narcisismo e de aferro intransigente ao "petit terroir".

O que se escrevia raramente transpunha as fronteiras provincianas. Quando isso acontecia causava mais espanto do que outra qualquer coisa. O caso de Apolinário Pôrto-Alegre, cujos estudos demo-psicológicos e lingüísticos arrancaram da pena severa de José Veríssimo as mais entusiásticas referências, pode exemplificar expressamente o que atrás afirmamos. A revolução dos farrapos ensejou o brôto de uma literatura épica e heróica, contribuindo, também para o enriquecimento de *folk-lore* popular, sobretudo do trovadorismo galponeiro, que oferece centenas de belíssimas glosas sôbre os principais vultos e episódics do transcendente movimento.

Contudo, êsse fato passou despercebido ao resto do Brasil e os críticos da Côrte continuaram ignorando as riquezas "folk-loricas" da estremadura. Êsse desconhecimento, aliás, vinha de longe, das primeiras afirmações do espírito rio-grandense, dos cantos dolentes e maguados de Delfina da Cunha, a cêga. Fora do Rio Grande, no século XIX, ninguém de certo chegou a conhecer os lindos versos de Rita Barem, a maviosa juriti do lirismo meridional, -os primorosos poemas de Bernardo Taveira Júnior, as saborosas e sempre pitorescas narrativas regionais de Victor Alpírio e Bernardino dos Santos.

A Província vivia pràticamente isolada do resto do país e tudo o que dela se sabia, pelas outras circunscrições imperiais, não ia além de meia dúzia de nomes aureolados na Guerra do Paraguai, como Osório e Andrade Neves.

Além disso, uma que outra notícia, mais ou menos imperfeita, sôbre os costumes típicos e as tradições da terra centáurica, povoada de rebanhos indomáveis.

Não é de admirar, por conseguinte, a ignorância dos literatos mineiros ou baianos, por exemplo, em relação aos seus confrades rio-grandenses.

A segregação, em que o Rio Grande se gestou e evoluiu até o apagar de luzes dos oitocentos, favoreceu decisivamente o rápido desenvolvimento dessa literatura localista que ainda hoje tem magníficos representantes crioulos, da estirpe de Darci de Azambuja e Nogueira Leiria.

Tudo incitava ao culto do passado e à estilização dos motivos ambientes. Havia preliminarmente a voz da tradição, clamando em tôdas as quebradas, onipresente e viva na palpitação biológica do "habitat". A coxilha era um avatar, assim como a tapera um símbolo. Em cada várzea havia um sinal de bravura ou um vestígio de sacrifício. O umbú era uma legenda esculpida na coxilha, o próprio minuano parecia o côro multivoce de todos os numes tutelares da campanha redimida pelo sangue generoso dos antigos lidadores. O cavalo, engrandecido no fragor das pelejas fronteiriças e elevado à condição de companheiro inseparável do gaúcho no tumulto cruento dos entreveros caudilhescos, estava definitivamente incorporado à vida coletiva, como parte integrante dela.

O heroismo, que é a sublimação da coragem, estava no passado, como uma "constante" histórica e dêle defluía, inundando as perspectivas do presente, todo um caudal inestancável de sugestões.

"O Vaqueano" de Apolinário Pôrto-Alegre, posto à estampa em 1869, pode ser apontado como o primeiro grande da novelística gauchesca.

José de Avençal, o herói do livro, cuja urdidura é menos um esfôrço de imaginação do que uma tentativa de captação literária do ambiente, nada tem de artificioso ou inverossimil, as suas palavras e atitudes não desbordam nunca do imediatamente aceitável.

Muitos dos traços psíquicos que Apolinário lhe emprestou podem ser rastreados em outros tipos de ficção gauchesca, como Bláu Nunes, de João Simões Lopes Neto, Miguelito, de Alcides Maya e Ponciano, de Darci de Azambuja.

Existe, de resto, uma certa permanência na configuração psicológica dos personagens paguenos. A quem quer que esteja familiarizado com êles tal permanência assume, por vêzes, uma profundidade digna de análise atenta.

Como justificá-la? Quais os motivos determinantes dessa constância específica, que se nos depara tão flagrantemente nas figuras criadas pela novelística pagueana? A explicação parece-nos fácil. De 1737 até hoje a especificidade da vida rio-grandense não sofreu nenhuma alteração estrutural. Opostamente, resistiu à fricção de tôdas as influências endosmóticas despersonalizadoras.

ARAUJO VIANA

— O GRANDE MAESTRO GAÚCHO

De Paranhos Antunes

PODERIAMOS iniciar êste trabalho com uma evocação à cultura musical de Pôrto Alegre "fin de siècle", passando em revista os seus artistas e compositores, o gôsto pela música clássica e as grandes e aplaudidas noitadas de arte, das melhores músicas da época em que Araujo Viana floresceu. Mais tarde, haveremos de evocar êsse tempo e falar de outros músicos contemporâneos do autor de "Carmela".

José de Araujo Viana nasceu em 10 de Fevereiro de 1872. Foi, desde a mais tenra idade, uma vocação para a música. Até os doze anos estudou piano com o professor Grunwald. Quís então consagrar-se todo inteiro à arte musical e pediu a seus pais que o mandassem à Itália para completar sua educação artística. Estes, porém, não quizeram vê-lo distante de seus carinhos, tão jovem ainda. Continuou, por isso, os estudos, em Pôrto Alegre, com o professor Thomaz Legrory.

A idéia de ir à Europa aperfeiçoar-se, e sobretudo à Itália, não o largara mais. E aos 21 anos seguia para a pátria da Arte, cursando como ouvinte as aulas do afamado conservatório de Milão, ao mesmo tempo que recebia lições particulares dos professores Vicenzo Ferroni e Amintori Galli, ambos membros do aludido conservatório, e ainda do consagrado professor Buzzi-Pescia.

Voltando ao Brasil, retornou mais três vezes à Itália e visitou duas vezes París, sempre estudando e ouvindo os grandes mestres do tempo.

Fez parte da Filarmônica Pôrto-alegrense, fundada em 28 de julho de 1877, juntamente com Murilo Furtado, Amalia Iracema, Zilda Chiabotto e tantos outros talentos musicais, que muito honraram o passado artístico gaúcho.

Araujo Viana não era, nunca foi um invejoso. Em Pôrto Alegre viveu e conviveu intimamente com Mario e Murilo Furtado, com Hedy e Amalia Iracema, a quem acompanhou pelo interior do Estado em excursão artística. E ainda procurou amparar colegas, como o maestro gaúcho Carneiro da Fontoura, autor de uma "Ave Maria", um "Noturno" e um "Salutaris", que, segundo seus contemporâneos, constituiam belíssimas páginas musicais.

UMA "SUITE" E OUTRAS PEÇAS

Além da ópera "Galaor", a qual não chegou a ser encenada, e da ópera "Carmela", que o consagrou, Araujo Viana escreveu várias outras páginas musicais, aplaudidas com os maiores encômios pelos críticos de seu tempo. Lembraremos — **Marcha da Exposição, Canção, Capricho, Minueto, Giga,** um **Alegro** para violino e orquestra, uma **Serenata** para violoncelo e orquestra, as delicadas canções **Maria e Amor**, e um "pot-pourri" da ópera "Carmela", instrumentado especialmente para a banda do maestro Pedro Borges, da Capital gaúcha.

Onde deixou esteoritipado o seu temperamento artístico e as qualidades de compositor emérito foi na "Suite" musical, que escreveu e em que transluz a sua alma de eleito "desdobrando-se em ondas sonoras de formas melódicas variáveis, numa gama emotiva que vai do dolente, do nostálgico ao entusiástico, percorrendo o fugace e o apaixonado, o suave e o ardente, o desejo e a prece..."

Esta "Suite" foi constituída de: **Rêverie** em fá, **Dansa**, em lá, **Boléro** em si, **Festa Napolitana** em sol, uma **Tarantela** em dó, e **Marcha Humorística** em ré. Segundo um crítico que a ouviu, diremos que a **Rêverie** é vaga na forma, a **Dansa** viva e esvoaçante, o **Boléro** agitado no seu rítmo, a **Festa Napolitana** e a **Tarantela** uma transposição para os céus anilados da Itália, e a **Marcha Humorística**, o riso do artista que retorna à realidade, depois de haver corrido vertiginosamente pelos caminhos da fantasia.

A REPRESENTAÇÃO DE "CARMELA", EM PÔRTO-ALEGRE

"Carmela" foi representada pela primeira vez, em Pôrto-Alegre, a 17 de outubro de 1902, no Teatro São Pedro, por uma companhia lírica italiana, da qual faziam parte a atriz Poggi e os atores Stagno, Ferrari e Zonzini.

O libreto da ópera foi escrito de parceria por Leopoldo Brigido e Heitor Malaguti em italiano. O libreto é simples no seu enrêdo, dando-lhe vida a música do grande maestro riograndense. Em Sorrento, perto de Nápoles, passa-se a ação. Há um prelúdio seguindo-se uma barcarola para côro, antes de subir o pano. O côro é constituído de pescadores, que recebem Carmela com sorrisos de mofa, por sabe-la altiva e orgulhosa. Renzo, que a ama, conta a Ruffo a sua paixão, mas êste procura desacreditar Carmela, dizendo que já teve com ela algumas aventuras amorosas. Renzo reage ao insulto lançado contra a honra de sua amada, mas é ferido mortalmente. Entra Carmela e vendo Renzo agonisante confessa-lhe seu profundo amor, enquanto êle expira.

Encheu-se o velho Teatro São Pedro para assistir a ópera. E foi um verdadeiro sucesso, uma consagração aos esforços do jovem compositor de 30 anos. O "Correio do Povo" do dia seguinte, ocupando-se da peça, assim se manifestava:

"No decorrer da primeira e bela ópera de Araujo Viana, nos impressionou fundamentalmente a unidade de estílo, determinando, assim, uma distinta maneira de frasear e desenvolver idéias musicais, que é a matéria prima, ou por assim dizer, a argila com que se argamassam as individualidades artísticas. Não lhe notamos a monotonia dos timbres, tão peculiar aos que começam a grande e complicadíssima arte sinfônica. Os recitativos, que são, invariavelmente, os mesmos, em tôdas as óperas, quando se trata de um compositor escrupuloso e original, mereceram especialíssimo carinho de Araujo Viana. Felos seus, muitos seus".

Estava vitorioso o nome de Araujo Viana não só em sua terra, como em todo o país, especialmente no Rio, onde ecoou o ruído dos aplausos recebidos no São Pedro.

A REPRESENTAÇÃO DE "CARMELA", NO RIO

A fama de Araujo Viana enchera o Rio, e quando vários artistas e intelectuais brasileiros quizeram fundar o Teatro Lí-

rico Nacional, lembraram-se de inaugurá-lo com a ópera "Carmela".

Era preciso traduzir o libreto para o português, afim de que ficasse provado que a nossa língua se presta para o lírico. O poema foi traduzido por Leopoldo Brígido, não sendo de estranhar que Osório Duque Estrada tivesse colaborado na tradução, dada a parte ativa que tomou para a realização do espetáculo.

E o Teatro São Pedro de Alcântara do Rio encheu-se, transbordou do que de mais fino havia na sociedade carioca. Peça nacional, com letra em português. Músicos e cantores nacionais.

A's 8 e 30 horas da noite o consagrado maestro Francisco Braga tomou o seu lugar como regente da orquestra, sob calorosa salva de palmas. Em seguida, o poeta Osório Duque Estrada explicou, num breve discurso, o que aspirava o Teatro Lírico Nacional, e pediu que o início do espetáculo tivesse o batismo do "Hino da Música Brasileira" — a protofonia do Guarani.

A primeira parte constou de um concêrto sinfônico, no qual foram ouvidos **Dansa Caracteristica** e **Ideal**, de Barroso Neto, e **Episódio**, **Poema Sinfônico** e **Paisagem**, de Francisco Braga.

Após o intervalo, subiu à cena a ópera "Carmela", sob intensa expectativa, cantada pelo soprano gaúcho, senhorita Zilda Chiabotto, pelo Conde de Carapebús, tenor, da alta sociedade do Rio, por Larrique de Faro, barítono, e Levy da Costa, baixo, afora outros com papeis secundários.

Oscar Guanabarino, o mais completo e respeitado crítico teatral daqueles tempos, referindo-se ao 1.º ato de "Carmela", disse: "Quem produz uma peça como o terceto do 1.º ato de "Carmela" é obrigado a realizar tôdas as promessas que êsse trecho deixa adivinhar e que deixam a crítica pesarosa ao reconhecer a insignificância do libreto, infantil, sem drama desenvolvido".

Pois bem. O terceto final, de empolgante beleza, foi o suficiente para que o Teatro São Pedro delirasse em pêso, numa das mais grandiosas ovações que alí houve. E Araujo Viana foi consagrado antes mesmo do final da "Carmela", sendo chamado à cena oito vezes, sob delirantes aplausos, em companhia dos intérpretes da ópera.

Depois da **"Ave Maria"**, com que inicia o 2.º ato, seguiu-se a barcarola:

"Quando em teus lábios de rosa,
Ponho a carícia de um beijo..."

...cantada pelo barítono Larrigue de Faro, que a teve de bisar, sob insistentes pedidos. E após a romanza **"Crepúsculo Suave"**, o canto em côro da **Tarantela** pelos pescadores, teve também de ser bisado.

Terminou o espetáculo sob novo delírio da platéia, que encheu de flôres a Araujo Viana e Francisco Braga, aplaudindo, com entusiasmo, os intérpretes da peça.

Desse modo voltou Araujo Viana, triunfalmente para os "pagos" e definitivamente consagrado para a posteridade.

PELUDOS E PESADOS

BASTOS TIGRE

PEGUEM dois indivíduos pelo mesmo caminho, na vida, adotando as mesmas normas de proceder; têm o mesmo nível de inteligência e de cultura, e são idênticas as suas qualidades morais. Ao fim de alguns anos, um é banqueiro e o outro ocupa um "banco" da Praça Floriano. Quando haja vaga.

Não há dvida que interferiu na vida do primeiro um fator extranho, imensurável, imprevisível: a sorte; ou interferiu na vida do segundo o mesmo fator, afetado do sinal menos?

Se consultarmos sôbre o caso os filósofos de várias escolas, êles nos responderão com discursos metafísicos que nada mais farão que substituir por palavras a nossa ignorância.

A sorte não se prevê nem se explica. Verifica-se "a posteriori". Não há, entretanto, formulas precisas que possam calcular cientificamente, para cada indivíduo vitorioso, a quantidade de esfôrço pessoal dispendido e o volume da sorte que o levou à vitória. Daí as discordâncias. Para os "ratés" que observam de fora, o vencedor na vida o foi porque teve sorte. Exclusivamente porque teve sorte. Entretanto, se interrogamos o vitorioso, êle explicará que tudo quanto conseguiu é fruto do seu próprio esfôrço, produto da sua vontade e do seu trabalho.

— O que sou, a mim mesmo o devo. Nunca tive padrinhos!

Não há acôrdo possível nos julgamentos humanos! Êste indivíduo leva vinte anos lavrando o seu campo, lidando de sol a sol. Consegue, afinal, amontoar um pequeno pecúlio.

— Sujeito de sorte! exclamam os vizinhos, cuja gleba está coberta de tiririca e mata-pasto. E logo o professor comunista da cidade arregala o ôlho, marcando o ricaço para quando chegar a alvorada equalitária e tudo passar a ser de todos!

Em compensação aquele outro que comprou um bilhete de loteria e tirou a sorte grande, encontra meios e modos de demonstrar que a sorte lhe veio porque êle soube calcular, com atilamento e perícia, as probabilidades de ser aquele o número premiado.

— Não foi apenas sorte. Eu "vi" que o número não podia deixar de dar! Os jogadores são férteis em recursos para mostrar que os seus acertos no jôgo são mais obra de cálculo, atilamento e experiência, que manobra da Fortuna cega e volúvel. E, quando perdem, é por influência de um elemento estranho, de um sujeito "pesado", que o cumprimentou, de um "pé-frio" que lhe trouxe o azar.

***

Os moralistas e sociólogos de usar em casa, da ordem dos Smiles e Marden, estão cheios de conselhos para a conquista da vitória na vida

Com as suas obras foram e são lidas, por êsse mundo afóra, traduzidas em tôdas as línguas, em milhões de exemplares, é provável que tais autores tenham conseguido sucesso sôbre o qual prelecionam.

Mas nem todos podem pretender os louros da vitória dando receitas para consegui-la. Milhares de indivíduos terão tentado os caminhos indicados pelos moralistas: decisão, fôrça de vontade, perseverança, coragem, método, otimismo, etc., etc. Munidos de tais armas, muitos saíram para a batalha tremenda. Quantos a terão vencido? Faltam elementos para uma estatística.

Mas estou em que muitos dos que procuram ser ousados, decididos, nas empresas tentadas acabaram metidos no Hospício, por malucos; aos perseverantes chamaram-nos de teimosos, cabeçudos e cacetes; aos corajosos xingaram de atrevidaços e mostraram a porta da rua; os metódicos ganharam fama de maníacos e a sua presença foi evitada, porque isso de mania é doença que pega; aos otimistas que sorriam das desventuras e dos contras da vida, sempre dispostos a recomeçar com o sorriso nos lábios, o mundo enojado chamou-os de cínicos e de sem-vergonha!

***

Tôdas as doutrinas dos moralistas podem estar certas. Mas o fato é que as determinações conscientes, as afirmações do esfôrço próprio tem tantas falhas quanto uma rêde tem malhas.

Vai-se pelo caminho certo, seguindo a linha reta do dever, com a velocidade da decisão, o passo firme da fôrça de vontade, o olhar corajoso da confiança, tendo-se nos lábios o sorriso superior do otimismo. A vitória é certa! afirma o professor de Sucesso. Qual nada! a meio caminho, o pé assenta, firme, numa casca de banana, e catrapuz! é mais um para engrossar a retaguarda dos "ratés".

Então, de nada valem o esfôrço, a decisão, a iniciativa? Então, é deixar tudo ao destino, ao "fatum", ao fatalismo muçulmano. Não. Faça-se fôrça. Faça-se fôrça já que é preciso fazer alguma coisa. Esperar que a sorte venha é tão cacete como esperar o bonde. E o bonde pode passar e o motorneiro fingir que não nos vê.

Devemos, então, tudo confiar às decisões do impenetrável destino? Devemos, ao contrário, contar exclusivamente com a decisão própria, com a capacidade realizadora da vontade?

Resumirei a minha opinião num conceito simples: contemos com a sorte, mas façamos fôrça. Não sejamos dos que se candidatam a tirar a sorte grande sem comprar bilhetes ou, mais modestamente, dos que esperam o bonde em rua sem trilhos.

A Fortuna pode ter muito boa disposição de nos galardoar com os seus presentes; mas se não

DIOGO ANTONIO FEIJÓ

AMERICO PALHA

DIOGO ANTONIO FEIJO' é uma das figuras mais complexas da história brasileira. De simples enjeitado, chegou às culminâncias do poder, sendo Regente do Império. Defensor intransigente da ordem, no poder, foi, fóra dêle, um espírito nitidamente revolucionário. Sua vida, diz Sílvio Romero, é feita de uma só peça, inteiriça e forte como um dos herois dos velhos tempos.

Nasceu o grande brasileiro, em São Paulo, aos 17 de agosto de 1784. Ordenou-se presbítero em 1807 e foi professor de latim, retórica e filosofia em Guaratinguetá, Parnaíba, Campinas e Itú. "Quando Feijó nasceu, escreve o sr. Armando Prado, o Brasil já não era mais uma colônia resignada ao despotismo português. O espírito de autonomia, cuja manifestação primeira é o episódio de Amador Bueno, estava organizado e como um rio que vê as suas nascentes brotarem, em pontos de uma área imensa entre si afastados, aproxima-se da foz por onde desaguaria no oceano batido pela luz da nossa independência... Diogo Feijó foi um nacionalista extremado. Homem vivo, ardente, como poderia ocultar ou torcer os seus sentimentos e impressões? O desejo da independência que, até certo tempo, foi o da minoria culta, entrou a infiltrar-se nas camadas populares. E' que, para tornar-se acessível à alma bronca do povo, assumiria as feições do ódio ao português."

Em 1821, o povo o elege deputado às Côrtes Constituintes de Lisboa. Feijó se destaca, então, pela atitude viril e desassombrada que assumiu, na reação contra os insultos e ameaças dirigidos aos brasileiros. Foi um autêntico gladiador. Enfrentou a maioria lusitana com desusado vigor, causando espanto no seio da assembléia da metrópole. Seu primeiro discurso político foi uma granada poderosa, cujos estilhaços atingiram em cheio os legisladores portugueses. Feijó apresentou uma proposição que dizia no seu primeiro "item": "que se declare que o Congresso de Portugal, enquanto se não organiza a Constituição, reconhece a independência de cada uma das Províncias do Brasil."

Tornando-se insustentável a situação dos representantes do Brasil naquela assembléia, Feijó, com outros companheiros, abandonou-a, lançando um manifesto ao mundo em que se protestava contra as medidas que Portugal tomava contra o Brasil.

•

PROCLAMADA a Independência do Brasil, Feijó comparece, eleito deputado, à Constituinte de 1823, que se reuniu "dentro de um ambiente revolucionário." Feijó defende ardorosamente o projeto do dr. Ferreira França contra o celibato dos padres. Defende também a abolição das condecorações e a eleição por círculos. A tôdas essas questões, diz Euclides da Cunha, êle imprimia tonalidade verdadeiramente revolucionária em todos os debates.

---

nos encontrar no seu caminho, passa adiante ou entrega a outro os seus mimos. Deve ser, pois, o nosso empenho colocarmo-nos no caminho em que haja probabilidades de passar a Fortuna. Para chegar até lá teremos de dispender energia e usar de perseverança e auto-determinação.

Mas, antes de tudo e sôbre tudo, não nos impressionemos com os casos dos bafejados pela sorte que nada fizeram por esfôrço próprio; nem tampouco com os daqueles que, apesar de tôda a lida, de tôda a tenacidade, de tôda a coragem, não conseguiram a vitória nos combates da vida.

"Peludos" e "Pesados" são casos raros e excepcionais. E, ainda assim, se os examinarmos detida e minuciosamente, é bem possível que verifiquemos que os primeiros sempre fizeram alguma fôrça e que os outros não a fizeram bastante.

A Constituinte continuava seus trabalhos como legítimo orgão da soberania brasileira. Mas, do lado de fora, o olhar do absolutismo estava vigilante. Pedro I esperava a ocasião para dar seu primeiro golpe nas aspirações políticas da Nação que fundara. E, a 12 de novembro de 1823, dissolve a Constituinte pela força, sem nenhum respeito aos homens eminentes que alí se congregavam, traçando os destinos do Brasil.

Feijó foi o autor do famoso parecer contrário à Constituição outorgada pelo monarca, tendo gesto igual ao de Frei Caneca em Pernambuco. Inteligência alta, culta e independente, êle se afirmava definitivamente, no conceito dos seus compatriotas.

Oito anos depois da dissolução, o espírito nacionalista dos brasileiros, cansado de suportar uma série incessante de humilhações, de desatinos e de arbitrariedades do Imperador, rebela-se. Povo e tropa, confraternizados nas ruas do Rio de Janeiro, fazem a Revolução. E' o 7 de abril de 1831, dia verdadeiro da nossa independência, aquêle em que, livre de Pedro I e dos seus apaniguados, o Brasil tomava a direção de si próprio. "Feijó foi um dos elementos eficientes postos na preparação do movimento autonomista e na primeira menção dos homens de 1821 — escreve o sr. M. Bomfim — deve ser a do Padre Feijó a figura mais viva e mais brilhante, mais forte e mais nobre, de tôda a política do Brasil monárquico."

Nomeado ministro da Justiça pela Regência, Feijó assumia o pôsto consciente das suas tremendas responsabilidades. O Brasil atravessava uma hora amarga, revoluções, motins, quarteladas, indisciplina, desordens, etc. "Resoluto até à temeridade, teimoso até o emperramento, rapido nas determinações e fulminante em executa-las, desinteressado até à abnegação, infatigável, austero e impassivel ao clamor dos descontentes, Feijó, eis o homem para a situação."

A ação do padre Feijó, nesse transe do panorama nacional, foi das mais dignas da admiração da história. Êle teve a visão das medidas a serem postas em prática e não vacilou. Cumpriu-as inflexivelmente Refreiou a mentalidade insubmissa da tropa, dissolvendo-a; restaurou a autoridade civil; restabeleceu as seguranças públicas; puniu inexoravelmente os agentes da desordem; criou as Guardas Nacionais em tôdas as Províncias e para êle se voltavam confiantes os olhos da população Ao seu lado, Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, leal, eficiente na defesa da lei.

Euclides da Cunha, ao analisar a obra de Feijó na pasta da Justiça, na qual teve de sufocar o movimento restaurador chefiado pelo coronel Miguel de Frias com o concurso de um aventureiro alemão que se intitulava Barão von Bulow, disse: "Feijó, vindo de uma paróquia de São Paulo, dilataria em pouco tempo a sua individualidade sôbre a amplitude indefinida da pátria que se construia. Domina inteiramente o quadro. Recorda o heroi providencial de Tomas Carlyle."

A energia de Feijó tomou proporções decisivas quando exigiu que José Bonifácio fôsse destituido das funções de tutor do Imperador, por pesar sôbre êle a acusação de cumplicidade no movimento restaurador 1832. "Ou José Bonifácio deixa a tutoria ou eu deixo o Ministério." Estava

lançada a luva do desafio que o Senado levantou, recusando a demissão do Patriarca da Independência. Feijó demitiu-se, como prometera.

O sr. Washington Luís, numa célebre conferência pronunciada em São Paulo observa: "A sua demissão, porém, produziu um estrondo. Tudo tremeu e se dobrou com o só éco da sua saída do govêrno. O Ministério demitiu-se, a Regência resignou, a maioria declarou-se em sessão permanente nas Câmaras, tudo se desmanchando no frustrado golpe de Estado de 30 de julho... no primeiro domingo de agosto, em dia não conhecido da população fluminense, retirou-se do Rio de Janeiro, trazendo tôda a sua bagagem — duas canastras sôbre um burro, um pote de tropeiro — voltando assim para sua casa em São Paulo."

•

A 7 de abril de 1835, já eleito senador pela Província do Rio de Janeiro, Feijó disputa a Regência do Império, derrotando Holanda Cavalcanti e Costa Carvalho. Tinha agora o poder nas mãos, tomando posse a 12 de outubro. Nesse pôsto, êle, além do seu irredutível combate aos insurrectos, cuidou de levantar as energias econômicas e financeiras da Nação brasileira, com providências de grande alcance. Em dezembro, desse mesmo ano, escrevia ao Marquês de Barbacena: "Ainda estou vivo, pôsto que cada dia mais descoroçoado de pôr a caminho esta máquina desmantelada, onde faltam peças importantes para cuja fatura não descubro, por ora, artífices."

Dois anos durou a Regência de Feijó. O grande estadista teve de enfrentar a tremenda campanha parlamentar que, contra êle, se levantara, chefiada por Bernardo Pereira de Vasconcelos, considerado o gigante da nossa tribuna política, e Honorio Hermeto Carneiro Leão.

Afinal, cedeu. Renunciou a Regência. Não lhe seria possível governar sem transigir e isso não estava nos moldes do seu caráter. Deixou o cargo. "Cedia sem curvar-se." Joaquim Nabuco acentua, numa bela página: "Os homens tinham, nesse tempo, outro caráter, outra solidez, outra têmpera; os princípios morais conservavam-se em tôda a sua fé e pureza estavam ainda fortes e intactos e, por isso, apesar do desgovêrno, mesmo por causa do desgovêrno, a Regência aparece como uma grande época nacional, animada e inspirada por um patriotismo que tem alguma coisa de sôpro puritano. Novos e grandes moldes se fundiram então. A Nação agita-se, abala-se, mas não treme nem definha."

Em 1842, rebenta em São Paulo, com séde em Sorocaba, a revolução liberal contra o predomínio dos conservadores. O brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar é aclamado presidente da Província. Feijó, desde logo, aceitou a insurreição e dela participou. Êsse homem "de medula leonina", imobilizado pela paralisia, ainda encontrou coragem e ânimo para um gesto extraordinário, ainda encontrou reservas morais para insuflar pela imprensa a rebelião contra o poder. O padre que se fizera na vida um verdadeiro revolucionário, que abrira um parêntesis nessas atividades quando govêrno para reprimir revoluções, voltava, no fim da sua existência, a ser aquilo que sempre fôra; um rebelde. O destino não lhe quebraria a fôrça dos ideais e das atitudes; por isso, se submetia à fôrça dos próprios destinos.

Caxias, vencedor dos rebeldes de Sorocaba, foi deparar com o padre no seu pôsto. A moléstia não lhe permitia fugir. Mesmo, sem ela, Feijó não fugiria. "O Barão de Caxias — comenta o sr. Washington Luís — o encontra sozinho, imobilizado, não pela crudelíssima moléstia que o tortura, mas pelo seu querer, abnegado e imóvel, no exercício da presidência rebelada, tendo nas mãos os originais, ainda húmidos, do jornal revolucionário, a se comprometer ainda mais, se possível fôra, a tratar em nome da revolução, na correspondência que ficou célebre, com o chefe das tropas vencedoras. Padre e enfêrmo, é agarrado como um amotinado vulgar e trazido para a capital de São Paulo; senador do Império, é prêso e deportado para a Província do Espírito Santo; ex-ministro, ex-regente, a caminho do degrêdo, só a caridade do comandante do navio-prisão lhe poupa à boia da maruja; e

nc degrêdo, tendo partido com 20$000 no bolso, vive durante seis meses da hospitalidade dos brasileiros."

Em 1843, Feijó comparece ao Senado. A presença daquêle homem, paralítico, abatido, daquêle homem que recordava períodos imortais da fase maior do Brasil nascente, dava ao Senado um solene aspecto de majestade. Alí estava êle para se defender, para falar frente a frente aos que o iriam julgar: "Eu declaro ao Senado e à Nação que, em verdade, eu não fui cabeça, nem, ao menos, autor do movimento revolucionário de São Paulo; mas que aprovei-o; que aderi a êle; que desejava que êle fôsse feliz e para êsse fim escrevi e dei alguns passos, depois do rompimento: eu estava e ainda estou profundamente convencido que a isso era eu obrigado pelos juramentos que prestei; que, se o que eu fiz todos fizessem, se todos fôssem fieis aos juramentos prestados à Constituição do Estado, nunca haveria movimentos revolucionários, porque os que usassem lançar sôbre ela mãos sacrílegas, se achariam sós e cairiam cobertos de maldições e de desprêzo..."

•

FEIJO' fechou os olhos para sempre aos 10 de novembro de 1843. Levava êle para a eternidade a esperança do julgamento da posteridade. Sòmente esta poderia, isenta de paixões e de ódios, lançar a sentença definitiva sôbre os atos da sua vida. A sentença já foi dada pela história. Feijó passou à imortalidade cercado da auréola luminosa que o identifica "como um dos construtores da nacionalidade, como um dos vultos eminentes da nossa raça", um homem que delineou os moldes da própria estátua, desde os dias agitados das Côrtes de Lisbôa até o seu último discurso no Senado do Império. Seu perfil de herói e de santo — heroi nas batalhas que sustentou, santo no martírio que os homens lhe impuzeram — se destaca no painel da vida americana como um dos símbolos maiores de todos os ciclos da história do continente, ao lado daqueles que, na epopéia esplêndida das lutas pela liberdade, legaram às gerações do mundo as mais altas lições e os mais expressivos exemplos.

A indústria autônoma do ALCOOL

JOAQUIM DE MELO

Por duas circunstâncias predominantes na sua estrutura — a de ser uma criação oficial, o que constitue uma raridade em economia, e muito recente, pois conta pouco mais de um decênio — a indústria de álcool carburante ainda não é bem conhecida, no próprio Brasil, além dos círculos interessados na sua exploração. Apesar de já ter suscitado uma bibliografia regular e valiosa ,dos pontos de vista técnico e econômico, muita gente letrada e até culta ignora os seus aspectos capitais, caindo não raro em confusões e equívocos deploráveis.

Registam-se mesmo, a êsse respeito, alguns casos curiosos. Não há muito, um lente catedrático de escola superior, entrevistado sôbre álcool combustível, discorreu abundantemente em tôrno da matéria, revelando vastos conhecimentos livrescos, mas nada disse da indústria brasileira, por não se ter informado da sua existência.

Uma grande revista especializada, em copioso artigo acêrca do mesmo tema, classificou a "usga" entre as plantas alcoolígenas, quando é a primeira marca de álcool-motor produzida no país. E vários jornais de pêso têm repetido candidamente essa classificação.

Assim se explica que a expressão "indústria autônoma do álcool" posta em circulação desde que o Conselho Federal de Comércio Exterior organizou um plano aprovado pelo sr. presidente da República, visando ao máximo desenvolvimento da produção alcooleira, venha sendo interpretada tenденciosa ou erradamente, contra os princípios básicos que regem as atividades dêste setor econômico. Julgou-se geralmente que o objetivo daquêle plano era libertar a referida indústria do Instituto do Açúcar e do Álcool, quando a própria resolução que o concretiza subordina ao controle da autarquia açucareira a execução das medidas aconselhadas. E, de então até hoje, tem-se usado e abusado largamente da expressão em aprêço no sentido indicado.

Não é isso precisamente o que quer dizer indústria autônoma do álcool, e sim a sua independência de fabricação de açúcar, para não trabalhar apenas com o mel residual, ou o próprio açúcar dissolvido, mas diretamente com o caldo de cana, encaminhado das moendas para as cubas de fermentação. O processo usual é muito mais oneroso do que êste, já praticado por algumas usinas com distilarias, o que torna verdadeiramente autônoma a produção de álcool.

Em trabalho que escrevemos para o "Anuário Açucareiro" de 1941 e publicado depois em separata com o título "A política do álcool motor no Brasil", tivemos ensejo de salientar as vantagens da elaboração direta dêsse produto. Permitimo-nos a liberdade de reproduzir aqui as nossas palavras, por terem precedido à divulgação do plano que focalizou a indústria autônoma do álcool.

Diziamos então, no capítulo "Como é possível o aumento da produção alcooleira": "Mas, por isso mesmo, só será possível aumentar e até baratear a produção do álcool anidro, se tôdas as distilarias, a exemplo do que já fazem as de Catende, Santa Teresinha, São José e Santa Cruz, funcionarem conjuntamente com as usinas, isto é, durante as safras, fabricando álcool diretamente do caldo de cana desviado das moendas para as cubas de fermentação. As vantagens dessa prática são evidentes. Evitam-se diversas despesas, como as de combustível, transporte e depósito do açúcar ou melaço reservados para fabricação ulterior do álcool. Podem ser aproveitadas para álcool as canas que não servem para açúcar, por acusarem baixo rendimento industrial. Reduzem-se os prejuízos habituais dos lavradores e das próprias usinas".

Mais adiante, no citado trabalho, voltamos ao assunto: "Entretanto, na prática são raras as distilarias isoladas de usinas, uma vez que não deixam lucros senão quando encontram melhores cotações para o álcool. Ninguém trabalha apenas por patriotismo, mas principalmente por legítimo interesse. Uma vez que o açúcar interessa mais aos usineiros do que o álcool, por lhes deixar maior margem de lucros, êles produzem preferentemente o primeiro e subsidiariamente o segundo. E o que os favorece é a produção conjugada de um e de outro, porque o preço fixo do álcool anidro, contra o qual sempre se queixam, é recompensado pelas boas cotações do açúcar.

E' preciso, porém, que essa produção seja não somente conjugada, mas verdadeiramente simultânea. Ou, melhor, cumpre que tôdas as distilarias particulares, pertencentes sempre a usinas, não trabalhem apenas com melaço ou açúcar dissolvido, mas também com o caldo da cana, modificando-se para isso as suas instalações. O dispêndio com essas modificações será coberto, dentro em breve, pela economia das despesas já citadas. E a produção assim barateada poderá ser aumentada por uma atividade mais prolongada das distilarias, fornecendo quantidades crescentes de álcool anidro para a mistura com a gasolina.

A solução indicada está no próprio interêsse das usinas. Se assim não fôsse, quatro delas não

teriam adotado e mantido o processo de fabricar álcool anidro com o caldo de cana, sendo mesmo as que mais produzem nos Estados de Pernambuco e do Rio de Janeiro. O que falta é a generalização dêsse processo por tôdas usinas com distilarias anexas."

E' justamente nesse sentido que está agindo o Instituto do Açúcar e do Álcool, dentro da esfera da sua influência junto aos produtores, afim de intensificar e estabilizar a nova indústria, possibilitando-lhe o aproveitamento da mais rendosa matéria prima. Ainda agora, o Plano da Defesa da Safra 1943-44, dispondo sôbre a distribuição de bonificações à produção de álcool, contemplou com melhor prêmio o que foi produzido diretamente da cana, ou de mel residual, o que envolve um estímulo para os lavradores e industriais.

Aliás, êsses mesmos, no seu legítimo interêsse, se empenham em acompanhar a orientação do I.A.A. Assim é que uns cuidam de remodelar a aparelhagem de suas distilarias, adaptando-as ao trabalho com o caldo de cana, e outros que ainda não dispõem dêsses estabelecimentos, incentivados pelas magníficas perspectivas do álcool carburante, procuram instalar fábricas inteiramente novas com idêntica finalidade.

Não afirmamos isso a esmo, mas firmados em seguras informações. Sabemos, com efeito, que, dentre as instalações encomendadas a duas fábricas de aparelhos para a produção de álcool, a maior parte se destina a utilizar como matéria prima o caldo de cana e também o melaço. Sôbre o total de 42 dessas encomendas, sendo 35 da Codiq e 7 da Skoda, 22, da primeira e 5 da segunda, respectivamente, obedeceram a tal condição técnica.

E' interessante assinalar que a capacidade diária dessas novas fábricas de álcool, inclusive uma de milho e duas de mandioca, totaliza 356.000 litros, atingindo 294.000 litros a das que vão produzi-lo com caldo de cana e melaço. Quer isso dizer que o moderno processo de fabricação não tardará a predominar no parque alcooleiro do Brasil, aparelhando-o para uma crescente produção de álcool de tôdas as qualidades, afim de atender a tôdas as necessidades do consumo interno, e consolidando-o como base de uma indústria autônoma, aperfeiçoada, poderosa, capaz de sobreviver até a um colapso da indústria açucareira.

Por mais absurda que seja semelhante hipótese, vale como o melhor argumento a favor da nova indústria, pois passaria a ser, com o aproveitamento exclusivo das culturas da cana, o sustentáculo da mais velha fonte da riqueza agrícola do país. Criada para a defesa do açúcar, absorvendo os excessos da matéria prima, a indústria-filha salvaria o patrimônio da indústria-mãe, assegurando a continuidade da economia canavieira. Mas é evidente que nada disso se verificará, porque a expansão econômica e demográfica do Brasil, amparada e estimulada por uma política de realizações, comporta o desenvolvimento paralelo da produção açucareira e alcooleira, crescendo e progredindo cada qual no seu setor, em correspondência com os interêsses fundamentais de uma nação adiantada e vigorosa.

Os Comediantes

OS COMEDIANTES — um grupo de amadores — empreenderam a tarefa de reformar o teatro brasileiro, sobretudo com a temporada dos fins de 1943 no Teatro Ginástico e no Teatro Municipal. Talvez seja mais exato: a de lançar fundamentos para a criação de um grande e autêntico teatro brasileiro. Seria mais fácil a pregação teórica, o doutrinarismo estético. Mas ninguém cria ou reforma um teatro com teorias. Só o espetáculo opera no concreto, só a representação direta traz conseqüências eficientes. As teorias e teses são etapas ulteriores na construção da cultura teatral. Decidiram-se, pois, *Os Comediantes* a correr todos os riscos da representação cênica. Nenhuma certeza de perfeição havia nos seus projetos. Tinham que contar com as deficiências inevitáveis; umas do ambiente, outras das suas próprias condições. Não surpreendeu a ninguém que houvesse defeitos nos espetáculos. O que causou surpresa foi o arrôjo, a segurança, o idealismo com que *Os Comediantes* dominaram as suas dificuldades, tornando bem pequenas as deficiências e realmente grandes as conseqüências positivas. Uma obra de colaboração desinteressada como a dos *Comediantes* não é comum no Brasil. Ficará dêles, ao lado da emoção transmitida pelos espetáculos, a lição de dignidade artística, de subordinação de todos os sentimentos à idéia da seriedade em arte, de dedicação a uma obra difícil e penosa sem outro interêsse que não fôsse o da própria arte. Êste grupo de amadores tomou hoje entre nós o papel de uma escola dramática, no melhor sentido da palavra. Tenho a impressão de que a *Os Comediantes* cabe a tentativa de colocar a arte brasileira dentro das modernas correntes da arte universal. Operou-se no mundo uma renovação teatral da qual o Brasil (com algumas exceções, está claro) não tomou sequer conhecimento. Estamos, sob êste aspecto, na fase primária do teatro; e talvez que fôsse mais justo dizer: ficamos ligados a um determinado momento em que êle viveu na Europa situação alarmante de decadência. O papel de associações conscientes e bem orientadas como *Os Comediantes* seria tentar aqui a mesma renovação que se realizou na Europa e nos Estados Unidos. A atuação de tais grupos — associações culturais de diversas espécies — tem sido decisiva até em países de grande tradição teatral. Bastaria lembrar a sua significação na Inglaterra, o que já foi assinalado em *The Cambridge History of English Literature*: "During the last half-century the English drama has been re-created and restored to literature. This achievement is the work, partly of the writers already discussed, and partly of organizations that have embodied dramatic ideals or ventured boldly in production. Among these associations or entreprises we should name The Independent Theatre, The Elizabethan Stage Society, The Irish National Theatre, The Stage Society, The Drame League, The Vedrenne-Barker seasons at the the Court and Savoy, the Frohman season at the Duke of York's and provincial repertory theatres, beginning with Emily Horniman's Manchester experiment".

A arte cênica é talvez a única arte que não tem caráter indivi-

ALVARO LINS

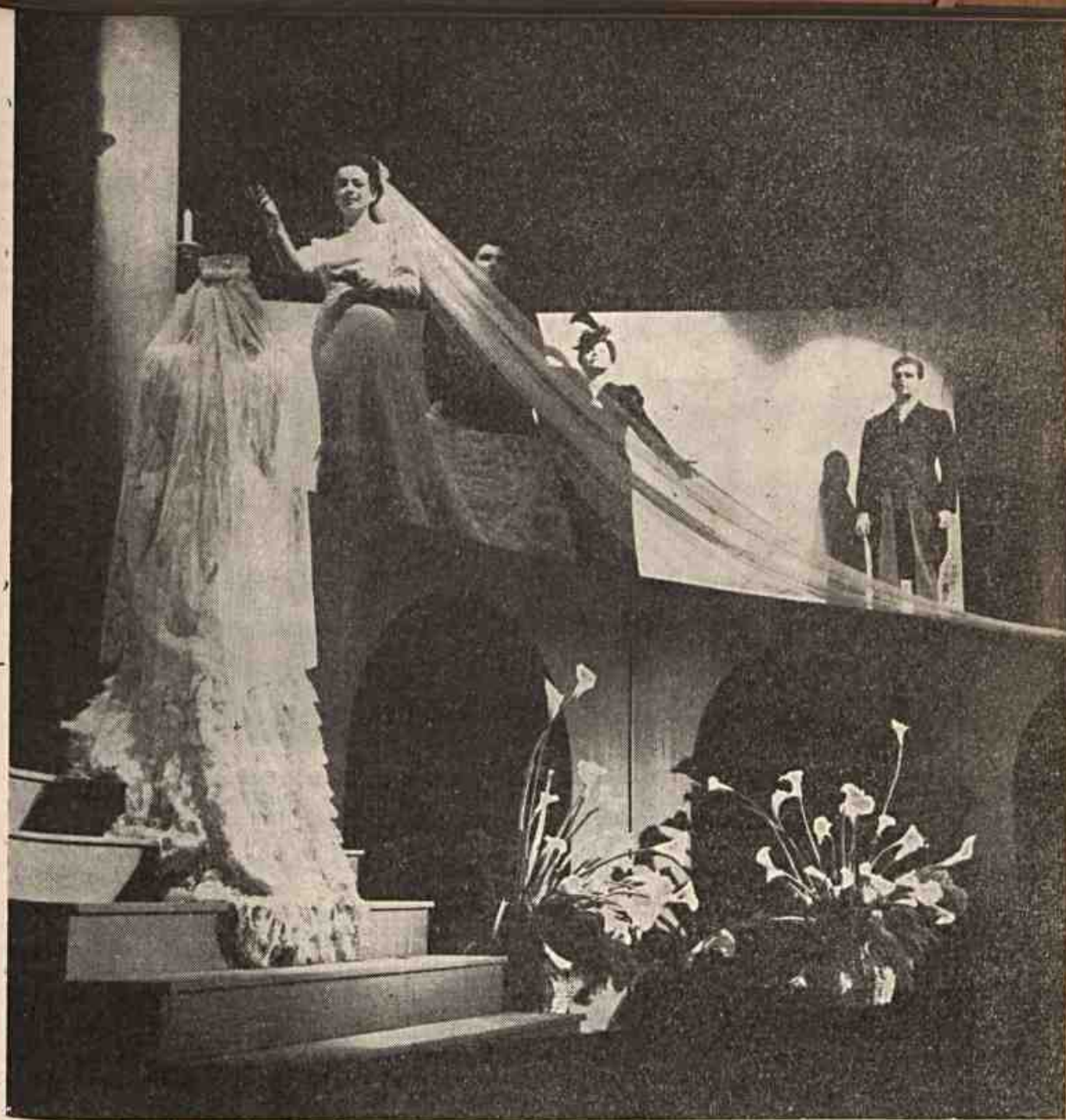
Na Gravura:

"Capricho de Musset" — Nadir Braga, Stela Perry e Dalmo Gaspar

"Vestido de Noiva" — Armando Conto, Stela Graça Melo e Isaac Paschoal

dual. Um autor isolado nada significa, porque uma peça que só suporta a leitura, e não a representação, já perdeu o seu caráter de teatro. Estão neste caso alguns "mistérios" de Claudel, pela inadequação ao nosso tempo, e algumas peças de Cocteau, pelo artificialismo. São obras de literatura, mas não de teatro. Pois o que caracteriza o teatro é a fusão da arte literária com a arte da arquitetura cênica. Faz-se o teatro com o autor, o ator, o público, o diretor, o cenógrafo, e mais o ritmo, as côres, a música, tôda uma arquitetura cênica, todo um conjunto de condições que constitue exatamente o espetáculo. Não se deve insistir muito no argumento de que o teatro shakespereano pode ser levantado com o cenário mais comum. Esta experiência serve para o teatro de Shakespeare, mas não para o teatro moderno. As mesmas experiências artísticas não devem ser repetidas em épocas diversas. Há no teatro moderno um lugar mais vasto para a técnica e a *mise-en scène* do que no teatro antigo, em que a arte literária existia em proporções mais amplas do que a técnica teatral. O espectador de hoje tem exigências de olhos e ouvidos bem mais agudas e extensas. Estilo dramático ideal é aquele que reúne, em quantidade e valores iguais, a elocução e a *mise-en-scène*. Existe pois uma série de fatores destinados a tornar o teatro uma arte ainda menos individual do que antigamente. A ela se refere Monner Sans como sendo uma "arte comicial".

Pois nos outros gêneros literários o público é um acidente, enquanto no teatro êle é um fator de representação. Foi dessa fôrça de colaboração e de conjunto, dessa unidade dentro da variedade de pessoas e de condições, que *Os Comediantes* extraíram a sua capacidade teatral. Diretores, cenaristas, atores, autores, estavam ligados numa unidade orgânica. À arquitetura de Santa Rosa correspondia a direção de Ziembinsky ou de Adacto Filho. Êles lembravam aquêle ideal que Louis Jouvet, com a sua experiência, fixou em *Reflexion du comédien*: "Mettre en scène enfin c'est servir l'auteur, l'assister par une totale, une aveugle dévotion qui fait aimer son oeuvre sans reserve. C'est trouver ce ton, ce climat, cet état d'âme qui a présidé chez le poète à la conception à son écriture, source vive et flux qui doit atteindre et innerver le spectateur et dont l'auteur lui-même n'a parfois ni soience ni conscience. C'est réaliser le charmel par le spirituel". Não teria obtido, por exemplo, um sucesso tão completo a peça *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, sem a colaboração de Santa Rosa e Ziembinsky. Havia nela certos detalhes, certos meios-tons, certas anormalidades, certas inovações, certas sutilezas, que mãos brutais ou menos artísticas poderiam atirar dentro do ridículo. A arte de Nelson Rodrigues não só se mostrou cheia de dificuldades para o próprio autor, mas para os atores e diretores. A sua mestria e audácia na concepção dos arranjos cênicos tinha que exigir, por correspondência, uma igual mestria e audácia no manêjo e na estruturação dêsses mesmos arranjos.

Li a peça *Vestido de noiva* quando estava ainda inédita. Transmiti a Nelson Rodrigues a impressão que me dera — uma realização original e importante

"Vestido de Noiva" — cena final — Lina Grey, Stela Perry, Maria Barreto Leite, Leontina Kness e Otavio Graça Melo

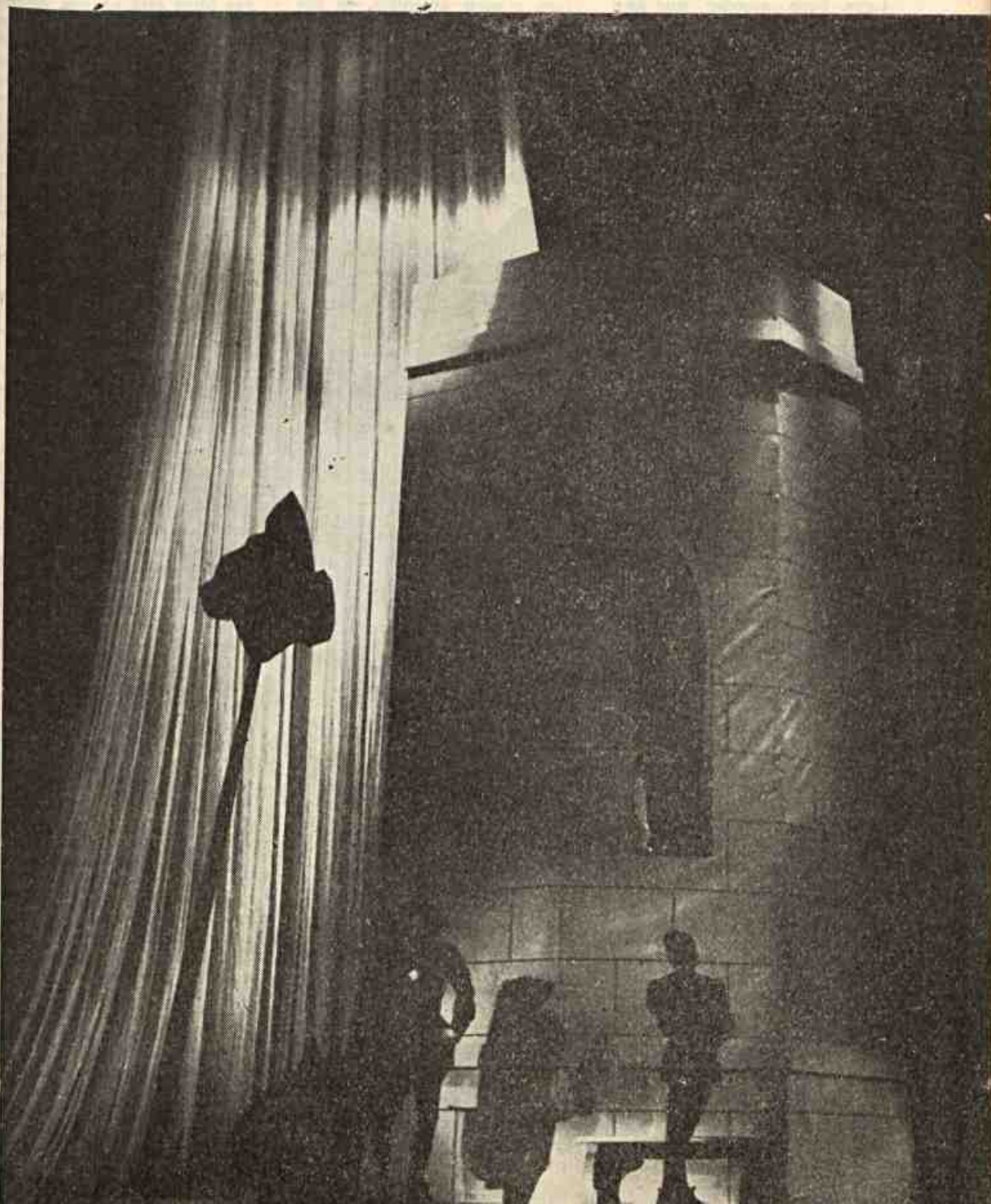
no teatro brasileiro — mas sem lhe esconder que o seu êxito estaria em grande parte nas condições do espetáculo. Não era para ser lida apenas, mas representada. Tivemos agora a prova da autenticidade teatral com a certeza de que ela causa ainda mais impressão ao espectador do que ao leitor. Levando a sua concepção para os domínios estranhos do sub-consciente, fixando um drama do instinto em face da consciência, a tragédia de Nelson Rodrigues precisava de um ambiente cênico que exprimisse e comunicasse tôdas as fases do desenvolvimento psíquico da personagem em estado de delírio e sonho. E tanto Santa Rosa como Ziembinsky tiveram da peça aquela compreensão que serviu para identificá-los com o autor e com o público no efeito da "tensão dionisíaca", efeito emocional que é o destino de todo verdadeiro espetáculo de teatro. Efeito que pode decorrer de uma peça antiga ou de uma peça moderna, mas em qualquer caso de uma peça que não esteja inadequada ao tempo e ao espaço. Esta adequação será sentida num trabalho do teatro grego ou num trabalho de Pirandello ou Eugene O' Neill. Um motivo de sucesso da peça de Nelson Rodrigues está na sua integração nas modernas correntes de teatro. Ao lado do teatro de expressão social, temos hoje uma grande tendência do teatro que se destina à expressão da vida subconsciente. Teatro de Pirandello, de Lenormand, de certas peças de O' Neill. As tendências culturais, as correntes de idéias, os movimentos artísticos, encontram-

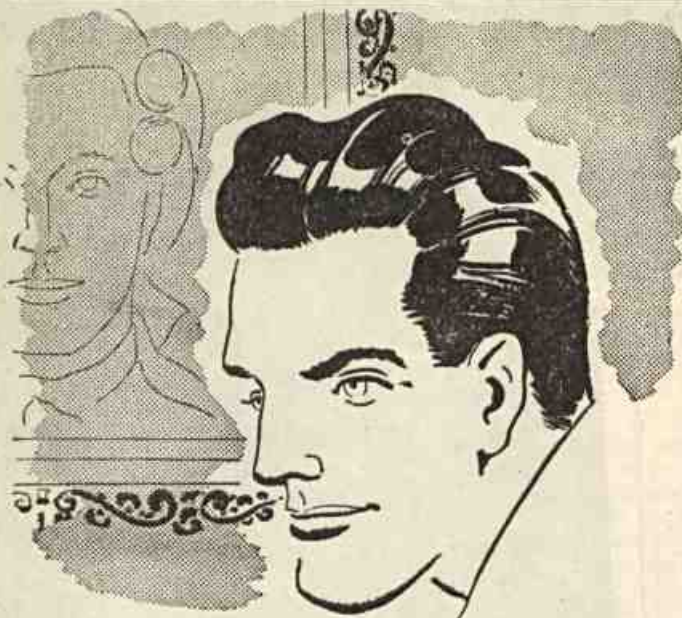
"O Leque" de Goldoni — Ferreira Maia, Dalmo Gaspar, Fadah Gattas, Otavio Graça Melo, Luiza Barreto Leite Soares, Luiz Gomes, Carlos Perry, Auristela Araujo, Walter Amendola, Darcy dos Reis, Maria B. Leite e Nadir Braga

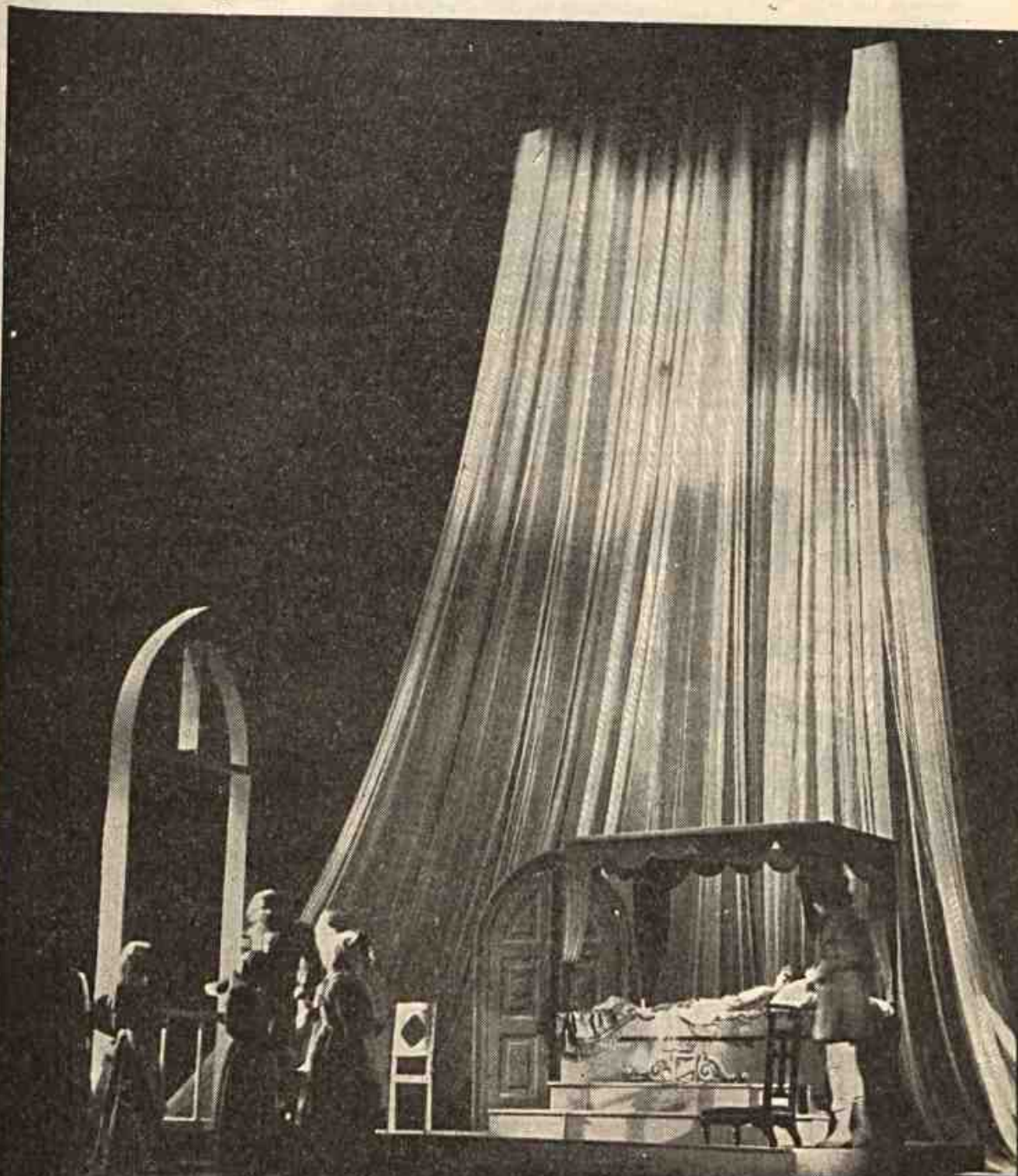
se em cada época e se projetam em todos os gêneros do conhecimento objetivo ou da criação subjetiva. Lenormand explicou que não conhecia Freud quando escreveu as suas primeiras peças, que já eram freudianas, mas o que significa isto senão que há correspondência entre a ciência de Freud e o seu tempo? Pouco importa que Proust tenha ou não conhecido a filosofia de Bergson, mas a aproximação que se pode fazer entre o romancista e o filósofo não prova que o bergsonismo reflete a atmosfera espiritual da sua época? Êste movimento de idéias e culturas que apresenta, por exemplo, um Bergson ou um Santayana, na filosofia, um Freud ou um Einstein, na ciência, um Proust ou um Joyce, no romance, também deu fisionomia e caráter ao teatro moderno. Distingue-se a todos um deliberado, um quase desesperado propósito de introspecção. Introspecção na filosofia, na ciência, na arte. E isto é um sinal das épocas desgraçadas, e portanto um sinal da nossa época. As épocas felizes não são analíticas, mas discursivas. A sensação, o pressentimento do perigo e do extermínio logo transmite ao homem, no entanto, o desejo de se conhecer a si mesmo, de operar com a análise e a desagregação até o conhecimento da sua personalidade. O teatro moderno está sob o signo filosófico do "ser e do conhecer", e projeta-se por isso nos domínios do sub-consciente. Tem-se hoje em arte literária tôda uma fenomenologia do inconsciente, na poesia, no romance, no teatro. Há trinta anos, no monodrama *Os bastidores da alma*, Nicolás Evreinoff havia levantado o espetáculo cênico da desagregação do "eu", segundo teorias científicas, conforme já foi explicado: o "eu" racional, o "eu" ilógico, e o "eu" que equilibra os dois: "a energia psíquica". Êste drama de dissociação da personalidade é também, como se sabe, um tema constante de Pirandello, o tema de *Enrico IV*, por exemplo. E está sugerido por Ibsen em certo trecho dos *Espectros*. Seria difícil a um teatrólogo moderno fugir dêsse movimento de introspecção e de análise psicológica do teatro moderno, pois como diz Ramón Peréz de Ayala, em *Las mascaras*. "un autor dramático, más que ningun otro escritor, tiene que pertenecer a su epoca, que es un modo de pertenecer a la historia".

Nelson Rodrigues, em *Vestido de noiva*, fêz o que se poderia chamar uma tragédia da memória. Daquela zona da memória não-voluntária e inconstrastável. A sua peça desenvolve-se em dois planos: o da vida real, concreta, objetiva, e o da vida da imaginação, desregrada, libertada, flutuante. Um desastre de automóvel leva a personagem principal, Alaíde, a uma mesa de operação. A peça, no plano principal, é a história de Alaíde como estava soterrada no subconsciente e agora libertada pelo adormecimento das suas faculdades conscientes. À proporção que Alaíde se aproxima da morte, na mesa de operação, a sua memória vai-se desarticulando, as suas lembranças vão-se desagregando. O papel do escritor foi juntar êstes fragmentos e com-

por através dêles uma história que tivesse unidade e verossimilhança. Foi o de criar uma ordem estética para o caos do assunto, o mesmo problema que Pirandello enfrentou em *Seis personagens em busca de um autor*, explicado no prefácio: "Representar um cáos não significa representar caòticamente; e... minha representação não é confusa, mas absolutamente clara, sensível e ordenada". O conhecimento dos fenômenos psíquicos apresentados em *Vestido de noiva* só poderia ser feito de maneira a-lógica e intuitiva. O seu caminho era a intuição poética para atingir o realismo total, que é uma ampliação em profundidade do realismo naturalista; o seu processo era criar uma lógica para as manifestações a-lógicas, uma verossimilhança capaz de acompanhar os movimentos de liberdade da imaginação em delírio. Deve-se julgar um autor pela sua capacidade de aumentar os problemas e complicar as situações do seu pró-

"Péleas e Melisanda" — Ziembiuski, Carlos Melo e Mary Cardoso

prio trabalho. Nelson Rodrigues não evitou nenhum problema cênico ou literário, mas jogou no palco todos os problemas que pôde levantar durante a criação da sua peça. Êle penetrou em cheio naquela zona de introspecção que alguém já chamou "psicologia abismal". Psicologia abismal que vem a ser essa tentação para o mal, para o pecado, para as aberrações morais, que existe no interior de tôdas as criaturas. Pode suceder que êsse mundo de sombras não venha jamais a ser despertado. Êle está formado, porém, e vai-se alimentando de instintos, impulsos, desejos. É sempre trágica a sua explosão em luta como o consciente. Proust atingiu tôda a profundidade do problema ao referir-se a "ces moments brefs, inévitables, où lon déteste quelqu' un qu'on aime" As aberrações morais e afetivas estão no interior do homem, e o poder de revelá-las, pela introspecção, é o da "psicologia abismal". Desta espécie é o caso de Alaíde, em *Vestido de noiva*. A sua vida subconsciente foi revelação da outra face, a mais autêntica, da sua natureza: aquela que sente a tentação, a vertigem do pecado. O seu ideal era a vida mundana e brilhante de Mme. Clessy, e é em tôrno dela, por isso, que a sua memória faz a ligação entre o mundo objetivo e o mundo imaginário. Mme. Clessy domina a sua existência quando Alaíde está livre da consciência, quando vieram para o primeiro plano os instintos e os desejos. A peça é então uma representação da memória em estado desgovernado, e sua construção foi a dos quadros mais superpostos do que sucessivos. Impossível contá-la ou resumí-la, pois a sua fôrça está na sua unidade, na sua articulação, sob o signo das associações de idéias e dos processos psíquicos. O que dela fica sobretudo é a sugestão poética da criação artística em conjunto. Vê-se que a sua técnica está ligada à elocução de modo indestrutível. Trazem efeitos iguais aos das palavras, os sons — sobretudo os ruídos repetidos do automóvel em atropelamento, as luzes, as côres, a música. Desdenhando os cenários e construindo a arquitetura cênica — com um bom gôsto e uma interpretação psicológica à altura da peça — Santa Rosa ficou sendo uma espécie de co-autor de *Vestido de noiva*. Como também Ziembinsky com a sua direção magistral. Êles fizeram em *Vestido de noiva* aquelas fantasias de *mise-en-scène* com as quais Max Reinhardt tanto contribuiu para a gloria de Lenormand. Ambos souberam realizar a intenção do autor da peça: a criação de um ambiente de encontro entre a ordem consciente e a ordem inconsciente, uma zona em que se misturavam a fantasia e a realidade, a comédia e o drama, o cotidiano e o supra-natural. Complexidade que é bem própria da tragédia moderna. Alcançou assim Nelson Rodrigues um lugar especial no teatro brasileiro. A uma concepção original, êle reùniu a arte e o jôgo dos diálogos, o poder de criar e movimentar personagens, o domínio e a segurança da técnica, o conhecimento dos arranjos cênicos e dos efeitos teatrais. Não lhe falta sequer o senso do *humour*, como deixou evidente em algumas cenas do velório. O que lhe resta agora é ampliar, em profundidade, os seus temas. A sua técnica é daquelas que exigem, como conteúdo, os grandes e eternos conflitos da alma humana. Êle não deve mostrar mais nenhuma timidez na escolha dos sentimen-

tos e problemas a colocar na ordem teatral. Tenho comigo que Nelson Rodrigues está hoje no teatro brasileiro como Carlos Drummond de Andrade na poesia. Isto é: numa posição excepcional e revolucionária.

De *O Escravo*, de Lúcio Cardoso — a outra peça brasileira representada pelos *Comediantes* — espero ocupar-me em outra ocasião, quando houver lido o texto, o que julgo necessário, neste caso, para definir de modo mais nítido as minhas impressões. Espero também me referir depois mais longamente ao trabalho dos atores nas peças estrangeiras. De modo geral não foram peças excepcionais, e sob êste aspecto, todos esperamos que, na próxima temporada, *Os Comediantes* sejam muito mais arrojados e avançados. Avançados e arrojados como foram na escolha de *Fim de jornada*, na presente temporada. De nenhuma das outras, porém, se pode dizer que seja inferior. Bastariam os nomes de Molière e Musset para transmitir uma idéia diferente. *Capricho* foi sobretudo um espetáculo agradável, na sua finura, na sua elegância, nas suas sutilezas sentimentais. Um espetáculo de salão. *Pelléas et Mélisande* fica apenas no plano do "bonito", mas será o "bonito" a finalidade da arte? Do

"Péleas e Melisanda" — Cena final — Maeterlink

ponto de vista de *Os Comediantes* — dos trabalhos de cenário, sobretudo — essa foi uma noite de grande sucesso. E' que essa peça de Maeterlinck só vive pelos cenários, pelos arranjos de *mise-en-scène*. A sua literatura é um simbolismo vago e frágil, com alguns bons diálogos, ora poéticos, ora brilhantes. De Molière não sei dizer nada, senão que me agrada como a tôda a gente. *Fim de jornada*, porém, foi a peça que me comoveu mais fundamente. Pareceu a muitos que a sua ação se desenrola com excessiva lentidão.

Creio, porém, que o seu ritmo lento era uma condição para que ao espectador se transmitisse tôda a realidade daquelas existências na trincheira. Realidade estranha e contrária às nossas impressões mais habituais: a do heroismo da guerra, que nada mais é do que uma vitória psicológica do dever sôbre o mêdo. Além do trabalho de direção, Ziembinsky se encarnou no papel de Stanhope com um máximo de fidelidade. Sentia-se a sua vibração de nervos em todos os detalhes, de tal modo que, não o conhecendo pessoalmente, a imagem física que guardo dêle é do oficial Stanhope. Imagem que o seu papel em *Pelléas et Mélisande* não teve fôrças para substituir. De modo geral, aliás, cada peça de *Os Comediantes* deu em resultado a revelação de um ou mais atores, alguns dêles com certas qualidades realmente notáveis. Em *Escola dos maridos*, José de Magalhães Graça. Êle bem compreendeu o Sganarelo de Molière. Um dêstes personagens — como o Harpagon de "*L'avare*" — que são cômicos nas aparência mas guardando no mais íntimo da personalidade alguma coisa de dramático e até de trágico. E Magalhães Graça é sobretudo um ator dramático. Ainda em *Escola de maridos*, Nadir Braga; em *Capricho*, Stella Perry, juntando ao seu talento de representação as sugestões da sua personalidade tão exuberante e definida; em *Fim de jornada*, Ziembinsky; em *O Escravo*, Lisette Buono, cuja máscara, voz e gesticulação tanto se identificavam com o seu papel, Luisa Barreto Leite Sans e Valter Amendola; em *Pelléas et Mélisande*, Mary Cardoso e Carlos Melo; em *Vestido de noiva*, Lina Grey, Auristela Araujo e Stella Perry, a Alaíde, a Mme. Clessy e Lúcia, que constituem o fundamento da peça sob o ponto de vista da interpretação, e Ilsaac Pascoal, Armando Couto e Stella Graça Melo, nas cenas do velório. Que não se tome, nestes casos, a falta de adjetivos como sinal de desapreço, mas como desejo de evitar mais lugares-comuns em referências tão ligeiras e sintéticas. Espero escrever em outra ocasião, como já disse, sôbre o trabalho das representações. Falarei então dêstes principais intérpretes, e mais de todos os outros que atuaram nos espetáculos, sobretudo Nelson Vaz, Brutus Pedreira, Carlos Perry, Dalmo Gaspar, Otavio Graça Melo, Alvaro Alberto, Figueiredo Júnior, Luis Paulo, Maria Barreto Leite, etc. Foi pena que a Nelson Vaz não fôssem dados papéis de mais responsabilidade. Êle tem tôda a sensibilidade e todo o caráter do ator consciente, e foi admirável a sua interpretação, faz quatro anos, do sr. Ponza, em *Cosi è (se vi pare)*. Volto, por fim, a ressaltar o papel de Ziembinsky como *metteur en scène*, função que já se disse ser o resultado de um visionário, de um poeta e de um técnico. Foi como visionário, como poeta e como técnico que êle dirigiu espetáculos como *Vestido de noiva* e *Fim de jornada*. Excelente a direção de Adacto Filho em *Capricho* e *Escola de maridos*. A propósito de *Os Comediantes*, porém, deve-se começar e acabar pelo nome de Santa Rosa. Êle não é apenas o cenógrafo, o pintor, o arquiteto de cenas, mas o dirigente, o orientador, o coordenador, o centro vital do grupo. Fica-se então sabendo que há neste artista puro um homem de ação na vida artística.

Nosso Patrimonio Artistico

O S.P.H.A.N.: Suas finalidades e atribuições

BREVE RESENHA DAS SUAS ATIVIDADES

A proteção do patrimônio histórico e artístico do Brasil, embora reclamada, de há muito, por escritores eminentes e importantes associações culturais, só recentemente foi instituida no país no caráter compulsório de um conjunto de disposições legislativas. Até então, o destino e a preservação de obras e monumentos de arte e de história foram abandonados aos caprichos dos interêsses e conveniências individuais. A exportação de objetos de valor histórico ou artístico não encontrava embaraços. E, quanto aos monumentos de arquitetura civil, se muitos ainda se conservam, é que a valorização das respectivas áreas de terreno nem sempre foi suficiente para cobrir com vantagem apreciável as despesas da sua demolição.

Só em 1933 é que, erigindo a cidade de Ouro Preto em monumento nacional, pelo Decreto número 22.928, de 12 de julho daquele ano, o Govêrno Provisório promulgou a primeira lei federal no sentido da preservação de tal patrimônio. Mas foi com o Decreto n.º 24.735, de 14 de julho de 1934, que a legislação nacional a êsse respeito se concretizou num primeiro estatuto, criando a Inspetoria de Monumentos Nacionais, subordinada ao Museu Histórico Nacional. Pouco antes, fôra também instituido, com análoga finalidade, o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, dependente do Ministério da Agricultura.

No entanto, sem embargo de serem bastante apreciáveis os resultados que vieram a produzir aquelas iniciativas, verificou-se para logo a sua insuficiência para o fim a que se destinavam. De fato, ambas aquelas repartições não se achavam aparelhadas convenientemente para assumir o encargo que lhes fôra cometido. Para melhor realização dos objetivos colimados, fêz-se sentir a necessidade não só de um órgão técnico-administrativo mais completo, como principalmente de uma lei federal que habilitasse o poder público a intervir decisivamente na defesa dos bens que, embora constituissem a maior parte do patrimônio de arte e de história do Brasil, pertenciam, entretanto, ao domínio particular.

Atendendo a essas circunstâncias, em princípios de 1936, o Ministro Gustavo Capanema incumbiu o Sr. Mario de Andrade, então Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de

Na gravura: Casa da Fazenda de Colubandê, Município de S. Gonçalo, Estado do Rio

Fortaleza Santa Maria, S. Salvador, Estado da Bahia

São Paulo, de elaborar um ante-projeto de organização do serviço de proteção que se tornava necessário. O notável especialista entregou-se com empenho à tarefa e apresentou ao titular da pasta da Educação um trabalho que, sob todos os aspectos, pareceu, desde logo, fundamental para qualquer obra que se viesse a empreender no país, com semelhante objetivo.

O Ministro Capanema, julgando, não obstante, que seria prematuro extrair-se do trabalho do Sr. Mario de Andrade um texto de lei, preferiu tomá-lo como ponto de partida para o início de uma obra técnico-administrativa, em que as medidas legislativas pudessem impôr-se aos poderes públicos por si mesmas, decorrendo naturalmente das observações fundadas na experiência. O plano organizado pelo Sr. Mario de Andrade serviria de base aos trabalhos iniciais.

Com êsse pensamento, o Ministro Gustavo Capanema solicitou ao Sr. Presidente da República autorização para instituir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. "Montar-se-á o serviço singelamente" — escrevia o Ministro em sua exposição ao Chefe do Govêrno — "com o pessoal estritamente necessário e para realizar de início os trabalhos essenciais e preparatórios. Paulatinamente, e com a experiência, irá surgindo o plano de organização definitivo, que será convertido em lei. Fazer desde logo a lei que regesse a matéria, não seria processo racional de realização no serviço público".

Em Abril de 1936, concedida pelo Sr. Presidente da República a necessária autorização, foi instalado o serviço, iniciando-se os estudos para a elaboração do projeto mais tarde convertido no Decreto-lei n.º 25 ,de 30 de Novembro de 1937.

O REGIME LEGAL ADOTADO — CARACTERÍSTICAS DO DECRETO-LEI N.º 25

A principal inovação introduzida pelo Decreto-lei n.º 25 no sistema jurídico do país foi a instituição do patrimônio histórico e artístico nacional definido como perfeitamente distinto do patrimônio econômico da União. Assim, enquanto que no regime anterior, o exercício do direito de propriedade constituia um impedimento à conservação dos bens de valor histórico ou artístico, a menos que os poderes públicos recorressem à medida onerosa da desapropriação, por isso mesmo impraticável em grande escala, a distinção veio permitir a intervenção do Estado para preservar os referidos bens, impondo, por outro lado, aos respectivos proprietários umas tantas limitações quanto ao exercício do seu direito.

A incorporação de um bem móvel ou imóvel ao patrimônio histórico e artístico nacional não é, pois, um ato de aquisição de domínio, mas um ato declaratório do valor histórico ou artístico da coisa que a torna sujeita a um regime especial; sendo imóvel, não pode ser demolida ou destruida, total ou parcialmente; só mediante autorização do S.P.H.A.N. e sob sua orientação e vigilância pode sofrer obras de restauração, reparação ou conservação; não se lhe podem apôr cartazes de propaganda; na sua vizinhança, não é permitido erigir construção que lhe impeça ou reduza a visibilidade. Tratando-se de bem móvel, é proibida a sua exportação para fora do país, além de se sujeitar às mesmas regras no que diz respeito à conservação e restauração. Móveis e imóveis ficam sujeitos à permanente vigilância e fiscalização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico.

Dentro dêsse regime, uns e outros podem ser livremente alienados, assegurada, apenas à União,

ao Estado e ao Município, sucessivamente, preferência para a aquisição, em igualdade de condições. Também podem ser gravados de onus real objetos de doação, de licitação, de locação, de sucessão ou legado, respeitada, apenas, no caso de alienação onerosa, a regra de preferência já mencionada. Em suma, pode-se dizer que fica plenamente respeitado o uso da propriedade, coibindo-se apenas o seu abuso, que em tanto importa, evidentemente, a destruição ou a danificação de um bem de valor histórico ou artístico.

O ato declaratório do valor histórico ou artístico de determinada coisa, móvel ou imóvel, ato de carater técnico-administrativo, que a submete ao re-

Igreja de S. Francisco de Assis, Ouro Preto, Estado de Minas

gime acima esboçado em suas linhas gerais, é o *tombamento*, isto é, a inscrição da coisa, com as indicações técnicas e jurídicas necessárias, num dos Livros do Tombo instituídos pelo Decreto-lei n.º 25 e confiados ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Êsses livros, em número de 4, dividem-se, conforme a natureza dos bens a serem tombados, e são: o Arqueológico e Paisagístico, o Histórico, o das Belas-Artes e o das Artes Aplicadas.

A lei prevê dois processos para a inscrição ou tombamento: o voluntário e o compulsório. No primeiro, procede-se ao tombamento ou a pedido do pro-

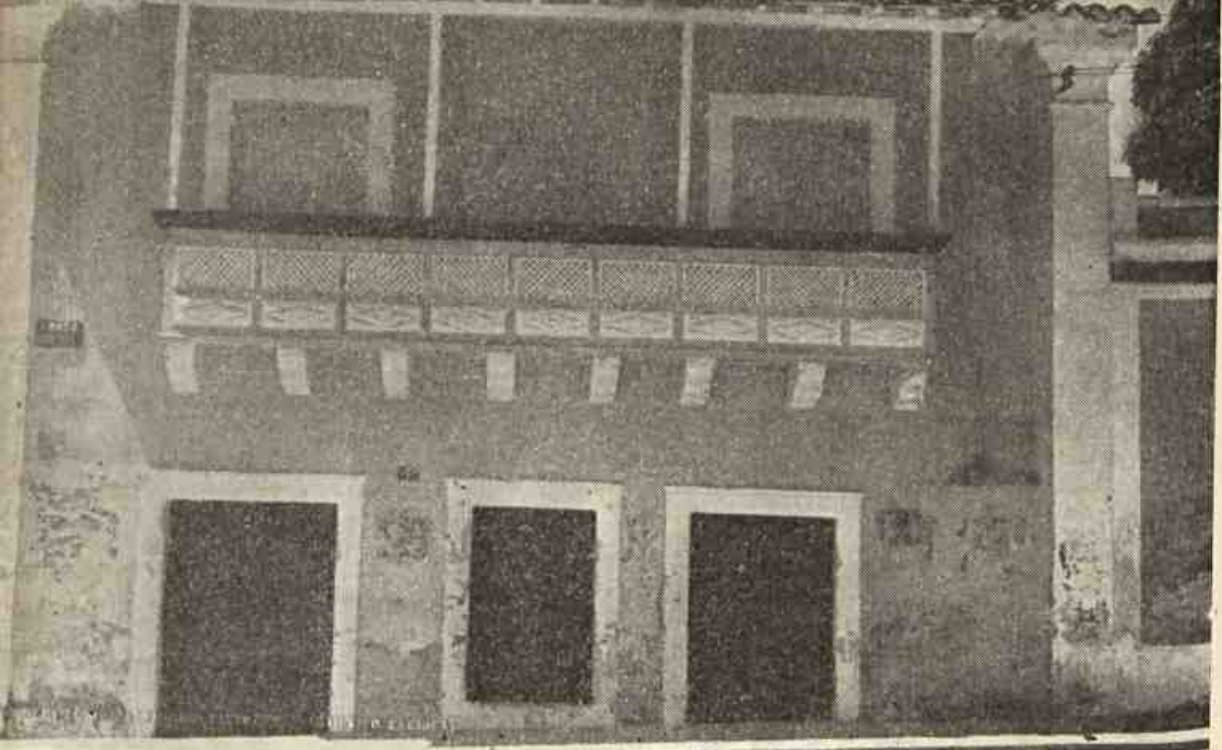
Casa de Jesuitas, Paranaguá, Estado do Paraná

Antiga Casa da Câmara e Cadeia, atual Museu da Inconfidência, Ouro Preto, Estado de Minas

prietário ou com a sua anuência. Nesses dois casos de tombamento voluntário, o processo diversifica-se apenas quanto à ordem do pronunciamento do proprietário da coisa e do Serviço, respectivamente. Sendo do proprietário a iniciativa, o diretor do Serviço manda ou não efetuar o tombamento conforme o parecer da Secção Técnica competente. Na hipótese inversa, mediante o parecer técnico, determina-se a notificação do proprietário, para anuir ao tombamento ou impugná-lo dentro de certo prazo (15 dias contados do recebimento da notificação). Se o proprietário expressa o tàcitamente — deixando de apresentar impugnação — a inscrição se faz e está concluido o processo. Se, pelo contrário, exerce o direito de impugnação, o tombamento converte-se vista do processo, por outros 15 dias, à autoridade autora da proposta do tombamento, para dizer novamente, à vista da impugnação e em seguida o feito é submetido ao Conselho Consultivo, um dos órgãos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, para proferir, a respeito, dentro de 60 dias, sua decisão, que é definitiva, irrecorrível e soberana. O Conselho Consultivo, presidido pelo diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, é composto dos diretores dos diversos Museus Nacionais e de mais dez membros nomeados por decreto do Presidente da República.

AS ATIVIDADES DO S.P.H.A.N. — SUA ORIENTAÇÃO — ATRIBUIÇÕES COMPLEMENTARES

Uma vez aparelhado, pela lei que se acaba de examinar, por poderes necessários a uma ação eficiente no sentido da preservação do patrimônio brasileiro de arte e de história, o Serviço incumbido de zelar por êsse patrimônio e propagar o seu conhecimento pôde deixar o campo dos estudos preparatórios, em que se mantinha, para entrar no das realizações. Dificuldades consideráveis surgiram nesse terreno, resultantes principalmente da enormidade da tarefa empreendida, num país da vastidão territorial do Brasil, com exemplares de arquitetura e das outras artes disseminadas por tôda a sua extensão e dignos de ser preservados.

O esfôrço inicial do Serviço dirigiu-se, pois, para o inventário ,tão completo quanto possível, dos bens de valor histórico ou artístico existentes no país, com a documentação histórica e fotográfica indispensável, para servir de base ao tombamento dos que fôssem julgados de excepcional valor. Só um inventário dessa natureza constitue tarefa absorvente para muitos anos e o trabalho, iniciado em 1937, está ainda longe de se poder considerar completo. Em todo caso, o inventário sistemático e documentado dos bens de valor his-

Sobrado do Século XVII no Pateo de S. Pedro, Olinda, Estado de Pernambuco.

tórico e artístico foi iniciado e vai bem adiantado em quase todos os Estados da Federação. Em dois, apenas, — o Amazonas e Mato Grosso, não foi ainda possível dar o devido desenvolvimento a êsses trabalhos, embora no primeiro já se tenha coligido material apreciável relativo a obras de arquitetura popular, jazidas arqueológicas e coleções particulares de interêsse etnográfico.

O inventário em apreço destina-se, como foi dito, a servir de base aos estudos indispensáveis para decidir, em cada caso, da conveniência ou da desnecessidade do tombamento. Não parece aconselhável, e, de resto, não seria mesmo possível, inscrever nos Livros do Tombo todos os bens de interêsse histórico ou artístico, especialmente os de arquitetura religiosa, civil ou militar. A própria lei indica o que se afigura melhor critério, ao restringir o tombamento às coisas consideradas de "*valor excepcional*". A restrição impõe um trabalho de cuidadoso discernimento que explica a desproporção existente entre a quantidade de bens simplesmente inventariados e o número dos que, afinal, foi decidido tombar. Êstes últimos, em todo caso, vão também avultando.

Até a presente data, a relação dos bens tombados é a seguinte:

Conjuntos urbanísticos	10
Logradouros	5
Obras de arquitetura civil	127
Obras de arquitetura militar	26
Obras de arquitetura religiosa . . .	244
Conjuntos de arquitetura funerarária	2
Jazidas de material de interêsse arqueológico	1
	415

Obras de conservação e restauração — Os bens tombados, até agora, são todos imóveis, como se vê dos dados acima, obras ou conjuntos arquitetônicos e urbanísticos. A razão de tal exclusividade está em que, no que diz respeito às outras artes, ou os respectivos exemplares mais valiosos se acham incorporados aos próprios imóveis tombados, como é o caso das obras de arte religiosa, incluidas no tombamento dos templos e conventos em que se encontram, ou, quando se trata de peças avulsas pertencentes a particulares, o mútuo interêsse do seu proprietário e do Estado tem preferido ao tombamento, a aquisição, para enriquecimento das coleções dos Museus Nacionais.

O tombamento acarreta o S.P.H.A.N. a obrigação imediata de zelar pela conservação ou restauração da coisa tombada, com os seus acessórios. E o que se tem verificado na grande maioria dos casos, é que os edifícios carecem de reparos urgentes. Muitas vêzes, reformas anteriores, executadas sem intuito de conservação das características originárias do monumento ,ocultaram vários elementos dos mais valiosos e significativos. As obras de restituição do edifício à sua feição primitiva reclamam, portanto, estudos prévios e cuidadosos, que devem acompanhar constantemente a execução dos trabalhos, pois já tem sucedido que a orientação a seguir resulte das pesquisas locais, revelando-se, com a retirada dos elementos superpostos, a verdadeira feição da construção primitiva.

Os trabalhos de restituição, reparação, conservação, preservação obedecem principalmente ao critério da verdade artística. Procura-se devolver ao monumento o aspecto, as linhas, o sentido que originàriamente o caracterizavam. E, quando as necessidades da conservação exigem a introdução de elementos novos, procura-se adaptá-los ao espírito

Paço do Saldanha, atual Liceu de Artes e Ofícios, S. Salvador, Estado da Bahia

da obra, não como uma contrafação do estilo, e sim, pelo contrário, deixando marcada a distinção das épocas, mas sempre com a preocupação recomendável de deixar a êsses novos elementos o aspecto mais discreto possível de auxiliares de construção, que não devem contar no conjunto nem perturbar os elementos tradicionais autênticos.

O mesmo critério prevalece no que diz respeito aos conjuntos arquitetônicos e urbanísticos e, por outro lado, à reparação de télas ou obras de estatuárias. Os estudos e o cuidado indispensáveis aos trabalhos empreendidos com êsse espírito exige a permanente atividade dos auxiliares técnicos do Serviço. Se fôr tomado em consideração que os bens colocados pelo tombamento sob a vigilância da referida repartição se acham situados nos mais

diversos pontos do território nacional, disseminados por todos os Estados, afastados um dos outros e da sede do Serviço por distâncias que correspondem a viagens demoradas e nem sempre fáceis, poder-se-á imaginar o esfôrço despendido e as dificuldades que precisam ser superadas para levar a bom têrmo a aludida tarefa.

Seria fastidioso enumerar, com as indicações técnicas adequadas, as obras de restauração e conservação já realizadas pelo Serviço. Diga-se apenas que orçavam por 76, em 1941, e neste momento já passaram à primeira centena e estenderam-se pelos seguintes Estados: Pará, Piauí, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Dessas obras vale a pena salientar a de proteção dos remanescentes da Igreja de São Miguel das Missões, no município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, compreendendo o reforço das fundações da tôrre e sua recomposição total, bem como a dos pórticos laterais.

Atividades complementares — Desde 1939, o Govêrno Federal incumbiu o S.P.H.A.N. de prestar auxílio aos Museus Nacionais existentes — o Museu Nacional, o Museu Histórico Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes — e providenciar para a instituição de novos museus. Se a primeira parte dessa incumbência não passa de simples problema administrativo, a segunda, entretanto, não poderia ser executada sem uma linha de orientação geral. Feitos os necessários estudos a respeito, resultou dos mesmos parecer mais aconselhável subordinar-se o plano de instituição de novos museus ao duplo critério regional e de especialização.

Com êsse intuito, foram ou estão sendo ultimados os preparativos para a instalação dos seguintes museus:

1.º) Museu Imperial, em Petrópolis, já inaugurado e em pleno funcionamento, sob a direção do Dr. Alcindo Sodré, instituido com a finalidade de "recolher, ordenar e expôr objetos de valor histórico e artístico referentes a fatos e vultos dos reinados de D. Pedro I e notadamente D. Pedro II", assim como os que "constituam documentos expressivos da formação histórica do Estado do Rio de Janeiro e, especialmente, da cidade de Petrópolis.

2.º) Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, instituido por lei desde 1938, com a finalidade de "colecionar as coisas relacionadas com os fatos históricos da Inconfidência Mineira e seus protagonistas e, bem assim, as obras de arte ou de valor histórico que constituem documentos expressivos da formação de Minas Gerais". Inaugurado a 11 de agosto do ano corrente, e em pleno funcionamento, sob a direção do Cônego Raimundo Otavio da Trindade.

3.º) Museu das Missões, em São Miguel, município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, para cuja instalação foi construido um edifício que é a reconstituição de um dos antigos alpendrados da missão jesuítica que ali existiu. Tem êsse Museu por finalidade "reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico e relacionadas com os sete povos das Missões Orientais fundados pela Companhia de Jesus naquela região do país".

4.º) Museu do Ouro, em Sabará, Estado de Minas Gerais, instalado na antiga Casa da Intendência do Ouro, generosamente doada à União Federal pelo seu proprietário e adaptada convenientemente para servir de sede ao estabelecimento. Destina-se êsse Museu a pesquisar, recolher, conservar e expôr os bens de valor histórico e artístico relacionados com a indústria da mineração no país, atendendo aos aspectos principais de sua técnica, sua evolução, sua influência no desenvolvimento econômico e na formação social de Minas Gerais e de todo o Brasil.

Além dêsses, está projetado o Museu Nacional de Moldagens, para reunir e expor moldagens diretas das obras mais notáveis da escultura brasileira assim como de elementos expressivos de arquitetura tradicional do país, aliás, já executadas em relação a grande número de monumentos e obras. Sua exposição em conjunto será de grande importância para o conhecimento da história da arte no Brasil.

Publicações e Exposições — Entre as atribuições do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional figuram as de propagar o conhecimento dêsse patrimônio e empreender estudos e pesquisas referentes ao mesmo. O Serviço mantém, pois, uma Revista, de publicação anual, em que colabo-

Sobrado colonial em S. Cristovão, Estado de Sergipe

ram notáveis especialistas de arqueologia, etnologia, história e história da arte e na qual são publicados estudos originais elaborados pelos técnicos e funcionários da própria repartição. Dessa Revista foram publicados 6 números, correspondentes aos anos de 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, estando prestes a sair o relativo a 1943. Além da Revista, o Serviço tem publicado igualmente diversas monografias avulsas de grande valor, como entre outras:

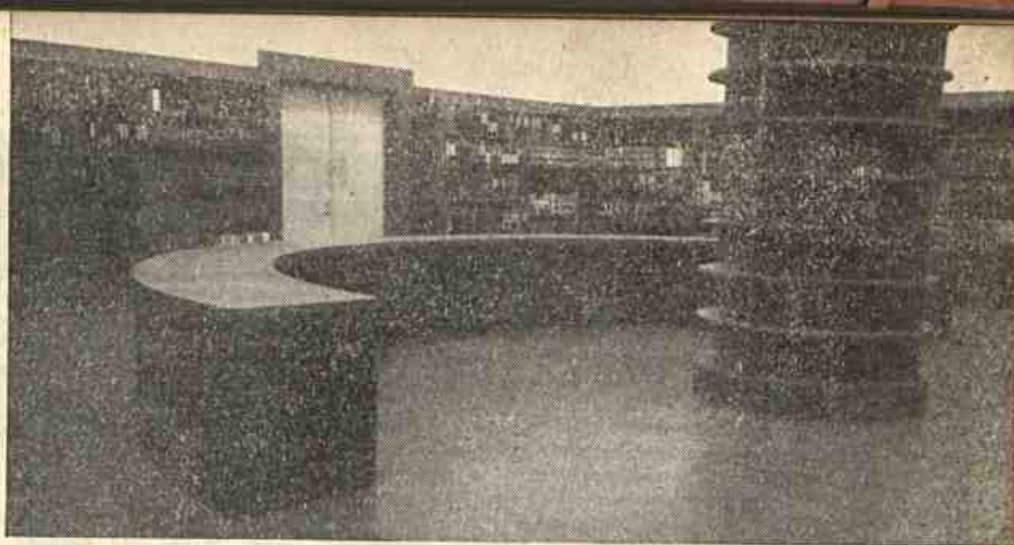
"Mocambos do Nordeste", por Gilberto Freyre; "Guia de Ouro Preto", por Manuel Bandeira, com ilustrações de Luiz Jardim; "Catálogo do Museu Coronel David Carneiro", "Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier" (1840-1846) com prefácio e notas de Gilberto Freyre; "Em Tôrno da História de Sabará", por Zoroastro Viana Passos; "Arte Indígena da Amazônia", por Heloisa Alberto Tôrres; "Fortificações da Bahia", por J. da Silva Campos; "História da Igreja do Carmo de Ouro Preto", por Francisco Antônio Lopes; "História da Igreja de N. S. da Glória do Outeiro", por Afrânio Peixoto; "Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil", por Afonso Arinos de Melo Franco; e ainda catálogos das diversas exposições realizadas pelo Serviço. Estas foram em número de 6, cumprindo destacar a comemorativa do centenário da morte de José Bonifácio e a de moldagem das 12 estátuas dos Profetas, esculpidas pelo Aleijadinho, existentes no adro do Santuário de Congonhas do Campo, Minas Gerais.

Estudos sôbre a história da arte — Biblioteca especializada — Arquivo fotográfico — Films. — No intuito de promover e facilitar o estudo sistemático da história da arte brasileira, o S.P.H.A.N. não só tem empreendido, pelos seus técnicos, as pesquisas necessárias, como constituiu um arquivo que já se pode considerar precioso pela profusa documentação fotográfica e de outra natureza que contém. Sua biblioteca especializada ascende a cêrca de 2.647 obras, num total de 4.515 volumes, muitos de grande valor. Entrando em entendimento com um produtor nacional de films, o Serviço colaborou na realização de films sôbre as tradicionais cidades mineiras de Ouro Preto, Congonhas do Campo e Mariana, dos quais foram adquiridas cópias para início de uma filmoteca, também especializada. Outros films estão projetados para realização sob a exclusiva responsabilidade dos técnicos do próprio Serviço.

Fiscalização dos leilões e do comércio de antiguidades. — O Decreto-lei n.º 25 conferiu ao S.P.H.A.N. a atribuição de exercer a fiscalização do comércio de antiguidades e dos leilões. Para êsse fim, instituiu a lei o registro obrigatório dos negociantes de coisas antigas ou raras em livro especial, a cargo do Serviço, obrigando-os, outrossim, bem como aos leiloeiros, a apresentar semestralmente à repartição a relação completa das coisas históricas e artísticas que possuirem. Nenhum objeto dessa natureza pode ser vendido, sem estar prèviamente autenticado por perito nomeado pelo Serviço. Tôdas essas salutares medidas não puderam ainda, infelizmente, ser postas em prática, pela imensa dificuldade de organizar e coordenar os trabalhos necessários em todo o território nacional e ainda pela dificuldade de encontrar peritos em número suficiente para atender a tais e tão vultosos serviços. Contudo, é de esperar que pouco a pouco essas dificuldades se resolvam e que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional se veja em breve habilitado a atacar também essa parte da sua missão, a única em que até êste momento nada lhe foi possível realizar.

A BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

1 — A renovação da Capital paulista, a que freqüentemenet aludem os jornais e viajantes, está longe de se resumir, como poderia parecer, aos aspectos materiais. A iniciativa e os esforços da administração penetram todos os setores, e muito particularmente o cultural. A infância é cuidada nos parques infantis; escolas novas se constroem; a juventude agrupa-se nos "clubes de menores"; os esportes são incentivados pelo Estadio; no Teatro, os corpos orquestrais, corais e de bailados foram criados e aumentados; as artes plásticas receberam uma galeria soberba, onde se sucedem, gratuitamente e sem interrupção, as exposições; também estabelecem as artes menores, a fotografia, a jar-

dinagem etc.; as praças e edifícios públicos enriquecem-se, diariamente, com novas esculturas encomendadas aos artistas locais.

Dentre essas iniciativas notáveis, destaca-se todavia a nova Biblioteca Municipal, quer como instituição, quer como instalação.

Recentemente dotada dum edifício novo, amplo e belo na sobriedade de suas linhas, pôde ela reorganizar-se, ampliar-se e desenvolver seus objetivos e serviços a um ponto inédito no país. De antigo e modesto depósito de livros, passou a verdadeira instituição viva, que encaminha o estudante, auxilia o erudito, faz exposições, provoca conferências e promove publicações.

A população soube apreciar essa boa vontade e, hoje, antes do segundo aniversário da sua inauguração, a nova biblioteca já se revela pequena e os clientes, a certas horas, enfileiram-se nas antesalas de leitura.

E, como o esfôrço paulistano não pára, já se cuida da extensão do sistema de bibliotecas, pela criação de novos estabelecimentos nos bairros, tanto para adultos, como para crianças — sucursais que permitirão aliviar a sede, especializar as atividades e levar a benéfica influência do saber a todos os recantos da populosa metrópole.

2 — As fotografias aqui reproduzidas, mostram alguns aspectos da Biblioteca Municipal de São Paulo, cuja atração aumenta pela excelência do local, muito central mas arcado de agradabilíssimo jardim.

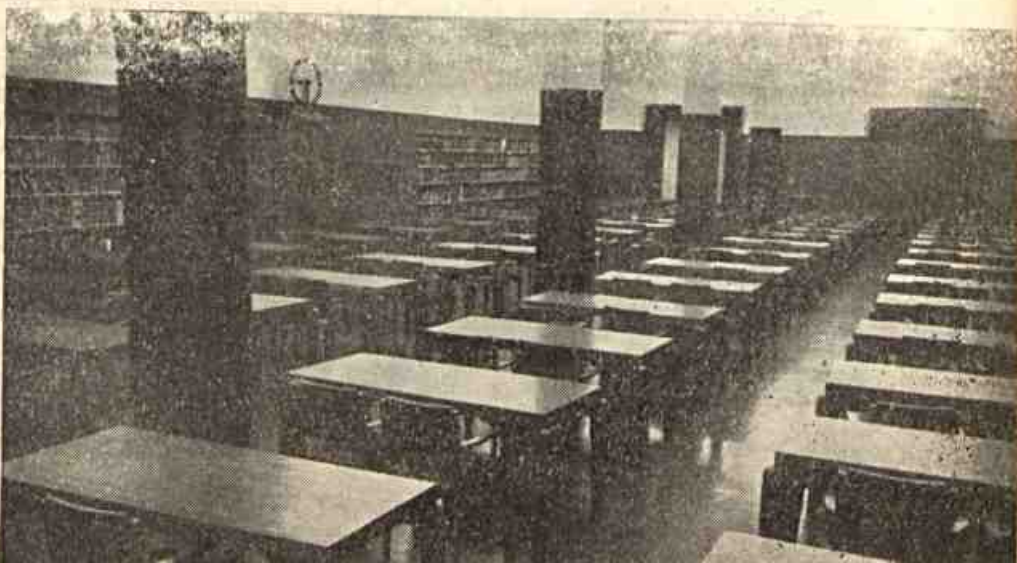
O edifício compõe-se de três secções principais, respectivamente correspondentes à recepção e serviços, à leitura e ao depósito.

O vestíbulo e o "hall", revestidos de mármores e lambris, conduzem às salas de revistas, às de leitura e ao auditório, pequeno mas aconchegado e próprio às conferências literárias ou científicas. Entrada separada dá acesso aos prestamistas, que se dirigem à secção empréstimo, cujo sucesso é crescente. Lateralmente aos salões principais, dispõem-se as salas de catálogos e fichários, a pequena galeria de novidades e gravuras, a sala de livros raros, a mapoteca, os seminários e os gabinetes de uso individual. Mais separados, as peças de administração, catalogação e outros serviços.

Encostada às salas de leitura eleva-se, com 24 andares, a torre-depósito, que, por meio de elevadores, monta-cargas e sistemas fônicos apropriados, recebe as encomendas e expede os livros solicitados. Do seu alto, um amplo terraço proporciona o panorama admirável de quasi tôda a cidade.

No porão alojam-se a oficina de encadernação e o maquinário de ar condicionado, cuja distribuição atinge as salas principais e os andares inferiores da tôrre.

Na frente do prédio, entre esguias palmeiras, uma estátua de Camões, delicada oferta da colônia portuguesa, afirma a unidade de raça e idioma.

Outras esculturas, internas ou externas, decoram a biblioteca e o jardim.

SANTOS - BERÇO DA CULTURA PAULISTA

SEMPRE que em qualquer parte do Brasil se menciona a cidade de Santos, a ninguém ocorre outra coisa senão isto: é a cidade portuária por onde se escôa a riqueza paulista; é o entreposto comercial da mais rica unidade da Federação; em suma, é a cidade do café.

E porque tôdas as atenções se voltam ùnicamente para o rico empório portuário, raros admitem que Santos tenha sido, no transcurso de quatro séculos, uma cidade culta entre as mais cultas. O fato, mesmo, dos fados a tornarem bêrço do Patriarca da Independência, sem olvidar que ali nasceu Bartolomeu de Gusmão, a sitúa entre os focos de civilização intensa, quando a civilização, em nosso país, refulgia apenas ao longo das capitais e metrópoles litorâneas: Recife, Salvador, Rio de Janeiro.

NINHO DOS POETAS

Santos foi um ninho de poetas. Ali nasceram Vicente de Carvalho, Martins Fontes, Paulo Gonçalves, para citar apenas os mortos. No jornalismo, surgem Alberto Sousa, Gastão Bousquet, para falar dos autoctones, sem citar os nomes ilustres que no seu jornalismo estagiaram, João Luso, Alberto Veiga, Eliseu Cesar, José do Patrocínio Filho.

Em outros ramos do saber a cidade dos Andradas se destacou, igualmente benfadada, pois nela nasceram o visconde de São Leopoldo e Carvalho de Mendonça, juristas insígnes.

De sorte que, sumariando embora a contribuição da cidade de Santos para a vida intelectual do Brasil, estamos rendendo a mais justa homenagem aos luseiros magníficos que a tornaram não apenas um pôrto de mar freqüentadíssimo, "balcão de São Paulo", como a cognominaram, febricitante, com a sua extensa linha de cáis por onde correm, dia e noite, as locomotivas da Docas, carregando e descarregando mercadorias, mas, ao de cima dessas preocupações materiais absorventes, uma espécie de conglomerado humano que reunisse, paradoxalmente, um pouco de Atenas e um pouco de Pireu.

A CRISE DO CAFE'

De tôdas as cidades paulistas, nenhuma se ressentiu tanto da crise de 1929. Até essa época, a posição privilegiada de escoadouro único das safras caféeiras, assegurava a Santos uma permanente e acelerada circulação de valores. Eram os bons tempos da Bolsa, onde o fluxo e refluxo da Fortuna emprestava à fisionomia local o seu quê de cidade americana. Os "homens da Praça" brincavam com a riqueza, atirando-a displicentemente nos riscos da especulação, e era assim, porque não podia deixar de ser assim.

Desde, porém que o mundo inteiro experimenta as angústias do terremoto, cujo epicentro foi a Bolsa de Nova York, Santos decai do passado esplendor. O café, produto em que assentava a sua opulência, renovando-se no tumulto das transações, desce à casa de zero; fortunas imensas reduziram-se a pó, no curto espaço de vinte e quatro horas. Quem não esteve em Santos naqueles dias trágicos, jamais assistiu a uma tão esmagadora mutação no destino das coletividades. A ruína dos homens que realizaram o "rush" do Klondike, eis uma catástrofe social que se lhe pode aproximar.

A RENASCENÇA DA VELHA CIDADE ANDRADINA

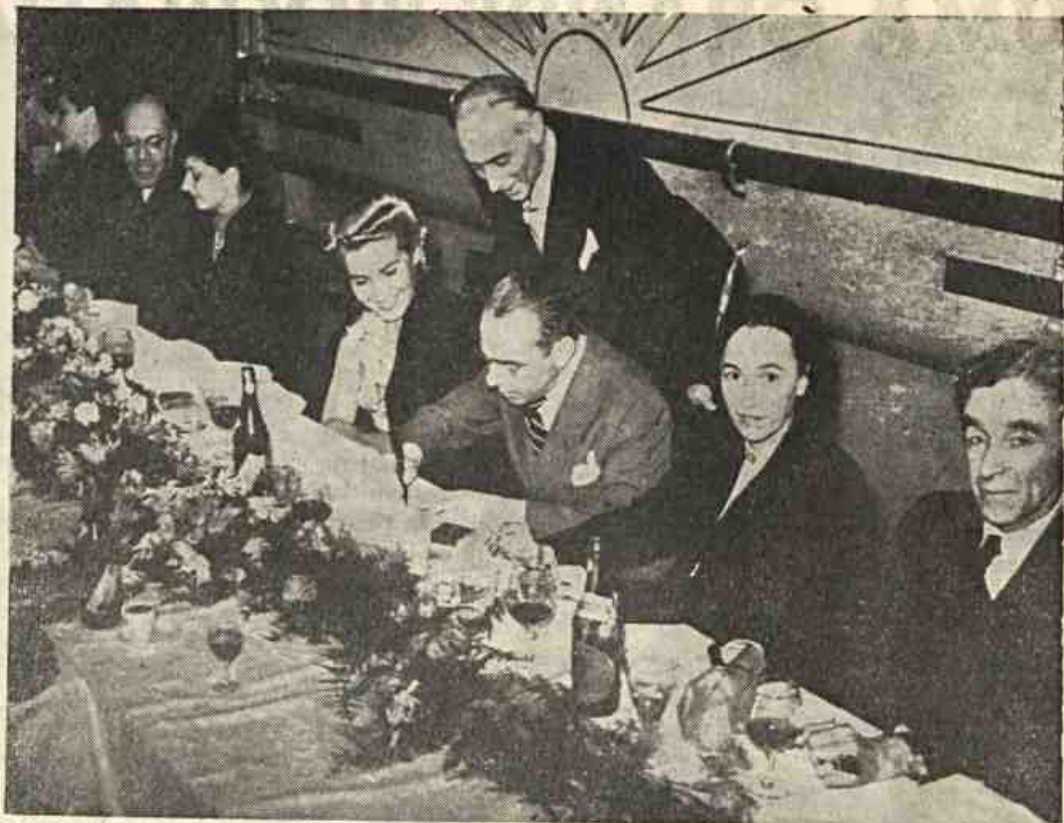
Ao longo dêstes últimos catorze anos, Santos pôde lentamente realizar um esfôrço prodigioso, reagrupando as próprias energias, para restaurar-se dos dias de infortúnio. Nós vêmo-la agora, cheia de viço e mocidade, graças a um plano de obras municipais, renascendo das próprias cinzas. Contando com os próprios recursos, sàbiamente administrada, eis que se prepara afim de, em breve, quando terminar o conflito mundial, reassumir a indiscutível liderança no concerto das grandes cidades paulistas.

Sabe-se que o velho burgo fundado por Braz Cubas é um milagre da engenharia brasileira. Duas obras monumentais puderam arrancá-la ao martírio da febre amarela e torná-la uma cidade salubre: a Companhia Docas e a Comissão do Saneamento, chefiada pelo saudoso engenheiro Saturnino de Brito. Quanto ao primeiro empreendimento, logo que uma linha de cáis modernizada passou a substituir as velhas pontes de atracação, e uma carreira de armazens de primeira ordem toma o lugar dos antigos e malcheirosos trapiches, opera-se a transfiguração miraculosa. Completam essa obra a abertura de canais de drenagem e um modelar sistema de esgotos, tudo levado a cabo pelo ilustre chefe da Comissão de Saneamento.

A TÉCNICA A SERVIÇO DA GRANDE CIDADE PORTUÁRIA

A cidade de Santos continua a ser uma obra de arte entregue aos cuidados da Engenharia. Atualmente, o seu prefeito é um engenheiro, o dr. Antônio Gomide Ribeiro dos Santos. A Renascença não se opera por acaso, mas pela convergência útil de todos os esforços no sentido de ampliar a área habitável, liquidar os fócos remanescentes de insalubridade, trabalhos que vão sendo superintendidos pelo chefe do executivo municipal, que é ao mesmo tempo um técnico de aprimorada cultura, como acontece na capital paulista, onde o prefeito Prestes Maia executa um plano de urbanismo de vastas proporções.

Santos é uma cidade arrancada ao lameiro, como as cidades holandesas foram arrancadas ao mar. E, como a pitoresca nação que os intrepidos batavos fazem e refazem com uma tenacidade proverbial, Santos vai sendo afeiçoada à vida e ao progresso, ao longo de meio século, por um aturado e silencioso trabalho de contínuas adaptações e readaptações graças ao concurso da técnica.

Quem hoje a percorre, quer no centro, nos bairros, ou — o que com maior freqüência acontece ao

AO inaugurar as suas atividades, a Editora FLAMA, de São Paulo, ofereceu um banquete aos críticos e intelectuais da capital bandeirante. A essa homenagem compareceram elementos de destaque do mundo social e artístico, vendo-se na fotografia que reproduzimos o sr. Alfredo Garcia da Silva, diretor da nova organização, ladeado por madame Guilherme de Almeida e senhorita Maria José Nonnemberg. Nos demais lugares se acham o poeta Guilherme de Almeida, o escritor Mário de Andrade e outras pessoas de realce da sociedade paulistana.

No decorrer do banquete, o poeta Guilherme de Almeida assinou com a Editora FLAMA um contrato para a publicação de uma seleção de trabalhos, representando trinta anos de poesia, entre 1914 a 1944, do festejado autor do "Nós".

FLAMA, com apenas quatro meses de atividade, já publicou as seguintes obras: John Steinbeck, "Luta Incerta"; Tomas Mann, "A Morte em Veneza"; Georg Fink, "Tenho Fome"; "Três Novelas Russas"; Andreief, Techekof, Gorki; "Três Novelas Norte-Americanas"; Willa Cather, Ernest Hemingway, John Steinbeck; Ruy Coelho, "Proust"; Guilherme de Almeida, "Tempo"; Mário Neme, "A mulher que sabe latim..."; Guilherme de Almeida, "Narciso"; Walt Whitman, "Saudação ao Mundo"; Villiers de l'Isle Adam, "O conviva da madrugada" e Benjamin Constant, "Adolphe".

---

forasteiro deslumbrado — lindas praias, jamais poderá adivinhar que, há apenas catorze anos, uma catástrofe ciclônica, na esfera econômico-financeira, abatera sôbre a risonha Cidade-ninfea, como muito gràficamente a classificou um dos seus poetas.

Avenidas arborizadas, todo um sistema de calçamentos que a enxuga dos lodaçais miasmáticos, escolas que se inauguram, Centros de Saúde, hoteis magníficos, cinemas, teatros, tudo volta a reimprimir o gôsto da vida no antigo entreposto que muita gente supunha para sempre mergulhado na ruina e na desolação.

UMA GRANDE BIOGRAFIA

Teófilo Otoni, ministro do povo

ENTRE os livros mais representativos da nossa bibliografia histórica, aparecidos no biênio de 1942-43, destaca-se sem dúvida a admirável biografia de Teófilo Otoni, da autoria do publicista mineiro Paulo Pinheiro Chagas. Biografia que é também o panorama de uma época das mais intensas da vida política brasileira, o seu "Teófilo Otoni, ministro do povo" ficará como uma obra mestra, já agora de consulta indispensável para todos quantos queiram se aprofundar

Paulo Pinheiro Chagas

na trajetória luminosa que foi a existência do bravo estadista montanhês. Num volume fartamente ilustrado, com mais de 440 páginas de texto, Paulo Pinheiro Chagas traçou, vigorosa e elegantemente, um retrato definitivo da personalidade de Teófilo Otoni, que se recomenda não só pelo documentário abundante que encerra, como pela elegância do estilo. De fato, trata-se de um livro composto de forma admirável, escrito numa maneira simples e agradável. Bem escrito, embora sem nenhuma afetação. Nesse particular, Paulo Pinheiro Chagas seguiu, certamente, o modêlo dos biógrafos franceses, sempre concisos e brilhantes. Fêz, contudo, obra original, que se caracteriza principalmente pela sobriedade, para medida, coisa tão rara e afinal de contas tão simples, tão natural. Escrevendo sôbre o livro de Paulo Pinheiro Chagas, declarou o crítico Agrippino Grieco: "Já tão fatigado de leituras, quase que o percorri sem interrupção, e isso representa uma crítica instintiva, raramente aplicável aos rabiscadores atuais". Corroborando idêntica opinião, assim se exprimiu o ilustre historiador paulista Afonso de E. Taunay a respeito de "Teófilo Otoni, ministro do povo": "Parabens pela confecção dêsse trabalho, feito com tanta consciência de exploração das fontes, riqueza de material e inteligência de seleção". Basilio de Magalhães, outro nome de valor, teve para o mesmo livro palavras do mais irrestrito louvor, como as que se seguem: "Creia que me foi muito útil a leitura do seu excelente estudo sôbre o egrégio coestaduano nosso. Permita que me sirva do ensêjo para apresentar-lhe, de envolta com os meus sinceros aplausos, a expressão do meu reconhecimento e a homenagem da minha mais inequívoca admiração". "Teófilo Otoni" foi assim aceito e louvado pelas figuras mais representativas da cultura e da inteligência brasileiras.

O "GRILL" das maiores atrações
apresenta sempre os melhores "SHOWS"
URCA
REFRIGERAÇÃO PERFEITA
Reserva de mesas:
TEL. 26-5550

Um pioneiro da nossa indústria gráfica

Teófilo Carinhas

Quando se escrever a história das artes gráficas no Brasil, há um nome que não poderá ser esquecido e que com justiça ocupa um lugar entre os pioneiros dessa indústria hoje contada entre as mais adiantadas do país. E' o nome de Teófilo Carinhas.

Vindo ainda muito jovem para o Brasil, depois de um aprendizado árduo e cuidadoso com os mais renomados artífices de sua terra, onde aperfeiçoou conhecimentos no estudo dos mais modernos processos gráficos europeus, Carinhas aqui chegou em 1917, para fundar, um ano depois, o "Diário Comercial Sul-Americano", encampado mais tarde pelo "Consultor do Comércio".

Outros planos porém, mais vastos, agitavam a capacidade produtora do artista e o vasto programa que traçara para a sua atividade começou a ser executado com a fundação da revista "Número...", em 1924, tendo como companheiros Roberto Dupuy de Lome e Moreno, e Josefino de Morais.

Um ano depois, em 1925, o desenvolvimento da epublicação e dos planos, exigiram a montagem de um aparelho próprio, surgindo assim, as "Oficinas Gráficas Empresa Número", sob a razão social de Carinhas & Cia. Ltda., de soceidade com Francisco Gimeno.

Nesse estabelecimento fêz, nos anos de 1923, 1927 e 1928, o Livro Vermelho dos Telefones, com Marcial Salaberry. Ainda em 1928, lança a revista "Shimmy", dirigida pelo escritor Raul Lelis.

Entra, então, para o "Jornal Português" e funda pouco depois a revista "Portugal Ilustrado", com Ruy Chianca.

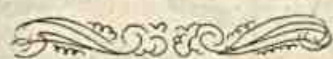
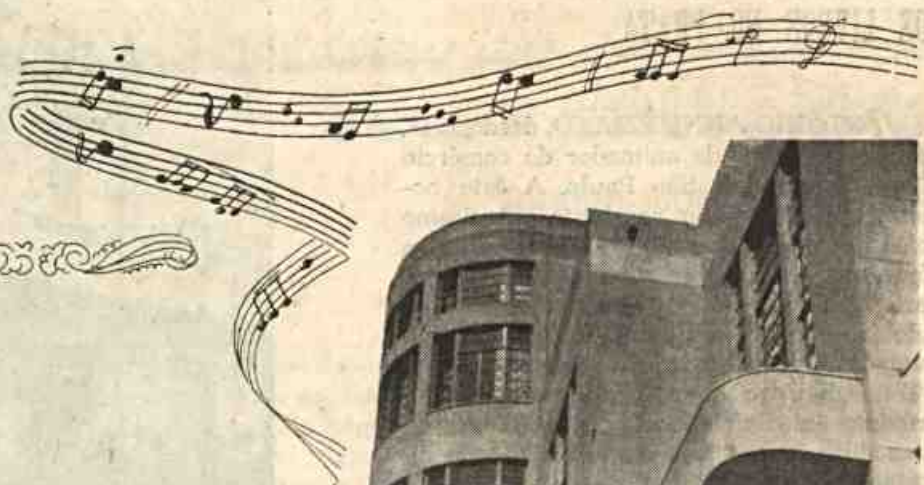
Outras publicações aparecem sob o controle de Carinhas. "Romance semanal", a revista infantil "Bonecos", dirigida por Manoel Mora, "Sucessos", são novas iniciativas de sua inquieta febre de trabalho, cada uma delas marcando um passo no progresso da nossa indústria gráfica, trazendo um aperfeiçoamento.

Daí por diante, só uma grande demonstração de capacidade poderia satisfazer o seu espírito progressista.

E Carinhas começa então a organizar e imprimir o "Album da Colônia Portuguesa no Brasil", destinados às Exposições de Sevilha e Colonial de Paris.

Tarefa extraordinàriamente arrojada para a época, exigindo uma gigantesca soma de capitais e um astronômico concurso de esforços, êsse album, além de tudo o que representa como trabalho e perícia, é uma verdadeira obra-prima de arte gráfica e de perfeição técnica, crescendo ainda o seu valor pelas condições precárias da indústria e das possibilidades, do material e dos profissionais do tempo em que foi feita.

Não importa que Teófilo Carinhas, hoje afastado do caminho que com tanto brilho percorreu, dedique a ramos diferentes a sua incansável atividade.

Suas lições ficaram. E delas começou o desenvolvimento da indústria entre nós. O seu lugar de pioneiro está garantido por um direito de conquista e pela conquista dos seus direitos.

Cassino Atlântico

UM ANIMADOR DA IMPRENSA E DOS LIVROS NO PRATA

ANTONIO ANNUNZIATO, desde 1911, é um grande animador do comércio livreiro em São Paulo. A êste homem, que vive num constante entusiasmo pelas iniciativas arrojadas, se deve um sem número de realizações. Antigo livreiro em Paris, tendo percorrido "êste mundo e a metade do outro", pois quando viajar era possível, ora o víamos num transatlântico, rumo à Terra do Fogo, ora a caminho do Oriente Próximo, êsse andarilho da cultura acaba de fazer "stop" nas privilegiadas terras do Prata.

Um belo dia, tendo ido até ali curar o fígado — o fígado dêsse homem bem humorado sofreu vários impactos no tombadilho dos navios e nas mesas de bordo, bebendo vinhos de tôda parte do mundo — Annunziato arregalou os olhos deante da terra maravilhsa e desandou a cantar hinos ao Brasil benfadado. Era uma prova evidente de que estava curado. Porque um doente do fígado, mas doente de verdade, não entôa hinos a coisa nenhuma.

Com efeito, Annunziato, depois de entoar louvores às árvores, aos jardins, às montanhas, aos caminhos cheios de sombra, só por último se lembrou de que tinha ido ali para tratar das vísceras arruinadas. Palpou-as, e não sentiu nada. Estava são e salvo. Desandou a gritar que as águas, ali, eram milagrosas e fêz um juramento perante o Eterno: "Não sairei mais do Prata".

Vemos, pois, o antigo livreiro da rua do Richepeuse, 9, em Paris, e da rua São Bento, em São Paulo, converter-se num fanático da terra onde foi encontrar o segrêdo da perpétua mocidade. Porque — íamos esquecendo de contar — o Annunziato mirou-se ao espêlho e verificou esta coisa estupenda: tinha rejuvenescido vinte anos.

Anunziato e Monteiro Lobato

E aí temos o homem que sofria de delírio ambulatório, definitivamente ancorado numa estação termal. Annunziato mandou construir lá o Pavilhão da Imprensa. Montou ao lado uma livraria. Mas, que vem a ser o Pavilhão da Imprensa? E' uma casa destinada a abrigar os jornalistas e escritores que, também derrancados das vísceras, pois trabalham curvados sôbre o fígado e abusam das emoções fortes, quiserem recolher-se ao estaleiro, isto é, a uma estação de águas.

E tanto o Annunziato está cumprindo religiosamente a missão que se impôs — êle é hoje um dos dinâmicos propulsores do progresso do Prata — que aqui vemos o escritor Monteiro Lobato ao lado do antigo livreiro. O autor de "Urupês", que recusou uma cadeira na Academia, não resistiu a um convite do Annunziato. E sapecou no livro de impressões (o Annunziato mantém no Pavilhão da Imprensa um livro de impressões e uma galeria de retratos dos nossos escritores e jornalistas) que o Prata era um lugar que dormia o sôno da inocência; com a chegada do Annunziato, despertou e está conquistando um lugar ao sol.

Também o jornalista Francisco Pati, que lá esteve, lançou no livro a seguinte quadra:

Eu conheço o Annunziato,
Que é homem que não descai:
Saúdo as águas do Prata,
Desta vez a coisa vai!

MOVIMENTO EDITORIAL

Duas iniciativas de ZELIO VALVERDE

RUBENS BORBA DE MORAES

A introdução da imprensa no Brasil data, pràticamente, de 13 de Maio de 1808, quando foi fundada a Impressão Régia. De 10 de Setembro do mesmo ano, data o primeiro número da "Gazeta do Rio de Janeiro", de propriedade particular, a princípio, destinada a dar publicidade aos atos do govêrno.

Comentando o fato, Hipólito José da Costa escrevia no "Correio Braziliense": "tarde, desgraçadamente tarde; mas enfim aparecem tipos no Brasil..." De fato, o Brasil era o último país da América a possuir tipografia.

A Imprensa Régia foi a única oficina tipográfica da capital até cêrca de 1821. Não terá deixado de influir na propagação da imprensa, mais talvez do que o atraso econômico do país, a severa censura criada logo em seguida à introdução de prélos no Brasil. Sòmente depois do aviso do Principe D. Pedro, de 28 de Agosto de 1821, mandando "que se não embaraçasse por pretexto algum a impressão, que se quisesse fazer de qualquer escrito", é que começam a aparecer tipografias particulares no Rio de Janeiro. A liberdade de imprensa permitiu que se espalhassem jornais por tôda a parte. Êsses jornais agitavam idéias, defendiam e atacavam pontos de vista, formavam a opinião pública. E' graças ao prelo que, em poucos anos, atingimos o nível político e cultural dos outros países da América Latina. E' graças a essa liberdade que existiu, ampla e sem peias, nessa época, que os brasileiros puderam ficar ao par do movimento democrático que surgia em Portugal, lutar contra o absolutismo e estabelecer uma política que lhe permitiu progredir tão ràpidamente.

Durante os primeiros quinze anos do Império são inúmeros os jornais que se fundam por todo o Brasil, incontáveis os folhetos que aparecem, defendendo, atacando, noticiando e comentando fatos, incutindo, enfim, uma consciência política no povo brasileiro.

Todos êsses jornais têm vida efêmera. A maioria não dura mais que alguns meses. Aparecem uma ou duas vêzes por semana. As tiragens são muito reduzidas e as dificuldades de comunicação impedem a divulgação pelas províncias. Muitos não deviam atingir senão o público das cidades onde eram publicados. Eram distribuidos sòmente aos assinantes, pois a venda avulsa só muito mais tarde é que se inauguraria no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Todos êsses fatores, inerentes às condições econômicas e sociais da época, agravados pelo fato notório que muito poucas pessoas ou até mesmo instituições guardam com cuidado as publicações periódicas, fazem com que as coleções completas dêsses primeiros jornais brasileiros sejam hoje extremamente raros. De muitos duvidamos que seja possível reconstituir, com números avulsos de diferentes origens, uma coleção absolutamente completa. E' êste o caso, por exemplo, da "Idade de Ouro do Brasil".

Além disso, as coleções existentes são guardadas àvaramente por colecionadores inteligentes ou jazem nas bibliotecas mais antigas. Na realidade, são inacessíveis ao estudioso. A organização antiquada de nossas bibliotecas torna a procura de determinadas coleções trabalho quase invencível.

Ora, ninguém contestará o valor dos jornais, sobretudo dos jornais antigos, para o estudo de qualquer assunto histórico. Seria perder tempo querer demonstrar a fonte de valor inesgotável, para o conhecimento do nosso passado, que são os primeiros jornais brasileiros.

Assim pensando é que tomamos a iniciativa de publicar o maior número dêles, fiados na boa vontade e visão do editor Zelio Valverde.

Resolvemos publicá-los em "fac-simile", no formato do original, no melhor papel que êsses tempos belicosos de penúria nos obriga a usar. E para satisfazer o gôsto dos bibliófilos, daremos uma tiragem especial, numerada, em papel de luxo.

Para iniciar a série, que denominamos "Coleção fac-similar de jornais antigos", escolhemos "O Tamoyo", o famoso periódico dos Andradas, que provocou o fechamento da Assembléia Constituinte de 1823. Publicaremos, a seguir, "A Aurora Fluminense", em 3 volumes, precedidos por um prefácio de Otávio Tarquinio de Sousa, sem dúvida a nossa mais alta autoridade em assuntos que se relacionam com período da Regência. Depois da "Aurora", virão outros, como "A Malagueta", a "Gazeta do Rio de Janeiro", com os seus 20 volumes, e se possível a "Idade de Ouro do Brasil"...

A dificuldade de se reunir coleções completas e em bom estado atrasará a publicação de alguns que, dada a importância, deveriam aparecer lògicamente nos primeiros lugares. Mas tôdas essas vicissitudes e dificuldades não interessam ao leitor. Se fazemos alusão a isso é porque desejamos apelar para os bibliófilos, colecionadores, estudiosos e também para o público afim de que nos auxiliem com indicações, críticas e comentários a respeito de nossas edições futuras.

Para a publicação de "O Tamoyo", contamos com a colaboração da Biblioteca Municipal de São Paulo e de Sérgio Buarque de Holanda, que puzeram à nossa disposição suas coleções do jornal de José Bonifácio. Contamos que exemplos como êstes sejam seguidos por todos quantos se interessam pelas coisas da cultura, em nosso país.

O

Outra iniciativa interessante de Zelio Valverde é a de editar folhetos antigos, hoje quase que inteiramente desconhecidos do grande público, por serem raríssimos.

Já foi publicado o primeiro dêsses folhetos: "Histoire de Nicolas I, Roy du Paraguay et empereur des mamelus", com prefácio de Augusto Meyer. Trata-se de uma novela, baseada nas missões jesuíticas do Paraguai e nos mamelucos de São Paulo. Foi impressa em 1750, "a Saint Paul", diz o frontispício do pequeno volume, mas na realidade foi impressa com tôda a certeza na Europa. Isso era comum no tempo.

Como a "Histoire de Nicolas", contam-se muitos outros folhetos interessantes, que só não foram ainda reeditados por não constituir "negócio" para os editores.

Êsses folhetos vão ser agora publicados em tiragem limitada de 500 a 600 exemplares, mesmo porque o conteúdo demasiado restrito ao interêsse popular não dá margem a grandes edições. A apresentação gráfica será sempre de primeira qualidade.

Sendo uma iniciativa de natureza cultural, é lógico que cada folheto será precedido de um estudo, entregue a um especialista. Quando o texto for de língua mais difícil, como o alemão antigo, — e são inúmeros os folhetos escritos em alemão antigo, — então, a reprodução fac-similar da obra será acompanhada da tradução portuguêsa.

A "COMÉDIA HUMANA" de BALZAC, em português

PAULO RONAI

A edição completa da **Comédia Humana** de Balzac, que está sendo anunciada pela Livraria do Globo, constitui, sem dúvida, um dos maiores empreendimentos editoriais já levados a efeito no Brasil no campo da literatura.

O grande romancista francês tem no Brasil inúmeros leitores. Muita gente haverá lido um, dois ou até mais de seus livros mais famosos: **Eugénie Grandet, — Tio Goriot, A prima Bette** muita gente cita pelo menos o título de um de seus romances, **A mulher de trinta anos**; mas poucos terão lido o poderoso conjunto formado por seus romances e novelas, **A Comédia Humana**.

E' o primeiro dos grandes ciclos épicos dos tempos modernos, seguido depois pelo dos **Rougon-Macquart**, de Zola, e, mais próximos de nós, por **A la Recherche du Temps Perdu**, de Proust, ou **Les Hommes de Bonne Volonté**, de Jules Romains; **Os Thibault**, ou **Jean Cristophe**, de Martin du Gard, de Romain Rolland. Editôres e leitores compreenderam que, editado ou lido sózinho, um romance de Proust fica uma obra mutilada, impossivel de ser compreendida em tôda a sua riqueza de aspectos. Pois é êste mesmo o caso de Balzac, e à Livraria do Globo cabe o grande mérito de o haver reconhecido.

Vi, na **Casa de Balzac**, na rua Raynouard, em Paris, transformada em museu, a célebre estátua d Napoleão, em cujo pedestal a mão orgulhosa do escritor gravara estas palavras: "O que êle começou pela espada, quero acabá-lo pela pena". Tratava-se, para êle, de uma conquista integral da realidade. Mais ainda: segundo sua própria declaração, quiz "fazer concorrência ao Registro Civil", conferindo às criaturas de sua ficção o sôpro vital que só pessoas vivas, reais possuem. E quem ler esta obra vasta que é a **Comédia Humana**, com seus noventa romances e novelas, não poderá deixar de confessar que por pouco Balzac não realizou êste objetivo grandiosamente absurdo.

Lembremos, em poucas palavras, a significação do poderoso conjunto de romances de Balzac que forma uma das maiores realizações individuais da arte.

Depois de procurar a sua fórmula entre os gêneros então ainda mal definidos da prosa, Balzac começou sob a influência de Walter Scott, por cultivar o romance histórico. Aprendeu do romancista-antiquário escocês o método de pesquiza, o gôsto da documentação, o modo de salientar os pormenores e de reconstituir os ambi-

Balzac

entes. Pouco tempo depois faz a sua primeira grande descoberta, que consiste na aplicação dos métodos do romance histórico ao romance contemporâneo ou social: como Walter Scott percorria as bibliotecas, os arquivos, as lojas dos antiquários e dos alfarrabistas, assim Balzac começará os seus estudos à cata do documento humano. Coleciona, guarda, anota os documentos mais estranhos e mais curiosos, nomes nas pedras mortuárias dos cemitérios, têrmos de gíria comercial, listas de preços de perfumaria relatórios de corretores de imóveis, um olhar oblíquo de mulher num salão elegante, casos famosos da crônica policial, a côr das paredes e o desenho dos móveis nas alcôvas das cortesãs, os cardápios das pensões pobres do Bairro Latino, e assim por diante. Observa as figuras que encontra em suas incessantes vagabundagens pelo vasto oceano humano de Paris: aquêle pobre velhinho encolhido e tímido é o tio Goriot; êsse elegante, o jovem Lucien de Rubempré; aquela solteirona idosa e insignificante, a prima Bette. E com êste incrível bricabraque de observações desconexas e aparentemente inúteis, com estas figuras comuns conhecidas de todos, cria um mundo de visão gigantesca, revelando de repente que não é preciso ir procurar a matéria do romance nos tempos passados, nos países exóticos ou nas regiões terrificantes da alucinação. O patético, o monstruoso, o admirável estavam ao alcance de todos, disseminados na vida quotidiana; faltava apenas extraí-los e coordená-los.

Já com uma parte de sua obra feita, vislumbra Balzac outro meio poderoso de reforçar a realidade do seu mundo. Na vida real, a existência de cada homem, cada história, cada episódio está ligada por mil fios a outras existências, histórias e episódios; na ficção do romance, ficam arbitrariamente delimitados, encerrados em si, num isolamento artificial. Por isso Balzac resolve não terminar a vida de suas personagens dentro de um só romance, mas ligar todos os romances entre si, fazendo passear através dêles uma multidão de personagens, sempre as mesmas. São os mil representantes característicos de uma geração: em cada obra, um dêles passa ao primeiro plano ao passo que os outros continuam a gravitar-lhe em derredor, influindo no seu destino e sofrendo, por sua vez, a ação dêle. Introduz então Balzac esta inovação não sòmente nos romances novos, mas em tôdas as obras já publicadas, refazendo-as completamente.

Não satisfeito ainda com esta intensificação da vida irreal, o romancista mistura as suas personagens fictícias com as personagens reais da época. Seus conhecidos e amigos, seus contemporâneos mais ilustres acotovelam-se nos salões, nas ruas, nas lojas, com as criações de sua imaginação, numa ilusão tão perfeita, que o próprio autor acaba por não saber mais distinguir entre pessoas e personagens.

Assim a **Comédia Humana** é o monumento gigantesco de uma época e de uma sociedade, realmente comparável à **Divina Comédia** de Dante. Nela aparecem não sòmente tôdas as idades, profissões e classes sociais, como também tôdas as molas da vida coletiva. A observação como a prefiguração constituem os grandes instrumentos dêste escritor genial, que descrevia a geração da sua época e pressentia ao mesmo tempo as gerações do futuro, as quais, aliás, suas obras contribuiram a moldar. Neste sentido pode-se dizer que a **Comédia Humana** é a pintura mais completa da forma de sociedade a cuja crise estamos assistindo atualmente.

Talvez mesmo estas breves indicações permitam entrever a importância da **Comédia Humasa** em seu conjunto, importância que não se revela senão fragmentàriamente nos romances que a compõem. Graças ao trabalho de tradutores nacionais cuidadosamente escolhidos, a Livraria do Globo apresta-se a colocar esta obra monumental ao alcance do público brasileiro.

Os romances de Balzac, editados separadamente, podem dispensar introduções e comentários, mas numa edição completa como esta, impõe-se certo trabalho de exegese elucidativa.

Não se tratará, està visto, de notas pedantes e pesadas, que teriam por único efeito aumentar a dificuldade da leitura. Pelo contrário. Os editôres propõem-se guiar o leitor nesta vasta região, transformando a longa caminhada em passeio agradável, com pequenas paradas a cada volta do caminho, para fazê-lo gozar o panorama que se descortina assinalando-

2 II. LIVRE, SCÈNES DE LA VIE DE PROVINCE.

Prova de página de um romance de Balzac, emendada pelo autor.

lhe as belezas mais recônditas, orientando e avivando as suas impressões.

Os noventa romances ou novelas da **Comédia Humana** serão precedidos cada um de um pequeno prefácio que, além de preencher essa tarefa, estabelecerá também a ligação necessária entre as diversas obras lembrando, cada vez que fôr necessário, a vida anterior ou posterior das personagens em outras partes da **Comédia Humana**. Em suma, para os que gostam de acompanhar as influências literárias em seu caminho curioso, serão assinalados os fatos mais notáveis da sobrevivência

do mundo balzaquiano no domínio da arte e da vida.

Algumas notas, poucas mas indispensáveis, elucidarão alusões a acontecimentos contemporâneos de Balzac, afastados de mais para serem conhecidos do leitor atual, principalmente quando não francês.

Duas outras características contribuirão a fazer desta edição de Balzac uma das mais completas, talvez a mais completa das que existem fora da França: uma documentação iconográfica completa e uma documentação crítica. No que diz respeito à primeira, basta dizer que cada um dos dezoito a vinte volumes da edição conterá um retrato diferente de Balzac, todos contemporâneos do escritor e da mais rigorosa autenticidade. Sairão também, em fac-simile, várias provas de tipografia corrigidas pelo escritor para dar uma idéia do seu modo de trabalhar laborioso, de seu incessante desejo de aperfeiçoamento. Quanto à segunda característica, cada volume conterá pelo menos um ensaio dos mais valiosos, publicados, numa centena de anos, oferecendo assim aos leitores as interpretações mais competentes da obra de Balzac.

A Livraria do Globo quis confiar-me o trabalho de escrever os prefácios e as notas, de reunir as ilustrações e os ensaios, e de um modo geral, de coordenar os elementos desta grandiosa edição. Foi com o maior prazer que aceitei êste honroso convite, que tão perfeitamente corresponde a minhas preferências, como também a meus estudos anteriores. Há tempos publiquei em Budapest minha tese de doutoramento em literatura francesa intitulada **Observações acêrca das obras de mocidade de Balzac**, trabalho preparado em París. Tive aí a feliz oportunidade de aproximar-me do Sr. Marcel Bouteron, bibliotecário do Instituto de França, o melhor conhecedor da obra de Balzac e organizador da admirável edição da **Comédia Humana** na coleção da **Pléiade**. Assisti, então, aos cursos de literatura comparada co prof. Fernand Baldensperger, autor de uma obra magistral sôbre as **Orientações Estrangeiras na obra de Balzac**. Se o primeiro dêstes dois mestres me transmitiu a dedicação à obra balzaquiana, o amor aos pormenores e o método da pesquisa, o segundo ajudou-me a considerar esta obra não sòmente em si como também em suas múltiplas conexões dentro e fora da literatura francesa. Tive também a grande alegria intelectual de consultar, no silêncio da Biblioteca Spoelberch de Lovenjoul, de Chantilly, varios manuscritos de Balzac, com uma emoção que é fácil imaginar.

São estas as razões afectivas e intelectuais que me levaram a aceitar um trabalho que talvez supere as minhas capacidades. Não quero porém silenciar mais um motivo que me enche de alegria: poder demonstrar, mesmo indiretamente, numa hora de humilhação cruel para a França, a minha profunda gratidão a um país que, numa época mais feliz, me ofereceu, e a tantos outros, com generosa hospitalidade, o magnífico ambiente de suas instituições científicas, a um país cuja civilização esplêndida constituiu e constituirá sempre e no mundo inteiro uma fonte de inspirações fecundas.

"CASA GRANDE & SENZALA"
EM EDIÇÃO DEFINITIVA

OSMAR PIMENTEL

Acrescida de uma bibliografia sistematizada e de um índice de nomes citados, apareceu, em 1943, a quarta edição definitiva do grande livro de Gilberto Freyre, "Casa Grande & Senzala", na Coleção Documentos Brasileiros, dirigida por Otávio Tarquínio de Souza. As ilustrações de Santa Rosa, além do maravilhoso desenho de Cícero Dias, da Casa Grande do Engenho Noruega, deram à apresentação gráfica da obra de Gilberto um interêsse todo especial Ao livreiro José Olimpio é que se deve a edição definitiva de "Casa Grande & Senzala", em dois volumes.

O aparecimento da edição definitiva de "Casa Grande & Senzala", de Gilberto Freyre, dá-se quando ainda não surgiu o que todos quantos admiramos êsse ensaio poderíamos desejar que surja: um livro decente onde, uma a uma, sejam refutadas as sugestões de tão expressivas sondagens sociológicas em tôrno da formação latifundiária e escravocrata da sociedade brasileira. E será, sem dúvida, penoso — tanto para os leitores como para os mais diretamente interessados pelos problemas, por simples hipóteses de trabalho ou pelas conclusões da moderna sociologia brasileira — que se verifique, até hoje, omissão tão constrangedora.

Sabe-se que se trata de livro discutido, possivelmente do livro mais atacado e elogiado entre nós, desde a publicação da ampla monografia polêmica que Euclides da Cunha escreveu sôbre as condições culturais de nosso sertanejo do século XIX.

Mas o fato de reconhecer que "Casa Grande & Senzala" é ensaio discutido não implicará necessàriamente — suponho — no reconhecimento de que tenha sido êle atingido, em sua essência, por qualquer discussão séria, se dermos a êsse substantivo controvertido as fronteiras e as discreções de sua acepção científica. Porque não haveria exagêro no dizer-se que — diante de um livro como "Casa Grande & Senzala", com seus inúmeros temas de interêsse vivo para o conhecimento objetivo das raízes culturais da formação brasileira — terão ocorrido, menos discussões de índole científica, que bate-bôcas sumários de apologistas ou detratores do ensaio. Apologistas e detratores ostensivamente unilaterais em seus pontos de vista coloridos de sentimentos, sem dúvida, mas nada acrescentando à validade ou à eventual inconsistência dos temas desenvolvidos pelo ensaista

Os adversários de "Casa Grande & Senzala" — adversários do volume ou simplesmente do autor — creio mesmo que vêm se excedendo nessas turras sentimentais, nessas zangas antes de meninos turrões que de gente intelectualmente íntegra. Pois alguns dêles chegam a supor que iludem com eficácia a urgência da discussão honesta, valendo-se dos "transferts" cômodos da pilhéria. São, aliás, tantas as perfídias pequeninas, ou as quantitativamente maiores frases do espírito sôbre a sociologia de "Casa Grande & Senzala" que, nelas, um calouro de universidade poderia selecionar, com êxito, material útil a uma dissertação em tôrno de uma sociologia brasileira da pilhéria. Dissertação, de resto, que ainda teria o mérito de fixar sugestivos aspectos do comportamento intelectual de certa ala de publicistas nacionais, só agora se tornando mais familiarizados com a disciplina dos estudos científicos ou universitários. E, ao que penso, aspectos poucos favoráveis ao julgamento do arrivismo mental dos que, no Brasil, parecem deter o monopólio e os favores dos "jeux-de-mots".

Outros adversários de "Casa Grande & Senzala" parecem, porém, desdenhar a estratégia do "mot d'esprit". Êsses vão — ou pretendem ir — ao livro em si mesmo, de que pretendem invalidar, ora a estrutura geral, ora alguns de seus aspectos ou pormenores. E é mesmo sôbre insinuações pouco exatas — ou sôbre deformações mais ou menos hábeis e interessadas no pensamento sociológico de Gilberto Freyre — que ver-

sam parágrafos inteiros dos prefácios que aparecem na edição definitiva do ensaio.

Mas, à semelhança do que acontece com os juizes anedóticos ou simplesmente espirituosos de "Casa Grande & Senzala", o que se pode observar nêsse quadro de detratores mais ambiciosamente eruditos é um desolador raquitismo de argumentação, uma pobreza de lógica que só não será franciscana porque a sabemos não intencional. Nem haveria qualquer maldade em lembrar que muitos dos ex-argumentos definitivos contra o sentido e o valor científico do livro de Gilberto Freyre serão, se bem ponderados, desvarios de literatos nem sempre de boas intenções, mas quase sempre se mostrando, em caráter de permanência, uns ingênuos, de tão pouco esclarecidos quanto ao debate dos problemas da sociologia aplicada.

Pertencerão a essa categoria — se me permitem um exemplo típico — alguns artigos de jornal, assinados, há poucos anos, por um inteligente escritor carioca; diga-se desde logo que mais escritor que inteligente.

Êsses artigos, segundo fôra prèviamente anunciado em palestras literárias de cafés, haveriam de constituir uma espécie de epitáfio para a autoridade de sociólogo que muitos reconhecem em Gilberto Freyre. O que, aliás, não aconteceu. Pois o inteligente escritor (que pretendia refutar as sugestões de "Casa Grande & Senzala" através da nitidez metodológica da sociologia marxista) não quís ou não pôde fugir a um equívoco lamentável, no caso: o de confundir o verdadeiro materialismo dialético, em sua crua aplicação à análise dos fatos sociais, com os esquemas simplórios que costumam desabar, de vertiginosos vulgarizadores estrangeiros da obra de Marx, sôbre a inocência sociológica de certos editores nacionais.

Estarão também incluídos nessa categoria de ex-argumentos os de quantos vêm negando à obra de Gilberto Freyre qualquer validade em sua intenção pròpriamente sociológica: negando e preferindo ver no escritor pernambucano um "filósofo social", mais que um sociólogo puro. Porque o certo é que êles nem conseguem ocultar uma origem bastante suspeita: a de serem produto

das desorientadoras querelas das escolas sociológicas. A de reeditarem, no Brasil, um debate que vem preocupando os maiores nomes da sociologia, no mundo, mas que a pressa de concluir (ou a inexperiência de pensar bem) leva alguns a resolver com suficiências alarmantes. Uma suficiência dêsse naipe: a afirmativa de que "a verdadeira sociologia é a nossa. O resto não é sociologia, não".

Mas os que pensam assim — como é fácil adivinhar — nem se dão à generosidade de esclarecer aos leitores *porque* a obra de Gilberto Freyre (da qual "Casa Grande & Senzala" é um dos monumentos mais altos) deve ser tida como não sendo de sociologia mesmo. Êles a repelem sumàriamente.

Acentue-se, porém, que alguns dêles ainda concedem que o ensaio é escrito numa língua artìsticamente bem trabalhada: uma espécie de meio termo melódico entre as arestas sintáticas e prosódicas do português reinol e os jargões gritantemente impuros com que alguns supõem valorizada a chamada língua brasileira. Mas outros até se dizem, se confessam mesmo indignados com os modos de expressão brasileira de que está tecida a prosa — e os frêmitos da boa poesia — do livro de Gilberto Freyre. Confessam-se indignados e, nutridos de certezas olímpicas, agarram-se à pueril querela das escolas sociológicas. Querela que está para a sociologia moderna como a das "chapelles littéraires" de Pierre Lasserre, esteve para a literatura francesa do século passado. Mais, como uma espécie de vivissecção de vaidades dos estudiosos da sociologia que como posições lógicas do espírito diante da compreensão dos mundos fascinantes, embora perigosos, das inter-relações humanas, e de seu exato sentido cultural e político.

De modo que o leitor comum — o qual busca honestamente um rumo para a inteligência menos superficial daquilo a que se convencionou chamar de problemas e conclusões da sociologia brasileira — lamentará, com indiscutível senso de oportunidade, que um livro como "Casa Grande & Senzala", já em edição definitiva, não tenha ainda encontrado quem o estudasse à luz de uma técnica de análise impessoal e objetiva. Estudasse-o para refutá-lo, ou simplesmente para fazer a apologia dêle. Mas, de um como de outro modo, procurando esclarecer o significado do ensaio — e seu enquadramento na história que o pensamento nacional vem escrevendo no sentido de se afirmar como unidade de ação cultural e política.

E' certo que êsse leitor, de algum modo decepcionado, poderá lembrar-se de que o fato se verifica porque a geração de sociólogos, à qual Gilberto Freyre pertence, não possuirá talvez uma formação tão universal quanto a dêle. Formação intelectual que permitiria a Gilberto esboçar, em "Casa Grande & Senzala" algumas hipóteses de trabalho sôbre uma teoria coerente da cultura brasileira. Esboçá-las através da intimidade dêle com os métodos da moderna ciência relativista, até nos aspectos mais sutis desta. Através da inclinação, que o sociólogo Gilberto Freyre tem, de superar tudo quanto êsses métodos possuam de limitado (como fruto da prudência da especulação científica) com o auxílio de generalizações, de sugestões indagadoras, muito ao gôsto, aliás, de sociólogos, como êle, capazes de percorrer, sem vertigens, os territórios do conhecimento alógico ou poético. Ou, ainda, em virtude da adesão espontânea da sensibilidade do ensaista às menos perceptíveis formas de expressão da paisagem social e humana dêsses Brasis — tão difíceis, de resto, de surpreender em seus valores puros, em suas fisionomias não caricaturais.

Por certo que um leitor nêsse estado sa geração que se vem formando mentalmente à sombra de Faculdades em dia com as conquistas das ciências modernas do homem e da sociedade) estarão em condições de mais tarde escrever, em tôrno de "Casa Grande & Senzala", alguma coisa que realmente valha o incômodo de ler.

Por enquanto, contudo, a constatação é uma, apenas: a do silêncio quase monástico de que se acha virtualmente cercada a obra do sociólogo pernambucano. Aquêle silêncio que — não sei se por fatalidade inevitável na evolução do pensamento brasileiro — recompensa, como se pudesse adquirir os direitos da vaia invisível, os raríssimos livros importantes que, de vez em quando, se escrevem no Brasil.

"CLOSE-UP" do Mundo em Guerra

ARY DA MATA

A Companhia Editora Nacional registrou para sua nova BIBLIOTECA o título: COLEÇÃO GUERRA E PAZ. A sugestão das duas palavras — eterno binômio da história política — reunindo dois sentidos antagônicos nos conduz a vasto programa editorial em tôrno dos fastos da política de guerra contemporânea e da preparação do Mundo que surgirá na futura mesa da Paz.

As obras divulgadas pela coleção articulam-se entre si com a mesma seqüência, a mesma organicidade que encontramos na BRASILIANA, na BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA, na BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO da mesma editora.

Em GUERRA E PAZ já foram publicados: UM MUNDO SO', de Wendell Willkie; A ITÁLIA POR DENTRO, de Richard E. Massok; A ALEMANHA POR DENTRO, de Luiz P. Lochner; A QUEDA DE PARIS, de Ilya Ehrenburg; JORNADA ENTRE GUERREIROS, de Eva Curie; O ALIADO ESQUECIDO, de Pierre Van Paassen.

OS primeiros depoimentos de guerra chegados até nós, confundiam os homens decentes com as lamúrias melancólicas do mundo pre-fascista mal refeito do choque que o deformara. Maurois, entre outros, apresentava-se como mentor de estadistas e generais, esforçando-se em convencer-nos de que sòzinho teria evitado a guerra. Bom estrategista de ficção, perito na sua especialidade como um criminalista de novela policial, explicou as grandes derrotas militares como se estivesse debruçado sôbre um tema acadêmico de Estado Maior, numa Escola de Altos Estudos. No entanto, mais que um gênero literário bem cultivado nós queriamos também viver aquela nossa guerra que confundia os corifeus da arte militar miraculosa que repousava na invencibilidade da linha Maginot, no potencial da esquadra britânica e no cavalheirismo das bocas de fogo do mundo do tenente Maurois. Maurois mostrava-se agastado com aquêles generais que por patuscada desprezavam as regras da estratégia clássica para acelerar o que se chamou de colapso da França. *Colapso* que valia muito bem como expressão eminentemente técnica, porta larga para cohonestar uma "causa mortis" do obituário universal e que satisfez, de certo modo, aos recalcitrantes admiradores do gênio francês que divisavam nas entrelinhas dos telegramas de guerra a esperança de um milagre que reeditasse as façanhas de Marne e de Verdun. A guerra era uma guerra diferente não porque se empregassem novos armamentos e novas táticas mas porque se defrontavam novos princípios e outras esperanças onde o universalismo das ideologias em choque transcendiam os cômodos limites dos problemas à base do nacionalismo. Havia *Um Mundo Só* descoberto por Wendell Willkie numa jornada de 50 dias (bem menor que aquêle outro Mundo que Julio Verne percorreu em 80, sem sair do lugar). 50 dias de contacto com povos, raças, línguas e culturas diferentes que tinham problemas e esperanças iguais. Willkie nos deu uma bela concepção orgânica de estrutura decalcando em política, sociologia e economia o método de projeção polar dos cartógrafos modernos. Com o prestígio de seu passado político e de sua autoridade de observador consciente e livre, revelou-nos onde se encontrava o ponto de junção das alavancas que articularam o mundo anglo-saxônico, o mundo eslavo euro-asiático, o mundo islâmico, o mundo mongólico, o mundo indiano, o mundo latino, nos cinco continentes que a velha geografia havia isolado em compartimentos estanques e onde os psicólogos da velha escola haviam descoberto comportamentos irreconciliáveis à base dos antagonismos de raças, línguas e culturas.

Livro de crítica da política contemporânea, iniciador da *Coleção Guerra e Paz*, trouxe-nos, com sua organicidade, uma vi-

são, sem fronteiras, de *Um Mundo Só*, girando entre engrenagens de uma civilização em mudança, preparando a carpintaria do mundo de amanhã. Não faltou à organização da *Coleção Guerra e Paz* o espírito de análise e pesquisa dos regimes de fôrça enquistados pomposamente em Roma e Berlim. Tôda uma bôa técnica anatômica retalha os dois totalitarismos nefandos em *A Itália por Dentro*, de Richard E. Massok e *A Alemanha por Dentro*, de Luiz P. Lochner, pondo-lhes à mostra a ossatura carcomida e os músculos flácidos sob a falsa aparência de virilidade.

A Itália por Dentro poderia ser reduzida a um gráfico interpretativo do ciclo fascista. Massok acompanha-lhe a ramo ascendente da curva que emerge das lutas sociais peninsulares e que cai sem apoteose, impregnado de melancolia. Apresenta o apogeu dos Camisas-pretas numa evocação de conquistas fáceis e misérias quotidianas que vinham à tona do fermento mussoliniano. Registra a jornada heróica da propaganda fascista que fabricava generais de opereta para o impiedoso massacre da Abissínia desarmada, jornada que avocou a si o papel de campeã do ocidente bombardeando-lhe as igrejas, destruindo asilos, orfanatos e conventos numa contraditória cruzada de anti-cristo em céus e terras de Espanha. Conviveu com aquêles fanfarrões supersticiosos que cuspiam e blasfemavam no país das Madonas, de São Bento e do Poverelo de Assis para ir depois afogar em sangue a pequenina Albânia numa Sexta-feira Santa de dôr universal. Roma de Sua Santidade, imortal na sua glória, hospedou por 22 anos, il Duce, o papa do fascismo e sua eloquência delirante, fazendo da sacada do Palazzo Venezia a réplica satânica ao trono angélico de S. Pedro que reverenciamos. Massok fotografou a campanha da Grécia. Campanha burlesca, sem a teatralidade tão a gosto do regime que queria viver perigosamente ridicularizada ainda mais pelas retiradas de tropas italianas mais ou menos violenta na África Setentrional. Bom parceiro, Hitler começou fazendo o jogo de Mussolini. Sua propaganda identificou a revolução italiana como o movimento de nazificação da Alemanha, um longo processo cevado no prussianismo dominante dos velhos junckers e que encontrou escoras de ouro no capitalismo alemão em pânico, garantindo créditos generosos entre os primos ilheus que cachimbavam e bebericavam chá da Índia pontualíssimamente, o que de resto é também uma virtude inglêsa. O muniquismo, símbolo dêste sistema crediário, arrancou alguns pardais do ninho, amedrontados pela tempestade mas teve a virtude de revelar Churchill e a sua estranha mensagem salvadora de: "Sangue, suor e lágrimas".

Luiz P. Lochner fez também sua excursão perigosa pelas entranhas fermentadas do nazismo hitlerista para nos revelar como era *A Alemanha por Dentro* e o que representava o *Reich* como potencialidade a serviço daquilo que Roosevelt chamou "as fôrças do mal". Explicou de modo convincente as vicissitudes da Alemanha pre-hitlerista e a ascensão da nazismo anti-critão. "Processus" que narcotizou o povo alemão, incensado pelos planos pan-germânicos de domínio universal sob a égide dos deuses pagãos da mitoloia nórdica, que desceram dos cenários de ópera ou foram extraídos de fragmentos folclóricos para assumir um lugar no panteon nazista. Tudo isto ligado ao cerne da sua "weltanschauung", filosofia de vida criada para servir ao culto da "raça mestra". Lochner mostrou também como foi fácil ao hitlerismo explorar, dentro daquêle conceito de vida, o aniquilamento da personalidade do alemão médio cortejador de insígnias e uniformes, subjugado pela psicologia do assombro, vivendo entre planos ciclópicos da vida material, passando das grandes plataformas, das grandes escadarias, dos grandes zepelins, dos grandes exércitos, das grandes bandeiras, das grandes fanfarras, da grande produção para o grande *Reich* da grande Europa do dólico louro, com a cruz suástica carimbada sôbre a braçadeira.

Hitler pegou no alto o pensamento dos teóricos europeus do racismo secular, ajustou conceitos de filósofos germânicos que dissertaram eruditamente sôbre o Mito do Século Vinte e sôbre a Decadência do Ocidente. Releu depoimentos de Nietzsche que entrevistou Zaratustra, decalcou em carbono, com perícia alemã, a organização fascista e se preparou para o assalto num ímpeto sôbre a Europa que só se deteve em Stalinigrado e em Londres. Lochner viu de perto o que foi a vida na Alemanha devassada pela Gestapo, reduzida à impotên-

cia pelas S. A. e pela S. S., a que não faltaram chefes nutridos de sadismo que torturaram pacíficos sacerdotes católicos e protestantes, que defendiam a boa causa da dignidade humana, a eliminação sistemática da vida dos judeus, e o cortejo de misérias das clínicas onde se esterilizavam mulheres e dos laboratórios para a prática oficial da eutanásia de pobres doentes mentais, velhos e imbecis.

No plano da política internacional, diante do mundo estupefacto de tanta vileza que recuava o homem da "Kultur" para a rusticidade das cavernas trogloditas, o nazismo agiu com redobrada violência, apurando métodos domésticos, abastecendo os currais políticos dos campos de concentração, povoando cemitérios, escorchando pela rapina fácil populações dominadas e famintas. Do horror dêste espetáculo sangrento e lodoso surgiu a *nova ordem* do anti-cristo austríaco com suas divisas de cabo, sua brocha infecunda, suas arengas paranoicas e seu "arianismo" suspeito. Diante dêste "processus" de decomposição intencional dos princípios vitais que o cristianismo levou 20 séculos construindo no nosso Ocidente, fica-se pensando na QUEDA DE PARIS, na queda do que acreditamos fosse outro polo, após os golpes fulminantes da "Wehrmacht" sôbre as fronteiras francesas.

Ilya Ehrenburg nos explica a pre-história do *colapso* francês num vigoroso romance social, A QUEDA DE PARIS, e que recebeu o número 4 da *Coleção Guerra e Paz*. Embora trabalhando com personagens de ficção seu romance é quase um depoimento. Colecionou bons tipos, espetou-os em seu livro, catalogou-os de acôrdo com a sistemática e nos deu um excelente capitão de indústria de agilidade felina, políticos corruptos e veniais, industriais da guerra, nazistas sem camisa, artistas indiferentes ao fogaréu político que chamuscava a placidez da "doce França", insulada entre coivaras fumegantes.

A QUEDA DE PARIS explica o retraimento dos dirigentes franceses pela sorte do mundo. A paz, ou melhor, a comodidade deveria ser obtida a qualquer preço mesmo com o auxílio estrangeiro de Franco e o espírito falangista de Mussolini e o fascismo, e até mesmo com os "boches" nazificados de Hitler, desde que nada perturbasse o bucolismo repousante da campanha francesa ou concorresse para apagar as luzes de Paris.

O colaboracionismo, forma bastarda do não-intervencionismo, surgiu expontâneo numa acomodação de interêsses de que ficou afastado o verdadeiro povo francês que aprendemos a aplaudir nas barricadas do liberalismo. A França se isolou dos pequenos países ameaçados, rompeu compromissos seculares com os povos que acreditavam nas doutrinas de seus pensadores, bebiam seus vinhos e que certamente quando resistiam aos invasores lembravam-se do mundo que a Marselhesa ajudou a construir. A hostilidade à aliança inglêsa, o desprêzo pelo potencial de produção dos Estados Unidos completavam os quadros daquela displicência enervante e criminosa, que Ilya Enhenburg registrou em seu romance.

A certeza de que existe uma outra França projetada fora da Europa, mantendo as galas de um espírito imortal e os compromissos que contraiu com a cristandade desde as cruzadas nos veio da leitura da JORNADA ENTRE GUERREIROS de Eva Curie, também incluído na *Coleção Guerra e Paz*. Podemos chamá-la indiferentemente

França Livre ou França Combatente; o importante é saber que subsistiu a Vichy e a tudo que esta pacífica cidade-balneária representa agora diante de nós.

Se quizermos desdobrar êste espírito combativo em todos os povos que tomaram o caminho direito em oposição às doutrinas do muniquismo, do vichiismo, do induísmo, do isolacionismo, do colaboracionismo que se reproduzem por aí afóra ao sabor das leis mendelianas da herança, será muito fácil obter um critério seletivo, para enquadrar os seguidores da boa causa da dignidade da pessoa humana até mesmo nas linhas do "front" interno.

Eva Curie, no seu itinerário monstro apertou a mão de todos os guerreiros em armas nos três continentes. Privou da intimidade das barracas espartanas, das cabanas rústicas, sentou-se na tenda dos chefes da guerra, castigando a máquina portátil para o registro de depoimentos e impressões. Em tôda a parte sentiu, alimentando o espírito de luta, uma grande expressão popular consciente. Penetrou no bojo da esfinge indiana, falou ao Mahatma, acocorado e semi-nú, ossos à mostra pela dieta de faquir político, doutrinando discípulos fieis. Ouviu os líderes do Partido do Congresso, da Liga Muçulmana, da Câmara dos Príncipes. Presenciou de perto os esforços pacíficos de Sir Stafford Cripps, que voou da Inglaterra para a Índia e pousou em Nova Delhi, acenando-lhes com o raminho de oliveira que repudiaram.

Seu livro, visão de guerra, nos trouxe o exemplo orientalíssimo do espírito combativo chinês, construindo a martelo a estrada da Birmânia. Eva Curie viu os grandes formigueiros humanos das plantações de arroz se transportarem para as tarefas essenciais da guerra. E tudo aquilo que nós conhecíamos daquela polidíssima civilização de curvaturas solenes, sorrisos amáveis, sentenças filosóficas, arquitetura de bambú, e papel fino e que nos parecia frágil como sua porcelana, conseguiu despertar e enfurecer o dragão adormecido para lutar ao lado da águia americana, do leão britânico, do urso eslavo, do chanteclair gaulês que anda cantando fora do poleiro.

Mas a *Coleção Guerra e Paz* não nos quer abandonar no pórtico do *Mundo do Futuro*, curiosos da estrutura do após-guerra como Alice diante do espelho. Nem nos quer sugerir uma longa viagem fantasiosa pelas paisagens de Guliver, fazendo o jogo do contente de Poliana, levados pelas mãos daquela veneranda D. Benta de Monteiro Lobato.

A guerra com suas convulsões estertóricas está apenas dando as três bastonadas do estilo para descerrar o velório do novo drama programado. Os volumes lançados pela *Coleção Guerra e Paz* nos trouxeram de bem longe o éco denunciador. Muito em breve passaremos ao segundo termo do binômio para avançar de encontro ao sol, percorrendo longos caminhos pacíficos, sem passos de ganso e sem cadeias de arame farpado, fazendo do clarim o arauto anunciador e profético do século do homem da liberdade que o fascismo universal tentou afogar numa poça de sangue.

Planos e realizações da Livraria Briguiet-Garnier

PAULO BARBOSA

B. L. Garnier montou a sua Livraria da rua do Ouvidor em 1846. Além de livros, vendia no seu estabelecimento chapéus de sol, bengalas, pílulas, pomadas, charutos, etc. O livreiro era madrugador. Chegava à loja às 5 e meia da manhã. De pé, tendo na cabeça um gorro de veludo de côr preta com borla de ouro, apoiava-se a uma alta escrevaninha e dali dirigia a casa, fazia a escrituração e preparava a correspondência. Estava sempre de charuto na bôca mas nunca os fumava até o fim. Deixava-os sempre pela metade. Não admitia que os empregados usassem fósforos de cera, pois eram causa de incêndios (naquele tempo, os empregados dormiam nas próprias casas comerciais). Era um tipo conhecidíssimo na cidade o "Bom Ladrão Garnier". Foi um grande editor. Os maiores nomes do nosso passado literário, de José de Alencar a Graça Aranha, tiveram os seus livros lançados por êle.

A rua do Ouvidor do tempo de Garnier era muito diferente da de hoje. Eis como a descreveu o reporter Max Leclerc, que veio ao Brasil como enviado do "Journal des Débats", logo após a proclamação da República: "E' preciso muita indulgência para conceder-lhe tão sòmente o título de rua; a limpeza pública de Paris a classificaria na categoria dos bêcos. Sem calçadas ou passeios, com apenas oito metros de largura, apresenta de ambos os lados lojas recem-pintadas de côres vivas, mostruários empanturrados de mercadorias alemãs, "camelote" barata, ou vitrinas de joalheiros, naturalmente muito bem guarnecidas de pedras preciosas, além das casas ricas de algumas personagens importantes da colônia francesa, cabeleireiros, modistas, donos de restaurantes. Aí se encontram as sedes de todos os jornais do Rio. Por essa garganta estreita passa e repassa uma multidão agitada e descuidada (durante o dia inteiro a circulação de carros é proibida); lá pelas duas horas a onda de gente se faz mais compacta e em certos pontos, grupos de desocupados obstruem a passagem; e nas fisionomias cansadas surge de quando em vez um reflexo de alegria provocado por alguma notícia pacientèmente esperada durante horas".

Era em pleno esplendor da rua do Ouvidor. Foi por essa época que chegou ao Brasil um jovem francês, que ia exercer mais tarde uma tão grande influência no nosso comércio livresco. Chamava-se Ferdinand Briguiet e tinha apenas 17 anos. Empregou-se a princípio como lavador de garrafas. Depois, foi trabalhar na casa de Mr. Lachaud, na rua Sachet, que trouxera de França uma exposição de material escolar. Dali passou para a Livraria Garnier. Ainda vivia o velho Batista. Simpático e atencioso para com os fregueses, Briguiet logo se fêz conhecido. Mas um dia teve que deixar a casa. Era um rapaz brioso, que não gostava de "pitos". Num domingo, por volta de quatro horas da tarde, quando era mais intenso o "footing" na rua do Ouvidor, Garnier mandou o empregado tirar a poeira de uma ou duas pilhas de livros à porta do estabelecimento. Briguiet recusou-se a obedecê-lo. Como levantar a poeira no nariz dos transeuntes? B. L. Garnier achou que o rapaz não servia e mandou-o embora.

Há males que vem para bem — diz o ditado com muito acêrto. Ferdinand Briguiet tinha os seus amigos. Um dêles, o Conselheiro Carlos de Carvalho, emprestou 10 contos de réis, dinheiro bastante para ficar com a casa do velho Lachaud que acabava de requerer falência. Foi assim que Briguiet montou a sua primeira livraria, na Travessa do Ouvidor n. 18.

Em 1893, começou a sua atividade de editor. E editor arrojado, fazendo coisas consideradas verdadeiras loucuras, dadas as possibilidades do mercado de então. Basta que citemos um de seus primeiros empreendimentos editoriais: a primorosa edição do "Tratado de Direito Penal", de Von Liszt, em tradução perfeita, precedido do prefácio de José Higino, considerado trabalho clássico em matéria de criminologia em nosso país. "O Fogo", de D'Annunzio, figura também entre as primeiras obras editadas pelo jovem livreiro francês.

Do 18 passou Ferdinand Briguiet para o 23, de onde só saiu, em 1926, para o 28 da Rua São José. Seu prestígio, no mundo comercial, era enorme. Irradiava simpatia. Quem não conhecia aquele senhor alto (tinha 1 metro e 83 de altura), de cabelos brancos e sobrancelhas pretas? Gostava de uma boa anedota. Era fanático por esportes. Andava sempre com um cronômetro nas mãos. Na adolescência, disputara corridas de bicicleta em Paris. No Brasil, o seu entusiasmo pelo ciclismo não diminuiu. Acompanhava tôdas as disputas internacionais e aqui no Rio chegou a organizar certames do interessante esporte. Não perdia corridas de cavalo no Derby Clube. E quando se disputaram no Brasil as primeiras lutas de box, Ferdinand Briguiet foi dos seus primeiros frequentadores. Assim era êsse homem sadio e bem humorado. Morreu aos 69 anos, em 1934.

Sucedeu-lhe na firma um sobrinho, Ferdinand Briguiet, como o tio. Deve-se ao atual chefe da firma a fusão das duas grandes livrarias editoras, que desde 1936 passou a chamar-se Livraria Briguiet-Garnier. Não desmerecendo a tradição, prosseguindo com brilho a obra que já encontrou, Ferdinand Briguiet II realiza, neste momento, um vasto plano editorial. E' grande o número de excelentes livros didaticos que constam do catálogo, não só os que são destinados para as escolas primárias, como para os diferentes ramos de ensino em nosso país: superior, técnico ou profissional. O público não imagina o sem

número de dificuldades em que se encontra o editor. que se dedica a êsse setor. Muito maior poderia ser a sua produtividade não fôsse a instabilidade creada pelas perspectivas de reformas iminentes em nosso sistema educacional, como também pelo problema das sucessivas reformas ortográficas, que recente medida governamental parece ter solucionado em definitivo.

Obras de incontestável valia têm sido impressas pela Livraria Briguiet-Garnier. Não citaremos o nome de tôdas, pois não comportaria uma relação completa esta breve reportagem. São inúmeras as séries de gramática, dicionários, atlas, livros de leitura, etc., editados por essa casa. Em todo o caso, vamos apontar aqui e ali, nos diferentes setores da atividade editorial, algumas dessas obras, que se recomendam como expressão da cultura brasileira. A "História da Música Brasileira", de Renato Almeida, é uma delas. No terreno da medicina, lembraremos o livro admirável do professor Aloísio de Castro "Semiótica Nervosa" e a obra gigantesca do dr. M. M. Fabião "Tratado de Ginecologia". Poderíamos lembrar muitos outros mas ficaremos nesses. No setor Filosofia e História, basta que chamemos a atenção dos leitores para o fato de ser a Livraria Briguier-Garnier quem está reeditando a obra esparsa de Tobias Barreto e Capistrano de Abreu. E citaremos ainda a edição da "História do Império", de Tobias Monteiro. Não será preciso mais.

No campo da geologia, não é possível deixar de falar na "História Física da Terra", de Alberto Betim Pais Leme — um belíssimo volume com mais de 1.000 páginas de texto e mais de 300 ilustrações. Sem dúvida uma apresentação gráfica arrojada para o nosso meio. No entanto, nesse sentido cumpre-nos apontar a série de livros especializados da autoria de Eurico Santos. Já saíram "Anfíbios e répteis do Brasil", "Pássaros do Brasli" e "Da Ema ao beija-flor". Está no prélo os "Mamíferos do Brasil". Trata-se de uma coleção interessantíssima, com gravuras impressas em tricrômia, cuja importância será desnecessário chamar a atenção dos nossos leitores.

Mas as atividades da Livraria Briguiet-Garnier não param aí. E' realmente digno de nota a iniciativa benemérita das coleções de obras completas de autores nacionais. Escritores como Aluísio de Azevedo, Graça Aranha e Bernardo Guimarães. A edição das obras de Aluísio, que comporta nada menos de 14 volumes, foi orientada e dirigida por M. Nogueira da Silva, o saudoso bibliógrafo maranhense, sem dúvida um dos maiores conhecedores da obra do notável romancista de "O Cortiço" e "Casa de Pensão". As obras de Graça Aranha estão sendo publicadas sob as vistas da Fundação que tem como patrono o imortal creador de "Chanaan". E assim por diante. Tôdas essas coleções estão sendo entregues a técnicos especializados, pessoas competentes, capazes de levar avante uma emprêsa editorial difícil e que por sua natureza pode muito bem ser classificada de grandiosa, pois de fato o é.

Pretende, ainda, a Livraria Briguiet-Garnier editar muitas obras de interêsse, hoje esgotadas e portanto inacessíveis ao público. Entre essas obras, queremos destacar os livros de Melo Morais Filho, o admirável cronista da cidade. E' êste sem dúvida mais um inestimável serviço que a Livraria Briguiet prestará à cultura nacional.

Erich Eichner, livreiro-editor

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

O livro de luxo é, no Brasil, uma novidade. As pequenas tiragens, com as indicações: "desta obra foram tirados 25 exemplares em papel especial para bibliófilos, marcados com as letras de A a Z", só ha muito pouco tempo estão sendo feitas com certa regularidade pelas nossas casas editoras.

Compreende-se o fato. E' que antes da guerra não havia mercado para tal emprêsa. Talvez a impossibilidade de importação do livro estrangeiro, notadamente do de procedência francesa, tenha contribuido de modo indireto para o desenvolvimento do comércio editorial brasileiro. Isso se observa até mesmo na própria produção corrente, cuja apresentação gráfica vem melhorando muito nestes últimos tempos. Por certo, estamos ainda no comêço. Vamos ver o que virá depois. As edições de luxo, que começam a aparecer com frequência, indicam desde já que o negócio não é dos piores.

Pelo menos ha quem compre livros de 200, 500 e 1.000 cruzeiros.

Um jovem livreiro paulista percebeu, logo no início da sua atividade de editor, o clima psicológico do mercado, com o lançamento dos primeiros volumes da excelente Biblioteca Histórica Brasileira. Era um golpe de audácia. Até então as edições de luxo só entravam nas cogitações de um ou outro intelectual requintado: um Aloisio de Castro, um Ronald de Carvalho, um Guilherme de Almeida, um Gilberto Freyre. O livreiro paulista soube aproveitar inteligentemente a experiência particular, num momento em que não sofreria a concorrência desigual do livro estrangeiro. Não há dúvida que José de Barros Martins abriu o caminho para o surto das edições de luxo, em base comercial.

Evidentemente, a arte gráfica entre nós ainda está na infância.

Não pode nem de longe ser equiparada à das nações européias, mesmo de Portugal. Faltam-nos técnicos .O papel que utilizamos é péssimo. Mas a verdade é que apesar de tudo isso, já fazemos alguma coisa de sério neste sentido. Uma das melhores provas do que afirmo encontra-se na recente edição do album do Tenente Chamberlain, incontestavelmente um dos mais belos livros impressos em nosso país, um livro que, pelo seu acabamento, marcará uma época na história da arte gráfica no Brasil. Não será demais encarecer o esfôrço da Livraria Kosmos, a quem se deve a edição portuguesa de "Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820", tradução e prefácio do Sr Rubens Borba de Morais.

•

A obra de Chamberlain era muito pouco conhecida. Sòmente os bibliófilos e os eruditos a conheciam. Apareceu a edição original em Londres, no ano de 1822. Edição de tiragem limitada, o que tornou o livro, ao nascer, uma raridade. Informa o Sr. Rubens Borba de Morais que não existe no Brasil mais de uma dezena de exemplares da edição inglêsa. Tenente de Artilharia, o filho mais velho de Sir Henry Chamberlain, consul no Rio de Janeiro de 1815 a 1829, gostava de pintar nas horas vagas. Era um aquarelista amador.

Quando esteve no Brasil, por volta de 1819 a 1821, dois anos apenas, fixou alguns aspectos da nossa vida colonial. As 36 gravuras, que compõem o seu album, são um documentário interessantissimo de hábitos e costumes da época preparatória da Independência.

A vida do Rio de Janeiro daquele tempo aparece em deliciosos flagrantes no album de Chamberlain. Uma das gravuras mais curiosas é a que mostra uma família carioca a caminho da missa. O pai vai na frente, envergando a sua roupa domingueira todo pelintra, mas com a barba por fazer.

Seguem-no os filhos, a esposa, a mucama e os escravos; estes levam por último o cachorrinho de estimação e o guarda-chuva... Mas não é sòmente a nota pitoresca ou paisagística que deparamos no album de Chamberlain. O artista inglês deixou em seis aquarelas o documentário impressionante do tratamento que se dava, então aos negros. Eis como êle nos descreve o entêrro de um escravo: "O cadaver é costurado dentro de um saco rude e depois colocado em uma rede, pendurado pir uma vara, e coberta esta por um cobertor velho. Assim é carregado para a fossa por dois negros, sem cerimônia nem lágrimas. Murmurasse uma prece diante do cadáver. E a terra é jogada por um dos carregadores enquanto o outro, com os pés e um pedaço de pau soca a terra sôbre o corpo. Isso feito vão-se embora. Eis o entêrro simples de um negro." Sem ser pròpriamente um escritor, Chamberlain sabia contudo emprestar às legendas das suas aquarelas um sentido humano, marcado quase sempre por uma nota de "humour", não fôsse êle um legítimo filho da Inglaterra.

A reedição do album de Chamberlain apresentava para o editor uma grande dificuldade inicial. Como reproduzir com perfeição as litografias aquareladas da maravilhosa edição original? Em litografia seria temeridade tentar faze-lo. Por isso mesmo a Livraria Kosmos julgou mais acertado reproduzir as gravuras em clichés coloridos. A idéia não foi má. Tecnicamente, o livro saiu admiràvelmente bem executado. E aquí não quero me referir apenas à reprodução das gravuras mas à apresentação gráfica do volume. O editor teve o cuidado de distribuir o texto com elegância e equilibrio de acôrdo com o espírito da época da 1.ª edição: os tipos empregados na composição assemelham-se aos usados pelas tipografias inglêsas por volta de 1820.

Mas a edição portuguesa do famoso livro de Chamberlain não possúe apenas luxo tipográfico. Encerra mais do que isso, um negável valor bibliográfico. Além das aquarelas conhecidas, contém vários desenhos inéditos de Chamberlain, pertencentes à coleção do Sr. Joaquim de Souza Leão, filho, e "fac-smiles" curiosíssimos, como a reprodução de um anúncio da edição original da obra, publicado num jornal londrino em 1822, e a página de rosto da edição inglésa. Esses detalhes, fora o colofão, para o qual se serviu de uma gravura, representando uma tipografia do século 19, valorizam extraordinàriamente a edição portuguesa, mostrando ao mesmo tempo, o meticuloso cuidado do editor, interessado em apresentar ao público uma mercadoria de primeira ordem, isto é, o melhor que se poderia fazer com os nossos minguados recursos técnicos.

Vemos que, entre nós, já se começa a esboçar um movimento para elevar o nivel material da produção corrente, que é todavia ainda muito ruim. Os livros brasileiros são mal impressos, em geral cheios de erros de revisão, quase sempre apresentados com o menor interêsse artístico. A não ser uma ou outra capa mais bosita desenhada por uma Santa Rosa, um Luiz Jardim, um Clovis Graciano, um Livio Abramo, nada se salva. O papel, então, nem é bom falar. Uma grande parte da produção corrente, produção que poderemos chamar, "de carregação" que circula por aí — desaparecerá dentro de 20 ou 30 anos, tal a má qualidade do papel e das tintas empregadas na sua confecção. Nisso não ha nenhum pessimismo. Pode-se mesmo dizer que a nossa arte tipográfica, cuja pobreza é notória, progrediu muito pouco do tempo de Paula Brito aos nossos dias. E' preciso não esquecer que durante muitos asos, as nossas principais editoras — as casas Garnier e Alves, por exemplo — mandavam imprimir os seus livros na Europa: em París, em Lisboa ou no Porto. Assim aconteceu com os romances de Machado de Assis, de Coelho Neto, de tantos escritores nossos, que abasteciam o mercado de livros antes da guerra de 1914. Essa situação perdurou até o armistício de 1918 ou se quiserem até a aventura editorial de Monteiro Lobato.

As condições atuais do mercado são, no entanto, muito diversas que as de vinte e cinco anos atrás. Aumentou a capacidade aquisitiva (não aumentou muito é verdade mas aumentou sempre alguma coisa). Os meios de publicidade são hoje incomparavelmente mais vastos. Pudessemos importar o papel estrangeiro, como faz a Argentina, e estariamos agora com um surto editorial talvez maior do que o que se verifica na grande República platina. Mesmo as-

A Livraria Martins em 1944

MARIO PEREIRA

POUCAS obras traduzidas apresentará êste ano a Livraria Martins Editôra. Seu plano de edições para 1944 contempla maior número de títulos de autores nacionais. Além da apresentação de "Vidas Sem Destino" e de "Vinte e Quatro Horas", romances respectivamente de Maritta Wolf e de Louis Bromfield, a casa editora bandeirante adquiriu os direitos autorais de três grandes escritores norte-americanos: Theodore Dreiser, William Saroyan e Edna Ferber. José Geraldo Vieira será o tradutor de "An American Tragedy", romance considerado a obra-prima de Theodore Dreiser. "The Daring Young Man on the Flying Trapeze", livro de contos de Saroyan, e "So Big", romance de Edna Ferber, estão sendo submetidos a rigorosos "tests", afim de se encontrar para tão importantes obras tradutor perfeito.

PRÒXIMOS VOLUMES DA COLEÇÃO "MOSÁICO"

Inúmeros os originais de autores nossos a sairem em lançamentos da Livraria Martins. Para a coleção "Mosáico" estão programados: "Ponta de Lança", de Oswald de Andrade; "Momentos de Crítica", de Guilherme Figueiredo; "O Rio São Francisco", de Carlos Lacerda; "Palmeiras no Litoral", de Rui Bloem: um volume de ensaios literários de Antônio Cândido; "Portulano", de Afonso Arinos de Melo Franco; "Montaigne e o Índio Brasileiro", de Luiz da Câmara Cascudo e "Três Estudos", de Manuel Bandeira.

ESTANTE DE AUTORES BRASILEIROS

Numa "Estante de Autores Brasileiros", onde saem livros de escritores contemporâneos e modernos, iniciada com a publicação em volume único de "Bras, Bexiga e Barra-Funda" e "Laranja da China", de Antônio de Alcântara Machado, e "Quarteirão do Meio", romance de Amadeu de Queiroz escolhido para *Livro do Mês,* vão aparecer obras de incomum interêsse.

De seu extenso programa, salientamos os trabalhos a seguir enumerados: "Paralelamente a Paul Verlaine", de Guilherme de Almeida, edição ilustrada e comemorativa do centenário de nascimento do grande simbolista francês, reunindo as mais belas traduções de sua poesia feitas pelo cantor de "Cartas do Meu Amor"; e "Luz Mediterrânea", reedição do imortal livro de Raul de Leoni. De Edgard Cavalheiro aparecerá uma bem feita biografia de Federico Garcia Lorca — êsse esplendido intérprete da alma espanhola que os franquistas assassinaram, denunciando através dêsse gesto o desamor e a indiferença fascista pelos mais altos espíritos da própria Espanha.

Dos livros de contos, dois devem ser, desde logo, destacados pelo seu valor: "Leréias", de Valdomiro Silveira ,obra inédita do contista de "Os Caboclos" e "A Lua", de Joel Silveira, nome sobejamente conhecido pela sua atividade na imprensa

---

sim, convenhamos, o que fazemos já é notavel. O livro de Chamberlain é bem uma amostra — e amostra de primeira! — do que pode fazer o esfôrço particular, honesto e bem orientado. Esperemos que outros editores esclarecidos — são poucos, bem sei, mas êles existem entre nós — sigam o exemplo magnífico que acaba de oferecer a Livraria Kosmos, que pode se vangloriar de ter publicado o mais belo livro de 1943.

Prosseguindo na sua atividade editorial, o Sr. Erich Eichner, da Livraria Kosmos, nos deu logo em seguida o famoso album de J. T. Descontilz, "Ornitologia Brasileira", traduzido pela primeira vez em português pelo Sr. Eurico Santos, com anotações de João Moojen. E publicará muito breve um album de fotografias sôbre o Rio de Janeiro, verdadeiramente notável, tal o aparato gráfico que tive já ocasião de ter em mãos, antes de ir para a máquina de impressão. O livro terá uma introdução histórica do professor Delgado de Carvalho. As legendas das fotos, em numero de 128, são da autoria de Miguel Daddario.

diária e "conteur" moderno assinalado entre os mais interessantes da atualidade.

A biografia de Paula Ney, de Raimundo Menezes, cuja primeira edição se esgotou em menos de trinta dias, está sendo objeto de nova tiragem e, nesse ínterim, o autor trabalha numa biografia de Emílio de Menezes. Vão ser editadas também algumas páginas de ficção de Vicente de Carvalho sob o título de "Luizinha". Acontecimento literário digno de registo será o retôrno de Iago Joé, autor de "Bagunça", romance que cenarizou São Paulo de maneira até então original e nova. A Livraria Martins dará, dêsse escritor, o romance "Briguela", história movimentada da vida paulista, escrita em linguagem sobremodo pitoresca e dotada de sugestivo entrêcho.

OBRAS DE JORGE AMADO

A coleção "Obras de Jorge Amado", da qual já foram lançados os volumes "Terras do Sem Fim" (3.ª edição quase esgotada), "São Jorge dos Ilhéus" (2.ª edição) e "Jubiabá" (que agora aparece em sua 3.ª edição) prosseguirá apresentando "Capitães da Areia", "Mar Morto", "A.B.C. de Castro Alves", e, em volume único os romances "País do Carnaval", "Suor" e "Cacau". Enquanto isso, o romancista baiano termina o seu "Bahia de Todos os Santos" (Guia das Ruas e dos Mistérios da Cidade do Salvador) e inicia novo romance, "Caminhos da Fome", uma história violenta e dramática que tem como personagens os retiranets do Norte.

OBRAS COMPLETAS DE MÁRIO DE ANDRADE

A edição das "Obras Completas de Mário de Andrade", iniciada com nova tiragem da "Pequena História da Música", será continuada por êste ano e o seguinte. Entre os seus volumes de saída próxima encontram-se "Macunaima", a canção de gesta do folclore nacional, e "Amar, Verbo Intransitivo", idílio onde a malícia de Mário de Andrade se transforma em motivo de maior interêsse do romance. Para 1945 provàvelmente serão postas no prélo algumas obras inéditas do consagrado polígrafo paulista.

PENSAMENTO VIVO DE GRANDES HOMENS DO BRASIL

A série do Pensamento Vivo será enriquecida dos volumes: "Pensamento Vivo de Rui Barbosa", com introdução de Américo Jacobina Lacombe, diretor da Casa de Rui Barbosa, numa edição autorizada pelo Ministério da Educação; "Pensamento Vivo de Mauá", trabalho êste devido a Lídia Besouchet, escritora e estudiosa de assuntos brasileiros e, ainda, "Pensamento Vivo de José Bonifácio", de Otávio Tarquínio de Souza, cujos trabalhos históricos, rigorosamente executados, lhe deram lugar de destaque entre os intelectuais brasileiros interessados em pesquisar e estudar a História Pátria.

BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Com notas de Rodolfo Garcia e em tradução de Ségio Milliet, aparecerá a "História da Missão dos Padres Capuchinhos à Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas", obra de Claude d'Abbéville pela primeira vez traduzida para o nosso idioma e de grande interêsse para os estudos históricos brasileiros.

Outro volume da coleção a merecer a atenção dos nossos estudiosos é o de Guido Boggiani intitulado "Os Caduveo". O autor foi o primeiro branco que conseguiu entrar em contaco com a tribu Caduveo, remanescente dos Guaicurus, com êles travando relações comerciais. Viveu dois meses com os índios e permaneceu comerciando entre êles e tribos vizinhas perto de três anos, tempo que aproveitou para recolher material etnográfico e ainda para observar hábitos e costumes dos selvagens. O livro dêsse viajante do século passado foi traduzido por Amadeu Amaral Júnior e anotado pelo prof. Herbert Baldus. Contém ainda um estudo de etnografia de G. A. Colini, famoso etnólogo italiano, profundo conhecedor dos Guaicurus. A obra é ilustrada com desenhos do próprio autor.

Obra de raro interêsse histórico é a de Gabriel Soares de Sousa, no dizer de Varnhagen "talvez a mais admirável de quantas em português produziu o século quinhentista". Tão importante trabalho aparecerá na coleção "Biblioteca Histórica Brasileira" sob o título de "Notícia do Brasil", enriquecida com uma introdução e notas do Dr. Pirajá da Silva, sem dúvida o mais profundo conhecedor, na atualidade, do "Tratado Descritivo do Brasil", de Gabriel Soares de Sousa. As anotações do Dr. Pirajá da Silva constituem o resultado de dezoito anos de ininterruptas pesquisas e trabalhos. Suas notas, profundamente esclarecedoras e ricas de informações, valerão sobremodo a todos quantos se dedicam ao estudo perfeito dos nossos problemas e assuntos de carater histórico.

A edição em português, de Hermann Burmeister, "Viagem a Minas e Rio de Janeiro", a aparecer traduzida por Augusto Meyer, diretor do Instituto Nacional do Livro, é mais uma contribuição da Livraria Martins Editôra, no sentido de acrescentar à nossa literatura obras que revelem aspectos de importância de nossa civilização.

OUTRAS EDIÇÕES

Para as coleções "Excelsior" e "Excelsior-Gigante" foram programados livros de grandes escritores nacionais e estrangeiros do passado — autores que legaram à posteridade obras imorredouras e, portanto, de interêsse permanente. Para a série "Contemporânea" estão indicados alguns romances sobremodo vivos e atuais, entre êles: "Vidas Sem Destino", de Maritta Wolff; "Vinte e Quatro Horas", de Louis Bromfield; "Um Destino", de Phil Stong e "O Estranho Caso de Annie Spragg", de Louis Bromfield.

FATOS da VIDA de UMA EDITORA

A revista "Vamos Ler" vem de publicar, sob o título acima, alguns dados histórico-biográficos sôbre W. M. Jackson, sua obra em benefício da difusão do livro e ainda sôbre a sua simpatia pelos grandes autores nacionais. Como as referências feitas a esta editora são deveres lisongeiros e se revestem de caráter extremamente honroso por serem estampadas em revista de grande projeção nos círculos intelectuais e literários nacionais, temos prazer em fazê-las transcrever aqui:

NA vida das firmas editoras há sempre fatos de vivo interêsse, ora ligados a grandes vultos da literatura que por ali passaram deixando na tradição verbal traços indeléveis da sua verve, cultura e talento, ora de outra ordem, relacionados, por exemplo, com a difusão do livro no Brasil. Ainda recentemente examinei, com curiosidade, o histórico de uma das nossas grandes editoras e com isso reconstitui quase minuciosamente a forma pela qual o livro chegou hoje em dia a ser tão comum e procurado entre nós.

Essa editora, W. M. Jackson Inc., inicialmente com capital norte-americano, pode ser considerada pioneira da difusão da leitura no Brasil. Começando suas atividades aqui, há cêrca de 30 anos, ainda é do tempo em que o livro, depois de pronto, era deixado na prateleira das livrarias das capitais à espera de que os interessados o procurassem. Mas êsses interessados eram poucos, naturalmente, porque o valor da propaganda não fôra ainda reconhecido. Eventualmente, num "sarau" ou numa confeitaria de elite é que alguém ficava sabendo por um amigo que um novo livro de autor festejado estava à venda. Jackson iniciou por essa época a primeira campanha publicitária do livro no Brasil, emprestando-lhe caráter eminentemente doutrinário. Era como que o primeiro "leia" que a imprensa brasileira lançava aos quatro ventos. Essa propaganda pró-livro embora relativa às edições Jackson, era também de caráter geral, pois os seus anúncios diziam: "Faça presentes de livros, a lembrança que perdura". Os resultados foram magníficos e dentro em pouco as livrarias tiveram suas vendas multiplicadas.

O interior do país constituía um campo sáfaro, inexplorado. Os livros raramente chegavam ali, e quando isso acontecia é porque alguém viera à capital e os levara. Jackson estabeleceu então o serviço permanente de viajantes, coisa inédita e até revolucionária com referência a livros. E pela primeira vez homens percorreram o território nacional em tôdas as suas latitudes, vendendo livros, criando novos mercados e abrindo caminho para todos os editores da época. Por estradas de ferro, mas quase sempre a cavalo e usando meios de transportes regionais, iam êsses viajantes, de localidade em localidade, espalhando a cultura e o nome de grandes escritores brasileiros, e levando aos mais afastados recantos o gôsto pela leitura e conseqüentemente pela alfabetização.

W. M. Jackson Inc., constituem uma organização que se projeta por todo o mundo. Possuem uma espécie de superintendência mundial, com sede na América do Norte, mas em cada país em que existe uma filial esta é inteiramente nacional. No Brasil, por exemplo, o seu diretor geral é brasileiro nato e todos os cargos e serviços de responsabilidade estão entregues a brasileiros. Dos próprios auxiliares, noventa e cinco por cento são constituídos de gente nossa, incluindo pessoal das grandes oficinas que são mantidas na capital paulista. E a Companhia tem demonstrado uma grande preferência pelos nossos próprios autores. Excetuadas obras informativas consagradas universalmente, como a "Enciclopédia e Dicionário Internacional" e outras, as obras completas dos nossos grandes escritores têm sido preferidas. Isso cria uma mentalidade diversa da usual, relegando para um plano inferior as traduções de autores estrangeiros e dando o devido realce aos nossos valores literários. Machado de Assis e Humberto de Campos, com as suas obras completas, assim como Rocha Pombo com a sua "História do Brasil", e Luiz Edmundo com "A Côrte de D. João no Rio de Janeiro", têm por intermédio de Jackson a merecida projeção no mercado de livros.

Dizem os mal-informados que as suas edições são sòmente luxuosas. E' engano. As obras completas de Machado de Assis e Humberto de Campos são vendidas simultaneamente em três tipos de encadernação: luxuosa, semi-luxuosa e popular, esta em brochura. E' um empreendimento de vulto, que exige recursos, pois as obras de Humberto compreendem 40 volumes e as de Machado de Assis 31. A vantagem dos três tipos é colocar os bons livros no alcance de tôdas as bolsas e oferecer encadernações à altura das mais finas bibliotecas. Também, não são vendidas apenas coleções completas como se pode acreditar. São vendidos volumes avulsos em brochura — êstes encontrados em tôdas as livrarias e por preços visivelmente inferiores aos normais. Os editores Jackson lançarão futuramente as obras completas de Afrânio Peixoto, o que está sendo esperado ansiosamente, e é mais uma prova da preferência e admiração dessa Emprêsa pelos nossos autores.

Ser editor não significa que se deve tirar de tudo um resultado comercial. Algumas vêzes é necessário adotar critério especial, que sobreponha a maior divulgação do autor ou o benefício de terceiros, a qualquer interêsse financeiro. Dois casos típicos ocorreram com Jackson. No primeiro, notando que havia um certo interêsse em que algumas obras de Machado de Assis fôssem editadas em francês, a editora abriu mão de qualquer lucro, estabelecendo uma

quantia apenas nominal, afim de que o projeto se realizasse. O segundo ocorreu quando o Instituto Benjamin Constant solicitou permissão para uma edição, em Braille, do "D. Casmurro". Essa permissão foi concedida graciosamente, como não podia deixar de ser. Houve ainda um terceiro caso com relação às obras de Machado de Assis. Foi o de um pedido que a agremiação denominada "Os Cem Bibliófilos do Brasil" dirigiu a Jackson, para uma edição particular e limitada do "Braz Cubas". A permissão também foi dada a título gracioso, não tendo ficado a cargo de Jackson a confecção da obra. E' verdade que já existem no mercado três tipos de encadernação, porém "Braz Cubas" possui agora uma outra que, sendo limitada e particular, tem valor especial.

Seria interessante que alguém se dedicasse ao estudo da história das várias editoras antigas do Rio. De quando em vez surgem retalhos de fatos sérios, pitorescos ou anedóticos, tirados do seu histórico, porém um trabalho completo seria de muito mais interêsse".

A POESIA SATÍRICA NO BRASIL COLONIAL

TERRA DE SENNA

A data de 6 de Junho de 1759 marca o início de mais um movimento literário na velha cidade de São Salvador para maior expansão dos gênios poéticos que ali proliferavam. A iniciativa partira do muito ilustre José Mascarenhas Pacheco Pereira de Melo, conselheiro do ultramar naquela cidade, por nomeação de Sebastião José de Carvalho e que chegara à Bahia numa luminosa manhã de Agôsto de 1758.

Tantos eram os poetas que desde logo, foram fundadores da instituição 40 letrados, chegando pouco depois a atingir a 115 sócios supranumerários.

Por proposta de Mascarenhas, foi dado à novel agremiação o nome de "Academia Brasileira dos Renascidos", em substituição a "Academia dos Esquecidos", que existiu em S. Salvador nos princípios do século, tendo se finado, por inanição espiritual, a 4 de Fevereiro de 1725.

Mas, apesar dos 115 acadêmicos, a "Academia dos Renascidos" vegetou melancòlicamente por entre a indiferença do público e a bajulação dos poetas imortais. O restabelecimento de D. José I foi motivo para que o presidente Mascarenhas ordenasse aos vates acadêmicos que produzissem o maior número possível de estrófes em homenagem ao "Sereníssimo Rey" e um houve, Manuel Carvalho Lasso, Capitão de Infantaria da Ordenança, que logo compôs 110 oitavas, descrevendo as festividades realizadas, e por demais enfadonhas, como o próprio poeta reconheceu na última oitava:

"Esta lhe pio leytor toda a verdade
Que o povo da Bahya tem obrado
Pela vida da Augusta Magestade,
Pois que Deus do perigo a tem livrado.

E que sempre em feliz tranquilidade
O conserve como tem já conservado;
E por ser enfadonha a narratoria,
Aqui ponho conclusão a esta historia".

Não contente com essa *narratoria*, a Academia ainda fêz distribuir pelos acadêmicos os seguintes motes para que devidamente glosados fôssem:

"D'El-Rey a preciosa vida
Com razão, Bahia aclama,
Pois a vemos dentre as chamas,
Como Phenix renascida."

Oh mil anos viva amem
O nosso unico José
Assim como unico he
Eterno seja tambem".

Cumprida fielmente as ordens de Mascarenhas o poeta renascido Silvestre de Oliveira Serpa assim concluiu o seu poema laudatário:

"Veja o nobre Congresso
Um agradecimento bem expresso:
Se os Indios estão tão agradecidos,
O que farão os vates renascidos,
E os juizes civis nos exercicios
Que recebem del'Rey mais beneficios?

Renasça como Phenix, nos seos annos
Já que nos dá os bens e obvia os damnos;
Brada a fama no Mundo todo inteiro;
Viva e viva Dom José Primeiro!"

E quando a Academia tratou de empreender a publicação de uma história da América Portuguêsa, em cada uma das cinco línguas-portuguêsas, castelhana, francesa, italiana e latina, surgiram os primeiros satíricos, como, por exemplo, Antônio Gomes Ferrão Castelo Branco, neste originalíssimo soneto que encontramos no livro de Alberto Lamego — A Academia Brasílica dos Renascidos:-

Messieurs qu'il soit partout la bonne chère
Placeat Academiam saltitare,
Sia un rivo o sia un mare,
A Hippocrene que as vozes nos tempére;

Le désir, que je porte de vous plaire,
Quivis me cogit lingua modulare,
Y, si errado tambien aquy os hablare,
Giusta scuza mi siá il mio piacere.

Congratulamini, sint ab hinc iniqua;
Et la Baié a la joie s'abandonne
Oy que nuestra Asembléa se publica,

In consigliarlo io sonno gran catone;
Ou do menos, ter gozo se explica
Di simile Babel la confusione.

Muito antes, porém, dessa malfadada Academia, já a Bahia se havia divertido, e muito, com a figura estranha e incorrigível de Gregório Matos, nascido em 1623, segundo Laet e morto em 1696.

Êsse poeta da rua, a quem chamavam "Boca do Inferno", e que, na opinião de Araripe Júnior "Com os seus versos conseguira moderar os desmandos dos costumes e impedir que se incrementasse o desgoverno da Colônia, é o autor daquela famosa quadra

que andou rabiscada em todos os muros de S Salvador:

"Que os brasileiros são vestas
E estarão a trabalhar
Toda a vida por manterem
Maganos de Portugal".

Revoltava-se contra tudo e contra todos. Assim, se profligava os desmandos dos portuguêses, como se vê na quadra acima transcrita, não poupava também a própria Bahia:

"Queimada vejo a terra
Onde o torpe idiotismo
Chama aos entendidos néscios
E aos néscios chama entendidos".

Esta sátira determinou a sua deportação para Angola, de onde voltou, mais tarde, mas sem o direito de versejar.

Pobre Gregório! Não resistiu ao silêncio que lhe foi imposto, morrendo logo depois, aos setenta e três anos, em 1696.

A sátira atraia realmente os poetas daquele tempo e mesmo os reconhecidamente épicos não se furtavam ao desejo de criticar até o ridículo os seus colegas de Parnaso.

Está nesse caso José Francisco Cardoso, latinista famoso, autor de um poemeto sem repercussão — Trípoli, de quem ficou esta satira contra um poeta, J. Agostinho de Macedo, autor do poema "Oriente":

"Ao Parnaso quer subir
Novo rival de Camões
Mas das loucas pretenções
As massas se põem a rir;
Apollo, sem se afligir,
D'esta arte fala ao Casmurro;
— Pode entrar que o não empurro,
Nem me vem causar abalo,
Já cá sustento um cavalo,
Sustentarei mais um burro".

Um *jacá* e um cavalo não são coisas que se ponham num verso, mas a verdade é que a sátira fêz um furor enorme, principalmente por ser Macedo um nome de certo prestígio, tanto que foi a êle que Santa Rita Durão leu o seu famoso "Caramurú".

Antônio José, o "Judeu", que a Inquisição arrastou à fogueira pelo crime de compôr versos irreverentes, deixou entre inúmeras poesias satíricas, esta quadrinha cheia de terna modéstia:

"Nomé não busco excelente
Insigne entre os escritores
Os aplausos inferiores
Julgo ao meu plectro bastantes."

A tendência satírica de Antônio José revelou-se ainda mais na ópera joco-seria "Guerras do Alecrim e da Mangerona", representada pela primeira vez no bairro alto de Lisboa, no Carnaval de 1737 e onde se encontra uma crítica forte e mordaz à sociedade da época.

Silva Alvarenga — Manuel Inácio da Silva Alvarenga, nascido na antiga Vila-Rica, em 1749, foi também um grande satírico.

Bacharelando-se pela Universidade de Coimbra, Silva Alvarenga, regressando ao Rio de Janeiro, não se cansou de ridicularizar o Conde de Rezende, então vice-rei do Brasil, dedicando-lhe êstes versos que ficaram popularíssimos no seu tempo:

"O nosso ilustre Naciso
Conta hoje mais um ano,
Mostra o tolo o fio do pano,
A todos causando riso;
Na prudência e no juizo
Anda sempre para trás;
Cada dia é mais rapaz,
Nem lhe serve isso de afronta
Pois quantos mais anos conta,
Maiores asneiras faz."

No decorrer dos primeiro e segundo impérios, vamos encontrar inúmeros cultores da sátira e da pilhéria, mesmo entre os estadistas mais compenetrados da sua função na vida pública do país, como por exemplo, o Barão de São Felix, autor dêste soneto:

"Graça! Graça! meu bem! graça t'implora
Incendiado de amor, a ti prostrado
O mortal infeliz, que, alucinado.
Porque o desprezas, se tortura e chora!

Ó jasmim rescendente! ó linda aurora!
Faze ralar-me um sol afortunado.
Que espanque a escuridão, rompa o cuidado
Em que minh'alma em âncias se devora!

Açucena gentil! ninfa do prado
Marginal do formoso Paraíba!
Vence c'um verbo teu, meu ímpio fado.

Eu não te of'reço a mão de um caraíba;
Quero ver-te mulher de um deputado,
E de ministro... e ainda mais arriba!

Vicente de Carvalho, o nosso grande lírico, o poeta que imortalizou em um dos seus mais notáveis poemas o drama da fuga de um cativo negro, fez, certo dia, um soneto humorístico.

Humorístico, sim, e dos bons — versos de adorável espontaneidade e com uma graça infinita.

E' aquele ainda não muito divulgado "Imitando Camões":

"Quanto partiste, em pranto, descorada,
A face, o lábio trêmulo... confesso:
Arrebatou-me um verdadeiro acesso
De raivosa paixão desatinada.

Ia-se nos teus olhos, minha amada,
A luz dos meus; e, então, como um possesso
Quis arrojar-me atrás do trem expresso
E seguir-te correndo pela estrada...

Nem há dificuldade que não vença
Tão forte amor, pensei: Ah! como pensa
Errado o vão querer das almas ternas!

Com denodo atirei-me sôbre a linha...
Mas, ao fim de uns três passos vi que tinha
Para tão grande amor, bem curtas pernas...

Não devemos esquecer Francisco Moniz Barreto, nascido em 1804 e falecido em 1868. Sua vida foi um exemplo de independência, de caráter e honradez absoluta. Morreu pobre, paupérrimo.

Jamais se curvou a quaisquer contingências do momento e repentista apreciável, criticou em versos satíricos a política imperial, principalmente o sistema de eleições, já naquela época, 1867, falho e viciado pelos agrupamentos políticos.

"As eleições", em sete quintilhas, é realmente uma sátira bem feita e que assim termina:

O povo melhor faria
Se votar não fôsse mais,
Se as urnas abandonasse
E as assembléias fechasse
Da côrte e provinciais.

De absolutista me acusem,
Embora, os patrícios meus;
Aqui o meu voto empurro;
Serei tudo, menos burro
De políticos Protheus

Quando acaso alguns impugnam
Esta minha opinião
Respondo a quem me retruca:
"Macaco velho em combuca
Vazia não mete a mão!"

No início dêste século vamos encontrar na poesia de Emílio de Menezes a sátira ferina, causticante, agressiva.

Estão nesse gênero os perfís de Oliveira Lima, Hemetério dos Santos, Lauro Muller e Pires Ferreira.

Em outros, porém, é mais suave, quase terno, mesmo como por exemplo, nesta caricatura de Osório Duque Estrada, o maior terrível crítico do seu tempo:

"Êste é o ranzinza mór, porém no bom sentido.
Monta guarda à pureza e à precisão do idioma.
E' o espectro do imbecil, o horror do presumido;
Contra êle a arraia miuda o ódio que tem não doma.

Geninhos de Garnier, geniões de ar sucumbido,
Poetinhas de sabão, poetarrões de redoma
Que deturpam a língua, ai dêles! é sabido:
O cacete é aforismo e a cacetada é axioma.

Mais êste foge à lei que aliás é conceituosa
De que a crítica faz só aquele que, perverso,
De produzir, o orgulho e a delícia não gosa.

Da pena o bico atrós, no vernáculo imerso,
Se a sabe esmerilhar, sabe polir a prosa,
Se o sabe criticar, sabe compôr o verso".

A poesia satírica, é certo, morreu.

O clima social, ou intelectual, já não permite o ridículo como arma, o achincalhe como gênero de poesia.

Foi um mal? Foi um bem?

Deixemos a resposta para os futuros historiadores desta geração, para os estudiosos dos fenômenos literários do Brasil, com os seus modernistas, os seus rotineiros do soneto alexandrino dos 14 versos escravos do hemistiquio, prisioneiros da rima....

Esta crônica é, portanto uma pequena indicação sòmente, para os que pretenderem fixar a influência da poesia satírica, nas pequenas questões estéticas que, de vez em quando, explodem na própria Academia e repercutem nos cafés onde se reúnem os moços dados às letras, sem outras esperanças além de um livro editado e uma notícia amiga num jornal amigo...

Siga estes conselhos

e verifique os resultados

Devemos cuidar dos dentes não só para tê-los limpos e bonitos, o que é agradavel á vista, mas principalmente para conservá-los sadios — o que é indispensavel ao bem-estar de todo o corpo.

Muitas molestias graves — ulceras no estomago, affecções renaes, reumatismos, dores de cabeça, cegueira, e mesmo a loucura — têm sido occasionadas por dentes infeccionados ou cariados.

Evite isso, seguindo os conselhos ODOL:

1) Frequente seu dentista pelo menos duas vezes ao anno.
2) Consulte seu medico e seu dentista sobre o regimen alimentar mais adequado á saude de seus dentes.
3) Trez vezes ao dia use sobre uma escova ODOL um centimetro de pasta dentifricia ODOL. Á noite, bocheche e gargareje com o liquido ODOL.

SALOMÉ

Poema de GUILLAUME APOLLINAIRE

Tradução de ONESTALDO DE PENNAFORT

Para que uma vez mais João Batista sorria,
Senhor, eu dansarei melhor que um serafim.
Mãe, porque estais imersa em tal melancolia,
vestida de condessa e ao lado do delfim?

Meu coração, só de escutá-lo, quando eu vinha
dansar junto ao funchal, batia angustiado.
Eu lhe bordara lírios numa bandeirinha
destinada a flutuar no alto do seu cajado.

E agora, para quem farei lírios bordados?
Seu bordão refloresce às margens do Jordão.
Vieram prendê-lo, ó Rei Herodes, teus soldados,
e em meu jardim lírios murcharam desde então.

Vinde todos comigo, além, sob os quinconcios...
Não chores mais, lindo bufão de reis;
em vez do guiso, empunha esta cabeça, e dansa!
Mãe, sua fronte fria está. Não lhe toqueis.

Senhor, ide na frente e que a guarda nos siga.
Abriremos um fosso e nêle o enterraremos
entre flores, e, em roda, em torno dansaremos,
dansaremos até que eu perca a minha liga,
o rei a tabaqueira, a infanta o seu rosário
e o cura o seu breviário...

Elegia a uma rua

— Por onde foi que a levaram?
— Por aquí, por esta rua.
— A rua está bem mudada.
— A rua é a mesma, não muda

— Os que a levaram, acaso
se lembrarão dessa tarde?
— Aquêles que iam com ela
sumiram-se ao fim da estrada.

— Mil novecentos e treze!
Chovia naquela tarde...
— Vinte anos faz que na rua
chuva de tempo desaba.

— Dizes que se foram todos
os que lhe queriam bem?
— Hoje só restam os filhos,
ora amigos de ninguém.

Mas êste é o mesmo sol, e estas
as mesmas cornijas e árvores,
e nestes mesmos telhados
cantam hoje os mesmos pássaros.

— Sim, tudo é o mesmo; no entanto
minh'alma estranha o que sente,
a rua vejo que é a mesma,
o ar porém é diferente.

A tarde era um cobre novo
saturado de laranjas;
chorava pelas janelas
aquela dor de quinze anos.

Foi por aquí que a levaram,
por essa rua passaram.

Poema de A. TORRES-RIOSECO
Tradução de MANUEL BANDEIRA

Acaba Mundo

CLÁUDIO TAVARES BARBOSA

Na rua do Grão Mogol
os líricos incorrigiveis boemizam a vida,
atordoam a vida.
As serenatas,
vestígios de Minas Gerais,
inquietam os pardais,
bolem na sensibilidade dos poetas incuráveis.

Na última avenida
começa a outra vida.
Morrem longe os gritos do século,
os cafés foram invadidos pela guerra que se resolve
nas mesas
e que não chega até cá.

Quando o homem quizer ajoelhar-se fóra dos templos
e evocar a infância,
aqui se refugiará.
Os mesmos meninos brincam de ronda, cirandas, quebram
vidraças...

Os automóveis continuam noturnos e os perdidos de amor
substituiram os confortáveis aposentos
pela delícia da relva,
pelo compassivo luar.

Acaba Mundo!
No bangalô vermelho,
de abauladas janelas azuis,
o tempo não existe.
Ou então não se condiciona aos relógios,
na certeza das fugas oportunas.

Os montes insistem nos impossíveis convites para a
salvação.
As árvores, os ventos, alí estão.
Existem!
Acaba Mundo!
Nunca, Marília, se ha-de acabar!

BIBLIOTECA do AR

QUE **GENOLINO AMADO** REDIGE E A "SUA PRA-9" APRESENTA AS 2as, 4as E 6as-FEIRAS, AS 22,45 HORAS.

Palestras Culturais

QUE **EUGENIO DE FIGUEIREDO** ESCREVE E A RADIO MAYRINK VEIGA OFERECE AS 3as-FEIRAS, AS 22,45 HS.

•

SÃO PROGRAMAS LITERÁRIOS QUE HONRAM A CULTURA DO RÁDIO BRASILEIRO

Literatura e FOOTBALL

MARIO FILHO

1 — Hoje a gente tem, até, a impressão de que a polêmica entre Genolino Amado e José Lins do Rego, foi coisa do século passado. Uma porção de poetas, de romancistas estão escrevendo sôbre esporte e ninguém estrila mais. Pelo contrário, todo mundo acha natural. Vê lá se alguém se espantou quando Octavio de Faria apareceu com ensáios dominicais sôbre football? Durante anos e anos o autor de "Cristo e Cesar", de "Os Paiva", se preparou para isso mesmo. José Lins do Rego queria ver o goal, ficava de boca amarga, "qual, lá se foi o Flamengo", Octavio de Faria mordia as unhas, parava de morder as unhas para tomar notas. Tomava notas sôbre tudo. Nem os cronistas encarregados de descrever o jogo eram tão minuciosos. Octavio de Faria, porém, não sabe fazer nada sem ser assim. Estreou na crônica esportiva, como um veterano, seguro de si, com uma memória de arquivo, infalível. Poucos têm a cultura futebolística de Octavio de Faria. O canto do suplemento literário, que lhe foi entregue, é o mais grave, o mais judicioso, uma verdadeira cátedra de uma Sorbone do **football**.

* * *

2 — Há um ano atrás isso não seria possível. Pelo menos provocaria um escândalo literário. Como se pegou com José Lins do Rego, Genolino Amado se pegaria com Octavio de Faria. Para Genolino Amado um homem de pensamento podia, no máximo, aos domingos, sentar-se quietamente num degrau de arquibancada, torcer um pouquinho, desde que voltasse, depois, para casa, para a biblioteca, para o convívio dos livros. O **football** era uma atração baixa, um vício, e um vício brabo, inconfessável, dêsses que exigem segrêdo, um olhar assustado para a direita e para a esquerda, será que alguém viu alguma coisa? José Lins do Rego, porém, não tinha discreção nenhuma. Torcia pelo Flamengo de manhã até de noite, não se contentava com o domingo e, ainda por cima, ia discutir **football** na porta da José Olímpio, para escândalo dos poetinhas da província.

* * *

3 —O poetinha da província chegava, tímido, e ficava a folhear livros nos mostruários, como um freguês comum. Não queria comprar livro, coisa nenhuma, queria era apanhar as palavras, pepitas de ouro, que os literatos, apinhados na porta, deixavam escapar, exaltando-se, alteando a voz, sacudindo os braços. O coração do poetinha da província dava pulinhos de passaro ao amanhecer. Alguém pronunciara o nome de Machado. Machado era um clássico. Exatamente, o poetinha da província balançava a cabeça, concordando. Quando acaba não era literatura, era **football**, o poetinha da província ficava para morrer. Quan-

do voltasse para a cidade do interior teria perdido tôda a ilusão, seria um amargo. Genolino Amado não queria isso. Queria que todo mundo pensasse que o intelectual era um homem superior, só pensamento, só coisas altas. A porta da José Olímpio devia ser uma porta da inteligência, como, em outros tempos, o foi a porta da Garnier.

* * *

4 — Não era qualquer um que parava na porta da Garnier. Para fazer uma coisa dessas tornava-se preciso uma carteira de identidade de talento para cima. Pelo menos um livro escrito, impresso, aceito pelos críticos. Parar na porta da Garnier, bater um papozinho, valia como uma consagração. A porta da Garnier dava-se ao respeito. Os fregueses apareciam de roupa escura, como quem ia fazer uma visita de cerimônia. E que singuém abrisse a bôca se não tivesse uma frase de espírito, uma observação curiosa, um estalo na cabeça. Os transeuntes faziam uma volta, nada de passar por perto. Tinham apenas o direito de olhar. Muitos passavam por alí só para ver, para sentir um perfume de sabedoria, não muito grato às narinas, de môfo, de livros comprados no sebo. Se um dos mortais tocasse em **football** estragaria tudo, quebraria, de uma vez para sempre, o encanto da porta da Garnier.

* * *

5 — Genolino Amado não exigia que José Lins do Rego só conversasse sôbre literatura. Até achava que se devia parar um pouco com literatura. A literatura passara, até, para um plano secundário. Havia a guerra, jogava-se, nos campos de batalha da Europa, o destino do mundo. A missão do intelectual era preparar o espírito do povo para a guerra. E vinha José Lins do Rego e escrevia que a vitória de Stalinigrado o emocionara tanto quanto uma vitória do Flamengo. Como se uma coisa se pudesse comparar com a outra. Não se tratava, aliás, de compa-

rar uma coisa com outra. José Lins do Rego quizera dar uma idéia de como recebera a notícia da vitória de Stalinigrado. E nada melhor do que uma vitória do Flamengo, aquela que garantira um título de campeão. Para Genolino Amado a citação do Flamengo, alí, num artigo sério, era falta de respeito. Para José Lins do Rego, não. Assim o leitor poderia avaliar melhor o que êle sentira.

* * *

6 — O leitor, talvez, como Genolino Amado, não conhecesse direito o torcedor José Lins do Rego. Sendo Flamengo, porém, compreenderia. Como não haveria de compreender se, quando o Flamengo marcara o **goal**, êle se transfigurara também? O grito de triunfo, abrindo-lhe o peito, agora, sim, êle podia respirar à vontade, a vida valia a pena de ser vivida. Os que conheciam José Lins do Rego, o torcedor, os que já o tinham visto no meio do povo, durante um **match** do Flamengo, êsses, então, compreenderiam tudo. Poderiam imaginar José Lins do Rego soltando gargalhadas curtas, de meio centímetro, gargalhadas que acabavam no princípio, para dar lugar a outras, que se sucediam, em espasmos de alegria. Era assim que José Lins do Rego saudava as vitórias do Flamengo, com uma salva de gargalhadas, uma gargalhada, um olhar para quem estivesse perto e fôsse do outro clube, outra gargalhada.

* * *

7 — Genolino Amado não acreditava. Bem que lhe foram contar. Coisas do José Lins do Rego, do Amando Fontes, do Octavio de Faria. O Amando Fontes, quando o campeonato estava decide não decide, nem tinha coragem de ir ver o Flamengo. Metia-se num cinema, sessão de quatro ás seis. Durante a semana êle ficava a escolher a fita. Porque a fita tinha de ser muito boa, de interessá-lo profundamente. De outra forma não adiantava: êle sentado numa poltrona do Metro, olhando a tela, vendo sombras se mexer, o pensamento longe, lá onde os jogadores do Flamengo corriam em campo, molhando a camisa. O que Amando Fontes queria era esquecer-se de que havia jogo, sair depois da sessão, ainda com o fim da fita na cabeça. Lá fora êle saberia do resultado do jôgo, um **score**, dois números separados por um **chiz**. A alegria da vitória vinha suave, como um conforto. Se êle tivesse ido ficaria mais feliz. Em compensação a dor da derrota nem chegava a fazer mal. Bem andara êle, fugindo. Para que sofrer? O cinema era um refúgio, dentro da sala de projeção, tudo escuro, êle se sentia fora do mundo.

* * *

8 — Amando Fontes não escrevia sôbre **football**. Nem Amando Fontes nem Octavio de Faria. Genolino Amado teve um choque ao saber como se portava Octavio de Faria. Octavio de Faria ia a treinos do Fluminense, havia dias em que êle almoçava em Alvaro Chaves, não saía de lá, a não ser para jantar na Brahma, depois de um rosário de bate-bolas. Os treinos não o emocionavam. Êle podia acompanhá-los, friamente, somando os passes certos e os passes errados. Tudo aquilo iria para o fichário. Jogador tal: deu tantos passes de **goal**, jogador qual, a três treinos não dá um passe de **goal**. Só se emocionava em dia de jôgo e aí roia as unhas, feria as pontas dos dedos, até tirar sangue. Genolino Amado assustou-se com isso tudo; o **football** tinha fôrça, senão não empolgaria o Octavio de

Faria desse jeito. Sem o saber êle mexera em casa de marimbondo. Chegou a ser apontado como inimigo do **football**, da paixão do povo.

* * *

9 — Deve-se reconhecer, porém, que Genolino Amado fez um grande bem ao **football**. A polêmica entre êle e José Lins do Rego obrigou a que se examinasse, mais a fundo, as relações dos literatos com o **football**. Os torcedores que tinham escrito um romance, um livro de versos, foram apontados. Havia o caso de Augusto Frederico Schmidt que se tornara presidente do Botafogo de Regatas porque publicara o "Estrela Solitária". O livro não tinha um só poema sôbre o Botafogo. Mas o título, "Estrela Solitária", deu um lugar, a Augusto Frederico Schmidt, em todos os corações botafoguenses. O símbolo do Botafogo de Regatas era a estrela solitária. Os jornais, quando desejavam ser amáveis com o Botafogo de Regatas, se referiam à estrela solitária. E o Schmidt tinha feito mais do que os jornais, tinha escrito um livro de poesias, escolhendo para título: "Estrela Solitária". Só poderia ser com o Botafogo de Regatas. Uma coisa destas os botafoguenses não esqueceriam. Tanto não se esqueceram que bastou alguém propor para presidente do clube, Augusto Frederico Schmidt, autor de "Estrela Solitária". Eleito unanimemente.

* * *

10 — E lá se foi Augusto Frederico Schmidt para a presidência do Botafogo de Regatas. O Botafogo de Regatas se fundiu com o de **Football**, o Schmidt não se dividiu mais entre um e outro. Pouco importava que o barrassem na porta, um dia, êle dizendo que era o vice-presidente do clube, o porteiro não acreditando. E como êle sofria! Onde o Botafogo estivesse êle tinha de estar. Uma vez havia um jantar na casa dêle, os convidados esperando, êle na tribuna de honra do Fluminense, de **smocking**, só chegou à meia noite, e esmagado por uma derrota do Botafogo. Sem Genolino Amado talvez não se investigasse tanto a vida dos intelectuais, para dividi-los em duas classes: os que torciam e os que não torciam. E quem levantara a questão: um intelectuál têm o direito de escrever sôbre o **football** enquanto se morre pela liberdade do mundo? Genolino Amado. Pode, não pode, pode, podia mesmo. A matéria era bôa, havia romance, havia poesia no **football**.

* * *

11 —E, além disso, como se podia escrever uma crônica da cidade sem tocar em **football**? Quasi todo mundo achava que Lima Barreto fôra o mais carioca dos romancistas. Pois não fôra, protestava Marques Rebelo. Como podia ter sido se quizera até acabar com o **football** e com o jogo de bicho? Lima Barreto fundara a Liga Contra o **Football**, fracassara, o **football** cada vez mais forte. A Liga Contra o **Football** de Lima Barreto, a cruzada de Genolino Amado, só serviram para mostrar que o **football** estava mesmo enraizado na alma do povo. A crônica esportiva enriqueceu-se com um artigo diário de José Lins do Rego, com outro artigo diário de Vargas Neto, com ensaios de Octavio de Faria. Até Olívio de Montenegro, que tinha tanta raiva do **football** quanto Graciliano Ramos, quís saber como era aquele "diabo de jogo'., foi ver um **match**, achou que o **football** tinha fôrça, a grandeza coreográfica de um **ballet** russo. Um assunto daqueles justificava tôda uma literatura.

RESSURGE A OBRA DE B. LOPES

ALVARUS DE OLIVEIRA

A 19 de Janeiro de 1859, na vila de Bôa Esperança, em Rio Bonito, Estado do Rio, nascia Bernardino da Costa Lopes. Filho de gente humilde, aquêle que assinaria mais tarde simplesmente B. Lopes e que se transformaria num dos mais belos e inspirados poetas do seu tempo, lutou com grandes dificuldades. Não se tem notícia de perseguições à sua "mania" por parte dos seus pais como aconteceu com outro poeta fluminense, Casimiro de Abreu, o doce cantor dos "Meus oito anos", que tentaram matar a maldita inspiração do poeta, transformando-o num simples e abastado negociante...

Tendo tido educação e instrução de acordo com as posses dos seus pais, B. Lopes rumou ao Rio onde fez concurso para os Correios tendo suprido certamente com sua inteligência os claros da sua cultura. E triunfou .

Atravessava-se a época em que a poesia infestava os salões da Metrópole e B. Lopes teve a ventura de tornar-se um dos mais recitados poetas daqueles tempos.

Em Setembro de 1881, feito pela Tipografia do Cruzeiro, que ficava na rua do Ouvidor, 188, lançou B. Lopes o seu livro de estréia "Chromos". Na abertura do livro êle disse: "Pela primeira vez publico um livro: concorre muito para esta temeridade o lisonjèiro acolhimento da imprensa à publicação parcial da maior parte dos "Chromos". Agora... o leitor que me perdoe". Iniciava-se com modesta, considerando "temeridade" aquilo que imortalizou um dos maiores poetas de sua geração, para repetir as palavras de João Ribeiro, o consagrado crítico nacional. Os "Chromos" foram dedicados à memória de Alcídia "a doce e infeliz irmã do poeta".

Entre os sonetos mais populares de "Chromos" que eram recitados com insistência pelos salões estão o que termina com o "bebe que é doce, papai" e este:

A minha musa, a minha pobre musa,
De riso à boca e flores na cabeça
Morena virgem, rústica e travessa
Que um vestidinho dos mais simples usa

A noiva alegre de um rapaz de blusa,
Que talvez muita gente não conheça
De riso à boca e flores na cabeça
Vem visitar-vos, tímida e confusa

Não lhe aumenteis o rúbido embaraço,
Levando-o ao vosso lado e pelo braço
Com requintes fidalgos de condessa;

Filha do campo, distinções recusa
A minha musa, a minha pobre musa
De riso à boca e flores na cabeça!

Na segunda edição de "Chromos", B. Lopes fez muitas modificações, tendo incluido outras produções, inclusive "figuras", "pequeninos perfis de mulheres", como declarou o autor e entre êles figurando "Chandoca", o doce amor do poeta e que se suspeita tenha sido "a doce musa, a minha doce musa" que era do campo e noiva do primo do poeta, cujo amor fora combatido pela família da prima pela questão da côr.

Ainda pela Tipografia Cruzeiro, saiu o volume "Pizzicatos". Depois apareceu "Dona Carmem".

Os "Brazões", (edição de Fauchon & Cia., 1895), foram dedicados a sua mãe e à "Estrelada memória" de seu pai". Neste livro B Lopes canta as duquezas, os barões, tendo sido cognominado "o poeta dos fidalgos", e está incluida uma parte "Val de Lírios" que se transformaria 5 anos mais tarde num novo livro e que foi dedicado à sua mulher. A delicadeza e poder da descrição dos sonetos de B. Lopes bem se demonstram neste soneto "A Condessa": —

Eia-la defronte à lâmina espelhenta
De áureas molduras florejadas, e onde
Tôda a riqueza do salão do conde
Pontilhada de luzes se apresenta

A tanto luxo ousado corresponde
Essa que surge, ao próprio corpo atenta,
Bela e soberba! E, como um astro, aumenta
Tôda a riqueza do salão do conde!

Dá ao cabelo e ao talhe do corpete
O último toque, um último alfinete
Franze a cauda real da sáia turca;

Põe quase aos ombros um buquê vermelho;
E pronta já, de costas para o espelho,
Vai ensaiando um passo de mazurca...

Em 1889 surgia "Sinhá Flôr" — "pela época dos chrysantemos"... Em 1900 apare-

ceu "Val de Lírios", editado por Laemert & Cia., em 1901 "Helenos" e "Plumário", em 1905.

Todos livros do poeta obtiveram grande sucesso. De "Brazões" foram vendidos 2.000 exemplares em 15 dias, o que constituiria, mesmo hoje, um grande êxito de livraria. Esteve B. Lopes para colocar por debaixo do seu nome ao saír este livro "Não é da Academia", o que não fez por interferência de amigos. De "Sinhá Flor" é este soneto gracioso: —

E' um gosto vê-la atravessar a rua:
Colunas firmes, empinado o busto,
Todo o trajo de estilo ao corpo justo,
Dando a idéia feliz de que está núa.

De um golpe régio. Que Elegância a sua,
Sem atavios e ouropéis de custo;
O fino vulto ereto, um ar augusto
De estátua grega e olímpica tresuá

A rara prata que ha no seu cabelo
Foi a queda outonal do Setestrelo,
E não do inverno as felidas pepitas;

Tudo nela seduz, prende e realça,
Mesmo por desfastio, a pompa falsa;
Folhos, flocos, filós, fofos e fitas!

De "Helenos", "lírios de quatorze pétalas", também dedicado à sua mulher, é "Boemia": —

Para as gentís e pálidas mulheres
Desta áurea roda uma iguaria e Chianti
Traze, garçon, na salva rutilante
E o que em falernos de melhor tiveres

Contém taças e a prata dos talheres!
Marion com o duque, Artur e Flora adiante...
Enfim cada uma flôr com o seu amante!
Laura, meu anjo, que licôr preferes?

Viva la grácia, Carmen... Sús, amigo,
Não é Malaga vinho que se negre;
Bebamos, Lúcia, deste Rheno antigo!

Porém tudo isto é nada, com certeza...
— Vou dizer a vocês um poema alegre —
Mais lagostas e vinho nesta mesa!

Reflexo certamente da vida boêmia que B. Lopes levou. Devido a isso, sentiu êle, certa vez, a memória falha e sofreu das faculdades mentais. Foi internado no Hospicio de onde saiu depois, melhorado. Mas continuou na vida desregrada que levava. Morreu no Engenho de Dentro, a 18 de Setembro de 1916, abandonado e criticado pelos amigos.

Não julguem aquêles que não conhecem as obras de B. Lopes — já há muito fora de

circulação, exgotadas e raras — que êle era sonetista apenas. Há lindos e delicados poemas, como êste trecho de um que se segue, extraído de "Val de Lírios" — "Serenata": —

Para dormir em teu colo,
O bando azul dos meus sonhos
Sacode a neve do polo
Para dormir no teu colo;
As tuas formas enrolo
Nos meus olhares tristonhos
Para dormir no teu colo
O bando azul dos meus sonhos
Rufla as tuas áureas penas
N'alvorada, e canta, e vôa...
Oh! pomba de azas serenas,
Rufla
Sôbre as planícies amenas,
Vastos lençóis de lagoa,
Rufla

De "Plumário", extraimos "Beijos": —

Deu-me, não sei, na mania
Contar-te histórias. Escuta
Esta que, doce judia,
Tem o sabor de uma fruta.

Pois que do beijo se trata:
(Guarda-me bem os segredos)
Sôbre as tuas mãos de prata
Um beijo — dez — em teus dedos.

Coisas, enfim, de poeta.
Mais outra idéia nasce:
Como doida borboleta
Um beijo na tua face...

Tu morrerias de susto,
Ficarias, talvez louca,
Si o meu beijo, a muito custo,
Caísse em tua boca.

Beijo de amor e de ciume
Vamos fazer-lhe o modelo:
— Seja um frasco de perfume
Derramado em teu cabelo.

Quem sabe lá do destino!
Outra lembrança me veio:
Ver meu beijo columbino
Agasalhado em teu seio

Isto será não sei quando;
Mas quantos, quantos escolhos
Teria um beijo nadando
No triste mar dos teus olhos!

Como seria um encanto,
Numa explosão de desejos,
Tu, a despires o manto,
Tôda estrelada de beijos!

Na boca, seios, pupilas,
Faces, cabelos, mão, fada,
Mesmo que o beijo repilas
Deixo-te em versos beijada

Longe o meu sonho atrevido,
Perdoa a mim, por quem és!
Doce, humilde, arrependido,
Fica o meu beijo a teus pés!

A obra de B. Lopes esquecida, urgia que fosse reeditada. Fazia parte do programa da nossa "Biblioteca de Obras e Autores Fluminenses" que não recebeu, infelizmente, dos poderes o amparo que solicitamos. Mesmo assim, chegamos a dar os primeiros passos para aquisição dos direitos da obra. Havia, porém, alguns herdeiros que não desejavam fazê-lo sinão por uma fortuna, concorrendo, destarte, para que a obra de B. Lopes continuasse ignorada. Nos tempos da "Brasileira Editora", nós, com Pedro de Souza, este infatigavel trabalhador em prol do livro nacional e que é o braço direito do Zelio Valverde, andamos cogitando das Obras completas do poeta dos "Chromos". Depois do desaparecimento daquela editora e da quase paralização da nossa "Biblioteca" por falta de recursos e de ajuda, Pedro de Souza, já agora trabalhando com Zélio Velverde, vai concretizar aquele nosso sonho.

E' uma notícia alviçareira para aqueles que conheceram algumas obras de B. Lopes e terão a felicidade de te-las completas com um estudo bibliográfico. E as novas gerações que desconhecem o doce cantor das condessas e condes vão sentir a doçura da poesia de B. Lopes.

E' um serviço grande que a Editora Zelio Valverde prestará à literatura nacional.

Nós estamos jubilosos por isso. Por vermos a obra de B. Lopes ser desenterrada do esquecimento, por vermos o seu nome na evidência merecida, e por termos concorrido para que isso se realizasse...

OS OLHOS

Conto de Raimundo Souza Dantas

POR que ficar em casa, se não lhe davam atenção? Melhor andar pelas ruas, correr os jardins e passear nas margens do rio. Fugia assim do desprêso dos seus, procurando esquecê-lo, tentando pensar em outras coisas. Corria as ruas de sempre descia depois para as margens do rio, onde podia ver as mulheres lavando roupa. Ali ficava a manhã inteira, silencioso, uma insatisfação por dentro, roendo como bicho. Chegava a hora do almôço e via-se obrigado a voltar, enfrentar os olhares dos irmãos, os ditos da magra e espigada Darci. Demorava o mais que podia pelo caminho, se interessando por tudo que acontecia, imaginando conseqüências maiores diante de pequenos desastres. Construia, assim, um mundo seu, inteiramente seu, onde só havia mesmo lugar para êle e os casos que inventava. Mas tudo partia do real, tinha seu início nos acontecimentos de todo dia. Êsse mundo, porém, não era o bastante para isolá-lo, tornando-o imune ao desprêso e à indiferença dos seus. Helio sofria ainda mais, descontente e disposto a fugir, procurando se afastar de Darcí, do pai, da cunhada, de todos. Mas para onde ir? Tinha mêdo de viajar, o desconhecido apavorava-o. Continuaria a andar pelas mesmas ruas, a olhar as mesmas mulheres na lavagem de roupa, e a subir e descer as mesmas ladeiras, que iam desembocar nos mesmos becos. Conhecia-os como conhecia a palma de sua mão. Já estava cansado de todos êles, como cansado estava de tudo em Estância. Não via um jeito a dar. As coisas conspiravam contra êle, juntamente com os bichos e as criaturas. Era um homem sòzinho, com seus fantasmas, num desespêro que aumentava diàriamente. Agora voltava para casa, para o almôço, com uma ligeira dor de cabeça. As sensações de sempre e o vazio, depois de ter imaginado absurdos e de ter dado conseqüências maiores a pequenos acontecimentos. As pessoas passavam por êle e não lhe falavam, era como se fôsse um poste, uma palmeira. Estava cansado, voltava para o desprêso e a indiferença, o coração apertado.

— Quem é? — perguntara, da sala.

Uma cabeça surgiu na porta, mas logo desapareceu.

— E' o Helio que voltou para o almôço.

Êle tinha as mãos fechadas, as unhas se lhe enterrando na carne. O pai ainda não chegara da usina, mas não demoraria. Desceu para o quintal. os olhos úmidos. O que fazer? Ficaria por ali, até que lhe chamasse para o almôço. Passaria a imaginar coisas, a povoar seu mundo de criaturas inventadas, que o ouviam e davam crédito a suas histórias. Aos poucos tudo estava transformado, Helio repetia absurdos, histórias ilógicas, inventava palavras para se exprimir melhor. O sol lhe batia contra o rosto, as árvores já não eram mais árvores. De repente, com a mesma facilidade, o verdadeiro mundo engulia a êle e aos sonhos. Novamente o desprêzo, a indiferença. Só mesmo indo para longe, fugindo de Darcí e daquele seu chamado:

— Helio, o almôço está na mesa.

Voltava para a sala e para o sofrimento. Procurava não olhar os irmãos, como também a mãe e o pai. Sentava-se de cabeça baixa e esperava que o servissem.

— Mais sôpa?

— Naturalmente, mamãe — fazia Darcí. Êle precisa engordar.

Não ouvia o riso de ninguém, mas advinhava que todos o estavam fitando, os lábios franzidos. Terminara o almôço, um nó na garganta, a cabeça escaldando. Tolice. Queria se convencer de que era um homem normal e repetia que não havia nada de mal no que dizia a seu respeito. Chegou, enfim, a uma decisão. Talvez que mudassem de atitude se o vissem trabalhando, como os outros dois irmãos mais velhos. Pensou naquilo nas margens do rio, andando pelas ruas de sempre, subindo e descendo as mesmas ladeiras. Estava resolvido. Distraiu-se com o pensamento, passava o tempo a completá-lo, até imaginando as novas maneiras da irmã, as atenções dos dois irmãos e as palavras de confiança do pai. Mas viu que êles não mudariam. Apesar disso falou-lhes, numa manhã de domingo, enquanto tomavam café.

— Meu pai, eu...

Tinha a cabeça baixa, sentiu que todos estavam lhe fitando. A voz tremeu, suava e esquecera as palavras que repetira tôda a manhã.

— Vamos, vamos, o que é?

— Bem, eu... E' que pensei em trabalhar.

E de um fôlego!

— O senhor pode me arranjar um lugar na usina?

O silêncio foi de minutos, mas para êle pareceu de horas.

O velho olhou em redor, sem compreender.

Que repetir?

— Não posso, meu pai.

— Ah, êle não pode. Está fraco — fêz a Darcí.

— Pssiu, cale-se — ordenou o velho.

Helio esperava, ainda de cabeça baixa. O que iria responder seu pai? Esperava, suspenso, quase sem respirar.

— Bem, filho. Foi a primeira alegria que você me deu. Pensava que você fôsse um pamonha. Pode começar amanhã.

Teve coragem então de levantar o rosto, voltou-o para o velho, depois encontrou o olhar de d. Silvana e sentiu que ela não o compreendia. Ninguém, a não ser seu pai, o compreendia naquele momento. Recolheu-se novamente, agora um mêdo que nunca sentira crescendo. A hostilidade e o desprêzo dos seus não era em virtude de estar ali, sem trabalhar, mas sim pelo fato dele existir. Levantou-se da mesa e o pai acompanhou-o, abraçando-o pelo ombro, enquanto dizia:

— Não tenha mêdo, filho. Eu sempre vi você com outros olhos. Você se parece muito comigo e êles desprezam a mim como a você.

Eles despresam a mim como a você. A frase do pai se repetia em sua cabeça, ora trazida pelo vento, ora por um som qualquer. Então era aquilo? Sòmente agora entendia os silêncios do velho e o pouco que êle conversava em casa. Era preciso se aproximar mais dêle, confiar plenamente, num apôio mútuo. Já não precisava mais bater perna, correndo ruas, e passear pelas margens do rio, para olhar as mulheres lavando roupa, sem ter nada o que fazer, sòmente para não estar aturando a irmã. Não. Um outro mundo se descortinava, uma nova paisagem, com um sem número de revelações. Qual era mesmo a sua idade? Dezoito anos? Não, êle não tinha idade, com a compreensão do pai, a aproximação que agora ia lhe fazer viver, sentia-se um homem sem idade, uma criatura diferente das outras.

— Vamos, Helio, acorde. Está na hora — dizia-lhe o pai, na manhã seguinte, acordando-o.

Tudo naquela manhã parecia novo. Ia ao lado do pai, os dois na manhã muito fria era como se estivessem andando por um caminho virgem de outros pés.

— Você vai começar como aprendiz numa secção estranha a minha.

— E' preciso?

Sentiu-se atordoado, era a primeira vez que se via entre tantas máquinas. Não encontrou tempo para pensar no desprêzo dos seus. Olhava os homens diante das máquinas enormes, que chegavam ao teto. Se tôdas elas parassem seria um desastre. Não haveria luz nem fôrça para a cidade. A grandeza de tudo entrava-lhe pelos olhos a dentro, distraia-o. Mergulhara para um mundo novo, passara a manhã inteira sem fazer nada, deixaram-no num canto, desinteressados. E lá ficara êle, espiando, sentindo-se minúsculo. Quando, meio-dia e a caminho de casa, não disse uma só palavra ao pai. Na usina tudo era mais forte do que êle, constituia uma ameaça para sua segurança. Olhou o pai várias vêzes, querendo lhe perguntar se não sentira mêdo, quando pela primeira vez entrara ali e se encontrara diante das máquinas, indefeso. Mas não lhe fez nenhuma pergunta. Marchava a seu lado, em silêncio, pensando. Pela fôrça do hábito, começou a imaginar coisas, fugindo do mundo real. Perto de casa passou a temer, como todos os dias, o desprêzo dos seus. Que iriam dizer? Melhor não entrar. Estacom com o pensamento, ficou parado no meio da rua, sem coragem.

— Vamos, filho. Está sentindo alguma coisa? — perguntou o pai, esperando-o.

Entraram os dois, Helio com o mesmo sentimento de mêdo e de angústia.

— Nem uma mancha de óleo, hein? — fez Darci.

O pai falou por êle:

— Os aprendizes saem quinze minutos antes e vão até o rio se lavar.

Não dissera a verdade. Helio ficou a olhá-lo, sem compreender por que êle inventara a desculpa. Enquanto almoçavam, o pai não deixou de falar. As suas palavras faziam Helio sofrer mais ainda. Não seria

pior se estivesse contando o que verdadeiramente acontecera. Já não podia suportar, tinha mêdo que Darci estivesse com o risinho de quem acredita desacreditando. Levantou-se da mesa, sem terminar a refeição. Não olhou a irmã, passou por ela de cabeça baixa, foi para a sala.

O velho perguntou-lhe de fora, depois:

— O que foi? Está se sentindo mal?

— Não, não — respondeu.

— Então vamos embora. Melhor chegarmos adiantados do que atrasados. Levanta.

— Eu não vou mais, não, papai.

— Hein? Ora, não diga tolice.

— Não, não vou.

O velho sentiu o sangue subir a cabeça, andou para êle, segurou-o pelos ombros, levantando-o:

— O que, preguiçoso? Eu devia saber que tu não valias mesmo nada. Ora, e eu pensando que tu te parecias comigo.

E soltando-o:

— Fica aí.

Que fazer? Como dizer ao velho que não voltaria a oficina sòmente para êle não mentir? Mas agora êle já ia longe, o casaco jogado no ombro esquerdo. Só restava a Helio andar pelas ruas, subir e descer as ladeiras que iam dar nos becos ou nas margens dos rios. Sòmente assim não teria que ouvir seu pai mentir, para desculpá-lo. Saiu de casa, desceu para o rio. Sentia-se vazio, doente. Olhava as águas barulhentas, que batiam contra as pedras e continuavam avançando. Como fugir de tudo aquilo, de Darci e dos irmãos? Um ódio cresceu então dentro dêle, se multiplicava. De súbito teve a certesa de que só mesmo indo para longe, colocando-se o mais distante possivel dos seus. Mas lhe faltava a coragem, tinha mêdo de outras terras. Ainda faria qualquer coisa, uma besteira, sòmente para assustá-los. Tentaria se matar. Não, isso não. Como pensara em semelhante asneira? Bicho ruim é que se mata. Usaria de outros meios, não era preciso se matar e muito menos sair de Estância. Lembrou-se do pai, da alegria que lhe dera quando lhe falara em ir trabalhar. — "Você se parece muito comigo e êles desprezam a mim e a você". Era como se o velho estivesse ali, diante dêle e na margem do rio. Se não fôsse a mentira teria se aproximado definitivamente. Para defendê-lo, o pai começava a inventar. Mas Darci sabia, os irmãos, a mãe, todos sabiam da verdade.

— Besteira — resmungou.

Foi andando em direção da usina, com vontade de se atirar no rio. Aproximou-se bem, olhou-o por algum tempo. Não viu seu rosto refletido nas águas. Alguem, do outro lado, começava a fazer-lhe sinais. Um corpo se atirou no rio, mergulhou, reapareceu mais adiante. Na tarde clara aquilo tomou uma outra significação para êle. Imaginou-se naquele salto, sentiu que mergulhava e que aquela era sua cabeça, a que surgira mais adiante.

Despiu-se e também caiu nágua. A água doeu-lhe nos olhos. Mas não deu importância. Sentiu-se envergonhado, começou a nadar para a margem, a cabeça ardendo. Os olhos também lhe ardiam, agora era como se queimassem. Que seria? Nada. Tolice. De volta para casa esqueceu a dor dos olhos para se entregar inteiramente a pensar no desprêzo que o esperava. Darci não estava, sòmente d. Silvana, e o silêncio era pesado, na tarde sufocante. Não a viu, seguiu diretamente para o quarto. Os olhos voltavam a doer. Foi olhá-los no espelho, estavam vermelhos. Não diria nada a ninguém, aquilo passaria, só podia ser coisa passageira. A dor aumentava, já não podia mais suportá-la. Intermitente, se transformava em pontadas, fundas.

— Ora, diabo.

Virou-se para o canto, procurou descansar, dormir. E se ficasse cego? Tentou afastar a lembrança, se esforçou para não pensar em nada. Impossível. A dor se impunha. Podia ficar cego, sim. Seria pior que a morte. Teria que aturar, tôda hora, o desprêzo dos seus, os ditos da Darci e o desinterêsse dos irmãos mais velhos. O piór é que, com a morte de seus olhos, ia-se a única esperança de fuga. Estava desejando aos parentes as piores coisas. Uns bichos ruins, sem alma, pior que cachorros. Ainda tinha o pai. O velho se afastara dêle, não lhe tinha mais confiança. — "E eu que pensei que você se parecesse comigo, hein?" Era como se o ouvisse dentro do quarto, ali na cabeceira da cama. Não devia pensar naquilo, precisava dormir. Mas os olhos doiam, ardiam. Abriu-os e não viu nada, nada mesmo. Quiz chamar d. Silvana, teve mêdo do desprêzo. Enterrou a cabeça no travesseiro, sentindo-se só, desejando morrer.

GUÉDES

Conto de EZIO PINTO MONTEIRO

AINDA no bonde e já ouvia o grito inconfundível do Guédes, dominando todos os outros gritos dos vendedores de jornais da noite. Mal entrava no Café e já estava êle ao meu lado — um sorriso expressivo na face precocemente envelhecida — passando-me o jornal.

— Então, Guédes, como vai?

— Hoje tô mal...

Não era preciso mais: eu poderia jurar que o cinema estava levando qualquer fitá em série. "Hoje tô mal" significava apenas o seguinte: Preciso de quinhentos réis para ir ao cinema...

— Mas, Guédes, você está ficando *mal* muitas vêzes êste mês!

Êle alargava o sorriso, já então um pouco envergonhado.

— Deixa disso, freguês; hoje eu tô mal mesmo... Ainda tenho as folhas tôdas... — e mostrava com o beiço o pacote de jornais, que suportava com a perna ligeiramente curvada.

A nossa camaradagem datava de meses. Tôdas as noites, depois do jantar, eu fazia uma caminhada higiênica até a praia de Gragoatá, e dalí ia de bonde à ponte das barcas para comprar o jornal e beber um cafésinho no "Londres". Agradei-me logo do Guédes. Teria quando muito doze anos, era pardo, baixinho, muito vivo e alegre, metido a valente. Embora me pedisse constantemente um niquel para o cinema, nunca me enganou dizendo "Hoje é o dia do jornaleiro"... Em pouco éramos velhos camaradas e êle aproveitava os intervalos das chegadas das barcas e dos bondes, quando então os fregreses rareavam para rondar a minha mesa.

— Mas afinal de contas, Guédes, como é o seu nome?

— Ué, Guédes mesmo...

— Não póde ser. Guédes é sobrenome. Você tem de ser Antônio Guédes ou José Guédes ou Aristolino Guédes. Guédes só, não é nome.

— Não, é Guédes mesmo. Guédes da Silva.

Êle cismava que eu era estrangeiro e constantemente me perguntava:

— E o Sr. é *ingrêis*, não é?

Cansava-me de procurar convencê-lo de que era tão brasileiro quanto êle, mas Guédes sorria duvidando.

— Ah, diz verdade o Sr. é *alamão?...* — Interrompia o inquérito bruscamente para correr a servir um freguês e voltava com os olhos brilhantes de orgulho por ter conseguido chegar primeiro que os outros garotos.

— Êle é meu freguês, agora! — E já se dispunha a continuar a chamar-me de alemão ou inglês, quando os bondes começavam a surgir na praça, sinal evidente de que a barca não tardaria. Só havia tempo de passar-lhe o níquel para *inteirar* a entrada do cinema, e êle corria como um esquilo entre os bondes para atacar os passageiros que saltavam.

Do extremo oposto da praça chegavam-me os gritos agressivos do Guédes:

— *Noite! Diário da Noite! Globo!*

Certa vez lhe perguntei por que, em vez de berrar como um louco os nomes dos jornais, não fazia como outros jornaleiros que anunciavam os fátos importantes, as novidades sensacionais. Ao contrário do que sempre sucedia, Guédes não respondeu de pronto. Percebi mesmo uma sombra de tristeza no rosto momentaneamente sério. Afinal a resposta veiu com esfôrço, o corpo torcido de vergonha:

— Eu não sei ler as notícias...

Ficou então combinado que dalí em diante eu lhe diria tôdas as noites o que êle deveria anunciar. Saboreando o cafésinho, com o cigarro entre os dedos, não podia deixar de sentir-me agradavelmente envaidecido ao ouvir à distância a voz do Guedes, já então em volume mais natural, repetindo com inevitáveis variações de prosódia mas quasi textualmente os meus títulos sonóros:

— Importante despacho na pasta da Guerra! A candidatura do Dr. Júlio Prestes! Horrível assassinato no Encantado!

Nem sempre êle aprovava os títulos que eu lhe arranjava; relutava tôda vez que havia nomes estrangeiros e insistia para que eu procurasse outras cousas "mais fáceis".

— Êsse nome é muito difícil!... — E não havia meio de fazê-lo anunciar o incêndio do *Atlantique*...

As preferências do Guédes convergiam para os crimes e desastres. — Não tem crime hoje? — E era preciso usar de energia para que êle não repetisse o "A mulher que matou o marido", cousa que ouvia com inveja os outros anunciarem. Outra deficiência, mas essa incorrigível, a de tratar familiarmente os personagens do momento:

— *O discurso do Getúlio! A viagem do Júlio Prestes! Declarações do Antônio Carlos!*

Era inútil procurar convencê-lo da necessidade de acrescentar um cerimonioso *Sr.* ou *Dr.*..

*
* *

Certa noite, ao chegar à ponte das barcas, estranhei não ouvir os gritos do Guédes. Mas logo depois o distingui caminhando hesitante na minha direção, as mãos nos bolsos da calça curta, na fisionomia um misto de tristeza, indignação e vergonha. Acercou-se de mim com certa gravidade. Parecia mesmo um general destituido do comando.

— Que é isso, Guédes? Aonde estão os jornais?

— Aquêle desgraçado daquêle carcamano não quís me entregar as folhas hoje. Mas êle me paga!

— Mas, por que? Naturalmente você fez alguma das suas.

— Nada, êle é um carcamano muito bêsta!

— Calma, Guédes. Que nomes são êsses? Você está ficando brabo demais...

— Só porque deixei as folhas cair no chão...

— Essa história está mal contada, Guédes. Por que deixou os jornais cairem?

Guédes chegou a abrir a bôca para responder, mas arrependeu-se, sorriu contra a vontade e baixou a cabeça.

— Então, por que foi?

Aí a história veiu completa: uma corrida atrás de outro garoto para dar-lhe um pontapé, uma casca de banana e lá se foram todos os jornais pelo chão...

Com a minha intervenção o caso se resolveu bem, mas só na tarde seguinte é que o homem da banca voltaria a entregar jornais ao Guédes. Para animá-lo, perguntei-lhe se não queria ir ao cinema.

— A fita não presta. Só dá beijo... — E acrescentou, preocupado: — Se eu não vender folha hoje nem vou pra casa.

Acabou por contar-me que o pai ficava furioso quando êle, Guédes, voltava para a casa sem dinheiro. Morava nas Neves, com o pai doente, um irmão mais velho e a tia. A mãe tinha morrido quando êle ainda engatinhava. A tia era boa, mas o pai não lhe perdoava nada. — Eu já fugi um dia, mas êle me achou logo... — acrescentou sorrindo.

Mais animado, começou então a contar histórias exageradas de atos de valentia praticados por êle, sobretudo com donos de bancas de jornais e jornaleiros mais velhos. Enquanto falava, gingando muito o corpo, não deixava de olhar constantemente para o lado da banca, com indisfarçável esperança de que o homem o chamasse para lhe entregar os jornais.

Passou, depois, a falar sôbre as dificuldades da *profissão*. Não gostava nada de receber notas em pagamento.

— O níquel é amigo da gente; quando cái do bolso logo faz barulho para avisar. A nota, não; fica calada, e a gente nem sabe que perdeu...

Discorreu também sôbre os fregueses. Mulher, por exemplo, só compra jornal quando tem crime...

Já estava ficando tarde para mim e separamo-nos. A conversa valeu bem os níqueis que êle levou para enganar o pai...

*

Na véspera de partir para São Paulo, despedi-me do Guédes. A noite estava chuvosa e extremamente úmida. O meu pequenino amigo vestia um casaco velho, provavelmente do pai, mas estava de calças curtas e descalço como de costume. Senti-me triste ao vê-lo assim tão pobresinho, todo molhado, exposto à umidade da noite.

— Quando eu ficar grande — disse-me êle — também vou viajar; vou para o Rio...

*

Oito meses depois voltei a Niterói. Não vi o Guédes. O homem da banca de jornais éra outro e não soube me dar informações, mas na terceira noite consegui descobrir um antigo jornaleiro, que o conhecia.

— Faz tempo que êle não vende jornais. Acho que está doente... Mas quem sabe direito é o Otacílio, aquele pretinho lá... Otacílio! O Otacílio!

Otacílio veiu correndo, já perguntando qual jornal eu queria. Posto ao par do assunto, respondeu friamente:

— Êle arrebentou a garganta. Quasi morreu. Ficou com uma cousa no pescoço...

Vim a saber depois que, naturalmente no esfôrço para gritar mais alto que os companheiros os nomes dos jornais, Guédes tinha sofrido lesão da corda vocal e fôra operado da garganta.

Só consegui encontrá-lo algum tempo depois. Magríssimo, pálido, com uma saliência no lado direito do pescoço, Guédes — que só tinha motivos para chorar — sorriu heroicamente e com um fiosinho de voz, muito rouco, perguntou-me:

— Ué, já voltou *das* Europa?...

Mula sem cabeça

DE PLACIDO E SILVA

A crendice popular é de uma sensibilidade única. Com relativa facilidade admite como verdade as mais extravagantes afirmativas, mesmo que não tragam a menor verossimilhança. Assoalha-se a existência de qualquer coisa. Parece impossível. Ninguém a viu. Mas, todos admitem que seja real. E a crença se enraiga por tal forma no espírito do povo, que nem se ousa demovê-lo da convicção adquirida.

Forçosamente, a gestação de qualquer ocorrência, que se converteu em lenda ou se transformou em tradçião, primitivamente, foi imaginada com qualquer intuito, como seja o de gerar uma utilidade ou de impor um preceito obrigatório, através do mêdo ao desconhecido. Não se deve atinar de outra forma, que assim elas se não firmariam na imaginação popular.

Por êsse meio, inquestionàvelmente, procurando um esteio fetichista ou tendo amparo na ordem religiosa, os chefes dos clans e das tribus de outras éras, conseguiram impor medidas de caráter moral, social e mesmo higiênico a seus subordinados. E isso porque se a norma surgisse com a feição profana de simples regra jurídica, moral ou higiênica, a turba com êle não se conformaria, o seu desrespeito seria imediata realidade. O simples temor ao homem não tem grande império. Entanto, adotada e anunciada, como mandamento emanado de inspiração divina, como ordem dos deuses, nem se permite perquirir de seus fundamentos ou da razoabilidade de sua instituição. E', então, religiosamente praticada, pois é bem forte o receio à vingança do além.

Por essa forma se gera o tabu... E' a morte, é a ruina, é a desgraça para todo aquele que investir contra êle, porque essa é a vontade inflexível dos deuses.

E desde que se examine a feição de certas lendas ou de certas tradições se vê, sem dúvida, que o precípuo intuito de sua formação provem de um desejo regulamentador de ação da coletividade e vai encontrar matriz em qualquer espécie dêsse fetichismo original, fomentador de mêdos apavorantes e criador de respeitos temerosos.

Servem, assim, para reprimir atos e para refreiar abusos, que de sua prática decorrem castigos alarmantes e penares horríveis, tão alucinantes e tão cruéis, que atemorizam na verdade.

Mas, o homem, nesse particular, é sempre audacioso... Tenta o proibido, embora a morte o espreite. O espírito da aventura é mais dominador. E quer ver de perto, para sondar a realidade e saber mesmo se ali se encontra a verdade da afirmativa. S. Tomé existiu e existe em todos os tempos: ver para crer.

Aliás se esta curiosidade audaciosa não impelisse o homem a semelhantes tentativas, quantas verdades seriam desconhecidas?

E' tabu? Não importa... Vamos até lá. E o homem vai impàvidamente. E o homem atenta contra a vingança dos deuses ferozes.

Às vêzes tomba... Casualidade? Castigo? Às vêzes vence... Sorte? O tabu é desmoralizado.

Mas, tôdas essas historietas que revelam as lendas e tôdas essas narrativas que apontam as tradições, têm muito de encanto emotivo, bolindo por dentro de tôdas as almas e dando aos espíritos pensamentos de matizes variados.

E mais encantadoras são elas quando relembram reminiscências da infância que nesse tempo tudo tem sabor diferente e mais doce que nos tempos da maturidade.

Sem dúvida, por isso, não esquecemos as histórias da "mula sem cabeça".

— Que história é essa? Quem a fêz? Que bicho é êsse?

Uma abusão dos diabos!

A mula sem cabeça tem os caracteres da própria fêmea do mu. E' burra perfeita. Roubou-lhe tudo — as quatro patas, o pêlo escuro... e o próprio relinchar. Mas, anda, pula, dirige-se contra tôda gente, relincha como alma danada de chocalho prêso ao pescoço comprido... E' mesmo endiabrada... Não tem, porém, cabeça. No seu pescoço alongado não se vê qualquer focinho, nem orelhas levantadas. Mas parece ter olhos de fôgo queimante, que fazem estremecer... Olhos que não se vêem mas se pressentem pelo relincho cavernoso e pelo chocalhar dos guizos rouquenhos.

Cria um pavor a notícia de seu aparecimento. Anda pelo escurecer, no lusco-fusco. Não quer luz, a luz que foi separada das trevas. Procura a treva para atacar o indefeso. Bala não lhe rompe o couro. Aquilo é pele do demo, que nada atravessa. Sòmente a "lambedeira" romperia a carcassa. Mas, dela ninguem se aproxima, para tocar-lhe. Bem por isso todos fogem dessa avantesma temida, assombração dos daninhos, que traz a desgraça para o cristão e até o mata pelo mêdo. E' mesmo horrorosa essa mula sem cabeça! Bicho danado que não tem olhos p'ra ver. E enxerga. Não tem boca p'ra relinchar. E relincha. Não tem ouvidos p'ra escutar, mas ouve os passos estranhos e sabe onde está a pessoa a quem deve afrontar.

Chega o caboclo mais branco que papel, tiritando de susto. Nem pode falar, pois a voz que lhe está engasgada na garganta. E se sustem de pé com dificuldade, que as pernas lhe bambaleiam...

— Virgem Maria! Agorinha mesmo esbarrei com a bicha... Estava fumegando, que estava dos diabos, remexendo seu chocalho tenebroso e rouco como zunido de cascavel...

Indagam de sua feição. Como é? E' malanda? E' preta? Não tem mesmo cabeça? Não sabe, que nem teve tempo de olhar pr'a trás, tão afrontado ficou. Nem sabe como não se estendeu estercado

por ali mesmo. Desandou na carreira... Mas, viu de verdade.

O certo é que a endiabrada não se deixa ver por mais de um. Um de cada vez. Quer que pelo pavor tremendo implantado, ninguém ouse pôr-lhe as mãos em cima, afim de que se descubra o sortilégio. Perdera o encantamento... Sòmente ao despreocupado que anda sózinho, matutando suas tristeza ou assobiando suas alegrias, andando na vereda abandonada, ela surge inopinada, aos pinotes brabos, tal qual cabrito grandalhão que tivesse enlouquecido.

— Eu não aquerdito nessa bobajada... diz um atrevidaço. Não creio em abusão.

E pr'a confirmar sua certeza gargareja:

Bicho que anda de noite...
De dia dorme com fome...
Nunca vi rasto de alma,
Nem couro de lobishome...

Mas, a contradita surge logo dum magote de crentes, que lançam a réplica:

— Pois é certo que vi êsses ódios que Deus me deu e a terra ha-de comer...

— Pois também é certo "seu" compadre, que vi, por Deus nos alumie....

— Já desabalei por uma, pelo carreiro do sítio.

— E como é a bruta?

— Ahn! o geito dela ninguém sabe... E' igual, igual mesmo a uma burra de patas... Vem de improviso e vai de rasto que nem deixa sombra. E' daninha de esperta, a desgraçada.

Mas, mecê não pode desacreditar a palavra dos homens...

A lenda está criada. A mula sem cabeça existe. E não adianta retrucar.

Nas noites escuras ela fará proezas, quando menos se espere. E não há fôrça que faça desprestigiar sua realidade admitida pela gente simples dos sítios e dos sertões. A mula vive de verdade...

E tão logo vem a nova de que qualquer mula sem cabeça apareceu algures, já se ouve a conversa:

— E' verdade que a comadre Mariquinha tinha coisa com seu vigário?...

— Parece...

— Então é ela que está correndo agora como mula... Ontem encontraram uma farejando por essas zonas...

Mulher que não quer ser mula sem cabeça não deve manter amores com homem de batina. A mula sem cabeça, justamente, é a alma da mulher que se entregou ao padre ou viveu com êle, em penitência pelos pecados em vida, pecados feios e sacrilégios, que não se devem perdoar, pois padre é feito pr'a não conhecer mulher.

A mula sem cabeça pode vir de outras paragens. Não é da regra que seja pecadora do lugar. Outras "moças" de padres que morreram longe vêm penar algures. Pode ser que seja alguma do lugar que nem todos os segredos se descobrem. Mas a origem há que ser... E' o castigo pelo mal feito. E' a lição dada a mulher que não soube se conter, entregando-se a homem de castidade obrigatória. E ninguém sabe quando seu penar termina. Sòmente os céus conhecem o grau de suas penas...

Ela surge quando menos se espera. Leva muito tempo distribuindo pavores por todos os lados. Depois se aquieta. Ninguém mais fala nessa. Tiveram piedade de seu sofrimento. E se desencantou, livrando-se a alma da sujeira daquele corpo de burra. Mas aparece outra. E' a mesma? Não pode ser... E' outra alma em castigo.

— Mas, si é castigo pr'a alma da moça, por que apavora os outros?

— Pr'a exemplo... Assim não se atrevem as vivas.

Esta a finalidade da crença. A lenda tem sempre que impor lição. Não seria proveitosa si assim não fizesse. Mostrando o mal que causarão a si mesmas, as mulheres se precaverão. Mesmo que se apaixonem pelos padres, temerão o conúbio e evitarão relações proibidas. E' freio à transgressão de regras canônicas.

A lembrança das mulas sem cabeça encontradas, o aspecto de seu martírio, criarão barreira aos desejos insopitados. Os cabelos ficam mais descansados. Suas caboclas não se atreverão. Ninguém quer ser mula sem cabeça, que é sofrimento horrível, é castigo medonho. Andar sem cabeça, com patas de burro, assustando os cristãos, em noites escuras como breu, de chocalho dependurado ao pescoço, não é negócio que tente...

O temor apavorante diminue o pecado...

Será isso mesmo?

Não afirmamos com segurança. Esboçamos nosso pensar, que se gerou ao recordarmos os bons tempos de infância e do mêdo dos diabos que tínhamos da mula sem cabeça, um bicho asqueroso, que diziam também engulir crianças...

— Virgem Maria! E que mêdo dos diabos nós tínhamos... Tremíamos como se tivéssemos a maleita braba...

Felizmente, jamais a encontramos, mesmo quando andávamos fazendo peraltices nos quintais dos vizinhos, para avançar nos frutos das árvores carregadinhas...

A Melhor idéia do ano

MARTINS D'ALVAREZ

DIGA-SE o que se disser do sr. Assis Chateaubriand. Murmure-se com ou sem razão acêrca das suas atividades complexas e ultra-dinâmicas, das suas ambições judáicas, do pretenso monopólio do pensamento brasileiro que êle vai fazendo através de uma vasta cadeia de jornais, emissoras, livros e revistas. Diga-se mesmo que êle está comprando a imortalidade à custa da campanha da aviação nacional. Invente-se mais ainda, que isso tudo não tem importância. Não tem importância para o sr. Chateaubriand, nem para nós, nem para ninguém.

O que o sr. Assis Chateaubriand está levando a cabo qualquer um de nós realizaria, sem nenhum constrangimento ou desdouro, se tivesse a visão, a coragem e a capacidade de trabalho dêsse infatigável lutador.

Êsse ódio de vista baixa que rasteja de perto o legítimo magnata da imprensa indígena, e que bem traduzido é também uma forma de admiração, só procura ver e mostrar, no homem que explora, os defeitos mais comesinhos e nenhuma das qualidades extraordinárias que exornam a sua personalidade.

Ninguém diz que êle é progressista, que trabalha noite e dia para bem servir à coletividade brasileira, mantendo em todo o país uma rede informativa permanente, difundindo a cultura literária, musical e artística, nas suas várias modalidades, através da imprensa e do rádio, procurando aproximar valores do norte, do centro e do sul, auferindo, é verdade, grandes proventos de tudo isso, mas sempre na louvável intenção de melhormente aplicá-los no engrandecimento de sua emprêsa.

Ninguém vê que, a exemplo de muitos outros, êle também podia gozar tranquila e sedentariamente o ágio apreciável da bela fortuna que já possue, mas, no entanto, prefere gastar o seu ócio animando com braço forte a campanha da aviação nacional ou no afã de novas idéias propícias à nossa terra e à nossa gente.

Agora mesmo, sem recorrer à publicidade tão comum nestes casos, o sr. Assis Chateaubriand criou e está pondo em prática uma idéia que eu considero a melhor dêste ano. Trata-se da organização, às suas expensas, de bibliotecas de livros selecionados para o povo, que serão instaladas nas capitais de alguns Estados da Federação. Sòmente quem nasceu lá longe, no interior dessas plagas longínquas que ora, felizmente, vão-se tornando mais próximas graças ao milagre civilizador da aviação, pode compreender o alcance dessa idéia patriótica, que esperamos não esbarrar nas capitais dos Estados, mas se estender sertão a dentro, onde se acham represados pequenos núcleos populosos em cidadezinhas modorrentas e humildes, que vivem em permanente regimen dietético de boa leitura.

E' aí precisamente que o bom livro carece de ser difundido, pois a sua ausência é quasi completa. Não há bibliotecas públicas, nem boas livrarias, nem dinheiro fácil para a importação de obras selecionadas dos grandes centros, nem, sobretudo, a fascinante ação de presença que o livro exerce sôbre aquêles que gostam de ler.

Os livros que geralmente circulam nessas cidadezinhas correm levianamente de mão em mão, aceitos sem preferência, recebidos sem emoção entre leitores vencidos pela ausência de recursos, que os deletreiam por falta de outros melhores, que, para satisfazerem à imperativos espirituais, bitolam o seu gôsto pelo gôsto do dono dêsses livros.

A generosa idéia do sr. Assis Chateaubriand faz-me recordar o trecho zigue-za-

gueante de minha adolescência no interior cearense, à margem escachoante do rio Batateira, na formosa cidade de Crato. Foi aí no coração do Ceará, insulado neste oasis eternamente verde do Cariri, que me veio o gôsto pela leitura, que me dei às elocubrações espirituais sem saber como nem por que, pois tudo o que me cercava era avesso a êsse propósito e nem mesmo um curso primário regular eu possuia.

Hoje, procurando bem, só dois possíveis agentes eu posso descobrir como fatores coadjuvantes das minhas tendências literárias de então. Fôram êles a "Gazetinha", jornal de Bruno de Menezes, onde atuei como tipógrafo e o livro que constantemente me vinha por empréstimo das mãos pródigas de alguns afeiçoados das letras.

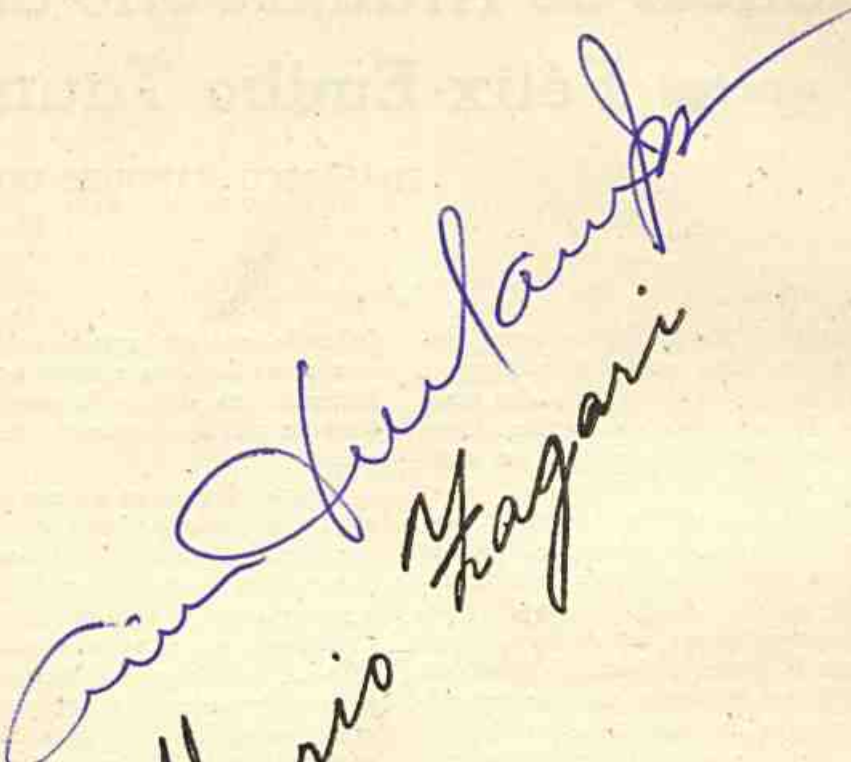
A leitura, entretanto, foi a minha boa fada. Pela sua mão eu fui andando, primeiro às tontas, depois com mais aprumo, sem contudo libertar-me da ficção inconseqüente, das xaropadas sentimentais de Perez Escrich, dos dramas fantásticos de Ponson du Terrail, do romantismo de Macedo, do lirismo de Alencar, do pessimismo doentio de Alvares de Azevedo.

Lembro-me perfeitamente que tive uma indigestão romântica depois que devorei algumas bibliotecas particulares, donde os livros eram furtados para me serem emprestados por 24 horas apenas e nêsse curto espaço de tempo eu tinha que ler "O Moço Loiro" ou "Ou Cura da Aldeia". Foi sujeito a êsse singular racionamento que consegui ler em um mês "As Memórias de um Médico" de Alexandre Dumas, em 32 volumes e "Os Miseráveis" de Victor Hugo, em 8 volumes, numa semana. O responsável por essa indigestão livresca foi um rapazola meu amigo de nome Washington que, às escondidas, me associou à biblioteca do tio.

Quando eu pensava que já tinha exgotado tôdas as fontes da literatura universal, pois o mundo para mim naquêles bons tempos morria nos horizontes de minha cidadezinha, eis que descubro na mão de alguém um livro novo, com o sério agravante de dar à terra uma extensão que eu até então desconhecia. Tratava-se, se não me engano, de "As Grandes Viagens e os Grandes Viajantes" de Julio Verne. Informaram-me que esta obra era em 12 volumes e pertencia a um ourives de nome Theopisto Abbath. Conhecia-o de longe, mas mesmo assim armei-me de coragem e fui solicitar os favores de mestre Theopisto. Não fui mal sucedido. Homem recolhido, porém benevolente e afável, não só me emprestou o livro, mas pôs à minha disposição quasi tôda a coleção do mesmo autor que êle cuidadosamente possuia.

Em contacto com êsses livros rasgou-se para mim um novo panorama do mundo, dos homens e das coisas. Êles me apontaram as maravilhas do gênio criador, os futuros caminhos da ciência através de aventuras fantásticas, o germen do progresso brotando em concepções alucinantes, tudo o que a minha adolescência precisava para nortear futuras diretivas.

Graças à benevolência de mestre Theopisto, venho fazendo, sem muitos transtornos, esta viagem de Julio Verne que tem sido a minha vida. Foi êle que me salvou da morte por intoxicação romântica, como aconteceu a alguns de meus amigos de infância que ficaram na companhia de Byron e de Musset.

Tôdas essas recordações veem à tona para deixar bem claro que a mocidade, no interior do Brasil, morre à mingua de uma leitura sadia. A idéia do sr. Assis Chateaubriand não deve parar nas capitais dos Estados. Que outros a tomem para levá-la adiante, para semeá-la na sucessividade dessas pequenas cidades sertanejas que fazem o Brasil tão grande. E' por êstes caminhos ensolarados que devemos orientar o futuro da pátria.

PROPRIETÁRIO
DA
TIPOGRAFIA E PAPELARIA
Coelho
TELEFONE: 42-6515
— estabelecimento gráfico que confeccionou o presente ANUÁRIO — apresenta aos seus amigos, freguêses e auxiliares os cumprimentos de Boas-Festas e Feliz Ano Novo e participa que acaba de vender a sua tradicional oficina especializada à vigorosa organização — ASA ARTES GRÁFICAS S. A. — para a qual deseja um futuro próspero e as atenções que logrou merecer do comércio e da indústria do país.
Dezembro de 1944

Um caso de política artística:

Manoel de Araújo Pôrto-alegre *versus* Félix-Emílio Taunay

FRANCISCO MARQUES DOS SANTOS

MANOEL de Araújo Pôrto-alegre, pintor, arquiteto, poeta, dramaturgo e crítico, é sem dúvida um dos grandes nomes da nossa escola romântica. Cumpre aos seus biógrafos apreciá-lo em grande perspectiva.

Neste trabalho, porém, iremos focalizá-lo apenas como crítico de arte, deixando de parte os aspectos pelos quais poderia ser encomiàsticamente julgado, como historiador, dramaturgo, poeta, secretário e orador do Instituto Histórico e cônsul do Brasil em diversas cidades da Europa, afora as suas atividades menores, de pintor e de arquiteto.

Pôrto-alegre procurou ser crítico, e, a nosso ver, para tanto tinha mais pendor e habilidade do que para pintor e arquiteto. Possuia o dom de elogiar hoje e arrasar no dia seguinte... Sua bagagem artística era, porém, o seu calcanhar de Aquiles...

Sabendo ser amigo dedicado, era bondoso e tolerante para com os seus grandes protetores e para com os medíocres que o incensavam ou viviam à sua roda. De 1840 a 1857, quem vir uma crônica em jornais detratando o pintor Francisco Renato Moreau, logo saberá que seu autor é Pôrto-alegre. Do mesmo modo são tôdas as crônicas com restrições e injúrias a Zeferino Ferrez, José Corrêa de Lima seu colega, professor de pintura histórica da Academia, ou a Félix-Emílio Taunay, eminente e dedicadíssimo diretor da Imperial Academia das Belas-Artes.

Ao ilustre e culto Pôrto-alegre cabe, neste período, a honra de ser o maior chefe de "panelinha" entre os artistas fluminenses. Não pareça o que asseveramos irreverência à sua figura de patriota e amigo dedicado, que preferimos, entretanto, apreciar como idealista e como amigo de Dom Pedro II, que, diga-se de passagem, prudentemente não se intrometia nesses desaguisados.

Pôrto-alegre era assim: de gênio assaz comunicativo, estabelecia, no geral, amizade por demais íntima. Dando ouvidos a tudo o que ouvia, e sendo por demais suscetível, a menor cousa o fazia estremecer e zangar. Disse mal de artistas estrangeiros, antes tendo-lhes feito os maiores elogios. Graças ao seu temperamento comunicativo, fàcilmente estabelecia amizades, que em seguida o decepcionavam. Era profundamente vaidoso, gostava de cortêjo. Adorava incensar-se a si mesmo (1). "Para êle tudo é admirável ou detestável, segundo a paixão sopra" (2).

O pintor Moreau, seu amigo e colega nas aulas do Barão Gros, dêle se afastou quando ao gaucho coube dirigir a edificação da varanda da coroação. Desavieram-se a tal ponto que Pôrto-alegre de lá retirou um painel alegórico de autoria do ex-amigo, substituindo-o por outro de Cláudio José Barandier. Dizia, depois que o retirou, porque a obra estava abaixo da crí-

---

(1) "Sábio mestre" — "ilustre patriota" — "artista de mérito elevado e provado de que tanto o Brasil se ufana" — "nosso exímio literato e artista" — "o digno Sr. Pôrto-alegre" — eram os chavões usados por Pôrto-alegre para elogiar a si próprio, em artigos com pseudônimos ou *soi disant* escritos por seus discípulos. Vide artigo de José Correia de Lima, no *Correio da Tarde*, de 13 de fevereiro de 1850.

(2) Félix-Emílio Taunay, em artigo no *Correio da Tarde*, de 4 de fevereiro de 1850.

tica... Mas o motivo verdadeiro foi o desentendimento entre os dois.

Pôrto-alegre dedicava-se a muita cousa ao mesmo tempo e não podia ter a mestria de um pintor que apenas pinta, não fazendo nada mais, não tocando sete instrumentos. Daí, não apresentar obras marcantes, o que o deslocava para a crítica, especialmente a de trabalhos dos artistas que viviam para a arte, como era o caso de F. R. Moreau.

O quadro da sagração de Dom Pedro II, jámais acabado — era outro ponto fraco. Pôrto-alegre criticava, mas nada produzia. Jamais acabou a famosa tela (3) Cedo (1940) afastou-se da Academia, lá não expondo, nem o fazendo em parte alguma.

Quando em 1837 (4) chegou o nosso artista ao Rio de Janeiro estava contente e procurava adaptação. Póde-se dizer que veiu da Europa preocupado em ser o mentor artístico da Academia. Grande amigo de Debret, sendo êste desafeto dos Taunay, não podia ver com bons olhos a Félix-Emílio, o qual, por sua vez, discreto, observava o récem vindo talento sem má vontade.

Quem sabe si houve já dessa época uma espécie de amor próprio ferido...

Das grandes divagações sôbre tudo quanto vira na Europa, passava Pôrto-alegre a almejar grande número de alunos, como de fato procurava com paciência e modos cativantes. Seriam agradabilíssimas as suas aulas. Verdadeiro jardim de infância com gente grande, tendo à mão lapis ou pincéis. Além disto, Pôrto-alegre dedicou-se à cenografia, levando alunos para o teatro, aliando-se aos cenógrafos estrangeiros que aqui apareceram. Em 1841 juntou-os para a fatura da varanda da coroação de Dom Pedro II.

Desde a época em que chegara ao Brasil, Pôrto-alegre começou a fazer restrições a Félix-Emílio, com apelidos, caricaturas, críticas satíricas em prosa e verso. Em 1840, instigou uma revolta de alunos contra o diretor, dentro da Academia. Tudo foi serenado e Pôrto-alegre teve o decoro de lá não mais continuar... embora julgasse que sòmente a êle deveria competir a direção daquêle estabelecimento. Não lhe faltaria renome, nem audácia política. No entanto os poetas não chegam a ser teóricos e muito menos práticos. Pôrto-alegre, fora da Academia, — pois se transferira para a Escola Militar, como lente de arquitetura — continuou a fazer guerra a Félix-Emílio Taunay.

Não tendo os seus defeitos, Félix-Emílio foi um diretor esplêndido. Para avaliá-lo basta a leitura dos seus discursos na Academia, embora Pôrto-alegre sempre os procurasse ridicularizar, embora depois os imitando, até.

Em 1844 Félix-Emílio, em reunião da congregação, falou aos seus colegas que àquela época completava 20 anos (fôra nomeado em 1824) de trabalho efetivo e retirar-se-ia de lá, propondo ao Govêrno que fôsse Pôrto-alegre o seu substituto. Mas a idéia foi desaprovada (5).

Entretanto, nesse mesmo ano, pela *Minerva,* foi Pôrto-Alegre violentíssimo, pretendendo "arrasar" a Academia. Para quebrar-lhe o ânimo, porém, apareceu no *Jornal do Commercio* de 27 de janeiro de 1845 um artigo muito bem escrito, assinado por *Brasileiro nato,* que de certa forma era um rebate de polpa contra a prosápia do crítico.

Nesse mesmo ano de 1844, a 16 de setembro, Pôrto-alegre no número 1 do *Mercantil,* nova designação do venalíssimo *Farol Constitucional,* explorando longo artigo publicado na *Revista dos Dois Mundos,* por Chavagnes, procura enredar e comprometer o major Carlos Augusto Taunay e seu irmão Félix-Emílio.

Vejamos alguns trechos de Pôrto-alegre contra os Taunay:

O sr. Chavagnes entre muitas calúnias diz algumas coisas que se aproximam à verdade e a única que existe em verdade é a nossa indiferença para com aqueles que tanto mal nos fazem e que revestidos da mais refinada hipocrisia vão tudo arruinando e pas-

(3) "O Pinta diabos" — Tendo-se êste célebre pintor encarregado de um grande quadro da Coroação, vai para quatro anos e tendo ensacado já uma boa parte do preço estipulado, por que motivo ainda até hoje o não acabaria? Talvez que, se na *obra prima* empregasse o tempo em que garatuja para o *Granadeiro* (alusão a Paulo Barbosa da Silva) brevemente o pudesse concluir"... Cf. a *Sentinela da Monarquia,* de 16 de maio de 1845).

(4) Sem concurso, Pôrto-alegre tomou posse e entrou em exercício do cargo de mestre de pintura histórica, na Academia, a 14 de julho de 1837.

(5) Vide artigo de Taunay, no *Correio da Tarde,* de 10-1-1850.

sando por homens que desejam o bem do país: tal como o Sr. Félix-Emílio Taunay que é um hipócrita, conhecido por todos, exceto pelo govêrno do Brasil.

Resposta de Carlos Taunay, em *O Mercantil* de 17 de setembro de 1844:

"Sr. redator do *O Mercantil*. — Para responder à diatribe do seu correspondente de ontem, 16 de setembro, sob o título, *como nos tratam os franceses*, basta que lhe diga, pelo que me toca, que nunca conheci, nem mesmo vi, nem cá, nem lá, o Dr. *Chavanhes* e não Chavanes (leia na citada revista dos dois mundos o rol dos artigos com o nome dos autores) e portanto declaro que quem se lembrou do meu nome para o implicar na mais vil e despropositada intriga é um INFAME CALUNIADOR!!! — Sou de V. S., etc — *Major Carlos Augusto Taunay*. — Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1844".

Resposta de Félix-Emílio Taunay, em *O Mercantil*, de 18 de setembro de 1844:

....

Não pensava, Sr. Redator, que o mesmo inimigo, cujas calúnias contra mim a respeito da mal traçada carta de Victor Jacquemont sôbre o Brasil foram vitoriosamente rebatidas há alguns anos, não pensava, digo, por mais perverso que o conheça, que fôsse hoje capaz, para dar lugar a novos ataques diretos e indiretos, de forjar completamente o fato que meu irmão Carlos Augusto Taunay fôra quem informou ao tal Chavagne, quando dêste, o dito meu irmão não conhecia assim como eu, nem o nome, nem a mesma existência!

"Se é próprio dos indivíduos franceses o estudarem em quinze dias os usos e costumes de um país e falar dêle com certeza e despêjo, segundo diz o pérfido autor do comunicado, para que supor ao mesmo passo, que Chavagne recebesse informações de uma família que reside no Brasil há mais de vinte e sete anos? a união destas duas imputações é ilógica. E aliás que interêsse tem a dita família em rebaixar o país da sua adoção? quem, mesmo sem conhecê-la poderá lhe atribuir tão estúpida maldade? Evidente é que os irmãos Taunay, a quem os bons brasileiros farão melhor justiça, são aqui trazidos de graça pela infame manobra de um rancor pessoal inqualificável. — Sou, Sr. Redator. — *Félix-Emílio Taunay* — Rio, 16 de setembro de 1844".

No número de 20 de setembro volta Pôrto-alegre no seu enredo, sem declarar o seu nome, como da primeira vez, dizendo:

"O nosso artigo fêz sair a campo os dois irmãos com um ar de fingida indignação como se nunca tivessem a menor culpa no cartório. O Sr. Major Taunay limita-se a negar o ter tido relações com o autor do célebre artigo que apareceu na *Revista dos Dois Mundos*, diz que nunca o conheceu nem cá, nem lá e nos lança o barrete de caluniador. Se dissemos que S. S. era semi-amigo ou relacionado com o Sr. Chavangres é porque nô-lo afirmaram, pois tanto conhecemos e estimamos um como outro.

Depois dêste período, Pôrto-alegre prossegue com outras insinuações contra os Taunay.

Em artigos assinados, os dois irmãos respondem-lhe à altura, sobretudo o major Carlos Taunay, calando-se Pôrto-alegre, que não se achava, absolutamente, em terreno seguro (6).

Pôrto-alegre aproveitando a oportunidade acusava Félix-Emílio Taunay de ter sido também mentor do que sôbre o Brasil escrevera o naturalista Victor Jacquemont (7).

Anos depois, em 1849, a crítica à Academia, os ataques a Félix-Emílio Taunay chegavam ao máximo. A instituição saía dêste prélio aviltada. Mas Pôrto-alegre prometera aos deuses arrazá-la, desde que à sua frente estivesse aquêle diretor, ao qual procurava cobrir de apodos e ridículo.

Em 1850 Félix-Emílio se viu obrigado — premido por tanta *crítica* injusta — a responder ao seu contendor do *Mercantil*, da *Minerva* e da *Guanabara*. Nesta revista Pôrto-alegre armou escândalo, explorando com tôda a rabulice o prêmio conferido a João Leão Grandjean Pallière de Ferreira, neto de Grandjean de Montigny, moço que ingressara na Academia e que anteriormente, sem terminar curso algum (Pôrto-alegre jámais o provou), em França, estudara com Picot e Lepneveu.

---

(6) Cf. *O Mercantil*, de 17, 18, 19 e 23 de setembro de 1844.

(7) Sôbre Chavagnes voltaria Pôrto-alegre a falar, na *Minerva Brasiliense*, n.º 1 de 1.º de novembro de 1843, fazendo uma crítica verdadeiramente apreciável e judiciosa, de vez que nela não envolvia o seu despeito aos Taunays.

A exploração de Pôrto-alegre quanto ao prêmio de viagem de João Leão Pallière nada tinha de justa, conforme provou Félix-Emílio Taunay. Era apenas um "furo", uma "reportagem" de mau gôsto... As pessoas de bom senso reprovaram a pilhéria e sobretudo a injustiça.

João Leão, natural da Côrte, onde nascera a 1.º de fevereiro de 1823, requereu em maio do ano de 1848, ao Govêrno o favor de uma matrícula extraordinária, tendo o requerimento ido à Academia para informar. Melhor será que deixemos falar, sôbre o assunto, Felix-Emílio Taunay, incansavel, dedicado e probo diretor da Academia (8): "Devia o horror ao nepotismo fazer com que rejeitássemos peremptoriamente o pedido? Será motivo absoluto de exclusão a circunstância de ser filho ou neto de um professor? Informamos simplesmente que havia nove ou dez precedentes a favor do requerente. O Govêrno o mandou matricular, e com razão; porque em todo o estabelecimento de ensino, acima da justiça dos indivíduos existe a justiça do mesmo estabelecimento, que consiste em sustentar a certa altura o gráu médio de fôrça dos estudos. Assim os nossos discípulos acharam-se em concurrência com um discípulo iniciado nas escolas estrangeiras; e, quando este tirou um prêmio de aluno o ano passado, foi isso sem reclamação como sem desvantagem dos nossos: os produtos existentes o comprovam às vistas das pessoas imparciais. — Quanto à inquisição moral de que sou objeto da parte do crítico a este respeito, repilo-a com despreso. Aliás deve notar-se que os inimigos da Academia até hoje pretendiam que a providência das viagens de Roma, boa em si, era aqui extemporânea, por não termos discípulos capazes de aproveitarem semelhante prêmio. Hoje mudou-se a cena à vontade. Há uma multidão de discípulos bons que sacrificamos a um intruso!! São contradições nascidas dos vários pontos em que um Protheo dispõe os seus ataques.

"Entretanto de nada vale o trabalho a que se dá o Sr. Porto-alegre para me fazer mal. E' testemunha mais que suspeita; é acusador falso; é juiz corrupto pelo ódio. Quer ele hoje continuar como guerra exterior, a guerra interna que me fez enquanto esteve na Academia. Não conseguiu então excitar o espírito de sedição entre os alunos, não o conseguirá melhor atualmente. E, à vista do público, alguem terá graça em acusar espontaneamente a um seu contrário, quando não há mais ponto de contacto entre ambos?"

São *memoráveis* as cartas (no Arquivo do historiador Américo Jacobina Lacombe) que Pôrto-alegre escreveu a seu protetor Paulo Barbosa (famoso maioral da *Joana*, ex-protegido de Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho). Da primeira retiraremos êste trecho: "O Dr. Werna de Magalhães fez uma ruptura áulica comigo por causa de M. Taunay, mas eu não fiz caso, pois tanto o estimo, quanto desprêzo aquêle homem vil, cujo mérito único é ter entrada particular nos salões internos do Paço e aí gosar de tôda a privança imaginária." Nada mais justo, diremos, porque Félix-Emílio fôra um dos dedicados mestres de D. Pedro II e suas irmãs. A princesa Dona Francisca, com seu gênio afável e alegre, chamava-o: *M. Oh! Que c'est beau!!* ou seja a expressão muito usual do seu mestre, diante das cousas bonitas!

E D. Pedro II inúmeras vezes declarou que a F. E. Taunay devera o amor que sempre consagrava ao Belo, desde que fôra seu discípulo.

Em outra carta, de 17 de dezembro de 1850, Pôrto-alegre mostra-se radiante com seu artigo *arrasador* da *Guanabara* (artigo de escândalo, a propósito do prêmio de viagem a Europa, concedido a João Leão Grandjean de Ferreira) e assim escreve a Paula Barbosa da Silva: "Estou vendo touros de palanque. Chovem as correspondências contra o Taunay: o homem criou as serpentes que o devem matar". E volta ao assunto da carta anterior: "Espero que o Sr. Werna se humanise mais comigo, logo que veja declinar a sorte do muito alto e poderoso Taunay". A Pôrto-alegre não convinham mal-entendidos com o camarista Werna, pessoa muito chegada ao Paço e ao Imperador... A seguir, adianta: "Todos os jornais repetem o que eu disse na *Guanabara*", o que não era verdade (9), mas

(8) *Correio da Tarde*, de 15 de Janeiro de 1850.

(9) Tivemos a pachorra de verificar os jornais. Nenhum repetiu ou veiculou, de longe sequer, as perfídias de Pôrto-alegre.

agradaria ao compadre brigão, o ilustre mestre-sala do Paço, que não chegou a ser visconde, não teve grã-cruzes brasileiras, nem voltou a ser deputado por Minas Gerais, por não o desejar seu conterrâneo, *el-rei Honório*, futuro Marquês de Paraná.

Em carta de 26 de junho de 1851 Pôrto-alegre manda mais um amontoado de perfídias para distrair o compadre Paulo: "Para a França irá em breve M. Taunay, ex-diretor da Academia das Belas-Artes", e, diz êle, "com uma diarréia crônica, que o leva a curar-se homeopàticamente com água do Sena: foi lente 26 anos e não deixa um único discípulo.

"Substituiu-o na direção o grande Job Justino de Alcântara, conhecido pelos seus talentos e ortografia e nacionalidade". (Job Justino era nascido em Lisboa).

"Tive vontade de mandar para a Exposição de Londres os discursos dos nossos Demóstenes e Cíceros, assim como as compoteiras que arrematam as nossas torres do Carmo, que são obra do Facão". Facão era o apelido dado por Pôrto-alegre ao arquiteto Bethencourt da Silva?

E continua, em carta de 10 de novembro de 1851: "Morreu um dos meus maiodes detratores, o *Inácio Papeleta* (Inácio Pereira da Costa) que nunca me largava nos seus papéis, parte por seu prazer e parte por conta de M. Taunay" (10). Por aí se vê que Pôrto-alegre regozijou-se com a morte do *Papeleta*, pois gostava mais de detratar do que ser detratado, como o fez intensivamente o pasquineiro Inácio em algumas dezenas de mofinas, na *Sentinela* (11).

Combalido em sua saúde, sobretudo vendo desapreciados todos os seus esforços, Félix-Emílio saiu da Academia em julho de 1851, ficando essa entregue ao probo engenheiro Job Justino de Alcântara, substituído por Pôrto-Alegre, afinal, em 1854.

O seguinte diretor da Academia, conselheiro Dr. Tomás Gomes dos Santos (fa-

---

(10) A suposição de Pôrto-alegre é infundada. A elegância moral de Félix-Emílio Taunay o proibia de tal coisa. Pôrto-alegre no seu vocabulário não media adjetivos, não raro soezes para com o seu *adversário*. Nas respostas de Taunay, porém, há sempre certa linha de distinção.

Quanto ao jornalista *Inácio Papeleta*, era diferente: Pôrto-alegre apanhava por conta ou pela sua ligação com a *Joana*, de vez que o redator da *Sentinela* não poupava o mordomo Barbosa, ao qual pôs algumas dezenas de apelidos reservando, também, alguns a Pôrto-alegre: *pinta-monos, pinta-diabos, pôrco alegre*, etc...

Vejamos, também, de que modo Pôrto-alegre *tratava* o Papeleta: Nada será mais edificante do que a parte final do artigo *A Exposição da Academia das Belas Artes*, publicada em *O Mercantil*, de 21 de dezembro de 1844: ..."Avante o artista brasileiro! um dia virá que o brilhante sol das artes esclareça o seu opaco horizonte! Nesse dia de júbilo para as artes, essas portas de Jano se abrirão! seus ferrenhos quícios estalarão; e os ídolos da hipocrisia e inveja, serão derrocados pela massa da verdade. Sim! uma luz brilhante esclarecerá êsse templo soberbo! seus raios irão penetrar-lhe até aos abismos! para ainda lá mostrarem a verdade, e cegar com seu brilho êsses cicários infernais. De muito forte quiçá me acuseis; porém que fazer? Que fazer quando vejo tudo perdido? quando vejo um vil covarde tentar, ridicularizar artistas; quando vejo um papel que não contente, de fazer a vergonha de nossa nação, tenta inda ridicularizar as artes! Que dirão futuras gerações quando virem êsse papel que só faz o opróbrio da nação? Que idéia julgais que farão de nós êsses estrangeiros quando virem um papeleta zombar da nossa tolerância? Não era bastante êsse papel que parece escrito nos infernos pelas fúrias ter já tanto nos ridicularizado: e como pretendido rebaixar homens de uma capacidade e virtude desconhecida; inda hoje, para mais opróbrio nosso, unir-se aos bárbaros como mais um companheiro fiel para a destruição completa do edifício soberbo! porém não ficarás impune, ó Papeleta, ficá-lo podereis enquanto só envergonhareis as coisas políticas! porém hoje que graças aos céus, pretendestes também assassinar as belas artes: seus filhos unidos te bradam! Prepara-te Papeleta, ente vil e desprezível para veres tua horrenda história cantada pelas três irmãs!! E terás coragem para tanto?! e porque não, essa lata já não a pode curar senão alguns almudes de ruim catalão.

Que ente! que ente tão vil e baixo! Tu vais ver, ó papeleta! o fruto de um dos caiadores! Tu vais ver como êsse caiador principia com esta rude brocha a caiar uma parede (ou a tua cara), e acaba tua história tremenda descrevendo. Tu ignoravas o poder de uma brocha! pois bem, eí-lo! vê, e treme.

Teu sujo papel finda todos os dias que aparece; tu mesmo o vês flutuando, em tiras, cobrindo imundos vasos! Porém o lapis é conservado por muitos séculos, sua memória passa de ano a ano cada vez mais estimado, todos o possuem, todos o entendem.

Graças pois damos a Deus! Já nosso trabalho de alguns meses não ficará nas trevas! êle aparecerá à luz e como o vento correrá de mão em mão.

Adeus papeleta, prepara os ouvidos, e maior luneta para veres e ouvires o poder de um dos — CAIADORES.

(11) Inácio Pereira da Costa terminou êsse jornal a 31 de dezembro de 1847, substituindo-o pelo *Correio da Tarde*, cujo primeiro número apareceu a 2 de janeiro de 1848. Com a partida de Paulo Barbosa para a Rússia, onde foi ministro, Pôrto-alegre ficou um tanto fora do cartaz do *Papeleta*.

lecido em Nietrói a 9 de julho de 1874), que não era artista, nem crítico de arte, mas notável médico, deu — com seu prestígio e trabalho — àquela casa, apreciável desenvolvimento. Houve afinal, depois de muito tempo, paz em Varsóvia...

De 1851 a 1854 esteve, porém, a Academia à matroca, sentindo a falta que na sua direção fez Félix-Emílio. O engenheiro Job Justino lá não desejava permanecer; Pôrto-alegre era o candidato (desde 1837) e ao mesmo tempo, também, gratuito detrator daquêle diretor interino.

A propósito, transcreveremos, finalmente, mais uma carta, que não deveríamos publicar, mas fazêmo-lo por dever de ofício, ao mesmo tempo que justificaremos o lugar ímpar do nosso notável Pôrto-alegre entre aquêles que mais fomentaram o enredo entre os artistas do Rio de Janeiro: "Mandei copiar uma memória para a reorganização da estrebaria das Belas-Artes, digo Academia, obra pedida por S.M.I. que começa a crer agora que sirvo para alguma cousa mais do que aquilo que lhe havia contado (sempre o *disse-que-disse*) o *meu aposentado* Taunay (12).

"Não tenho vontade de para lá voltar, porque, não gosto de pisar inimigos a sangue frio e nem sou vingativo (*sic*); mas seguindo a Imperial vontade e apesar de minha relutância, lá irei aturar aquêles malvadinhos e estúpidos, educados por Fr. Félix-Emílio e seus amigos e compadres (Note-se que o missivista dirige-se a um compadre).

Afinal de contas, Pôrto-alegre não era homem de se vingar daquêles aos quais alijava de posições... mas havia um motivo forte para aceitar o encargo: "Como estou no último quartel da vida irei jogar o *tudo ou nada*: estou bem como estou e não quero melhorar senão em dinheiro, porque a ordem é pobre e os fradinhos vão crescendo".

Manda nessa mesma carta notícias meúdas: e diz: "Está lá (em Petrópolis), o Rebelo (arquiteto José Maria Jacinto Rebelo) filho da Parteira e espero dêle ao menos... probidade. O Cirne (engenheiro José Alexandre Alves Pereira Ribeiro Cirne) deu muito que falar e retirou-se como um homem vil, ingrato e falso".

Na verdade, Pôrto-alegre mostrou-se, na direção da Academia, à altura do cargo, mas... não suportou as picuinhas tremendas e dissabores de tôda a ordem que o seu desempenho acarretava. Não soube contornar as dificuldades, como egregiamente fazia, por amor à arte, o seu antecessor Taunay.

No fim de três anos, não mais estava Pôrto-alegre no ambiente da Academia (13). Iria ser cônsul na Europa, pondo em ação seu intenso sentimento de brasilidade. Iria em terra estrangeira cuidar de seus patrícios, deixando em muita calma os arraiais artísticos do Rio de Janeiro, de onde desapareceram os artigos críticos, as mofinas com nomes supostos, ou assinadas com asterisco.

Tudo quanto acima foi dito representa apenas uma parcela do que reunimos sôbre o assunto. Nossa finalidade é tão sòmente colher subsídios para a História das Belas-Artes, pois não temos em vista *rezar e xingar o santo*, — como se diz na Bahia. Pôrto-alegre merece a nossa admiração. Tornava-se, porém, imperioso êste capítulo: a época sôbre a qual tratamos é um tanto recuada e a maioria dos que estudam o assunto apenas consultam Laudelino Freire e, para mais erudição, Gonzaga Duque... sem verificar a documentação coeva, única decisiva na feitura de um estudo exato. Procuramos evitar, portanto, que continuem tendo aceitação certas injustiças que ha muito despertaram a nossa atenção, e que, a bem da verdade histórica, não podiam continuar circulando.

---

(12) Pôrto-alegre, como sabemos, fôra o construtor da imponente varanda da coroação, em 1841, e desde então nomeado arquiteto da Casa Imperial, para a qual fizera projetos de reformas, executando alguns, inclusive a capela. Projetou uma fachada para São Cristovão, em 1846 e que foi modificada, com maior grandiosidade, em 1856, pelo notável arquiteto e cenógrafo italiano Mário Bragaldi, artista de esplêndida nomeada.

(13) Sem maldade e parodiando a carta que Pôrto-alegre escreveu a Paulo Barbosa a 17 de dezembro de 1850, poder-se-ia dizer que êle não mais viu touros de palanque e até mesmo creou a serpente que o deveria alijar da Academia: seu ex-dilettíssimo aluno Joaquim Lopes de Barros Cabral... ao qual tanto elogiara em jornais e do qual se tornou inimigo atroz, desde a época em que se desavieram por cenográficas competições.

Movimento Bibliográfico de 1942

ORGANISADO POR AUREO OTTONI

0). GENERALIDADES

Agendas. Anuários. Bibliografias. Bibliotecas. Dicionários. Enciclopédias. Novas publicações periódicas.

AGRONOMIA. — Órgão oficial do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Agronomia. Dir. Procópio O. Belchior. Ano 1, Vol. 1 n.º 2. Fev.-Abril 1942. (18/26). 48 p. il. Trimestral, Cr$ 3,00, Ano Cr$ 10.00. (4/42). Av. Pasteur, 404. **Rio.**

ALLEN (Mary Wood). — O que uma jovem deve saber. Trad. José Ferraz. (13/18). 175 p. br. Cr$ 8,00. (11/42). **Livr. Liberdade.**

ALUNO E MESTRE. — Rev. pedagógica e recreativa. Dir. S. Ferreira Fortes. N.º 4, 1942. (19/28). 54 p. il. mensal Cr$ 2,00, ano Cr$ 24,00. (4/42). Av. Nilo Peçanha, 151, 8.º. **Rio.**

ANUÁRIO da Imprensa Brasileira. — Edição do Departamento de Imprensa e Propaganda. (D. I. P.). (28/37). 197 p. il. cart. Cr$ 10,00. (2/42). **Distr. José Olympio.**

ANUÁRIO de turismo. — Com guias oficiais para 1942. Dir. Jorge Ribeiro. (14/19). 160 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 4.00. (3/42). **E. F. C. B., Rio.**

ASTROLOGIA. — Rev. brasileira de assuntos científicos. Dir. F. Passarelli. Ano I. n.º 1, Setembro 1942. (14/19). 64 p. il. mensal Cr$ 3.00, ano Cr$ 36,00. (9/42). Av. Rio Branco, 100, 2.º. **Rio.**

AVIÃO. — Rev. aeronáutica mensal. Dir. Lysias A. Rodrigues. Ano 1. n.º 1, Abril 1942. (23/31). 88 p. il. Cr$ 3.00, ano Cr$ 40,00. (4/42). Rua 1.º Março, 7. **Rio.**

AVICULTURA. — Dir. Carlos Mendes de Oliveira Castro. Maio 1942. (24/32). 32 p. il. mensal Cr$ 3,00, ano Cr$ 30.00. (5/42). Praça Getulio Vargas, 2, s/ 1207. **Rio.**

BASILE (Ragy). — Dicionário etimológico dos vocábulos portuguêses derivados do árabe. Parte portuguêsa rev. por Hermano Requião. 1.º fascículo. (16/23). 32 p. br. Cr$ 5.00. (11/42). **J. do Vale, Rio.**

BIBLIOGRAFIA Brasileira. 1938-1939. Introdução de Augusto Meyer. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Saúde. (18/27). 336 p. br. Cr$ 10,00. (1941-1/42). **I. N. L., Rio.**

BUENO (Francisco Silveira), SPICACCI (Frederico Carlos). AMARAL (João Miguel), PACKER (Adolfo), LEAL (Antônio Sousa). — Curso de admissão aos ginásios. (14/20). 410 p. il. cart. Cr$ 18,00. (4.ª ed. 11/42). **Saraiva.**

CLASSIFICAÇÃO decimal universal. Tábuas complementares e índice alfabético de assuntos. Pref. J. Guimarães Menegale. Bibl. Pública de Belo-Horizonte. (16/24). 417 p. br. Cr$ 20,00. (12/42). Imp. Oficial, **Belo Horizonte.**

CONTINENTAL. — Dir. Luiz Pinheiro Paes Leme e Luiz Aranha Maciel. Ano 1, n.º 2, Maio-Junho 1942. (19/28). 48 p. il. mensal Cr$ 1.00, ano Cr$ 12.00. (6/42). Rua Assembléia, 15, 1.º. **Rio.**

DOM CASMURRO. — Dir. Bricio de Abreu. N.º de Natal de 1942. (27/36). 100 p. il. br. Cr$ 10,00. (12/42). Praça Floriano. 55, 2.º. **Rio.**

EMBA. — Rev. do Diretório Acadêmico da "Escola Nacional de Belas Artes". Dir. Delio Ribeiro de Sá e Eduardo Corona. N.º 1, Agôsto-Setembro 1942. (23-30). 64 p. il. Cr$ 6,00. (9/42). Rua Araujo Porto-alegre. **Rio.**

ESTUDANTE (O). — Dir. Menotti Del Picchia. N.º 1, Junho 1942. (18-27). 36 p. il. mensal Cr$ 2.00, ano Cr$ 24,00. (6/42). Av. São João, 536, 4.º. **São Paulo.**

ESTUDOS. — Periódico bimestral. Filosofia, ciências e arte. Dir. Florival Seraine. Ano 1 n.º 1, Janeiro-Fevereiro 1942. (23/31). 20 p. il. (2/42). Rua Pedro I, 339. **Fortaleza.**

FAUNA. — Dir. A. Severi. Ano 1. n.º 1 Janeiro 1942. (19/27). 48 p. il. mensal Cr$ 3.00, ano Cr$ 30,00. (1/42). Rua Xavier de Toledo. 46, s/16. **S. Paulo.**

FERRAZ (Wanda). — A bibliotéca. (17/24). 223 p. il. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 4/42). **Bedeschi.**

FISHER (Irving), EMERSON (Haven) — Como devemos viver. Trad. Godofredo Rangel. (15/22). 474 p. il. br. Cr$ 16.00. (6/42). **Cia. Ed. Nacional.**

GABAGLIA (Raja), RIBEIRO (João). — Exame de admissão para os ginásios. (13/18). 451 p. il. cart. Cr$ 10.00. (Nova ed. 6/42). **Livr. Alves.**

GOLDBERGER (Nicolás). — Dicionário rádio-técnico brasileiro. (12/18). 164 p. il. br. Cr$ 15,00. (3/42). **Herrera.**

GOMES (Alfredo). — Exame de admissão aos ginásios. Col. Didática Nacional, 7. (13/19). 425 p. il. cart. Cr$ 13,00. (5.ª ed. 8/42). Ed. e Publ. Brasil.

GOMES (Alfredo), STEVENSON (J. Penteado E.). — Concursos para os cargos de coletor e escrivão de coletoria. Série Manual do Candidato ao Funcionalismo Público. (14/19). 387 p. br. Cr$ 25,00. (3/42). Ed. e Publ. Brasil.

GOMES (Luiz Sousa). — Dicionário econômico, comercial e financeiro. Terminologia de comércio, economia, finanças e contabilidade. Pref. L. Nogueira de Paulo. (15/22). 300 p. enc. Cr$ 35,00. (2.ª ed. 10/42). Pongetti.

INDICADOR Bancário Brasileiro. — Anuário 1941-1942. Organizado e coordenado por George Kenedy. (17/24). 824 p. enc..... Cr$ 200,00. (10/42). Rio.

KOEHLER, S. J. (Pe. H.) — Pequeno dicionário escolar latino-português. (14/19). 478 p. cart. Cr$ 18 00. (6.ª ed. 7/43). Globo.

LEITURA. — Crítica e informação bibliográfica. Dir. Dioclecio D. Duarte e Raul de Góes. Ano I, n.º 1, Dezembro 1942. (19/27). 36 p. il. mensal Cr$ 0,50, Ano Cr$ 6,00. (12/42). Rua da Assembléia, 79, 1.º. Rio.

LIMA (Hildebrando), BARROSO (Gustavo). — Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguêsa. Rev. por Manuel Bandeira e José Baptista da Luz. (14/20). 1212 p. enc. Cr$ 35,00. (3.ª ed. 4/42). Civilização.

MILLER (Elias). — Guia Miller de Niterói e São Gonçalo. (12/16). 123 p. 2 plantas, br. Cr$ 5.00. (5.ª ed. 6/42). Dep. Livr. Alves.

PAIS E FILHOS. — Mensário publ. sob os auspícios da Associação Brasileira de Educação. Dir. Moysés Xavier de Araujo e Thomas Newlands Neto. Vol. 1, n.º 1, Maio 1942. (22/30). 32 p. il. Cr$ 2.00, ano.... Cr$ 20,00 (5/42). Av. Rio Branco, 91, 10.º. Rio.

PITKIN (Walter B.). — A vida começa aos quarenta. Trad. Erico Verissimo. (14/20). 225 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 7/42). Globo.

REIS (Antônio Simões dos). — Bibliografia das bibliografias brasileiras. Introdução de Augusto Meyer. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Saude. Col. Bl. Bibliografia. (17/24). 186 p. il. br. (9/42). I. N. L., Rio.

REIS (Antônio Simões dos). — Bibliografia nacional, 1942. 1.º vol. (12/19). 47 p. br. Cr$ 4,00. (9/42). — 2.º vol. (13/19). 70 p. br. Cr$ 6,00. (10/42). — 3.º vol. (13/19). 68 p. br. Cr$ 6,00. (11/42). — 4.º volume (13/19). 95 p. br. Cr$ 6,00. (12/42). — 5.º vol. (12/19). 122 p. br. Cr$ 7,00. (12/42). Z. Valverde.

REIS (Antônio Simões dos). — Pseudônimos brasileiros. Pequenos verbetes para um dicionário. 4.ª série. (13/19). 62 p. br..... Cr$ 4,00. (4/42). — 5.ª série. (1.º vol). (13/19). 79 p. br. Cr$ 5,00. (8/42). Z. Valverde.

REVISTA de Direito Agrário. — Dir. Vecente Chermont de Miranda. Ano 1, n.º 1, vol. I, 21 Novembro 1942. (N.º especial comemorativo do 1.º Aniversário de Promulgação do Estatuto da Lavoura Canavieira). (16/23). 184 p. Cr$ 15,00, Cr$ 50,00. (11/42). Rua Uruguaiana, 96, 2.º. Rio.

SANTOS (A. Lopes dos). — Dicionário popular ilustrado da língua portuguêsa. Rev. por J. Rodrigues. (12/17). 1600 p. 5 mapas, il. enc. Cr$ 25,00. (1939-7/42). Liv. Teixeira.

SINTESE (Rev. moderna de cultura). — Dir. Heitor Moniz. Vol. I, n.º 1. Janeiro 1942. (14/19). 98 p. il. mensal Cr$ 2,50. (1/42). A Noite.

SOLDADO 119. — Livro do soldado brasileiro. (17/24). 179 p. 1 mapa, il. cart. Cr$ 10,00. (5/42). Distr. Z. Valverde.

SUMÁRIOS de Educação. — Ed. brasileira de The Education Digest, Dir. Thomas Newlands Neto. Vol. I, n.º 2, Julho 1942. (14/18). 64 p. mensal Cr$ 2,00, Cr$ 20,00. (7/42). Caixa Postal 1471. Rio.

THIRÉ (Cecil), SOUZA (J. B. de Mello e). — Manual de admissão. (14/18). 339 p. il. br. Cr$ 12,00. (4.ª ed. 3/42). Livr. Alves.

THOMAS (Henry). — As maravilhas do conhecimento humano. Trad. e adaptação de Oscar Mendes. Col. Tapête Mágico, 13. (15/22). 2 vols. 342+400 p. il. br. Cr$ 36,00. 2.ª ed. 6/42). Globo.

TORREY (Antoinette). — Porque sou uma viuva feliz. Trad. Yolanda Vieira Martins. (14/20). 247 p. br. Cr$ 16,00. (6/42). Ed. Universitária.

TRENT (Sarah). — A mulher depois dos 40 anos. Trad. Estela Martins Paredes. (14/21). 187 p. br. Cr$ 12,00. (4/42). Vecchi.

VITRINA. — Dir. André Carrazzoni. Ano I, n.º 1, Setembro 1942. (23/32). 68 p. il. mensal Cr$ 5,00, Ano Cr$ 55,00. (9/42). Praça Mauá, 7, 5.º Rio.

WERNECK (Heloisa Cabral da Rocha). — Bibliotéca Nacional do Rio de Janeiro. (Projeto de Reforma). Sociedade Brasileira de Bibliotecário. Comissão de organização e administração. 002:02. Documentação Biblioteconômica, Série 13. fasc. 1. (16/23). 84 p. il. br. Cr$ 15,00. (5/42). Ed. Autora, Rio.

1) FILOSOFIA

AIRES Ramos da Silva de Eça (Matias). — Reflexões sôbre a vaidade dos homens, ou Discursos morais sôbre os efeitos da vaidade. Série Clássica Brasileiro-Portuguêsa, "Os Mestres da Língua", 4. (11/18). 187 p. br. Cr$ 16,00. (5/42). Ed. Cultura.

AIRES Ramos da Silva de Eça (Matias). — Reflexões sôbre a vaidade dos homens, ou Discursos morais sôbre os efeitos da vaidade. Introdução de Alceu Amoroso Lima. Ils. Santa Rosa. Bibl. de Literatura Brasileira, 4. (19/24). 234 p. br. Cr$ 25,00. (5/42). Livr. Martins.

AUSTREGESILO (A.). — As fôrças curativas do espírito. (Pensamento, fé, sugestão, análise mental). Obras Completas. 20. (13/19). 219 p. br. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 8/42). Guanabara.

AUSTREGESILO (A.) — Meditações. Obras Completas, 19 (13/19). 227 p. br. Cr$ 6,00 (2.ª ed. 2/42). Guanabara.

BOSSCHE (I. Van Den). — Demain l'homme. (13/19). 42 p. br. Cr$ 8,00. (8/42). Distr. Atlântica. Ed.

CARLOS (M.). — A filosofia universal. Solução dos problemas sociais. (16/23). 137 p. br. Cr$ 15,00. (4/42). Augusto Leite.

CARNEGIE (Dale). — Como fazer amigos e influenciar pessoas. Trad. Fernando Tude de Sousa. (14/20). 366 p. br...... Cr$ 12,00. (5.ª ed. 3/42). Cia. Ed. Nacional.

FERRAZ (João de Sousa). — Psicologia humana. (14/20). 339 p. br. Cr$ 20,00. (5/42). Saraiva.

FERREIRA — (Jurandyr Pires). — Derrocada dos preconceitos. (14/19). 214 p. enc.... Cr$ 20,00. (12/42). Borsoi. Rio.

FLEURY (Maurice de). — A angústia humana. Trad. Padre Lindolfo Esteves. (14/80). 289 p. br. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 8/42). José Olympio.

GOMES (Antônio Osmar). — Compreensão de humanismo. (15/22). 137 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). Z. Valverde.

HUXLEY (Aldous). — Visionários e precursores. Trad. Eloy Pontes e Cláudio de Araujo Lima. (14/21). 305 p. br. Cr$ 16,00. (4/42) Vecchi.

INGENIEROS (José). — O homem medíocre. Trad. e pref. de A. G. (14/20). 245 p. br. Cr$ 10,00. (Nova ed. 4/42). Getulio Costa.

KHAN (Inayat). — O mundo mental. Trad. João Cabral. Pref. Shabaz. Manuais de Cultura Moral, 8. (13/19). 116 p. cart. Cr$ 5,00. (5/42). Coed. Brasilica.

KHAN (Inayat). — A vida interior. (Série de alocuções). Trad. João Cabral. Pref. de Shabaz. Manuais de Cultura Moral, 9. (13/19). 112 p. cart. Cr$ 5,00. (8/42). Coed. Brasilica.

LIARD (L.). — Lógica. Para uso dos cursos ginasiais. Trad. Godofredo Rangel. (14/20). 222 p. br. Cr$ 12,00. (Nova ed. 2/42). Cia. Ed. Nacional.

LIMA (Alceu Amoroso). (Tristão de Athayde). — Meditações sôbre o mundo moderno. (13/19). 398 p. br. Cr$ 15,00. (3/42). José Olympio.

MARITAIN (Jacques). — Humanismo integral. Uma visão nova da ordem cristã. Trad. Afranio Coutinho. Bibl. Espirito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 5. (15/22). 301 p. br. Cr$ 16,00. (Nova ed. 12/42). Cia. Ed. Nacional.

MESQUITA (Juvenal M.). — Considerações sôbre a verdade. (14/19). 135 p. br. Cr$ 10,00. (4/42). J. R. de Oliveira

MILL (John Stuart). — Sôbre a liberdade. Trad. Alberto da Rocha Barros. Bibl. Espirito Moderno. s. 1.ª, Filosofia, 7. (15/22). 201 p. br. Cr$ 12,00. (10/42). Cia. Ed. Nacional.

NIETZSCHE (Frederico). — Assim falava Zaratustra. (Livro para tôda gente e para ninguém). Trad. José Mendes de Souza. Bibl. de Autores Célebres, 13. (13/19). 343 p. br. Cr$ 13,00. (10/42). Ed. e Publ. Brasil.

PIMENTEL (Iago). — Noções de psicologia aplicada à educação. (14/19). 349 p. il. cart. Cr$ 12,00. (6.ª ed. 3/42). Ed. Melhoramentos.

PITIGRILLI. — O colar de Afrodite. (Coletânea de pensamentos de Pitigrilli, compilados por G. Blasset). (14/19). 301 p. br. Cr$ 10,00. (10/42). Vecchi

ROBERTO (Sylvio). — Educação mental. Os poderes do espírito. Curso racional de psicologia aplicada. (14/19). 135 p. br...... Cr$ 5,00. (12/42). Tenda Espírita Mirim, Rio.

SCHOPENHAUER (Artur). — O amor, as mulheres e a morte. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores. (12/17). 119 p. br. Cr$ 3,00. (12/42). Vecchi.

SEABURY (David). — O guia da felicidade. Trad. Livio Xavier. (14/20). 419 p. Cr$ 16,00. (7/42). José Olympio.

SILVA (Oliveira e). — Meditações. (13/19). 167 p. br. Cr$10,00. (10/42). Alba.

STEINER (Rudolf). — Verdade e ciência. Prelúdio de uma filosofia da liberdade. Trad. Frederico Muller. (14/19). 128 p. cart..... Cr$ 15,00. (8/42). Ed. Tradutor, Rio.

TAOTOS (Clínias). — Almas, corações e destinos. Ensaio sôbre a psicologia das mãos. 12/18). 315 p. il. br. Cr$ 16,00. (6/42). Distr. Freitas Bastos.

THIBON (Gustave). — Destin de l'homme. Reflexions sur la situation présente de l'homme. Publ. et préf. par Marcel Corte (13/19). 80 p. br. Cr$ 10,00. (8/42). Distr. Atlântica Ed.

VIANA (Oliveira). — Pequenos estudos de psicologia social. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 216 (13/19). 294 p. br. Cr$ 13,00. (3.ª ed. 5/42). Cia. Ed. Nacional.

VISCONTI (E. Vitor). — A evolução do pensamento dialético. (13/19). 147 p. br........ Cr$ 10,00. (9/42). Pongetti.

2) RELIGIÕES

Generalidades. Religiões cristãs. Religiões diversas e Mitologia. Ciências ocultas.

BAETEMAN (P. José). — Formação da donzela. Trad. Cecy de Queiroga Brandão. (13/19). 465 p. cart. Cr$ 20 00. (7/42). Ed. Vera Cruz.

BASTOS (Monsenhor Francisco). — O evangelho por sôbre os telhados. (Homilias). (14/20). 292 p. br. Cr$ 12,00 (2/42). Ed. Anchieta.

BETANIA (Domingos de). — Será Hitler o anticristo? (13/19). 132 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). Alba.

BRAGA (Lourenço). — Umbanda (magia branca), e Quimbanda (magia negra). (14/19). 189 p. il. br. Cr$ 10,00. (2/42). Distr. Jacinto.

BRANDÃO (Pe. Ascânio). — Idéias e fatos. (13/19). 85 p. br. Cr$ 4,00. (2/42). Ed. S. C. J.

BRANDÃO (Pe. Ascânio). — O Purgatório. (10/14). 23 p. br. Cr$ 1,00. (1941-1/42). Ed. S. C. J.

CASTRO (Almerindo Martins de). — Reis, príncipes e imperadores. Pref. M. Quintão. (12/18). 221 p. br. Cr$ 7,00. (1/42). Fed. Espírita.

CASTRO (Padre Jerônimo Pedreira de). — S. Vicente de Paulo e a magnificência de suas obras. (15/22). 467 p. br. Cr$ 25,00. (12/42). Ed. Vozes.

CAVALCANTI (Augusto). — Tradução em verso da Imitação de Cristo de Pierre Corneille. (13/19). 382 p. br. Cr$ 15,00. (3/42). Pongetti.

CELESTINO O. F. M. (Frei). — Conferências para religiosas (2.ª série). (12/18). 287 p br. Cr$ 10,00. (12/42). Ed. Vozes.

CHAGNON, S. J. (R. P. Louis). — Diretrizes sociais católicas. Publ. da Comissão Permanente de Ação Social, s. I, Doutrinas Sociais. (14/19). 148 p. br. Cr$ 6,00. (8/42). Ed. Anchieta.

DENIS (Léon). — O grande enigma. Trad (13/19). 208 p. br. Cr$ 7,00. (3.ª ed. 12/42). Fed. Espírita.

DREXELLIUS. — A vitória da pureza. (13/19). 126 p. cart. Cr$ 6,00. (7/42). Ed. Vera Cruz.

DUHOURCAU (François). — Santa Bernadette de Lourdes. A vida prodigiosa de uma iluminada. Trad. J. da Cunha Borges. (14/19). 175 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). Vecchi.

DUMONT (Irmão Isidoro). — História sagrada. Curso médio. Col. F. T. D. (12/18). 362 p. il. cart. Cr$ 9,00. (Nova ed. 6/42). Liv. Alves.

FEDERAÇÃO Espírita de Umbanda. — Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda. (14/19). 281 p. br. Cr$ 10,00. (8/42). Jornal Comércio.

FRANCA S. J. (Padre Leonel). — A crise do mundo moderno. (15/23). 302 p. br. Cr$ 20,00. (2.ª ed. 2/42). José Olympio.

FREITAS (João de). — Umbanda. Rituais, reportagens, entrevistas, comentários, etc. Pref. Conde Fags. (14/19). 175 p. br...... Cr$ 10,00. (2.ª ed. 12-42). Tip. Glória, Rio

GOYAU (Georges). — O Cristo. Precedido de uma carta-autógrafa de S. S. Pio XII. Trad. Tristão de Ataíde. Col. A Igreja Explicada aos Increus. (13/19). 255 p. br. Cr$ 14,00. (5/42). Americ — Edit.

GUERRIN (Ayné). — Jesús tal como foi visto. Trad., pref. P. Lacroix, S. C. J. (13/19). 310 p. cart. Cr$ 18,00. (12/42). Ed. Vera Cruz.

IMBASSAHY (Carlos). — Religião. Refutando às razões dos que combatem a parte religiosa em espiritismo). (13/19). 218 p. br. Cr$ 7,00. (12/42). Fed. Espírita.

KRISHNAMURTI. — Palestras e respostas a perguntas. Adyar - India 1933-34. Trad. (13/19). 163 p. br. Cr$ 8,00. (3/42). Inst. Cult. Krishnamurti.

LIMA (Antônio). — Pelo Telégrafo sem fio. Síntese do espiritismo sob o tríplice aspecto: filosófico, científico e religioso. (14/19). 155 p. br. Cr$ 5,00. (3/42). Fed. Espírita.

LORENS (Francisco Valdomiro). — Lições práticas do ocultismo utilitário. (13/19). 282 p. br. Cr$ 8,00. (5/42). O Pensamento.

LUSTRINO (Gilberto Sánchez). — Caminos Cristianos de América. (17/24). 351 p. br. Cr$ 40 00. (10/42). Z. Valverde.

MARIA (Padre Júlio). — O fim do mundo está próximo? Profecias antigas e recentes. (13/18). 303 p. br. Cr$ 10,00. (4.ª ed. 3/42). Livr. Boa Imprensa.

MARISA. — Palavras de consôlo e esperança aos que sofrem. (12/18). 183 p. br. Cr$ 6,00. (4/42). O Reformador, Rio.

MARMOITON S. J. (Vitor). — Pedro Jorge Frassati. 1901-1925. Trad. Jairo de Moura. (13/19). 219 p. br. Cr$ 8,00. (2/42). Livr. Católica.

MAURIAC (François). — Le Jeudi-Saint. (13/19). 162 p. br. Cr$ 13,00. (3/42). Americ—Edit.

MILANI (Pe. Artur). — A grande promessa ou O bilhete de entrada segura no Paraíso. (10/14). 144 p. il. br. Cr$ 2,50. (1941-8/42). Pia Sociedade.

MONTE (Luso de). — O rádio-psiquismo e o fim da esfinge. Pref. Simão de Laboreiro. (13/19). 203 p. br. Cr$ 8,00. (6/42). Distr. Livros de Portugal.

MORAIS JUNIOR (Pe. Antônio d'Almeida). — Almas de criança. (13/19). 101 p. br...... Cr$ 5,00. (12/42). Ed. S. C. J.

NEGROMONTE (P. A.). — O caminho da vida. Moral cristã. (Para o curso secundário). (13/19). 455 p. br. Cr$ 12,00. (12/42). Ed. Vozes.

NEGROMONTE (P. A.). — As fontes do Salvador. Missa e sacramentos. (Para o curso secundário). (13/18). 415 p. br. Cr$ 8,00. (3/42). Ed. Vozes.

NEGROMONTE (Padre Álvaro). — Os Santos Evangelhos. Trad. e anotados. (12/17). 335 p. br. Cr$ 5,00. (2.ª ed. 12/42). Livr. Inconfidência.

NICOLL (E.). — Para compreender Krishnamurti. (12/18). 59 p. br. Cr$ 3,00. (3/42). Borsoi, Rio.

NOGUEIRA (Hilton). — Aulas fundamentais para o estudo da ciência Rosa Cruz. Pref. J. Soares Oliveira. (13/19). 357 p. br...... Cr$ 15,00 (3/43). Dep. Publ. Rosa Cruz, Rio.

OLIVEIRA (Baptista de). — A guerra através dos astros. (Linhas gerais da interpretação astrológica). (14/19). 193 p. il. br. Cr$ 20,00. (8/42). Gr. Milone, Rio.

PEGUES, O. P. (R. P. Thomaz). — A suma teológica de Santo Tomaz de Aquino em forma de catecismo. Trad. por um Sacerdote Secular. (17/24). 277 p. br. Cr$ 18 00. (2/42). Ed. S. C. J.

PIERSON (Donald). — O candomblé da Baia. Gonache de Rebolo Gonzales. Col. Caderno Azul, 6. (14/19). 65 p. 1 prancha, br. Cr$ 3,00 (2/42). Ed. Guaíra.

POLZ (P. Amando). — Cristo e os demônios. Trad. Germano Mueller. Pref. P. Lacroix. (13/19). 174 p. cart. Cr$ 8,00 (12/42). Ed. Vera Cruz.

QUINTÃO (M.). — Fenômenos da materialização. Prof. Almerindo Castro. (13/19). 155 p. br. Cr$ 5,00. (2/42). Fed. Espírita.

RAMOS (Mario de Andrade). — Páginas cristãs. (17/24). 268 p. il. br. Cr$ 25,00. (12/42). Jornal Comércio.

ROHDEN (Huberto). — Myriam. Pref. Antônio Bispo de Pelotas. (12/18). 139 p. br...... Cr$ 8,00. (12/42). Ed. Autor, Rio.

ROSCHINI (Pe. Gabriel M.). — Vida e escritos de Fernanda Paula Lorenzoni da Ordem Terceira dos Servos de Maria. (Mater Dolorosa). Trad. rev. por Alceu Masson. (12/18). 210 p. il. br. Cr$ 10 00. (5/42). Getulio Costa.

SANSON (R. P.). (De l'Oratoire). — La souffrance et nous. (12/19). 230 p. br. Cr$ 17,00. (10/42). Americ — Edit.

SANTOS (Amadeu). — O retumbar da Trombeta. Pref. Almerindo Martins de Castro. (13/19). 247 p. br. Cr$ 7,00. (12/42). Fed. Espírita.

SANTOS (Arlindo Veiga dos). — Écos do Redentor no IV Congresso Eucarístico Nacional. Publ. da Comissão Permanente de Ação Católica. (14/19). 128 p. br. Cr$ 6,00. (8/42). Ed. Anchieta.

SANTOS (Lúcio José dos). — Coração Eucarístico de Jesus. Exposição histórica doutrinal da Devoção. (12/18). 380 p. il. br.... Cr$ 35,00. (8/42). Ed. Melhoramentos.

SCHRIJVERS (P.). — O dom de si. Trad. M. M. (13/19). 191 p. br. Cr$ 7,00. (4.ª ed. 12/42). Livr. Boa Imprensa.

SERTILLANGES O. P. (A. D.) — Ce que Jésus voyait du haut de la Croix. (12/19). 277 p. br. Cr$ 18,00. (7/42). Americ — Edit.

SING-LOO. — Magia moderna. Pref. Dakson. (14/20). 77 p. il. br. Cr$ 5 00. (12/42). Distr. Z. Valverde.

SINZIG O. F. M. (Frei Pedro). — Dona Rosa. Contribuição para a vida de uma senhora da sociedade: D. Rosa Monteiro Viana. (13/19). 300 p. il. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 12/42). Ed. Vozes.

SINZIG O. F. M. (Frei Pedro). — O mês de Maria e a folhinha. (13/19). 131 p. br. Cr$ 5,00. (4/42). Civilização.

STEINER (Rudolf). — Teosofia. Introdução em ultrasensual reconhecença do mundo e destinação do homem. Trad. Frederico Mueller. (14/19). 250 p. cart. Cr$ 20 00. (10/42). Casa Riedel, Rio.

TALMUD. — Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 16. (11/18). 195 p. br. Cr$ 15.00. (4/42). Ed. Cultura.

TOTH (Mons. Tihamér). — A igreja católica. Trad. Col. Pensamento Cristão, 6. (13/19). 267 p. br. Cr$ 10,00. (4/42). José Olympio.

TOTH (Mons. Tihamér). A juventude brasileira. O moço educado. Trad., Pref. P. Lacroix. (13/19). 228 p. br. Cr$ 12,00. (12/42). Ed. S. C. J.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

ABRANCHES (Helena Lopes). — Palestras cívicas. (13/19). 149 p. br. Cr$ 11,00. (8/42). Irmãos Di Giorgio, Rio.

AÇÃO SOCIAL (Grupo de). — Quarta semana de Ação Social de São Paulo. Conferências. Discursos. Conclusões votadas. 1940. (17/24). 375 p. il. br. Cr$ 20,00. 4/42). Distr. José Olympio.

ALARCON (Ewaldo de). — "E o sangue brasileiro correrá"... (Palavras de Friedrich Ried, ex-consul da Alemanha no Rio Grande do Sul). (14/18). 159 p. br. Cr$ 10,00. (10/42). Ed. Du Barry, P. Alegre.

ALBUQUERQUE (A. Tenório D'). — Pontos de estatística. Série Pontos para Concursos Oficiais. (13/19). 79 p. br. Cr$ 4,00. (10/42). Getulio Costa.

ALBUQUERQUE (J. Militão de). — Processo penal comparado. (16/23). 59 p. br. Cr$ 5.00. (8/42). Borsoi, Rio.

ALENCAR (Pery de). — FURTADO (Murillo). — Indicador novo e prático do imposto do selo. Dec.-Lei 4.274, de 17-4-942. (15/24). 132 p. br. Cr$ 8,00. (6/42). Gr. Olimpica.

ALENDY (René). — Le crime et les perversions instinctives. (14/23). 219 p. 48 planches, il. br. Cr$ 20,00. (6/42). Livr. Victor.

ANDRADE FILHO (Bento). — História da educação. Il. Hugo de Andrade. Col. do Ensino Normal. (14/20). 272 p. br. Cr$ 15,00. (1941 — 7/42). **Saraiva.**

ARCADE (Bruno) ASKANASY (Miecio). — Depois de Hitler o que? Pref. Ernst Feder. (14/19). 197 p. br. Cr$ 20,00. (12/42). **Ed. Autores, Rio.**

ATHAYDE (Tristão de). — Preparação à sociologia. (13/19). 193 p. br. Cr$ 10,00. (3.ª ed. 10/42). **Getulio Costa.**

AVILA (Antônio D'). — Práticas escolares. Pref. Adolfo Packer. Col. de Ensino Normal. (13/20). 500 p. br. Cr$ 22,00. (2.ª ed. 10/42). **Saraiva.**

AVILA (Carmem D'). — Boas maneiras. Pref. Cesar Netto. Il. de Noemia. (15/22). 342 p. Cr$ 18,00. (Nova ed. 3/42). **Civilização.**

AZAMBUJA (Darcy) Teoria geral do estado. (15/23). 317 p. br. Cr$ 30,00. (6/42). **Globo.**

BARBOSA (Rui). — Obras Completas. Vol. IX. 1882. Tômo I. Reforma do ensino secundário e superior. Pref. e rev. de Thiers Martins Moreira. (17/24). 372 p. br. Cr$ 30,00. (12/42). **Min. da Educação.**

BARROS (A. B. Buys de). — Direito industrial e legislação do trabalho. Vol. II. Bibl. Jurídico-Universitária, 16. (17/24). 348 p. br. Cr$ 35,00. (8/42). **Coelho Branco.**

BARROS (Jacy Rego). — Do Baronato ao Estado Novo. (13/19). 187 p. br. Cr$ 6,00. (6/42). **Z. Valverde.**

BEVILAQUA (Achilles). — Código civil brasileiro anotado. Bibl. Jurídica, 1. (14/19). 709 p. enc. Cr$ 23,00. (7.ª ed. 6/42). **Freitas Bastos.**

BEVILAQUA (Achilles). — Sociedades anônimas e em comandita por ações. Dec-Lei 2.627, de 26-9-940. Bibl. Jurídica, 7. (14/19). 255 p. enc. Cr$ 16,00. (5/42). **Freitas Bastos.**

BEVILAQUA (Clovis). — Código civil dos Estados Unidos do Brasil, comentado. Vol. III. (17/24). 497 p. br. Cr$ 50,00. (6.ª ed. 11/42). **Livr. Alves.**

BEVILAQUA (Clovis). — Direito das coisas. 2.º vol. (17/24). 465 p. enc. Cr$ 37,00. (8/42). **Freitas Bastos.**

BEVILAQUA (Clovis). — Revivendo o passado. VI, Figuras e datas. 1892. (13/18). 36 p. br. Cr$ 3,00. (10/42). **Borsoi, Rio.**

BICUDO (Joaquim de Campos). — O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação. (De 1931 a 1941, inclusive). (17/24). 657 p. br. Cr$ 35,00 (1/42). **Imp. Comercial, S. Paulo.**

BIVAR (C. S.). — Legislação. O Brasil em face da guerra. (19/26). 32 + XII p. il. br. Cr$ 5,00. (8/42). **Coelho Branco.**

BOIS (Elie J.). — A verdade sôbre a tragédia da França. Trad. Lya Cavalcanti e Carlos Lacerda. (14/20). 359 p. br. Cr$ 15,00. (4/42). **José Olympio.**

BOLIVAR (Simón). — Ideário político. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores. (12/17). 123 p. br. Cr$ 3,00. (12/42). **Vecchi.**

BRASIL (Etienne). — A lei sôbre alugueis e o inquilinato. (Dec.-Lei 4.598, de 20 de Agosto de 1942). Bibl. Jurídica Brasileira, 47. (16/23). 126 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). **Coelho Branco.**

BURLINGAME (Roger). — Máquinas da democracia. As invenções sociais nos Estados Unidos. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 27. (15/22). 494 p. il. br. Cr$ 25,00. (10/42). **Cia. Ed. Nacional.**

CANALI (João de). — Nossos avós os judeus. Pref. Fernando Levisky. (14/19). 101 p. br. Cr$ 5,00. (5/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

CARDOSO (P. Balmaceda). — Ensaio de uma sistematização do direito internacional privado. Pref. Eduardo Espinola. (17/24). 242 p. br. Cr$ 25,00. (5/42). **Freitas Bastos.**

CARVALHO (M. Cavalcanti de). — Consolidação das leis do trabalho e da previdência social. (17/24). 2 vols. 571 + 495 p. br. Cr$ 70,00. (5/42). **Cia. Ed. Americana.**

CARVALHO (Virgilio Antonino de). — Direito penal e comento sintético do código penal brasileiro. (17/24). 449 p. br. Cr$ 50,00. (11/42). **Bedeschi.**

CASTANHA (Carlos de Lima). — Unica vingança. O clamoroso caso de Carlos Castanha. (16/23). 187 p. il. br. Cr$ 15,00. (10/42). **Ed. Autor, Recife.**

CASTIGLIONE (Teodolindo). — A eugenia no direito de família. (17/24). 250 p. br. Cr$ 30,00. (3/42). **Saraiva.**

CASTRO (Américo Mendes de Oliveira), CASTRO (Alceu Mendes de Oliveira), CASTRO (Frederico Mendes de Oliveira). — Código civil aplicado pelo Supremo Tribunal Federal e pelos Tribunais de Apelação do Distrito Federal de São Paulo e de Minas Gerais. Vol. VIII. 1938 - 1939. (17/24). 287 p. enc. Cr$ 30,00. (5/42). **Jornal do Comércio.**

CASTRO (Francisco José Viveiros de). — Os delitos contra a honra da mulher. (Advertência de Augusto O. Gomes de Castro). (16/23). 353 p. enc. Cr$ 35,00. (4.ª ed. 8/42). **Freitas Bastos.**

CASTRO FILHO (J. Ribeiro de). — Direito judiciário do trabalho. 1.º vol. (16/24). 559 p. br. Cr$ 50,00. (8/42). **Coelho Branco.**

CASTRO (S. Cardoso de). — A nova legislação penal brasileira. Bibl. Jurídica Brasileira, 44. (16/24). 394 p. br. Cr$ 20,00. (8/42). **Coelho Branco.**

CAVALCANTI (Temistocles Brandão). — Tratado de direito administrativo. Vol. I. O estado, estrutura, organização, administração, funções. (17/24). 566 p. enc. Cr$ 50,00. (5/42).

Vol. II. Teoria geral do direito administrativo, direito financeiro, atos e contratos. (17/24). 460 p. enc. Cr$ 50,00. (6/42).

Vol. III. Da função pública, funcionários e extranumerários, seu regime jurídico. (17/24) 495 p. enc. Cr$ 50,00. (9/42). **Freitas Bastos.**

CESARINO JUNIOR. — Direito processual do trabalho. Tratado de direito social brasileiro, VI. Dir. A. F. Cesarino Junior. (17/23). 500 p. enc. Cr$ 45.00. (3/42). **Freitas Bastos.**

CESARINO JUNIOR (A. F.). — Direito corporativo e direito do trabalho. (Soluções práticas). 2.ª série. (17/24). 215 p. br. Cr$ 20 00. (6/42). **Livr. Martins.**

CHERCQ JR. (G. S. de). — A Holanda na paz e na guerra. III.ª Conferência do Ciclo de Conferências Inter-Aliadas. Introdução de Fernando de Mello Vianna. (16/24). 49 p. br. (10/42). **Pongetti.**

CÓDIGO PENAL (O novo). — Conferências pronunciadas na Faculdade de Direito da Univ. de S. Prulo. 1.º vol. (16/23). 291 p. br. Cr$ 12,00. (3/42). **Imp. Oficial Est. S. Paulo.**

COELHO (Silvio B.). — Educação moral e cívica. (15/23). 262 p. br. Cr$ 18,00. (4/42). **Z. Valverde.**

COLLOR (Lindolfo). — Sinais dos tempos. (16/23). 263 p. br. Cr$ 20,00. (9/42). **Ed. Pan-Americana.**

COUTO (Miguel). — Seleção social. Campanha anti-nipônica. Pref. Miguel Couto Filho. (15/22). 87 p. il. br. Cr$ 4,00. (6/42). **Pongetti.**

CRUZ (R. Nonato). — O novo código penal e lei de contravenções. (17.24). 223 p. br. Cr$ 20,00. (5/42). **Coelho Branco.**

DANTAS (San Tiago). — Discurso pela renovação do direito. (16/23). 22 p. br. Cr$ 3,00. (3/42). **Ed. Autor, Rio.**

DAVIES (Joseph E.). — Missão em Moscou. Trad. Eduardo de Lima Castro. (14/19). 415 p. br. Cr$ 25,00. (12/42). **Calvino.**

DEHILLOTTE (Pierre). — Gestapo. Pref. Georges Suarez. Ed. Facsimilada da Livraria Payot, Paris. (15/23). 216 p. br. 28,00. (35 Fr.). (1940 — 3/42). **Livr. Victor.**

DELLEPIANE (Antonio). — Nova teoria da prova. Trad. e pref. de Erico Maciel. (16/23). 202 p. enc. Cr$ 25,00. (11/42). **Jacinto.**

DEPARTAMENTO Administrativo do Serviço Público. — Interpretação do Estatuto dos Funcionários. 1939-1940. 1.º vol. (16/23). 217 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Imp. Nacional.**

DEVINELLI (Carlos). — Política brasileira. Síntese e crítica. (17/24). 227 p. br. Cr$ 25,00. (4/42). **Z. Valverde.**

DIAS JUNIOR (J.). — Noções de direito fiscal. (Resumo de preleções aos alunos do 1.º ano técnico do curso comercial). (14/19). 155 p. br. Cr$ 12,00. (5/42). **Pongetti.**

DIAS (Mario). — Ministério público brasileiro. (Instituições, atribuições, processo). Livro do promotor. (17/24). 605 p. enc. Cr$ 30,00. (3/42). **Jacinto.**

DÓRIA (A. de Sampaio). — O direito do homem). (14/22). 687 p. br. Cr$ 40,00. (4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

ESCOBAR (Ildefonso). — Formação dos Estados Brasileiros. (14/19). 219 p. il. br. Cr$ 10,00. (6/42). **A Noite.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Ciências sociais. Vol. IV. il. do autor. (14/19). 160 p. cart. Cr$ 4,50. (13.ª ed. 4/42). **J. R. de Oliveira.**

FAGUNDES (M. Seabra). — Da desapropriação no direito brasileiro. (17/23). 506 p. enc. Cr$ 40,00. (10/42). **Freitas Bastos.**

FARIA (Bento de). — Código de processo penal. Vol. II, arts. 394 a 811. (17/23). 587 p. enc. Cr$ 50,00. (3/42). **Jacinto.**

FARIA (Ed. Bento de). — Acidentes do trabalho. (Doutrina, jurisprudência e legislação). Pref. Waldemar Falcão. (16/23). 355 p. br. Cr$ 25,00. (1/42). **Coelho Branco.**

FARIA (Júlio Cezar de). — Juizes de meu tempo. (14/20). 177 p. il. br. Cr$ 12,00. (6/42). **Distr. Livr. Martins.**

FERNANDES (Adaucto). — Curso de direito civil brasileiro. 1.º vol. Introdução. Bibl. Juridico-Universitária, 15. (16/24). 591 p. br. Cr$ 30,00. (2/42). **Coelho Branco.**

FERNANDES (Adaucto). — Direito industrial brasileiro. (17/24). 362 p. br. Cr$ 30,00. (2.ª ed. 4/42). **Ed. Guaíra.**

FERNANDES (Adaucto). — O "Habeas-Corpus" no direito brasileiro. Bibl. Jurídica Brasileira, 46. (16/23). 319 p. br. Cr$ 30,00. (10/42). **Coelho Branco.**

FERREIRA (Waldemar Martins). — Compêndio de sociedades mercantis. (17/24). 3 vols. 527 + 509 + 438 p. br. Cr$ 120,00. (5/42). **Freitas Bastos.**

FLORES (Pompílio Rafael). — A marcha do processo penal. (14/19). 111 p. br. Cr$ 8,00. (11/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

FONTOURA (Amaral). — Programa de sociologia. Pref. Jacques Lambert. Introdução Alceu Amoroso Lima. (15/22). 443 p. il. cart. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 5/42). **Globo.**

FRANCO SOBRINHO (Manoel de Oliveira). — Desapropriação por utilidade pública. Col. Estudos Sociais e Técnicos, 10. Série Jurídica, R. (14/19). 168 p. br. Cr$ 10,00. 10/42). **Ed. Guaíra.**

GAMA (Mozart da). — A reforma e o novo regulamento do imposto de renda. (17/24). 340 p. Cr$ 30,00. (4/42). **Freitas Bastos.**

GAMBOGI (Joaquim). — Prontuário de jurisprudência. (Código do processo civil). Vol. I. (17/23). 418 p. br. Cr$ 32,00. (4/42).
Vol. II. (17/23). 401 p. br. Cr$ 32,00. (9—42). **Rodarte.**

GEIGER (Theodor). — Tipologia do líder. Trad. e rev. de Antonio D'Avila, Emilio Willems e Romano Barreto. Série Ciências Sociais, II. (14/20). 111 p. br. Cr$ 10,00. (7/42). **Rev. Sociologia, S. Paulo.**

GIDE (Carlos). — Compêndio d'economia política. Trad. Pref. e adaptado ao Brasil, por F. Contreiras Rodrigues. (17/24). 588 p. br. Cr$ 25,00. (Nova ed. 4/42). **Globo.**

GOFFIN (Robert). — O rei dos belgas traiu? Trad. J. Galvão de Queiroz. (14/21). 305 p. br. Cr$ 15,00. (3/42). **Ed. Mundo Latino.**

GROS (André). — Barbares ou humains. (Essai sur la paix future). (14/20). 289 p. br. Cr$ 22,00. (7/42 + 2.ª ed. 10/42). **Atlântica Ed.**

GUSMÃO (Sady Cardoso). — Das contravenções penais. (17/23). 412 p. enc. Cr$ 40,00. (4/42). **Freitas Bastos.**

HOMEM (O) que matou Hitler. (The man who killed Hitler). Anonymous. (13/19). 118 p. br. Cr$ 7,50. (5/42). **Distr. Getulio Costa.**

HORARIO e condições de trabalho. Leis, regulamentos, instruções e portarias. (14/19). 127 p. br. Cr$ 5,00. (10/42). **Getulio Costa.**

ITAGIBA (Ivair Nogueira). — Indelinquência e responsabilidade. Comentário à legislação penal brasileira. (17/24). 194 p. br. Cr$ 15,00. (8/42). **Freitas Bastos.**

JONES (Arthur J.). — A educação dos líderes. Trad. Paschoal Lemme, Thomas Newlands Neto e Maria de Lourdes Sá Pereira. B. P. B. s. 3.ª, Atualidades Pedagógicas, 38. (14/20). 257 p. br. Cr$ 16,00. (8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

LACOMBE (Laura Jacobina). — A escola e a vida. Pref. Pierre Charles, S. J. (12/18). 173 p. il. br. Cr$ 10,00. (8/42). **Ed. S. C. J.**

LAVALADE (Général Chadebec de). — Pétain/ Col. Les Cahiers de la Victoire, I. (14/20). 156 p. br. Cr$ 12,00. (12/42). **Atlântica Ed.**

LEAL (Antônio Luiz da Câmara). — Comentários ao código de processo penal brasileiro. Vol. II, arts. 201 a 380. (17/23). 477 p. enc. Cr$ 40,00. (6/43).
Vol. IV, arts. 563 a 811. (17/23). 479 p. enc. Cr$ 40,00. (12/42 — 1943). **Freitas Bastos.**

LEÃO (A. Carneiro). — Planejar e agir. Pref. Gilberto Freyre. (15/22). 227 p. br. Cr$ 15,00. (10/42). **Jornal do Comércio.**

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Código civil brasileiro. (12/16). 441 p. enc. Cr$ 17,00. (8.ª ed. 5/42).
Código de processo penal. Dec.-Lei 3.689, de 3-10-1941. (12/16). 541 p. cart. Cr$ 17,00. (1/42).

LEI das contravenções penais. Dec.-Lei 3.688, de 3-10-1941. (12/16). 69 p. cart. Cr$ 4,00. (1/42).
Sociedades por ações. Índice alfabético e remissivo sistematizado por Gastão Grossé Saraiva. (12/16). 184 p. cart. Cr$ 9,00. (2.ª ed. 1/42). **Saraiva.**

LEI (Nova) de estrangeiros. — Dec.-Lei 4.166, de 11-3-1942. (13/18). 30 p. br. Cr$ 2,00. (6/42). **Getulio Costa.**

LEI do Sêlo. — Dec.-Lei 4.655, de 3-9-1942. Com índice alfabético, remissivo e legislação especial. (14/19). 110 p. br. Cr$ 5,00. (9/42). **Z. Valverde.**

LEI do Sêlo (Nova e completa). — De-Lei 4.274, de 17-4-1942. Alterações introd. pelo Dec.-Lei 4.333, de 23-5-1942. (13/18). 96 p. br. Cr$ 4,50. (9/42). **Getulio Costa.**

LEI do sêlo do papel. — Dec.-Lei 4.274, de 17-4-1942. (13/19). 95 p. br. Cr$ 5,00. (5/42). **Emp. Ed. Brasileira.**

LESSA (Gustavo). — A administração federal nos Estados Unidos. (15/22). 318 p. br. Cr$ 20,00. (12/42). **Cia. Ed. Nacional.**

LIMA (Alceu Amoroso). — Pela União Nacional. (13/19). 53 p. br. Cr$ 5,00. (10/42). **José Olympio.**

LOBO (Ari Maurell). — Ai dos vencidos! (13/19). 372 p. br. Cr$ 10,00. (1/42). **Jornal do Comércio.**

LUZ FILHO (Fábio). — Cooperativas escolares. Outros temas cooperativos. (14/19). 237 p. il. br. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 8/42). **Coelho Branco.**

LUZ FILHO (Fábio). — Rumo à terra. (Aspectos do problema agrario). Col. Estudos Sociais e Técnicos, 8. (14/18). 361 p. cart. Cr$ 20,00. (5.ª ed. 5/42). **Ed. Guaíra.**

LYRA FILHO (João). — Problemas das classes médias. Economia — Amor — Desportos. (15/22). 241 p. br. Cr$ 15,00. (6/42). **Pongetti.**

MACEDO (Gastão). — Noções de Direito comercial terrestre e de direito industrial. (15/22). 222 p. cart. Cr$ 14,00. (3.ª ed. 5/42). **Freitas Bastos.**

MARANHÃO (Paulo). — Escola experimental. Testes. (13/19). 208 p. br. Cr$ 12,00. (7.ª ed. 5/42).
Livr. Alves.

MATTOS (J. Antunes de). — Creio no Brasil! (16/24). 212 p. il. br. Cr$ 15,00. (10/42). Sul Ed., P. Alegre.

MAXIMILIANO (Carlos). — Direito das sucessões. Vol. III. (17/23). 553 p. enc. Cr$ 50,00. (2.ª ed. 12/42 — 1943).
Freitas Bastos.

MELO (Barros). — Aspectos do direito mercantil. (16/23). 124 p. br. Cr$ 8,00. (12/42). Z. Valverde.

MENDES (Amando). — Amazônia econômica. Problema brasileiro. (14/19). 308 p. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 1/42).
A Noite.

MOACYR (Primitivo). — A instrução pública no Estado de São Paulo. Primeira década republicana. (1890-1893). B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 213 e 213-A. (13/19). 2 vols. 273 + 391 p. il. br. Cr$ 5,00. (2/42). Cia. Ed. Nacional.

MOACYR (Primitivo). — A instrução e a República. 4.º vol. Reformas Rivadavia e C. Maximiliano. (1911/1924). Publ. do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. (16/23). 361 p. br. Cr$ 12,00. (4/42).
Distr. Civilização.

MONTENEGRO (Mac Dowell), BEZERRA (Argeu Machado), BOITEUX (Bayard Demaria), CUNHA (Eraldin Fontoura), AMORIM (Edgard Costa), BAILLY (Gustavo Adolfo). — A função do coletor e do escrivão na administração fiscal. (17/24). 347 p. br. Cr$ 25,00. (4/42).
Coelho Branco.

MORAES (Benjamin). — O Princípio da vizinhança inequívoca em processo penal (Flagrância). (16/23). 131 p. br. Cr$ 15,00. (12/42). Ed. Autor, Rio.

MORAES — Carlos de Souza). — A ofensiva japonesa no Brasil. Col. Documentos de Nossa Época, 17. (14/20). 316 p. 4 mapas, il. br. Cr$ 20,00. (12/42).
Globo.

MOTTA (J. A. de Faria). — Condomínio e Vizinhança. Direito e ações. (17/24). 420 p. br. Cr$ 40,00. (11/42). Saraiva.

MOURA (Eros de), BEZERRA (Argeu Machado), VALLE (J. Rodrigues), MONTENEGRO (Mac Dowell). BOITEUX (Bayard Demaria), BAILY (Gustavo Adolfo). — A função pública na administração fiscal do país. (16/23). 507 p. br. Cr$ 30 00. (1/42). Coelho Branco.

MOURA (Valdiki). — Democracia econômica. Introdução à economia cooperativa. B. P. B. s. 4.ª, Iniciação Científica, 2. (14/20). 341 p. br. Cr$ 25,00. (9/42).
Cia. Ed. Nacional.

NAPOLEON. — Vues politiques. Avant-Propos de Adrien Dansette. (12/19). 400 p. br. Cr$ 25,00. (11/42).
Americ — Edit.

NEWMAN (Joseph). — Adeus Japão. Trad. Antonio Accioly Netto. (16/23). 291 p. br. Cr$ 22,00. (9/42).
Ed. Pan-Americana.

NOVA Organização do ensino secundário. Dec.-Lei 4.244 e 4.245, de 9-4-1942. Anotações de Cicero Augusto Vieira. (13/19). 69 p. br. Cr$ 4,00. (5/42).
Emp. Ed. Brasileira.

OCTAVIO (Rodrigo). — Direito internacional privado. Parte geral. (17/24). 270 p. enc. Cr$ 30,00. (3/42).
Freitas Bastos.

OLIVEIRA (C. A. Barbosa de). — Educação e imprensa. Pref. D. Aquino Corrêa. (13/19). 239 p. br. Cr$ 10,00. (5/42).
Jornal do Comércio.

OLIVEIRA (Goulart de). — Renovação de contrato. Ensaio de direito comparado. Vol. II. (17/24). 401 p. enc. Cr$ 37,00. (6/42). Freitas Bastos.

OLIVEIRA (João Martins de). — Direito fiscal. (17/24). 303 p. enc. Cr$ 30,00. (12/42 — 1943). Jacinto.

OLIVEIRA (Xavier de). — O problema imigratório na América Latina. O sentido político-militar da colonização japonesa nos países do novo mundo. (17/24). 181 p. br. Cr$ 20,00. (2.ª ed. 1/42).
Coelho Branco.

ORCIUOLI (Henrique). — Elementos de direito público e constitucional. (13/19). 190 p. br. Cr$ 10,00. (3/42).
Distr. Z. Valverde.

PALMEIRA (Adelino). — O canto da mosca azul. (13/19). 131 p. br. Cr$ 8,00. (11/42). Distr. Civilização.

PAULA (L. Nogueira de). — Metodologia da economia política. (15/22). 243 p. br. Cr$ 22,00. (2.ª ed. 4/42). Pongetti.

PAVÃO (Ary). — Viagem através do caos... (15/22). 367 p. il. br. Cr$ 25,00. (1.ª e 2.ª ed. 9/42). Z. Valverde.

PEDERNEIRAS (Raul). — Direito internacional compendiado. Bibl. Jurídico-Universitária, 12. (17/24). 375 p. br. Cr$ 30,00. (7.ª ed. 4/42). Coelho Branco.

PEIXOTO (Afranio). — Noções de história da educação. (13/19). 357 p. br. Cr$ 18,00. (3.ª ed. 10/42).
Cia. Ed. Nacional.

PEIXOTO (Cid). — Princípios elementares de direito público constitucional. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 22. (14/20). 151 p. cart. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 2/42). Cia. Ed. Nacional.

PEREIRA (Tardieu). — Pontos de direito constitucional. Pontos para concursos oficiais. Orientação e rev. de A. Tenório D'Albuquerque. (13/19). 77 p. br. Cr$ 4,00. (6/42). Getulio Costa.

PERIGO (O) japonês. — Ensaio publ. no "Jornal do Comércio". (De Abril a Junho de 1942). (13/19). 177 p. 1 mapa, br. Cr$ 8,00. (12/42).
Distr. José Olympio.

PICANÇO (Macario de Lemos). — Constituição e leis constitucionais. (12/16). 133 p. enc. Cr$ 7,00. (2.ª ed. 9/42).
Z. Valverde

PICANÇO (Macario de Lemos). — Da desapropriação. (Anotações ao Dec.-Lei 3.365, de 21-6-1941). (16/22). 113 p. br. Cr$ 12,00. (11/42). Z. Valverde.

PICCHIA FILHO (José Del). — A perícia de documentos. (Noções de documentologia). Pref. Herotides da Silva Lima, Carlos A. de Sampaio Vianna e Jorge Americano. (16/24). 245 p. 165 figs. br. Cr$ 45,00. (7/42). Livr. Élo.

PIMENTA (João da Silva). — Legislação fazendaria e de fazenda. (13/19). 146 p. br. Cr$ 8,00. (10/42).
Getulio Costa.

PINHEIRO (A. S. Pitta). — Coordenação de transporte. (12/21). 67 p. br. Cr$ 10,00. (7/42). Cia. Carioca, Rio.

PINSKER (Leão). — Autoemancipação. Apêlo aos seus irmãos de um judeu russo. Trad. Idel Becker. Com um estudo preliminar: Evolução do Espírito Nacional Judaico, por Idel Becker. (14/22). 168 p. il. br. Cr$ 15,00. (8/42).
Ed. Autor, S. Paulo.

PIRAGIBE (Vicente). — Prontuário de legislação penal em vigor. (17/23). 498 p. enc. Cr$ 40,00. (12/42).
Freitas Bastos.

PIRES (Gudesteu). — Manual das sociedades anônimas. (17/24). 400 p. enc. Cr$ 38,00. (8/42). Freitas Bastos.

PIRES (Pandiá). — Falsos profetas, demagogos vulgares. Pref. Danilo Bastos. (15/23). 127 p. br. Cr$ 10,00. (3/42).
Z. Valverde

PROGRAMA (O) do ensino secundário e sua lei orgânica. Dec.-Lei 4.244, de 9-4-1942. Com um estudo de Jonatas Serrano. (14/21). 54 p. br. Cr$ 4,00. (7/42).
Z. Valverde.

PY (Tenente-Coronel Aurélio da Silva). — A 5.ª coluna no Brasil. A conspiração nazi no Rio Grande do Sul. (16/23). 443 p. il. br. Cr$ 20,00. (1.ª e 2.ª ed. 3/42).
Globo.

QUEIROZ (Octavio Augusto Pereira de). — Código de processo civil nos tribunais e na doutrina. Vol. 1.º, arts. — 1.º a 674. — Vol. 2.º, arts. 675 a 1.052. (17/24). 2 volumes. 393 + 365 p. enc. Cr$ 82,00. (7/42). Livr. Martins.

REINERT (Arnaldo), DIEHL (Walter José). A última lei do sêlo federal. "Como selar". (16/23). 212 p. br. Cr$ 30,00. (11/42). Distr. Coelho Branco.

REZENDE (Tito). — A nova lei do imposto de renda. Bibl. da Rev. Fiscal e de Legislação de Fazenda, 14. (18/27). 157 p. br. Cr$ 20,00. (5/42).
Rev. Fiscal.

REZENDE (Tito), PÉRICLES (Jaime). — Nova lei do sêlo. Dec.-Lei 4.655, de 3 de Setembro de 1942. Bibl. Rev. Fiscal e de Legislação de Fazenda, 15. (19/27). 124 p. br. Cr$ 10,00. (10/42).
Rev. Fiscal.

RIBEIRO (Leonidio). — As modernas legislações penais e a contribuição da antropologia criminal. Réplica ao Sr. Nelson Hungria. (12/18). 77 p. br. Cr$ 5,00. (9/42). Jornal do Comércio.

RIBEIRO (Leonidio). — O novo código penal e a medicina legal. Pref. Demósthenes Madureira de Pinho. (17/24). 365 p. enc. Cr$ 37,00. (4/42).
Jacinto.

ROCHA (Pe. Edgar de Aquino). — Manual de economia política. Col. Dom Bosco, 1. (13/19). 291 p. cart. Cr$ 15,00. (4.ª ed. 3/42). Cia. Ed. Nacional.

RODRIGUES (F. Contreiras). — Conceitos de valor e preço. (Fundamentos para uma ordem democrática-corporativa. (13/19). 784 p. br. Cr$ 30,00. (9/42).
Coed. Brasilica.

RODRIGUES (Marcello Ulysses), PORTO (José Luiz de Almeida). — Imposto do sêlo federal. (Comentários à nova lei). (17/24). 809 p. br. Cr$ 50,00. (11/42).
Ed. Autores, Rio.

RODRIGUES (Milton da Silva). — Iniciação a estatística econômica. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 30. (14/20). 252 p. il. cart. Cr$ 14,00. (2/42).
Cia. Ed. Nacional.

RONDON (General). — Rumo ao Oeste. Conferência. Bibl. Militar. Vol. Avulso (16/23). 67 p. br. Cr$ 2,00. (12/42).
Distr. Z. Valverde.

ROOSEVELT (Franklin D.). — Nossa democracia em ação. Trad. Homero de Castro Jobim. (13/19). 191 p. br. Cr$ 5,00. (3/42). Globo.

ROSA (Alcides). — Noções de direito civil. (15/22). 263 p. enc. Cr$ 20,00. 3.ª ed. 10/42). Z. Valverde.

ROSA (Inocencio Borges da). — Processo penal brasileiro. Vol. I, arts. 1 a 281. (17/24). 515 p. br. Cr$ 40,00. (2/42).

III volume, arts. 424 a 618. (17/24). 539 p. br. Cr$ 40,00. (5/42).

IV volume, arts. 593 a 811. (17/24). 606 p. br. Cr$ 40,00. (7/42). Globo.

SANTOS (J. M. de Carvalho). — Prática do processo civil. (Formulários). 2.º vol. (17/24). 423 p. enc. Cr$ 40,00. (2.ª ed. 8/42). Freitas Bastos.

SANTOS (José Maria dos). — Os republicanos paulistas e a abolição. (16/24). 325 p. br. Cr$ 20,00. (10/42). Livr. Martins.

SANTOS (Theobaldo Miranda). — Filosofia da educação. Os grandes problemas da pedagogia moderna. (16/24). 231 p. br. Cr$ 25 00. (8/42). Ed. Boffoni.

SCHMIDT (Isabel Junqueira). — Orientação educacional. Pref. Lucia Magalhães. Col. Vida e Educação, 3. (14/19). 135 p. br. Cr$ 8,00. (11/42). Globo.

SEGREDOS do Mundo. — Reportagens sensacionais de Peggy HULL, Charles E. HEWITT JUNIOR, Linton WELLS, etc... Trad. Anita Martins de Souza. (17/24). 235 p. br. Cr$ 16,00. (6/42). Ed. Mundo Latino.

SERRANO (Jonathas). — Filosofia do direito. (16/23). 257 p. br. Cr$ 22,00. (3.ª ed. 6/42). Briguiet.

SETTE (Mário). — Brasil, Minha terra ! Leituras cívicas. (14/18). 218 p. il. cart. Cr$ 5,00. (9.ª ed. 4/42). Ed. Melhoramentos.

SILONE (Ignazio). — A escola dos ditadores. Trad. Aristides Lobo. (17/24). 216 p. br. Cr$ 25 00. (12/42). Atena Ed.

SILVA (Oliveira e). — Inovações do novo código penal. (Doutrina. O novo código penal na íntegra). (17/24). 260 p. br. Cr$ 20,00. (3/42). Alba.

SILVA (Oliveira e). — Sentido e conceito da despedida injusta. (13/19). 304 p. br. Cr$ 15,00. (9/42). Coelho Branco.

SINISTRA (A) Aventura de Hitler. (Narrada por êle próprio). Introdução de Raymond Gram Swing. Pref. Raoul de Roussy de Sales. Trad. (16/23). 740 p. br. Cr$ 25,00. (8/42). Ed. Meridiano.

SIQUEIRA (Cônego Antônio Alves de). — Filosofia da Educação. (Subsídios para um curso). (15/22). 456 p. br. Cr$ 20,00. (12/42). Ed. Vozes.

SNEDDEN (David). — Sociologia educacional. I parte. Sociologia geral. Trad. Adolfo Packer. Bibl. Universitária, s. 3.ª, Educação, 7. (14/20). 464 p. enc. Cr$ 24,00. (1941 — 1/42).

II parte, Sociologia educacional propriamente dita. Trad. Adolfo Packer. Bibl. Universitária, s. 3.ª, Educação, 8. (14/20). 619 p. enc. Cr$ 30,00. (1941 — 1/42). Saraiva.

SOUSA (Ferraz de). — Guia prático do imposto sobre a renda. (18/25). 90 p. br. Cr$ 8,00. (4/42). Distr. Z. Valverde.

SOUZA (J. P. Coelho de). — Denúncia. O nazismo nas escolas do Rio Grande. Conferência. (14/19). 118 p. il. br. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 6/42). Ed. Thurmann.

SOUZA (Sebastião de). — Honorários médicos. (17/24). 266 p. enc. Cr$ 25,00. (5/42). Jacinto.

STARLING (Leão Vieira). — Teoria e prática penal. (Segundo os Códigos penal e do processo penal do Brasil). (16/24). 384 p. br. Cr$ 40,00. (9/42). Pap. Brasil, Belo Horizonte.

STEVENSON (João Penteado Erkine). — Prática consular. (Ensaio de direito e legislação consular). (14/19). 178 p. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 2/42). Ed. e Publ. Brasil.

SUSSEKIND (Arnaldo). — Manual da justiça do trabalho. Pref. Joaquim Pimenta. (16/23). 212 p. br. Cr$ 15,00. (2/42). Rev. do Trabalho.

TELLES NETTO (A.). — Como protejer a atividade literária em face da Constituição Brasileira, (12/18). 134 p. br. Cr$ 10,00. (10/42). Coed. Brasilica.

TENÓRIO (Oscar). — Direito internacional privado. (16/21). 418 p. br. Cr$ 35,00. (6/42). Cia. Ed. Nacional.

THYSSEN (Fritz). — Eu financiei Hitler. Trad. Erico Verissimo. Col. Documentos de Nossa Época, 16. (14/20). 335 p. il. br. Cr$ 15,00. (5/42). Globo.

TRIGUEIRO (Oswaldo). — O regime dos estados na União Americana. (17/24). 285 p. br. Cr$ 20,00. (5/42). Distr. Freitas Bastos.

VALLE (Eurico Paulo). — Anotações ao código brasileiro do ar. (16/24). 198 p. br. Cr$ 20,00. (10/42). Coelho Branco.

VARGAS (Getulio). — As diretrizes da nova política do Brasil. (14/23). 349 p. br. Cr$ 20,00. (10/42). José Olympio.

VIEIRA (Machado). — Previdência social. Pref. Helvecio Xavier Lopes. (14/20). 175 p. br. Cr$ 10,00. (10/42). Ed. Panamericana.

VIVACQUA (Attilio). — A nova política do sub-solo e o regime legal das minas. Pref. Pedro Vergara. (17/25). 675 p. br. Cr$ 40,00. (9/42). Ed. Panamericana.

WALLACE (Henry A.). — O preço da liberdade. Prof. David Cushman Coyle. Trad. Moacir N. Vasconcelos. Apres. de Jorge Americano. (13/19). 85 p. br. Cr$ 5,00. (6/42). Ed. Universitária.

WHITAKER (José Maria). — Letra de câmbio. Decreto 2.044, de 31-12-1908. (17/24). 353 p. enc. Cr$ 48,00. (3.ª ed. 1/42). Saraiva.

XAVIER (Carlos). — Dos crimes contra o patrimônio. Arts. 155-207. Tratado do direito penal, vol. VII. Dir. Oscar Tenório. (17/24)). 315 p. enc. Cr$ 35,00. (5/42). Jacinto.

ZIEMER (Gregor). — Educando para a morte. (Aspectos da educação nazista). Trad. Ana Mauricio de Medeiros. (17/24). 217 p. br. Cr$ 25,00. (9/42). Calvino.

ZISCHKA (Anton). — A ciência quebra monopólios. Trad. Marina Guaspari. Rev. da parte técnica por Bernardo Geisel. Col. Documentos de Nossa Época, 8. (14/20). 270 p. il. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 2/42). Globo.

3 - 6) EXÉRCITO — MARINHA — AERONÁUTICA

ARAGÃO (Cap. José Campos de). — Topografia do sargento. (14/19). 207 p. br. Cr$ 12,00. (2/42). Ed. e Publ. Brasil.

BARBOSA (General Raymundo). — O exército na batalha naval do Riachuelo. Bibl. Militar, vol. avulso. (17/24). 33 p. il. br. Cr$ 2,00. (1941 — 3/42). Distr. Z. Valverde.

BAXTER (Errol). — "Comandos" soldados da liberdade. Trad. Dagoberto Viana Sob., Cod. Horas do Século, 1. (14/19). 157 p. il. br. Cr$ 12,00. (11/42). Ed. Thurmann.

BIBLIOTÉCA Enciclopédica Militar. Legislação Militar. — Granada de mão e de fuzil. Nomenclatura e instruções gerais de emprêgo. (12/16). 41 p. 4 mapas br. Cr$ 3,00. (8/42).

Regulamento disciplinar do exército. (12/16). 72 p. 2 pranchas, br. Cr$ 4,00. (12/42).

N.º 5. Regulamento para os exercícios de combate da infantaria. 2.ª parte. (12/16). 311 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 10,00. (10/42).

N.º 6. Regulamento provisório de tiro de armas portáteis. (R. T. A. P.). II parte. (12/16). 51 p. br. Cr$ 3,50. (10/42).

N.º 19. Regulamento para o serviço em campanha. (12/16). 378 p. il. br. Cr$ 10,00. (6/42).

N.º 79. Regulamento para instrução dos quadros e da tropa. (R. I. Q. T.). (12/16). 183 p. br. Cr$ 6,00. (10/42).

N.º 123. Estatuto dos militares. (12/16). 74 p. br. Cr$ 3,00. (12/42). Ed. e Publ. Brasil.

BOITEUX (Henrique). — Santa Catarina no Exército. Bibl. Militar, 51-52. (17/24). 2 vols. 485 + 509 p. il. br. Cr$ 20,00. (3/42). Distr. Z. Valverde.

CASTRO (Afonso de Moura). — Defesa passiva no Brasil. (17/24). 63 p. il. br. Cr$ 7,00. (6/42). Distr. Casa do Estudante.

COMPANHIA Anti-carros do regimento de infantaria. (Traduzido do Infantry Field Manual). Trad. Cap. Fernando Soter da Silveira. (14/19). 43 p. il. br. Cr$ 2,00. (11/42). Gr. Pimenta de Mello.

CORONA (Cap. Evandro C. Del). — Manual de topografia militar. (17/24). 161 p. 4 pranchas, il. br. Cr$ 16,00. (3.ª ed. 10/42). Gr. Guarani.

DERVIEU (Cl.). — A concepção da vitória entre os grandes generais. Trad. Cap. Frederico Carneiro Monteiro. Pref. Tasso Fragoso. (16/23). 215 p. il. br. Cr$ 20,00. (12/42). **H. Velho.**

FALA A RAF. — Seus heróis falam de si mesmo. Pref. Visconde de Trenchard. Marechal da RAF). Trad. Alvaro Cavalcanti. (13/19). 323 p. br. Cr$ 15,00. (7/42). **Americ.—Edit.**

FERRAZ FILHO (Cap. Lindolpho), FORTES (Cap. Breno Borges. — Artilharia. O tiro de grupo nas intervenções rápidas. Bibl. de "A Defesa Nacional, separata n.º 55. (16/24). 36 p. 3 pranchas, il. Cr$ 6 00. (12/42). **Leuzinger, Rio.**

FLEURY (Jean-Gérard). — La ligne de Mermoz, Guillaumet, Saint-Exupéry. (14/19). 335 p. br. Cr$ 25,00. (12/42). **Atlântica Ed.**

FORTES (Amyr Borges). — Memento do artilheiro. Bibl. de A Defesa Nacional. (14/18). 128 p. 10 pranchas, enc. Cr$ 10,00. (6/42). **Pap. Velho.**

FRANCO (Afonso Arinos de Melo). — Um soldado do reino e do império. (Vida do Marechal Calado). Bibl. Militar, 50. (17/24). 148 p. il. br. Cr$ 6,50. (2/42). **Distr. Z. Valverde.**

GOMES (Cap. Moacyr Fayão de Abreu). — O livro da juventude. Manual de Instrução pré-militar. (14/19). 238 p. il. Cart. Cr$ 15,00. (9/42). **Z. Valverde.**

JACQUES (Alfredo). — Moral militar. Ensaio. Pref. Coronel João Pereira. (14/20). 180 p. br. Cr$ 10,00. (5/42). **Globo.**

LISBOA (Tupy da Silva). — Compêndio de marinharia. (17/24). 261 p. il. br. Cr$ 15,00. (7/42). **Magalhães, Correard, Rio.**

M. (René). — La guerre trop courte. Carnet d'un combattant. (12/19). 225 p. br. Cr$ 18,00. (9/42). **Americ — Edit.**

MINISTÉRIO da Guerra. — N.º 114. Regulamento para as escolas preparatórias. (16/23). 37 p. br. Cr$ 3,00. (12/42).

N.º 123. Estatuto dos militares. (16/23). 35 p. br. Cr$ 2,00. (12/42). **Imp. Militar.**

OLIVEIRA (Ernestino de). — Gazes de combate. (Meios de proteção e tratamento). Pref. Gen. Dr. Alvaro Tourinho. Bibl. Militar, 54-55. (17/23). 307 p. 2 pranchas, il. br. Cr$ 13,00. (7/42). **Distr. Z. Valverde.**

PEREIRA (Coronel Orozimbo Martins). — Alerta! Catecismo da defesa passiva civil anti-aérea. Publ. Imprensa Nacional. Divulgação, 142. (17/24). 256 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 10,00. (6/42). **Distr. Coelho Branco.**

POLIAKOV (Alexander). — Os russos não se rendem Pref. Pierre Van Paassen. Trad. Augusto Rodrigues e George Reizman. (16/23). 156 p. il. br. Cr$ 15,00. (12/42-1943). **Ed. Pan-Americana.**

POUMEYROL (Capitão). — A educação moral do soldado. (Ensaio). Conselhos práticos a um jovem oficial. Pref. Cel. Molinié. Trad. Cap. Frederico Trotta. Pref. Gen. Meira de Vasconcelos. (13/19). 163 p. br. Cr$ 7,00. (7/42). **Ed. Século XX.**

SANTOS (Evandro). — Navegação estimada. (16/23). 245 p. 195 figs. fora texto, br. Cr$ 35,00, 3.ª ed. 7/42). **Jornal Comércio.**

SILVA (Major Alcibiades Tamoyo da), MENEZES (Cap. Amilcar Dutra de). — Guia para o comandante do pelotão de fuzileiros. 1.ª parte. (Ofensiva). (17/24). 165 p. br. Cr$ 9,00. (5/42). **Of. Gr. A Noite.**

STRACHEY (John). — Posto D — Experiência de um guarda da brigada anti-aérea de Londres. Trad. Coelho de Abreu. (13/19). 211 p. br. Cr$ 13,00. (6/42). **Americ-Edit.**

TAVARES (Major A. Lyra). — História da arma de engenharia. Pref. Augusto Tasso Fragoso. Bibl. Militar, 56. (17/24). 195 p. 5 mapas, br. Cr$ 6,50. (8/42). **Distr. Z. Valverde.**

UZÊDA (Cap. Olivio Gondim de). — Curso de topografia militar. Pref. Cel. Henrique Baptista Teixeira Lott. (17/24). 502 p. il. br. Cr$ 25,00. (6/42). **Pap. Velho.**

VASCONCELOS (General Manoel Meira de). — Brasil, potência militar. (15/22). 190 p. br. Cr$ 25,00. (8/42). **Z. Valverde.**

ZESKA (Major Von). — O exército alemão. Trad. Ten. Cel. Leony de Oliveira Machado. Pref. Gal. Mal. Von Brauchitsch e Gen. Góes Monteiro. (16/23). 231 p. 58 figs. br. Cr$ 25,00. (3/42). **Distr. Ed. Século XX.**

4-8) LETRAS

A) Filologia (Generalidades — Ensino de linguas)

ABREU (Modesto de). — Admissão 1, Português.. (12/18). 153 p. il. cart. Cr$ 7,00. (3/42). **Pongetti.**

ABREU (Modesto de). — Idioma pátrio. 1.ª série, Seleta, Gramática, Exercicios. (14/20). 171 p. cart. Cr$ 7,00. (3.ª ed. 2/42). **Cia. Ed. Nacional.**

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — Correção de frases. (13/19). 119 p. br. Cr$ 7,00. (10/42). **Getulio Costa.**

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — Pontos de português. Pontos para concursos oficiais. (13/19). 152 p. br. Cr$ 7,00. (8/42). **Getulio Costa.**

ALEM (Neif Antonio). — An outline english literature. Direct method. (14/19). 207 p. cart. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 3/42). **Ed. Melhoramentos.**

ALEM (Neif Antonio), BIANCHINI (Dulce de Moraes). — Le français appris sans peine. Méthode directe. 2.e année. (14/19). 184 p. cart. Cr$ 6,00. (3.ª ed. 3/42). **Ed. Melhoramentos.**

ALEM (Neif Antonio), BIANCHINI (Dulce de Moraes). — Précis de littérature française (13/19). 188 p. il. cart. Cr$ 8,00. (2.ª ed. 9/42). Ed Melhoramentos.

ALI (M. Said), PLOETZ (Carlos). — Primeiras noções de gramática francesa. (15/21). 190 p. cart. Cr$ 7,00. (26.ª ed. 1941-1/42). Livr. Alves.

ALMEIDA (Napoleão Mendes de). — Noções fundamentais da lingua latina. (14/19). 210 p. cart. Cr$ 10,00. (12/42). Distr. Saraiva.

ALMEIDA (Napoleão Mendes de). — Ortografia oficial. — Dec.-Lei 292 de 1938. (14/19). 131 p. br. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 10/42). Saraiva.

ALVES (Achilles). — Breves noções de português. (14/19). 195 p. cart. Cr$ 10,00. (11/42). Jacinto.

ARCANCHY (Alcides d'). — Balípodo. 1.ª parte. (16/23). 114 p. br. Cr$ 5,00. (7/42). Imp. Nacional.

ARMSTRONG (Charles W.). — A conversação inglesa. (14/19). 159 p. br. Cr$ 8,00. (6.ª ed. 5/42). Z. Valverde.

AUGÉ (Claude). — Grammaire. Cours élémentaire. Livre de l'élève. (12/18). 192 p. 180 figs. cart. Cr$ 8,00. (Nova ed. 4/42). — Cours moyen. Livre de l'élève. (12/18). 288 p. 240 figs. cart. Cr$ 10,00. (Nova ed. 4/42). Globo.

ÁVILA (Antônio D'). — Guia do estudante. Preparatórios para admissão ao curso normal. Português. (16/23). 288 p. br. Cr$ 12 00. (2.ª ed. 1941-1/42). Saraiva.

AZEVEDO (A. da Silva D'). — Verbos latinos. (13/19). 34 p. br. Cr$ 5,00. (7/42). Ed. Anchieta.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — Cartilha analitica. (15/22). 104 p. il. cart. Cr$ 2,80. (50.ª ed. 6/42). Livr. Alves.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — Cartilha das mães. (15/20). 63 p. il. cart. Cr$ 2,00. (54.ª ed. 6/42). Livr. Alves.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — Vários estilos. Seleta. (14/21). 296 p. il. cart. Cr$ 8,00. (12.ª ed. 9/42). Ed. Melhoramentos.

BERGO (Vittorio). — Erros e dúvidas de linguagem. Dispostos em ordem alfabética. (17/24). 273 p. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 5/42). Freitas Bastos.

BETHELL (Hubert Coventry). — The english gymnasial grammar. (17/24). 368 p. cart. Cr$ 22,00. (Nova ed. 1/42). Gr. Minas, B. Horizonte.

BILAC (Olavo), BOMFIM (Manoel). — Prática da lingua portuguesa. Livro de Leitura. (Para o curso de admissão ao ginásio). (13/19). 277 p. cart. Cr$ 9,00. (57.ª ed. 9/42). Livr. Alves.

BINNS (Harold Howard). — King's english. 2.ª série ginasial. (14/20). 164 p. crt. Cr$ 10,00. (5.ª ed. 2/42) + (6.ª ed. 11/42). — 3.ª série ginasial. (14/20). 210 p. cart. Cr$ 12,00. (5.ª ed. 10/42). Cia. Ed. Nacional.

BINNS (Harold Howard). — Lições de inglês. (Para o curso comercial). 1.º ano. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 36. (14/20). 179 p. cart. Cr$ 10 00. (7.ª ed. 1/42). Cia. Ed. Nacional.

BON (Anne-Marie). — La langue française et son destin dans le monde. (14/21). 40 p. br. Cr$ 6,00. (12/42). Atlântica Ed.

BRAGA (Erasmo). — Leitura I. Para o 2.º ano escolar. Pref. Lourenço Filho. (14/18). 193 p. il. cart. Cr$ 3,00. (153.ª ed. 9/42). — II. 3.º ano escolar. (14/18). 223 p. il. cart.... Cr$ 3,50 (115.ª ed. 9/42). — III. 4.º ano escolar. (14/18). 265 p. il cart. Cr$ 4,50 (74.ª ed. 9/42)). Ed. Melhoramentos.

BRANDÃO (Cláudio). — Antologia contemporânea. (13/19. 496 p. cart. Cr$ 13,00. (12.ª ed. 12/42). Liv. Alves.

BRUNO (Anibal). — Lingua portuguesa. 1.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 8. (13/20). 250 p. cart. Cr$ 12,00. (10.ª ed. 4/42). Cia. Ed. Nacional.

BUENO (Francisco Silveira). — Páginas floridas, 1.ª série. (14/20). 323 p. cart. Cr$ 12,00. (7.ª ed. 3/42). — 2.ª série. (14/20). 365 p. cart. Cr$ 12,00. (6.ª ed. 3/42). Saraiva.

BUENO (Silveira). — Antologia arcaica. (14/20). 338 p. cart. Cr$ 20,00. (1941-10/42). Saraiva.

CARVALHO (F. Curio de). — Linguagem e redação oficial. (16/23). 132 p. br Cr$ 12,00. (2/42). Distr. José Olympio.

CARVALHO (José Mesquita de). — Lições práticas sôbre a lingua nacional. (13-19). 93 p. cart. Cr$ 5 00. (6/42). Globo.

CARVALHO (Stella Brant de). — O amigo da infância. Cartilha (13/19). 63 p. (Anexo: 39 pranchas). il. br. Cr$ 4,50. (14.ª ed. 11/42). Cia. Ed. Nacional.

CINTRA (Geraldo de Ulhôa). — Gramática da lingua grega. Prólogo de Mons. Jo é Procópio de Magalhães. (177/24). 119 p. cart. Cr$ 18 00. (10/42). Civilização.

COSTA (Nelson). — Terceiro Livro de Leituras brasileiras. Il. J. Sena. (13/19). 192 p. cart. Cr$ 5,00. (3.ª ed. 6-42). Livr. Alves.

CRUZ (Estevão). — Antologia da lingua portuguesa para uso dos alunos das cinco séries do curso de português. Refundido e rev. por Alvaro de Magalhães. (14/19). 1206 p. il. cart. Cr$ 24,00. (5.ª ed. 3/42). Globo.

DUPONT (Margaret). — John's Book. A second book for children. (14/19). 157 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/42). Pongetti.

DUPONT (Margaret). — Toto et son maitre. (Leçons enfantines). (14/19). 110 p. il. cart. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 5/42). Pongetti.

FARIA (Ernesto). — O latim pelos textos. (Trechos escolhidos, anotados e graduados para o estudo do latim). (14/19). 408 p. il. cart. Cr$ 18,00 (4.ª ed. 7/42). — Suplemento. Publilio Siro. (14/18). 15 p. br. Cr$ 2,00. (9/42). Briguiet.

FLEURY (Luiz Gonzaga). — Meninice. 1.º grau. (13/20). 96 p. il. cart. Cr$ 3.50. (5.ª ed. 11/42) — 2.º grau. (14/20). 126 p. il. cart. Cr$ 3,50. (24.ª ed. 12/42). — 4.º grau. (14/20). 180 p. il. cart. Cr$ 5,50. (8.ª ed. 10/42). Cia. Ed. Nacional.

FLEURY (Renato Sêneca). — Série pátria brasileira. Leitura I. (14/19). 113 p. il. cart. Cr$ 3,00. (1/42). **Ed. Melhoramentos.**

FLEURY (Renato Sêneca). — Vamos ler? 4.º grau primário. (14/20). 195 p. il. cart...... Cr$ 5,50. (10/42). **Cia. Ed. Nacional.**

FONSECA (Orlando), MORAIS (Domingos de Vilhena). — Língua latina. Gramática para 1.ª e 2.ª séries do ginásio. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 111. (14/20). 170 p. cart. Cr$ 10,00. (11/42). **Cia. Ed. Nacional.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Brasileirinho. 3.º ano, Série Pindorama. (13/19). 190 p. il. cart. Cr$ 6,00. (5.ª ed. 6/42). **Livr. Alves.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Ilha do sol. Leitura 2.º ano primário. Série Pindorama. (13/19). 108 p. il. cart. Cr$ 4,50. (14.ª ed. 6/42). **Livr. Alves.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Pindorama, terra das palmeiras. 4.º e 5.º anos. (14/19). 254 p. cart. Cr$ 8,00. (9.ª ed. 6/42). **Livr. Alves.**

FORTES (Didia Machado), PINTO (Diva Alvares), HULL (Melissa Stodart), FRANCO (Christiano Augusto), SERPA (Oswaldo), REIS (Otelo de Sousa). — English direct method. First book. Série Didática Brasileira. (12/18). 152 p. cart. Cr$ 9,00. (12.ª ed. 4/42). — CADERNO. Gravuras e vocabulário. (26/18). 24 p. br. Cr$ 2,00. (7.ª ed. 6/42). **J. R. de Oliveira.**

FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de gramática portuguesa. Exame de admissão. (12/16). 156 p. cart. Cr$ 5,00. (18.ª ed. 6/42 + (19.ª ed. 10/42). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Paulo de). — O nosso idioma. Antologia e gramática aplicada. 1.ª parte. Morfologia B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 51. (14/20). 250 p. il cart. Cr$ 12,00. (12.ª ed 2/42). **Cia Ed. Nacional.**

GALHARDO (Thomaz). — Cartilha da infância. Ensino da leitura. (14/20). 60 p. il. cart. Cr$ 1,20. (150.ª ed. 6/42). **Livr. Alves.**

GALLO (João Capuso). — Latim ginasial. 1.º ano ginasial. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 179 p. cart. Cr$ 10,00. (11/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

Góis (Carlos), MARTINS (Mario R.). — Ortografia, ditado, crase, pontuação. (14/19). 290 p. br. Cr$ 8,00. (3/42). **Distr. Livr. Alves.**

GONÇALVES (Maximiano Augusto). — Caderno para conjugação de verbos latinos. (16/23). 64 p. br. Cr$ 4,00. (9/42). **Ed. Inquérito.**

GONÇALVES (Maximiano Augusto). — Elementos para um tratado de análise. (Léxica sintática). (14/20). 119 p. br. Cr$ 9,00. (2/42). **Irmãos Di Giorgio, Rio.**

GONÇALVES (Maximiano Augusto). — Fábulas de Pedro. Texto latino, trad. juxtalinear. Trad. literária, anotações. (14/19). 160 p. br. Cr$ 15,00. 3.ª ed. 6/42). **Antunes.**

HORNER (A. Musgrave). — Artistic english speech. Trad. Lucilia Barbosa Simonsen. (14/20). 183 p. cart. Cr$ 13,00. (8/42). **Livr. Martins.**

HORTA (Brant). — Seleta da infância. (13/19). 170 p. il. cart. Cr$ 4,50. (8.ª ed. 4/42). **J. R. de Oliveira.**

HORTA (Brant). — A verdade. 2.º livro de leitura. (13/19). 143 p. il. cart. Cr$ 3,50. (4.ª ed. 6/42). **J. R. de Oliveira.**

HUET (Maurice). — 200 Verbos franceses irregulares, impessoais e defectivos. (12/16). 171 p. br. Cr$ 3,00. (2.ª ed. 5/42). **Livr. Alves.**

JACOBINA (Blanche Thiry). — Grammaire française e grammaire comparée. (16/23). 232 p. cart. Cr$ 22,00. (7/42). **Ed. Autora, Rio.**

JAQUIER (Louise), MUNZINGER (Marie). — Méthode directe de français, lère année. Dessins de Marie Munzinger. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 90. 238 p. cart. Cr$ 12,00. (4.ª ed. 4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

JAQUIER (Louise). — Français. 3ème année. Dessins de Marie Munzinger. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 103. (14/20). 187 p. cart. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 3/42). — 4ème année. Littérature. XVIIIe e XIXe siècles. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 108. (14/20). 322 p. il. cart. Cr$ 15,00. (1/42). **Cia. Ed. Nacional.**

LANTEUIL (Henri de). — Deuxième cours de grammaire. (14/20). 210 p. cart. Cr$ 8,00. (2/42). **Livr. Ed. Odeon.**

LANTEUIL (Henri de). — Mon premier livre. Méthode inductive. I.F. Acquarone. (13/18). 237 p. cart. Cr$ 8,00. (7.ª ed. 8/42). **Livr. Alves.**

LANTEUIL (Henri de). — Nouvelle anthologie d'auteurs français du XVIIIe et XIXe siècles et de l'époque contemporaine. (14/19). 344 p. il. cart. Cr$ 15,00. (6.ª ed. 11/42). **Livr. Alves.**

LANTEUIL (Henri de). — Premier cours de grammaire. (14/20). 149 p. cart. Cr$ 6,00. (2/42). **Livr. Ed. Odeon.**

LEITE (J. F. Marques). — Elementos de grego. 1.ª secção, Fonética. (13/18). 22 p. br. Cr$ 7,00. (11/42). — 2.ª secção, A declinação. (13/18). 98 p. il. br. Cr$ 11,00. (11/42). **Irmãos Di Giorgio, Rio.**

LIEUTAUD (Casimir). — Tratado completo da conjugação dos verbos franceses regulares e irregulares. (14/20). 240 p. cart. Cr$ 12,00. (Nova ed. 9/42). **Cia. Ed. Nacional.**

LIMA (Hildebrando de). — Nosso Brasil. Para o 2.º ano primário. (13/20). 165 p. il. cart. Cr$ 5,00. (34.ª ed. 8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBO (Haddock). — Francês para a 1.ª série do curso ginasial. Col. Didática Nacional. Série Ginasial. (14/19). 129 p. cart. Cr$ 10,00. (11/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

LODEIRO (José). — Traduções dos textos latinos. (15/22). — 259 p. cart. Cr$ 16,00. (8/42). **Globo.**

LOURENÇO FILHO (Manuel Bergstrom). — Cartilha do povo, para ensinar ràpidamente. (14/19). 48 p. il. cart. Cr$ 1,00. (196.ª ed. 7/42). **Ed. Melhoramentos.**

MACHADO FILHO (Aires da Mata). — Ortografia oficial. (14/19). 119 p. br. Cr$ 7,00. (3.ª ed. 1/42). **Livr. Alves.**

MAIA (Fausto). — A redação oficial nos concursos do DASP. (14/19). 87 p. br. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 4/42). Freitas Bastos.

MARTINS (Deolinda de Almeida), SILVA (Elvira Nizynska), SALDANHA (Octavia). — Minha leitura. Livro do aluno. (15/20). 101 p. cart. Cr$ 3,50. (9.ª ed. 6/42). Livr. Alves.

MARTINS (Mário R.). — Estudo sistemático dos verbos portugueses. (16/23). 204 p. cart. Cr$ 15,00. (7/42). Coed Brasilica.

MELO (Paulo de). — Lições práticas de português. (13/18). 95 p. br. Cr$ 5,00. (1941-10/42). Ed. e Publ. Brasil.

MORAES (João Barbosa de). — Leitura amena. 1.ª série primária. Il. de Acquarone. (14/19). 134 p. cart. Cr$ 3,50. (Nova ed 3/42). — 2.ª série primária. Il. J. Machado. (13/19). 190 p. cart. Cr$ 4,00. (8/42). — 3.ª série primária. (14/19). 196 p. cart. Cr$ 5,00. (1941-1/42). — 4.ª série primária. (14/19). 260 p. cart. Cr$ 5,50. (1941-1/42). Jacinto.

MORAES (João Barbosa de). — Para vocês. Leitura para as últimas classes primárias e 1.º ano secundário. Il. de Jonathas. (14/19). 288 p. cart. Cr$ 8,50. (Nova ed. 4/42). Jacinto.

MORAIS (Antonieta Pantoja Mendes de). — Cartilha prática. (14/20). 139 p. il. cart. Cr$ 4,00. (7.ª ed. 1941-1/42). Cia. Ed. Nacional.

MORAIS (Orlando Mendes de). — Textos escolhidos. 1.ª série. (14/19). 208 p. cart. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 6/42). — 2.ª série. (14/19). 235 p. cart. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 6/42). Livr. Alves.

MORAIS (Teodoro de). — Sei ler. 1.º livro de leitura. (14/20). 162 p. il. cart. Cr$ 4,50 (42.ª ed. 12/42). Cia. Ed Nacional.

NASCENTES (Antenor). — O idioma nacional. Vol. II. (13/20). 169 p. il. cart. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 3/42). — Vol. III. (13/20). 163 p. cart. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 3/42). — Vol. IV. (13/20). 218 p. cart. Cr$ 10,00. (3.ª ed. 3/42). Cia. Ed. Nacional

NASCENTES (Antenor). — Método prático de análise lógica. Pref. Fausto Barreto (13/18). 76 p. br. Cr$ 2,50. (12.ª ed. 6/42). Livr. Alves.

NOGUEIRA (Julio). — Programa de português. 5.ª série secundária. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 110 (14/20). 287 p. cart. Cr$ 14,00. (2/42). Cia. Ed. Nacional.

NUNES (José de Sá). — Língua vernácula. Gramática e antologia. 3.ª série. (14/19). 485 p. cart. Cr$ 10,00. (3.ª ed. 1941-1/42). Globo.

OITICICA (José) — Manual de análise. (Léxica e sintática). (13/19). 290 p. cart. Cr$ 12,00. 6.ª ed. 6/42). Livr. Alves.

OLIVEIRA (Alaíde Lisboa) — Cirandinha. (Leitura intermediária). Il. de Monsã. (14/20). 88 p. cart. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 11/42). Livr. Alves.

PALHA O. P. (Frei Luiz). — Ensaio de gramática e vocabulário da língua Karajá. Falada pelos índios Remeiros do Rio Araguaia. (16/23). 42 p. br. Cr$ 10,00. (6/42). Gr. Olímpica.

PEDROZA (Conego Alfredo Xavier). — Lições de latim. Bibl. Pio XI, vol. 5.ª. (14/19). 215 p. il. cart. Cr$ 13,00. (3.ª ed. 5/42). Livr. Universal.

PENNELL (Mary E.), CUSSACK (Alice M.). — Como se ensina a leitura. Trad. Anadyr Coelho. Col. Vida e Educação, 2. (14/19). 277 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 10/42). Globo.

PEREIRA (Ambrosina Rodrigues). — Cartilha para o ensino simultâneo da leitura e da escrita. (14/19). 112 p. il. cart. Cr$ 3,50. (31.ª ed. 3/42). Livr. Alves.

PEREIRA (Eduardo Carlos). — Gramática expositiva. Curso superior. Adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 5. (14/20). 416 p. cart. Cr$ .5,00. (59.ª ed. 6/42). Cia. Ed. Nacional.

PETER (José Ladislau). — Gramática latina. Remodelada, rev. e aumentada por Marques da Cruz. (14/19). 302 p. cart. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 5/42). Ed. Melhoramentos

POWER (Mary). — 75 Aulas práticas da língua inglesa. Pref. Francisco Venancio Filho. (16/23). 167 p. br. Cr$ 12,00 (5.ª ed. 11/42). Alba.

RABELO (Célia). — Cartilha de Vivi e Vavá. Il. de Buth. (14/21). 141 p. cart. Cr$ 4,50. 8.ª ed. 7/42). Cia. Ed. Nacional.

RAGON (Émile). — Primeiros Exercícios de latim. Trad. Mário Bachelet. Col. de Didáticos — F. T. D. (12/18). 320 p. cart. Cr$ 10,00. (Nova ed. 6/42).
Livr. Alves.

RAPOSO (M.). — Árvore de gramática. 20 lições em mapas auxiliares. (37/26). 20 mapas, br. Cr$ 30,00. (5/42).
Ed. Autor, Rio.

REIMANN (Louise), CINTRA (Geraldo de Ulhôa). — Verbos franceses. (13/19). 100 p. br. Cr$ 4,00. (2/42). Ed. Anchieta.

REIS (Morel Marcondes). — Contos brasileiros. Leitura para o 1.º grau primário. (14/19). 124 p. il. cart. Cr$ 4,50. (4.ª ed. 11/42). — 2.º grau primário. (14/19). 147 p. il. cart. Cr$ 5,00. (5.ª ed. 11/42).
Livr. Alves.

REIS (Otelo). — Breviário da conjugação dos verbos da língua portuguesa. (11/16). 195 p. cart. Cr$ 5,00. (14.ª ed. 7/42).
Livr. Alves.

RIALVA (Rita Amil de). — O Clube dos Sete Amigos. Leitura para o 3.º ano primário. (14/19). 144 p. il. cart. Cr$ 6,00. (3.ª ed. 7/42). Briguiet.

RIALVA (Rita Amil de). — Na fazenda de Santa Margarida. Leitura 5.º ano primário. (14/19). 190 p. il. cart. Cr$ 7,00. (2.ª ed. 4/42). Briguiet.

RIALVA (Rita Amil de). — Luizinha aos oito anos. Leitura para o 2.º ano. (14/19). 126 p. il. cart. Cr$ 5,50. (3.ª ed. 3/42).
Briguiet.

RIALVA (Rita Amil de). — De Março a Dezembro... Leitura para o 4.º ano primário. (14/19). 192 p. il. cart. Cr$ 6,50. (3.ª ed. 3/42). Briguiet.

RICCHETTI (Henrique). — Infância. 3.º livro. Série Olavo Bilac (14/20). 173 p. il. cart. Cr$ 5,50. (2.ª ed. 10/42). — 4.º livro. 4.º grau. Série Olavo Bilac. (13/20). 197 p. il. cart. Cr$ 5,50.
Cia. Ed. Nacional.

ROMEIRO (Nelson). — Pronúncia do latim. (16/23). 180 p. br. Cr$ 20,00. (11/42).
Imp. Nacional.

SANTOS (Máximo de Moura), AZEVEDO (Francisco Lopes). — O bom ginasiano. 1.ª série. (14/19). 212 p. il. cart. Cr$ 8,00. (6/42). — 2.ª série. (14/19). 216 p. il. cart. Cr$ 8,00. (2/42). — 3.ª série. (14-19). 248 p. cart. Cr$ 8,00. (6/42).
Livr. Alves.

SCHMIDT (Maria Junqueira). — Cours de français. Première année. Il. J. U. Campos. (16/22). 109 p. cart. Cr$ 15,00. (12/42). Cia. Ed. Nacional.

SCHORSKE (George). — The new applied english grammar. 1.º tômo. (17/24). 484 p. cart. Cr$ 25,00. (4/42). — 2.º tômo (17/24). 253 p. il. cart. Cr$ 15,00. (4/42).
Globo.

SERPA (Oswaldo). — Key to "Portuguesa for foreigners". The brazilian tongue, first volume. "Português para estrangeiros". Linguagem Brasileira. 1.º vol. (17/24). 60 p. br. Cr$ 12,00. (12/42-1943).
Livr. Alves.

SILVA (A. M. de Sousa e). — Preceituário da ortografia oficial. (13/19). 140 p. cart. Cr$ 7,00. (2.ª ed. 11/42). A Noite.

SILVA (Lima e). — Cartilha progressiva, (Moderna) ou Primeiro Livro. (14/19). 67 p. il. cart. Cr$ 1,80. (33.ª ed. 11/42).
Livr. Alves.

SILVA NETO (Serafim). — Manual de gramática histórica portuguesa. 4.º ano. (14/20). 142 p. il. cart. Cr$ 8,00. (5/42).
Cia. Ed. Nacional.

SILVEIRA (Álvaro Ferdinando de Sousa da). — Trechos seletos. B.P.B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 87. (14/20). 469 p. cart. Cr$ 16,00. (5.ª ed. 12/42).
Cia. Ed. Nacional.

TABORDA (Radagasio). — Crestomatia. Excertos escolhidos em prosa e verso. (14/19). 424 p. il. cart. Cr$ 10,00. (14.ª ed. 3/42). Globo

TOCHTROP (Leonardo). — Método de português. Portuguesisch für Deustsch Sprechende. (15/22). 154 p. cart. Cr$ 15,00. (12/42). Globo.

TÖPKER (Hermine Weise). — A língua portuguesa para estrangeiros. Com vocabulário: Português-Alemão-Inglês-Francês (13/19). 342 p. cart. Cr$ 16,00. (4/42).
Ed. Melhoramentos.

VIANA (Francisco Furtado Mendes). — Leituras infantis. Cartilha. (15/21). 72 p. il. cart. Cr$ 3,50. (43.ª ed. 6/42).
Livr. Alves.

VIANA (Francisco Furtado Mendes). — Primeiros Passos na leitura. (13/20). 74 p. il. cart. Cr$ 2,50. (38.ª ed. 6/42).
Livr. Alves.

WERNECK (Eug.). — Antologia brasileira. (13/19). 484 p. cart. Cr$ 9,00. (22.ª ed. 4/43). Livr. Alves.

4-8 LETRAS

B) LITERATURA.

B. 1) Generalidades — História literária — Ensaios — Crítica — Cartas — Crônicas.

ALMEIDA (Fialho de). — Os gatos. Seleção e pref. de José Lins do Rego. Col. Clássicos e Contemporaneos, 6. (14/22). 333 p. br. Cr$ 18,00. (12/42).
Livros de Portugal.

ALMEIDA (Joaquim Felismino de). — Preceptores da humanidade (14/19). 146 p. br. Cr$ 10,00. (8/42). Pap. Velho, Rio.

ARANHA (Graça). — Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores. Obras Completas, 4. (13/19). 271 p. br. Cr$ 16,00. (8/42). Briguiet.

ASSIS (Machado de). — Ressurreição. Obras Completas, I. (14/20). 221 p. br. Cr$ 15,00. (Nova ed. 12/42). W. M. Jackson.

AURÉLIO (Marco—). — Pensamentos. Trad. Haydée Paraguassú. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, "Os Mestre do Pensamento", 12. (11/18). 183 p. br. Cr$ 15,00. (5/42). **Ed. Cultura.**

BANDEIRA (Manuel). — Noções de história das literaturas. Bibl. Espirito Moderno, s. 3.ª, Literatura, 3. (15/22). 385 p. br. Cr$ 18,00. (Nova ed. 11/42). **Cia Ed. Nacional.**

BARBOSA (A. Rolmes). — Escritores Norte-Americanos e outros. (14/20). 275 p. br. Cr$ 15,00 (12/42-1943) **Globo.**

BARBOSA (Francisco de Assis), SILVEIRA (Joel). — Os homens não falam de mais... Col. Contemporânea. (13/19). 279 p. br. Cr$ 12,00. (9/42). **Alba.**

BYRON. — Obras. O sonho, Child Harold, O corsário, Manfredo, Os amores de Juan. Varios tradutores. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 23. (11/18). 407 p. br. Cr$ 25,00 (11/42). **Ed. Cultura.**

CARPEAUX (Otto Maria). — A cinza do purgatório. Ensaios. (13/20). 358 p. br. Cr$ 12,00. (12/42). **Casa Estudante.**

CICERO. — Obras. Trad. P. Antonio Joaquim. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 14. (11/18). 451 p. br. Cr$ 20,00 (5/42). **Ed. Cultura.**

COELHO (Latino). — Elogio histórico de José Bonifácio de Andrada e Silva, e carta autobiográfica de Latino Coelho. Pref. Afrânio Peixoto. Col. Clássicos e Contemporâneos, 2. (15/22). 255 p. il. br. Cr$ 16,00. (7/42). **Livros de Portugal.**

CORDOVIL (Sebastião). — Ensaios literários. (13/19). 99 p. br. Cr$ 4,00. (9/42). **Pongetti.**

CORTESÃO (Jaime). — O que o povo canta em Portugal. Trovas, romances, orações e seleção musical. Col. Clássicos e Contemporâneos, 3. (15/22). 320 p. il br Cr$ 20,00. (8/42). **Livros de Portugal.**

COVELLO (A. A. de). — O Rio de Janeiro do tempo de Luiz Edmundo. (13/19). 131 p. br. Cr$ 5,00. (8/42). **Rev. Tribunais.**

CRESPO (Gonçalves). — Obras completas. Pref. Afranio Peixoto. Col. Clássicos e Contemporâneos, 7. (15/22). 332 p. il. br. Cr$ 18,00. (10/42). **Livros de Portugal.**

CRUZ (José Marques da). — História da literatura. (14/19). 548 p 1 mapa, il. cart. Cr$ 15,00 (7.ª ed. 9/42). **Ed. Melhoramentos.**

DEWEY (John). — O pensamento vivo de Jefferson. Trad. Leda Boechat Rodrigues. Bibl. do Pensamento Vivo, 12. (12/18). 204 p. cart. Cr$ 12,00 (9/42). **Livr. Martins.**

DIAS (Alexandre). — Arcanos da natureza (16/23). 52 p. il. cart. Cr$ 8,00. (12/42). **Distr. Z. Valverde.**

DOEBLIN (Alfred). — O pensamento vivo de Confúcio. Trad. Carlos de Lacerda. Bibl. do Pensamento Vivo. 10. (12/18). 181 p. cart. Cr$ 12,00 (4/42). **Livr. Martins.**

ELIAS (Rab). — Escute esta... (Anedotario). 1.ª série. (13/19). 196 p. br. Cr$ 10,00. (7/42). **Ed. Panamericana.**

ESTON (Alvaro). — Cartas para outros mundos. (14/20). 278 p. br. Cr$ 16,00. (10/42). **Distr. Civilização.**

FREIRE (Laudelino). — Regras práticas para bem escrever. (14/19). 97 p. cart. Cr$ 5,00 (5.ª ed. 6/42). **A Noite.**

FREYRE (Gilberto). — Uma cultura ameaçada: A luso-brasileira. (12/16). 103 p. br. Cr$ 3,00. (2.ª ed. 3/42). **Casa Estudante.**

GASQUET (Marie). — Ce que les femmes disent des femmes. (12/19). 257 p. br. Cr$ 18,00. (11/42). **Americ-Edit.**

GOETHE. — Obras. Trad. Gonçalves Viana e outros. Pref. José Peréz. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 17. (11/18). 246 p br. Cr$ 15,00. (5/42). **Ed. Cultura.**

GONZAGA (Tomás Antonio). — Obras completas. Edição crítica de Rodrigues Lapa. Col. Livros do Brasil, 5. (14/20). 556 p. br. Cr$ 25,00 (12/42). **Cia. Ed. Nacional.**

GOYCOCHEA (Castilho). — Homens e idéias. (Ensaios). (13/19). 211 p. br. Cr$ 8,00. (5/42). **Pongetti.**

HEINE. — Obras. A Alemanha, Intermezzo, Poemas, Mar do Norte, Lieder. Varios tradutores. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 24. (11/18). 281 p. br. Cr$ 20,00. (11/42). **Ed. Cultura.**

LEVISKY (Fernando). — Meus irmãos. (14/20). 243 p. br. Cr$ 10,00. (6/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

LOUREIRO (Pizarro). — Antero de Quental e a inquietação do século XIX. Col. Ensaistas Contemporâneos. (13/19). 175 p. br. Cr$ 12,00. (9/42). **Ed. Inquerito.**

MACHADO (De Paula). — Restos que vivem. Contos e crônicas. (13/19). 175 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Magalhães, Correard, Rio.**

MARANHÃO (Raul). — Fatos e verdades. Crônicas. Pref. Manuel Bandeira e Eloy Pontes. Il. de Felicitas. (16/20). 127 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Imp. Pizarro, Rio.**

MARITAIN (Jacques). — O pensamento vivo de São Paulo. Trad. Oscar Mendes. Bibl. do Pensamento Vivo, II. (12/18). 175 p. cart. Cr$ 12,00 (7/42). **Livr. Martins.**

MARTINS (Luis). — Arte e polêmica. Col. Caderno Azul, 7. (14/19). 67 p. il. br. Cr$ 3,00. (8/42). **Ed. Guaira.**

MAUROIS (André). — Turgueniev e a filosofia russa. Trad. e pref. de Edith Magarinos Torres. Col. Critica e Ensaio. (13/19). 233 p. br. Cr$ 12,00. (8/42). **Alba.**

MAUROIS (André). — Vozes da França. Trad. Valdemar Cavalcanti. (13/19). 223 p. br. Cr$ 15,00. (7/42). José Olympio.

MELO (A. L. Nobre de). — Augusto dos Anjos e as origens de sua arte poética. (13/19). 95 p. br. Cr$ 8.00. (2/42). José Olympio.

MENDES (Plinio). — "Do meu caminho..." Pref. Agrippino Grieco. (13/19). 133 p. br. Cr$ 8,00. (10/42). Pongetti.

MILLIET (Sérgio). — Fora de forma. (Arte e literatura). (14/19). 191 p. br. Cr$ 10,00. (5/42). Ed. Anchieta

MONTELLO (Josué). — Gonçalves Dias. Ensaio bio-bibliográfico. (Publ. da Academia Brasileira, III, Bibliografia). (13/19). 181 p. il. br. Cr$ 10,00. (8/42). Distr. Briguiet.

MORAES (Aldo). — Ouro quebrado. (13/19). 143 p. br. Cr$ 7,00. (12/42). Ed. Autor, Manaus.

PADUA (Ciro T. de). — O homem e a técnica. (Ensaio sôbre as idéias de Spengler e Ortega Y Gasset). Col. Caderno Azul, 5. Il. Clovis Graciano. (14/19). 73 p. br. Cr$ 3,00. (3/42). Ed. Guaira.

PALHARES (Vitoriano). — As noites da virgem. (13/19). 103 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 4/42). Norte Ed.

PEIXOTO (Afranio). — Castro Alves. O poeta e o poema. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 212. (13/19). 335 p. il. br. Cr$ 18,00. (10/42). Cia. Ed. Nacional.

PEIXOTO (Afranio). — Pepita. Novos ensaios de crítica e de história. (13/19). 335 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). Cia. Ed. Nacional.

PEIXOTO (Afranio). — Ramo de louro. Novos ensaios de crítica e de história. (13/19). 341 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 9/42). Cia. Ed. Nacional.

POMPEIA (Raul). — O Atheneu. (Crônica de saudades). (14/19). 274 p. il. br. Cr$ 8,00 (6.ª ed. 1/42). Livr. Alves.

PONTES (Eloy). — Romancistas. Col. Caderno Azul, II. (14/19). 100 p. br. Cr$ 3,00. (12/42). Ed. Guaira.

QUENTAL (Antero de). — Prosas escolhidas. Seleção e pref. de Fidelino de Figueiredo. Col. Clássicos e Contemporâneos, 5. (15/22). 313 p. br. Cr$ 18,00. (8/42). Livros de Portugal.

RABELLO (Maróquinha Jacobina). — Parábolas. Il. Eugène Burnand. (19/28). 149 p. br. Cr$ 50,00. (7/42). Jornal do Comércio.

REGO (José Lins do). — Gordos e magros. Ensaios. (13/19). 351 p. br. Cr$ 15,00. (8/42). Casa do Estudante.

REQUIAO (Altamirando). — Meditações e confidências. (13/19). 79 p. br. Cr$ 4,00. (2.ª ed. 3/42). Norte. Ed..

RIBEIRO (Eurico Branco). — Rotary, para mim, é... (13/19). 234 p. br. Cr$ 10,00. (3/42). Ed. Anchieta.

RODRIGUES (Luiz). — Retalhos da vida. (13/19). 220 p. br. Cr$ 10,00. (8/42). Alba.

SÁEZ (Bráulio Sánchez). — Cultura hispano-americana. Forma y expresión de cultura hispanica. Bibl. Universitária Anchieta, s. 1.ª, Arte, vol. 1. (14/20). 260 p. br. Cr$ 15,00. (1/42). Ed. Anchieta.

SENA (José Maria). — Recordações literárias. (12/19). 91 p. br. Cr$ 6,00. (12/42). Imp. Oficial Minas Gerais.

SILVA (M. Nogueira da). — Bibliografia de Gonçalves Dias. Instituto Nacional do Livro. Col. Bl. Bibliografia, II. Ministério da Educação e Saude. (17/24). 203 + 37). p. il. br. Cr$ 10,00. (9/42). Imp. Nacional.

SODRÉ (Nelson Werneck). — Orientações do pensamento brasileiro. (14/21). 190 p. br. Cr$ 15,00. (6/42). Vecchi.

VERISSIMO (Erico). — As mãos de meu filho. Contos e artigos. Col. Tucano, 4. (12/18). 187 p. br. Cr$ 6,00. (11/42). Ed. Meridiano.

4 - S. B. 2) TEXTOS DE ESTUDOS (Literatura antiga e moderna)

ALBUQUERQUE (A. Tenório D'). — Contradições de Rui. (13/19). 338 p. br. Cr$ 15,00. (2/42). Getulio Costa.

MEIRA (Cécil). — Introdução ao estudo da literatura. (15/22). 255 p. br. Cr$ 18,00. 11/42 — 1943). Pongetti.

4 - S. B. 3) POESIA

ALENCAR (Edigar). — Mocororó. Poesia cômica. (13/19). 98 p. br. Cr$ 6,00. (8/42). Pongetti.

ALVAREZ (Martins D'). — O Norte canta... (Poesia popular). Pref. Gustavo Barroso. (13/19). 128 p. il. br. Cr$ 5,00. (7/42). Civilização.

ALVES (Castro). — Obras Completas. Introdução e notas de Afranio Peixoto. Col. Livros do Brasil, 1. (14/21). 2 vols. 517 + 620 p. br. Cr$ 40,00. (2.ª ed. 1/42). Cia. Ed. Nacional

ANDRADE (Ary de). — Balada de Campos-do-Jordão. (13/19). 87 p. br. Cr$ 6,00. (2/42). José Olympio.

ANDRADE (Carlos Drummond de). — Poesias. (13/19). 220 p. br. Cr$ 12,00. (6/42). José Olympio.

ANJOS (Augusto dos). — Eu e outras poesias. Com um estudo sôbre o poeta, por Antonio Torres. (13/19). 271 p. br. Cr$ 10,00. (10.ª ed. 12/42). Bedeschi.

AZEVEDO (Alvares de). — Obras Completas. 8.ª ed. organizada e anotada por Homero Pires. Col. Livros do Brasil, 4. (14/21). 2 vols. 608 + 553 p. br. Cr$ 50,00. (7/42). Cia. Ed. Nacional

AZEVEDO (Celina de). — O garôto e um punhado de versos... (18/21). 66 p. br. Cr$ 6,00. (12/42). **Distr. Civilização.**

BARROS (Manuel de). — Face imóvel. (16/23). 53 p. br. Cr$ 6,00. (11/42). **Ed. Século XX.**

BAUDELAIRE (Charles). — Les fleurs du mal. Pref. André Gide et Théophile Gautier. (11/18). 271 p. br. Cr$ 10,00. (10/42). **Livr. Victor.**

BHAGAVAD-GITÁ, tio estas, Sublime Kantopri la Semmorteco, El la sanskrita originalo verse tradukis Francisco Valdomiro Lorenz. (14/20). 96 p. br. Cr$ 5,00. (4/42). **Fed. Espirita.**

BILAC (Olavo). — Poesias. (14/19). 291 p. br. Cr$ 12,00. (19.ª ed. 6/42). **Livr. Alves.**

BOCAGE. — Sonetos Completos. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 3. (11/18). 197 p. br. Cr$ 16,00. (4/42). **Ed. Cultura.**

BOMFIM (Pedro Maciel). — Poema da cidade do Rio de Janeiro. 1.ª parte. (13/19). 79 p. br. Cr$ 6,00. (12/42). **Alba.**

BONIFACIO (José), (Americo Elysio). — Poesias. Publ. da Academia Brasileira). (10/14). 187 p. br. Cr$ 20,00. (8/42). **Distr. Briguiet.**

BREVES (Yolanda Jordão). — Campos cercados. (15/20). 77 p. br. (1/42). **José Olympio.**

CAMÕES. — Obras Completas. 1.º vol. Os Lusíadas, Os sonetos. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 1. (11/18). 414 p. br. Cr$ 20,00. (4/42). **Ed. Cultura.**

CARVALHO (Vicente de). — Poemas e canções. Pref. Euclydes da Cunha. (13/19). 292 p. br. Cr$ 13,00. (11.ª ed. 11/42). **Cia. Ed. Nacional.**

CASTRO (Aloysio de). — Christus. (16/23). 101 p. br. Cr$ 10,00. (3/42). **Distr. Vecchi.**

CEARENSE (Catullo da Paixão). — Meu sertão. (13/19). 1.281 p. br. Cr$ 8,00. (Nova ed. 12/42). **Bedeschi.**

CEARENSE (Catullo da Paixão). — O milagre de São João. Pref. Mário-José de Almeida. (13/19). 187 p. br. Cr$ 8,00. (11/42). **A Noite.**

CHAVES (Moacyr de Las Palmas). — Preces bárbaras. (14/19). 123 p. br. Cr$ 5,00. (5/42). **Distr. Guaíra.**

DANTE ALIGHIERI. — A Divina Comédia. Trad. Barão da Vila da Barra. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 18. (11/18). 443 p. il. br. Cr$ 25,00 (7/42). **Ed. Cultura.**

DIAS (Gonçalves). — Obras Completas. Pref. Jamil Almansur Haddad. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 2. (11/18). 504 p. br. Cr$ 20,00. (4/42). **Ed. Cultura.**

FERNANDES (Nabor). — Flores de Valença. (12/17). 53 p. br. Cr$ 3,00. (9/42).
Ed. Autor, Valença.

FIGUEIRA (Gastón). — Para a juventude americana. Trad. Cicero Franklin de Lima. (13/19). 103 p. br. Cr$ 9,00. (8/42).
Distr. Ed. Século XX.

GABRIEL (Antonio). — Tempo morto. (17/22). 87 p. br. Cr$ 10,00. (3/42).
José Olympio.

GAMA (Almerinda). — Zumbi. (17/24). 102 p. il. br. Cr$ 10,00. (1/42).
Canton & Reile, Rio.

GAMA (José Basilio da). — O Uruguai. Ed. comemorativa do 2.º Centenario, anotada por Afranio Peixoto, Rodolfo Garcia e Osvaldo Braga. (Publ. da Academia Brasileira). (13/19). 179 p. br. Cr$ 10,00 (1941 — 8/42). **Distr. Briguiet.**

GERALDY (Paul). — Toi et moi. (16/24). 152 p. br. Cr$ 30,00. (7/42).
Livr. Victor.

GOMES (Lausimar Laus). — Confidências... 13/19). 143 p. br. Cr$10,00. (11/42).
Z. Valverde.

GRANATA (Eduardo Mario). — Fagulhas. (15/20). 80 p. br. Cr$ 5,00. (9/42).
Gr. Brasil, Florianópolis.

ISGOROGOTA (Judas). — Recompensa e outros poemas. Il. de Rosasco. (11/17) 184 p. br. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 11/42).
Ed. e Publ. Brasil.

KHAYYAM (Omar). — Rubáiyát. Trad. Octávio Tarquinio de Sousa. (13/19). 101 p. br. Cr$ 15,00. (4.ª ed. 4/42).
José Olympio.

LIMA (José Pereira de). — Canto do cisne. (Poêma de amor). Pref. Pizarro Loureiro. (13/19). 105 p. br. Cr$ 10,00 (1/42). **Pongetti.**

LIMA (Nelson de Araujo). — Prelúdios do Outono. (14/20). 128 p. br. Cr$ 10,00. (6/42). **Magalhães, Correard, Rio.**

LIMA (Stella Leonardos da Silva). — A grande visão. (Poema). (13/19). 187 p. br. Cr$ 10,00. (7/42). **Borsoi, Rio.**

MARANHAO (Carlos). — Vibrações. 1917-1941 Pref. Jesus Martins. (13/19). 127 p. br. (1/42). **Pongetti.**

MEIRELES (Cecilia). — Vaga música. (16/19). 199 p. br. Cr$ 12,00. (4/42).
Pongetti.

MILANO (Attilio). — Todos os poemas. (15/22). 225 p. il. br. Cr$ 15,00. (7/42).
Z. Valverde.

MIRANDA (José Tavares de). — Alambôa. (13/19). 174 p. br. Cr$ 10,00. (2/42).
José Olympio.

MORAES (Cleto). — Mãe brasileira. (16/24). 31 p. br. Cr$ 5,00. (3/42).
Pongetti.

MOREAUX (Sylvio). — Alvorada. (14/19) 77 p. br. Cr$ 6,00. (5/42).
Distr. José Olympio.

MOTTA (Eugenio). — Sonata da saudade. Pref. Catullo da Paixão Cearense e Plinio Motta. (16/21). 112 p. il. br. Cr$ 12,00. (12/42). **Jornal do Comércio.**

NEVES (Emilio). — Porque bates, coração? (13/19). p. br. Cr$ 10,00. (12/42).
Tip. Gloria, Rio.

NORTON (Bárbara). — Diante do amôr e da vida. (17/23). 85 p. br. Cr$ 10,00. (12/42).
A Noite.

QUENTAL (Antero de). — Sonetos Completos. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Lingua", 6. (11/18). 130 p. br. Cr$ 15,00. (4/42). **Ed. Cultura.**

QUENTAL (Antero de). — Sonetos completos e poemas escolhidos. Seleção rev. e pref. de Manuel Bandeira. Col. Clássicos e Contemporâneos, 4. (15/22). 315 p. br. Cr$ 18,00. (7/42). **Livros de Portugal.**

RAMOS (Joaquim). — Ascensão. (14/18). 60 p. br. Cr$ 6,00. (3/42).
Ed. Autor, Vitória.

REBUÁ (Coryna). — Meu romance de amor. Il. Jorge Gonçalves. (14/19). 71 p. br. Cr$ 5,00. (12/42). **Industrial Gr., Rio.**

RENAULT (Abgar). — Poemas inglêses de guerra. Pref. Carlos Drummond de Andrade. (16/23). 45 p. br. (4/42).
Jornal do Comércio.

SAFO Lirica. — Trad. Jamil Almansur Haddad. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 22. (11/18). 113 p. br. Cr$ 15,00. (7/42).
Ed. Cultura.

SANTOS (Thomaz Vieira dos). — Acordes... (14/20). 73 p. br. Cr$ 8,00. (2/42).
Tip. Cupolo, S. Paulo.

SCHMIDT (Augusto Frederico). — Mar desconhecido. (13/19). 154 p. br. Cr$ 10,00. (1/42). **José Olympio.**

STAMATO (Yonne). — A imagem afogada. (13/19). 105 p. br. Cr$ 10,00. (8/42).
A Noite.

TAGORE (Rabindranath). — A lua crescente. Trad. Abgar Renault. (13/19). 100 p. br. 15,00. (8/42).

TOMÁS (Amelia). — Jardim fechado. (14/20). 80 p. br. Cr$ 5,00. (5/42).
Pongetti.

TOUSSAINT (Franz). — A flauta de jade. Poesias chinesas. Trad. Mauro de Freitas. (13/19). 118 p. br. Cr$ 15,00. (8/42).
José Olympio.

VITOR (D'Almeida). — Tumulto interior. Poemas. (16/22). 38 p. br. Cr$ 6,00. (7/42).
Ed. Século XX.

WERNECK (Nilo da Silveira). — Embates. Pref. Alvaro Moreyra. (13/19). 135 p. br. Cr$ 7,00. (4/42). **Pongetti.**

4 - 3. B. 4) TEATRO

BARROS (Olavo de). — Mambembadas. Vida anedótica do teatro brasileiro. Il. Sandro Poloni. (13/19). 150 p. br. Cr$ 6,00. (10/42). **Pap. Coelho.**

BITTENCOURT (Carlos), SANTOS (Miguel). — O Garçon do casamento. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 4. (12/16). 70 p. br. Cr$ 3,00. (5/42).
Pap. Coelho.

CAMARGO (Joracy). — Deus lhe pague... Comédia em 3 atos. Pref. de Procópio. (13/19). 175 p. br. Cr$ 7,00. (7.ª ed. 8/42). Z. Valverde.

CAPEK (Karel). — A doença branca. Trad. Leo Marten. Pref. Vladimir Nosek. (13/19). 95 p. br. Cr$ 6,00. (4/42). 95 p. br. Cr$ 6,00. (4/42). Z. Valverde.

CÉLIA (Maria). — Novos "Sketches". Cortinas clássicas. Pref. Telles de Meirelles. (16/23). 166 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). Est. Gr. Muniz, Rio.

CLAUDEL (Paul). — L'Annonce faite à Marie. Mystère en quatre actes et un prologue. (13/19). 215 p. br. Cr$ 20,00. (10/42). Americ — Edit.

COUTINHO (Lourival). — Mulheres modernas. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 5. (12/16). 79 p. br. Cr$ 3,00. (5/42). Pap. Coelho.

FRANCO (Afonso Arinos de Melo). — Dirceu e Marília. Drama lírico em 3 atos. Il. Luiz Jardim. (13/19). 107 p. br. Cr$ 12,00. (4/42). Livr. Martins.

GONZAGA (Armando). — O troféu. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 3. (12/16). 56 p. br. Cr$ 3,00. (5/42). Pap. Coelho.

HOLANDA (Nestor de). — Um homem máu. Comédia-romance, em 3 partes e 21 capítulos. Col. Brasilidade Teatro, 1. (12/16). 80 p. br. Cr$ 3,00. (12//42). Distr. Pap. Coelho.

IBSEN. — Teatro. Uma casa de bonecas, Espectros, Trad., Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 25. (11/18). 293 p. br. Cr$ 20,00. (11/42). Ed. Cultura.

IGLESIAS (Luiz). — Chuvas de verão. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 6. (12/16). 61 p. br. Cr$ 3,00. (12/42). Pap. Coelho.

JACINTHA (Maria). — Conflito. Comédia em 3 atos. Col. Tucano, 3. (12/18). 197 p. br. Cr$ 8,00. (12/42). Ed. Meridiano.

JOUVET (Louis). — Réflexions du comédien. (12/19). 249 p. br. Cr$ 20,00. (3/42). Americ — Edit.

LOUZADA (Armando). — Cortina sonora. (13/19). 224 p. br. Cr$ 10,00. (5/42). José Olympio.

MAGALHAES (Paulo de). — Alvorada. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 9. (12/16). 55 p. br. Cr$ 3,00. (12/42). Pap. Coelho.

MAGALHAES (Paulo de). — O marido n.º 5. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 2. (12/16). 62 p. br. Cr$ 3,00. (5/42). Pap. Coelho.

MOLIERE. — As preciosas ridículas. Transposição para português em versos alexandrinos por Celestino Silva. Col. Teatro Nacional, 8. (12//16). 42 p. br. Cr$ 3,00. (12/42). Pap. Coelho.

MORAES (João Barbosa de). — Dramatizações cívicas. (13.19). 207 p. il. cart. Cr$ 8,00. (12/42). Jacinto.

MURCE (Renato). — O regabofe dos vandalos. (Paródia à "Ceia dos cardeais", de Julio Dantas, (15/21). 22 p. br. Cr$ 3,00. Ed. Autor, Rio.

ORLANDO (Paulo). — Coisas de teatro. Pref. Paulo Magalhães. (14/18). 100 p. br. Cr$ 3,00. (3/42). Ed. Autor, Rio.

ROSTAND (Edmond). — Cyrano de Bergerac. Comédie héroique en cinq actes en vers. (13/19). 289 p. br. Cr$ 22,00. (9/42). Americ — Edit.

SHAKESPEARE. — Tragédias. 1.º vol.: Romeu e Julieta, O mercador de Veneza, Macbeth, A tempestade. Trad., Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 19. (11/18). 499 p. br. Cr$ 25,00 (8/42).
2.º vol.: Hamlet, Otelo, Rei Lear. Trad., Série Clássica de Cultura. "Os mestres do Pensamento", 20. (11/18). 511 p. br. Cr$ 25,00. (9/42). Ed. Cultura.

SILVA (Eurico). — A felicidade póde esperar. Novela em 3 capítulos, divididos em 7 episódios, Col. Teatro Nacional, 7. (12/16. 67 p. br. Cr$ 3,00. (12/42). Pap. Coelho.

SOUZA (Claudio de). — Le sieur de Beaumarchais. Pièce en 4 actes et 7 tableaux. Lettre de Fortunat Strowski et de Louis Jouvet. (16/24). 207 p. br. Cr$ 20,00. (12/42 — 1943). Distr. Z. Valverde.

TIGRE (Bastos). — Senhorita Vitamina. Comédia em 3 actos. Col. Teatro Brasileiro, 47. (12/16). 74 p. br. Cr$ 3,00. (12/42). S. B. A. T., Rio.

TOMÉ (Alfredo). — Leopoldo Fróis e o teatro brasileiro. Ensaio. (14/19). 215 p. br. Cr$ 10,00. (5/42). José Olympio.

WANDERLEY (José), LAGO (Mario). — Pertinho do Céu. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 1. (12/16). 71 p. br. Cr$ 3,00. (4/42). Pap. Coelho.

4 - S. B. 5) ROMANCES — NOVELAS — LENDAS

ABBOT (Jane). — Dúvidas de um coração. Trad. Lígia Junqueira Smith. Bibl. das Moças, 106. (13/19). 265 p. br. Cr$ 7,00. 9/42). Cia. Ed. Nacional.

ACREMANT (Germaine). — Casar é bom. Trad. Bibl. das Moças, 101. (13/19). 258 p. br. Cr$ 6,00. (4/42). Cia. Ed. Nacional.

ADAIR (Cecil). — Francesca. Trad. Godofredo Rangel, Bibl. das Moças, 3. (13/19). 309 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 6/42). Cia. Ed. Nacional.

ALCOTT (Louise May). — Boas esposas. Trad. Genolino Amado. Bibl. das Moças, 1. (13/19). 283 p. br. Cr$ 6.00 (Nova ed. 6/42). Cia. Ed. Nacional.

ALVES (Raul). — Totô Frazão — O sociólogo matuto. (13/19). 286 p. br. Cr$ 10,00. (4/42). Ind. Livro, Rio.

AMADO (Gilberto). — Os interesses da companhia. (13/19). 314 p. br. Cr$ 12,00. (7/42). José Olympio.

ANDREIEFF (Leonide). — Judas Iscariotes. Trad. (13/19). 107 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 3/42). Norte Ed.

ARAUJO (Lucincrêdo). — A única solução... (14/19). 203 p. br. Cr$ 10,00. (7/42). Distr. Antunes.

AUSTEN (Jane). — Mansfield Park. Trad. Rachel de Queiroz. Col Fogos Cruzados, 9. (13/19). 477 p. br. Cr$ 15,00. (8/42). José Olympio.

AYRES (Ruby M.). — Seguindo a miragem. Trad. Luiza Elza Massena. Col. O Romance para Você, 2. (13-19). 260 p. br. Cr$ 8,00. (7/42). José Olympio.

BALDWIN (Faith). — Uma pequena corajosa. Trad. Elisa Lynch. Col. O Romance para Você, 3. (13/19). 287 p. br. Cr$ 8,00. (7/42). José Olympio.

BALLANTYNE (R. M.). — Aventuras de Martim Rattler. Trad. Isaac Soares. Col. Universo, 48. (14/19). 194 p. br. Cr$ 8,00. (8/42). Globo.

BALZAC (Honoré de). — O chagrém mágico. Trad. Virginia Silva Lefèvre. Col. Romances Para Moças, II. (13/19). 191 p. br. Cr$ 6,00. (11/42). Ed. Anchieta.

BARATA (Hamilton). — Equador. (14/20). 357 p. br. Cr$ 15,00. (1/42). Pongetti.

BARRETO (Abílio). — A noiva do tropeiro. Romance de costumes mineiros. Pref. da Ed. Soc. Brasileira de Difusão e Cultura. (13/19). 293 p. br. Cr$ 15,00. (1/42). Distr. Civilização.

BAUM (Vicki). — Hotel Shangai. Trad. Mario Quintana. Col. Nobel, G5. (15/23). 540 p. br. Cr$ 22,00. (8/42). Globo.

BELLAMY (Eduardo). — Daqui a cem anos. Trad. Série "Novelas Universais"., 3. (14/20). 278 p. br. Cr$ 15,00 (12/42). Ed. Cultura.

BENEDETTI (Lucia). — Entrada de serviço (13/19). 328 p. br. Cr$ 12,00. (4/42). José Olympio.

BIGGERS (Earl Derr). — Atrás da cortina. Trad. Alfredo Ferreira. Col. Os Romances de Charlie Chan (14/19). 249 p. br. Cr$ 8,00. (5/42). Vecchi.

BIGGERS (Earl Derr). — O Camelo preto. Trad. Alfredo Ferreira. Col. Os Romances de Charlie Chan. (14/19). 253 p. br. Cr$ 8,00. (2.ª ed. 6/42). Vecchi.

BIGGERS (Earl Derr). — A casa sem chaves. Trad. Anita Martins de Souza. Col. Os Romances de Charlie Chan. (14/19). 251 p. br. Cr$ 8,00 (3/42). Vecchi.

BIGGERS (Earl Derr). — Charlie Chan. II. Alfred Andriola. Trad. Col. Gibi, (9/11). 427 p. cart. Cr$ 4,00. (1/42). Globo Juvenil

BIGGERS (Earl Derr) — O guardião das chaves. (Charlie Chan nas Serras Nevadas). Trad. Elisa Lynch. Col. Os Romances de Charlie Chan. (14/19). 221 p. br. Cr$ 8,00. (2/42) + (2.ª ed. 12/42). Vecchi.

BIGGERS (Earl Derr). — O ladrão de diamantes. Trad. Enéias Marzano. Col. Os

Romances de Charlie Chan. (14/19). 253 p. br. Cr$ 8,00. (10/42). **Vecchi.**

BIGGERS (Earl Derr). — O papagaio chinês. Trad Anita Martins de Souza. Col. Os Romances de Charlie Chan. (14/19). 265 p. br. Cr$ 8,00. (7/42). **Vecchi.**

BORBA (Jenny Pimentel de). — Brasa. (14/19). 420 p. br. Cr$ 15,00 (6/42). **Vecchi.**

BORDEAUX (Henry). — Yamilé sous les cèdres. (12/19). 248 p. br. Cr$ 18,00. (12/42). **Americ-Edit.**

BRAME (Charlotte M.). — A aliança partida. Trad. Dieno Castanho. Bibl. das Moças, 20. (13/19). 286 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 11/42). **Cia. Ed. Nacional.**

BRAND (Max). — O segredo do Dr. Kildare. Trad. Elisa Lynch. Col. O Romance para Você, 1. (13/19). 283 p. br. Cr$ 8,00. (7/42). **José Olympio.**

BRANDÃO (Mario). — Freud e o meu personagem emerenciano... Síntese de um romance. Edição da "Campanha do Livro" em homenagem a Siegmund Freud. (17/24). 125 p. br. Cr$ 8,00. (10/42). **Distr. Freitas Bastos.**

BRONTË (Charlotte). — Jane Eyre. Trad. Sodré Viana. (15/22). 442 p. br. Cr$ 20,00 enc. Cr$ 28,00. (2.ª ed. 2/42). **Pongetti.**

BUCHAN (John). — Dois dramas de espionagem. I — A central de energia. II — Os 3 degraus. Trad. Hamilcar de Garcia e Irene Korsakoff. Col. Universo, 49. (14/19). 251 p. br. Cr$ 8,00 (3/42). **Globo.**

BUTLER (Samuel). — Destino da carne. Trad. e pref. de Rachel de Queiroz. Introdução de Otto Maria Carpeaux. Col. Fogos Cruzados, 11. (14/23). 410 p. br. Cr$ 25,00. (12/42). **José Olympio.**

CARDOSO (Jayme). — Sacrifício de Fabiano. (12/19). 206 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Pongetti.**

CARNEIRO (Cecilio J.). — A fogueira. (Premiado no Concurso da União Panamericana). (13/19). 423 p. br. Cr$ 12,00 (1/42). **José Olympio.**

CASSOU (Jean). — Les massacres de Paris. Jean Bazin. (11/18). 320 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). **Livr. Victor.**

CERVANTES SAAVEDRA (Miguel de). — Dom Quixote de La Mancha. 1.ª parte, vol. I. Trad. Visconde de Castilho e de Azevedo. Pref. José Pérez. Série Clássica Cultura, "Os Mestres do Pensamento". 21. (11/18). 614 p. br. Cr$ 25,00. (8/42). **Ed. Cultura.**

CHAMPFLEURY (Guy de). — Amar e ser amado. Trad. Ana Wey Meyer. Bibl. das Senhorinhas, 7. (14/20). 202 p. br. Cr$ 7,00. (2.ª ed. 10/42). **Emp. Ed. Brasileira.**

CHAMPFLEURY (Guy de). — Lágrimas de amor. Trad. Ligia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 13. (14/20). 240 p. br. Cr$ 6,00. (4/42). **Emp. Ed. Brasileira.**

CHANTEPLEURE (Guy de). — Beijo ao luar. Trad. Bibl. das Moças, 13. (13/19). 255 p. br. Cr$ 6,00. (4.ª ed. 11/42). **Cia. Ed. Nacional.**

CHANTEPLEURE (Guy de). — Noiva. Trad. Bibl. das Moças, 12. (13/19). 263 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 3/42). **Cia. Ed. Nacional**

CHRISTIE (May). — A eterna Eva. Trad. Tati A. de Azevedo. Bibl. das Moças, 66. (13/19). 256 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 7/42). **Cia. Ed. Nacional.**

CHRISTIE (May). — O jardim do desejo. Trad. Tati de Mello. Bibl. das Moças, 31. (13/19). 236 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 7/42). **Cia. Ed. Nacional.**

CLULOW (Carlos Alberto). — Muirakitan. Novela americana. (13/19). 195 p. br. Cr$ 10,00. (6/42). **Pongetti.**

COLAVIDA (José Maria Fernandez). — O inferno e A barqueira do Júcar. Trad. Guillon Ribeiro. (13/19). 227 p. br. Cr$ 6,00. (1/42). **Fed. Espírita.**

COLETTE. — Chéri. (12/19). 235 p. br. Cr$ 15,00 (2/42). **Americ-Edit.**

COLETTE. — La fin de Chéri. (12/19). 227 p. br. Cr$ 17,00 (9/42). **Americ-Edit.**

CONRAD (Joseph). — Vitória. Trad. Leonel Vallandro. Col. Nobel, 42. (14/19). 376 p. br. Cr$ 15,00. (7/42). **Globo.**

COUTINHO (Galeão). — A vocação de Vitorino Lapa. (14/20). 251 p. br. Cr$ 15,00. (12/42). **Livr. Martins.**

CRONIN (A. J.) — As chaves do reino. Trad. Ilka Labarthe e R. Magalhães Junior. Col. Fogos Cruzados, 13. (15/23). 341 p. br. Cr$ 22,00 (10/42). **José Olympio.**

CRONIN (A. J.). — A família Brodie. Trad. Rachel de Queiroz. Col. Fogos Cruzados, 16. (14/23. 442 p. br. Cr$ 22,00. (2.ª ed. 11/42). **José Olympio.**

DEEPING (Warnick). — Lagrimas de homem. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 7. (15/22). 324 p. br. Cr$ 12,00. (Nova ed. 11/42). **Cia. Ed. Nacional.**

DEKOBRA (Maurice). — Emigrados de luxo. Trad. Edison Carneiro. Col. Os Mais Famosos Romances Modernos, (14/21). 324 p. br. Cr$ 16,00 (7/42). **Vecchi.**

DEKOBRA (Maurice). — Poker de almas ou Viagem sentimental de uma americana ao país da ternura. Trad. Antônio Lages. (14/19). 227 p. br. Cr$ 10,00. (3/42). **Vecchi.**

DEKOBRA (Maurice). — O romance de um covarde. Trad. Edison Carneiro. (14/21). 267 p. br. Cr$ 14,00. (11/42). **Ed. Mundo Latino.**

DERN (Peggy). — Adeus coração. Trad. J. Carvalho. Bibl. das Moças, 104. (13/19). 276 p. br. Cr$ 6,00. (7/42). **Cia. Ed. Nacional.**

DICKENS (Charles) — David Copperfield. Trad. Costa Neves. (15/22). 665 p. br. Cr$ 25,00., enc. Cr$ 32,00. (2.ª ed. 7/42). **Pongetti.**

DICKENS (Charles). — Grandes esperanças. Trad. Alceu Masson. Bibl. dos Séculos, 1. (16/23). 510 p. br. Cr$ 18,00. (6/42). **Globo.**

DOSTOIEWSKY. — Recordações da casa dos mortos. Trad. Antônio de Oliveira Garcia. Col. Excelsior, 14-15. (12/18). 2 vols. 207 + 221 p. cart. Cr$ 20,00. (10/42). **Livr. Martins.**

DOURADO (P. J. J.). — Outros céus. (13/19). 220 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Ed. Vozes.**

DUMAS (Alexandre). — A dama do colar vermelho. Trad. Cretella Júnior. Col. Romance para Moças, 10. (13/19). 221 p. br. Cr$ 6,00. (11/42). **Ed. Anchieta.**

DUMAS (Alexandre). — Os Irmãos Corsos. Trad. (14/19). 167 p. br. Cr$ 6,00. (7/42) + (2.ª ed. 8/42) + (3.ª ed. 12/42). **Vecchi.**

DUMAS (Alexandre). — Os Irmãos Corsos. Trad. Col. O Romance Popular. (14/19). 182 p. br. Cr$ 5,00. (9/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

DUMAS (Alexandre). — Os Irmãos Corsos. Trad. Geraldo de Ulhôa Cintra. (14/19). 223 p. br. Cr$ 10,00. (7/42). **Ed. Anchieta.**

DUMAS (Alexandre). — O salteador. Trad. Carmen de Almeida. Col. Excelsior, 16. (12/18). 266 p. cart. Cr$ 10,00. (12/42). **Livr. Martins.**

DUMAS FILHO (Alexandre). — A dama das camélias. (Margarida Gauthier). trad. Col. Horas Deliciosas. (14/19). 154 p. br. Cr$ 3,00. (4.ª ed. 3/42). **Livr. Ed. Paulicea.**

EATON (Eveleyn). — Até um dia meu capitão. Trad. Dinah Silveira de Queiroz. (14/23). 385 p. br. Cr$ 20,00. (3/42). **José Olympio.**

ELIANA. — Sangue de tigre. (13/19). 234 p. br. Cr$ 10,00. (4.ª ed. 12/42). **Ed. Minerva.**

ESCRICH (E. Perez). — O pão dos pobres. Trad. rev. por Silva Souza Filho. Col. O Romance Popular. (17/24). 344 p. br. Cr$ 12,00. (8/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

ESME (Jean D'). — O sol da Etiopia. Trad. Faustino Nascimento. (13/19). 286 p. br. Cr$ 10,00. (1/42). **Pongetti.**

FACCINI (Mario). — Vermelho: 32! O romance de um jogador. (13/19). 224 p. br. Cr$ 8,00. (6/42). **Pongetti.**

FARIA (Octavio de). — Tragédia burguesa III. O lôdo das ruas. (Os Paivas, I). 13/19). 2 vols. 501 + 515 p. br. Cr$ 24,00. (1/42). **José Olympio.**

FARRERE (Claude). — La marche funèbre. (12/19). 277 p. br. Cr$ 20 00. (5/42). **Americ-Edit.**

FAYARD (Jean). — Mal d'amour. (12/19). 312 p. br. Cr$ 17.00. (2/42). **Americ-Edit.**

FAYETTE (Mme. De La). — A princesa de Clèves. Trad. Hercilia de Oliveira e Souza. Col. Romance para Moças, 7. (13/19). 194 p. br. Cr$ 5,00. (8/42). **Ed. Anchieta.**

FERBER (Edna). — Romance em Saratoga. Trad. Esther Mesquita. (15/22). 319 p. br. Cr$ 16,00. (10/42). **Civilização.**

FINN, S. J. (P. Francis). — Tom Playfair. (Os primeiros passos na vida). Trad. rev. por Alvaro Guerra. (13/19). 264 p. br. Cr$ 6,00. (3.ª ed. 10/42). **Livr. Salesiana.**

FLAUBERT (Gustave). — Salambô. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal. 12. (13/19). 319 p. br. Cr$ 12,00. (9/42). **Pongetti.**

FLAUBERT (Gustave). — São Julião, o hospitaleiro.Herodiade. Um coração imples. Trad. Galeão Coutinho. Col. Excelsior, 9. (12/18). 216 p. cart. Cr$ 8.00. (3/42). **Livr. Martins.**

FLOREZ (V. Fernandez). — Os que não foram á guerra. Trad. Campos Monteiro. (14/19). 192 p. br. Cr$ 12,00. (7/42). **Ed. Seculo XX.**

FONTENLA. — Eterna inquietação. (Romance no Rio). (14/19). 138 p. br. Cr$ 12,00. (12/42 — 1943). **Distr. Pap. Coelho.**

FOWLER (Guy). — O amor nunca morre. Trad. Azevedo Amaral. Bibl. das Moças, 5. (13/19). 257 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 9/42). **Cia. Ed. Nacional.**

FRANCE (Anatole). — O anel de ametista. (História contemporânea). Trad. Eloy Pontes. (14/19). 262 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Vecchi.**

FRANCE (Anatole). — O lirio vermelho. Trad. Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 11. (13/19). 282 p. br. Cr$ 10,00. (4/42). **Pongetti.**

FRANCE (Anatole). — O manequim de vime. (História contemporânea). Trad. Justino Montalvão. (14/19). 218 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Vecchi.**

FRANCE (Anatole). — La révolte des anges. Éd. Chantecler. (11/18). 224 p. br. Cr$ 10,00 (11/42). **Livr. Victor.**

FRANCE (Anatole). — À sombra do olmo. (História contemporânea). Trad. Justino Montalvão. (14/19). 212 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). **Vecchi.**

GAUTIER (Theophile). — Múmia de amor. Trad. Ivone de Toledo Leite Morais. Col. Romance para Moças, 8. (13/19). 221 p. br. Cr$ 6,00. (10/42). **Ed. Anchieta.**

GENEVOIX (Maurice). — La dernière harde. (12/19). 277 p. br. Cr$ 17,00. (6/42). **Americ-Edit.**

GIDE (André). — La porte étroite. (12/19). 216 p. br. Cr$ 20,00. (8/42). **Americ-Edit.**

GIRARDIN (Emile de). — A bengala de Balzac. Trad. Romeu de Avelar. (14/19). 209 p. br. Cr$ 10,00. (10/42). **Ed. Pan-Americana.**

GLASCOW (Ellen). — Nascida para o mal. Trad. Alfredo Ferreira. (14/21). 353 p. br. Cr$ 16,00. (12/42). **Vecchi.**

GLYN (Elinor). — Cegueira de amor. Trad. Bibl. das Moças, 96. (13/19). 250 p. br. Cr$ 6,00. (4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

GLYN (Elinor). — Macho e femea. Trad. Martha Campos. Col. Para Todos. (13/19). 287 p. br. Cr$ 7,00. (6/42). **Cia. Ed. Nacional.**

GLYN (Elinor). — Seis dias de amor. Trad. rev. por Paulo de Freitas. Bibl. das Moças, 17. (13/19). 280 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 7/42). **Cia. Ed. Nacional.**

GOBINEAU (Conde de). — Adelaide. Senhorita Irnois. Trad. Galeão Coutinho. Col. Excelsior, 12. (11/18). 190 p. cart. Cr$ 8,00. (7/42). **Livr. Martins.**

GOETHE. — Werther. Trad. rev. e pref. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 10. (13/19). 179 p. br. Cr$ 8,00. (3/42). **Pongetti.**

GOLDEN (John). — O sétimo céu. Trad. Bibl. das Moças, 38. (13/19). 241 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 1/42). **Cia. Ed. Nacional.**

GUIMARÃES (Bernardo). — A filha das ondas. Nossa Col., 38. (10/14). 244 p. br. Cr$ 3,00. (9/42). **Emp. Ed. Brasileira.**

HAMSUN (Knut). — Fome. Trad. Adelina Fernandes. Col. Excelsior, 11. (12/18). 240 p. cart. Cr$ 8,00. (5/42). **Livr. Martins.**

HAWTHORNE (Nathaniel). — A casa das sete tôrres. Trad. Ligia Autran Rodrigues Pereira. Col. Excelsior, 8. (12/18). 270 p. cart. Cr$ 8,00. (1/42). **Livr. Martins.**

HAWTHORNE (Nathaniel). — A letra escarlate. Introdução de William Lyon Phelps. Trad. Sodré Viana. Col. Fogos Cruzados, 6. (13/19). 386 p. br. Cr$ 12,00. (3/42). **José Olympio.**

HEMINGWAY (Ernest). — Adeus ás armas. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 12. (15/22). 247 p. br. Cr$ 12,00. (2/42). **Cia. Ed. Nacional.**

HEMINGWAY (Ernest). — Por quem os sinos dobram. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 10. (15/22). 417 p. br. Cr$ 20,00. (Nova ed. 2/42). **Cia. Ed. Nacional.**

HENRY (Harriet). — Conflito. Trad. Isabel L. de Medeiros e Hilda Lobo. (13/19). 330 p. br. Cr$ 12,00. (6/42). **Ed. Pan-Americana.**

HORLER (Sydney). — A volta de Vivanti. Trad. Marques Rebelo. Col. Amarela, 96. (13/19). 289 p. br. Cr$ 7,00. (5/42). **Globo.**

HOUVILLE (Gérard D'). — Le temps d'aimer. (12/19). 247 p. br. Cr$ 16,00. (4/42). **Americ-Edit.**

HOY (Elisabeth). — Sob o luar. Trad. Florita do Vale. Bibl. das Moças, 105. (13/19). 247 p. br. Cr$ 7,00. (8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

HUDSON (W. H.). — Verdes moradas. Trad. M. Deabreu. Col. Nobel, 45. (14/19). 249 p. br. Cr$ 12,00. (8/42). **Globo.**

HULL (E. M.) — O filho do Sheik. Trad. José Silva Pereira. Col. Para Todos. (13/19). 331 p. br. Cr$ 10,00. (Nova ed. 12/42). **Cia. Ed. Nacional.**

HUXLEY (Aldous). — ...Também o cisne morre. Trad. Paulo Moreira da Silva. Col. Nobel, 47. (14/19). 304 p. br. Cr$ 14,00. (11/42). **Globo.**

JORGE (J. G. de Araujo). — Um besouro contra a vidraça... (13/19). 317 p. br. Cr$ 12,00. (11/42). **José Olympio.**

KENNEDY (Margaret). — O irreparavel engano. Trad. e pref. de Herman Lima. Col. Fogos Cruzados, 8. (13/19). 401 p. br. Cr$ 15,00. (2/42). **José Olympio.**

KENNEDY (Margaret). — A ninfa constante. Trad. Gilda Marinho. Col. Nobel, 44. (14/19). 332 p. br. Cr$ 14,00. (8/42). **Globo.**

KERRUISH (J. D.). — Une médium-detective. Col. "Police-Secours", 1. Éd. Chantecler. (11/18). 178 p. br. Cr$ 8,50. (8/42). **Livr. Victor.**

LABOREIRO (Simão de). — Perseverança! (História de um português no Brasil). (13/19). 252 p. br. Cr$ 15,00. (4.ª ed. 9/42). **Distr. Civilização.**

LAGERLOF (Selma). — Lendas cristãs. Trad. Rosinha de Mendonça Lima. Pref. Pedro Calmon. Il. Armando Pacheco. (16/23). 223 p. br. Cr$ 20,00. (12/42). **A Noite.**

LEWIS (Sinclaor). — Ana Vickers. Trad. Paulo Silveira. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 13. (13/19). 338 p. br. Cr$ 12,00. (11/42). **Pongetti.**

LEWIS (Sinclair). — Babbitt. Trad. Leonel Vallandro. Col. Nobel, 9. (14/19). 416 p. br. Cr$ 12,00. (3/42). **Globo.**

LILLES (Mme. Des). — Mistérios do coração. Trad. Ligia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 15. (14/20). 216 p. br. Cr$ 6,00. (6/42). **Emp. Ed. Brasileira.**

LIMA (Pedrina). — A predestinada. Novela espiritualista. (13/18). 384 p. br. Cr$ 9,00. (12/42). **O Pensamento.**

LLEWELLYN (Richard). — Como era verde o meu vale. Trad. e pref. de Oscar Mendes. Col. Nobel, G3. (15/23). 503 p. br. Cr$ 20,00. (5/42). **Globo.**

LYNDON (Barre). — Quando morre o dia. Trad. José Castellar. (14/19). 197 p. br. Cr$ 12,00. (9/42). **Vecchi.**

MACHADO (Anibal M.), RAMOS (Graciliano), AMADO (Jorge), REGO (José Lins do), QUEIROZ (Raquel de). — Brandão entre o mar e o amor. (14/20). 154 p. br. Cr$ 8,00. (7/42). **Livr. Martins.**

MACHADO (Dyonelio). — O louco do Cati. (Aventura). (14/20). 286 p. br. Cr$ 12,00. (3/42). **Globo.**

MANN (Thomas). — Os Buddenbrook. Decadência duma familia. Trad. Herbert Caro. Col. Nobel, G4. (15/23). 646 p. br. Cr$ 25,00. (10/42). **Globo.**

MARANHÃO (Stella). — A ponte de ouro. (13/19). 219 p. br. Cr$ 8,00. (12/42). Pongetti.

MARQUAND (John P.). — Sol de Outono. Trad. M. P. Moreira Filho. Col. Fogos Cruzados, 12. (14/23). 405 p. br. Cr$ 20,00. (8/42). José Olympio.

MARTINS (Fran). — Estrela do pastor. (13/19). 297 p. br. Cr$ 12,00. (10/42). José Olympio.

MARYAN (M). — Reconciliação. Trad. de Avelisa. Bibl. das Senhorinhas, 16. (14/20). 194 p. br. Cr$ 7,00. (2.ª ed. 9/42). Emp. Ed. Brasileira.

MAUGHAM (W. Somerset). — A carta. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Tucano, 2. (12/18). 167 p. br. Cr$ 8,00. (8/42). Ed. Meridiano.

MAUGHAM (W. Somerset). — Um casamento em Florença. Trad. Leonel Vallandro. Col. Nobel, 46. (14/19). 191 p. br. Cr$ 8,00. (7/42). Globo.

MAUGHAM (W. Somerset). — Servidão humana. Trad. Antonio Barata. Col. Nobel. 22. (14/19). 701 p. br. Cr$ 18,00. (3.ª ed. 11/42). Globo.

MAURIER (Daphne Du). — Rebecca, a mulher inesquecivel. Trad. Lígia Junqueira Smith e Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 2. (15/22). 383 p. br. Cr$ 15,00. (Nova ed. 2/42). Cia. Ed. Nacional.

MEDEIROS (Ocelio de). — A represa. (Romance da Amazonia). (13/19). 210 p. br. Cr$ 8,00. (7/42). Pongetti.

MEERSCH (Maxence Van Der). — O pecado do mundo. Trad. Edison Carneiro. (14/19). 258 p. Il. br. Cr$ 12,00. (10/42). Vecchi.

MÉRIMÉE (Prosper). — Colomba. Trad. Silveira Peixoto. Col. Excelsior, 13. (12/18). 218 p. cart. Cr$ 8,00. (9/42). Livr. Martins.

MERREL (Concordia). — O casamento de Anna. Trad. Azevedo Amaral. Bibl. das Moças, 9. (13/19). 266 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 7/42). Cia. Ed. Nacional.

MERREL (Concordia). — Casamento de experiencia. Trad. Oliveira Ribeiro Neto. Bibl. das Moças, 11. (13/19). 248 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 11/42). Cia. Ed. Nacional.

MERREL (Concordia). — Felicidade inesperada. Trad. Jeronymo Monteiro. Bibl. das Moças, 36. (13/19). 271 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 6/42). Cia. Ed. Nacional.

MERREL (Concordia). — O homem sem piedade. Trad. Mario Sette. Bibl. das Moças, 41. (13/19). 294 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 8/42). Cia. Ed. Nacional.

MERREL (Concordia). — A maltrapilha. Trad. Bibl. das Moças, 62. (13/19). 269 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 9/42). Cia. Ed. Nacional.

MERREL (Concordia). — O selvagem. Trad. Waldemar Cavalcanti. Bibl. das Moças, 91. (13/19). 260 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 7/42). Cia. Ed. Nacional.

MONIZ (Edmundo). — Branca de Neve. Col. Grandes Novelas, 2. (13/19). 61 p. br. Cr$ 4,00. (1/42). Ed. Curiosidade.

MONTEIRO (Waldemiro de Lima). — A vida. (13/19). 144 p. br. Cr$ 8,00. (9/42). Pongetti.

MONTEPIN (Xavier de). — A mulher do realejo. Trad. rev. por Silva Souza Filho. Col. O Romance Popular. (17/24). 2 vols. 292 + 284 p. br. Cr$ 22,00. (6/42). Ed. e Publ. Brasil.

MONTEPIN (Xavier de). — A mulher do realejo. 1.º vol., O Maneta. Trad. (14/20). 366 p. br. Cr$ 15,00. (10/42).

2.º vol., Julgado pela filha. Trad. (14/20). 386 p. br. Cr$ 15,00. (10/42).

3.º vol., O assassino. Trad. Col. Romances Célebres, 3. (14/20). 368 p. br. Cr$ 15,00. (11/42).

4.º vol., Arruinadas. Col. Romances Célebres, 4. (14/20). 352 p. br. Cr$ 15,00. (11/42). Emp. Ed. Brasileira.

MONTGOMERY (L. M.). — Anne Shirley. Trad. Yolanda Vieira Martins. Bibl. das Moças, 65. (13/19). 295 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 8/42). Cia. Ed. Nacional.

MORGAN (Charles). — Sparkenbroke. Trad. Mario Quintana. Col. Nobel, 62. (15/23). 500 p. br. Cr$ 18,00. (1/42). Globo.

MOSCHETTI (Lydia). — A sobrinha do Cardeal. (16/23). 303 p. br. Cr$ 10,00. (6/42). Distr. Vecchi.

NATHAN (Robert). — O retrato de Jennie. Trad. Erico Verissimo. Col. Tucano, 1. (12/18). 179 p. br. Cr$ 8,00. (8/42). Ed. Meridiano.

NEU (Sereth). — Michel Platanaz. (Roman savoisien). (14/19). 335 p. br. Cr$ 20,00. (11/42). Atlantica Ed.

NIVEN (P. Mac). — Ampu-Ser. A filha dos Deuses. (17/24). 284 p. br. Cr$ 20,00. (6/42). Ed. Pan-Americana.

NOGUEIRA (W. Cavalcanti). — Quando as luzes se acendem. (13/19). 292 p. br. Cr$ 15,00. (6/42). Ed. Século XX.

OHNET (Jorge). — Entre dois amores. Trad. Nossa Col., 39. (10/14). 248 p. br. Cr$ 3,00. (10/42). Emp. Ed. Brasileira.

OLIVEIRA (D. Martins de). — Os romeiros. Premiado pela Academia Brasileira de Letras. (13/19). 357 p. br. Cr$ 15,00. (5/42). Ed. Século XX.

ORCZY (Baronesa). — Eldorado. Trad. Col. Para Todos, 28. (13/19). 419 p. br. Cr$ 9,00. (Nova ed. 7/42). Cia. Ed. Nacional.

ORCZY (Baronesa). — Eu me vingarei. Trad. Col. Para Todos. (13/19). 242 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 8/42). Cia. Ed. Nacional.

PEIXOTO (Afranio). — Sinhàzinha. (13/19). 304 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 7/42). Cia. Ed. Nacional.

PILLA (D.). — Pequenos mártires. Il. D. Pilla. (16/23). 382 p. br. Cr$ 12,00. (12/42). **Pia Sociedade.**

PINHÃO (Tavares). — Domitila de Castro. Marquesa de Santos. Romance Histórico. (14/19). 181 p. br. Cr$ 10,00. (8/42). **Ed. Anchieta.**

PITIGRILLI. — Cocaina. Trad. (14/19). 232 p. br. Cr$ 10,00. (4.ª ed. 12/42). **Vecchi.**

PITIGRILLI. — A virgem de 18 quilates. Trad. João Santana. (14/19). 230 p. br. Cr$ 10,00. (4.ª ed. 12/42). **Vecchi.**

PLESSY (Antoine du). — Maria do Amor. Trad. Geuci Vieira. Col. Romance para Moças, 5. (13/19). 191 p. br. Cr$ 5,00. (7/42). **Ed. Anchieta.**

PONCELA (Henrique Jardiel). — Amor se escreve sem agá. Romance humoristico. Trad. Galvão de Queiroz. (14/19). 323 p. br. Cr$ 10,00. (4/42). **Vecchi.**

PORTER (Eleanor H.). — Pollyanna. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. das Moças, 68. (13/19). 262 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

POUSADA (António). — Novelas Trasmontanas. (13/19). 214 p. br. Cr$ 8,00. (6/42). **Distr. Antunes**

PRÉVOST. — Manon Lescaut. Trad. Araujo Nabuco. Col. Excelsior, 10. (12/18). 247 p. cart. Cr$ 8,00. (4/42). **Livr. Martins.**

PRÉVOST (Marcel). — La retraite ardente. (12/18). 330 p. br. Cr$ 20,00. (8/42). **Americ — Edit.**

QUEIROZ (Rachel). — O Quinze. Prêmio de Romance da Fundação Graça Aranha. (13/19). 217 p. br. Cr$ 9,00. (3.ª ed. 9/42). **Cia. Ed. Nacional.**

RAMOS (Jesuino). — Os flagelados. (14/19). 165 p. br. Cr$ 8,00. (11/42). **Vecchi.**

REBOUX (Paul). — Romeu e Julieta. Os amantes de Verona. Col. Amores Imortais. (14/19). 213 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). **Vecchi.**

REED (Kitty). — Amor que castiga. Trad. Haydée Calmasini. Col. Romance para Moças, 2. (13/19). 228 p. br. Cr$ 6,00. (6/43). **Ed. Anchieta.**

REED (Kitty). — Só amo minha esposa. Trad. Haydée Calmasini. Col. Romance para Moças, 1. (13/19). 228 p. br. Cr$ 6,00. (6/42). **Ed. Anchieta.**

REED (Myrtle). — Cinzas do passado. Trad. Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 56. (13/19). 203 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 7/42). **(Cia. Ed. Nacional.**

REGO (José Lins do). — Agua-Mãe. Prêmio de 1941 da Sociedade Felipe d'Oliveira. (13/19). 363 p. br. Cr$ 12.00. (2.ª ed. 4/42). **José Olympio.**

REGIS (Regina). — Por que não/ (13/19). 428 p. br. Cr$ 12 00. (3/42). **Pongetti.**

REMARQUE (Erich Maria). — Náufragos. Trad. Rachel de Queiroz. Col. Fogos Cruzados, 7. (13/23). 366 p. br. Cr$ 20,00. (4/42). **José Olympio.**

RIBEIRO (Julio). — A carne. (14/19). 278 p. br. Cr$ 6,00. (17.ª ed. 7/42). **Livr. Alves.**

RIVIÈRE (Jacqueline). — Afilhada das abelhas. Trad. Branca do Canto e Mello. Col. Menina e Moça, 3. (13/19). 180 p. br. Cr$ 7,00. (12/42). **José Olympio.**

ROHMER (Sax). — Quando a morte ri. Trad. Isaac Soares. Col. Amarela, 86. (13/19). 228 p. br. Cr$ 7,00. (1/42). **Globo.**

ROLLAND (Romain). — Jean Christophe. 2.º vol. Trad. Vidal de Oliveira. Col. Nobel, 51. (14/19). 429 p. br. Cr$ 15,00. (3/42). 3.º vol. Trad. Vidal de Oliveira. Col. Nobel. 52. (14/19). 305 p. br. Cr$ 12,00. (4/42). 4.º vol Trad. Vidal de Oliveira. Col. Nobel, 53. (14/19). 381. p. br. Cr$ 15,00. (6/42). 5.º vol. Trad. Vidal de Oliveira. Col. Nobel, 54. (14/19). 411 p. br. Cr$ 15,00. (6/42).

RUCK (Berta). — Cavadora de ouro. Trad. Tito Marcondes. Bibl. das Moças, 100. (13/19). 272 p. br. Cr$ 7,00. (4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

RUCK (Berta). — A esposa que não foi beijada. Trad. Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 58. (13/19). 343 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 2/42). **Cia. Ed. Nacional.**

RUCK (Berta). — Estranha lua de mel. Trad. Anita Martins de Souza. Bibl. das Moças, 103. (13/19). 320 p. br. Cr$ 8,00. (8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

RUCK (Berta). — A ladra. Trad. Caio Rangel. Bibl. das Moças, 63. (13/19). 297 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 1941 — 10/42). **Cia. Ed. Nacional.**

RUCK (Berta). — Torneio de valsas. Trad. J. Carvalho. Bibl. das Moças, 102. (13/19). 280 p. br. Cr$ 7,00. (7/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SABATINI (Rafael). — O capitão Blood. Trad. Orlando Rocha. Col. Para Todos. (13/19). 341 p. br. Cr$ 8,00. (Nova ed. 7/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SABATINI (Rafael). — O principe romantico. Trad. Orlando Rocha. Col. Para Todos. (13/19). 391 p. br. Cr$ 10,00. (Nova ed. 8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SAND (George). — Narciso. Trad. Regina de Carvalho. Col. Romance Para Moças, 6. (13/19). 218 p. br. Cr$ 6,00. (10/42). **Ed. Anchieta.**

SCHMIDT (Afonso). — Reino do céu. Col. Flama, 2. (14/20). 120 p. br. Cr$ 7,00. 10/42). **Moema Ed.**

SIENKIEWCZ (H.). — O dilúvio. Trad. rev. por Roberto Furquim. (16/23). 404 p. p. br. Cr$ 20,00. (6/42). **Ed. Pan-Americana.**

SIENKIEWICZ (H.) — A ferro e fogo. Trad. R. Magalhães. (17/24). 430 p. br. Cr$ 25,00. (8/42). **Ed. Pan-Americana.**

SIENKIEWICZ (H.). — Quo Vadis? Trad. Série "Novelas Universais", 1. (14/20). 347 p. br. Cr$ 15,00. (12/42). **Ed. Cultura.**

SILONE (Ignazio). — Fontamara. Trad. Aristides Lobo. (13/19). 216 p. br. Cr$ 12,00. (8/42). **Atenas Ed.**

SIMPSON (Margaret). — O homem que sonhei Tad. Haidée Calmasini. Col. Romance Para Moças, 3. (13/19). 187 p. br. Cr$ 5,00. (7/42). **Ed. Anchieta**

SISNANDO (Jayme). — Nasci para casar. (14/19). 131 p. br. Cr$ 6,00. (8/42). **Gr. Laemmert, Rio.**

SOUTHWORTH (Emma). — A sogra. Trad. Oliveira Ribeiro Neto. Bibl. das Moças 21. (13/19). 251 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. 8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SOUVIGNY — (Germaine de). — Penhor de gratidão. Trad. F. Fourniol. Col. Romance Para Moças, 4. (13/19). 196 p. br. Cr$ 5,00. (7/42). **Ed. Anchieta.**

SPRING (Howard). — Meu filho, meu filho! Trad. Lígia Junqueira Smith e Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 4. (15/22). 399 p. br. Cr$ 16,00. (4.ª ed. 5/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SPRING (Howard). — Onde estão os nossos sonhos? Trad. Godofredo Rangel e Jamil Almansur Haddad. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 14. (15/22). 677 p. br. Cr$ 25,00. (12/42). **Cia. Ed. Nacional.**

STAEL (Baronesa de). — Sacrifício de esposa. Trad. Bibl. das Senhorinhas, 14. (14/20). 222 p. br. Cr$ 7,00. (9/42). **Emp. Ed. Brasileira.**

STEINBECK (John). — Boêmios errantes. Trad. Edison Carneiro. (14/21). 226 p. il. br. Cr$ 15,00. (9/42). **Vecchi.**

STENDHAL. — A abadessa de Castro. Trad. Pedro Ferraz do Amaral. Col. Excelsior, 7. (12/18). 201 p. cart. Cr$ 8,00. (1/42). **Livr. Martins.**

STENDHAL. — Armance. Trad. Hercílio de Oliveira e Souza. Rev. por Edith de Carvalho Negrais. Col. Romance Para Moças, 9. (13/19). 214 p. br. Cr$ 6,00. (12/42). **Ed. Anchieta.**

STEVENSON (Robert Louis). — O médico e o monstro. Trad. Orlando Rocha. (14/20). 230 p. br. Cr$ 12,00. (2/42). **Ed. Universitária.**

STRUTHER (Jan). — Flor de esperança. (Mrs. Miniver). Trad. Esther Mesquita. (14/20). 289 p. br. Cr$ 12,00. (10/42). **Cia. Ed. Nacional.**

TAHAN (Malba). — A sombra do arco-íris. Trad. e adaptação de Breno Alencar Bianco. Il. Calmon Barreto. (16/23). 363 p. br. Cr$ 30,00. (3.ª ed. 1/42). **Getulio Costa.**

TAUNAY (Visconde de). — Inocência. Pref. Afonso de E. Taunay. Il. F. Richter. (12/18). 256 p. br. Cr$ 12,00. (23.ª ed. 6/42). **Ed. Melhoramentos.**

TERRAIL (Ponson du). — Rocambole. 3.ª parte. As proezas de Rocambole. Vol. 1, Selvagem. Trad. Col. Grandes Obras, 9, (10/14). 255 p. br. Cr$ 3,50. (1941 — 9/42).

Vol. 2, O homem das Tulherias. Col. G. O., 10. 255 p. Cr$ 3,50. (1941 — 9/42).

Vol. 3, O camarote da opera. Col. G. O., 11. 255 p. br. Cr$ 3,50. (9/42).

Vol. 4, A revolta de Zampa. Trad. Col. G. O., 12, 256 p. br. Cr$ 3,50. (11/42).

Vol. 5, Rocambole e Ventura. Trad. Col. G. O., 13. 255 p. Cr$ 3,50. (11/42). **Emp. Ed. Brasileira**

TINAYRE (Marcelle). — L'ennemie intime. (12/19). 293 p. br. Cr$ 18,00. (11/42). **Americ — Edit.**

TOLSTOI (Leon). — Os cossacos. Trad. Almir de Andrade. Col. Fogos Cruzados. 19. (13/19). 220 p. br. Cr$ 15,00. (11/42). **José Olympio.**

TOLSTOI (Léon). — Guerra e paz. Trad. Gustavo Nonnemberg. Bibl. dos Séculos, 2 - 3. (15/23). 2 vols. 605 + 631 p. br. Cr$ 50,00. (11/42. **Globo.**

TRILBY (T.) — Uma moça de hoje. Trad. José Mariano. Bibl. das Moças, 19. (13/19). 287 p. br. Cr$ 7,00. (9/42). **Cia. Ed. Nacional.**

TURGUENEFF (Ivan). — Rudine. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 14. (13/19). 182 p. br. Cr$ 8,00. (11/42 — 1943). **Pongetti.**

VALMOR. — O mistério do Castelo de Morande. Trad. Valdemar Cavalcante. Col. Menina e Moça, 1. (13/19). 217 p. br. Cr$ 7,00, 12/42). **José Olympio.**

VARÃO (Antônio S.). — "Sonho e Visão". Novela espiritualista. (12/16). 59 p. br. Cr$ 5,00. (12/42). **Gr. Mundo Espírita, Rio.**

VASZARY (Gábor Von). — Um pobre amor em Paris. Trad. Hipólito Kun.z Col. Nob l. 41. (14/19). 314 p. br. Cr$ 10,00. (1/42). **Globo.**

VERI[illegible] (E[illegible]). — C[illegible] [illegible]). 227 p. br. Cr$ 10,00. (4.ª ed. 5//42). **Globo.**

VOLTAIRE. — Zadig. Trad. e pref. de Genolino Amado. Col. Fogos Cruzados, 14. (13/19). 210 p. br. Cr$ 15,0[illegible] **José Olympio.**

WALLACE (Edgar). — A esquadra volante. Trad. Gilberto Miranda. Col. Amarela, 75. (13/19). 258 p. br. Cr$ 7,00. (1/42). **Globo**

WALLACE (Edgar). — O homem de Marrocos. Trad. Col. Para Todos. (13/19). 428 p. br. Cr$ 10,00. (Nova ed. 8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

WARREN (Lella). — O solar da muralha de pedra. Trad. Ilka Labarthe. (15/23). 436 p. br. Cr$ 20,00. (2.ª e[illegible] **José Olympio.**

WERFEL (Franz). — A canção de Bernadette. Trad. Marina Guaspari. (15/22). 411 p. br. Cr$ 22,00, enc. Cr$ 30,00. (12/42 — 1943). **Pongetti.**

WREN (P. C.) — Beau Sabreur. Trad. José Baptista da Luz. Col. Para Todos, 3. (13/19). 377 p. br. Cr$ 10,00. (10/42). **Cia. Ed. Nacional.**

YUTANG (Lin). — Momento em Pekim. Romance da vida chinesa de hoje, trad. Gulnara Morais Lobato e Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 9. (15/22). 660 p. br. Cr$ 25,00. Nova ed. 12/42). Cia. Ed. Nacional.

YUTANG (Lin). — Uma folha na tempestade. Trad. Ruth Lobato e Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 13. (15/22). 347 p. br. Cr$ 15,00. (11/42). Cia. Ed. Nacional.

ZAMACOIS (Eduardo). — As raizes. Trad. Galvão de Queiroz. (14/21). 283 p. br. Cr$ 12,00. (8/42). Ed. Mundo Latino.

ZOLA (Emile). — Teresa Raquin. Trad. Moacyr Werneck de Castro. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 9. (13/19). 234 p. br. Cr$ 10,00. (2/42). Pongetti.

ZWEIG (Stefan). — Coração inquieto. Trad. Odilon Gallotti. Ed. Uniforme, 12. (15/22). 412 p. br. Cr$ 20,00., Enc. Cr$ 25,00. (Nova ed. 4/42). Guanabara.

ZWEIG (Stefan). — A corrente. Trad. rev. por Costa Neves. Ed. Uniforme, 3. (15/22). 503 p. enc. Cr$ 25,00. (Nova ed. 4/42). Guanabara.

ZWEIG (Stefan). — As três paixões. Três novelas. Trad. Odilon Gallotti e Elias Davidovich. Ed. Uniforme, 16. (15/22). 213 p. br. Cr$ 20,00, enc. Cr$ 25,00. (10/42). Guanabara.

4-8. B. 6) CONTOS

CONTO UNIVERSAL (As obras primas do). — Introdução, notas, compilações e traduções de Almiro Rolmes Barbosa e Edgar Cavalheiro. Il. de Urban. P. de A Marcha do Espirito, 6. (14/22). 281 p. br. Cr$ 20,00. (11/42). Livr. Martins.

CONTOS BRASILEIROS (Antologia de). — Organizada por Donatello Grieco. Com 16 noticias Crítico-Biográficas. Des. de Armando Pacheco. (13/19). 261 p. br. Cr$ 8.00. (1/42). A Noite.

COLETTE. — L'envers du music-hall. (12/19). 244 p. br. Cr$ 18,00. (12/42). Americ-Edit.

ESPIRITO (O) DO CONTO através a pena de Augusto BAILLY, Sacha GUITRY, Pierre BENOIT, Maxence Van Der MEERSCH, Pearl BUCK, Somerset MAUGHAM e Máximo GORKY. Organização e trad. de Sonia Muniz. Col. Cultura Moderna. (16/23). 183 p. br. Cr$ 15,00 (3/42). Ed. Curiosidade.

GREGO (Adriano). — Quando os marechais se rendem. Trad. Brasidio Leste. (13/19). 195 p. br. Cr$ 10,00. (2/42). Atena Ed.

HOLLANDA (Aurelio Buarque de). — Dois mundos. (13/19). 265 p. br. Cr$ 12,00. (11/42). José Olympio.

LESSA (Elsie). — Enfermaria de 3.ª Col. Caderno Azul, 9. (14/19). 69 p. br. Cr$ 3,00. (11/42). Ed. Guaíra.

ORICO (Osvaldo). — Jeanne la Simple. Joana Maluca. Trad. Charles Oulmont. (Originais e trad.). Il. de Rosasco. (16/22). 58 p. br. Cr$ 20,00. (10/42). Distr. Livr. Victor.

ORICO (Oswaldo). — Mundo ajoelhado. (13/19). 204 p. br. Cr$ 10,00. (3/42). Distr. Civilização.

PACHECO (João). — Negra a caminho da cidade. (13/19). 237 p. br. Cr$ 10,00. (8/42). Livr. Martins.

PEIXOTO (Afranio). — Amor sagrado e amor profano. Contos e fantasias. (13/19). 228 p. br. Cr$ 10,00. (12/42). Cia. Ed. Nacional.

REBÊLO (Marques). — Stela me abriu a porta. (13/19). 173 p. br. Cr$ 8,00. (8/42). Globo.

SILVA (Zedar Perfeito da). — "Nem tudo está perdido". (14/19). 152 p. br. Cr$ 8,00. (8/42). Ed. Século XX.

TAHAN (Malba). — Céu de Allah. Contos orientais. Ils. de Cavalheiro e Constantino. (13/19). 191 p. br. Cr$ 8,00. (5.ª ed. 8/42). Getulio Costa.

TAHAN (Malba). — Lendas do céu e da terra. Des. F. Acquarone. (13/19). 241 p. br. Cr$ 8,00. (5.ª ed. 5/42). Getulio Costa.

TAHAN (Malba). — Lendas do deserto. Contos orientais. Pref. Olegario Mariano. (13/19). 194 p. il. br. Cr$ 8,00. (4.ª ed. 5/42). Getulio Costa.

TAHAN (Malba). — Maktub! (Estava escrito!). Pref. Khara Ulugbeg. Trad. e nota de Breno Alencar Bianco. (13/19). 195 p. il. br. Cr$ 8,00. (2.ª ed. 3/42). Getulio Costa.

TAHAN (Malba). — Mil histórias sem fim... 1.º vol. Trad. e notas de Breno Alencar Bianco. Pref. Humberto Campos. (13/19). 193 p. br. Cr$ 8,00. (4.ª ed. 4/42). Getulio Costa.

TAHAN (Malba). — Minha vida querida. Trad. e notas de Breno Alencar Bianco. Il. Calmon Barreto. (13/19). 189 p. br. Cr$ 8,00. (5.ª ed. 10/42). Getulio Costa.

ZARBA—D'ASSORO (B.). — Ao encontro da estrela. (12/18). 144 p. br. Cr$ 5,00. (8/42). Pia Sociedade.

4-8. B. 7) ELOQUÊNCIA

CASTRO (Aloysio de). — Discursos literarios. (14/21). 228 p. br. Cr$ 18,00. (11/42). Vecchi.

CHEDIAK (Antônio J.). — Carlos de Laet, O polemista. 1.ª série. Pref. Escragnolle Doria. (13/19). 275 p. br. Cr$ 12,00. (4/42). Ed. Anchieta.

MENDONÇA (Yolanda). — Fr. Francisco do Monte Alverne. Esteta da palavra. (14/18). 85 p. br. Cr$ 4,00. (5/42). Antunes.

VIEIRA (Pe.). — Sermões de ouro. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 7. (11/18). 451 p. br. Cr$ 30,00. (1/42). Ed. Cultura.

4.8. B.8) OBRAS PARA CRIANÇAS

ACQUARONE (F.) — Os grandes benfeitores da humanidade. Des. de F. Acquarone. (15/22). 259 p. cart. Cr$ 15,00. (4.ª ed. 11/42). **Pongetti.**

ACQUARONE (F.). — Parque de diversões. Des. F. Acquarone. (18/21).54 p. cart. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 11/42). **Ed. Melhoramentos.**

ALEGRIA das Crianças. — N.º 5. Crianças em férias. (22/30). 8 p. il. (S/texto). br. Cr$ 4,00. (11/42). **Ed. Melhoramentos.**

ALMANAQUE O LOBINHO. — Edição gigante. (18/27). 276 p. il. cart. Cr$ 10,00. (12/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

ALMEIDA (Lucia Machado de). — O mistério do Polo. Il. Percy Deane. (16/21). 57 p. cart. Cr$ 10,00. (12/42). **Ed. Criança.**

ALTAIR (Jaçanã). — Filipe, é você Filipe ... Col. Lendas Curiosas, 15. (12/18). 99 p. il. br. Cr$ 6,00. (11/42). **Ed. Melhoramentos.**

ANDERSEN. — Burrinho encantado. Trad. Haydée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 56 p. il. br. Cr$ 3,50. (11/42). **Emp. Ed. Brasileira.**

ANDERSEN. — O patinho feio. Trad. Haydée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 55 p. il. br. Cr$ 3,50. (11/42). **Emp. Ed. Brasileira.**

ANÍSIO (Pedro). — Anchieta, para crianças. Il. Celso Barroso. Bibl. Pátria, 4. (12/13). 283 p. cart. Cr$ 6,00. (6/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

AVENTURAS maravilhosas do Barão de Munchausen. Trad. Carlos Jansen. Rev. por Terra de Sena. (17/24). 118 p. il. cart. Cr$ 15,00. (12/42-1943). **Ed. Minerva.**

BASTOS (Miranda). — Santos Dumont, para crianças. Il. Mário Pacheco. Bibl. Pátria, 5. (12/13). 295 p. cart. Cr$ 6,00. (7/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

BELAIR (Edgard Liger-), SÁ (Luiz). — Gigi-Gogô. Il. Luiz Sá. Col. das 4 Línguas, 1. (16/12). 33 p. br. Cr$ 3,50. (9/42). **Livr. Franco-Brasileira.**

BUSCH (W.). — Juca e Chico. História de dois meninos em sete travessuras. Trad. de Fantasio (Olavo Bilac). (16/23). 56 p. il. cart. Cr$ 8,00. (7.ª ed. 12/42). **Ed. Melhoramentos.**

CAPP (Al). — Lil Abner e os Ratazanas. Trad. Col. Gibi, 16. (9/11). 265 p. il. cart. Cr$ 5,00. (12/42). **Globo Juvenil.**

CHRISTINO (Lina). — Meu pedacinho do céu. (13/19). 96 p. cart. Cr$ 6,00. 12/42). **Ed. Autor, Rio.**

CORDEIRO (Mario). — Um grão de café passeia pelo mundo. Des. de Queiroz e Rosasco. (19/26). 79 p. cart. Cr$ 12,00. (5/42). **Z. Valverde.**

CORRÊA (Viriato). — História do Brasil para crianças. Il. de Belmonte. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 18. (16/22). 227 p. cart. Cr$ 15,00. (9.ª ed. 8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

CRANE (Roy). — Cesar e Tubinho. Trad. Col. Gibi, 11. (9/11). 425 p. il. cart. Cr$ 4,00. (4/42). **Globo Juvenil.**

CRUZ (Marques da). — Nossa Senhora Aparecida. (15/17). 63 p. br. Cr$ 6,00. (6/42). **Ed. Melhoramentos.**

DAMIÃO (Histórias do Tio). — Totó. (Série A, n.º 1). (11/24). 16 p. il. br. Cr$ 2,00. (12/42). **Ed. Melhoramentos.**

DAMIÃO (Histórias do Tio). — Baianinha. (Série A, n.º 2). (11/24). 16 p. il. br. Cr$ 2,00. (12/42). **Ed. Melhoramentos.**

DISNEY (Walt). — Clarabela. Trad. Col. Walt Disney, 6. (14/16). 61 p. il. cart. Cr$ 2,50. (1/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — Coisas de Pluto. Trad. Sodré Vianna. Col. Walt Disney, 12. (14/12). 64 p. il. cart. Cr$ 2,50. (6/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — Donald x Quinquim. Trad. Sodré Vianna. Col. Walt Disney, 10. (14/12). 64 p. il. cart. Cr$ 2,50. (4/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — Dumbo. Para ler! Para colorir! Trad. (24/32). 50 p. il. br. Cr$ 10,00. (1941-10/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — "Mamãe" Pluto. Trad. Sodré Vianna. Col. Walt Disney, 7. (14/12). 63 p. il. cart. Cr$ 2,50. (2/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — Mickey em apuros. Trad. Sodré Vianna. Col. Walt Disney, 9. (14/12). 69 p. il. cart. Cr$ 2,50. (4/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — Minnie, a namorada. Trad. Sodré Vianna. Col. Walt Disney, 8. (14/12). 72 p. il. cart. Cr$ 2,50. (3/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — Sinfonia campestre. Trad. Sodré Vianna. Col. Walt Disney, 11. (14/12). 64 p. il. cart. Cr$ 2,50. (5/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Viagem através do Brasil. Vol. II, Nordeste. Il. do Autor. (18/23). 92 p. 2 mapas, cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 12/42).

Vol. VI, Brasil-Sul, Santa Catarina. Il. do Autor. (18/23). 84 p. 1 prancha, cart. Cr$ 12,00. (11/42). —

Vol. VII, Brasil-Sul, Paraná. Il. do Autor. (18/23). 122 p. 1 mapa, cart. Cr$ 15,00. (12/42). **Ed. Melhoramentos.**

FALK (Lee), DAVIS (Phil). — Mandrake e os Marcianos. Trad. Col. Gibi, 14. (9/11). 428 p. il. cart. Cr$ 4,00. (8/42). **Globo Juvenil.**

FALK (Lee), MOORE (Ray). — O Fantasma e a justiça do deserto. Trad. Col. Gibi, 17. (9/11). 427 p. il. cart. Cr$ 5,00. (12/42). **Globo Juvenil.**

FERRAZ (Wanda). — Rosinha vai a Nova-York. Para classes juvenis. Des. Leda Acquarone. (17/24). 94 p. cart. Cr$ 12,00. (9/42). **Bedeschi.**

FLEURY (Renato Sêneca). — Brincar de ler. Livro de figuras. (16/17). 70 p. il. br. Cr$ 5,00. (7.ª ed. 8/42).
Ed. Melhoramentos.

FLEURY (Renato Sêneca). — Ao passo das caravanas. Col. Histórias Maravilhosas, 20. (12/18). 67 p. il. br. Cr$ 7,00. (11/42). Ed. Melhoramentos.

FONSECA (Gondin da). — Contos do país das fadas. Il. Henrique Cavalleiro. (16/23). 192 p. cart. Cr$ 15,00. (Nova ed. 9/42-1943). Livr. Quaresma.

FONTES (Ofelia e Narbal). — Regina, A Rosa de Maio. Pref. Monsenhor Francisco Mac Dowell e Pe. Armando de Souza Pereira. (15/19). 22 p. il. br. Cr$ 12,00. (12/42).
N. Fontes.

FUSILLI (Remo). — A ilha sem nome. Trad. Tito de Alencar. (12/18). 136 p. il. br. Cr$ 5,00. (8/42). Pia Sociedade.

GRANT (Maxwell). — O Sombra. Il. Erwin L. Hess. Trad. Nova Bibl. Mirim, 25. (/11). 381 p. cart. Cr$ 4,00. (5/42).
A Noite, Publ. Infantis.

GRANT (Maxwell). — Sombra e Khan, o hipnotizador. Il. Erwin L. Hess. Trad. Col. Gibi, 12. (9/11). 428 p. br. Cr$ 4,00 (5/42). Globo Juvenil.

GRIMM (Irmãos). — Bichaninho. Trad. Haydée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 54 p. il. br. Cr$ 3,50. (11/42).
Emp. Ed. Brasileira.

GRIMM. — Contos. Trad. Monteiro Lobato. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 7. (16/22). 112 p. il. cart. Cr$ 7,00. (6.ª ed. 11/42). Cia. Ed. Nacional.

GRIMM (Irmãos). — Gatinha Branca. Trad. N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 55 p. il. br. Cr$ 3,50. (11/42).
Emp. Ed. Brasileira.

GRIMM (Irmãos). — Tontinho. Trad. Haydée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 56 p. il. br. Cr$ 3,50. (11/42).
Emp. Ed. Brasileira.

GRIMM (Irmãos). — A touca mágica. Trad. Haydée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 56 p. il. cart. Cr$ 3,50. (11/42).
Emp. Ed. Brasileira.

GUIMARÃES (Vicente). — Histórias divertidas. Des. Fabio Horta. (16/19). 60 p. cart. Cr$ 6,00. (12/42).
Ed. Era Uma Vez. B. Horizonte.

HERMAN (Fred). — Bronco Piler e a Lei do Oeste. Trad. Col. Gibi, 15. (9/11). 428 p. il. cart. Cr$ 4,00. (11/42).
O Globo Juvenil.

HISTORIETAS. — N.º 1. Os três leitõesinhos. (23/32). 16 p. il. br. Cr$ 6,00. (11/42).
Ed. Melhoramentos.

HISTORIETAS. — N.º 2. Cinco irmãos bichinhos. (23/12). 16 p. il. br. Cr$ 6,00. (11/42). Ed. Melhoramentos.

HORAS FELIZES. — N.º 4. Figuras de outrora. (22/32). 8 p. il. br. Cr$ 5,00. (11/42).
Ed. Melhoramentos.

HORAS FELIZES. — N.º 5. A galinha ruiva. (23/32). 12 p. il. br. Cr$ 5,00. (12/42).
Ed. Melhoramentos.

LIMA (Jorge de). — Vida de São Francisco de Assis, para crianças. Capa de Marcier e il. de Sylvia Meyer. (19/25). 115 p. cart. Cr$ 12,00. (12/42-1943).
Z. Valverde.

LIMA (Pinto de). — Palácio verde. Il. Helena L. Machado. Col. O Natal dos Meus Filhos, 2. (24/17). 64 p. cart. Cr$ 10,00. (8/42). Ed. Thurmann.

LOBATO (Monteiro). — Aritmética da Emília. Il. de Belmonte. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 21. (16/22). 163 p. cart. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 12/42).
Cia. Ed. Nacional.

LOBATO (Monteiro). — A chave do tamanho. B. P. B s. 1.ª, Literatura Infantil. 33. (16/22). 161 p. il. cart. Cr$ 15,00. (11/42). Cia. Ed. Nacional.

LOBATO (Monteiro). — Geografia de Dona Benta. Il. J. U. Campos e Belmonte. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 22. (16/22). 236 p. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 8/42). Cia. Ed. Nacional.

LOBATO (Monteiro). — Histórias das invenções. Il. J. U. Campos. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 23. (16/22). 151 p. cart. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 11/42).
Cia. Ed. Nacional.

LOBATO (Monteiro). — Memórias da Emília. Il. de Belmonte. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 26. (16/22). 139 p. cart. Cr$ 10,00. (3.ª ed. 11/42).
Cia. Ed. Nacional.

LOOMIS (Rex). — Zip, o rei da pista. História de automobilismo e sensação. Des. de Robert R. Weisman. Nova Bibl. Mirim, 27. (9/11). 301 p. cart. Cr$ 4,00. (9/42). A Noite, Publ. Infantis.

LOPES (Paulo Corrêa). — O sapo ferreiro e outras histórias. Il. Itamar Guimarães. Col. O Natal dos Meus Filhos, 3. (17/24). 52 p. cart. Cr$ 6,00. (8/42).
Ed. Thurmann.

MAFRA (Antonio Carlos de Oliveira). — Episódios da história do Brasil. Em versos para crianças. (17/24). 172 p. Il. cart. Cr$ 10,00. (10/42). Gr. Perfecta.

MELLO (Judith Freitas de Almeida). — Histórias de um avô carioca. (1.º Prêmio do 2.º Concurso de Literatura Infantil da S. G. E. e Cultura do Distrito Federal). (18/22). 105 p. il. cart. Cr$ 12,00. (6/42).
Pongetti.

MEUS AMIGUINHOS. — (24/32). 20 p. il. br. Cr$ 8,00. (2/42). Ed. Melhoramentos.

MIL (As) e uma noites. — Contos Arabes. Trad. Carlos Jansen. Il. Leda Acquarone. (17/24). 199 p. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 12/42-1943). Ed. Minerva.

MOURA (Pedro de Almeida). — A estrelinha cadente. Il. Marienne Müllenhoff. (17/21). 27 p. br. Cr$ 5,00 (11/42).
Ed. Melhoramentos.

NOGUEIRA (Gastão). — E o velho burro contou... (Adaptação e creações). Il. Itamar Guimarães. (22/32). 61 p. cart. Cr$ 9,00. (7/42). Ed. Thurmann.

NOVAS HISTÓRIAS de fantasia e encantamento. — AMICIS (Edmundo de). — Dos Apeninos aos Andes. — LASTRA (Carlos). — A amiguinha dos pássaros. — VAMBA. — O menino que virou formiga. Trad. Julio Moniz. (16/23). 105 p. il. cart. Cr$ 10,00. (11/42). Ed. Pan-Americana.

NOVAS HISTÓRIAS de fantasia e encantamentos. — BERRY (Ana M.). — Aventuras de Celendrin. (E outros contos). — Trad. J. Luiz. (16/23). 81 p. il. cart. Cr$ 10,00. (11/42). Ed. Pan-Americana.

NOVAS HISTÓRIAS de fantasia e encantamentos. — BERRY (Ana M.). — O pássaro maravilhoso. O que o moinho e as tulipas disseram, e outros contos. Trad. J. Luiz. (16/23). 97 p. il. cart. Cr$ 10,00. (11/42). Ed. Pan-Americana.

NOVAS HISTÓRIAS de fantasia e encantamento. — CORDELIA. — João Valente. — IRVING (W.). — As três princesas. — ANDERSEN. — Os príncipes encantados. Trad. Julio Moniz. (16/23). 115 p. il. cart. Cr$ 10,00. (11/42). Ed. Pan-Americana.

NOVAS HISTÓRIAS de fantasia e encantamento. — SCHMID (Cristobal). — A inocente mensageira. — NESBIT (Edite). — A princesa e o ouriço. — VALERA (Juan). — O pássaro verde. Trad. Julio Moniz. (16/23). 109 p. il. cart. Cr$ 10,00. (11/42). Ed. Pan-Americana.

PADILHA (Viriato). — Histórias do arco da velha. (14/19). 336 p. il. cart. Cr$ 15,00. (Nova ed. 11/42-1943). Livr. Quaresma.

PAIVA (Maria José Melo). — O gatinho Minau. Il. Amarilis Coelho Junior. (15/21). 61 p. cart. Cr$ 4,00. (1/42). Livr. Alves

PAIXÃO (Walesca). — Histórias para meus sobrinhos. (16/23). 63 p. il. br. Cr$ 5,00. (12/42). Ed. Vozes.

PAIXÃO (Wanda). — Novas histórias da Benecita. (16/23). 67 p. il. br. Cr$ 5,00. (12/42). Ed. Vozes.

PALHA (Américo). — Guerra holandesa. Des. de Fernando Dias da Silva. (27/33). 22 p. cart. Cr$ 15,00. (11/42). A Noite, Publ. Infantis.

PASSOS (Lucília Paixão). — Carocha e seus amigos. (16/23). 48 p. il. br. Cr$ 4,00. (12/42). Ed. Vozes.

PAULA (Francisco Floriano de). — Para ser escoteiro. Pref. Hugo Béthlem. (16/23). 115 p. il. br. Cr$ 5,00. (1941-1/42). Ed. Autor, B. Horizonte.

PELLEGRINI (Itacy da Silveira). — Zé, Zeca e Zequinha. Il. de Dorca. Bibl. Infantil Anchieta, 15. (21/18). 47 p. cart. Cr$ 7,00. (11/42). Ed. Anchieta.

PENALVA (Gastão). — Tamandaré, para aspirantes. (14/22). 133 p. br. Cr$ 12,00. (11/42). Z. Valverde.

PICCHIA (Menotti Del). — No país das formigas. (Novas aventuras de João Peralta e Pé de Moleque). (17/22). 103 p. il. cart. Cr$ 6,00. (3.ª ed. 12/42). Ed. Melhoramentos.

PIMENTEL (Figueiredo). — Histórias da Avósinha. 131 grav. de Julião Machado. (14/19). 364 p. cart. Cr$ 12,00. (Nova ed. 11/42-1943). Livr. Quaresma.

PITHAN (Athalicio). — O Divino Mestre. (15/22). 183 p. il. cart. Cr$ 12,00. (11/42). Globo.

POSADA (Leonor), LIRA (Mariza). — Uma, duas angolinhas... (Folklore infantil). Il. de Mendez. (13/19). 158 p. cart. Cr$ 6,00. (1941-1/42). Jacintho.

RAYMOND (Alex). — Flash Gordon e os perigos de Mongo. Trad. Col. Gibi, 13. (9/11). 427 p. il. cart. Cr$ 4,00. (6/42). Globo Juvenil.

REBÊLO (Marques), TABAIÁ (Arnaldo). — Pequena história de amor. Il. Percy Deans. (16/21). 60 p. cart. Cr$ 10,00. (11/42). Ed. Criança.

REIS (J.). — As galinhas do Juca. (18/21). 83 p. il. cart. Cr$ 8,00. (9/42). Ed. Melhoramentos.

RIALVA (Rita Amil de). — Numa cidadezinha de veraneio. Romance infantil. Il. de Acquarone. (13/17). 110 p. cart. Cr$ 9,00. (6/42). Briguiet.

SALVI (Nina). — O milho de ouro. Il. de Acquarone. (18/21). 43 p. cart. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 10/42). Ed. Melhoramentos.

SALVI (Nina). — Princesinha Flor da Lua. (18/21). 102 p. il. cart. Cr$ 9,00. (11/42). Imp. Nacional.

SALVI (Nina). — O tesouro da ilha. Il. de Acquarone. (18/21). 52 p. cart. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 11/42). Ed. Melhoramentos.

SARAIVA (Henriqueta Trangott). — A rainha da neve. (16/24). 203 p. il. cart. Cr$ 15,00. (9/42). Saraiva.

SCARAMELI (José). — Natal. (15/22). 117 p. il. cart. Cr$ 15,00. (10/42). Emp. Ed. Brasileira.

SCHMID (Contos de). — O carneirinho. Trad. Geraldo de Ulhôa Cintra. Il. Messias de Mello. Bibl. Infantil Anchieta, 16. (17/21). 61 p. cart. Cr$ 7,00. (12/42). Ed. Anchieta.

SCHNEIDER, O. F. M. (Frei Saturnino). — Cristovão Colombo, o aventureiro dos mares. (17/24). 207 p. il. cart. Cr$ 20,00. (12/42). Ed. Pan-Americana.

SKENTON (Edward). — O novo ABC da aviação. Il. do Autor. Trad. e adaptação de Moacir N. Vasconcelos. (18/23). 60 p. cart. Cr$ 12,00. (12/42). Ed. Melhoramentos.

SPYRI (Johanna). — A fada de Intra. Trad. Pepita de Leão. (16/22). 129 p. il. cart. Cr$ 10,00. (11/42). Globo.

STEVENSON (Robert Louis). — A ilha do tesouro. Trad. Pepita de Leão. Il. João Fahrion. (17/22). 290 p. cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 12/42). Globo.

VAUX (Henri de la), GALOPIN (Arnald). — A volta ao mundo por dois garotos. Atualizada por Francisco Acquarone (desenho e mapas), e Affonso Varzea (texto). (17/24). 392 p. cart. Cr$ 25,00. (4.ª ed. 12/42-1943). Ed. Minerva.

VELLOSO (Maria Alves). — Zé Bola. (18/21). 127 p. il. cart. Cr$ 8,00. (2.ª ed. 10/42). **Ed. Melhoramentos.**

VIGIL (Constancio C.). — A formiguinha viajeira. Trad. Guilherme de Almeida. Il. de Ribas. (18/23). 27 p. cart. Cr$ 6,00. 11/42). **Ed. Melhoramentos.**

VÍTOR (D'Almeida). — Aventuras de Catônho-Muléque. Novela para crianças). Il. Páez Torres. Col. Meridiana, Série Infantil, 2. (19/22). 40 p. cart. Cr$ 8,00. (1/42). **Ed. Meio Dia.**

WIEDEMANN (Franz). — Rinaldo e Maneco. História de anões. Refundida por Valesca Paixão. (16/23). 72 p. il. br. Cr$ 4,50. (2.ª ed. 12/42). **Ed. Vozes.**

WINTERBOTHAM (R. R.). — Máximo, o genial super-cérebro. Il. Henry E. Vallely. Trad. Col. Mirim, 26. (9/11). 315 p. cart. Cr$ 4,00. (8/42). **A Noite, Publ. Infantis.**

5) CIÊNCIAS MATEMÁTICAS, FÍSICAS E NATURAIS

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — Pontos de matemática. Série Pontos para Concursos Oficiais. (13/19). 88 p. br. Cr$ 4,00. (10/42). **Getulio Costa.**

ALBUQUERQUE (Irene de). — Jogos e recreações matemáticas. Pref. Julio Cesar de Mello e Souza. (13/19). 415 p. il. br. Cr$ 25,00. (9/42). **Getulio Costa.**

ALVARENGA (Córa de). — Elementos de lições de cousas. (13/19). 112 p. il. cart. Cr$ 4,50. (13.ª ed. 9/42). **J. R. de Oliveira.**

AMARAL (João Pecegueiro do), LEITÃO (Candido de Mello-). — Noções de ciências naturais. 1.º vol. 3.ª série ginasial. (14/20). 332 p. il. cart. Cr$ 15,00. (9/42). **Cia. Ed. Nacional.**

BOMFIM (Léo). — Cálculo vetorial. 1.º vol. Col. E.C.C., s. A, n.º 3. (14/19). 100 p. il. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 8/42). **Ed. Clássico-Cientifica.**

BOMFIM (Léo). — Exercícios de trigonometria. Col. E.C.C., s. A, n.º 2. (14/19). 117 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 8/42). **Ed. Clássico-Cientifica.**

BREINER (Zulmira de Queiroz). — Histórias de D. Matemática. Frações ordinárias. (13/19). 182 p. il. br. Cr$ 7,00. (8/42). **Ed. Vera Cruz.**

CASSON (Stanley). — A descoberta do homem. Formação de duas ciências. Trad. Adda Coaracy e Vivaldo Coaracy. (16/23). 359 p. il. br. Cr$ 30,00. (10/42). **Ed. Pan-Americana.**

COLBACCHINI (P. Antonio), ALBISETTI (P. Cesar). — Os Bororos Orientais. Orarimodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso. Pref. D. Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá. B.P.B., s. 5.ª, Brasiliana. (Grande Formato), 4. (17/24). 454 p. il. br. Cr$ 80,00. (12/42). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Carlos). — História natural. 5.ª série ginasial. B.P.B., s. 2.ª, Livros Didáticos, 77. (14/20). 411 p. il. cart. Cr$ 18,00. (4.ª ed. 3/42). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Carlos), PASCUALE (Carlos). — Química. 3.º vol. 5.ª série do curso fundamental. B.P.B., s. 2.ª, Livros Didáticos, 88. (14/20). 491 p. il. cart. Cr$ 18,00. (3.ª ed. 4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

CUNHA (Gregorio Nazianzeno de Mello e). — Desenho geométrico elementar, adaptado aos novos programas por Olavo Freire. (17/24), 423 p. il. cart. Cr$ 50,00. (3.ª ed. 5/42). **Livr. Educadora.**

DÉCOURT (Paulo). — Noções de história natural. 5.ª série. (14/21). 477 p. il. cart. Cr$ 14,00. (3.ª ed. 4/42). **Ed. Melhoramentos.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Ciências naturais. Vol. III. Il. do Autor. (14/19). 127 p. cart. Cr$ 4,00. (10.ª ed. 4/42). **J. R. de Oliveira.**

FACCINI (Mario). — Ciências físicas e naturais. 1.ª série. (14/19). 240 p. il. cart. Cr$ 9,00. (4.ª ed. 2/42). —
2.ª série. (14/19). 260 p. il. cart. Cr$ 9,50. (5.ª ed. 4/42). **Briguiet.**

FACCINI (Mario). — Física e química. 3.ª série. Prof. George Sumner. (14/19). 430 p. il. cart. Cr$ 16,00. (9.ª ed. 2/42). **Briguiet.**

FREIRE (Olavo). — Noções de geometria prática. (13/19). 316 p. il. cart. Cr$ 9,00. (39.ª ed. 8/42). **Livr. Alves.**

FREITAS (Anibal). — Curso de física. 4.ª série. (14/21). 410 p. il. Cr$ 15,00. 5.ª ed. 3/42). —
5.ª série. (14/21). 537 p. il. cart. Cr$ 20,00. (5.ª ed. 3/42). **Ed. Melhoramentos.**

FREITAS (Gaspar de). — Ciências físicas e naturais. Exame de admissão. (12/16). 268 p. il. cart. Cr$ 6,00. (18.ª ed. 2/42). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de aritmética, geometria e desenho. Exame de admissão. (12/16). 136 p. il. cart. Cr$ 4,00. (12.ª ed. 12/42). **Distr. Antunes.**

FRISCH (Karl Von). — Nós e a vida. Uma moderna biologia para todos. Trad. Leopoldo Tietboehl. Col. Tapête Mágico, 12. (15/23). 316 p. 217 grav. br. Cr$ 24,00. (7/42). **Globo.**

FURNAS (C. C.). — Os próximos cem anos. Os assuntos inacabados da ciência. Trad. Candido de Mello-Leitão. Bibl. Espirito Moderno, s. 2.ª, Ciência, 10. (15/22). 367 p. br. Cr$ 16,00. (8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

HOEHNE (F. C.). — Flora brasilica. Vol. XII, VI. (Completo). Orchidaceas. (Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de S. Paulo). Fasc. 5. (Vol. XII, VI; 97-114). (24/32). 220 p. 137 táb., il. br. Cr$ 150,00. (4/42). **Graphicars, S. Paulo.**

LACAZ NETTO (F. A.). — Exercícios de vetores. Col. E.C.C. Série A, 1. (19/27). 30 p. il. br. Cr$ 15,00. (12/42).
Ed. Clássico-Científica.

LEÃO (Arnaldo Carneiro). — Ciências físicas e naturais. 1.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 5. (14/20). 288 p. il. cart. Cr$ 13.00. (3.ª ed. 3/42). — 2.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 12. (14/20). 276 p. il. cart. Cr$ 13,00. (3/42).
Cia. Ed. Nacional.

LEÃO (Arnaldo Carneiro). — Química. (Iniciação ao estudo dos fenômenos químicos). 3.ª série. Bibl. Escolar Brasileira, 1. (14/20). 301 p. il. cart. Cr$ 13,00. (5.ª ed. 3/42).
4.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 8. (14/20). 477 p. il. cart. Cr$ 18,00. (2.ª ed. 3/42). **Cia Ed. Nacional.**

LEITÃO (Candido de Mello). — Compendio brasileiro de biologia. Vol. II, Zoologia. (14/22). 810 p. il. br. Cr$ 40,00. (9/42).
Cia. Ed. Nacional.

LEITE (Oswaldo Clark). — Química analítica qualitativa. (14/19). 99 p. br. Cr$ 12,00. (12/42). **Alba.**

LEMOINE (L.), GUYOT (J.). — Curso de física. Vol. II. Magnetismo, eletricidade. Trad. Alvaro Magalhães. (15/22). 519 p. il. cart. Cr$ 40,00. (8/42). **Globo.**

LISBOA (J. J. Almeida). — Lições de algebra elementar. 1.º vol. Introdução ao estudo da algebra. As operações. (15/22). 495 p. br. Cr$ 40,00. (2.ª ed. (9/42).
Cia. Ed. Nacional.

LOURENÇO (Oscar Bergstrom). — Física. Tratado elementar de Física experimental. 5.ª série ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 56. (14/20). 454 p. il. cart. Cr$ 18,00. (5.ª ed. 2/42).
Cia. Ed. Nacional.

MADUREIRA (J. B.). — ABC do desenho. Caderno n.º 1. (23/16). 30 p. il. br. Cr$ 1,00. (2/42).
N.º 2. 30 p. il. br. Cr$ 1,00. (2/42).
N.º 3. 30 p. il. br. Cr$ 1,50. (2/42).
N.º 4. 30 p. il. br. Cr$ 1,50. (2/42).
N.º 5. 30 p. il. br. Cr$ 1,50. (2/42).
Distr. Civilização.

MAEDER (Algacyr Munhoz). — Lições de matemática. 1.º ano, (1.ª série). (14/21). 362 p. il. cart. Cr$ 12,00. (10.ª ed. 12/42).
2.º ano. (2.ª série). (14/21). 360 p. il. cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 6/42).
3.º ano. (3.ª série). (14/21). 341 p. il. cart. Cr$ 12,00. (7.ª ed. 3/42).
4.º ano. (4.ª série). Il. Orlando de Freitas. (14/21). 344 p. il. cart. Cr$ 12,00. 5.ª ed. (4/42). **Ed. Melhoramentos.**

MARCGRAVE (Jorge). — História natural do Brasil. Trad. Mons. Dr. José Procopio de Magalhães. Pref. Affonso de E. Taunay. Ed. do Museu Paulista, Comemorativa do Cincoentenário da Fundação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. (25/38). 312 + CIV p. il. br. Cr$ 100,00. (6/42). **Distr. Z. Valverde.**

MARTINS (Coriolano). — Matemática financeira. (14/19). 456 p. cart. Cr$ 30,00. (3.ª ed. 4/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

MENDONÇA (José Curvello de), CRUZ (Angelo). — Vida e evolução. Col. Brasileira de Divulgação Científica. (14/18). 215 p. br. Cr$ 18,00. (6/42).
Edigulel.

MENEZES (Luiz). Ciências físicas e naturais. 1.ª série. (14/20). 216 p. il. cart. Cr$ 9,00. (9.ª ed. 2/42).
2.ª série. (14/20). 289 p. il. cart. Cr$ 12,00. (6.ª ed. 3/42). **Saraiva.**

PALHA O. P. (Frei Luiz). — Indios curiosos... Lendas, costumes, lingua. (16/23). 112 p. br. Cr$ 6,00. (6/42).
Gr. Olimpica.

PEIXOTO (Roberto José Fontes). — Exercícios de geometria analitica de tres dimensões. (17/24). p. br. Cr$ 8,00. (1/42).
Ed. Minerva.

PEREIRA (Urbano). — Compêndio de física. 4.ª série. (13/20). 196 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/42).
5.ª série do curso secundário. (14/20). 288 p. il. cart. Cr$ 15,00. (2/42).
Saraiva.

PEREIRA (Urbano). — Física. 3.ª série do curso secundário. (14/20). 203 p. il. cart. Cr$ 12,00. (1/42). **Saraiva.**

PEREIRA (Urbano). — Nós e o universo. (O senso da vida). Pref. Monteiro Lobato. (15/22). 191 p. il. br. Cr$ 12,00. (11/42). **Cia. Ed. Nacional.**

PEREIRA (Urbano). — Problemas e trabalhos práticos de física para as 3.ª, 4.ª e 5.ª séries secundárias. (14/20). 208 p. il. cart. Cr$ 13,00. (3/42). **Saraiva.**

PIERANTONI (Umberto). — Compêndio de biologia. Trad. Max Nelson Senise e Francisco Arduino. Pref. Lafayette Pereira. (17/24). 752 p. 403 figs. enc. Cr$ 100,00. (7/42). **Ed. Scientifica.**

PINHEIRO (Póvoas). — Tabuada e elementos de aritmética. (12/17). 32 p. il. br. Cr$ 0,40. (101.ª ed. 6/42). **Livr. Alves.**

POTSCH (Waldemiro). — O Brasil e suas riquezas. Brasilogia. (14/19). 428 p. il. cart. Cr$ 10,00. (17.ª ed. 11/42 + (18.ª ed. 12/42). **Livr. Alves.**

POTSCH (Waldemiro). — Compêndio de Botânica. Colaborador: Paiva Marreca. (17/24). 408 p. il. cart. Cr$ 22,00. (3.ª ed. 7/42). **Livr. Alves.**

QUEIROZ (Honorino Carneiro de). — Manual de siderurgia e minerais metálicos do Brasil. Ensino Técnico Profissional. (13/19). 153 p. il. br. Cr$ 12,00. (10/42).
Antunes.

QUINTELLA (Ary). — Matemática. 1.º ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 104. (14/20). 266 p. il. cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 3/42).
2.º ano B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 106. (14/20). 185 p. il. cart. Cr$ 10,00. (Nova ed. 12/42).

3.º ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 109. (14/20). 351 p. cart. Cr$ 15,00. (2/42).
Cia. Ed. Nacional.

ROMA (Diógenes). — Problemas de química. (300 problemas com os resultados). Pref. Oliveira de Menezes. (16/23). p. cart. Cr$ 12,00. (10/42).
Livr. Acadêmica.

ROXO (Euclides), SOUZA (Júlio Cesar de Melo e), THIRÉ (Cecil). — Curso de Matemática. 4.º ano. (15/22). 407 p. il. cart. Cr$ 15,00. (6.ª ed. 4/42).
Livr. Alves.

SANTOS (Eurico). — Anfíbios e répteis do Brasil. (Vida e costumes). Des. de Marian Colonna. (17/24). 280 p. br. Cr$ 42,00. (4/42). **Briguiet.**

SANTOS (Eurico). — O cão através da história e da arte. Pref. Agrippino Grieco. Col. Maravilhas. (13/19). 165 p. il. br. Cr$ 12,00. (11/42). **Ed. Século XX.**

SCHMIDT (Max). — Estudos de etnologia brasileira. (Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, Grande Formato, 2. (17/25). 393 p. 281 grav., 12 estampas, 1 mapa, br. Cr$ 75,00. (7/42).
Cia. Ed. Nacional.

SCHMIDT (Wilhelm). — Etnologia sul-americana. Trad. Sergio Buarque de Holanda. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana. 218. (13/19). 245 p. il. br. Cr$ 20,00. (6/42).
Cia. Ed. Nacional

SERRÃO (Alberto Nunes). — Lições de trigonometria retilínia e de cálculos vectorial. (17/24). 240 p. il. br. Cr$ 25,00. (6/42). **Ed. Boffoni.**

SILVEIRA (Abel da). — O postulado de Euclides. Demonstração. Pref. Luiz Caetano de Oliveira. (13/19). 60 p. il. br. Cr$ 8,00. (3/42). **Z. Valverde.**

SOUSA (José Luiz Ribeiro de). — Teoria de Einstein. (Ao alcance de todos). (14/19). 168 p. 3 pranchas, il. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Livr. Elo.**

SOUZA (Julio Cesar de Mello e). — Dicionário de matemática. Vol. II, C. D, E, F, G, fasc., 1, C. (16/24). 96 p. il. br. Cr$ 8,00. (7/42).
Fasc. 2, C-D. (16/24). pags. 97 a 192, il. br. Cr$ 8,00. (7/42). **Getulio Costa.**

SOUZA (Julio Cesar de Mello e). — Matemática divertida e diferente. (17/24). 196 p. br. Cr$ 15,00. (12/42 — 1943).
Getulio Costa.

SOUZA (Júlio Cesar de Mello e), LEMGRUBER (Nicanor), THIRÉ (Cecil). — Matemática comercial e noções de matemática financeira. (15/22). 321 p. cart. Cr$ 16,00. (3.ª ed. 12/42).
Livr. Alves.

SOUZA (Mello e). — Matemática divertida e fabulosa. (17/24). 213 p. br. Cr$ 12,00. (1/42). **Getulio Costa.**

SPERANDIO (Amadeu). — Curso completo de desenho. 1.º ano ginasial. (16/23). 183 p. 400 des., 10 taboas anexas, br. Cr$ 15,00. (5.ª ed. 5/42). **Saraiva.**

STAVALE (Jacomo). — Exercícios de matemática. 3.º ano. (13/19). il. br. Cr$ 6,00. (3.ª e. 6/42). **Cia. Ed. Nacional.**

TABORDA (Radagasio). — Pequeno compêndio de ciências físicas e naturais. Curso admissão aos ginasios. (14/19). 120 p. il. cart. Cr$ 6,00. (9.ª ed. 4/42).
Globo.

TERRA (Barros). — Química orgânica. Para os cursos complementares. (17/24). 600 p. il. enc. Cr$ 70,00. (1941 — 9/42).
Distr. Ed. Scientifica.

THIRÉ (Cécil). — Manual de matemática. 1.º ano. (13/18). 157 p. il. br. Cr$ 8,00. 3.ª ed. 7/42).
2.º ano. (13/18). 191 p. il. br. Cr. 10,00. (4.ª ed. 12/42).
3.º ano. (13/18). 192 p. il. br. Cr$ 10,00. (4.ª ed. 12/42).
4.º ano. (13/18). 235 p. il. br. Cr$ 12,00. (4.ª ed. 12/42). **Livr. Alves.**

TRAJANO (Antônio). — Aritmética elementar ilustrada. (15/20). 136 p. cart. Cr$ 4,00. (117.ª ed. 8/42). **Livr. Alves.**

TRAJANO (Antônio). — Aritmética progressiva. Curso superior. (15/21). 271 p. il. cart. Cr$ 7,00. (74.ª ed. 6/42). **Liv. Alves.**

WELLS (H. G.), HUXLEY (Julian), WELLS (G. P.). — A ciência da vida. IV, O sexo e a vida. Com 40 ils. de L. R. Brightwell e outros. (13/19). 231 p. br. Cr$ 15,00. (5/42. **José Olympio.**

WOLFF (Antônio Pedro). — Meus problemas. (3.º livro). (13/20). 129 p. il. br. Cr$ 5,00. (2.ª ed. 3/42). **Saraiva.**

ZANELLO (Hipérides). — Ciências físicas e naturais. 2.ª série. (Curso ginasial). B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 41. (14/20). 313 p. il. cart. Cr$ 13,00. (7.ª ed. 1/42). **Cia. Ed. Nacional.**

6) CIÊNCIAS APLICADAS

— **Agricultura — Comércio — Economia doméstica — Finanças — Indústria — Profissões — Técnologia.**

ALBUQUERQUE (Alexandre). — Construções civis. Com 333 figs. feitas pelo autor. Pref. F. E. da Fonseca Telles. (22/29). 443 p. il. br. Cr$ 80,00. (7/42).
Distr. Civilização.

ALBUQUERQUE (Irene D'). — Noções de educação doméstica. (13/19). 351 p. il. br. Cr$ 16,00. (9/42). **Getulio Costa.**

ALVARES (Geraldo Teixeira). — A luta na epopéia de Goiânia. Uma obra da engenharia nacional. (16/23). 187 p. 2 mapas, il. br. Cr$ 20,00. (7/42).
Jornal do Brasil.

AMORE (Domingos D'). — CASTRO (Adaucto Souza). — Pontos de contabilidade. I vol. (16/23). 339 p. br. Cr$ 20,00. (5.ª ed. 5/42). **Saraiva.**

ANDRADE (Renato). — Conserte e construa seu rádio. I. (16/24). 399 p. il. br. Cr$ 25,00. (4/42).
II. (16/24). 360 p. il. br. Cr$ 25,00. (12/42).
Antunes.

ANDRADE (Renato). — Conheça seu rádio. (14/19). 399 p. il. cart. Cr$ 18,00. (4.ª ed. 8/42). **Antunes.**

ARAGÃO (Leonel Santa Cruz de). — Motores Diesel e Semi-Diesel. (16/23). 228 p. il. br. Cr$ 50,00. (6/42). **Tip. C. N. N. C., Rio.**

ARANHA (Renato E. de Souza). — Hortas para o Brasil. Bibl. Agricola Popular Brasileira. (16/23). 63 p. il. br. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 11/42). **Ed. Chácaras e Quintais.**

ATHANASSOF (Nicolau). — Manual do criador. Os suinos. (16/23). 285 p. il. br. Cr$ 40,00. (2.ª ed. 1941 — 10/42). **Distr. Ed. Melhoramentos.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade industrial. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 18. (14/20). 304 p. cart. Cr$ Cr$ 16,00. (6.ª ed. 5/42). **Cia. Ed. Nacional.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade pública. Bibl. Estudos comerciais e Econômicos, 29. (14/20). 349 p. cart. Cr$ 20,00. (3.ª ed. 5/42). **Cia. Ed. Nacional.**

BARNUM (Phineas Taylor). — Arte de fazer milhões. Trad. Alfredo Ferreira. (14/19). 205 p. br. Cr$ 10,00. (10/42). **Ed. Mundo Latino.**

BASTOS (Humberto). — Terra & cifrão. (Aspectos da vida econômica brasileira). (14/20). 141 p. il. br. Cr$ 10,00. (4/42). **Livr. Martins.**

BENTA (Dona). — Comer bem. 1.001 receitas de bons pratos. (16/24). 524 p. il. cart. Cr$ 20,00. (2.ª ed. 8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

BOUCHARDET (Mario). — Em derredor do Instituto do Açucar e do Alcool. T. I. A propósito do Estatuto da Lavoura Canavieira. (17/24). 299 p. br. Cr$ 20,00. (7/42). **Ed. Autor, Rio Branco, Minas.**

BRUECKEN (Francisco J.). — Tecnologia do aluminio. Bibl. do Engenheiro Prático, 1. (14/21). 165 p. il. cart. Cr$ 35,00. (11/42). **Ed. Melhoramentos.**

CAIRO (Nilo). — Guia prático do criador de animais domésticos. (17/23). 302 p. il. cart. Cr$ 15,00. (12/42). **Livr. Teixeira**

CAIRO (Nilo). — Guia prático de veterinária homeopática. (14/19). 285 p. cart. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 11/42). **Livr. Teixeira.**

CAJAL (Santiago Ramon Y). — Regras e conselhos sôbre a investigação cientifica. (Os tônicos da vontade). Trad. Achilles Lisbôa. (16/23). 218 p. cart. Cr$ 18,00. (1/42). **Z. Valverde — Ed. Scientifica.**

CAMARGO (Benedito Carlos de). — Recorte em madeira. Caderno n.º 1. (39/27). 28 p. il. br. Cr$ 4,00. (1/42).
N.º 2. (39/27). 36 p. il. br. Cr$ 5,00. (1/42). **Livr. Ed. Record.**

CAMPOS (Gaysita de). — Como fazer o meu tricot. 2.ª série. (16/23). 160 p. il. br. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 7/42). **Globo.**

CARLI (Gileno Dé). — Aspectos de economia açucareira. (15/22). 306 p. br. Cr$ 15,00. (7/42). **Pongetti.**

CARLI (Gileno Dé). — A evolução do problema canavieira fluminense. (15/22). 236 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 15,00. (10/42). **Pongetti.**

CARLI (Gileno Dé). — O precsso histórico da Usina de Pernambuco. (15/22). 179 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 15,00. (2/42). **Pongetti.**

CARLI (Gileno Dé). — Ritmos dos custos de producão do açucar. (Safra 1939-1940). (15/22). 79 p. br. Cr$ 8,00. (4/42). **Pongetti.**

CARLI (Gileno Dé). — Subsídio ao estudo do problema das tabelas de compra e venda de Cana. (15/22). 286 p. br. (12/42). **Pongetti.**

CARVALHO (Carlos de). — Tratado elementar de contabilidade. (16/23). 319 p. br. Cr$ 18,00. (14.ª ed. 2/42). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Thales Mello). — Elementos de matemática comercial e financeira. Bibl. Estudos Econômicos e Comerciais, 31. (14/20). 369 p. il. cart. Cr$ 16,00. (4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

CORREIA (Jonas). — Guia prático para o ensino de contabilidade bancária. (Exercícios e problemas). (17/24). 633 p. cart. Cr$ 30,00. (4.ª ed. 6/42. **Globo.**

COSTA (Antônio Tavares da). — Curso de escrituração mercantil. (19/28). 756 p. br. Cr$ 40,00. (9.ª ed. 9/42). **Livr. Alves.**

COSTA Fº (J. Wilson da). — O fator "sucesso" em avicultura. Bibl. Agro-Pecuaria Brasileira, de "Sitios e Fazendas". (16/23). 66 p. il. br. Cr$ 8,00. (7/42). **S. Paulo.**

COSTA Fº (J. Wilson da). — Instalações avicolas industriais. Bibl. Agro-Pecuaria Brasileira de "Sitios e Fazendas". (16/23). 56 p. 10 pranchas, il. br. Cr$ 20,00. (7/42). **S. Paulo.**

COSTA (Oscar Machado da). — Vigas armadas. (17/24). 220 p. il. br. Cr$ 30,00. (5/42). **Distr. Civilização.**

CRIADOR (O) de canarios. Bibl. Agricola Popular Brasileira. (16/23). 36 p. il. br. Cr$ 4,00. (6.ª ed. 7/42). **Chacaras e Quintais.**

DIAS (C. Marcondes de Mello). — O cardápio nacional. Com noções de alimentação dietética organizadas pelo Dr. Celestino Bourroul. (14/20). 273 p. il. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 11/42). **Ed. Melhoramentos.**

DONNICI (Americo Brasil). — Noções de tecnologia mecanica e metalurgia. (16/22). 121 p. il. br. Cr$ 12,00. (11/42). **Cia. Ed. Nacional.**

EVELINA (Tia). — Novas receitas para você. (15/21). 293 p. cart. Cr$ 15,00. (4/42). **José Olympio.**

FAIRCHILD (Henry Pratt). — Economia para milhões. Trad. Asdrubal Mendes

Gonçalves. Col. A Marcha do Espírito, 4. (15/22). 211 p. il. br. Cr$ 18,00. (9/42). Livr. Martins.

FARIA (Raul). — Pintos de um dia. Como cria-los fortes e sadios. Bibl. Agro-Pecuaria Brasileira de "Sitios e Fazendas". (17/24). 81 p. il. br. Cr$ 8,00. (6/42). S. Paulo.

FREITAS (Paulo de). — Correspondencia comercial portuguesa. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 9. (14/20). 169 p. cart. Cr$ 9,00. (6.ª ed. 2/42). Cia. Ed. Nacional.

FREITAS (Paulo de). — Técnica comercial. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 1. (14/20). 249 p. il. cart. Cr$ 16,00. (5.ª ed. 3/4). Cia. Ed. Nacional.

GERLING (Werner). — Fabricante pirotécnico. (O livro do fogueteiro). Bibl. de Cultura Técnica, 13. (13/19). 248 p. il. br. Cr$ 15,00. (12/42). Ed. e Pub. Brasil.

GOBBATO (Cleste). — Manual do viti-vinicultor brasileiro. 2.° vol. Enologia. (17/24). 473 p. il. cart. Cr$ 40,00. (4.ª ed. 4/42). Globo.

GOMES (Alfredo). — Concurso para postalista. Série Manual do Candidato ao Funcionalismo Público. (14/19). 247 p. br. Cr$ 20,00. (3/42). Ed. e Pub. Brasil.

GUERRERO (Pe. Marcelino). — Taquigrafia integral. (13/19). 128 p. il. br. Cr$ 10,00. (3/42. Gr. Olimpica.

GUIA de Importadores e exportadores do Brasil. 1941-1942. Anuário de Comércio e Indústria. Dir. F. A. da Silva Reis. (19/27). 656 p. enc. Cr$ 50,00. (2/42). Alencar & Reis, Rio.

HENRIQUES (José Franco T.). — Abastecimento dágua. Medição e consumo. (16/23). 185 p. il. br. Cr$ 35,00. (1/42). Distr. Ed. Scientifica.

HUBER (Alois). — Contrôle. Como encontramos, impedimos e prevenimos falhas na indústria de máquinas. (17/24). 276 p. 232 figs. enc. Cr$ 60,00. (2/42). Distr. Livr. Alemã.

HUGON (Paul). — Elementos de história das doutrinas econômicas. Pref. Abelardo Vergueiro Cesar. (17/24). 497 p. br. Cr$ 50,00. (10/42). Livr. Martins.

LEUCHT (Alberto Octavio). — Como organizar uma secretaria. (16/23). 95 p. br. Cr$ 10,00. (4/42). Distr. Antunes.

LIA Ribeiro. — Lições de côrte. O meu modêlo. Sistema prático. (18/27). 16 p. il. br. Cr$ 15,00. (3/42). Tip. Glória, Rio.

LIMA (A. Barbosa). — A nova moeda do Brasil. O Cruzeiro. (16/23). 16 p. br. Cr$ 4,00. (10/42). Ed. Autor, Rio.

LUBAMBO (Manoel). — O humanismo financeiro de Salazar. (13/19). 100 p. br. Cr$ 5,00. (11/42). Ciclo Cultural Luso-Brasileiro, Recife.

MARIA (Rosa). — A arte de comer bem. (16/24). 546 p. cart. Cr$ 17,00. (13.ª ed. 8/42). Freitas Bastos.

MATTOS (Alice Fairbanks Belfort de). — Organização de escritórios. (14/19). 290 p. il. br. Cr$ 20,00. (3/42). Ed. e Pub. Brasil.

MATTOS (Anibal R.). — Açucar e alcool no Brasil. B. P. B. s. 4-A, Iniciação Técnico-Profissional, 5. (14/20). 221 p. il. br. Cr$ 15,00. (2/42). Cia. Ed. Nacional.

MENDONÇA JUNIOR (Luiz de). — Curso de organização do trabalho. Vol. I. Col. E. C. C., s. E, n.° 1. (16/23). 163 p. il. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 8/42).
Vol. II. Col. E. C. C., s. E, n.° 2. (16/23). 159 p. il. br. Cr$ 12,00. (11/42). Ed. Clássico-Cientifica.

NIETLISPACH (F.). — Peixes, caça e aves. Adaptação e trad. por H. Graeser. (16/23). 126 p. il. cart. Cr$ 15,00. (11/42). Livr. Edanee.

NIETLISPACH (F.). — Receitas de frutas e legumes. Trad. e adaptação por H. Graeser. (16/23). 72 p. 28 figs. cart. Cr$ 15,00. (7/42). Livr. Edanee.

NORONHA (Antonio Alves de), CAMPELLO (Major Jurucey). — Curso de estabilidade das construções. 1.° vol., 1.ª parte. Pref. Ten. Cel. Hugo Affonso de Carvalho. Escola Técnica do Exército, Publ. n.° 4. (16/23). 159 p. il. br. Cr$ 30,00. (12/42). E. T. E., Rio.

OEHLMEYER (Automar). — Correspondência comercial. (Pelo processo da Assimilação). Col. Dom Bosco, 23. (14/20). 202 p. cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 5/41).
Cia. Ed. Nacional.

OLIVEIRA (Oscar Lidholm de). — Série técnica de trabalhos manuais. Brinquedos, caderno n.º 3. (Colaboração de J. T. Araujo e J. B. Salles da Silva). (19/26). 10 p. il. br. Cr$ 2,00. (12/42).
Emp. Ed. Brasileira.

OLIVEIRA (Teixeira de). — Vida maravilhosa e burlesca do café. (13/19). 287 p. br. Cr$ 10,00. (2/42). Pongetti.

PAGANO (Mario). — Princípios e técnica de racionalização industrial. (18/27). 485 p. Cr$ 60,00. (6/42).
Distr. Civilização.

PASSARINHO (Jader). — Estudos residenciais. Pref. Salvador Duque Estrada Batalha. (25/19). 40 p. il. br. Cr$ 15,00. (1/42). Distr. Livr. Victor.

PEREIRA (Moacyr Soares). — O problema do álcool-motor. Pref. José Lins do Rego. (13/19). 195 p. il. br. Cr$ 10,00. (2/42).
José Olympio.

PINTO (João de Morais). — Pontos de prática postal. Série Pontos para Concursos Oficiais. (13/19). 88 p. br. Cr$ 4,00. (12/42). Getulio Costa.

QUEIROZ (Honorino Carneiro de). — O chofer sem mestre. (14/19). 253 p. il. br. Cr$ 12,00. (9.ª ed. 5/42). Antunes.

QUEIROZ (Honorino Carneiro de). — O motorista por perguntas e respostas. (14/18). 163 p. il. br. Cr$ 10,00. (5/42).
Antunes.

REIS (J.). — Incubação dos ovos de galinha. Trad. e adaptação por J. Reis. Bibl. Criação e Lavoura, 2. (13/18). 125 p. il. cart. Cr$ 8,00. (10/42).
Ed. Melhoramentos.

REIS (J.). — Marrecos e patos. Adaptação da obra "Patos", da Bibl. de "La Chacra". Bibl. Criação e Lavoura. (13/18). 169 p. il. cart. Cr$ 10,00. (10/42).
Ed. Melhoramentos.

REIS (J.). — Os perús, criação e aproveitamento. Adaptação e ampliação de J. Reis. Bibl. Criação e Lavoura, 1. (13/18). 184 p. il. cart. Cr$ 10,00. (10/42).
Ed. Melhoramentos.

RIBEIRO (Ibany da Cunha). — Alguns aspectos da organização e sistematização do trabalho. (16/23). 96 p. il. br. Cr$ 15,00. (1/42). Livr. Odeon.

RIBEIRO (Ibany da Cunha). — Ciência da administração. Doutrina e técnica de organização. (16/22). 185 p. il. br. Cr$ 20,00. (12/42). Livr. Odeon.

RIO (J. Pires do). — O combustivel na economia universal. O combustivel e a civilização. (15/22). 395 p. br. Cr$ 20,00. (2.ª ed. 3/42). José Olympio.

SAKSENA (Chandra R.). — A arte de vender a varejo. Introdução de Luiz Hermanny Filho. (14/19). 432 p. il. cart. Cr$ 50,00. (10/42).
Ed. Autor, Rio.

SCHWETTER (Berta). — Enciclopédia de trabalhos manuais. Fios, Bordados e Tecidos. Grande Enciclopédia do Lar, I. Trad. (20/27). 749 p. 14 mapas, 1.708 ils. enc. Cr$ 150,00. (7/42). Globo.

SEABRA (Cacilda T.). — Arte culinaria brasileira) (14/20). 456 p. il. cart. Cr$ 18,00. (2.ª ed. 5/42). Getulio Costa.

SILVA (Raul). — Tratado elementar de taquigrafia ou estenografia. (Sem mestre). (16/23). 139 p. il. Cr$ 18,00. (3.ª ed. 4/42).
Borsoi, Rio.

SOBRERO (Luigi). — Elasticidade. (17/24). 666 p. il. enc. Cr$ 110,00. (3/42).
Livr. Beffoni.

TABELA Price de amortização e juros. Organizada por A. Fontana. (12/16). 83 p. br. Cr$ 7,00. (2.ª ed. 12/42).
Ed. e Publ. Brasil.

TIGRE (Bastos). — Meu bebê. Livro das mamães. Il. F. Acquarone. (19/28). 198 p. (C/caixa). Cr$ 32,00. (6.ª ed. 11/42).
Ed. Minerva.

VASCONCELLOS (Zilmar Bazerque). — Guia prático de escrituração mercantil. (19/28). 127 p. br. Cr$ 12,00. (10/42).
Livr. Tabajara, P. Alegre.

VILHENA (Mario). — Noções de sericicultura. (16/23). 55 p. il. br. Cr$ 5,00. (11/42). Chacaras e Quintais.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Medicina.

ALMEIDA (Floriano de), LACAZ (Carlos da Silva). — Micoses bronco-pulmonares. (16/23). 34 figs. br. Cr$ 30,00. (6/42).
Ed. Melhoramentos.

ANAIS do 4.º Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia. Realizado em São Paulo em julho de 1940. Soc. Bras. de Ortopedia e Traumatologia. Pref. Renato da Costa Bomfim. (18/27). 536 p. il. br. Cr$ 100,00. (6/42).
Distr. Livr. Ateneu.

ANDRADE (Luiz Fernando Cezar de). — Apontamentos de cirurgia de urgência. (16/23). 275 p. il. br. Cr$ 30,00. (4/42).
Distr. Livr. Odeon.

BAPTISTA (Benjamin Vinelli). — Anatomia humana. Vol. 1.º, tomo I, Ossos, articulações e musculos da cabeça e do pescoço. (19/28). 338 p. 256 figs. enc. Cr$ 130,00. (10/42). Ed. Scientifica.

BAPTISTA (Vicente). — Vitaminas e avitaminoses. (16/23). 542 p. il. br. Cr$ 80,00. (Nova ed. 3/42). Mario M. Ponzini.

BARRETO (João de Barros). — Tratado de higiene. 1.º vol. Saneamento-Higiene. (16/23). 679 p. il. br. Cr$ 30,00. (11/42).
Imp. Nacional.

BELTRÃO JUNIOR (Francisco). — Diagnóstico biológico da gravidês normal patológica. (16/23). 175 p. il. br. Cr$ 40,00. (1/42). **Distr. Livr. Ateneu.**

BERARDINELLI (W.). — Tratado de biotipologia e patologia constitucional. (16/23). 661 p. il. br. Cr$ 70.00. (4.ª ed. 5/42). **Livr. Alves.**

BERGAMIN (Francisco). — Hormônio do corpo amarelo. Pref. N. de Moraes Barros. (16/24). 319 p. il. br. Cr$ 60,00. (12/42). **Livr. Ateneu.**

BEST (Charles Herbert), TAYLOR (Norman Burke). — As bases fisiológicas da prática médica. Trad. Sylvio Alvim de Lima. Rev. e anotado por Hélion Póvoa e W. Berardinelli. (17/24). 2 vols. 962 + 1.020 p. 502 figs. enc. Cr$ 320,00. (5/42). **Casa do Livro.**

BIER (Otto). — Bacteriologia e imunologia em suas aplicações à medicina e à higiene. Pref. A. Sordelli. (16/24). 608 p. 121 figs. enc. Cr$ 100,00. (2/42). **Ed. Melhoramentos.**

BITTENCOURT (Adalzira). — Direito de curar. (12/18). 37 p. br. Cr$ 4,00. (12/42). **Ed. Autora, Rio.**

BOMFIM (Renato da Costa). — Tratamento das fraturas da coluna vertebral. Separata dos Anais do 4.º Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia. (18/27). 149 p. il. br. Cr$ 30,00. (12/42). **Distr. Livr. Ateneu.**

BORSOOK (Henry). — Vitaminas. O que são e para que servem. Trad. Anthony Patric e Decio de Abreu. Pref. e notas de Hélion Póvoa. (16/22). 248 p. il. enc. Cr$ 30,00. (10/42). **Casa do Livro.**

BRAGA (Américo). — Soros, vacinas, alérginos e imunígenos. Tômo III. (16/23). 242 p. il. br. Cr$ 25,00. (6/42). **Distr. Ed. Scientifica.**

CAMARGO (José E. Teixeira de). — Obesidade. Seu estudo endocrino-metabólico. Prêmio Miguel Couto 1940, da Academia Nacional de Medicina. Pref. Franklin A. de Moura Campos. (16/23). 175 p. il. br. Cr$ 30,00. (6/42). **Ed. Melhoramentos.**

CAMPOS (José Aranha). — Pênfigo foliáceo. (Fogo selvagem). Aspectos clínicos e epidemiológicos. (16/23). 127 p. 55 figs. 1 mapa, br. Cr$ 40,00. (6/42). **Ed. Melhoramentos.**

CAPRIGLIONE (Luiz). — Tesaurismoses lipóidicas. Tése. (16/23). 391 p. 103 figs. br. Cr$ 30,00. (1941 — 12/42). **Canton & Reile, Rio.**

CARMO (J. Messias do). — Nutrição. Prêmio Domingos Barros). Pref. Irineu Malagueta e Abel de Oliveira. (16/23). 417 p. il. br. Cr$ 40,00. (1/42). **Distr. Livr. Ateneu.**

CARNEIRO (A. Piquet). — Alergia e doenças alérgicas. (16/23). 195 p. br. Cr$ 25,00. (10/42). **Distr. Freitas Bastos.**

CARNEIRO (Ernesto). — A assistência médica e social e o Instituto dos Marítimos. (16/22). 160 p. il. br. Cr$15,00 (12/42). **Imp. Nacional.**

CARNEIRO (J. Fernando). — Clima, repouso e alimentação na tuberculose pulmonar. Separata do Brasil Médico. (16/23). 75 p. il. br. Cr$ 10,00. (8/42). **Sodré & Cia, Rio.**

CARNOT (J.). — A serviço do amor. Trad. (13/19). 251 p. br. Cr$ 10,00. (8/42). **Ed. Vera Cruz.**

CERQUEIRA (Alves). — Postilas de fisiologia. 3.º fasc., Circulação. (14/19). 266 p. il. br. Cr$ 20,00. (11/42). **Of. A Manhã.**

CIANCIO (Nicolau). — A asma. (13/19). 99 p. il. br. Cr$ 5,00. (12/42). **A Noite.**

CIANCIO (Nicolau). — A insônia. (14/19). 55 p. il. br. Cr$ 4,00. (12/42). **A Noite.**

CIANCIO (Nicolau). — A prisão de ventre. (18/19). 43 p. br. Cr$ 4,00. (12/42). **A Noite.**

COIMBRA (Raul). — Notas de fitoterapia. (16/23). 288 p. br. Cr$ 15,00. (6/42). **Carlos da Silva Araujo, Rio.**

CONDE (Herminio de Brito). — A tragédia ocular de Machado de Assis. Pref. João Alfredo Lopes Braga. (14/19). 125 p. il. br. Cr$ 10,00. (6/42). **A Noite.**

COPE (Zachary). — Tratamento do abdomem agudo operatorio e post-operatorio. Trad. e anotações de Jorge Doria. (15/22). 260 p. 146 figs. enc. Cr$ 60,00. (3/42). **Casa do Livro.**

CORRÊA (Cap. Micaldas). — Cartilha da mocidade. Noções de higiene e primeiros socorros. Educação moral. Civismo. Il. Alberto Lima. Bibl. da "A Defesa Nacional", 56. (15/20). 147 p. br. Cr$ 6,00. (6/42). **A Defesa Nacional.**

COSSIO (Pedro). — Aparêlho circulatório. Trad. C. Magalhães de Freitas. Bibl. de Semiologia, 2. (16/23). 433 p. 309 figs. br. Cr$ 80,00. (6/42). **Guanabara.**

DASSEN (Rodolfo), FUSTINONI (Osvaldo). — Sistema nervoso. Trad. C. Magalhães de Freitas. Bibl. de Semiologia, 5. (16/23). 494 p. 220 figs. br. Cr$ 90,00. (12/42 — 1943). **Guanabara.**

DELASCIO (Domingos). — Tratamento da hemorragia uterina disfuncional (fórma hiperfuncional) pelo propianato de testosterona. Pref. Paulo de Godoi. (16/23). 139 p. il. br. Cr$ 25,00. **Ed. Autor, S. Paulo.**

DIAS (H. Annes). — Lições de clínica médica. 8.ª série. (17/24). 276 p. 52 figs. enc. Cr$ 50,00. (9/42). **Guanabara.**

DOGLIOTTI (A. M.). — Tratado de anestesia. Trad. Edgar Caldas Barbosa. Pref. Ottorino Uffreduzzi. (16/23). 565 p. il. enc. Cr$ 150,00. (9/42 — 1943). **Ed. Scientifica.**

DOMINGUES (Octavio). — Eugenia. Seus propósitos, suas bases, seus meios. (Em cinco lições). B. P. B. s. 4.ª, Iniciação Científica, 2. (14/20). 321 p. il. br. Cr$ 16,00 (7/42). Cia. Ed. Nacional.

FABIÃO (M. M.). — Endocrinologia sexual feminina. (Dez conferências). Pref. Alberto Peralta Ramos. (16/23). 201 p. 53 figs. br. Cr$ 40,00. (7/42). Briguiet.

FAZEKAS (Estevão). — O romance das vitaminas. Trad. Paulo Rónai. Pref. e anotada por Dante Costa. Des. de Cornélio Say. Bibl. Espírito Moderno, s. 2.ª, Ciência, 11. (15/22). 182 p. br. Cr$ 12,00. (10/42). Cia. Ed. Nacional.

FISHER (Alfred), BUR (Juan B.). — Laboratório. Trad. C. Magalhães de Freitas. Bibl. de Semiologia, 10. (16/24). 256 p. 93 figs. br. Cr$ 60,00. (4/42). Guanabara.

FOÁ (Carlo). — Aparelhos cardiovascular e linfático. Lições de fisiologia normal e patológica. Pref. Franklin A. de Moura Campos. (18/27. 295 p. 208 figs. br. Cr$ 50,00. (10/42). Cia. Ed. Nacional.

FONTES (José Fernandes), JAMRA (Michel), SILVA (Alberto Carvalho da). — Amebíase. Pref. Samuel Barnsley Pessoa. (16/23). 249 p. 61 figs. br. Cr$ 60,00. (4/42). Ed. Melhoramentos.

FORTES (Hugo). — Terapêutica infantil. (Resulo diagnóstico [illegible] [illegible]/23). 406 p. br. Cr$ 45,00. (3.ª ed. 5/42). Gr. Olímpica.

FRAGA (Clementino). — Doenças do fígado. (16/23). 216 p. il. br. Cr$ 35,00. (3.ª ed. 8/42). Ed. Melhoramentos.

FRAGA (Clementino). — Ensino médico e medicina social. (13/19). 313 p. br. Cr$ 8,00. (2.ª ed. 3/42). A Noite.

FRAGA (Clementino). — Medicina e humanismo. (14/22). 227 p. br. Cr$ 15,00. (7/42). Guanabara.

FUENTES (B. Varela). — Ácidos [illegible] na clínica. Pref. Gregorio Marañon e Hélion Póvoa. Trad. José Pinheiro. (17/24). 694 p. il. enc. Cr$ 120,00. (5/42). Guanabara.

GARCIA (José Alves). — Compêndio de psiquiatria. (Psicopatologia geral e especial — Medicina legal). Pref. Heitor Carrilho. (17/24). 508 p. il. enc. Cr$ 80,00. (7/42). Casa do Livro.

GERMAN, M. D. (William McKee). — Médicos anônimos. A história do laboratório clínico. Prólogo de Paul de Kruif. Trad. Maslowa Gomes Venturi e J. M. Gomes. Bibl. Espírito Moderno, s. 2.ª, Ciência, 9. (15/22). 264 p. br. Cr$ 13,00. (7/42). Cia. Ed. Nacional.

GESTEIRA (Martagão). — Puericultura. (Higiene alimentar e social da criança. (17/24). [illegible]). 109 figs. br. Cr$ 60,00. (12/42 — 1943). Ed. Pan-Americana.

GOMES (Helio). — Medicina legal. 1.º vol. (16/23). 571 p. il. br. Cr$ 70,00. (9/42). Jornal do Brasil.

GOMES (Plácido). — Manual de enfermagem. Os feridos e o seu tratamento. Col. Estudos Sociais e Técnicos, n.º 9, Série Médica, 1. (14/19). 107 p. il. br. Cr$ 8,00. (9/42). Ed. Guaíra.

GONZALEZ TORRES (Dionísio M.). — Técnica de laboratório. Pref. A. Carini. (16/24). 243 p. il. enc. Cr$ 40,00. (6/42). Distr. Ed. Scientifica.

GREENHILL, B. S., F. A. C. S. (J. P.). — Ginecologia prática. Trad. F. Victor Rodrigues. (15/22). 440 p. 116 figs. enc. Cr$ 80,00. (9/42). Casa do Livro.

HARO (Francisco). — Biologia da mulher. Trad. Isabel de Medeiros. Pref. Maurício de Medeiros. Col. Cultura Sexual, 1. (13/19). 212 p. br. Cr$ 8,00. (10.ª ed. 4/42). Calvino.

HEISER (Victor). — Seja seu próprio médico! Trad. Roberto Pessoa. (14/21). 310 p. br. Cr$ 18,00. (8/42). Vecchi.

IRAJÁ (Hernani de). — Psicoses do amor. (Estudo sobre alterações do instinto sexual). (17/24). 264 p. il. enc. Cr$ 25,00. (8.ª ed. 12/42) Jacinto.

IRAJÁ (Hernani de). — Sexo e beleza. (14/19). 202 p. il. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 11/42). Jacinto.

KAHN (Fritz). — A nossa vida sexual. Trad. L. Mendonça de Barros. (17/[illegible]). 305 p. il. br. Cr$ 22,00. (Nova ed. 8/42). Civilização.

KRACKE (Roy). — Doenças do sangue e atlas de hematologia. Trad. José Nava, Gessy D. Vieira e R. Marques da Cunha. (18/26). 695 p. 54 tabuas coloridas e 46 figs. enc. Cr$ 280,00. (12/42 — 1943). Guanabara.

KRUIF (Paul de). — O combate pela vida. Trad. J. de Matos Ibiapina. Col. Tapête Mágico, 15. (15/23). 294 p. br. Cr$ 15,00. (8/42). Globo.

KRUIF (Paul de). — A luta contra a morte. Trad. Marques Rebello. Col. Tapête Mágico, 5. (15/23). 313 p. il. br. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 5/42). Globo.

KUHNE (Luiz). — A nova ciência de curar baseada no princípio da unidade de tôdas as doenças. Trad. Alfredo Chaves. (16/23). 334 p. br. Cr$ 25,00. (20.ª ed. 11/42). Livr. Edanea.

LACORTE (J. Guilherme). — Temas de bacteriologia. (17/24). 119 p. il. br. Cr$ 10,00. (1/42). Livr. Odeon.

LAFONT (E. Agasse). — Aplicações práticas do laboratório à clínica. Trad. Hélion Póvoa e José Pinheiro. (17/24). 1.090 p. 322 figs. enc. Cr$ 120,00. (4/42). Ed. Scientifica.

LAGES (Lily). — Focos sépticos repercussões vizinhança em oto-rino-laringologia. (16/21). 63 p. il. br. Cr$ 20,00. (2/42). Distr. Ed. Scientifica.

LICHTWITZ (Leopoldo). — Patologia funcional. Trad. Gessy Duarte Vieira. (17/24). 561 p. 157 figs. enc. Cr$ 130,00. (7/42). Guanabara.

LIMA (Cirne). — Noções de patologia geral. Para estudantes de odontologia. (13/18). 244 p. cart. Cr$ 15,00. (5/42). Globo.

MACHADO (Ottilio). — A pesquiza no diagnóstico parasitológico. (16/23). 187 p. 75 figs. enc. Cr$ 40,00. (11/42 — 1943). Ed. Autor, Rio.

MAGALHÃES (Eugenio de Almeida). — Noções práticas de soccorros de urgência e enfermagem. (16/23). 201 p. il. br. Cr$ 30,00. (4.ª ed. 10/42). Gr. Laemmert, Rio.

MAZER, M. D., F. A. C. S. (Charles), ISRAEL, M. D., F. A. C. S. (S. Leon). — Disturbios menstruais e esterilidade. Diagnóstico e tratamento. Trad. F. Victor Rodrigues. (17/24). 478 p. 108 figs. enc. Cr$ 130,00. (6/42). Guanabara.

MELLO (A. da Silva). — Alimentação — Instinto — Cultura. Perspectivas para uma vida mais feliz. (19/28). 483 p. br. Cr$ 50,00. (12/42). José Olympio.

MONTEIRO (Eduardo). — Clínica e patologia. (17/22). 226 p. il. br. Cr$ 35,00. (4/42). Cia. Ed. Nacional.

MORAES (Jairo). — Estudo médico-legal do abortamento. Tése. (17/24). 111 p. br. Cr$ 15,00. (12/42). Gr. Olimpica.

MOREIRA (Ernesto). — Ozena. (Rinite atrófica fétida). Contribuição para seu estudo e tratamento. Pref. Francisco Hartung. (16/23). 218 p. il. br. Cr$ 50,00. (4/42). Ed. Autor, S. Paulo.

MULLER (Erich). — Tratamento e alimentação da criança. Trad. Germano G. Thomsen. Pref. Lages Netto. (17/24). 682 p. il. enc. Cr$ 150,00 (1 — 1943). Ed. Scientifica.

NEGROMONTE (Padre A.). — A educação sexual. (Para pais e educadores). Pref. Pe. Helder Camara. (14/20). 283 p. br. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 3/42). José Olympio.

NEREA (J. Gomez). — Freud e o seu processo de curar. Trad. Oliveira e Silva. Col. Freud ao Alcance de Todos, 10. (13/19). 209 p. br. Cr$ 8,00. (. Calvino.

NOCE (Carlos). — Socórros de urgência em tempo de guerra. (14/21). 159 p. il. br. Cr$ 15,00. (12/42). Cr. Cruzeiro do Sul.

PALMERIO (José). — O custo dos remédios e a economia médico-farmacêutica. (17/24). 385 p. br. Cr$ 40,00. (11/4 Distr. Livr. Victor.

PÉREZ (Manuel Luis). — Tratado de obstetricia. Trad. Gessy Duarte Vieira, R. Marques Cunha, Oswaldo da Silva Loureiro e Raymundo Santos. Il. Guilherme Roller. (18/26). 2 vols. 555 + 966 p. 1.151 figs. enc. Cr$ 380,00. (8/42). Guanabara.

PINHEIRO (Maria Esolina). — Samaritanismo. Objetivos e atividades da Cruz Vermelha. (16/23). 95 p. il. br. Cr$ 15,00. (11/42). Baptista de Souza.

POSSOLLO (Adolpho). — Curso de enfermeiros. (17/24). 373 p. il. enc. Cr$ 30,00. (5.ª ed. 3/42). Freitas Bastos.

PÓVOA (Hélion). — Alergia. Patologia e clínica. Curso sob a direção de Hélion Póvoa. (17/24). 486 p. il. enc. Cr$ 60,00. (2/42). Ed. Scientifica.

REIDT (Ana Vitória), ALBANO (Domingos). — Técnica de enfermagem. 2.ª parte, Enfermagem clínica. (17/24). 218 p. 70 figs. br. Cr$ 25,00. (12/42). Tip. Rossolillo, S. Paulo.

RIBEIRO (Fonseca). — Vitaminas. Noções fundamentais, teôr nos alimentos. Imprensa da Universidade de São Paulo, Série Cientifica, I. (15/22). 212 p. 2 pranchas il. enc. Cr$ 30,00. (10/42). Distr. Livr. Martins.

ROCHA (Raul). — Da lepra o essencial. Pref. Afranio Peixoto. (16/24). 527. p. il. br. Cr$ 80,00. (8/42). Livr. Ateneu.

ROMEIRO (Vieira). — Tratado de patologia médica. Tômo III. Etio-patogenia, sintomas e diagnóstico das doenças internas. (17/24). 843 p. 207 figs. enc. Cr$ 140,00. (7/42). Guanabara.

ROSENBERG (Max). — Clínica das afecções renais. Trad. Heitor Jobim e Raul Margarido. (16/23). 260 p. 15 figs. 1 tabela, br. Cr$ 25,00. (7.ª ed. 6/42). Ed. Melhoramentos.

ROSENTHAL (F.). — Doenças do fígado e das vias biliares. Trad. Vasco Azambuja. (16/24). 256 p. il. cart. Cr$ 35,00. (2.ª ed. (7/42). Globo.

ROXO (Henrique). — Como diagnosticar uma doença mental. (Separata dos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, Janeiro 1942). (16/23). 16 p. br. Cr$ 5,00. (4/42). Jornal do Brasil.

ROYER (Marcelo). — Fígado, vias biliares e pâncreas. Trad. C. Magalhães de Freitas. Bibl. de Semiologia, 7. (16/23). 214 p. 87 figs. br. Cr$ 30,00. (8/42). Guanabara.

RUDGE (W. de Souza). — Tratamento das fístulas uro-genitais pela plástica do desdobramento. Pref. N. de Moraes Barros. (19/27). 227 p. il. br. Cr$ 70,00. (12/42). Distr. Livr. Ateneu.

SANT'ANNA (Jorge). — Em torno da cesarea abdominal. Pref. A. R. de Oliveira. Suplemento da Rev. de Ginecologia e Obstetricia, ano 36, n.º 6, T. I, e N.º I, T. II. (16/23). 96 p. br. Cr$ 15,00. (10/42). Meier & Blumer, Rio.

SANTOS (R.). — Vade-mecum de fisiologia. Endocrinologia, sistema neuro-vegetativo, cronoxia. (16/23). 128 p. il. br. Cr$ 30,00. (9/42). Ed. Autor, Rio.

SCHERF (David), BOYD (Linn J.). — Doenças do coração e dos vasos. (Diagnóstico

e tratamento). Trad. José Nava. (16/24). 358 p. il. enc. Cr$ 80,00. (4/42). **Guanabara.**

SCHERF (David), BOYD (Linn J.) — Eletrocardiografia clínica. Trad. José Nava. (17/24). 383 p. 207 figs. enc. Cr$ 120,00. (9/42). **Guanabara.**

SILVA (Gastão Pereira da). — Doentes célebres. (13/19). 268 p. il. br. Cr$ 12,00. (8/42). **Ed. Pan-Americana.**

SILVA (Gastão Pereira da). — Vícios da imaginação. Meios de corrigi-los. (14/20). 269 p. br. Cr$ 12,00 (2.ª ed. 5/42). **José Olympio.**

SOARES (Eloy Franqueira). — Manual da samaritana socorrista. (16/23). 154 p. br. Cr$ 20,00. (12/42). **Baptista de Souza.**

STEP, KUHNAU, SCHROEDER. — As vitaminas e seu emprêgo terapêutico. Trad. (16/23). 310 p. br. Cr$ 50,00. (2.à ed. 8/42). **Ed. Melhoramentos.**

TORRES (Ulisses Lemos). — Do hipertireoidismo, seu tratamento. (16/23). 342 p. 43 figs. br. Cr$ 60,00. (6/42). **Distr. Ed. Scientifica.**

VIDAL (Zaira Cintra). — Técnica de enfermagem. Pref. Rachel Haddock Lobo. (17/24). 224 p. 80 figs. br. Cr$ 30,00. (3.ª ed. 5/42). **Jornal do Brasil.**

VILLARES (Aecio do Val). — Metabolismo básico. (16/23). 140 p. br. Cr$ 20,00. (10/42). **Distr. Freitas Bastos.**

WOLFF NETTO (A.). — Endometriose. Pref. Nicolau de Moraes Barros. (18/27). 209 p. il. br. Cr$ 60,00. (10/42). **Distr. Freitas Bastos.**

7) BELAS-ARTES. ESPORTES. JOGOS. DIVERTIMENTOS

ALMEIDA (Renato). — História da música brasileira. (Com 151 textos musicais). (17/24). 529 p. il. br. Cr$ 70,00. (2.ª ed. 1/42). **Briguiet.**

ALVES (Sylvio). — Arte e técnica do charadismo. (Guia do charadista). (12/16). 164 p. il. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 6/42). **Distr. Antunes.**

ANDRADE (Mario de). — O movimento modernista. Conferência. (12/16). 81 p. br. Cr$ 3,00. (7/42). **Casa do Estudante.**

ANDRADE (Mario de). — Pequena história da música. Col. A Marcha do Espirito, 3. (14/22). 286 p. il. br. Cr$ 20,00. (3/42). **Livr. Martins.**

ARIRÓ. — Album Universal Ariró para jovens. (de selos). — Em colaboração com Antonio Traverso. (19/25). 69 p. il. br. Cr$ 12,50. (12/42). **Filatélica Ariró, Rio.**

ARIRÓ. — Catálogo de selos postais. 1942. (15/22). 866 p. enc. Cr$ 60,00. (5/42). **Filatélica Ariró, Rio.**

BON (Antoine). — Introduction générale a l'histoire de l'art. II, Antiquité classique. (15/22). 63 p. il. br. Cr$ 8,00. (5/42). — III, Moyen age. (15/22). 69 p. il. br. Cr$ 8,00. (11/42). — IV, De la renaissance au XVIIème. siècle. (15/22), 91. p. il. br. Cr$ 9,00. (12/42). — V, XIX et XX siècles. (15/22). 79 p. il. Cr$ 0,00. (12/42). **Atlântica Ed.**

BRAGA (Theodoro). — Para a posteridade. Artistas pintores no Brasil. Relação. (14/20). 251 p. br. Cr$ 20,00. (10/42). **São Paulo Ed.**

CABRERIZO (Luiz). — Manual de xadrês. (14/19). 279 p. il. br. Cr$ 20,00. (2.à ed. 12/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

CULBERTSON (Josephina). — O bridge ao alcance de todos. Trad. Casemiro Fernandes. (17/22). 192 p. il. br. Cr$ 15,00. (6/42). **Globo.**

FIGUEIREDO (Guilherme). — Miniatura de história da música. Il. Santa Rosa. (13/19). 240 p. br. Cr$ 12,00. (8/42). **Casa do Estudante.**

HINARIO Pátrio. — Coletânea de hinos patrióticos. (10/13). 140 p. br. Cr$ 3,00. (2.ª ed. 11/42). **Ed. e Publ. Brasil.**

LIMA JUNIOR (Augusto de). — O Aleijadinho e a arte colonial. (14/19). 143 p. il. br. Cr$ 15,00. (1/42). **Distr. Briguiet.**

LOPES (Francisco Antonio). — História da construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto. Pref. Rodrigo M. F. de Andrade. Publ. do Serviço do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional, 8. (18/24). 199 p. il. br. Cr$ 8,00. (12/42). **Minist. Educação.**

MARIANNO FILHO (José). — Acerca dos "Copiares" do Nordeste Brasileiro. (20/27). 23 p. il. br. Cr$ 12,00. (11/42). **Distr. Freitas Bastos.**

MARIANNO FILHO (José). — Estudos de arte brasileira. (20/27). 176 p. il. br. Cr$ 35,00. (10/42). **Distr. Freitas Bastos.**

MOREIRA (P. Lopes). — A voz e o canto. Tratado de empostação e ortofonia. (19/27). 88 p. il. cart. Cr$ 20,00. (6/42). **Distr. Civilização.**

PEIXOTO (Silveira). — Rapsódia de escândalos. Casos e coisas do Concurso Columbia Concerts. (14/19). 106 p. br. Cr$ 5,00. (11/42). **Ed. Guaira.**

PIRES (P. Heliodoro). — O Aleijadinho. Gigante da arte no Brasil. (18/25). 243 p. il. br. Cr$ 35,00. (8/42). **Ed. Melhoramentos.**

RIOS FILHO (Adolfo Morales de Los). — O ensino artistico. Subsidio para a sua história. Um capítulo: 1816-1889. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (Centenário do Instituto). Terceiro Congresso de História Natural. Outubro de 1938. Anais. 8.º vol. (Boletim do Instituto Histórico). (17/24). 545 p. il. br. Cr$ 20,00. (12/42). **Imp. Nacional.**

SINNEK (Hilde Schneider-). — A B C para cantores e oradores. Pref. E. Roquette-Pinto. (16/23). 109 p. il. enc. Cr$ 50,00 (12/42). **Civilização.**

TENIS DE MESA (Regras de). — Trad. do inglês e coordenadas por Djalma de Vincenzi. Ed. da Fed. Metrop. de Tenis de Mesa. (12/16). 16 p. br. Cr$ 2,00. (12/42). **F.M.T.M., Rio.**

9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

(Biografias).

ABREU (Modesto de). — Admissão, 2. História do Brasil. (12/18). 98 p. il. cart. Cr$ 5,00. (3/42). **Pongetti.**

ACQUARONE (F.). — A conquista do mar. História da navegação. Il. do Autor. (16/23). 229 p. cart. Cr$ 20,00. (11/42). **Ed. Pan-Americana.**

AUBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — Pontos de corografia. Pontos para Concursos Oficiais. (13/19). 101 p. br. Cr$ 5,00. (6/42). **Getulio Costa.**

ALBUQUERQUE (Medeiros e). — Quando eu era vivo... Memórias. 1867 a 1934. (Ed. postuma e definitiva). (15/22). 336 p. br. Cr$ 18,00. (11/42). **Globo.**

ALMEIDA (D. José D'). — (6.° Marquês de Lavradio). — Vice-Reinado de D. Luiz D'Almeida Portugal, 2.° Marquês de Lavradio. 3.° Vice-Rei do Brasil. Pref. Pedro Calmon. B.P.B. s. 5.ª, Brasiliana, 214. (13/19). 399 p. br. Cr$ 25,00. (4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

ALVES (Isaias). — Vida e obra do Barão de Macahubas. (13/19). 191 p. br. Cr$ 9,00. (11/42). **Cia. Ed. Nacional.**

ALVES (Manuel). — Brasil e as nações do Mundo. História, grandeza e população comparadas com o Brasil. (14/19). 224 p. il. br. Cr$ 10,00. (9/42). **Ed. Autor, Rio.**

AMARAL (Braz do). — Fatos da vida do Brasil. (16/23). 268 p. br. Cr$ 15,00. (1941-7/42). **Tip. Naval, Bahia.**

ANDRADE (Martins de). — A Revolução de 1842. (14/19). 281 p. il. br. Cr$ 25,00. (7/42). **Distr. Z. Valverde.**

ANTUNES (De Paranhos). — História do Grande Chanceler. (Vida e obra do Barão do Rio Branco). Bibl. Militar, 53. (17/24). 129 p. il. br. Cr$ 6,50. (5/42). **Distr. Z. Valverde.**

AUBRY (Octave). — A vida intima de Napoleão. Trad. Maria Luiza Barreto Sanz. Col. Biografias. (17/24). 406 p. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 12/42). **Vecchi.**

AUERNHEIRMER (Raoul). — O Principe de Metternich. Sua vida politica e amorosa. Trad. Godofredo Rangel. (17/24). 325 p. br. Cr$ 20,00. (1/42). **Vecchi.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Corografia do Brasil. Para o curso comercial. Col. Dom Bosco, 14. (14/20). 293 p. 1 mapa. il. cart. Cr$ 14,00. (5.à ed. 12/42). **Cia. Ed. Nacional.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Geografia. 2.ª série secundária. B.P.B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 48. (14/20). 343 p. il. cart. Cr$ 13,00. (12.ª ed. 2/42). — 5.à série secundária. B.P.B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 68. (14/20). 478 p. il. cart. Cr$ 16,00. (7.ª ed. 1/42). **Cia. Ed. Nacional.**

AZEVEDO (Raul de). — Vida e morte de Stefan Zweig. (Ed. especial de "Aspectos". Revista brasileira-coordenação). (16/24). 169 p. il. br. Cr$ 15,00. (4/42). **Alba.**

AZEVEDO (Vitor de). — Feijó, paixão e morte de um chimango). (14/19). 235 p. il. br. Cr$ 15,00. (5/42). **Ed. Anchieta.**

BACKEUSER (Everardo). — Minha terra e minha vida. (Niterói há cinquenta anos...). (13/19). 208 p. br. Cr$ 10,00. (7/42). **Ed. Autor, Rio.**

BAILLY (Gustavo Adolpho). — Bandeiras e hinos. Capitulo da Nova geografia econômica do Brasil (a sair). (16/23). 50 p. il. br. Cr$ 6,00. (10/42). **Coelho Branco.**

BAINVILLE (Jacques). — Histoire de France. (12/19). 2 vols. 316 + 286 p. br. Cr$ 35,00. (5/42). **Americ-Edit.**

BAINVILLE (Jacques). — Napoléon. (12/19). 2 vols. 337 + 326 p. br. Cr$ 40,00. (1/42). **Americ-Edit.**

BARRETO FILHO (Mello), LIMA (Hermeto). — História da policia do Rio de Janeiro. Aspectos da cidade e da vida carioca. 1831-1870. Pref. Felisberto Batista Pereira. (15/22). 332 p. il. br. Cr$ 30,00. (11/42). **A Noite.**

BEERS (Clifford Whittingham). — Um espirito que se achou a si mesmo. Autobiografia. Trad. Manuel Bandeira. Pref. Afranio Peixoto. Bibl. Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 19. (15/22). 347 p. br. Cr$ 12,00. (Nova ed. 2/42). **Cia. Ed. Nacional.**

BERNANOS (Georges). — Diário de um Pároco de Aldeia. Trad. Edgar G. de Mata Machado. (14/21). 318 p. br. Cr$ 20,00. (10/42). **Atlântica Ed.**

BERNANOS (Georges). — Lettre aux anglais. (14/20). 305 p. br. Cr$ 20,00. (100 exempl. papel Buffant, numerados, 18/22, Cr$ 80,00). (2/42). **Atlântica Ed.**

BERNHART (Joseph). — O Vaticano, Pôtência mundial. História e figura do Papado. Trad. Carlos Domingues. Col. O Espelho das Grandes Vidas. (15/22). 397 p. 8 grav. fóra texto. br. Cr$ 22,00, enc. Cr$ 30,00. (6/42). **Pongetti.**

BESOUCHET (Lidia). — Mauá e seu tempo. (14/20). 256 p. il. br. Cr$ 18,00. (11/42). **Ed. Anchieta.**

BRANCO (Raul do Rio). — Reminiscência do Barão do Rio Branco. Col. Documentos Brasileiros, 32. (15/23). 205 p. 9 ils., br. Cr$ 20,00. (3/42). **José Olympio.**

BRINTON (Crane). — Nietzsche. Trad. Esther Mesquita. Bibl. Espirito Moderno, s. 3.à, 23. (15/22). 255 p. il. br. Cr$ 13,00. (6/42). **Cia. Ed. Nacional.**

BULCÃO JUNIOR. — Roosevelt. Col. Figuras Contemporâneas, s. A, Estadistas, 11. (14/19). 168 p. il. br. Cr$ 8,00. (10/42). **Norte Ed.**

CABRAL (Mário Da Veiga). — Geografia primária. (14/19). 242 p. il. cart. Cr$ 6,00. (11.ª ed. 12/42). **Jacintho.**

CABRAL (Mário Da Veiga). — Primeiro ano de geografia. (14/19). 304 p. il. cart. Cr$ 9,00. (16.ª ed. 2/42). Jacintho.
CALADO (Fr. Manoel). — O Valeroso Lucideno e o triunfo da liberdade. 1.º volume. (16/23). 411 p. br. Cr$ 15,00. (11/42). Cultura Intelectual, Recife.
CAMPOS (João da Silva). — Tempo antigo. Crônicas d'antanho, marcos do passado, histórias do Recôncavo. Publ. do Museu da Bahia, 2. (16/23). 192 p. br. Cr$ 6,00. (6/42). Distr. Z. Valverde.
CAMPOS (Joaquim Pinto de). — Jesús. (13/19). 120 p. br. Cr$ 6,00. (Nova ed. (3/42). Norte Ed.
CARNEIRO (Augusto Accioly). — A história da República e a Tríplice Aliança. Pref. Eloy Pontes. (17/24). 239 p. br. Cr$ 25,00. (10/42). Gr. Olímpica.
CARNEIRO (David). — Civilização moderna. (Filosofia, Politica, Ciência). História Geral da Humanidade. (14/19). 335 p. il. br. Cr$ 13,00. (6/42). Atena Ed.
CARNEIRO (Davi). — O Paraná na história militar do Brasil. (16/24). 281 p. il. br. Cr$ 28,00. (11/42). Distr Z. Valverde.
CARRAZZONI (André). — Perfil do estudante Getúlio Vargas. Apresentação de Gustavo Capanema. (14/19). 49 p. br. Cr$ 6,00. (9/42). A Noite.
CARVALHO (Affonso de). — Bilac. O homem, O poeta, O patriota. (14/23). 334 p. il. br. Cr$ 25,00. (5/42). José Olympio.
CARVALHO (Affonso de). — Caxias. Il. de Alberto Lima. (15/23). 282 p. br. Cr$ 25,00. (3.à ed. 1/42). José Olympio.
CASAIS (José). — Congonhas do Campo. Trad. Aires da Matta Machado Filho. 75 fotografias originais do Autor. (18/27). 72 p. br. Cr$ 20,00. (9/42). Distr. Civilização.
CASAIS (José). — Roteiro balneário. Trad. do texto inédito espanhol por Aires da Mata Machado Filho. (19/28). 95 p. il. br. Cr$ 15,00. (12/42). Of. de Vida Doméstica.
CAVALCANTI (Plinio). — Portugal e Minas Gerais. Tipos, paisagens, monumentos. (12/18). 133 p. cart. Cr$ 3,00. (9/42). Livr. Teixeira.
CELSO (Alex). — 10 alemães vêem o Brasil. Teatro livro internacional). (14/19). 256 p. br. Cr$ 12,00. (1/42). Coed. Brasilica.
CHALIAPIN (Fédor Ivanovitch). — Minha vida. Trad. Costa Neves. Col. O Homem fala de si mesmo. (17/24). 275 p. br. Cr$ 20,00. (5/42). Vecchi.
CHESTERTON (G. K.). — São Francisco de Assis. Trad. J. Carvalho. (14/19). 185 p. br. Cr$ 10,00. (6/42). Vecchi.
COELHO NETTO (Paulo). — Coelho Netto. Bibl. de Grandes Biografia, 1. (15/22). 406 p. br. Cr$ 25,00. (4/42). Z. Valverde.
COLOMBO, Barnabita (P. J. C. M.). — Frederico Ozanam. Pref. Padre Paulo Maria Lecourieux, Barnabita. (13/19). 179 p. br. Cr$ 8,00. (12/42). Ed. Vozes.
CORDEIRO (Francisca de Vasconcellos de Basto). — China. Arte e sabedoria milenares. Ex Oriente Lux. (Separata da Síntese da Evolução Intelectual dos povos). (14/19). 112 p. il. br. Cr$ 12,00. 11/42). Distr. Z. Valverde.
CORREIA (Leôncio). — O Barão do Serro Azul. Pref. Dicesar Plaisant e Ermelino de Leão. (14/19). 296 p. il. br. Cr$ 15,00. (2/42). D. Plaisant, Curitiba.
COSTA (Sergio Corrêa da). — Pedro I e Metternich. (Traços de uma guerra diplomática). Pref. Martinho Nobre de Mello. (13/19). 237 p. il. br. Cr$ 12,00. (8/42). A Noite.
COSTA (Sergio Corrêa da). — As quatro coroas de D. Pedro I. Pref. Oswaldo Aranha. (13/19). 369 p. il. br. Cr$ 14,00. (2.ª ed. 1/42). Distr. Civilização.
COUSINS (Sheila). — Tenho vergonha de mendigar. Trad. Gustavo Nonnemberg. Col. Documentos Humanos, 1. (14/19). 283 p. br. Cr$ 10,00. (2/42). Ed. Meridiano.
CUNHA (Euclydes da). — Os Sertões. (Campanha dos Canudos). (17/24). 646 p. 2 mapas, br. Cr$ 25,00. (16.ª ed. 11/42). Livr. Alves.
DANTAS (Olavo). — O romanceiro do mar. (13/20). 174 p. br. Cr$ 8,00. (7/42). Pongetti.
DINIZ (Zolachio). — Getulio Vargas. Estadista. Orador. Homem de Ação. Pref. João Neves da Fontoura. (13/19). 123 p. br. Cr$ 10,00. (6/42). Ed. Século XX.
DOCUMENTOS Históricos I. — Os holandeses no Brasil. Jan Andries Moerbeeck. — Motivos porque a Companhia das Indias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a Terra do Brasil. Amsterdam, 1624. — Lista de tudo que o Brasil póde produzir anualmente. (1625). — Trad. rev. Pde. Fr. Agostinho Keijzers, O. C. e José Honorio Rodrigues. Pref., notas e bibliografia de José Honorio Rodrigues. Separata do Brasil Açucareiro, Março 1942. Instituto do Açucar e do Alcool. (16/23). 55 p. il. br. Cr$ 5,00. (4/42). Distr. Civilização.
DONNAY (Maurice). — La vie amoureuse d'Alfred de Musset. (12/19). 226 p. br. Cr$ 18,00. (12/42). Americ - Edit.
DURANT (Will). — História da civilização. 1.ª parte, Nossa herança oriental. Tomo 1.º Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno,, s. 3.à, História e Biografia, 28. (15/22). 514 p. 2 mapas, il. br. Cr$ 28,00. (11/42). Tomo 2.º. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 28 A. (15/22). 513 p. 2 mapas, il. br. Cr$ 28,00. (11/42). Cia. Ed. Nacional.
DURANT (Will). — História da filosofia. Vida e idéias dos grandes filósofos. Trad.

Godofredo Rangel e Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 1. (15/22). 499 p. il. br. Cr$ 22,00. (Nova ed. 11/42). **Cia. Ed. Nacional.**

DUTRA (José Soares). — Martius. (13/19). 133 p. il. br. Cr$ 8,00. (3/42). **Emiel Ed.**

ELLIS JUNIOR (Alfredo). — Resumo da história de São Paulo Quinhentista e Seiscentista. (19/27). 380 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 30,00. (3/42). **Distr. Civilização.**

FALCAO (Edgard de Cerqueira). — Encantos tradicionais da Bahia. Col. Brasil Pitoresco, Tradicional e Artistico, III. (23/32). 8 p. 1 mapa, 32 estampas, cart. Cr$ 120,00. (12/42 — 1943). **Livr. Martins.**

FALCAO (Edgard de Cerqueira). — Fontes coloniais da cidade do Salvador. Col. Brasil Pitoresco, Tradicional e Artistico, II. (22/32). 100 p. il. br. Cr$ 40,00. (7/42). **Livr. Martins.**

FALCAO (Edgard de Cerqueira). — Roteiro de Paulo Afonso. Col. Brasil Pitoresco, Tradicional e Artistico, 1. (22/32). 40 p. il. br. Cr$ 15,00. (6/42). **Livr. Martins.**

FERRAZ (A. L. Pereira). — Terra de Ibirapitanga. Il. N. Martins Ferraz. (17/24). 348 p. 1 prancha, br. Cr$ 100,00. (1939-1941 — 5/42). **Ruffier & Rocha, Rio.**

FERREIRA (Tito Livio). — Guia do estudante. Programa do curso ginasial e preparatório para admissão ao curso normal. História do Brasil. (16/23). 220 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 1940 — 1/42). **Saraiva.**

FIDIÉ (Brigadeiro). — Vária fortuna d'um soldado português. Ed. comemorativa do 120.º aniversário da Guerra da Independência no Piauí. Outubro, 1942. Publ. da Bibl. Arquivo Público e Museu Histórico do Estado do Piauí. Um ensaio de Hermínio de Bento Conde. (17/24). 141 p. il. br. Cr$ 15,00. (10/42). **Distr. Coed. Brasilica.**

FONSECA S. J. (Pe. Manuel da). — S. Francisco de Borja. (13/19). 168 p. br. Cr$ 7,00. (12/42). **Ed. Vozes.**

FORD (Henry). — Edison tal como o conheci. Trad. Gustavo Nonenberg. (13/19). 175 p. br. Cr$ 7,00. (5/42). **Ed. Meridiano.**

FRANCHINI NETTO. — Mundo branco. Reportagens na Escandinavia. (14/19). 229 p. br. Cr$ 15,00. (6/42). **Ed. Anchieta.**

FRANCO (Jaime). — Martins Fontes. (14/22). 345 p. br. Cr$ 20,00. (8/42). **Distr. Civilização.**

FREITAS (Gaspar de). — Pontos de geografia e história do Brasil. Exame de Admissão. (12/16). 202 p. il. cart. Cr$ 6,00. (27.ª ed. 12/42 — 1943). **Distr. Antunes.**

FREYRE (Gilberto). — Guia prático, histórico e sentimental da Cidade do Recife. Il. de Luis Jardim. Col. Documentos Brasileiros, 34. (15/23). 240 p. br. Cr$ 40,00. 2.ª ed. 8/42). **José Olympio.**

FREYRE (Gilberto). — Ingleses. Pref. José Lins do Rego. (13/19). 179 p. br. Cr$ 12,00. (8/42). **José Olympio.**

FRISCHAUER (Paul). — Beaumarchais. O aventureiro do século da mulher. Trad. Godofredo Rangel. Bibl. Espirito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 25. (15/22). 306 p. br. Cr$ 16,00. (8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

FRISCHAUER (Paul). — Garibaldi, herói de dois mundos. Trad. rev. por Eloy Pontes. (17/24). 345 p. br. Cr$ 20,00. (1/42). **Vecchi.**

GABAGLIA (F. A.), GABAGLIA (J. C. Raja). — Curso de geografia. 1.ª série. (19/28). 162 p. il. cart. Cr$ 11,00. (9.ª ed. 5/42). **Briguiet.**

GALLAIS O. P. (P. Estevão Maria). — O Apostolo do Araguaia. Frei Gil Vilanova. Adapt. port. por Frei Pedro Secondy e Soares de Azevedo. (14/19). 287 p. il. br. Cr$ 15,00. (8/42). **Ed. Vera Cruz.**

GARBEDIAN (H. Gordon). — Einstein, o criador de universos. Trad. e notas de Julio Cesar de Mello e Sousa. Col. O Romance da Vida, 19. (15/23). 367 p. il. br. Cr$ 20,00. (1/42). **José Olympio.**

GARDNER, M. D., F. L. S. (George). — Viagens no Brasil. 1836-1841. Trad. Albertino Pinheiro. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 223. (13/19). 467 p. br. Cr$ 20,00. **Cia. Ed. Nacional.**

GAY (Cônego João Pedro). — História da República Jesuitica do Paraguai. (Publ. do Ministério da Educação e Saude). (16/23). 646 + 53 p. 3 pranchas, 1 mapa, il. br. Cr$ 40,00. (10/42). **Imp. Nacional.**

GICOVATE (Moisés). — Geografia para o curso secundário. 3.ª série. Pref. Lourenço Filho. (14/21). 334 p. il. cart. Cr$ 12,00. (2/42). **Ed. Melhoramentos.**

GILLET (Louis). — Dante. (12/19). 387 p. br. Cr$ 23,00. (11/42). **Americ — Edit.**

GOMES (Francisco). — O Dia da Pátria. (14/19). 151 p. il. br. Cr$ 8,00. (11/42). **Ed. Anchieta.**

GORKI (Máximo). — A batalha da vida. Trad. J. da Cunha Borges. (17/24). 165 p. br. Cr$ 12,00. (11/42). **Vecchi.**

GORKI (Máximo). (Alexiei Maximovitch Peckkov). — Ganhando meu pão... Memórias autobiográficas. Trad. Abelardo Romero. Col. O Homem fala de si mesmo. (17/24). 233 p. br. Cr$ 12,00. (3/42). **Vecchi.**

GRUENINGER (Fritz). — Bruckner, um gênio musical. Trad. Frei Odorico G. Durieux O. F. M.. (13/19). 203 p. br. Cr$ 8,00. (5/42). **Ed. Vozes.**

GUIMARAES (Argeu). — Em torno do casamento de Pedro II. (Pesquisas nos arquivos espanhóis). Col. Depoimentos Históricos, 5. (15/22). 227 p. il. br. Cr$ 20,00. (9/42). **Z. Valverde.**

GUIMARAES FILHO (Luis). — Fra Angelico. Pref. Frei Sebastião Tauzin O. P. (17/24). 275 p. il. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 9/42). **Ed. Vozes.**

GUNTHER (John). — O drama da América Latina. (Inside Latin America). Trad. Jorge Jobinsky. (15/22). 499 p. 2 pranchas, br. Cr$ 25,00, enc. Cr$ 32,00. (10/42). **Pongetti.**

GUSMÃO (Clovis). — Rondon. (14/20). 226 p. il. br. Cr$ 15,00. (8/42). **José Olympio.**

HARDING (Bertita). — O tosão de ouro. A história dos Habsburgos. Trad. R. Magalhães Junior. Col. O Romance da Vida, 21. (15/23). 397 p. br. Cr$ 20,00. (7/42). **José Olympio.**

HARNISCH (Wolfgand Hoffmann). — Lord Clive, o conquistador da India. Trad. Marina Barros. (16/23). 349 p. il. br. Cr$ 25,00. (4/42). **Globo.**

INFELD (Leopold). — A evolução de um cientista. Trad. Heraldo Barbuy. Bibl. Espirito Moderno, s. 3.à, História e Biografia, 20. (15/22). 378 p. br. Cr$ 16,00. (4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

JACOB (Heinrich Eduard). — Johann Strauss. Da valsa ao jazz. Trad. Abelardo Romero. (17/24). 295 p. il. br. Cr$ 22,00. (12/42). **Vecchi.**

JARDIM Botânico do Rio de Janeiro. — Guia dos visitantes. (Serviço Florestal. Ministério da Agricultura). (20/14). 71 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Rio.**

JELUSICH (Mirko). — Hanibal. Trad. Herbert Caro. (15/23). 215 p. 2 mapas, il. br. Cr$ 12,00. (7/42). **Globo.**

JÚLIO (Silvio). — Bolivar. (14/20). 417 p. il. br. Cr$ 20,00. (2.ª ed. 10/42). **Alba.**

JUREMA (Aderbal). — O sentido da colonização portuguesa no Brasil. Conferencia. (13/19). 53 p. br. Cr$ 5,00. (11/42). **Ciclo Cultural Luso Brasileiro, Recife.**

KONDER (Alexandre). — História do Japão. Col. História, 2. (16/24). 355 p. br. Cr$ 25,00. (3/42). **Ed. Século XX.**

KONDER (Alexandre). — Nossos vizinhos dos Andes. Reportagens. (13/19). 126 p. il. br. Cr$ 7,00. (4/42). **Ed. Século XX.**

KOSTER (Henry). — Viagens ao Nordeste do Brasil. "Travels in Brazil". Trad. e notas de Luiz da Camara Cascudo. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 221 (13/19). 595 p. 2 mapas, il. br. Cr$ 30,00. (7/42). **Cia. Ed. Nacional.**

KRUEGER (Kurt). — Eu fui médico de Hitler. Pref. Upton Sinclair, Otto Strasser e Arvid Enlind. Trad. Luis C. Afilhado e Oswaldino Marques. (14/19). 406 p. br. Cr$ 25,00. (3.à ed. 12/42). **Calvino.**

LANGHOFF (W.), KARST (Georg M.). Feras humanas. Trad. Dias da Costa. (17/24). 319 p. br. Cr$ 25,00. (12/42). **Calvino.**

LECLERC (Max). — Cartas do Brasil. Trad. e notas de Sérgio Milliet. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 215. (13/19). 190 p. br. Cr$ 15,00. (4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

LEITE (Aureliano). — O Cabo-Maior dos Paulistas na guerra com os Emboabas. Il. de Belmonte. (17/24). 200 p. br. Cr$ 20,00. (6/42). **Livr. Martins.**

LEROY (Alfred). — Maria Leczinska e Luiz XV. Trad. Mario Falleiros. (17/24). 246 p. il. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 10/42). **Ed. Pan-Americana.**

LEVINSON (André). — A vida patética de Dostoievski. Trad. Costa Neves. Col. Biografias. (17/24). 238 p. br. Cr$ 15,00. 2.ª ed. 3/42). **Vecchi.**

LEWINSOHN (Richard). — Os aproveitadores da guerra através dos séculos. Trad. Gustavo Nonnenberg. Col. Documentos de Nossa Época, 15. (14/20). 310 p. br. Cr$ 15,00. (5/42). **Globo.**

LIMA (Heitor Ferreira). — Castro Alves e sua época. Il Clovis Graciano. (14/19). 207 p. br. Cr$ 12,00. (10/42). **Ed. Anchieta.**

LIMA (Herman). — Outros céus, outros mares. (13/19). 381 p. br. Cr$ 12,00. (4/42). **José Olympio.**

LIMA (Rossini Tavares de). — Gregório de Matos, o Boca de Inferno. (13/18). 191 p. br. Cr$ 8,00. (10/42). **Distr. Livr. Élo.**

LISBOA (João Francisco). — Vida do Padre Antônio Vieira. Pref. Elói Pontes. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Lingua", 5. (11/18). 415 p. br. Cr$ 30,00. (11/42). **Ed. Cultura.**

LOBO (Hélio). — O Dominio do Canadá. (Ensaio de interpretação). (13/19). 189 p. br. Cr$ 12,00. (11/42). **Civilização**

LOON (Hendrik Van). — Tolerancia. Trad. James Amado. Bibl. Espirito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 29. (15/22). 338 p. il. br. Cr$ 18,00. (12/42). **Cia. Ed. Nacional.**

LUCCOCK (John). — Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil. Trad. Milton da Silva Rodrigues. Bibl. Histórica Brasileira, 10. 19/25). 435 p. il. br. Cr$ 45,00. (7/42). **Livr. Martins.**

LUDWIG (Emil). — Gênio e caráter. Dezeseis retratos e um prólogo. Trad. Herbert Caro. (15/23). 277 p. il. br. Cr$ 20,00. (12/42). **Globo.**

MACEDO (Joaquim Manuel de). — Um passeio pela Cidade do Rio de Janeiro. Ed. Rev. e anotada por Gastão Penalva, e pref. por Astrogildo Pereira. (17/25). 417 p. 18 gravuras, br. Cr$ 40,00. (Ed. de luxo, 20/27, br. Cr$ 200,00). (12/42). **Z. Valverde.**

MACEDO (Roberto). — Curiosidades Cariocas. Col. Contemporanea. (12/18). 201 p. 1 mapa, br. Cr$ 10,00. (12/42). **Alba.**

MACEDO (Sergio D. T. de). — Apontamentos do trafico negreiro no Brasil. Pref. Max Fleiuss. (13/19). 127 p. br. Cr$ 7,00. (1/42). L. D. Fernandes, Rio.

MAGALHAES (Cel. Amilcar A. Botelho de). — Impressões da Comissão Rondon. B. P. B. s. 5.ª Brasiliana, 211. (13/19). 445 p. il. br. Cr$ 25,00. (5.ª ed. 1/42). Cia. Ed. Nacional.

MAGALHAES (Cel. Amilcar A. Botelho de). — Rondon. Uma reliquia da pátria. Col. Biografias, 3. (17/24). 250 p. il. br. Cr$ 25,00. (6/42). Ed. Guaíra

MAGALHAES (Basilio de). — História do Brasil. (14/19). 468 p. il. cart. Cr$ 18,00. (2/42). 1.º vol. 4.ª série. (14/19). 248 p. il. cart. Cr$ 10,00. (1/42). 2.º vol. 5.ª série secundária. (14/19). 222 p. il. cart. Cr$ 10,00. (6/42). Livr. Alves.

MAGALHAES (Olyntho de). — Centenario do Presidente Campos Salles. (14/20). 196 p. br. (3/42). Pongetti.

MARANHÃO (João de Albuquerque). O Amazonas este esquecido. Publ. Comemorativa do 2.º aniversario do "Discurso do Rio Amazonas". (16/23). 37 p. br. Cr$ 5,00. (10/42). Irmão Di Giorgia, Rio.

MARQUES (Cícero). — Tempos passados... Pref. A. A. de Covello. Col. Flama, 3. (14/20). 149 p. br. Cr$ 10,00. (10/42). Moema Ed.

MAUL (Carlos). — A Marquesa de Santos. (Seu drama, sua época). (14/19). 173 p. il. br. Cr$ 12,00. (E. de luxo, enc. Cr$ 50,00). (2.ª ed. 12/42). Z. Valverde.

MAUL (Carlos). — Vida da Condessa de Iguassú. (Filha de D. Pedro I e da Marquesa de Santos). Col. Depoimentos Históricos, 3. (16/23). 131 p. il. br. Cr$ 12,00. (4/42). Z. Valverde.

MELLO (Geraldo Cardoso de). — Os Almeidas e os Nogueiras do Bananal. Pref. Pedro Rodovalho Marcondes Chaves. Bibl. Genealógica Brasileira, I. Publ. do Instituto Genealógico Brasileiro. (16/23). 108 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 10,00. (8/42). S. Paulo.

MENDONÇA (Renato). — Um diplomata na côrte de Inglaterra. O Barão de Penedo e sua época. B. P. B. s. 5.à, Brasiliana, 219. (13/19). 474 p. il. br. Cr$ 24,00. (7/42). Cia. Ed. Nacional.

MESQUITA (Alfredo). — Na Europa fagueira. (13/19). 298 p. br. Cr$ 10,00. (3/42). José Olympio.

MOESCHLIN (Felix). — O grande amor de Maria Antonieta. Trad. Roberto Furquim. (16/23). 355 p. br. Cr$ 30,00. (12/42 — 1943). Ed. Pan-Americana.

MONIZ (Heitor). — Episódios históricos do Brasil. (13/19). 183 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). A Noite.

MORAIS (Geraldo Dutra). — História de Conceição do Mato Dentro. Pref. Octaviano Lapertosa Brina e Joaquim Ribeiro Costa. Bibl. Mineira de Cultura, 16. (17/24). 289 p. il. br. Cr$ 20,00. (4/42). Belo Horizonte.

MORLEY (Helena). — Minha vida de menina. Caderno de uma menina provinciana nos fins do século XIX. (12/18). 385 p. br. Cr$ 12,00. (10/42). José Olympio.

MOURÃO (Mello). — Argentina 1942. (14/19). 138 p. br. Cr$ 7,00. (7/42). Ed. Século XX.

MUNTHE (Axel). — O livro de San Michele. Trad. Jayme Cortezão. (17/24). 364 p. il. br. Cr$ 20,00. (5.ª ed. 6/42). Globo.

NETSCHER (P. M.). — Os holandeses no Brasil. Notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII. Trad. Mario Sette. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 220. (13/19). 290 p. 2 mapas, br. Cr$ 15,00. (8/42). Cia. Ed. Nacional.

NIEUNHOF (João). Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil. Trad. Moacir N. Vasconcelos. Introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honorio Rodrigues. Bibl. Histórica Brasileira, 9. (19/25). 391 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 50,00. (5/42). Livr. Martins.

PAASSEN (Pierre Van). — Sòmente nesse dia. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 24. (15/22). 349 p. br. Cr$ 16,00. (6/42). Cia. Ed. Nacional.

PALMEIRA (Tenente-Coronel João da Costa). Amazônia. Col. História, 3. (16/23). 307 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 30,00 (10/42). Ed. Século XX.

PEIXOTO (Silveira). — A tormenta que Prudente de Morais venceu! (17/24). 388 p. il. br. Cr$ 25,00. (3/42). Ed. Guaíra.

PESSÔA (Alfredo). — Um homem que governa. (16/22). 295 p. br. Cr$ 25,00. (4/42). Z. Valverde.

PINHO (Wanderley). — Salões e damas do segundo reinado. Des. de Wasth Rodrigues. (19/25). 314 p. il. br. Cr$ 50,00. (104 exempl. em papel Vergé, numerados, 22/28, Cr$ 300,00). (12/42). Livr. Martins.

PRADO JUNIOR (Caio). — Formação do Brasil contemporâneo. Colônia. (17/24). 389 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 40,00. (9/42). Livr. Martins.

PRADO (J. F. de Almeida). — Pernambuco e as Capitanias do Norte do Brasil, (1530-1630). História da formação da sociedade brasileira. 3.º tômo. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana. 175 B. (13/19). 332 p. il. br. Cr$ 25,00. (3/42). 4.º tômo. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 175-C (13/19), 1. 314 p. il. br. Cr$ 25,00. (3/42). Cia. Ed. Nacional.

RAMALHETE (Clovis). — Eça de Queiroz. (14/20). 263 p. br. Cr$ 15,00. (1/42). Livr. Martins.

RAMOS (Arthur). — A aculturação negra no Brasil. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 224. (13/19). 380 p. il. br. Cr$ 20,00 (12/42). **Cia. Ed. Nacional.**

REIS (David Penna Aarão). — Geografia do Brasil. 3.ª série ginasial. (14/19). 154 p. il. cart. Cr$ 12,00. (11/42). **Z. Valverde.**

RIBEIRO (Maria José Bastos). — Maranhão de outrora. (1819-1924). — Memórias de uma época. Pref. Domingos Barbosa. 14/19). 274 p. br. Cr$ 12,00. (4/42). **Distr. Livr. Victor.**

RICARDO (Cassiano). — Marcha para Oeste. (A influência da "Bandeira" na formação social do Brasil). Col. Documentos Brasileiros, 25-25A. (15/23). 2 vols. 281+282 p. il. br. Cr$ 40,00. (2.ª ed. 6/42). **José Olympio.**

ROCHA (Melchiades da). — Bandoleiro das Catingas. (13/19). 242 p. il. br. Cr$ 12,00. (5/42). **A Noite.**

ROHDEN (Huberto). — Agostinho. (Um drama de humana miséria e divina misericórdia). (16/23). 386 p. br. Cr$ 25,00. (8/42). **Ed. Pan-Americana.**

ROURKE (Thomas). — Bolivar, Cavaleiro Glória. Trad. Miroel Silveira e Isa Silveira Leal. Col. A Marcha do Espírito, 5. (14/22). 325 p. br. Cr$ 20,00. (9/42). **Livr. Martins.**

ROURKE (Thomas). — Gómez, tirano dos Andes. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Documentos de Nossa Época, 6. (14/20). 301 p. il. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 6/42). **Globo.**

ROZ (Firmin). — História dos Estados Unidos. Trad. Luiz Viana Filho. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 26. (15/22). 428 p. br. Cr$ 20,00. (10/42). **Cia. Ed. Nacional.**

RUY (Affonso). — A primeira revolução social brasileira. (1798). B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 217. (13/19). 282 p. il. br. Cr$ 15,00. (6/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SALGADO (Plinio). — Vida de Jesus. (20/27). 623 p. br. Cr$ 60,00. (12/42). **S. E. Panorama.**

SANCHEZ (Luis Amador). — Colombo. Trad. Mário Donato. Série Biográfica de Cultura, "Vidas Luminosas", 5. (11/18). 185 p. br. Cr$ 15,00. (12/42). **Ed. Cultura.**

SCHMIDT (Afonso). — Colônia Cecilia. Uma aventura anarquista na América. 1889 a 1893. (13/19). 143 p. br. Cr$ 7,00. (3/42). **Ed. Anchieta.**

SCHMIDT (Afonso). — A sombra de Julio Frank. 1808-1841. (14/20). 236 p. br....... Cr$ 10,00. (8/42). **Ed. Anchieta.**

SCHRIFTGIESSER (Karl). — Famílias da América. Trad. Flávio Goulart de Andrade. (15/23). 313 p. br. Cr$ 15,00. (5/42). **Ed. Mundo Latino.**

SCHUSTER (M. Lincoln). — As grandes cartas da história desde a antiguidade até nossos dias. Trad. Manuel Bandeira. Bibl. Espírito Moderno s. 3.ª, História Biografia, 22. (15/22). 541 p. il. br. Cr$ 25,00. (4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SÉGUR (General Conde de). — A derrota de Napoleão na Rússia. Trad. Dyrio Gorgot. (14/19). 267 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). **Ed. Mundo Latino.**

SERRANO (Jonathas). — Epitome de história universal. Pref. Escragnolle Doria. (13/19). 438 p. il. cart. Cr$ 12,00. (192 ed. 7/42). **Livr. Alves.**

SILVA (Gastão Pereira da). — O romance de Osvaldo Cruz. Pref. Mário José de Almeida (13/19). 342 p. il. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 10/42). **A Noite.**

SILVA (Joaquim). — História do Brasil. 3.º ano ginasial. (14/20). 277 p. il. cart....... Cr$ 12,00. (9/42). — 4.º ano ginasial. (14/20). 234 p. il. cart. Cr$ 12,00. 4.ª ed. 4/42)+(5.ª ed. 6/42). — 5.º ano ginasial. (14/20). 234 p. il. cart. Cr$ 12,00. (5.ª ed. 7/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (Joaquim). — História da civilização. 1.º ano ginasial. (14/20). 304 p. il. cart. Cr$ 12,00. (29.ª ed. 3/42). — 4.º ano ginasial. (14/20). 373 p. il. cart. Cr$ 12,00. (14.ª ed. 3/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (Joaquim). — História geral para o 1.º ano ginasial. (14/20). 305 p. il cart....... Cr$ 13,00. (12/42). **Cia. Ed. Nacional.**

SKOWRONSKI (Tadeu). — Páginas brasileiras sôbre a Polônia. Coletânea. Antelóquio de Fernando de Mello Vianna. (16/23). 210 p. il. br. Cr$ 18,00. 8/42). **Distr. Freitas Bastos.**

SOUSA (Octavio Tarquinio de). — Diogo Antônio Feijó. (1784-1843). Col. Documentos Brasileiros, 35. (14/23). 332 p. 14 ils. br. Cr$ 30,00. (9/42). **José Olympio.**

SOUSA (Claudio de). — Os últimos dias de Stefan Zweig. (14/19). 79 p. br. Cr$ 4,00. (8/42). **Distr. Z. Valverde.**

SOUZA (Mariete Lopes de), (Maria Mercedes). — Relembrando a figura de um estadista. Dr. José Marcelino de Souza. (14/18). 12 p. il. br. Cr$ 2,00. (5/42). **Ed. Aurora.**

STADEN (Hans). — Duas viagens ao Brasil. Arrojadas aventuras no século XVI entre antropófagos do novo mundo. Trad. Guiomar de Carvalho Franco. Introd. e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco. Publ. da Sociedade Hans Staden. (16/23). 217 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 20,00. (9/42). **Tip. Gutenberg, S. Paulo.**

STEINEN (Karl von Den). — O Brasil Central. Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingú. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, Grande Formato, 3. (17/25). 420 p. 4 pranchas, 2 mapas, il. br. Cr$ 75,00. (8/42. **Cia. Ed. Nacional.**

STEPHENSON (Nathaniel Wright). — Lincoln. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 21. (15/22). 349 p. il. br. Cr$ 20,00. (4/42). **Cia. Ed. Nacional.**

STERN (Léopold). — La mort de Stefan Zweig. (14/17). 115 p. br. Cr$ 10,00. (11/42). **Distr. Civilização.**

STERN (Léopold). — A morte de Stefan Zweig. (14/17). 119 p. br. Cr$ 8,00. (8/42). **Distr. Civilização.**

STERN (Léopold). — Rio de Janeiro... et moi. (14/19). 286 p. br. Cr$ 20,00. (5/42). **Distr. Civilização.**

SUBSÍDIOS para a história da restauração da Companhia de Jesus no Brasil, por ocasião do seu 1.º Centenário. 1842-1862-1942. Pref. Altino Arantes. Prólogo de Aristides Greve S. J. (13/19). 139 p. il. br. Cr$ 10,00. (12/42). **Gr. Siqueira, S. Paulo.**

TABOUIS (Geneviève). — Chamavam-me Cassandra. Trad. Fernando Tude de Souza. (16/23). 335 p. br. Cr$ 30,00. (12/42). **Ed. Pan-Americana.**

TAUNAY (Afonso de E.). — Bartolomeu de Gusmão. Inventor do aerostato. (18/25). 355 p. 85 grav. br. Cr$ 50,00. (8/42). **Ed. Leia.**

TAUNAY (Afonso de E.). — Rio de Janeiro de antanho. Impressões de viajantes estrangeiros. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 222. (1319). 388 p. br. Cr$ 25,00. (8/42). **Cia. Ed. Nacional.**

TAUNAY (Afonso de E.). — O Senado do Império. (16/23). 261 p. il. br. Cr$ 20,00. (4/42). **Livr. Martins.**

TOURNIER, O. P. (R.). — La longe, no Araguaia. Pref. D. Sebastião M. Tomaz. Trad. Soares de Azevedo. (14/19). 199 p. il. br. Cr$ 12,00. (8/42). **Distr. Z. Valverde.**

TRAVASSOS (Mario). — Introdução à geografia das comunicações brasileiras. (Ensaio). Pref. Gilberto Freyre. Col. Documentos Brasileiros, 33. (15/23). 308 p. 6 mapas, br. Cr$ 20,00. (3/42). **José Olympio.**

TROTTA (Frederico). — História do Duque de Caxias. (Patrono do Exército). (16/23). 33 p. il. br. Cr$ 4,00. (3.ª ed. 8/42). **Casa Matos.**

UNDSET (Sigrid). — Volta ao futuro. Trad. Augusto Rodrigues e Jorge Reiszmann. (14/19). 362 p. br. Cr$ 20,00 (10/42). **Ed. Pan-Americana.**

VALLADÃO (Alfredo). — Campanha da Princesa. Vol. III, Vida Cultural (parte I). (16/23). 288 p. br. Cr$ 25,00. (3/42). **Rev. Tribunais.**

VALTIN (Jan). — Do fundo da noite. Comintern. Profintern. Gestapo. Memórias de um famoso espião e agitador alemão. Trad. R. Magalhães Júnior e A. C. Callado. Col. O Romance da Vida, 20. (15/23). 785 p. br. Cr$ 30,00. (3/42). **José Olympio.**

VAUDON (Padre João). — Mons. Henrique Verjus, Bispo Titular de Limeira. Sua vida. Trad. Cônego J. Aristides de Oliveira Rezende. Pref. Dom Hugo Bressane de Araujo Bispo de Guaxupé, (15/22). 524 p. il.br. Cr$ 25,00. (12/42). **Ed. Vozes.**

VEIGA (J. Carvalho). — Iniciação geográfica. (13/19). 103 p. il. cart. Cr$ 6,00. (4.ª ed. 5/42). **Pongetti.**

VERISSIMO (Erico). — Gato preto em campo de neve. (15/23). 421 p. il. br. Cr$ 16,00. (3.ª ed. 5/42). **Globo.**

VIANA FILHO (Luiz). — A vida de Rui Barbosa. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 17. (15/22). 301 p. il. br. Cr$ 13,00. (1941-3/42). **Cia. Ed. Nacional.**

VIEGAS (Augusto). — Notícia de São João del-Rei. (17/24). 204 p. il. fora texto. br. Cr$ 20,00. (3/42). **Imp. Oficial, Minas.**

WEBER (Ernesto). — O Brasil que eu vi. (14/20). 203 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 4/42). **Pongetti.**

WELLS (H. G.). — História universal. Em 3 tomos, 1.º tomo. Gravs. e mapas do original por J. B. Horrabin. Trad. Anísio Teixeira. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 4. (15/22). 454 p. br. Cr$ 20,00. (2.ª ed. 5/42). — 3.º tomo. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 4B. (15/22). 436 p. br. Cr$ 20,00. (Nova ed. 5/42). **Cia. Ed. Nacional.**

WERTH (Alexandre). — Os últimos dias de Paris. Diário de um jornalista. Trad. J. da Cunha Borges. (13/19). 345 p. br....... Cr$ 15,00. (3/42). **Atlântica Ed.**

WERTEIMER (Oskar Von). — Maquiavel. Trad. rev. por Herbert Caro. (15/23). 243 p. il br. Cr$ 18,00. (10/42). **Globo.**

WEYGAND (Général). — Turenne. (12/19). 252 p. br. Cr$ 17,00. (3/42). **Americ-Edit.**

WILLIAM (Franz Michel). — A vida de Jesus no país e no povo de Israel. Trad. Frei João José P. de Castro, O. F. M. (15/22). 503 p. br. Cr$ 20,00. (2.ª ed. (12/42). **Ed. Vozes.**

WITTLIN (Alma). — Abdul Hamid, O déspota voluptuoso. Trad. J. Carvalho. (17/24). 209 p. br. Cr$ 15,00. (10/42). **Vecchi.**

ZOFF (Otto). — Os Huguenotes. Trad. Gastão Pereira da Silva. (16/23). 295 p. il. br..... Cr$ 25,00. (12/42). **Ed. Pan-Americana.**

ZWEIG (Stefan). — Américo. Uma comédia de erros na história. Trad. Claudio G. Hasslocher. (15/22). 141 p. il. br. Cr$ 15,00. (12/42-1943). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — Os caminhos da verdade. Americo Vespucio. Erasmo de Rotterdam. Trad. Cláudio G. Hasslocher e Marina Guaspari. Ed. Uniforme, 17. (15/22). 303 p. il. enc. Cr$ 25,00. (12/42-1943). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — Joseph Fouché. Trad. Medeiros e Albuquerque. Ed. Uniforme, 5. (15/22). 303 p. br. Cr$ 20,00, enc. Cr$ 25,00. (Nova ed. 4/42). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — Maria Stuart. Trad. Odilon Gallotti. Ed. Uniforme, 8. (15-22). 382 p. enc. Cr$ 25,00. (Nova ed. 2/42). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — O mundo que eu vi (Minhas memórias). Trad. Odilon Gallotti. Ed. Uniforme, 15. (15/22). 471 p. br. Cr$ 25,00, enc. Cr$ 32,00. (4/42). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — Uma consciência contra a violência. (Castellio contra Calvino). Trad. Odilon Gallotti. Ed. Uniforme, 9. (15/22). 313 p. enc. Cr$ 25,00. (Nova ed. 1/42)). **Guanabara.**

OS algarismos que acompanham cada obra indicam: 1.º o formato (16/24); 2.º o número de páginas (32 p.); 3.º o preço....... (Cr$ 12,00); 4.º o mês e o ano do aparecimento (4/42) ou 1941-1/42).

AS abreviações significam: bibl., bibliotéca — br., brochado — cart., cartonado — col., coleção — des., desenhos — dir., direção, diretor, diretores — ed., edição, editor, editora, editores — enc., encadernado — fed., federação — figs., figuras — grav., gravuras — il., ilustrado, ilustrações, ilustrador, ilustradores — introd., introdução — pref., prefácio, prefaciado — publ., publicação — rev., revisão, revista, revisto — t., tomo — trad., tradução, tradutor, traduzido — vol., volume.

UM POUCO DE ESTATISTICA

CLASSIFICAÇÃO	Publicações novas Autóctones	Reedições Autóctones	Publicações novas — Diversos idiomas e traduções	Reedições — Diversos idiomas e traduções	TOTAIS 1942	1941	1940	1939
O) Generalidades	34	10	4	2	50	52	39	55
1) Filosofia	12	4	11	5	32	57	37	36
2) Religiões	32	6	18	2	58	67	69	65
3) Direito. Ciências sociais e politicas	133	33	24	3	193	258	302	287
3-8) Exército-Marinha-Aeronáutica	25	2	10	—	39	33	34	43
4-8.A) Letras. Filologia. En ino de linguas	49	88	2	2	141	132	137	121
4-8.B.1) Literatura. Generalidades	40	8	12	—	60	72	82	72
4-8.B.2) Textos de estudos	2	—	—	—	2	6	16	3
4-8.B.3) Poesias	46	6	7	1	60	66	59	66
4-8.B.4) Teatro	19	1	9	—	29	21	9	16
4-8.B.5) Romances. Novelas. Lendas	38	9	148	49	244	255	218	169
4-8.B.6) Contos	10	6	5	—	21	20	23	24
4-8.B.7) Eloqüência	4	—	—	—	4	6	2	3
4-8.B.8) Obras para crianças	49	17	35	5	106	103	79	92
5) Ciências matemáticas, físicas e naturais	36	46	9	—	91	94	92	72
6) Ciências aplicadas	55	25	7	—	87	105	92	75
7) Ciências aplicadas: Medicina	62	13	22	7	104	149	157	167
8) Belas-artes. Esporte. Jogos e Divertimentos	16	4	5	—	25	54	19	20
9) História e Geografia	112	30	64	12	218	206	212	227
Total geral 1942:	774	308	392	88	1.564	1.756	1.678	1.613
1941:	976	331	330	119	—	—	—	—
1940:	940	359	280	99	—	—	—	—
1939:	976	316	231	90	—	—	—	—

Movimento Bibliográfico de 1943

ORGANISADO POR AUREO OTTONI

O) GENERALIDADES

Agendas. Anuários. Bibliografias. Bibliotécas. Dicionários. Enciclopédias. Novas Publicações Periódicas.

AGRICULTURA. — Dir. Aldo Bartholomeu e Sergio Ferraz. N.º 1, Setembro 1943. (18/27). 90 p. il. mensal Cr$ 50,00. (10/43). P. Getulio Vargas, 2. s/ 1207, 8, **Rio.**

ALVES (Manuel). — A espôsa no lar feliz. (13/19). 184 p. br. Cr$ 5,00. (7/43). **Tip. Glória, Rio.**

ANUÁRIO Brasileiro de Literatura 1942. — N.º 6. Dir. Rogerio Pongetti e Rodolfo Pongetti. Apresenta: Trabalhos originais, Bibliografia, Critica, A Academia Brasileira de Letras. Resenha das Artes Nacionais. Panorama do Movimento Intelectual. Ils. de Percy Deane, Paulo Werneck e Pacheco. (19/27). 294 p. br. Cr$ 20,00. (1/43). **Pongetti.**

ARCHÊRO JUNIOR (Achilles). — Exames de admissão ao comércio. Para as escolas de Ensino Comercial. Col. Didática Nacional, Série Comercial. (14/19). 265 p. il. cart. Cr$ 10,00. (3.ª ed. 5/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

ARQUIVOS do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. — Ano I, n.º 1, Junho 1943. (18/25). 320 p. il. Cr$ 20,00. (6/43). **Imp. Nacional.**

BARROS (Hugo Laércio de), CARDONA (Fausto). — Manual técnico dos concursos. Para escriturário, postalista, telegrafista, auxiliar e praticante de escritório, datilógrafo. (16/23). 219 p. il. br. Cr$ 20,00. (9/43). **Ed. Pan-americana.**

BASILE (Ragy). — Dicionário etimológico dos vocábulos derivados do árabe. 2.º fasc. Parte portuguesa revista por Hermano Requião. (16/23). págs. 33 a 64, br. Cr$ 5,00. (4/43). **Ed Autor, Rio.**

BECKER (Idel). — Dicionário "Lep". Espanhol-português. (9/13). 269 p. enc........ Cr$ 12,00. (5/43). **Livr. Ed. Paulicéia.**

BINNS (Harold Howard). — Dicionário inglês-português. Cl. O Livro de Bolso, 9. (11/16). 287 p. cart. Cr$ 12,00. (5/43). **Distr. Civilização.**

BOLETIM do Conselho Nacional de Geografia (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). — Dir. Cristovão Leite de Castro. Ano I, n.º 1, Abril 1943. (16/23). 184 p. mensal Cr$ 5,00, ano Cr$ 60.00. (4/43). P. Getulio Vargas, 14, 5.º, **Rio.**

BRASIL, Sua Indústria e Exportação. 1943. — Ed. da Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda., S. Paulo. (24/33). 373 p. enc. Cr$ 200,00. (7/43). **S. B. E. C., S. Paulo.**

CAMARGO (João Silveira). — Testes para concursos e provas de auxiliar de escritório, datilógrafo, inspetor de alunos, arquivista, auxiliar de seleção. Pref. Pilade Alberto Palagi. (16/24). 155 p. il. br. Cr$ 15,00. (8/43). **Coelho Branco.**

CAMPOS (Ipê de). — Vocabulário ortográfico moderno. Pref. Silveira Bueno. Col. O Livro de Bolso, 7. (11/16). 443 p. cart....... Cr$ 15,00. (2.ª ed. 10/43). **Distr. Civilização.**

CARMO (J. A. Pinto). — Bibliografia de Capistrano de Abreu. Ministério da Educação. Instituto Nacional do Livro. Coleção Bl. Bibliografia. (16/23). 135 p. 11 grav. fora texto, br. Cr$ 5,00. (5/43). **I. N. L., Rio.**

COLUMBA. — Rev. Columbófila Brasileira. Dir. responsáveel, Ten. Pedro Vidal de Sá. Ano 1, n.º 2. (19/27). 36 p. il. Cr$ 3,00. (3/43). Av. Rio Branco, 183, 7.º. **Rio.**

DICIONÁRIOS de algibeira. — Português-inglês. (7/6). 672 p. br. Cr$ 10,00. (2/43). **Livr. Lusitana.**

DORIA (Irene de Menezes). — Guia de classificação decimal. Pref. Rubens Borba de Moraes. Série de Biblioteconomia publ. pela Escola de Biblioteconomia de São Paulo, n.º 1. ((16/23). 107 p. br. Cr$ 15,00. (9/43). **Livr. Martins.**

ENSAIOS. — Revista dos Alunos da Faculdade Católica de Direito. Dir. Oscar Junqueira Lopes. Ano 1, n.º 1, Dezembro 1943. (19/26). 32 p. il. mensal Cr$ 3,00. (12/43). R. S. Clemente, 240, **Rio.**

ESTRELA. — Revista mensal infantil. Dir. Maria Izabel P. C. Mac Dowell. Ano 1, n.º 2. Janeiro 1943. (18/27). 20 p. il. Cr$ 1,20. (4/43). R. Laranjeiras, 337, ap. 202, **Rio.**

FARIA (Ernesto). — Vocabulário latino-português. (14/19). 554 p. cart. Cr$ 32,00. (10/43). **Briguiet.**

FRANCO (Alvaro). — Dicionário inglês-português, português-inglês. (14/19). 1068 p. enc. Cr$ 30,00. (4.ª ed. 3/43). **Globo.**

CABAGLIA (Raja), RIBEIRO (João). — Exame de admissão para os ginásios. (13/19). 451 p. il. cart. Cr$ 10,00. (Nova ed. 8/43). **Livr. Alves.**

GARCIA (Hamilcar de). — Dicionário espanhol-português. (14/19). 710 d. cart...... Cr$ 30,00. (9/43). **Globo.**

GOMES (Alfredo). — Concurso para oficial administrativo e escriturário para qualquer ministério. Manual do Candidato ao Funcionalismo Público. (13/18). 480+656 p. br. Cr$ 50,00. (9/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

GOMES (Alfredo). — Exames de admissão aos ginásios. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 328 p. il. cart. Cr$ 13,00. (6.ª ed. 5/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

GONÇALVES (Antonio), RODRIGUES (Geraldo), MESQUITA (Marcelo). — Preparatórios ao alcance de todos. (13/19). 244 p. il. br. Cr$ 8,00. (18.ª ed. 9/43). **Cia. Ed. Nacional.**

KOEHLER, S. J. (Pe. H.). — Dicionário escolar latino-português. (14/19). 975 p. enc...... Cr$ 45,00. (7/43). **Globo.**

KOEHLER, S. J. (Pe. H.). — Pequeno dicionário escolar latino-português. (14/19). 478 p. cart. Cr$ 20,00. (7.ª ed. 3/43+8.ª e 9.ª ed. 8/43). **Globo.**

LAGO (Souza). — Dicionário de têrmos técnicos inglês-português. Col. Artes e Ofícios, 1. (15/23). 291 p. br. Cr$ 30,00. (11/43). **Livr. Ed. Paulicéia.**

LETRAS BRASILEIRAS. — Dir. Heitor Moniz. Orientação artística de Silvio Freitas. Col. "Letras Brasileiras". Ano I, N.º 1, Maio 1943. (16/23) 80 p. il. Cr$ 4,00. (5/43). **A Noite.**

LIMA (Hildebrando), BARROSO (Gustavo). — Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa. Rev. por Manuel Bandeira e José Baptista da Luz. (14/20). 1234 p. enc. Cr$ 35,00. (4.ª ed. 6/43). **Civilização.**

MAGALHAES (Alvaro). — Dicionário enciclopédico brasileiro ilustrado. Com a colaboração de Francisco Fernandes, Erico Verissimo, Everardo Backheuser, Aroldo de Azevedo, Balduino Rambo, S. J. Amaral Fontoura. (17/23). 1588 p. enc. Cr$ 90,00. (9/43). **Globo.**

MAIA (Fausto), FREITAS (Byron T.), BAILLY (Gustavo Adolpho), BEZERRA (Argeu Machado). — Pontos de concurso para oficial administrativo, organizado de acôrdo com o programa do D. A. S. P. (16/23). 351 p. 6 pranchas, il. br. Cr$ 30,00. (2.ª ed. 9/43). **Coelho Branco.**

METODOLOGIA do curso ginasial e Programa dos cursos clássico e científico. (14/18). 51 p. br. Cr$ 4,00. (3/43). **Z. Valverde.**

MONIZ (Edmundo). — Francisco Alves de Oliveira (Livreiro e autor). Notas bibliográficas por Oswaldo Melo Braga. Publ. da Academia Brasileira, III — Bibliografia. (13/19). 139 p. 16 ils. fora texto, br. Cr$ 8,00. (7/43). **Academia Brasileira.**

MORAES (Rubens Borba de). — O problema das bibliotecas brasileiras. Pref. Gilberto Freyre. Conferências, Série Itamarati. (12/16). 64 p. br. Cr$ 4.00. (12/43). **Casa do Estudante.**

NABUCO (Monsenhor Joaquim). — Bibliofilos versus bibliofogos. A conservação das nossas bibliotecas e arquivos. Pref. Arthur Neiva. (17/24). 92 p. br. Cr$ 15,00. (7/43). **J. Leite.**

NASCENTES (Antenor). — Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional. (13/18). 220 p. cart. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 11/43-1944). **Freitas Bastos.**

NEVES (Domingos). — O meu secretário. (14/19). 399 p. il. cart. Cr$ 18,00. (3.ª ed. 8/43). **A Noite.**

PERIÓDICO (O). — Revista mensal dos Amigos da América. Dir. Ruyter Pacheco. Ano 1, n.º 1, Julho 1943. (22/32). 36 p. il...... Cr$ 2,00. (7/43). Av. Rio Branco, 118, 8.º, **Rio.**

PRAZERES (Rimus), PEIXOTO (A. C. de Matos), COSTA (Lidio). — Dicionário geográfico, Gramatical e biográfico ilustrado, 1.º fascículo. (16/23). 32 p. br. Cr$ 5.00. (8/43). **Ed. Brasileira Artística.**

QUEIROZ (J.). — O secretário moderno ou Guia indispensável para cada um se dirigir na vida sem auxílio de outrem. (14/19). 512 p. enc. Cr$ 15,00. (Nova ed. 7/43). **Livr. Quaresma.**

RAMOS (Frederico José da Silva). — Dicionários "Lep". Inglês-português. (9/13). 246 p. enc. Cr$ 12,00. (1/43+2.ª ed. 11/43). **Livr. Ed. Paulicéia.**

REIS (Antônio Simões dos). — Bibliografia nacional. 1942, 6.º volume. Pref. Carlos Drummond de Andrade. (12/19). 131 p. br..... Cr$ 7,00. (2/43). — 7.º volume. (12/19). 102 p. br. Cr$ 7,00. (8/43). — 8.º volume. Pref. Berilo Neves. (12/19). 90 p. br. Cr$ 7,00. (5/43). — 1943. 1.º volume. (12/19). 92 p. br. Cr$ 7,00. (3/43). — 2.º volume. (12/19). págs. 93 a 212, br. Cr$ 7,00. (4/43). — 3.º volume. (12/19). págs. 213 a 304, br...... Cr$ 7,00. (6/43). — 4.º volume. (12/19). págs. 305 a 424, br. Cr$ 7,00. (7/43). — 5.º volume. (12/19). págs. 425 a 560, br...... Cr$ 7,00. (8/43). — 2.º tomo, 6.º volume. 122 p. br. Cr$ 7,00. (9/43). **Z. Valverde.**

REIS (Antônio Simões dos). — Pseudônimos brasileiros. Pequenos verbetes para um dicionário. 1.ª série, 2.º volume. (12/19). 63 p. br. Cr$ 5,00. (3/43). **Z. Valverde.**

REVISTA Brasileira de Odontologia. — Dir. Orandino Prado Filho e Homero Coutinho. N.º 4, Agôsto 1943. (16/23). 124 p. il. bimestral Cr$ 5,00. Ano Cr$ 30,00. (12/43). R. Buenos Aires, 70, **Rio.**

RODRIGUES (Dirceu A. Victor). — Dicionário Latino-português. Para os cursos de ginásio e colégio. (14/19). 704 p. cart. Cr$ 30,00. (6/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

RUMO (3.ª Fase). — Dir. Arquimedes de Melo Neto. Propriedade da Casa do Estudante do Brasil. Ano 1, vol. 1, 1.º trimestre 1943. (16/23). 100 p. il. Cr$ 3,00. Ano Cr$ 10,00. (4/43). Largo Carioca, 11, **Rio.**

SOUSA (Ferraz de). — Secretário enciclopédico brasileiro. (14/19). 503 p. cart. Cr$ 18,00. (6.ª ed. 7/43). **Livr. Ed. Paulicéia.**

SOUZA (José Soares de). — Classificação. Sistemas de classificação bibliográfica. Instituto Nacional do Livro. Coleção B-2. Biblioteconomia, IV. (16/23). 163 p. il. br. Cr$ 5,00. (11/43). **Ministério Educação.**

TAVEIRA (Carlos Luis), VALE (Renato do). — Concurso de postalista e de telegrafista. (14/19). 317 p. br. Cr$ 35,00. (17/43). **Baptista de Souza.**

TOCHTROP (Leonardo). — Dicionário alemão-português. (14/19). 672 p. enc. Cr$ 35.00. (5/43). **Globo.**

TRICOT E CHOCHET. — Magazine feminino de trabalhos manuais. Dir. Francisco de Assis do Amaral Campos e Egon Felix Gottschalk. Ano 1, n.º 1, Julho-Agôsto 1943. (23/31). 44 p. il. bimestral Cr$ 6,00 Ano Cr$ 36,00. (9/43). Rua S. Bento, 308, 6.º, **S. Paulo.**

VASCONCELLOS (Nuno Smith de). — Pequeno dicionário inglês-português. (14/20). 376 p. cart. Cr$ 16,00. (5/43). **Cia. Ed. Nacional.**

VINHOLES (S. Burtin-). — Dicionário francês-português, português-francês. Redigido por M. J. Nonnemberg e L. Curtenaz. Rev. por S. Burtin-Vinholes. (14/19). 990 p. enc. p. enc. Cr$ 30,00. (4.ª ed. 1942-3/43). **Globo.**

VITOR (D'Almeida). — "Ad Immortalitatem". Síntese histórica da Academia Brasileira de Letras — Bio-bibliografia de seus membros. Separata do "Anuário Brasileiro de Literatura" de 1942. (13/19). 165 p. il br. Cr$ 10,00. (4/43). **Pongetti.**

VOCABULÁRIO (Pequeno) ortográfico da língua portuguêsa. — Academia Brasileira de Letras. (16/23). 1342 p. br. Cr$ 25,00. enc. Cr$ 60,00. (12/43). **Imp. Nacional.**

I) FILOSOFIA

ADLER (Alfred). — A ciência de viver. Trad. Thomaz Newlands Neto. (14/20). 304 p. br. Cr$ 15,00. (6/43). **José Olympio.**

ALFIERI (Vitorio). — A tirania. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores, 13. (12/16). 122 p. br. Cr$ 3,00. (12/43). **Vecchi**

AURELIO (Marco). — Os doze livros da sabedoria. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores, 10. (12/17). 132 p. br. Cr$ 3 00. (7/43). **Vecchi.**

AUSTREGESILO (A.). — Educação da Alma. Obras Completas, 1. (13/18). 175 p. br. Cr$ 10,00. (6.ª ed. 9/43). **Ed. Guanabara.**

BALMES (Jaime). — O critério. Trad. rev. por Manoel Itabajara de Oliveira. Bibl. de Autores Célebres, 12. (12/19). 284 p. br. Cr$ 12,00. (4/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

BAUDELAIRE (Charles). — Arabescos filosóficos. Trad. Dyrio Gorgot. Col. Os Grandes Pensadores, 4. (12/16). 108 p. br. Cr$ 3.00. (2/43). **Vecchi.**

BORGES (José Carlos Cavalcanti). — Iniciação à lógica. (Lógica formal e Metodologia). Pref. Gilberto Freyre. (14/19). 129 p. br. Cr$ 9,00. (1942-11/43). **Livr. Sapientia.**

CARNEGIE (Dale). — Como fazer amigos e influenciar pessoas. Trad. Fernando Tude de Souza. (14/20). 314 p. br. Cr$ 12,00. (5.ª ed. 4/43). **Cia. Ed. Nacional.**

DRUMMOND (Syrio L.). — Estudos de filosofia. Do conciente. (14/19). 155 p. br. Cr$ 10,00. (10/43). **Z. Valverde.**

DURANT (Will). — Filosofia da vida. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 2. (15/22). 572 p. br. Cr$ 24,00. (Nova ed. 8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

FIGUEIREDO (Fidelino de). — Espanha Uma filosofia de sua história e da sua literatura. Bibl. Espírito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 9. (14/22). 339 p. il. br. Cr$ 25,00. (11/43). **Cia. Ed. Nacional.**

FRANCA, S. J. (P. Leonel). — Noções de história da filosofia. (15/22). 571 p. br. Cr$ 36,00. (9.ª ed. 6/43). **Cia. Ed. Nacional.**

FRANKLIN (Benjamim). — Breviário do homem de bem. Trad. Dirio Gorgot. Col. Os Grandes Pensadores, 7. (12/16). 128 p. br. Cr$ 3.00. (4/43). **Vecchi.**

INGENIEROS (José). — As fôrças morais. A juventude da América Latina. Trad. S. Montemór. Col. Conhecimentos Científicos e Sociais. Divulgação, 4. (14/20). 133 p. br. Cr$ 8 00. (3/43). **Getulio Costa.**

INGENIEROS (José). — A humanidade e os seus problemas sociais. Trad., Col. Conhecimentos Científicos e Sociais. Divulgação, 3. (14/20). 240 p. br. Cr$ 12,00. (3/43). **Getulio Costa.**

JAMES (William). — A filosofia de William James. (Seleção das suas obras principais). Trad. Antonio Ruas. Bibl. Espírito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 8. (15/22). 223 p. br. Cr$ 12,00. (8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

LACERDA (H. C.). — O homem, a civilização e o cristianismo. (14/19). 20 p. br. (6/43). **Baptista de Souza.**

LAFUERZA (N. D.). — Regras para triunfar na vida. (Curso de educação da vontade). Trad. Tito Marcondes. Bibl. Ciência Para Todos, 2. (14/22). 305 p. br. Cr$ 20,00. (5/43). **Ed. Universitária.**

LIMA (Alceu Amoroso). (Tristão de Athayde). — Idade, sexo e tempo. (Três aspectos da psicologia humana). (14/20). 277 p. br. Cr$ 15 00. (5.ª ed. 10/43). **José Olympio.**

McTAGGART (John-Ellis). — Introdução ao estudo da filosofia. Trad. e pref. de Antônio Sergio. Cadernos "Inquérito". Série C — Filosofia e Religião, 6. (12/19). 87 p. br. Cr$ 5,00. (10/43). **Ed. Inquérito.**

MENEZES (Djacir). — Psicologia. (15/22). 234 p. il. cart. Cr$ 16,00. (3.ª ed. 3/43). **Globo.**

MORAES JUNIOR (Padre Antônio D'Almeida). — A doutrina de Freud. (16/24). 70 p br. (1942-4/43). **Ed. Vozes.**

MORAES JUNIOR (Padre Antônio D'Almeida). — Filosofia da liberdade. (Ensaio). (16/23). 95 p. br. Cr$ 7,00. (8/43). **Ed. Vozes.**

NIETZSCHE. — O crepúsculo dos ídolos. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores, 5. (12/16). 123 p. br. Cr$ 3 00. (3/43). **Vecchi.**

ORGEMONT (Jean D'). — Como usar o método Coué. Pref. René Fauvel. Trad. Série Cultura Individual. (13/19). 55 p. br. Cr$ 3,00. (9/43). **Ed. Minerva.**

PITIGRILLI. — O colar de Afrodite. Coletânea de pensamentos de Pitigrilli compilados por G. Blasset. Trad. (14/19). 301 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 3/43). Vecchi.

PITKIN (Valter B.). — Breve introdução à história da estupidez humana. (A short introduction to the history of human stupidity). Trad. Edison Carneiro. (14/22). 434 p. br. Cr$ 30,00. (11/43). Ed. Prometeu.

PLATÃO. — O Banquete. — PLOTINO. — Do Amor. Trad. Albertino Pinheiro. — Bibl. Clássica, 36. (14/20). 153 p. cart. Cr$ 15,00. (7/43). Atena Ed.

PLATÃO. — Diálogo sôbre a justiça. Trad. Lobo Vilela. Cadernos "Inquérito", série C — Filosofia e Religião, 2. (12/19). 102 p. br. Cr$ 5,00. (10/43). Ed. Inquerito.

PLATÃO. — A República. Trad. Albertino Pinheiro. Bibl. Clássica, 38. (14/20). 398 p. br. Cr$ 25,00. (10/43). Atena Ed.

PURINTON (Edward Earle). — A vitória do homem de ação. (The triumph of the man who acts). Trad. rev. de Agripino Grieco e Otoniel Mota. (14/20). 239 p. br. Cr$ 12,00. (5.ª ed. 10/43). Cia. Brasil Ed.

RABELLO (Sylvio). — Psicologia da infância. B. P. B. s. 3.ª, Atualidades Pedagógicas, 23. (14/20). 365 p. il. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 10/43). Cia. Ed. Nacional.

ROHDEN (Huberto). — De alma para alma. Filosofia da vida para os que pensam e sofrem. (14/19). 193 p. br. Cr$ (3/43). Ed. Pan-Americana.

ROUSSEAU (J. J.). — Meditações do caminhante solitário. Trad. J. Dubois Júnior. Col. Os Grandes Pensadores, 12. (12/16). 129 p. br. Cr$ 3,00. (11/43). Vecchi.

SCHOPENHAUER (Artur). — O amor, as mulheres e a morte. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores, 1. (12/16). 119 p. br. Cr$ 3,00. (2.ª ed. 8/43). Vecchi.

SÊNECA.—A ira. Trad. Antero Barradas Barata. Col. Os Grandes Pensadores, 11. (12/16). 127 p. br. Cr$ 3,00. (9/43). Vecchi.

SILVA (Gastão Pereira da). — Como se interpretam os sonhos. (14/20). 294 p. br. Cr$ 15,00. (8/43). José Olympio.

SILVA (Gastão Pereira da). — Para compreender Freud. Pref. Sócrates Diniz. (12/19). 275 p. br. Cr$ 15,00. (6.ª ed. 10/43). Ed. Mundo Latino.

SILVA (Gastão Pereira da). — A psico-análise em 12 lições. (13/19). 155 p. br. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 10-43). Ed. Pan-americana.

SIWEK, S. J. (Paul). — Le problème du mal. Bibl. Française de Philosophie. (14/21). 161 p. br. Cr$ 20,00. (1942-2/43). Distr. Atlântica Ed.

SIWEK, S. J. (Paul). — La réincarnation des esprits. Bibl. Française de Philosophie. (14/21). 244 p. br. Cr$ 25 00. (1942-2/43). Distr. Atlântica Ed.

THOMPSON (Alm. A.). — Cosmos. Macrocosmos (O Astro) e Microcosmos (O Homem). (Estudo analítico científico). (13/19). 175 p. 4 pranchas, br. Cr$ 15,00. (8/43). Freitas Bastos.

TOLLENS (Paulo). — Fundamentos do espírito brasileiro. (14/19). 296 p. br. Cr$ 16,00. (8/43). Distr. Globo.

TORRES (João Camilo de Oliveira). — O positivismo no Brasil. Pref. Euryalo Cannabrava. (15/22). 336 p. br. Cr$ 20,00 (8/43). Ed. Vozes.

VOLTAIRE. — Aforismos, sentenças e julgamentos Salomônicos. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores. (12/16). 118 p. br. Cr$ 3,00. (1/43). Vecchi.

VOLTAIRE. — Dicionário filosófico. Trad. Líbero Rangel de Tarso. Bibl. Clássica 19. (14/20). 300 p. cart. Cr$ 22,00. (Nova ed. 7/43). Atena Ed.

YUTANG (Lin). — A importância de viver. Trad. Mário Quintana. (16/23). 402 p br. Cr$ 20,00. (3.ª ed. 9/43). Globo.

2) RELIGIÕES

Generalidades. Religiões Cristãs. Religiões Diversas e Mitologia. Ciências Ocultas.

ARAUJO (D. Hugo Bressane de). — O Sagrado Coração de Jesus. Col. Popular de Formação Espiritual, 17. (12/16). 136 p. br. Cr$ 4,00. (11/43). Ed. Vozes.

ARDITO (Sacerdote Davi). — Sagrado Coração de Jesus, confio em Vós. (13/19). 287 p. br. Cr$ 15,00. (7/43). Pia Sociedade.

AZAMBUJA (M. E.). — Uma nova ciência. E' inacreditável, mas é!... (12/16). 76 p. br. 1942-4/43). Distr. Fed. Espirita.

AZEVEDO (Ody). — Páginas de formação para moças. (13/19). 312 p. br. Cr$ 10,00. (1942-3/43). Ed. Vozes.

BARBIERI (Dom Antônio Maria). — Formação (Tiende tu arco). Pref. Armando Câmara. (16/23). 71 p. br. Cr$ 6,00. (11/43). Ed. Idade Nova, P. Alegre.

BRAGA (Lourenço). — Umbanda (magia branca) e Quimbanda (magia negra). (14/19). 159 p. il. br. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 1942-3/43). Distr. Z. Valverde.

BRANDÃO (Pe. Ascanio). — O Mês do Rosário. (12/17). 294 p. il. br. Cr$ 8,00. (12/43). Ed. Mensageiro do Rosário, Rio.

CABRAL (Dom Antônio dos Santos). — A Ação Católica. Carta Pastoral. (16/22). 29 p. br. Cr$ 2,00. (Nova ed. 7/43). Ed. Vozes.

CASTRO (Padre Jerônimo Pedreira de). — Segundo livro de Zélia (Irmã Maria do Santíssimo Sacramento). Seus escritos espirituais, cartas e exemplos. (13/19). 336 p. br. Cr$ 15,00. (10/43). Ed. Vozes.

CHARLES, S. J. (Pierre). — La prière de toutes les heures. Trois séries de trente-trois méditations. (13/19). 432 p. br. Cr$ 25,00. (1942-2/43). Distr. Atlântica Ed.

CHASTEL (Guy). — Vida de Santo Antônio Maria Zacaria. Trad. Pe. Dubois, Barnabita. Introdução do Pe. Paulo Lecourieux. (13/19). 329 p. br. Cr$ 10,00. (7/43). Ed. Vozes.

CIRNE (Leopoldo). — A personalidade de Jesus, nem Deus, nem Homem). Observações necessárias por Guillon Ribeiro. (12/16). 109 p. br. Cr$ 5,00. (4/43).
Fed. Espírita.

COMUNICAÇÕES de Zweig. 1942. Homens rebeldes, tudo conduz à esperança. Pref. Maria de Oliveira. (13/18). 47 p. br. Cr$ 3,00. (10/43). **Baptista de Souza.**

CORRÊA (Manoel Tenreiro). — O universo e o homem. Vol. I, Fasc. I. Ils. de Ramon Hespanha. Bibl. de Cultura Teosófica. (16/23). 18 p. br. Cr$ 2,00. (4/43).
Ed. Autor, Rio.

CURSO de Iniciação Esotérica. — (16/23). 233 p. br. Cr$ 12,00. (7.ª ed. 4/43).
Ed O Pensamento.

DELGADO, O. F. M. (P. Conrado.). — De relationibus inter Parochum Religiosum et Eius Superiores Regulares. Bibl. de Ciências Eclesiásticas. (17/24). 160 p. br. Cr$ 15,00. (12/43). **Ed. Vozes.**

DESPLANQUES (F.). — Cristo em nossos caminhos. Trad. e adaptação brasileira de Elzeário Schimitt. Col. Presença, 6. (11/19). 180 p. br. Cr$ 9,00. (4/43). **Stella Ed.**

DESTÉFANI, O. F. M. (Frei Benvindo). — Luzes e fôrças. (13/18). 306 p. il. br. Cr$ 10.00. (8/43). **Ed. "Lar Católico".**

DEUS fala aos homens. — Introdução de Lo-Ul-Rana. Ed. do Supremo Conselho Religioso. O Letzan da Comunidade Religiosa "O Oêlan". (14/19). 20 p. il. br. Cr$ 2 00. (7/43). **H. Velho.**

DICKENS (Charles). — A vida de Nosso Senhor. (A história de Nosso Salvador Jesús Cristo). Trad. Costa Neves. Ils. de Luis Jardim. (13/19). 142 p. br. Cr$ 15,00. (300 exemp. papel Bouffant, 19/25, Cr$ 80,00. (8/43). **José Olympio.**

FAULHABER (Cardeal). — Sermões do Advento. (Judaismo, cristianismo e germanismo). Trad. Alvaro Franco. (13/17). 165 p. br. Cr$ 10,00. (8/43).
Ramos, Franco. S. Paulo.

FEITOSA (P. Antônio). — A violeta de Lisieux, Santa Teresinha, sua vida e sua doutrina. (15/22). 315 p. br. Cr$ 15,00. (1942/3/43).
Ed. Vozes.

FORT (Gertrud von Le). — Hinos à Igreja. Trad. Tasso da Silveira. Col. Presença, 10. (10/18). 110 p. br. Cr$ 9,00. (8/43).
Stella Ed.

FORT (Gertrud von Le). — A última ao cadafalso. Trd. Roberto Furquim. Col. Presença, 1. (11/18). 99 p. br. Cr$ 6,00. (2/43).
Stella Ed.

GOD Speaks to mankind. — Introdução de LO-Ul-Rana. Ed. by The Supreme Religious Council "The Letzen" of The Religious Community "The Cêlan". (14/19). 21 p. il. br. Cr$ 2,00. (7/43). **H. Velho.**

GOMES (Abel). — Pérolas ocultas e Fatos e comentários. (13/19). 235 p. br. Cr$ 8,00. (6/43). **Fed. Espírita.**

GONDIM (Isaac). — Problemas d'alma. (11/18). 142 p. br. Cr$ 10,00. (11/43).
Distr. Civilização.

GORRINO (Mons. Aquiles). — São José Benedito Cottolengo. Trad. (16/22). 414 p. br. Cr$ 15,00. (7/43). **Ed. Vozes.**

GUARDINI (Romano). — O Espírito da Liturgia. Trad. F. A. Ribeiro. Col. "Litúrgica", 7. (14/19). 112 p. br. Cr$ 10,00. (7/43)
Ed. "Lumen Christi".

ISWALSKY (Helen). — Antes que a noite chegasse. 1923-1941. Pref. Jacques Maritain. Trad. Oscar Mendes. Col. "Sob o Signo de Cristo". (12/19). 229 p. br. Cr$ 15,00. (10/43). **Americ-Edit.**

IZGUR (Ernst). — Assim falaram os profetas. Pref. e notas de Harold W. Kennedy. Trad. Roberto das Neves. (13/19). 299 p. br. Cr$ 15,00. (1/43). **Livros de Portugal.**

JAMIN (J. Crépieux-). — Grafologia. (A escrita e o caráter). Trad. Elias Davidovich. (17/24). 322 p. il. br. Cr$ 40,00. (2.ª ed. 5/43).
Ed. Minerva.

JINARAJADASA (C.). — O teosofista como cidadão ideal na guerra e na paz. Trad. Cordelia Marcondes de Campos. (14/19). 16 p. br. Cr$ 3,00. (1942-4/43).
Gr. Cruzeiro do Sul, S. Paulo.

JOERGENSEN (Johannes). — A escalada do Alverne. (12/19). 231 p. br. Cr$ 10,00. (1942-3/43). **Ed. Vozes.**

JOERGENSEN (Johannes). — Peregrinações Franciscanas. Trad. Frei Sebastião da Silva Neto O. F. M. (13/19). 397 p. br. Cr$ 15,00. (7/43). **Ed. Vozes.**

KARDEC (Allan). — O Evangelho segundo o espiritismo. Trad. Antonio Lima. (14/19). 350 p. cart. Cr$ 8,00. (3/43).
S. E. L. K., Rio.

KARDEC (Allan). — O Evangelho segundo o espiritismo. Trad. Guillon Ribeiro. (13/19). 409 p. br. Cr$ 7,00. (18.ª ed. 9/43).
Fed. Espírita.

KARDEC (Allan). — Filosofia espiritualista. O livro dos espíritos. Trd. rev. por Antonio Lima. (14/19). 425 p. cart. Cr$ 9,00. (5/43).
Ed. S. E. L. K.

KOENEN, O. F. M. (Frei Mansueto). — S. Camilo de Lellis, Sua vida. 13/19). 197 p. br. Cr$ 10,00. (4/43). **Stella Ed.**

KRISHNAMURTI. — Palestras em Ojai e Sarobia 1940. (13/19). 158 p. br. Cr$ 10,00. (9/43). **Inst. Cult. Krishnamurti.**

LAMPING, O. F. M. (Severin & Stephen). — Retorno a Cristo. (Depõem: Chesterton, Claudel, Undset, Francis Jammes, etc.). Col. Presença, 2-3 (11/18). 2 vols. 82+89 p. il. br. Cr$ 10,00. (6/43). **Stella Ed.**

LAYUS (Kayo). — O crisol da dor. Obra mediunica pelo espírito de Kayo Layus Medium Eugenia Palissy 1919-1933. Pref. C. Imbassahy. Histórico por Codro Palissy. (13/18). 169 p. br. Cr$ 5,00. (12/43).
Baptista de Souza.

LEDIT, S. J. (P. Joseph). — Para além das guerras. O Pensamento Católico na Guerra Atual, 3. (17/24). 99 p. br. Cr$ 8,00. (12/43).
Inst. Sup. Cultura Religiosa.

LEITE, S. J. (Serafim). — História da Companhia de Jesús no Brasil. Tomo III. Norte-1) Fundações e entradas. Séculos XVII e XVIII. (17/25). 489 p. il. br. Cr$ 50,00.

(1/43). — Tomo IV. Norte-2). Obra e assuntos gerais. Séculos XVII-XVIII. (17/25). 442 p. il. br. Cr$ 50,00. (2/43).
Distr. Civilização.

LESEUR (Elisabeth). — Cartas sôbre o sofrimento. Pref. do R. P. J. Hebert, O. P., Trad. (13/19). 259 p. br. Cr$ 10,00. (5.º m.º 6/43). Livr. Santa Cruz.

LESEUR (R. P. M.-A.). — Vida de Elisabeth Leseur. Cart-pref. do Reverendis imo Padre M. S. Gillet, O. P., Pref. do R. P. Leonel Franca, S. J., Trad. (13/19). 339 p. br. Cr$ 12,00. (4.ª ed. 8/43).
Livr. Santa Cruz.

LESOURD (Paul). — Histoire de l'Église. Pref. de Son Éminence le Cardinal Baudrillart. (12/19). 217 p. br. Cr$ 20,00. (8/43).
Americ-Edit.

LIMA (Alceu Amoroso). (Tristão de Athayde). — O Cardeal Leme. Um depoimento. (14/21). 231 p. br. Cr$ 15,00. (7/43).
José Olympio.

LIMA (Alceu Amoroso). — A Igreja e o novo mundo. Col. "Problemas de Cultura Contemporânea", I. (14/19). 194 p. br. Cr$ 15 00. (5/43). Z. Valverde.

LULA (Monsenhor Mello). — O problema da dor. Pref. Dom Aquino Corrêa. (13/19). 113 p. br. Cr$ 5,00. (12.ª ed. 6/43).
Getulio Costa.

MAGALHÃES (Mons. Henrique de). — Aos que sofrem. Palavras irradiadas ao microfone da Rádio "Jornal do Brasil". Adaptado de "Caminos de elevación" do P. Lui: J. Actis. (13/19). 124 p. br. Cr$ 5,00. (5/43).
Ed. Vozes.

MARCOS, SS. CC. (Pe. Dr.). — Curso de religião, em aulas desenvolvidas, práticas, vividas. Tomo I. Fé-Esperança-Caridade. (17/24). 349 p. br. Cr$ 20 00. (1942-5/43). —Tomo II. Mandamentos-Sacramento-Pecados-Virtudes. (17/19). 391 p. br. Cr$ 25,00. (5/43). Distr. Ed. Vera-Cruz.

MARIA, SS. CC. (Pe. Sebastião). — Vida e milagres de S. Pancracio (Mártir). (10/16). 115 p. il. br. Cr$ 5,00. (8/43).
Stella Ed.

MARIÓFILO. — O que a lâmpada do sacrário contou. (12/18). 105 p. br. Cr$ 6,00. (5/43).
Ed Vozes.

MISTÉRIO (No) do Deus Uno e Trino. — Pela ed. alemã: P. Frederico Kronfeder, S. J., Pela ed. brasileira: D. Beda Keckeisen, O. S. B. (11/19). 59 p. br. Cr$ 5,00. (12/43).
Tip. Beneditina, Bahia.

MONTEIRO (Pe. Eymard L'E.). — Alocuções Marianas. Para o mês de Maria. (12/18). 88 p. br. Cr$ 5,00. (1942-3/43). E. Vozes.

MONTFORT (Luiz Maria Grignon de). — Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem. Pref. Rev. Pe. F. W. Faber. (10/15). 320 p. br. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 5/43).
Ed. Vozes.

MORAES JUNIOR (Pe. A. A.) — O Padre Santificado. (Resumo). Col. "Sal Terrae, Lux Mundi", 10. (12/17). 119 p. br. Cr$ 5,00. (12/43). Ed. Vozes.

O'BRIEN O. F. M. (Isidoro). — Compensação. (10/14). 28 p. br. Cr$ 1,00. (8/43).
Ed. Vera Cruz.

OLIVEIRA (Plinio Corrêa de). — Em defesa da Ação Católica. Pref. D. Bento Aloisio Masela. (14/19). 383 p. br. Cr$ 15,00). (7/43). Ed. "Ave Maria".

OLIVEIRA (Ramos de). — Por que me ufano de minha fé. 13/19. 93 p. br. Cr$ 5,00. 1942-5/43). Ed. Vozes.

PAIS e Sacerdotes, por Um Salvatoriano. (13/17). 103 p. br. Cr$ 4,00. (11/43).
Seminário Salvatoriano, S. Paulo.

PALMAS, O. F. M. (Frei Adauto de). — O católico perante a Bíblia. Bibl. Apologética, 2. (16/23). 45 p. br. Cr$ 3,50. (8/43).
Ed. Vozes.

PARABOLAS de ouro de Mestres do Novo ritmo universal. Pref. Lo-Ul-Rana. Ed. do Supremo Conselho Religioso O Letzen da Comunidade Religiosa "O Célan". (16/23). 87 p. br. Cr$ 22,00 (4/43). H. Velho.

PETERS, C. SS. R. (Padre Guilherme). — A Sta. Eucaristia. O Sacramento e o sacrifício da Eucaristia. (15/22). 148 p. br. Cr$ 10 00 (8/43).
Gr. Sant. S. Geraldo, Curvelo, Minas.

PFEIFFER S. D. S. (P. Pancrácio). — Os Salvatorianos. Traços biográficos do fundador da Congregação do Divino Salvador e história da sua obra. (13/18). 147 p. br. Cr$ 8,00. (11/43). Ed. Vozes.

PIO XII — Do Corpo Místico de Jesus Cristo e da nossa união Nele com Cristo. Encíclica do Santo Padre Pio XII)12/18). 201 p. br. Cr$ 15,00. (11/43). + (13/18). 117 p. br. Cr$ 7,00. (11/43).
Eds. Lumen Christi e Stella Ed.

RACIONALISMO Cristão. — Espiritismo racional e científico cristão. Ed. do Centro Espírita Redentor. (16/23). 243 p. br. Cr$ 8,00. (16.ª ed. 10/43). Distr. Taveira.

REZENDE (Co. J. Aristides de Oliveira) — Sejamos missionários. Pref. Pe. Ascânio Brandão. (12/18). 134 p. br. Cr$ 7,00. (8/43). Ed. Vozes.

ROXO (Hilda) — Livro dos médiuns de Umbanda. (Ditado por P. M. X.). Centro Espírita Estrêla d'Alva. (14/19). 32 p. il br. Cr$ 10,00. (6/43). Jornal do Comércio.

RUDLOFF OSB. (D. Leo V.). — Keckleisen Osb. (D. Beda). No Deus Vivo e Verdadeiro. Pequena teologia dogmática para os leigos. (12/19). 222 p. enc. Cr$ 15,00. (1942-3/43). Tip. Beneditina, Bahia.

SAMPAIO (Bittencourt) — Do Calvário ao Apocalipse. Ditado pelo espírito de Bittencourt Sampaio. Sendo medium Frederico Pereira da Silva Junior. Tomado o ditado e publ. a primeira vez por Pedro Luiz de Oliveira Sayão. (13/19). 308 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 3/43). Fed. Espirita.

SANTOS (Amadeu). — Doutrina e crítica. Com a colaboração de Astolfo O. de Oliveira, Carlos Imbassahy, Frederico Figner, João Augusto Ferreira, João Teixeira de Paula, José Passos, Leopoldo Ma-

chado, Osvaldo Melo e Sousa do Prado. (13/19). 229 p. br. Cr$ 10,00. (4/43). Distr. Fed. Espirita.

SCHURHAMER S. J. (Jorge). — S. Francisco Xavier, apóstolo da India e do Japão. Trad. Alexandrino Monteiro S. J. (15/22). 270 p. br. Cr$ 15,00. (1942-3/43) Ed. Vozes.

SEMERIA. Barnab'ta (P. João). — Maria, ideal de virtudes. Alocuções sôbre a Ladainha para o mês de Maria. (13/19). 178 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). Ed. Vozes.

SERRA (Adauto de Oliveira). — As vidas sucessivas. (12/16). 106 p. br. Cr$ 4,00. (5/43). Fed. Espirita.

SERTILLANGES O. P. (A. D.), BOULANGER O. P. (B.). — Les plus belles pages de Saint Thomas d'Aquin. (12/19). 217 p. br. Cr$ 20,00. (11/43). America—Edit.

SINZIG, O. F. M. (Frei Pedro). — De automóvel para o céu. Monólogos e leituras. (14/19). 103 p. br. Cr$ 6,00. (5/43). Ed. Guaíra.

TERESA do Menino Jesus (Santa). — História de uma alma. Escrita por ela mesma. Trad. P. Amando Adriano Lochu. S. J. (13/19). 400 p. br. Cr$ 10,00. (6.ª ed. 1942-7-43). Liv. Salesiana.

TOLEDO (Demétrio de). — Eis a astrologia... Pref. Mauricio de Medeiros. (17/24). 568 p. il. br. Cr$ 160.00. (4/43). Distr. Livros de Portugal.

TORRES (A. S.). (Aristoteles Italia). — O poder pessoal. (13/18). 175 p. br. Cr$ 7,00. (4.ª ed. 2/43). Distr. Z. Valverde.

TÓTH (Mons. Tihamér). — Álcool? (13/18). 75 p. br. (12/43). Ed. S. C. J.

TOTH (Monsenhor Tihamér). — Casamento e familia. Sermões e conferência (13/19). 235 p. br. Cr$ 20.00. (12/43). Ed. S. C. J.

TÓTH (Monsenhor Tihamér). — Os Dez Mandamentos. (1 vol.). Pref. Pierre L'Hermite. Trad. Pe. Antonio d'Almeida Moraes Junior e Jeronimo Guimarães. (13/19). 394 p. br. Cr$ 25,00. (8/43). Ed. S. C. J.

UCHÔA (Mons. João de Barros). — Ideais do apostolado. (14/20). 222 p. br. Cr$ 10,00. (12/43). Ed. Vozes.

VASCONCELLOS, O. F. M. (Frei Felicio da Cunha). — Palavras e gestos de mãe. Maria Santissima no Evangelho. (13/19). 136 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). Ed. Vozes.

VIDA (A) em Deus. — Introdução à vida espiritual. Pela ed. alemã: P. Frederico Kronseder, S. J., Pela ed. brasileira: D. Beda Keckeisen O. S. B. (11/19). 72 p. br. Cr$ 5,00. (12/43). Tip. Beneditina, Bahia.

VONIED, O. S. B. (Dom Anscário) — A nova e eterna aliança ou O catolicismo Clássico. Trad. Dom Joaquim G. de Luna, O. S. B. Col. "Vida Cristã", 5 (13/19). 263 p. br. Cr$ 15,00. (5/43). Ed. Lumen Christi.

XAVIER (Francisco Candido). — Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho. Ditado pelo espirito de Humberto de Campos. (12/18). 174 p. br. Cr$ 7.00. (12/43-1944). Fed. Espirita.

XAVIER (Francisco Candido). — Paulo e Estevão. Ditado pelo espirito de Emmanuel. (14/19). 560 p. br. Cr$ 18.00. (2.ª ed. 10/43). Fed. Espirita.

ZILOAUSTRO. — Livro de sonhos dos magos do Egito e da Caldea. Trad. Ricardo Fontes da Silva. (14/19). 208 p. br. Cr$ 9,00. (Nova ed. 2/43). Ed. e Publ. Brasil.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICAS

ACHILLES (Paula). — O Brasil em marcha. (15/23). 305 p. br. Cr$ 25,00. (1/43). + (2.ª ed. 9/43, 429 p.). José Olympio.

AGRESSÃO. — Documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra. (19/27). 96 p. p. il. br. Cr$ 5,00. (2/43). Imp. Nacional.

ALBUQUERQUE (José de). — Delito de contágio venéreo. Comentários ao artigo 130 e seus parágrafos, do código penal. (16/23). 14 p. br. Cr$ 3,00. (8/43). Ed. Autor, Rio.

AMARAL (Braz do). — Os Pan-Americanos. Estudo das origens e vida politica dos paises americanos. (14/18). 163 p. br. Cr$ 8,00 (10/43). Z. Valverde.

AMERICANO (Jorge). — Comentários ao código do processo civil do Brasil. 4.º vol. Arts. 808 a 1052. (17/24). 601 p. enc. Cr$ 60,00. (1/43). Saraiva.

ANDRADE (Gilberto Osório de). — Os fundamentos da neutralidade portuguêsa. Tese. Ed. do Ciclo Cultural Luso Brasileiro, Recife. (17/24). 217 p. br. Cr$ 13,00. (7/43). Distr. Livros de Portugal.

ANDRADE (Mário Sobreira de). — Escola rural. (Razões de uma atitude). (13/19.) 138 p. il. br. Cr$ 10,00. (8/43). Ed. Clã.

ASCARELLI (Tullio). — Teoria geral dos titulos de crédito. Trad. Nicolau Nazo. Pref. Edgardo de Castro Rebello. (17/24). 518 p. br. Cr$ 70,00. (8/43). Saraiva.

ATHAYDE (Desembargador Feliciano de). — Código de processo civil anotado. (14/23). 321 p. br. Cr$ 30,00. (2/43). José Olympio.

AUTRAN (A. A. de Menezes). — Noções de estatistica metodológica. (16/24). 275 p. il. br. Cr$ 25,00. (8/43). Ed. Pan-Americana.

AVELAR (Pedro de Alcântara). — Promissórias & duplicatas. (16/23). 505 p. enc. Cr$ 50,00. (4/43). Jacinto.

AZEVEDO (Fernando de) . — Velha e nova politica. Aspectos e figuras da Educação Nacional. B. P. B. s. 3.ª, Atualidades Pedagógicas, 40. (14/20). 188 p. br. Cr$ 18.00. (8/43). Cia. Ed. Nacional.

AZEVEDO (J. de Paiva) — A energia elétrica no direito brasileiro. (16/23). 234 p. br. Cr$ 30,00. (8/43). Jornal do Comércio.

BAILLY (Gustavo Adolpho). — Seguro de estado. Legislação brasileira sôbre montepio (civil e militar). Aposentadoria, pen-

sões, meio, soldo e previdência (Dos funcionários públicos). (16/23). 438 p. br. Cr$ 30,00. (11/43). **Coelho Branco.**

BALDESSARINI (Francisco de Paula). — Dos crimes contra a incolumidade pública — Dos crimes contra a paz pública — Dos crimes contra a fé pública. (Arts. 250-311). Vol. IX, Tratado de Direito Penal Brasileiro, Dir. Oscar Tenório. (16/23). 291 p. enc. Cr$ 40,00 (9/43). **A Noite-Jacinto.**

BARACHO (Alfredo). — Pelo Brasil glorioso. (14/19). 161 p. br. Cr$ 10,00. (9/43). **Norte Ed.**

BARBOSA (M.). — Cooperativismo desde a escola. Doutrina, fatos, legislação. (14/19). 248 p. il. br. Cr$ 12,00. (5/43). **Coed. Brasilica.**

BARBOSA (Rui). — Obras Completas. Vol. VI. 1879. Tomo I. Discursos parlamentares. Câmara dos Deputados. Pref. e rev. de Fernando Nery. (17/25). 354 p. br. Cr$ 20,00. (10/43). **Ministério Educação.**

BARBUHY (Heraldo). — As origens da crise contemporânea. (14/22). 293 p. br. Cr$ 20,00. (9/43). **Ed. Oceano.**

BARROS (Jayme de). — A política exterior do Brasil. (1930-1942). (15/22). 312 p. br. Cr$ 25,00 (2.ª ed. 3/43). **Z. Valverde.**

BECKER (Guiomar Meirelles). — Educação física infantil. Pref. Abgar Renault. Ils. de Horizontina. (16/23). 240 p. il. br. Cr$ 20,00. (1942-3/43). **Imp. Oficial de Minas Gerais.**

BEER (Max). — História do socialismo e das lutas sociais. 1.º volume, Antiguidade e idade média. Pref. Marcel Ollivier. Trad. Horácio Mello. Col. Estudos Sociais, 1. (14/19). 324 p. br. Cr$ 25,00. (Nova ed. 12/43 1944). 2.º vol. Tempos modernos (do século XIV ao XVIII e de 1740 a 1850). Época contemporânea. Trad. Horácio Mello. (14/19). pags. 325 a 747, br. Cr$ 25,00. (12/43-1944). **Calvino.**

BENTHAM (J.). — Teoria das penas legais e tratado dos sofismas políticos. Trad., Série Sociológica de Cultura, 1 (14/20). 417 p. br. Cr$ 40,00. (12/43). **Ed. Cultura.**

BERNANOS (Georges). — Lettre aux anglais. (14/20). 325 p. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 3/43 + 3.ª ed. 11/43). **Atlântica Ed.**

BEVERIDGE (Sir William). — O Plano Beveridge . Relatório sôbre o seguro social e sedviços afins. (Social insurance and allied services). Trad. Almir de Andrade. (14/23). 458 p. 7 pranchas, br. Cr- 35,00. (12/43). **José Olympio**

BEVILAQUA (Achiles). — Carteira forense. Códigos e leis em vigor. Bibl. Jurídica. (14/19). 1388 p. enc. Cr$ 60,00 (3.ª ed. 6/43). **Freitas Bastos.**

BEVILAQUA (Achilles). — Código comercial brasileiro anotado. Bibl. Jurídica, 2. (14/19). 838 p. enc. Cr$ 25,00. (6.ª ed. 1/43). **Freitas Bastos**

BEVILAQUA (Clovis). — Código civil dos Estados Unidos do Brasil. Comentado. Vol. IV. (17/24). 459 p. enc. Cr$ 67,00. (6.ª ed. 7/43). **Liv. Alves.**

BEVILAQUA (Clovis). — Direito de família. (16/23). 469 p. enc. Cr$ 40,00. (7.ª ed. 6/43). **Freitas Bastos.**

BORGHI (Armando). — Eis Mussolini. (15/22). 191 p. br. Cr$ 18.00. (7/43). **Ed. Oceano.**

BOUTS (Paulo). BOUTS (Camilo). — A psicognomia. Leitura metódica e prática do carater e das aptidões para educadores e dirigentes. Trad. (13/18). 432 p. il. br. Cr$ 30,00. (6/43). **Ed. Vera Cruz.**

BRAGA (Antônio Pereira) — Exegese do código de processo civil. Vol. I e II (tomo I). (17/24). 2 vols. 228 + 256 p. br. Cr$ 50,00. (1942-3/43). Vol. II (tomo II). (17/24). pags. 257 a 529, br. Cr$ 30,00. (6/43). **Max Limonad.**

BRANCO (Eurico Castello). — Dicionário de jurisprudência do Tribunal de Segurança Nacional. Pref. Raul Machado. (16/24). 401 p. enc. Cr$ 40,00, (5/43). **Ed. Universal.**

BRASIL (Avio). — Reserva de domínio. Doutrina - Jurisprudência - Legislação. Pref. Nelson Hungria. (17/24). 315 p. enc. Cr$ 45,00. (6/43). **Jacinto.**

BRITTO (José Saturnino). — Cooperativas de trabalho. (14/19). 125 p. br. Cr$ 8,00 (9/43). **Ed. Pan-Americana.**

BUZAID (Alfredo). — A ação declaratória no direito brasileiro. Pref. S. Soares de Faria e Eurico Tullio Liebman. Col. Estudos de Direito Processual Civil, 1. (17/24). 199 p. br. Cr$20,00. (10/43). **Saraiva.**

CABRAL (Carlos Castilho). — Terras devolutas e prescrição. Tése apresentada ao Congresso Jurídico. (16/23). 118 p. br. Cr$ 15,00. (7/43). **Distr. Civilização.**

CALMON (Pedro). — Brasil e América. História duma política. (14/23). 417 p. il. br. Cr$ 20,00. (8/43). **José Olympio.**

CAMARGO (Ivete). — Pontos de direito civil. Pontos para Concursos Oficiais. Orientação de A. Tenório D'Albuquerque. (13/19). 122 p. br. Cr$ 7,00. (9/43) **Getúlio Costa.**

CAMPÊLO (Barreto). — A dupla nacionalidade dos portugueses no Brasil. (Teoria da quasi-nacionalidade). Ed. do Ciclo Cultural Luso-Brasileiro, Recife. (13/19). 45 p. br. Cr$ 3,00. (1942-5/43). **Distr. Livros de Portugal.**

CAMPOS (J. L. de). — Das obrigações de guerra. (16/24). 77 p. br. Cr$ 7,00 (7/43). **A Noite.**

CARDOSO (P. Balmaceda). — O direito internacional privado em face da doutrina da legislação e da jurisprudência brasileira. (17/24). 221 p. br. Cr$ 25,00. (10/43). **Livr. Martins.**

CARDOZO (Benjamin N.). — A natureza do processo e a evolução do direito. Trad. Lêda Boechat Rodrigues. (14/21). 199 p. br. Cr$ 18,00. (6/43). **Cia. Ed. Nacional.**

CARNEIRO (Levi). — O livro de um advogado. (17/24). 478 p. br. Cr$ 25,00. (5/43). **Coelho Branco.**

CARTAXO (Ernani Guarita). — As pessoas jurídicas em suas origens romanas. Evolução e conceito. (17/24). 244 p. enc. Cr$ 35,00. (7/43). .. ..Ed. Guaíra.

CARVALHO (Augusto de). — Bilhetes a uma Valquíria. Comentários de guerra. (14/19). 150 p. br. Cr$ 8,00. (2.ª ed. 10/43). Livr. Andradas.

CARVALHO (Beni). — Crimes contra a religião, os costumes e a família. (Títulos V, VI e VII do C. Penal). Arts. 208 a 249. Tratado de direito penal brasileiro. Vol. VIII, Dir. Oscar Tenorio. (16/23). 384 p. enc. Cr$ 40,00. (4/43). Jacinto.

CARVALHO (J. Antero de). — Aspectos da sucessão no direito do trabalho. Com um estudo sôbre dissídio coletivo. Pref. Carlos Maximiliano. (16/23). 139 p. br. Cr$ 20,00. (7/43). Ed. Rev. do Trabalho.

CARVALHO (J. Antero de). — Cargos de direção no direito do trabalho. Pref. Helvecio Xavier Lopes. (15/23). 200 p. br. Cr$ 20,00. (12/43). Jornal do Comércio.

CARVALHO (João Luiz). — Subsídios para a história dos estudos econômicos no Brasil. (14/21). 115 p., br. Cr$ 7,00. (12/43|. Ed. Autor, Rio.

CARVALHO (Orlando M.). — O mecanismo do Govêrno Britânico. Ed. de Os Amigos do Livro, Belo Horizonte. (17/24(. 208 p. il. br. Cr$ 20,00. (3/43). Distr. Saraiva.

CASTANHO .Iracema Soares). — Etiqueta social. Como obter e desenvolver o encanto e a personalidade. (14/22). 333 p. br. Cr$ 20,00. (3/43). Ed. Universitária.

CASTRO (Francisco José Viveiros de). — Atentados ao pudor. (Estudos sôbre as aberrações do instinto sexual). (16/23). 317. p. enc. Cr$ 30.00. (4.ª ed. 10/43). Freitas Bastos.

CASTRO (Lauro Sodré Viveiros de). — Exercícios de estatística. (14/19). 240 p. il. br. Cr$ 16,00. (9/43). Distr. Livr. Alves.

CAVACO (Carlos). — "Viva o Brasil", Canalha!... (13/18). 148 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). Baptista de Souza.

CAVALCANTI (Themistocles Brandão). — Tratado de direito administrativo. Vol. IV. Dos serviços públicos, execução direta, autarquias, economia mista, concessões. (17/24). 484 p. enc. Cr$ 50,00. (3/43). Volume V. Do domínio público. Do poder de polícia e suas manifestações (1.ª parte). (16/23). 516 p. enc. Cr$ 50,00. (9/43) Freitas Bastos.

CESARINO JÚNIOR (A. F.). — Consolidação das leis do trabalho. (16/23). 653 p. enc. Cr$ 60,00. (10/43). Freitas Bastos.

CESARINO JÚNIOR (A. F.). — Direito social brasileiro. (17/24). 2 vols. 341 + 337 p. br. Cr$ 70,00. (4//43). Livr. Martins.

CHIOVENDA (Giuseppe). — Instituições de direito processual civil. Vol. II. As relações processuais. A relação processual ordinária de cognação. Trad. J. Guimarães Menegale. Acompanhada de notas por Eurico Tullio Liebman. (17/24). 532. p. br. Cr$ 60,00. (7/43). Saraiva.

CITTADINI (Nicola). — A nova ciência de govêrno ou A redenção humana. Trad. do Autor. (16/23). 140 p. br. Cr$ 12,00. (5/43). Distr. Z. Valverde.

CÓDIGO civil brasileiro. — Ed. rev.. com índice alfabético-remissivo por Rodrigues de Meréje. (14/19). 296 p. br. Cr$ 10,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

CÓDIGOS e Leis do Brasil. — I. Código penal. Lei das contravenções penais. Lei de introdução ao código penal e da lei das contravenções penais. Índice alfabético e remissivo organizado por Serrano de Andrade. (12/16). 363 p. cart. Cr$ 14,00. (5/43). Freitas Bastos.

CÓDIGOS e Leis do Brasil. Coleção Freitas Bastos. — II. Código de processo penal Dec.-Lei 3689, de 3-10-1941. Índice, etc., organizado por Serrano de Andrade. (12/16). 435 p. 1 prancha, cart. Cr$ 14,00. (10/43). Freitas Bastos.

COEDUCAÇÃO (A) e outros problemas pedagógicos. — Estudos e comentários de: Pedro A. Pinto; D. Carlos Duarte Costa, Bispo de Maura, etc., etc.. Série "Divulgação", n.º 1. (13/19). 67 p. br. Cr$ 6,00. (5/43). Ed. Excelsior.

CONSOLIDAÇÃO das leis trabalhistas. Dec.-Lei n.º 5452 — 1-5-43. (I. N. — Divulgação — N.º 286. 2.ª edição). (16/22). 260 p. br. Cr$ 5,00. (8/43). Imp. Nacional.

CONSOLIDAÇÃO das leis do trabalho. — Dec.-Lei 5452, de 1-5-1943. (13/18). 219 p. br. Cr$ 3,00. (8/43). . Gr. Olímpica.

CONSTITUIÇÃO dos Estados Unidos do Brasil 1937 e Leis constitucionais ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Para concursos oficiais. (14/19). 79 p. br. Cr$ 3,00. (8/43). Getulio Costa.

CRUZ (João Claudino de O. E.) — Questões objetivas de direito. Bibl. do Instituto de Iniciação Profissional, 1. (16/23). 174 p. br. Cr$ 20,00, (5/43). Coelho Branco.

CULTURA POLÍTICA. — O Brasil na guerra. Ed. extraordinária de 22 de Agosto de 1943. (C. P. Ano III, n.º 31). (16/23). 370 p. 1 prancha; il. br. Cr$ 3,00. (8/43). Dist. José Olympio.

CYSNEIROS (Amador). — Leis penais de guerra. Códigos e leis militares, leis de segurança nacional, índice remissivo. Bibl. Jurídico-Militar, 1. (14/19). 248 p. br. Cr$ 20,00. (2/43). Ed. Autor, Rio.

DAVIES (Joseph E.). — Missão em Moscou. Trad. rev. por Eduardo de Lima Castro. (14/19). 415 p. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. (3/43 + 3.ª ed. 6/43, 431 p.). Calvino.

DIAS (A.). — Redação oficial. Questões objetivas para os concursos do D. A. S. P. (14/18). 21 p. br. Cr$ 2,00. (11/43). Coelho Branco.

DOCCA (General Souza) — Dia Panamericano Conferência. (19/28). 116 p. il. br. Cr$ 15,00. (10/43). Distr. Z. Valverde.

DORNAS FILHO (João). — A influência social do negro brasileiro. Col. Caderno Azul, 13. (14/19). il. br. Cr$ 4,00. (10/43). Ed. Guaíra.

DUARTE (José). — Da ação penal. Da extinção da punibilidade. Arts. 102 a 120. Tratado de direito penal brasileiro. Vol. V. Dir. Oscar Tenorio. (17/24). 272 p. enc. Cr$ 40,00. (6/43). **Jacinto.**

DUGUIT (Léon). — Os elementos do Estado. Trad. Eduardo Salgueiro. Cadernos "Inquérito", série E — Direito, III. (Reedição brasileira). (12/19). 75 p. br. Cr$ 5,00. (8/43). **Ed. Inquérito.**

DUGUIT (Léon). — Fundamentos do direito. Trad. Eduardo Salgueiro. Cadernos "Inquérito", série E — Direito, I. (12/19). 85 p. br. Cr$ 5,00. (8/43). **Ed. Inquérito.**

DUNLOP (C. J.). — Legislação brasileira do trabalho. (13/19). 1155 p. br. Cr$ 80,00, (4.ª ed. 6|43). **Gr. Laemmert.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Ciências sociais. Vol. II. Ils. do Autor. (14/19). 1.1 p. cart. Cr$ 4,00. (16.ª ed. 3/43). **J. R. de Oliveira.**

ESPINOLA FILHO (Eduardo). — Código de processo penal brasileiro anotado. Vol. V. Arts. 503 a 620. (16/23). 547 p. enc. Cr$ 40,00. (2/43). **Freitas Bastos.**

ESPINOLA (Eduardo), ESPINOLA FILHO (Eduardo). — A lei de introdução ao código civil brasileiro. (Dec.-Lei n. 4.657, de 4-9-1942). Vol. 1.º, arts. 1-7. (16/23). 639 p. enc. Cr. 60,00. (8/43).
Volume 2.º, arts. 7-9. (16/23). 633 p. enc. Cr$ 60.00. (11/43 — 1944). Volume 3.º, art. 10-18. (16/23). 563 p. enc. Cr$ 60,00. (12/43) — 1944). **Freitas Bastos.**

ESPINOLA (Eduardo), ESPINOLA FILHO (Eduardo). — Tratado de direito civil brasileiro. Vol. VIII, Parte especial, 2.º tômo Direitos reais e direitos de família. (16/23). pags. 605 a 1216, enc. Cr$ 50,00. 6/43). 3.º tômo. Do direito internacional privado. (16/22). pags. 1.217 a 1.833, enc. Cr$ 50,00. (6/43). **Freitas Bastos.**

FARIA (Bento de). — Código penal brasileiro. Vol. III. Parte especial. (Art. [illegible]). (17/24). 496 p. enc. Cr$ 50,00. (6/43). Volume IV. Parte especial (Arts. 155 a 212). (17/24). 574 p. enc. Cr$ 50,00. (7/43). Volume V. Parte especial (Arts. 213 a 361). (17/24). 753 p. enc. Cr$ 80,00. (12/43). **A Noite — Jacinto**

FERNANDES (Adaucto). — Cláusula de não responsabilidade. Bibl. Jurídica Brasileira, 48 (16/23). 279 p. br. Cr$ 30,00 (7/43). **Coelho Branco.**

FERREIRA (Joaquim). — Eles esperaram Hitler. (14/20). 223 p. br. Cr$ 12,00. (2/43). **José Olympio.**

FERREIRA (Joaquim). — Let Hitler come! The English version of Joaquim Ferreira's "Eles esperaram Hitler". Translation and pref. by L. Josefsohn. (14/19). 217 p. br. Cr$ 20,00. (3/43). **Distr. Pongetti.**

FIGUEIREDO (Waldemar). — Choque de retorno. Revidando calúnias do Sr. Frota Aguiar. Decisões judiciais. Pareceres. Cartas. Documentos. Perfil de um enfermo moral... (16/23). 229 p. il. br. Cr$ 15,00. (6/43). **Livr Victor.**

FISCHER (Louis). — Alvorada da vitória. Trad. Livio Xavier. (15/22). 238 p. br. Cr$ 18,00. (6/43). **Ed. Prometheu.**

FONSECA (Tito Prates da). — Lições de direito administrativo. (17/24). 431 p. enc. Cr$ 35,00. (7/43). **Freitas Bastos.**

FONTOURA (Amaral). — Programa de sociologia. Carta-pref. de Jacques Lambert. Introdução de Alceu Amoroso Lima. (15/22). 443 p. il. cart. Cr$ 25,00. (3.ª ed. 9/43). **Globo.**

FONYAT (Napoleão). — Direito trabalhista. Da incompatibilidade moral como fundamento da conversão de reintegração em indenização. (16/24). 51 p. br. Cr$ 15.00. (12/43). **Rev. dos Tribunais.**

FRANCO (Ary de Azevedo). — Código de processo penal. 2.º vol. (Comentários aos arts. 394 a 811). (17/24). 531 p. enc. Cr$ 45,00. (4/43). **Jacinto.**

FRANCO SOBRINHO (Manoel de Oliveira). — O problema da municipalização dos serviços públicos. (16/23). 84 p. br. Cr$ 8,00 [illegible]/43). **Tip. João Haupt, Curit.**

FREYRE (Gilberto). — Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Ils. de Thomas Santa Rosa. Col. Documentos Brasileiros, 36-36A. (14/23). 2 vols. 780 p. 1 prancha, br. Cr$ 80,00. (300 exempl. em papel Vergé, 19/25, Cr$ 300,00). (4.ª ed. 7/43). **José Olympio**

FREYRE (Gilberto). — Continente e Ilha. Conferência. (12/16). 69 p. br. Cr$ 4,00. (6/43). **Casa do Estudante.**

GAMA (Affonso Dionysio). — Teoria e prática dos contratos por instrumento particular no direito brasileiro. 7.ª ed. rev. e atualizada por Achilles Bevilaqua. (16/23) 638 p. enc. Cr$ 50,00. (7.ª ed. 5/43). **Freitas Bastos.**

GAMBOGI (Joaquim). — Prontuário de jurisprudência. Vol. III. (Leis comerciais, fiscais e sociais). (17/23). 395 p. enc. Cr$ 37,00. (1942-8/43).
Volume IV, Código penal e código do processo penal. (17/23). 397 p. enc. Cr$ 37,00. (8/43).
Volume V, Código do processo civil. (17/23). 395 p. enc. Cr$ 37,00. (8/43). **Rodarte.**

GOMIDE (Martins). — A Coordenação Econômica e a sua legislação. (16/23). 251 p. br. Cr3 30,00. (7/43). **Ed. Autor. Rio.**

GRATIA (L. E.) — O acanhamento e a timidez. Conselhos de pedagogia e de educação. Trad. Nelson Romero. (14/20). 227 p. br. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 7/43). **José Olympio**

GUASTINI (Raul). — Ideário político de Getulio Vargas. Seleção e comentário de Mario Guastini. Pref. Osvaldo Orico. (16/24). 214 p. il. cart. Cr$ 25,00. **Rev. Tribunais.**

GUDIN (Eugenio). — Para um mundo melhor. (Ensaio sôbre problemas de Após-Guerra). (14/19). 228 p. br. Cr$ 18,00. (8/43). Civilização.

GURGEL (J. do Amaral). — O sêlo do papel. Comentários ao Dec.-Lei 4655 de 3-9-942 (14/19). 203 p. br. Cr$ 15,00. (3/43). Ed. e Publ. Brasil.

HAMANN (Hugo). — O mundo de após-guerra. (Ensaio social-econômico). (17/24). 183 p. br. Cr$ 18,00. (10/43). Distr. Civilização.

HUSS (Pierre Jr.). — O inimigo que enfrentamos. Como surgiu, como vive e como age a horda nazista. Trad. Fernando Tude de Souza. (14/19). 317 p. br. Cr$ 20,00. (1/43). Calvino

IHERING. — A luta pelo direito. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores, 9. (12/16). 126 p. br. Cr$ 3,00. (5/43). Vecchi

IMPOSTO de renda. — Dec.-Lei 5.844, de 23/9/1943. (13/18). 60 p. br. Cr$ 2,00. (10/43). Gr. Olímpica.

ISAY (Jur. Ernst). — A nova territorialidade no direito internacional público e privado. Pref. Haroldo Valladão. (14/23). 71 p. br. Cr$ 6,00. (8/43). Distr. Z. Valverde.

JHERING (Rudolf Von). — O espírito do direito romano. I e II tômos. Trad. Rafael Benaion. Pref. Clovis Bevilaqua. (17/24). 256 + 211 p. enc. Cr$ 70,00. (6/43). Alba.

JOBIM (Danton). — Para onde vai a Inglaterra? Pref. J. E. de Macedo Soares. (14/19). 318 p. br. Cr$ 25,00. (3/43) Calvino.

JOHNSON (Rev. Hewlett). (Deão de Canterbury). — O cristianismo e a nova ordem social na Russia. (Soviet Strenght). Trad. Eduardo de Lima Castro. Em apêndice: A condição do trabalho. Crítica à Encíclica Rerum Novarum, de Leão XIII. por Henry George. Trad. Odilon Benévolo. (14/19). 439 p. br. Cr$ 25,00. (9/43+2.ª ed. 11/43). Calvino.

JOHNSON (Rev. Hewlett). (Deão de Canterbury). — O poder Soviético. Trad. David J. de Castro. Pref. Dom Carlos Duarte Costa. Ils. de Nowell Mary Hewlett Johnson. (14/19). 459 p. br. Cr$ 25,00. (1.ª e 2.ª ed. 3/43+3.ª ed. 5/43+4.ª ed. 8/43). Calvino.

LABOULAYE (Édouard). — O estado e o indivíduo. Trad. Líbero Rangel de Andrade. Col. Os Grandes Pensadores, 6. (12/16). 118 p. br. Cr$ 3,00. (4/43). Vecchi.

LANDIM (Jayme). — Reforma do código civil brasileiro. (17/24). 70 p. br. Cr$ 5,00. (8/43). Borsoi, Rio.

LAVALADE (Général Chadebec de). — Pétain. True to Scale. Translated from the French. (14/20). 130 p. br. Cr$ 16,00. (12/43). Atlantica Ed.

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Código comercial brasileiro, como se acha em vigor. 6.ª ed. rev. por Adamastor Lima. (12/16). 325 p. enc. Cr$ 17,00. (6.ª ed. 4/43). Saraiva.

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Consolidação do regulamento da Ordem dos Advogados do Brasil. Legislação complementar. Código de ética profissional, índice alfabético e remissivo por Fernando Penteado Médici. (12/16). 184 p. br. Cr$ 10,00. (7/43). Saraiva.

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 10 de Novembro de 1937. (12/16). 136 p. br. Cr$ 5,00. (4.ª ed. 8?43). Saraiva.

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Lei do selo. Dec.-Lei 4.655, de 3-9-1942. Índice alfabético e remissivo por Fernando Penteado Médici. (12/16). 178 p. br. Cr$ 6,00. (3/43). Saraiva.

LEI de falências. — Dec. n. 5.746 de 9-12-1929. Com índice alfabético-remissivo e geral por Rodrigues de Mereje. (14/19). 116 p. br. Cr$ 7,00. (8/43). Ed. e Publ. Brasil.

LEI Orgânica do Ensino comercial. (Reforma Gustavo Capanema). Dec.-Lei 6.141 e 6.142, de 28-12-1943. (14/18). 38 p. br. Cr$ 3,00. (12/43-944). Z. Valverde.

LEITE (A. Ático). — Legislação das caixas econômicas. (17/24). 131 p. br. Cr$ 20,00. (2.ª ed. 7/43). J. Leite.

LEVISKY (Fernando). — Espectros da intolerância. (12/18). 95 p. br. Cr$ 5,00. 12/43-1944). Ed. e Publ. Brasil.

LIMA (Alceu Amoroso). (Tristão de Athayde). — Mitos de nosso tempo. (14/20). 237 p. br. Cr$ 15,00. (3/43). José Olympio.

LIMA (Eusebio de Queiroz). — Teoria do estado. (17/24). 416 p. enc. Cr$ 40,00. (4.ª ed. 3/43). Freitas Bastos.

LOBO (Velho). — Pelo futuro do Brasil. Guia do escoteiro. Ils. de Fritz Abbt e Francisco Acquarone. Ed. U.E.B. Pref. Ignacio M. Azevedo do Amaral. (14/19). 548 p. il. br. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 7/43). Imp. Naval.

LOPES (Alexandre Monteiro). — Novo dicionário jurídico brasileiro. Bibl. Jurídica Brasileira, 15. (16/23). 294 p. enc. Cr$ 40,00. (10/43). Coelho Branco.

LOPES (Luciano). — O professor Ideal. Pref. La-Fayette Côrtes. (13/19). 128 p. br. Cr$ 5,00. (2/43). Livr. Alves.

LOPES (Miguel Maria de Serpa). — Comentário teórico e prático da lei de introdução ao código civil. Vol. I. (17/24). 375 p. enc. Cr$ 45,00. (6/43). A Noite-Jacinto.

MACHADO FILHO (Aires da Mata). — O negro e o garimpo em Minas Gerais. Col. Documentos Brasileiros, 42. (14/23). 138 p. il. br. Cr$ 15,00. (12/43). José Olympio.

MACHADO (Antônio Carlos). — O pampa heróico. (Esbôço geral da sociogênese riograndense). (14/19). 211 p. br. (1942-6/43). Ed. Autor, Rio.

MACHADO (Raul). — A culpa no direito penal. 2.ª ed. rev. e ajustada ao Código Penal. (17/24). 408 p. br. Cr$ 50,00. (2.ª ed. 10/43). **Emp. Ed. Universal.**

MAIA (Jorge). — Alguns homens me falaram da paz. (17/24). 215 p. br. Cr$ 20,00. (6/43). **Ed. Pan-Americana.**

MANUAIS de Legislação Brasileira. — Vol. 5. Lei de imprensa. Dec. 24.776, de 14-8-1934. (14/19). 90 p. br. Cr$ 5,00. (Nova ed. 8/43). —

Vol. 86. Consolidação das leis do trabalho. Dec.-Lei 5.452, de 1-5-1943. (14/19). 192 p. br. Cr$ 5,00. (10/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

MAQUIAVEL. — O príncipe. Texto completo. (Com as notas de Napoleão e Cristina da Suécia). Trad. e pref. de Mário e Celestino da Silva. (14/21). 168 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Vecchi.**

MARANHÃO (Paulo). — Escola experimental. Testes. Testes mentais. Testes de escolaridade. Programa de testes. (13/19). 208 p. il. br. Cr$ 12,00. (8.ª ed. 11/43). **Livr. Alves.**

MARCONDES FILHO (Alexandre). — Trabalhadores do Brasil! Palestras do Ministro Marcondes Filho na Hora do Brasil em 1942. (13/19). 292 p. br. Cr$ 15,00. (8/43). **Distr. Civilização.**

MARITAIN (Jacques). — Os direitos do homem e a lei natural. Trad. Afranio Coutinho. (13/19). 152 p. br. Cr$ 12,00. (4/43). **José Olympio.**

MASSOCK (Richard G.). — A Itália por dentro. (Italy from witkin). Trad. Carlos Lacerda. Col. Guerra e Paz, 2. (14/22). 382 p. br. Cr$ 20,00. (12/43). **Cia. Ed. Nacional.**

MAXIMILIANO (Carlos). — Direito das sucessões. Vol. II. (17/23). 592 p. cart. Cr$ 50,00. (2.ª ed. 3/43). **Freitas Bastos.**

MEDEIROS FILHO (João). — Ação de rescisão de contrato. (16/23). 85 p. br. Cr$ 10,00. (7/43). **Coelho Branco.**

MEDEIROS (Mario de). — O humanismo novo, o direito e o direito administrativo. Pref. Armando Câmara. (16/23). 103 p. br. Cr$ 16,00. (11/43). **Livr. Tabajara, P. Alegre.**

MELLO (Linneu de Albuquerque). — Genese e evolução da neutralidade. (17/24). 246 p. br. Cr$ 25,00. (2/43). **Distr. Civilização.**

MENDES NETO (João). — Rui Barbosa e a lógica jurídica. (Ensaio de prática da argumentação). (15/23). 140 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). **Saraiva.**

MENEZES (Djacir). — Direito administrativo moderno. Pref. Jubé Junior. (16/23). 275 p. br. Cr$ 30,00. (7/43). **Coelho Branco.**

MENEZES (Geraldo Bezerra de). — Política sindical brasileira. (17/24). 134 p. br. Cr$ 20,00. (4/43). **Livr. Educadora.**

MIRANDA (Vicente Chermont de). — O Estatuto da Lavoura Canavieira e sua interpretação. (17/24). 472 p. br. Cr$ 60,00. (5/43). **Gr. Sauer, Rio.**

MONBEIG (Pierre). — La crise des sciences de l'homme. Conferência. Saudação de Fabio de Macedo Soares Guimarães. (12/16). 62 p. br. Cr$ 4,00. (9/43). **Casa do Estudante.**

MONTORO (André Franco). — Os princípios fundamentais do método no direito. (16/24). 100 p. br. Cr$ 15,00. (1942-7/43). **Livr. Martins.**

MORAES FILHO (Evaristo de). — Trabalho a domicílio e contrato de trabalho. (Formação histórica e natureza jurídica). (17/24). 201 p. br. Cr$ 20,00. (3/43). **Rev. do Trabalho.**

MOURA (Minuano de). — A convivência econômica dos povos no após-guerra. Pref. Plinio Casado. (16/23). 80 p. br. Cr$ 10,00. (11/43). **Coelho Branco.**

NASCIMENTO (Nelson Pinto do). — Da propriedade, desapropriação e trabalho. (13/18). 95 p. br. Cr$ 10,00. (1942-5/43). **Ed. Autor, Rio.**

NOGUEIRA JUNIOR (J. A.). — Das férias anuais remuneradas. (14/20). 107 p. br. Cr$ 10,00. (1/43). **Gr. Cruzeiro do Sul, S. Paulo.**

NOGUEIRA JUNIOR (J. A.). — Prática da legislação trabalhista. (16/23). 174 p. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 4/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

NORONHA (Edgard Magalhães). — Crimes contra os costumes. Comentários aos artigos 213 a 226, e 108 n. VIII do código penal. Pref. Basileu Garcia. (17/24). 364 p. br. Cr$ 30,00. (3/43). **Saraiva.**

OLIVEIRA (Cesar Coutinho de). — O mundo atual, o mundo futuro. (Ensaio sôbre democracia e segurança coletiva). (14/18). 67 p. br. Cr$ 5,00. (11/43). **Distr. Freitas Bastos.**

OLIVEIRA (Mario Cardoso de). — Noções de legislação fiscal e aduaneira. Col. Didática Nacional, Série Comercial. (14/19). 158 p. cart. Cr$ 12,00. (3/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

ORLANDO (Pedro). — Nova jurisprudência (Causas cíveis e comerciais). 1938 a 1942. Coletânea selecionada, condensada e resumida por Pedro Orlando. (16/24). 338 p. br. Cr$ 40,00. (5/43). **Rev. Tribunais.**

OSORIO (Joaquim Luis). — Introdução geral ao direito público. Prólogo de Clovis Bevilaqua. (15/23). 219 p. br. Cr$ 24,00. (9/43). **Globo.**

PADILHA (Ezequiel). — O homem livre da Améfrica. (El hombre libre de America). Prólogo do Presidente Avila Camacho. Trad. Fernando Tude de Souza. Pref. Ministro Oswaldo Aranha. (15/22). 303 p. br. Cr$ 30,00. (12/43). **Ed. O Cruzeiro.**

PAGANO (Aûthos). — Lições de estatística. (16/24). 2 vols. 403+394 p. 3 pranchas, il. br. Cr$ 100,00. (11/43). **Distr. Ed. Continental.**

PAIVA (Joel Ruthenio de). — Acidentes do trabalho. Projeto de lei. Justificação. Comentários. (13/19). 199 p. br. Cr$ 15,00. (4/43). **Borsoi, Rio.**

PEIXOTO (Cid). — Princípios elementares de direito público constitucional. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 22. (14/20). 151 p. cart. Cr$ 10,00. (3.ª ed. 4/43). Cia. Ed. Nacional.

PEIXOTO (José Carlos de Matos). — Curso de direito romano. Tomo I, Partes introdutória e geral. (17/24). 273 p. br. Cr$ 45,00. (5/43). Ed. Peixoto.

PENSAMENTO (O) Político do Presidente. — Separata de artigos e editoriais dos primeiros 25 números de revista "Cultura Política", Comemorativa do 60.º aniversário do Presidente Getulio Vargas. 19 de Abril de 1943. (16/23). 424 p. br. Cr$ 5,00. (4/43). Distr. José Olympio.

PEREGRINO JUNIOR. — Biometria aplicada à educação. (16/23). 87 p. il. br. Cr$ 10,00. (3/43). Jornal do Comércio.

PEREIRA (Lafayette Rodrigues). — Direito das coisas. Adaptação ao código civil por José Bonifácio de Andrada e Silva. Vol. I. (17/24). 518 p. enc. Cr$ 40,00. (4.ª ed. (7/43). — Volume II. (17/24). 408 p. enc. Cr$ 40,00. (5.ª ed. 7/43). Freitas Bastos.

PESSOA SOBRINHO (Eduardo Piento). — Manual dos servidores do Estado. 1.º tomo: Livro do funcionário. Bibl. de Assuntos Administrativos, 1. (17/24). 319 p. br. Cr$ 30,00. (4/43). — 2.º tomo: Livro do extranumerário. Bibl. A. A., 2. (17/24). 242 p. br. Cr$ 25,00. (7/43). Borsoi, Rio.

PESSOA (Epitácio Monteiro). — Elementos de direito fiscal. Vol. I. Carta-pref. Didimo Agapito da Veiga. (15/22). 395 p. 1 prancha, cart. Cr$ 25,00 2.ª ed. 8/43). — Volume II. (15/22). 220 p. cart. Cr$ 25,00. (11/43). Distr. Freitas Bastos.

PETITE Encyclopédie politique du monde. La "couleur" politique des hommes, régimes. governements, partis et journaux du monde entier. Ed. Chantecler. (11/18). 326 p. br. Cr$ 18,00. (4/43). Livr. Victor.

PIEDADE (José de Alencar). — Discursos e conferências. Observações sôbre a lei que dispõe sôbre o reconhecimento dos filhos naturais, divórcio e concordata com a Santa Sé com referência ao casamento dos católicos. (16/23). 65 p. br. Cr$ 8,00. 8/43). Ed. Autor, Rio.

PINTO (Paulo Roquette). — Organização e preparação de museus escolares. Pref. Mello-Leitão. (15/27). 191 p. 266 figs. cart. Cr$ 12,00. (1942-3/43). Globo.

PONTES (Ribeiro). — Código penal. Comentários. 1.º vol. (Arts. 1 a 183). (17/24). 334 p. enc. Cr$ 35,00. (1942 — 7/43). — 2.º volume. (Arts. 184 a 361). (17/24). 351 p. enc. Cr$ 35,00. (1942-7/43). Ed. Guaíra.

PORTO (A. Rodrigues). — Prescrição penal. (16/23). 91 p. br. Cr$ 15,00. (5/43). Rev. Tribunais.

PRADO (Francisco Bertino de Almeida). — Eficácia probatória do registo. (15/22). 188 p. br. Cr$ 25,00. (8/43). Freitas Bastos.

PROGRAMA (O) do ensino secundário e sua lei orgânica. (Reforma Gustavo Capanema). Com um estudo do Prof. Jonathas Serrano. (14/19). 87 p. br. Cr$ 5,00. (3.ª ed. 2/43). Z. Valverde.

PRUSZYNSKI (Ksawery). — Os Poloneses voltam à luta. Trad. Augusto Rodrigues. (13/19). 238 p. il. br. Cr$ 12,00. (2/43). Ed. Pan-Americana.

RAITANI (Francisco). — Prática de processo civil. Pref. Artur Ferreira dos Santos. (17/24). 376 p. enc. Cr$ 40,00. (7/43). Ed. Guaíra.

RAMOS (Arthur). — Guerra e relações de raça. Ed. do Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes. (14/19). 185 p. br. Cr$ 10,00. (8/43). Distr. Livr. Victor.

RAMOS (Mario de Andrade). — A reforma Monetária. (16/23). 49 p. br. Cr$ 5,00. (12/43). Jornal do Comércio.

RAUSCHNING (Hermann). — O que Hitler me disse. Pref. da ed. francesa por Marcel Ray. Trad. rev. por Jaime Cortesão. Col. Documentos para a História da Guerra. (17/24). 302 p. br. Cr$ 25,00. (3/43). Ed. Dois Mundos.

REBELO (Gabriel Antônio). — A família brasileira e o reconhecimento do filho adulterino. (16/23). 159 p. br. (11/43). Of. A Manhã.

REIS (O. de Sousa), CAMPOS (Maria dos Reis). — Modelos de redação oficial. (13/18). 134 p. br. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 12/43). Livr. Alves.

REISZMAN (Jirí). — A inconquistável Tchecoslováquia. Trad. Augusto Rodrigues. Pref. Herbert Moses. (14/19). 109 p. il. br. Cr$ 15,00. (11/43). Atlântica Ed.

REVES (Emery). — Manifesto democrático. Trad. (13/19). 205 p. br. Cr$ 14,00. (3/43). Americ-Edit.

REZENDE (Oswaldo). — A nova lei do imposto de renda. (Comentário, prática e legislação). (15/22). 238 p. br. Cr$ 20,00. (5/43). Civilização.

RIBEIRO (Alberto). — Hipoteca. Col. Leis Usuais Anotadas, 1. (16/23). 327 p. enc. Cr$ 35,00. (2/43). Rodarte.

RIBEIRO (C. J. de Assis). — História do direito penal brasileiro. Vol. I. 1500-1822. Pref. Clovis Bevilaqua. (18/25). 208 p. il. br. Cr$ 25,00. (7/43). Distr. Z. Valverde.

RIBEIRO (Clóvis). — Curso de economia política sociológica. Pref. Júlio de Mesquita Filho. (16/24). 577 p. br. Cr$ 50,00. (10/43). Freitas Bastos.

RIBEIRO (Jorge Severiano). — Do crime. Da responsabilidade. Da co-autoria. (Arts 11-27). Vol. II, Tratado do direito penal brasileiro, Dir. Oscar Tenorio. (16/23). 438 p. enc. Cr$ 40,00. (9/43). A Noite-Jacinto.

RIBEIRO (Olympio Carr). — Compras governamentais e armazenamento. (16/23). 167 p. br. Cr$ 20,00. (5/43). Saraiva.

RICARDO (David). — Sôbre a teoria do valor. Trad. Eduardo Salgueiro. Cadernos "Inquérito", série B. Economia e Sociologia, 2. (13/19). 103 p. br. Cr$ 5,00. (10/43). **Ed. Inquérito.**

ROCHA (Pe. Edgar de Aquino). — Manual de economia política. Col. Dom Bosco, 1. (14/20). 291 p. cart. Cr$ 16,00. (5.ª ed. 4/43). **Cia. Ed. Nacional.**

ROSA (Inocencio Borges da). — Processo civil e comercial brasileiro. Vol. V. Arts. 882 a 1.052. Suplemento do vol. I. (17/24). 739 p. br. Cr$ 50,00. (1942-8/43). **Globo.**

SALAZAR (Alcino de Paula). — Reparação do dano moral. (17/24). 179 p. br. Cr$ 20,00. (10/43). **Borsoi, Rio.**

SANTIAGO (F. R.). — Teoria e prática do escrivão. (13/18). 50 p. br. Cr$ 5,00. (8/43). **Z. Valverde.**

SANTOS (J. M. de Carvalho). — Código civil brasileiro interpretado. Vol. VIII. Direito das coisas. (Arts. 554-673). (16/23). 506 p. enc. Cr$ 40,00. 3.ª ed. 8/43). — Volume X. Direito de Família. (Arts. 755-862). (16/23). 566 p. enc. Cr$ 40,00. (3.ª ed. 11/43-1944). **Freitas Bastos.**

SANTOS (José Nicolau). — Fundamentos jurídicos da transformação dos estados. Col. Estudos Sociais e Técnicos, 12, Série Jurídica, 4. (14/19). 85 p. cart. Cr$ 8,00. (7/43). **Ed. Guaíra.**

SCHACHER (Gerhard). — Êle queria dormir no Kremlin. Pref. Jan Masaryk. Trad. Livio Xavier. (14/20). 231 p. br. Cr$ 15,00. (10/43). **Ed. Prometeu.**

SEGURO Social (No rumo do). — Pref. Alexandre Marcondes Filho. Bureau Internacional do Trabalho. Estudos e Documentos, Série M (Seguros Sociais) n.º 18. (15/22). 122 p. br. Cr$ 10,00. (1942-5/43). **Distr. Briguiet.**

SFORZA (Conde). — Os italianos como realmente são. Trad. Lelio Landucci. (14/19). 213 p. br. Cr$ 16,00. (3/43). **Atlântica Ed.**

SILVA (A. J. da Costa). — Código penal. (Dec.-Lei 2.848, de 7-12-1940). Anotado. Vol. I, arts. 1 a 74. Publ. póstuma. (17/24). 422 p. br. Cr$ 70,00. (11/43). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (Josino Ribeiro da). — Organização policial. Compilação da legislação em vigor. (14/19). 52 p. br. Cr$ 5,00. (6/43). **Ed. Casa do Policial, Rio.**

SILVEIRA (Guaracy). — Lutero, Loiola e o totalitarismo. (17/24). 306 p. br. Cr$ 25,00. (12/43). **Livr. Liberdade.**

SMITH (Howard K.). — O último trem de Berlim. Trad. Antonio Accioly Neto. Col. Documentos Contemporâneos, 1. (14/21). 424 p. br. Cr$ 25,00. (7/43+2.ª ed. 9/43). **Ed. O Cruzeiro.**

SORIANO NETO. — Pareceres. (Separata da Rev. Academica da Faculdade de Direito de Recife, XLIX. (16/23). 249 p. br. Cr$ 25,00. (9/43). **Ed. Autor, Recife.**

SOUSA (Ribeiro de). — O novo direito penal. Código penal de 1940. Código do processo de 1941. Teoria e prática. (17/24). 501 p. br. Cr$ 60,00. (10/43). **Rev. dos Tribunais.**

STRONG (Anna Louise). — A Russia na paz e na guerra. (The Soviets Expected It). Trad. Luiz C. Afilhado. (14/19). 396 p. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 10/43 + 3.ª ed. 12/43). **Calvino.**

STROWSKI (Fortunat). — Les libérateurs. (13/19). 190 p. br. Cr$ 20,00. (1/43). **Livr. Franco-Brasileira.**

SUSSEKIND (Arnaldo), LACERDA (Dorval de), VIANA (J. de Segadas). Direito brasileiro do trabalho. 1.º vol. Pref. Ministro Alexandre Marcondes Filho. (16/23). 627 p. enc. Cr$ 70,00. (8/43). **A Noite - Jacinto.**

TABOUIS (Geneviève). — Chamavam-me Cassandra. Trad. Fernando Tude de Souza. (16/23). 335 p. br. Cr$ 30,00. (2.à ed. 3/43). **Ed. Pan-Americana.**

TORRES (Magarinos). — Nota promissoria. Estudo da lei, da doutrina e da jurisprudencia cambial brasileira. (17/24). 477 p. br. Cr$ 70,00. (5.ª ed. 8/43). **Saraiva.**

TORRES (Vasconcelos). — Ensaio de sociologia rural brasileira. Pref. Oliveira Viana. (14/19). 94 p. br. Cr$ 7,00. (3/43). **Coelho Branco.**

VACHIAS (Raul). — Entreatos da tragédia Européia. (1918-1939). (13/19). 137 p. br. Cr$ 9,00. (2/43). **Distr. H. Velho.**

VALLADÃO (Haroldo). — Direito. Solidariedade. Justiça. (14/23). 205 p. br. Cr$ 25,00. (10/43). **José Olympio.**

VARGAS (Getulio). — A nova política do Brasil. IX, O Brasil na guerra. 14 de Julho de 1941 a 1 de Janeiro de 1943. (14/23). 335 p. br. Cr$ 30,00. (8/43). **José Olympio.**

VEIGA (J. Pimenta da). — O caso do sargento Ananias. (14/19). 103 p. br. Cr$ 6,50. (1942 — 5/43). **Ed. Inconfidência.**

VERGARA (Pedro). — Delito de homicídio. Vol. I, O dolo no homicídio. Modalidades do dólo, suas causas escludentes, irresponsabilidade. (17/24). 520 p. enc. Cr$ 50,00. (3/43). **Jacinto.**

VERRIER (Madeleine Gex Le). — Ruge a revolta na França. Pref. André Philip. Trad. Maria da Saüdade Cortesão. Col. Documentos para a História da Guerra, 3. (14/21). 263 p. br. Cr. 18,00. (8/43). **Ed. Dois Mundos.**

VIANNA (J. L. Werneck). — Consolidação das leis do trabalho. Manual de consultas. (14/19). 296 p. br. Cr$ 25,00. (8/43). **Distr. Max Limonad.**

VIANNA (J. de Segadas). — Organização sindical brasileira. (15/22). 322 p. br. Cr$ 40,00. (11/43). **Ed. O Cruzeiro.**

VIANNA (Oliveira). — Problemas de direito sindical. Col. de Direito do Trabalho, 1. (17/24). 288 p. enc. Cr$ 55,00. (12/43). **Max Limonad.**

VIEIRA (Cicero Augusto). — Novissima consolidação das leis do trabalho. (Decreto-Lei 5.452, de 1-5-43 e Dec.-Lei 5.821, de 16-9-1943). (14/20). 195 p. br. Cr$ 15,00. (12/43). **Emp. Ed. Brasileira.**

VIEIRA (Oldegar). — Educação extra-escolar e educação pré-militar. (16/24). 249 p. br. Cr$ 12,00. (11/43). **Coelho Branco.**

VILAR (Cesar). — Principio e fim do Nazismo. (14/19). 245 p. il. br. Cr$ 16,00. 3/43). **Atlântica Ed.**

VISCONTI (E. Vitor). — Sinarquia. Democracia cooperativista. (Conferência de Março de 1936). (13/19). 65 p. br. Cr$ 6,00. (1/43). **Pongetti.**

VOYETEKHOV (Boris). — Os últimos dias de Sebastopol. (The last days of Sebastopol). Trad. João Távora. (14/19). 219 p. br. Cr$ 12,00. (10/43). **Ed. Pan-Americana.**

WERNER (Max). — A batalha pelo dominio do mundo. Estratégia e diplomacia da segunda guerra mundial. Trad. (14/22). 311 p. il. cart. Cr$ 25,00. (7/43). **Ed. Oceano.**

WRINSTON (Henry M.). — Bases da paz futura. (Prepare for peace). Trad. Paulo Zingg. (14/20). 316 p. br. Cr$ 20,00. (11/43). **Ed. Prometeu.**

ZIEMER (Gregor). — Educando para a morte. (Aspectos da educação nazista). Trad. Ana Mauricio de Medeiros. Edição popular. (12/17). 231 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). **Calvino.**

3 - 6) EXÉRCITO — MARINHA — AERONÁUTICA

ANTUNES (Cap. De Paranhos). — Andrade Neves, o vanguardeiro! Bibl. Militar, 64. 1(623). 156 p. 1 mapa. il. br. Cr$ 6,50. (4/43). **Distr. Z. Valverde.**

AQUINO (Radler de). — Tábuas náuticas e aeronáuticas. Soluções uniformes e universais ultra simplificadas. (17/24). 2 vols. 79 + 246 p. 1 prancha, enc. Cr$ 130,00. (2.ª ed. 4/43). **Imp. Naval.**

ARAGÃO (Ca. José Campos de). — Topografia do sargento. (14/19). 210 p. il. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 7/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

BIBLIOTECA de Cultura Militar. — Regulamento interno e dos serviços gerais. (R. I. S. G.). (13/19). 150 p. br. Cr$ 10,00. (10/43). **A Noite — H. Velho.**

BIBLIOTECA Enciclopédica Militar. Legislação Militar. — N.º 1. Regulamento interno e dos serviços gerais. (R. I. S. G.). (12/16). 187 p. br. Cr$ 5,00. (4/43). — N.º 2. Regulamento de continências, honras e sinais de respeito das fôrças armadas. (12/16). 115 p. br. Cr$ 5,00. (2/43). — N.º 3. Regulamento de administração do Exército. (Anexos I e II retificados). (12/16). 264 p. br. Cr$ 10,00. (9/43). — N.º 5. Regulamento para os exercícios e o combate da infantaria. (R. E. C. I.). 1.ª parte. Introdução e instrução e técnica. (12/16). 294 p. il. br. Cr$ 8,00. (2/43). — N.º 19. Regulamento para o serviço em campanha. (12/16). 378 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 10,00. (3/43). — N.º 74. Descrição e nomenclatura do fuzil Mauser 1908 e notas e tabelas referentes ao mosquetão Mauser 1908. (12/16). 117 p. br. Cr$ 6,00. (4/43). — N.º 80. Regulamento para organização do terreno. II parte. (12/16). 265 p. il. br. Cr$ 10,00. (12/43). Instruções provisórias para metralhadoras Madsen, modêlo brasileiro 1932. (12/16). 122 p. 5 pranchas, il. br. Cr$ 6,00. (9/43). — Regulamento de combate a baioneta e da luta corporal. (12/16). 27 p. br. Cr$ 2,50. (4/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

BIBLIOTECA Militar. — Vol. 58. Cânticos militares. Coletânea organizada por Mariza Lira. (16/23). 233 p. il. br. Cr$ 6,50. (1942 — 4/43). **Distr. Z. Valverde.**

CAMARGO (Durval de). — Manual básico de aeronáutica. Teoria do avião e do vôo. 1.º vol. Pref. João Ribeiro de Barros. (14/20). 245 p. il. br. Cr$ 14.00. (3.ª ed. 4/43). — 2.º volume. (14/19). 184 p. 1 prancha. il. br. Cr$ 14.00. (2.ª ed. 4/43). **Antunes.**

CAMARGO (Durval de), DONALD (B.). — O que o pilôto deve saber. (14/19). 162 p. il. br. Cr$ 15,00. (6/43). **Antunes.**

CHAVES (Cap. Omar Emir). — Fronteiras do Brasil. (Limites com a República da Colombia). Os tratados. Bibl. Militar, 63. (16/23). 219 p. il. br. Cr$ 6,50. (4/43). **Distr. Z. Valverde.**

CHÉZAL (Guy de). — Combat 1940. En automitrailleuse à travers les batailles de Mai. Avant-propos de Marcel Berger. (14/19). 261 p. 1 mapa, br. Cr$ 20,00. (6/43). **Atlântica Ed.**

CORONA (Cap. Del). — Caderneta do Infante. (12/16). 294 p. 16 pranchas, il. br. Cr$ 16,00. (3.ª ed. 9/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

CORRÊA (Cap. Samuel A. A.). — Auxiliar do instrutor de pontes. Bibl. Militar, 62. (16/23). 255 p. il. br. Cr$ 6,50. (4/43). **Distr. Z. Valverde.**

DONNICI (Americo Brasil). — O perigo Aéroquimico. (17/24). 208 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 25,00. (7/43). **Distr. Civilização.**

EDUCAÇÃO Fisica (Regulamento de). — 1.ª parte (1.º fascículo). Capítulos I e IV. Bibl. da "A Defesa Nacional". Regulamento n.º 7. (18/27). 336 p. il. br. Cr$ 25,00. (Nova ed. 7/43). **A Defesa Nacional.**

ELCITO, O. F. M. Cap. (Frei Boaventura de). — A ti que és soldado. (11/14). 100 p. br. Cr$ 2,50. (2.ª ed. 11/43). **Imp. Vitória, Bahia.**

FAROLEIRO (Manual do). — Ministério da Marinha. Faróis. D. N. 3-2. Diretoria de Navegação. (16/23). 170 p. 4 pranchas. il. cart. Cr$ 25,00. (1942 — 7/43).
Min. da Marinha.

FERNANDES (Cap. João Augusto), CASTRO (Cap. Rubens Monteiro de). — Topografia prática. (15/22). 256 p. il. enc. Cr$ 30,00. (8/43). **Gr. Paz, Rio.**

FIEDLER (Arkady). — Esquadrão 303. Trad. Japi Freire. Pref. Mário Martins. (13/19). 174 p. il. br. Cr$ 8,00. (2/43).
Ed. Pan-Americana.

FIGUEIREDO (Ten.-Cel. Lima). — Instrução de transmissão. Bibl. de Cultura Militar. (14/19). 279 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 15,00. (4.ª ed. 10/43).
A Noite — H. Velho.

FONSECA (Mario Hermes da), ESCOBAR (Ildefonso). — Primórdios da organização da defesa nacional. (16/23). 206 p. il. br. Cr$ 25,00. (9/43).
Distr. Livr. Victor.

FRAGOSO (Gen. Augusto Tasso). — Método de Schreiber. Bibl. Militar. (16/23). 191 p. il. br. Cr$ 15,00. (4/43).
Distr. Z. Valverde.

FREITAS (Ten.-Cel. Osorio Tuyuty de Oliveira). — A invasão de São Borja. (13/19). 232 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 16,00. (2.ª ed. 10/43). Tip. do Centro.

GARENNIE (A. Dalmay de La). — Pequeno manual de serviço em campanha da cavalaria. Trad. Maj. José Horácio Garcia. Bibl. de A Defesa Nacional. (14/19). 182 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 12,00. (1942 — 4/43). **A Defesa Nacional.**

GAUSSOT (Lieutt. Colonel). — Victoire au rabais. Les Cahiers de la Victoire, III. (14/20). 161 p. br. Cr$ 14,00. (5/43).
Atlântica Ed.

GOMES (Cap. Moacyr Fayão de Abreu). — Manual de instrução pré-militar. (De "O Livro da Juventude"). (14/19). 158 p. il. cart. Cr$ 10,00. (7/43).
Z. Valverde.

HERBOMEZ (Hubert D'). — Pilotes d'essai. Pref. Jean-Gérard Fleury. (14/19). 183 p. br. Cr$ 18,00. (12/43).
Atlantica Ed.

HINDUS (Maurice). — A resistencia Russa. Seu segredo politico e militar. Trad. Isabel e Ana de Medeiros. (14/19). 397 p. br. Cr$ 25,00. (2/43). **Calvino.**

IMBIRIBA (Cap. Mário Fernandes). — Breviário da instrução moral e cívica do soldado. Pref. Gen. Lobato Filho e Agamenon Magalhães. Bibl. Militar, 70. (16/23). 148 p. il. br. Cr$ 6,50. (10/43).
Distr. Z. Valverde.

KAUFFMANN (Cap. Kurt). — Livro do carro de combate. Pref. Cel.-Gen. Guderian. Trad. Frederico Neto dos Reis Pimentel. Bibl. Militar, 69. (16/23). 261 p. il. br. Cr$ 10,00. (9/43). **Distr. Z. Valverde.**

LAWSON (Capitão Ted W.). — Trinta segundos sôbre Tóquio. (Thirty seconds over Tokyo). Trad. Isaac Paschoal. Col. Cigarra Magazine, 2. (15/22). 344 p. il. br. Cr$ 25,00. (10/43).
Ed. O Cruzeiro.

LEBAUD (Ten.-Cel.). — Comandar. Trad. Major Niso de Viana Montezuma. Bibl. Militar, 60. (16/23). 145 p. br. Cr$ 6,50. (1942 — 4/43). **Distr. Z. Valverde.**

LIMA (A. Barbosa). — Tabélas de vencimentos. Diárias dos militares. (16/23). 157 p. br. Cr$ 12,00. (8/43).
Jornal do Brasil

MAGALHÃES (Cel. J. B.). — A compreensão da guerra. (Mobilização e economia de guerra). Conferências. (19/27). 233 p. il. br. Cr$ 30,00. (7/43).
A Defesa Nacional.

MAGALHÃES (Cel. J. B.). — O fenômeno militar russo. (15/22). 319 p. 6 mapas, il. br. Cr$ 30,00. (10/43).
Ed. Peixoto.

MARTINS (J. Salgado). — Código penal militar da República dos Estados Unidos do Brasil. (15/22). 296 p. br. Cr$ 25,00. (1942 — 2/43). **Ed. Thurmann.**

MENEZES (Cap. Marcio de). — Aplicações militares. Tôdas as armas. Cultura Física. Pref. Lima Figueiredo. Bibl. de Cultura Militar. (14/19). 242 p. 1 prancha, 121 figs. br. Cr$ 15,00. (10/43).
A Noite — H. Velho.

MERMET (Ten.-Cel. Armando). — Ensaio sôbre a tática alemã. Trad. Major Salm de Miranda. Bibl. Militar, 61. (16/23). 130 p. il. br. Cr$ 6,50. (4/43).
Distr. Z. Valverde.

MINISTÉRIO de Aeronáutica. — **Escola de Aeronáutica. — Instrução de aérotécnica.** Hélices. Organizado pelo **P. A. M.. Pref.** Cap. Av. Itamar Rocha. (16/23). 217 p. 21 figs. br. Cr$ 13,00. (9/43).
Min. Aeronáutica

MINISTÉRIO da Guerra. — **N.º 13. Regulamento para o emprego da Artilharia.** R. E. A. (Costa). 1.ª parte. **Titulo XII.** Manual de telemetria. Tomo I (1.ª e 2.ª partes). (16/23). 214 p. 3 pranchas, il. br. Cr$ 4,00. (4/43). — (Campanha). 1.ª parte, Titulo XIV. Descrição e nomenclatura dos aparelhos topográficos e de observação. (12/16). 98 p. il. br. Cr$ 2,00. (4/43). — (Campanha). 3.ª parte, Instrução geral para o tiro de artilharia (I. G. T. A.). (16/23). 341 p. 2 pranchas, il. br. Cr$ 5,00. (7/43). — N.º 124. Regulamento de uniformes do pessoal do exército. (R. U. P. E.). (16/23). 186 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 4,00. (1942 — 4/43). **Imp. Militar.**

MOYNET (Capitão Paulo). — "Tanks" e camelos avançam. (A campanha dos Franceses Livres através de 4.000 quilômetros de deserto). Pref. Jacques Lorraine. Trad. Rúbem Braga. (14/21). 48 + 10 p. de gravuras, br. Cr$ 12,00. (12/43).
Ed. Dois Mundos.

POLDERMAN (Fabrice). — La Bataille de Flandre. (14/20). 342 p. il. br. Cr$ 25,00. (10/43). Atlântica Ed.

PORTELA (General Artur Silio). — Exercícios na carta. Pref. Gen. Tasso Fragoso. Bibl. Militar. (16/23). 203 p. 5 mapas, br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 1942 — 4/43). **Distr. Z. Valverde.**

REYNOLDS (Quentin). — Invasão. A história de Dieppe. (Dress Rehearsal). Trad. Isaac Paschoal. Apêndice de Giuseppe Amado :.. A lição de Dieppe. Col. Documentos Contemporâneos, 3. (15/22). 255 p. il. br. Cr$ 25,00. (9/43) + 2.ª ed. 11/43). **Ed. O Cruzeiro.**

SANTIAGO (Ruy). — Guia para instrução militar na tropa. Pref. Cap. A. Prati de Aguiar. (14/19). 784 p. il. br. Cr$ 20,00. (10.ª ed. 12/43 — 1944). **Livr. Alves.**

SERRA (Astolfo. — Caxias e o seu govêrno civil na provincia do Maranhão. (Apontamentos para estudos mais autorizados). Bibl. Militar, 68. (17/24). 176 p. br. Cr$ 6,50. (8/43). **Distr. Z. Valverde.**

SEVERSKY (Major A. P. de). — A vitória pela fôrça aérea. Trad. Asdrubal Mendes Gonçalves. Col. A Marcha do Espírito, 7. (14/22). 296 p. il. br. Cr$ 22,00. (4/43). **Livr. Martins.**

SILVA (Major Alcibiades Tamoyo da). — Guia para o comandante do pelotão de fuzileiros. 2.ª parte (defensiva). (16/23). 215 p. il. br. Cr$ 12,00. (4/43). **Of. Gr. A Noite.**

SOPOCKO (Eryck K. S.). — A patrulha do "Orzel's". Façanhas do submarino polonês. Trad. Carmen de Faro Lacerda. Introdução de J. M. de Castro Silva. (14/19). 187 p. br. Cr$ 10,00. (8/43). **Ed. Pan-Americana.**

TAVARES (Ten.-Cel. Raul). — Como ficar quite com o serviço militar. A lei do serviço Militar. (13/19). 150 p. br. Cr$ 10,00. (5.ª ed. 1/43). **Gr. Guarani, Rio.**

TAYLOR (Edmond). — A estratégia do terror. Trad. J. B. Magalhães. Bibl. de A Defesa Nacional. (14/19). 327 p. br. Cr$ 15,00. (7/43). **A Defesa Nacional.**

VASCONCELLOS (General Manoel Meira de). — Brasil, Potência Militar. (17/24). 215 p. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 5/43 + 3.ª ed. 7/43). **Z. Valverde.**

VILLAR (Frederico). — Manual do patrão de pesca. Confederação Geral dos Pescadores do Brasil. (16.23). 689 p. il. br. Cr$ 30,00. (1942 — 7/43). **Imp. Nacional.**

WANDERLEY (Major N. Lavenére). — Curso de navegação aérea. Ed. pelo Aero Clube do Brasil. Bibl. de Divulgação Aeronáutica, 16. (16/23). 355 p. 114 figs. br. Cr$ 17,00. (2.ª ed. 9/43). **Distr. Z. Valverde.**

WHITTAKER (Tte. James). — **Fui pilôto de** Rickenbacker. Trad. Frederico G. Chateaubriand. Col. Cigarra Magazine, 1. (14/21). 240 p. il. br. Cr$ 15,00. (7/43 + 2.ª ed. 9/43). **Ed. O Cruzeiro.**

WOLF (Roberto G.). — Espionagem. (15/22). 296 p. br. Cr$ 25,00. (6/43). **Ed. Peixoto.**

4 - 8) LETRAS

A) Filologia (Generalidades — Ensino de Linguas).

ABREU (Modesto de). — Idioma pátrio. 1.º volume. Seleta. Exercicios. (1.ª e 2.ª séries). (13/20). 294 p. cart. Cr$ 15,00. (7/43). **Cia. Ed. Nacional.**

AHN (F.). — Novo método prático e fácil para aprender a lingua francesa. Adaptado ao uso dos brasileiros por Francisco de Oliveira. (12/18). 176 p. cart. Cr$ 4,00. (53.ª ed. 3/43). **Livr. Alves.**

AHN (F.). — Novo método prático e fácil para aprender a lingua inglesa. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. (12/18). 176 p. cart. Cr$ 4,00. (32.ª ed. 1/43). **Livr. Alves.**

ALBUQUERQUE (A. Tenório D.). — Atentados à gramática. (13/19). 180 p. br. Cr$ 10,00. (9/43). **Getulio Costa.**

ALBUQUERQUE (A. Tenório D'). — Correção de frases. Lições para alunos e candidatos a concursos. (13/19). 119 p. br. Cr$ 7,00. (9/43). **Getulio Costa.**

ALEM (Neif Antonio). — English easily spoken. (Método direto de inglês). Book 1. (13/19). 117 p. il. cart. Cr$ 10,00. (9.ª ed. 10/43). **Ed. Melhoramentos.**

ALMEIDA (Napoleão Mendes de). — Gramática metódica da lingua portuguesa. Curso único e completo. (14/21). 472 p. cart. Cr$ 25,00. (3/43). **Distr. Livr. Alves.**

ARMSTRONG (Charles W.). — A conversação inglesa. (14/18). 172 p. br. Cr$ 10,00. (7.ª ed. 3/43). **Z. Valverde.**

AUGÉ (Claude). — Grammaire. Cours moyen. Livre de l'élève. (E. Fac-similada). (12/18). 288 p. 240 figs. cart. Cr$ 12,00. (Nova ed. 8/43). **Globo.**

AVILA (Aristides). — Terra abençoada. Para leitura de 3.º grau. (Escolas Rurais). Ils. de Waldemar Gonçalves Christino. (16/23). 160 p. br. Cr$ 5,00. (1942 — 8/43). **Ministério da Agricultura.**

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — Cartilha das mães. (15/21). 63 p. il. cart. Cr$ 2,50. (56.ª ed. 10/43). **Livr. Alves.**

BARRETO (Fausto), LAET (Carlos de). — Antologia nacional ou Coleção de excertos dos principais escritores da lingua portuguesa do 16.º ao 20.º século. (13/19). 557 p. cart. Cr$ 13,00. (24.ª ed. 4/43). **Livr. Alves.**

BECKER (Idel). — Compêndio de literatura espanhola e hispano-americana. História antologia. Pref. Roberto F. Giusti. (14/21). 303 p. cart. Cr$ 18,00. (8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

BERGO (Vittorio). — Consultor de gramática e de estilística. Em ordem alfabética. (15/22). 263 p. cart. Cr$ 20,00. (1/43). **Z. Valverde.**

BETHELL (Hubert Coventry). — The English gymnasial grammar. (17/24). 368 p. cart. Cr$ 25,00. (Nova ed. 8/43). **Gr. Minas, Belo Horizonte.**

BILAC (O.), BOMFIM (M.). — Prática da língua portuguesa. Através do Brasil (narrativa). Livro de leitura para o curso médio das escolas primárias. (13/19). 314 p. il. cart. Cr$ 10,00. (33.ª ed. 8/43). **Livr. Alves.**

BINNS (Harold Howard). — From talks and stories of Daily Life to grammar with questions & answers. (14/20). 236 p. cart. Cr$ 14,00. 6.ª ed. 5/43 + 7.ª ed. 11/43). **Cia. Ed. Nacional.**

BINNS (Harold Howard). — King's English. 2.ª série ginasial. (14/20). 164 p. cart. Cr$ 10,00. (8.ª ed. 4/43 + 9.ª ed. 5/43). — 3.ª série ginasial. (14/20). 210 p. cart. Cr$ 12,00. (6.ª e 7.ª ed. 4/43). — 4.ª série ginasial. (14/20). 212 p. cart. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 2/43 + 4.ª e 5.ª ed. 4/43). **Cia. Ed. Nacional.**

BRUNO (Aníbal). — Língua portuguesa. Antologia. 1.ª e 2.ª séries. Bibl. Escolar. Brasileira, 18. (14/20). 362 p. cart. Cr$ 14,00. (2/43 + 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª ed. 4/43 + 8.ª ed. 6/43). — 3.ª e 4.ª séries. Bibl. Escolar Brasileira, 17. (14/20). 317 p. cart. Cr$ 14,00. (2/43 + 2.ª e 3.ª ed. 4/43 + 4.ª e 5.ª ed. 5/43). — Gramática e exercícios. Bibl. Escolar Brasileira, 16. (14/20). 352 p. cart. Cr$ 14,00. (1/43 + 2.ª, 3.ª e 4.ª ed. 3/43 + 5.ª, 6.ª e 7.ª ed. 4/43 + 8.ª ed. 6/43). **Cia. Ed. Nacional.**

BUENO (Francisco Silveira). — Páginas literárias. 1.ª e 2.ª séries ginasiais masculinas. (14/20). 426 p. cart. Cr$ 15,00. (3/43). — 3.ª e 4.ª séries ginasiais masculinas. (14/20). 457 p. cart. Cr$ 16,00. (3/43). **Saraiva.**

BUENO (Francisco Silveira). — Páginas seletas. 3.ª e 4.ª séries ginasiais femininas. (14/20). 402 p. cart. Cr$ 16,00. (4/43). **Saraiva.**

CAMARGO (Alberto Mesquita de). — Primeiro livro de leituras latinas, Para a 1.ª e 2.ª séries ginasiais. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 127 p. cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 4/43). **Ed. e Publ. Brasil**

CAMPOS (Ipê de). — Vocabulário ortográfico moderno. Pref. Silveira Bueno. Col. O Livro de Bolso, 7. (11/16). 431 p. cart. Cr$ 15,00. (4/43). **Distr. Civilização.**

CAMPOS, JR. (José Luiz). — Como se aprende inglês. (How to learn English). 2.ª, 3.ª e 4.ª séries, ginasial e propedêutico. (14/19). 302 p. cart. Cr$ 18,00. (7.ª ed. 9/43). **Globo.**

CARDOSO (Alfredo Luiz. — Memento filológico (Subsídios ao idioma). (12/16). 147 p. br. Cr$ 8,00. (7/43). **Ed. Guaíra.**

CARVALHO (Felisberto de). — Quarto livro de leitura. Curso superior. Des. e refundido por Epaminondas de Carvalho. (14/21). 290 p. cart. Cr$ 8,00. (4.ª ed. 2/43). **Livr. Alves.**

CARVALHO (Frederico Curio de), RICARDO NETO (José Ricardo). — Excerpta latina. Liber I — Liber II. 1.ª e 2.ª séries. Bibl. Ensino Moderno, s. I. Livros para Curso Ginasial, III e IV. (14/19). 247 p. il. cart. Cr$ 18,00. (3/43). — Liber III — Liber IV. 3.ª e 4.ª séries do curso ginasial. (14/19). 327 p. il. cart. Cr$ 22,00. (5/43). **Ed. Pan-Americana.**

CHEDIAK (Antônio J.) — Carlos de Laet, o polemista. 2.ª série. (13/19). 415 p. br. Cr$ 20,00. (3/43). **Z. Valverde.**

CINTRA (Geraldo de Ulhôa). — Língua portuguêsa. Para aas 3 séries dos colégios clássico e científico. (14/19). 524 p. 5 pranchas, cart. Cr$ 20,00. (4/43). **Ed. Anchieta.**

CINTRA (Raymundo), LYRA (Jorge. — Latim ginasial pelos textos. 1.ª série. (13/19). 128 p. cart. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 3/43). — 2.ª série. (13/19). 165 p. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 4/43). — 3.ª série. (13/19).. 171 p. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 4/43). — 4.ª série. (13/19). 161 p. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 4/43). **Gr. Cruzeiro do Sul.**

CORREIA (Jonas). — Estudos de português. Ortografia e pontuação). (13/19). 226 p. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 1942) — 3/43). **José Olympio.**

CORREIA (Jonas), AGUIRRE (José). — Antologia ginasial. 1.ª e 2.ª séries. Bibl. de Ensino Moderno. S. I., Livros para o Curso Ginasial, II. (14/19). 252 p.. Cart. Cr$ 16,00. (4/43). **Ed. Pan-Americana.**

CRETELLA JÚNIOR (J.). — Manual prático de pronunciação latina. (Época clássica). (14/19). 38 p. br. Cr$ 3,00. (4/43). **Distr. Ed. Anchieta.**

CRUZ (José Marques da). — Seleta. Português prático. Para a 1.ª e 2.ª série do curso secundário. (13/19). 165 p. cart. Cr$ 8,00. (3/43). — 3.ª e 4.ª séries do curso secundário. (13/19). 182 p. cart. Cr$ 9,00. (3/43). **Ed. Melhoramentos.**

CRUZ (José Marques da). — Português prático. Gramática para as 4 séries do curso ginasial. (13/19). 522 p. 1 prancha, cart. Cr$ 20,00. (14.ª ed. 10/43). **Ed. Melhoramentos.**

DUPON (Margaret). — Les aventures de Toto. (leçons élémentaires). (14/19). 142 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43). **Pongetti.**

EDWARDS (Prof.). — Dicionário de verbos inglêses. (14/19). 195 p. br. Cr$ 12,00. (7/43). **Livr. Para Todos.**

ELIA (Hamilton). ELIA (Silvio). — 100 textos errados e corrigidos. (Com explicações). (14/19). 109 p. br. Cr$ 10,00. (4.ª ed. 9/43). **Antunes.**

ESCREVA Certo! — Por um professor. Pref. Dácio Pires Correia. (14/19). 76 p. cart. Cr$ 7,00. (3.ª ed. 3/43). **Atena Ed.**

FARIA (Ernesto). — Gramática elementar da língua latina. (14/20). 263 p. cart. Cr$ 14,00. (2/43). **Cia. Ed. Nacional.**

FERNANDES (Francisco). — Dicionário de verbos e regimes. Pref. Aires da Mata Machado Filho. (16/24). 623 p. enc. Cr$ 70,00. (3.ª ed. 3/43). **Globo.**

FERREIRA (Tito Lívio). — Premier livre de français. Méthode directe e intuitive. Ils. de J. U. Campos. (14/20). 157 p. cart. Cr$ 10,00. (8.ª ed. 2/43+9.ª e 10.ª ed. 4/43+ 11.ª ed. 5/43). — Deuxième livre de français. Méthode directe et intuitive. (14/20). 156 p. il. cart. Cr$ 10,00. (6.ª ed. 2/43+7.ª 4/43+ +8.ª 5/43). — Troisième livre de français. Textes littéraires français. 3ème et 4ème séries. (14/20). 252 p. il. cart. Cr$ 12,00. (4.ª ed. 2/43+5.ª 4/43+6.ª 5/43). **Cia. Ed. Nacional.**

FITZGERALD (Frederico). — Gramática teórica e prática da língua inglêsa. 1880-1840. 28.ª ed. rev. e ampliada por Edgar Tweedie. (15/23). 374 p. il. cart. Cr$ 15,00. (28.ª ed. 6/43). **Livr. Selbach.**

FLEURY (Luiz Gonzaga). — Meninice. 2.º livro. (14/20). 126 p. il. cart. Cr$ 4,00. (33.ª ed. 12/43). — 4.º grau. (14/20). 180 p. il. cart. Cr$ 5,50. (12.ª ed. 7/43). **Cia. Ed. Nacional.**

FLEURY (Renato Sêneca). — Série Pátria Brasileira. Leitura I. (14/19). 113 p. il. cart. Cr$ 3,50. (6.ª ed. 2/43). — Leitura II. (14/19). 153 p. il. cart. Cr$ 4,00. (1942-2/43). — Leitura III. (14/19). 142 p. il. cart. Cr$ 5,00. (1942-2/43). — Leitura IV (14/19). 220 p. il. cart. Cr$ 5,50. (2/43). **Ed. Melhoramentos.**

FONSECA (Alcides da), ARAGÃO (Jarbas Cavalcante de). — A língua portuguêsa. Antologia. Curso ginasial, 1.ª e 2.ª séries. (14/19). 221 p. cart. Cr$ 12,00. (3/43). — 3.ª e 4.ª séries. (14/19). 319 p. cart. Cr$ 17,00. (4/43). **Livr. Alves.**

FONSECA (Alcides da), ARAGÃO (Jarbas Cavalcante de). — A língua portuguêsa. Programa para o curso ginasial e escola preparatória de cadetes. (Gramática para as 4 séries ginasiais). (14/19). 610 p. cart. Cr$ 26,00. (4/43). **Livr. Alves.**

FONSECA (Anita). — O livro de Lili. Ils. de Elza Coelho Junior. (24/16). 90 p. br. Cr$ 4,00. (4.ª ed. 3/43). **Livr. Alves.**

FONSECA (Eugênio Pinto da). — Historiettes. Leitura suplementar para a 1.ª série. (15/19). 56 p. il. cart. Cr$ 3,00. (8.ª ed. 2/43). **Ed. Melhoramentos.**

FONSECA (Orlando), MORAES (Domingos de Vilhena). — Língua latina. Gramática, exercícios textos, 1.ª e 2.ª séries do curso ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 112. (14/20). 238 p. il. cart. Cr$ 14,00. (1/43+2.ª e 3.ª ed. 5/43). — Trechos escolhidos. 3.ª e 4.ª séries do curso ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 134. (14/24). 383 p. cart. Cr$ 18,00. (9/43). **Cia. Ed. Nacional.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Brasileirinho. Leitura para o 3.º ano primário. Série Pindorama. (13/19). 160 p. il. cart. Cr$ 6,00. (6.ª ed. 4/43). **Livr. Alves.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Cartilha de brinquedo (Método ativo). História do bêbê. Série Pindorama. (14/19). 111 p. il. cart. Cr$ 4,50. (14.ª ed. 3/43). **Livr. Alves.**

FORTES (Dídia Machado), PINTO (Diva Alvares), HULL (Melissa Stodart), FRANCO (Christiano Augusto), SERPA (Oswaldo), REIS (Otelo de Sousa). — English direct method. First book. Série Didática Brasileira. (12/18). 152 p. cart. Cr$ 12,00. (13.ª ed. 3-43). **J. R. de Oliveira.**

FREITAS (Gaspar de). — Exercícios de gramática e modêlos de análise. (12/16). 136 p. il. cart. Cr$ 3,50. (8.ª ed. 8/43). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de gramática portuguêsa. Exame de Admissão. (12/16). 160 p. cart. Cr$ 5,00. (20.ª ed. 3/43). **Distr. Antunes.**

GALIDIE (Luiz). — Primeira seleta latina. Col. de Livros Didáticos-F. T. D. (12/18). 166 p. il. cart. Cr$ 7,00. (Nova ed. 1/43). **Livr. Alves.**

GALLO (João Capusso). — Latim ginasial. 1.º ano de latim. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 179 p. cart. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 4/43). — 2.ª série do curso ginasial. (14/19). 182 p. cart. Cr$ 12,00. (3/43). — 3.º ano de latim. (14/19). 208 p. cart. Cr$ 13,00. (4/43). — 4.ª série do curso ginasial. (14/19). 153 p. cart. Cr$ 12,00. (5/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

GAMA (Ramiro). — Português em 20 lições. (14/19). 117 p. cart. Cr$ 7,00. (2.ª ed. 7/43). **Fed. Espírita.**

GÓIS (Carlos). — Gramática expositiva primária. (13/18). 200 p. br. Cr$ 5,00. (7.ª ed. 7/43). **Livr. Alves.**

GÓIS (Carlos). — Método de análise (léxica e lógica) ou Sintaxe das relações. (Curso secundário. 1.º, 2.º e 3.º anos). (14/18). 222 p. br. Cr$ 6,00. (12.ª ed. 7/43). **Distr. Livr. Alves.**

GÓIS (Carlos). — Sintaxe de regência. Exame final de português. Sintaxologia. (13/18). 204 p. br. Cr$ 6,00. (5.ª ed. 5/43). **Livr. Alves.**

GONÇALVES (Francisco). — A palavra "Quê". Funções, observações, concordância, exercícios práticos. (13/19). 202 p. cart. Cr$ 18,00. (5/43). **Coed. Brasilica.**

GONÇALVES (Maximiano Augusto). — Os autores do programa de latim. Vol. I, para a 1.ª e 2.ª séries. (Com suplemento: Textos latinos). (14/19). 127+26 p. br. Cr$ 10,00. (4/43). — Vol. II, para a 3.ª e 4.ª séries. Com suplemento: Textos latinos. Vol. II. Cesar e Cícero. (14/19). 116+16 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). **Livr. Para Todos.**

GONÇALVES (Maximiano Augusto). — Questões de linguagem. Trechos para corrigir e corrigidos. (14/19). 448 p. cart. Cr$ 20,00. 3.ª ed. 12/43). .. **Antunes.**

GONÇALVES (Maximiano Augusto). — Tratado de análise (Léxica e sintática). 195 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 3/43) **Antunes.**

GONÇALVES (Maximiano Augusto). — Verba e nomina latina, I. Caderno para a conjugação de verbos latinos. (16/19). 64 p. br. Cr$ 5,00. (8/43). **Ed. Inquérito.**

GUEIROS (Jerônimo). — Novo formulário da ortografia nacional. (16/23). 20 p. br. (4.ª ed. 11/43). **Jornal do Comércio, Recife.**

HENRIQUE (João). — Acentuação gráfica. (13/19). 105 p. br. Cr$ 8,00. (6/43). **Livr. Andradas.**

HENRIQUE (João). — Pontuação na escrita. (13/19). 97 p. br. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 9/43). **Livr. Andradas.**

HEUSER O. F. M. (Frei Bruno). — Terceiro livro de leitura. (12/19). 254 p. il. cart. Cr$ 3,50, (22.ª ed. 8/43). **Ed. Vozes.**

HORTA (Brant). — Latim, 1.º ano. 1.ª série). (14/19). 142 p. cart. Cr$ 7,00. (3/43). **J. R. de Oliveira.**

HUET (Maurice). — 200 Verbos franceses irregulares, impessoais e defectivos. Para as três primeiras séries do curso secundário. (12/16). 171 p. br. Cr$ 4,00. (3.ª ed. 7/43). **Livr. Alves.**

INDEX Ortográfico. — De acôrdo com o Dec.-Lei, 5186, de 13-1-1943. Organizado por F. A. P. (12/16). 41 p. br. Cr$ 2,00. (5/43). **Ed. Vozes.**

INGLES pelo método direto I. Por um Grupo de Professores. (14/19). 147 p. br. Cr$ 9,00. (4.ª ed. 1/43). **Liv. Franco-Brasileira.**

JACOBINA (Blanche Thiry). — Premier livre-cahier. Le français par la méthode directe et par la méthode active. Première Série. Ils. de Celia Rocha Braga e Margarida Maria Barbosa de Oliveira. (16/23). 168 p. cart. Cr$ 14,00. (4.ª ed. 3/43). **Rev. Tribunais.**

JAQUIER (L.) — Méthode directe de français. Français, 3ème e 4ème années. Des. de M. Munzinger. B. P. S. s. 2.ª, Livros Didáticos, 103. (14/20). 400 p. 1 prancha. cart. Cr$ 20,00. (8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

JAQUIER (Louise), MUNZINGER (Marie). — Méthode directe de français. Français, première année. Des. de Maria Munzinger. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos. 90. (14/20). 207 p. cart. Cr$ 12,00. (5.ª ed. 6/43) **Cia. Editora Nacional.**

JAQUIER (Louise). — Méthode directe de français. Français, 2ème année. Des. de Marie Munzinger. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 99. (14/20). 206 p. il. cart. Cr$ 12,00. (4.ª ed. 6/43). **Cia. Ed. Nacional.**

JAQUIER (Louise). — Français. 4ème année. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 127. (14/20). 143 p. il. cart. Cr$ 10,00. (3/43). **Cia. Ed. Nacional.**

JENSEN (Ansgar Knud). — The world-language of to-day. Part I. Drawings by Sennem Bandeira. Bibl. Ensino Moderno. s. 1.ª Livros para o curso ginasial, vol. V e VI. (14/19). 97 p. cart. Cr$ 12,00. (5/43). Part II. Drawings by Sennem Bandeira. (14/19). 127 p. cart. Cr$ 13,00. (7/43). **Ed. Pan-Americana.**

JOVIANO (A.). — Primeira leitura para crianças. (16/23). 120 p. il. cart. Cr$ 4,50. (20.ª ed. 6/43). **Livr. Alves.**

JUCÁ (Filho). (Cândido). — Gramática brasileira de português contemporâneo. Bibl. Ensino Moderno, s. I, Livros para o curso ginasial, I. (14/19). 324 p. il. cart. Cr$ 20,00 (3/43). **Ed. Pan Americana.**

JUCA' (Filho). (Cândido). — A pronúncia reconstruida do latim. As falsidades, o conformismo e a "Etriocritica". Resposta aos Srs. Ernesto Faria, J. Matoso Camara Jr. e Serafim Silva Neto. (17/24). 112 p. br. Cr$ 12,00. (7/43). **Ed. Pan-Americana.**

KOPKE (João). — Histórias de crianças e de animais. (Da Col. João Kopke). Ed. rev. em 1933 por Lúcia Monteiro Casassanta. (13/19). 158 p. il. cart. Cr$ 4,50 (12.ª ed. 8/43). **Livr. Alves.**

KOPKE (João). — Histórias de meninos na rua e na escola. (Da Col. João Kopke). Ed. rev. em 1933 por Lucia Monteiro Casassanta. (13/19). 213. p. il. cart. Cr$ 5,00. (10.ª ed. 5/43). **Livr. Alves.**

LANTEUIL (Henri de). — Francês comercial. (1.º ano). Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 10. (14/20). 138 p. il. cart. Cr$ 9,00. (7.ª ed. 4/43). **Cia. Ed. Nacional.**

LANTEUIL (Henri de). — Nouvelles leçons de français. Textes. Notes. Exercices. 3.ª e 4.ª séries. (13/19). 252 p. il. cart. Cr$ 14,00. (7/43). **Livr. Alves.**

LEAL (Antônio de Sousa). — Analisemos... III volume. Método prático. Análises étimo-fonético-ortográficas de palavras de fonte latina. Para a 4.ª série. (14/19) 192 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). **Ed. Anchieta.**

LEÃO (Antônio Carneiro). — Meus heróis. Des. de Armando Pacheco. (13/18). 261 p. cart. Cr$ 10,00. (3/43). **A Noite.**

LEITE (José Marques). — Primeira antologia Hellênica. Pref. Aug. Magne. (15/22). 111 p. 1 mapa, br. Cr$ 18,00. (6/43). **H. Velho.**

LIMA (Carlos Henrique da Rocha). — Anotações a textos errados. (13/18). 157 p. br. Cr$ 12,00. (1/43 + 2.ª ed. 11/43, 175 p.). **Z. Valverde.**

LIMA (Carlos Henrique da Rocha). — Teoria na análise sintática. Pref. Antônio Houaise. (12/17). 103 p. cart. Cr$ 8,00.. (4/43). **Livr. Alves.**

LIMA (Hildebrando de). — Nosso Brasil. 1.º grau primário (Leitura intermediária) (14/20). 123 p. il. cart. Cr$ 4,50. (25.ª ed. 11/43). 2.º ano primário. (14/20). 165 p. il. cart. Cr$ 5,00. (36.ª ed. 7/43). 3.º grau primário. (14/20). 199 p. il. cart. Cr$ 6,00. (42.ª

ed. 7/43). Antologia para uso nos cursos de admissão e 5.° grau primário. (14/20). 173 p. il. cart. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 7/43. Cia. Ed. Nacional.

LOBO (Haddock). — Francês para a 2.ª série do curso ginasial, Col. Didatica Nacional, Série Ginasial. (14/19). 117 p. cart. Cr$ 12,00. (3/43). Ed. e Publ. Brasil.

LOBO (Haddock) — Leituras para a 1.ª e 2.ª séries do curso ginasial. Francês. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 134 p. cart. Cr$ 12,00. (3/43). Ed. e Publ. Brasil.

LOBO (Haddock). — Leituras para a 3.ª e 4.ª séries do curso ginasial. Francês. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 158 p. cart. Cr$ 12,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil

LOBO (Haddock). — Lições de gramática francesa. Para as 3.ª e 4.ª séries ginasiais. Col. Didática Nacional. Série Ginasial. (14/19). 212 p. cart. Cr$ 13,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

LOPES (Elcias), VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Morceaux choisis d'auteurs français. Bibl. de Ensino Moderno, s. II, Livros para o Curso Colegial, I (14/19). 270 p. il. cart. Cr$ 15,00. (11/43). Ed. Pan-Americana.

MADRIGAL (Alfredo Lamarque). — Lengua española. Método gramatical y ejercicios adaptados ao Programa oficial para los cursos: Clásico y científico. (14/19). 164 p. cart. Cr$ 10,00. (5/43). Coelho Branco.

MAGNE, S. J. (Augusto). — Curso ginasial de latim. Noções fundamentais de gramática latina. (14/20). 267 p. cart. Cr$ 16,00. (4/43). Livr. Martins.

MAGNE (Augusto). — Curso ginasial de latim, III. Primeira antologia latina, 1.ª e 2.ª série ginasial. (14/19). 339 p. cart. Cr$ 14,00, (2/43). Segunda antologia latina. 3.ª e 4.ª série ginasial. (14/19). 410 p. cart. Cr$ 16,00. (3/43). Ed. Anchieta.

MARTINS (Mario Augusto). — My lessons for advance pupils, II. With conversation exercises. Direct method. (4/20). 153 p. cart. Cr$ 7,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

MARTINS (Mário R.). — A evolução da lingua nacional. (14/19). 365 p. cart. Cr$ 25,00. (8/43). Borsoi, Rio.

MENDES, (Brito). — A função dos acentos em português. (14/18). 47 p. br. Cr$ 4,00. (6/43). Z. Valverde.

MONTEIRO (Clóvis). — Nova antologia brasileira ou Curso da lingua vernácula. (13/19). 484 p. il. cart. Cr$ 18,00, (8.ª ed. 8/43). Briguiet.

MORAES (João Barbosa de). — Leitura amena, para a 2.ª série primária. Ils. de J. Machado. (14/19). 190 p. cart. Cr$ 5,50. Nova ed. (8/43). A Noite-Jacinto.

MORAES (João Barbosa de). — Para as classes de português. Sintaxe, análise lógica, composição de palavras. (13/19). 312 p. cart. Cr$ 12,00. (5/43). Jacinto.

MORAIS (B. Bueno de). — A nova ortografia da nossa lingua. Dec.-Lei 5.186 de 13-1-1943. (14/19). 31 p. br. Cr$ 1,50. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

MORAIS (Bento Bueno de). — A nossa lingua Programa de português para a 1.ª e 2.ª série ginasial. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 209 p. cart. Cr$ 12,00. (3/43). Ed. e Publ. Brasil.

MORAIS (Bento Bueno de). — Antologia da nossa Lingua. Livro de leitura para a 1.ª e 2.ª série, curso ginasial feminino. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 131 p. cart. Cr$ 10,00. (4/43).
Curso ginasial masculino. (14/19). 119 p. cart. Cr$ 10,00. (4/43). 3.ª e 4.ª séries, curso ginasial feminino. (14/19). 146 p. cart. Cr$ 12,00. (4/43). Curso ginasial masculino. (14/19). 167 p. cart. Cr$ 12.00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

MORAIS (Bento Bueno de). — Vocabulário ortográfico. Baseado no Dec.-Lei 5186, de 13-1-1943. (14/19). 136 p. br. Cr$ 5,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

MOURA (Luciano Cesar de). — English practical lessons. First volume, 2nd grade. (17/24). 96 p. il. cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 8/43). Ed. Melhoramentos.

NASCENTES (Antenor). — Antologia espanhola e hispano-americana. (14/19). 189 p. cart. Cr$ 12,00. (9/43). Z. Valverde.

NASCENTES (Antenor). — Gramática da lingua espanhola para uso dos brasileiros. (14/21). 183 p. cart. Cr$ 12,00. (5.ª ed. 8/43). Cia. Ed. Nacional.

NOBREGA (Vandick Londres da). — O latim do ginásio. Programa completo da 1.ª e 2.ª séries do curso de ginásio. (14/20). 227 p. cart. Cr$ 13,00. (3/43 + 2.ª ed. 4/43 + 3.ª 5/43). Programa completo da 3.ª e 4.ª séries do curso do ginásio. (14/20). 385 p. il. cart. Cr$ 13,00. (7/43). Cia. Ed. Nacional.

NOGUEIRA (Julio). — A linguagem usual e a composição. (16/23). 295 p. cart. Cr$ 15,00. (6.ª ed. 1/43). Freitas Bastos.

NOGUEIRA (Julio). — Programa de português. Gramática. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 123. (14/20). 311 p. cart. Cr$ 15,00. (3/43). Cia. Ed. Nacional.

PASSOS (Alexandre). — Arte de pontuar. (Notações sintáticas). (12/18). 200 p. cart. Cr$ 12,00. (11/43). Pongetti.

PENIDO FILHO (Raul). — Le français. Première année. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 132. (14/20). 150 p. il. cart. Cr$ 10,00. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

PEREIRA (Ambrosina Rodrigues). — Cartilha para o ensino simultâneo da leitura e da escrita. (14/19). 112 p. il. cart. Cr$ 3,50. (33.ª ed. 4/43). Livr. Alves.

PEREIRA (Ambrosina Rodrigues). — Eu já sei ler. Leitura intermediária. (13/19). 144 p. il. cart. Cr5 4,50 (6.ª ed. 8/4.). Livr. Alves.

PEREIRA (Eduardo Carlos). — Gramática expositiva. Curso elementar. Adaptada à

ortografia oficial por Laudelino Freire. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 4.. (14/20). 174 p. cart. Cr$ 8,00. (94.ª ed. 4/43+95.ª e 96.ª ed. 12/43).

Curso superior. Adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire. B. P. B. s. 2.ª Livros Didáticos, 5. (14/20). 422 p. cart. Cr$ 16,00. (60.ª ed. 7/43). **Cia. Ed. Nacional.**

PETER (José Ladislau). — Gramática latina para os ginásios do Brasil. Remodelada, rev. e aumentada por Marques da Cruz. (13/18). 294 p. cart. Cr$ Cr$10,00. (30.ª ed. 4/43). **Ed. Melhoramentos.**

POSADA (Leonor), BELLUCI (Arnaldo). — Leituras cívicas. (Antologia). 1.ª e 2.ª séries. (14/19). 338 p. cart. Cr$ 15,00. (5/43). **Livr. Alves.**

POZO (Adolfo Pozo y). — Florilegio castellano. Literatura española. Col. de Livros Didáticos = F. T. D. (12/18). 414 p. il. cart. Cr$ 24,00. (3/43). **Livr. Alves.**

POZO (Adolfo Pozo y). — Gramática española. Col. de livros Didáticos = F. T. D. (12/18). 258 p., cart. Cr$ 15,00. (3/43). **Livr. Alves.**

RABELO (Célia). — Os três amigos. Leitura intermediária. 1.º ano. Ils. de Buth. (suplemento de Testes: 36 folhas). (14/21). 94. p. cart. Cr$ 5,50 (10.ª ed. 4/43). **Cia. Ed. Nacional.**

RAEDERS (Georges), MORAES (Domingos de Vilhena). — La littérature française par les textes et l'explication. (14/20). 544 p. il. cart. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 5/43). **Cia. Ed. Nacional**

RAGON (Émile). — Gramática latina. Curso médio. Trad. Mario Bachelet. Col. de Livros Didáticos = F. T. D. (12/18). 358 p. cart. Cr$ 15,00. (Nova ed. 3/43) **Livr. Alves.**

REIS (Morel Marcondes). — Contos brasileiros. 4.º livro. (14/19). 213 p. il. cart. Cr$ 5,50. (6.ª ed. 2/43). **Livr. Alves.**

RIALVA (Rita Amil de). — O clube dos sete amigos. Leitura para o 3.º ano primário. (14/19). 144 p. il. cart. Cr$ 7,00. (4.ª ed. 6/43). **Briguiet.**

RIALVA (Rita Amil de). — Luizinha aos oito anos. Leitura para o 2.º ano. (14/19). 126 p. il. cart. Cr$ 6,50. (4.ª ed. 7/43). **Briguiet.**

RIALVA (Rita Amil de). — De Março a Dezembro. Leitura para o 4.º ano primário. (14/19). 192 p. il. cart. Cr$ 7,00. (4.ª ed. 7/43). **Briguiet.**

RIALVA (Rita Amil de). — Meu novo amigo. (Cartilha). (13/18). 84 p. il. cart. Cr$ 5,00. (3/43). **Briguiet.**

RIALVA (Rita Amil de). — A vida de Maria Lucia. Leitura intermediária. (14/19). 102 p. il. cart. Cr$ 6,50. (3.ª ed. 3/43). **Briguiet.**

RIBEIRO (Hilário). — Cartilha nacional. Novo primeiro livro. Ensino simultâneo da leitura e da escrita. (12/18). 77 p. il. Cr$ 1,20. 236.ª ed. (7/43). **Livr. Alves.**

RIBEIRO (Nogueira). — Preceituário da ortografia nacional. (14/19). 131 p. cart. Cr$ 13,00. (8/43). **Ed. Peixoto.**

RIGO (Raul Reinaldo). — Método adiantado de inglês sem mestre. (13/19). 130 p. br. Cr$ 8,00. (11/43-1944). **Antunes.**

RIGO (Raul Reinaldo). — Método prático de espanhol sem mestre. (16/12). 96 p. br. Cr$ 5,00. (9/43). **Antunes.**

RIGO (Raul Reinaldo). — Portuguese self Taught. A quick simple and easy method for English speaking people. (Português sem mestre). (16/12). 95 p. br. Cr$ 6,00. (12/43-1944). **Antunes.**

RIGO (Raul Reinaldo). — 45 Lições de inglês sem mestre. (16/12). 104 p. br. Cr$ 5,00. (4.ª ed. 6/43). **Antunes.**

ROCHA (Sebastião de Oliveira). — Cartilha ativa. (16/23). 89 p. il. cart. Cr$ 4,00. (3/43). **Livr. Alves.**

ROMERO (Nelson). — O programa de latim no ginásio. Gramática e texto. 1.ª e 2.ª séries. (14/19). 220 p. cart. Cr$ 13,00. (3/43+2.ª ed. 4/43). — 3.ª e 4.ª séries. (14/19). 327 p. cart. Cr$ 18,00. (5/43). **Livr. Alves.**

RUBBIANI (Ferruccio). — Dicionário para as "Fábulas" de Fedro. Col. Dicionários para os Clássicos Latinos. (12/18). 95 p. Cr$ 6,00. (11/43). **Livr. Humberto Ghiggino.**

RUBBIANI (Ferruccio). — Dicionário para "Eutropii Breviarium". Col. Dicionários para os Clássicos Latinos. (12/18). 52 p. br. Cr$ 4,00. (11/43). **Livr. Humberto Ghiggino.**

RUBBIANI (Ferruccio). — Eutropii Breviarium ab urbe condita. Col. dos Clássicos Latinos Para as Escolas Secundárias. (12/18). 125 p. br. Cr$ 8,00. (11/43). **Livr. Humberto Ghiggino.**

SANTOS (Lígia de Moura). — Série O Bom Colegial. 2.º ano. (Phimavera da alma, do Prof. Cesar Martinez; rev. e atualizado). (14/19). 156 p. il. cart. Cr$ 5,00. (18.ª ed. 8/43). — 3.º ano. (Leituras morais do Prof. Arnaldo de Oliveira; rev. e atualizado). (14/19). 184 p. il. cart. Cr$ 5,50. (27.ª ed. 8/43). — 4.º ano. (Almas das cousas, do Prof. Cesar Martinez; rev. e atualizado). (14/19). 220 p. il. cart. Cr$ 6,00. (16.ª ed. 8/43). **Livr. Alves.**

SANTOS (Máximo de Moura). — O pequeno escolar (1.º livro). Anotado e comentado por Máximo de Moura Santos. Série Moura Santos. (14/20). 92 p. il. cart. Cr$ 4,00. (61.ª ed. 12/43). **Cia. Ed. Nacional.**

SCHMIDT (Isabel Junqueira). — English. Fourth grade. (13/20). 235 p. il. cart. Cr$ 14,00. (5/43). **Cia. Ed. Nacional.**

SCHMIDT (Maria Junqueira). — Cours de français. 2ème année. Ils. de J. U. Campos. (16/22). 117 p. cart. Cr$ 15,00. (7/43). — 3ème et 4ème années. B.P.B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 133. (14/20). 313 p. il. cart. Cr$ 16,00. (5/43). **Cia. Ed. Nacional.**

SERPA (Oswaldo), — Modern English grammar. (13/19). 190 p. cart. Cr$ 14,00. (4.ª ed. 5/43). **Livr. Alves.**

SERPA (Oswaldo), SILVA (Machado da). — English for children. Direct method. First book. Ils. de A. Espinheira. (16/23). 95 p. il. cart. Cr$ 12,00. (6.ª ed. 3/43). **Livr. Alves.**

SERPA (Oswaldo), SILVA (Paulo Cesar Machado da). — Paul and Mary. Second book of English for children. Direct Method. Ils. A. Espinheira. (16/23). 107 p. cart. Cr$ 14,00. (3.ª ed. 4/43). **Livr. Alves.**

SERRANO (Jonathas). — Antologia brasileira. (13/20). 271 p. cart. Cr$ 15,00. (3/43). **Livr. Martins.**

SETTE (Mario). — Brasil, minha terra/ Leituras cívicas. (13/18). 214 p. il. cart. Cr$ 6,00. (10.ª ed. 8/43). **Ed. Melhoramentos.**

SIEGLAR (Ana Teodora). — Antologia latina. Para as 4 séries do curso ginasial. (14/20). 390 p. cart. Cr$ 20,00. (4/43). **Saraiva.**

SIEGLAR (Ana Teodora). — Gramática latina. (14/20). 216 p. cart. Cr$ 15,00. (2/43). **Saraiva.**

SILVA (P. A. B. Alves da). — Gramática grega. (17/24). 319 p. cart Cr$ 22,00. (1942-3/43). **Esc. Prof. Salesianos, Niterói.**

SIRCULO Osbriano. — 3 Anos de ortografia simplificada brazileira. Opusculo 4.º Comemorativo do 3.º aniversário da publ. da OSB, pelo General Klinger. Colaboração de Vários Osbrianos. (16/23). 234 p. br. Cr$ 16,00. (8/43). **Distr. Z. Valverde.**

SOARES (Conselheiro Antonio Joaquim Macedo). — Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro. Obras Completas, II. (16/23). 269 p. br. Cr$ 25,00. (3/43). **Imp. Nacional.**

SOLANA (Vicente), MORAIS (Bento Bueno de). — Gramática castellana. Col. Didática Nacional. (14/19). 203 p. cart. Cr$ 15,00. (7/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

SOUZA (Climério de Oliveira), BARRETO FILHO (Mello). — It's easy to learn portuguese. E' fácil aprender português. The portuguese language as spoken in Brazil. (13/18). 180 p. br. Cr$ 15,00. (1942-3/43+2.ª ed. 9/43). **Alba.**

SOUZA (Julio Cesar de Mello e). — Alegria de ler. (13/19). 241 p. il. br. Cr$ 7,00. (5.ª ed. 5/43). **Getulio Costa.**

TÔRRES (Artur de Almeida). — Compêndio de lingua portuguesa. Antologia. 1.ª e 2.ª séries. B.P.B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 117. (14/20). 315 p. cart. Cr$ 13,00. (2/43+2.ª ed. 5/43). — 3.ª e 4.ª séries. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 118. (14/20). 415 p. cart. Cr$ 18,00. (3/43). — Gramática. (Para o curso ginasial). B.P.B. s. 2.ª, Livros Didáticos 116. (14/20). 259 p. cart. Cr$ 13.00. (2.ª ed. 5/43). **Cia. Ed. Nacional.**

TÔRRES (Artur de Almeida). — Questões filosóficas. (16/24). 118 p. br. Cr$ 10,00. (3/43). **Pongetti.**

TORRES (Artur de Almeida). — Regência verbal. (17/24). 238 p. br. Cr$ 25,00. (3.ª ed. 3/43). **Pongetti.**

VASCONCELLOS (Nuno Smith de). — English anthology. B.P.B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 30. (14/20). 292 p. il. cart. Cr$ 16,00. (7.ª ed. 8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

VASCONCELLOS (Nuno Smith de). — English intuitive method. 1.º vol. para a 2.ª série ginasial. B.P.B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 50. (14/20). 189 p. il. cart. Cr$ 12,00. (8.ª ed. 3/43). **Cia. Ed. Nacional.**

VASCONCELOS (Viveiros de). — Verbos portugueses e rudimentos de análise léxica. (13/18). 80 p. br. Cr$ 2,50. (24.ª ed. 8/43). **Ao Livro Novo.**

VIANA (Francisco Furtado Mendes). — Leituras infantis. Cartilha. (15/21). 72 p. il. cart. Cr$ 4,00. (45.ª ed. 10/43). **Livr. Alves.**

VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Como se aprende o francês comercial. (3.º ano do curso propedêutico). (14/19). 136 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 3/43). **Livr. Franco-Brasileira.**

WAGNER (Luiz Amaral). — Nosso Brasil, para o 4.º grau primário. (14/20). 220 p. il. cart. Cr$ 6,00. (54.ª ed. 5/43). **Cia. Ed. Nacional.**

YAZIGI (Elias). — Pratical lessons in English. Ist grade comercial course. Col. Didática Nacional, Série Comercial. (14/19). 102 p. il. cart. Cr$ 8,00. (1/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

4-8) LETRAS

B) Literatura

B.1) Generalidades. História Literária. Ensaios. Crítica. Cartas. Crônicas.

AGROBOM (Gil de). — As contradições do Padre Antônio Vieira e outros escritos. Com uma carta autógrafa de Capistrano de Abreu. (13/19). 145 p. 6 pranchas, br. Cr$ 15,00. (4/43). **Distr. Autunes.**

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — A opulência vocabular de Claudio de Souza. (Separata do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro). (11/18). 32 p. br. (12/43). **Jornal do Comércio.**

ALENCAR (José de). — O Ermitão da Glória. A alma do Lázaro. Crônica dos tempos coloniais. (Alfarrábios). (12/18). 143 p. br. Cr$ 7,00. (12/43). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — O Garatuja. Crônica dos tempos coloniais. (Alfarrábios). (12/18). 160 p. br. Cr$ 8,00. (11/43). **Ed. Melhoramentos.**

AL)NCAR (Renato de). — "Canário" e seus contemporâneos. (16/23). 191 p. br. Cr$ 15,00. (6/43). **Distr. Ed. Pan-Americana.**

ALVES (Manuel). — Anedotas curiosas. (13/18). 104 p. br. Cr$ 4,00. (2.ª ed. 1/43). **Tip. Glória, Rio.**

ANDRADE (Mario de). — Aspectos da literatura brasileira. Pref. Alvaro Lins. Col. Joaquim Nabuco. (13/19). 251 p. br. Cr$ 14,00. (2/43). **Americ-Edit.**

ANDRADE (Mario de). — O baile das quatro artes. Col. Mosáico, 2. (12/18). 144 p. cart. Cr$ 10,00. (5/43). **Livr. Martins.**

ANDRADE (Mario de). — Os filhos da Candinha. (14/20). 165 p. br. Cr$ 12,00. (8/43). **Livr. Martins.**

ANSELMO (Manuel). — Família literária Luso-Brasileira. (Ensaios de literatura e estética). (13/19). 286 p. br. Cr$ 12,00. (2/43). **José Olympio.**

AULER (Guilherme). — Antonio Sardinha. Ed. do Ciclo Cultural Luso-Brasileiro, Recife. (14/19). 275 p. br. Cr$ 7,00. (7/43). **Distr. Livros de Portugal.**

AUSTREGESILO (A.). — Perfis de loucos. Obras Completas, 21. (13/19). 209 p. br. Cr$ 6,00. (4/43). **Guanabara.**

BASTIDE (Roger). — A poesia Afro-Brasileira. Col. Mosaico, 4. (12/18). 151 p. cart. Cr$ 12,00. (12/43). **Livr. Martins.**

BENDA (Julien). — O pensamento vivo de Kant. Trad. Wilson Veloso. Bibl. do Pensamento Vivo, 16. (12/18). 213 p. cart. Cr$ 12,00. (10/43). **Livr. Martins.**

BERDIAEFF (Nicolai). — O espírito de Dostoievski. Trad. Otto Schneider. (13/19). 291 p. br. Cr$ 18,00. (10/43). **Ed. Panamericana.**

BOCAGE. — Anedotas e poesias. Col. Popular. (14/19). 80 p. br. Cr$ 2,00. (Nova ed. 12/43). **Antunes.**

BOTAFOGO (D. Juan de). — Manual do namorado. (14/19). 223 p. cart. Cr$ 10,00. (Nova ed. 12/43-1944). **Livr. Quaresma.**

CARNEIRO (Levi). — Na Academia. (16/23). 366 p. br. Cr$ 20,00. (5/43). **Civilização.**

CARPEAUX (Otto Maria). — Origens e fins. Ensaios. (13/20). 402 p. br. Cr$ 15,00. (12/43). **Casa do Estudante.**

CAVALCANTI (Povina). — Ausência da poesia. (14/20). 229 p. br. Cr$ 12,00. (7/43). **Coelho Branco.**

CAVALHEIRO (Edgard). — Biografias e biógrafos. Col. Caderno Azul, 12. (14/19). 81 p. br. Cr$ 3,00. (10/43). **Ed. Guaíra.**

CRUCRUTS (Hans Von). — Eu foi irmon chêmeo ta Atolfinhes. (Memórrias inakapatos ta Professor Hans von Chucruts). (13/19). 109 p. br. Cr$ 6,00. (11/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

COTTAS (Maria). — Folhas esparsas. Pref. Othon Ewald. (12/19). 160 p. br. Cr$ 8,00. (10/43). **Gr. Taveira.**

ESOPO. — Fábulas. Trad. da língua grega por Manuel Mendes da Vidigueira. Pref. José Pérez. Série Clássica de "Cultura", Os Mestres do Pensamento, 32. (10/17). 229 p. br. Cr$ 25,00. (12/43). **Ed. Cultura.**

FIDELIS (Zé). — História do mundo. Pref. Armando Bertoni. (13/19). 98 p. il. br. Cr$ 6,00. (3.ª ed. 8/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

FIDELIS (Zé). — Meningite agúda. Pref Raul Duarte. (13/19). 129 p. br. Cr$ 7,00. (9/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

FIGUEIREDO (Fidelino de). — Depois de Eça de Queirós. Col. E. C. C., Série I, n.° 2. (14/22). 135 p. br. Cr$ 10,00. (10/43). **Ed. Clássico-Cientifica.**

FREITAS JÚNIOR (Otávio de). — Ensaios do nosso tempo. Pref. Mario de Andrade. Prêmio José Veríssimo da Academia Brasileira de Letras. (12/18). 127 p. br. Cr$ 6,00. (8/43). **Casa do Estudante.**

GIDE (André). — Montaigne apresentado por André Gide. Trad. Sérgio Milliet. Bibl. do Pensamento Vivo, 2. (12/18). 193 p. cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 9/43). **Livr. Martins.**

GONÇALVES (Paulo). — Obras Completas. 1.° volume: Poesia e teatro. Poesia. Teatro em verso. Série "Últimas Gerações", 1. (16/23). 241 p. br. Cr$ 25,00. (11/43). — 2.° volume: Teatro em prosa. Páginas avulsas. (16/23). 181 p. br. Cr$ 25,00. (11/43). **Ed. Cultura.**

GOYCOCHÊA (Castilhos). — Ideário. (14/20). 127/20). 127 p. br. Cr$ 5,00. (7/43). **Alba.**

GUSMÃO (Alexandre de). — Obras. Cartas. Poesias. Teatro. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa "Os Mestres da Lingua", 15. (11/17). 263 p. br. Cr$ 25,00. (9/43). **Ed. Cultura.**

HEINE (Heinrich). — Amor, supremo amor... Com um perfil do poeta por J. Barbey D'Aurevilly. Trad. Edison Carneiro. Col. Os Grandes Nomes. (12/19). 225 p. br. Cr$ 10,00. (10/43). **Vecchi.**

JÚLIO (Silvio). — Projeção universal de Eça de Queiroz. (14/19). 79 p. br. Cr$ 4,00. (6/43). **Antunes.**

LIMA (Hermes). — O pensamento vivo de Tobias Barreto. Bibl. do Pensamento Vivo, 15. (12/18). 193 p. cart. Cr$ 12,00. (8/43). **Livr. Martins.**

LINS (Alvaro). — Jornal de critica. 2.ª série. (13/19). 360 p. br. Cr$ 15,00. (4/43). **José Olympio.**

LINS (Alvaro). — Notas de um diário de critica. 1.° volume (I-CC). (13/19). 186 p. br. Cr$ 12,00. (10/43). **José Olympio.**

LOBATO FILHO (General). — Peças do meu arquivo. (13/19). 93 p. br. Cr$ 8,00. (6/43). **Pongetti.**

MAHABHARATA. — Reconstrução da epopéia feita sôbre os originais sânscritos com prolegômenos e anotações por Annibal Mello de Noronha e Faro. Série Clássica de "Cultura", "Os Mestres do Pensamento", 28. (10/17). 407 p. br. Cr- 30,00. (8/43). **Ed. Cultura.**

MARIÓFILO. — Mãe brasileira. (13/19). 199 p. br. Cr$ 10,00. (11/43). **Ed. Vozes.**

MATOS — (Gregório de). — Obras Completas. Tômo I, Sacra Lírica. Graciosa. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Lingua", 9. (10/17). 389 p. br. Cr$ 25,00. (5/43). — Tômo II. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Lingua", 10. (10/17). 347 p. br. Cr$ 25,00. (5/43). **Ed. Cultura.**

MAUROIS (André). — O pensamento vivo de Voltaire. Trad. Livio Teixeira. Bibl. do Pensamento Vivo, 3. (12/18). 217 p. cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 3/43). **Livr. Martins.**

MAYA (Alcides). — Machado de Assis (Algumas notas sobre o "Humour"). (15/22). 165 p. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 1942 — 4/43). **Academia Brasileira.**

MEYER (Augusto). — Prosa dos pagos. Col. Mosaico, 3. (12/18). 165 p. cart. Cr$ 12,00. (9/43). **Livr. Martins.**

MOOG (Viana). — Uma interpretação da literatura brasileira. Conferência. (12/16). 80 p. br. Cr$ 4,00. (4/43). **Casa do Estudante.**

MURAD (Jorge). — Anedotas da guerra. N.° 1. (18/27). 55 p. il. br. Cr$ 3,00. (7/43). **Livr. Victor.**

NESTOR (Odilon). — Atenas, Roma e Jesús. Ensaio. Pref. Gilberto Freyre. (12/18). 88 p. br. Cr$ 5,00. (4/43). **Casa do Estudante.**

ORNELLAS (Manoelito). — Simbolos bárbaros. Ils. de Edgar Koetz. (16/23). 165 p. br. Cr$ 15,00. (8/43). **Globo.**

ORTIGÃO (Ramalho), QUEIROZ (Eça de). — As Farpas. Seleção e pref. de Gilberto Freyre. Col. Clássicos e Contemporâneos, 9 + 9-A. (14/22). 2 vol. 305 + 306 p. br. Cr$ 36,00. (4/43). **Ed. Dois Mundos.**

PANORAMA da Literatura Estrangeira Contemporânea. Conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras, pelos senhores Fortunat Strowsky, Jan Lechou, Fidelino de Figueiredo, Paul Frischauer, Giulio Dolci, Paulo Rónai, Frei Mansueto Kolmen, O. F. M., Erich Churc, Leopold Stern, Franz J. van Cauwelaert, Takis Politis, José Maria Del Rey, Padre Pierre Charles, S. J., E. Rodriguez Babregat, Carolina Nabuco, Conde Emmanuel de Bennigsen, Ministro Jean Désy. Pref. Levi Carneiro. (17/24). 483 p. br. Cr$ 20,00. (4/43). **Academia Brasileira**

PASSOS (Alexandre). — A nova geração intelectual da Bahia. (Aditamento ao ensaio "Letras Bahianas"). (13/18). 27 p. br. Cr$ 3,00. (4/43). **Pongetti.**

PEIXOTO (Afrânio). — Parábolas. (13/19). 314 p. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 9/43). **Cia. Ed. Nacional.**

PEIXOTO (Afrânio). — Poeira da Estrada. Ensaios de critica e de História. (13/19). 431 p. br. Cr$ 15,00. (12/43 — 1944). **Cia. Ed. Nacional.**

PEREIRA FILHO (Genésio). — Um tema e tres obras. (Em tôrno de "Rebecca", "A Sucessora" e "Encarnação"). (13/19). 191 p. br. (1942 — 4/43). **S. E. Panorama.**

PIMENTEL FILHO (Francisco Mendes). — Vultos e assuntos de destaque. Pref. Affonso Penna Junior). (16/23). 185 p. br. (7/43). **Jornal do Comércio.**

PIMENTEL (Mesquita). — Alguns estudos de literaturas estrangeiras. (16/23). 147 p. br. Cr$ 14,00. (3/43). **Ed. Vozes.**

PITANGA (Argelino da Costa). — "Carapuça". (11/16). 15 p. br. Cr$ 2,00. (3/43). **H. Velho.**

POETAS Norteamericanos. — Pro cooperacion intelectual entre los pueblos americanos. Prologo de Gastón Figueira. (Editorial "Novo Continente"). (13/19). 188 p. br. Cr$ 10,00. (1942 — 3/43). **Bipa Ed., Rio.**

RAMALHO (J.). — Ensaio. Enigmas da filosofia e o crepusculo da civilização. (14/19). 76 p. br. Cr$ 4,00. (1942 — 7/43). **Baptista de Souza.**

RAPOSO (Abel de Senna). — Recordações de um amor que já morreu. Cartas de Amor. (14/20). 20 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). **Ed. Autor, Rio.**

RENAN (Ernest). — Pages choisies. (12/19). 280 p. br. Cr$ 25.00. (10/43). **Americ — Edit.**

RINO SOBRINHO (Artur). — Conversa com Gilberto Freyre. Seguida por quatro artigos de Gilberto Freyre. (12/16). 35 p. br. (11/43). **Ed. Autor, Rio.**

ROLLAND (Romain). — O pensamento vivo de Rousseau. Trad. J. Cruz Costa. Bibl. do Pensamento Vivo, 1. (12/18). 199 p. cart. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 5/43). **Livr. Martins.**

SALÚSTIO. — Obras. Antiga. Trad. portuguesa de Barreto Feio. Série Clássica de "Cultura", "Os Mestres do Pensamento", 31. (10/18). 208 p. br. Cr$ 25,00. (11/43). **Ed. Cultura.**

SILVA (F. L. de Azevedo). — Erro não se consagra. I, Porque Rio de Janeiro. II, O direito à luz do espiritismo. (13/19). 216 p. br. Cr$ 20,00. (10/43). **Gr. Muniz.**

SILVA (M. Nogueira da). — Gonçalves Dias e Castro Alves. (13/19). 167 p. br. Cr$ 8,00. (4/43). **A Noite.**

SILVA NETO (Serafim). — Critica serena. Erros, confusões e atrasos do Snr. Cândido Jucá (filho). (16/23). 18 p. br. Cr$ 2,00. (8/43). **Ed. Autor, Rio.**

SODRÉ (Nelson Werneck). — Síntese do desenvolvimento literário no Brasil. Col. Mosaico, 1. (12/18). 118 p. cart. Cr$ 8,00. (3/43). **Livr. Martins.**

SOUSA (Cruz e). — Obras. Tomo I, Versos: Broquéis, Farois, Ultimos sonetos, Poemas avulsos. Introdução de Fernando Góes. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Lingua", 13. (10/18). 364 p. br. Cr$ 25,00. (8/43). — Tomo II, Prosa: Missal, Evocações. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Lingua", 14. (10/18). 405 p. br. Cr. 25,00. (8/43). **Ed. Cultura.**

STERN (Léopoldo). — Boutades et paradoxes sur l'amour. (13/19). 243 p. br. Cr$ 20,00. (11/43). **Distr. Civilização.**

VERGARA (Pedro). — A poesia moderna Riograndense. Apresentação de Claudio de Souza. (19/28). 111 p. br. Cr$ 30,00. (8/43). **Jornal do Comércio.**

VIDA Intelectual nos Estados Unidos. Palestras promovidas no ano de 1941. Vol. I. Pref. A. C. Pacheco e Silva. União Cultural Brasil-Estados Unidos. (13/19). 226 p. br. Cr$ 8,00. (6/43). **Ed. Universitária.**

VIRGÍLIO. — Obras Completas. Bucólicas. (Trad. Leonel da Costa Lusitano). Geórgicas (Trad. Antonio Feliciano de Castilho). Eneida (Trad. Odorico Mendes). Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, "Os Mestres do Pensamento", 26. (10/18). 390 p. br. Cr$ 30,00. (5/43). **Ed. Cultura.**

WELDER (Robert). — O pensamento vivo de Freud. Trad. Catarina Baratz Canabrava. Bibl. do Pensamento Vivo, 14. (12/18). 193 p. cart. Cr$ 12,00. (7/43). **Livr. Martins.**

YUTANG (Lin). — Com amor e ironia. Pref. Pearl S. Buck. Trad. Carlos Domingues. Ils. Kurt Wiese. (14/20). 350 p. br. Cr$ 18,00. enc. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 9/43). **Pongetti.**

ZWEIG (Stefan). — A marcha do tempo. Encontros com o destino. Países e paisagens. A Marcha do tempo. Nota de Richard Friedenthal. Trad. Bruno Zander e Hugo Fortes. Ed. Uniforme, 18. (14/22). 294 p. br. Cr$ 23,00, enc. Cr$ 30,00. (11/43). **Ed. Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — O pensamento vivo de Tolstoi. Trad. Ligia Autran Rodrigues Pereira. Bibl. do Pensamento Vivo, 13. (12/18). 185 p. cart. Cr$ 12,00. (2/43). **Livr. Martins.**

4-8. B. 2) TEXTOS DE ESTUDOS

(Literatura Antiga e Moderna)

COUTO (Annibal de Mello). — Noções de literatura. (14/19). 135 p. br. Cr$ 10,00. (8/43). **Coelho Branco.**

LANTEUIL (Henri de). — Histoire littéraire. Auteurs et textes. Moyen-âge. Renaissance. XVII^e e XVIII^e. 2^e cycle. 1^e série. (14/19). 297 p. il. cart. Cr$ 20,00. (10/43). **Livr. Alves.**

LEITE (Armando Más). — Seleta Contemporânea. Pref. e conclusão de Oscar Mendes e J. Etienne Filho. Ils. de Armando Pacheco. (16/23). 336 p. cart. Cr$ 20,00. (12/43). **Ed. Vozes.**

NOBREGA (Vandick Londres da). — Vn. Londinium). — A "Arte poética" de Horacio. Tése. (17/24). 214 p. br. Cr$ 30,00. (12/43). **Gr. Cruzeiro do Sul.**

ROMERO (Silvio). — História da literatura brasileira. 3.ª ed. organizada e pref. por Nelson Romero. Col. Documentos Brasileiros, 24. (14/23). 5 tomos, 337 + 370 + 386 + 358 + 481 p. br. Cr$ 200,00; enc.

Cr$ 250,00; 200 exemplares em papel Bufon especial: Cr$ 500,00. (3.ª ed. 7/43).
José Olympio.

RÓNAI (Paulo). — Tendências e figuras da literatura Húngara. Conferência. Separata do Panorama da Literatura Estrangeira Contemporânea, publ. pela Academia Brasileira de Letras. (17/24). 38 p. br. (8/43). **Bedeschi.**

SILVEIRA (Brenno). — Pequena história da literatura Norte-Americana. Col. A Marcha do Espírito, 11. (14/22). 243 p. il. br. Cr$ 20,00. (12/43). **Livr. Martins.**

THIBAUDET (Albert). — Histoire de la littérature française (de 1789 à nos Jours) 12/19). 2 vols. 354 + 366 p. br. Cr$ 50,00. (9/43). **Americ — Edit.**

ABREU (Casimiro de). — Obras Completas. Pref. Murillo Araujo. Col. Grandes Poetas doo Brasil, 4. (13/19). 215 p. cart. Cr$ 9,00. (1/43). **Z. Valverde.**

ACCIOLI (João). — Olho d'água. (13/19). 142 p. br. Cr$ 8,00. (2.ª ed. 7/43).
Civilização.

ALMEIDA (Moacir de). — Poesias Completas. Gritos bárbaros e outros poemas. Pref. Attilio Milano. Col. Grandes Poetas do Brasil, 9. (13/19). 157 p. cart. Cr$ 9 00. (9/43). **Z. Valverde.**

ALVARENGA (Manuel Ignacio da Silva). — Glaura. Poemas eróticos. Pref. Afonso Arinos de Melo Franco. Bibl. Popular Brasileira, 16. (12/17). 283 p. br. Cr$ 3,00. (19/43). **Inst. Nacional do Livro.**

ALVES (Amil). — O canto da liberdade e outros poemas. (13/19). 111 p. br. Cr$ 7,00. (6/43). **Borsoi, Rio.**

ALVES (Castro). — Espumas flutuantes. Notas de Afranio Peixoto. (13/19). 250 p. br. Cr$ 10,00. (Nova ed. 9/43). **Antunes.**

ALVES (Castro). — Obras completas. I, A Cachoeira de Paulo Afonso. O Escravos. Traduções e inéditos. Pref. Agripino Grieco. Col. Grandes Poetas do Brasil, 5. (13/19). 209 p. cart. Cr$ 9.00. (4/43). **Z. Valverde.**

ALVES (Castro). — Poemas de amor. Introdução de Jamil Almansur Haddad. Col. Seleções Preciosas, I. (20/29). 178 p. br. Cr$ 45,00. (12/43). **A Bolsa do Livro.**

ALVES (Geraldo Costa). — Jardim das Hespérides. (13/19). 191 p. br. Cr$ 12,00. (9/43). **Of. Vida Capichaba, Vitória.**

ARAUJO (Narciso). — Poesias (1.ª série). Pref. Celso Calmon. (13/19). 181 p. br. Cr$ 8,00. (1942-7/43). **José Olympio.**

AZEVEDO (Álvares de). — Poesias Completas. I, Lira dos vinte anos, Pref. Atilio Milano. Col. Grandes Poetas do Brasil, 7. (13/19). 224 p. cart. Cr$ 9,00. (6/43). — II, Poesias diversas. O poema do Frade. O Conde Lopo. Pref. Edgard Cavalheiro. Col. Grandes Poetas do Brasil, 8. (13/19). 286 p. cart. Cr$ 9,00. (6/43). **Z. Valverde.**

BARATA (Cantimiro). — Espumas. (12/19). 126 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Pongetti.**

BARATA (Ruy Guilherme). — Anjo dos abismos. (13/19). 84 p. br. Cr$ 8,00. (7/43).
José Olympio.

BARROS (C. Paula). — Laguna. Poema. (16/23). 22 p. il. br. Cr$ 5,00. (2/43).
H. Velho.

BASTOS (João). — Caminhos da vida. (13/19). 89 p. br. Cr$ 7,00. (1942-7/43).
José Olympio.

BÉCQUER (Gustavo A.). — Rimas. (Ed. Brasileiras de Literatura Espanhola e Hispano-Americana, sob a dir. de Idel Becker). (12/16). 71 p. br. Cr$ 6,00. (8/43).
Liv. Élo.

BRANCO (R. P. Castelo). — Os sertões. Poema baseado na obra do mesmo título, de Euclides da Cunha. (13/19). 63 p. br. Cr$ 8,00. (9/43). **Liv. Martins.**

CAMÕES. — Obras Completas. 2.º vol. Elegia, Égloga, Oitavas, Canções Sextinas, Odes. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 1-A. (11/18). 323 p. br. Cr$ 25,00. (3/43). — 3.º volume. Redondilhas, Teatro: Comédia dos Anfitriões, Comédia de El-Rei Seleuco, Comédia de Filodemo. Cartas. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 1-B. (11/18). 375 p. br. Cr$ 25 00. (3/43). **Ed. Cultura.**

CARVALHO (Affonso). — Poesias. Ils. de Alberto Lima. (17/24). 200 p. br. Cr$ 50 00. (11/43). **José Olympio.**

CARVALHO (Arthur Accioly Ronald de). — Vozes no tempo. (13/19). 94 p. brr. Cr$ 8,00. (11/43). **Pongetti.**

CASSENA (Luiz Martins). — Fabulário. (Fabulas em versos e outros poemas). (16/22). 99 p. il. br. Cr$ 8,00. (1942-10/43).
Gr. Ondina, Rio.

CEARENSE (Catullo da Paixão). — Poemas bravios (13/19). 271 p. br. Cr$ 8 00. (Nova ed. 1/43). **Bedeschi.**

CEARENSE (Catullo da Paixão). — Sertão em flor. Pref. Mario de Alencar. (13/19). 256 p. br. Cr$ 8,00. (7.ª ed. 8/43). **Bedeschi.**

CEARENSE (Catullo). — Um boêmio no céu. (13/19). 173 p. br. Cr$ 7,00. (3.ª ed. 10/43).
A Noite.

COUTO (Ribeiro). — Cancioneiro do ausente. (15/23). 115 p. br. Cr$ 12,00. (7/43).
Liv. Martins.

CUNHA (Ciro Vieira da). — Alguma poesia. (14/19). 76 p. br. Cr$ 7,00. (1942-7/43).
José Olympio.

DEMENEZES (Eliezér). — Poemas da hora amarga. Pref. Manoelito de Ornellas. (18/22). 81 p. br. Cr$ 10,00. (8/43).
Dist. Globo.

EDMUNDO (Luiz). — Poesias. (12/17). 253 p. br. Cr$ 12,00. (4.ª ed. 12/43-1944).
Dist. Civilização.

FARIA (Maria Adail Philidory de). — Jasmins. (14/19). 60 p. br. Cr$ 6,00. (8/43).
Jornal do Comércio.

FIGUEIREDO (Sylvio). — Atlantes. (14/20). 82 p. br. (11/43). **Batista de Souza.**

GARRÓS (José Boadella). — La caravana de los elefantes. Introdução de Carlos Drummond de Andrade. (13/19). 115 p. br. (12/43). **Pongetti.**

GRAÇA (Itala da). — Poemas, (16/23). 71 p. br. Cr$ 15,00. (10/43).
Jornal do Comércio.

HOMERO. — Iliada. Trad. do grego no metro original por Carlos Alberto Nunes. Bibl. Clássica, 37. (14/19). 445 p. cart. Cr$ 35,00. (Nov ed. 9/43). **Atena Ed.**

ICI des Poètes Canadiens vous parlent du Canada. (13/19). 191 p. br. Cr$ 16,00. (3/43). **Americ. Edit.**

J. C. — A. B. C. do coração. (14/19). 165 p. br. Cr$ 10,00. (12/43).
Cia. Brasileira Artes Gráficas.

JOB. — O livro de Job. Trad. Lucio Cardoso. Ils. de Alix de Fautereau. Col. Rubáiyát, 11. (13/19). 179 p. br. Cr$ 20,00. (300 exempl. papel Bouffant extra creme. 18/25. Cr$ 120,00. (12/43). **José Olympio.**

JORGE (J. G. de Araujo). — Bazar de ritmos. Pref. Carlos Chiacchio. (13/19). 223 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 11/43-1944).
Freitas Bastos.

JORGE (J. G. de Araujo). — Eterno motivo. (14/19). 230 p. br. Cr$ 15,00. (3/43).
Vecchi.

JUVENAL. — Sátiras. Trad. Francisco Antônio Martins Bastos. Pref. José Pérez. Série Clássica de "Cultura", Os Mestres do Pensamento, 30. (10/17). 234 p. br. Cr$ 25,00. (10/43). **Ed. Cultura.**

KEMP (Emilio). — Cantos de amor ao céu e à terra. (13/19). 196 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). **Globo.**

KRISHNAMURTI. — A canção da vida. Trad. Mucio Leão. (15/21). 56 p. br. Cr$ 9,00. (11/43). **Inst. Cult. Krishnamurti.**

LIMA (Nelson de Araujo). — Remigios. (Poemas da aviação). (14/19). 132 p. br. Cr$ 10,00. (10/43). **Coed. Brasilica.**

LINTZ (Zuleika). — Estrêla cadente. (13/19). 85 p. br. Cr$ 10,00. (10/43).
Pongetti.

LÍRICA Brasileira (Obras-Primas da). — Seleção deManuel Bandeira. Notas de Edgar Cavalheiro. Col. A Marcha do Espirito, 12. (15/22). 390 p. br. Cr$ 25,00. (500 exemplares, papel Bouffant, 19/25, Cr$ 90,00). (12/43). **Livr. Martins.**

LISBOA (Henriqueta). — O menino poeta. (13/19). 128 p. br. Cr$ 10,00. (11/43).
Distr. Civilização.

LOPES (Paulo Corrêa). — Canto de libertação. (17/24). 52 p. br. Cr$ 5,00. (4/43).
Tip. Centro, P. Alegre.

LOUYS (Pierre). — O amor de Bilitis (Algumas canções). Trad. Guilherme de Almeida. Col. Rubayat, 8. (13/19). 110 p. il. br. Cr$ 15,00. (100 exempl. papel Vergé, numerados e assinados pelo trad., 18/25, br. Cr$ 80,00). (8/43).
José Olympio.

MAIBON (Jean). — Haut les coeurs ! (14/19). 77 p. br. Cr$ 10,00. (9/43).
Livr. Franco-Brasileira.

MALOUF (Riad). — Nuages. Pref. Menotti Del Picchia. (13/17). 64 p. br. Cr$ 12,00. (9/43). **Distr. Civilização.**

MANGABEIRA (Edyla). — O que ficou de mim... (13/19). 75 p. br. Cr$ 10,00. (7/43). **Pongetti.**

MARANHÃO (Carlos). — Vibrações. 1917-1941. Pref. Jesus Martins. (13/19). 127 p. br. Cr$ 8,00. (10/43). **Pongetti.**

MATHIAS (Marcello). — Doze sonetos e uma canção. (14/20). 45 p. br. 12,00. (10/43).
Distr. Livros de Portugal.

MAUL (Carlos). — A marcha do gigante. Gravuras em madeira, de Odette Barcelos. (22/30). 46 p. br. Cr$ 50,00. (5.ª ed. 4/43). **Bedeschi.**

MENEZES (Alves de). — Aturá de ritimos. Ils. do Autor. (14/19). 122 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Coelho Branco.**

MONTEIRO (Eugenio Carneiro). — Brasil rimado. Pref. Castro Pinto. Ils. de Alves de Menezes. (16/23). 206 p. br. Cr$ 20,00. 11/43). **A Noite — H. Velho.**

MORAES (Durval de). — Solidão sonora. (14/19). 164 p. br. Cr$ 14,00. (12/43).
Stella Ed.

MORAES (Vinicius de). — 5 Elegias. (13/19). 45 p. br. Cr$ 10,00. (7/43).
Pongetti.

NAPOLEÃO (Martins). — O prisioneiro do mundo. (1941 - 1943). E. do P. E. N. Clube. (17/24). 126 p. br. Cr$ 10,00. (9/43). **Distr. Z. Valverde.**

NASCIMENTO (Faustino). — Cantos da paz e da guerra. "Ritmos do novo continente". Chants de paix et de guerre. "Rythmes du nouveau monde". Version française de Henti de Lanteuil, revue par l'Auteur. (Original e trad.). (13/19). 20 + 20 p. il. br. Cr$ 5,00. (7/43). **Livr. Victor.**

NASCIMENTO (Faustino). — Ritmos do novo continente. Ils. de Camila Alvares de Azevedo. (20/28). 244 p. cart. Cr$ 50,00 (2.ª ed. 8/43). **Distr. Livr. Victor.**

NERY (Adalgisa). — Ar do deserto. (12/19). 88 p. br. Cr$ 10,00. (6/43).
José Olympio.

NICOLUSSI (Haydée). — Festa na sombra. (15/20). 112 p. br. Cr$ 12,00. (12/43).
Pongetti.

NUNES (Tiburcio). — Meus poemas. (16/23). (145 p. br. 12,00. (12/43).
Gr. Mundo Espirita, Rio.

OVÍDIO. — Obras. Os Fastos. Os amores. a arte de amar. Trad. Antônio Feliciano de Castilho. Pref. José Pérez. Série Clássica Universal, "Os Mestres do Pensamento", 27. (11/18). 498 p. br. Cr$ 30,00. (7/43). **Ed. Cultura.**

PIRES (Herculano). — Estradas e ruas. (Reportagem lirica de Marilia. Baurú, e da Alta Paulista. (13/19). 83 p. br. Cr$ 8,00. (12/43). **Distr. Civilização.**

PISSILÃO. — Fósforos riscados. Versos do poeta "Pissilão". Para crianças barbadas. (14/19). 120 p. br. Cr$ 10,00, (3/43).
Jornal do Comércio.

PITANGA (Argelino da Costa). — Madrepérolas. (14/19). 64 p. br. (Cr$ 8,00. (1/43). **H. Velho.**

RAMMÉ (Egeu). — Proserpina. Um poêma de amor e tragédia. (14/19). 130 p. br. Cr$ 8,00. (7/43). **Coelho Branco.**

REIS JUNIOR (Pereira). — Canções do infinito. Poemas. Pref. Agripino Grieco. (14/19). 103 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). **Borsoi, Rio.**

REYNAL (Béatrix). — Poèmes de guerre. 1940-1942. (25/33). 37 p. br. Cr$ 12,00. (1/43). **Gr. Perfecta, Rio.**

SILVA (Hélio Monteiro da). — Perolário. (14/19). 90 p. br. Cr$ 8,00. (9/43). **H. Velho.**

SILVA (Oliveira e). — Sagitário. (14/20). 228 p. br. Cr$ 15,00. (10/43). **Borsoi, Rio.**

SILVA (Severino). — As sombras do caminho. (14/19). 118 p.br. Cr$ 8,00. (10/43). **Pongetti.**

SILVEIRA (A. Azeredo da). — Imagens rítmicas. Pref. Augusto de Almeida Filho. (15/21). 134 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). **Distr. Civilização.**

SILVEIRA (Ribas). — Destruição de Jerusalém, por Tito. Poema épico em 12 cantos. (História das origens do cristianismo). (16/23). 285 p. br. Cr$ 10,00. (12/43). **Distr. Ed. Guaira.**

TAGORE (Rabindranath). — O "Gitanjali". Trad. Guilherme de Almeida. Col. Rubaiyat, 4. (13/19). 109 p. br. Cr$ 15,00. (100 exempl. papel Bouffant extra, 19/25, Cr$ 80,00). (3.ª ed. 9/43). **José Olympio.**

TAGORE (Rabindranath). — O jardineiro. Trad. Guilherme de Almeida. Col. Rubaiyat, 5. (13/19). 128 p. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 9/43). **José Olympio.**

TIGRE (Bastos). — As parábolas de Cristo e outras poesias. Ils. de Gustavo Doré. (17/24). 166 p. br. Cr$ 25,00. (3.ª ed. 12/43). **H. Bastos Tigre.**

TIGRE (Bastos). — Recitália. (Poesias para recitar). (14/19). 208 p. br. Cr$ 12,00. (8/43). **H. Bastos Tigre.**

VALLY (Valéry). — Exils. Poèmes sans date-ni feu-ni lieu. (16/20). 133 p. br. Cr$ 30,00. (3/43). **Atlantica Ed.**

VARELA (Fagundes). — Obras Completas. Pref. Mário Donato, Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Lingua", 8. (11/18. 624 p. br. Cr$ 35,00. 3/43). **Ed. Cultura.**

VARELA (Fagundes). — Obras Completas. I, Vozes da America, Noturnas, Pendão auriverde, Cantos religiosos, Avulsas. Notas de Edgard Cavalheiro e Attilio Milano. Col. dos Grandes Poetas do Brasil, 1. (13/19). 202 p. cart. Cr$ 9,00. (1/43). — II, Cantos e fantasias, Cantos meridionais, Cantos do ermo e da cidade. Com um juizo crítico de Adelmar Tavares. Col. Grandes Poetas do Brasil, 2. 13/19). 263 p. cart. Cr$ 9,00. (1/43). — III, Anchieta ou O evangelho das Selvas. Pref. Murillo Araujo. Col. Grandes Poetas do Brasil, 3. (13/19). 254 p. cart. Cr$ 9,00. (1/43). **Z. Valverde.**

VERLAINE (Paul). Choix de poésies. Précédée d'une préface de François Coppée. (13/19). 317 p. br. Cr$ 22,00. (2/43). **Americ — Edit**

VITORINO (Virginia). — Namorados. Ed. brasileira autorizada, rev. e pref. por Olegario Mariano. (13/19). 103 p. br. Cr$ 10,00. (12/43). **Antunes.**

4-8. B. 4) TEATRO

CAVACO (Carlos). — Caxias. Peça cívica em 5 atos. (17/24). 211 p. il. br. Cr$ 30,00. (1942 — 6/43). **Baptista de Souza.**

DOMINGUES (Mário), MAGALHÃES (Mário). — Copacabana. Comédia em 3 atos. Col.. Teatro Brasileiro, 53. (12/16). 72 p. br. Cr$ 3,00. (12/43). **Pap. Coelho.**

EURÍPEDES. — Tragédias. Trad., Introdução de José Pérez. Série Clássica de "Cultura", "Os Mestres do Pensamento", 29. (10/17). 207 p. br. Cr$ 25,00. (9/43). **Ed. Cultura.**

FREITAS (Anibal de). — A proteção de Deus ou Os milagres da fé. Peça dramática em 1 ato. Col. Teatro Breve, 3. (12/16). 13 p. br. Cr$ 2,00. (9/43). **Pap. Coelho.**

GOETHE. — Fausto. Uma tragédia de Goethe. 1.ª parte. Trad. Jenny Klabin Segall. (14/21). 257 p. br. Cr$ 20,00. (5/43). **Cia. Ed. Nacional.**

LEANDRO (Luiz). — O príncipe encantado. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 11. (12/16). 67 p. br. Cr$ 3,00. (3/43). **Pap. Coelho.**

LIMA (Stella Leonardos da Silva). — Marabá. (Peça em 4 atos). (13/19). 138 p. br. Cr$ 10.00. (6/43). **Borsoi, Rio.**

MAGALHÃES JUNIOR (R.). — Casamento no Uruguai. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Brasileiro, 52. (12/16). 61 p. br. Cr$ 3,00. 9/43). **Pap. Coelho.**

MESQUITA (Alfredo). — Os Priamidas. Peça em três atos. (14/19). 158 p. br. Cr$ 7,00. 1942 — 2/43). **José Olympio.**

MESQUITA (Alfredo). — Retours. Pièce em deux parties e quatre tableaux. (14/19). 113 p. br. Cr$ 7,00. (1942 — 2/43). **José Olympio.**

MESSINA (Felipe). — A felicidade chegou. Comédia em 3 atos. (12/16). 81 p. br. Cr$ 3,00. (5/43). **Pap. Coelho.**

MESSINA (Felipe). — Os homens ?... Que horror !... Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 12. (12/16). 90 p. br. Cr$ 3,00. (5/43). **Pap. Coelho.**

PENA (Martins). — Teatro cômico. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Lingua", 46. (10/17). 387 p. br. Cr$ 30,00. (10/43). **Ed. Cultura.**

ROSTAND (Edmond). — L'Aiglon. Drame en six actes, en vers. (13/19). 349 p. br. Cr$ 25,00. (6/43). **Americ — Edit.**

ROSTAND (Edmond). — La Samaritaine. Évangile en trois tableaux em vers. (12/19). 166 p. br. Cr$ 20,00. (11/43). **Americ — Edit.**

RUY (Affonso). — A 5.ª Coluna. Peça em 3 atos. Col. Cena Brasileira. (12/16). 59 p. br. 3,00. (1942 — 3/43).
Distr. Pap. Coelho.

SANTOS (Miguel). — Uma visita de cerimônia. Comédia em 1 ato. Col. Teatro Bréve, 2. (12/16). 26 p. br. Cr$ 2,00. (10/43).
Pap. Coelho.

SILVA (Iracema Rêllo de A.). — Ubirajara de José de Alencar. Adaptação ao Rádio-Teatro. (12/18). 53 p. br. Cr$ 5,00. (10/43).
Z. Valverde.

TOJEIRO (Gastão). — Sái da porta, Deolinda! ou Um sobrinho igual ao tio. 3 atos cômicos e ligeiros. Col. Teatro Nacional, 13. (12/16). 89 p. br. Cr$ 3.00. (5/43).
Pap. Coelho.

TOJEIRO (Gastão). — Se não fosse o telefone... Anteato. Faze o que eu digo e... Episódio doméstico em 1 ato. Col. Teatro Bréve, 5. (12/16). 24 p. br. Cr$ 2,00. (12/43).
Pap. Coelho.

TOJEIRO (Gastão). — Solteira é que não fico! ou (Aquela que pisca o ôlho). Farsa em 1 ato e 5 quadros. Série Teatro Rápido, 7. (12/16). 56 p. br. Cr$ 1,50. (3/43).
Pap. Coelho.

TOJEIRO (Gastão). — Uma vendedora de recursos. Episódio doméstico em 1 ato. Col. Teatro Bréve, 1. (12/16). 26 p. br. Cr$ 2,00. (9/43).
Pap. Coelho.

WANDERLEY (José), ROCHA (Daniel). — Amo todas as mulheres. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Brasileiro, 50. (12/16). 57 p. br. Cr$ 3,00. (5/43).
Pap. Coelho.

WANDERLEY (José), ROCHA (Daniel). — A vida brigou comigo. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 10. (12/16). 62 p. br. Cr$3,00. (3/43).
Pap. Coelho.

4-8. B. 5) ROMANCES — NOVELAS — LENDAS

ALBRIDGE (James). — Voando ao sol. Signed with their honour — Flight the sun). Trad. Wilson Veloso. Col. Contemporânea, 6. (14/22). 289 p. br. Cr$ 20.00. (10/43).
Livr. Martins.

ALENCAR (José de). — O guaraní. (13/19). 390 p. br. Cr$ 10,00. (Nova ed. 8/43).
Antunes.

ALENCAR (José de). — As minas de prata. (12/18). 105 p. br. Cr$ 30,00. (5/43).
Ed. Melhoramentos.

ALENCAR (José de). — Senhora. Perfil de mulher. Col. Popular. (14/19). 253 p. br. Cr$ 6,00. (7/43).
Antunes.

ALENCAR (José de). — Senhora. Romance brasileiro. (12/18). 344 p. br. Cr$ 12,00. 2.ª ed. 12/43).
Ed. Melhoramentos.

ALMEIDA (Manuel Antônio de). — Memórias de um Sargento de Milícias. Col. Excelsior, 22. (12/18). 204 p. cart. Cr$ 10,00. (5/43).
Livr. Martins.

AMADO (Jorge). — Terras do Sem Fim. Col. Contemporânea, 5. (14/22). 331 p. br. Cr$ 20,00. (9/43).
Livr. Martins.

AMÉRICA (Hugo de). — Scarface (Al Capone ou Os pistoleiros de Chicago). Trad. Armando Riedel. (16/23). 321 p. [illegible] br. Cr$ 10,00. (10/43).
Vecchi.

ANDRADE (Oswaldo de). — Marco Zero. I, A revolução melancolica. (13/19). 429 p. br. Cr$ 15,00. (11/43).
José Olympio.

ANET (Claude). — Ariane. Trad. Menoelito de Ornellas. Col. Grandes Romances para Mulher, 10. (13/19). 304 p. br. Cr$ 13,00. (3/43).
José Olympio.

ANNUNZIO (Gabriele D'). — Episcopo & Cia., O mártir. Os anais de Ana. Novelas. Trad. Sodré Viana. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 15. (13/19). 187 p. br. Cr$ 8,00. (5/43).
Pongetti.

ANTILLAC (Renée d'). — O segrêdo de Bella Palmers. Trad. Maria Amelia Ramos. Col. Romances Para Moças, 13. (13/19). 208 p. br. Cr$ 7,00. (9/43).
Ed. Anchieta.

ARANHA (Graça). — Chanaan. Obras Completas, 1. (13/19). 276 p. br. Cr$ 16,00. 9.ª ed. 4/43).
Briguiet.

ARAUJO (Daura Gonçalves de). — Os predestinados. (17/24). 233 p. br. Cr$ 20,00. (12/43).
Agencia Internacional, S. Paulo

ARAUJO (Daura Gonçalves de), OLIVEIRA (Julieta D'). — A sarabanda do destino. (14/19). 231 p. br. Cr$ 12,00. (3/43).
Tip. Baptista de Souza.

ARDEL (Henri). — O outro milagre. (L'autre miracle). Trad. rev. por Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 34. (13/19). 250 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 12/43).
Cia. Ed. Nacional.

ARDEL (Henri). — O pecado das mães (Les âmes closes). Trad. Enê Marsaiva. Bibl. das Senhorinhas, 19. (14/20). 237 p. br. Cr$ 7,00 (7/43).
Emp. Ed. Brasileira.

ARNAU (Frank). — Un meurtre légal. Col. "Police-Secours", 3. (11/18). 185 p. br. Cr$ 8,50. (1/43).
Livr. Victor.

AZEVEDO (Aluizio). — O cortiço. Pref. N. S., Obras Completas, 9. (13/19). 304 p. br. Cr$ 18,00. (9.ª ed. 4/43).
Briguiet.

AZEVEDO (Aluizio). — Philomena Borges. Pref. de N. S., Obras Completas, 6 (13/19). 219 p. br. Cr$ 14,00. (4.ª ed. 6/43).
Briguiet.

AZEVEDO (Aluizio). — Uma lágrima de mulher. Notas de M. Nogueira da Silva. Obras Completas, 1. (13/19). 138 p. br. Cr$ 11,00. (5.ª ed. 4/43).
Briguiet.

BAILEY (Temple). — A mansão dos Marburgs. (Pink Camellia). Trad. Paulo de Freitas. (14/20). 262 p. br. Cr$ 14,00. (10/43).
Ed. Universitária.

BALDWIN (Faith). — Êste homem é meu. Trad. Yolanda Vieira Martins. (14/20). 221 p. br. Cr$ 12,00. (5/43).
Ed. Universitária.

BALDWIN (Faith). — Novas estrelas estão brilhando. Trad. Genoveva Piza. Col. Grande Romances Para a Mulher, 11. (13/19). 253 p. br. Cr$ 12,00. (6/43).
José Olympio.

BALFOUR (Hearnden). — Tout est possible. Col. "Police-Secours", 2. (11/18). 200 p. br. Cr$ 8,50. (2/43). **Livr. Victor.**

BALZAC (H. de). — Luiz Lambert. Trad. Judite Ribeiro. Col. Excelsior, 25. (12/18). 192 p. cart. Cr$ 10,00. (12/43). **Livr. Martins.**

BALZAC (Honoré de). — A mulher de trinta anos. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 28. (13/19). 263 p. br. Cr$ 10,00. (11/43). **Pongetti.**

BALZAC (Honoré de). — Um caso tenebroso. Trad. Tarsila do Amaral e Luiz Martins. Col. Excelsior, 23. (12/18). 250 p. cart. Cr$ 10.00. (8/43). **Livr. Martins.**

BARBOSA (Jader). — A noiva do convocado. (Parada de Setembro. (14/19). 99 p. br. Cr$ 10,00. (12/43). **Ed. Autor(Recife.**

BARCLAY (Florence L.). — O rosario. Trad., Bibl. das Moças, 28. (13/19). 239 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 9/43). **Cia. Ed. Nacional.**

BARING (Maurice). — Raphne Adeane. Trad. e pref. de Oscar Mendes. Col. Fogos Cruzados, 15. (13/19). 424 p. br. Cr$ 16,00. (2/43). **José Olympio.**

BARRETO (Eloy). — Escândalos! Romance novo para a vida nóva... (14/19). 95 p. br. Cr$ 5,00. (8/43). **Ed. Autor, Rio.**

BARRETO (Lima). — Recordações do escrivão Isaias Caminha. Algumas palavras de Eloi Pontes. Col. O Livro de Bolso, 8. (11/16). 233 p. cart. Cr$ 10,00. (3.ª ed. 4/43). **Distr Civilização.**

BARRETO (Lima). — O triste fim de Policarpo Quaresma. Antes do Romance, de Eloi Pontes. Col. O Livro de Bolso, 10. (11/16). 253 p. cart. Cr$ 10,00. (6/43). **Distr. Civilização.**

BARROSO (Celso). — Novo mundo. (15/22). 273 p. br. Cr$ 18,00. (6/43). **Civilização**

BATINÍ (Tito). — Entre o chão e as estrêlas... (15/22). 269 p. br. Cr$ 15,00. (6/43). **Civilização.**

BAUM (Vicki). — Hotel Shangai. Trad. Mario Quintana. Col. Nobel, G5. (15/23). 548 p. br. Cr$ 22,00. 2.ª ed. 9/43). **Globo.**

BAUM (Vicki). — O lago do amor. Trad. Rubem Braga. Col. Grandes Romances para a Mulher, 13. (13/19). 316 p. br. Cr$ 12,00. (9/43). **José Olympio.**

BAUM (Vicki). — Sangue e volúpia. Trad. Valdemar Cavalcanti e Raul Lima. Col. Fogos Cruzados, 10. (15/23). 379 p. br. Cr$ 20,00. (7/43). **José Olympio.**

BELLAMANN (Henry). — Em cada coração um pecado! (King's Row). Trad. Clovis Ramalhete e João Távora. Col. Fogos Cruzados, 18. (15/23). 561 p. br. Cr$ 30,00 (1/43 + 2.ª ed. 10/43). **José Olympio.**

BENTLEY (E. C.). — O último caso de Trent. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Amarela 100. (13/19). 263 p. br. Cr$ 8,00. (10/43). **Globo.**

BERNANOS (Georges). — Monsieur Ouine. (14/19). 314 p. br. Cr$ 26,00. (130 exemplares papel Bouffant especial, 16/24, Cr$ 150,00. (11/43). **Atlântica Ed.**

BILLY (André). — Introïbo. (12/19). 251 p. br. Cr$ 18,00. (1/43). **Americ=Edit.**

BORBA (Jenny Pimentel de). — Paixão dos homens. (17/24). 302 p. br. Cr$ 25,00 (2/43). **Borba Ed.**

BORBA (Jenny Pimentel de). — 40.º à sombro. (17/24). 300 p. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 11/43). **Borba Ed.**

BOSWORTH (Allan R.). — Um mergulho no inferno. Trad. Samuel Penna Reis. (14/19). 310 p. br. Cr$ 20,00. (9/43). **Ed. Pan-Americana.**

BOTTOME (Phyllis). — Tempestades d'Alma. Trad. Rachel de Queiroz. Col. Fogos Cruzados, 24. (14/23). 348 p. br. Cr$ 22.00. (6/43). **José Olympio.**

BRAGA (Olga da Silva). — Mlle. Christina. (13/19). 194 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). **Coelho Branco.**

BRANCO (Camilo Castelo). — Amor de perdição. Série "Novelas do Coração", 7. (10/18). 189 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Ed. Cultura.**

BRANCO (Camilo Castelo). — Amor de salvação. Série "Novelas do Coração", 8. (10/18). 207 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Ed. Cultura.**

BRITO (Lásinha Luiz Carlos de Caldas). — Um dia voltaremos... (15/22). 450 p. br. Cr$ 25,00. enc. Cr$ 32,00. (10/43 + 2.ª ed. 12/43). **Pongetti.**

BROMFIELD (Louis). — Enquanto não surge o dia... Trad. Miroel Silveira. Col. Contemporânea, 1. (14/22). 271 p. br. Cr$ 18,00. (5/43). **Livr. Martins.**

BROMFIELD (Louis). — A fazenda. (The farm.). Trad. Marina Guaspari. (14/21). 339 p. br. Cr$ 18,00. (11/43). **Vecchi.**

BRONTË (Charlotte). — Jane Eyre. Trad. Sodré Viana. (15/22). 382 p. br. Cr$ 20,00. enc. Cr$ 29,00. (3.ª ed. 5/43). **Pongetti.**

BRONTË (Emily). — Morro dos ventos uivantes. Pref. Carlota Brontë. Trad. Oscar Mendes. Col. Nobel, 18. (14/19). 373 p. br. Cr$ 14,00 (3.ª ed. 9/43). **Globo.**

BROPHY (John). — Sargento imortal. Trad. Maslowa Gomes Venturi. Col. Contemporânea, 3. (14/22). 292 p. br. Cr$ 20,00. (8/43). **Livr. Martins.**

BUCK (Pearl S.). — A boa terra. (China, velha China). (The good Earth). Trad. Oscar Mendes. Col. Nobel, 30. (14/19). 366 p. br. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 10/43). **Globo.**

BUCK (Pearl S.). — A exilada. Trad. Rachel de Queiroz. Col. Fogos Cruzados, 27. (13/19). 372 p. br. Cr$ 16,00. (9/43). **José Olympio.**

BUCK (Pearl S.). — O patriota. Trad. Esther de Viveiros. Col. Nobel, 24. (14/19). 342 p. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 6/43). **Globo.**

BUCK (Pearl). — Vento leste, vento oeste. (East wind: West wind). Trad. Valdemar Cavalcanti. Col. Fogos Cruzados, 25. (13/19). 327 p. br. Cr$ 15,00 (11/43). . **José Olympio.**

BURGESS (Perry). — Eles caminham sós... Trad. Margarida Izar. (14/22). 222 p. br. Cr$ 20,00. (7/43). **Civilização.**

CALDWell (Erskine). — Guerrilheiros russos. Trad. Vera de Gusmão. Col. Documentos para a História da Guerra, 2. (17/24). 285 p. br. Cr$ 25,00. (6/43). **Ed. Dois Mundos.**

CARDOSO (Lucio). — Dias perdidos. (13/19). 402 p. br. Cr$ 15,00 (11/43). **José Olympio.**

CASTELAR (Emilio). — História de um coração. Trad. Nossa Col., 42. (10/14). 272 p. br. Cr$ 3,00. (11/43). **Emp. Ed. Brasileira.**

CASTRO (Ferreira de). — Eternidade. (13/19). 325 p. br. Cr$ 15,00 (8/43). **Livros de Portugal.**

CATHER (Willa). — Safira e a escrava. (Sapphira and the slave girl). (Trad. Miroel Silveira. Col. Nobel, 58. (14/19). 231 p. br. Cr$ 12,00. (12/43). **Globo.**

CERVANTES. — O curioso impertinente. (Trad. A .F. de Castilho). A senhora Cornélia e O Ciumento. Série "Novelas do Coração", 9. (10/18). 187 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Ed. Cultura.**

CERVANTES Saavedra (Miguel de). — Dom Quixote de La Mancha. 2.ª parte. vol. II. Trads. Viscondes de Castilho e de Azevedo. Série Clássica de "Cultura", "Os Mestres do Pensamento", 21-A. (10/18). 536 p. il. br. Cr$ 25,00. (10/43). **Ed. Cultura.**

CHAMPFLEURY (Guy de). — A condessinha. (La petite contesse). Trad., Bibl. das Senhorinhas, 21. (14/20). 225 p. br. Cr$ 7,00. (7/43). **Emp. Ed. Brasileira.**

CHAMPFLEURY (Guy de). — Um diabinho de saias. Trad. Ana Wey Meyer. Bibl. das Senhorinhas, 24. (14/20). 223 p. br. Cr$ 9,00. (11/43). **Emp. Ed. Brasileira.**

CHARTERIS (Leslie). — O Santo em Anjos da vingança. Trad. Millôr Fernandes. Col. Detective, 1. (14/19). 356 p. br. Cr$ 12,00. (9/43). **Ed. O Cruzeiro.**

CHARTERIS (Leslie). — O Santo em New York). (The Saints in New York). Trad. Lola de Andrade e Valdemar Cavalcanti. Col. Detective, 3. (14/19). 288 p. br. Cr$ 12,00. **Ed. O Cruzeiro.**

CHATEAUBRIAND. — Átala e Renato. Trad., Série "Novelas do Coração", 5. (10/17). 175 p. br. Cr$ 8,00. (3/43). **Ed. Cultura.**

CHIANG (May-Ling Soong). (Mme. Chiang Kai-Shek). — Irmãsinha Su. (Little Sister). Uma lenda popular chinesa. Trad. Sodré Vianna. Ils. de Janet Fitch Sewall. (14/33). 20 p. cart. Cr$ 20,00. (12/43). **Pongetti.**

CHRISTIE (Agatha). — O caso dos 10 negrinhos. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Amarela, 101. (13/19). 277 p. br. Cr$ 7,00. (1942-3/43). **Globo.**

CONRAD (Joseph). — Tufão. Trad. Queiroz Lima. Col. Nobel, 14. (14/19). 283 p. br. Cr$ 12,00. (5/43). **Globo.**

COURTELINE (Georges). — Messieurs Les Ronds-de Cuir. Tableaux-roman de la vie de bureau. (12/19). 196 p. br. Cr$ 20,00. (5/43). **Americ - Edit.**

CROFTS (Freeman Wills). — O grande caso de French. Trad. Idalina Dias. Col. Amarela, 106. (13/19). 271 p. br. Cr$ 8,00. (3/43). **Globo**

CRONIN (A. J.). — As chaves do reino. Trad. Ilka Labarthe e R. Magalhães Junior. Col. Fogos Cruzados, 13. (14/23). 341 p. br. Cr$ 22,00. (2.ª ed. 9/43). **José Olympio.**

CRONIN (A. J.). — A cidadela. (O romance de um médico). Trad. e pref. de Genolino Amado. Col. Fogos Cruzados, 22. (14/23). 405 p. br. Cr$ 22,00. (6.ª ed. 7/43). **José Olympio.**

CUPERTINO (Nelson). — Mboitatá. (13/19). 221 p. br. Cr$ 12,00. (1942-4/43). **Rev. Tribunais.**

DANTAS (Paulo). — O ciclo da angustia humana, I, Aquelas muralhas cinzentas... Novela da vida carceral. (14/20). 83 p. br. Cr$ 10,00. (10/43). **Pap. Brasil.**

DAUDET (Alphonse). — Sapho. (Moeurs parisiennes). (12/19). 225 p. br. Cr$ 18,00 (1/43). **Americ - Edit.**

DEFOE (Daniel). — As confissões de Moll Flandres. Trad. Lucio Cardoso. Col. Fogos Cruzados, 17. (13/19). 417 p. br. Cr$ 16,00. (1/43). **José Olympio**

DEKOBRA (Maurice). — Macau, Inferno do jogo. Trad. Abelardo Romero. (14/19). 229 p. br. Cr$ 10,00. (2/43). **Vecchi.**

DEKOBRA (Maurice), GEORGIE (Leyla). — A filha de Mata Hari. Trad. Enéias Marzano. (14/21). 248 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). **Vecchi.**

DELLY (M.). — Mitsi. Trad. Zara Pongetti. Col. O Romance para Nossas Filhas. (13/19). 236 p. br. Cr$ 8,00. (5.ª ed 1/43). **Getulio Costa**

DELLY (M.). — Ondina de Capdeuilles. Trad. Lygia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 22. (14/20). 201 p. br. Cr$ 9,00 (3.ª ed. 10/43). **Emp. Ed. Brasileira**

DELLY (M.). — O passado. Trad. Zara Pongetti. Col. O Romance para Nossas Filhas. (13/19). 200 p. br. Cr$ 8,00. (Nova ed. 7/43). **Getulio Costa.**

DELLY (M.). — O rei de Kidji. Trad., Bibl. das Moças, 40. (13/19). 251 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 9/43). **Cia. Ed. Nacional.**

DELLY (M.). — Um sonho que viveu... Trad. Lygia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 23. (14/20). 169 p. br. Cr$ 9,00. (3.ª ed. 10/43). **Emp. Ed. Brasileira.**

DICKENS (Charles). — Morrer por ela. (A Tale of Tow Cities). Trad. Enéias Marzano. Col. As Obras Eternas, 2. (17/24). 280 p. br. Cr$ 15,00. (3/43). **Vecchi.**

DICKENS (Charles). — Seleções de Dickens. David Copperfield. Memórias de Pickwick. Oliver Twist. Martin Chuzzlewit. (The Dickens Digest). Condensação de Mary Louise Aswell. Ils. de Donald McKay. Trad. Marina Guaspari e Sylvia Guaspari. (17/26). 560 p. br. Cr$ 40,00. (12/43). Ed. O Cruzeiro.

DINIZ (Betina). — Mentira! (15/22). 157 p. br. Cr$ 10,00. (1/43). Z. Valverde

DINIZ (Júlio). — Os fidalgos da Casa Mourisca. (Crônica da aldeia). (14/21). 415 p. br. Cr$ 18,00. (8/43). Ed. Dois Mundos.

DINIZ (Júlio). — A morgadinha dos canaviais. Série "Novelas do Coração", 16-17 (10/17). 2 vols. 292 + 296 p. br. Cr$ 24,00. (12/43). Ed. Cultura.

DINIZ (Júlio). — A morgadinha dos canaviais. (Crônica da aldeia). (14/21). 433 p. br. Cr$ 20,00. (12/43). Ed. Dois Mundos.

DINIZ (Júlio). — As pupilas do Senhor Reitor. (Crônica da aldeia). (14/21). 283 p. br. Cr$ 15,00. (10/43). Ed. Dois Mundos.

DINIZ (Júlio). — Uma família inglesa. Cenas da vida do Pôrto. (14/21). 384 p. br. Cr$ 18,00. (11/43). Ed. Dois Mundos.

DOSTOIEWSKY. — Alma de criança. (13/18). 202 p. br. Cr$ 8,00. (6/43). Ed. Criança.

DOSTOIEVSKI. — O espírito subterrâneo. Trad. Rosário Fusco. (14/19). 267 p. br. Cr$ 15,00. (12/43). Ed. Pan-Americana.

DOSTOIEVSKI. — O jogador. Trad. e pref. de Otto Schneider. (13/19). 258 p. br. Cr$ 15,00. (12/43). Ed. Panamericana.

DOSTOIEVSKI (Feodor). — Os possessos. Trad. Augusto Rodrigues. Série Redescobrimento da Vida, 2. (17/24). 541 p. br. Cr$ 30,00. (8/43). Ed. Pan-Americana.

DOSTOIEVSKI (Feodor). — O sósia. Trad. Corália Rêgo Lins. Col. Os Grandes Nomes. (12/19). 200 p. br. Cr$ 8,00. (8/43). Vecchi.

DOUGLAS (Lloyd C.). — Deuses de barro. Trad. Dinah Silveira de Queiroz. Col. Grandes Romances para a Mulher, 3. (13/19). 429 p. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 8/43). José Olympio.

DOUGLAS (Lloyd C.). — O manto de Cristo. (The Robe). A odisséia de um legionário romano. Trad. Caio Jardim. (15/22). 610 p. 1 mapa, br. Cr$ 35,00. (12/43). Ed. Universitária.

DUMAS (Alexandre). — O Conde de Monte-Cristo. Trad., Col. O Romance Popular, (17/24). 2 vols. 432 + 443 p. br. Cr$ 24,00. (9/43). Ed. e Publ. Brasil.

DUMAS (Alexandre). — O Conde de Monte-Cristo. Trad., Série "Novelas Universais", 11-12. (14/20). 2 vols. 493 + 519 p. br. Cr$ 40,00. (9/43). Ed. Cultura.

DUMAS (Alexandre). — Mestre Adão, o calabrês. Trad. J. Dubois Júnior. Col. Os Grandes Nomes, (12/19). 229 p. br. Cr$ 8,00. (8/43). Vecchi.

DUMAS (Alexandre). — Os três Mosqueteiros. Trad., Série "Novelas Universais", 9-10. (14/20). 2 vols. 425 + 400 p. br. Cr$ 30,00. (8/43). Ed. Cultura.

DUMAS (Alexandre). — A tulipa negra. Trad., Série "Novelas Universais", 4. (14/20). 289 p. br. Cr$ 16,00. (5/43). Ed. Cultura.

DUMAS (Alexandre). — Uma noite em Florença. Trad., Nossa Col., 40. (10/14). 254 p. br. Cr$ 3,00. (3/43). Emp. Ed. Brasileira.

DUMAS FILHO (A.). — A dama das Camelias. Trad. Antônio Rodrigues. Série "Novelas do Coração", 3. (10/17). 220 p. br Cr$ 8,00. (3/43). Ed. Cultura.

DUMAS FILHO (Alexandre). — A dama das Camelias. Prólogo de Jules Jamin. Trad. Flávio Goulart de Andrade. Col. Amares Imortais. (14/19). 224 p. br. Cr$ 10,00. (3/43). Vecchi.

DUMAS FILS (Alexandre). — La dame aux Camélias. (12/19). 270 p. br. Cr$ 23,00. (12/43). Americ - Edit.

DUPRÉ (Sra. Leandro). — Eramos seis. Pref. Monteiro Lobato. (14/22). 272 p. br. Cr$ 16,00. (3/43 + 2.ª ed. 11/43 + 3.ª ed. 12/43). Cia. Ed. Nacional

DUPRÉ (Sra. Leandro). — O romance de Teresa Bernard. (15/22). 409 p. br. Cr$ 20,00 (2.ª ed. 6/43). Civilização.

ESCRICH (Enrique Perez). — O manuscrito materno. Romance de costumes. Vol. I. Trad., Col. Maravilhas do Passado, 4. (17/24). 341 p. il. br. Cr$ 25,00. (8/43). II volume. Trad., Col. Maravilhas do Passado, 5. (17/24). 353 p. il. br. Cr$ 25,00. (10/43). Livr. Para Todos.

ESCRICH (Enrique Perez). — O Martir do Gólgota. (Tradições de Oriente). Trad., Col. Renascença, 2. (14/18). 757 p. br. Cr$ 25,00. (12/43). Livr. Ed. Paulicéia.

EXUPÉRY (Antoine de Saint). — Piloto de guerra. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 15. (15/22). 177 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). Cia. Ed. Nacional.

FERREIRA (Ondina). — Outros dias virão.. (14/22). 267 p. br. Cr$ 15,00. (9/43). Civilização.

FEUILLET (Otávio). — Diário de uma mulher. Trad., Série "Novelas do Coração", 11. (10/17). 181 p. br. Cr$ 8.00. (8/43). Ed. Cultura.

FEUILLET (Otávio). — Romance de um moço pobre. Trad., Série "Novelas do Coração", 10. (10/17). 164 p. br. Cr$ 8,00. (7/43). Ed. Cultura.

FIELD (Rachel). — Nunca é tarde. (And now tomorrow). Trad. Lygia Junqueira Smith. (14/22). 283 p. br. Cr$ 16,00. (11/43). Cia. Ed. Nacional.

FLETCHER (J. S.). — Os diamantes fatais. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Amarela, 90. (13/19). 254 p. br. Cr$ 8,00. (3/43). Globo.

FLORIAN. — Gonçalo de Córdoba. Trad. Virginia Silva Lefévre. Série "Grandes Aventuras", 3. (14/19). 177 p. br. Cr$ 7,00. (9/43). **Ed. Anchieta.**

FONTENLA. — Eterna inquietação. Romance no Rio. (14/19). 138 p. br. Cr$ 12,00. (1/43). **Dist. Pap. Pedro Primeiro, Rio.**

FORESTER (C. S.). — Aventuras do Capitão Hornblower. A longa viagem. (Beat to Quarters). Trad. V. Coaracy. Col. Fogos Cruzados, 3. (13/19). 406 p. br. Cr$ 18,00. (12/43). **José Olympio.**

FOURNIER (Alain). — Le Grand Meaulnes. (12/19). 328 p. br. Cr$ 23,00. (6/43). **Americ - Edit.**

FRANCE (Anatole). — Les Dieux ont soif. (11/18). 215 p. br. Cr$ 10,00. (1/43). **Livr. Victor.**

FRANCE (Anatole). — História cômica. Trad. Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 5. (13/19). 209 p. br. Cr$ 8,00. (Nova ed. 7/43). **Pongetti.**

FRANCE (Anatole). — Le lys rouge. Col. Chantecler. (11/18). 207 p. br. Cr$ 10,00. (4/43). **Livr. Victor.**

FRANCE (Anatole). — O Sr. Bergeret em Paris. (História Contemporânea). Trad. Eloy Pontes. (14/19). 235 p. br. Cr$ 12,00. (3/43). **Vecchi.**

FRANCE (Anatole). — La Rôtisserie de la reine Pédauque. Col. Chantecler. (11/18). 217 p. br. Cr$ 10,00. (2/43). **Livr. Victor.**

FRANCE (Anatole). — Thais. (Roman). (12/19). 232 p. br. Cr$ 20,00. (5/43). **Americ - Edit.**

FRAPIÉ (Léon). — La maternelle. (Prix Goncourt). (12/19). 272 p. br. Cr$ 22,00. (7/43). **Americ - Edit.**

FREEMAN (R. Austin). — L'affaire X-2-34. Trad., Col. "Police-Secours", 7. Éd. Chantecler. (11/1). 196 p. br. Cr$ 8,50. (5/43). **Livr. Victor.**

FRONDAIE (Pierre). — Deux fois vingt ans. (12/19). 230 p. br. Cr$ 18,00 (4/43). **Americ - Edit.**

FUSCO (Rosario). — O agressor. (13/19). 250 p. br. Cr$ 12,00. (10/43). **José Olympio.**

GABRIEL (Mario). — O segredo de um homem. Joia — O bandoleiro romantico. (Rádio-Novela). (13/19). 165 p. il. br. Cr$ 7,00. (5/43). **Livr. Prado.**

GARD (Roger Martin Du). — Jean Barois. (Prix Nobel de Littérature). (12/19). 2 vols. 258 + 290 p. br. Cr$ 45,00. (5/43). **Americ - Edit.**

GARD (Roger Martin Du). — Os Thibault. (Les Thibault). Trad. Casemiro Fernandes. Col. Nobel, G7-G8. (15/23). 2 vols. 722 + 855 p. br. Cr$ 80,00. (12/43). **Globo.**

GARDNER (Erle Stanley). — O caso das garras de veludo. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Amarela, 109. (13/19). 235 p. br. Cr$ 8,00. (9/43). **Globo.**

GARDNER (Erle Stanley). — O caso da noiva curiosa. (The case of the curious bride). Trad. Marcello de Andrade. Col Amarela, 117. (13/19). 241 p. br. Cr$ 8,00. (12/43). **Globo.**

GARRETT (Almeida). — O arco de Sant'Ana. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 30. (13/19). 224 p. br. Cr$ 10,00. (12/43). **Pongetti.**

GAUTIER (Teófilo). — Madalena de Maupin. Trad. Edith de Carvalho Negrais. Col. Universal. (14/19). 195 p. br. Cr$ 8,00. (11/43). **Emp. Ed. Universal.**

GENEVOIX (Maurice). — Raboliot. (Prix Goncourt). (12/19). 273 p. br. Cr$ 23,00. (8/43). **Americ - Edit.**

GIDE (André). — La symphonie pastorale, suivie de Isabelle. (12/19). 219 p. br. Cr$ 20,00. (2/43). **Americ - Edit.**

GLASPELL (Susan). — A madrugada se aproxima. Trad. Maluh de Ouro-Preto. Rev. por Maria Eugenio Celso. Col. Grandes Romances para a Mulher, 9. (13/19). 297 p. br. Cr$ 13,00. (1/43). **José Olympio.**

GLYN (Elinor). — O homem e o momento. (The man and the moment). Trad. Tati A. de Mello. Bibl. das Moças, 79. (13/19). 240 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. 10/43). **Cia. Ed. Nacional.**

GLYN (Elinor). — Por que? Trad. Paulo de Freitas. Bibl. das Moças, 7. (13/19). 345 p. br. Cr$ 9,00. (Nova ed. 9/43). **Cia. Ed. Nacional.**

GOLDSMITH (Oliver). — O Vigario de Wakefield. Trad. Cira Néri. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 19. (13/19). 259 p. br. Cr$ 10,00. (7/43). **Pongetti.**

GORKI (Maximo). — Os degenerados. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 23. (13/19). 187 p. br. Cr$ 8,00. (8/43). **Pongetti.**

GORKI (Maximo). — Tormenta sobre a cidade. Trad. J. da Cunha Borges. (12/19). 188 p. br. Cr$ 8,00. (2/43). **Vecchi.**

GUTIERREZ (Eduardo). — Juan Moreira. Trad. Carlos Maul. Col. Excelsior, 18. (12/18). 211 p. cart. Cr$ 10,00. (1/43). **Livr. Martins.**

GUZMAN (René-Albert). — Ciume. Trad. Gastão Cruls. Pref. Gilberto Amado. Col. Grandes Romances Para a Mulher, 4. (13/19). 243 p. br. Cr$ 12,00. (7.ª ed. 9/43). **José Olympio.**

HAMSUN (Knut). — Pan. Trad. Augusto Sousa. Col. Excelsior, 17. (12/18). 199 p. cart. Cr$ 10,00. (2/43). **Liv. Martins.**

HAMSUT (Knut). — Um vagabundo toca em surdina. Trad. Raquel Bensliman. Col. Excelsior, 4. (12/18). 216 p. cart. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 9/43). **Liv. Martins.**

HAMSUT (Knut). — Vitória (História de um grande amor). Trad. Ofélia e Narbal Fontes. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 24. (13/19). 168 p. br. Cr$ 8,00. (9/43). **Pongetti.**

HERMANT (Abel). — Horas de amor de um guerreiro. Trad. Aluisio Arruda. (13/19). 228 p. br. Cr$ 10,00. (1/43). **Ed. Universitária.**

HESSE (Hermann). — O lobo da estepe (Só para loucos). Trad. Augusto de Sousa. Col. Caminhos do Espirito, 1. (15/22). 265 p. br. Cr$ 15,00. (10/43). **Ed. O Cruzeiro.**

HEYM (Stefan). — Reféns. (Hostages). Trad. rev. por Jayme de Barros. (14/20). 353 p. br. Cr$ 20,00. (11/43). **Z. Valverde.**

HILTON (James). — Horizonte perdido. (Lost Horizon). Trad. Leonel Vallandro. Col. Nobel, 49. (14/19). 219 p. br. Cr$ 10,00. (10/43). **Globo.**

HILTON (James). — Na noite do passado. Trad. Pedro Dantas e Aurelio Gomes de Oliveira. Col. Fogos Cruzados, 21. (14/23). 329 p. br. Cr$ 22,00. (5/43). **José Olympio.**

HOFFMAN (Charles). — Ainda serás minha. Trad. Alex Viany. (13/19). 340 p. br. Cr$ 16,00. (4/43). **Ed. Pan-Americana.**

HOWE (Helen). — De todo o coração. (The whole heart). Trad. Regina Coeli Regis e Valdemar Cavalcanti. (14/22). 294 p. br. Cr$ 20,00. (12/43). **Ed. O Cruzeiro.**

HUGO (Victor). — Nossa Senhora de Paris. Trad., Série "Novelas Universais", 5-6. (14/20). 2 vols. 239+272 p. br. Cr$ 30,00. (7/43). **Ed. Cultura.**

HUIE (William Bradford). — Lama nas estrêlas. Trad. Giuseppe Ghiaroni. Série Redescobrimento da Vida, 4. (16/24). 366 p. br. Cr$ 28,00. (9/43). **Ed. Pan-Americana.**

HUMPHRIES (Adelaide). — Estrela inconstante. Trad. Maslowa Gomes Venturi. Bibl. das Moças, 107. (13/19). 286 p. br. Cr$ 7,00. (1/43). **Cia. Ed. Nacional.**

HURST (Fannie). — Solidão. (Loonely Parade). Trad. Esther Mesquita. (14/22). 324 p. br. Cr$ 18,00. (12/43). **Civilização.**

IBAÑEZ (Vicente Blasco). — A Catedral. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 21. (13/19) 315 p. br. Cr$ 12,00. (7/43). **Pongetti.**

KELLY (Judith). — A felicidade vem depois. Trad. Godofredo Rangel. (15/22). 400 p. br. Cr$ 16,00. (7/43). **Civilização.**

KENNA (Marthe Mac). — Contre-espionnage. Col. Police-Secours, 5. Ed. Chantecler. (11/18). 179 p. br. Cr$ 10,00. (6/43). **Liv. Victor.**

KIPLING (Rudyard). — A luz que se apagou. Trad. e pref. de Azevedo Amaral. Col. Grandes Romances Para a Mulher, 1. (13/19). 343 p. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 8/43). **José Olympio.**

KNIGHT (Clifford). — O caranguejo escarlate. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Amarela, 104. (13/19). 257 p. br. Cr$ 8,00. (3/43). **Globo.**

LACRETELLE (Jacques de). — Silbermann. (12/19). 213 p. br. Cr$ 18,00. (2/43). **Americ - Edit.**

LAGERLOF (Selma). — A lenda de uma quinta senhorial. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 20. (13/19). 167 p. br. Cr$ 8,00. (7/43). **Pongetti.**

LAMARTINE. — Graziela. Trad., Série "Novelas do Coração" de "Cultura", 4. (10/17). 165 p. br. Cr. 8,00. (3/43). **Ed. Cultura.**

LAMARTINE. — Regina. Trad., Série "Novelas do Coração", 12. (10/17). 141 p. br. Cr$ 8,00. (9/43). **Ed. Cultura.**

LAWRENCE (D. H.). — L'amant de Lady Chatterley. Trad. Roger Cornaz. Pref. André Malraux. (11/18). 317 p. br. Cr$ 10,00. (1/4). **Liv. Victor.**

LEAL (Valença). — Cruz de carne. (14/19). 375 p. br. Cr$ 20,00. (12/43). **Ed. Pan-Americana.**

LEE (Harry). — Dança sem ritmo. Trad. Lígia Junqueira Smith. Bibl. da Mulher Moderna, 21. (13/19). 445 p. br. Cr$ 12,00. (5/43). **Civilização.**

LEWIS (Sinclair). — Bethel Merriday. Trad. Edison Carneiro. (14/21). 333 p. br. Cr$ 20,00. (12/43). **Vecchi.**

LEWIS (Sinclair). — Dr. Arrowsmith. Introdução de William Soskin. Trad. Juvenal Jacinto. Col. Nobel, 66. (15/23). 445 p. br. Cr$ 20,00. (6/43). **Globo.**

LEWIS (Sinclair). — Fogo de outono. (Dodsworth). Trad. Claudio G. Hasslocher. (15/22). 401 p. br. Cr$ 25,00. enc. Cr$ 33,00. (12/43-1944). **Pongetti.**

LIMA (Antônio). — Cruzada redentora. Romance histórico, em três épocas. (14/19). 451 p. br. Cr$ 16,00. (7/43). **Fed. Espirita.**

LIMA (Feitosa). — Almas desgraçadas. (14/22). 180 p. br. Cr$ 10,00. (7/43). **Ed. Guanabara.**

LIMA (Jorge de). — Calunga. Col. Romance Brasileiro. (13/19). 244 p. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 4/43). **Alba.**

LISPECTOR (Clarice). — Perto do coração selvagem. (13/19). 217 p. br. Cr$ 12,00. (12/43). **A Noite.**

LOGAN (Louise). — Amor entre as nuvens. Trad. Guinara de Morais Lobato. Bibl. das Moças, 110. (13/19). 254 p. br. Cr$ 7,00. (9/43). **Cia. Ed. Nacional.**

LOGAN (Louise). — Mulheres de coragem. Trad. João Bussili. Bibl. das Moças, 109. (13/19). 232 p. br. Cr$ 7,00. (8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

LOOS (Anita). — Os homens preferem as loiras mas, casam com as morenas. Trad. Corah O. Roland. (14/20). 213 p. br. Cr$ 10,00. (1/43). **Ed. Universitária.**

LORENZ (Francisco Valdomiro). — O filho de Zanoni. Romance ocultista. (Continuação do romance "Zanoni". de Sir Eduardo Bulwer Lytton). — 16/23). 233 p. br. Cr$ 12,00. 2.ª ed. 12/43). **Ed. O Pensamento.**

LOTI (Pierre). — Aziyadé. Extrait des notes et lettres du'n lieutenant de la marine anglaise. (12/19). 219 p. br. Cr$ 20,00. (9/43). **Americ - Edit.**

LOTI (Pierre). — Mon frère Yves. (12/19). 216 p. br. Cr$ 22,00. (11/43). **Americ - Edit.**

LYTTON (Sir Eduardo Bulwer). — Zanoni. Romance ocultista. Trad. Francisco Valdomiro Lorenz. (16/23). 447 p. br. Cr$ 20,00. (3.ª ed. (12/43). **Ed. O Pensamento.**

MACARDLE (Dorothy). — O solar das almas perdidas. (The Uninvited). Trad. Milton Amado. Col. Contemporânea, 8. (14/22). 357 p. br. Cr$ 22,00. (11/43). **Liv. Martins.**

MACEDO (Joaquim Manuel de). — O moço loiro. Série "Novelas do Coração", 13-14. (10/17). 2 vols. 211+227 p. br. Cr$ 16,00. (10/43). **Ed. Cultura.**

MACEDO (Joaquim Manuel de). — A moreninha. Romance de costumes brasileiros. (13/19). 158 p. br. Cr$ 4,00. (8/43). **Antunes.**

MACEDO (Joaquim Manuel de). — A moreninha. Série "Novelas do Coração", 6. (10/17). 209 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Ed. Cultura.**

MACEDO (Joaquim Manuel de). — A moreninha. Col. Excelsior, 19. (12/18). 203 p. br. cart. Cr$ 10,00. (3/43).. **Liv. Martins.**

MacINNES (Helen). — Insuspeitos. Trad. M. P. Moreira Filho. Col. Fogos Cruzados, 20. (13-19). 405 p. br. Cr$ 16,00. (3/43). **José Olympio.**

MANN (Thomas). — A montanha mágica. Trad. Otto Silveira. (17/24). 538 p. br. Cr$ 40,00. (3/43+2.ª ed. 7/43). 517 p.). **Ed. Pan-Americana.**

MARLITT (Suzanne). — A voz do coração. Trad. Ana Wey Meyer. Bibl. das Senhorinhas, 17. (14/20). 216 p. br. Cr$ 7,00. (5/43). **Emp. Ed. Brasileira.**

MARMONTEL. — Os Incas ou A destruição do Perú. Trad. Virginia Silva Lefèvre. Série "Grandes Aventuras", 2. (14/19). 182 p. br. Cr$ 7,00. (8/43). **Ed. Anchieta.**

MARTINS (Cyro). — Mensagem errante. (14/20). 263 p. br. Cr$ 12,00. (1942-3/43). **Globo.**

MASON (Van Wick). — A morte dança na Rumânia. Trad. Amilcar de Garcia. Col. Amarela, 107. (13/19). 255 p. br. Cr$ 8,00. (6/43). **Globo.**

MAUGHAM (W. Somerset). — O destino de um homem. Trad. Moacir Werneck de Castro. Col. Nobel, 48. (14/19). 290 p. br. Cr$ 14,00. (4/43). **Globo.**

MAUGHAM (W. Somerset). — A garota de Lambeth. (Liza of Lambeth). Trad. Edison Carneiro. Esboço bio-bibliográfico de W. Somerset Maugham, por G. Blasset. (Trad. de R. P. de A.). (14/21. 202 p. br. Cr$ 12,00. (12/43). **Vecchi.**

MAUGHAM (W. Somerset). — A hora antes do amanhecer. (The Hour Before the Da n). Trad. Moacir Werneck de Castro, Col. Nobel, 57. (14/19). 249 p. br. Cr$ 12,00. (12/43). **Globo.**

MAUGHAM (W. Somerset). — Um drama na Malásia. Trad. Teodomiro Tostes. Col. Nobel, 17. (14/19). 227 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 7/43). **Globo.**

MAUGHAM (W. Somerset. — Um gôsto e seis vinténs. (The moon and sixpence). Trad. Gustavo Nonnenberg. Col. Nobel, 35. (14/19). 244 p. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 10/43). **Globo.**

MAUPASSANT (Guy de). — Bel-Ami. Trad. Clovis Ramalhete. Col. Excelsior Gigante, 1. (14/21). 315 p. br. cart. Cr$ 20,00. (10/43) **Liv. Martins.**

MAUPASSANT (Guy de). — Fort comme la mort. (12/19). 265 p. br. Cr$ 23,00. (10/43). **Americ - Edit.**

MAUPASSANT (Guy de). — Pedro e João. Trad. Alvaro Gonçalves. Série "De Corpo e Alma", 1. (14/19). 196 p. br. Cr$ 10,00. (9/43). **Ed. Pan-Americana.**

MAUPASSANT (Guy de). — Pierre et Jean. (12/19). 235 p. br. Cr$ 20,00. (4/43). **Americ - Edit.**

MAUPASSANT (Guy de). — Uma vida. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 22. (13/19) 240 p. br. Cr$ 10,00. (7/43). **Pongetti.**

MAUPASSANT (Guy de). — Yvette. (12/19). 211 p. br. Cr$ 20,00. (3/43). **Americ - Edit.**

MAURIAC (François). — Le Mystère Frontenac. (12/19). 239 p. br. Cr$ 18,00. (1/43). **Americ - Edit.**

MAURIAC (François). — Le noeud de vipères. (12/19). 261 p. br. Cr$ 18,00. (3/43). **Americ - Edit.**

MAURIAC (François). — Uma gota de veneno. (Therèse Desqueyroux). Trad. e pref. de Carlos Drummond de Andrade. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 17. (13/19). 148 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Pongetti.**

MAURIER (Daphne du). — A estalagem maldita. Trad. (14/20). 289 p. br. Cr$ 14,00. (1942-3/43). **Globo.**

MAURIER (Daphne du). — O roteiro das gaivotas. Trad. Rachel de Queiroz. Col. Fogos Cruzados, 32. (14/23). 303 p. br. Cr$ 22,00. (10/43). **José Olympio.**

MAUROIS (André). — Bernardo Quesnay. Trad. Aurelio Pinheiro. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 16. (13/19) 201 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Pongetti.**

MAVITY (Nancy Barr). — O homem que não temia a fôrca. Trad. Carlos Casanovas. Col. Amarela, 94. (13/19). 252 p. br. Cr$ 8,00. (1942-3/43). **Globo.**

McCULLEY (Johnston). — A marca do Zorro. Trad. José Dauster. Col. Os Audazes, 3. (14/19). 214 p. br. Cr$ 8,00. (8/43). **Vecchi.**

MELLO (José Thales da Silva). — Faina. Prêmio de romance "Lindolfo Collor", Ministério do Trabalho. (14/19). 209 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). **Distr. Civilização.**

MENEZES (Amilcar Dutra de). — O futuro nos pertence. Ils. de Santa Rosa. (13/19). 141 p. br. Cr$ 12,00. (10/43). **José Olympio.**

MERGULHÃO (Benedicto). — As mulheres não querem amor... (13/19). 202 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). **Pongetti.**

MERREL (Concordia). — Coração indeciso. Trad. Cicero Franlin de Lima e Rachel de Queiroz. Col. O Romance para Você, 5. (13/19). 246 p. br. Cr$ 8,00. (11/43)
José Olympio.

MONJARDIM (Adelpho). — O tesouro da Ilha da Trindade. Pref. Raúl de Guinazú. (13/18). 161 p. br. Cr$ 8,00. (1942-12/43).
Of. Gr. A Noite.

MONTEPIN (Xavier de). — As mulheres de bronze. Vol. I. Trad., Col. Maravilhas do Passado, 1. (16/24). 371 p. il. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 8/43). Vol. II (2.ª parte). Trad. Col. Maravilhas do Passado, 2. (16/24). 367 p. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 10/43). Vol. III (3.ª parte). Trad., Col. Maravilhas do Passado, 3. (16/24). 374 p. br. Cr$ 25,00. (2.ª ed. 12/43).
Liv. Para Todos.

MONTEPIN (Xavier de). — As mulheres de bronze. Trad. (14/22). 764 p. br. Cr$ 35,00. (12/43).
Cia. Brasil Ed.

MOORE (Isabel). — A outra mulher. (The other woman). Trad. Jeannette Dante de Mello Vianna. Bibl. das Moças, 111.(13/19). 306 p. br. Cr$ 8,00 (10/43).
Cia. Ed. Nacional.

MORFONTAINE (Raul). — Paixão criminosa. Trad., Nossa Col., 41. (10/14). 260 p. br. Cr$ 3,00. (3/43).
Emp. Ed. Brasileira.

NIVEN (P. Mac). — Ivana Rowena. (15/22). 304 p. br. Cr$ 25,00. (3.ª ed. 12/43).
Roberto Furquim.

NORRIS (Kathleen). — Algemas de ouro. Trad. Dora Alencar de Vasconcelos. Col. O Romance para Você, 4. (13/19). 309 p. br. Cr$ 8,00. (2/43).
José Olympio.

OLIVEIRA (Maria Magdalena Ribeiro de). — Na casa das persianas verdes. Pref. Tristão de Athayde. (13/21). 72 p. br. Cr$ 8,00. (12/43).
Dias Cardoso, J. de Fóra.

ORSAY (Condessa D'). — A felicidade de Lilia. Trad. Haydée N. Isac Lima. Bibl. das Senhorinhas, 20. (14/20). 217 p. br. Cr$ 7,00. (7/43).
Em. Ed. Brasileira.

OURSLER (Will). — O crime de Vincent Doon. Trad. Geraldo de Freitas. Col. Detective, 2. (14/19). 312 p. br. Cr$ 12,00. (10/43).
Ed. O Cruzeiro.

PACHECO (Jocy). — Bancário... (Misérias de uma profissão). (14/19). 191 p. br. Cr$ 8,00. (3/43).
Getulio Costa.

PACKARD (Frank L.). — Jimmie Dale e o fantasma. Trad. Homero de Castro Jobim. Col. Amarela, 88. (13/19). 241 p. br. Cr$ 8,00. (1942-3/43).
Globo.

PALHANO (Lauro). — O Gororoba. Cenas da vida proletária. (13/19). 290 p. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 10/43).
Pongetti.

PICCHIA (Menotti Del). — Laís. (13/19). 190 p. br. Cr$ 8,00 (7.ª ed. 10/43).
A Noite.

PICCHIA (Menotti Del). — Salomé. (Grande Prêmio de Romance). (13/19). 394 p. br. Cr$ 18,00. (2.ª ed. 5/43).
A Noite.

PILNIAK (Boris). — O Volga desemboca no mar Cáspio. Trad. Dom José da Câmara. Pref. Franklin de Oliveira. Col. O Cruzeiro, 2. (14/22). 327 p. br. Cr$ 20,00. (12/43).
Ed. O Cruzeiro.

POE (Edgar Allan). — O mistério de Marie Roget. Trad. Libero Rangel de Andrade e Frederico dos Reys Coutinho. (14/19). 255 p. br. Cr$ 10,00. (5/43).. **Vecchi.**

POUSADA (Antônio). — Olhai as aves do céu. (14/20). 180 p. br. Cr$ 10,00. (8/43). **Antunes.**

PUSKINE (Alexandre). — Aguia negra. A dama de espadas. Um tiro. Trad. Cira Neri. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 25. (13/19). 227 p. br. Cr$ 10,00. (9/43). **Pongetti.**

QUEIROZ (Amadeu de). — Sabina. Col. Caderno Azul, 14. (14/19). 73 p. br. Cr$ 4,00. (10/43). **Ed. Guaíra.**

QUEIROZ (Rachel de). — As três Marias, Prêmio Felipe de Oliveira. (13/19). 285 p. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 7/43). **José Olympio.**

QUENTIN (Patrick). — Um enigma para doidos. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Amarela, 102. (13/19). 227 p. br. Cr$ 8 00. (9/43). **Globo.**

RAPOSO (Inácio). — A mulher que foi Papa. (Romance histórico). (15/22). 353 p. br. Cr$ 25,00. (4/43). **Ed. Pan-Americana.**

REBOUX (Paul). — Cleópatra e seus dois amores. Trad. Corália Rego Lins. Col. Amores Imortais. (14/19). 249 p. br. Cr$ 10,00. (6/43). **Vecchi.**

REBOUX (Paul). — La maison de danses. (12/19). 206 p. br. Cr$ 20,00. (8/43) **Americ - Edit.**

REGO (José Lins do). — Banguê. (13/19). 381 p. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 12/43). **José Olympio.**

REGO (José Lins do). — Doidinho. (13/19). 292 p. br. Cr$ 12,00. (4.ª ed. (12/43). **José Olympio.**

REGO (José Lins do). — Fogo morto. Pref. Otto Maria Carpeaux. (13/19). 363 p. br. Cr$ 15,00. (12/43). **José Olympio.**

REGO (José Lins do). — Menino do engenho. Ciclo da Cana do Açucar, 1. Romance premiado pela "Fundação Graça Aranha. Nota de Pedro Dantas. (13/19). 223 p. br. Cr$ 12,00. (4.ª ed. 12/43). **José Olympio.**

REGO (José Lins do). — Pedra Bonita. (13/19) 371 p. br. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 12/43). **José Olympio.**

REGO (José Lins do). — Pureza. (13/19). 345 p. br. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 12/43). **José Olympio.**

REID (Lawrie). — Assim é a vida... (Narrativa à guisa de Romance). Pref. L. Diez Rui. (14/23). 488 p. br. Cr$ 25,00. (8/43). **Emp. Brasileira de Publ.**

RIBEIRO (Eurico Branco). — Gralha azul. Des. de Pedro Macedo. (12/16). 117 p. br. Cr$ 5,00. (9/43). **Ed. Anchieta.**

RICK (Ph. S.). — Os dois orfãos. Trad. rev. por Lygia Estrada. Col. das Senhorinhas, 25. (14/20). 199 p. br. Cr$ 9,00. (2.ª ed. 11/43). **Emp. Ed. Brasileira.**

RIZZO (Paulo Licio). — Pedro Maneta. (Romance). — ALBUQUERQUE (Leda Maria de), BRANCO (Maria Luisa Castelo). — Julho, 10; (Comédia). Concurso de Romance e Teatro. Ministério do Trabalho, Industria e Comércio). (16/23). 235 p. br. Cr$ 10,00. (1942-2/43). **Distr. Civilização.**

ROBERTS (Kenneth). — Cara ou coroa. (Oliver Wiswell). Trad. Guinara de Morais Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 4.a, Literatura, 17. (14/22). 782 p. br. Cr$ 30,00. (9/43). **Cia. Ed. Nacional.**

ROBIN HOOD. — (Lenda Inglesa). Trad. Franklin R. Coelho. Col. Os Audazes, 2. (14/19). 203 p. br. Cr$ 8,00. (7/43). **Vecchi.**

ROCHE (Mazo de La). — A história de Jalna. Trad. Herman Lima. Col. Fogos Cruzados, 29. (13/19). 433 p. br. Cr$ 18,00. (10/43). **José Olympio.**

ROCHE (Mazo de La). — A história de Jalna. A herança de Whiteoak. Trad. e pref. Herman Lima. Col. Fogos Cruzados, 26. (13/19). 391 p. br. Cr$ 16,00. (7/43). **José Olympio.**

ROCHE (Regina M.). — Oscar e Amanda. Trad. Marina Sales Goulart de Andrade. Col Romances Famosos. (17/24). 269 p. br. Cr$ 15,00. (7/43). **Vecchi.**

ROCHESTER (Conde J. W.). — A vingança do judeu. (Romance Mediunico). Obtido pela Snra. W. Krijanowski. Trad. Almerindo Martins de Castro. (12/18). 416 p. br. Cr$ 12 00. (10.ª ed. 9/43). **Fed. Espirita.**

ROMANOWSKI (L.). — Ciume da morte. Pref. Luis Guedes. (17/24). 296 p. br. Cr$ 25,00. (10/43). **Coed. Brasilica.**

ROTH (Joseph). — Job, o romance de um pobre professor. Trad. Dom José Paulo da Câmara. Col. Excelsior, 24. (12/18). 235 p. cart. Cr$ 10,00. (10/43). **Livr Martins.**

RUCK (Bertha). — Dinheiro do céu. Trad. Aurelio Pinheiro. Bibl. das Moças, 108. (13/19). 254 p. br. Cr$ 7,00. (6/43). **Cia. Ed. Nacional.**

SÁ (Leoncio de). — Drácula e os milhões dos Mac. Kearson. (13/19). 152 p. br. Cr$ 5,00. (4/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

SABATINI (Rafael). — O cisne negro. (The Black Swan). Trad. Enéas Marzano. Col. Os Audazes, 4. (14/19). 225 p. br. Cr$ 8,00. (10/43)). **Vecchi.**

SAINT-PIERRE. — Paulo e Virginia. Trad. Série "Novelas do coração", 1. (10/17). 191 p. br. Cr$ 8,00. (3/43) **Ed. Cultura.**

SAND (George). — Ela e ele. Trad. Abelardo Romero. Col. "Corações em Chamas". (12/19). 267 p. br. Cr$ 8,00. (7/43). **Vecchi.**

SAND (George). — Jeanne. Trad. Edith de Carvalho Negrais. Col. Romances Para Moças, 12. (13/19). 327 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Ed. Anchieta.**

SAPPER. — Knock-Out. Trad. Isaac Soares. Col. Amarela 103. (13/19). 250 p. br. Cr$ 8,00. (3/43). **Globo.**

SAROYAN (William). — A comédia humana. Trad Alex Viany. Ils. de Don Freeman. (16/24). 286 p. br. Cr$ 25,00. (8/43). **Ed. Pan-Americana.**

SCOTT (Walter). — Ivanhoé. Trad. Marques Rebelo. (15/22). 521 p. br. Cr$ 25,00. enc. Cr$ 32,00. (9/43). **Pongetti.**

SCOTT (Walter). — Ivanhoé. Romance histórico. Trad., Série "Novelas Universais, 7-8. (14/20). 2 vols. 250 + 239 p. br. Cr$ 30,00. (7/43). **Ed. Cultura.**

SCOTT (Walter). — Os puritanos da Escócia. Trad., Série "Novelas Universais, 14-15. (14/20). 2 vols. 298 + 256 p. br. Cr$ 40,00. (11/43). **Ed. Cultura.**

SEGHERS (Anna). — A sétima cruz. Trad. Otavio Mendes Cajado. Col. Contemporânea, 2. (14/22). 335 p. br. Cr$ 20,00. (5/43). **Livr. Martins.**

SHELLEY (Mary W.). — Frankenstein. Trad. Caio Jardim. (14/20). 268 p. br. Cr$ 15,00. (1/43). **Ed. Universitária.**

SHELLEY (Mary). — Frankenstein. O criador e o monstro. Trad. Stella Martins Paredes. (14/19). 244 p. br. Cr$ 10,00. (11/43). **Vecchi.**

SHUTE (Nevil). — Abandonados. (Pied Piper). Trad. Cruz Cordeiro. (14/21). 267 p. br. Cr$ 15,00. (11/43). **Vecchi.**

SIENKIEWICZ (H.). — O dilúvio. Trad. Roberto Furquim. Série Redescobrimento da Vida, (17/24). 444 p. br. Cr$ 25,00. (3ª ed. 12/43). **Ed Pan-Americana.**

SIENKIEWICZ (Henryk). — Quo Vadis? (Romance do tempo de Nero). (13/19). 537 p. br. Cr$ 25,00. (10ª ed. 8/43). **Briguiet.**

SILONE (Igazio). — Pão e vinho. Trad. Miguel Macedo. Col. Romances Clássicos e Modernos. (14/20). 371 p. br. Cr$ 20,00. (9/43). **Ed. Oceano.**

SILVA (Lourdes G.). — Edméia. Pref. Assis Memoria. (14/19). 371 p. br. Cr$ 20 00. (12/43-1944). **Ed. Pan-Americana.**

SILVEIRA (Tasso da). — Silencio. (13/19). 262 p. br Cr$ 12 00. (11/43). **José Olympio.**

SINCLAIR (Upton). — Petróleo. Trad. Jorge Jobinsky. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 18. (13/19). 289 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). **Pongetti.**

SMITH (Thorme), MATSON (Norman). — Casei-me com uma feiticeira. Des. de Herbert Roese. Trad. Edson Carneiro. (14/21). 250 p. br. Cr$ 14,00. (9/43). **Vecchi.**

SOLER (Amalia Domingo). — Perdôo-te! (Memórias de um espírito). Trad. José Fakir. (14/21). 720 p. br. Cr$ 25,00. (6/43). **Distr. Z. Valverde.**

SPENCE (Hartzell). — Com um pé no céu. (One foot in heaven). Trad. Sodré Vianna. (15/22). 308 p. il. br. Cr$ 18,00. enc. [illegible]. **Pongetti.**

STEINBECK (John). — Boêmios errantes. Trad. Edison Carneiro. (14/21). 232 p. il. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 10/43). **Vecchi.**

STEINBECK (John). — Noite sem lua. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, S. 4, Literatura, 16. (15/22). 155 p. br. Cr$ 12,00. (8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

STENDHAL. — A Cartuxa de Parma. Trad. Antonio Rino. Col. Romances Clássicos e Modernos, (14/20). 371 p. br. Cr$ 20,00. (8/43). **Ed. Oceano.**

STENDHAL. — O vermelho e o negro. Trad. De Sousa Júnior e Casemiro Fernandes. Bibl. dos Séculos, 4. (15/23). 475 p. br. Cr$ 20,00. (4/43). **Globo.**

STEVENSON (Robert Louis). — A flexa preta. Trad. Edison Carneiro. Col. Os Audazes, 1. (14/19). 236 p. br. Cr$ 8,00. (4/43). **Vecchi.**

STEWART (George). — Tempestade. Romance de uma Fúria. Trad. Alex Viany. (16/23). 303 p. br. Cr$ 22,00. (7/43). **Ed. Pan-Americana.**

STOKER (Brahm). — Drácula, o homem da noite. Trad. Lucio Cardoso. Col. Mistério, 1. (14/19). 231 p. br. Cr$ 12,00. (8/43). **Ed. O Cruzeiro.**

STOWE. — A cabana do Pai Tomaz ou A vida dos negros na América. Série "Novelas Universais", 2. (14/20). 418 p. br. Cr$ 15,00. (1/43). **Ed. Cultura.**

TAHAN (Malba). — Aventuras do Rei Baribê. Romance oriental. Trad. Breno Alencar Bianco. Ils. de Solon Ribeiro. (14/23). 191 p. br. Cr$ 15,00. (7/43). **Getulio Costa.**

TAHAN (Malba). — O homem que calculava. Trad. e notas de Breno Alencar Bianco. Ils. de Felicitas Barreto. Des. Geométricos de Horácio Rubens. (17/24). 289 p. br. Cr$ 18,00. (8.ª ed. 1/43). **Getulio Costa.**

TAHAN (Malba). — Lendas do céu e da terra. Des. de F. Acquarone. (12/18). 241 p. br. Cr$ 10,00. (6.ª ed. 3/43). **Getulio Costa.**

TAMÁS (Istvan). — Sargento Nikola. O romance das guerrilhas Iugoslavas. Trad. Caio Jardim. (14/22). 295 p. br. Cr$ 20,00. (8/43). **Ed. Universitária.**

TAUNAY (Visconde de). — O encilhamento. Cenas contemporâneas da Bolsa do Rio de Janeiro em 1890, 1891 e 1892. Pref. Afonso de E. Taunay. (12/18). 302 p. br. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 9/43). **Ed. Melhoramentos.**

THACKERAY (W. M.). — Henrique Esmond. Memórias de uma vida esquecida (Henry Esmond). Trad. Eduardo de Lima Castro. Série Redescobrimento da Vida, 9. (16/24). 473 p. il. br. Cr$ 30,00. (11/43). **Ed. Pan-Americana.**

TOLSTOI (Leon). — Ana Karenina. Trad rev. por Marques Rebelo. (15/22). 609 p. br. Cr$ 25,00. enc. Cr$ 32,00. (6/43). **Pongetti.**

TOLSTOI (Leon). — Ana Karenina. Trad. Lucio Cardoso. Col. Fogos Cruzados, 30. (14/23). 655 p. br. Cr$ 30,00. (12/43). **José Olympio.**

TOLSTOI (Leon). — Homens e escravos. Trad. Cira Neri. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 26. (13/19). 193 p. br. Cr$ 9,00. (1/43). Pongetti.

TOTHEROH (Dan). — Vales profundos. Trad. V. Coaracy. (14/19). 325 p. br. Cr$ 18,00. (2/43). Ed. Pan-Americana.

VANCE (Ethel). — Represália. Trad. Otávio Mendes Cajado. Col. Contemporânea, 4. (14/22). 302 p. br. Cr$ 20,00. (9/43). Livr. Martins.

VERISSIMO (Erico). — Caminhos cruzados. (Prêmio Graça Aranha). (14/20). 335 p. br. Cr$ 14,00. (6.ª ed. 3/43). Globo.

VERISSIMO (Erico). — Música ao longe. (Prêmio "Machado de Assis"). (14/20). 277 p. br. Cr$ 12,00 (6.ª ed. 9/43). Globo.

VERISSIMO (Erico). — Olhai os lirios do campo (14/20). 302 p. br. Cr$ 12,00. (10.ª ed. 9/43). Globo.

VERISSIMO (Erico). — O resto é silêncio. (14/20). 414 p. br. Cr$ 16,00. (2.ª ed. 1/43). Globo.

VERISSIMO (Erico). — Saga. (14/20). 331 p. br. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 10/45). Globo.

VERISSIMO (Erico). — Um lugar ao sol. (14/20). 350 p. br. Cr$ 14,00. (5.ª ed. 9/43). Globo.

VIANA (Pedro Ribeiro). — Elzira, a morta virgem. (13/19). 90 p. br. Cr$ 2,00. (Nova ed. (12/43). Antunes.

VIEIRA (José Geraldo). — A quadragésima porta. (15/23). 520 p. br. Cr$ 28,00. (12/43). Globo.

VOLTAIRE. — Candide ou L'optimisme. Micromégas. Jeannot et Colin. Édition Chantecler. (11/18). 190 p. br. Cr$ 10,00. (6/43). Livr. Victor.

VOLTAIRE. — Cândido ou O otimismo. Os ouvidos do Conde de Chesterfield. Trad. Galeão Coutinho. Col. Excelsior, 21. (12/18). 213 p. cart. Cr$ 10,00. (5/43). Livr. Martins.

VOLTAIRE. — O ingênuo. História verdadeira extraida dos manuscritos do Padre Quesnel (1767). Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 29. (13/19). 138 p. br. Cr$ 8,00. (12/43-1944). Pongetti.

VOLTAIRE. — A princesa da Babilônia. O ingênuo. Micromégas. Trad. Miroel Silveira. Col. Excelsior, 20. (12/18). 207 p. cart. Cr$ 10,00. (4/43). Livr. Martins.

WALLACE (Carlton). — L'insaisissable Mr. Death. Col. "Police-Secours", 6. (11/18). 181 p. br. Cr$ 8,50. (2/43). Livr. Victor.

WARIN (Reinaldo de). — Romeu e Julieta. Trad., Série "Novelas do Coração", 2. (10/17). 189 p. br. Cr$ 8,00 (3/43). Ed. Cultura.

WARREN (Lella). — O solar da muralha de pedra. (Fondation Stone). Trad. Ilka Labarthe. Col. Fogos Cruzados, 33. (14/23). 430 p. br. Cr$ 25,00. (3.ª ed. 11/43). José Olympio.

WASSERMANN (Jacob). — Gaspar Hauser ou A indolência do coração. (Gaspar Hauser). Trad. Adonias Filho. (17/24). 393 p. br. Cr$ 30,00. (11/43). Ed. Pan-Americana.

WAYNE (Pedro). — Almas penadas. Ils. de Carlos Scliar. Capa de Pedro R. Wayne. (14/20). 182 p. br. Cr$ 10,00. (1942-2/43). Pongetti.

WELLS (H. G.). — O grande ditador. (The holly terror). — Trad. Marques Rebello. Col. O Cruzeiro, 1. (15/22). 407 p. br. Cr$ 25,00. (10/43). Ed. O Cruzeiro.

WERFEL (Franz). — Céu roubado. Trad. Sodré Viana. Col. Fogos Cruzados, 23. (14/23). 351 p. br. Cr$ 22,00. (5/43). José Olympio.

WILDE (Oscar). — Le portrait de Dorian Gray. Trad. Edmond Jaloux et Felix Frappereau. Col. Chantecler. (11/18). 250 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). Livr. Victor.

WILDE (Oscar). — O retrato de Dorian Gray. Trad. Januario Leite. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 27. (13/19). 257 p. br. Cr$ 10,00. (11/43). Pongetti.

WIRTA (Guy). — Nina Rosa. (Ninon Rose). — Trad., Bibl. das Moças, 4. (13/19). 251 p. br. Cr$ 7,00. (Nova ed. (11/43). Cia. Ed. Nacional.

XAVIER (Francisco Candido). — Renúncia. Romance de Emmanuel. (13/19). 421 p. br. Cr$ 12,00. (3/43). Fed. Espirita.

YUTANG (Lin). — Uma folha na tempestade. Trad. Ruth Lobato e Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 13. (14/22). 347 p. br. Cr$ 18,00. (Nova ed. 9/43). Cia. Ed. Nacional.

ZAMACOIS (Eduardo). — Os vivos mortos. Trad. Modesto de Abreu e Dina Britto. Col. Os Mais Famosos Romances Modernos. (14/21). 286 p. br. Cr$ 14,00. (7/43). Ed. Mundo Latino.

ZOLA (Émile). — Germinal. Trad. Bandeira Duarte. Col. As Obras Eternas. (17/24). 269 p. br. Cr$ 15,00. (2/43). Vecchi.

ZOLA (Émile). — Teresa Raquin. Trad. Moacir Werneck de Castro. Coy. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 9. (13/19). 210 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 11/43). Pongetti.

ZOLA (Émile). — Thérèse Raquin. (12/19). 285 p. br. Cr$ 22,00. (6/43). Americ—Edit.

4-8. B. 6) CONTOS

ALBUQUERQUE (Lêda Maria de). — A semana de Miss Smith. Mensão honrosa do Prêmio Humberto de Campos de 1941. (13/19). 225 p. br. Cr$ 12,00. (9/43). José Olympio.

ALPHONSUS (João). — Eis a noite! Contos & novelas. Ils. de Percy Deane. (17/24). 167 p. br. Cr$ 15,00. (8/43). Livr. Martins.

AMARANTE (Jurandyr). — Porque espancaram Pedro Cesario. (14/19). 143 p. br. Cr$ 10,00. (6/43). Pap. Coelho.

AZEVEDO (Aluizio). — Demônios. Pref. de N. S. Obras Completas, 12. (13/19). 176 p. br. Cr$ 12,00. (5.ª ed. 9/43). Briguiet.

BURLÁ (Eliezer). — Os braços duplicantes Mensão honrosa no Prêmio Humberto de Campos de 1941. (13/19). 216 p. br. Cr$ 10,00. (8/43). José Olympio.

CAMPOS (Eduardo). — Aguas mortas. (13/19). 123 p. br. (9/43). Ed. Clã.

CASTRO (Mario Lopes de). — No tempo em que os homens falavam... (13/19). 205 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). Z. Valverde.

COELHO NETTO (Paulo). — Vidas inquietas. (13/19). 160 p. br. Cr$ 10,00. (11/43). Distr. Civilização.

CONTO Brasileiro (As Obras Primas do). — Seleção, introdução e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de J. Wasth Rodrigues. Co. A Marcha do Espirito, 9. (14/22). 356 p. br. Cr$ 20,00. (6/43). Livr. Martins.

CONTO Universal (As Obras Primas do). — Introdução, notas, compilação e traduções de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos por Urban. Col. A Marcha do Espirito, 6. (15/22). 381 p. br. Cr$ 20,00. (1/43) + 2.ª e 3.ª ed. 7/43). Livr. Martins.

CONTOS de Amor (Os Mais Belos) dos mais famosos autores. — Compilação e tradução de Persiano da Fonseca. (14/21) 311 p. br. Cr$ 16,00. (5/43 + 2.ª ed. 7/43). Vecchi.

CONTOS de Amor (Os Mais Belos) dos mais famosos autores. 2.ª série. Trad. Edison Carneiro, F. dos Reys Coutinho, I. da Cunha Borges, Manuel Rodrigues da Silva e Odilon Gallotti. (14/21). 322 p. br. Cr$ 16,00. (9/43). Vecchi.

CONTOS Históricos de Portugal (Os Melhores). — Por Alexandre Herculano, Conde de Sabugosa, Eça de Queiroz, Antônio Sardinha, Henrique Lopes de Mendonça, Júlio Dantas, Pinheiro Chagas, D. João de Castro, Rebêlo da Silva e Jaime Cortesão. Pref. e seleção de Gustavo Barroso. (14/22). 307 p. il. br. Cr$ 18,00. (3/43). Ed. Dois Mundos.

CONTOS Rústicos de Portugal (Os Melhores). — Pref. Jorge de Lima. Col. Clássicos e Contemporâneos, 11. (14/22). 322 p. br. Cr$ 18,00. (11/43). Ed. Dois Mundos.

DAUDET (Alphonse). — Contos de Segunda-feira. Trad. Orlando Portella. (13/19). 252 p. br. Cr$ 15,00. (11/43). Ed. Pan-Americana.

DAUDET (Alphonse). — Lettres de mon moulin. (Éditios Chantecler). (11/18). 194 p. br. Cr$ 10,00. (4/43). Livr. Victor.

DUTRA (Lia Corrêa). — Navio sem porto. Prêmio Humberto de Campos de 1941. (13/19). 267 p. br. Cr$ 12,00. (7/43). José Olympio.

FAGUNDES (Lígia). — Praia viva. (14/20). 136 p. br. Cr$ 10,00. (12/43). Livr. Martins.

FALCÃO (Luiz Annibal). — A mulher que sofria da imaginação. Seis contos de Amor. Tres contos medievais. Tres contos insensatos. (13/19). 185 p. br. Cr$ 10,00. (9/43). Livr. Franco-Brasileira.

FERNANDES (Arnolfo). — Inquietações. (14/19). 117 p. br. Cr$ 10,00. (11/43). Dias Vasconcellos.

FIGUEIREDO (Guilherme). — Rondinella e outras histórias. (15/22). 281 p. br. Cr$ 15,00. (10/43). Ed. O Cruzeiro.

FISCHER (Max). — Présence du passé. (12/19). 265 p. br. Cr$ 23,00. (12/43). Americ - Edit.

FRANCE (Anatole). — Les sept femmes de La Barbe-Bleu et autres contes merveilleux. Éd. Chantecler. (11/18). 160 p. br. Cr$ 10,00. (7/43). Livr. Victor.

FREITAS (Lourdes Pedreira de). — Fala o coração... (13/18). 139 p. br. Cr$ 12,00. (11/43). A Noite.

LAMB (Charles & Mary). — Contos de Shakespeare. Trad. Mario Quintana. Ils. de J. Fahrion. (15/23). 285 p. br. Cr$ 18,00. (9/43). Globo.

LOBATO (Monteiro). — Urupês, outros contos e coisas. "Edição Onibus", comemorativa do 25.º aniversário da estréia do escritor. Organizada e pref. por Artur Neves. Bibl. Espirito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 18. (15/22). 713 p. br. Cr$ 35,00. (12/43). Cia. Ed. Nacional.

MAUGHAM (W. Somerset). — As três mulheres de Antibes. (The mixture as Before). Trad. Otávio Mendes Cajado. Col. Contemporânea, 7. (14/22). 343 p. br. Cr$ 20,00. (11/43). Livr. Martins.

MAUPASSANT (Guy de). — Contos. Trad. Mario Quintana. Bibl. dos Séculos, 5. (15/23). 479 p. br. Cr$ 20,00. (8/43). Globo.

MIZAR (André Jean). — Les mille nouvelles histoires Marseillaises. Ils. de Ton. Col. Chantecler. (11/18). 240 p. br. Cr$ 10,00. (2/43). Livr. Victor.

NERY (Adalgisa). — Og (13/19). 133 p. br. Cr$ 10,00. (2/43). José Olympio.

OLIVEIRA (Julieta D'). — Asas de cêra. (14/18). 125 p. br. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 5/43). Tip. M. Weissman, Rio.

OLIVEIRA (Julieta D'). — Gotas de orvalho. (14/20). 133 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). Baptista de Sousa.

PAPINI (Giovanni). — Gog. Trad. De Souza Junior. Col. Nobel, 1. (Nova ed. 7/43). Globo.

PIRES (Cornelio). — Quem conta um conto... E outros contos. (14/19). 207 p. br. Cr$ 10,00. (2/43). Livr. Liberdade.

POTYGUARA (José). — Sapupema. Contos Amazônicos. (13/19). 215 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). H. Velho.

REYNA (Alberto Wagner de). — Psyche, Tecedeira de estrelas. Trad. Georgino Paulino. Col. Flama, 4. (14/20). 91 p. br. Cr$ 8,00. (3/43). Moema Ed.

SCHMIDT (Maria Junqueira). — Les plus belles histoires. Choix fait et publié par Maria Junqueira Smith. Col. Juventude Brasileira. (13/19). 146 p. enc. Cr$ 18,00. (4/43). Americ - Edit.

TAHAN (Malba). — Lendas do povo de Deus. Lendas e contos judaicos. Notas de Breno Alencar Bianco. (13/19). 199 p. il. br. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 8/43). Getulio Costa.

TAHAN (Malba). — O livro de Aladim. (Contos orientais). Trad. e notas de Breno Alencar Bianco. (13/19). 190 p. br. Cr$ 8,00. (1/43). Getulio Costa.

TAHAN (Malba). — Mil Histórias sem fim... 1.º volume. Pref. Humberto de Campos. Trad. e notas de Breno Alencar Bianco. (13/19). 143 p. il. br. Cr$ 8,00. (5.ª ed. 10/43). Getulio Costa.

TELLES (Leonor). — Porteira velha. Pref. Benjamin Moraes. (13/19). 183 p. br. Cr$ 12,00. (4/43). Alba.

ZOLA (Emile). — Por uma noite de amor. Trad. rev. por Inácio Raposo. (13/19). 173 p. br. Cr$ 8,00. (8/43). Ed. Pan-Americana.

4-8. B. 7) ELOQUÊNCIA

ANSELMO (Manuel). — Manoel Lubambo, a amizade luso-brasileira e a latinidade. (Duas conferências em Pernambuco). Ed. do Ciclo Cultural Luso-Brasileiro, Recife. (13/19). 77 p. br. Cr$ 5,00. (7/43). Distr. Livros de Portugal.

FREYRE (Gilberto). — Atualidade de Euclides da Cunha. Conferência. Série Itamarati. (12/16). 63 p. br. Cr$ 4,00. (2.ª ed. 7/43). Casa do Estudante.

LINS (Ivan). — A cultura e o momento internacional. Conferência. (13/18). 33 p. br. (8/43). Gr. Sauer, Rio.

REGO (José Lins do). — Pedro Américo. Conferência. (12/16). 36 p. br. Cr$ 2,00 (10/43). Casa do Estudante.

TIGRE (Bastos). — Martins Fontes. Conferência. Preâmbulo de Amilcar Mendes Gonçalves. Ed. da Sociedade dos Amigos de Martins Fontes. (16/24). 40 p. br. (8/43). Ed. S. A. M. F., Santos.

VIEIRA (Pe.). — Sermões de ouro. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 7. (11/18). 451 p. br. Cr$ 30,00. (7/43). Ed. Cultura.

4-8. B. 8) OBRAS PARA CRIANÇAS

ACQUARONE (F.). — O casamento de Maçarico. Des. do Autor. (17/23). 16 p. br. Cr$ 4,00. (3.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

ACQUARONE (F.). — A guerra dos animais. Des. de F. Acquarone. Bibl. Infantil d'"O Tico-Tico". (23/31). 40 p. cart. Cr$ 12,00. (10/43). O Tico-Tico.

ACQUARONE (F.). — História do café. Ils. do Autor. Col. Educativa do "O Campo, 1. (16/24). 100 p. cart. Cr$ 15,00. (12/43). Distr. Ed. Minerva.

ACQUARONE (F.). — História maravilhosa da Arca-de-Noé. Des. do Autor. (17/22). 48 p. cart. Cr$ 7,00. (3.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

ACQUARONE (F.). — As mais lindas histórias de Fadas. Barba Azul. Chapelinho Vermelho. O Gato de Botas. Gata Borralheira. João e Maria. Ils. de F. Acquarone. (24/33). 31 p. cart. Cr$ 13,00. (12/43). Ed. Minerva.

ACQUARONE (F.). — O pique-nique dos animais. Ils. do Autor. (17/23). 16 p. br. Cr$ 4,00. (3.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

ALBUM do Bebê. Desenho de Guilherme WALPETERIS. (23/28). 44 p. c/caixa, cart. Cr$ 35,00. (12/43 — 1944). Livr. Ed. Paulicéia.

ALMEIDA (Guilherme de). — João Pestana. Inspirado no conto "Der Sandmann", de Hans Christian Andersen. Ils. de Dorca. (23/32). 14 p. br. Cr$ 6,00 (2.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

ALMEIDA (Guilherme de). — O sonho de Marina. Ils. de Dorca. (12/32). 16 p. br. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

ALMEIDA (Lúcia Machado) — No fundo do mar. Apresentação de Guilherme de Almeida. Ils. de Rita Blumer. (18/23). 72 p. cart. Cr$ 9,00. (12/43). Ed. Melhoramentos.

BANDEIRA (Sennem). — Matimtapereira. Contribuição ao ensino do desenho numa história de aventuras. (17/24). 109 p. il. cart. Cr$ 12,00. (12/43). Ed. Pan-Americana.

BARATA (Antonio). — Dois meninos e um cachorro. Des. de Edgar Koetz. Bibl. de Nanquinote, 12. (19/27). 29 p. cart. Cr$ 6,00. (1942 — 3/43). Globo.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — A festa das lanternas. Bibl. Infantil, 17. (12/16). 56 p. il. br. Cr$ 2,00. (8.ª ed. 9/43). Ed. Melhoramentos.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — O filho do pescador. Bibl. Infantil, 11. (12/16). 56 p. il. br. Cr$ 2,00. (10.ª ed. 9/43). Ed. Melhoramentos

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — Flor encarnada. (Do folclore africano). Bibl. Infantil, 18. (12/16). 56 p. il. br. Cr$ 2,00. (9.ª ed. 9/43). Ed. Melhoramentos.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — O lago das pedras preciosas. (Do folclore chinês). Bibl. Infantil, 16. (12/16). 56 p. il. br. Cr$ 2,00. (9.ª ed. 9/43). Ed. Melhoramentos.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — O sargento verde. Bibl. Infantil, 14. (12/16). 56 p. il. cart. Cr$ 2,00. (9.ª ed. 9/43). Ed. Melhoramentos.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — Os três príncipes coroados. O príncipe do Limo Verde. Bibl. Infantil, 13. (12/16). 56 p. il. br. Cr$ 2,00. (10.ª ed. 9/43). Ed. Melhoramentos.

DELAIR (Edgard Liger), SÁ (Luiz). — Zézé-Gogô. Ils. de Luiz Sá. Col. Das 4 línguas: Português, English, Español, Français. n.º 2. (16/13). 37 p. br. Cr$ 4.00. (12/43). Livr. Franco-Brasileira.

BRAHE (Tycho). — A árvore de natal ou Tesouro maravilhoso de Papae Noel. (14/19). 311 p. il. cart. Cr$ 15,00. (Nova ed. 11/43 — 1944). Livr. Quaresma.

BREINER (Zulmira de Queiroz). — O caminho da felicidade. Ils. de Rodolfo. (16/23). 55 p. cart. Cr$ 10,00. (12/43 — 1944). Ed. Era Uma Vez.

BURNET (Frances Hodgson). — O pequeno Lord. Trad. (14/19). 293 p. il. br. Cr$ 15,00. (Nova ed. 11/43). Getulio Costa.

BUSCH (W.). — O camondongo e outras historietas. Trad. Guilherme de Almeida. (16/23). 32 p. il. cart. Cr$ 6,00. (10/43). Ed. Melhoramentos.

BUSCH (W.). — Corococó e Caracacá e outras histórias. Trad. Guilherme de Almeida. Ils. do Autor. (16/24). 32 p. cart. Cr$ 6,00. (6/43). Ed. Melhoramentos.

BUSCH (W.). — O fantasma lambão e outras historietas. Trad. Guilherme de Almeida. (16/23). 32 p. il. cart. Cr$ 6,00. (12/43). Ed. Melhoramentos.

BUSCH (W.). — Juca e Chico. História de dois meninos em sete travessuras. Trad. de Fantasio (Olavo Bilac). (16/23). 56 p. il. cart. Cr$ 8,00. (8.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

CAMPOS (Humberto de). — Histórias maravilhosas. Ils. de Théo. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. cart. Cr$ 6,00. (10/43). O Tico-Tico.

CARROLL (Lewis). — Alice na casa do espelho. Trad. Pepita de Leão. Ils. de João Fahrion. Col. Burrinho Azul. (16/22). 155 p. cart. Cr$ 14,00 (Nova ed. 9/43). Globo.

CONTOS de Fadas Ingleses (Os mais belos). — Des. de Ramón Hespanha. (21/28). 92 p. cart. Cr$ 18,00. (12/43 — 1944). Vecchi.

CORRÊA (Viriato). — Cazuza. (16/22). 194 p. il. cart. Cr$ 18,00. (Nova ed. 12/43). Cia. Ed. Nacional.

DAMIÃO (Tio). — Baianinha. Histórias do Tio Damião, Série A, n.º 2. Des. de Dorca. (11/24). 16 p. cart. Cr$ 2,00. (2.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

DAMIÃO (Tio). — Papagaio real. Histórias do Tio Damião, Série A, n.º 3. Des. de Dorca. (10/24). 16 p. cart. Cr$ 2,00. (9/43). Ed. Melhoramentos.

DAMIÃO (Tio). — Tão pequenino. Histórias do Tio Damião, Série A, n.º 4. Des. de Marianne Mullenhoff. (10/24). 16 p. cart. Cr$ 2,00. (11/43). Ed. Melhoramentos.

DAMIÃO (Tio). — Totó. Histórias do Tio Damião, Série A, n.º 1, Des. de Dorca. (10/24). 16 p. cart. Cr$ 2,00. (2.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

DEFOE (Daniel). — Robinson Crusoé. Adaptação e rev. de Terra de Sena. Ils. de Leda Acquarone. (16/24). 166 p. cart. Cr$ 15,00. (9/43). Ed. Minerva.

DEFOE (Daniel). — Robinson Crusoé. Adaptado para as crianças por Monteiro Lobato. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 19. (16/22). 124 p. il. cart. Cr$ 10,00. (5.ª ed. 12/43). Cia. Ed. Nacional.

DEIHL (Edna Groff). — O cãozinho cabeçudo. (The Little dog that would, not wag his tail). Trad. Mário Donato. Ils. de Roberta Paflin. (18/21). 40 p. cart. Cr$ 8,00. (12/43). Ed. Melhoramentos.

DICO E DOCA fazendo compras. Col. Alegria das Crianças, 1. (22/30). 12 p. il. br. Cr$ 4,00. (11/43). Ed. Melhoramentos.

DISNEY (Walt). — Almanaque 1944. (22/34). 98 p. il. cart. Cr$ 20,00. (11/43). A Noite — Publ. Infantis.

DISNEY (Walt). — Bambi, Príncipe das florestas. Trad. e adaptação de Renato de Brasil. Bibl. Mirim, 29. (9/11). 294 p. il. cart. Cr$ 5,00. (8/43). A Noite — Publ. Infantis.

DISNEY (Walt). — Camondongo Mickey na Legião Estrangeira. Trad. e adaptação de Sodré Viana. Bibl. Mirim, 28. (10/12). 319 p. il. cart. Cr$ 5,00. (7/43). A Noite — Publ. Infantis.

DISNEY (Walt). — Os companheiros de Branca de Neve. Col. Horas Felizes, 6. (23/32). 12 p. il. br. Cr$ 5,00. (11/43). Ed. Melhoramentos.

DISNEY (Walt). — Mickey, o matador de gigantes. Col. Historietas, 5. (23/32). 16 p. il. br. Cr$ 6,00. (12/43). Ed. Melhoramentos

DISNEY (Walt). — Pato Donald. Col. Historietas, 3. (23/32). 16 p. il. br. Cr$ 6.00. (10/43). Ed. Melhoramentos.

DISNEY (Walt). — Pato Donald e suas (dez) venturas. Trad. e adaptação de Sodré Viana, Bibl. Mirim, 30. (9/11). 223 p. il. cart. Cr. 5,00. (10/43). A Noite — Publ. Infantis.

DISNEY (Walt). — O Pinocchio. Trad. Guilherme de Almeida. Col. Historietas, 4. (23/32). 16 p. il. br. Cr$ 6,00. (10/43). Ed. Melhoramentos.

DONATO (Mario). — Sargentinho. Novela infantil. Des. de Dorca. (16/24). 139 p. cart. Cr$ 15,00. (11/43). Livr. Martins.

DUMAS (Alexandre). — História dum quebra-nozes. (Histoire d'un casse-noisette).

(Trad. Pepita de Leão. Ils. de João Fahrion. (16/22). 157 p. cart. Cr$ 14,00. (12/43). Globo.

ESPINHEIRA (Ariosto). — Viagem através do Brasil. Vol. IV. Brasil de Leste — II, Minas Gerais. Ils. do Autor, (18/23). 136 p. 2 pranchas, cart. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

FERENZONA (Fergan Di). — Aventuras extraordinarias dos tres Mosqueteiros de Pau. (15/20). 90 p. il. cart. Cr$ 5,00. (2.ª ed. 11/43). Cia. Ed. Nacional.

FERREIRA (Barros). — A maravilhosa história de José. Bibl. Infantil, 71. (12/16). 56 p. il. br. Cr$ 2,00. (9/43). Ed. Melhoramentos.

FLEURY (Renato Sêneca). — O rei castigado. Bibl. Infantil, 74. (12/16). 56 p il. cart. Cr$ 1,50. (6/43). Ed. Melhoramentos.

FLEURY (Renato Sêneca). — Santos Dumont. Ils. de Belmonte. (18/23). 48 p. cart. Cr$ 7,00. (8/43). Ed. Melhoramentos.

FLEURY (Renato Sêneca). — Os três grãos de trigo. Bibl. Infantil, 73. (12/16). 56 p. il. cart. Cr$ 1,50. (6/43). Ed. Melhoramentos.

FONTAINE (La). Fábulas. Trad. e adaptação de Mário Donato. Des. de Gustavo Doré e Gherardo Garuti. Série de Natal "Delícias Infantís", 1. (21/29). 50 p. cart. Cr$ 35,00. (12/43). Ed. Cultura.

FORMAÇÃO da Pátria. — Baseada na História do Brasil do Barão do Rio Branco. Pref. e rev. de Max Fleiuss. Des. de Miguel Hockman e Fernando Dias da Silva. (27/34). 100 p. cart. Cr$ 20,00. (6/43). A Noite — Publ. Infantis.

FRUTAS do Brasil. (23/17). 32 p. il. br. Cr$ 6,00. (11/43). Ed. Melhoramentos.

GRIECO (Donatelo). — Brasil menino. Histórias Brasileiras.(Des. de Fernando. (16/23). 121 p. cart. Cr$ 12,00. (11/43). Liv. Martins.

GUIMARÃES (João). — Pedro, o pequeno corsário. (Adaptação). Ils. de Miguel Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. br. Cr$ 6,00. (11/43). O Tico-Tico.

GUIMARÃES (Vicente). — O frangote desobediente. Ils. de Percy Deane. (16/21). 61 p. cart. Cr$ 10,00. (4/43). Ed. Criança.

GUIMARÃES (Vicente). — João Bolinha virou gente. Des. de Rocha. (16/23). 39 p. cart. Cr$ 8,00. (12/43). Distr. Ed. Anchieta.

GUIMARÃES (Vicente). — A princezinha do castelo vermelho. Des. de Rodolfo. (16/23). 58 p. cart. Cr$ 10,00. (8/43). Distr. Ed. Anchieta.

HAUFF (Guilherme). — O Cheique de Alexandria. Trad. e adaptação de Lina Hirsh. Rev. de Sodré Vianna. Ils. de Otto Büngner. (16/24). 85 p. cart. Cr$ 12,00. (11/43). Pongetti.

HAUFF (Guilherme). — Pedrinho Carvoeiro. Trad. e adaptação de Lina Hirsh. Rev. de Sodré Viana. Ils. de Regina Veiga. (16/24). 89 p. cart. Cr$ 12,00. (12/43). Pongetti.

HISTÓRIA (A) de Nosso Bebê. Des. de Dorca. (22/32). 36 p. cart. Cr$ 15,00. (12/43). Ed. Melhoramentos.

HISTÓRIA do Pretinho Jujuba. Apresentação em versos de Lygia Sarmento. Des. de W. M. Brand. (15/21). 38 p. cart. Cr$ 10,00. 12/43). Distr. Pongetti.

HOFFMANN (Heinrich). — João Felpudo. Trad. Guilherme de Almeida. Des. de Dorca. (18/23). 47 p. cart. Cr$ 7,00. (2.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

HOGAN (Inez). — Os dois veadinhos. (Twin Deer). Trad. Mário Donato. (18/22). 48 p. il. cart. Cr$ 8,00. (11/43). Ed. Melhoramentos.

IRVING (Washington). — Lendas maravilhosas da Alhambra. Trad. Mário Donato. Série de Natal "Delícias Infantís", 2. (21/29). 66 p. il. cart. Cr$ 35,00. (12/43). Ed. Cultura.

LESAGE. — Aventuras e desventuras de Gil Braz. Reprodução das gravuras e des. de Gustavo Doré. Resumo e adaptação da trad. de Bocage por Mário Donato. Série de Natal "Delícias Infantís". 3. (21/29). 63 p. cart. Cr$ 35,00. (12/43). Ed. Cultura.

LEVETZOW (Hulda von). — Sinhaninha e Maricota. As irmãs de Juca e Chico. Trad. Colina Lion e Carlos Lebeis. Ils. de F. Madalena. (16/24). 56 p. cart. Cr$ 8,00. (3.ª ed. 9/43). Ed. Melhoramentos

LOBATO (Monteiro). — Emília no país da gramática. Ils. de Belmonte. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 14. (16/22). 174 p. cart. Cr$ 16,00. (5.ª ed. 12/43). Cia. Ed. Nacional.

LOBATO (Monteiro). — Fábulas. Des. de Wiese. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 34. (16/22). 157 p. cart. Cr$ 15,00. (9.ª ed. 9/43). Cia. Ed. Nacional.

LOBATO (Monteiro). — História do Mundo para crianças. Ils. de J. U. Campos. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 10. (16/22). 277 p. cart. Cr$ 22,00. (9.ª ed. 12/43). Cia. Ed. Nacional.

LOBATO (Monteiro. — Reinações de Narizinho. Ils. de J. U. Campos. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, I e II. (16/22). 256 p. cart. Cr$ 20,00. (10.ª ed. 11/43). Cia. Ed. Nacional.

LOBATO (Monteiro). — Viagem ao céu. Ils. de J. U. Campos. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 3. (16/22). 153 p. cart, Cr$ 16,00. (4.ª ed. 11/43). Cia. Ed. Nacional. (9.ª ed. 9/43).

LOPES (Hélio). — Ritinha quer um presente... (16/23). 48 p. il. br. Cr$ 4,00. (11/43). Ed. Vozes.

LOPES (Luciano). — A conquista da Coroa. (14/19). 58 p. il. cart. Cr$ 7,00. (11/43). Livr. Alves.

LUCIO (João). — Pá, Pé e o Papão. (16/23). 155 p. il. cart. Cr$ 6,00. (1942 — 8/43). Ministério da Agricultura.

LULÚS e bichanos com seus brinquedos e roupinhas. (24/41). 12 p. il. cart. Cr$ 6,00. (11/43. Ed. Melhoramentos.

MAGALHÃES JOR. (R.), BENEDETTI (Lúcia). — Chico-Vira-Bicho e outras histórias. Ils. de João Fahrion. Col. Burrinho Azul. (16/22). 95 p. cart. Cr$ 10,00. (10/43). Globo.

MALTA (Tostes). — Entrou por uma porta e saiu por outra... Ils. de Noemia. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. br. Cr$ 6,00. (11/43). O Tico-Tico.

MANHÃES (Carlos). — No mundo dos bichos. Ils. de Luiz Sá. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. cart. Cr$ 6,00. (10/43). O Tico-Tico.

MILANO (Miguel). — Heróis brasileiros. Repertório biográfico de homens notáveis do Brasil. (15/22). 195 p. il. cart. Cr$ 15,00. (10/43). Globo.

MONTEIRO (Jerônimo). — O homem da perna só. Bibl. Infantil Anchieta, 3.ª série, 1. (14/19). 61 p. il. br. Cr$ 2,50. (6/43). Ed. Anchieta.

MONTEIRO (Jerônimo). — A ilha do mistério. Bibl. Infantil Anchieta, 3.ª série, 3. (14/19). 63 p. br. Cr$ 2,50. (9/43). Ed. Anchitta.

MONTEIRO (Jerônimo) — Os nazis na ilha do mistério. Bibl. Infantil , 3.ª série, 4. (13/18). 62 p. il. br. Cr$ 2,50. Ed. Anchieta.

MONTEIRO (Jerônimo). — O palacio subterrâneo das Antilhas. Bibl. Infantil Anchieta, 3.ª série, 5. (13/18). 61 p. il. br. Cr$ 2,50. (10/43). Ed. Anchieta.

MONTEIRO (Jerônimo). — O tesouro do perneta. Bibl. Infantil Anchieta. 3.ª série, 2. (14/19). 63 p. br. Cr$ 2,50. (7/43). Ed. Anchieta.

MONTELLO (Josué). — O tesouro de José. Ils. de Paulo Afonso. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. br. Cr$ 6,00. (11/43). O Tico-Tico.

MOSLEY (Zack). — Jack do Espaço, campeão dos ares. Trad., Col. Gibi, 18. (9/11). 427 p. il. cart. Cr$ 5,00. (8/43). Globo Juvenil.

MOURA (Pedro de Almeida). — História do trem de ferro. Des. de P. de Lara. (24/17). 32 p. br. Cr$ 6,00. (11/43). Ed. Melhoramentos.

MULLENHOFF (Marianne). — Brinquedos para os dias de folga. Ils. da Autora. Trad. e adaptação de Pedro de Almeida Moura. (18/22). 114 p. cart. Cr$ 15,00. (11/43). Ed. Melhoramentos.

NEWBERRY (Clare Turlay). — Regalo. (Mittens). Trad. Guilherme de Almeida. Des. da Autora. (18/23). 30 p. cart. Cr$ 5,00. (2.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

OLIVEIRA (Alaíde Lisbôa de). — A bonequinha preta. (16/24). 36 p. il. cart. Cr$ 5,00. 3.ª ed. 10/43). Livr. Alves.

ORICO (Osvaldo). — Contos da Mãe Preta. Ils. de Luiz Sá. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. cart. Cr$ 6,00 (10/43). O Tico-Tico.

ORICO (Osvaldo). — Histórias do Pai João. Ils. de Luiz Sá. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/18). 87 p.br. Cr$ 6,00 (11/43). O Tico-Tico.

PEREIRA (Lucia Miguel). — A filha do Rio Verde. Ils. de Augusto Rodrigues. (23/32). 35 p. cart. Cr$ 12,00. (12/43). Ed. O Cruzeiro.

PEREIRA (Lucia Miguel). — Na floresta mágica. Ils. de Luiz Jardim. (23/32). 41 p. cart. Cr$ 12,00. (12/43). Ed. O Cruzeiro.

PEREIRA (Lucia Miguel). — Maria e seus bonecos. Ils. de Santa Rosa. (23/32). 33 p. cart. Cr$ 12,00. (12/43). Ed. O Cruzeiro.

PIMENTEL (Figueiredo). — Histórias da Baratinha. Livro para crianças. (14/19). 270 p. il. cart. Cr$ 15,00. (Nova ed. 10/43). Livr. Quaresma).

PINTO (João). — A Juventude do Brasil. Pref. Mario Pinto Serva. (16/23). 96 p. il. br. 3/43). Gr. Mangione, S. Paulo.

QUEIROZ (Galvão de). — Reportagens de Pitusquinho. Ils. de Miguel. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. cart. Cr$ 6,00. (10/43). O Tico-Tico.

REI (O) Arthur e seus Cavaleiros. (King Arthur and his Noble Knights). Trad. Pepita de Leão. Ils. João Mottini. Col. Aventura, 6. (15/22). 245 p. cart. Cr$ 14,00. (12/43). Globo.

ROCHA (M. L. Franco da). — Do Norte ao Sul). (16/23). 35 p. il. cart. Cr$ 8,00. (12/43). Olympio de Campos.

SALVI (Nina). — Belinha e Bolinha. Des. de Oswald Storni. (19/26). 47 p. cart. Cr$ 15,00. (12/43). Imp. Nacional.

SALVI (Nina). — Dingo e Tucha. Des. de Acquarone. (18/21). 70 p. cart. Cr$ 9,00. (3.ª ed. 11/43). Pongetti Imp.

SALVI (Nina). — A história do Principe Abdel Assur. Ils. de Acquarone. Série Verde, 4. (18/21). 48 p. cart. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 11/43). Ed. Melhoramentos.

SALVI (Nina). — Tico e Téco. Des. de Acquarone. (18/21). 71 p. cart. Cr$ 9,00. (2.ª ed. 11/43). Pongetti Imp.

SCHMID. — Contos de Schmid. Inês. Trad. Maria do Carmo Ulhôa Vieira. Rev. por Paulo A. Lencastre. Ils. de Messias. Bibl. Infantil Anchieta, 17. (17/21). 92 p. cart. Cr$ 9,00. (12/43). Ed. Anchieta.

SILVEIRA (Miroel). — O mistério do anel. (Prêmio Antônio de Alcantara Machado. 1942). (18/21). 96 p. cart. Cr$ 12,00. (12/43). Ed. Melhoramentos.

SOUSA JUNIOR (De). — As proezas do Macaco Guisadinho. Des. de Armando

Kuwer. Bibl. de Nanquinote, 13. (-9/27). 32 p. cart. Cr$ 6,00. (1942-3/43). Globo.

SPYRI (Johanna). — Dora. Trad. Pepita de Leão. Ils. de João Fahrion. (16/22). 142 p. cart. Cr$ 12,00. (10/43). Globo.

SPYRI (Johanna). — Eveli, a pequena cantora. Trad. Pepita de Leão. Col. Burrinho Azul, (16/22). 151 p. il. cart. Cr$ 14,00, (9/43). Globo.

SPYRI (Johanna). — Francisca. Trad. Pepita de Leão. Col. Burrinho Azul. (16/22). 157 p. il. cart. Cr$ 14,00. (1942-10/43). Globo.

SPYRI (Johanna). — Heidi nos Alpes. Trad. Pepita de Leão. Ils. de João Fahrion. Col. Burrinho Azul. (16/22). 151 p. cart. Cr$ 12,00. (Nova ed. 9/43). Globo.

SPYRI (Johanna). — Verônica. Trad. Pepita de Leão. Ils. João Mottini. (16/22). 135 p. cart. Cr$ 13,00. (12/43). Globo.

SWIFT (Jonathan). — As viagens de Gulliver. Adaptação para a juventude brasileira de Terra de Senna. Ils. de Leda Acquarone. (16/24). 189 p. cart. Cr$ 15,00. (11/43). Ed. Minerva.

TAHAN (Malba). — Paca Tatú... (Contos infantis brasileiros). (13/19). 80 p. il. br Cr$ 5,00. (3.ª ed. 11/43). Getulio Costa.

TRINDADE O. F. M. (D. fr. Henr. G.). — Os contos de frei Cacopone. (1.ª série). Des. de H. Graf. (12/18). 127 p. br. Cr$ 5,00. (1942-3/43). Ed. Vozes.

VARZEA (Affonso). — O tesouro da Ilha dos Côcos. (14/19). 236 p. il. br. Cr$ 10,00. (4/43). Alba.

VERISSIMO (Erico). — As aventuras de Tibicuera. Que são também as aventuras do Brasil. Ils. de Ernst Zeimer. (15/22). 177 p. cart. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 1942-3/43). Globo.

5) CIÊNCIAS MATEMÁTICAS — FÍSICAS E NATURAIS

ABREU (Modesto de). — Aritmética. Admissão, 4. (12/18). 115 p. cart. Cr$ 6,00. (5/43). Pongetti.

AMARAL (João Pecegueiro do), LEITÃO (Cândido de Mello). — Noções de Ciências naturais. 1.º vol. para a 3.ª série ginasial. (14/20). 332 p. il. cart. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 4/43). — 2.º vol. para a 4.ª série ginasial. (14/20). 316 p. il. cart. Cr$ 14,00. (3.ª ed. 4/43 + 4.ª e 5.ª ed. 9/43). Cia. Ed. Nacional.

AMÓRA (Renato). — Operações financeiras e imposto de renda. Modos de cálculo. (16/23). 243 p. br. Cr$ 30,00. (10/43). Imp. Nacional.

ARCHÊRO JUNIOR (Achiles). — Matemática. (2.ª série ginasial. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 169 p. il. cart. Cr$ 13,00. (5/43). Ed. e Publ. Brasil.

AUGUSTO (J. Cesar). — Aritmética especializada. Cálculos rápidos e sem produtos parciais. (16/24). 148 p. br. Cr$ 20,00. (2/43). Ed. Autor, Rio.

CALIOLI (Carlos), D'AMBROSIO (Nicolau). — Matemática. (1.º ano propedêutico). Aritmética. Pref. Humberto Alfredo Pucca. Col. Dom Bosco, 17. (14/20). 318 p. cart. Cr$ 15,00. (5.ª ed. 3/43). Cia. Ed. Nacional.

CARVALHO (Thales Mello) — Matemática Para os cursos clássico e Científico. 1.ª série. (14/21). 487 p. il. cart. Cr$ 30,00. (9/43). Cia. Ed. Nacional.

CATTONY (Carlos). — Lições de matemática elementar. 1.º vol., Geometria intuitiva e aritmética prática para 1.ª série dos Ginásios. (14/19). 262 p. il. cart. Cr$ 12,00. (2/43). — 2.º vol. 2.ª série dos ginásios. (14/19). 230 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43). — 3.º vol. Álgebra e geometria. 3.ª série ginasial. (14/19). 315 p. cart. Cr$ 15,00. (8/43). Ed. Anchieta.

COSTA (Angyone). — Indiologia. (17/24). 273 p. il. br. Cr$ 30,00. (2.ª ed. 10/43). Z. Valverde.

COSTA (Carlos) — Elementos de física, química e história natural Curso propedêutico. Col. Dom Bosco, 20. (14/20). 314 p. il. cart. Cr$ 15,00. (4.ª ed. 3/43). Cia. Ed. Nacional.

DÉCOURT (Paulo). — Elementos de mineralogia e de geologia. (15/22). 672 p. 540 figs. cart. Cr$ 40,00. (3.ª ed. 7/43). Ed. Melhoramentos.

DUARTE (José Coimbra). — Ciências naturais para a 3.ª série do curso ginasial. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 218 p. il. cart. Cr$ 13,00. (5/43). Ed. e Publ. Brasil.

EINSTEIN (Albert), INFELD (Leopoldo). — A evolução da física. Trad. Monteiro Lobato e Nelson S. Teixeira. Bibl. Espirito Moderno, s. 2.ª, Ciência, 1. (14/22). 344 p. 3 laminas, il. br. Cr$ 20,00. (Nova ed. 9/43). Cia. Ed. Nacional.

ESPINHEIRA (Ariosto). — Ciências naturais. Vol. III. Ils. do Autor. (14/19). 127 p cart. Cr$ 5,00. (12.ª ed. 3/43). J. R. de Oliveira.

F. I. C. (Frère Ignace Chaput). — Elementos de geometria descritiva. Trad. e adaptação brasileira de Eugenio B. Raja Gabaglia. Rev. correta e atualizada pelo Ten. Cel. Dr. Waldemar Pereira Cotta. (14/19). 488 p. il. cart. Cr$ 35,00. (10.ª ed. 4/43). Briguiet.

FREIRE (Carlos Vianna) — Chaves analiticas para a determinação das familias das plantas Pteridofitas, Gimnospermas e Angiospermas brasileiras ou exoticas cultivadas no Brasil. (17/24). 367 p. 276 figs. br. Cr$ 50,00. (3.ª ed. 12/43). Jornal do Brasil.

FREITAS (Gaspar de). — Ciências físicas e naturais. Exame de admissão. (12/16). 268 p. il. cart. Cr$ 6,00. (19.ª ed. 3/43). Distr. Antunes.

FREYRE (Gilberto). — Problemas brasileiros de antropologia. Vol. Estudos Brasileiros da Casa do Estudante do Brasil, Série A, I. (13/19). 221 p. il. br. Cr$ 15,00. (6/43). **Casa do Estudante.**

GOMES (Lélio), MACEDO (Luiz), S. PAULO (João G. De Lamare). — Ciências naturais. 3.ª série. (14/19). 243 p. il. cart. Cr$ 14,00. (3/43). **Livr. Alves.**

JENNINGS (H. S.). — A base biológica da natureza humana. (The biological basis of human nature). Trad. Fabio Leite Lobo. (14/21). 412 p. il. br. Cr$ 40,00. (11/43). **Vecchi.**

LACAZ NETTO (F. A.). — Lições de análise combinatória. Col. E. C. C. Série A, 4. (17/24). 137 p. br. Cr$ 15,00 (7/43). **Ed. Clássico-Cientifica.**

LACAZ NETTO (F. A.). — Teoria elementar dos determinantes. Col. E. C. C., Série A, 5. (17/24). 134 p. cart. Cr$ 20,00. (7/43). **Ed. Clássico-Cientifica.**

LEITÃO (Cândido de Mello). — Compêndio brasileiro de biologia. Volume I. Biologia geral e botânica. (14/22). 422 p. 400 figs. br. Cr$ 25,00. (12/43). **Cia. Ed. Nacional.**

LIMA (Cândido Hollanda). — O metodo de Cross. 1.º vol. Principios fundamentais. Vigas continuas e porticos simples retangulares. (15/22). 129 p. il. br. Cr$ 30,00. (7/43). **Livr. Inconfidência.**

LINTON, Ph. D. (Ralph). — O homem: Uma introdução à antropologia. Trad. Lavinia Vilela. Pref. Donald Pierson, Ph. D., Bibl. de Ciências Sociais, 1. (15/22). 533 p. br. Cr$ 30,00. (3/43). **Livr. Martins.**

MAEDER (Algacyr Munhoz). — Curso de matemática. 1.ª série. (14/21). 224 p. il. cart. Cr$ 12,00. (4/43). — 2.ª série (14/21). 200 p. il. cart. Cr$ 12,00 (10/43). **Ed. Melhoramentos.**

MAEDER (Algacyr Munhoz). — Tábua de logaritmos e formulário de matemática. (14/20). 92 p. cart. Cr$ 8,00. (2/43) **Ed. Melhoramentos.**

MANGABEIRA (Francisco). — Que é o homem? (Um esboço de antropologia). (13/19). 251 p. br. Cr$ 15,00. (8/43) **José Olympio.**

MESQUITA (Mario Vieira de). — Pontos de Quimica analitica. (16/24). 187 p. il. br. Cr$ 20,00. (2.ª ed. 12/43-1944). **Livr. Alves.**

MILANO (Miguel). — 1.400 Problemas de aritmética resolvidos para o curso primário (14/19). 261 p. cart. Cr$ 15,00. (8/43) **Ed. Anchieta.**

MORRISON (A. Cressy). — O romance da Química. A contribuição da industria química em beneficio da civilização. Pref Arthur W. Kixson. Trad. Achilles Seára de Oliveira. Col. A. Ciência de Hoje, 9 (14/20). 349 p. il. br. Cr$ 20,00. (8/43). **José Olympio.**

NEVES (J. M. de Castro). — Desenho geométrico plano. Pref. Ary Quintela. (14/21). 201 p. il. cart. Cr$ 15,00. (5/43). **Cia. Ed. Nacional.**

NEVES (J. M. de Castro). — Desenho projetivo. (14/21). 166 p. 1 prancha, 276 figs cart. Cr$ 15,00. (11/43). **Cia. Ed. Nacional.**

OLIVEIRA (Avelino Ignacio de), LEONARDOS (Othon Henry). — Geologia do Brasil. Serviço de Informação Agricola. Série Didática, 2. (16/23). 772 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 60,00. (8/43). **Ministério Agricultura.**

OLIVEIRA (Valdemar de). — Ciências naturais. 3.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 19. (14/20). 157 p. il. cart. Cr$ 10,00. (2/43). — 4.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 20. (14/20). 260 p. 296 figs. cart. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 12/43-1944). **Cia. Ed. Nacional.**

PAULA (Carlos F. de). — Aritmética comercial. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 16. (14/20). 218 p. cart. Cr$ 13,00. (8.ª ed. 7/43). **Cia. Ed. Nacional.**

PAULA (Maria). — Aritmética primaria. (13/19). 130 p. il. br. Cr$ 4,50. (7.ª ed. 8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

PEIXOTO (Roberto José Fontes). — Elementos de cálculo vectorial. (16/23). 994 p. il. br. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 3/43). **Ed. Minerva.**

PEREIRA (Lafayette R.). — Compêndio elementar de ciências naturais. 1.º vol 3.ª série ginasial. (13/19). 221 p. il. cart. Cr$ 14,00. (3/43). — 2.º vol. 4.ª série ginasial. (14/19). 318 p. il. cart. Cr$ 15,00. (3/43). **Alba**

PINHEIRO (Póvoas). — Tabuadas. Elementos de aritmética. (12/18). 32 p il br. Cr$ 0,50. (102.ª ed. 4/43). **Livr. Alves.**

QUINTELLA (Ary). — Matemática. 1.º ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos. 104. (14/20). 226 p. il. cart. Cr$ 14,00. (3.ª ed. 4/43). — 2.º ano. B. P. B. s 2.ª, Livros Didáticos, 105. (14/20). 185 p. il. cart. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 5/43). — 3.º ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 106. (14/20). 228 p. il. cart. Cr$ 14,00. (4/43). — 4.º ano ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 124. (14/20). 258 p. il. cart. Cr$ 14,00. (2.ª ed. 3/43). **Cia. Ed. Nacional.**

RAMOS (Arthur). — Introdução à antropologia brasileira. 1.º volume. As culturas não-européias. Col. Estudos Brasileiros da C. E. B., Série B, 1. (17/24). 540 p. il. br. Cr$ 50,00. (12/43). **Casa do Estudante.**

REIS (Otelo de Sousa). — Seiscentas expressões fracionárias, para prática do cálculo aritmético das quatro operações fundamentais. Introdução de F. Cabrita (13/19). 114 p. cart. Cr$ 5,00. (8.ª ed. 7/43). **Livr. Alves.**

ROXO (Euclides), CUNHA (Haroldo Lisbôa da), PEIXOTO (Roberto), DACORSO NETTO (Cesar). — Matemática 2.º ciclo, 1.ª série. (15/21). 402 p. il. cart. Cr$ 25,00. (7/43). — 2.º ciclo, 2.ª série. (15/2.). 458 p. il. cart. Cr$ 30,00. (12/43-1944).
Livr. Alves.

ROXO (Euclides), SOUZA (Julio Cesar de Mello e), THIRÉ (Cecil). — Matemática, ginasial, 1.ª série. (15/21). 349 p. il. cart. Cr$ 15,00. (4/43). — 2.ª série. (15/21). 282 p. il. cart. Cr$ 15,00. (8/43).
Livr. Alves.

SCHEINFELD (Amram), SCHWEITZER (Morton D.). — Você e a hereditariedade. Trad. e pref. de A. Freire de Carvalho. Ils. do Autor. Col. A Ciência de Hoje, 6. (14/20). 460 p. br. Cr$ 25,00. (2/43).
José Olympio.

SCHULTZ (Alarich R.). — Estudo prático da botânica geral. (17/24). 166 p. 63 ils. cart. Cr$ 16,00. (7/43).
Globo.

SEVILHA (Augusto). — Atlas elementar de zoologia. Des. de Marian Colonna. (14/19). 71 p. 29 quadros ils. Cart. Cr$ 20,00. (6/43).
Briguiet.

SILVEIRA (Adel da). — O postulado de Euclides. Demonstração. Pref. Luiz Caetano de Oliveira. (13/19). 60 p. il. br. Cr$ 8,00. (2/43).
Z. Valverde.

SOUZA (Julio Cesar de Mello e). — Dicionário da matemática. Vol. III, C-D-E-F., Fasc. III, D-E. (16/24). pags. 191 a 286, br. Cr$ 8,00. (8/43). — Volume IV, C-D-E-F., Fasc. IV, E-F. (16/24). pags. 287 a 380, br. Cr$ 8,00. (8/43). — 2.º volume, C-F (figura reversa). (15/23). 380 p. il. br. Cr$ 32,00. (12/43).
Getulio Costa.

SOUZA (Julio Cesar de Mello e). — Geometria analitica. 1.ª parte. (17/24). 205 p. il. br. Cr$ 30,00. (5.ª ed. 12/43). — 2.ª parte. 17/24). 199 p. br. Cr$ 30,00. 3.ª ed. 12/43).
Getulio Costa.

STÁVALE (Jacomo). — Elementos de matemática. 1.º vol. 1.ª série curso ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 113. (14/20). 246 p. il. cart. Cr$ 13,00. (1/43 + 2.ª, 3.ª e 4.ª ed. 3/43). — 2.º vol. para a 2.ª série do curso ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos. 121. (14/20). 213 p. cart. Cr$ 14,00. (2.ª e 3.ª ed. 3/43). — 3.º vol. para a 3.ª série ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 126. (14/20). 285 p. il. cart. Cr$ 16,00. (2.ª ed. 4/43).
Cia. Ed. Nacional

THIRÉ (Cecil). — Exercicios de Álgebra. (14/18). 221 p. br. Cr$ 16,00. (10/43).
Livr. Alves.

THIRÉ (Cecil). — Exercicios de aritmética. Teóricos e práticos. (14/18). 249 p. br. Cr$ 14,00. (12.ª ed. 3/43).
Livr. Alves.

THIRÉ (Cecil). — Exercicios de geometria. Formulário. (14/18). 165 p. il. br. Cr$ 13,00. (10.ª ed. 4/43).
Livr. Alves.

THIRÉ (Cecil). — Exercicios de trigonometria. (14/18). 84 p. br. Cr$ 7,00. (5/43).
Livr. Alves.

THIRÉ (Cecil) — Manual de matemática. 1.º ano. (14/18). 178 p. il. br. Cr$ 10,00. (5.ª ed. 4/43). — 1.º ano colegial, cientifico e clássico. (14/18). 223 p. il. br. Cr$ 13,00. (6/43). — 2.º ciclo. Cientifico e clássico. (14/18). 285 p. il. br. Cr$ 13,00 (7/43).
Livr. Alves

TRAJANO (Antônio). — Álgebra elementar. (14/20). 192 p. cart. Cr$ 9,50. (19.ª ed. 1/43).
Livr. Alves.

TRAJANO (Antônio). — Aritmética primária. (15/20). 64 p. il. br. Cr$ 1,50. (116.ª ed. (3/43).
Livr. Alves.

VEGNI-NÉRI (Guilherme Bonfim Dei). — Problemas de física (com os resultados). — Vol. 2.º, Mecânica dos liquidos. Mecânica dos gazes. Calor. Acústica. Ótica. (16/23). 243 p. 2 pranchas, il. cart. Cr$ 20,00. (6/43).
Livr. Alves.

VENEGA (Nair). — Expressões. (13/19). 66 p. cart. Cr$ 4,00. (2.ª ed. 8/43).
Livr. Alves.

WELLS (H. G.), HUXLEY (Julian), WELLS (G. P.). — A ciência da vida, VII, Como vivem e sentem os animais. Trad. e notas de Almir de Andrade. 52 ils. de L. R. Brightwell. (13/19). 302 p. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 8/43).
José Olympio.

WOLFF (Antônio Pedro). — Meus problemas. Primeiro ano. (13/20). 159 p. il. br. Cr$ 6,00. (2.ª ed. 2/43). — Terceiro livro. (13/19). 129 p. il. br. Cr$ 9,00. (3.ª ed. 9/43). — 4.º ano. (13/19). 258 p. il. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 9/43).
Saraiva.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura — Comércio — Economia Doméstica — Finanças — Industrias — Profissões — Técnologia.

ANDRADE (Renato). — Pequeno manual do rádio amador. "O que o rádio-ouvinte pergunta ao técnico. (14/19) 157 p. il. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 4/43).
Getulio Costa.

ANTUNES FILHO (M.). — Teoria do motor a explosão. Bibl. de Divulgação Aeronautica. (14/18). 436 p. 2 pranchas, 179 figs. br. Cr$ 40,00. (3.ª ed. 12/43).
Livr. Alves.

ATHANASSOF (Nicolau). — Manual do criador de bovinos. Bibl. Agronômica Melhoramentos, 1. (16/24). 792 p. 250 figs. cart. Cr$ 80,00. (3.ª ed. 9/43).
Ed. Melhoramentos

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade agricola e pastoril. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 32. (14/20). 389 p. 1 prancha, cart. Cr$ 22,00 (2.ª ed. 3/43).
Cia. Ed. Nacional.

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade bancária. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 17. (14/20). 388 p. cart. Cr$ 22,00. (8.ª ed. 12/43).
Cia. Ed. Nacional.

BARRETO (Anita Ribeiro de Menna). — 500 Receitas de Dona Anita. (15/22). 180 p. cart. Cr$ 15,00. (3/43). **Globo**.

BELTRÃO (Odacir). — Correspondência oficial. (16/23). 98 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 1942-2/43). **Ed. Thurmann**.

BELYS (Jean). — Eu sei tirar fotografias. Trad. C. V. Cruz. Col. Pequenos Manuais, 2. (12/16). 157 p. il. cart. Cr$ 8,00. (1/43). **Ed. Minerva**.

BENTA (Dona). — Comer bem. 1001 receitas de bons pratos. (16/24). 524 p. cart. Cr$ 20,00. (3.ª ed. 9/43). **Cia. Ed. Nacional**.

BERNARDI (Mansueto). — O livro do Bebê. (16/23). 232 p. il. enc. Cr$ 30,00. (8.ª ed. 1942-3/43). **Globo**.

BERRINI (L. C.). — A avaliação de terrenos de grande profundidade. Separata de "Engenharia" n.º 5, vol. 1, Janeiro, 1943. (23/30). 7 p. il. br. Cr$ 10,00. (5/43). **S. Paulo**.

BORGES (H.). — Amendoim Cultura e utilização de suas sementes e folhagens (16/23). 114 p. br. Cr$ 25,00. (1942-3/43). **Rev. Tribunais**.

BRITO (Saturnino de). — Obras Completas. Vol. I, Publicações preliminares. Ministério da Educação. Instituto Nacional do Livro. (16/23). 360 p. 3 pranchas, il. br. Cr$ 25,00. (5/43). — Vol. II, Esgotos Parte geral. (16/23). 352 p. 5 pranchas, il. br. Cr$ 25,00. (5/43). — Vol. III. Abastecimento de águas. Parte geral. Técnologia e estatística. (16/23). 263 p. 4 pranchas, il. br. Cr$ 25,00. (7/43). — Vol. VII. Projetos e relatórios. Saneamento de Santos. (16/23). 513 p. il. br. Cr$ 25,00. (5/43). — Vol. VIII. Saneamento de Recife. Descrição e relatórios, 1.º tomo. (16/23). 434 p. il. br. Cr$ 25,00. (5/43). — Vol. IX. Saneamento de Recife. Descrição e relatórios. 2.º tomo. (16/23). 211 p. 67 est., 1 mapa, il. br. Cr$ 25,00. (1942-5/43). **Inst. Nacional do Livro**.

BÜCHERL (Wolfgang). — Compêndio de técnica microscópica. (Método de pesquisas biológicas). (14/19). 311 p. 35 figs. br. Cr$ 22,00. (7/43). **Ed. Anchieta**.

CAIRO (Nilo). — Guia prático do pequeno lavrador. (15/22). 550 p. il. cart. Cr$ 30,00. (6.ª ed. 6/43). **Livr. Teixeira**.

CÂMARA (Nilo Vieira da). — Organização racional do trabalho. (Contribuição para o estudo de suas aplicações). (16/23). 120 p. br. Cr$ 16,00 (5/43). **Ed. Criança**.

CAMPOS (Gaysita de). — Como fazer o meu tricot. 3.ª série. (16/23). 99 p. il. cart. Cr$ 14,00. (10/43). **Globo**.

CARLI (Gileno Dé). — Custos de produção do álcool. (Safra de 1940-1941). (15/22). 67 p. br. Cr$ 8,00. (8/43). **Pongetti**.

CARLI (Gileno Dé). — Ensaio sôbre a eficiência da indústria açucareira no Brasil. (15/22). 61 p. br. Cr$ 6,00. (5/43). Pongetti.

CARLI (Gileno Dé) — Gênese e evolução da indústria açucareira de São Paulo. (15/22). 230 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 20,00. (6/43). Pongetti.

CARVALHO (Carlos de) — Estudos de contabilidade. (16/23). 4 vols. 1057 p. br. Cr$ 100,00. (6.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

CARVALHO (Ernani Macedo de). — Tratado prático de correspondência comercial. (15/22). 432 p. il. cart. Cr$ 24,00. (2.ª ed. 12/43). Globo.

CARVALHO (Luiz de Sá). — Rumando para o oceano Pacifico. Tése. Pref. Ten. Cel. Americo Marinho Lutz, Oscar Guimarães, João Batista Maciel Monteiro e Luiz V. Figueira de Melo. (16/23). 128 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 10,00. (1/43). Ed. Autor, Rio.

CARVALHO (Paulo Pinto de). — Aspectos de nossa economia rural. A lavoura Cafeeira e o fomento à policultura. Pref. Ten. Cel. Valerio Braga. (13/19). 57 p. 1 prancha, br. Cr$ 5,00. (10/43). Livr.. Martins.

CASTRO (Henrique de). — Como se aprende radiotelegrafia. (16/24). 132 p. il. cart. Cr$ 12,00. (12/43). Distr. H. Bastos Tigre.

CAVALCANTI (Paulino). — O gado holandês. Col. Agricola do "O Campo", 1. (17/24). 228 p. il. br. Cr$ 35,00. (5/43). Ed. O Campo.

COSTA (Herculano M.). — Análise dinâmica. (14/20). 62 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 8,00. (10/43). Emp. Ed. Brasileira.

COSTA (Paulo). — Caderno de encargos para a construção de edificios. (16/23). 262 p. br. Cr$ 50,00. (2.ª ed. 8/43). Distr. Livr. Odeon.

CURY (Antonio). — Curso teórico e prático da contabilidade. (13/19). 211 p. il. cart. Cr$ 16,00. (7/43). Coed. Brasilica.

DIAS (Inacio Marques). — Previsão da descarga das bacias hidrográficas. (16/23) 21 p. il. br. Cr$ 8,00. (5/43). Distr. Boffoni.

DIAS (Inácio Marques). — Secção da vasão das obras de arte. (16/23). 174 p. il. br. Cr$ 40,00. (5/43). Distr. Boffoni.

FARIA (Raul de). — Horticultura para todos. Bibl. Agro-Pecuaria Brasileira de "Sitios e Fazendas'.. (16/23). 247 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 25,00. (Nova ed. 6/43). S. Paulo.

FERREIRA FILHO (João Candido), MONTE (Oscar), MULLER (A. S.), GRAVATÁ (Antonio G.). — Manual da mandioca, mais brasileira das plantas uteis, cultura, pragas e doenças, indústria. Bibl. Agricola Popular Brasileira. (16/23). 299 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 40,00. (1942-5/43). Ed. Chacaras e Quintais.

FONTENLA (Vicente Paz). — Pequena história do ouro. (12/16). 71 p. br. Cr$ 15,00. (11/43). Ed. Autor, Rio.

FREUDENFELD (Rudolf Armin). — Manual fotográfico, prático para principiantes com estensivo formulário. (12/16). 192 p. il. enc. Cr$ 18,00. (1942-4/43). Quimica Bayer, Rio

GASOGÊNIO (O). — Transformação e adaptação de motores a gazolina para gasogênio. Apendice ao Guia do motorista. Col. Técnica. (13/18). 31 p. il. br. Cr$ 6,00. (5/43). Antunes.

GERLING (Werner). — Modernissimo receituário industrial. Bibl. de Cultura Técnica, 5. (14/19). 575 p. br. Cr$ 35,00 (2.ª ed. 7/43). Ed. e Publ. Brasil.

GOBBATO (Celeste). — Camaras de fermentação. Pref. Amadeu A. Barbiellini. Col. Vamos para o Campo!, 9. (16/23). 12 p il. br. Cr$ 3,00. (5/43). Ed. Chacaras e Quintais.

GODOY (Armando Augusto de). — A Urbs e os seus problemas. Pref. F. Baptista de Oliveira. (16/23). 336 p. br. Cr$ 40,00. (4/43). Jornal do Comercio.

GOMES (Alfredo). — Sistema legal de unidades de medir. (14/19). 150 p. il. br. Cr$ 7,00. (11/43-1944). Ed. e Publ. Brasil.

GOMIDE (José Carlos de). — Radiotelefonia. (Guia do amador). (14/19). 343 p. 11 pranchas, il. cart. Cr$ 30,00. (2.ª ed. 10/43). Emp. Ed. Brasileira.

GRANATO (Lourenço). — Cultura do morangueiro. Bibl. Agro-Pecuaria Brasileira de "Sitios e Fazendas... (16/23). 72 p. il. br. Cr$ 8,00. (6/43). S. Paulo.

GRAS, Ph. D. (N. S. B.). — Introdução à história econômica. (An introduction to economic history). Trad. Lavinia Vilela. Bibl. de Ciências Sociais, 2. (14/22). 307 p. il. br. Cr$ 20,00. (11/43). Livr. Martins.

GUDIN (Eugenio). — Principios de economia monetária. Pref. Maurice Byé. (17/24). 435 p. br. Cr$ 45,00. (2/43). Civilização.

HARTZFELD (G.) — Criar bem coelhos. Col. Vamos para o campo !, 10. (16/23). 12 p. il. br. Cr$ 3,00. (5/43). Ed. Chácaras e Quintais.

HERMANN JR. (Frederico). — Organização econômica e financeira das emprêsas industriais. Bibl. de Ciências Econômicas e Administrativas, 2. (16/24). 350 p. il. enc. Cr$ 50,00. (3/43). Ed. Continental.

JACKSON (T. M.). — Livro de ouro dos rádio-técnicos. Trad. H. M. Costa. (14/20). 64 p. br. Cr$ 8,00. (5/43). Em. Ed. Brasileira.

KERNER (Ary). — Nos bastidores da publicidade. (13/19). 139 p. br. Cr$ 10,00. (6/43). Gr. Olimpica.

LIMA SOBRINHO (Barbosa). — Alcool-motor. A ação do Instituto do Açucar e do Alcool na defesa do Carburante Nacional. Col. Problemas de Hoje. (13/19). 107 p. br. Cr$ 10,00. (1/43). Americ - Edit.

LIMA SOBRINHO (Barbosa). — Problemas econômicos e sociais da lavoura canavieira. (13/19). 293 p. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 5/43). Z. Valverde.

LIMA (Ed.). — Eletricidade sem mestre. B. P. B. s. 4-A, Iniciação Técnico-Profissional, 1. (14/20). 358 p. il. br. Cr$ 20,00. (3.ª ed. 8/43). Cia. Ed. Nacional.

LINDER (Ruber van Der). — Pequenas quédas de água. Medição e aproveitamento. Ils. de Giselda e do Autor. Col. Vamos para o campo!, 6. (16/23). 16 p. br. Cr$ 3,00. (5/43). Ed. Chácaras e Quintais.

LIPPMANN (Edmundo O Von). — História do açucar desde a época mais remota até o começo da fabricação do açucar de beterraba. Tômo II. Trad. Rodolfo Coutinho. (Ed. do Instituto do Açucar e do Alcool). (16/23). 443 p. br. Cr$ 20,00. (1942 — 3/43). Distr. Z. Valverde.

LOBO (R. Haddock). — Pequena História da economia. Col. A Marcha do Espirito, 8. (14/22). 345 p. il. br. Cr$ 20,00. (6/43). Livr. Martins.

LUTZ (Fred). — Eu sei fazer instalações elétricas. Trad. O. Duarte. Col. Pequenos Manuais, 3. (12/17). 125 p. il. cart. Cr$ 8,00. (12/43 — 1944). Ed. Minerva.

MACHADO (Dulphe Pinheiro). — Zootecnia. Vol. I, Parte geral. (16/24). 207 p. il. cart. Cr$ 25,00. (4/43). Globo.

MAGALHAES (Basilio de). — História do comércio. (14/19). 327 p. il. cart. Cr$ 18,00. (Nova ed. 10/43). Livr. Alves.

MANUAL do Gasogênio. — Pelos Assistentes do Instituto Nacional de Tecnologia, do curso avulso de veiculos e motores a gasogênio do Ministério da Agricultura. (14/20). 41 p. il. br. Cr$ 8,00. (2/43). Ed. Autores, Rio.

MARINHO (Gilda). — O caminho da beleza. Col. A Mulher e o Lar, 10. (23/29). 32 p. il. br. Cr$ 10,00. (9/43). Globo.

MEINEL (Benigna Lygia Renaud). — O bebê e seu enxoval. Conselhos práticos. (14/19). 34 p. br. Cr$ 5,00. (10/43). Borsoi, Rio

MENDES (Amando). — A borracha no Brasil. 1.ª série. (13/19). 194 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 15,00. (5/43). Imp. Brasileira, S. Paulo.

MERGULHÃO (Benedicto). — O general Café na revolução branca de 37. (13/19). 148 p. br. Cr$ 8,00. (8/43). Pongetti.

MULHER (A) e o Lar. — N.º 9. Para o chá e o cocktail. (23/29). 20 il. br. Cr$ 5,00. (3/43). Globo.

MUZI (Luiz). — Arquitetura prática Domus. Pref. Francisco Salles Malta Junior. (22/30). 77 p. il. br. Cr$ 35,00. (6/43). Distr. Civilização.

NEVES (Domingos). — Curso de guarda-livros. (14/19). 512 p. il. cart. Cr$ 20,00. (5.ª ed. 1/43). Antunes.

NEVES (Domingos). — Inventários e balanços ou Técnica dos balanços. (14/19). 192 p. cart. Cr$ 14,00. (3.ª ed. 7/43). Antunes.

NOGUEIRA (Claudio). — Introdução à técnica da propaganda de especialidades farmacêuticas. (13/19). 157 p. br. Cr$ 12,00. (8/43). Gr. Olimpica.

NOGUEIRA (Claudio). — Tipos psicológicos e a propaganda de especialidades farmacêuticas. (16/23). 8 p. br. Cr$ 3,00. (8/43). Ed. Autor, Rio.

OLIVEIRA (L. M. de). — O enxoval do meu filhinho. (16/23). 79 p. 2 pranchas, il. cart. Cr$ 15,00. (9/43). Globo.

OLIVEIRA (Manuel Marques de). — Lições de contabilidade pública. Teoria e prática. (19/27). 384 p. br. Cr$ 30,00. (4.ª ed. 7/43). Sind. Contabilistas, Rio.

PACHECO (J. Janot). — Combustiveis. Emprêgo racional dos combustiveis brasileiros. (14/19). 354 p. il. enc. Cr$ 40,00. (2/43). Alba.

PAHL (Guilherme), ROTHIER (Spinosa). — Merceologia e tecnologia merceológica. (para uso nas escolas de comércio). (16/23). 87 p. br. Cr. 12,00. (3/43). Livr. Excelsior.

PAULA (L. Nogueira de). — Síntese da evolução do pensamento econômico no Brasil. Ciclo de conferências. Pref. Juán Rodriguez Lopez. (16/22). 198 p. br. Cr$ 15,00. (1942 — 2/43). Distr. Pongetti.

PENA (Leonam de A.). — Jardins. Pequenos jardins em terraços, plantas em vasos e jardineiras. Pref. Alexandre Curt Brade. (16/23). 118 p. il. br. Cr$ 6,00. (8/43). Ministério da Agricultura.

PESSANHA (Tiago). — Guia do correspondente. 6.ª ed. rev., aumentada e atualizada por Pedro de Almeida Moura. (14/21). 300 p. cart. Cr$ 10,00. (6.ª ed. 7/43). Ed. Melhoramentos

PÔRTO (Rubens). — Curta viagem ao meio gráfico norte americano. Relatório da viagem do diretor da Imprensa Nacional aos Estados Unidos da América, em 1941. (16/23). 224 p. il. br. (8/43). Imp. Nacional.

PRONTUÁRIO de contas feitas. (10/14). 128 p. br. Cr$ 3,00. (2.ª ed. 9/43). Ed. e Publ. Brasil.

QUEIROZ (Honorino Carneiro de). — Gasogênio. Técnica e funcionamento. Ensino Técnico Profissional. (14/19). 182 p. il. br. Cr$ 15,00. (1/43). Getulio Costa.

QUEIROZ (J.). — O secretário moderno. (14/19). 532 p. enc. Cr$ 15,00. (Nova ed. 2/43). Livr. Quaresma.

REIS FILHO. — Método de dactilografia nacional. (23/16). 104 p. il. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 6/43). Conf. Taquigráfica, Rio

RODRIGUES FILHO (Antonio Peres). — Elementos de contabilidade bancária. (Para 3.º ano do curso de contador). Col. Didática Nacional, Série Comercial. (14/19). 145 p. cart. Cr$ 13,00. (4/43).
Ed. e Publ. Brasil.

SÁ (Paulo). — Abonos familiares. Pref. Valère Fallon S. J., Ministério do Trabalho. Instituto Nacional de Tecnologia. (16/23). 84 p. br. Cr$ 10,00. (12/43).
Imp. Nacional.

SÁ (Paulo). — A orientação dos edifícios nas cidades brasileiras. Instituto Nacional de Tecnologia. (16/22). 98 p. il. br. Cr$ 10,00. (1942 — 9/43).
Imp. Nacional.

SANTOS (Eurico). — Avicultura fonte de riqueza. Col. Agrícola do "O Campo", 3. (17/24). 328 p. il. br. Cr$ 35,00. (10/43).
Distr. Ed. Minerva.

SCHMUTZ (George L.). — O processo de avaliação. Trad. L. C. Berrini. (16/23). 253 p. enc. Cr$ 80,00. (8/43).
Distr. Freitas Bastos.

SCUVERO (Sagramor de). — Cosinhando pelo rádio. Seleção de receitas. (13/19). 147 p. il. br. Cr$ 12,00. (1/43).
Ed. Criança.

SEABRA (José Augusto). — Organização contabil do I. A. P. I., 1, Subsidios para a contabilidade das autárquias. 2, Soluções de contabilidade. (17/24). 209 p. 105 pranchas, il. enc. Cr$ 90,00. (1942 — 4/43).
Imp. Nacional.

SILVA (Léa). — Sejamos belas. Pequeno formulário de beleza. (13/19). 231 p. il. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 9/43).
Gr. Olímpica.

SILVERMAN (Milton). — Mágica em garrafas. (Magic in a bottle). A história dos grandes medicamentos. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 2.ª, Ciência, 13. (14/22). 280 p. br. Cr$ 14,00. (10/43).
Cia. Ed. Nacional.

STRASSER (Victor E. de). — Em torno da soldagem elétrica ao arco voltaico do ferro e aço. (14/18). 164 p. 59 ils. br. Cr$ 25,00. (4/43).
Gr. Milone, Rio.

TAGLIACOZZO (Carlos). — Concreto armado. Preleções sôbre cálculos da resistência. (17/24). 344 p. il. br. Cr$ 60,00. (7/43).
Cia. Ed. Nacional.

TORREND, S. J. (Pe. Dr. D. Camillo). — Os cogumelos na alimentação e sua cultura. Col. Vamos para o Campo!, 8. (16/23). 15 p. il. br. Cr$ 3,00. (5/43).
Ed. Chácaras e Quintais.

TORRES (A. D. Paravicini). — Criação prática de suinos. Bibl. Agro-Pecuária de "Sitios e Fazendas". (16/23). 94 p. il. br. Cr$ 10,00. (12/43).
Rev. Sitios e Fazendas.

WELLS (H. G.). — A construção do mundo. O trabalho, a riqueza e a felicidade do mundo. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno, s. 2.ª, Ciência, 12. (15/22). 2 vols. 399 + 358 p. il. br. Cr$ 40,00. (8/43).
Cia. Ed. Nacional.

6) CIENCIAS APLICADAS

Medicina

ALVAREZ (Walter C). — Dispepsia nervosa. (Nervous indigestion). Trad. J. Romeu Cançado. (16/23). 177 p. br. Cr$ 50,00. (11/43).
Distr. Livr. Ateneu.

AUSTREGESILO (A.). — A cura dos nervosos. Obras Completas, 5. (13/18). 168 p. br. Cr$ 10,00. (8.ª ed. 11/43).
Ed. Guanabara.

BAILEY, F. R. S. S. (Hamilton). — Cirurgia da guerra moderna. Vol. I. Publ. sob a dir. de Hamilton Bailey, F. R. C. S., Escrita por 72 colaboradores. Trad. Jorge Doria e Jesse Teixeira. Pref. Ten.-Cel. Dr. Marques Porto. (18/27). 464 p. 381 figs. enc. Cr$ 250,00. (5/43). — Volume II. (18/27). págs. 465 a 930, figs. 382 a 919, enc. Cr$ 220,00. (7/43).
Casa do Livro.

BAPTISTA NETTO. — Manual de dissecção. (14/18). 236 p. 44 figs. br. Cr$ 35,00. (11/43-1944).
Ed. Scientifica.

BARBOSA (Joubert T.). — Exame das funções mentais. (Semiologia psiquiatrica). Pref. Heitor Carrilho. (16/24). 215 p. 52 figs. br. Cr$ 30,00. (1942-6/43).
Livr. Ateneu.

BAUER, M. D. (Julius). — Patologia constitucional aplicada. (Constitution and disease). Trad. Francisco Laranja e Jorge Carneiro. Pref. A. Austregesilo. (16/23). 240 p. il. enc. Cr$ 88,00. (10/43).
Publ. Pan-Americanas.

BECK (Alfredo). — Clínica obstétrica. Trad. Pedro Alcover de Moura. Rev. de Fioravante Di Piero. Pref. Octavio Rodrigues Lima. (19/28). 868 p. 1050 ils., enc. Cr$ 200,00. (5/43).
Pongetti

BORGES (Durval Rosa). — Socialização da medicina. Pref. Maurício de Medeiros. (16/22). 135 p. br. Cr$ 12,00. (5/43).
Distr. Civilização.

BRIQUET (Raul). — Manual da socorrista de guerra. Comité Feminino dos Cursos de Enfermagem e Socorros de Guerra da II Região Militar. (13/19). 162 p. 214 figs. br. Cr$ 20,00. (3/43).
Rev. Tribunais.

CABOT (Richard C.), ADAMS (F. Dennette). — Diagnóstico físico. Trad. Elias Davidovich. (17/24). 881 p. 390 figs. enc. Cr$ 180,00. (7/43).
Ed. Guanabara.

CABRAL (Ney). — Física médica. 1.º vol. (16/23). 399 p. 180 figs. enc. Cr$ 60,00. (2.ª ed. 7/43).
Globo.

CAMPOS (Murillo de). — Elementos de higiene militar. Pref. Afranio Peixoto. (17/24). 357 p. 66 figs. br. Cr$ 75,00. (2.ª ed. 5/43).
Borsoi, Rio.

CARVALHO (H. Veiga de). — Lições de medicina legal à luz das novas leis penais brasileiras. (16/24). 88 p. br. Cr$ 15,00. (5/43).
Saraiva.

CASTILLO (Enrique B. Del), ROSPIDE (Pedro C.). — Secreções internas. — Neurovegetativo. Trad. Benjamim Gaspar Gomes. Bibl. de Seminologia, 6. (16/23). 280 p. 121 figs. br. Cr$ 55,00. (10/43).
Ed. Guanabara.

CASTRO (Aloysio). — Notas e observações clínicas. 3.ª série. (16/23). 167 p. 11 figs. br. Cr$ 20,00. (1/43). **Mario M. Ponzini.**

CHIAVERINI (Reinaldo). — Doenças do coração. (Patologia e terapêutica). (16/24). 700 p. 73 figs. enc. Cr$ 150,00. (10/43). **Ed. Téc. Brasileiras.**

CIANCIO (Nicolau). — Dor de cabeça. (13/19). 59 p. br. Cr$ 4,00. (3/43). **A noite.**

CIANCIO (Nicolau). — Guia da Alimentação. Como devemos comer? (16/23). 36 p. 2 pranchas, br. Cr$ 3,00. (12/43). **Livr. Alves.**

CIANCIO (Nicolau). — Neurastenia. (13/19). 47 p. br. Cr$ 4,00. (3/43). **A Noite.**

CLARK (Oscar). — Jardins de infância e Escolas-hospitais. (14/20). 159 p. il. br. Cr$ 15,00. (5/43). **Saraiva.**

CLENDENING (Logan). — O romance da medicina. 116 ils. de James E. Brodero e Ruth Harris Bohan. Trad. Almir de Andrade. Col. A Ciência de Hoje, 10. (14/22). 469 p. br. Cr$ 30,00. (9/43). **José Olympio.**

COLARES (J. V.). — Coréias. (Tése). (16/21). 131 p. 18 figs. br. Cr$ 25,00. (9/43). **Casa do Livro.**

COSTA (Clovis Corrêa da). — Enfermagem obstétrica e ginecológica. (16/23). 168 p. 47 figs. br. Cr$ 30,00. (7/43). **Ed. Guanabara.**

DÉCOURT (Luiz V.). — O eixo elétrico cardíaco. Métodos para sua determinação e limites da normalidade. Tése. (16/23). 131 p. 50 figs. br. Cr$ 20,00. (8/43). **Ed. Melhoramentos.**

DEZONNE (Edméa). — O Brasil precisa de enfermeiras. Noções de enfermagem. (14/19). 150 p. il. br. Cr$ 20,00. (5/43). **Distr. Livr. Odeon.**

DUMESNIL (René). — A alma do médico. Trad. Flávio Goulart de Andrade. (12/19). 235 p. br. Cr$ 10,00. (2/43). **Vecchi.**

FERNANDES (M. C.). — Métodos escolhidos de técnica microscópica. Pref. Paulo Elejalde. (17/24). 611 p. 200 figs. enc. Cr$ 100,00. (12/43). **Distr. Livr. Alves.**

FIGUEIRÓ (José Maria). — Socorros de urgência até a chegada do médico. (16/23). 212 p. 154 figs. br. Cr$ 20,00. (9/43). **Distr. Civilização.**

FONSECA FILHO (Olympio da). — Parasitologia médica. Parasitos e doenças parasitárias do homem. Tomo I. (16/24). 737 p. 109 figs. 1 mapa, enc. Cr$ 140, 00. (5/43). **Ed. Guanabara.**

FUCCIO (Francisco de). — A sífilis. Pref. Flaminio Favero. Cultura Popular. (13/19). 86 p. br. Cr$ 5,00. (7/43). **Atena Ed.**

FULTON (John F.). — Fisiologia do sistema nervoso. Trad. Elso Arruda. (17/24) 561 p. 94 figs. enc. Cr$ 150,00. (9/43). **Ed. Scientifica.**

GOLDZIEHER (Max A.). — Endocrinologia prática. Diagnóstico e tratamento. Trad. Germano G. Thomsen. Rev. e anotada por Luiz Capriglione. (17/24). 446 p. 41 figs. enc. Cr$ 120,00. (7/43). **Ed. Scientifica.**

GOYANNA (Ruy). — Drenagem do tubo digestivo por sucção. Método de Wangensteen e Paine. Separata da Rev. Brasileira de Cirurgia, Julho 1943. (18/26). 15 p. 5 figs. br. Cr$ 6,00. (11/43). **Gr. Sauer, Rio.**

GRAZIANI (Mario). — Cirurgia buco-maxilar. (16/24). 497 p. 362 figs. enc. Cr$ 120,00. (1942-4/43). **Mario M. Ponzini.**

GREENHILL, B. S., M. D., F. A. C. S (J. P.). — Obstetrícia prática. Trad. F. Victor Rodrigues. Col. Elementa Médica. (15/22). 492 p. 112 figs. enc. Cr$ 80,00. (2/43). **Casa do Livro.**

GUALBERTO (Luciano), BARROS (Carlos de Moraes), PACHECO (Augusto A. da Motta). — Tratado de urologia. Vol. 1.º, Propedêutica. (16/24). 371 p. 125 figs. br. Cr$ 100,00. (11/43). **Livr. Ateneu.**

HIMES (Norman E.). — Nossa vida conjugal. Instruções para solteiros e casados. Trad. Jayme de Barcellos. Pref. Edgard Braga. Bibl. Ciência Para Todos, 3. (15/22). 387 p. br. Cr$ 25,00. (6/43). **Ed. Universitária.**

KAHN (Fritz). — O corpo humano. 1.º volume. 287 gravuras, do Autor. Trad. L. Mendonça de Barros. (16/23). 423 p. br. Cr$ 30,00. (8/43). — 2.º vol. 318 gravuras, do Autor. (17/24). 480 p. br. Cr$ 35,00. (11/43). **Civilização.**

KAISER (S.). — Esplenomegalia Esclero-congenita. (16/23). 118 p. il. br. Cr$ 15,00. (9/43). **Ed. Autor, Rio.**

KAYNE (George Gregory), PAGEL (Walter), O'SHAUGHNESSY (Laurence). — Tuberculose pulmonar. Patologia, Diagnóstico, Conduta e profilaxia. (Pulmonary tuberculosis). Trad. Campbell Penna e José Nava. (18/26). 624 p. 259 figs. enc. Cr$ 200,00. (12/43-1944). **Ed. Guanabara.**

KRETZSCHMAR (Lotte). — Breviário da mulher. Manual para conservação da saúde e beleza. (14/20). 258 p. il. br. Cr$ 15,00. (7/43). **Getulio Costa.**

LAMARE (Rinaldo de). — A vida do bêbê. (16/23). 346 p. il. cart. Cr$ 30,00. (2.ª ed. 10/43). **Distr. Freitas Bastos.**

LAROCHELLE, O M. I. (Estanislau), FINK (Telesforo). — Compêndio de moral médica para enfermeiras, médicos e sacerdotes. Pref. Mons. Jorge Gauthier. Trad. (10/14). 348 p. cart. Cr$ 10,00. (7/43). **Ed. Vera Cruz.**

LEITD (Herbert). — Perfeição sexual no matrimônio. Deveres morais e sexuais dos cônjuges. Trad. e anotações de N. Jonas Hersen. Col. Cultura Sexual, 5. (13/19). 197 p. br. Cr$ 10,00. (Nova ed. 9/43). **Calvino.**

LIMA (A. Oliveira), SOARES (J. Benjamin), GRECO (J. B.), GALIZZI (João), CANÇADO (J. Romeu). — Métodos de laboratório aplicados à clínica. Pref. J. Baeta Viana. (17/24). 862 p. 133 figs. enc. Cr$ 180,00. (6/43). **Imp. Oficial, Minas.**

LIMA (Ermiro Estevam de). — A via transmaxilar na cirurgia dos seios da face. (16/23). 96 p. 3 pranchas, 3 figs. br. Cr$ 20,00. (9/43). **Casa do Livro.**

MACEDO (Paulo). — Radiologia das fraturas e corpos estranhos dos maxilares. Pref. E. Marques Porto. (16/23). 223 p. 83 figs. enc. Cr$ 80,00. (12/43).
Rev. Bras. Odontologia, Rio.

MAIA (Motta). — Queimaduras. Fisionatologia e tratamento. Pref. Brandão Filho. Col. Elementa Médica. (15/22). 253 p. il. enc. Cr$ 65,00. (2/43). **Casa do Livro.**

MANSON-BAHR (Philip H.). — Manson. Doenças tropicais. Manual das doenças dos climas quentes. Trad. Lincoln de Freitas Filho e C. Magalhães de Freitas. (18/26). 2 vols. 1023 p. 364 fig . 33 quadros, 6 mapas, 28 gráficos, enc. Cr$ 320,00. (8/43).
Ed. Guanabara.

MASCARENHAS (José C. S.). — Prolonguemos a vida ou O catecismo dos cem anos. (14/19). 184 p. br. Cr$ 12,00. (5/43).
Distr. Vecchi.

MATTOS (Sylla O.), LIMA FILHO (Octaviano Alves de). — O ovário. Contribuição ao seu estudo clínico e cirúrgico. Prêmio "Mme. Durocher" da A. N. M. em 1942. (16/24). 336 p. 111 figs. enc. Cr$ 100,00. (10/43).
Ed. Melhoramentos.

McCOLLUM, Ph. D., Sc. D. LL.D. (E. V.), ORENT-KEILES, Sc. D. (Elsa), DAY, Sc. D. (Harry G.). — Os novos conhecimentos da nutrição. Trad. pref. e notas de Dante Costa. (17/24). 775 p. il. enc. Cr$ 140,00. (6/43).
Ed. Guanabara.

MELLO (A. da Silva). — Alimentação. Instinto. Cultura. Perspectivas para uma vida mais feliz. (19/28). 484 p. br. Cr$ 50,00. (2.ª ed. 6/43). **José Olympio.**

MELLO (Jorge Saldanha Bandeira de). — Atmosfera do interior dos edifícios e locais de trabalho. (16/23). 337 p. il. br. Cr$ 60,00. (1942/6/43). **Livr. Ateneu.**

MILLER (René Fulop-). — O triunfo sôbre a dor. História da anestesia. Trad. Cecília Reis. Col. A Ciência de Hoje, 8. (14/20). 388 p. br. Cr$ 20,00. (6/43).
José Olympio.

MONTEIRO (Alfredo). — Técnica cirúrgica Vol. III, Tomos I e II. (18/27). 2 vols. 1205 p. 1248 figs. enc. Cr$ 250 00. (8/43).
Ed. Scientifica.

MORAES (Arnaldo de). — Sã maternidade. Conselhos e sugestões para futuras mães. (17/24). 152 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 8/43). **Livr. Alves.**

MOREIRA (A. A. Santos). — Formulário de terapêutica infantil. 5.ª ed. rev. e atualizada por Luis Torres Barbosa. (16/23). 538 p. il. br. Cr$ 50,00. (5.ª ed. 5/43).
Ed Scientifica.

NEIVA (Cicero). — Formulário de terapêutica veterinária. (16/23). 307 p. br. Cr$ 7,00. (1942-8/43). **Ministério Agricultura.**

NOGUEIRA (Pedro da Fonseca). — Personalidades psicopáticas e psicoses da intuição. Fatos psicológicos e psicopatológicos. Tése. (16/23). 120 p. il. br. Cr$ 30,00. (1942-2/43).
Jornal do Comércio.

NOVAK (Emil). — Ginecologia e endocrinologia feminina. (Ginecology and female endocrinology). Trad. F. Victor Rodrigues. (18/27). 2 vols. 797 p. 425 figs. enc. Cr$... 280,00. (10/43-1944). **Ed. Guanabara.**

OLIVEIRA (Ernestino de). — Moderna cirurgia de guerra. (16/23). 258 p. 23 figs. br. Cr$ 30,00. (6/43). **Distr. Livr. Ateneu.**

O'SHEA (M. V.). — Como educar meu filho. Trad. e pref. Fernando Tude de Souza. (14/20). 383 p. br. Cr$ 18,00. (2.ª ed. 9/43).
José Olympio.

OTAOLA (J. M.), HARO (F.). — Concepção e métodos anticoncepcionais. Trad., adaptação e notas de Mauricio de Medeiros. Col. Cultura Sexual, 2. (13/19). 199 p. br. Cr$ 10 00. (Nova ed. 7/43). **Calvino.**

PARREIRAS (Décio). — Medicina do trabalho. (Clínica de doenças profissionais). (16/23). 144 p. br. Cr$ 20,00. (12/43).
Distr. Boffoni.

PATTO (Ortiz). — Iniciação à alergia. Dir. de Ortiz Patto, colaboração de: Annibal Fabiano, Costa Cruz (F.), Djalma Ernesto, Monteiro de Carvalho (J.), Ulysses Fabiano e Ulysses Rocha. (17/23). 284 p. il. enc. Cr$ 80,00. (8/43). **Ed. Guanabara.**

PAULA (Alvino de). — Arquivar e achar em medicina pelo sistema decimal. (16/23). 104 p. il. br. Cr$ 20,00. (8/43).
Distr. Livr. Ateneu.

PEREGRINO JUNIOR, PEREGRINO (Armando), SANTOS (Amambahy). — Tiroide. Patologia e clínica. (Prêmio Academia Nacional de Medicina de 1941). (16/23). 99 p. 19 figs. br. Cr$ 10,00. (6/43).
Ed. Autores, Rio.

PERES (João). — Apuros e mancadas de médicos do interior. (13/19). 246 p. br. Cr$ 12,00. (7/43). **Distr. Civilização.**

PERRUSI (Leonardo C.). — A mulher, seus transtornos sexuais. Trad. Luiz Paulino de Melo. (14/21). 275 p. 16 estampas, il. br. Cr$ 22,00. (1/43). **Vecchi.**

PINTO (Pedro A.). — Noções rudimentares de farmácia galênica. (15/22). 220 p. il. cart. Cr$ 20,00. (6.ª ed. 5/43). **Livr Alves.**

PINTO (Pedro A.). — Têrmos médicos populares. Suplemento à 3.ª ed. do "Dicionário de têrmos médicos". (13/18). 59 p. br. Cr$ 4,00. (9/43).
Tip. do Patronato, Rio.

PIRES (Dr.). — Guia da beleza. (14/19). 228 p. br. il. Cr$ 10,00. (5.ª ed. (3/43).
Alba.

PORTO (E. Marques). — Três problemas de cirurgia de guerra. Bibl. do Médico Militar, 2. (16/23). 60 p. il. br. Cr$ 10,00. (6/43).
Rev. Medicina Militar, Rio.

PÓVOA (Hélion). — Patologia geral. (Anotações de aula). (16/23). 272 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 60 00. (5/43). **Ed. Scientifica.**

QUINET (Antonio Augusto). — Cirurgia do simpático pelviano na dismenorreia. Indicações e resultados. (16/23). 103 p. 10 figs. br. Cr$ 25,00. (7/43).
Casa do Livro.

RALPH (J.). — Conhece-te pela psicanalise. Trad. José de Almeida Camargo. (14/20). 308 p. br. Cr$ 13,00. (4.ª ed. 2/43).
José Olympio.

RAMOS (Vespasiano). — Novo método de diagnóstico precoce do câncer uterino. (16/23). 55 p. 30 figs. br. Cr$ 20,00. (1942-3/43). **Gr. Sauer, Rio.**

RIBEIRO (Eurico Branco). — Litíase do apêndice. (13/19). 87 p. il. br. Cr$ 10,00. (10/43). **Distr. Ed. Anchieta.**

RIEPER (João Paulo). — Sôbre o valor prático da colposcopia. Estudos baseados em 1100 observações. (16/23). 76 p. 10 figs. br. Cr$ 40,00. (1942-7/43). **Gr. Sauer, Rio.**

ROHRBACH (Richard). — Compêndio de dermatologia. Trad. Germano Goeldner Thomsen. Rev. e anotada por Rabello Filho. (17/24). 595 p. il. enc. Cr$ 170,00. (5/43). **Ed. Scientifica.**

ROMEIRO (Vieira). — Formulário clínico do médico prático. (16/24) 2 vols. 574+588 p. enc. Cr$ 160,00. (2.ª ed. 5/43). **Freitas Bastos.**

ROMEIRO (Vieira). — Semiologia médica Volume I. (17/24). 935 p. 345 figs. br. Cr$ 65,00. (7.ª ed. 1/43). **Livr. Alves.**

ROMEIRO (Vieira). — Terapêutica clínica. Tomo I. Tratamento das doenças do aparelho circulatório, do respiratório, dos rins e vias urinárias. (18/26). 707 p. enc. Cr$ 140,00. (2.ª ed. 5/43). — Tomo II. Tratamento das doenças do sistema nervoso, do aparelho digestivo (boca, faringe, e ôfago, estômago, intestinos, peritônio, fígado, pâncreas), Nutrição, doenças de crianças. (18/26). 892 p. enc. Cr$ 140,00. (2.ª ed. 12/43-1944). **Ed. Guanabara.**

ROSENTHAL (Eugene). — Doenças do aparelho digestivo. Compêndio para estudantes e clínicos. Pref. R. J. V. Pulvertaft. Trad. Benjamim Gaspar Gomes. (18/26). Trad. 234 figs. 16 tábuas, enc. Cr$ 180,00. (8/43). **Ed. Guanabara.**

SALDANHA (Miguel). — Palestras de um odontólogo. Pref. A. Pereira da Camara. Col. Odontologia Social. 1. (14/20). 216 p. il. br. Cr$ 30,00. (11/43). **Livr. Continental, P. Alegre.**

SANTOS (Eurico). — Veterinária prática. Col. Agrícola do "O Campo", 2. (17/25). 277 p. il. br. Cr$ 35,00. (7/43). **Distr. Minerva.**

SIFFERT de Paula e Silva (Geraldo). — Gastroenterologia clínica. Col. Elementa Médica. (15/22). 501 p. 49 figs. enc. Cr$ 100,00. (8/43). **Casa do Livro.**

SWARTOUT (Humberto O.). — O conselheiro médico do lar. (15/22). 649 p. 2 pranchas, il. enc. Cr$ 110,00. (2.ª ed. 1942-4/43). **Casa Publ. Brasileira.**

TAVARES (Godoy). — Clínica e terapêutica. 2.ª fascículo. Balsâmicos, bismuto e balsâmicos, neurastenia médica. (16/23). 185 p. 29 figs. br. Cr$ 10,00. (2 ed. 10/43). **Ed. Autor, Rio.**

THOMEN (Augusto A.). — Se os médicos não acreditam, por que crê você? Pref. Logan Clandening e Alencar Barros. Introdução a ed. inglê a de Lord Horber. Trad. Alfredo Cecilio Lopes. Bibl. Ciência Para Todos, 1. (14/22). 411 p. br. Cr$ 25,00. (5/43). **Ed. Universitária.**

TILDEN, M. D. (J. H.). — Toxemia explicada. Trad. Euclides Machado. (14/19). 162 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). **Distr. Ed. Pan-Americana.**

VELOSO (Cleto Seabra). — A alimentação da criança na idade escolar. (16/23). 109 p. 8 figs. br. Cr$ 20,00. (12/43). **Livr. Ateneu.**

VIDAL (Zaira Cintra). — Técnica de enfermagem. Pref. Rachel Haddock Lobo. (17/24). 240 p. 99 figs. br. Cr$ 35,00. (4.ª ed. 11/43). **Jornal do Brasil.**

VIEIRA (João Paulo). — Patologia das impressões digitais. Prêmio "Oscar Freire" de Medicina Legal (1942). Pref. Leonidio Ribeiro. (16/23). 239 p. 198 figs. br. Cr$ 100,00. (11/43). **Livr. Ateneu.**

VILHENA (Rodolpho). — Chamados de urgência. (Diagnóstico e tratamento). (14/19). 552 p. 65 figs. 1 prancha, enc. Cr$ 50,00. (3.ª ed. 8/43). **Briguiet.**

WELTON (Thurston Scott). — Método moderno da limitação dos filhos. (The modern method of birth control). Trad. Caio Rangel. (13/19). 188 p. 1 Disco-Calendário, il. cart. Cr$ 20,00. (5.ª ed. 10/43). **Civilização.**

WITTROCK (Germano Antonio). — Guia das mães. Pref. Coelho Netto e Eunice Pimentel Wittrock. (16/23). 215 p. il br. Cr$ 20,00. (8.ª ed. 9/43). **Distr. Livr. Alves.**

7) BELAS-ARTES. ESPORTE. JOGOS. DIVERTIMENTOS

ALALEONA (Domingos). — Noções de história da música. Trad. ampliada da 4.ª ed. italiana de Il libro d'oro del musicista, por J. C. Caldeira Filho. Pref. Savino de Benedictis. (16/23). 129 p. il. br. Cr$ 15,00. (2/43). **Ricordi Americana, S. Paulo.**

ALBUQUERQUE (Amaryllo de). — Pequenas biografias dos grandes compositores. (16/23). 132 p. br. Cr$ 15,00. (9/43). **Ricordi Brasileira.**

ALMEIDA (Horacio de). — Pedro Américo. Ligeira notícia biográfica do genial pintor Paraibano. (1843/1905). (15/21). 63 p. il. (6/43). **A União, João Pessoa.**

ALVES (Sylvio). — Palavras cruzadas. (12/16). 138 p. il. br. Cr$ 8,00. (10/43). **Jornal do Brasil.**

CALDEIRA FILHO (João C.). — Palestras sôbre sonatas para piano de Beethoven. (16/23). 105 p. br. Cr$ 12,00. (5/43). **E. S. Mangione.**

ELISKASES (Erich). — Jôgo de posição. Tratado do jôgo de xadrez. (16/23). 48 p. il. br. Cr$ 15,00. (12/43). **Gr. Vitória, Rio.**

GROSSE (E.). — Origens da arte. Trad. Edmundo Rossi. Pref. A obra de Ernest Grosse por Edmundo Rossi. Série "O Romance da Arte", 1. (16/24). 223 p. 32 figs. 3 pranchas, enc. Cr$ 80,00. (12/43) **Ed. Cultura.**

JAGLE (Abram), CIGLIONI (Waldemar). — Vamos falar de cinema? Pref. Rubens do Amaral. (14/10). 173 p. 51 figs. br. Cr$ 15,00. (12/43). **Civilização.**

MARIANO FILHO (José). — Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira. (21/29). 47 p. 32 lâminas il. br. Cr$ 35,00. (8/43). **A Noite.**

MARIANO FILHO (José). — Os três chafarizes de Mestre Valentim. (20/27). 42 estampas, il. br. Cr$ 25,00. (4/43). **Freitas Bastos.**

MARIO FILHO. (Mario Rodrigues Filho). — Copa Rio Branco, 32. Pref. José Lins do Rego. (14/22). 421 p. br. Cr$ 20,00. (10/43). **Pongetti.**

MARTINS Luis). — A evolução social da pintura. Seis conferências. Col. "Departamento de Cultura", S. Paulo, 27. (17/24). 116 p. il. br. Cr$ 12,00. (1942-2/43). **Distr. Z. Valverde.**

MILLIET (Sérgio). — Marginalidade da pintura moderna. Col. "Departamento de Cultura", S. Paulo, 28. (17/24). 85 p. il. br. Cr$ 15,00. (1943-2/43). **Distr. Z. Valverde.**

MILLIET (Sérgio). — A pintura Norte-Americana. Bosquejo da evolução da pintura nos EE. UU. (16/23). 35 p. 25 il. br. Cr$ 15,00. (2/43). **Livr. Martins.**

MOREIRA (Pedro Lopes). — Cantores célebres. (História, reminiscências e considerações técnicas). (16/23). 221 p. il. cart. Cr$ 30,00. (9/43). **Distr. Boffoni.**

NEWMAN (Ernest.). — História das grandes óperas e de seus compositores. (Stories of the great operas). Trad. Antônio Ruas. (15/23). 3 vols. 265+267+305 p. il. br. Cr$ 60,00. (12/43). **Globo.**

PEIXOTO (Afranio). — A Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Publ. do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 10. (19/25). 103 p. il. br. Cr$ 10,00 (8/43). **S. P. H. A. N.. Rio.**

PEIXOTO (J.). — Curso prático de prestigitação e ilusionismo. Para uso dos amadores e profissionais. Introdução de Dakson. (16/23). 458 p. 1 prancha, il. cart. Cr$ 120,00. (8/43). **Emp. Ed. Brasileira.**

PORTINARI. 1943. Biografia de Cândido Portinari por Manuel Bandeira. — O Pintor Portinari por Mário de Andrade. — Profecias de Portinari por Otto Maria Carpeaux. 19 reproduções. (24/33). 73 p. br. Cr$ 25,00. (6/43). **Distr. José Olympio.**

POTENGY (Carlos Gomes). — O futebol e suas leis. Comentários sôbre as regras do Foot-Ball Association. (14/18). 66 p. il. br. Cr$ 3,00. (9/43). **Ed. Autor. Rio.**

SANTOS (Maria Luiza de Queiroz Amancio do). (Iza Queiroz). — Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal. Origem e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil. (25/33). 343 p. il. br. Cr$ 250 00. (9/43). **Imp. Nacional.**

SEGALL (Lasar). — Catálogo de sua exposição. Pref. Mario de Andrade. (19/25). 48 p. il. br. Cr$ 6,00. (5/43). **Ministério da Educação.**

SEGALL (Lasar). — Mangue. Texto de Jorge de Lima, Mario de Andrade e Manuel Bandeira. (23/36). 16 p. 42 pranchas ils. cart. Cr$ 500,00. (12/43). **R. A. Ed.. Rio.**

SILVA (Geraldino Izidoro da), GUIMARAES FILHO (Jacintho Cardoso). — Ciência e técnica do jôgo de damas. (14/19). 200 p. il. br. Cr$ 25,00. (12/43). **Irmãos Di Giorge, Rio.**

TAVARES (Hekel). — Os 3 Negrinhos. Para iniciação música infantil. (23/15). 24 p. il. br. Cr$ 10,00. (12/43). **Ed. Litero-Musical Tupy.**

XADREZ sem mestre, por um Enxadrista. (9/13). 64 p. il. br. Cr$ 3,00. (Nova ed. 7/43). **Cia. Brasil Ed.**

9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

(Biografias)

ABRANCHES (Helena Lopes). — Palestras cívicas. (12/18). 172 p. il. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 5/43). **Gr. Olimpica.**

ABREU (Modesto de). — Geografia. Admissão, 3. (12/18). 107 p. il. cart. Cr$ 6,00. (5/43). **Pongetti.**

ALENCAR (José de), (Sênio). — Guerra dos Mascates. Crônica dos tempos Coloniais. (12/18). 307 p. br. Cr$ 10,00. (6/43). **Ed. Melhoramentos.**

ALESSANDRO (Alexandre D'). — A Escola Politécnica de São Paulo. (História da sua história). 1.º volume. (13-19). 306 p. il. br. Cr$ 20,00. (12/43). **Rev. Tribunais.**

ALMEIDA (A. Tavares de). — Oeste Paulista. A experiência etnográfica e cultural. (14/19). 220 p. 1 prancha, br. Cr$ 15,00. (7/43). **..Alba.**

ALMEIDA (Miguel Osorio de). — Ambiente de guerra na Europa. (14/19). 231 p. br. Cr$ 18,00. (7/43). **Atlântica Ed.**

ALMEIDA (Waldemar de). — Felipe Pinel. O precursor da higiêne mental. Excertos de sua vida e de sua obra. Pref. Ernani Lopes. (18/27). 28 p. il. br. (11/43). **Jornal do Comércio.**

ANTUNES (De Paranhos). — O pintor do romantismo. (Vida e obra de Manoel de Araujo Porto-Alegre). Bibl. de Grandes Biografias, 3. (15/22). 238 p. il. br. Cr$... 25,00. (5/43). **Z. Valverde.**

ARMSTRONG (Margaret). — Vida e morte de Trelawny. Poeta, amoroso e espadachim. (Trelawny. A man's life). Trad. Moacir Werneck de Castro. (15/23). 313 p. br. Cr$ 20,00. (10/43). **Globo.**

ARMITAGE (João). — História do Brasil. Trad., 2.ª ed. brasileira com anotações de Eugênio Egas e Garcia Júnior. (17/25). 389 p. il. br. Cr$ 40,00 (Ed. de luxo, numerada, 20/27, Cr$ 250,00). (3.ª ed. 4/43). **Z. Valverde.**

AUBRY (Octave). — Madame Walewska, O grande Amor de Napoleão. Trad. Maria Luiza. (2.ª ed. 3/43). **Vecchi.**

AURELI (Willy). — Expedição à Serra do Roncador. (Jornada da "Bandeira Piratininga"). (14/20). 299 p. 1 mapa, il. br. Cr$... 18,00. (3.ª ed. 10/43). **Ed. Universitária.**

AURELI (Willy). — Sertões bravios. (14/20). 224 p. il. br. Cr$ 18,00. (10/43). **Ed. Universitária.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Geografia geral. Tomo 1.º B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 114. (14/20). 356 p. il. cart. Cr$ 15,00. (3.ª ed. 1/43+4.ª, 5.ª, e 6.ª ed. 5/43). — Tomo 2.º Geografia dos continentes. B. P. B. s. 2.ª, L. D., 125. (14/20). 500 p. il. cart. Cr$ 18,00. (3.ª ed. 3/43+4., ed. 5/43).
Cia. Ed. Nacional.

AZEVEDO SOBRINHO (José Vicente de). — Efemérides da Academia Brasileira de Letras. (Atualizadas até 1940). (18/24). 265 p. br. Cr$ 20,00. (1942-4/43).
Jornal do Comércio.

BARRÈS (Maurice). — Les diverses familles spirituelles de la France. Avant-propos de Philippe Barrès. (12/19). 199 p. br. Cr$... 20,00. (7/43). **America — Edit.**

BARRÈS (Philippe). — Charles de Gaulle. Pref. Costa Rego. (14/19). 289 p. br. Cr$... 20,00. (7/43). **Atlântica Ed.**

BARROS (A. B. Buys de). — Lições sucintas de história do Brasil. (Para as 3.ª e 4.ª séries dos ginásios). (14/19). 200 p. il. cart. Cr$ 10,00. (4/43). **Coelho Branco.**

BARROSO (Gustavo). — Portugal semente de Impérios. (14/20). 276 p. br. Cr$ 15,00. (12/43). **Getulio Costa.**

BARTHOU (Louis). — La vie amoureuse de Richard Wagner. (12/19). 189 p. br. Cr$ 20,00. (9/43). **America — Edit.**

BASHKIRTSEFF (Marie). — Diário de Marie Bashkirtseff. Trad. Gilda Marinho. Col. Nobel, 56. (14/19). 381 p. br. Cr$ 15,00. ([illegible]/43). **Globo.**

BASTOS (Humberto). — Rumos da civilização brasileira. (14/20). 221 p. br. Cr$ 12,00. (6/43). **Livr. Martins.**

BAZIN (Jean). — Vichy-Les-Bains une station de l'histoire de France ou Le franc-parler d'un mal-pensant. Ed. Chantecler. (11/18). 218 p. il. br. Cr$ 10,00. (1/43).
Livr. Victor.

BELMONTE. — No tempo dos bandeirantes. Des. do Autor. (17/24). 324 p. br. Cr$ 35,00. 3.ª ed. 10/43). **Ed. Melhoramentos.**

BEVILAQUA (Clovis). — Revivendo o passado. VII, Figuras e datas 1892. (13/19). 25 p. br. Cr$ 5,00. (10/43). **Borsoi, Rio.**

BLOCH (Pedro). — Grande era o Couto! (Romance-biografia de Miguel Couto). (14/19). 157 p. br. Cr$ 12,00. (5/43).
Distr. Livr. Victor.

BRENTANO (Frantz Funck-). — L'ancien régime. (12/19). 2 vols. 302+275 p. br. Cr$ 45,00. (10/43). **America — Edit.**

BRENTANO (Funck-). — Lutero. Trad. Eloy Pontes. Col. Vidas Extraordinárias, 1. (14/21). 318 p. br. Cr$ 16,00. (4/43).
Vecchi.

BITTENCOURT (Adalzira). — Trinta e sete dias em Nova York. (13/19). 337 p. br. Cr$ 12,00. (3/43). **Coelho Branco.**

BOITEUX (Almirante Henrique). — O Marquês de Tamandaré. (Um Indigete Brasiliense). Bibl. de Grandes Biografias, 4. (15/22). 598 p. il. br. Cr$ 50,00. (8/43).
Z. Valverde.

BRANCO (Barão do Rio). — O Visconde do Rio Branco. Introdução e notas de Renato de Mendonça. (14/19). 347 p. il. br. Cr$ 18,00. (8/43). **A Noite.**

BRANTE (Charles). — Naissance de la paix Une satire des temps modernes. (14/20). 201 p. 1 mapa, br. Cr$ 30,00. (1/43).
Atlântica Ed.

BUARQUE (A. de Paula). — Petrópolis e o seu centenário. Documentos que confirmam a sua fundação em 1845. (19/28). 319 p. 2 pranches, br. Cr$ 30,00. (1/43).
Ed. Autor, Rio.

BUVELOT (L.), MOREAU (Auguste). — Rio de Janeiro pitoresco. Pref. Francisco Marques dos Santos. Col. Álbuns do Brasil, I. (28/36). 199 lâminas ils. enc. Cr$ 120,00. (12/43).
Livr. Martins.

CABRAL (Mário Da Veiga). — Geografia secundária. (1.ª série). (13/19). 399 p. il. cart. Cr$ 14,00. (3/43). **Jacinto.**

CALADO (Fr. Manuel). — O Valoroso Lucideno e o Triunfo da liberdade. 1.ª parte. 1.º tomo; I, II e III Livros. Série Brasilica, 5. (15/22). 379 p. br. Cr$ 70,00. (10/43). — 2.º tomo: IV, V e VI Livros. Série Brasilica, 6. (15/22). 295 p. br. Cr$ 60,00. (11/43).
Ed. Cultura.

CALMON (Pedro). — História do Brasil. 3.º volume. A organização (1700-1800). B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 176-B. (13/19). 448 p. br. Cr$ 18,00. (8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

CALMON (Pedro). — História do Brasil na Poesia do povo. (13/19). 333 p. br. Cr$ 15,00. (5/43). **A Noite**

CALMON (Pedro). — O Rei do Brasil. Vida de D. João VI. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 228. (13/19). 324 p. il. br. Cr$ 18,00. (2.ª ed. 11/43). **E. Nacional.**

CALMON (Pedro). — Vida de D. Pedro I. O Rei Cavaleiro. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 226. (13/19). 312 p. il. br. Cr$ 16,00. (2.ª ed. 7/43). **Cia. Ed. Nacional.**

CAMINHA (Pero Vaz de). — A carta de Pero Vaz de Caminha. Com um estudo de Jaime Cortesão. Col. Clássicos e Contemporâneos, 1. (14/22). 353 p. 1 mapa. il. br. Cr$ 25,00. (5/43). **Ed. Livros de Portugal.**

CARNEIRO (David). — Transição revolucionária. Apêndices sôbre julgamentos em história. Col. História Geral da Humanidade, 7. (14/19). 143 p. cart. Cr$ 9,00. (9/43).
Atena Ed.

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Geografia do Brasil, para a 3.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 115. (14/20). 245 p. il. cart. Cr$ 13,00. (2/43+3.ª, 4/43+4.ª, 5/43 e 5.ª ed. 8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Geografia dos continentes, para a 2.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 122. (14/20). 333 p. il. cart. Cr$ 15,00. (3/43+2.ª e 3.ª ed. 8/43).
Cia. Ed. Nacional.

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Geografia física e humana. 1.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 119. (14/20). 320 p. il. cart. Cr$ 15,00. (3/43). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Geografia regional do Brasil. 4.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 120. (14/20). 232 p. 2 mapas, il. cart. Cr$ 13,00. (2/43+2.ª, 3.ª, e 4.ª ed. 4/43). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Texto-atlas de geografia. (22/27). 33 p. il. cart. Cr$ 8,00. (8/43). **Inst. Geogr. Agostini.**

CASAL (Pe. Manuel Aires de). (Presbítero Secular do Grão-Priorato do Crato). — Corografia Brasílica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil. Cosposta e dedicada a Sua Majestade Fidelíssima. Tomo I. Série Brasílica, 1. (15/22). 297 p. br. Cr$ 50,00. (5/43). — Tomo II. Série Brasílica, 2. (15/22). 281 p. br. Cr$ 50,00. (7/43). **Ed. Cultura.**

CASTRO (Mario Ribeiro de). — Rio de Janeiro. Descrição para turistas. (12/18). 151 p. br. Cr$ 7,00. (10/43). **Rev. Tribunais.**

CHAGAS (Paulo Pinheiro). — Teófilo Otoni, Ministro do Povo. Bibl. de Grandes Biografias, 2. (15/22). 438 p. il. br. Cr$ 30,00. (2/43). **Z. Valverde.**

CHAMBERLAIN (Tte.). — Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro 1819-1820. Segundo desenhos feitos pelo Tte. Chamberlain, da Artilharia Real, durante os anos de 1819-1820, com descrições. (View and costumes of the city and neighbourhood of Rio de Janeiro, Brasil). Trad. e pref. de Rubens Borba de Moraes. Em suplemento: Texto do original inglês. Col. Temas Brasileiros, 1. (24/34). 237 p. 47 gravuras e desenhos. br. Cr$ 200,00. (11/43). **Livr. Kosmos.**

CIMORRA (Clemente). — Timoshenko. Trad. Herrera Filho. (13/19). 148 p. br. Cr$ 10,00. (3/43). **A. Herrera.**

CONSIDINE (Bob.). — Mac Arthur. Trad. Alzira Rego. (14/19). 254 p. br. — MEHRING (Walter). — Timoshenko, Marechal do Exército Vermelho. Trad. Alzira Rego. Com texto completo de Nova Constituição da U. R. S. S. (14/19). 175 p. br. Cr$ 25,00. (4/43). **Calvino.**

CORRÊA (Azevedo). — História geral. 1.ª série. (13/19). 191 p. il. cart. Cr$ 10,00. (3/43). — 2.ª série. (13/19). 216 p. il. cart. Cr$ 10,00. (3/43). **J. R. de Oliveira.**

COSEL (Maurin). — Marina d'hier. (14/19). 281 p. br. Cr$ 22,00. (5/43). **Atlântica Ed.**

COSTA (Angyone). — Paisagens do Chile. Publ. do Instituto Brasileiro-Chileno de Cultura, n.º 1. (13/19). 114 p. br. Cr$ 10,00. (3/43). **Jornal do Comércio.**

COSTA (Licurgo). — Cidadão do Mundo. Pref. Valentim F. Bouças. (14/23). 336 p. br. Cr$ 30,00. (4/43+2.ª e 3.ª ed. 9/43). **José Olympio.**

COUTINHO (Gago). — Descobrimento do Brasil. Conferência. (13/19). 62 p. 1 mapa, br. Cr$ 5,00. (12/43). **Liceu Literário Português.**

CURIE (Eva). — Madame Curie. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 1. (14/22). 336 p. br. Cr$ 15,00. (5.ª ed. 8/43). **Cia. Ed. Nacional.**

DAUDET (Léon). — La vie orageuse de Clemenceau. (Ed. Chantecler). (11/18). 231 p. br. Cr$ 10,00. (4/43). **Livr. Victor.**

DAVIS (Bette). — O caminho da glória. A vida intensa da grande atriz contada por ela mesma. Trad. Estella Martins Paredes. Preâmbulo de Mireille Ducheme. (14/19). 166 p. il. br. Cr$ 12,00. (6/43). **Vecchi.**

DIETZ (David). — História da ciência. Trad. Azevedo Amaral. Col. A Ciência de Hoje, 7. (14/20). 370 p. 49 ils. br. Cr$ 20,00. 4/43). **José Olympio.**

DOREN (Carl Van). — Benjamin Franklin. Trad. J. de Matos Ibiapina. (15/23). 596 p. br. Cr$ 28,00. (4/43). **Globo.**

DOSTOIEVSKI. — Diário de um escritor. Trad. Frederico dos Reys Coutinho. (16/23). 485 p. br Cr$ 30,00. (3/43). **Vecchi.**

DUCHAUSSOIS (R. P.). — Nos gelos polares. Trad. Hermes Vieira. (15/22). 423 p. il. br. Cr$ 20,00. (11/43). **Ed. Vozes.**

DUNCAN (Isadora). — Minha vida. Trad. Gastão Cruls. Col. O Romance da Vida, 7. (14/23). 369 p. br. Cr$ 22,00. (4.ª ed. 7/43). **José Olympio.**

DURANT (Will). — História da civilização. 2.ª parte, Nossa herança clássica. A vida na Grécia. Tomo 1.º Trad. Cultura de Morais Lobato. Rev. por Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 28-B. (15/22). 463 p. 1 mapa, il. br. Cr$... 28,00. (4/43). — Tomo 2.º (15/22). 430 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 28,00 (4/43). **Cia. Ed. Nacional.**

DUTRA (José Soares). — Cairú. (14/19). 171 p. br. Cr$ 8,00. (10/43). **Vecchi.**

ENGELS (F.). — Marx. Trad. Heitor Ferreira Lima. Série Biográfica de "Cultura", Vidas Luminosas, 8. (10/18). 49 p. br. Cr$ 5,00. (8/43). **Ed. Cultura.**

FAGGIN (Giuseppe). — Galileu. Trad. Heitor Ferreira Lima. Série Biográfica de "Cultura", Vidas Luminosas, 11. (10/18). 60 p. br. Cr$ 5,00. (11/43). **Ed. Cultura.**

FEER (Leon). — O Buda. Trad. Heitor Ferreira Lima. Série Biográfica de "Cultura", Vidas Luminosas, 10. (10/17). 71 p. br. Cr$ 5,00. (10/43). **Ed. Cultura.**

FIGUEIREDO (Fidelino de). — Antero. Quatro conferências. Col. "Departamento de Cultura", S. Paulo, 26. (17/24). 224 p. il. br. Cr$ 15,00. (1942-2/43). **Dist. Z. Valverde.**

FIGUEIREDO (Tte. Cel. Lima). — A conquista do Brasil pelos brasileiros. Bibl. Geográfica Brasileira. Publ. n.º 1 da Série B., Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia. (16/23). 28 p. 1 mapa, br. Cr$ 6,00. (5/43). **I. B. G. E., Rio.**

FONSECA S. J. (Pe. Manuel da). — S. Francisco de Borja. (12/18). 168 p. br. Cr$ 7,00. (1942-3/43). **Ed. Vozes.**

FONTENLA (Vicente Paz). — Espanha imortal. (14/19). 93 p. il. br. Cr$ 8,00. (5/43). **Distr. Pap. Coelho.**

FRANCO (Carvalho). — Nobiliário Colonial. Pref. Sebastião Pagano. Publ. do Instituto

Genealógico Brasileiro. (16/23). 160 p. il. br. Cr$ 20,00. (2/43+2.ª ed. 7/43).
Dist.. Z. Valverde.

FREITAS (Gaspar de). — Pontes de geografia e história do Brasil. Exame de Admissão. (12/16). 202 p. il. crt. Cr$ 6,00. (28.ª ed. 6/43). Distr. Antunes.

FRISCHAUER (Paul). — Os anos perigosos da Inglaterra. O drama documentário da guerra mundial de 1792-1815. Pref. Lourival Fontes. (14/19). 369 p. br. Cr$ 25,00. (9/43).
A Noite.

FRISCHAUER (Paul). — Presidente Vargas. Trad. Mário da Silva e Brutus Pedreira. (14/22). 393 p. br. Cr$ 25,00. (8/43).
Cia. Ed. Nacional.

GANDÍA (Enrique). — O Gigante do Norte. Uma visão dos Estados Unidos. Trad. Olinto de Castro. (14/21). 447 p. cart. Cr$... 25,00. (12/43). Ed. Oceano.

GARDEN (C.). — Flagrantes de Petrópolis. Pref. Afranio Peixoto. Col. Turismo, Série Avião, 3. (13/19). 221 p. il. br. Cr$ 20,00. (1/43). A Noite.

GARDEN (C.). — Uma vilegiatura em Lambari. Pref. Vargas Netto. Col. Turismo, Série Avião, 4. (13/19). 236 p. il. br. Cr$ 20,00. (12/43). A Noite-H. Velho.

GAXOTTE (Pierre). — La révolution française. (12/19). 2 vols. 250+247 p. br. Cr$ 42,00. (7/43). Americ—Edit.

GICOVATE (Moisés). — Geografia do Brasil. 3.ª série. (14/21). 220 p. il. cart. Cr$ 12,00. (7/43). Ed. Melhoramentos.

GICOVATE (Moisés). — Geografia geral. 1.ª série. (15/21). 216 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43+2.ª e 3.ª ed. 5/43). — 2.ª série. (14/21). 222 p. il. cart. Cr$ 12,00. (4/43).
Ed. Melhoramentos.

GOMES (Alfredo) — História do Brasil. (Do Primeiro Reinado até o Estado Novo). 4.ª série do curso ginasial. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 184 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43).
Ed. e Publ. Brasil.

GOMES (Alfredo). — História geral. (História moderna e contemporânea). Para o curso ginasial secundário, 2.ª, série. Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 227 p. il. cart. Cr$ 13,00. (5/43).
Ed. e Publ. Brasil.

GÓRKA (Olgierd). — O país de glória e sangue... Passado e presente da Polônia. Trad. Carmen de Faro Lacerda. Introdução de Afranio Peixoto. (13/19). 179 p. il. br. Cr$ 12,00. (5/43). Ed. Pan-Americana.

GOYCOCHÊA (Castilhos). — Fronteiras e fronteiros. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 230. (13/19). 298 p. 2 mapas, br. Cr$ 20,00. (11//43). Cia. Ed. Nacional.

GOYCOCHEA (Castilhos). — Gumercindo Saraiva na guerra dos Maragatos. (13/19). 199 p. 1 mapa, br. Cr$ 12,00. (8/43).
Alba.

GUNTHER (John). — O drama da América Latina. (Inside Latin America). Trad. Jorge Jobinsky. (15/22). 499 p. 2 pranchas, br. Cr$ 25,00. enc. Cr$ 32,00. (2/43).
Pongetti.

HARRIS (Frank). — Minha vida e meus amores. 1.º vol. Trad. Elias Davidovich. (14/20). 276 p. br. Cr$ 12,00. (243).
Ed. Meridiano.

HEIDEN (Konrad). — Hitler, a vida de um bárbaro. Trad. Alvaro Franco. (15/23). 409 p. br. Cr$ 25,00. (3/43). Ed. Thurmann.

HIRST (Francis W.). — A vida de Thomas Jefferson. Trad. Carlos Lacerda. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 31. (15/22). 485 p. br. Cr$ 25,00. (8/43).
Cia. Ed. Nacional.

HORTA (Francisco Eugênio Brant). — Minha primeira história do Brasil. (13/18). 116 p. il. cart. Cr$ 4,00. (Nova ed. 8/43).
Getulio Costa.

HOUSSAYE (Henri). — Três rainhas galantes. Aspásia. Cleópatra. Teodora. Trad. Vieira Neto. (15/22). 203 p. br. Cr$ 16,00. (12/43).
Ed. Peixoto.

HUXLEY (Aldous). — Eminência Parda. A história de Père Joseph, o conselheiro de Richelieu. Trad. Paulo Moreira da Silva. (15/23). 303 p. il. br. Cr$ 20,00. (5/43).
Globo.

IRVING (Washington). — A conquista de Granada. Trad. João Távora. Série Redescobrimento da Vida, 3. (17/24). 391 p. br. Cr$ 25,00. (8/43). Ed. Pan-Americana.

JACQUES (Paulino). — Gaspar Silveira Martins, o Condestável da democracia brasileira. Com palavras introdutórias de Costa Rego. Bibl. de Grandes Biografias, 5. (15/22). 290 p. il. br. Cr$ 30,00. (11/43).
Z. Valverde.

JAYME (Jarbas). — Cinco vultos Meiapontenses. Ensaios biográficos. Pref. José Lourenço Dias. Bibl. Genealógica Brasileira, 5. Publ. do Instituto Genealógico Brasileiro. (16/23). 115 p. il. br. Cr$ 5,00. (11/43).
I. G. B., S. Paulo.

KELLER (Helena). — A história de minha vida. (The story of my life). Coordenação e notas de John Macy. Trad. J. Espinola Veiga. Col. O Romance da Vida, 4. (14/23). 301 p. br. Cr$ 22,00. (3.ª ed. 12/43).
José Olympio.

KIDDER (Daniel P.). — Reminiscências de viagens e permanência no Brasil. (Provincias do Norte). Trad. Moacir N. Vasconcelos. Bibl. Histórica Brasileira, 12. (18/26). 265 p. il. br. Cr$ 35,00. (Ed. de luxo, 22/28, br. Cr$ 200,00. (6/43). Livr. Martins.

KOSERITZ (Carl Von). — Imagens do Brasil. Trad., pref. e notas por Afonso Arinos de Melo Franco. Bibl. Histórica Brsileira, 13. (19/25). 292 p. il. br. Cr$ 45,00. (9/43).
Livr. Martins.

LACERDA (Joaquim Maria de). — Pequena geografia da infância. Rev. e melhorada por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro. Curso primário. (12/19). 8 mapas, il. cart. Cr$ 4,00. (Nova ed. 10/43). Livr. Alves.

LAMEGO (Alberto). — A terra de Goytacá à luz de documentos inéditos. Tomo 5.º, Páginas avulsas. (17/24). 325 p. il. br. Cr$... 25,00. (1942-7/43). — Tomo 6.º, Página avulsas. (17/24). 443 p. il. br. Cr$ 25,00 (7/43). Distr. J. Leite

LAMEGO (Luiz). — D. Pedro I, herói e enfêrmo. Col. Depoimentos históricos, 6. (15/22). 169 p. br. Cr$ 15,00. (9/43).
Z. Valverde.

LEFÉVRE (Maurilio). — Rudimentos de pre-história. Pref. Mário Da Veiga Cabral. (17/24). 61 p. br. Cr$ 15,00. (4/43).
H. Velho.

LEITE (Célio Conde). — Terra Bandeirante. Algumas impressões do Estado de São Paulo. (14/20). 168 p. 24 fotos fóra texto, br. (7/43).
Distr. Ed. e Publ. Brasil.

LEME (Alberto Betim Paes). — História física da terra. (Vista por quem estudou no Brasil). Pref. E. Roquette Pinto. Rev. Otacilio Rainho Carneiro. (16/23). 1.020 p. 297 figs. 2 pranchas, enc. Cr$ 200,00. (2/43).
Briguiet.

LENDA dos três companheiros. A vida de São Francisco de Assiz, narrada pelos seus discípulos Irmãos Leão, Rufino e Angelo. Trad. Nilson Carneiro da Cunha. (12/17). 136 p. br. Cr$ 8,00. (10/43).
Stella Ed.

LÉVY (Artur). — A vida íntima de Napoleão. (Napoléon Intime). Trad. Emil Farhat. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 32. (14/22). 390 p. br. Cr$ 16,00. (10/43).
Cia. Ed. Nacional.

LIMA (Afonso Guerreiro). — Atlas escolar. 3.ª parte. Globo terrestre. (24/32). 96 p. (mapas). cart. Cr$ 36,00. (4.ª ed. 3/43).
Globo.

LIMA JUNIOR (Augusto de). — A Capitania das Minas Gerais. Pref. Jaime Cortesão. (17/24). 335 p. il. br. Cr$ 40,00. (200 exemp. papel de luxo, 21/28, Cr$ 200,00). (12/43).
Z. Valverde.

LIMA (Claudio de Araujo). — Ascenção e queda de Stefan Zweig. (13/19). 175 p. br. Cr$ 10,00. (1/43).
José Olympio.

LIMA (Stella Leonardos da Silva). — Palmares. (Trilogia biográfica, II, Vida de Castro Alves. Teatro em Alexandrinos). (13/19). 140 p. br. Cr$ 10,00. (7/43).
Borsoi, Rio.

LIMA (Stella Leonardos da Silva). — Rufa ao longe um tambor! Vida de Olavo Bilac. Trilogia Biográfica, (Teatro em Alexandrinos), III. Pref. Modesto de Abreu. (13/19). 171 p. br. Cr$ 10,00. (10/43).
Borsoi, Rio.

LOPES (Luciano). — Pestalozzi, o grande educador. (13/19). 210 p. cart. Cr$ 14,00. (8/43).
Distr. Livr. Alves.

LUDWIG (Emil). — Cleópatra. A história de uma rainha. (Cleópatra — The story of a queen). Trad. Costa Neves. Col. Grandes Vidas, 1. (14/22). 336 p. il. br. Cr$ 25,00. (12/43).
Ed. O Cruzeiro.

LUDWIG (Emil). — O Mediterrâneo. Destino de um oceano. Trad. Almir de Andrade. (14/23). 557 p. br. Cr$ 30,00. (2/43).
José Olympio.

LUDWIG (Emil). — Napoleão. Pref. Henry Bidou. Trad. rev. por Mario de Sá. (17/24). 462 p. br. Cr$ 20,00. (6.ª ed. 1942 — 3/43).
Globo.

LUDWIG (Emil). — O Nilo. A história de um rio. Trad. Marina Guaspari. (17/24). 536 p. 3 mapas, il. br. Cr$ 24,00. (4.ª ed. 9/43).
Globo.

LUDWIG (Emil). — Stalin. Trad. Eduardo de Lima Castro. (Em apêndice: A Nova Constituição Soviética e A Nova Constituição Brasileira). (14/19). 428 p. br. Cr$ 25,00. (8/43 + 2.ª ed. 10/43).
Calvino.

MACEDO (Roberto). — A história do Brasil em cinco lições. (13/19). 48 p. br. Cr$ 8,00. (5/43).
Alba.

MACEDO (Roberto). — A história no Distrito Federal. (14/20). 32 p. br. Cr$ 5,00. (5/43).
Alba.

MACHADO (Alcântara). — Vida e morte do Bandeirante. Introdução de Sergio Milliet. Des. de J. Wasth Rodrigues. Bibl. de Literatura Brasileira, 5. (19/24). 239 p. br. Cr$ 35,00. (12/43).
Livr. Martins.

MAGALHAES (Basilio de). — História do Brasil. 3.ª série. (14/19). 282 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43). — 4.ª série. (14/19). 220 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43).
Livr. Alves.

MAGALHAES (Basilio de). — História geral. (História antiga e medieval). 1.ª série ginasial. (14/19). 196 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43). — 2.ª série. (História moderna e contemporânea). (14/19). 242 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43).
Livr. Alves.

MAGNE (Augusto). — Estudos e textos relativos à antiguidade grega e latina. Volume 1.º, Geografia, história e instituições da Grécia Antiga. Adaptação do original francês de L. Laurand. (13/19). 230 p. il. cart. Cr$ 20,00. (6/43).
Ed. Anchieta.

MANGABEIRA (João). — Rui, O Estadista da República. Col. Documentos Brasileiros, 40. (14/23). 433 p. il. br. Cr$ 40,00. (300 exempl. papel Rouf"an" extra, creme, 19/25, br. Cr$ 200,00). (12/43).
José Olympio.

MARÇAL (Heitor). — Martim Soares Moreno, O "Guerreiro Branco" de "Iracema". (14/19). 163 p. br. Cr$ 8,00. (2/43).
Vecchi.

MARCHANT (Alexander). — Do escambo à escravidão. As relações econômicas de Portugueses e índios na colonização do Brasil. 1500-1580. Trad. Carlos Lacerda. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 225. (13/19). 205 p. 1 mapa, br. Cr$ 12,00. (7/43).
Cia. Ed. Nacional.

MARIA, Grã-Duquesa da Russia. — Memórias. (Educação de uma princesa). Pref. André Maurois. Trad. Guinara de Morais Lobato. Col. O Romance da Vida, 23. (14/23). 324 p. br. Cr$ 20,00. (3/43).
José Olympio.

MARIANNO (Filho) (José). — O Passeio Público do Rio de Janeiro. 1779-1783. (20/27). 51 p. 35 fotografias. br. Cr$ 25,00. (10/43). Distr. Freitas Bastos.

MARSEILLAISE (La). — Naissance et destin d'un chant de gloire. 150ème anniverssaire. 1792-1942. (11/18). 272 p. br. Cr$ 10,00. (1/43). Livr. Victor.

MARTINEZ (Héctor Pérez). — Juárez. Trad. Dias da Costa. (17/24). 207 p. br. Cr$ 12,00. (2.ª ed. 8/43). Vecchi.

MATTA (Ary da). — História geral, para a 1.ª série. Pref. La-Fayette Côrtes. Ils. de A. Schnoor. Cartogramas de Isac Lopes. (14/20). 249 p. cart. Cr$ 13,00. (3/43). Cia. Ed. Nacional.

MAUÁ (Visconde de). — Autobiografia. (Exposição aos credores e ao público) seguida de "O meio circulante do Brasil". 2.ª ed. pref. e anotada por Claudio Ganns. Col. Depoimentos Históricos, 3. (15/22). 368 p. 30 grav. br. Cr$ 25,00. (Ed. especial, 20/26, Cr$ 200,00). (2.ª ed. 3/43). Z. Valverde.

MAUÁ. — Correspondência de Mauá no Rio da Prata (1850-1885). Pref. e notas de Lidia Besouchet. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 227. (13/19). 251 p. il. br. Cr$ 12,00. (8/43). Cia. Ed. Nacional.

MAUGHAM (W. Somerset). — Meu diario de guerra. (Strictly personal). Trad. Fernando Tude de Souza. (16/23). 195 p. br. Cr$ 13,00. (4/43). Ed. Pan-Americana.

MAUROIS (André). — História da Inglaterra. Trad. Carlos Domingues. (15/22). 461 p. br. Cr$ 25,00. enc. Cr$ 32,00. (4.ª ed. 1/43). Pongetti.

MAUROIS (André). — Memórias. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História e Biografia, 30. (15/22). 343 p. br. Cr$ 18,00. (1/43). Cia. Ed. Nacional.

MEHRING (Walter). — Timoshenko, Marechal do Exército Vermelho. Com texto completo da Nova Constituição da U. R. S. S. (14/19). 175 p. — CONSIDINE (Bob). — Mac Arthur. Trad. Alzira Rego. (14/19). 254 p. br. Cr$ 25,00. (4/43). Calvino.

MELLO (Geraldo Cardoso). — O Barão de Mambucaba. (16/23). 91 p. il. br. Cr$ 10,00. (7/43). Tip. Aloisi, Piracicaba.

MICHELET (Jules). — Joana D'Arc. Trad., pref. e notas de Antônio Lages. (14/19). 248 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 10/43). Vecchi.

MIRANDA (Nini). — A vida do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, sua vida no Exército e na Política. (16/23). 80 p. il. br. Cr$ 10,00. (5/43). Ed. Autora, Rio.

MONTEIRO (Mario). — Pinheiro Chagas. Patrióta e amigo do Brasil. (13/19). 72 p. br. Cr$ 5,00. (8/43). Livr. Alves.

MOURA (Paulo Cursino de). — São Paulo de Outrora. (Evocações da Metrópole). (17/24). 263 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 35,00. (12/43). Livr. Martins.

MOYA (Salvador de). — Anuário Genealógico Brasileiro. Ano V, 1943. Publ. do Instituto Genealógico Brasileiro. (16/23). 412 p. 3 pranchas, il. br. Cr$ 25,00. (11/43). I. G. B., S. Paulo.

MOYA (Salvador de). — Indices genealógicos brasileiros. 1.ª série. — Ns. 3 e 4. — "Nobiliarquia Paulistana de Pedro de Almeida Paes Leme, + 1777. — "Genealogia Riograndense". 1.º vol. de Jorge Godofredo Felizardo. Publ. do Instituto Genealógico Brasileiro. (16/23). 134 p. br. Cr$ 5,00. (11/43). I. G. B., S. Paulo.

MUNTHE (Axel). — O Livro de San Michele. (Boken om Sam Michele). Trad. Jayme Cortezão. (7/24). 364 p. il. br. Cr$ 24,00. (6.ª ed. 10/43). Globo.

MURICY (Gen. José Candido). — Parada morta. Pref. Tasso da Silveira. (13/18). 149 p. br. Cr$ 10,00. (10/43). Alba.

NABUCO (Carolina). — A vida de Joaquim Nabuco. Col. Joaquim Nabuco, 2. (13/19). 2 vols. 305 + 267 p. br. Cr$ 35,00. (3.ª ed. 12/43). Americ - Edit.

NEVES (João Caetano Alves). — A Inconfidência Mineira. Cláudio Manoel da Costa. Não foi sonho a tragédia mineira de 1789. (13/19). 193 p. br. Cr$ 10,00. (9/43). Pongetti.

OLIVEIRA (Cons. Albino José Barbosa). — Memórias de um magistrado do Império. Rev. e anotadas por Américo Jacobina Lacombe. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 231. (13/19). 378 p. 1 prancha, il. br. Cr$ 25,00. (11/43). Cia. Ed. Nacional.

OLIVEIRA (J. M. Cardoso de). — Pedro Americo, sua vida e suas obras. Ed. especial comemorativa do Centenário do seu nascimento. (1928). 208 p. il. br. Cr$ 40,00 (/43). Ministério da Educação.

OSORIO (Ubaldo). — A Ilha de Itaparica. Pref. Carlos Chiacchio. (16/22). 161 p. br. (2.ª ed. 1942 — 7/43). Tip. Naval, Bahia.

PALMEIRA (João da Costa). — Epopéia Amazônica. (13/19). 205 p. br. Cr$ 10,00. (5/43). A Noite.

PEIXOTO (Afranio). — Pequena história das Américas. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 7. (14/22). 307 p. il. br. Cr$ 18,00. (2.ª ed. 7/43). Cia. Ed. Nacional.

PEREIRA (Lucia Miguel). — A vida de Gonçalves Dias. Contendo o Diário inédito da viagem de Gonçalves Dias ao Rio Negro. Col. Documentos Brasileiros, 37. (15/23). 424 p. 11 ils. br. Cr$ 35,00. (6/43). José Olympio.

PESSÔA (Alfredo). — Sempre haverá uma Inglaterra. (15/22). 219 p. br. Cr$ 20,00. (10/43). Z. Valverde.

PFLEGER (Karl). — André Gide, o filho pródigo. Trad. O. Durieux, O. F. M., Col. Presença, 9. (11/19). 64 p. br. Cr$ 6,00. (4/43). Stella Ed.

PFLEGER (Karl). — Chesterton, o aventureiro da ortodoxia. Trad. O Durieux, O. F. M., Col. Presença, 7. (11/19). Stella Ed.

PFLEGER (Karl). — Léon Bloy, o peregrino do absoluto. Trad. O. Durieux, O. F. M., Col. Presença, 8. (11/19). 75 p. br. Cr$ 6,00. (4/43). Stella Ed.

PHOTIADES (Constantin). — As multiplas vidas do Conde de Cagliostro. Trad. Roberto Pessoa. Col. Vidas Extraordinárias, 2. (14/21). 365 p. br. Cr$ 20,00. (8/43). Vecchi.

PIMENTEL JUNIOR (Menezes). — Lições de geografia física e humana. 1.ª série. (14/19). 308 p. il. cart. Cr$ 10,00. (6/43). J. R. de Oliveira.

PINHÃO (Tavares). — Vultos eminentes do Clero Brasileiro. (14/20). 175 p. br. Cr$ 10,00. (12/43). Ed. Vozes.

PINTO (Luiz). — Vidal de Negreiros. (13/19). 159 p. br. Cr$ 10,00. (12/43). Ed. Pan-Americana.

PINTO (Pedro A.). — Fatos da história Pátria. Linhas esquecidas. (Escritos de vários tempos). (14/19). 144 p. br. Cr$ 7,00. (2.ª ed. 8/43). Tip. do Patronato, Rio.

POLIANO (Luiz Marques). — Ordens honoríficas do Brasil. (História, organização, padrões, legislação). (24/33). 324 p. 33 estampas fóra texto, br. Cr$ 250,00. (7/43). Distr. Z. Valverde.

POMBO (José Francisco da Rocha). — História do Brasil. Para o ensino elementar. (13/18). 317 p. 4 mapas, il. cart. Cr$ 10,00. (22.ª ed. 6/43). Ed. Melhoramentos

PONTES (Elói). — Machado de Assiz. Série Biográfica de "Cultura", Vidas Luminosas, 6. (10/17). 91 p. br. Cr$ 5,00. (7/43). Ed. Cultura.

PORTO (Aurélio). — História das Missões Orientais do Uruguai. Publ. do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 9. Ministério da Educação e Saude. (20—28). 624 p. 1 prancha, br. Cr$ 25,00. (7/43). S. P. H. A. N., Rio

POURTALÉS (Guy de). — Vida de Chopin. Trad. Aristides Avila. Col. de Cultura Musica, 2. (14/19). 212 p. br. Cr$ 12,00. (10/43). Atena Ed.

PRUDENTE de Moraes, O primeiro centenário do seu nascimento. (1841-1941). Colectanea. Pref. Prudente de Moraes Filho e João Sampaio. (14/22). 206 p. br. Cr$ 15,00. (1942 — 5/43). Rev. dos Tribunais.

RACHMANOVA (Alia). Estudantes, amor, Tscheka e morte. (Studenten, Liebe, Tscheka und Tod). Trad. Felipa Muniz. Col. Nobel, 11. (14/19). 326 p. br. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 12/43). Globo.

RANGEL (Alberto). — Trasanteontem. (Episódios e relatos históricos). (16/24). 242 p. il. br. Cr$ 25,00. (8/43). Livr. Martins.

RAPOSO (Abel de Senna). — Portugal jamais morrerá. (13/19). 15 p. br. Cr$ 3,00. (3/43). Tip. Elka, Rio.

REBÊLO (Marques). — Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida. Instituto Nacional do Livro. Col. B3. Biografia. (17/24). 132 p. il. br. Cr$ 9,00. (7/43). I. N. L., Rio.

REDIER (Antoine). — São Vicente de Paulo. O Apóstolo da Caridade. Trad. Anita Martins de Sousa. (14/19). 249 p. br. Cr$ 10,00. (4/43). Vecchi.

REIS (David Penna Aarão). — Geografia do Brasil. 4.ª série ginasial. (Brasil regional). (14/19). 156 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43). Z. Valverde.

REIS (Otelo de Sousa). — Geografia geral. 1.ª série (Geografia física e humana). (14/19). 226 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43). — 2.ª série. Os continentes. (14/19). 223 p. il. cart. Cr$ 12,00. (12/43). Livr. Alves.

RIBEIRO (Jorge). — Portugal no Brasil. (17/24). 234 p. br. Cr$ 25,00. (7/43). Ed. Autor, Rio.

RODRIGUES (Lysias A.). — Roteiro do Tocantins. (13/19). 323 p. 23 mapas e fotografias, br. Cr$ 20,00. (10/43). José Olympio.

ROHDEN (Huberto). — Paulo de Tarso. O maior bandeirante do Evangelho. (17/24). 365 p. br. Cr$ 25,00. (3.ª ed. 7/43). Ed. Pan-Americana.

ROLLAND (Romain). — A vida de Beethoven. Trad. José Lannes. (14/20). 117 p. br. Cr$ 9,00. (7/43). Atena Ed.

ROSOLIA (Orestes). — História geral. 1.ª série. (13/19). 270 p. il. cart. Cr$ 13,00. (4/43). — 2.ª série. (14/19). 270 p. il. cart. Cr$ 13,00. (5/43). Livr. Alves.

RUGENDAS. — Brasil Antigo; Introdução: A atualidade de Rugendas por Murillo Mendes. Album n.º 1. (24/16). 17 estampas, cart. Cr$ 15,00. (8/43). — N.º 2. (24/20). 24 estampas, cart. Cr$ 20,00. (8/43). — N.º 3. (30/21). 12 estampas, cart. Cr$ 20,00. (8/43). — N.º 4. (32/27). 24 estampas, cart. Cr. 35,00. (8/43). Ed. Cultura.

SANTOS (Luiz Gonçalves dos). — (Padre Perereca). — Memórias para servir a história do Reino do Brasil. Pref. e anotações de Noronha Santos. (17/25). 2 volumes, 861 p. 2 pranchas, il. br. Cr$ 100,00. (200 exemplares, papel de luxo, 20/28, Cr$ 500,00). (11/43). Z. Valverde.

SCHLICHTHORST (C.). — O Rio de Janeiro como é. 1824-1826. (Huma vez e nunca mais). Trad. Emy Dodt e Gustavo Barroso. Anotada e comentada. (17/24). 301 p. il. br. Cr$ 30,00. (10/43).
Getulio Costa.

200 exemplares em papel Vergé. (21/27). Cr$ 200,00. **Z. Valverde.**

SCHWARZSCHILD (Leopold). — O Mundo em transe. De Versalhes a Pearl Harbor. Trad. Marques Rebelo. (15/22). 329 p. br. Cr$ 20,00. (9/43). **Pongetti.**

SEPP S. J. (Padre Antônio). — Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos. Introdução e notas por Wolfgang Hoffmann Harnisch. Trad. A. Reymundo Schneider. Fotografias de Walfgang Hoffmann Júnior. Bibl. Histórica Brasileira, 11. (19/25). 256 p. br. Cr$ 40,00. (150 exemp. de luxo numerados, 22/28, br. Cr$ 150,00). (1/43). **Livr. Martins.**

SERRANO (Jonathas). — Epitome de história universal. Pred. Escragnolle Doria. (13/19). 438 p. il. cart. Cr$ 14,00. (20.ª ed. 4/43). **Livr. Alves.**

SERRANO (Jonathas). — História antiga e medieval. 1.ª série do curso ginasial. (13/19). 282 p. il. cart. Cr$ 15,00. (7/43).
Briguiet.

SETH. — O Brasil pela imagem. Desenhos de Seth (Alvaro Marins). (24/33). 188 p. cart. Cr$ 100,00. (6/43).
Indústria do Livro.

SILVA (Joaquim). — História do Brasil. 3.º ano ginasial. (14/20). 277 p. 2 mapas, il. cart. Cr$ 12,00. (3.ª ed. 3/4 + 4.ª e 5.ª ed. 4/43). — 4.º ano ginasial. (14/20). 209 p il. cart. Cr$ 10,00. (3/43).
Cia. Ed. Nacional.

SILVA (Joaquim). — História geral. 1.º ano ginasial. (14/20). 305 p. il. cart. Cr$ 13,00. (6.ª ed. 5/43 + 7.à ed. 7/43. — 2.º ano ginasial. (14/20). 342 p. il. cart. Cr$ 15,00. (5.ª ed. 4/43 + 6.ª e 7.ª ed. 7/43).
Cia. Ed. Nacional.

SILVA (Jorge). — Geografia infantil. (18/19). 88 p. 2 mapas, il. br. Cr$ 2,50. (11.ª ed. 8/43). **Ed. Jerônimo Silva.**

SIMCH (Alfredo). — Monografia do Município de São Jerônimo. (16/24). 280 p. 1 mapa, il. br. Cr$ 25,00. (7/43).
Livr. Andradas.

SOARES (José Carlos de Macedo). — Santo Antonio de Lisboa. Militar no Brasil. Ils. de Wasth Rodrigues e Percy Lau. (24/33). 184 p. br. Cr$ 100,00. (1942 — 4/43).
José Olympio.

SOLER (Amalia Domingo). — Fragmentos das memórias do Padre Germano. Trad. M. Quintão. (13/19). 341 p. br. Cr$ 11,00. (8.ª ed. 12/43 — 1944). **Fed. Espirita.**

SOUSA (Fr. Luiz de). — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. 1.º volume. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Lingua", 17. (10/17). 520 p. [illegible] Cr$ 35,00. (11/43). — 2.º volume. Sér[ie] Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Me[s]tres da Lingua", 18. (10/17). 411 p. [illegible] Cr$ 35,00. (11/43). **Ed. Cultu[ra]**

SOUZA (Alcindo Muniz de). — Corografia [do] Brasil. (2.º ano propedêutico). Col. Didática Nacional, Série Comercial. (14/19). 175 p. il. cart. Cr$ 10,00. (3/43).
Ed. e Publ. Brasil

SOUZA (Alcindo Muniz de). — Geografia. (1.º ano propedêutico). Col. Didática Nacional, Série Comercial. (14/19). 196 p. il. cart. Cr$ 10,00. (3/43).
Ed. e Publ. Brasil.

SOUZA (Alcindo Muniz de). — Geografia geral. (1.ª série ginasial). Col. Didática Nacional, Série Ginasial. (14/19). 160 p. il. cart. Cr$ 10,00. (2.ª ed. 4/43).
Ed. e Publ. Brasil.

SOUZA (Antonieta de Paula), CARVALHO (M. Conceição Vicente de). — Geografia de hoje. 1.ª série ginasial. Pref. José Carlos de Macedo Soares. Col. dir. por Pierre Monbeig. (14/20). 352 p. il. cart. Cr$ 15,00. (8/43). **José Olympio.**

SOUZA (J. B. Mello e). — Estudantes do meu tempo. Crônica do antigo Colégio Pedro II. Ils. de Jurandyr Paes Leme, Saboia Barbosa, Sá Roris, Horácio Rubens e Carlos Arthur Thiré. Separata do Volume XI do "Anuário do Colégio Pedro II". (16/24). 211 p. br. Cr$ 12,00. (12/43).
Alba.

STAEL (Madame de). — Memórias. Trad. Antonio Leal da Costa. Série Redescobrimento da Vida, 2. (17/24). 339 p. br. Cr$ 25,00. (11/43). **Ed. Pan-Americana.**

STARHEMBERG (Principe). (Ernst Rudiger). — Entre Hitler e Mussolini. (Between Hitler and Mussolini). As memórias de Ernst Rudiger, Principe de Starhember[g]. Trad. e pref. de Casta Neves. Co[l.] Documentos Contemporâneos, 2. (15/22). 374 p. br. Cr$ 25,00. (9/43 + 2.ª ed 11/43). **Ed. O Cruzeir[o]**

STRACHEY (Lytton). — A Rainha Vitóri[a]. Trad. Stela Martins Paredes. (17/24). 32[illegible] p. br. Cr$ 20,00. (2.ª ed. 5/43).
Vecchi.

TÁCITO (Cáio Cornélio). — Germânia. Trad. Sady Garibaldi. (17/24). 96 p. br. Cr$ 10,00. (2/43). **Livr. Par[a] Todos.**

TAUNAY (Alfredo D'Escra[gnoll]e). — Visconde de Taunay). — A Retirada da Laguna. Episódio da Guerra do Para[gua]i. Trad. da 5.ª ed. francesa por Afon[so d]e E. Taunay. (14/19). 291 p. 3 pranch[as, i]l. br. Cr$ 25,00. (11.ª ed. 1/43).
Ed. Melhora[mentos]

TOLSTOI (Leão), TOLSTOI (Sofia). — Diários íntimos. Trad. Frederico dos Reys Coutinho. (16/24). 333 p. br. Cr$ 20,00. (12/43). **Vecchi.**

TRAZ (Robert de). — A família Bronte. Trad. Adonias Filho. Ils. de Santa Rosa. (13/19). 319 p. br. Cr$ 18,00. (12/43).
Ed. Pan-Americana.

TROTSKY (L. D.). — Minha vida. (Ensaio autobiográfico). Trad. Livio Xavier. Col. O Romance da Vida, 24. (14/23). 572 p. br. Cr$ 30,00. (5/43).
José Olympio.

TROYAT (Henri). — Dostoievski. Trad. Rosario Fusco. Série Redescobrimento do Homem. (17/24). 418 p. br. Cr$ 30,00. (10/43). **Ed. Pan-Americana.**

TROYAT (Henri). — Dostoievsky. (1a 19). 2 vols. 268 + 234 p. br. Cr$ 40,00. (7/43).
Americ - Edit.

VARNHAGEM (F.). — História das lutas com os holandeses no Brasil. Desde 1624 a 1654. Série Brasílica, 3. (15/22). 345 p br. Cr$ 60,00. (8/43). **Ed. Cultura.**

VARZEA (Affonso). — Geografia do açucar no Leste do Brasil. (17/24). 460 p. il. br. Cr$ 50,00. (4/43). **Distr. Civilização.**

VASCONCELOS (Simão de). — Vida do Veneravel Padre José de Anchieta. Pref. Serafim Leite, S. J., Bibl. Popular Brasileira, 3. (12/17). 2 vols. 235 + 269 p. br. Cr$ 8,00. (10/43).
Inst. Nacional do Livro.

VAUX (Carra de). — Leonardo Da Vinci. Trad. Heitor Ferreira Lima. Série Biográfica de "Cultura", Vidas Luminosas, 9. (10/18). 127 p.br. Cr$ 10,00. (9/43).
Ed. Cultura.

VERISSIMO (Erico). — Gato preto em campo de neve. (15/23). p. il. br. Cr$ 20,00. (4.ª ed. 7/43). **Globo.**

VERNEUIL (Louis). — A vida maravilhosa de Sarah Bernhardt. Trad. Galeão Coutinho. Col. A Marcha do Tempo, 10. (15/22). 370 p. br. Cr$ 22,00. (7/43). **Livr. Martins.**

VIANNA FILHO (Luiz). — A vida de Rui Barbosa. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 17. (14/22). 301 p. il. br. Cr$ 15,00. (2.ª ed. 8/43).
Cia. Ed. Nacional.

VIDAL (Ademar). — Guia da Paraíba. Roteiro das condições históricas, económicas, geográficas e sociais do estado. Ils. de J. Wasth Rodrigues. (23/31). 77 p. br. Cr$ 20,00. (7/43). **Indústria do Livro.**

VITÓRIO (João Pereira). — História geral. 1.ª série ginasial. Col. de Livros Didáticos — F. T. D. (12/18). 268 p. il. cart. Cr$ 12,00. (3/43). **Livr. Alves.**

WEYGAND (General). — Turenne, Marechal de França. Trad. Oscar Mendes. (13/19). 239 p. br. Cr$ 15,00. (2/43).
Americ - Edit.

WILDE (Oscar). — A tragédia de minha vida. Trad. (13/19). 224 p. br. Cr$ 10,00. (12/43). **Ed. e Publ. Brasil.**

WILKIE (Wendell). — Um mundo só. (One World). Trad. Monteiro Lobato. Col. Guerra e Paz, 1. (14/22). 249 p. br. Cr$ 13,00. (9/43 + 2.ª ed. 10/43).
Cia. Ed. Nacional.

YUTANG (Lin). — Minha terra e meu povo (My country and my people). Introdução de Pearl S. Buck. Trad. Carlos Domingues. (15/22). 387 p. 10 gravuras fóra texto, br. Cr$ 22,00. enc. Cr$ 30,00. (4/43).
Pongetti.

ZALUAR (A. Emilio). — Peregrinações pela Provincia de São Paulo. (1860-1861). Série Brasilica, 4. (15/22). 266 p. br. Cr$ 50,00. (9/43). **Ed. Cultura.**

Os Algarismos que acompanham cada obra indicam: 1.º, o formato (16/24); 2.º, o número de páginas (32 p.); 3.º, o preço (Cr$ 12,00); 4.º, o mês e o ano do aparecimento (4/43) ou (1942 — 1/43) ou (12/43 — 1944).

As Abreviações: bibl., biblioteca; br., brochado; cart., cartonado; col., coleção; des., desenhos; dir. direção, diretor, diretores; ed., edição, editora, editores; enc., encadernado; Fed., Federação; figs., figuras; grav., gravuras; il. e ils., ilustrado, ilustrações, ilustrador, ilustradores; pref., prefacio, prefaciado; publ., publicação, publicações; rev., revisão, revista, revisto; t., tômo; trad., tradução, tradutor, traduzido; vol., volume.

EDITORES

ACADEMIA Brasileira de Letras. — Av. Presidente Wilson, 203, Rio.

ALA (Edições). — Rua Juliano Moreira, 1, Bahia.

AMERIC-EDIT. — Rua do Rezende, 80. Caixa Postal 429 Rio.

AMIGOS DO LIVRO (Os). — Rua do Chumbo, 313, Belo Horizonte.

ANCHIETA Limitada (Editora). — Rua Xavier de Toledo, 216, S. Paulo.

ANDRADAS (Livraria). — Ernani de Carvalho Haeffner. Rua dos Andradas, 926, Porto Alegre.

ATENA Editora. — Av. Gen. Olimpio da Silveira, 231, S. Paulo.

ATLANTICA Editora e Desclée, De Brouwer & Cia. — Praça Getulio Vargas, 2, salas 304 a 307, Caixa Postal, 3.651, Rio.

AURORA Ltd. (Editora). — Rua Barão de Itapetininga, 139, 1.º, S. Paulo.

"AVE MARIA" (Editora). — Rua Martim Francisco, 646-656, Caixa Postal, 615, São Paulo.

BAHIA Editora. — Rua Barão Homem de Mello, 11, Bahia.

BIBLIOTECA Militar. — Quartel General, Praça da República, Rio. Distribuidores. Zelio Valverde, Trav. Ouvidor, 27, Rio.

BOLSA DO LIVRO, Editora (A). — Rua Xavier de Toledo, 140, S. Paulo.

BORBA EDITORA. — Rua da Quitanda, 51, 2.º, Rio.

BRASIL Editora (Companhia). — Rua Rosario, 173, 1.º, Caixa Postal, 3.066, Rio.

BRASIL Ltda. (Editora). — Rua Juquiá, 79, S. Paulo.

BRASIL (Edições e Publicações). — Rua da Liberdade, 704, S. Paulo.

BRASILEIRA (Casa Publicadora). — Santo André, S. P. ... Paulo.

BRASILEIRA (Emp... Editora). — Alameda Cleveland, 37, ... Paulo.

BRASILEIRA Art... Ltda. (Editora). — Rua Evaristo da Veiga, 47, 4.º, Rio.

BRASILIA Editora. — Rua Senador Dantas, 53, 1.º, Rio.

BRASILICA (Coeditora). — Cooperativa. Rua 13 de Maio, 44-A, s. 1.604, Rio.

CALVINO Ltda. (Editorial). — Rua S. Francisco Xavier, 390, Caixa Postal, 1.889, Rio.

CAMPO Ltda. (Editora O). — Rua S. José, 52, Rio.

CANDIDO de Oliveira Filho, Editor. — Rua Visconde de Caravelas, 62, Rio.

CARVALHO (Ge...ro). — Rua dos Gusmões, 147, S. Paulo.

Centro Brasileiro de Publicidade. — Av. Erasmo Braga, 12, Rio.

CHÁCARAS e QUINTAIS. — Rua da Assembléia, 54, S. Paulo.

CLA (Edições). — Rua Major Facundo, 746, Fortaleza, Ceará.

CLÁSSICO-CIENTÍFICA S. A. (Editora). — Rua Conselheiro Furtado, 747, S. Paulo.

CONTEMPORANEA (Casa Editora). — Rua S. Bento, 27, S. Paulo.

CONTINENTAL Ltda. (Editora). — Rua Marconi, 87, 12.º, S. Paulo.

COSTA (Getulio M.). — Rua S. Clemente, 37, Caixa Postal 1.829, Rio.

CRUZADA da Boa Imprensa. — Caixa Postal 3.371, S. Paulo.

CRUZEIRO S. A. (Emprêsa Gráfica O). — Secção de Livros. Rua do Livramento, 191, Rio.

CULTURA (Edições). — Av. 9 de Julho, 878, 1.º S. Paulo.

CULTURA do Brasil Editora. — Rua Conselheiro Chrispiniano, 85, S. Paulo.

CURIOSIDADE (Editorial). — Rua Araujo Porto Alegre, 70, 6.º, Rio.

DANTAS (Joaquim). — Editor. Av. Rio Branco, 117, s/216, Rio.

DEFESA Nacional (A.). — Quartel General, Praça da República. Caixa Postal 1602, Rio.

DESCLÉE, De Brouwer & Cia. — Ver Atlantica Editora.

DOIS Mundos Ltda. (Editora). — Trav. do Ouvidor, 23, 1.º, Rio.

EDANÉE (Editora). — Rua dos Estudantes, 505, S. Paulo.

EDÉSIO Editor. — Praça do Ferreira, 1597, Fortaleza, Ceará.

EMIEL Editora. — Rua Alvaro Alvim, 33-37, 6.º, Rio.

EXCELSIOR Papelaria (Livraria). — Irmãos Mariz & Cia. Ltda. — Rua 13 de Maio, 44, Rio.

FOLHA DE MINAS S. A. Editora. — Belo Horizonte, Minas Gerais.

FONTES (Narbal). — Rua Visconde de Itamarati, 86, Rio.

FORTALEZA (Editora). — Rua Major Facundo, 746, Fortaleza, Ceará.

FREIRE (Japy). — Rua Alvaro Alvim, 33-37, 7.º, Caixa Postal 2162, Rio.

FURQUIM, Editor (Roberto). — Caixa Postal 3232, Rio.

GUAÍRA Ltda. (Editora). — Rua 15 de Novembro, 287, sob., S. Paulo. — Caixa Postal R, Curitiba, Paraná.

GUANABARA (Cooperativa Cultural). — Rua do Ouvidor, 55, 1.º, Rio.

GUIAS do Brasil Ltda. — Rua Camerino, 82, Rio.

IMPRENSA Metodista. — Rua Liberdade, 659, S. Paulo.

INSTITUIÇÃO Culturral Krishnamurti. — Av. Rio Branco, 117, 2.º, Rio.

INSTITUTO Geográfico Agostini do Brasil Ltda. — Rua 7 de Setembro, 54, 1.º, Rio.

INSTITUTO de Pesquisas Técnológicas de São Paulo. — Três Rios, 4, S. Paulo.

INTERNACIONAL (Distribuidora). — Rua do Rosário, 129, 4.º, Rio.

JACKSON INC. (W. M.). — Editores. Rua do Ouvidor, 140, Rio.

KONFINO (José). Editor. — Rua da Assembléia, 40, 1.º, Rio.

"LAR CATÓLICO" (Editora). — Caixa Postal, 73, Juiz de Fora, Minas.

LEIA (Edições). — Rua 7 de Abril, 176, São Paulo.

LEITURA (Cia. Editora). — Rua Senador Dantas, 20, 7.º, Rio.

LIMONAD (Max). — Trav. do Ouvidor, 38, Rio — Praça da Sé, 371, S. Paulo.

LIVRO de Bolso (O). — Rua Vitória, 369, São Paulo.

LIVRO Vermelho dos Telefones. — Rua Evaristo da Veiga, 61, Rio

LUMEN CHRISTI (Edições). — Mosteiro de São Bento, Morro de São Bento, Rio.

MALHO (Sociedade Anônima O). — Rua Senador Dantas, 15, Rio.

MERIDIANO (Edições). — Rua Fernando Machado, 911, Porto Alegre.

METROPOLE Editora. — Rua Araujo Porto Alegre, 70, s/1106, Rio.

MINERVA (Editora). — Rua do Ouvidor, 145, Caixa Postal, 2789, Rio.

MOCIDADE (Editorial). — Rua 7 de Abril, 176, S. Paulo.

MOEMA Ltda. (Editora). — Rua Barão de Itapetininga, 226, S. Paulo.

MUNDO Latino (Edições). — Caixa Postal, 1540, Rio.

NACIONAL (Companhia Editora). — Rua dos Gusmões, 118 a 140, S. Paulo. — Rua Gen. João Manuel, 207, Porto Alegre. — Rua Imperatriz, 43, Recife.

NAPOLEÃO (Casa Arthur). — Av. Rio Branco, 122, Rio.

NORTE Editora. — Largo da Lapa, 53, 2.º, Rio.

OCEANO Ltda. (Editora). — Rua Braulio Gomes, 25, 5.º, S. Paulo.

PAN-AMERICANA S. A. (Editora). — Av. Rio Branco, 25, Rio.

PAN-AMERICANA Ltda. (Publicações). — Rua Araujo Porto Alegre, 70, s/720, Rio.

PANAMERICANA (Editora). — Praça Tiradentes, 79, 1.º, Rio.

PANORAMA Ltda. (S. E.). — Rua Martiniano de Carvalho, 187, S. Paulo.

PEIXOTO S. A. (Editorial). — Rua Araujo Porto Alegre, 55, Rio.

P.E.N. Clube do Brasil. — Praia do Flamengo, 172, Rio.

PENSAMENTO (Empresa Editora O). — Rua Rodrigo Silva, 40, S. Paulo.

PIA SOCIEDADE de São Paulo. — Rua Major Maragliano, 287, S. Paulo.

PONZINI & Cia. (Mario M.). — Rua Assembléia, 209, S. Paulo.

POSSINHAS (Editor J. A.). — Praça Getulio Vargas, 2, s/202, Rio.

PRADO Editora (Livraria). — Rua Regente Feijó, 46, Rio.

PROMETHEU (Editora). — Caixa Postal 4793, S. Paulo.

PUBLICAÇÕES Internacionais. — Av. Rio Branco, 117, Rio.

REVISTA Fiscal e de Legislação de Fazenda. — Rua do Lavradio, 60, 1.º, Rio.

REVISTA Forense Editora. — Av. Erasmo Braga, 12, loja N, Rio.

REVISTA do Trabalho Editora. — R. D. Gerardo, 64, Rio.

RODARTE & Cia. Editores. — Rua 13 de Maio, 44A, 1.º, Rio.

RUMO Ltda. (Editora). — Caixa Postal, 3511, S. Paulo.

SÃO PAULO Editora. — Rua Rego Freitas, 490, S. Paulo.

S.C.J. (Editora). — Rua Visconde do Rio Branco, 311, Taubaté, S. Paulo.

SEMINARIO Sagr. Coração. — Taubaté, Caixa Postal, 47, Est. de S. Paulo.

SITIOS e Fazendas (Revista). — Rua Xavier de Toledo, 46, S. Paulo.

SOCIOLOGIA (Revista). — Rua Martiniano de Carvalho, 460, S. Paulo.

STELLA Editora. — Caixa Postal, 3232, Rio.

THURMANN (Editora). — Rua 7 de Setembro, 723, Porto Alegre.

TIGRE, Editor (Hélios Bastos). — Caixa Postal, 3282, Rio.

TUPY Ltda. (Editora Litero-Musical). — Rua 7 de Abril, 176, S. Paulo.

UNIDADE (Edições). — Rua do Ouvidor, 55, 1.º, Rio.

UNIVERSAL (Empresa Editora). — Rua Senador Feijó, 176, 5.º, S. Paulo.

UNIVERSITÁRIA Ltda. (Editora). — Rua Liberdade, 413, Caixa Postal, 1207, S. Paulo.

VERA CRUZ Ltda. (Editora). — Rua da Quitanda, 161, 2.º, Rio.

VOZES (Editora). — Caixa Postal, 23, Petrópolis, Est. do Rio. — Rua da Quitanda, 26, 2.º, Rio.

EDITORES--IMPRESSORES

AMERICANA S.A. (Cia. Editora). — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

BAPTISTA (Casa Publicadora). — Rua Paulo Fernandes, 24, Rio.

BAPTISTA de Souza. — Rua Misericórdia, 51, Rio.

BEDESCHI, Editor (Americo). — Rua Barão de São Felix, 42, Rio.

BRASILEIRAS Ltda. (Edições Técnicas). — Estabelecimento Gráfico. Rua da Figueira, 71, Caixa Postal, 3798, S. Paulo.

CAMPOS & Cia. (Olympio de). — Rua Ouvidor, 150 e Rua dos Andradas, 171, Rio.

CRIANÇA Ltda. (Editora). — Rua Miguel Couto, 92, 1.º, Rio.

GLOBO JUVENIL (O). — Rua Bethencourt da Silva, 21, 1.º, Rio.

IMPERIO (Papelaria). — João Ferreira de Brito. Praça 28 de Setembro, 14, Rio Branco, Minas.

INDUSTRIA do Livro Ltda. — Rua da Carioca, 54, Rio.

JORNAL do Brasil. — Av. Rio Branco, 110, Rio.

JORNAL do Comércio. — Av. Rio Branco, 117, Rio.

MANDARINO & Molinari Ltda. — Rua do Nuncio, 64-66, Rio.

NOITE Editora (Empresa A). — Praça Mauá, 7, 3.º — Livraria: Av. Rio Branco, 120, loja 16, Rio.

NOITE-Publicações Infantis (Empresa A). — Rua Sacadura Cabral, 43, Rio.

NOITE-Henrique Velho (Empresa A). — Av. Marechal Floriano, 13, Rio.

OLIMPICA Editora (Gráfica). — Rua Miguel Couto, 92, Rio.

OLIVEIRA & Cia. Ltda. (J. R. de). — Papelaria Rio Branco. — Rua São José, 43, Rio.

ORION Ltda. (Editorial Gráfica). — Rua da Asembléia, 19, Rio.

PONGETTI (Irmãos). — Rua Sacadura Cabral, 240-A, Rio.

REVISTA dos Tribunais (Oficinas Gráficas). — Rua Conde Sarzedas, 38, S. Paulo.

TAVEIRA Ltda. (Industrias Gráficas). — Rua 7 de Setembro, 217, Rio.

VECCHI Ltda. (Casa Editora). — Rua Rezende, 144, Rio.

EDITORES-LIVREIROS

ACADEMICA (Livraria). — Rua Rui Barbosa, 31, Jaboticabal, Est. S. Paulo.

ALVES (Livraria Francisco). — Paulo de Azevedo & Cia. Ltda. — Rua Ouvidor, 166, Rio. — Rua da Bahia, 1052, Belo Horizonte. — Rua Libero Badaró, 49-A, S. Paulo.

ANESI (Livraria). — Rua S. Pedro, 34, sob., Rio.

ANTUNES (Livraria H.). J. O. Antunes & Cia. — Rua Buenos Aires, 133, Rio.

ATENEU (Livraria). José Bernarde. — Rua Senador Dantas, 58, Rio.

AZEVEDO (Livraria Editora Alberto C.). — Praça do Patriarca, 26, 2., S. Paulo.

BAHIANA (Livraria Editora). — Rua Conselheiro Dantas 23, Bahia.

BASTOS & Cia. (Livraria Editora Freitas). — Rua Bethencourt da Silva, 21 e 13 de Maio, 74-76, Rio. — FILIAL em São Paulo: Rua 15 de Novembro, 62-66, S. Paulo.

BLUHM (Paulo). — Rua da Bahia, 1022, Belo Horizonte.

BOA IMPRENSA (Livraria). — Wiltgen & Cia. — Rua Assembléia, 35, Rio.

BOA LEITURA Ltda. (Livraria). — Rua José Bonifácio, 187, S. Paulo.

BOFFONI (Vicente). — Livraria Boffoni. Rua Chile, 1, Rio.

BRANCO F.º, Editor (A. Coelho). — Rua da Quitanda, 9, Rio.

BRASIL (Papelaria e Tipografia). — Livraria Av. Afonso Pena, 740, Belo Horizonte.

BRIGUIET & Cia. (F.). — Livraria Briguiet-Garnier. Rua Ouvidor, 109, Rio.

CASA do Estudante do Brasil. — Departamento Cultural: Largo da Carioca, 11. — Livraria: Av. Rio Branco, 120, loja, 13. Rio.

CASA do Livro Ltda. (A.). — Rua S. José, 61, Rio.

CATÓLICA (Livraria). — Rua do Carmo, 142, Caixa Postal 2177, S. Paulo.

CENTRAL (Livraria). Alberto Entres. — Florianópolis, Santa Catarina.

CENTRO S.A. (Tipografia do). Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul. — Rua Dr. Flores, 103, Porto Alegre.

CIVILIZAÇÃO Brasileira S.A. (Livraria). Rua Ouvidor, 94, Rio. — Rua 15 de Novembro, 144, S. Paulo.

COLOMBO (Editora Livraria). — Rua Imperatriz, 254, Recife.

EDUCADORA (Livraria). — Rua S. José, 17, Rio.

ELO (Livraria). — Rua Senador Feijó, 28, São Paulo.

ENCICLOPÉDIA Internacional (Livraria). — Rua Rosário, 149, 1.º, Rio.

ESCOLAR (Livraria Editora). — Rua S. José, 47, Rio.

FEDERAÇÃO Espírita Brasileira (Livraria Editora de). — Av. Passos, 30, Rio.

FEIRA DE LIVROS. Editora. Hugo Scalabrino. — Rua Halfeld, 446, Juiz de Fóra.

FRANCO-Brasileira Ltda. (Livraria Geral). — Edições Bel-Air. — Rua Ouvidor, 164, 4.º, Rio.

GHIGGINO (Livraria Humberto). — Rua Xavier de Toledo, 57, S. Paulo.

GLOBO (Livraria do). — Barcellos, Bertaso & Cia. — Rua dos Andradas, 1416, Porto Alegre. — Rua 13 de Maio, 44-A, Rio.

GUANABARA (Livraria Editora). — Waissman, Koogan Ltda. — Rua Ouvidor, 132, Rio.

GUIGNONE (Livraria). — Rua 15 de Novembro, 423-427, Curitiba, Paraná.

HERRERA & Cia. Ltda. (A.). — Rua Rodrigo Silva, 11, 1.º, Rio.

IMPERIAL (Livraria). — Rua S. José, 61. Rio.

INQUERITO (Editorial). — Rua do Rezende, 78. — Av. Rio Branco, 120, loja, 16, Caixa Postal, 3655, Rio.

JACINTO Editora (Livraria). — Empresa A Noite. — Rua S. José, 59, Rio.

JERONIMO Silva (Casa Editora). — Rua da Conceição, 194, Niterói.

KOSMOS (Livraria). Erich, Eichner & Cia. — Rua Rosário, 135, Rio. — Rua Marconi, 91, S. Paulo.

LAURIA (Livraria Editora Braz). — Rua Gonçalves Dias, 78, Rio.

LEITE (Livraria J.). — Rua S. José, 80, Rio.

LIVRO Novo (Ao). — Dinah Silva. Rua Barão de Cotegipe, 42, Campos, Est. do Rio.

LIVROS de Portugal Ltda. — Trav. do Ouvidor, 23, 1.º, e Rua Ouvidor, 106, Rio.

LUZITANA (Livraria). — Rua Riachuelo, 13, S. Paulo.

MARTINS (Livraria). Editora. — Rua 15 de Novembro, 135, S. Paulo.

MATOS (Casa). — Rua Ramalho Ortigão, 24 e Rua Mariz e Barros, 210, Rio.

MELHORAMENTOS de São Paulo (Companhia). Weiszflog Irmãos Inc. — Rua Libero Badaró, 461, S. Paulo. — Rua Gonçalves Dias, 9, Rio.

MELLO & Cia. (Pimenta de). — Lito-tipografia. Rua Visconde de Itauna, 419, Rio.

MINEIRA (Livraria). — Rua Tiradentes, 11, Ouro Preto, Minas Gerais.

ODEON (Livraria Editora). — Rua Quintino Bocayuva, 37, S. Paulo.

ODEON Editora (Livraria). F. Soria & Cia. — Av. Rio Branco, 157, Rio.

OLYMPIO Editora (Livraria José). — Rua Evaristo da Veiga, 136 — Rua Ouvidor, 110, Rio.

PARA TODOS (Editora Livraria). — Rua São José, 28, Rio.

PAULICÉIA (Livraria Editora). — Rua Duque de Caxias, 121, S. Paulo.

PEREIRA Editora (Livraria Carlos). — C. Wright & Cia. — Rua Conselheiro Crispiniano, 129, S. Paulo.

PROPAGADORA da Cultura Mundial Ltda. — Rua S. José, 47, Rio.

QUARESMA Editora (Livraria). — Rua São José, 71-73, Rio.

RAMALHO Editora (Casa). — Maceió, Alagoas.

RAMIRO Costa & Cia. — Rua 1.º de Março, 12 e 24, Recife.

RECORD (Livraria Editora). — Rua Vitória, 369, S. Paulo.

RODOLFO & Pereira. Livraria Universal. — Av. Rio Branco, 50 a 58, Recife.

SALESIANA Editora (Livraria). — Largo Coração de Jesus, S. Paulo.

SANTA-CRUZ Editora (Livraria). — Rua Benjamin Constant, 142, Rio.

SAPIENTIA Editora (Livraria). — Rua da Imperatriz, 35, 1.º, Recife.

SARAIVA & Cia. (Livraria Academica) — Largo do Ouvidor, 15, S. Paulo.
SCIENTIFICA (Editora). Spivek & Kersner Ltda. — Rua 7 de Setembro, 180, Rio.
SELBACH (Livraria). — Selbach & Cia. — Rua Marechal Floriano, 10, Porto Alegre.
TEIXEIRA (Livraria). Vieira Pontes & Cia. — Rua Libero Badaró, 491, S. Paulo.
UNIVERSITARIA (Livraria). — Rua da Conceição, 19, Niterói.
VALVERDE & Cia. (Zelio). Livreiro-Editor. — Trav. do Ouvidor, 27 e Rua Lavradio, 60, Rio.
VICTOR Editora (Livraria). — Praça Floriano, 5, Rio.

UM POUCO DE ESTATISTICA...

CLASSIFICAÇÃO	Publicações novas Autóctones	Reedições Autóctones	Publicações novas Diversos idiomas e traduções	Reedições Diversos idiomas e traduções	TOTAIS				
					1943	1942	1941	1940	1939
0) Generalidades	49	16			65	50	52	39	55
1) Filosofia	11	7	22	7	47	32	57	37	36
2) Religiões	50	10	29	6	95	58	67	69	65
3) Direito — Ciências sociais e políticas	167	33	39	13	252	193	258	302	287
3-6) Exército-Marinha-Aeronáutica	37	14	17	2	70	39	33	34	43
4-8.A) Letras. Filologia. Ensino de Línguas	110	132			242	141	132	137	121
4-8.B.1) Literatura. Generalidades	58	6	8	4	76	60	72	82	72
4-8.B.2) Textos de Estudos	6	1	1		8	2	6	16	3
4-8.B.3) Poesias	93	9	15	4	121	60	66	59	66
4-8.B.4) Teatro	20		4		24	29	21	9	16
4-8.B.5) Romances. Novelas. Lendas	61	33	220	37	351	244	255	218	169
4-8.B.6) Contos	23	5	13	2	43	21	20	23	24
4-8.B.7) Eloquência	5				6	4	6	2	3
4-8.B.8) Obras para Crianças	55	27	31	10	123	106	103	79	92
5) Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais	44	34	4	3	85	91	94	92	72
6) Ciências Aplicadas	65	26	7		98	87	105	92	75
6) Ciências Aplicadas: Medicina	54	19	23	4	100	104	149	157	167
7) Belas-artes. Esporte. Jógos e Divertimentos	22	1	3		26	25	54	19	20
9) História e Geografia	133	45	78	17	273	218	206	212	227
Total geral 1943:	1063	417	514	109	2105	1564	1756	1678	1613
1942:	774	308	392	88					
1941:	976	331	330	119					
1940:	940	359	280	99					
1939:	976	316	231	90					

Págs.

ÍNDICE